ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. XIX

1960

Estudos Psíquicos

Director ISIDORO DUARTE SANTOS

19.º VOLUME — 1960

Índice das matérias contidas no presente volume

A

Aborto delituoso, por *Emmanuel* 100
Abril nos jardins... Primavera nas almas, por *Maria Inês Sena* 124
Ajudai-me a ser livre, por *Alice Brade* 168
Allan Kardec 113
Amizade (A), por *Celeste Aurora* 169
Animismo e Espiritualismo, por *Roger Weisenbach* 302
António Cardoso no Brasil 23
António J. Trindade fala a «Estudos Psíquicos» ..... 240 e 272
Aristarco e Zoilo na Crítica, por *Tito L. Bancéscu* 76

Artigos de fundo, por *I. D. S.*

Na Estrada 1
Enxurrada 33
O Mundo 65
Sacrifício 97
Amor 129
Pena Irreparável 161
Compra 193
Abrolhos 225
O Transitório 257
Antagonismos 289
O Tempo 321
Antes e Depois 353

Árvore (A) Seca 121
Assombrosas (As) Curas de Harry Edwards, por *Roy Stemann* 293
Autocodenação — Onde se fala de uma lamentável carta-aberta a um espirita, por *Vasco de Lemos Mourisca* 325
Avatar de Missão, por *Vasco de Lemos Mourisca* 368

B

Balada de Maio, por *Maria Inês Sena* 147
O Bem por Amor do Bem, do livro «Nosce te Ipsum» 79
Bórgias (Os), por *Carlos Imbassaby* ... 328 e 362
Búzio (O), poesia de *Rocha de Sousa* 177

C

Calculador (Um) Prodígio (Eduardo Camacho Palma) 218
Cantar Outonal, por *Maria Inês Sena* 167
Carta (Uma) da Sociedade de Medicina e Espiritismo 326
Carta para o Infinito (poesia), por *Vasco de Lemos Mourisca* 131
Catherine Gris, por *Pierre Neuville* 315
Ceia (A) do Natal, poesia de *Maria Lusitânia* 9
Certos Elementos Psíquicos, por *Carlos Imbassahy* 132
Chesmann e o Veridicto do Outro, por *Rui Ribamar* 112
Chilli Bouchier, por *Fred Archer* 43
Ciência (A) Espirita Precursora da Era Atómica, por *Humberto Mariotti* 20
Ciência (A) perante o Ocultismo, por *M. Marques da Silva* 326
Competição, por *Jacinto del Aguilla* 6

Comentários à luz do Espiritismo, por *José Francisco Coimbra*

Ainda sobre o Deus de Israel e o Deus de Jacob 372
Desfazendo o Errado Conceito da Existência do Espírito Satânico 250
Erros de Interpretação 114
Falsos Julgadores 46
Interpretações Bíblicas em Desacordo com a Razão e a Lógica 346
Mais Manifestações Espiritas no Velho Testamento 18
Preconceitos (Os) dos Sábios 5
Preconceitos Religiosos em Conflito com a Ciência e o Espiritismo no Velho Testamento 18
Ressurreição (A) segundo a Interpretação Espirita 300
Sofrimento (O), Suas Causas e Remédios 88

Como Cheguei ao Espiritismo, por *Adolf A. H. Thorn* 84
Como Encaras a Vida?, por *Vicente A. Salaverri* 198
Congresso Espirita Pan-americano 139
Conselho Sublime, por *Vasco de Lemos Mourisca* 164
Conhecimento (O) Supranormal, por *Ivone de Sousa,* ..... 214, 236 e 278
Convite para a Morte, por *Margaret Witmore* 271
Coronel Faure da Rosa 333
Cosme Mariño, o Espírito Prático, por *Tito L. Bancéscu* 111
Criança (A) que tinha quatro Séculos, por *Robert Stuart Clifton* 36

Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*

Aparelhos de Investigação Metapsíquica 158
As Chávenas Esmagadas 222
B. B. C. (A) ao Serviço do Espiritismo ... 30
Bíblias que Dançam no Ar 382
Casa Transitória 191
Caso (Um) de Reencarnação 287
Centro Judas Escariotes 222
Colecção Modelar 62
Congresso Internacional Espirita de Londres 94
Cura a Distância 63
Cura Psíquica numa Igreja Metodista ... 222
Dama (A) de Cinzento 318
«Desobsessão» 191
Dois Sonhos Verídicos 126
Enfermeira (A) e a Morte 126
Espiritismo (O) em Londres 127
Espiritismo (O) na Alemanha 158
Espiritismo (O) na Argentina 95
Espiritismo (O) na Grécia 286
Espiritismo (O) na Venezuela 318
Expansão (A) do Espiritismo 94
Experiências Hipnóticas 190
Experiências sobre o Sonho 383
Fenómeno (Um) Estranho 158
Fenómeno Psicométrico 350
Ferdinand Cazzamalli 191
François Mauriac e a Morte 351
Helen Thury na Televisão 30
Hipnose (A) na Psicanálise 351
História de um Clarividente 126
Homenagem a Allan Kardec 62
Ideia (A) Reencarnacionista 318
Ideias (As) de Stainton Moses 95
Imprensa (A) Espirita e Suas Dificuldades 94
Inquérito (Um) do *Sunday Express* 158
Instituto de Cultura Espirita do Brasil ... 222
Liga Espirita do Estado de Guanabara ... 222
Livro Interessante 286
Kardebraille 255
Marcha sobre o Fogo 318
Margarida 95
Médium (O) Einer Nielson 254
Médium (O) Localiza o Avião 63
Médium que Descobre o Ladrão 191
Mediunidade (A) ao Serviço da Polícia ... 286
Menino (Um) Prodígio 158
Mistério (O) da Reencarnação 254
No Momento Preciso 383
Notícias do México 30
Operação (A) da Parturiente 190
Para Fechar (Eileen Garrett) 383
Parapsicologia (A) nas Universidades 350
Poder (O) da Oração nas Plantas 254
Premonição de Assassínio 254
Quinto (O) Congresso Espirita Pan-americano 350
Rasputine, o «Diabo Sagrado» 31
Reencarnação (A) na Inglaterra 382
Sombra (A) de Napoleão 287
Sugestão (A) do Hipnotismo 287
Túnel (O) de S. Godard 127
Vidente Célebre no Tribunal do Júri 318

Cruzada (A) dos Militares Espiritas e os Cegos Espiritas do Brasil, pelo *Marechal Mário Travassos* 334
Culto Evangélico no Lar, por *José Simões de Matos* 45

Curadores Espirituais, por *Doris M. Hodges*

Braille a Sua Obra a Favor dos Cegos ... 92
Elisabeth Fry, Uma Reformadora 138
Helen Keller, Mulher Maravilhosa 200
Henri Durant, Fundador da Cruz Vermelha 54

Curadores (Os), Espirituais segundo o Espiritismo, por *J. L'homme* ..... 180 e 204

D

Dama (A) de Negro 74
Declaração (A) dos Direitos da Criança 15
Delinquência (A) Infantil 91
Deslumbramento (de um novo livro de Lia) ... 48
Destino (O) do Espiritismo, por Ahmad P. Robinson 23
Diabo (O), por *Vasco de Lemos Mourisca* ... 249
Direito (O) Natural e o Espiritismo, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* 101
Duas Mensagens 4

E

Em Favor de Você (De «Agenda Cristã» 53
Enigmas (Os) e a Teoria do Mérito, por *Jort* 102
Enlevo de Alma, por *F. Norpnha* 90
Enquanto não Amares a Vida será Triste, por *Constâncio C. Vigil* 314
Entre Rosas Vermelhas, por *Maria Inês Sena* 66
Envelheçamos Rindo, por *José Jorge da Silva* 247
Erro Sobre a Morte, por *Vasco de Lemos Mourisca* 307
Espiritas, Soneto de *Amaral Ornelas* 37
Espiritismo (O) Metafísico, por *René Roland* 68
Espiritismo (O) no Brasil, por *Amadeu Santos* 260
Espiritismo (O) no Meio Universitário, por *Deolindo Amorim* 66
Espiritismo (O) no Pensamento dos Antigos Padres, por *Delfino Ferreira* 354
Espiritismo (O), Seus Opositores e Defensores, por *Karl du Prel* 123
Espiritismo (O) tem Fracos Adversários, por *Tito L. Bancéscu* 118
Espírito (O) Ajuda a Enfermeira, por *Kay Ryde* 60
Esposos (Os) Schaefer, por *José Martin* 312
Estamos de Passagem, por *Maria Inês Sena* ... 10
Estes não São Dignos de Juntar as Migalhas, por *José Ingenieros* 292
Experimentadores (Os) e Suas Vibrações, por *Tito L. Bancéscu* 154
Expressão (A) Fisionómica de Jesus, por *Vasco de Lemos Mourisca* 213

F

Factos, não Palavras, por *Aleixo Vítor Magaldi* 232
Factos (Os) Provam, por *Aleixo Vítor Magaldi* 134
Fé (A) e o Dever, por *Maria Inês Sena* 229
Felicidade (A) Futura, por *Gustavo Geley* ... 181
Fenómenos (Os) Espiritas; Ficção ou Realidade?, por *Eugène Bertrand,* ... 26, 50 e 70
Fernando Pessoa, Homem Psíquico, por *Ruy Ribamar* 199

Festa (A) do Natal no *Luz e Amor* ..... 17 e 170
Filosofia, por *Carlos Imbassahy* 283
Flores do Bem, por *Budelaire* 49
Força (A) Psíquica 249
Fotografia Espirita (Dr. Purkinge) 182
Frank Leah, o Pintor do Além, por *Fred Acher* 80
Futuro (O), por *Alexis Carrel* 359

H

Há dez Anos (aniversário de Lia) 7
Histerismo (O), por *I. D. S.* 358
Homem (O) e os Animais Inferiores, por *Salvador Gatto* 371

I

Idade (A) Traz Grandes Mudanças, por *Constâncio C. Vigil* 201
Individualidade (A), por *Orisson Marden* 332
Influência (A) dos Desencarnados na Vida Humana, por *Armand Donnay* 290, 340 e 360
Instituto de Cultura Espirita do Brasil..... 203
Instituto de Cultura Espirita do Brasil (Conferência do *Dr. Hernâni Guimarães)* 371

J

Jesus, a Eterna Incógnita, por *Delfino Ferreira* 178
Jesus e Suas Doutrinas, por *José Simões de Matos* 75
Jovem (O) Prodígio que Paganini Inspirou do Além, por *Hannen Swaffer* 12
Jovens, por *Emmanuel* 368
Justiça (A), poesia de *Paulo Alberto* 231

L

Lvros de Todo o Mundo, por *A. C.*

Bíblia (A) dos Espíritos 188
Como os Teólogos Refutam 188
Cumprindo-se as Profecias 220
Estudos de Espiritismo 188
Homem, Esse Nosso Conhecido 220
Teoria (A) Corpuscular do Espírito 220
Versos à Mocidade 188

M

As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por *W. F. Neech*

Andrew Jackson Davis, um Pensador do Espiritismo 226
Cair (Ao) de Sono, Edgar Cayce Tornava-se um Médium Extraordinário 210
Caso (O) Sinclair 85
Monge (O) que Guiou o Arqueólogo 122

Mãe (A), por *Pedro Álvares y Gasca* 148
Mão Misteriosa Protege a Minha Vida, pelo *Campeão Campbell* 86
Maria Cecília Gorina (sua desencarnação) ... 207
Marie Mahé, por *Pierre Neuville* 364
Materialização (A) em Clima Psíquico Demonstrada em Lurdes, por *M. Barbanell* ... 296
Maternidade «Casa da Mãe Pobre» 146
Mau Prenúncio, por *Blasco Ibañez* 110
Meditação, poesia de *Vasco de Lemos Mpurisca* 11
Médium (O Maior) da História, por *Maurice Elliot* 42
Médiuns Curadores, por *José Simões de Matos* 370
Mensagens de Lia — Espiritualidade e A Lição da Fé 281
Meu (O) ABC do Espiritismo, por *Maria Inês Sena* 284
Meu (O) Depoimento, por *Jorge Raimundo,* ..... 149 e 165
Meu (O) Primeiro Voo Astral 121
Minha (A) Profissão de Fé, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* 2
Missionário (O) Singular, por *Tito L. Bancéscu* 306
Morte (A) Galopa Num Cavalo Branco, por *John Horden* 308
Morte (A) na Máquina Fotográfica, por *Oleta Martin* 219
Morte (A) não Existe, por *Henri Biquet* 330 e 374

N

Não Conhece a Língua em que Fala 275
Não há Morte, por *Florence Marryat* 238 e 282
No Curso da Vida, por *André Luís* 73
Nos Caminhos Educativos, por *António Augusto dos Santos* 58
Nossos (Os) Representantes (Octávio Conrado) 247

Notas e Comentários, por *I. D. S.*

Acendedor (O) Oscilante 189
Actores (Os) de Cinema 349
«A Luz de Damasco» 285
Animais Ressuscitados 317
Casa (A) Encantada de Tandil 29
Caso (Um) Estranho 253
Cinema Espirita 189
Coisas que acontecem 381
Comunismo e Espiritismo 93
«Cruzado (O)» 285
Curandeiros (Os) Espirituais 125
Detractor que se converte 317
Editora Espirita Alemã 381
Espiritismo (O) em África 125
Estátua (A) de Kardec mutilada 61
Fantasma (O) da Nascente 189
Fantasma (O) de Singapura 93
Fantasma (O) do Coro 157
Fantasma (O) Existe 221
Fantasmas Alegres 157
Fantasmas (Os) Fugiram 349
Fantasmas Melancólicos 157
Francisco Cândido Xavier 253
Gíria (A) e o Soleccismo 189
Há quatrocentos anos 125
Helena Keller e a Imortalidade 381
Hipnotismo (O) na Classe Médica 349
Hipnose (A) na Investigação Criminal ... 285
Homenagem ao Mérito 317
Honrosa Visita 253
Indultos de Abstinência e Jejum 221

«Kardequinho» 93
«La Conciencia» 381
Mais Um Passo 157
Materialização Autêntica 29
Menino (Um) Prodígio 29
Nada Desaparece 317
Newton e a Astrologia 349
Para fechar: Um dito de Napoleão 317
Parapsicologia (A) e a Realidade do Espírito 125
Poetisa Singular 61
Predilecção Estranha 317
«Progreso Espirita» 285
Prova (Uma) de Solidariedade 61
Santos (Os) da Escritura 253
Selo (O) Desaparecido 285
Sonho Premonitório 349
Último (O) quarto de hora 29
Voz (A) do Túmulo 93
«Vozes do Coração» 221

Notícias da Baía ..... 25, 216 e 380
Noticiário, 32, 64, 96, 128, 160, 192, 224, 256, ... 288, 319, 352 e 384

O

Objecções à Reencarnação, por *Deolindo Amorim* 322

O Que Vi no Brasil, por *António Cardoso*

Brasil Centro do Espiritismo Mundial ... 108
Brasil, País de Magia 162
Fenómenos (Os) Psicográficos 194
Magneto (O) Hipnotismo 366
Pelo Mundo da Metapsíquica 152
Uberaba (Em) com o Xico Xavier 233
Uma Manhã com José Arigó 294
Uma Tarde em Guarulhos 276

Orai e Vigiai, por *José Simões de Matos* 215
Orar de Pé, por *Levino C. Wischral* 265

P

Palavras de Gratidão, por *Maria Inês Serra* ... 206
Palingenesia (A) de José Régio, por *Vasco de Lemos Mourisca* 130
Passeio de Confraternização à Venda Seca ... 268
Pesadelo que Prendeu o Ladrão, por *Vaugh Shelton* 173
Pesadelo (Um) da Humanidade, por *Cyrillo Aleixo* 263
Permanência (A) da Filosofia, por *Deolindo Amorim* 226
Poder (O) da Vidência 248
Pode-se Provar a Pluralidade das Existências Humanas?, por *Serge Hutin* 338
Poetisa (Uma) de Sete Anos 89
Primavera (A), por *Celeste Aurora* 151
Prova (Uma) de Sobrevivência, por *Jean Barbier* 56
Provas (As) e a Moda, por *Léon Denis* 270

Q

Quando a Cura é Psíquica, pelo *Dr. R. G. Mac Robert* 82
Que Mundo é Este? 249

R

Reencarnação e Mitologia, por *Deolindo Amorim* 357
Reformas (As) de Jesus de Nazaré, por *Tito L. Bancéscu* 342
Reino (O) de Deus Está em Nós, por *José Simões de Matos* 235
Religião e Espiritismo, por *Carlos Imbassahy* 298
Religião e Espiritismo, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* ..... 174 e 196

S

Saber Viver, por *Idalinda A. Matos* 22
Semana (3.ª) do Livro Espirita em Braille ... 237
Senhora (A) Gilliard, por *Pierre Neuville* ... 280
Serenidade, poesia de *Paulo Alberto* 42
Sermão (Um) Original 133
Se Você Quiser, por *André Luís* 369
Snosperscope (O) 377

T

Tempos (Os) que Passam (mensagem espirita) 348
Terminologia Espirita, por *Delfino Ferreira* 258
Testemunho (excerto dum livro de LIA) 337
Teu (O) Aniversário, poesia de *Manuel de Sousa* 251
Tibério, por *Carlos Imbassahy* 98
Tristeza (A) de Um Sábio, por *Tito L. Bancéscu* 252
Trombetas do Céu, por *Aleixo Vítor Magaldi* 378

U

Uma revelação, por *Carlos Imbassahy* 230
Uma Revelação do Astral, por *Vasco de Lemos Mourisca* 261
Unidade e Omnipresença da Vida, por *Cyrillo Aleixo* ..... 119 e 155
Unidade entre os Estudos Psíquicos e a Poesia, pelo *Dr. J. Wilson Knight* 186

V

Vaticínio (Um) Realizado 248
Verdade (A) Libertadora, por *Delfino Ferreira* 202
Vida (A) de Além Túmulo, por *Isidoro Duarte Santos* ..... 38, 104, 142 e 208
Vida e Obra de Amália Domingo Soler, por *Osvaldo Salvañá* 309
Vida (Que é a), por *Cyrillo Aleixo* 34
Vidências Xenográficas, por *José Martín* 135
Vigésimo (O) Quarto Túmulo, por *Harvey Berman* 87
Virgílio Maia (Sua Desencarnação) 207
Visão (A) Reveladora de Frank Leah, por *Fred Archer* 116
Voz (A) de Pitágoras (mensagem mediúnica) 344

Estudos Psíquicos

Director ISIDORO DUARTE SANTOS

19.º VOLUME — 1960

Índice das matérias contidas no presente volume

A

Aborto delituoso, por *Emmanuel* 100
Abril nos jardins... Primavera nas almas, por *Maria Inês Sena* 124
Ajudai-me a ser livre, por *Alice Brade* 168
Allan Kardec 113
Amizade (A), por *Celeste Aurora* 169
Animismo e Espiritualismo, por *Roger Weisenbach* 302
António Cardoso no Brasil 23
António J. Trindade fala a «Estudos Psíquicos» ..... 240 e 272
Aristarco e Zoilo na Crítica, por *Tito L. Bancéscu* 76

Artigos de fundo, por *I. D. S.*

Na Estrada 1
Enxurrada 33
O Mundo 65
Sacrifício 97
Amor 129
Pena Irreparável 161
Compra 193
Abrolhos 225
O Transitório 257
Antagonismos 289
O Tempo 321
Antes e Depois 353

Árvore (A) Seca 121
Assombrosas (As) Curas de Harry Edwards, por *Roy Stemann* 293
Autocodenação — Onde se fala de uma lamentável carta-aberta a um espirita, por *Vasco de Lemos Mourisca* 325
Avatar de Missão, por *Vasco de Lemos Mourisca* 368

B

Balada de Maio, por *Maria Inês Sena* 147
O Bem por Amor do Bem, do livro «Nosce te Ipsum» 79
Bórgias (Os), por *Carlos Imbassaby* ... 328 e 362
Búzio (O), poesia de *Rocha de Sousa* 177

C

Calculador (Um) Prodígio (Eduardo Camacho Palma) 218
Cantar Outonal, por *Maria Inês Sena* 167
Carta (Uma) da Sociedade de Medicina e Espiritismo 326
Carta para o Infinito (poesia), por *Vasco de Lemos Mourisca* 131
Catherine Gris, por *Pierre Neuville* 315
Ceia (A) do Natal, poesia de *Maria Lusitânia* 9
Certos Elementos Psíquicos, por *Carlos Imbassahy* 132
Chesmann e o Veridicto do Outro, por *Rui Ribamar* 112
Chilli Bouchier, por *Fred Archer* 43
Ciência (A) Espirita Precursora da Era Atómica, por *Humberto Mariotti* 20
Ciência (A) perante o Ocultismo, por *M. Marques da Silva* 326
Competição, por *Jacinto del Aguilla* 6

Comentários à luz do Espiritismo, por *José Francisco Coimbra*

Ainda sobre o Deus de Israel e o Deus de Jacob 372
Desfazendo o Errado Conceito da Existência do Espírito Satânico 250
Erros de Interpretação 114
Falsos Julgadores 46
Interpretações Bíblicas em Desacordo com a Razão e a Lógica 346
Mais Manifestações Espiritas no Velho Testamento 18
Preconceitos (Os) dos Sábios 5
Preconceitos Religiosos em Conflito com a Ciência e o Espiritismo no Velho Testamento 18
Ressurreição (A) segundo a Interpretação Espirita 300
Sofrimento (O), Suas Causas e Remédios 88

Como Cheguei ao Espiritismo, por *Adolf A. H. Thorn* 84
Como Encaras a Vida?, por *Vicente A. Salaverri* 198
Congresso Espirita Pan-americano 139
Conselho Sublime, por *Vasco de Lemos Mourisca* 164
Conhecimento (O) Supranormal, por *Ivone de Sousa,* ..... 214, 236 e 278
Convite para a Morte, por *Margaret Witmore* 271
Coronel Faure da Rosa 333
Cosme Mariño, o Espírito Prático, por *Tito L. Bancéscu* 111
Criança (A) que tinha quatro Séculos, por *Robert Stuart Clifton* 36

Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*

Aparelhos de Investigação Metapsíquica 158
As Chávenas Esmagadas 222
B. B. C. (A) ao Serviço do Espiritismo ... 30
Bíblias que Dançam no Ar 382
Casa Transitória 191
Caso (Um) de Reencarnação 287
Centro Judas Escariotes 222
Colecção Modelar 62
Congresso Internacional Espirita de Londres 94
Cura a Distância 63
Cura Psíquica numa Igreja Metodista ... 222
Dama (A) de Cinzento 318
«Desobsessão» 191
Dois Sonhos Verídicos 126
Enfermeira (A) e a Morte 126
Espiritismo (O) em Londres 127
Espiritismo (O) na Alemanha 158
Espiritismo (O) na Argentina 95
Espiritismo (O) na Grécia 286
Espiritismo (O) na Venezuela 318
Expansão (A) do Espiritismo 94
Experiências Hipnóticas 190
Experiências sobre o Sonho 383
Fenómeno (Um) Estranho 158
Fenómeno Psicométrico 350
Ferdinand Cazzamalli 191
François Mauriac e a Morte 351
Helen Thury na Televisão 30
Hipnose (A) na Psicanálise 351
História de um Clarividente 126
Homenagem a Allan Kardec 62
Ideia (A) Reencarnacionista 318
Ideias (As) de Stainton Moses 95
Imprensa (A) Espirita e Suas Dificuldades 94
Inquérito (Um) do *Sunday Express* 158
Instituto de Cultura Espirita do Brasil ... 222
Liga Espirita do Estado de Guanabara ... 222
Livro Interessante 286
Kardebraille 255
Marcha sobre o Fogo 318
Margarida 95
Médium (O) Einer Nielson 254
Médium (O) Localiza o Avião 63
Médium que Descobre o Ladrão 191
Mediunidade (A) ao Serviço da Polícia ... 286
Menino (Um) Prodígio 158
Mistério (O) da Reencarnação 254
No Momento Preciso 383
Notícias do México 30
Operação (A) da Parturiente 190
Para Fechar (Eileen Garrett) 383
Parapsicologia (A) nas Universidades 350
Poder (O) da Oração nas Plantas 254
Premonição de Assassínio 254
Quinto (O) Congresso Espirita Pan-americano 350
Rasputine, o «Diabo Sagrado» 31
Reencarnação (A) na Inglaterra 382
Sombra (A) de Napoleão 287
Sugestão (A) do Hipnotismo 287
Túnel (O) de S. Godard 127
Vidente Célebre no Tribunal do Júri 318

Cruzada (A) dos Militares Espiritas e os Cegos Espiritas do Brasil, pelo *Marechal Mário Travassos* 334
Culto Evangélico no Lar, por *José Simões de Matos* 45

Curadores Espirituais, por *Doris M. Hodges*

Braille a Sua Obra a Favor dos Cegos ... 92
Elisabeth Fry, Uma Reformadora 138
Helen Keller, Mulher Maravilhosa 200
Henri Durant, Fundador da Cruz Vermelha 54

Curadores (Os), Espirituais segundo o Espiritismo, por *J. L'homme* ..... 180 e 204

D

Dama (A) de Negro 74
Declaração (A) dos Direitos da Criança 15
Delinquência (A) Infantil 91
Deslumbramento (de um novo livro de Lia) ... 48
Destino (O) do Espiritismo, por Ahmad P. Robinson 23
Diabo (O), por *Vasco de Lemos Mourisca* ... 249
Direito (O) Natural e o Espiritismo, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* 101
Duas Mensagens 4

E

Em Favor de Você (De «Agenda Cristã» 53
Enigmas (Os) e a Teoria do Mérito, por *Jort* 102
Enlevo de Alma, por *F. Norpnha* 90
Enquanto não Amares a Vida será Triste, por *Constâncio C. Vigil* 314
Entre Rosas Vermelhas, por *Maria Inês Sena* 66
Envelheçamos Rindo, por *José Jorge da Silva* 247
Erro Sobre a Morte, por *Vasco de Lemos Mourisca* 307
Espiritas, Soneto de *Amaral Ornelas* 37
Espiritismo (O) Metafísico, por *René Roland* 68
Espiritismo (O) no Brasil, por *Amadeu Santos* 260
Espiritismo (O) no Meio Universitário, por *Deolindo Amorim* 66
Espiritismo (O) no Pensamento dos Antigos Padres, por *Delfino Ferreira* 354
Espiritismo (O), Seus Opositores e Defensores, por *Karl du Prel* 123
Espiritismo (O) tem Fracos Adversários, por *Tito L. Bancéscu* 118
Espírito (O) Ajuda a Enfermeira, por *Kay Ryde* 60
Esposos (Os) Schaefer, por *José Martin* 312
Estamos de Passagem, por *Maria Inês Sena* ... 10
Estes não São Dignos de Juntar as Migalhas, por *José Ingenieros* 292
Experimentadores (Os) e Suas Vibrações, por *Tito L. Bancéscu* 154
Expressão (A) Fisionómica de Jesus, por *Vasco de Lemos Mourisca* 213

F

Factos, não Palavras, por *Aleixo Vítor Magaldi* 232
Factos (Os) Provam, por *Aleixo Vítor Magaldi* 134
Fé (A) e o Dever, por *Maria Inês Sena* 229
Felicidade (A) Futura, por *Gustavo Geley* ... 181
Fenómenos (Os) Espiritas; Ficção ou Realidade?, por *Eugène Bertrand,* ... 26, 50 e 70
Fernando Pessoa, Homem Psíquico, por *Ruy Ribamar* 199

Festa (A) do Natal no *Luz e Amor* ..... 17 e 170
Filosofia, por *Carlos Imbassahy* 283
Flores do Bem, por *Budelaire* 49
Força (A) Psíquica 249
Fotografia Espirita (Dr. Purkinge) 182
Frank Leah, o Pintor do Além, por *Fred Acher* 80
Futuro (O), por *Alexis Carrel* 359

H

Há dez Anos (aniversário de Lia) 7
Histerismo (O), por *I. D. S.* 358
Homem (O) e os Animais Inferiores, por *Salvador Gatto* 371

I

Idade (A) Traz Grandes Mudanças, por *Constâncio C. Vigil* 201
Individualidade (A), por *Orisson Marden* 332
Influência (A) dos Desencarnados na Vida Humana, por *Armand Donnay* 290, 340 e 360
Instituto de Cultura Espirita do Brasil..... 203
Instituto de Cultura Espirita do Brasil (Conferência do *Dr. Hernâni Guimarães)* 371

J

Jesus, a Eterna Incógnita, por *Delfino Ferreira* 178
Jesus e Suas Doutrinas, por *José Simões de Matos* 75
Jovem (O) Prodígio que Paganini Inspirou do Além, por *Hannen Swaffer* 12
Jovens, por *Emmanuel* 368
Justiça (A), poesia de *Paulo Alberto* 231

L

Lvros de Todo o Mundo, por *A. C.*

Bíblia (A) dos Espíritos 188
Como os Teólogos Refutam 188
Cumprindo-se as Profecias 220
Estudos de Espiritismo 188
Homem, Esse Nosso Conhecido 220
Teoria (A) Corpuscular do Espírito 220
Versos à Mocidade 188

M

As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por *W. F. Neech*

Andrew Jackson Davis, um Pensador do Espiritismo 226
Cair (Ao) de Sono, Edgar Cayce Tornava-se um Médium Extraordinário 210
Caso (O) Sinclair 85
Monge (O) que Guiou o Arqueólogo 122

Mãe (A), por *Pedro Álvares y Gasca* 148
Mão Misteriosa Protege a Minha Vida, pelo *Campeão Campbell* 86
Maria Cecília Gorina (sua desencarnação) ... 207
Marie Mahé, por *Pierre Neuville* 364
Materialização (A) em Clima Psíquico Demonstrada em Lurdes, por *M. Barbanell* ... 296
Maternidade «Casa da Mãe Pobre» 146
Mau Prenúncio, por *Blasco Ibañez* 110
Meditação, poesia de *Vasco de Lemos Mpurisca* 11
Médium (O Maior) da História, por *Maurice Elliot* 42
Médiuns Curadores, por *José Simões de Matos* 370
Mensagens de Lia — Espiritualidade e A Lição da Fé 281
Meu (O) ABC do Espiritismo, por *Maria Inês Sena* 284
Meu (O) Depoimento, por *Jorge Raimundo,* ..... 149 e 165
Meu (O) Primeiro Voo Astral 121
Minha (A) Profissão de Fé, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* 2
Missionário (O) Singular, por *Tito L. Bancéscu* 306
Morte (A) Galopa Num Cavalo Branco, por *John Horden* 308
Morte (A) na Máquina Fotográfica, por *Oleta Martin* 219
Morte (A) não Existe, por *Henri Biquet* 330 e 374

N

Não Conhece a Língua em que Fala 275
Não há Morte, por *Florence Marryat* 238 e 282
No Curso da Vida, por *André Luís* 73
Nos Caminhos Educativos, por *António Augusto dos Santos* 58
Nossos (Os) Representantes (Octávio Conrado) 247

Notas e Comentários, por *I. D. S.*

Acendedor (O) Oscilante 189
Actores (Os) de Cinema 349
«A Luz de Damasco» 285
Animais Ressuscitados 317
Casa (A) Encantada de Tandil 29
Caso (Um) Estranho 253
Cinema Espirita 189
Coisas que acontecem 381
Comunismo e Espiritismo 93
«Cruzado (O)» 285
Curandeiros (Os) Espirituais 125
Detractor que se converte 317
Editora Espirita Alemã 381
Espiritismo (O) em África 125
Estátua (A) de Kardec mutilada 61
Fantasma (O) da Nascente 189
Fantasma (O) de Singapura 93
Fantasma (O) do Coro 157
Fantasma (O) Existe 221
Fantasmas Alegres 157
Fantasmas (Os) Fugiram 349
Fantasmas Melancólicos 157
Francisco Cândido Xavier 253
Gíria (A) e o Soleccismo 189
Há quatrocentos anos 125
Helena Keller e a Imortalidade 381
Hipnotismo (O) na Classe Médica 349
Hipnose (A) na Investigação Criminal ... 285
Homenagem ao Mérito 317
Honrosa Visita 253
Indultos de Abstinência e Jejum 221

«Kardequinho» 93
«La Conciencia» 381
Mais Um Passo 157
Materialização Autêntica 29
Menino (Um) Prodígio 29
Nada Desaparece 317
Newton e a Astrologia 349
Para fechar: Um dito de Napoleão 317
Parapsicologia (A) e a Realidade do Espírito 125
Poetisa Singular 61
Predilecção Estranha 317
«Progreso Espirita» 285
Prova (Uma) de Solidariedade 61
Santos (Os) da Escritura 253
Selo (O) Desaparecido 285
Sonho Premonitório 349
Último (O) quarto de hora 29
Voz (A) do Túmulo 93
«Vozes do Coração» 221

Notícias da Baía ..... 25, 216 e 380
Noticiário, 32, 64, 96, 128, 160, 192, 224, 256, ... 288, 319, 352 e 384

O

Objecções à Reencarnação, por *Deolindo Amorim* 322

O Que Vi no Brasil, por *António Cardoso*

Brasil Centro do Espiritismo Mundial ... 108
Brasil, País de Magia 162
Fenómenos (Os) Psicográficos 194
Magneto (O) Hipnotismo 366
Pelo Mundo da Metapsíquica 152
Uberaba (Em) com o Xico Xavier 233
Uma Manhã com José Arigó 294
Uma Tarde em Guarulhos 276

Orai e Vigiai, por *José Simões de Matos* 215
Orar de Pé, por *Levino C. Wischral* 265

P

Palavras de Gratidão, por *Maria Inês Serra* ... 206
Palingenesia (A) de José Régio, por *Vasco de Lemos Mourisca* 130
Passeio de Confraternização à Venda Seca ... 268
Pesadelo que Prendeu o Ladrão, por *Vaugh Shelton* 173
Pesadelo (Um) da Humanidade, por *Cyrillo Aleixo* 263
Permanência (A) da Filosofia, por *Deolindo Amorim* 226
Poder (O) da Vidência 248
Pode-se Provar a Pluralidade das Existências Humanas?, por *Serge Hutin* 338
Poetisa (Uma) de Sete Anos 89
Primavera (A), por *Celeste Aurora* 151
Prova (Uma) de Sobrevivência, por *Jean Barbier* 56
Provas (As) e a Moda, por *Léon Denis* 270

Q

Quando a Cura é Psíquica, pelo *Dr. R. G. Mac Robert* 82
Que Mundo é Este? 249

R

Reencarnação e Mitologia, por *Deolindo Amorim* 357
Reformas (As) de Jesus de Nazaré, por *Tito L. Bancéscu* 342
Reino (O) de Deus Está em Nós, por *José Simões de Matos* 235
Religião e Espiritismo, por *Carlos Imbassahy* 298
Religião e Espiritismo, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* ..... 174 e 196

S

Saber Viver, por *Idalinda A. Matos* 22
Semana (3.ª) do Livro Espirita em Braille ... 237
Senhora (A) Gilliard, por *Pierre Neuville* ... 280
Serenidade, poesia de *Paulo Alberto* 42
Sermão (Um) Original 133
Se Você Quiser, por *André Luís* 369
Snosperscope (O) 377

T

Tempos (Os) que Passam (mensagem espirita) 348
Terminologia Espirita, por *Delfino Ferreira* 258
Testemunho (excerto dum livro de LIA) 337
Teu (O) Aniversário, poesia de *Manuel de Sousa* 251
Tibério, por *Carlos Imbassahy* 98
Tristeza (A) de Um Sábio, por *Tito L. Bancéscu* 252
Trombetas do Céu, por *Aleixo Vítor Magaldi* 378

U

Uma revelação, por *Carlos Imbassahy* 230
Uma Revelação do Astral, por *Vasco de Lemos Mourisca* 261
Unidade e Omnipresença da Vida, por *Cyrillo Aleixo* ..... 119 e 155
Unidade entre os Estudos Psíquicos e a Poesia, pelo *Dr. J. Wilson Knight* 186

V

Vaticínio (Um) Realizado 248
Verdade (A) Libertadora, por *Delfino Ferreira* 202
Vida (A) de Além Túmulo, por *Isidoro Duarte Santos* ..... 38, 104, 142 e 208
Vida e Obra de Amália Domingo Soler, por *Osvaldo Salvañá* 309
Vida (Que é a), por *Cyrillo Aleixo* 34
Vidências Xenográficas, por *José Martín* 135
Vigésimo (O) Quarto Túmulo, por *Harvey Berman* 87
Virgílio Maia (Sua Desencarnação) 207
Visão (A) Reveladora de Frank Leah, por *Fred Archer* 116
Voz (A) de Pitágoras (mensagem mediúnica) 344

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)

(Ver pág. 7)

CONTÉM: Na Estrada, da **Redacção;** A Minha Profissão de Fé, por **Joaquim Fernandes de Albuquerque;** Duas Mensagens; Os Preconceitos dos Sábios, por **José Francisco Cabrita;** Competição, por **Jacinto del Aguila;** Há Dez Anos ...; Novos Rumos da Psicologia, por **José H. Grasso;** A Ceia do Natal, por **Maria Luzitana;** Estamos de Passagem, por **Maria Inês Sena;** Meditação, por **Vasco de Lemos Mourisca;** As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por **Hannen Swaffer;** Declaração dos Direitos da Criança; A Festa do Natal no Centro Espiritualista Luz e Amor; A Ciência Espirita, Precursora da Era Atómica, por **Humberto Mariotti;** Saber Viver, por **Idalinda A. Matos;** O Destino do Espiritismo, por **Ahmad P. Robinson;** António Cardoso no Brasil; Notícias da Bahia; Os Fenómenos Espiritas — Ficção ou Realidade?, por **Eugène Bertrand;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

21.º ANO JANEIRO DE 1960 N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, JANEIRO DE 1960 | N.º 1

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

NA ESTRADA

Mil novecentos e cinquenta e nove foi um ano de provação colectiva. Deve ter havido pouca gente feliz, na verdadeira acepção do termo.

Ser feliz não é possuir muito dinheiro, nem administrar grandes propriedades, nem dirigir indústrias florescentes. Os responsáveis pelo avanço material quase nunca estão isentos da poeira das escórias. Depois enegrecem o seu ambiente e é preciso trabalhar muito para higienizá-lo.

Nós mourejámos todos os dias e não fomos felizes. Procurámos difundir o ideal e fazer justiça, mas vemos que alcançámos pouco do muito que havia a conquistar. Programas, nunca os fizemos verdadeiramente. Estavam implícitos na tarefa ... Era só avançar, auxiliando os que se encontrassem em perigo ou deficiência. E aproveitar as oportunidades para conjugar o verbo servir.

Houve uma coisa grande em nós que evitou colapsos e até demoras prejudiciais. Força de vontade é o seu nome, com todas as letras, máscula, vibrátil, contínua, sem hesitações ou dúvidas, como se uma voz interior impulsionasse o remador da galé:

— Avante! Já se vê a outra margem!

Houve, sim, houve essa coisa grande, a maior de todas em qualquer empreendimento. Mas, assim mesmo, não fomos felizes. A estrada abrolhosa estendia-se a perder de vista e sentimos dificuldade na marcha em frente, única que se admitia nos que empunhavam a enxada.

Tivemos cartas alentadoras dos dois lados do Atlântico, expressões amigáveis a estimular, a impulsionar, para que o fogo não amortecesse. É verdade que tivemos. E nesses momentos esquecíamos a dureza da faina, com altos e baixos, para só pensar no caminho a percorrer.

O que lá vai, lá vai, pertence à história do homem e da causa. Cada um responde por seus actos. Mas era interessante que os valores positivos não ficassem na estrada a ver passar os veículos. Um minuto que se afrouxe são horas difíceis a recuperar. Às vezes não se recuperam mais.

O nosso desejo é manter o ritmo do trabalho e atrair novos elementos de acção e renovação ao sector que nos foi confiado e que não pudemos ainda enobrecer, como era nosso intuito, visto que nos falharam os meios necessários. Por muito que se faça é sempre pouco. E dizemos pouco, porque os objectivos se distanciam à medida que estugamos o passo. Quer dizer que devemos superar a própria obra em sentido progressivo, jamais estacionando ou diminuindo energias. Quando minguarem as forças físicas, será bom que as morais permaneçam.

A causa não é parcial; é geral. E exige de todos o que podem dar, sem retribuição. A outra é melhor e fica em nossas almas e entoar hosanas. Que bom pertencer a uma falange e sacrificarmo-nos por ela, com palmas de glória ou de martírio! Quem se bate por uma ideia justa dispõe-se a tudo para defendê-la, porque é tão digna aos olhos próprios e tão aliciante aos olhos alheios, que nem baionetas ou guilhotinas podem detê-la em sua marcha.

Vítor Hugo dizia:

— O que conduz e arrasta o mundo não são as máquinas, são as ideias.

A nossa estrada é ideológica, não contém utilitarismo pessoal. E nela continuaremos a labutar, em holocausto à doutrina que tantas alegrias nos porporcionou, indiferentes às pedras e aos barrancos, olhos dirigidos para o Alto.

Rabindraná Tagore afirmava que os ideais, uma vez formados, produziam moleza cerebral. Em «Estudos Psíquicos» não é assim. Quanto maior convicção, maior actividade. Os triunfos alcançados em vinte anos de esforço alargaram o campo e o dinamismo.

Outro ano começa, outras fainas aguardam os cavouqueiros, camartelo em punho a destruir o velho, construindo sobre ele edifícios adequados à época.

Há por aí serventes e pedreiros que queiram fabricar argamassa?...

A MINHA PROFISSÃO DE FÉ

por JOAQUIM FERNANDES DE ALBUQUERQUE

Todos na vida terrena ocupamos duas posições: uma, em relação ao mundo das normas; outra, em relação ao mundo ontológico.

A posição relativa ao domínio normativo advém da nossa qualidade de seres sociais.

Uma vez que entramos no contacto social e à medida que se vai formando em nós o discernimento necessário, vão-se desenvolvendo os sentimentos de sociabilidade e de justiça.

O sentimento de sociabilidade implica, a par da necessidade de convivermos, a formação das regras disciplinadoras desse convívio, e surgem assim as normas de conduta social: normas de moral, normas de cortesia, e até mesmo as normas religiosas.

O sentimento de justiça requer, para efeito da segurança da vida do homem em sociedade e para a segurança da vida da própria sociedade, a formação de regras de direito, e surgem assim as normas jurídicas.

A vida normativa é pois o reflexo de uma potencialidade inata.

A posição referente ao mundo ontológico resulta dos atributos que possuímos de seres humanos.

Como homens, os primeiros impulsos são dirigidos: primeiro para nós próprios; depois, para o que nos rodeia.

Donde viemos? O que somos? Para onde vamos? Eis as primeiras interrogações que se nos põem.

Quem fez as outras espécies animais? As árvores? As nascentes? Os rios? Os mares? Os astros? Enfim, tudo o que vive na natureza? Eis as segundas interrogações.

São problemas do conhecimento humano, e, como tal, determinados pela curiosidade de saber. São os problemas da nossa origem, da nossa existência e do nosso destino.

São os problemas da Criação.

Não tratarei agora deles; porém quero esclarecer que as considerações que vou apresentar têm por base o problema do nosso destino.

Para os materialistas, para além da morte já nada mais existe. Tudo é matéria. Com a consolidação desta, tudo se consolida. Com a sua destruição, tudo perece.

Porque carecem de fundamento tais soluções, todo o meu raciocínio se vai desenvolver dentro do quadro traçado pelo Espiritualismo, e particularmente pelo Espiritismo.

Para os espiritualistas, para além da morte há uma outra vida, a vida espiritual. E se é certo que o corpo morre, a alma sobrevive ao corpo, porque é eterna, é imortal.

Quanto ao princípio da sobrevivência da alma, o diferendo resulta da sua enunciação. Enquanto para uns, por exemplo para os Católicos, esse postulado é prescrito dogmàticamente, para outros, para os Espiritas, é enunciado racionalmente.

Mas, é evidente, há ainda outros diferendos: os resultantes do princípio da reencarnação, do princípio da comunicação dos espíritos, etc.

As soluções dogmáticas não satisfazem as exigências de quem possui espírito científico.

Eu sabia que a sobrevivência da alma era um facto, mas o meu espírito sentia-se insatisfeito com a posição estática que assumia, e que era determinada pela aceitação dessas soluções.

Em determinada fase da minha vida, e com plena noção das responsabilidades, deram-se certos acontecimentos que me fizeram cismar e que intuitivamente me disseram aquilo que mais tarde o Espiritismo que veio esclarecer: *no mundo terreno resgatamos o passado e preparamos o futuro. É o Karma.*

Após aturada ponderação, resolvi dinamizar o que em mim era estático e procurei outras vias de conhecimento na direcção que mais me interessava, no Espiritismo. Entrei aqui com indiferença, mas em breve essa atitude se iria modificar: a indiferença deu lugar à dúvida sistemática; as interrogações sucediam-se às interrogações; queria provas; é natural essa exigência; o Espiritismo tem obrigação de as dar sem estar à espera que lhas peçam; não deve persistir em identificar-se com uma religião, que não o é, é uma Ciência e como tal deve fornecer testemunhos. Essas provas foram-me oferecidas, umas vezes no *Centro E. Luz e Amor* em sessões mediunicas, outras vezes directamente pelo mundo espiritual.

Fiquei vivamente impressionado, para não dizer maravilhado.

A partir de então elas têm-se produzido com certa frequência. Afirmo isto cônscio do que digo e não sugestionado.

Quem sustenta que o Espiritismo é uma Ciência, não se deixa fàcilmente sugestionar.

★

Posso-me ufanar de ter entrado racionalmente no Espiritismo. Isso permitiu-me penetrar de certo modo nos seus fundamentos. Quem para ele vai aceitando prèviamente os seus princípios, sem uma prova real e concreta, não chega a sentir todo o conforto que nos proporciona.

O Espiritismo dá-nos a certeza que resolve todos os problemas espirituais e até, em certas condições, alguns problemas de ordem material. Porém, quem não chegou a formar uma convicção forte dos seus alicerces, vai aplicar cèpticamente as respectivas soluções.

É necessário caminharmos com segurança, não andarmos às apalpadelas, com os olhos cerrados, não querendo ver toda a luz irradiante que dele dimana e que há-de iluminar o mundo inteiro.

O Espiritismo está sedento de justiça. Nem sempre ela é prestada a quem a merece. Há indivíduos que passam toda a vida a pedi-la, e, ou

E. Psiq. - jan/60

não lhes é concedida, ou quando o é, só pòstumamente.

Qual é o preço dessa justiça? Martírios, traições, condenações à morte, a miséria e a desgraça.

Em relação a determinados povos e a determinadas instituições, se nem sempre é reconhecida, quando se verifica o respectivo reconhecimento, só tardia e às vezes extemporâneamente é que isso acontece.

Quando o sangue dos mártires e dos heróis corre em torrentes caudalosas por esse mundo fora, acima dos homens que miram no espelho desse sangue as suas injustiças, lá do Alto, como que se faz ouvir uma voz a chamá-los à razão: *é a voz da Verdadeira Justiça, e por essa via são redimidos esses povos e essas instituições.*

Qual é o preço? Clamores de vingança, lágrimas, dores.

É a tragédia daqueles povos que ainda não encontraram o seu próprio destino.

É o apego à satisfação de interesses egoístas, por se persistir em não dar cumprimento fraternal aos preceitos institucionais que humanamente prescrevem não em função deste ou daquele interesse, mas em função do interesse de todos.

Eu disse que o Espiritismo está sedento de justiça. Estou convencido que ela lhe há-de ser concedida sem qualquer acto de violência a precedê-la, mas pacìficamente.

A voz da Verdade se fará ouvir e falará pela boca do Espiritismo.

A hora chegará!

★

Felizes daqueles que, sentindo em si qualquer lacuna, sentindo em si qualquer vazio a preencher por conteúdo que se lhes apresenta vago e indefinível, o encontram. Saberão então o que é um verdadeiro ideal. E, ao estabelecerem o paralelo entre a nossa mesquinhez neste mundo e as refulgências irradiantes e excelsas desse mesmo ideal, concluirão que a verdadeira vida é a eterna, porque a finalidade do homem é de ordem puramente espiritual.

A passagem pela vida terrena é a justificação das faltas de que somos responsáveis.

Vimos cá tantas vezes quantas forem necessárias para resgatar o passado e preparar o futuro. É o Karma.

Cônscios, cientes das subtilezas dessa lei, jamais caminharemos por caminhos lamacentos ou denegridos pela podridão determinada por certas solicitações da matéria ou de espíritos corrompidos pelo vício e pelo crime.

Esta Causa é cheia de elevação. Ètnicamente, tudo nela gravita em torno deste ponto fundamental: o nosso aperfeiçoamento espiritual, ponto esse implícito e categòricamente estabelecido na referida lei, como consequência lógica das infracções que praticamos e à qual estamos naturalmente vinculados, pois que ela é a determinante do destino para onde seguimos.

★

Há indivíduos que, ao procurarem decifrar o enigma do seu destino, na ânsia de o profundarem, se precipitam e se perdem, como por vezes acontece ao caminhante no deserto. Desorientados e sem norte eles aceitam de ânimo leve as explicações que se lhes dá sobre o seu problema fundamental.

Quer as soluções apresentadas sejam correntes ou não, e porque a sua razão continua obscurecida por falta da luz viva que procuravam, não chegam a formar o conteúdo espiritual requerido pelos seus anseios, pelo que continuam à deriva e sem nunca compreenderem a finalidade da sua existência.

Triste situação essa! Muitas vezes é pior do que a do cego de vista, porque se é certo que este não vê com os olhos do seu corpo, pode ver com os olhos do seu espírito.

È preciso andarmos cautelosamente e sem pressas, de forma a sabermos, com toda a lucidez do raciocínio, distinguir a mentira da verdade. Encontrada esta, alcançamos o ideal que buscávamos e depois continuaremos a nossa jornada, cônscios de nós próprios, com mais segurança e tranquilidade, certos de que as coisas terrenas são fugazes e transitórias em comparação com a felicidade que nos espera em porto de salvação, e que está em Deus, nosso fim último.

O Espiritismo abre as portas a todos e diz: Entrem! Porquê, tanta incompreensão? Porque não querem entrar?

O Espiritismo oferece-lhes as possibilidades de uma outra vida melhor e garante e prova que existe essa vida. Porém, persiste-se em dar mais atenção à frivolidade dos bens materiais! Tal é uma via absoluta e torturante que as gerações, sucessiva e cada vez mais, têm admitido como uma lei fatal e inelutável que rege as acções humanas. È por isso que o materialismo avança assustadoramente, e no fundo, bem no fundo, assenta até arraiais em certos sectores do Espiritualismo.

★

A corrupção é determinada por ausência de conteúdo espiritual e, como ela, o vício e o crime.

A formação de um ideal supremo forjado em função da verdade e da justiça é a mais segura garantia para um mais perfeito equilíbrio individual e social.

A certeza de caminharmos no sentido de Deus e para Deus levar-nos-á a relegar para um plano secundário tudo o que pertence ao domínio material. *Aperfeiçoar-nos-emos mais e mais, de forma a colocarmos os interesses do nosso espírito acima dos interesses do nosso corpo, com plena integridade, é claro, das leis naturais ou científicas.*

★

Na terra preparamos o futuro. Eis um conceito que anda arredio do conhecimento humano.

O aperfeiçoamento dos indivíduos, no sentido da sua libertação absoluta, da sua elevação até Deus é feito no mundo terreno, e não se consegue com dissídios, com vilanias, com torpezas, numa palavra: com desarmonia.

Para o realizar, impõe-se que tenhamos a certeza de uma outra vida melhor, certeza que nos não é dada eficientemente por certos dogmas prescritos catedràticamente. É por isso que muitas vezes nos quedamos surpreendidos e admira-

DUAS MENSAGENS

A maioria dos homens vê a miséria no fogão sem lume, na falta de pão e nas dificuldades materiais que devem enfrentar no mundo. Mas, na proporção em que progridem, se convencem cada vez mais de que a verdadeira causa de todos os sofrimentos deve ser procurada no âmago da alma, onde residem os inimigos mais ferozes do homem. Chegam a convencer-se de que a maior batalha da vida é a luta contra nós mesmos, pois não deixamos de ser graves enfermos de alma que, subjugados pelo mal, combatem erradamente contra aquilo que os possa salvar. Assim apresenta-se o maior problema das forças do bem: salvar uma criatura que, a maioria das vezes, não quer ser salva e resiste às investidas dos seres que lhe desejam bem. Torna-se, pois, indispensável que as forças divinas corram em nosso auxílio e mesmo com esta assistência sublime a regeneração duma alma leva milénios.

BEZERRA

Não há nada que vos proporcione mais progresso do que a disposição de vos tornardes úteis aos semelhantes. Servindo-os chegareis a desenvolver as faculdades latentes para evoluir de acordo com as leis de Deus. Sòmente vivendo uma vida cheia de boa vontade podereis compreender a verdadeira finalidade da existência e a grandeza da criação divina. Sòmente convivendo fraternalmente com os outros chegareis a conhecer os vossos próprios defeitos e causas do vosso mal-estar e desequilíbrio. Surge assim o vosso desejo de combatê-los, pois chegareis a compreender que são estas imperfeições os inimigos mais atrozes que provocam a vossa infelicidade.

Assim declarareis guerra a todo o mal e começareis a atrair o bem, firmando-vos na luta e subindo degrau a degrau a enorme escada que vos levará ao aprisco divino.

ANSELMO

dos com tanta fraqueza humana que se observa, precisamente onde menos se devia observar. Tal acontece, por falta de convicção, por ausência do tal conteúdo espiritual a que já me referi, e que é a consequência lógica da pouca proficuidade desses princípios.

É que eles não têm carácter racional. Os conceitos intrínsecos de que o Espiritismo é depositário são a melhor garantia para o cumprimento das normas morais e até mesmo religiosas. Dando-nos Ele a Verdade sobre o problema da sobrevivência da alma e do fim último do homem, esse facto leva-nos a encarar sèriamente a missão que temos de cumprir na vida terrena, dirigindo-a para o seu verdadeiro rumo, sublimando-a, conduzindo-a para a defesa do Ideal alcançado à custa dessa Verdade, que nele se consubstancia.

Assim, despregaremos a fragilidade das riquezas materiais e prosseguiremos a nossa rota em prol da grandeza e do triunfo desse mesmo Ideal, acima do qual não nos é lícito colocar quaisquer propósitos determinados por motivos de engrandecimento pessoal.

★

Sinto-me satisfeito de me ter encontrado. Eu julgava que progredir era só caminhar para a frente.

Oh, quanto me enganei! Progredir é sobretudo caminhar para Cima, para o Alto.

Quanto mais nos desprendemos das coisas terrenas, quanto mais nos sublimamos, mais vamos ao encontro do Absoluto, ao encontro de Deus. É esse o nosso destino. Encontrá-lo e deixá-lo perder é esforço vão e inglório.

No universo físico o que conta são as atitudes. Quando elas são determinadas pelo desejo de decifrarmos o enigma desse destino, depois de o encontrarmos, não nos é lícito perdê-lo, pois que, o que importa, não é engradecermo-nos aos olhos uns dos outros, mas sim aos olhos de Deus.

★

E está feita a minha profissão de fé.

Agora, é continuar, continuar sempre, caminhando pelo Caminho que escolhi.

Estou certo de que, com a inspiração e com a protecção do Alto, não retrocederei.

Mas não basta que seja só um a caminhar. É preciso que caminhemos todos, irmanados no mesmo Ideal e na mesma Verdade.

Esse Caminho está, portanto, definido: para Deus, só para Deus! Caminhando assim, que cada um de nós possa também vir aqui fazer a sua profissão de fé.

Jan/60

Os Preconceitos dos Sábios

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

O verdadeiro sábio é aquele que diz «pouco saber em relação ao muito que desconhece daquilo que deseja saber». Na humildade do sábio reside a sua grande sabedoria na especialidade a que se dedicou nos seus estudos e nas suas investigações. Porque é verificado por toda a gente e não apareceu um sábio que soubesse tudo. E ainda mesmo em cada ramo do saber humano poucos são aqueles que aprenderam todo o conhecimento que a cada ramo diz respeito.

Assim é sabido que existem hoje e têm existido em todos os tempos grandes matemáticos, grandes físicos, grandes químicos, grandes biologistas, grandes astrónomos, grandes todos eles como sábios que, pelas investigações e pelas experiências feitas, *souberam* encontrar, ao porem as suas mentes em laboração, o que a Natureza em si contém e o que fabricam e produzem para proveito próprio e da sociedade, graças à harmónica dosagem daquilo que à Natureza podem ir buscar.

Mas nunca uma só mente humana, como parcela de um todo, pode apreender a sabedoria contida em todos aqueles ramos do conhecimento, embora admitamos e aceitemos a existência de uma mente, que o mesmo é dizer de uma inteligência, que abarca todo o conhecimento, que concentra em si toda a Sabedoria: é a *Mente Divina* ou o Espírito Criador de tudo o que existe, é o Supremo Arquitecto de tudo o que a Natureza nos apresenta, é, numa palavra simples: *Deus* — o Todo Inteligente. Pois tem havido sábios que, pelos seus preconceitos ou pela sua vaidade de saberem muito... *do pouco que sabem*, têm posto em dúvida o saber doutros sábios, têm mesmo posto a rídiculo os ensinamentos de alguns e as inovadoras ideias doutros.

É o que presentemente se está a observar com o *conceito da relatividade* de Einstein, foi o que bastantes fizeram com William Crookes, quando ele apresentou o resultado das suas experiências demonstrativas da existência e da sobrevivência da alma e é a atitude que bastantes homens de hoje, possuidores de uma cultura que os envaidece, estão tomando sobre as concretíssimas experiências, tanto no campo da metapsíquica como no da parapsicologia, experiências que provam a existência da psique ou mente (que os espiritas denominam espírito ou alma) com as suas manifestações características muito para além das possibilidades sensoriais dos fracos cinco sentidos que o ser humano possui.

Pois bastantes daqueles senhores intelectuais, por mais evidentes que os factos se mostrem sobre a espiritualidade em que se firma a vida dos seres, não a aceitam nem a admitem.

E foi sempre assim. Quando Edison, o americano que entre as suas inúmeras invenções apresentou o fonógrafo, fez exposição de tal instrumento numa reunião de intelectuais franceses, foi tomado como uma exibição de ventriloquia e não quiseram compreender como aquilo operava.

E a História das Ciências ensina-nos — diz-nos o professor Charles Richet — que as descobertas mais simples têm sido rejeitadas, sob pretexto de serem contraditórias com a ciência.

Assim a acção anestésica em cirurgia foi negada por Magendie, fisiologista francês falecido em 1855 e membro da Academia das Ciências de Paris.

A circulação do sangue, dada como um facto demonstrável pelo médico inglês Harvey, nascido em 1578, só foi admitida depois de quarenta anos de estéreis discussões.

Galileu sofreu a prisão e a custo se livrou de morrer numa fogueira da Inquisição, por ter afirmado que a Terra se movia.

A vida microbiana, revelada por Pasteur, foi contestada durante vinte anos por sábios de todas as Academias.

Lavoisier, o grande químico francês, afirmou que pedra alguma poderia cair do Céu, porque no Céu não havia pedras, e, todavia, a queda de aerólitos, fragmentos de corpos celestes, é, de há muito, um facto conhecido.

O senhor P. S. Girard, bisavô do referido professor e sábio Charles Richet, num discurso pronunciado em 1827 na Academia de Ciências de Paris, considerava como uma loucura a ideia de se poder conduzir a água aos andares elevados das casas. E em 1840 J. Müller afirmava que nunca se poderia medir o influxo nervoso. Pois este senhor J. Müller foi um notável fisiologista alemão, nascido em 1801 e um dos defensores mais eminentes das doutrinas vitalistas.

O enunciado das afirmações que deixamos aqui exaradas pertence ao grande professor e médico francês Charles Richet, já mais de uma vez mencionado, e constam do seu livro célebre intitulado «Tratado de Metapsíquica», editado em 1923.

Depois de tudo o que fica exposto, não nos devemos admirar de que exista, por esse mundo fora, tanta gente que não aceita e antes repele e combate os conceitos e a filosogia espiritas, figurando entre eles os espiritualistas, que, aliás, com um pouco mais de estudo, observação e boa vontade, chegam ao Espiritismo sem grande relutância.

Porque o espiritualista acredita na sobrevivência do espírito e simplesmente não acredita que Deus permita a comunicação do mundo espiritual com o mundo terreno, ao passo que o espirita, que também é, consequentemente, espiritualista, acredita como sendo natural e legítima aquela comunicação ou intercâmbio com os que deixaram este mundo de matéria concentrada.

Sendo, pois, tão pequena a distância que separa os dois campos, o tempo se encarregará de a fazer desaparecer, com proveito e honra para ambas as partes. Bem entendido que nos referimos aos espiritualistas dos credos religiosos que ainda olham com má vontade para as doutrinas místico-científicas que o Espiritismo defende.

E quanto aos materialistas que se julgam sábios, as angústias da vida lhes abrirão os olhos da alma, para compreenderem que corpo sem ela é como um carro sem condutor.

CORRIGENDA

No meu artigo anterior onde se lê: «é um atropelo ao ensinamento crítico»; deve ler-se: «*ensinamento cristico*».

Ao ouvido . . . suavemente

COMPETIÇÃO

Por JACINTO DEL AGUILA

Se os fundamentos básicos do Espiritismo repousam sobre o melhoramento e a transformação do homem do ponto de vista moral, convidamos o leitor a uma competição, quer seja espiritista, ou faça esforços para sê-lo. É uma competição que não lhe custará um centavo, mas sim um pouco de boa vontade e decisão. Esta iniciativa tende a influenciar a carreira dos que tiverem realizado num ano a maior soma de bem.

Não se trata de fazer sòmente o bem aos semelhantes, mas também a si próprio, abandonando um ou vários vícios, depois de reeducar a vontade para dirigir racionalmente os pensamentos. Conduzindo-os pelo caminho recto, controlando-os constantemente, evitando que se desviem por rotas escabrosas, implica uma obra de caridade altamente valiosa, já que a caridade bem compreendida não se baseia em dar esmola, mas em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Deste modo esclarecemos suficientemente o sentido prático da nossa iniciativa.

Dediquemo-nos a um trabalho silencioso e benéfico, sem ostentar os êxitos conseguidos, nem nos queixarmos dos fracassos experimentados.

O essencial é preparar-mo-nos, porque a experiência é sempre valiosa e instrutiva. Empreendermos uma firme luta contra nós mesmos, contra as nossas imperfeições, arrancando do nosso íntimo os males que pesam em nossa evolução é dar prova de superioridade. Este seria o primeiro passo.

Conseguido o objectivo do controlo do nosso pensamento e tendo-o refreado no caminho do bem, é aconselhável um exame diário de consciência, cada vez que repousamos, revendo todas as nossas acções e também os pensamentos emitidos. Às vezes vibramos negativamente, encolerizamo-nos por qualquer injustiça ou por uma banalidade. Neste caso temo-nos prejudicado muito, amigo. Cada vez que nos descontrolamos pela ira, pelo ódio ou pela vingança surgem essas terríveis explosões interiores, terríveis convulsões cujas consequências não tardarão a produzir seus efeitos: o fígado e o pâncreas movimentam a bile no organismo, intoxicando as células. Neste caso atentamos deliberadamente contra a saúde, além da repercussão que este estado anímico tem nos que nos cercam.

Depois de termos sido caritativos connosco, podemos fazer mais bem aos outros; visitar um hospital ou sanatório, onde se prodigalizem palavras de consolação; frequentar um orfanato onde haja pequeninos que, tàcitamente, reclamam carinho, um brinquedo, umas guloseimas... Ali, onde há tristeza e dor, podemos estar todos os que temos a convicção de que sabemos viver um pouco para os outros. Que íntima satisfação se sente, quando contribuímos para a paz, a tranquilidade e a harmonia dos lares e a orientação daqueles que ignoram o que os espiritistas sabem.

E não vos parece que esta espécie de competição entre os centros espiritistas e seus componentes revestiriam uma surpreendente e consoladora importância? Concorramos às sessões espiritas teórico-práticas, mas não nos esqueçamos do compromisso moral contraído connosco de fazer o máximo bem possível, procurando que a nossa consciência não nos censure. Como é a ela que temos de prestar contas, é conveniente não passar por alto o que é iniludível.

Se pusermos em prática essa competição moral teremos oportunidade de escutar o juízo crítico que nos alegrará, imediatamente. E as pessoas não se atreverão a dizer mal dos espiritistas, porque o nosso correcto procedimento será melhor testemunho do que somos. Achamos que os autênticos espiritistas devem ser os exemplos vivos do que terão de ser as futuras gerações do terceiro milénio.

Por outro lado, temos o dever de prestigiar cada vez mais a nossa doutrina, a única maneira de honrar o Codificador.

É interessante assistir às nossas reuniões, presenciando fenómenos anímicos e espiritas. Mas bem mais interessante seria que fôssemos quotidianamente melhores, mais tolerantes, mais compreensivos e mais razoáveis. O nosso procedimento teria a virtude de atrair ao nosso campo aqueles que andassem em busca da verdade e da revelação. Atraí-los-íamos, com o exemplo da nossa vida e não com a teoria. «É mais fácil ser sábio, que bom», — dizia a inolvidável Amália Domingo Solér numa das suas memoráveis obras.

O intelectual, o erudito e o conferencista ilustre que ocupam a tribuna pública ou escrevem magnìficamente artigos jornalísticos, são escutados e lidos. Mas se depois desmentem com o seu procedimento o que aconselharam, causam dano tremendo, desprestigiando a filosofia científica em nome da qual se escudaram.

Já vêem como essa competição constitui uma necessidade, pois importa não esquecer que em qualquer momento o destino nos corta o fio

Há dez anos...

Quatro de Janeiro de 1950. Já lá vão dez anos e parece que foi ontem. A ampulheta não pára a desfiar acontecimentos. Hoje este, amanhã aquele. Tantos que partiram! Uns baquearam na refrega, outros fugiram acovardados. Seguiram o seu destino. Só ficou a recordação. Essa ficou e ficará sempre. Enquanto houver coração e sensibilidade, a história do homem há-de fazer-se em suor e lágrimas. Há-de fazer-se.

Ninguém pode alterar o destino, manejá-lo a seu talante, aumentar ou diminuir um dia ao estágio terreno. Ninguém pode. Nem o rico nem o pobre, nem o novo nem o velho. Só Deus manda no destino de cada um.

Maria Gonçalves Duarte Santos cumpriu o seu e rumou a novos plainos. Quando chegará a nossa vez? Quando chegará?...

Entretanto, deixou atrás de si uma réstea de saudade e uma obra que ajudámos a erguer à força de dedicação. E continua do Alto a impulsioná-la em conceitos elevados que milhares de corações apreenderam e sentiram.

Dez anos de ausência e parece que foi ontem. A ampulheta não pára a desfiar acontecimentos.

Que o seu espírito gentil continui a animar-nos e a proteger-nos.

Quase não damos por eles, tão rápida é a sequência das imagens. E andamos de ilusão em ilusão, a ver passar o tempo, desfiando esperanças que fenecem, erguendo castelos que um sopro destrói...

É a vida com seus cambiantes. Lá e cá, subordinada a progresso contínuo.

Quatro de Janeiro de 1950. Já lá vão dez anos e parece que foi ontem...

Maria G. Duarte Santos

da vida, obrigando-nos a explicar como nos conduzimos durante a vida terrena. A consciência individual é implacável.

Conciliemo-nos com ela desde já, visto que, até por egoísmo, nos convém ser cada vez melhores. Porque, ao sermos bons, vibraremos em alta frequência que contribuirá para a clarificação do nosso perispírito, tornando-o apto a prestar auxílio aos que de nós necessitarem, tanto neste, como no outro mundo. Que ajuda, que socorro prestaremos aos nossos semelhantes, quando o perispírito, devido ao nosso mau porte, for escuro, grosseiro, impotente para obras benéficas? O biomagnetismo estará doente e gravitará sobre a nossa personalidade psíquica.

Façamos então uma prova de competição neste sentido, prova que redundará em nosso benefício e da nossa saúde.

Esforcemo-nos por demonstrar que a moral espirita é capaz de formar homens bons, mais humanizantes e mais nobremente inspirados. Se assim não procedermos, demonstraremos que a nossa trajectória terrena foi inútil e até certo ponto prejudicial ao Espiritismo.

(Da A.P.P.E.E.M. de Buenos Aires)

NOVOS RUMOS DA PSICOLOGIA

Por José H. Grasso

I

Com este mesmo título, o sr. José H. Grasso publicou no diário *La Capital*, decano da imprensa argentina que aparece na cidade de Rosário, o artigo que a A. P. P. E. E. M. distribuíu. Trata-se de um substancioso trabalho que interessará, certamente, aos estudiosos e universitários, visto que o seu autor é também universitário. A redacção da A. P. P. E. E. M. submete-o através da prestigiosa revista *Estudos Psíquicos*, à consideração de seus leitores.

A. P. P. E. E. M.

Nà antiguidade, os problemas da alma humana enquadravam-se sempre nos âmbitos da psicologia racional, tirando-lhe importância, sem menosprezar os factos da psicologia experimental.

É assim, como observamos no estudo da escola pitagórica, o interesse que se outorgava ao princípio da metempsiscose, ao passo que a psicofisiologia, a psicopatologia e outras subdivisões da psicologia experimental não adquiriam, na referida escola, a importância que tão necessàriamente merece o seu estudo.

A escola Eleática com a concepção de um só Deus, supremo, eterno e imutável; a heráclita que estabeleceu a constituição da matéria pensante como elemento infinitamente súbtil derivado do fogo; a atomística, preocupada com o estudo da composição da alma, estabelecendo as teorias atómicas e dando uma base à física e à química moderna; a socrática, que já começava a tratar da complexa lei do progresso; a platónica com a hegemonia do mundo das ideias sobre o mundo material e, por último, a aristotélica, que deu os primeiros passos no terreno da metapsíquica, todas elas são dignas precursoras da psicologia normal. Daquelas se extrairam os pontos de partida para o estudo desta última; apesar disso, devemos notar que, no tocante à psicologia experimental, pouco ou nada os gregos nos elucidaram.

Não mencionaremos outras escolas do mundo antigo, como a China, Índia, Egipto, Pérsia, Palestina, etc., porque nelas os problemas da psique se relacionam e se confundem com as respectivas crenças religiosas.

Assim, passamos à Idade Média com seus abundantes fenómenos metapsíquicos, os quais, podendo oferecer um vasto campo de estudo da experimentação do piquismo, foram paralisados pelo devocionismo renante que sufocou as suas manifestações.

Entramos logo na Idade Moderna, em que se inicia um verdadeiro movimento da psicologia experimental. Foi em França, Alemanha, Itália e Inglaterra, onde os experimentadores começaram a desenvolver as suas tarefas desde o último quarto do século dezanove. Devemos mencionar entre eles Augusto Comte, Weber, Spencer, Ardigó e Catláneo.

Nos trabalhos de análise, mencionaremos Wundt, Sommer, Müller, Lichen, Külpe, Meiman, na Alemanha; Ribot, Binet, Janet, Richet, Grasset, na França; Ramón y Cajal, na Espanha; Claparéde, na Suíça; o cardeal Mercier, Michotte, Thiérry, Prüm e Van Bierwliet, na Bélgica, Morselli, Melzi, Sergi, Villa, Mosso, Gemelli, na Itália; Badwin, Sandford, Judi, Dewey, Bagley, nos Estados Unidos da América do Norte, Bechterem, Pavlov, Korsakoff e Bagenoff, na Rússia.

O trabalho destes homens deu origem a uma teoria nìtidamente materialista, pedra fundamental das escolas clássicas que surgiram: sintetizou-se na declaração do princípio que estabelece um paralelismo psico-anatomo-fisiológico nos processos do indivíduo pensante.

Estabeleceram-se os centros cerebrais da linguagem, cujo mecanismo Grasset pretende explicar com o seu famoso polígono, mecanismo desvirtuado pela experiência metapsíquica da escrita mecânica (psicografia).

A interpretação errónea e cheia de lacunas do psiquismo também deixa o seu traço indelével na moderna psiquiatria.

O «Alienus» (de: alheio, doente mental), se bem que seja estudado psíquica e somàticamente na clínica psiquiátrica de nossos dias, a psicopatogenia desconhece-se ao levar a terapêutica para essas localizações cerebrais e empregando uma medicação exclusivamente empirica, que, podemos englobar na seguinte trilogia: «insulinoterapia», choque insulínico, e, na sua falta, o «electrochoque» e sedativos do grupo dos barbitúricos e em sua substituição o famoso penotal-sódico, ineficaz e inconveniente na psicoterapia, como se tem verificado clìnicamente.

Quantos psiquiatras e psicanalistas não ficam desconcertados perante o quadro que oferece o neurótico, psicótico ou esquizofrénico, uma vez empregada a terapêutica vulgar, quando comprovam a estabilidade do processo psicopático em cada caso! Que diremos do problema que nos apresenta a psicopatologia da velhice, agora que a duração vital do homem tem aumentado? A psicose e a demência senil transtornaram os que muito teorizam e que, na prática experimental, não atingem os resultados necessários, visto que a psique está ligada a esses casos de involução fisiológica do organismo.

Sigmund Freud, cujo subconsciente foi mal compreendido e pior tratado pelos seus continuadores, pouco conseguiu enriquecer o arsenal terapêutico da moderna psicoterapia (teoria da psicanálise).

Grande problema social representa o psiquismo alterado, não só no sector da psiquiatria, como no sector da vida de relação (psicologia etnológica), onde as inibições, traumatismos e mudanças de perso-

nalidade gravitam cada vez mais em nosso mundo, não respeitando raças nem classes sociais!

Agradeçamos, então, àqueles sábios que compreenderam o problema e nos deram as armas para entrar na etiopatogenia do psiquismo doente; são eles: Rivail, Geley e Lombroso. Os precursores de uma ciência que resolve já os mais intrincados problemas da alma humana. Refiro-me à jovem parapsicologia.

II

Muitas definições têm tentado explicar còmodamente o que é a parapsicologia.

O Dr. Rudolf Tischner juga ter achado um conceito fácil e explicativo, ao chamar-lhe «ciência do conjunto fenoménico, do qual os dois principais grupos são as manifestações parapsíquicas e parafísicas» (1). Interessante jogo de palavras onde os prefixos «para» resolvem a ignorância ou desconhecimento dos fenómenos psíquicos!

Dizendo que a parapsicologia (de «para»: ao lado de) e («psicologia»: tratado da psique) «a ciência que estuda os fenómenos psíquicos produzidos exclusivamente pela descentralização dos dois psiquismos que compõem a mente humana», enquadramo-nos na verdade dos factos, sem os afastarmos do «substrato» que lhe dá todo o valor que merece como ciência de observação e experimentação.

Homens notáveis como William Crookes, Maxwell, Zöllner, Lombroso, Rivail, Osty, Geley, Aksakoff, Lodge, De Rochas, Gibier, Melchior e Farré, Bozzano, Richet (2), López Gómez, etc., para citar sòmente alguns dos mais conhecidos na imensa plêiade de parapsicólogos deram-nos anos de fecundo trabalho, exposto em centenas de volumes, fiel reflexo de suas teorias e experiências. Eis uma das ciências sobre a qual as opiniões têm sido mais contraditórias: uns declaram-se a favor dos fenómenos psíquicos; outros declaram-se contra; enfim, há milhares de opiniões pessoais ou partidárias de crenças religiosas e é preciso saber tudo o que se relacione com os fenómenos da fisiologia supranormal (3), quando se faz parte de qualquer associação ritual ou dogmática, etc., porque os factos existem, embora a sua interpretação não envolva a premissa do conhecimento das mais puras e elevadas ciências biológicas.

A parapsicologia relaciona-se com muitas ciências devido ao vasto domínio do seu campo de acção: filosofia, biologia, medicina, química, física, matemáticas, etc.

Os temas salientes do seu estudo encontramo-los segundo um plano metódico de factos inexplicáveis em psicologia normal e anormal, como, por exemplo (4), a teoria do consciente, subconsciente e inconsciente; o animismo; a teoria do sono; a neurose; as personalidades duplas ou múltiplas no mesmo passivo, fora dos estados hipnóticos e metagnómicos; o hipnotismo; a exteriorização da sensibilidade; a lucidez, exteriorização e acção a distância da motricidade; a acção a distância de uma faculdade organizadora ou desorganizadora da matéria; a transmissão de pensamento; o mediunismo; o ser subconsciente e a subconsciência superior; o ectoplasma, a ectoplasmia e a ectoplastia, etc.

Um programa de estudos que obedecesse a desenvolvimento metódico desta ciência ocuparia muito espaço e afastar-nos-ia do assunto.

A seguir mencionamos uma série de institutos parapsicológicos que funcionam em universidades de diferentes países.

Estados Unidos da América do Norte — *Laboratório Parapsicológico da Universidade de Duke; Laboratório Parapsicológico do Colégio de S. José, de Filadélfia; Sociedade de Investigações Psíquicas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts; Fundação Parapsicológica Inc. de Nova Iorque, etc.*

Itália — *Associação Iitaliana Científica de Metapsíquica de Como; Centro de Estudos Parapsicológicos de Bolonha; Sociedade Italiana de Parapsicologia de Roma, etc.*

Alemanha — *Instituto Parapsicológico de Psicologia e Psico-higiene de Friburgo; Sociedade Psicofisiológica de Munique.*

Áustria — *Sociedade Austríaca de Investigações Psíquicas de Viena.*

França — *Instituto Metapsíquico Internacional de Paris.*

Bélgica — *Comissão Belga destinada à Investigação Científica de Fenómenos Reputados Paranormais de Bruxelas.*

Inglaterra — *Sociedade de Investigações Psíquicas da Universidade de Cambridge; Sociedade de Investigações Psíquicas da Universidade de Oxford; Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres.*

Noutros países, como Argentina, Dinamarca, Suécia, Suíça, Finlândia, Grécia, Rússia, Índia, México, Holanda, Noruega, Brasil, Uruguai, etc., há institutos similares, presididos por grandes homens de ciência.

---

(1) «Introdução ao Estudo da Parapsicologia». Edição Oberón, Buenos Aires, 195.

(2) Prémio Nóbel de Fisiologia.

(3) Ver «A Fisiologia Supranormal», do Dr. Gustavo Geley. Edição Vítor Hugo. Buenos Aires, 1944.

(4) «O Ser Subconsciente». Idem. Edição Maucci, Barcelona.

A CEIA DO NATAL

Cobrindo a sua mesa de alimento
em viandas temperadas a preceito,
é que o homem festeja o nascimento
desse Meigo Rabi — O Amor Perfeito — !

A carne de animais sacrificados
que esperam, como tu, a evolução,
vem profanar anseios delicados.
Homem, escuta a voz do coração!

Qual foi o alimento preferido
de Maria, no tempo prometido,
em que gerou seu Filho tão amado?

O mesmo de Jesus — a natureza —
legumes, frutos, leite em sua mesa
e pãezinhos de doce mel doirado!

Nova Lisboa, 13-XI-959

MARIA LUZITANA

Estamos de Passagem...

Por **Maria Inês Sena**

Tenho o gosto de me isolar, procurando a Natureza!

E ao meu isolamento responde o êxtase ... o sonho ... a poesia ...

O sol beija o verde das serras e a passarada solta gorgeios, geme trinados e a canção dos elementos ensaiada pelo vento soa como acorde final.

E eu, enlevada, murmuro esta prece:

«Paz, Luz e Amor! Deus seja bendito!»

Mas, como se a minha alma tivesse sido, por instantes, espuma flutuante pairando no Alto, a realidade desperta-me e leva-me a contemplar a paisagem moral que a vida apresenta no desfilar dos seus agitados dias. E a minha sensibilidade sofre ante o panorama da derrocada espiritual.

É uma tragédia torturante onde se debatem espíritos evoluídos.

A Humanidade sedenta e insaciável vive em reduzido ambiente de negação, descalabro e egoísmo, tecendo dramas e dores.

As inspirações foram trocadas pela incoerência. Não há manifestações de Arte.

A animalidade, vestida pelo materialismo, triunfou e toda a Beleza da Bondade se extinguiu ...

Estamos na época dos jovens que à margem do decoro praticam toda a gama de anormalidades ...

— Pobre juventude precária fazendo estágio de acesso à Cadeia ou Júlio de Matos!... Com que defensores pode a Pátria contar? Quem serão os futuros governantes do País?

E como serão os Pais e Professores da Futura Geração?

São arripiantes estas perguntas, que o bom senso sugere ...

E a minha alma inquieta balança entre a Natureza tão bela e as suas «gentes», fechando-se em círculo neo-evolutivo!

O intelecto foi à Lua ... e o espírito afundou-se em abismos de perdição!

Degradante sacrilégio, como se a vida se resumisse nos gozos efêmeros e acabasse na sepultura!

Eu, que tomo a sepultura como laboratório do corpo material, sinto uma dor intensa, um sentimento de revolta e luto para libertar a alma da confusão que a oprime, alando-a para o Ideal onde o Belo floresce!

E meu coração vibra de entusiasmo, louvando a Boa Crença que o anima.

«A vida não é Carnaval onde cada um se exiba, segundo a sua fantasia». É estrada de provação, escola de aprendizagem!

Ao aportarmos trazemos uma missão imposta por altos desígnios.

A ela devemos dedicar todos os esforços, talento e boa vontade, lapidando assim o espírito para melhor ascensão.

Devemos ter os olhos fitos nessa Missão, no objectivo de perfumar o caminho da Solidariedade e da renúncia.

Vivermos para nós, sòmente, é egoismo, é ausência de tudo.

Devemos partilhar as alegrias, os sorrisos e os bens terrenos, bem como o auxílio, a ternura e a bondade, cultivando essa flor tão linda a que o Cristo chamou igualdade.

Os corações tangerem em Fé uníssona necessária a todos os espíritos, as mãos apertarem-se em amplexo fraternal!

Mas, não! Nos homens existe muito de snobismo e falsa religião.

Não sentem a chama sagrada da Verdade que ergue poemas de amor!

Eu quisera ter linguagem eloquente ao serviço de um cérebro privilegiado para saber que não falava ao papel ...

Deus não me concedeu uma nem outra.

Bafejou-me com um coração que ficará contente, se o próximo responder:

— Seremos equitativos e justos.

E depois a minha alma jubilosa voltará a repousar na serenidade, enviando-lhes esta expressão:

— Não se esqueçam, estamos de passagem ... vamos de jornada!

Meditação

Por
VASCO DE LEMOS MOURISCA

Mãe: — Não é no cemitério, que tu estás!
Ali, entre flores,
no átrio de rescendentes perfumes e de aveludadas cores,
apenas teu corpo jaz.

Eu sei que, desse corpo, nasceu
O meu.
Eu sei que, nessa carne, à via do pó regressada,
a minha carne foi gerada.
Eu sei
que, no princípio material do Mundo dos humanos,
essa é a lei
necessária de evolução,
através do avatar telúrico dos anos.
Mas não é lá que tu estás, não!

Tu, pròpriamente tu, não és um ser material,
como nem eu, até, sou o meu corpo imundo!
O corpo é veículo ... — a terrena circunstância.
Nele e para além dele, a radiação astral ...
luz da infinita distância ...
a centelha de Deus, que Deus mandou ao mundo!

Cemitério e jazigo e teu caixão
e teu corpo — migalhas da Humanidade,
telúrico e plano chão!
Tu, não!
Tu és espírito, és luminoso grito!
Liberdade traduzida em infinito!
O LOGOS dispersado em radiação!

Vês, Mãe?!
Quanto eu te dizia
que purgatório e inferno eram uma alegoria ...
um sofisma da letra, que a ideia não contém,
Vês, Mãe,
Como eu tinha razão?!
Onde os homens puseram sua intervenção
para cegar a humanidade
e, cega, a conduzir a inconfessado destino,
perverteram o divino.
Mas não mataram a Verdade.

Livre deste corpo, através do qual
tu foste minha Mãe,
nenhuma fronteira, no superior plano astral,
como vês, te detém.

Livre e viva em beleza, tu vagueias ...
para além do anúncio anatemático,
que a Verdade divina das ideias,
transcende as ameaças e as cadeias
e esmaga o dogmático.

Tu vives para além do corpo inerte
e para além da lei que o homem faz.
E hoje sabes que a alma, mal desperte,
vê o podre desse dogma solerte,
atado ao corpo que na Terra jaz!

Tu sabes que viveste muitas vidas,
sob a constante kármica de DEUS.
Terás, por certo, outras, merecidas,
mas as tarefas, uma vez cumpridas,
conferem-te os olímpicos troféus!

E agora, que deixaste o mundo atroz.
que a vida que sofreste viu seu fim,
olvida todos os terrenos nós,
faze por esquecer a minha voz
e esquece-me, se podes, mesmo a mim!

Basta que a tua ausência a sofra eu,
na luz do teu amor que ora perdi!
Que este tormento seja apenas meu,
chorando nesta noite como breu
sòzinho, a rezar, a DEUS, por ti!

(Do «LIVRO DE ORAÇÕES»)

As maiores histórias psíquicas do mundo

por HANNEN SWAFFER

(Tradução de Rui Ribamar)

O Jóvem Prodígio que Paganini inspirou do Além

Antes de transcrevermos o notável artigo que vai ler-se e que aborda o problema, sempre actual em psicologia e parapsicologia, das influências e das inspirações que convergem e se manifestam na precocidade do génio, permitimo-nos chamar a atenção do leitor para o livro que o ilustre director desta revista e também ilustre homem de letras publicou afim da interpretação imparcial e documentada dum fenómeno que sempre apaixonou as multidões. Nesse livro — «Pierino Gamba» — Isidoro Duarte Santos ocupa-se, em profundidade, com uma clareza e isenção exemplares, desse problema em que tantos factores físicos e metafísicos entram em equação, numa louvável e objectiva finalidade de esclarecimento, e cremos que, no alto plano em que se situa, bem o conseguiu. A reportagem que se segue é um documento vivo do passado, um estudo breve e conciso dum prodígio musical que, tal como Pierino Gamba, suscitou as atenções do mundo e o interesse dos psicólogos.

★

Como se pode pragmàticamente explicar o menino prodígio? Os teósofos dizem que é uma alma que viveu muitas vidas. Será verdade? Há cerca de meio século Florizel von Reuter, o jovem violinista, constituía a sensação da temporada em que deu 20 concertos em Londres, 85 nas províncias, campareceu três vezes perante a Rainha Alexandra e uma ante o rei Eduardo VII. E ainda que contasse apenas 11 anos exibiu-se num festival, ao mesmo tempo como compositor, regente e solo de violino. Regeu uma sinfonia — composta e orquestrada inteiramente por si — e tocou dois concertos exemplarmente. «Uma tripla maravilha» — foi a classificação da crítica. E o que é mais, é que, por detrás de tudo isto, havia uma história maravilhosa. Ei-la, em síntese:

A mãe de Florizel, francesa pelo pai e inglesa pelo lado materno, vivia na livre América ao tempo em que seu filho viu a luz do mundo. O seu casamento, contraído enquanto muito jovem, foi um enlace infeliz e dissolveu-se antes dum ano de desventura. Só com seus pais, o único anseio que a preocupava era fazer do filho um ente diferente do marido. E ainda que nunca ouvisse falar dos guias espirituais, sentiu-se compelida por uma força que não compreendia a acalentar-se na ambição de moldar o nascíturo na estricta observação de certas regras éticas e artísticas. E concentrou-se neste objectivo durante muitos dias, muito tempo, em suma, exactamente porque queria o seu filho um ser verdadeiro, moralmente são, nobre nos pensamentos e de temperamento doce e correcto. Para isso visitou galerias de pintura e escultura, sempre com o pensamento naquele que continuava o seu ser, lendo livros, sujeitando-se inclusive a exercícios de memória para auto-segurança. E, por irresistível ditame, decidiu que a criança, que ela sonhava nascer rapaz, deveria ser, em princípio, um violinista. No entanto, não sendo muito versada em música, foi levada a pedir a ajuda de qualquer músico célebre. Um impulso!

O violinista que mais conhecia era Nicolo Paganini — um dos grandes da música de todos os tempos — e decidiu apelar para o espírito do magnífico compositor do passado no sentido de a ajudar nos seus propósitos. E não disse: «se pudesse», porque algo lhe murmurou que ele *podia*, isto sem que jamais ouvisse falar de comunicações espiritas. E nunca mais fraquejou na sua determinação, apelando contìnuamente para a grande luz que a memória de Paganini irradiava, pedindo-lhe que lhe imbuísse o seu génio musical, afirmando-lhe que nele acreditava para a sua suprema ambição, para que o seu filho fosse um filho maravilhoso.

E assim preencheu os seus dias de espera pelo ente desejado, incessantemente apelando para o auxílio invisível, num admirável acto de fé, vendo seu filho como um príncipe — o príncipe Florizel — num grande e genial ser predestinado. E o filho nasceu belo e forte, jamais doente, jamais aborrecido, sempre de alma aberta para aprender o que se lhe deparava. E cedo o «milagre» começou. Aos 11 meses, andava, aos 12 já conhecia o alfabeto e começava a pronunciar palavras. Aos 18 meses identificava qualquer animal nos livros ilustrados e quando atingiu os 2 anos podia ler claramente no livro elementar. Durante estes primeiros anos demonstrou sempre grande carinho pela música e, para estimular este gosto artístico, sua mãe estudou violino e sua tia, uma pianista conceituada, tocava para ele no piano.

Quando ele andava às voltas com o alfabeto e começava a ler, a incansável mãe teve a ideia de escrever nas teclas do piano as letras a-b-c-d-e-f-g, usando para isso as meias oitavas. Em breve Florizel se foi aproximando do teclado e se interessou pelas letras nele impressas, começando vagarosamente a tocar nas teclas e a ouvir o seu som. Até que um dia, em que o afinador compunha o instrumento e ele brincava junto à mãe e a tia, exclamou:

— Está agora a afinar o F e o G.

A mãe, entusiasmada, teve a confirmação da boca do afinador atónito.

O resultado desta saída foi a prova de que Florizel podia nomear as notas logo que fossem tocadas e fossem quais fossem as claves. E pouco depois desta demonstração, a sr.ª Von Reuter pensou que se seria violência forçar uma criança tão jovem a aprender contra-vontade, mas seria, no entanto, fácil, sem o molestar, dar-lhe uma noção diária de qualquer ramo do saber. E assim Florizel foi estudando e aprendendo passos de geografia, de história e biografia, sem o menor esforço, e, dentro de pouco tempo, a sua memória tornou-se uma enciclopédia, sabendo de cor as capitais de todo o mundo, as montanhas, os rios, os lagos e oceanos, os planetas, os nomes dos grandes músicos, com a data dos nascimentos e da morte, os nomes dos 56 homens que assinaram a *Declaração de Independência da América*, os reis de Inglaterra e mil outras coisas.

VIOLINISTA AOS TRÊS ANOS

Quando Florizel contava cerca de três anos o seu desejo pela posse dum violino era tão grande, que sua tia acabou por comprar-lhe o mais pequeno que encontrou e o seu contentamento foi enorme. Começou então a sentar-se junto da avó, que lhe cantava baladas escocesas e cantares irlandeses, que ele acompanhava na toada com o seu pequeno violino, fazendo tão desconcertantes progressos que sua mãe começou a ensinar-lhe solfejo, com o que iniciou a leitura das notas e cedo tocou peças antênticas de boa música.

Por essa altura, na idade de 4 anos, atingiu logo tal versatilidade no manejo do arco e dos dedos, que sua mãe decidiu levá-lo a um célebre professor de violino, começando assim o seu rápido e ardente aprendizato, ao mesmo tempo que prosseguia os seus estudos nos variados ramos do saber humano, lendo Shakespeare e Scott, a Bíblia, «Pilgrim's Progress» e muitos clássicos. Conseguiu deste modo repetir cenas inteiras de Shakespeare e capítulos completos da Bíblia e representar fielmente passos de «Ricardo III» e de «Macbeth», declamando-os na maneira ortodoxa dos velhos trágicos.

Foi por essa altura que o ilustre Lyman J. Gage, então presidente do «First National Bank of the United States» e depois Secretário do Tesouro, se começou a interessar pelos dotes anormais da bela criança e convidou os membros da Drake University de Chicago para, conjuntamente com muitos homens de letras, da ciência e da medicina e ante um estenógrafo anotador, examinarem os dotes deste pequeno cérebro excepcional.

Todos os assistentes à sessão interrogaram Florizel sobre mil questões e o pequeno génio respondeu a mais de 500, tocando igualmente várias peças seleccionadas no violino. Uma cópia do documento da prova assinada por todos os examinadores foi enviada por Lyman Gage à *Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres*, pois Gage, sem que a sr.ª Von Reuter o soubesse, era estudante de Ocultismo.

Nessa data Florizel estava tão entusiasmado com «Pilgrim Progress», que Gage disse à mãe que receava o livro não fosse próprio para uma criança tão imaginativa, temendo que com o tempo o tomasse demasiado à letra. A mãe limitou-se a dizer-lhe que interrogasse o filho. O benemérito banqueiro perguntou ao menino o que sabia das montanhas mais altas dos Alpes e ele respondeu sem hesitação:

— Monte Branco e Monte Rosa.

— E onde fica o Monte da Dificuldade sobre que tanto lês no teu livro?

— Todos nós temos uma Montanha da Dificuldade e a minha é aprender a tocar o violino como Ysaye! (a quem ele ouvira tocar havia pouco).

Quando, tempos depois, Florizel teve a honrra de tocar pessoalmente para Ysaye — homem difícil no género — o ilustre músico ficou tão impressionado, que chorou de prazer e lhe ofereceu um retrato seu, autografado com estas palavras: «Para Florizel, o maior génio que até hoje conheci».

Durante este período de desenvolvimento Florizel ia todas as semanas ouvir concertos sinfónicos e óperas, entre elas «As Walkírias» e o «Siegfried» de Wagner.

UMA MEMÓRIA EXTRAORDINÁRIA

Depois das audições destas grandes partituras vinha para casa e era capaz de tocar todos os temas que ouvira no violino e no piano.

Enfim, aos 7 anos trouxeram-no para Londres, a fim de estudar com Emile Saurot, da *Real Aacademia de Música*, passando no ano seguinte uma temporada em Bruxelas, sob a tutela de Cesar Thomsen. Durante este período a sua técnica aumentou de maneira tão fenomenal, que era capaz de tocar de memória concertos monumentais como o n.º 2 de Wieniawsky, o concerto E Menor de Mendelssonhn e o G menor de Max Bruch.

O ANO DO TRIUNFO

O ano seguinte foi o ano do triunfo, depois de cursar o Conservatório de Genova durante 12 meses sob a direcção de Henri Marteau, o violinista francês, e ter obtido o seu diploma na extraordinária idade de nove anos, sendo a criança mais jovem que até então obtivera tal distinção. Esse diploma, o diploma de Virtuosidade e Capacidade», era disputado por largo número de candidatos e só foi obtido por Florizel Von Reuter e uma mulher de 25 anos de idade e a vitória custou àquele uma sólida semana de trabalho, com seus exames de história da música em Francês, ainda que o seu idioma fosse o Inglês, harmonia, contraponto, leitura de manuscritos, música, quarteto e trio em execução, composição, toque de piano e violino.

FAMA EUROPEIA

Nesta data já Florizel tinha aprendido de cor 11 concertos de violino, dois dos quais escolhidos para serem tocados perante o juri, além de habilidosamente ter demonstrado a sua capacidade para executar todos os 24 concertos de Nicolo Paganini, uma sonata para violino, de Bach, e mais 12 estudos de diversos compositores, bem como grande número de outras peças de violino e piano. Para os exames o juri escolheu o concerto E Menor de Mendelssonhn e Concerto

E Maior n.º 1 de Vieuxtemps, com o seu maravilhoso «Stancato Rondo» no final, tendo ainda que tocar a Sonata de Bach e dois caprichos de Paganini sorteados ao acaso.

E assim o seu nome ressoou pela Europa!

No entanto Florizel nunca descansava, excepto dormindo. Livros sobre os mais sérios problemas lia-os tão alegremente, como qualquer criança brinca com a bola, falando e escrevendo já diversas línguas, desenhando e pintando, escrevendo ensaios e histórias de aventuras, estudando história, geologia, geografia, biografias e literatura como passatempo.

NUNCA ESTAVA SÓ

Qual a explicação deste extraordinário complexo? Os espiritualistas compreendem-no. Desde os primeiros dias do seu estudo de violino, Florizel Von Reuter costumava dizer à mãe que nunca estava só, quando praticava, que sentia a presença de grandes músicos, sentados a seu lado para o «ajudar» e muitas vezes falava de alguém que o acompanhava, quando saía, dizendo que via esses vultos. A mãe, ainda que nunca ouvisse falar de Espiritismo, nem de que cada um de nós tivesse um vigilante espírito para nos guiar e ajudar, era bastante sensata para não o dissuadir das impressões que lhe pareciam fantásticas.

Ele próprio confessa o facto:

— Sempre faço melhor trabalho, se qualquer velho Mestre me escuta e ajuda quando toco e não o quero desapontar.

Tinha profunda admiração por Abraham Lincoln e sua mãe apagava as luzes para que ele pudesse, no seu leito, ver sentado a seu lado a figura do estadista, cuja fotografia lhe era familiar. Quem conhecer a semelhança que existe fisionòmicamente entre Lincoln e Paganini pode perguntar qual seria o que Florizel realmente visionava. Ambos exibiam as longas faces severas, os longos cabelos pretos, os largos narizes aquilinos e os penetrantes olhos negros, ambos vestiam os mesmos fatos do velho estilo e usavam o mesmo calçado. E estranho é dizê-lo, a sr.ª Von Reuter, que nos seus esforços por seu filho (esforços coroados de êxito) tanto apelara para a ajuda de Paganini, cessara então de pensar em tal.

OUVINDO UMA PARTITURA

Um dos grandes prazeres de Florizel a partir dos 8 anos era estudar as partituras das óperas, sinfonias e poemas sinfónicos. Estas partituras lia-as como os outros lêem um livro, transpondo para a sua mente os diferentes instrumentos e *ouvindo* as composições tocadas, enquanto estudava as partituras, muitas vezes no comboio, pois que ao viajar trazia consigo uma partitura miniatural e assim, quando mais tarde encontrava um piano, podia tocar a sinfonia de memória!

Deste modo decorou todas as partituras das óperas de Wagner, como todos os trabalhos orquestrais, a que juntou mais tarde as obras de Richard Strauss.

Depois de obter o seu diploma, aos 9 anos de idade, as circunstâncias financeiras de sr.ª Von Reuter forçaram-na a aceitar as ofertas que lhe haviam feito no sentido de seu filho se exibir em público; e, de facto, quando esse se realizava, fosse onde fosse, o sucesso era fantástico. E assim começaram as viagens pelos quatro cantos da terra e durante o ano seguinte percorreu toda a Europa, apresentando-se diante de quase todas as testas coroadas do continente, desde a Rússia à Inglaterra, desde a Suécia à Itália.

AMIGOS CÉLEBRES

Aos 10 anos de idade fez a sua primeira digressão pelo Levante e voltou lá dez vezes durante a sua vida. Isso trouxe-lhe amigos de renome mundial. Se olharmos os livros de autógrafos de Von Reuter — e possui dois — lá encontraremos nomes como Bernhardt, Patti, Melba, Marchesi, Nevada, Mark Twain, Jean de Reszke, Humperdink, Ysaye, Grieg, Sarasate, Elger, Strauss, Roosevelt, McKinley, dez reis e outras tantas rainhas.

Em 20 anos compôs três óperas, mais duma dúzia de poemas sinfónicos, sinfonias e peças para violino. Podia tocar de memória 50 concertos para violino, todos os seis trabalhos de Bach exclusivamente para este, as 10 sonatas de Beethoven, os 24 caprichos de Paganini e igualmente todas as composições de solo para melhor prática do violino. Escreveu dois trabalhos pedagógicos («Um Guia para a Literatura do Violino», «A Psicologia do Braço do Arco») publicados em Alemão e outros dois livros: «Experiências Psíquicas dum Músico» e o segundo sobre Espiritismo, em Inglês. Falava 6 línguas e versava e ensinava com proficiência, tanto os assuntos musicais como os psíquicos.

UM MISTÉRIO DESVENDADO

Só quando atingiu os 30 anos de idade, um homem feito, é que Von Reuter conheceu a verdade, ao dirigir-se à Califórnia para visitar Lyman J. Gage e ali ter o primeiro contacto com o Espiritismo. As investigações psíquicas de Gage, do tempo em que Von Reuter era criança, tinham-se transmutado no Espiritualismo dos últimos anos. Se um dos cérebros mais profundos da América se convencera dessa doutrina, não podia Von Reuter deixar de impressionar-se, sobretudo quando Leyman Gage lhe afirmou:

— Foram necessários 50 anos de investigações para me convencerem da realidade da comunhão dos espíritos.

Então Von Reuter perguntava-lhe se estava em contacto com qualquer médium da vizinhança, porque desejava sèriamente investigar as manifestações psíquicas. E começou a frequentar todas as sessões através da América.

Até que um dia, numa sessão onde se utilizava a trombeta, uma voz espiritual declarou:

— Está presente um jovem colega nesta sala. O seu nome é Paganini.

O ilustre músico partira para voltar na primeira altura e dar o seu testemunho. Mas o facto não impressionou Von Reuter, porque esquecera as preces de sua mãe pelo artista antes do nascimento do filho, como ela também as esquecera.

O QUE A MÃE ESQUECERA

«Mas — conta-nos Von Reuter no seu livro «Experiências Psíquicas dum Músico» — o espírito agradeceu efusivamente a minha mãe por

DECLARAÇÃO dos Direitos da Criança

Pela presente Declaração chamada Declaração de Genebra, *os homens e mulheres de todas as nações reconhecem que a humanidade deve dar à criança o melhor de si mesma e proclamam como dever:*

1.º — A Criança deve ser protegida, excluindo toda a consideração de raça, crença ou nacionalidade.

2.º — A Criança deve ser auxiliada, respeitando a integridade da família.

3.º — A Criança deve ser posta em condições de se desenvolver normalmente, do ponto de vista material, moral e espiritual.

4.º — A Criança faminta deve ser alimentada; a criança doente deve ser assistida; a criança deficiente deve ser ajudada; a criança desadaptada deve ser reeducada; o órfão e o abandonado devem ser recolhidos.

5.º — A Criança deve ser a primeira a receber qualquer socorro em caso de calamidade.

6.º — A Criança deve desfrutar plenamente das medidas profilácticas e de segurança sociais; e quando chegar ao momento de poder ganhar a vida deve ser protegida contra a exploração.

7.º — A Criança deve ser educada, inculcando-se-lhe o sentimento do dever e que deve de pôr as suas melhores qualidades ao serviço do próximo.

(De LA IDEA, de Buenos Aires)

me ter influenciado, antes do meu nascimento e durante a minha infância, no sentido de me interessar por ele e pela sua música».

— Já tocou todos os seus 24 caprichos — elucidou a sr.ª Von Reuter, que se encontrava presente na sala.

— Já sei — respondeu a voz — e muitas vezes assisti aos concertos onde ele os executou.

Florizel perguntou se lhe era possível tocar algo no seu violino, que colocara sobre uma mesa próxima. Outro espírito respondeu então:

— Experimente, mas como é a primeira vez que entra em contacto com o plano terreno, talvez seja difícil.

A MÃO INVISÍVEL

«Peguei no meu violino e no arco e imediatamente desapareceu da minha mão, ao passo que as cordas do violino eram arrebatadas por mãos invisíveis. Poucos momentos depois coloquei a mão direita no braço do instrumento e senti distintamente qualquer coisa tocar nas suas costas, um pouco acima do punho, e logo o arco me foi colocado nela, tão cuidadosamente como se o fosse por pessoa experimentada em empunhar um arco.

Em Nova Iorque, quando Von Reuter leccionava na *Sociedade de Investigações Psíquicas*, um médium presente, católico, que nada sabia da história, descreveu a figura de Paganini e a sua morte e assim a prova desta cadeia metafísica acentuou-se, revelando-se gradualmente. A seguir Artur Ford, em Nova Iorque, descreveu mais ou menos Paganini e o seu espírito-guia *Fletcher* disse que alguém, aparentemente o espírito do grande músico, estava aconselhando Von Reuter a respeito dos seus concertos:

— Ele pede que lhe diga que já eram bons amigos antes de Florizel nascer.

Eu próprio me sentei mais do que uma vez com a sr.ª Von Reuter e seu filho nas reuniões familiares em que Paganini era assíduo comunicante e provava a sua presença de mil maneiras. Algumas vezes Von Reuter confessava-me que, ao tocar, sentia as mãos movidas no sentido de melhor dedilhação.

Sentia que Paganini estava junto de si, guiando-o e ajudando-o.

No entanto, como se viu, só no meio da vida Von Reuter atingiu a verdade que com ele andara sempre, ainda que sua mãe o esquecesse. Um caso sensacional!

(Do «Two Worlds» de 13-9-1958, pág. 7-8)

A FESTA DO NATAL

NO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Prosseguindo nas suas tardes culturais, o *Centro Espiritualista Luz e Amor* realizou a sua Festa de Natal sob a proficiente direcção do nosso querido companheiro Jorge Raimundo, que substituiu António Cardoso, ausente no Brasil, mas presente em nossos corações. Se cá estivesse não deixaria de abrilhantar o certame com a sua presença jovial, a sua locução esfusiante, o seu entusiasmo a contagiar a assistência. E dar-nos-ia belas declamações e números de ilusionismo e sorteios de livros espiritas e metapsíquicos. Mas ele está longe, naquele Brasil imenso, cheio de atracção e maravilha ... É uma dobadoira, de São Paulo para o Rio, no Paraná, em Porto Alegre...

Assim, foi Jorge Raimundo o director da Festa, à qual deram o seu concurso elementos vários, entre eles D. Ema Cordeiro e os seus alunos, Isidoro Duarte Santos e Manuel Canaveira, segundo o programa que abaixo se apreciará.

Estas festas têm um motivo sério: reunir a família associativa do *Centro Luz e Amor* e proporcionar-lhe algumas horas de distracção, levando-a ao esquecimento momentâneo das agruras da vida, que tão penosa é para aqueles que lutam de fronte erguida, longe de sereias que às vezes solicitam para manietar e perder.

Eram 16 horas de um dia agreste, temperatura baixa com ameaças de chuva. Mas o Centro encheu-se de amigos que não temiam o mau tempo. Trouxeram o seu sorriso comunicativo, o seu contributo para a tertúlia — de vez em quando a festa passava a tertúlia — que deve ter ficado impressa na lembrança dos que assistiram.

A sala estava ornamentada com ramos de flores e verdura luxuriante que D. Raquel Duarte Santos dispusera com a sua intuição artística. Merece um voto de louvor por este inestimável e artístico trabalho, como já o mereceu nas outras festas anteriores.

Jorge Raimundo e Manuel Canaveira, os dois ases da facécia ...

Jorge Raimundo é uma presença. Onde estiver, a tristeza some-se pelo buraco do ponto. Sòzinho entretém uma plateia. A propósito de tudo há sempre um dito, um epigrama, uma anedota. E quando declama é com intenção e vibração.

Neste momento abriu ele os trabalhos com algumas palavras oportunas acerca do acontecimento e em seguida o presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, falou sobre o significado da festa, a que chamou de *cristãos novos*, aqueles cristãos que não comemoram o Natal com lauta mesa, mas que o trazem no coração, procurando aumentar a essência afectiva em obras beneficentes e em pensamentos cada vez mais puros.

— Este é o significado do certame! — exclamou —. Espiritismo é alegria, confraternidade, bem-fazer!

Em seguida D. Ema Cordeiro tocou ao piano «Avé-Maria», de Schubert, impregnando toda a sala de perfume harmonioso que as almas sentiram e hauriram. É uma verdadeira artista musical, sempre disposta a servir a Causa através duma virtuosidade rara.

A festa abriu com a nota alegre de Maria José Queiroga no «Vira da Aldeia», que soube cantar com vivacidade e alegria, imprimindo-lhe entusiasmo verdadeiramente juvenil.

Pode dizer-se que sacudiu os nervos aos assistentes.

Jorge Raimundo, pegando na «deixa», lembrou a «Dança do Xarém»:

«Se rapas as sobrancelhas para agradar ao derri-
[ço...»,
logo aconselhando:

«Toda a mulher que se casa deve ter o pau ao canto... para tirar o quebranto».

Coube então a vez a Mário Moutinho, aluno de D. Ema e muito nosso conhecido. Cantou «Olá, que tal?» numa voz cheia, bem timbrada, por vezes aliciante, e manteve toda a assistência em plena euforia musical. Foi um belo momento de ansiedade. Quando se ouvem melodias deste género amplia-se o que há em nós de elevado e chegamos a esquecer o ramerrão da vida. Para isso é que organizamos festas deste género, atraíndo jovens alegres, cultores de sentimento. E D. Ema Cordeiro, que se integrou em nossa vida associativa, que acompanha nossos passos com grande interesse, permaneceu e permanecerá ao piano para

satisfação de quantos se encontravam nas salas.

Jorge Raimundo continua a animar a festa. A propósito de

Isidoro Duarte Santos fala sobre o significado da Festa

anexins, aludiu a um azulejo típico colocado em casa de um amigo e que rezava assim:

«Cá em casa manda ela.
Quem manda nela sou eu!»

Não é como na do Gonçalo. Conhecem o Gonçalo? É um anjo que se deixa guiar pela mulher. Coitado! Bem se esfalfa a dizer que é a cabeça, esquecendo-se de que ela é o pescoço que o faz mover. Tudo isto para imprimir a nota, não a de banco que só se imprime em máquina específica, mas para imprimir a nota risonha à tarde cultural.

Como se vê, há notas e... notas. Chapéus há muitos, mas é preciso cuidado com o chapéu...

Chega ao estrado o Coelho de Sousa. Desta vez não faz ilusionismo por isto e por aquilo, etecétera e tal. Mas resolve contar duas anedotas. «Les portugais sont toujours gais», como dizem os parisienses, e nós sabemo-lo por experiência própria. Coelho de Sousa foi sóbrio, sem deixar o crédito por mãos alheias.

Ziza Dional cantou «Porque te Quero não Sei», na sua voz marulhante, suave e harmoniosa. Não sabemos se era samba ou fado-canção. Sabemos que todos se lembrarão do seu timbre perfeito. Já a tínhamos ouvido na Festa de Encerramento numa ária do «Elixir de Amor».

Logo em seguida Helder Padesca subiu ao estrado para cantar «Santa Maria», uma linda composição, cujos versos escreveu e se adaptam admiràvelmente à música. Cantou muito bem. É-nos familiar e estamos-lhe grato pela simpatia que nos tem dispensado. Mantém a posição conquistada noutras actuações. Arrancou palmas bem merecidas e teremos o prazer de ouvi-lo ainda noutras canções.

A festa vai em bom andamento. O «contra-regra» move os cordelinhos e os números aparecem, ora jocosos, com lágrimas à mistura, ora francamente alegres, como demonstrou Manuel Canaveira ao sentar-se ao piano. Mal colocou os dedos nas teclas, toda a gente sentiu cócegas nas articulações. Depois teve de contar chistes, anedotas, ditos e mexericos, em que é exímio, à excepção das duas últimas modalidades, em que é medíocre. Ditos e mexericos só refere os que encontra nos almanaques. Mas é um belo ponto. Aquela anedota dos *Três Papagaios* só poderia ter lembrado ao Canaveira. Ou então ao Raimundo, que lhe contou a do sr. Gaspar, que também estava engraçadíssima. Para onde lhe havia de dar, usar sapatos de 36, em pé de 41! Ali, sem bengala nem refresco, estiveram os dois «ases» da facécia a carregar com sete anedotas. O Canaveira tinha o motor embalado e custou a parar. É preciso observar o código da estrada...

Até que Alberto Alves desfez a conversa com «Guitarras da Mouraria», acompanhado ao piano, como não podia deixar de ser, pelo espírito gentil de D. Ema Cordeiro. Apesar de cansada, não abandonava o seu posto.

A voz de Alberto Alves é suave e melodiosa e pode vir a ser óptimo cantor, se a cultivar devidamente.

A guitarra é instrumento delicioso. De norte a sul de Portugal todos lhe rendem homenagem. É preciso intuição para compreendê-la e vibrar com ela. Então sim! Mas não é na Adega do Machado, no Retiro da Hermínia ou na Toca de qualquer coisa que ela geme a verdadeira toada. É para os lados de Coimbra, onde o Hilário a consagrou em versos de antologia. Mas Coimbra há só uma e Tocas há muitas. Há tantas como os chapéus.

Depois do Raimundo contar a

Maria José Queiroga na canção «Vira da Aldeia»

E. Psiq. - jan/60

Parte da assistência em cujo olhar se nota grande interesse pelo certame ...

anedota do Leão e da Leôa, tivemos a estreia da cativante Genita Passos, com «Velas ao Luar». Voz aberta, emocional, cem por cento feminina. É uma presença irradiante e simpática que voltará a ouvir-se de novo na 2.ª parte.

Agora entrou o samba na voz de Mário Moutinho.

Agora que o tempo passou
e a saudade aumentou ...
Agora que o tempo volveu
e o amor esqueceu ...
você vai ficar
onde eu a não posso alcançar ...

O cantor foi admirável de entoação e naturalidade. Mereceu bem as cálidas ovações. Só temos pena que ele a não tenha podido alcançar. Não sabemos se correu atrás da moça. Olhe que a mulher, quando foge, é para ser agarrada. Mas se o amor esqueceu, não deve haver novidade, seu Mário Moutinho, tanto mais, que você exclamou, por fim, em termos convincentes:

Agora ... Teu amor não volta [mais!

Então, que não volte. Ou então vá buscá-lo. Faça como a Maria José Queiroga, que a seguir cantou «Se vas a Calatayud» e trouxe o amor das Espanhas. Onde poderá chegar esta voz comunicativa, se a tratar com carinho na forja da aprendizagem? E ligada à viola, como aquele padre-cantor que anda pelo mundo a converter as almas?... Onde poderá chegar?...

Isidoro Duarte Santos leu em seguida «Meditação», do Dr. Vasco de Lemos Mourisca, poema espirita extraído do «Livro de Orações», uma verdadeira obra-prima dedicada ao Espírito de sua mãe. A leitura produziu grande emoção na sala. Viam-se lágrimas em muitos olhos. O estro do autor revela-o como luminoso poeta, susceptível das maiores alturas.

Surgiu então um autêntico valor que sempre nos tem honrado com o seu auxílio. O seu nome é António Vivas. Cantou admiràvelmente a «Ave-Maria», de Gounod. Discípulo de D. Ema Cordeiro, merece a nossa melhor atenção. E daqui lhe vaticinamos futuro magnífico, aquém e além fronteiras, porque a sua voz é uma dádiva da natureza e com pouco esforço atingirá a craveira de Tino Rossi ou Miguel Fleta.

A 1.ª parte estava quase a terminar. Jorge Raimundo subiu ao estrado, não como locutor, mas para declamar «O Menino e a Montra», poema de Isidoro Duarte Santos, escrito expressamente para a nossa festa.

O declamante arrebatou a assistência pela virtuosidade com que interpretou a poesia em que perpassa um sopro transcendente de observação ligado ao desejo de modificar o mundo no sentido do bem e da justiça. Não se trata de poesia infantil, como se poderá julgar pelo título, mas de uma peça forte que exige recursos declamatórios e Jorge Raimundo bem mereceu a enorme ovação que o recompensou, na qual foi envolvido o autor, também longamente aplaudido.

Seguidamente Ziza Dional e seu marido Elder Padesca cantaram o dueto da *Traviata* e foram ouvidos com profundo agrado.

E num ritmo inexcedível Júlio Ruela cantou «Chove lá Fora», precisamente quando começava a chover de verdade. Não podia ter melhor acompanhamento a canção do amigo Ruela. O programa foi tão bem organizado, que até a natureza colaborou connosco. Mais vale a quem Deus ajuda...

Até que chegámos à rifa de

Outro aspecto da assistência, que não dá pela passagem do tempo ...

várias carteiras e utensílios de plástico oferecidos pela nossa consócia D. Irene de Almeida e que renderam 230$00, destinados ao Fundo de Beneficência do Centro.

★

Mas a ordem mandava marchar, não mandava chover. E assim o artista Santos Duval cantou El Reloj» e Jenita Passos «Cá estão os Jornais». Ambos cantaram muito bem. Quando Jenita cantou ficámos tão sugestionados, que nos sentimos tentados a comprar o *Diário Popular* para ler as «Cartas ao Director». Depois é que vimos que estávamos na Rua do Salitre. Jenita é bonita. Rima e é verdade. Que ela volte ao Centro, noutra festa, a cantar e a fazer-nos vibrar com a sua presença.

Alberto Alves canta agora «Noite Feliz», a célebre canção que serviu de prelúdio à poesia «O Menino e a Montra»:

Noite feliz ...
Noite lustral ...
É Natal!
É Natal!...

Neste momento Isidoro Duarte Santos declamou «A Nuvem», de sua autoria, a pedido do nosso confrade Joaquim Fernandes de Albuquerque e que o público sublinhou com grande salva de palmas.

Júlio Ruela canta «Nel Blu di Pinto di Blu», canção dolente de feição alentejana e de harmonia com o seu temperamento.

Maria José Queiroga vem outra vez ao estrado para cantar «Todo o Cuidado é Pouco», sempre no mesmo tom alegre. Gostámos da sua actuação correcta, acompanhando com grande rigor a música e evitando dissonâncias a que não podem fugir os principiantes.

Isidoro Duarte Santos colaborou também no anedotário e foi contar, com graça e dinamismo, «O Saco das Nozes», a propósito do mote de Jorge Raimundo:

D. Ema Cordeiro acompanha a «Ave-Maria», de Schubert, cantada por António Vivas

Cá em casa manda ela!
Quem manda nela sou eu!

e provou que, de facto, há mais casas de Gonçalo do que julgamos. Matulões empertigados que esmagam calçadas andam em casa às ordens das mulheres com medo de partir um prato, como sucedeu ao mata-mouros da história. E revelou anedotas esfusiantes de alegria. Isidoro Santos é homem moderno, cheio de mocidade, e aconselha os cantos da boca em cima aos sorumbáticos dos dois sexos, para que a vida custe menos a passar.

Estávamos quase no fim da 2.ª parte. Fernando Santos não tinha cá o seu amigo Humberto, que se encontrava doente, e limitou-se a contar a anedota de um inglês, um francês e um chinês.

Franceses e Ingleses há muitos, mas Chineses há muito mais. Por isso este ganhou a partida, fiado no grande número de companheiros ...

Santos Duval canta «Piove», Zizi Dional delicia-nos com a valsa da *Boémia*, Júlio Padesca canta «La Danza» em tom marcial e António Vivas termina com a «Ave-Maria», de Schubert, acompanhado ao piano por D. Ema Cordeiro, animadora musical do certame.

Isidoro Duarte Santos subiu a última vez ao estrado para lembrar a acção meritória do *Grupo de Protecção às Crianças* que no Centro trabalha silenciosamente, a fim de proporcionar enxovais aos recém-nascidos.

No final, Jorge Raimundo, agradeceu a todos a comparência amiga e teceu merecidos louvores a D. Ema Cordeiro pelo espírito de solidariedade demonstrado com o seu concurso sempre brilhante dado às nossas festas.

A chuva continuava a tamborilar nos vidros das janelas, convidando a assistência a permanecer mais algum tempo na sala. Mas eram 20 horas e ... «primum vivere deinde philosofare». Sim, primeiro está a vida e depois o recreio do espírito.

O *Centro Luz e Amor* juntava mais um triunfo aos triunfos alcançados.

E agora ... até à Festa da Páscoa!

SAUDAÇÕES FRATERNAS

Neste princípio de ano enviamos as nossas saudações aos confrades em geral, a todos desejando coragem e resignação no que tiverem de enfrentar e suportar. Às colectividades espiritas transmitimos vibrações de harmonia e aos amigos do Brasil enviamos um pouco do nosso coração que pulsa com eles nas horas boas e más. Que 1960 esclareça o horizonte aos homens de boa vontade e o Espiritismo dê um passo em frente em Portugal.

A Ciência Espírita, Precursora da Era Atómica

Por

HUMBERTO MARIOTTI

A intuição genial de eminentes espiritistas do passado referente ao átomo está-se hoje afinando nos laboratórios científicos. Há cinquenta anos que o Espiritismo vem sustentando a divisibilidade do átomo, afrontando assim os motejos dos dogmáticos e pusilânimes. Apesar disso, o génio científico, filosófico e religioso da ciência espirita vê confirmado o seu anúncio dos fins do século passado relativo ao desmoronamento dos dogmas, tanto científicos, como religiosos.

A ciência moderna aproxima-se cada vez mais do invisível, reconhecendo assim os postulados da filosofia espirita. Gustavo le Bon, eminente químico francês, ao referir-se à evolução e renovação do conhecimento dizia: «Com isto se demonstra que certos dogmas científicos não têm mais consistência que as divindades das épocas passadas. Daí, a filosofia cintífica, difundida na Europa pelo Dr. Gustavo Geley e propiciada entusiastamente na América por José Ingenieros, nunca aceitou dogmas definitivos, visto que tudo está sujeito a mudança, renovação e evolução. Compreendendo-o assim, a ciência espirita declarou: *Caminhando com o progresso nunca se estratificará, porque, se novos descobrimentos lhe demonstrarem que está em erro num ponto, modificar-se-á nesse ponto; se uma nova verdade se revelar, aceitá-la-á.* A isto acrescentou o Dr. Geley: «O Universo, quer em parte, quer na sua totalidade está submetido a evolução progressiva contínua».

Esta posição evolucionista da filosofia científica e da gnoseologia espirita marca, como pensava *sir* James Jean no seu livro *O Universo Misterioso*, a necessidade de aceitar «o fim da era mecânica e a aparição de uma nova era».

A VIDA DO HOMEM CARECE AINDA DE UMA VERDADEIRA TEOLOGIA

O mundo mecanicista foi a base do conceito materialista do homem e do universo. Se o materialismo foi obrigado a evolucionar para a velha concepção grega sustentada por Heráclito de Éfeso, adoptando a teoria do pensamento dialéctico do mundo, a vida do homem carece ainda de verdadeira teologia espiritual e escatológica. O mundo mecânico ou formal entra em crise e aparece a concepção da matéria radiante, descoberta por William Crookes. Mas este descobrimento não influiu como devia na actividade filosófica da época. Apesar disto o materialismo e o mecanicismo desmoronaram-se e o império do invisível apodera-se da consciência filosófica moderna, confirmando o Espiritismo.

A divisão do átomo, considerada antes como indivisível, é uma confirmação da existência do mundo invisível, postulado pela ciência espirita. No invisível há, pois, vida e inteligência e é onde assenta o factor primordial em que se baseia o mundo físico e visível. Este conceito negado pelo materialismo mecanicista está hoje superado pelo avanço da ciência física e pelos fenómenos da mediunidade de efeitos físicos.

León Denis, um dos grandes propulsores do Espiritismo, escrevia o seguinte: «A matéria é apenas um modo, uma forma pasageira da substância universal que escapa à análise e desaparece sob a objectiva do microscópio, para transformar-se em radiações subtis, que não têm existência própria. As filosofias que a tomam por base repousam numa aparência, numa espécie de ilusão (1)».

Com este conceito deve-se reconhecer que a «matéria não tem realidade positiva», como afirmava o nosso médium Cosme Mariño, e que a verdadeira objectividade do universo está no invisível. Ora bem; este conceito do indivisível não é uma proposição metafísica, segundo a modalidade dos velhos sistemas religiosos. Quando o antigo Oriente nos falava de *maya* ao referir-se às coisas físicas, mantinha intuitivamente uma realidade científica. Mas o conhecimento intuitivo não conseguiu apenas convencer o homem moderno no Ocidente, pois se o invisível não fosse corroborado pela investigação científica, não passaria de um conceito metafísico indemonstrável para a ciência.

PARA A VERIFICAÇÃO DO INVISÍVEL POSITIVO

Com as ciências psíquicas e espiritas pode-se agora falar de um retorno ao *invisível positivo*. William Crookes, ao dedicar-se ao estudo dos fenómenos de materialização, descobriu o quarto estado da matéria, quer dizer, o que se chamou depois *estado radiante*. Este grande descobrimento pôs termo à distinção entre matéria e força, ao ponto de comprovar que ambas representam uma só realidade. Os fenómenos de materialização e desmaterialização da energia levaram Crookes a dizer: «A matéria é um simples estado de movimento».

O conceito de vibração foi já assinalado por mestres do antigo Egipto, os quais demonstravam que as diferenças entre as diversas manifestações da matéria respondiam a uma proporção dissemilhante de vibrações.

Quintín Gómez, um dos mais notáveis filósofos do Espiritismo, afirmava a tal respeito o se-

(1) *O Grande Enigma*, cap. 11.

guinte: «A matéria em si nunca passará de um símbolo, um termo de comparação entre as nossas percepções e as modalidades da substância. Alteremos a sensação e a imagem e as propriedades que à imagem atribuirmos». Como se compreenderá, tal conceito conduz à aceitação do *invisível positivo*, assinalando à consciência filosófica que o Ser e a Inteligência não dependem dos princípios materiais, mas que respondem a essa realidade do invisível, onde a vida se nutre e toma novas formas de expressão.

Ao referir-se à materialização da energia, o metapsiquista francês René Sudre, escreveu: «Os trabalhos de Einstein e de Planck permitem aos físicos generalizar a hipótese (materialização da energia) de fazer desaparecer, ou, pelo menos, atenuar o dualismo tradicional, que era uma das grandes dificuldades da filosofia científica... O descobrimento de propriedades comuns entre os dois constituintes aparentes do mundo sensível, faz-nos compreender hoje a sua interacção e oferece-nos um precioso recurso na teoria metafísica, legitimando a hipótese do fluido psíquico, que é matéria e energia».

Ora bem; que a matéria está condicionada por átomos divisíveis e que, em última instância, é de natureza invisível demonstram-no também os chamados raios X, ou sejam as radiações emanadas das ampolas de cristal, descobertas por Conrado Roentgen. Como se sabe, mediante os ditos raios pode-se fotografar o invisível, visto que têm a propriedade de atravessar a maior parte dos corpos opacos.

AS RADIAÇÕES DA MATÉRIA

As radiações da matéria são uma propriedade geral dos corpos. Este fenómeno indica-nos que a matéria pode dissociar-se indefinidamente, já que a sua verdadeira realidade não é mais do que energia condensada. Tanto os esposos Curie com o descobrimento do rádium, como Gustavo Le Bon, com as verificações da radioactividade, nos levam a afirmar que a ciência espirita não se equivocou na sua concepção referente à matéria. De resto, vê-se claramente que *a teoria do átomo indivisível* — escreveu León Denis — *que há dois mil anos servia de base à Física e à Química, agora se derroga*, e que, portanto, a realidade atómica demonstra que *toda a matéria, como* dizia *sir* William Crookes, *voltará a passar pelo estado etéreo, donde procede.*

A INTUIÇÃO FILOSÓFICA DE KARDEC SOBRE A MATÉRIA

A intuição filosófica levou Allan Kardec a predizer o que era, na realidade, a matéria. Estudando a constituição dos fluidos espirituais que, «em definitivo, dizia, são sempre matéria mais ou menos subtilizada», acrescentava: «Posto que a matéria tangível tenha por elemento primitivo o *fluido cósmico eterizado*, decompondo-se este, deve poder voltar ao estado de eterização, como o diamante que, sendo o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se e reduzir-se a gás impalpável. *A solidificação da matéria é um simples estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao estado primitivo*, quando deixem de existir as condições de coesão» (De *A Génese*, obra publicada em 1868).

Como se verá, tudo o que a Física Moderna demonstra é uma confirmação kardequiana e espirita sobre a matéria: a sua penetrabilidade pela fusão do átomo confirma-nos a existência do mundo invisível, no qual reside o mundo dos espíritos. Mas ao dissociar-se o átomo, esfumam-se, assim, as estruturas formais da matéria e, para além dela, começa o mundo do pensamento e do espírito. Finalmente o homem é um ser invisível, já que a sua parte visível ou corpórea é manifestação da sua natureza invisível.

OS FENÓMENOS DE TRANSPORTE OU A PASSAGEM DA MATÉRIA ATRAVÉS DA MATÉRIA

Allan Kardec não se deteve jamais ante a aparente realidade objectiva da matéria. Sabia que a única ciência que poderia confirmar a sua irrealidade física era o Espiritismo, campeão insuperável na demonstração do mundo invisível e afirmou que a ciência espirita era uma «introdução ao conhecimento do mundo invisível» e que a sua acção consiste em conduzir à filosofia e à consciência humana a realidade *do invisível positivo*. Pois Kardec deixou estabelecida a teoria dum «laboratório do mundo invisível» *(O Livro dos Médiuns*, cap. VIII*)*, segundo o qual a matéria pode experimentar toda a espécie de transtornos sob a influência do espírito. Com o Espiritismo e a sua fenomenologia ficou confirmada a hipótese do éter, ao comprovar-se o estado etérico da matéria. Esse estado etérico ou intangível foi anunciado por Kardec há quase um século, quando escreveu: «Há um fluido etérico que enche o espaço e penetra nos corpos. Este fluido é o *éter ou matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres». (*A Génese*, cap. VI).

O seu grande discípulo, Léon Denis, confirmou esse critério do mestre, dizendo: «A energia parece ser a única substância universal. No estado compacto reveste as aparências a que chamamos matéria sólida, líquida e gasosa; de modo mais subtil, a energia constitui os fenómenos de luz, calor, electricidade, magnetismo, afinidade química ...».

O Dr. Ovídio Rebaudi, distinto espirita paraguaio e eminente homem de ciência, afirmava, baseando-se na parte científica e experimental do Espiritismo, que «a matéria é um estado transitório da energia», o qual era corroborado pelo Dr. Gustavo Geley, quando escreveu: «Conforme os preceitos da Física e da Química, a doutrina espirita faz-nos entrever a unidade da matéria e a unidade das forças», acrescentando: «O grande descobrimento da matéria radiante, por outro lado, permite, compreender fàcilmente a constituição do corpo astral. E, finalmente, o nosso conhecimento acerca da *constituição molecular dos corpos* permite-nos não considerar absurdo e improvável ou impossível os fenómenos de materialização e desmaterialização».

Como se verá, a falta de consistência da matéria é devida ao facto de o visível estar condicionado e organizado pelo invisível e que, se a desintegração do átomo é possível, é porque o invisível rege o visível, pois se a matéria tivesse a forma que aparenta, não se produziriam os fe-

nómenos de movimento molecular, transformação e evolução, nem de materialização e desmaterialização.

Com isto, — escrevia Léon Denis —, derroga-se *a teoria do átomo indivisível que há dois mil anos servia de base à Física e à Química, e, com ela, as clássicas destinções entre o ponderável e o imponderável. A soberania da matéria, que julgavam absoluta e eterna, desvanece-se.* Além disso, se o Espiritismo não aceitasse uma concepção fluídica e etérica da matéria, não poderia explicar a origem dos seus fenómenos parapsicológicos, metapsíquicos e mediúnicos, sobretudo os fenómenos chamados de transporte, os quais confirmam o que se reconhece como passagem da matéria através da matéria»; porque, se há fenómenos de transporte, é porque a matéria não tem realidade positiva, como afirmava Cosme Mariño, e que no universo tudo é energia, vibração e movimento. Para a ciência espirita a matéria é uma condensação da vontade pela qual se manifesta o espírito ao mundo físico. Não é ousado então afirmar que a forma seja delineamento ou esboço geométrico produzido pelo Ser e as representações físicas uma expressão formal do manifestado. Por conseguinte, o Espiritismo reconhece que a matéria não é o mundo definitivo do homem(mas sabe que toda a acção ética e criadora do Espírito encarnado se efectua através da matéria. Porque, segundo Kardec, «os mundos materiais é que devem fornecer aos seres espirituais elementos activos para o desenvolvimento da sua inteligência» (*A Génese*, cap. XI).

Para a ciência espirita existe no universo a *metamatéria;* daí, em vez de nos falar do metafísico, vocábulo muito em voga entre as diversas teologias, apresenta-nos uma *psicofísica*, através da qual se compreende que matéria, força e espírito se interpenetram e que são a mesma manifestação de um dinamopsiquismo essencial que evoluciona constantemente. Deste modo o Espiritismo surge ao pensamento moderno como reconciliador entre a matéria e o espírito e que, segundo o Dr. Geley, «oferece campo de reconhecimento entre o Materialismo e o Espiritualismo», porque o erro de ambas as correntes foi afirmar princípios unilaterais; mas o Espiritismo, aceitando tanto a matéria como o espírito, demonstrou que materialismo e espiritualismo são expressões da mesma realidade.

A ciência — disse Léon Denis — equivocou-se durante alguns séculos na análise dos elementos que constituem o Universo e agora deve destruir o que penosamente edificou. Ao cair, *o dogma científico da unidade irredutível do átomo arrasta consigo todas as teorias materialistas. A existência dos fluidos afirmada pelos espiritistas há 50 anos — e que lhes valeu tantos motejos por parte dos sábios oficiais — tem sido confirmada de maneira rigorosa por meio da experiência.*

Confiando no porvir do espírito humano, diremos que, se a energia atómica não se colocar nas mãos da ética e da verdadeira espiritualidade cristã, poderá constituir um grande perigo para a sociedade. Pelo contrário, se a Era Atómica se colocasse a par da Era Espirita, o destino da energia nuclear seria verdadeiramente benéfico e ajudaria o homem a viver melhor, ampliando os horizontes da sua visão espiritual.

(Traduzido de «La Idea» por C. A.)

SABER VIVER

Por Idalinda A. Matos

Nada mais agradável para a alegria de viver do que mourejar com criaturas compreensivas. Existindo o clima da harmonia as peripécias naturais são suportáveis. Almas amigas, reunidas em família, é a mais doce bênção dos céus. Observamos, de um modo geral, serem muito raros os casos de completa compreensão entre os familiares, pois, quase sempre, são espíritos comprometidos entre si com responsabilidades de resgates sérios. Num ou noutro caso, naturalmente, é a colheita que se faz presente. Desagradável é pisar sobre espinhos enquanto aspirar flores devanece! Há mérito, porém, em saber enriquecer o ambiente sombrio com as irradiações luminosas do nosso entendimento. Sermos bons entre os bons não valoriza; a valia do homem está em saber suportar as fraquezas do próximo. Quando possível, ir até ele, se for necessário descer para a subida ser mais destacada.

Somos todos caminheiros! Uns mais errantes, sem atinarem com o roteiro; outros seguem pela estrada larga; há, entretanto, alguns mais diligentes que divisaram atalhos capazes de abreviar-lhes a caminhada. Os primeiros são os perdidos nos pântanos das ilusões: nada sabem, nada querem, só perturbam. Os segundos consideram-se os senhores da verdade: orgulho, vaidade e pouco progresso medram em si. «Os últimos— no dizer do evangelho — são os primeiros»: atalhos são passagens escabrosas, quase sempre íngremes por onde o discípulo peregrina, anònimamente, distribuíndo às mãos cheias afecto, elucidação, tolerância e perdão. Onde há necessidade maior destas partilhas?! Quase sempre no santuário do lar onde se forjam almas enegrecidas do passado, precisando de muito amparo, a fim de não cairem no precipício do suicídio ou do crime.

Alma querida, se tens um vislumbre dessa Luz radiosa emanada do Alto socorre os que te cercam!

Quem tem pouco pode dar alguma coisa; inconcebível seria exigir daqueles que ainda nada adquiriram.

Saber viver é procurar encantar a vida com as lantejoulas da compreensão.

Rio de Janeiro.

O Destino do Espiritismo

Por AHMAD P. ROBINSON

As pancadas reveladoras de Hydesville, há mais de um século, significam algo de extraordinário para um mundo em certos aspectos mergulhado nas trevas e na ignorância. O século anterior, a partir aproximadamente de 1750, havia testemunhado o alivio de certo grau de cepticismo resultante do abalo sofrido pelos dogmas das religiões ortodoxas e dos credos nas suas próprias fundações.

Jean Jacques Rousseau (e mais tarde Voltaire) começou os seus ataques materialistas e ateus àqueles dogmas, donde resultou um sério antagonismo entre católicos e protestantes.

Os intelectuais apresentaram-se publicamente como testemunhas contra a fraqueza das religiões ortodoxas e da sua prática pelo povo, em geral, e pelo clero, em particular.

A França experimentava horas terríveis e duas épocas sangrentas, uma com a Revolução e outra com as guerras napoleónicas.

E, contudo, esse indecifrável idealista de coração de pedra que se chamou Robespierre, no meio da carnificina com que exterminava até os camaradas, declarava muitas vezes:

— Se Deus não existisse seria muitíssimo vantajoso que a raça humana o inventasse.

Para celebrar mais uma vez o entronamento de Deus na catedral de «Notre Dame», o misterioso Robespierre forçou os seus colegas da Assembleia Legislativa, com a sua sanção oficial, a declarar que acreditavam nele.

Anos depois outro vulto muito maior e superior, Napoleão Bonaparte, declarava na Ilha de Santa Helena:

— Só há um Deus em que acredito, como acredito em todos os seus profetas, sobretudo Maomé.

Assim vemos dois homens notáveis, dois autocratas consumados nas suas esferas e domínios, admitindo e proclamando a existência de um Ser superior. Robespierre, ainda que hipócrita ou ultra-idealista, era aclamado pelos seus contemporâneos como o Incorruptível e procedeu, no entanto e para justificar o título, à chacina de milhares de vítimas.

Napoleão — talvez o maior génio de todos os tempos e vítima da sua ambição pessoal — navegou sobre torrentes de sangue para atingir os seus fins e satisfazer os seus desejos. Estranho é, portanto, pensarmos ver dois homens tão diferentes no seu carácter porem-se de acordo, quase no fim da vida, sobre a existência de um Espírito Supremo.

Aproximadamente três décadas após a morte do grande corso nascia o Espiritismo com o regresso do espírito de um humilde trabalhador a uma moradia desconhecida. E isto aconteceu, quando a humanidade e os seus cientistas nada sabiam da energia nuclear ou da eterna energia encerrada naquilo que então se considerava «matéria morta». E, no entanto, o fenómeno psíquico verificado na pequena casa de madeira de Hydesville desentranhar-se-ia em ricos frutos e na legenda de todos os espiritas: «a morte não existe».

Vivemos uma época semelhante ao período que vai de 1750 a 1850 e muito da decadência das religiões ortodoxas se tem, dia a dia, verificado. Mas a resposta ao agnosticismo só a pode dar, na sua evidência irrefutável, o Espiritismo. E os homens da era atómica terão de reconhecer como ilusória a ideia de que a matéria e o espírito estavam irremediàvelmente separados e que igualmente não existe morte ou fim para algo no Universo; apenas novas experiências infinitas de vida. E chegamos a este objectivo: a finalidade suprema do Espiritismo é restaurar o dom de Deus e o mais alto e pleno grau de comunhão divina.

Assim não há dúvida que temos que marchar com Deus, sem nunca afrouxar o laço que a Ele nos une, como no passado se fez, porque o divino comando se tornava incómodo.

Na idade vindoura a maior conquista do homem será, não só a voz dos que já partiram, mas a voz igual do Eterno. E o seu amor pelo filho pródigo será ouvido em todos os templos espiritas:

— O teu Deus vive!

ANTÓNIO CARDOSO NO BRASIL

Segundo notícias recebidas, o nosso companheiro António Cardoso tem recebido as maiores demonstrações de apreço dos confrades brasileiros, no Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre e Curitiba, onde realizou algumas conferências, entre elas, «As Maravilhas do Naturismo Moderno», «A Mediunidade», «O Naturismo na Europa», «O Espiritismo Europeu», etc., etc.

Além disso tem visitado inúmeras agremiações, entre elas «A Maternidade «Casa da Mãe Pobre», o «Hospital Espirita de Porto Alegre», o «Abrigo Francisco de Paula», a «Sociedade de Medicina e Espiritismo», além de alguns restaurantes vegetarianos que lhe deixaram a melhor impressão.

Em São Paulo falou na «Federação Espirita do Estado de São Paulo» e visitou um campo naturista dos arredores da capital.

Também falou ao microfone de alguns programas espiritas.

No próximo dia 10 de Janeiro embarcará de regresso a Lisboa. Fazemos votos para que tenha uma boa viagem.

NATAL DOS NECESSITADOS

Transporte do número anterior	2.793$50
Jorge Costa Gomes Pinto, de Lajes, Açores	100$00
António Domingos, de Lisboa	10$00
Albertino Gonçalves, de Lisboa	10$00
Sócio 542, de Lisboa	5$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	100$00
Inácio de Oliveira, de Ovar	30$00
Àngelo Lameiras Fernandes, de Lisboa	100$00
Manuel Correia Lopes, de Nova Iguaçú	200$00
Germano Júlio Amaro, de Lisboa	20$00
António Rodrigues, de Sá da Bandeira	10$00
J & E, de Lisboa	20$00
Joaquim Cordeiro, de Senhor Roubado	20$00
Leonel Gomes Pinto, de Malange	100$00
Ermelinda Santos, de Lisboa	50$00
Celeste Aurora R. Lopes, de Lisboa	50$00
Agostinho João Gomes, de Benfica do Ribatejo	30$00
Palmira Nazaré Gomes, de Benfica do Ribatejo	40$00
Eugénio da Costa Morgado, de Aveiro	50$00
José da Silva Bonifácio, de Ovar	50$00
Manuel de Sousa, de Silves	20$00
Albertino Gonçalves, de Lisboa	10$00
Cupertina F. Meneses, de Alhandra	26$50
Maria Luisa Leal Bravo, de Lisboa	20$00
Piedade de Barros Gomes, de Lisboa	100$00
Áurea Ferreira Lourenço, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Lisboa	10$00
António Gonçalves César, de Abrantes	20$00
João Gomes Ferreira Júnior, de Lisboa	50$00
Manuel Romano Ângelo, de Cacilhas	10$00
Sabina Marques Garcia, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Lisboa	10$00
Isaac Marques, de Viseu	15$00
Joaquim Dias, de Lisboa	20$00
C. V. S.	10$00
António Maria dos Santos, de Luanda	100$00
Anónimo, de Lisboa	30$00
António Gonçalves de Campos, de Lisboa	20$00
Serafim Nunes, de Castelo Branco	20$00
Estêvão Ferreira Alho, de Castelo Branco	20$00
Espírito em depuração no orbe terráqueo	18$50
Maria da Silva Jácome, de Ponta Delgada	40$00
Um Espirita, de Albergaria-a-Velha	100$00
Zizinia Neves, de Coimbra	10$00
Anónimo, de Lisboa	10$00
Joaquim Bernardino, de Lisboa	10$00
A — M L, de Lisboa	50$00
Ana Bárbara Colaço Guerreiro, de Lisboa	50$00
Maria Marques Oliveira, de Rossio ao Sul do Tejo	20$00
M. T. G., de Lisboa	40$00
Carlos Calderon Dinis, de Lisboa	50$00
Maria Celeste Lanita, de Lisboa	50$00
Maria do Sacramento Gaspar, de Lisboa	50$00
F. Pereira Angelino, de Angra do Heroismo	100$00
Alice Monteiro Bárbara Araújo, do Lobito	47$50
João da Graça Vital, da Barquinha	20$00
José Farinha, de Angra do Heroismo	30$00
M. M. M. B., de Lisboa	20$00
Monteiro Lourenço, de Parede	20$00
Violeta Antunes Lopes, de Lisboa	20$00
João Vicente de Freitas, de Beja	30$00
Lília Costa e Silva, de Lisboa	20$00
José Afonso, de Matosinhos	20$00
Maria José Santos Amaral, de Coimbra	20$00
A. P. A., de Lisboa	100$00
Anónimo, de Coimbra	24$00
J. Germano dos Santos Silva, da Beira	47$50
H. F., de Lisboa	10$00
Feliciana Freire, do Dundo	100$00
Adriano Lopes do Paço, de S. João de Loure	20$00
João António Rodrigues, de Faro	30$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	40$00
M. N.,	50$00
AS M	50$00
Anónimo, de Lisboa	20$00
Maria Alice Moreira, «em memória de meu esposo amigo desta Casa dos Pobres, Severo Moreira»	70$00
Ilegível	50$00
Alberto Cardoso e seus filhos Augusto Luís e Fátima, da Pampilhosa	20$00
Noémia de Jesus V. Marques, do Lobito	100$00
Maria Madalena Silva, de Almada	50$00
Francisco Grilo Fevereiro, de Estremoz	100$00
António J. P. Gonçalves, de Almeirim	20$00
José Gonçalves Losa, de Lisboa	20$00
Jerónimo G. de Almeida, de S. Pedro do Sul	30$00
Joaquim do Cabo Correia, de Pedrógão do Alentejo	17$50
Augusto H. V. B. Martins, de Beja	20$00
Romão Saragoça Velez, de Campo Maior	10$00
Luís Gonçalves de Carvalho, da Horta	100$00
Albano A. Ribeiro, do Porto, sufragando os Espíritos de duas Marias	20$00
Frederico Pereira, de Lisboa	10$00
João Pinto de Oliveira Muge, da Beira	100$00
Eva Pires, de Lisboa	20$00
A transportar	6.185$00

(Continua na página seguinte)

NOTÍCIAS DA BAHIA

Comemorando o seu 5.º aniversário de fundação o Centro Espirita «Posto de Socorro Bezerra da Menezes», pela sua Directoria, realizou uma sessão comemorativa, durante a qual o seu Presidente, o Sr. José Santiago, fez um relato sucinto das actividades do referido Centro que, mercê de Deus, em tão pouco tempo e graças à compreensão dos idealistas do Espiritismo, realizou vários benefícios, entre os quais auxílio à pobreza, através da instalação de um Posto Médico, funcionando com 4 médicos, sendo dois pediatras e 2 de clínica geral, tendo ainda distribuído géneros e roupas pelo Natal dos anos anteriores, bem como distribuído cobertores à pobreza na 2.ª Campanha de Inverno, realizada este ano, além de ter conseguido um substancial auxílio particular e com o seu expêndio ter adquirido a sua sede própria, à Rua Jogo do Carneiro, n.º 3, onde vêm sendo realizadas as sessões doutrinárias e práticas.

Nesta oportunidade falaram outros oradores, tendo-se estendido até às 22 horas as referidas comemorações, as quais, como principiaram, foram encerradas com uma prece. O Centro em apreço foi fundado em 6 de Novembro de 1954.

★

Teve lugar nesta capital a realização do XVI Congresso de Esperanto, língua de carácter internacional que, no Brasil, vem sendo desenvolvida com entusiasmo, sendo o Brasil o 2.º país no Mundo, a aceitar a língua como solução ideal de compreensão entre os povos, com tantas línguas e dialectos a dificultar as relações humanas. Durante a semana de 23 a 30 de Outubro foi a Bandeira do Esperanto içada em ponto central da capital, chamando a atenção de quantos passaram pelo Centro da nossa urbe, significando estar a cidade comerando o seu Congresso de Esperanto, ao qual compareceram várias delegações do interior e de vários Estados, do Norte, do Centro e do Sul do país, sendo a solenidade encerrada com uma mensagem do Dr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil. E como na espiritualidade as entidades preparam o Brasil de amanhã, é curioso notar o interesse que vem despertando entre os nossos irmãos, mesmo entre os que não professam a doutrina espirita.

★

Comemorou também a passagem do seu aniversário o Centro Espirita denominado *Instituto Kardecista da Bahia*, o mais antigo de Salvador, depois da *União Espirita Bahiana*, tendo na oportunidade comparecido aos seus salões grande número de confrades dirigentes de Centros e na oportunidade falou o confrade Divaldo Franco que exalçou a data magna da comemoração, tendo um confrade da *União Social Espirita do Brasil (USEB)* falado sobre a unificação do Espiritismo, sob a égide de Allan Kardec, o grande codificador da doutrina, tendo por pedestal os ensinamentos de Jesus. O evento teve a data de 25 de Outubro findo.

★

Realizou-se no dia 8 de Novembro o piquenique promivido pela *União Espirita Bahiana* na chácara recentemente adquirida para instalação de um *Sanatório Espirita da Bahia*, o segundo no Norte do Brasil. Foi uma festa bastante concorrida à qual compareceu grande número de confrades, todos empenhados em ver concretizada esta grande obra de alcance social que virá minorar a situação aflitiva em que se encontram muitos dos nossos irmãos carentes de auxílio, que não obtêm em sanatórios inadequados. E assim, com mais algum tempo, será inaugurado na Cidade do Salvador, um *Sanatório Espirita da Bahia*, que obedecerá ao mesmo fim a que se destina o de Uberaba, em Minas Gerais: cura de obsessões.

(Do nosso correspondente em Salvador)

Transporte	**6.185$00**
Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça	**10$00**
Sócios 515 e 516, de Lisboa	**50$00**
António Constantino Brites, do Cartaxo	**20$00**
José de Oliveira e Silva, de Oiã - Malhapão	**5$00**
Anónimo, de Lisboa	**30$00**
António Nogueira Gonçalves, de Lisboa	**10$00**
Anónimo, de Boane - Moçambique ...	**50$00**
João Jorge da Cruz, da Beira	**50$00**
Celeste Macedo e Cunha, de Camabatela, Angola, em agradecimento pela cura de seu marido obtida no Grupo «Reper-Siam»	**1.000$00**
Total	**7.410$00**

De um sócio anónimo recebemos alguns pares de sapatos. De Noémia de Seabra, de Lisboa, dois cobertores e de Dulce Pereira de Brito, de Entradas, um casaquinho de malha.

No próximo dia 4 do corrente faremos outra distribuição relativa aos donativos que chegaram depois do Natal.

Ficámos satisfeitos com a colheita obtida. Sabíamos que o resultado seria satisfatório e que, nesta quadra invernosa, alguma coisa faríamos por tantos seres que necessitam de carinho. Agora é a satisfação que se apodera de nós, incitando a outras fainas.

A todos os subscritores enviamos os nossos agradecimentos com votos de saúde e progresso espiritual.

Os Fenómenos Espiritas
Ficção ou Realidade?

por EUGÉNE BERTRAND

I

Não existe outra explicação racional dos fenómenos além da hipótese da sobrevivência humana; e as provas cumulativas que convergem a seu favor são a tal ponto inabaláveis, que não hesito em declarar que são completamente equivalentes e até mesmo superiores àquelas que confirmam a teoria da evolução.

Esta declaração formal do digno Professor *James Hislop* na sua obra «Contactos com o Outro Mundo», editada em 1919, poderia deixar supor aos profanos que o céu dos espiritas é límpido e que tudo se passa pelo melhor naqueles que, não sòmente proclamam a sobrevivência dum princípio inteligente à queda do corpo físico, mas afirmam igualmente a possibilidade de comunicação entre os dois planos de vida.

Entretanto, nada é menos verdadeiro; a hipótese espirita é sempre àsperamente controvertida em certas esferas oficiais, se bem que a ideia tenha ganho muitíssimo terreno em todas as classes da sociedade.

No princípio da era moderna do Espiritualismo experimental, há coisa de cem anos, os nossos antecessores foram ofendidos por sarcasmos e gracejos de seus contemporâneos que os acusavam de charlatanismo e de fraude. Pouco a pouco, todavia, e em face da amplitude incessante do movimentto e do apoio corajoso dado às ideias novas por pessoas insuspeitas, estas acusações perderam a sua virulência e deram lugar sucessivamente a objecções mais plausíveis que, admitindo a realidade dos fenómenos de carácter supranormal, excluem a intervenção dos Espíritos, quer dizer, de inteligências que animaram pessoas falecidas.

A psicologia experimental estabeleceu, com efeito, que uma parte da personalidade humana, segundo toda a verosimilhança, permanece na sombra e constitui, na realidade um vasto receptáculo onde qualquer impressão, mesmo a mais insignificante, deixa um traço inalterável indefinidamente susceptível de reaparecer um dia. Este aspecto psíquico do ser humano chama-se subsconsciência.

Factos numerosos apoiam esta afirmação. Coleridge narrou o caso duma mulher ignorante que, num acesso de febre, se pôs a recitar fragmentos de textos hebraicos, latinos e gregos. Ora, ela nunca aprendera nada destas línguas; mas no decurso dum inquérito profundo descobriu-se que, em criança, fora recolhida durante muitos anos por um pastor caridoso, habituado a passear de um lado para outro no corredor da sua casa, lendo em voz alta textos hebraicos, latinos e gregos e identificavam-se muitas coisas que se haviam «imprimido» na memória, sem que ela as compreendesse nem lhes prestasse atenção.

O facto notado pelo Dr. Abercrombe é, como o precedente, muito característico; trata-se dum homem que, mergulhado em estado de entorpecimento devido a uma pancada na cabeça, falou no idioma do País de Gales que ele conhecera 30 anos antes, mas que depois esqueceu totalmente. Quando se restabeleceu falou inglês novamente, sem conhecer uma única palavra do idioma gaulês.

Finalmente, Ribot citou o caso dum lenhador polaco que em criança deixou a Polónia para viver na Alemanha, onde esqueceu a sua língua materna. Durante uma anestesia a que foi submetido quarenta anos depois, falou polaco durante duas horas.

Além disso a personalidade subconsciente é a causa de muitos fenómenos, desde a telepatia à clarividência ou visão sem olhos, passando pela sugestão, pela alucinação, pelo conhecimento extra-sensorial e a telepatia, fenómenos cuja autenticidade só pode ser posta em dúvida por indivíduos sórdidos e de má fé.

A telepatia é acção a distância da alma, ou pelo menos da personalidade subconsciente sobre outras inteligências, sem intermediário físico sensível; limita-se por vezes a um impulso ou sensação mental, quer dizer a um fenómeno de sugestão.

O ilustre astrónomo francês Camille Flammarion publicou na obra «A Morte e o seu Mistério» numerosos casos que foram submetidos a contraprovas rigorosas.

O Dr. Mougeri, médico alienista do Hospital Real Italiano de Constantinopla, transmitiu ao eminente sábio a comunicação que se segue:

«Um senhor das minhas relações estava um dia em minha casa em Constantinopla às 11,30 da manhã e disse-me: — «Não sei porquê, mas desde manhã que estou obcecado pelo pensamento de que a minha tia morreu em Génova». Perguntei-lhe então se a sua tia estivera doente e respondeu-me que estava zangado com a família há dez anos, da qual não tinha notícia alguma. Enquanto falávamos e eu tentava provar-lhe a ilusão do seu pressentimento, o seu criado veio a minha casa com uma carta de Génova chegada naquela manhã em que lhe anunciavam a morte de sua tia».

O relato enviado à célebre *Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas* por Alexandre Skirving, mestre-mação da Catedral de Winchester, é um bom exemplo de fenómeno telepático traduzindo-se por impulso inexplicável que o leva a agir de certa maneira.

Skirving trabalhava diàriamente longe de sua casa, levando o almoço e só regressando à noite.

Mas um dia, às 10 da manhã, sentiu bruscamente o desejo intenso de voltar a casa, desejo que aumentou gradualmente, apesar de seus esforços em contrário: tornou-se inquieto e mal disposto, mas não tinha nada a fazer em casa que pudesse justificar o abandono do trabalho e, segundo a sua própria expressão, perder seis «pences» à hora por uma tolice. Assim mesmo, não pôde ficar, e, movido por impulso irresistível, contra o qual lutou meia hora, entrou em casa, onde encontrou a cunhada surpreendida de o ver chegar, informando-o de que meia hora antes uma carruagem se voltara e ferira sua mulher gravemente —, quer dizer, no momento em que ele se lembrou de deixar o trabalho — e depois não mais deixou de chamar por ele em altos gritos.

Eis outro caso apontado sob forma de sensação pelo professor Ruskin aos srs. Myers, Gurney e Podmoore, autores da obra «Phantasms of the Living»:

A sr.ª Joan Severn, esposa do pintor conhecido Artur Severn, acordou certa manhã sobressaltada. Acabava de receber uma pancada violenta na boca e teve a sensação clara de haver sido cortada e de lhe sangrar o lábio superior. Sentada na cama agarrou no lenço e colocou-o como tampão na ferida, ficando surpreendida de não ver lá vestígios de sangue. Pensando que sonhara, depois de verificar a falta do marido que devia ter saído muito cedo para andar de canoa no lago, tornou a adormecer.

Na volta do marido a sr.ª Severn notou que ele levava o lenço aos lábios, como ela própria fizera, e veio a saber que, devido a uma forte rajada, a cana do leme bateu-lhe na boca, cortando-lhe profundamente o lábio superior.

O professor Charles Richet, na sua obra «O Sexto Sentido», expôs um caso pessoal de impresseão telepática.

Uma noite de inverno de 1899 estava na biblioteca de sua casa e a mulher e a filha tinham ido à Ópera. De repente, por volta das 22,30, imaginou que havia incêndio na Ópera e ficou suficientemente convencido para escrever duas vezes num papel a palavra «fogo». Minutos depois escreveu também Att (as três primeiras letras da palavra *attention*). Depois, sem inquietação, voltou ao seu trabalho.

Quando a mulher e a filha chegaram admiraram-se do ilustre fisiologista lhes perguntar *se tinha havido incêndio*. Fora apenas um princípio de incêndio, mas elas tiveram muito medo. Durante o intervalo espalhou-se um certo rumor e a sr.ª Richet saiu precipitadamente do seu lugar para se informar, dizendo à filha que partisse imediatamente, se ela lhe tocasse no ombro. Não houve novidade e a peça continuou.

Mas não é tudo! No momento em que Charles Richet escrevia no papel: *fogo! Att!*, sua irmã, que estava num compartimento do mesmo andar, apenas separada por uma porta, imaginou que havia fogo no apartamento do irmão e foi até à porta; mas ao abrí-la e compreendendo que o seu medo era fantástico, parou, exclamando:

— Não, eu não vou perturbar o meu irmão com esta palermice!

O fenómeno chamado alucinação deve ser igualmente fixado. O professor Dwelshauvers, na sua obra sobre o «Inconsciente» relatou um caso típico de aparição, relativamente à morte; refere-se a sua mulher, casada em primeiras núpcias com um inglês, cujo irmão era capitão de navios. Uma noite, estando acordada e consciente do que se passava à sua volta, viu abrir-se a janela e aparecer o capitão muito molhado a saudar o irmão e a dizer-lhe adeus. O marido pensou primeiro que fosse um sonho da esposa; semanas depois vieram a saber que o capitão morrera em naufrágio na costa da China.

O nosso eminente colega André Dumas, comentando este fenómeno na sua obra «La Science de l'Âme», diz que, segundo numerosos casos deste género, a janela não se deve ter aberto e que fora apenas uma imagem; portanto a visão era alucinatória, mas verídica, isto é, correspondente a um acontecimento real, contràriamente às alucinações pròpriamente ditas, que são apenas ilusões sem ligação com uma realidade objectiva.

O caso de conhecimento extra-sensorial que levou o ilustre psicólogo William James a estudar os fenómenos parapsíquicos é muito interessante, como vamos ver:

Uma menina chamada Bertha Huse desapareceu no dia 31 de Outubro de 1898 em Enfield, na Grã-Bretanha. Perto de cento e cinquenta pessoas participaram em pesquisas nos bosques e próximo das margens do lago Macsoma. Sabia-se que ela se dirigira para a ponte Shaker, mas não a viram lá. Um mergulhador chamado Sullivan explorou o lago perto da ponte durante dia e meio, mas sem resultado.

Ora na noite de 2 de Novembro, ou seja dois dias depois do desaparecimento da menina, a sr.ª Titus, moradora em Lebanon, localidade situada a oito quilómetros de Enfield, teve uma espécie de *transe*, no decurso do qual disse ao marido que encontrariam Bertha Huse no lago, a leste da ponte, de cabeça para baixo entre duas traves, o corpo coberto de lama e de silvedos, mas com um pé emerso, no qual se via um sapato de borracha.

Na manhã seguinte o sr. e sr.ª Titus, acompanhados de muitas testemunhas — naturalmente cépticas — dirigiram-se à ponte Shaker. Como a sr.ª Titus renovasse as suas afirmações com segurança foi-se buscar o mergulhador Sullivan, o qual, para lhe ser agradável, colocou o escafandro e desceu no lugar indicado. Depois de alguns instantes de espera apareceu o gorro da morta e logo o mergulhador subiu com o cadáver. Encontrou-o às apalpadelas no sítio indicado pela sr.ª Titus, de harmonia com as suas descrições, a cabeça para baixo num buraco profundo, o pé de fora com um sapato de borracha novo. «Estava tão escuro — disse ele — que não se podia ver nada».

Agora um exemplo em que a faculdade do conhecimento extra-sensorial se manifestou sob influência do clorofórmio; um acidente que aconteceu à sr.ª Edith Anchdale, outrora conhecida de livros de viagens e explorações africanas.

Quando se encontrava em Joanesburgo, na África do Sul, recorreu a um dentista para extracção de um dente e foi cloroformizada. Durante a operação, com o corpo ainda inerte num divã, dirigiu-se assim, baixinho, ao dentista e ao médico, os quais, esperando o seu despertar, se haviam colocado à janela:

— Olhem esta senhora inglesa sentada com

o seu criado negro num carrinho puxado por cães e as pernas debaixo do mesmo cobertor. Detesto semelhantes familiaridades com os criados indígenas.

Os dois médicos, surpreendidos, voltaram-se para a doente; o gabinete do dentista estava situado no último andar de um grande prédio cuja construção só permitia que se visse a rua debruçando-se da janela; pois eles debruçaram-se e viram, efectivamente, um carrinho puxado por cães, no qual se encontrava uma senhora inglesa e o seu criado indígena com as pernas debaixo da mesma manta.

Sob o nome de teleplastia designam-se os fenómenos de aparição de fantasmas de vivos.

O sábio físico britânico William Crookes conhecia uma senhora que foi um dia à missa numa cidade bastante afastada da sua residência. Como ela usasse um vestuário que atraía os olhares, centenas de pessoas a observaram.

Dois meses depois a senhora em questão adoeceu gravemente e teve de permanecer na cama, o que William Crookes não ignorava. Dirigindo-se ao serviço religioso da igreja, viu, com espanto — e com ele *muitas* outras pessoas — a sua amiga entrar e dirigir-se ao seu lugar habitual. Acabado o serviço religioso ele quis aproximar-se, mas ela saíu ràpidamente. Pensando que a encontraria na estação de caminho de ferro esperou-a lá sem resultado e, tomando o último comboio para a localidade onde a senhora morava, encontrou-a deitada. Censurou-a pela sua imprudência, mas ela afirmou que estava de cama havia muitas semanas ... O fantasma estivera hora e meia em plena luz aos olhos de todos.

★

Chegamos assim aos fenómenos de visão sem olhos. André Dumas, em 1922, quer dizer, na época em que começava a tomar contacto com os fenómenos supranormais, teve uma bela prova de visão sem auxílio dos olhos, realizada por Albert Pauchard, numa sessão da *Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra.*

Albert Pauchard era magnetizador poderoso e utilizava as suas faculdades para tratar uma menina que emudecera devido a um susto, a qual, mergulhada em sono magnético, recobrava o uso da fala e podia responder às perguntas que lhe fizessem, o que reeducava pouco a pouco os seus órgãos vocais.

Mas, neste estado, dava provas de lucidez notável, indicando a hora, quando se colocava um relógio perto das suas costas; e, também de olhos fechados, lia em voz alta passagens de jornais e de livros. Durante uma leitura deste género Albert Pauchard interpôs bruscamente uma tela opaca entre os olhos fechados da menina e o livro que estava a ler. Tal facto, porém, não impediu a continuação da leitura. Puseram-se sucessivamente outros objectos (cartões ou pranchetas) com o mesmo resultado e todos puderam observar que o leitura estava conforme o texto do livro.

Este poder espantoso de clarividência foi submetido a severas provas por investigadores, como Richet, Geley, Osty, etc.

Entre as experiências realizadas é necessário citar, a dum clarividente dotado de faculdades excepcionais (o engenheiro polaco Stephan Ossowiecki) que se realizou em 30 de Agosto de 1933, por ocasião do Congresso Metapsíquico de Varsóvia.

Dingwall, notável prestidigitador da *Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas*, preparara, *antes* de sair de Inglaterra, um documento constituído por três sobrescritos espessos e opacos, fechados uns nos outros; o primeiro, ou seja o sobrescrito exterior, era feito em papel castanho; o segundo, de papel negro; o terceiro, de papel vermelho. Neste último sobrescrito encontrava-se uma folha de papel de carta dobrada, em cuja metade superior estava escrita em francês a seguinte frase: «Les vignobles du Rhin, de la Moselle et de la Bourgogne donnent un vin excellent». (As vinhas do Reno, do Mosella e da Borgonha dão um vinho excelente). Na metade inferior da folha de papel estava desenhada, *desajeitadamente e grosseiramente, uma garrafa* e, no ângulo inferior do desenho, entre *parênteses rectos* havia uma data: «Aug-22-1923» (Aug. é a abreviatura do mês de Agosto em inglês).

O sobrescrito exterior estava colado e lacrado. Além disso os quatro cantos tinham sido trespassados com uma agulha, de maneira que a mínima manipulação fraudulenta alteraria a exacta coincidência dos buracos.

Dingwall, para evitar uma leitura de pensamento, não assistiu à experiência realizada em casa de Ossowiecki, diante do Dr. Geley, do Dr. Schrenck-Notzing, de René Sudre e do professor Abdul Vehab, de Constantinopla. Dingwall tinha dado o sobrescrito ao Dr. Shrenck-Notzing, que só o entregou na sessão a Ossowiecki.

«*Não sei porquê, vejo uma garrafinha — esclamou o clarividente —. Há um desenho feito por um homem que não é artista ... qualquer coisa como esta garrafa ... sem dúvida há um segundo sobrescrito vermelho ... há um quadrado desenhado no ângulo do papel ... a garrafa está muito mal desenhada ... vejo, vejo!* (E faz o desenho da garrafa), *aqui, algumas letras que não posso ler ... eu vejo: 1923; antes do ano há uma data ou a cidade ... e ao meio qualquer coisa escrita; nas costas ...*».

Neste momento, o Dr. Schrenck-Notzing pergunta: «*Em que língua?*». Ossowiechi responde: «*Em francês ... A garrafa está um pouco inclinada, não tem rolha, é feita de várias linhas finas ... há primeiro um sobrescrito cinzento* (em vez de castanho) *e em seguida um sobrescrito esverdeado* (era negro) *depois um sobrescrito vermelho ... No interior, papel branco dobrado em dois com o desenho dentro*».

Apesar da sua impaciência, os experimentadores, que ignoravam se estes pormenores correspondiam à realidade, decidiram entregar o documento fechado a Dingwall, o que foi feito na mesma tarde. O relato da experiência foi lido ao Congresso no salão da Universidade de Varsóvia e o desenho do clarividente reproduzido no quadro negro. Depois de Dingwall ter mostrado o sobrescrito intacto com o lacre, expôs as precauções tomadas que demonstravam não ter havido fraude. Depois procedeu à abertura dos três sobrescritos e, do último, o vermelho, saíu um papel dobrado ao meio. O desenho de Dingwall foi reproduzido no quadro negro ao lado do do clarividente polaco, que foi objecto duma grande ovação.

(De «Spiritualismo Moderne», trad. C. A.)

(Continua)

UM «MENINO-PRODÍGIO»

Segundo informa L'Echo de la Mode, *existe na África do Sul um menino-prodígio de nove anos, residente em Joanesburgo, onde leva uma vida solitária. O seu coeficiente de inteligência é avaliado em 200, mais 70 pontos do que o génio possível.*

Este quociente — diz o jornal — foi estabelecido pelos psicólogos do Ministério da Instrução Pública do Transval e o nome do garoto não foi divulgado. Seus pais receiam o efeito nocivo da publicidade. No entanto, sabe-se que aprendeu a ler sòzinho aos três anos e aos sete já lia Shakespeare e redigia um ensaio analítico sobre a sua obra. É já um brilhante latinista e conhecedor de línguas vivas, entre elas o Alemão e o Francês, sem falar das suas línguas normais, como o Inglês e o Afrikander. *Lê os jornais e segue atentamente a actualidade política mundial. Fìsicamente é de pequena estatura, mas bem desenvolvido e gosta muito de exercícios desportivos. É tão avançado, que se aborrece com os garotos da sua idade.*

A CASA ENCANTADA DE TANDIL

La Razón, *de Buenos Aires, publicou em seu número de 26 de Julho de 1959 a notícia de um fenómeno de «encantamento» ou «infestação» que traz atemorizados os habitantes do bairro «La Pasteurizada» de Tandil.*

O fenómeno é localizado numa herdade da rua Moreno, onde todas as noites depois das 21 horas, quando se apagam as luzes na vivenda, se ouvem ruídos estranhos e caem objectos sobre os moradores.

As autoridades intervenientes não conseguiram ainda encontrar qualquer brincalhão na vizinhança nem deter o desenrolar dos acontecimentos que parecem escapar à sua jurisdição. Contudo, quando a notícia chegou ao Lar de Varões, os padres que o dirigem reconheceram a origem «sobrenatural» dos factos, atribuindo-os ao demónio.

O Superior dos Padres Franciscanos, Fortunato Tiberi, foi testemunha ocular e declarou que só podem explicar-se pela intervenção do espírito maligno.

José S. Fernandez, comentador da notícia, diz que se trata de espíritos brincalhões que não respeitaram a investidura dos sacerdotes que no dia 19 de Julho resolveram passar alguns momentos na casa encantada.

Nessa noite chuvosa, às 21 horas, instalaram-se ali o citado reverendo, três sacerdotes e quatro acompanhantes e repetiram-se os ruídos das outras vezes. Até um sarrafo de madeira atingiu um dos assistentes.

Infelizmente, nenhuma sociedade espirita esteve representada para demonstrar como se podem afastar e tranquilizar os espíritos que produzem aqueles fenómenos.

O ÚLTIMO QUARTO DE HORA...

La Revue Spirite *comenta um relato de* L'Aurore *a respeito do célebre pára-quedista Jean-Claude Dubois que, aos 22 anos, é campeão de salto e que recentemente escapou milagrosamente à morte. Projectado sobre o solo com o piloto Jean Noury, nos destroços do aparelho desequilibrado em voo, o pára-quedista, antes de perder os sentidos, teve a visão extremamente rápida e nítida de recordações que se desenrolaram desde a infância à maturidade. As personagens e os acontecimentos apareceram-lhe com grande clareza.*

— Jean-Claude Dubois — comenta Sulyac — não explica a sua observação. Se tivesse lido as nossas obras — e ainda está a tempo de as ler — saberia que na hora da morte e mesmo sob um choque, como lhe sucedeu, a alma desprendida do invólucro físico experimenta esta visão do seu passado mais próximo e sobretudo uma grande quietação, antes do sono reparador da libertação física.

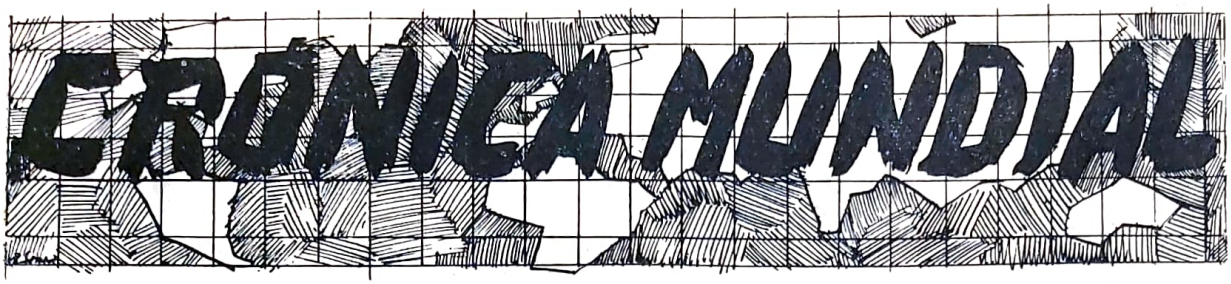
MATERIALIZAÇÃO AUTÊNTICA

Jean Barbier encontrou no livro «Aux Glasses Polaires» do Reverendo Dussauchois o relato da seguinte materialização, que não se poderá classificar de satânica.

Em 5 de Novembro de 1870, na capela de uma missão dos Oblatos de Santa Maria Imaculada, *Estado canadiano de Atabasca o padre Gasté estava a cantar a missa anual pelas almas dos defuntos da congregação, assistido pelo irmão coadjutor Guillet, e dirigiu-se ao altar, quando os fiéis notaram sobre a credência ligeiras nuvens de fumo, através das quais se desenhava uma figura humana de aspecto sofredor, com a cruz do oblato no peito e na gola da sotaina um pequeno bordado de pérolas brancas a imitar a gola romana. Só o padre Gasté e o irmão Guillet é que não viram.*

A figura tornou-se branca e radiosa e seguia todos os movimentos do prelado no altar. Na absolvição voltou-se para o catafalco virada para os assistentes e desapareceu depois da última prece, deixando em todos uma impressão de reconforto e alegria.

Todos se dirigiram ao padre Gasté com mil perguntas a respeito do acontecimento, o qual inquiriu, um a um, os assistentes, sem qualquer discordância nas respostas. Pelos traços fisionómicos e o colar de pérolas descritos pelas testemunhas devia tratar-se do Padre-Mestre, antigo professor dos noviços de São Bonifácio do Noroeste canadiano. O padre Gastê também fora aluno dele, mas ignorava que tivesse morrido. Calcula-se a emoção do padre ao receber em Fevereiro de 1871 a notícia do falecimento do Padre-Mestre ocorrido em Paris, no mês de Abril de 1870!



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A BBC AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO

Two Worlds informou há tempos que a BBC de Londres irradiou as vozes de alguns espíritos e parte de um poema que se atribui à inspiração de Roberto Burns, vinda do Além.

A emissão foi organizada pelo Dr. John Winning, espiritista da rádio domiciliado em Glasgow, em ligação com o banquete de homenagem a Burns realizado pela Associação dos Espiritas da mesma cidade. Nunca, até então, as vozes dos espíritos haviam sido transmitidas pela BBC. O caso constituiu, portanto, acontecimento de enorme relevo no programa «Scope», que é um comentário aos acontecimentos da semana.

O locutor afirmou peremptòriamente que era a voz de um espírito o que se ouviria a seguir. Ouviu-se então a fala velada de uma jovem em tons claros e suaves, clamando pelos valores espirituais.

O Dr. Winning diz que se tratava de certo passo de conversa maior tida num grupo espirita particular em que o espírito *Maisie* narrou a sua vida entre os animais.

Depois o locutor disse que outra voz de alguém chamado Kate ia cantar. Esta voz era mais áspera. Entoou uma canção escocesa intitulada «I came leave the auld folks yet; I'd better bide a wee».

O programa começou com a entrevista da sr.ª Jean Norton, uma das maiores clarividentes da Escócia.

Quando lhe perguntaram se acreditarava que o poema era de Burns, afirmou que era possível.

— Era mensagem dele enviada do Além?

— Não —disse Jean—. Mas pode ter sido inspirada por ele.

Em seguida explicou aos ouvintes que o poema chegara através de sua irmã residente nos Estados Unidos, que é médium clarividente.

O Dr. Winning foi também perguntado acerca do modo como as vozes espirituais se verificavam e explicou o fenómeno da voz directa, acrescentando que os seus familiares «mortos» falavam consigo muitas vezes.

Comentou igualmente o citado poema que ia ser lido no banquete de homenagem a Burns na Associação dos Espiritas de Glasgow.

J. W. Herries, um dos mais notáveis espiritas de Glasgow, fez os seguintes comentários:

«A *voz directa* do mundo espiritual passou incidentalmente neste programa. Como se pensava na comemoração do aniversário de Burns, os espíritos quiseram associar-se a este facto.

«O locutor anunciou que parte do novo poema de Burns, tendente a mostrar seus pontos de vista *post mortem*, seria lida e que só um espirita pode compreender como o seu autor seria inspirado e sentir que ele recebera alguma influência de Burns.

«Seguiu-se uma afirmação obtida em fita magnética numa sessão espirita, tendo a voz falado das influências do espírito, que atinge cada vez mais a mente do homem.

«Depois — continuou Herries — o Dr. Winning explicou que as vozes eram produzidas por entidades desencarnadas que se encontravam agora numa vida mais alta e que vinham até nós para demonstrar o seu interesse pelos vivos.

«Na *voz* do Grupo onde se fez a gravação estava uma médium, cujo organismo possui uma substância peculiar que permite a manifestação dos espíritos. Se a médium estava interessada na vida de Burns é lógico que este viesse e a influenciasse, a ponto de poder exprimir as suas ideias, como se estivesse na terra».

Enfim, o que nos alegra é o facto de a BBC ter irradiado este programa que foi certamente ouvido por mais de 15 milhões de pessoas.

Depois disto, continuem a dizer que o Espiritismo é doutrina digna de manicómio...

HELEN THURY NA TELEVISÃO

Outra notícia auspiciosa, semelhante à que acabamos de contar. Segundo lemos no *Reformador*, do Rio de Janeiro, o *Psychic Observer* registou a primeira demonstração pública realizada por um médium na televisão. Foi em Outubro de 1958, na cidade de Nova Iorque, no programa de Ben Hetch irradiado pela Estação Televisora WABC, da rede ABC.

A médium Helen Thury descreveu as suas experiências e preparou-se para demonstrar as suas faculdades, ao diminuirem a intensidade da luz e fazerem ouvir a música suave de um órgão.

Depois de breve oração caíu em transe e manifestaram-se os pais e um irmão de Ben Hetch que deram belas provas de sobrevivência através da vidência e audiência da médium.

Quando ela despertou houve conversa entre os assistentes e Ben Hetch declarou que tudo tinha sido exacto.

No final, o director do programa disse à médium que estava satisfeitíssimo e que voltaria a apresentá-la aos telespectadores, quando surgisse outra oportunidade.

O *New York Daily News* publicou o seguinte comentário de Ben Gross:

«O senhor não acreditará. Só vendo com os próprios olhos o que eu vi.

«Algo sucedeu a Ben Hetch na última sexta-feira. Este astuto repórter, incrédulo e depreciador de tudo o que não seja material, parece ter-se comovido, quando estava em frente da médium Helen Thury, no final do programa da televisão ABC.

«Em estado de transe descreveu tão vivamente os pormenores do falecimento do pai e da mãe de Hetch, que este, sentado e em profundo silêncio, apresentava um semblante cheio de emoção.

«Depois de Helen ter saído do

seu estado de transe, ele afirmou que as descrições não só haviam sido «interessantes», como também exactas. E convidou-a a voltar ao seu programa...»

Que se infere deste relato? Isto simplesmente: o Espiritismo alarga o seu âmbito a todos os departamentos da civilização. Andou pelos jornais, subiu ao teatro e ao cinema, encheu livros e livros, entreteve milhões de indivíduos com assuntos de casas assombradas para lembrar a todos a existência de outra vida para lá da morte, subiu à atmosfera, desceu às minas e entra na televisão com o aprumo da verdade.

Não receia ataques, zomba dos motejos e caminha serenamente e silenciosamente, animando, fortalecendo e impondo os factos que ninguém consegue desvirtuar. E os seus inimigos tornam-se em amigos, quando o toque é forte e oportuno, como sucedeu a Ben Hetch, em circunstância especialíssima.

RASPUTINE, O «DIABO SAGRADO»

Desobsessão, o magnífico mensário espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, insere um artigo de Arnaldo S. Tiago intitulado «No Domínio Histórico das Obsessões», no qual se transcreve um interessante capítulo da «História da Rússia», de Otto Schneider, inteiramente consagrado à célebre figura de Rasputine, cuja acção sobre as damas da corte imperial era ostensivamente nefasta, a ponto de um genro do grão-duque Alexandre ter capitaneado uma conspiração para o assassinar.

Rasputine possuía grandes poderes magnéticos e disfrutava de favores especiais, em virtude de ter curado «milagrosamente» o czar, que desde a nascença vinha a sofrer de hemofilia.

Ouçamos Otto Schneider no tocante ao que se passou no palácio imperial:

«Numa sala do rés-de-chão reuniram-se o príncipe, os dois cúmplices e a vítima. Enquanto tomavam chá, Iussupov ofereceu ao hóspede um prato de doces envenenados com tamanha dose de cianeto de potássio, que bastava para matar instantâneamente algumas pessoas. Pois, com espanto do príncipe, Rasputine engoliu os doces, um atrás do outro, continuando a conversa como se nada houvesse.

«Estupefacto e inquieto, Iussupov deu-lhe vinho envenenado, na esperança de acabar com ele. Rasputine bebia pequenos goles, mas a fisionomia não se alterava. Só de quando em quando levava a mão à garganta. E perguntando se estava mal, respondeu:

«— Oh, não é nada. Apenas ligeira cócega na garganta.

«Passados alguns momentos, acrescentou:

«— Bom «Madeira»! E mais uma vez...

«Estávamos sentados um em frente do outro — refere o príncipe — e bebíamos em silêncio. Havia em seus olhos uma expressão manhosa, como quem diz: «por mais que faças, nada consegues contra mim». De repente mudou a sua fisionomia e o sorriso malicioso transformou-se em ódio. Nunca parecera tão aterrador. Fitava-me com olhos de demónio e tive-lhe um ódio enorme e quis estrangulá-lo. A sala estava mergulhada em silêncio ameaçador. Uma batalha invisível travava-se entre nós. Fiquei zonzo. Era terrível...

«— Canta alguma coisa alegre para mim! — pediu ele —. Gosto de ouvir-te cantar.

«Iussopov pegou na guitarra e cantou.

«— Canta mais! Gosto de ouvir. Cantas com tanta alma...

«— Sùbitamente o príncipe levantou-se a gritar:

«—Grigory Efimovitch, olha para para esta cruz e reza!

«E desfechou-lhe um tiro.

«Rasputine rosnou em voz cava e bestial e esparramou-se sobre a pele de urso que cobria o soalho, de costas, o rosto contraído, os olhos cerrados. Pouco depois estava inerte.

«Iossupov examinou a ferida. A bala penetrara junto ao coração. Rasputine devia estar morto. Mas não estava.

«— Fomos ao meu gabinete — narra Iussupov — e discutimos sobre o futuro do país. De repente fui tomado de inquietude desagradável. Senti vontade de descer à sala de jantar, onde o corpo jazia. Estava imóvel, quando me inclinei sobre ele para lhe tomar o pulso. O coração estava parado, mas a pálpebra esquerda começou a tremer e o rosto convulsionou-se. Depois abriu os olhos e pôs-se em pé, de repelão. Saía-lhe espuma da boca. Era horrível! Ressoava na sala o seu rosnar selvagem. Vi-o avançar sobre mim com os dedos em garra e apanhou-me os ombros. Eram duas tenazes candentes. Fitou-me inquieto. Num murmúrio repetia o meu nome muitas vezes...

«Qualquer coisa naquele corpo envenenado e perfurado ressuscitara malignamente para vingar. Com enorme esforço desenvencilhei-me das garras e Rasputine caíu de costas, num estertor. Era massa inerte. Voltou a mexer-se e precipitei-me para fora da sala e berrei:

«— Depressa, depressa um revólver! Atirem-lhe! Ainda está vivo!

«Rasputine arrastou-se escada acima, estortorando e uivando, como animal ferido. Deu um solto para diante e alcançou a porta secreta que dava para o pátio. Purichkevitch seguiu-o, ouviram-se quatro tiros e Rasputine cambaleou sobre a neve, não dando sinais de vida».

O corpo foi lançado ao rio Neva através de um buraco aberto no gelo, mas depois encontraram-no com uma das mãos desembaraçadas, parecendo que tentara ainda livrar-se da morte.

A obsessão de Rasputine era notória e só um verdadeiro génio do mal o poderia ter levado a manifestações de gozo e de sensualidade aviltante, como diz o articulista, quando informa que na corte «aplicava os seus dons na satisfação dos mais baixos instintos», tornando-se «centro de acção de multidões invisíveis movidas pelo ódio e cujo predomínio se fazia sentir progressivamente sobre o povo russo, através dos seus mais autorizados mentores políticos e sociais».

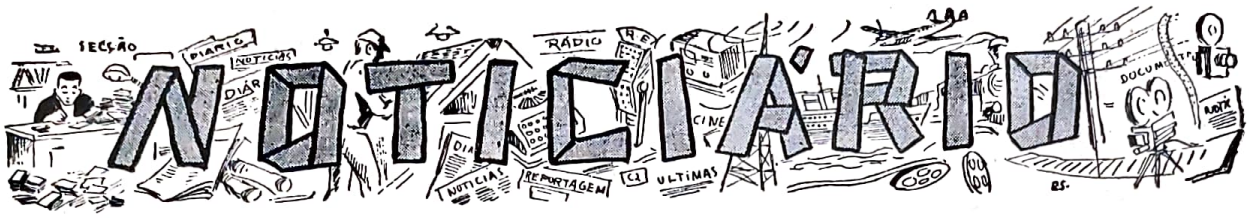
Os «mortos» continuam em grande parte a mandar nos vivos e até certos passos da História lhes podem ser atribuídos, em boa lógica. Se o Espiritismo fosse divulgado e estudado, o mundo seria melhor, haveria menos luto e mais justiça.

NOTÍCIAS DO MÉXICO

Da *Alianza de Centros Espiritas Kardecianos del Estado de Veracruz, do México*, recebemos atenciosa carta que passamos a transcrever:

«Não existindo fronteiras para a Ciência Espirita nem para que uma verdadeira Fraternidade reine entre quantos a estudamos e, com verdadeiro desejo de nos subscrever-nos à vossa disposição e de permanecermos em contacto mútuo levamos ao vosso conhecimento a Directoria desta Instituição que tomou posse no mês em curso (Outubro) e terminará em 11 de Outubro de 1961». (Seguem os nomes dos directores).

Aos restantes confrades da *Alianza*, os nossos cumprimentos com votos de longa vida.



AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 29 de Novembro o nosso colaborador Joaquim Fernandes de Vasconcelos realizou no Centro E. Luz e Amor uma conferência intitulada «A Minha Profissão de Fé», na qual disse as razões da sua conversão ao Espiritismo. Mais um elemento que enfileira connosco disposto ao bom combate. A sua atitude e o entusiasmo posto nesse passo da sua vida mental e espiritual calaram fundo em quantos o ouviram e contam desde já com ele para novos cometimentos.

Os leitores vão conhecer a referida peça que publicamos noutras páginas deste número.

No dia 13 de Dezembro coube a vez a Túlio Augusto Rosa. «A Mediunidade, Suas Causas e Efeitos», foi o tema escolhido e durante uma hora expôs à assistência a sua opinião a respeito da mediunidade, que declarou mais subjectiva que objectiva, referindo-se em seguida às acções e reacções dos sensitivos, que muitas vezes perdem o domínio próprio e são portadores de enfermidades ou de sintomas, necessitando de ser tratados e desenvolvidos.

— O médium — disse ele — que pretenda conhecer certos aspectos da vida e as leis naturais, sofrendo embora, verá transformar pouco a pouco o seu ambiente, visto que só poderá receber vibrações benéficas, se tiver pensamentos cristãos, de fraternidade humana.

Referiu-se depois à mediunidade de prova, independente da evolução moral do indivíduo e aos obsidiados, que não podia considerar médiuns e teceu considerações interessantes baseadas na sua própria experiência, dizendo que a intuição será a mediunidade do futuro, porque haverá então mais facilidade de comunicação entre os dois mundos.

Depois contou casos pessoais, alguns deles passados no Grupo «Reper-Siam» que há vinte anos exerce acção contínua no «Centro E. Luz e Amor».

Foi uma curiosa e útil exposição que todos apreciaram devidamente.

TRABALHOS DO CENTRO EM JANEIRO E FEVEREIRO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo Léon Denis, com a médium D. Maria Antónia.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passalaqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina e precedido de uma conferência de José Francisco Cabrita, intitulada «O Sofrimento, Suas Causas e Seus Remédios».

Dia 4, 2.ª feira, às 14 horas — Distribuição de donativos pelo Centro E. «Luz e Amor».

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 15, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 20, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 22, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Por Terras do Brasil».

Dia 26, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 29, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 31, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Mês de Fevereiro

Dia 1, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 2, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 5, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D Conceição Dias.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 9, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

NOTA—As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com a quotização em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

Por absoluta falta de espaço fomos impedidos de publicar a secção «FUNDO DE BENEFICÊNCIA», que publicaremos no mês de Fevereiro.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	45$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	45$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$50
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis* — enc. 48$00.	30$00
Nó Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espíritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Chili Bouchier e Teddy Joyce

(Ver pág. 43)

CONTÉM: Enxurrada, da **Redacção;** O que é a Vida, por **Cyrillo Aleixo;** A Criança que Tinha Quatro Séculos; Espiritas, Soneto de **Amaral Ornelas;** A Vida de Além-Túmulo — I — por **Isidoro Duarte Santos;** O Maior Médium da História, por **Maurice Elliot;** Serenidade, por **Paulo Alberto;** Chili Bouchier, a Artista que um Maestro Converteu ao Espiritismo, por **Fred Archer;** Culto do Evangelho no Lar, por **José Simões de Matos;** Falsos Julgadores, por **José Francisco Cabrita;** Deslumbramento (De um novo livro de **Lia,** em preparação); Flores do Bem; Os Fenómenos Espiritas, Ficção ou Realidade? — II —, por **Eugène Bertrand;** Em Favor de Você; Henri Dunant, Fundador da Cruz Vermelha, por **Doris M. Hodges;** Um Aviso Providencial, por **N. J. Doyle;** Uma Prova de Sobrevivência, recolhida por **Jean Barbier;** Nos Caminhos Educativos, por **António Augusto dos Santos;** O Espírito Ajuda as Enfermeiras, por **Kay Ryde;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

21.º ANO FEVEREIRO DE 1960 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, FEVEREIRO DE 1960 | N.º 2

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ENXURRADA

O mundo vive em confusão extrema. De um lado e outro sopram ventos malsãos, enquanto as águas espadanam e levam de vencida a muralha do homem.

Qualquer coisa vai acontecer. O céu tolda-se, o ar carrega-se de magnetismo, emudecem as aves e o silêncio apodera-se das almas. O que virá não sabemos. Dor, angústia, sofrimento? Deslocação do eixo moral? Obliteração do que há de mais belo na vida? Sabemos que a atmosfera se adensou e tornou irrespirável e que a humanidade procura saída airosa e gloriosa.

Mas o receio permanece. Em vão se desbastaram os jovens em lutas cruentas. Não valeu a pena. A pedra filosofal continua na boceta de Pandora. O mal-estar, a desconfiança e a dúvida, mesmo entre familiares e amigos, avolumam o nervosismo, a inquietação, cujos malefícios se estamparam no semblante das novas gerações.

Qualquer coisa vai acontecer. A enxurrada já se nota em muitos sectores, principalmente nos mais atreitos à matéria. E quando há incêndio é necessário tomar providências, para que as chamas não alcancem os prédios vizinhos.

Todo o mundo sofre, resignadamente, o pavor do amanhã. Em calma se resolvem os maiores problemas, em calma se haurem forças capazes de grandes cometimentos, em calma se conciliam interesses que parecem antagónicos. Todavia, a calma não aparece e os problemas ficam insolúveis.

A luz do entendimento extinguiu-se no coração, os lábios já não beijam e os braços já não abraçam. Porque o sentimento nobre se extinguiu nas fontes puras; porque a inocência perdeu o orvalho divino e a lealdade morreu de inanição.

Nova era se vai gerando, outro arrebol aparece nos esconsos da madrugada. Sentimos o fenómeno, toda a gente o está sentindo. A própria juventude respira de outra forma, inadaptada ao meio, circunscrita à estreiteza, à limitação que lhe rouba energias salutares.

A enxurrada aumenta o caudal de escorrências e galga cômoros e tapumes, onde a multidão se alcandora para fugir à ressaca.

O Espiritismo dá rotas ao viajeiro, coragem ao pusilânime, certeza ao duvidoso. Ao sedento oferece a linfa que refresca; ao estudioso, a luz que orienta; ao miserável, a esperança que fortalece. É o salva-vidas da enxurrada. Quem nele vai não teme os salpicos do lodo. Tem confiança no imponderável.

O Alto protege os bons que sairam ilesos da refrega, que não se contaminaram, que não se degradaram.

É preciso força de vontade para resistir às tentações que solicitam em toda a parte. E se devemos viver a vida com o que ela encerra, forçoso é escolher o mais dignificante.

Não responder à violência com violência, não buscar vanglórias, honras fáceis, comodidades efémeras.

Quem sentir um ideal, saiba vivê-lo. O utilitarismo para os gusanos da matéria; o idealismo para os condores do espírito. Estes voam mais alto, livres da enxurrada.

Mas, onde estão eles? Que esforço realizaram para conter a vaza? Que rumo deram?

Limitam-se a cantar, como a cigarra? O incêndio não se apaga com orações.

O homem tem que abandonar o comodismo e entrar na fileira dos inovadores que desejam transformar a lama em seara florida. É difícil? Sem dúvida. Mas não é impossível. A cheia arrasta sempre despojos da erosão que podemos separar no momento próprio.

Os erros acumulados deram esse total fomentador de inquietudes que nos rodeiam e rodearão, enquanto vivermos. O que dez gerações não fizeram hão-de fazê-lo cinco para vencer a enxurrada.

Se o não fizerem, a onda crescerá e seremos tragados antes do ajuste de contas.

Quem viu o sol, não pode negá-lo. Deve trabalhar para que a sua luz e o seu calor se exerçam na cripta em que vivemos.

O QUE É A VIDA

por CYRILLO ALEIXO

I

Viver é Lutar

Viver é lutar, é traçar armas com inimigos inumeráveis, empenhados em ciladas de toda a ordem, é pugnar pela nossa liberdade, procurando a todo o custo emancipar-nos da velha tutela das forças inferiores, que, despòticamente, nos mantêm chumbados ao cíclo animalesco.

Viver é trabalhar no advento de potencialidades ocultas nas profundezas do ser, aguardando, qual Bela-dormente dos Bosques, que sejam despertas, para nos facultarem novas e mais plenas formas de vida.

Como luta que é, a vida nos pode levar também à derrota, fazendo-nos recuar ante inimigos que se nos afiguram invencíveis, capitulando assim humilhados, ante a ostentação da nossa fraqueza.

Vencer ou ser vencido, eis o destino de todos os que vêm a este campo de batalha que é o mundo.

Nessa luta tremenda, onde se aprimoram valores e se revelam cobardias, enquanto os mais destimidos se defendem com unhas e dentes, lançando mão de armas de toda a espécie, retiradas do vasto arsenal de suas almas no desejo ardente de vencer, os timoratos se tornam presa das manobras das forças adversas, não obstante disporem também de recursos que os tornariam vencedores.

Viver é lutar, sim, mas o inimigo a combater é hábil e astuto, procurando atingir-nos nos pontos vulneráveis, depois de nos ter captado a confiança com aparências sedutoras.

Opera com tacto e cautelosamente, firmando com segurança seu domínio sobre a presa, até tê-la bem segura e sem perigo de se lhe escapar. E tanto assim é, que muitos mortais nem sequer se apercebem da necessidade dessa luta, convencidos de que tudo corre bem, e quando tal sucede, está-se, no geral, sob as artimanhas do inimigo e a rendição se faz, portanto, sem qualquer oposição.

A vida, uma luta? — clamam eles estupefactos, deplorando os que, conscientes da situação, resistem por todos os meios a tudo que encobre um perigo real, embora sob aparências deliciosas...

Mas é preciso ter caído inúmeras vezes nessas armadilhas, preparadas a preceito pela astúcia do adversário, é necessário desfazer a teia de ilusões que nos fascinava e ter provado o travor que encobriam, para nos fiarmos mais em cantos de sereia e ficarmos insensíveis a seus acenos provocantes.

É essa a luta sem quartel que nos compete sustentar em cada vida e de que só sairão triunfantes as almas valorosas, aquelas a quem as refregas e sofrimentos pretéritos outorgaram a coragem e o poder indispensáveis à vitória.

II

Nem tudo que luz é ouro

As almas fracas e inexperientes, são, no geral, as vítimas fatais. por se deixarem seduzir fàcilmente por miragens enganadoras, com que as forças adversas procuram encobrir seus intuitos duvidosos.

Em sua ingenuidade, porém, essas almas infantes não se costumam aperceber do perigo, correndo deslumbradas para esse amplexo fatal, com o qual o monstro procura envolvê-las em seus potentes tentáculos.

Mas tais pelejas são indispensáveis ao desbravamento da alma, mesclada de sombrios artificialismos, que sucessivamente vão sendo eliminados através do multimilenário labor do espírito, no afã de se emancipar das peias limitativas.

Por isso, as que sucumbem na luta, deixando-se subjugar pelas correntes contrárias, terão de recomeçá-la, quando do regresso a este planeta, a fim de em novas tentativas fazerem triunfar a parte superior do ser, quartel general de estados de felicidade superlativa e pelos quais valem bem todas as dores e sacrifícios.

Dotados que somos de todos os poderes para triunfar em quaisquer emergências da vida, indispensável se torna transformar isso em certeza absoluta, em fé inabalável, não mais olvidando que somos centros de força no infinito oceano do poder universal, pronto a servir-nos na medida das nossas necessidades.

O homem tem sempre assim, ao seu dispor, recursos de uma extensão incalculável, mas, no geral, o ignora, razão por que da condição de herói, que lhe compete, passa fàcilmente à condição de vencido, lastimando-se, qual batalhador que, sem o saber, tivesse ao seu alcance as armas necessárias à vitória.

Deixamo-nos arrastar com facilidade pelos ventos contrários e dominar pelo desânimo, convictos de uma fraqueza que é só aparente e não real e neste estado de espírito, como é possível triunfar?

Só de nós depende a vitória e, uma vez conhecedores de nossa força íntima, seria estranho desprezá-la, para nos lançarmos nos braços da adversidade.

III

Os Sonolentos

Ó tu, que te consideras o mais fraco dos humanos; ó Tu, que só antevês derrotas, ante pelejas que te amedrontam, cruzando os braços em atitude de vencido e lastimando a tua sorte! És qual famélico, morrendo à míngua em celeiros repletos; és qual sedento, no meio da linfa apetecida; és qual mendigo vivendo sobre tesouros, que pulverizariam para sempre tua miséria, se te resolvesses a estender-lhes as mãos.

Levanta a fronte abatida, corre com os fantasmas mentais que fazem de ti um ser pusilânime, frágil vara à mercê dos vendavais e põe-te alerta, em posição de combate, para não seres colhido de surpresa.

Levanta-te num impulso vigoroso e diz, com a plena consciência de que dizes uma grande verdade: sou livre e senhor de poderes ilimitados, admirável riqueza que me coube como herdeiro do Poder Infinito, de onde provim. Sou invencível e invulnerável, portador da força precisa para vencer todos os obstáculos.

Estas afirmações são, sem dúvida, consideradas quimeras para muita gente, para aqueles que se julgam ligados a um implacável fatalismo, contra o qual nada há a fazer.

Segundo seu modo de ver, somos antes centros de desânimo num oceano geral de fraqueza, sem pos-

sibilidade de nos defrontarmos com as forças antagónicas, cujo poder selhes afigura insuperável, sendo nosso dever curvar-nos ante as arbitrariedades do destino.

Admitir a ideia de um fatalismo cego perseguindo-nos por toda a parte, empenhado em nos torturar a seu belprazer sem nada podermos fazer contra isso, é pretender esquivar-se a responsabilidades, ou não se ter em conta que não somos uns autómatos, mas seres a quem foi conferido o livre-arbítrio.

Certo que, no cumprimento da lei kármica, há, em cada existência, um certo fatalismo a sofrer, expresso nos efeitos das causas por nós postas em movimento em vidas pretéritas, uma vez que, se somos livres quanto à nossa actuação, não o somos quanto à escolha dos resultados, sempre de natureza idêntica àquela.

Colhemos conforme houvermos semeado, mas como a vida não é sòmente colheita, porém também sementeira, sucede que ao procedermos a esta última operação, condicionada pelo livre-arbítrio, nos defrontamos com as tais forças, que a nossos olhos tomam geralmente proporções descomunais, dando-nos a impressão de ser impossível fazer frente a esses colossos.

É então que as pessoas temerosas se deixam invadir pelo pessimismo, sem coragem para qualquer reacção, por se considerarem demasiado fracas para uma tarefa de tal envergadura.

E assim, inermes, não podem deixar de ser vítimas dos acontecimentos, com as fatais consequências a sofrer no porvir, até se decidirem a sair dessa atonia, para proclamarem sua independência e seu domínio sobre os obstáculos que impedem a alforria da centelha divina, dessa escrava às ordens da carne.

IV

A fé e os poderes ignorados

A dor é, sem dúvida, o aguilhão abençoado que nos impele para a frente e, na ânsia de fugirmos ao seu domínio, vamos descobrindo métodos de combate cada vez mais eficazes, ao mesmo tempo que novas armas nos vão sendo patenteadas, com o despertar de potencialidades, latentes nas profundezas psíquicas.

Por isso, ante as dificuldades da vida, é necessário apelar para o nosso íntimo, na certeza de que ali encontraremos recursos de toda a ordem, fazendo por manter bem aceso o facho da fé, essa despertadora mágica das energias adormecidas.

Neste pormenor, não há bem nem mal aquinhoados. Todos, sem excepção, somos portadores dos mesmos poderes. Variável, sim, é a fé, desde os casos em que ela é pràticamente nula, àqueles em que se encontra altamente sublimada.

Mas a fé pode ser desenvolvida a nosso talante, bastando para tanto a íntima convicção nos poderes que em nós existem e dos quais não devemos duvidar, porquanto sendo o espírito uma emanação divina, há-de conter fatalmente as potencialidades da Fonte Originária.

A fé é, pois, a estimuladora abençoada dos inesgotáveis recursos em nós latentes, pronta a servir-nos nas horas difíceis da vida.

Para que desanimar então, por mais duras que sejam as vicissitudes da hora presente, se em nós dormitam forças amigas e poderosas, ante as quais as contrariedades se esbatem e nos permitem dominar as mais críticas situações?

Quando o homem se convencer dessa verdade, o seu avanço far-se-á mais rápido, porque, virando para sempre as costas ao temor, avançará intrépido, impelido por possantes energias, que o libertarão de todos os liames depreciativos.

Colheita e sementeira, eis os dois polos da vida, a razão do nosso ingresso na carne, como seres imperfeitos que ainda somos e a quem compete a tarefa de desembaraçar o princípio divino das impurezas que o envolvem, a fim de atingirmos a plenitude psíquica.

Nas consequências de nossas actuações passadas, devemos ser fortes e resignados, pois colhemos justamente aquilo que semeamos. Fortes, para não sucumbirmos ante as tempestades desencadeadas por nós próprios e resignados, por não podermos anular os efeitos das causas por nós movimentadas, compelindo-nos aceitá-los sem murmurar, como justo resultado do mau uso dado ao livre-arbítrio.

Mas que isso a que chamamos adversidade ou fatalismo, nos sirva de lição, para, de futuro, sermos mais cautelosos no uso dessa faculdade sagrada, esforçando-nos por evitar tudo que seja susceptível de nos conduzir de novo a decepções e sofrimentos.

V

Vidas ao desbarato

A vida é, sem dúvida, uma luta bem difícil, mas muitos a encaram levianamente como simples oportunidade para darem largas aos impulsos inferiores do ser na ignorância ou descrença das grandes verdades expressas na ciência espiritualista.

E nessa cegueira fazem da vida trampolim por tudo que é falaz e transitório, seduzidos pelos engodos de dúbias tentações, rótulos policromos de um estendal de misérias, que fatalmente os aguardará no futuro.

A vida é uma luta, sim, mas essa luta deve ser dirigida contra a nossa rudeza, contra os mil aleijões destes petulantes seres com basófia de humanos e não luta pela riqueza, poderio e ambições de toda a ordem, em que uma boa maioria anda empenhada.

Tantos desvelos com a parte transitória do ser e tão desprezada a outra parte, a eterna, que, assim abandonada, chegará paupérrima às plagas do Além, onde, entre remorsos e lamentos, se deplorará o tempo perdido em tanta e tanta bagatela...

Avante, pois! Que o espírito, esse hóspede divino, seja o alvo n.º 1 de nossos cuidados, durante as peregrinações planetárias!

É só servindo-o, que a vida é aproveitada para o fim que Deus a criou.

Alimentação Moderna e Saúde Completa

PELO DR. JOSÉ CASTRO

Livro de grande utilidade prática cheio de preciosos ensinos acerca dos alimentos e suas incompatibilidades, bem como da alimentação dos doentes, é um guia para quem quiser fortificar o organismo, segundo os preceitos da moderna ciência trofológica.

PREÇO 30$00

À venda em todas as livrarias e nesta redacção

Edição da revista MEDICINA NATURAL

Uma História Comovente

A CRIANÇA QUE TINHA QUATRO SÉCULOS

Coisas vistas no Oriente por um major do Exército Americano e contadas a

ROBERT STUART CLIFTON

A sala de espera da estação de Okazaki era no seu todo um local desconfortável e desolador. Como acontecia em tantas outras gares interurbanas de Tóquio, Iokohama e Kamakura apresentavam a mesma atmosfera fria e hostil, sem aquecimento ou quaisquer indícios de comodidade. E nós éramos naquele momento os únicos passageiros a descer na pequena aldeia de menos de 1.000 habitantes, cujo ambiente em nada animava as nossas deprimidas disposições de ânimo. Mas consolamo-nos com o pensamento de que, em todas as terras e países, a procura de casa é um calvário com suas complicações e desapontamentos.

Com estóica e irónica decisão abalançámo-nos, pois, a atravessar a linha que nos separava da meia dúzia de lojas e lojecas, a maior parte de géneros alimentícios, que pareciam constituir o centro comercial de Okazaki. E logo que ultrapassámos a ruazinha ínvia que se nos deparava, a vista tornou-se consideràvelmente mais animadora e variada do que as nossas primeiras impressões ao descer na plataforma da estação.

E assim o aforismo de que as primeiras reacções são sempre erradas confirmou-se neste pacífico e desconhecido burgo japonês. Um mês depois da nossa chegada, éramos conhecidos e aceites como se desde sempre tivéssemos feito parte da vida quotidiana de Okazaki; e aqui, longe do constante vaivém dos cacharoletes, chás, jantares, bailes e recepções que tínhamos de atender na capital, consegui realizar mais coisas úteis numa semana do que antes conseguia em três.

Foi assim que a criança entrou em nossas vidas — e chamo-lhe a criança, porque, para nós, só teve esse nome: «a criança — que, a princípio, julgámos tratar-se da filha de qualquer vizinho. O primeiro encontro foi na igreja, quando lá fomos para realizar alguns filmes coloridos no interior do templo. O padre e minha esposa trataram das luzes, tudo decorreu bem e por fim fomos filmar em pleno o relicário colocado à esquerda do altar-mor. Foi então que, pela primeira vez, divisei a pequenina sentada no pedestal duma estátua votiva das que enchiam o santuário e pegando com intensa fé nas vestes da imagem. Impressionado, soube da boca do sacerdote que a imagem era das mais veneradas e eu pude fixar a cena depois dele e minha mulher me proporcionarem a luz necessária no ambiente escuro e frio. No entanto, ao fazê-lo, procedi com a apreensão de que o relâmpago das luzes incidentes pudessem ferir o cândido olhar da garotinha que nos fitava. Felizmente, tal não aconteceu, por eu estar com pressa de terminar a filmagem, a fim de enviar o rolo para Honolulu, onde seria revelado e de modo algum querer perder a policromia das vestes da criança e a sua figurinha tão grácil na severidade do templo.

No nosso regresso a casa não deixei, contudo, de mencionar a minha mulher o facto de as luzes parecerem não ter incomodado a menina e de saber, com surpresa, que ela nem sequer havia notado o facto ou a criança. Em todo o caso os rolos seguiram para Honolulu e não voltei mais a pensar na criança encantadora.

Passados dias as películas chegaram de Honolulu, já reveladas, e depois do jantar sentámo-nos em frente da tela de projecção para disfrutar, uma a uma e cronològicamente, as imagens que havíamos fixado no nosso aparelho. Justamente as imagens colhidas no interior do templo eram especialmente nítidas e belas e tão contentes ficámos com o trabalho e a sua perfeição, que rodámos outra vez o filme, cheios de agrado e orgulho.

Quando íamos terminar a exibição é que me lembrei de repente da criança que, lògicamente, devia figurar no filme. Mas tal não acontecera e eu, bastante surpreendido, chamei a atenção de minha esposa para tão estranha ausência, quando eu a focara intencionalmente com a máquina.

Minha mulher, sem qualquer interesse pelo facto, limitou-se a dizer-me que talvez a menina se tivesse movido do sítio, enquanto eu fazia os meus preparativos.

Mas eu estava certo de que «apanhara» a criança e que o fizera intencionalmente. No entanto, criança alguma se via na projecção e a explicação de minha mulher era a única aceitável.

Cinco dias antes do Natal o sol apareceu no céu, forte e vitorioso, o nevoeiro ràpidamente desapareceu e nós preparámo-nos para o saudar e aproveitar o seu calor para descanço necessário. Assim, armámos duas cadeiras de repouso, longas e confortáveis e logo nos primeiros minutos da carícia do sol radiante mergulhei num sono delicioso — para ser, após alguns minutos de beatífica sonolência, acordado pela voz de minha mulher, que sem piedade me apontava a figurinha encantadora duma criança que se aproximava por entre os canteiros do jardim. Dei um pulo na cadeira: era justamente a menina que eu filmara no templo, com as mesmas vestes coloridas, o mesmo cândido resplendor que me atraira então. Vivamente excitado expliquei a minha mulher a coincidência e ambos chamámos a menina que, vagarosamente e a sorrir, se aproximou da minha cadeira, e, sem hesitacão, pegou com as pequeninas mãos na minha camisola de lã, como se fosse

coisa nova para ela. Encantados com a sua grácil figurinha tentámos falar-lhe. Mas nem uma palavra saiu da sua boca em arco — a não ser um sorriso sedutor e aberto.

Nem eu nem minha mulher tínhamos até ali visto uma criança semelhante. Os seus olhos eram poços de tristeza e todo o seu semblante um mar de íntima solidão e tudo isto concentrado numa graça infinda.

Minha esposa, impressionada e comovida foi buscar uma caixa de chocolates recém-chegados da América e ofereceu-lha, sem que da boca da criança saísse uma palavra — só aquele sorriso singular, impressionante. A pequenina só parecia querer brincar com a minha camisola, tal como eu a vira fazer com as vestes da imagem da igreja. Tudo isto era bizarro.

De repente veio-me à ideia de que era impossível a criança ter aberto o portão do nosso cercado. A fechadura estava muito acima da sua altura e eu sabia-a, positivamente, fechada, quando ela entrou. Olhei mais de perto e a minha atenção fixou-se nos vestidos que envergava. Em estabelecimento algum de sedas se encontraria tão lindo brocado e eu, sempre ávido de arte e ineditismo, puxei do lápis e comecei a fixar, maravilhado, os desenhos do tecido. A menina pareceu lisongeada pelo meu interesse e estendeu os braços para que eu mais de perto remirasse as mangas. Irresistìvelmente pegámos-lhe nas mãos, mas ambos ficámos chocados pela fria humidade viscosa, como que suada que delas se evolava. As vestes, dum luxo extraordinário, igualmente se encontravam impregnadas de frialdade húmida e ambos sentimos íntima indignação contra os criados que permitiam que um ente tão delicado usasse roupas tão molhadas e tão frias.

Na noite seguinte o padre veio visitar-nos, após o jantar, para a sua lição semanal de língua inglesa. Aproveitámos o ensejo para lhe falar da estranha criança que nos visitara e saber algo a respeito. Mas o sacerdote, depois de alguns momentos de inquérito mental, declarou-nos que não pensava haver uma criança semelhante em todo o povoado, mormente porque só uma escassa dúzia de famílias era suficientemente abastada para vestir assim os seus rebentos e nenhuma delas, aliás, tinha uma menina na idade de três anos, que era o que a doce criancinha aparentava. Levemente irritado pela contradição fui buscar os desenhos que fizera das vestes da menina e o padre, surpreendido, disse reconhecer nelas o símbolo duma tribo de há muito extinta e desaparecida.

O chefe dessa seita, uns quatrocentos anos antes, erigira o templo em memória dos mortos da sua casta e no seu testamento especificara que só aos membros da sua tribo era permitida a entrada de suas cinzas na necrópole do santuário. E ainda hoje esse símbolo era o do templo. Ardendo já em curiosidade, o padre pediu-me que desenhasse mais nìtidamente o padrão dos vestidos da criança, o que fiz com toda a concentração. Após o exame do desenho, o intrigado sacerdote concluíu que o modelo à vista era o usado pelas crianças da nobreza quatro séculos antes, o que tornava o assunto ainda mais absurdo, principalmente depois de me ter referido à visão na igreja, que eu tentara captar no filme.

Tanto o sacerdote como nós, possuíamos cultura universitária e sem quaisquer preconceitos começámos a discutir a intrigante aventura que nos surgia, buscando uma explicação lógica para o caso, desde as materializações *post-mortem* até às aparições. Em todo o caso, uma explicação lógica e racional devia haver para a existência da estranha criança. Embrenhámo-nos numa funda discussão e assim nos encontrou a velha Fugitsubo, quando nos trouxe chá. Perguntámos-lhe se tinha visto a criança no jardim. Olhando-se com incredulidade, a idosa matrona declarou-nos que nem sombra de menina passara pelo jardim nesse dia...

Mas eu tornei a ver a criança no jardim e voltei a vê-la no templo acariciando os vestidos da imagem. Corri a ver o sacerdote e ele, tão intrigado como eu, pediu-me que lhe indicasse a estátua preferida pela ubíquo bambino.

— É Jizo, o amigo das crianças mortas! — disse-me estupefacto.

Tempos passaram, até que um dia minha mulher, que fora colher maçãs, sentiu, amedrontada, umas mãozinhas geladas que lhe agarravam o braço. Numa suprema boa vontade acariciou o rosto frio da menina e, desta vez, desmaiou.

Para nós já não existe dúvida de que se tratava dum caso de reencarnação, de materialização dum espírito que tinha que cumprir uma tarefa na terra — um mensageiro do Além, cuja divina beleza iluminara com seu mistério e graça a passagem pelas terras nipónicas dum casal de americanos que jamais a esquecerão.

(Do «Fate» de Junho de 1956)

ESPIRITAS

Espiritas, irmãos! Enquanto a sombra densa,
Em torvo escárneo à luz envolve a gleba humana,
Ide e estendei na Terra o bem que nos irmana
Sem que a treva do mal vos desatine ou vença.

Se o ódio e a incompreensão, o fel, a injúria e a ofensa
Vos perseguem, bramindo, em triste caravana,
Abraçados à fé sublime e soberana,
Tende o dom de servir por vossa recompensa.

Montanha acima, além de pântanos e escombros,
Ante o Cristo avançai, sustendo a cruz nos ombros,
Na exaltação do amor que ampara e regenera...

Algemados à dor e a luta em toda parte,
Do fulgente clarão que vos cinge o estandarte
Nascerá para o mundo o sol da Nova Era!...

AMARAL ORNELAS

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier).

A VIDA DE ALÉM-TUMULO

(Conferência improvisada e captada em magnetofone)

por **ISIDORO DUARTE SANTOS**

1

Todos sabem que a vida de além-túmulo tem influído imenso na humanidade, através de quadros diversos, pois que o desconhecido infunde sempre respeito, principalmente aos ignorantes ou timoratos. Quem vai de cá para lá ou vem de lá para cá repete, possìvelmente, os mesmos passos, as mesmas emoções, embora diferentes em graduação e intensidade já vividas.

É pela morte — diz o povo — que se atinge o Além. Sim, é pela morte. E que é a morte? É um *processus* vital de desagregação celular. E digo *vital*, porque na morte há vida e ninguém sabe ao certo onde começa e acaba.

Vai-se pela morte, que amortece as nossas faculdades. Esse amortecimento é gradual; e à medida que se evidencia na região somática, diminui de intensidade na região espiritual. As nossas faculdades psíquicas tornam-se maiores e mais intensas. É uma espécie de desdobramento que dá origem a fenómenos de clarividência, telepatia, premonição e até a visões panorâmicas que se desdobram do presente para o passado.

Há também a projecção da personalidade, geralmente no momento da morte e raramente depois, porque é nessa altura que a vontade se exerce poderosamente.

Bozzano coligiu em monografia célebre muitos fenómenos do género. De resto, tal projecção é conhecida. No instante da morte o espírito do moribundo aparece a familiares ou amigos, numa ou noutra região da terra, com vislumbres de realidade. Chega a ser tangível, a falar, a expor assuntos de interesse comum, prova de que as almas sobrevivem à destruição orgânica e podem manifestar o pensamento e a vontade, como reconhecem os investigadores.

— Mas — dirão alguns — após a morte, quando a entidade espiritual se vê para lá do paredão, nem sempre encontra os entes que a precederam.

Eis a ideia-mater de todos: partirmos e encontrarmos os que nos iniciaram nesta vida e depois a abandonaram. Seria continuidade lógica estimuladora e confortadora deparar com pais, irmãos, filhos, maridos e mulheres. É uma questão mental, simplesmente mental, independente de espaço e matéria.

A telepatia fornece-nos elementos preciosíssimos para compreensão do assunto ou para encontrar a chave do problema. E não é preciso mudar de lugar para mudar de posição mental e espiritual. Posso estar num continente e ter comunicações telepáticas com um amigo de outro continente. Nenhum mudou de lugar, no tocante ao espaço geográfico, mas o espírito manifestou-se, houve dinamização de energia.

A SEPARAÇÃO

Vamos ver como se opera a separação. Antes disso, porém, desejo falar do corpo-astral, ou duplo etérico, ou perispírito, como quiserem chamar-lhe. A separação, supondo que o indivíduo está moribundo e prestes a libertar-se, é gradual, inteiramente gradual. O duplo etérico ou perispírito guarda, ou antes, envolve a alma à semelhança do ventre materno que contém o feto humano. É um símile, uma comparação ao alcance dos menos cultos.

A túnica ou envoltura é o corpo-astral. Esta palavra não é bem adequada, mas há necessidade de adaptá-la ao vocabulário vulgar. É astral, porque vem de astro. É uma coisa mais alta. Habituámo-nos a olhar para o firmamento e é no espaço infinito, onde rolam os astros, que procuramos esse elemento. Cada ser ou objecto tem seu duplo, sua forma etérea. O que há em baixo é semelhante ao que há em cima. Nestas circunstâncias, a situação do desencarnado é difícil e mesmo duvidosa. Custa a entender. E se não teve, na vida terrena, conhecimento algum destas coisas, o caso é muito pior ainda.

Se ele houver presciência de transformação para vida futura, o caso é diferente. Os que se habituaram ao estudo da doutrina espirita, que mergulharam no mar a que chamamos morte, sabem que esse amortecimento ou confusão deve ser antecâmara do Além ou mundo astral, que são a mesma coisa. Já que temos de usar esta fraseologia, aceitemo-la, mas guardemos as respectivas distâncias.

Uma vez alcançada e galgada a muralha, o desencarnado necessita de tempo para se adaptar. Connosco sucede o mesmo, seja qual for o ambiente ou a profissão. E só ao fim de alguns

esforços ou canseiras, dissabores e sofrimentos poderemos dizer que estamos realmente adaptados.

O nascimento físico é réplica do nascimento espiritual: sempre precedido de coma. Ninguém sabe quando adormece. Ninguém sabe que às tantas horas, minutos e segundos há-de fechar os olhos e entrar no sono. Ninguém sabe. Todavia galgamos o barranco de forma bem simples. E entramos em coma todas as noites.

Este estado vai-se aproximando insensìvelmente, à medida que os sentidos se paralizam, até que perdemos a noção do que se passa à nossa volta. Chamo a isto «estado de coma»; logo, o corpo-astral ou duplo-etérico está para a alma, como o ventre materno para o feto humano.

O SONO DO ESPÍRITO

Tenho falado em sono. É que o espírito necessita de sono reparador, durante o qual restaure as faculdades, que sofreram grande choque.

Aqui, também necessitamos dele. Todos os dias dormimos. Um homem de setenta anos, se fizer as contas, vive, quando muito, quarenta e três ou quarenta e quatro, por causa do sono que se lhe impõe no fim da labuta diária.

O espírito necessita, portanto, de sono reparador na transição de uma vida para outra e que depende de vários factores, entre eles, o amor, o ódio, a inveja, deveres que se não cumpriram e os próprios sonhos, porque o sono não é abandono total. O corpo pode entrar em repuso fisiológico, mas a alma não; essa mantém a força de vontade ainda mais completa do que no estado de vigília. E assim, no sono reparador da alma ou no sonho, encarnados e desencarnados podem fàcilmente perturbá-la.

No primeiro caso, ou seja na exteriorização de sentimentos de amor ou ódio e preocupação de deveres que não se cumpriram, os desencarnados não dormem a sono solto, como se costuma dizer. Encontram-se em situação difícil, por vezes incompreensível, e a acção dos terrícolas exerce neles grande influência. Neste entrechoque de vibrações o espírito não pode ter repouso completo.

Às vezes são tão grandes e nefastas as reacções, que as entidades ficam num estado semelhante à insónia.

Todos podem verificar o fenómeno. É que o espírito, quando se materializa ou aparece aos vivos da terra, vem sempre meio acordado e raras vezes no seu estado normal. Tenho visto fotografias de espíritos, já assisti a materializações e notei um fenómeno: é que o ser espiritual é despertado muito cedo e os que ficaram podem atrasar ou dificultar a sua libertação.

O assunto é compreensível. Coloquemo-nos na posição de desencarnados que necessitam de dormir profundamente. Não se dá o caso de estarmos a dormir e vir um brincalhão acordar-nos e ficarmos estremunhados?

Mas há outras perturbações do sono reparador: são o choro, as lamentações, as queixas dos que ficaram e vão atingir o desencarnado no melhor ponto do seu repouso. Eles fazem tentativas para voltar à terra, quando os chamamentos são mais repetidos ou persistentes. E nestas circunstâncias atrasam a sua evolução. Por isso não as devem chamar os que partiram, sobretudo nos primeiros tempos do trespasse.

Há sonolentos que se manifestam nas sessões mediúnicas e perguntam à queima-roupa:

— Para que me chamaram? Que me querem?

E os directores de sessão vêem-se em dificuldades para sair do apuro. O nosso egoísmo prejudica aqueles que nos deixaram e melhor agradeceriam uma vibração ou uma prece.

Não se esqueçam também de que alguns espíritos amigos repelem o sono para ficar mais tempo junto dos parentes, mas isto causa dores inúteis a uns e outros. Quem desencarna tem necessidade de caminhos largos para seus passos e suas aspirações. E aqueles choros e lamentações, retardam a sua marcha ascensional. Não se deve perturbar o sono do espírito desencarnado e a comunicação é bom que seja espontânea.

Em Portugal e Brasil há sessões cheias de curiosidade, perguntas frívolas e indiscretas que em nada contribuem para o sossego e evolução dos comunicantes. Mas há quem faça coisa pior: obrigar o ser espiritual a passar repetidas vezes pelo *processus* da morte.

Desculpem a forma como apresento este problema. É que as almas dormentes não se devem acordar. Estão como a criança no seio materno.

Os que desencarnam naturalmente necessitam de sono maior e mais reparador do que os que desencarnam violentamente. É que os segundos ficam muito tempo despertos e senhores de suas faculdades, a ponto de se julgarem na terra e daí os fenómenos de assombramento que nós conhecemos. E também se comunicam nas sessões e são os mais renitentes, porque não deram pela transição. Os seus sentidos ficam semi-materializados e eles chegam a ter consciência, plena consciência dos quadros que vêem, dos sentimentos revelados pelos circunstantes. Nas sessões com a mesa-de-pé-de-galo apresentam-se igualmente espíritos deste género. Quanto à transição, estão mais lúcidos que os outros que morreram de morte natural.

Geralmente os guias instruem esses espíritos sobre a sua condição, até que o sono reparador se apodere deles. Refiro-me aos que morrem de morte violenta, os quais encontram quase sempre quem os oriente. E até grandes médiuns têm au-

xiliado a desencarnação de espíritos provenientes de mortes colectivas.

A VISÃO PANORÂMICA

Quando o *Titanic* foi a pique morreram mais de 1.500 pessoas e houve médiuns ingleses que auxiliaram muitos espíritos a desencarnar. Mas o espírito quando desencarna e antes de entrar no sono reparador tem a recordação nítida da sua vida passada, cena por cena, hora por hora, minuto por minuto. A isso chamou Ernesto Bozzano *visão panorâmica*, uma visão mental de que participa a memória total. Os afogados e os asfixiados têm sentido esta visão. É uma cena após outra, até chegar à infância.

Os planos da memória sobrepõem-se e todos aqueles segredos se desenrolam. Às vezes esquecemos acontecimentos notáveis da vida e na visão panorâmica tudo vem à superfície. A alma como que se amplia e julga-se a si mesma. Tudo nela se imprime, dos maiores eventos à mais simples futilidade.

Os sonhos comprovam esta visão. Tenho tido alguns nos quais se contêm muitos anos de luta. Isto é semelhante à visão panorâmica, quer dos afogados, quer dos que atravessaram as fronteiras do Além. É que as almas entram no sono reparador com o registo de toda a sua vida, com desejos, paixões, ambições, gostos, etc., tudo, enfim, que dela faz parte após a desencarnação e que vai germinando para o futuro.

Antes de abandonar a fronteira extinguem-se alguns impulsos. Por isso, no sono terreno se conseguem conhecimentos que não tínhamos em vigília e se resolvem problemas impossíveis de resolver no estado normal.

E se pudermos adquirir conhecimentos, podemos também alijar escórias da vida moral, de maneira que o espírito fique liberto desse peso que tanto lhe dificulta a marcha ascensional.

Dizem alguns: «Quem me dera dormir em lugar tranquilo!» Não; é impossível dormir em lugar algum, porque no Além não há dimensões. Há estados vibratórios; mas o espírito, depois do sono, ou mesmo durante ele, não fica isolado nem inerme, porque a Natureza prevê quanto se pode imaginar e protege as almas dormentes, imunizando-as de todo o mal que lhes possam fazer.

Nenhuma influência perniciosa pode influir no seu estado, a não ser os pensamentos de ódio e as atracções dos encarnados.

Esta ideia está fortemente arreigada nos povos, porque em todas as línguas há frases como estas: «Descanso eterno», «Descansa em paz», «Sono perpétuo». Vemos estas legendas esculpidas nos cemitérios. De facto, após uma vida atormentada, o espírito necessita de repouso. Mas o sono varia de alma para alma. Os mais evolucionados, repito, dormem mais tempo.

Vejamos: o período de gestação na terra é proporcional à duração da vida. Assim, o elefante, que dura séculos (trezentos a quatrocentos anos), tem gestação de 21 meses. O homem, que dura 60, em média, tem 9 meses. Finalmente o coelho, que dura 4 a 5 anos, tem 1 mês de gestação. Portanto os mais evolucionados têm gestação maior no Além.

Durante o sono as almas descartam-se das inferioridades mentais e acordam às vezes em condições de entrar no mundo que lhes é próprio. Resta saber qual é o mundo próprio de cada um. As ideias que nos caracterizam — morais e mentais — ultrapassam a nossa compleição normal, pois quando a vida terrena se extingue colocamo-nos automàticamente em mundo correlativo, proporcional aos nossos mais elevados conhecimentos. Por isso muitos espíritos, ao desencarnar, não encontram os seus entes queridos.

A LEI DE ATRACÇÃO

Um espírito inferior desperta no mundo que lhe é peculiar, sem ter necessidade de se descartar de muitas escórias, visto que irá viver nas baixas camadas do Astral; mas um espírito superior tem que se despojar dos envoltórios grosseiros, alguns deles sentimentais e mentais e fará esforço bem maior para se integrar no seu mundo. Portanto compreende-se que os espíritos evolucionados tenham necessidade de gestação ou sono reparador incomparàvelmente maior. A alma desperta aos impulsos de vida nova, é a lagarta que passa pelo casulo e se transforma em borboleta. Este exemplo é tão flagrante, que o citamos com frequência.

O mundo de cada espírito corresponde ao que ele foi. Que vale dizer de quem morreu que era muito bom, que era um anjo, que não tinha defeitos, que era um bem intencionado? Não adianta, não resolve o problema. Se cada um é artífice do seu futuro, de nada servem aqueles pensamentos. O automatismo evolutivo exercer-se-á implacàvelmente.

Ouve-se dizer que as formas espirituais são humanas e há pouco o próprio *Ramatis* o confirmou; mas elas deixam de existir nas formas mais elevadas. Nos mundos superiores o Espírito é expressão luminosa, em que tudo se conjuga. Não há figuras: há transcendência.

Os teósofos afirmam que o corpo astral abandonado é um *cascão*, a que também chamam vestimenta do espírito. Na terra abandona-se o corpo físico e no mundo astral abandona-se o corpo etérico. Muitos espíritos sentem-se atraídos para esse vestuário deletério e não podem passar sem

ele. São semelhantes aos que preferem atrasar a sua evolução espiritual para ficar mais tempo junto dos entes que deixaram. As almas, essas pairam muito mais alto e passam adiante.

★

Disse que no Além não havia lugares, na acepção vulgar do termo. Sim, não há lugares; há simples condições de existência, condições vibratórias específicas. É difícil explicar a diferença entre lugar e condição vibratória, mas não faz mal apresentar um exemplo adequado.

Podemos imaginar dez, vinte ou trinta mundos no espaço de um só. Estamos num de três dimensões, mas nele é fácil visionar outro de dimensões diferentes. Basta que tenha a 4.ª dimensão. Se adquiríssemos de repente mais um sentido e víssemos através dos corpos opacos, tudo se modificaria. E se, além disso, pudéssemos ficar senhores da visão astral, então o espanto seria maior. E, todavia, não sairíamos do globo terráqueo.

O espírito acorda, pois, no mundo próprio. Através de um só fio telegráfico já se transmitem muitíssimas mensagens sem qualquer interferência, em virtude de cada uma ter a sua gama especial.

Esta ideia leva-nos a compreender o conceito do mundo vibratório ou plano de existência. Quando me refiro à posição do espírito, não entro em conta com o lugar que ele ocuparia, se estivesse circunscrito à matéria do seu invólucro e muito menos à situação geográfica.

E a parte mais nobre do nosso pensamento corresponde em rigor à sua linha evolucionista.

Se os nossos sentidos não se *amarfanhassem* durante a vida terrena (permita-se a expressão), por exercerem acção profícua e decisiva no trabalho, nas dores, no sofrimento e, mais ainda, pela circunscrição à matéria constitutiva do organismo somático tornariamos em regra a excepção. E todos seríamos clarividentes, clariaudientes, psicómetras e sensitivos de várias espécies. A existência de instrumentos mediúnicos e de passivos magnéticos é a prova de que os sentidos físicos se podem desdobrar. Portanto, alguns espíritos não querem abandonar os tais *cascões*, porque desejam viver ou sentir o ambiente da vida anterior, embora quase todos os que desencarnaram em circunstâncias precárias, vítimas de alcoolismo, de luxúria ou avareza tivessem abandonado os tesouros e sejam presas de grande preocupação. Querem reviver o passado, têm saudade da riqueza transitória. E porfiam e depois conformam-se; a ascensão impõe-se e o despertar é sempre radioso. Até nós, quando dormimos um sono prolongado e reparador, acordamos dispostos ao trabalho. Os coléricos amansam, porque os nervos se distendem. Há bom humor, franqueza, lealdade. O sono é que produz o milagre. Tranquiliza o mundo celular e a mente é mais lúcida.

O DESPERTAR

O despertar dos que bem dormiram é uma espécie de novo nascimento. Hoje já se utiliza a terapêutica pelo sono. Obriga-se o enfermo a dormir dois, três, quatro e cinco dias consecutivos e acorda muito rejuvenescido. Pelo menos, desintoxicado. Os tecidos orgânicos modificaram-se, desapareceram os tumores, as úlceras, a acidez do sangue e tudo se recompôs. Foi, na verdade, um novo nascimento.

Entra-se, por assim dizer, noutro mundo experimental e é com todos os elementos adquiridos que o espírito fará a sua experiência no Além. Não há receio e muito menos pavor. Há simplesmente adaptação.

O medo de morrer não tem fundamento sério. É baseado em ignorância e preconceito secular. Se pensarmos a sério no problema veremos que o medo é absurdo. Desconhecer é temer. Tudo se pode aventar acerca do que se ignora. Por isso, ninguém tenha medo de morrer. O espírito irá para o seu mundo próprio. As almas não estão sós. Há vida intensa em toda a parte, vida de trabalho, que é lei natural e universal e a cujo influxo não poderemos fugir.

Todos os desencarnados sentem este quadro em que a atracção e a afinidade têm melhor sentido.

As almas aferradas à terra sofrem mais, principalmente aquelas que não conseguem satisfazer os prazeres da matéria, como as dos sibaritas e dissipadores.

É inconcebível a tortura dos espíritos atrasados que infestam tabernas e alcouces, na ânsia de fruir prazeres. Perderam o corpo físico, mas encontram-se densificados e podem mais fàcilmente compreender e sentir aqueles ambientes.

Alguns aglomeram-se junto aos balcões, fazem esforços incríveis para agarrar os copos de vinho e de licor e ficam admirados de não poderem tocá-los. Este fenómeno contribui para melhor conhecimento da situação do espírito fora da carne.

Outros ficam muito tempo ligados ao corpo e chegam a sentir a vérmina. Um verdadeiro pavor. De onde se conclui que as almas despertam para a vida e não para a morte. O contrário seria a negação de Deus e da imortalidade.

(Continua)

O maior médium da história

Por MAURICE ELLIOT

A história da vida de Jesus é a maior e a mais sublime de todas as narrativas psíquicas que um crente sincero do além pode oferecer-se para maior e mais belo alicerce da sua fé.

Se hoje um homem em Paris ou Londres aquietasse uma tempestade, passeasse sobre os rios, alimentasse as multidões, levantasse os mortos — como nos contam os Evangelhos — o terror e o espanto seriam sem limites.

Mas o povo antigo que assistiu a esses factos era o povo saído do «Velho Testamento», habituado e familiarizado com a clarividência, a clariaudiência, a materialização, enfim, com tudo aquilo que hoje constitui a essência do Espiritismo. Neste clima psíquico, cuja atmosfera impregna todos os primeiros livros da Bíblia, o povo eleito esperava sempre a vinda do ungido, aquele que tinha o poder de evitar o desastre, a morte prematura, a pobreza, a peste, a tempestade e a fome, olhando os males da vida como consequência do destino e imprevidência do homem, mas acreditando que estas limitações e infelicidades não deviam existir e imaginando na utopia uma ordem messiânica que evitaria o mal. O Messias traria consigo o poder espiritual que dominaria o natural, a lei mental que sobreporia à humana e eles teriam que preparar-se para o Seu aparecimento. Jesus sabia-o e pelo Seu poder psíquico todos os fenómenos se realizaram ante a multidão predisposta a contemplá-los. E aos trinta anos algo se produziu que o afastou de Nazaré e o lançou na senda do Seu destino único e imortal.

A PROFECIA

O Seu segundo primo João era um grande médium e o Espírito dos Mundos lhe havia dito que preparasse o povo para o advento e o baptizasse para símbolo de fé. O seu guia então o avisou do dia do baptizado e de que um sinal do céu se faria ver nessa mesma hora. Assim foi, no momento em que a água lustral tocava a radiosa face do eleito. Era Jesus e o espírito de Deus estava nele e nele um incomensurável poder psíquico sobre os homens e as coisas.

A partir dessa data Jesus mostra-nos até onde encarnava o poder espiritual que possuía. E uma longa teoria de factos desde a conversa com a samaritana até a materialização de Moisés patenteia-nos as suas possibilidades clarividentes, proféticas e dinâmicas. As materializações destinadas a convencer os discípulos não seriam completas, se o corpo espiritual lhes não aparecesse, como fez, para lhes mostrar que a sua morte física nada significava para a sua alma eterna. Possuía — e é para qualquer médium um símbolo e um mestre — os maiores dotes psíquicos possíveis neste mundo, dotes que, ainda que em milhares, só são dados aos eleitos. Uma das suas predições foi que alguns que após ele viessem cometeriam os seus feitos, iluminados pela mesma força. Sendo um espírito encarnado, viveu espiritualmente através desse corpo que ficou pregado numa cruz. O seu conhecimento ubíquo, no tempo e no espaço, tanto o fazia profetizar como operar nesse espírito de missão que ainda hoje é o lema de quem tenta mostrar o caminho da luz. A última vez que esteve em Jerusalém disse:

— Ainda que não vos torne a ver, bendito seja o que vier em nome do Senhor.

Na última ceia Jesus predisse a sua prisão e o seu fim, mas dizendo aos discípulos que o seu pezar se transmutaria em contentamento, ainda que com ele não estivessem no derradeiro momento.

Pedro perguntou porque não estaria ele com o Mestre, se por ele daria a vida. Mas o poder psíquico do Cristo já o avisara da negação de Pedro e da deserção dos apóstolos. Perseguido pela Igreja, renegado por Pedro, traído por Judas, abandonado pelos discípulos, preso, condenado, crucificado, Jesus, imbuído de clarividência espirita, tudo suportou na intemporalidade da alma e no campo da vida humana.

Quando os piedosos amigos e as fiéis mulheres o sepultaram, Maria Madalena viu o túmulo vazio. Outro espírito lhe anunciou então que Ele voltaria. A materialização de Jesus é sem dúvida um facto que pertence hoje ao domínio da experiência espirita. A sua semelhança física com o jardineiro, quando apareceu a Maria Madalena, demonstra que este mediara para a materialização. Só a voz o identificou claramente ante os ouvidos da pecadora. Era uma precária forma que pediu não lhe tocassem. Mas alguns minutos mais tarde outra mulher se aproximou e Jesus deixou-a acariciar-lhe os pés. Isto significa que uma nova materialização se realizara.

Todos os espiritualistas devem meditar nestes factos, com a premissa de que os espíritos materializados nem sempre se manifestam através do mesmo corpo humano.

Os discípulos que duvidavam do reaparecimento do Mestre crucificado, perdida a sua fé, viram de repente suas almas cheias de certeza: Jesus lhes aparecia com o mesmo sorriso doce, a mesma voz harmoniosa, o mesmo olhar sublime.

O mandato do Mestre através dos que o seguiram é, pois, um mandato intemporal, uma lição presente ao homem no caminho do mistério da sua existência. E prova que o Espírito não tem fim nem princípio, que domina a matéria no que ela possui de transitório e de corrupto e que, de facto, está presente junto a nós, mesmo quando pensamos que a morte tudo aniquilou.

SERENIDADE

DE PAULO ALBERTO

A Arte requer serenidade,
A Arte requer meditação.
Não queiras ser como essas folhas
Que o vento leva em turbilhão.

Educa, Poeta, o sentimento,
Refreia a louca inspiração.
Não te assemelhes a essas folhas
Que o vento leva em turbilhão.

Sê espontâneo, mas procura
Em tudo ter moderação.
É triste ser como essas folhas
Que o vento leva em turbilhão.

VIDA — MORTE — AMOR . . .

CHILI BOUCHIER

A actriz que um maestro converteu ao Espiritismo

por **FRED ARCHER**

(Director do «Psychic News»)

O espectáculo terminara e depois do cair do pano a notável actriz, ainda que fatigada, dirigiu-se para a frente do edifício, a fim de recolher algumas fotografias do produtor, que depois das primeiras palalhe disse pensativo:

— Gwen viu outro rosto sobre o meu, quando eu vigiava o espectáculo. E afirma que se trata de um homem que está relacionado com a música, um homem de faces delgadas, proeminentes e de nariz aquilino.

CHILI BOUCHIER

TEDDY JOYCE

A actriz, enquanto guardava as fotos, observou:

— «Mas, é Teddy!» — proferindo estas palavras com mal contida convicção. Porque a actriz era Chili Bouchier e Teddy era Teddy Joyce, famoso regente de orquestra e ambos estavam à beira de um casamento que lhes prometia um belo futuro, quando a tragédia caiu sobre o noivado. Teddy Joyce foi atacado por febres cerebrais e morreu pouco depois com 36 anos. E aquele fim cortado de sofrimento e de amargura foi também o princípio doutra coisa. Teddy morrera durante a guerra e, antes e depois deste incidente no teatro, Chili teve a certeza de que ele não estava perdido para ela. O seu aparecimento naquele teatro coincidira com um período de aflição pessoal, preocupada como andava pela saúde de alguém que lhe era querido e assim orava com fé e confiança para que o pai falecido e o espírito de Teddy a ajudassem.

Na última noite, sentada no camarim e quando apagava os vestígios da pintura, sentiu — como acontecera muitas vezes durante os meses que se seguiram à morte dele — que a presença de Teddy a acompanhava, e isso lhe trouxe, como sempre, excitação e conforto.

Ao deixar o teatro, com o director, este, que já havia discutido assuntos psíquicos com a artista, limitando-se a dizer-lhe que tinha o espírito aberto a tudo que fosse real, ia-lhe descrevendo a experiência contada por Gwen. Chili não sabia quem era Gwen, uma empregada na bilheteira, mas depois da narrativa do empresário enviou-lhe algumas fotografias do falecido maestro, que ela reconheceu como sendo o retrato da visão, ainda que neste parecesse mais magro, o que Chili atribuiu aos seus últimos dias, em que abatera muito.

Gwen era espirita ferverosa e por isso sugegiu a Chili que visitasse um médium. E ela, embora sempre tivesse revelado dotes psíquicos e nunca estivesse em contacto com os meios espiritualistas, aceitou, excitada.

DESCRIÇÃO

Tão cedo lhe foi possível, dirigiu-se à *Associação Espiritualista de Marylebone* e teve uma sessão com Mary Taylor, escolhida ao acaso entre os médiuns por gostar dela.

A médium, logo de início, forneceu-lhe uma boa descrição de Teddy Joyce, referindo-se às suas relações com a música e transmitindo este comentário do artista: «Estou agora melhor do que na fotografia e era uma boa fotografia». Isto fez rir de prazer a Chili, que ao princípio estava assustada, porque era aquele o modo de falar, alegre e folgazão, de Teddy. Depois a intermediária disse-lhe que fora ele, efectivamente, que aparecera a Gwen e que a pessoa doente por quem estava aflita iria melhorar.

EXPLICAÇÃO

Mais tarde, a actriz, impressionada por esta série de revelações, escreveu à mãe do falecido noivo acerca das suas experiências, ao que ela respondeu que já o vira muitas vezes, contando-lhe a mais

recente visita de Teddy, a falar sempre de «Doroteia, minha Doroteia» sem que ela soubesse quem fosse essa mulher. Mas Chili, na sua resposta, pôde elucidá-la, pois Doroteia era o seu primeiro nome, que mudara para Chili ao entrar para o cinema.

EXPERIÊNCIAS

Foi isto no período em que encontrara Teddy. Por votação dos leitores de uma revista escolhera definitivamente o pseudónimo de Chili, entrando pouco depois para o teatro, onde fez maior número de experiências psíquicas.

Uma vez representava «Becky Sharps» no Teatro Real de Bristol, o mais velho teatro de Inglaterra, e como o elenco era pequeno ocupavam os artistas apenas os camarins dum lado do edifício, mas Chili utilizava um situado na ala oposta do edifício. A sua assistente era uma rapariguinha da Irlanda, inclinada para a tristeza e melancolia, o que passou despercebido a Chili até à noite em questão, em que o compartimento parecia muito mais frio e escuro, quando entrou para mudar de vestido

— Apagaste alguma luz? — perguntou à rapariga —.

— Não apaguei.

Depois a actriz verificou que se esquecera dum adereço e pediu-lhe que o fosse buscar ao outro lado do edifício. Foi então que o camarim se tornou mais escuro e mais frio e Chili ouviu alguém a gemer...

HORRÍVEL!

Quando a rapariga voltou, Chili disse-lhe:

— Há qualquer coisa de horrível neste quarto. Será isso que te preocupa?

Com grande alivio a rapariga admitiu que sim e ambas abandonaram o camarim para sempre. Diziam que o fantasma de Sarah Siddons assombrava o Teatrol Real, mas Chili afirmava com convicção que, sendo algumas cenas grandes triunfos da falecida actriz, não compreendia por que estava ela atormentada, a não ser por não gostar da sua actuação.

Chili tinha o hábito de comparecer no teatro antes dos outros actores e quando representou no *Grande Teatro de Derby* ocupava um pequeno camarim nas trazeiras do palco e todas as vezes que lá se dirigia sentia roçar-lhe a face um sopro de ar gelado. O facto levou-a a falar nisso à assistente, que lhe disse que também já conhecia o caso e que o seu cão se recusava a entrar nessa parte do edifício. Duas semanas mais tarde, quando representava noutra cidade, um rapaz novo veio falar-lhe, dizendo que sentia o que acontecera a Teddy e que ele próprio perdera a sua noiva havia pouco tempo.

ACIDENTE

Trabalhavam ambos no trapézio e a noiva morrera num acidente durante o espectáculo, sendo levada para um pequeno quarto no *Grande Teatro de Derby*...

Outra prova esclarecedora nestas experiências psíquicas e espiritas fê-la Chili com uma jovem amiga, grande excursionista que a actriz gostava de acompanhar. Em qualquer sítio visitado a rapariga parecia recordar-se de qualquer antepassado que desempenhara algum cargo ou acção nesse local, e Chili, despretensiosa, sentia-se humilde ao pé da outra.

Na Páscoa visitaram o café onde Drake e outros Isabelinos se supõe terem planeado as suas incursões em Espanha. No andar superior há uma sala com panóplias carregadas com as cotas de armas dos cavaleiros e com o respectivo nome por baixo.

Chili tinha parado no centro do recinto, quando, sùbitamente, uma força oculta a fez voltar-se, levantar o braço e apontar para a parede, dizendo automàticamente:

— Esse é da nossa família!

E para sua própria surpresa o nome era «Bouchier», o seu!

Como tantas pessoas, que são médiuns sem se terem desenvolvido, Chili Bouchier fizera experiências psíquicas na infância. Contava apenas 6 anos de idade, quando, de visita a pessoas de família, passou por uma prova terrível. O rapaz da casa, um pouco mais idoso, costumava brigar com ela, como, aliás, fazem todas as crianças. Mas ele juntava o terror às tropelias, dizendo-lhe que recebia a força do «Sr. Fantasma» que lhe havia de aparecer. E, de facto, uma noite ela viu uma figura de pé, junto à sua cama.

O SIGNIFICADO DA APARIÇÃO

A princípio julgou ser o primo disfarçado para a assustar, até que a figura lhe falou. O que lhe disse já se não lembra. Mas o mais convincente do caso foi, quando, por último, a visão desapareceu. No corredor dessa mesma casa viu ela um dia, avizada também pelo rapaz, a forma de um jovem e actrativo mancebo com camisa aberta e calções de montar e este era um «Sr. Fantasma» real que nenhum terror infundia. Os parentes mais idosos atribuiam estas visões à sua imaginação de criança. Mas passar-se-iam muitos anos até que outra visão — o espírito vivo de Teddy Joyce — provasse a Chili o significado dessas aparições e a levasse a abraçar o Espiritismo com a fé ardente que hoje tem.

UM LIVRO SENSACIONAL (NOVA REMESSA) **Por Morey Bernstein**

«O CASO DE BRIDEY MURPHY»

O relato surpreendente e verdadeiro de uma senhora americana que, em hipnose, reviveu uma existência anterior na Irlanda há mais de um século.

É um livro fascinante que descreve experiências de hipnose, telepatia, clarividência, regressão de idade, percepção extra-sensorial, reencarnação e outros mistérios do espírito.

Foi o livro de maior venda nos Estados Unidos em 1955. Mais de três milhões de exemplares esgotados num ano! Agora, em edição portuguesa.

ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA PREÇO — 50$00

Culto do Evangelho no Lar

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

É de um efeito admirável o culto do Evangelho no lar. *Emmanuel* este espírito amigo, guia do médium Francisco Cândido Xavier, já mo havia afirmado por ocasião de minha visita àquele médium e amigo, anteriormente. Porém eu só me convenci, de facto, por ocasião de minha última visita ao Chico, quando tive oportunidade de ficar mais uns dias em sua companhia e visitar com ele algumas famílias, alguns lares necessitados, a que levou, em companhia de outros, o culto do Evangelho no lar, junto com algumas lembranças a título de auxílio.

O trabalho é simples na forma. Porém o seu fundo e efeitos são verdadeiramente evangélicos e surpreendentes. Este culto do Evangelho no lar, à luz da doutrina espirita, pratica-se em duas formas distintas. Na primeira, o chefe da família, depois de ter combinado com todos os componentes do lar, marca um dia e hora da semana para esse acto, que deverá realizar-se sem interrupção, ainda que faltem alguns de seus componentes.

À hora marcada, prepara-se uma mesa, como quem vai receber alguém de muita estima. Todos em torno da mesa, coloca-se um vaso limpo com água igualmente limpa e abrem-se os trabalhos, solicitando o auxílio espiritual, em nome de Deus e de Jesus. Depois um dos presentes abre o Evangelho ao acaso e lê-se o tópico do capítulo que houver saído, cuja leitura não deverá prolongar-se mais de cinco minutos. Depois, o comentário, se quiserem. Em seguida, a prece de auxílio espiritual, também curta e precisa, agradecendo a satisfação daquele convívio fraterno, solicitando o auxílio espiritual para o lar e todos que nele vivem, assim como a fluidificação da água, que deverá ser, finalmente, servida a todos como símbolo de confraternização e preservação da saúde e bem estar espiritual. Esta prece de auxílio poderá ser o «Pai Nosso», que Jesus ensinou aos seus discípulos.

Durante a prece a assistência espiritual dá o passe fluídico a todos presentes e fluidifica a água sobre a mesa. No fim de alguns minutos de silêncio o director do mesmo encerra o trabalho daquela semana.

O efeito deste trabalho far-se-á sentir na vida do lar e das pessoas que nele residem, porque um espírito de melhor compreensão e tolerância se fará sentir, tornando-se mais fraternos e amigos uns dos outros. E as crianças, com o tempo, vão lembrando o dia da reunião e dos atractivos fraternos do culto evangélico no lar.

A outra forma de culto do Evangelho no lar é diferente. Em vez de ser feita pelo chefe da casa é feita pelo chefe de uma caravana fraterna, já evangelizada que, em determinado dia da semana, a hora certa, depois de terem combinado entre si e com as famílias dos lares a serem visitados, vão ao encontro deles, um por cada vez, lendo e vibrando no recinto dos mesmos a mensagem do Cristo à luz do Evangelho, sem pretensões de proselitismo nem qualquer outro compromisso que não seja o da fraternidade.

Depois da leitura do tópico, o director da caravana entrega as lembranças destinadas a cada um e pede as bênçãos de Deus e para aquele lar e seus componentes, desejando-lhes saúde, compreensão, paz e alegria, despedindo-se até à próxima semana, no mesmo dia e horário.

A caravana retira-se e prossegue até o fim do número de lares programados da mesma forma. Chegados ao término do último visitado a caravana se encaminha para o templo, Grupo ou Sociedade da entidade espirita ou espiritualista a que esteja filiado, para o encerramento dos trabalhos, onde, novamente reunidos, como na abertura, agradecem a Deus por tudo o que se passou e foi feito, pedindo as bênçãos e o amparo espiritual para todos eles, bem assim para os espíritos que junto deles possam encontrar-se. Em seguida fazem uma prece de auxílio, durante a qual, em silêncio, todos receberão o passe espiritual. Passados alguns segundos ou minutos, segue-se o encerramento final do trabalho daquela semana.

Este trabalho simplesmente lido através desta crónica, não vos poderá dar uma ideia do que ele seja pràticamente. É o mesmo que um remédio, imaginado através da bula e sentido depois de tomado nos seus efeitos. O Evangelho no lar é essência divina que afasta as influências desfavoráveis e predispõe os espíritos para a paz e para o amor.

Vale a pena experimentar para sentir este conforto espiritual. Porque abre caminho para a acção benfazeja de nossos guias e protectores, melhorando a situação de espíritos encarnados e desencarnados.

Jesus é o Mestre dos Mestres e o médico de todos os aflitos.

O seu Evangelho é o manual onde há fórmulas para todas as nossas atribulações.

PORTO ALEGRE

F 20/60

FALSOS JULGADORES

Desmentidos por altas individualidades — Apelo aos intelectuais da hora presente

Por José Francisco Cabrita

Os homens, quando se põem a julgar os actos ou a personalidade uns dos outros, praticam injustiças tremendas, denunciam as suas inferiores faculdades de inteligência e atestam, quase sempre, a sua execrável ignorância quando abordam assuntos que desconhecem inteiramente, porque nunca os estudaram, e referem-se a eles sòmente por ouvirem falar aos outros.

Julgadores desta categoria só servem para amesquinhar reputações respeitáveis, ou para alardear petulâncias que sempre ficam em zero quando postas em frente do Bom-Senso.

E tudo porque julgam ver nos outros aquilo que, deturpadamente, o argueiro que têm nos seus olhos da alma lhes permite ver.

E este argueiro terrível é formado nuns pela inveja e pela maledicência, noutros pelo orgulho ou pela vaidade, e, na grande maioria, pelo véu terrìvelmente obscurecedor da ignorância.

Todavia há muita gente que lhes dá crédito, e nisto é que consiste a grande calamidade espalhada, por esse mundo fora, por aquela legião de falsos julgadores, a que é costume designar por críticos em certos casos.

E há muitos destes bípedes que, não tendo nada que fazer, empregam o tempo a dizer mal de tudo e de todos.

Há tempos, numa sessão da Câmara Municipal de Lisboa, um vereador chamou a atenção dos seus pares para uma manifestação de certa maneira estranha e há muito observada, de bastantes habitantes desta Capital da República irem, com muita frequência, pôr ramos de flores, soltos ou em jarros, no pedestal da estátua do que foi grande benemérito e saudoso médico — o Dr. Sousa Martins —, existente como é sabido, no Campo dos Mártires da Pátria, e algumas vezes exibir velas acesas e ajoelhamentos perante o homenageado, assim tão ardentemente distinguido pela anónima iniciativa de certa gente do povo.

Bisbilhotaram os curiosos a razão de tão repetidas manifestações de homenagem ou de gratidão, e foi-lhes explicado que eram motivadas pelos frequentes «milagres» atribuídos ao Espírito daquele caritativo médico curando doentes que, em esperançadas súplicas de fé, depois de desesperados desenganos, se lhe dirigiam em ansiosos apelos.

Para os que descrêem da influência do mundo espiritual junto dos terrícolas, influência que pode ser benéfica ou maléfica, segundo afirmam os ocultistas e que está compreendida na lei das vibrações semelhantes ou sincrónicas, para os que descrêem de tal influência — dizíamos nós, o facto tinha de ser classificado, e assim o foi, como manifestação da ingenuidade e da ignorância que o referido vereador criticou como imprópria de gente duma capital como Lisboa.

Este parecer crítico foi mais tarde alargado e classificadas aquelas manifestações junto da referida estátua como de pura idolatria (e isto simplesmente porque Sousa Martins não está na categoria dos santos, porque, se estivesse, aquelas flores e aquelas velas tinham, sem dúvida, todo o aplauso).

E para cobro de tais manifestações atribuídas a gente incivilizada e ignorante, foi mais tarde tomada a resolução de impedir, com a presença da polícia, a colocação de flores, na estátua atrás citada.

Achamos que tal resolução, ainda que atentatória duma ingénua manifestação de homenagem de certas almas simples, não deixou de ter o apoio dos espiritas despidos de fanatismo, porque a infantilidade, própria de preconceitos místico-atávicos, de acenderem velas e de se prostrarem de joelhos perante a bela estátua de Sousa Martins, porque tudo aquilo, incluindo mesmo a oferta de flores, são actos de pura materialidade, que às entidades espirituais são indiferentes, sòmente as sensibilizando os pensamentos agradecidos, que ficam vibrando, por algum tempo, junto de quem os emitiu.

Pois a mencionada sessão camarária logo incitou certos plumitivos a aproveitarem o tema excelente para se atirarem aos que acreditam na existência e nas actuações do mundo espiritual como sendo criaturas degeneradas, psicasténicas, de limitada instrução, caracterizadas como débeis mentais, e altamente sugestionáveis.

E aqui aparecem os falsos julgadores a alardear sabedoria que não possuem e a tratar de assuntos que não conhecem e nem lhes interessa conhecer, para que não suceda que a sua mentalidade se debilite com o esforço a empregar...

Todavia há por esse mundo fora muitos milhões que acreditam nas doutrinas e nas manifestações do que os ingleses denominam *Neo espiritualismo*, os franceses e os povos latinos designam *Espiritismo* e a que certos homens de ciência dão, impròpriamente, o nome de *Metapsiquismo*, sendo tudo isto simplesmente o que os sábios egípcios cultivavam sob a designação de *Ciências Ocultas* e que na civilização grega tiveram como geniais adeptos os célebres filósofos gregos Tales, Sócrates e Platão.

Neste último século decorrido, o véu que ocultava muitos dos conhecimentos espirituais dos antigos foi eliminado pelas claridades do pensamento investigador e insaciável de saber das gerações de intelectuais que têm vindo a agitar o mundo desde o começo da segunda metade do século desanove e assim, homens de respeitável probidade científica e mental dedicaram-se a desvendar o que havia no campo das chamadas ciências ocultas dos antigos, que correspondem, como dizemos, ao Espiritismo, ao Neo-Espiritualismo ou ao Metapsiquismo dos tempos de hoje, ou ao que recentemente se passou a denominar *Parapsicologia*.

No número daqueles homens e mulheres que ninguém tem o direito de classificar de débeis mentais ou de simples espíritos fracos e fàcilmente sugestioná-

veis, e menos ainda de ignorantes e incultos, apontamos William Crookes, notável físico e químico inglês a quem se devem várias descobertas, como a da matéria radiante, a do tálio, a dos raios catódicos, etc.; Conan Doyle, o célebre escritor do «Sherlock-Holmes»; Dr. Léon Denizard, codificador da doutrina e filosofia espirita; *Sir* William Barrett, professor de física da Universidade de Dublin; o Dr. Paulo Gibier, médico francês; Frederico Zöllner, notável professor e astrónomo alemão; o célebre astrónomo francês Camilo Flammarion; o genial poeta e escritor Vítor Hugo; *Sir* Oliver Lodge, professor universitário inglês, há pouco falecido; César Lombroso, criminologista italiano e professor da Universidade de Turim; o autorizado psiquiatra brasileiro Dr. Inácio Ferreira, que está provando, na sua clínica, que o Espiritismo cura loucos e não faz loucos; o insuspeito Delegado de Polícia no Estado de S. Paulo (Brasil) Dr. R. A. Ranieri, que, com as suas recentes experiências sobre materialização de espíritos, obtidas sob o rigor mais escrupuloso, escreveu o belo livro «Materializações Luminosas».

E, para não falarmos só em intelectuais dos outros países, citemos também os nomes de portugueses ilustres que nunca se sentiram insignificantes nem diminuídos intelectualmente, antes pelo contrário, deram sempre, com entusiasmo, às doutrinas e filosofia espiritas, as luzes da sua inteligência e o prestígio dos seus nomes na propaganda delas, destacando, de entre eles, o Dr. Sousa Couto, funcionário superior do Ministério da Justiça, que de 1905 a 1908 dirigiu e manteve em Lisboa uma publicação de propaganda e doutrinação denominada *Revista de Estudos Psíquicos*, que teve seleccionada colaboração, pois Sousa Couto se relacionou com vultos como os citados William Crookes, César Lombroso, Paulo Gibier, etc., o Dr. Martins Velho, que no tempo daquela revista em que colaborou era advogado em Elvas e foi Presidente da primeira Direcção da Federação Espirita Portuguesa constituída em 1926; o general Júlio César Barata Feio, que foi o Presidente da primeira Assembleia Geral da dita Federação; o Dr. Dias Pratas, que foi médico em Coimbra; o Dr. Adolfo Sena, falecido professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; D. Maria O'Neill, distinta escritora e poetisa membro da Academia das Ciências de Lisboa; Dr.ª Amélia Cardia, primeira senhora que, em Portugal, se formou em medicina; Dr. António J. Freire, distinto médico homeopata, falecido em 2 de Março de 1958, que deixou uma bela obra sobre Ciência e o Espiritismo; o coronel Faure da Rosa, que marcou uma posição de relevo nas províncias ultramarinas onde serviu, e foi, mais duma vez, Presidente da Direcção da F.E.P. (Federação Espirita Portuguesa); o Dr. Gilberto Marques, jornalista e antigo cônsul em Providence; o general Zeferino Passaláqua, que muito estudou a interpretação evangélica adaptada à filosofia espirita; D. Maria Veleda, escritora e poetisa; o consagrado jornalista sr. Hugo Rocha. E muitos, muitos outros nomes poderíamos citar, mas vamos terminar esta já extensa lista acrescentando ainda o nome do Dr. Lobo Vilela, distinto engenheiro geógrafo e escritor, que num dos seus livros magistrais — «O Destino Humano», apresenta como provas elucidativas da existência do mundo espiritual, entre outras, as seguintes:

a) Materializações de entidades em que se verifica uma reconstituição biológica integral;

b) Moldagens transcendentais;

c) Autógrafos reproduzindo exactamente a escrita de pessoas falecidas, em especial quando o médium é analfabeto e não conhecia o defunto nem o seu tipo de letra;

d) Fotografias de espíritos desconhecidos do médium e dos assistentes;

e) Aparições de fantasmas observadas por diversas pessoas, nos casos em que não podem ser atribuídas a alucinações, a ideoplastia ou a sugestão;

f) Mensagens cujo conteúdo se refere a factos verdadeiros que só uma pessoa falecida podia conhecer;

g) Mensagens que fornecem pormenores biográficos exactos de uma pessoa falecida e desconhecida do médium como dos assistentes;

h) Mensagens feitas em línguas desconhecidas do médium;

i) Mensagens cujo conteúdo não possa explicar-se por telestesia nem por telepatia;

j) Mensagens obtidas pelo processo da correspondência cruzada;

k) Autógrafos obtidos por escrita directa, produzida nas faces internas de ardósias unidas e seladas ou em condições de rigoroso controlo.

★

E, concluindo, protestamos contra a má língua dos difamadores do Espiritismo ou Metapsiquismo, como melhor lhes soar, que em tudo que dizem sobre ele só revelam ignorância e má fé, e afirmamos não existirem milagres, nem no que observam os admiradores do Dr. Sousa Martins, nem no que se tem passado em Lurdes ou em Fátima, ou nos trabalhos experimentais que os espiritistas realizam por esse mundo fora, pois todos esses casos observados e certificados estão dentro de leis divinas que os homens ainda não compreendem, porque, a par das vibrações conhecidas por ondas hertzianas captadas nas telefonias, das ondas sonoras e ultra-sonoras vibrando no éter espacial, das vibrações da rádiactividade resultante da desintegração atómica, das vibrações cósmicas sulcando os espaços interplanetários e todas elas consideradas de natureza invisível, há também, e da mesma natureza, em parte, as vibrações inteligíveis ou inteligentes próprias do mundo espiritual que nos envolve e actuantes em inúmeras experiências feitas no género das que dão as provas que o Dr. Lobo Vilela menciona.

★

Terminamos, afirmando que nenhumas daquelas personalidades, nacionais ou estrangeiras, foram consideradas ignorantes ou ingénuas, nem o signatário, como professor que exerceu o magistério oficial durante 42 anos, durante os quais desenvolveu uma persistente actividade espirita e sempre com o seu serviço oficial bem valorizado, pode ser apontado de apresentar, assim, um produto ou um labor dum débil mental, como aqueles falsos julgadores pretendem designar os que acreditam nas manifestações espirituais tão ignorantemente depreciadas, por serem tristemente desconhecidas pelos que, de má fé, as monosprezam.

Aos intelectuais da hora presente, que sentem palpitar em si uma ânsia de espiritualidade isenta de preconceitos e de fanatismos, solicitamos que venham até nós preencher as vagas dos que se foram da vida terrena libertando e compartilhar dos trabalhos da ampla sementeira das novas ideias e doutrinas em que estamos empenhados.

DESLUMB

DE UM NOVO LIVRO

É o que acontece aos que sobem montanhas ansiosos de chegar ao cume. Esquecem os abrolhos, as agruras, as desilusões e avançam confiantes. Sabem que hão-de chegar um dia, venha perto ou longe. Sabem que hão-de chegar.

Essa ideia rasga horizontes, abre clareiras ao espírito, domina-o, aponta rumos ao caminheiro, galga a vertente quase a pique, cingido à rocha, especado aqui, acocorado além, ladeando os impecilhos com grande fé. Há momentos penosíssimos em que tudo parece desmoronar-se. Mas a ideia surge mais obstinada ainda. Sente-a em todo o ser. E não hesita um minuto. Novo passo em frente!

A voz interior comanda os movimentos agarrada aos desígnios e resta a submissão.

Tenho vivido esse transe doloroso e glorioso em que tudo se dispõe para a batalha e sei quanta alegria me inunda, ao alcançar um nicho na ladeira. A meu lado, outros avançavam lentamente. Cada rosto denunciava a força de ânimo, o estado de alma e a disposição de triunfo naquela maratona espiritual.

Quem mais se esforça, mais consegue. Afasta da ideia a escória negativa que enfraquece e mata, deixa atrás os desfiladeiros angulosos onde lhe ficou a pele exangue e segue direito ao alvo, na esperança de atingi-lo.

Se a morte fosse descanso, muitos gostariam de morrer para beneficiar do comodismo. Mas, como se poderia explicar a tragédia dos que sofrem horrores terrenos ao lado de ociosos que, além de nada terem produzido, ainda contribuiram para aniquilar ou outros? Não haveria evolução. Ela é que regula os pensamentos e os actos, a alegria e a tristeza. Está em tudo, sem que o saibamos. Com livre arbítrio ou sem ele temos de obedecer-lhe inexoràvelmente.

Em compensação a recompensa fortifica sempre os que muito lutaram. Na vida material é assim, para estímulo dos aflitos que se arrastaram e choraram. Na vida em que me encontro há possibilidades maiores de bem e de mal. A liberdade de acção é superior, mas contém sanções que obrigam a pautar melhor os actos. O que na terra se aprendeu está nalguns esquecido. Esses claudicam e sofrem mais, porque as lições recebidas é que baseiam o futuro aprendizado. Quem não traz bagagem vem leve em tudo. E o resultado não se faz esperar. Nuns é o abandono puro e simples, a desolação, o silêncio. Deambulam, aferrados à dor, procuram aglomerados, ansiosos de companhia e nada encontram. Vertem lágrimas de sangue. Isto sucede aos frívolos que passaram pela vida sem um traço honroso. Não basta isenção de mal; e preciso que se faça bem. Perder aportunidades é sinal de ignorância. O estudante deve estudar as lições. Sem esse trabalho não pode alcançar o curso. Depois encontra o complemento lógico do que fez.

Noutros é o deslumbramento. Estavam tão longe de vislumbrar a luminosidade que os envolveu! E choram de alegria ao notar que valeu a pena sofrer com resignação, sentir a calúnia sem revolta e o motejo e a sentença iníqua para gozar o esplendor da recompensa, que se encontra implícito na lei de causa e efeito.

Seres poderosíssimos que espalham o luto e a dor em holocausto ao seu arbítrio vergam ao remorso e sentem o clamor das vítimas, numa obses-

FLORES DO BEM

ESTRELA DE LUZ

Antes de ter vida eu tive a alma.
Antes de ter alma eu tive o sopro de Deus.
Antes de ter o sopro de Deus eu tive a sua misericórdia.
Agora sou uma estrela de luz...
Agora sou um facho de esperança para muitas almas.
Agora sou a flor dos caminhos de muitos companheiros...
Agora sou a sensitiva que adorna o coração dos filhos de muitos sofredores...
Mas porquê, tudo isso?
Porquê tanta felicidade?...
Só o Pai sabe porquê. Só o Pai pode me responder!
Porque eu não encontro explicação, nem no universo imenso, nem no meu coração criminoso!

A PAZ

A paz silenciosa é a minha paz.
A paz amiga do espírito é a minha paz.
A paz sublime do Senhor é a minha paz.
Estou sempre calmo, porque já morreram as tempestades da minh vida. Já se sumiram na noite d dores os vagalhões de muitos to mentos.
A ti, Senhor, é que devo esta alegri A ti, Senhor, é que devo esta pa
E que fiz eu para merecê-la? E q te dei para que pudesse recebê-l Nada.
Assim como as flores não dão na ao Sol, eu também não Te d nada.
Assim como as vagas não dão na à praia, eu também não Te d nada.
Assim como a luz não dá nada Criador, eu também não Te d nada.
E Tu me vestiste de purpura.

RAMENTO

DE **LIA** EM PREPARAÇÃO

são tremenda. Os avarentos perderam seus tesouros e ficaram reduzidos à indigência. Perdura neles a memória do passado, do egoismo que os aviltou, para que sintam melhor os efeitos. Os maldizentes não encontram sossego. São atraídos a recintos onde a maldade impera e saem mal feridos dos choques psicológicos que experimentam. Os que denunciaram são denunciados e a dor os espera para amargar a baixeza moral dos danos que infligiram.

Tudo isto deslumbra o espírito liberto. Emprego a palavra deslumbramento no sentido de ofuscação luminosa impressa de harmonia com os quadros que se apresentam. Do vermelho ao violeta, a gama é variadíssima. Tanto se deslumbra o justo com as maravilhas, como o delinquente com as torturas morais. Em todos há surpresa. São os dois extremos do sentimentto, aqui desdobrados em maior grau.

O que tenho dito acerca do problema moral continua de pé no meu conceito. É importantíssimo, seja qaul for o ângulo visado. Podem todos os outros amortecer em nós, que o problema moral avulta em expressão, em significado. Vê-se também com deslumbramento.

O estágio na matéria densa é uma prova dura, na qual às vezes se extinguem os motivos do sofrimento, levando a maioria dos peregrinos a duvidar da justiça divina ou mesmo da sua existência. Não compreendendo os porquês entram em fase negativa que lhes atrasa o progresso. Portanto, a morte só nivela os seres no tocante à metamorfose. No resto continuam subordinados às causas. E continuarão. O aperfeiçoamento individual é uma cadeia infinita, cujos elos, intimamente ligados, são relativos ao esforço realizado num sentido ou noutro.

O deslumbramento mais belo é o que sentimos quando baixamos aos trabalhos difíceis, nos imiscuimos nos deserdados, sofrendo com eles e aliviamos os tristes ajoujados à sua cruz e defendemos os inermes da sanha dos fortes que abusam do poderio.

A moral terrícola é convencional, mas em cada homem há instintos que o ligam à divindade. Trabalhe para despertá-los no sentido da realidade maior que se nos depara, ao compreender a vantagem do sacrifício por alguém, ainda que se receba ingratidão.

O deslumbramento que nos diz: «sonhaste o caminho. Avança com denodo, tece auréolas de luz onde se banham os eleitos que souberam ver o lado bom das coisas e não ligaram importância aos primeiros lugares nos banquetes». O verdadeiro banquete é o trabalho construtivo, que se evidencia em todos os mundos e conduz o espírito a novas ascensões. As gloríolas mundanas, inúteis e prejudiciais, entravam a evolução dos que se deixaram prender nelas, esquecendo a voz do instinto que os avisou a tempo.

O esforço — repito — deve ser construtivo. Não prejudicar, não infamar, nem esquecer os preceitos conducentes à vitória. De contrário, o deslumbramento será horroroso, de cores avermelhadas, sanguinolentas.

Nesta conformidade toca a subir a montanha, fincando o pé na rocha, gemendo, sofrendo e auxiliando na escalada os mais fracos que subam à nossa ilharga! Quando chegarmos ao cimo e contemplarmos a planície, não teremos razão de lembrar as dores que sentimos para lá chegar. O futuro é construído pelo espírito através de milhões de existências. Ele é que dá origem ao deslumbramento!

Recebido por Isidoro Duarte Santos

E Tu me cobriste de luz.
E Tu me envolveste em Amor!

O HOMEM NU

Muito tempo passou, antes que as estrelas brilhassem de novo no firmamento. Era a noite, a noite eterna para aqueles que não têm fé. E eu não tinha fé. Eu não tinha no coração o perfume da flor mais bela do Senhor... Olhava a noite e era sempre noite. Desejava a luz da primavera, sonhava as manhãs de estio, as tardes cálidas de verão. Mas era sempre noite.

Tomei do meu cajado e caminhei... Segui desfalecendo pelas estradas pedregosas. Onde quer que eu chegasse, sempre a escuridão me acompanhava.

E um dia, não sei se era dia, encontrei no caminho de solidão um homem nu. Era um infeliz a quem os ladrões haviam roubado, a quem a morte arrebatara o filho de cabelos louros e o amante levara a mulher

Perguntei-lhe então:

— Como tens tu, miserável, coragem para viver? Morres de fome, morres de frio, morres da impiedade humana e não te revoltas! Tenho desprezo por ti! Não és homem! És um pobre verme!

O homem, que meditava, voltou o rosto para mim e eu vi que seus olhos tinham estranha doçura.

— Amigo — disse-me ele — irmão: eu não sou tão pobre com julgas. Tenho na minha alma tesouros de beleza eterna. Posso dar-te, se quiseres.

Sentei-me ao seu lado e ouvi as suas palavras durante um tempo infinito que me pareceu um minuto. Quando me levantei o céu estava cheio de estrelas e a minha alma cheia de fé.

Tomei o cajado e abri os braços sequiosos de abraçar toda a humanidade.

Ele me dera o Amor.

Do livro «FLORES DO BEM», de CHARLES BAUDELAIRE (Médium — R. A. Ranieri)

Os Fenómenos Espiritas
Ficção ou Realidade?

por EUGÈNE BERTRAND

II

Finalmente, um outro passivo, Ludwig Kahn, de nacionalidade alemã, chegou a Paris em 1925 e em 1926 fez várias experiências no *Instituto Metapsíquico Internacional* ou em casa do professor Charles Richet, na presença de várias personalidades científicas: Daniel Berthelot, o general Férié, Leclainche, membro da Academia de Medicina, os professores Cunée, Gosset, Laignel-Lavastine, Lardennois, Santoliquido, o Dr. Eugène Osty e o Dr. Humbert, representante da Suíça na *Sociedade da Cruz Vermelha.*

Eis um exemplo da clarividência de Kahn:

Em casa de Richet, Daniel Berthelot escreve três papéis na ausência do passivo. Quando este chegou, os papéis foram dobrados. Berthelot tinha um em cada mão e pôs o outro em cima da mesa. Antes de tocar em qualquer deles, Kahn diz: «Vou começar pela sua mão direita; trata-se de um Inglês que eu conheço, Lord As... (não pôde ler o nome inteiro); quero tocar no papel para conseguir» — exclama. Berthelot mete o papel bem dobrado entre o polegar e o indicador; Kahn toca-lhe ràpidamente com um dedo e diz: «Lord Asquith. Oxford». Berthelot desdobrou o papel na mão e nele estava escrito o nome da pessoa citada pelo clarividente.

Quanto ao papel da mão esquerda de Berthelot, Kahn tocou-o com o indicador e disse: «Mathieu de Dombasles» (exacto). Depois tocou com o dedo o terceiro papel que estava sobre a mesa, exclamando: «Atrisden Agamenrona» (era também exacto, à excepção de Agamenrona, dado por Agamennona).

Todos estes factos — e Deus sabe que eles são numerosos e sê-lo-iam mais ainda, se não fosse o receio do ridículo ou a indiferença de muitas pessoas — estabelecem sem dúvida possível a existência no ser humano de faculdades psíquicas independentes da matéria orgânica.

★

Tem-se dito que as faculdades supranormais seriam devidas a «variações psíquicas espontâneas» análogas às «variações bruscas» de uma geração à outra, observadas na estrutura de certas plantas e de certos animais. O professor Charles Richet, entre outros, propôs esta hipótese sem grande convicção, na sua obra «O Sexto Sentido» e é muito frequente que alguns autores sustentem a teoria, segundo a qual as faculdades de clarividência constituem o «germe de futuros sentidos normais» destinados a desenvolverem-se pouco a pouco e a fixarem-se na espécie humana.

Ora esta teoria é controvertida, como demonstrou magistralmente Ernesto Bozzano, por três factos fundamentais: a existência das faculdades supranormais foi comprovada no reino animal por numerosos factos, nos povos selvagens contemporâneos pelo testemunho convergente de viajantes, caçadores, exploradores, colonos, missionários e etnógrafos e em todos os povos da Antiguidade pelas suas crónicas profanas e sagradas e *nada* autoriza a afirmar que os fenómenos supranormais ligados a estes antigos relatos fossem menos acusados do que os que dão origem a estudos científicos da nossa época e que as faculdades que permitiram a sua produção fossem menos desenvolvidas que na humanidade actual.

Pelo contrário, o exame dos anais antigos leva-nos a verificar a extrema antiguidade e universabilidade dos fenómenos metapsíquicos nos Gregos, nos Romanos, nos Hebreus, nos Celtas, nos Germanos; no Egipto, na Babilónia, como no Oriente e no Extremo-Oriente e mesmo na aurora do Budismo, do Cristianismo e do Islamismo; por toda a parte e sempre, encontram-se relatos de aparições, de divinações e profecias.

Portanto, na espécie humana não há formação progressiva nem evolução de um sexto sentido. No homem há uma alma, um espírito, um ser pensante, um elemento espiritual, chamem-lhe o que quiserem — não tem importância — o essencial é ter a *certeza* de que há outra coisa no homem sem ser a matéria.

O famoso conceito da ciência materialista que chamava ao pensamento uma secreção do cérebro declinou, desapareceu. Na sua brutalidade os factos são mais eloquentes do que as teorias sàbiamente arquitectadas e mostram, pelo contrário, a acção do espírito sobre o organismo físico, como provam em extremo os fenómenos de sugestão — espontâneos ou provocados — a que não posso, infelizmente, referir-me por falta de tempo no plano deste estudo.

Como explicar então os numerosos casos clínicos que a guerra multiplicou, revelando em operados a persistência das faculades intelectuais, apesar da destruição quase completa do cérebro?

Faz-se apelo aos fenómenos de suplência, a compensações pelas quais elementos cerebrais seriam substituídos por outros, tal qual como um rim substitui o seu congénere ou compensa o fígado ou como o coração ou o intestino podem compensar o rim.

★

Na sua obra «Le Sistème Nerveux et ses Inconnues», editado em 1944, o Dr. Chauchard diz que tudo se passa como se no cérebro humano houvesse demasiados neurónios, os quais substituíssem na sua função os neurónios enfraquecidos, graças às possibilidades enumeráveis de ligações associativas.

Mas, quando o mesmo autor escreveu que «o

peso do cérebro e o número de neurónios não são tudo, do ponto de vista da inteligência» e que «o que intervém é, além da qualidade dos neurónios, a *maneira como o indivíduo aprende a servir-se deles*»; quando cita o professor Louis Lapicque, segundo o qual «*o progresso da humanidade se faz através de cérebros superabundantes em neurónios*», não se evita de pensar, como diz pertinentemente André Dumas, a quem somos devedores desta documentação extremamente interessante, não se evita de pensar, repetimos, que tais fórmulas impliquem a existência de *qualquer coisa* superior aos neurónios e utilizá-los.

Esta «*qualquer coisa*» (todos os factos que acabamos de referir para afirmar o princípio da sua realidade o provam), esta *qualquer coisa* é a alma humana.

O Espiritismo pode ligìtimamente reivindicar a sua parte nesta descoberta sensacional e tão cheia de consequências. Forçando os seus difamadores a procurar factos susceptíveis de se opôr às suas afirmações deu um golpe decisivo ao seu único adversário: o Materialismo. O resultado corrobora singularmente o que escreveu o codificador do Espiritismo, Allan Kardec, há exactamente um século, no seu *Livro dos Espíritos:* «não vos inquieteis com a posição; tudo o que fizerem contra vós, voltará para vós e os vossos maiores adversários servirão a vossa causa sem o querer.

★

Agora um pequeno parêntese: não é a oposição que tememos; dizemo-lo claramente, pois muitas vezes os próprios espiritistas é que são os maiores adversários das ideias novas, porque a sua credulidade extrema, a sua vontade de *querer* a todo o custo, a sua falta de discernimento, a falta de espírito de observação e de análise desacreditam os nossos trabalhos.

O grande erro dos partidários do Espiritismo é querer atribuir *todos* os fenómenos conhecidos sob este nome às inteligências que deixaram o nosso plano de vida. Nada é mais ridículo e esta atitude absurda desencoraja muitos investigadores assustados pela nossa falta de perspicácia.

Há duas grandes espécies de manifestações: primeiro as manifestações anímicas, que se referem à alma do ser pensante que nos anima e as manifestações espiritas atribuídas à intervenção de entidades espirituais que sobreviveram à desagregação do corpo físico.

Antes de mais nada devemos tentar explicar um facto pela primeira hipótese, mesmo se estivermos convencidos de que nos ligámos a uma inteligência estranha à nossa. Parece duro; mas é a única maneira de trabalhar cientìficamente.

★

Que se deve entender por «espírito científico»? Isto, simplesmente: Há uma regra comum a todas as ciências humanas chamada «regra do princípio da economia das hipóteses» e segundo a qual não se devem imaginar hipóteses novas para interpretar fenómenos novos, se os pudermos compreender por simples extensão das teorias adoptadas para interpretar fenómenos anteriormente verificados, aliás seria anticientífico atribuir à intervenção de personalidades espirituais independentes dos médiuns e dos experimentadores, fenómenos que poderiam ser interpretados de maneira satisfatória pelo exercício das faculdades subconscientes dos vivos.

Há já alguns anos, a mulher de meu irmão, anormalmente sem notícias de seu marido, que se encontrava nas Colónias, submeteu uma fotografia dele à sr.ª Péters, clarividente de Liège muito conhecida. «Não esteja inquieta, diz ela; muitas cartas vêm a caminho e *numa* delas o seu marido diz que sofreu da garganta». Dois dias depois três amigos de meu irmão recebiam cada um sua carta, assim como a minha cunhada, e meu irmão informava que tinha sofrido da garganta.

Eis um fenómeno notável de psicometria, ou antes, de psicoscopia que exclui a leitura do pensamento, mas que se pode explicar por uma relação psíquica entre duas pessoas por intermédio da fotografia de uma delas.

Em 1932 realizei uma conferência no centro *La Esperance*, de Bruxelas, e, terminada a reunião, dez ou doze pessoas foram amàvelmente convidadas pelo casal Chaslain a tomar uma chávena de café. No meio da conversa a senhora Chaslain disse-me a sorrir que eu não trazia camisola vulgar, mas uma camisola de minha mulher que eu vestira por distracção. Depois de verificar reconheci a realidade da afirmação, no meio da hilaridade geral e da minha grande confusão.

Não será este um belo exemplo de visão sem o concurso dos olhos?

Em 1955, no *Grupo de Estudos* presidido pelo sr. Lejeune, em Marcinelle, obtínhamos comunicações pela prancheta. Um dia, escrevera eu uma pergunta acerca de assunto absolutamente particular e de que ninguém tinha conhecimento. Pedi que formulassem a pergunta, mas, nesse momento e com profunda surpresa minha, obtive uma resposta extremamente sensata e precisa.

Entretanto, este facto pode bem explicar-se sem a hipótese espirita pela transmissão inconsciente do objecto da minha pergunta ao subconsciente do médium, ou então este último tomou conhecimento da pergunta preparada por via extra-sensorial.

Vamos fechar este parêntese, talvez aberto um pouco prematuramente. Ora, se vos mostrámos na primeira parte desta exposição que a existência da alma humana era provada experimentalmente, poderemos obter a mesma certeza acerca da existência real dos mortos?

★

Uma teoria negativa pretende que a alma humana não sobrevive à morte do organismo material e que a existência da primeira é função da vitalidade do segundo. Mais uma vez os factos se opõem formalmente a esta teoria que, em suma, é apenas uma variante daquela que atribui ao pensamento uma função cerebral. De resto, como se explica que no momento da agonia se manifestem faculdades supranormais em pessoas que nunca as sentiram durante *a vida?*

É o caso, por exemplo, do marechal Serrano, que estava paralisado devido à morfina que lhe administravam para lhe acalmar os sofrimentos e não podia fazer um único movimento sem auxílio, permanecendo em completo amortecimento. Um dia de madrugada levantou-se de repente e, direito e firme, gritou:

— Depressa! Que uma ordenança monte a cavalo e corra ao Prado! El-rei morreu!

Pouco depois expirava. No dia seguinte toda a cidade de Madrid soube com espanto da morte súbita de Afonso XII.

Este facto contado pela condessa Serrano e recolhida por Flammarion mostra bem que não há qualquer paralelismo entre o funcionamento dos cinco sentidos e o da percepção supranormal. Pode-se dizer, pelo contrário, que são inversamente proporcionais.

Semelhante é o caso de *Lord* Hampden contado nas «Memorias» de *sir* Alméric Fitzroy. *Lord* Hampden ficou inconsciente durante quarenta e oito horas, assistido por seu filho Tom. Não notando no doente sinal de recuperar os sentidos, Tom voltou a casa para jantar e foi substituído pela mãe. De repente o agonizante abriu os olhos, exclamando:

— Que aconteceu ao Tom?...

— Tom foi jantar e encontra-se bem, respondeu *lady* Hampden surpreendida.

— Não — insistiu o doente com viva ansiedade —, ele atravessa um grave perigo.

Quase imediatamente caíu no estado inconsciente e morreu pouco depois.

De facto, ao voltar a casa de automóvel, Tom chocou com um ciclista e as consequências foram muito graves.

Estes factos invalidam o argumento de que as faculdades supranormais existem apenas nalguns indivíduos e que a maioria deles nunca verificaram em si o menor traço destas faculdades; pelo contrário demonstram que elas existem em estado latente na subconsciência de cada um e revelam-se apenas em ocasiões fortuitas. Além disso, demonstram que as faculdades de conhecimento extra-sensorial funcionam melhor, quando se afrouxam os laços físicos e isto autoriza-os a apresentar a sobrevivência do ser pensante como hipótese perfeitamente lógica e plausível.

Contentar-nos-emos com hipóteses, por mais admissíveis que sejam? Trairíamos a nossa posição de espiritistas e por isso vamos buscar aos factos a certeza que procuramos, citando casos típicos e não esquecendo assinalar as explicações negativistas que lhes são geralmente opostas, a fim de que se possa julgar do seu valor probatório.

★

Em Junho de 1955, representando o sr. Achille Biquet no *Congresso Espiritual Mundial de Paris*, aproveitei um serão livre para assistir a uma reunião da *União Espirita Francesa*, na Rua Léon-Delhomme, onde ninguém me conhecia e nunca tinha estado antes.

As experiências de clarividência eram dirigidas pela senhora Jeparre, desconhecida na Bélgica e que, no decurso do seu trabalho, me assinalou a presença de uma mulher a meu lado e cuja descrição física muito pormenorizada não despertou em mim recordação alguma. Depois o médium disse-me que se tratava duma avó e revelou a inicial do seu nome. Todas as informações eram exactas, mas o que é curioso e para mim reconfortante é o facto de esta avó, falecida 29 anos antes, nunca se ter manifestado, embora eu assistisse a muitas reuniões.

Estamos em presença de uma manifestação de carácter espírita? Cientificamente falando, não se pode afirmá-lo. Sabe-se que em certos casos extremos de ideoplastia (designam-se por esta palavra os fenómenos espontâneos ou provocados de moldagem pela ideia), a energia mental a utilizar foi bastante materializada para que a forma-pensamento pudesse influenciar uma placa fotográfica.

O caso da menina Scartcherd é característico a este respeito: em 5 de Julho de 1910 foi com urgência a casa do arcediago Colley, em Stokton Rugby, desejando voltar nessa noite. Estava eminente uma tempestade e vestiu ràpidamente um impermeável por cima do vestido branco que trazia em casa. Não pôde voltar por falta de combóios e passou a noite no presbitério.

No dia seguinte de manhã, no momento da partida, o arcediago quis fotografá-la no jardim. Durante a exposição muito rápida a menina Scartcherd pensou na sua partida precipitada: «Se tivesse posto o meu corpete bordado — pensava — pareceria menos ridícula na fotografia».

Alguns dias mais tarde o arcediago Colley mandou-lhe um exemplar da fotografia; embora se interessassem muito pelas investigações psíquicas, assim como *Miss* Scartcherd, ele só tivera intenção de possuir um retrato da sua visitante; ao examiná-lo, porém, ficou surpreendido ao notar a presença de outra silhueta.

A própria *Miss* Scatcherd ficou muito admirada ao ver no seu busto um esboço do corpete bordado em que pensara no momento da exposição e que se encontrava no seu guarda-vestidos. O desenho do bordado não era visível, mas notava-se um corpete diáfano de bordos arredondados, ao passo que todos os outros tinham os bordos lisos.

É possível, portanto, que em Paris a sr.ª Lejarre tivesse visto sòmente uma forma ideoplástica de minha avó projectada aqui pelo meu subconsciente, porque, confesso, a lembrança de minha avó não me aflorou mais ao pensamento, o qual se dirigia sempre para minha mãe, falecida há mais 17 anos e de quem não obtivera até hoje qualquer projecção ideoplástica.

★

Eis um facto que se produziu um ano após a morte, contado pelo general Dryson numa conferência feita na *Aliança Espiritualista de Londres* e citado por Flammarion no terceiro tomo de «La Mort et son Mistère»:

— Há muitos anos — declarou o general Dryson — recebi um telegrama anunciando a morte de um bom amigo que era clérigo no Norte da Inglaterra. Nesse dia visitei uma senhora que dizia ver espíritos e poder falar com eles...

«Quando cheguei a casa dela pensava no meu amigo reverendo. Depois de alguns instantes de conversa com a senhora, perguntei-lhe se não via perto de mim algum espírito e respondeu-me que via um, desencarnado pouco tempo antes, e pensei que fosse o clérigo.

«Mas a senhora disse-me que a aparição apresentava uniforme militar e dizia que tinha morrido de morte violenta. Deu-me o nome de baptismo e o apelido e outro nome por quem eu e outros camaradas costumávamos chamar.

«Pedi-lhe que obtivesse pormenores mais completos da sua morte e respondeu-me que lhe ha-

EM FAVOR DE VOCÊ

Aprenda a ceder em favor de muitos, para que alguns intercedam em seu benefício nas situações desagradáveis.

★

Ajude sem exigências, para que o auxiliem sem reclamações.

★

Não encarcere o vizinho no seu modo de pensar, dê-lhe oportunidade de conceber a vida tão livremente como você.

★

Tenha cuidado no modo de exprimir-se. Em várias ocasiões as maneiras dizem mais do que as palavras.

★

Refira-se a você o menos possível; colabore fraternalmente nas alegrias do próximo.

★

Evite a verbosidade avassalante; quem conversa sem intermitências cansa ao que ouve.

★

Deixe ao irmão a autoria das boas ideias e não se preocupe se for esquecido, convicto de que as iniciativas elevadas não pertencem a você, de vez que todo bem procede de Deus.

★

Interprete o adversário como portador de equilíbrio; se precisarmos de amigos que nos estimulem, necessitamos também de alguém que indique os nossos erros.

★

Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais aos seus.

★

Se você considerar excessivamente as críticas do inferior, suporte sem mágoas as injunções do plano a que se precipitou.

★

Seja útil em qualquer lugar, mas não tenha a pretensão de agradar a todos; não intente o que o próprio Cristo ainda não conseguiu.

★

Defrontado pelo erro, corrija-o primeiramente em você e, depois, nos outros, sem violência nem ódio.

★

Se a perfídia cruzar o seu caminho recuse-lhe a honra da indignação; examine-a com um sorriso silencioso, estude-lhe o processo calmamente e transforme-a em material digno da vida.

★

Ampare fraternalmente o invejoso; o despeito é indisfarçável homenagem ao mérito e pagando semelhante tributo o homem comum atormenta-se e sofre.

★

Habitue-se à serenidade e à fortaleza nos círculos da luta humana; sem essas conquistas dificilmente sairá do vaivém das reencarnações inferiores.

★

Use calma. A vida pode ser bom estado de luta, mas o estado de guerra nunca será vida boa.

★

Não delibere apressadamente. As circunstâncias modificam a experiência de minuto a minuto.

(De «Agenda Cristã», de André Luís, recebida pelo médium Chico Xavier).

viam cortado a cabeça, que o corpo fora lançado num canal e que estas coisas se tinham passado no Oriente, mas não na Índia. Ora, há 3 anos que eu vira este oficial e as últimas notícias que recebi diziam que se encontrava no Hindostão.

«Depois desta visita pedi informações a Woolwich e soube que o oficial em questão estivera na Índia, mas que partira para a China. Semanas depois chegou a notícia de que tinha ficado prisioneiro dos Chineses, mas nunca foi encontrado.

«Anos depois, tendo encontrado na Índia o irmão deste oficial, perguntei-lhe se soubera alguma coisa acerca da morte de seu irmão e disse-me que seu pai fora à China, onde soube que um chefe tártaro, furioso com a perda de um amigo, o mandara decapitar, nas margens de um canal onde lançaram o cadáver».

Flammarion notou que, neste caso, a sugestão tem que eliminar-se, bem como a transmissão de pensamento. O general não pensava no oficial e não sabia nada do que lhe acontecera e o ilustre astrónomo acrescenta que «o subconsciente não está menos fora de causa».

Contudo, esta conclusão é demasiado formal, dirão ainda os nossos contraditores, julgando que no momento da morte o oficial pensou no general. O referido pensamento foi captado pelo subconsciente deste último e, como o esquecimento recente nos fenómenos telepáticos experimentais, pôde ser captado pela sensitiva. Esta leitura no subconsciente coincidiu — como é estranho! — com a projecção ideoplástica de que falávamos há um instante. Semelhante hipótese não é de admitir e a sua complexidade mostra o embaraço em que os factos deste género lançam os nossos contraditores!

(Conclui)

(De «Spiritualisme Moderne», trad. C. A.)

OS CURADORES ESPIRITUAIS

HENRI DUNANT. FUNDADOR DA CRUZ VERMELHA

por DORIS M. HODGES

O símbolo internacional da Cruz Vermelha é uma bandeira branca armada com uma cruz vermelha e todas as nações a honram e respeitam; mas, criada sob o signo da misericórdia e da compaixão, ela não obedece a qualquer país, credo, religião ou língua. É o pendão da humanidade, dedicado ao alívio do sofrimento em qualquer parte onde ele exista.

Esta bandeira é, no entanto e de facto, a bandeira da Suíça ao contrário, pois Henri Dunant, que fundou a grande sociedade humanitária, nasceu na encantadora cidade de Genebra. Sendo um banqueiro e filantropo, Dunant interessava-se apaixonadamente pelo bem-estar de todos os homens, fossem donde fossem.

E foi a sua visão, plena de bondade, que originou a sociedade, cuja bandeira honra a sua memória. Antes que Henri Dunant concebesse o seu humanitário ideal já tinha havido corpos e sociedades (e indivíduos, de certo) que em tempo de guerra, peste ou fome, prestaram cristãos e beneméritos serviços aos seus irmãos de todo o mundo, sem olhar a raças, credos ou nacionalidades. Mas nenhum deles vingou no plano internacional, com o consenso de todas as nações, como esta o conseguiu.

Muitas vezes, depois das batalhas, os feridos ficavam abandonados à morte ou, se caíam, eram tratados com a maior desumanidade e negligência, protegidos apenas nalguns países pela lei, sem um código internacional capaz de despertar a consciência dos homens.

Assim, em Junho de 1859 os negócios levaram Henri de viagem a Itália. No dia 24 desse mês quis o acaso que presenciasse, numa colina acima de Solferino, o fim duma batalha entre os exércitos da França, Itália e Áustria.

Uns 40.000 soldados (na maioria italianos) ficaram estendidos no terreno. Os médicos militares prestavam, é verdade, o auxílio que podiam mas não os havia em número suficiente e os velhos carros dos camponeses dedicavam-se a transportar para a cidade próxima os que apanhavam. Muitos morriam com os solavancos das estradas sem leito e quando atingiam a povoação as mulheres preocupavam-se só com os seus feridos.

Henri Dunant seguiu o fluxo dos feridos e nos degraus duma igreja o banqueiro ajoelhou possuído de piedade, junto dum austríaco muito ferido. Dunant amparou-o, lavou-lhe as feridas, deu-lhe qualquer coisa a beber (havia três dias que não comia nem bebia) e o soldado, com lágrimas nos olhos, beijou-lhe as mãos num gesto de gratidão. Dunant não pôde também conter as lágrimas e voltou para a cidade, gritando que todos os feridos, fosse qual fosse a sua bandeira, eram seus irmãos e que deviam ser ajudados em nome da humanidade.

Dunant jamais esqueceu o que vira em Solferino. E desde essa terrível experiência aferrou-se á ideia duma organização internacional que devia agregar, sob uma bandeira de tréguas, hospitais, médicos e enfermeiros em tempo de guerra.

Em 1862 publicou o seu livro «Recordação de Solferino», no qual descreve o seu sentir e as suas ideias, depois da batalha, livro que foi lido em todo o mundo e despertou no coração dos homens e mulheres compadecidas um ardente desejo de ver terminadas as cenas descritas por Dunant, tão terríveis eram.

O apoio moral para a concepção duma sociedade formada para ajudar os feridos e os doentes das forças armadas de qualquer nação começou a avolumar-se na consciência dos homens.

Uma comissão de cinco genebrinos foi nomeada e desde o início Dunant trabalhou sem descanso para ver realizado o seu sonho. Viajou por toda a Europa, entrevistando-se com todos os chefes de governo, pedindo que o ouvissem. Por fim, em 1863, catorze nações enviaram os seus representantes a Genebra, onde se acordou na formação duma aliança internacional cujo principal objectivo era socorrer os feridos, fornecendo-lhes ajuda e conforto no campo da batalha e depois disso. No dia 22 de Agosto de 1864 a primeira Convenção de Genebra era assinada e os seus termos alargados posteriormente nas Convenções de 1906 e 1929. O comité original de cinco membros tornou-se o Comité Internacional da Cruz Vermelha e desde então transformou-se no instrumento das caritativas e humanitárias disposições da Convenção de Genebra.

O seu labor, que começou pelo bem estar dos feridos nos campos de batalha, cresceu enormemente desde então e agora há sociedades da Cruz Vermelha em todo o mundo, prontas a intervir em tempo de guerra, em catástrofes nacionais, epidemias, fome ou grandes calamidades — para proporcionar auxílio e conforto.

Dunant resignou de membro da sociedade em 1867 pelo mau caminho que os seus negócios levaram e viu-se pobre, vivendo como tal em Paris e Londres e outras grandes cidades europeias, não tendo a família e os amigos conhecimento do seu paradeiro durante 15 anos. Por fim, encontraram-no na pequena cidade suíça de Heiden.

Os seus familiares e os seus amigos fizeram-lhe ver que podia passar o resto dos seus dias em paz. Em 1901 (juntamente com F. Passey) recebeu o Prémio Nobel, morrendo em 1910, apenas alguns escassos anos antes da terrível primeira Grande Guerra que viria comprovar até à saciedade que a grande organização humanitária a que o seu coração dera vida ali estava com as suas ambulâncias, os seus auxiliares, os seus fornecimentos e facilidades — enquanto as espingardas disparavam e as bombas caíam sobre a Europa em luta.

Henri Dunant não era médico, mas, apesar disso, curava os doentes e até onde a memó-

Um Aviso Providencial

Por N. J. DOYLE

Quando eu era enfermeira muito jovem, embora muito bem vista no meu serviço, pediram-me por razões particulares da interessada, que substituisse a vigilante nocturna do nosso pequeno hospital durante uma semana, o que significava que eu seria a responsável pela distribuição dos medicamentos e pela sala de urgência.

Uma noite, quando justamente se acendiam as luzes, mas antes da enfermeira do primeiro andar ter fechado a porta principal, um homem, alto e mal encarado, entrou no hospital e perguntou pela enfermeira da noite. Foram-me chamar. Quando cheguei o homem encarou-me e disse-me com mau modo:

Com quem eu quero falar é com a senhora forte que costuma estar aqui todas as noites.

— Sou eu que a substituo. Que deseja?

O olhar do homem era sumamente desagradável. Uma larga cicatriz atravessava-lhe a face do canto dos lábios ao ouvido esquerdo e a mão direita envolta em ligaduras. De vez em quando gemia; por fim, quando lhe expliquei a ausência da minha colega, disse-me que queimara a mão e que desejava que lhe mudasse o penso. Cumprindo o meu dever, neste caso contra vontade, dirigi-me ao telefone para chamar o médico, mas o intruso, adivinhando a minha intenção, disse-me bruscamente:

— É melhor que a menina trate disto. Não creio nos médicos.

Hesitando fazer-lhe a vontade detive-me um pouco indecisa, quando aos meus ouvidos soou, repentinamente, a voz de minha mãe me dizia:

— Tem cuidado; esse tratante não foi a, por bem!

Atónita, pois minha mãe vive numa rua muito longe do hospital e o aviso fora tão inesperado como inacreditável, voltei-me para o homem e, sem mais rodeios, disse-lhe que ia chamar o médico, como era do regulamento. De mau cariz seguiu-me até à porta da cabina telefónica, onde liguei para o doutor, avisando-o de que havia um caso de queimadura e que ia à sala de operações. Depois dirigi-me ao elevador.

Mas, quando tentava abrir a porta, de novo a voz de minha mãe se fez ouvir, imperativa:

— Não subas com esse homem!

Com uma vaga desculpa dirigi-me então decididamente para as escadas, a fim de atingir o 3.º andar. Atrás de mim o homem resmungava:

— Avie-se, não posso esperar toda a noite! Porque não vamos à sala de tratamentos?

Não respondi:

Assim que senti o doutor fechar o elevador disse-lhe naturalmente: «Espere um momento» e dirigi-me à secretaria das enfermeiras. Mas o homem teimou bruscamente:

— Você vem também. A minha mão arde-me como o fogo.

Entre os avisos que através do espaço minha mãe me enviara e aquela voz cheia de velada ameaça eu estava a tornar-me nervosa. Mas com decisão retorqui:

— Tenho que ir ver como vai o nosso novo bebé. Mas volto já.

Assim que encontrei a enfermeira de serviço pedi-lhe que chamasse a polícia, mas que entrassem sem ruído para não alertar o homem. Não sei porque o fiz, mas a voz de minha mãe era tão angustiada, que obedeci. Já na sala de emergência, perguntei-lhe como queimara a mão e quem o tinha pensado. Mas o homem, sem cerimónias, com o fácies contorcido num ricto mau, respondeu-me brutalmente que se queimara no fogo e que não importava quem o cuidara. Que tratasse eu de tirar a ligadura e fazer o novo penso. O penso tinha sido cuidadosamente aplicado e decerto não à pressa. Ao verificar tal facto, a voz de minha mãe fez-se-me ouvir de novo:

— Vigia-o bem!

Para atrasar e deixar correr o tempo fingi que a caixa dos instrumentos cirúrgicos se não abria. Chamei o doutor e pedi-lhe que tentasse correr a chave, Nessa altura divisei com alívio as luzes dos carros da polícia e estendi as tesouras das ligaduras ao médico, que ainda nada percebera do que se passava. A ligadura caíu no momento em que o homem se punha de pé, brandindo uma pistola e sorrindo, num sorriso de troça e crueldade:

— Trate de passar para cá a droga e depressa!

Mas o seu ar de triunfo não durou mais do que um segundo. Os agentes entraram nesse momento e sem resistência o levaram, enquanto eu caía, exausta, numa cadeira.

Na manhã seguinte, quando cheguei a casa, minha mãe perguntou-me antes de mais nada:

— Aconteceu alguma coisa de novo no hospital, esta noite?

— Apenas o costume: uns incidentes, uns nascimentos, algumas questõezinhas domésticas. Porque o pergunta?

Meu pai ria e comentava:

— É que tua mãe quis que eu te telefonasse cerca das 11 horas para ver se te encontravas bem, porque sentiu, psìquicamente, que alguma coisa se ia passar de mau.

Convencida mais uma vez do estranho e maravilhoso poder do espírito, contei então o que se passara no hospital e como o assaltante fora preso.

Minha mãe, porém, contemplando através das janelas a luz luminosa do dia, o céu azul e os seres que nos passeios se cruzavam, limitou-se a dizer, com um sorriso contente:

— Eu sabia que alguma coisa iria acontecer.

---

ria chega, aqueles que cuidam dos aflitos e dos enfermos guardarão na mente a terna recordação desse quadro simbólico em que o soldado austríaco beija a mão do banqueiro suíço nos degraus duma igreja.

Henri Dunant — que teve a coragem de dizer ao mundo que não existe lealdade a bandeiras, a reis, a raça ou credos maior do que a lealdade para com a humanidade — pertence ao número dos ilustres curadores espirituais da história.

(Do «SPIRITUAL HEALER»)

UMA PROVA DE SOBREVIVÊNCIA

RECOLHIDA POR JEAN BARBIER

Esta anedota, publicada na revista *World Service*, relata a experiência psíquica notável que permitiu ao capitão Stuart encontrar o saco militar de seu irmão, que perdera a vida num voo aéreo nos primeiros tempos da aviação, quando a *Royal Air Force* não era mais do que a *Royal Flying Corps*, compreendendo ao todo treze aparelhos.

O saco perdera-se com o testamento do aviador e o capitão Stuart descreve assim as circunstâncias que lhe permitiram encontrá-lo:

«Três semanas depois da morte acidental de meu irmão, recebi uma carta do seu notário, informando-me que não lhe tinha sido possível encontrar um testamento ou outros papéis e pedindo-me se lhe podia fornecer algumas informações a respeito, porque desejava liquidar os seus bens.

«Respondi que a última vez que vira meu irmão foi um ano antes da sua morte; consequentemente, não lhe podia ser muito prestável nesse sentido.

«Entretanto escrevi ao comandante de meu irmão reclamando-lhe o saco militar e recebi a seguinte resposta. «*Vou escrever ao Ministério da Guerra e far-lhe-ei saber imediatamente o resultado das minhas diligências. Encontrei a sua bandeirola, que lhe envio, mas não encontrei vestígios do saco*».

«Recebi outra carta dum amigo a quem pedi informações e respondeu-me que o notário lhe dissera que as coisas de A. não puderam ser encontradas em parte alguma, até agora.

«Meu pai e minha mãe escreveram-me igualmente, lamentando que as coisas de A. não pudessem ser encontradas e que havia poucas probabilidades de as recuperar.

«Dias depois, entrando em casa, minha mulher informou-me que, durante o dia, sentira a presença de meu irmão que, no dizer dela, devia estar ansioso por dar a sua mensagem.

«Tirei então o nosso pequenino «oui-ja» (prancheta) e, logo que lhe pusemos as mãos em cima, foi soletrado o nome de um dos meus cunhados, igualmente falecido, dizendo que meu irmão estava ansioso de comunicar connosco e parecia muito aborrecido. Meu irmão deu então o seu nome e começou a falar a respeito do saco, dizendo que sabia onde ele estava e que, se eu observasse as suas instruções, fàcilmente o encontraria.

«Afirmou que havia um saco de couro com fatos de flanela que enrolara na sua caixa regulamentar de oficial, onde se encontrava o testamento e outros papéis, insistindo num anel de ouro que estava também no saco, informando que o tinha tirado por brincadeira a uma senhora e que não tinha tido ocasião de lho restituir.

«Mentalmente perguntei-lhe se o anel não pertenceria antes a sua mulher, mas ele respondeu veementemente que o anel pertencia àquela senhora, cujo nome revelou.

«Em seguida precisou que o seu saco não estava em depósito no *Royal Flying Corps*, mas na Escola de Aviação Civil, onde o tinha deixado. Estava no chão, sob uma chapa metálica encostada a uma parede em sítio que indicou. Terminámos a nossa comunicação, descutindo certos casos particulares que lhe diziam respeito.

«Eu e minha mulher duvidávamos muito desta mensagem tão pormenorizada, com particularidades desconhecidas, porque éramos relativamente novatos e nunca tínhamos recebido mensagens que pudessem ser consideradas como «prova». Para o verificar seria necessário viajar mais de 400 quilómetros numa região que eu nunca tinha visto na minha vida. O problema era este: deveria arriscar-me à deslocação por uma coisa problemática?

«Outro risco é que me era também difícil, senão impossível, dizer a quem quer que fosse onde obtivera esta informação, porque, certamente, fariam troça de mim. Depois de ter reflectido maduramente decidi arriscar-me à viagem e escrevi logo ao comandante, informando-o da minha próxima visita.

«No dia seguinte fui até Slough. No outro dia chegava a Salisbury e ao aquartelamento do *Royal Flying Corps*, onde conversei longamente com o comandante, que me disse ter escrito ao antigo regimento de meu irmão, na Irlanda, e que nenhum traço se encontrou dos seus objectos pessoais.

«Perguntei-lhe se não estariam ainda na Escola Civil de Aviação e disse-me que era inútil procurá-los lá, em virtude de meu irmão nada ter que fazer na escola.

«Encontrava-me perante a dificuldade seguinte: ir aos hângares da aviação sem poder apresentar um motivo plausível. Lembrei-me então de dizer que gostaria de visitar os aparelhos civis, por constituirem uma novidade. O oficial aceitou e acompanhou-me na visita. Ninguém estava presente quando entrámos nos hângares, de tal maneira que passeámos tranquilamente.

«Depois de examinarmos dois

Resumo da Doutrina Espirita

pelo Doutor Gustave Geley

Tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Quer oferecer um livro a um amigo ou a pessoa de família? Ofereça este, no princípio do novo ano. É uma obra magnífica, englobando o resumo filosófico da Doutrina, acrescido de um estudo sobre a reencarnação e os fenómenos físicos do Espiritismo, além de um vocabulário de termos usados em Espiritismo, Metapsíquica e Ciências Ocultas.

É um dos livros mais bem escritos de toda a nossa bibliografia, subscrito por um investigador de grande envergadura conhecido em todo o mundo latino.

Se ainda o não adquiriu, adquira-o sem demora, certo de que enriquecerá a sua estante. É uma edição esmerada da Livraria Allan Kardec Editora, de São Paulo, impressa em óptimo papel.

PREÇO — 30$00

Enviamos esta obra à cobrança, livre de encargos.

aparelhos dirigi-me para o lugar que me parecia ter sido indicado por meu irmão na sua mensagem. Havia, efectivamente, uma chapa metálica encostada a uma parede de tijolo; mas encontraria eu o saco escondido, como ele tinha dito? Inclinei-me, olhando para debaixo da chapa e... vi lá o saco de couro. O oficial aproximou-se de mim nesse momento e comuniquei-lhe o meu achado; mas ele disse que o saco devia pertencer a qualquer homem da escola.

«Tivemos uma ligeira discussão sobre o saco e eu sugeri-lhe que o abrisse, visto não haver ali qualquer pessoa a quem perguntar a identidade do respectivo dono. A princípio opôs-se firmemente à minha proposta; depois cedeu à insistência e abriu o saco.

«A primeira coisa que tirou foi um fato marcado com as iniciais de meu irmão: «A. W. S.». Não hesitei mais e meti a mão no saco, mas fiquei desapontado por não encontrar a caixa que esperava. Entretanto, sentindo qualquer coisa dura retirei do fundo uma pequena caixa de couro marcada com A. W. S. e no seu interior encontrei cartas e papéis dirigidos a meu irmão, assim como o seu testamento, excepto o anel de ouro. Despejei o conteúdo do saco, sacudindo todas as peças com cuidado e encontrei um anel de ouro.

«Estava tão excitado, que gostaria de poder contar ao oficial a mensagem de meu irmão sobre o saco e o anel, mas pensei que ele se riria de mim, vendo-me crer em tais *imbecilidades* e resolvi guardar para mim esta parte da história.

«Depois de ter cumprido certas formalidades fiquei com o saco e voltei muito alegre a casa nesse mesmo dia. Sabia que não tinha sido enganado pela mensagem do «oui-ja», visto ser proveniente indubitàvelmente de meu irmão. Se não tivesse agido com rapidez o saco poderia ter caído noutras mãos e o conteúdo ter-se-ia perdido. A descoberta do testamento valeu o trabalho de encontrá-lo.

«Antes de enviar o anel à senhora mencionada na mensagem escrevi-lhe uma carta informando-a da descoberta do saco de meu irmão e disse-lhe que tinha encontrado um anel que ia enviar a minha cunhada e ela respondeu-me o seguinte na volta do correio:

«*Obrigado pela sua amável carta. No tocante ao anel que encontrou no saco de A., ele não pertence a sua mulher, mas a mim, pois A. levou-o algumas semanas antes de morrer. Ele foi-me dado pelo Dr. F. de P. (Estados Unidos) e esteve sempre na minha posse até há pouco.*»

«Ao receber esta carta enviei imediatamente o anel à sua proprietária.

«Eis a história do testamento de meu irmão e dos seus outros bens pessoais que foram descobertos por meio duma mensagem do Além, ditada por «oui-ja».

Deixo aos investigadores metapsíquicos o cuidado de explicar o trabalho da «consciência subliminar» por qualquer das suas teorias científicas.

(De «La Revue Spirite» traduziu C. A.)

NOS CAMINHOS EDUCATIVOS

por ANTÓNIO AUGUSTO DOS SANTOS

Como alcançar a saúde pela nutrição e dirigir as forças mentais para conseguir a felicidade

Prezado irmão.

Meu primeiro pensamento é suplicar a Deus e a Jesus que te prodigalize forças e resignação para triunfares de tuas provas. E, em segundo lugar, estou pedindo-te sinceramente que leias com atenção, este pequeno opúsculo. Assim que terminares, ficarás surpreendido, pois verificarás que todo o sofrimento, em todas as suas variadíssimas formas, têm origem no erro de nossa alimentação, de um lado, e, de outro lado, na violação das Leis de Deus, principalmente quando ofendemos nossos irmãos, por pensamentos, palavras e actos.

E para que possas entender o mecanismo pelo qual funciona a Justiça Divina, em todo ser humano, é indispensável, primeiramente, que te conheças a ti mesmo, isto é, que saibas de que és constituído, por que vives e por que sofres e para onde vais.

A História nos diz que a humanidade é muito velha. E deve ter centenas e muitas centenas de milhares de anos. Em todo esse tempo, o ser humano tem vivido em milhares de corpos ou formas de vida, nos diversos reinos da Natureza, até que chegue ao nível da humanidade.

E, assim, o ser humano já animou muitíssimos corpos, durante muitos milénios, até à presente data. Em virtude dessa lei, fica sobejamente provado que o homem não morre. O que morre é apenas a sua vestimenta carnal, que Deus concede a todos os seus filhos, a fim de que possam ingressar na Escola da Terra, para empreender uma nova experiência ou utilizar-se de uma nova oportunidade para continuar o seu aprendizado terreno.

O homem, em sua estrutura espiritual, compõe-se de dois princípios: alma e corpo etéreo.

O corpo etéreo é um verdadeiro arquivo ou um diário, onde a todo momento e mediante as leis de causa e efeito se gravam as impressões boas ou más de nossas acções. Essas impressões espalham-se pela carne, quando o homem está encarnado na Terra.

E, assim, o corpo físico reflecte as sensações recebidas da alma, através de seu corpo etéreo; lògicamente, todos os sentidos e demais faculdades psíquicas são propriedade do homem eterno, nos seus dois princípios essenciais e não da carne humana, como a maioria pensa.

Deus cria todos os corpos ou formas de vida, no reino vegetal, animal e humano, pela condensação do fluido vital que enche o Mundo.

No maravilhoso organismo humano criou Deus a hipófise, os testículos, a tireóide, o pâncreas, as supra-renais, a pineal, a próstata e muitas outras glândulas criadoras dos diversos elixires da vida que se projectam na corrente sanguínea e, através desta, no organismo, dando vida sadia ao homem.

Mas, para que o homem tenha a sua matéria sadia, é preciso que se alimente mais de frutas e saladas cruas, temperadas com azeite e limão, em abundância. Pode um terço da alimentação ser feita com cozidos na água pura e temperados, quase ao fim do cozimento, com azeite de soja ou de oliveira, salsa, cebolas, alhos e pimentões.

Além desta alimentação, o paciente deve tomar dois copos de ponche, feito com cenouras, laranjas e limão, adoçados com mel ou açúcar mascavado.

Esta é a alimentação que entretém, em perfeito funcionamento, todas as glândulas, na secreção ou criação da vida sadia do organismo humano.

Um corpo assim alimentado e governado por uma alma honesta, humilde, fraterna, amorosa e caridosa, estará livre de todo sofrimento, aproximando-se do reino angélico, alvo que todos nós teremos de atingir, porque foi para isso que Deus criou toda a Humanidade.

Leitor amigo, já que te certificaste de tua constituição, faculdades e possibilidades; já que te persuadiste de que a morte não existe e te informaste quanto ao fim de todos nós, é interessante completares teus conhecimentos com as noções sobre as diversas origens do sofrimento.

O homem, em virtude de sua ignorância acerca de si mesmo e do assédio de suas necessidades pessoais e de sua família, atira-se exclusivamente à vida material, na ilusão de que a vida consiste apenas em comer, dormir, vestir, estudar, procriar, até que a suposta morte chegue.

Assim é que erradamente a maioria pensa e age. Nestas condições, o homem, sem perceber, acaba sempre por imprimir em seu corpo etéreo diversas manchas escuras, em forma de chagas psíquicas ou mentais, onde germinam larvas de toda espécie.

Cada uma dessas chagas mentais foi criada pelo egoísmo, ódio, vaidade, preconceito, exploração, calúnia e por toda a espécie de irritação, tristeza, medo e crenças fantasiosas, como, por exemplo, a crença do diabo, inferno, etc. Porque crer erradamente é criar forças agressivas contra si mesmo.

Só o mal que se faz contra o nosso irmão produz as referidas chagas; por isso é uma transgressão das leis naturais, ou seja, das leis de Deus.

Assim, esses irmãos são vistos pelos clarividentes emitindo vibrações muito pesadas, escuras e pestilentas, formando auras da mesma cor, atraíndo certas assistências ou acompanhamentos espirituais indesejáveis, fazendo piorar assim, cada vez mais, o eestado daquele que sore.

Alimentação de carnes de qualquer espécie, peixes, conservas em lata, açúcar branco, farinhas brancas, pão branco, gorduras de origem animal, café, fumo e álcool, tudo isso são ali-

mentos nocivos que, mortos ou semi-mortos, criam no baixo ventre e noutras regiões orgânicas uma tal quantidade de toxinas de natureza excitante e mórbida e denutrição negativa, enfraquecendo as glândulas, a ponto de as mesmas não poderem segregar as quotas hormónicas necessárias ao entretenimento da vida física e psíquica. E criam ambiente excitado e viciado propício à germinação de larvas de toda espécie, que, em sua faina destruidora, acabam por lesar o fígado, os intestinos, os rins, etc.

Todos esses erros praticados contra as leis da nutrição de nossa matéria, somados às toxinas mentais, produzidas pelo ódio, egoísmo e vaidade terminam por comprometer sèriamente a economia orgânica que, por isso mesmo, não poderá resistir por muito tempo.

É por essa razão que a Terra está cheia de doenças que os médicos alopatas não podem curar, em virtude de seus estudos se limitarem sòmente ao campo anatomo-fisiológico, que representa para o homem o uniforme com que se matricula na Escola da Terra.

A humanidade, em sua maioria, é infeliz, porque não é esclarecida nem orientada nos caminhos educativos de seu viver material e espiritual.

O homem, na expressão feliz do Dr. Alexis Carrel, ainda é uma incógnita. Não se conhece a si mesmo, não sabe como funcionam, em seu corpo, as leis naturais, não sabe onde está o mérito de viver, não sabe como evitar as doenças e não sabe curá-las, não sabe onde vai, nem, tão pouco, como alimentar-se.

O médico da Nova Civilização que se aproxima será naturalista e sensitivo, porque estudará o homem em seus três princípios fundamentais: alma, corpo etéreo e corpo carnal. Como sensitivo, o médico verá na aura do paciente as causas do mal que o aflige. Destarte, o médico dará uma receita positivamente certa. Só assim as doenças desaparecerão da Terra.

Outro ponto também de capital importância consiste na orientação e conteúdo que se devem dar às pregações religiosas, as quais devem visar à união da humanidade pelo amor, perdão, humildade, fraternidade, caridade, etc. Jamais se permitirá que essas pregações fomentem a discórdia, tal como actualmente fazem muitos pregadores religiosos, os quais, em nome de Deus, pregam a separação, renovando, assim, o martírio do Cristo, que ensinava: «Amai-vos uns aos outros, tanto quanto eu vos amei». Sim, porque Jesus sabia que a saúde e alegria de viver dependem, na sua maior parte, do amor que os seres humanos devem consagrar-se uns aos outros.

Querido leitor, se sofres de qualquer doença, tu mesmo poderás curar-te, usando o tratamento naturalista, especialmente como vem recomendado nos livros do Dr. A. Wander, ou no do Sr. Luís Kuhne, médicos naturalistas.

Os tratamentos neles indicados têm a enorme virtude de eliminar as toxinas produzidas pelos erros de alimentação e fortalecer as glândulas, restaurando-lhes a função normal, na secreção ou criação da vida que será levada ao sangue e aos órgãos, começando, assim, o soerguimento geral do doente. As toxinas são uma das piores fontes de sofrimento.

A segunda parte do tratamento é a mais importante e só pode ser feita por vontade própria do interessado. Aqui tens, se te apraz, um programa de acção resumido nalgumas afirmações, que escreverás, para teu governo:

1.º — A partir deste momento, não usarei mais as minhas pernas em direcções que prejudiquem alguém ou a mim mesmo.

2.º — Não usarei mais de minhas mãos para actividades indignas e, muito menos, para tirar a vida a qualquer criatura, homem ou animal. Usá-las-ei para dar ao necessitado algo de mim mesmo, algo que tenha a propriedade de beneficiar.

3.º — Não usarei mais de minha língua para caluniar, insultar ou criticar alguém, mas tão sòmente para pregar as leis de Deus, com vistas ao amor, perdão, humildade e caridade.

4.º — Não usarei mais, contra qualquer ser humano, de pensamentos de ódio, ciúme, inveja, mas irradiarei sempre pensamentos de amor, paz, saúde e alegria a todo ser humano.

5.º — Desejo harmonia, amor, verdade e justiça a todos os meus irmãos, amigos e inimigos, encarcerados na matéria ou fora dela. Desejo amar a Deus, em tudo aquilo a que Ele deu forma e vida. Desejo, em nome d'Ele, a minha saúde perfeita, paz, prosperidade e alegria de viver. Desejo sinceramente o mesmo para os meus inimigos, assim como para toda a humanidade.

Se essas afirmações se concretizarem em actos e pensamentos, sinceramente criados e executados, então também eu posso afirmar que, dentro de um prazo relativamente curto, terás, meu irmão, transformado a doença em saúde, a tristeza em alegria, as manchas do corpo etéreo em luz e a tua aura em céu.

Este estado pode ser atingido mediante exercícios contínuos; o tempo gasto para atingi-lo varia, conforme o esforço maior ou menor feito pelo interessado.

Quando, homem ou mulher, houveres atingido este grau de tão alta hierarquia, estarás sintonizado com os luminosos planos de Jesus-Cristo e integrado nas falanges que, supervisionadas por Jesus, estão transformando a Terra numa mansão de paz, que terá começo na Nova Civilização do Terceiro Milénio.

Portanto, não percas esta única e feliz aportunidade que generosamente te é oferecida, a fim de meditares e de te melhorares. Aplicando esses princípios na criação de ti mesmo, habilitar-te-ás a passar à direita do Cristo, para fazeres parte da Nova Civilização que se aproxima. Infelizes dos que passarem à esquerda! Esses irão para mundos ainda em formação, onde domina a baixa animalidade atiçada por venenosas vibrações magnéticas, vivendo o homem uma vida mais animal do que humana.

Querido irmão, escuta: usa de caridade para contigo mesmo, dando vida à tua matéria, mediante o emprego de alimentos vivos, segundo o sistema da medicina natural.

Dá saúde à tua alma faminta, alimentando-a de amor sincero e puro, dedicado a todos os teus irmãos sofredores ou não, amigos ou inimigos. Ama a Deus, através das suas criações, porque o amor é o maior potencial da saúde do corpo e do espírito, a fonte das mais puras sensações ísicas e psíquicas. Cultiva-o sem restrições ou limitações, estendendo-o até os círculos de nossos irmãos inferiores — os animais — e terás a chave que te permitirá abrir as portas do Céu, alvo para o qual Deus nos criou a todos.

Ao terminar este singelo e des-

O Espírito Ajuda as Enfermeiras

por KAY RYDE

A profissão de enfermeira põe a praticante em contacto com todos os tipos de pensamento e de religião. Assim, no caso das senhoras Woodward e Thirza Dempsey, boa compreensão muito as auxiliou a aliviar tantos sofrimentos quotidianos da sua árdua missão. Mas a senhora Woodward, no curso dos seus deveres, sempre teve a sensação de que um poder extraterreno a acompanhava, quando procedia ao tratamento dos doentes.

Muitos deles diziam que, quando ela os tratava, como que sentiam alívios e melhoras que os levavam a adorá-la. E isto encorajava a nobre enfermeira a procurar a origem desse poder fraternal e amigo, buscando no Espiritismo a chave dessa chama que tanto influía no sofrimento alheio. No seu contacto diário com a doença e com a morte concluira que aqueles que deixam a sua forma física na terra entram automàticamente noutra dimensão e continuam ansiosos de auxiliar os que ficaram no mundo a sofrer e fazem-no através dos médiuns e dos que estão aptos a receber a sua mensagem.

A sr.ª Thirza Dempsey era uma dessas pessoas que há muito sofria duma doença congénita e embora descrente foi levada a ver a sr.ª Woodward, que, pacientemente e com evangélica dedicação, conseguiu resultados que os médicos invejariam, impressionando tanto a doente com a sua cura, que esta, por seu lado, se sentiu movida a procurar a fonte de tal mistério. Até agora cedeu parte da sua casa para um santuário, onde se procede a curas verdadeiramente milagrosas, o que prova que todas as enfermeiras deveriam apoiar-se mais na força do espírito para aplicar o remédios dos homens, do que na crença de uma matéria bruta e informe. Os resultados obtidos são um exemplo para as enfermeiras de todo o mundo (incluíndo as portuguesas). Assim, por exemplo, um doente idoso que perdera a fala e o ouvido durante uma enfermidade, foi conduzido ao sanatório com todas as esperanças perdidas. Em consequência do tratamento das duas devotadas amigas já responde a algumas perguntas e todos estão convencidos de que em breve se restabelecerá.

Uma mulher que sofria há muitos anos de úlceras nas pernas veio, mergulhada em desespero, pedir auxílio espiritual às duas enfermeiras. Apesar de todos os tratamentos a que se submetera, as úlceras não cicatrizavam e uma das pernas já se encontrava tão ulcerada, que se concluía que só a amputação podia evitar o pior. Eu própria vi a perna. Mas depois de submetida ao tratamento psíquico foi com orgulho que mas mostrou de novo: apenas uns pequenos sinais restavam da horrível ulceração.

Outra senhora que sofria de nevralgias, náuseas e outras perturbações disse-me quanto estava grata às duas enfermeiras, pois se encontrava curada por meios espiritas. Seu próprio cão, um lobo da Alsácia, foi atacado de cancro e só se lhe dava uma ou duas semanas de vida. Mas tão convencida estava ela do poder do Espírito de Deus em curar atravez dos seus mensageiros, que o cão foi salvo por intermédio das duas extraordinárias curadoras. O cão sente-se agora bem, alegre e feliz e corre pelo pátio em louca correria.

Muitas e muitas cartas de agradecimento me foram patentes, cartas de gratidão e de louvor às curadoras.

Que as enfermeiras de todo o mundo procurem unir à mecânica do seu quotidiano a fé na força imortal do Espírito, como suprema ajuda na sua missão.

(Do «Psychic News»)

pretencioso esclarecimento acerca de teu equilíbrio interior, isto é, de tua felicidade, quero deixar bem patente a minha imensa alegria, se, de alguma sorte, houver contribuído para tornar-te feliz. Se me cabe o mérito de apontar-te o caminho para isso, maior mérito te caberá, se o trilhares.

Agora, um último conselho: Recorda-te de que o momento mais propício para as afirmações criadoras de saúde e paz é às 6 horas da manhã e às 6 da tarde, hora em que poderosa onda de magnetismo criador entra em acção, beneficiando todos quantos com ela buscam sintonizar-se. Sempre que o fizeres, sentirás que tua aura se purificará e clareará, adquirindo tonalidades cada vez mais belas, em virtude de a frequência vibratória ser do mais alto teor espiritual.

Todos os dias, pois, às seis da manhã e às seis da tarde cuidarás de entrar em sintonia com milhares e milhões de seres felizes que, através dessa corrente de tão transcendente poder criador, buscam unir-se a Deus e a Jesus.

Saúde e Paz sejam contigo, agora e sempre.

Belo Horizonte, Brasil.

UMA PROVA DE SOLIDARIEDADE

Quanto mais difíceis são os tempos, menos provas de solidariedade caracterizam o homem, que se vai fechando em egoismo e endurecendo os seus melhores atributos. E quanto à imprensa, o fenómeno é desolador. Publicações que se enraizaram e floresceram viram-se, a breve trecho, resvalar na voragem ou cair no estracismo. Mudam os tempos, mudam os costumes. O progresso é incessante e colhe os fracos e inadvertidos que não souberam precaver-se a tempo.

Queremos referir-nos a António Pereira Guedes e à sua «Almenara», que atravessa uma fase de renovação e consolidação bem útil à doutrina. Após sete anos de trabalho difícil em que a sua têmpera experimentou duríssimos embates, formou-se um sociedade para lhe garantir a existência.

António Pereira Guedes é um verdadeiro lutador. Pode-se discordar de uma outra atitude que lhe exorne o temperamento combativo, mas ninguém o acoimará de cego fundibulário que não olhe a meios para conseguir os fins. Pode esgrimir, mas esgrime com a verdade, que às vezes custa a ouvir e muitos sonegam a seu talante, com medo de enfrentá-la.

Os seus colaboradores pugnam por um espiritismo elevado e quando falam são claros e peremptórios. Lá está o Imbassaby e o Amorim, dois plumitivos de respeito que não voltam costas ao inimigo. Basta a sua presença para dignificar a tribuna de António Pereira Guedes, jornalista intemerato e fogoso, capaz de grandes sacrifícios para manter a coerência.

Assim, não admira que rejubilássemos com a notícia. Há pouco referimo-nos a dois grandes semanários espiritas: «The Psychic Observer», de Lily Dale, e «Psychic News», de Londres, os quais ergueram alto o seu esforço para não sossobrar. Agora tocou a vez a «Almenara», que vinha lutando para sobreviver à crise. E venceu.

Nossos parabéns, amigo Pereira Guedes! Que o oxigénio insuflado espevite a chama, para que o facho suba mais alto!

POETIZA SINGULAR

A imprensa britânica revelou ao público uma poetiza de 15 anos, «de franja cor de palha e as piores notas da turma». Chama-se Jacqueline Florey e o poeta John Pudney diz que ela tem o «dom extraordinário das palavras e do ritmo» e acha excepcionais os seus poemas. Só o director do colégio é que os acha pretensiosos.

«Mas os pais de Florey são espiritistas convictos — diz a Agência noticiosa — e afirmam que sua filha está a «servir de instrumento» a quem «já não é deste mundo», pois lhes custa a crer que uma menina de 15 anos possa, sem auxílio, compor certas imagens que aparecem nas suas poesias.

«E Jacqueline, que já escreveu 50 poemas, declara que a música é a sua musa. Todos os poemas foram escritos sob a influência de certas canções. «Posso entrar numa casa de venda de discos e ouvir gravações, sem me sentir impelida a escrever — diz ela —. De repente aparece uma com determinadas vibrações e escrevo, mas logo que chega ao acorde final, deixo imediatamente de escrever. Apesar disso, tudo quanto fica escrito tem sentido».

A Agência termina assim:

«Jacqueline, que diante de um grupo de jornalistas e ao som da «Ave-Maria» cantada por Johnny Mathis, e da «Suite Planeta Marte», por Gustav Holst, escreveu um poema intitulado «Lembrança de Amor», declara que o «rock and roll» é o género de música que mais aprecia. «Mas é estranho que não consiga inspirar-me», observa. «Lembrança de Amor» contém versos como estes:

«Todo o ódio se perde
no ímpeto da realidade.
O sol falece como uma ave ...
Agora a luz do céu.
As estrelas desvanecem-se
na profundidade
da noite cintilante,
do universo maior de Deus,
onde o tempo se perde ...»

É, de facto, uma poetiza singular.

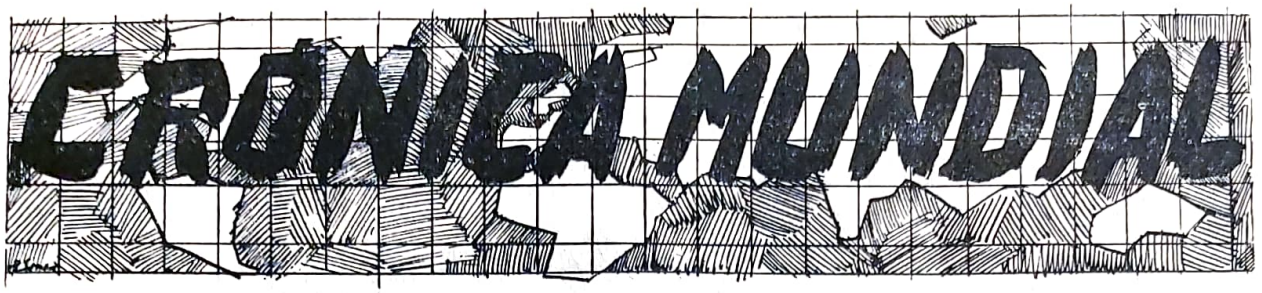
A ESTÁTUA DE KARDEC MUTILADA

«Two Worlds», de 9 de Janeiro, revela um facto sintomático. A estátua de Allan Kardec erigida em Havana, conforme noticiamos na «Crónica Mundial» deste número, foi mutilada vergonhosamente. Não sabemos quem foram os vândalos, mas é fácil calcular. A quem prejudicaria o busto do codificador do Espiritismo erguido no centro da capital cubana?

Se há gestos simbólicos que não podem desvirtuar-se e que passam à história como efemérides irrisórias, este é um deles. Caracteriza uma época de iconoclastas. Incapazes de sustar o progresso das ideias recorrem àquelas atitudes E agem na sombra, à sucapa, com medo de ser observados. E andam silenciosos a apreciar o resultado da façanha. Como sempre, o mundo continua a girar e as ideias a avançar.

Os confrades cubanos assinam as nossas palavras e, todavia, o busto que erigiram ao Mestre foi vítima de energúmenos. E agora protestam contra o desacato, para que as autoridades restaurem as mutilações e coloquem o monumento sob a vigilância da polícia.

Se nos alegrámos com a erecção do monumento, agora entristecemo-nos com o vandalismo anunciado. Os santos da nossa dèvoção é melhor guardá-los na alma, em vez de expô-los à vista das multidões. Mas Allan Kardec não era santo. Era um sábio e um grande educador. Isto lhe bastava para que o seu busto merecesse lugar de relevo no centro da Havana, ao lado de outros sábios e educadores.



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA COLECÇÃO MODELAR

A Sociedade Espirita Constancia, de Buenos Aires, lançou há tempos, através do seu departamento editorial, uma série de doze monografias muito bem seleccionadas e enquadradas na Colecção «Século Espirita» que o Dr. Cristóforo Postiglioni dirigiu com esmero, no sentido de levar ao grande público de língua castelhana proveitosos ensinamentos exarados em várias obras que ele traduziu magnìficamente à razão de uma por mês e para as quais escreveu interessantes prólogos.

Essa colectânea, que temos presente, foi-nos gentilmente enviada pelo douto confrade, que é também nosso redactor-correspondente naquela metrópole, onde o Espiritismo está muito desenvolvido, sendo altamente considerado pelas próprias autoridades constituídas.

Damos a seguir os títulos das monografias, para que os leitores avaliem o critério que presidiu à escolha e que denota um fino espírito de mentor e lutador.

1 — «Los Misterios del Espiritismo», por Emmanuel Rank.
2 — «Medicina y Espiritismo», por Levindo Melo.
3 — «Africanismo y Espiritismo», por Deolindo Amorim.
4 — «El Perispírito y las Enfermedades», por Victor Melcior y Farre.
5 — «Los Fantasmas», por Otero Acevedo.
6 — «En las Fronteras del Otro Mundo», por Nikto.
7 — «Literatura de Ultratumba», por Ernesto Bozzano.
8 — «Las Materializaciones de Fantasmas», por Paul Gibier.
9 — «Ciência Espírita», por Celso Magalhães, e «El Espiritismo como Religión», por Luís Monteiro de Barros.
10 — «Agenda Cristã», por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito de André Luís.
11 — «Casos de Identificación Espírita», por Ernesto Bozzano.
12 — «El Mediumnismo en la Sorbona», por Juliette Alexandre Bisson.

O gesto da «Sociedade Constância», de que o director da colectânea é vice-presidente, é altamente significativo do ponto de vista cultural e não admira que tivesse prestado mais este serviço ao ideal espirita a colectividade que tantas obras divulgou em muitos anos de propaganda pelo livro. Podemos dizer que esta veneranda agremiação tem desempenhado na Argentina papel semelhante ao da Federação Espirita Brasileira, pois desde Cosme Mariño até à data centenas de edições em castelhano sairam de seus prelos em selecção insuperável, a ponto de termos de recorrer a elas, ainda hoje, para conhecer o pensamento de muitos autores inacessíveis a numerosos espiritistas de língua portuguesa.

Lamentamos até que houvesse interrompido essa faina meritória e que só de quando em quando lance novas edições no mercado livreiro, como sucedeu agora com esta colecção òptimamente impressa e de tão grande alcance doutrinário, no qual, como dissemos, assume relevo especial a figura proeminente do Dr. Cristóforo Postiglioni, a quem endereçamos merecidos louvores, não só pela selecção feita, como também pelo esforço ingente de tradutor revelado naquelas versões utilíssimas e tão bem apresentadas.

A propaganda escrita é a que mais perdura. O livro é mestre mudo, como lhe chamou o padre António Vieira, está sempre à nossa disposição, em casa ou no campo, no escritório ou na oficina e não se zanga, se o pomos de lado, quando já não serve à nossa aspiração ou ânsia de conhecimento. O verbo ou palavra falada é coisa que o vento leva, embora tenha grande valor no comércio mental e espiritual. Mas nada que se compare à palavra escrita.

Por isso apreciámos este acontecimento que prestigia uma editorial espirita e os seus dirigentes, seja qual for a região em que se processe ou o idioma utilizado.

Alguns livros são nossos conhecidos e um foi publicado em «Estudos Psíquicos». Mas outros não os conhecemos. Vamos lê-los com atenção e deles falaremos oportunamente, que uma revista fez-se para divulgar obras científicas, filosóficas e doutrinárias, servindo o ideal em todos os sentidos.

HOMENAGEM PÚBLICA AO MESTRE ALLAN KARDEC

Os espiritistas cubanos, por sugestão da *Associação Espiritista «Enrique Carbonell»*, de La Habana, conseguiram erguer nesta cidade um monumento à memória de Allan Kardec, em 1957, por ocasião do centenário do *Livro dos Espíritos*. Trata-se de um busto de 80 cm de altura, 46 cm de largura e 30 de fundo, num pedestal de 2 metros, no qual uma chapa continha os seguintes dizeres:

«Os espiritistas cubanos rendem homenagem à memória do Mestre Léon Hipólito Denizard Rivail (Allan Kardec), ao comemorar-se o centenário da publicação em Paris de «O Livro dos Espíritos».

A Câmara Municipal, por sua vez, ao receber o busto como doação, decidiu colocá-lo num belo parque pelas razões seguintes exaradas em acta:

«Resolvem os signatários decretar a citação, autorizando que num parque público se erija um busto de recordação e merecida homenagem ao homem de letras, filósofo e pedagogo insigne que se chamou Hipólito Denizard Rivail (Allan Kardec), o qual, como máximo orientador e codificador das leis em que se baseia a ideia do Espi-

ritismo racional e autor de numeros trabalhos filosóficos, impulsionou ideias de grandes benefícios morais e espirituais para a humanidade em prol do melhor entendimento entre os homens através do conhecimento de si mesmos e que devem ter para melhor convivência pacífica e superação constante no intelectual e no moral, julgando oportuno que nestes momentos de incerteza universal em que a humanidade se encontra, se renda homenagem de reconhecimento permanente a tão excelsa figura; por isso indicam o parque compreendido pelas ruas Lugareño, Almendares, Bruzón y Luaces, do Reparto Ensanche de la Habana».

Por sua vez o historiador da cidade, Emílio Roig de Lenchsenring, deu o seguinte parecer:

«Nada tenho a objectar, não só às razões alegadas pelos peticionários acerca do renome universal de que goza a referida personagem pelos relevantes dotes de inteligência, cultura e consagração ao bem da humanidade, assim como dos benefícios morais e espirituais da mesma e além disso magníficas contribuições aos estudos filosóficos, mas também por ter proporcionado aos princípios e doutrinas que propugnou numerosíssimos sectores em toda a República, à semelhança dos que existem nas demais nações civilizadas.

«Encontrando-se o Estado separado de qualquer sectorismo religioso ou filosófico, mas respeitando o seu livre exercício, não se pode, em boa lógica, proibir os espiritistas da nossa pátria que ergam um busto a quem consideram seu mestre e guia espiritual (Allan Kardec), visto figurarem em diversos lugares da República estátuas e bustos de apóstolos e propagandistas de outras crenças religiosas e espirituais».

Eis uma ética que gostaríamos de ver implantada em todo o mundo, com relação às ideias nobres e às doutrinas dignificantes e necessárias à evolução humana. Esta notícia fica bem nas páginas de *Estudos Psíquicos*, que sempre fez justiça a todos, fossem quais fossem as circunstâncias. Até os que se consideram nossos inimigos têm recebido pensamentos de concórdia que lhes enviamos a todo o momento. São nossos irmãos de ergástulo, talvez familiares de outras vidas e não os devemos guerrear ou odiar por não pensarem como nós.

Terminando, felicitamos os confrades cubanos pelo passo em frente que deram na propaganda.

UMA CURA A DISTÂNCIA

O sr. William H. Leach relata um caso nas colunas do *Fate*, que não resistimos a sintetizar.

A sr.ª Pond viveu em Hudson, no Ohio, Estado da América do Norte, e teve ensejo de assistir a numerosas experiências psíquicas. Todavia, nenhuma foi tão estranha como aquela em que lhe apareceu um médico vindo de Londres para lhe tratar o braço doente, cuja paralisia lhe causava grande dificuldade nas tarefas domésticas e perturbava o sono.

Em certa noite a dor era tão aguda, que a pobre senhora dizia que não aguentaria o sofrimento. Durante a noite, porém, despertou com o toque de alguém. Era o espírito de seu marido.

— Não tenho força para suportar isto! — exclamou num brado de desespero. Mas o marido acariciou-lhe o braço doente e respondeu:

— Trouxe comigo alguém que te curará e não terás mais dores.

Então outro homem se juntou ao coronel Pond. Vestia bata de médico e trazia uma seringa mais larga do que as vulgares com líquido cor de leite. Pegou-lhe no braço com palavras animadoras, fez-lhe os preparativos para a injecção e a doente recorda-se ainda do seu rosto forte, mas delicado, e de sua fala cautelosa e fluente.

Depois da injecção os homens desapareceram e a sr.ª Pond adormeceu e acordou sem dores.

— Quem era o médico? — pergunta ele —. A senhora Pond tinha a certeza de que nunca o vira e a princípio julgou que seria um espírito que acompanhasse o marido, no intuito de a curar. Mas ao ler um jornal espirita reparou na fotografia de um homem que se assemelhava exactamente ao médico que a curara inesperadamente.

«Leu o artigo em questão e identificou o homem. Era o Dr. Christopher Woordard, médico londrino e autor do livro «Um Médico Cura Pela Fé», no qual dizia que se convencera da realidade da cura espirita e que desejava incluí-la no seu trabalho profissional.

«A sr.ª Pond escreveu-lhe imediatamente a narrar os factos e recebeu uma breve resposta em que o clínico lhe agradecia a informação e pedindo-lhe que, se soubesse de outros factos em que ele tivesse intercedido, lhos comunicasse, sem dizer que era ele o assistente que lhe prestara auxílio.

«É que tem havido muitos casos de «viagens astrais» realizadas por vivos adormecidos, sem que o recordem ao despertar.

A sr.ª Pond deseja provas mais exactas da verdade desta cura espirita e tenciona visitar a Inglaterra e conhecer pessoalmente o médico, para comparar a sua voz com a que ouviu na sua casa da América e também para verificar se realmente usa a tal seringa no seu consultório.

Uma certeza, porém, a não abandona, por mais anos que viva: um médico veio espiritualmente de Londres, a fim de exercer aquela acção misericordiosa ...

O MÉDIUM LOCALIZA O AVIÃO

Psychic News de 8 de Agosto último publicou um relato, segundo o qual um caso de vidência foi plenamente confirmado e autenticado pelo inspector-chefe F. Taylor, da Polícia de Invercargill, Nova-Zelândia, quando certa mulher localizou psìquicamente determinado avião destruído por desastre, quinze horas antes de um avião de socorros descobrir o local.

Segundo o *Southland Daily News* a polícia disse que a mulher tinha razão ao apontar num mapa o lugar exacto onde o avião foi abatido com os seus três tripulantes.

A mulher, cujo nome, a seu pedido, se manteve secreto, telefonou ao sargento de serviço na esquadra central de Invercargill para lhe dizer que tinha a certeza de que o avião se despenhara nas nascentes do rio Talla, próximo do Lago Onslow, no Otago Central.

Quinze horas depois o «Auster» foi visto pela tripulação do avião de socorro a pouca distância do ponto indicado. Quando a polícia leu o relatório do sargento não ligou importância à previsão, mas o inspector-chefe declarou-a inexcedìvelmente correcta. A mulher foi entrevistada pelo jornal, dizendo que ao ver nos jornais a fotografia do «Auster» utilizou os seus poderes extra-sensoriais, em virtude de conhecer o piloto. Depois, com auxílio do compasso, do pêndulo e dum mapa, caíu em transe e depois de se convencer da verdade telefonou à polícia. Sabedor do caso, um dos tripulantes exclamou:

— É engraçado! A bordo do avião também chegámos à conclusão de que a telepatia era a única forma de comunicar com os socorros...

GRUPO DE PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS

Durante o ano de 1959 foi modestíssima a actividade do «Grupo de Protecção às Crianças», cujos recursos, reduzidos por ajudas que faltaram, não permitiram mais ampla e desejável acção.

Na grande distribuição do Natal apenas foi possível vestir e calçar 15 crianças e, pelo ano fora, os auxílios cedidos a pobres não ultrapassaram a pequena quantidade de 2 cobertores, 4 camisolas e 5 enxovais para recém-nascidos.

O valor do material adquirido não chegou a 3 mil escudos e os trabalhos do «Grupo» decairam para quase um terço do que se vinha praticando nos últimos anos.

As amáveis senhoras que se reúnem todas as segundas-feiras em generoso labor e dedicação aos desprotegidos sentem mágoa por não poderem levar o seu esforço a protecção mais eficiente às criancinhas pobres.

Lembramos, por isso, aos prezados leitores e confrades, um sorriso de simpatia traduzido em donativos, peças de roupa, tecidos, restos de lã, etc., etc., pois a tudo se dará o melhor jeito e a melhor aplicação.

Este «Grupo», tão simpático em seu permanente esforço, necessita de ajuda contínua.

Não o deixemos sucumbir por falta de amparo!

DONATIVOS

Do nosso assinante do Rio de Janeiro, Albino Martins de Pinho, recebemos Cr$ 800,00, com destino à nossa revista, gesto que muito agradecemos.

DISTRIBUIÇÃO

No dia 4 de Janeiro continuámos a distribuir donativos, como fizemos na quadra do Natal. Os que não se distribuiram então, entraram no «Fundo Permanente de Beneficência», a cargo do Tesoureiro do Centro E. Luz e Amor.

TRABALHOS DO CENTRO EM FEVEREIRO E MARÇO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», por António Cardoso.

Dia 2, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 5, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 9, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 12, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 14, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada: «A Obra Social dos Espiritistas Brasileiros».

Dia 15, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 16, 3.ª feira, às 21,30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 17, 4.ª feira, às 21,30—Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 19, 6.ª feira, às 21,30—Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 21, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 23, 3.ª feira, às 21,30—Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 26, 6.ª feira, às 21,30—Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Conferência por Jorge Augusto Raimundo, intitulada «O Meu Depoimento».

Dia 29, 2.ª feira, às 21,30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Mês de Março

Dia 1, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 2, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30—Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Nota — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com a quotização em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Janeiro — António L. Lopes Dias, do Porto, 30$00; Anónima, 10$00; Manuel Romão de Sousa Gago, de Luanda, 40$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; David M. Moreira, de Lourenço Marques, 17$50; V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zêtó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; M. F., de Beja, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; M. Margarida, de Coimbra, 5$00; R. M., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, da Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00. *Total 237$50.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação — 45$00

Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes — 38$00

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00 — 30$00

Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado — 130$00

Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus — 50$00

Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal — 36$00

Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» — 30$00

Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas — 30$00

Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.

1.° vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572 — 30$00

2.° vol. — **Senda de Espinhos**. A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta — 30$00

3.° vol. — **Estrada de Damasco**. Quadros da vida humana numa fazenda brasileira — 30$00

O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado — 40$00

Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos — 54$00

Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire* — 25$00

Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise — 25$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança — 60$00

Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas — 120$00

O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00 — 50$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00 — 35$00

Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel — 20$00

Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos — 50$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos — 35$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida — 40$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor — 35$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00 — 20$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica — 40$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00 — 20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Maria Madalena Badillo Gerlero
Poetisa de 7 anos

CONTÉM: O Mundo, da **Redacção;** O Espiritismo no Meio Universitário, por **Deolindo Amorim;** Entre Rosas Vermelhas, por **Maria Inês Sena;** O Espiritismo Metafísico, por **René Roland;** Os Fenómenos Espiritas — Ficção ou Realidade?, por **Eugène Bertrand;** No Curso da Vida, por **André Luís;** O caso das Aparições Morton — A Dama de Negro; Jesus e a sua Doutrina, por **José Simões de Matos;** Aristarco e Zoilo na Crítica, por **Tito L. Bancéscu;** O Bem por Amor do Bem; Frank Leah, o Pintor do Além, por **Fred Archer;** Quando a Cura é Psíquica, pelo **Doutor R. G. Mac Robert;** Como Cheguei ao Espiritismo, por **Adolf Antonius Heidhues Thorn;** As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por **W. F. Neech;** Mão Misteriosa Protege a Minha Vida — diz o Campeão Campbell; O Vigésimo Quarto Túmulo, por **Harvey Berman;** O Sofrimento — Suas Causas e Remédios, por **José Francisco Cabrita;** Uma Poetisa de Sete Anos; Enlevo de Alma, por **F. Noronha;** A Delinquência Infantil; Braille e a sua Obra a Favor dos Cegos, por **Doris M. Hodges;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

(Ver pág. 89)

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Mrs. A. W. Sungleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, MARÇO DE 1960 | N.º 3

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

O MUNDO...

Outrora era a paz virgiliana a envolver o homem. Os campos eram mais alegres, as fontes mais puras, as gargalhadas mais sonoras. A romaria das almas rescendia perfumes silvestres.

Mal vinha a madrugada, pastores e cavadores erguiam hosanas ao Deus das Alturas. O sol aquecia mais. Vivia-se melhor e as ideias eram esclarecidas. O eufemismo, que tanto modificou a linguagem, brilhava pela ausência. A lealdade não se escondia. As artes, as letras e a própria música tinham suavidade, que perderam há muito tempo...

As crianças respiravam inocência, as aves eram confiantes. Toda a natureza se alteava em poemas de luz e cor.

Mas os tempos mudaram no material e no moral. Ventos de insânia agitaram a superfície da terra e ninguém vive contente. Atrás da criatura há qualquer coisa, que se esconde ou rasteja para não ser alcançada.

Nos lábios secou o riso e as fontes envelheceram. A criança nasceu isolada e enfraquecida.

É neste quadro que se exerce a acção dos que trabalham por um mundo melhor, mais equânime, mais venturoso. Pensam no bem, na renúncia a certos prazeres, com os olhos no Alto. Fogem da crápula e apontam rumos às novas gerações, embora nem sempre sejam ouvidos. A sua posição é de semeadores que arrotearam campos e sentem que o seu esforço dá fruto sazonado. E continuam a cavar na gleba, de sol-a-sol olhos no objectivo, coração na orfandade. Porque o mundo está órfão de harmonia. É como as aves implumes a que roubaram o ninho.

Porquê a confusão, o descalabro, a desordem espiritual? Isto é que impede a beleza da vida.

A humanidade sofre horrivelmente. É um destino atávico, cuja origem se perde no clangor de duas guerras fratricidas. Somos a geração do sacrifício, amarfanhada e torturada. Abalados pela dor num cataclismo sem par, não tivemos coragem de conquistar a paz e dar à família a glória da salvação. Não tivemos coragem.

E agora é o ranger de dentes de que fala a Escritura. Em vão se esfalfam os profetas a anunciar os tempos que se aproximam. A reacção é nula. O que está, ninguém o quer modificar. Uns se instalaram e se fixaram. Outros querem desalojar alguns para se fixar. A eterna luta, instalada há milhões de anos no âmago do homem. E a felicidade cada vez se afasta mais de nossos horizontes...

O Espiritismo é um santelmo na tormentosa viagem dos seres. É a luz de redenção, caminho de segurança, bastião de fé. Surge aqui e ali, quando tudo parece desmoronar-se, a reavivar a chama no desiludido.

Quantos crimes não tem evitado!

Se o ouvissem, ou antes, se o escutassem, sentiriam menos angústias, porque ele aponta a estrada nova que há-de conduzir à promissão. Só ele poderia reconduzir o mundo ao rumo verdadeiro, porque só ele combate o egoismo no seu fojo.

O Espiritismo traz o amor em suas leis. Redime e fortalece. O adepto fica mais apetrechado e harmonizado. O mundo é o mundo, está longe e perto, está nos próprios olhos que o contemplam e reflectem. Se forem nobres, se forem justos, a imagem será bela, seja qual for o ângulo do espectador. Se forem maus, tudo sairá deformado.

Olhemos o mundo com bons olhos e bons pensamentos! Escoimemo-lo do lodo que o conspurca e do abismo que o atrai. Ele necessita de paz e de trabalho duradoiro. O que fizermos racairá em nós, porque será nosso. Não podemos afastar-nos das palavras e das acções.

Quem dera voltar aos tempos da simplicidade e da verdade! Quem dera voltar! A técnica moderna roubou alegria aos campos, suavidade às palavras e perfume às flores silvestres. Até as estações mudaram e o homem sente-se estranho na própria casa. Assim vai o mundo...

O Espiritismo no Meio Universitário

Por DEOLINDO AMORIM
(correspondente no Rio de Janeiro)

É provável que muita gente ainda não tenha observado um fenómeno muito interessante no meio universitário do Brasil. De certo tempo até à data, em grande parte dos convites de formatura das Escolas Superiores, figuram actos de carácter espirita, em condições de igualdade perante a Constituição Federal. Lembro-me bem que foi sob o patrocínio da então *Liga Espirita do Brasil*, há dez ou doze anos, se não estou enganado, que se realizou, no Rio de Janeiro, a primeira solenidade desta natureza. Recordo-me também de que *Estudos Psíquicos* publicou, a respeito, longa notícia com um *cliché* de bacharéis na 1.ª página. Foi, na realidade, um acontecimento, não só no meio espirita, como também no próprio meio universitário da Capital do Brasil.

O movimento começou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Sete ou oito bacharelandos, que se declararam espiritas, resolveram propor, pela primeira vez, a realização de um acto espirita, em regosijo pela sua formatura. A maioria da assembleia de estudantes se opôs, e houve certa dificuldade. Eram sete ou oito contra mais de cem bacharelandos! A comissão de espiritas foi à *Liga Espirita* e esta instituição, sempre liberal, sempre progressiva e acolhedora, deu pronto apoio aos jovens bacharelandos. Não conseguiram, é certo, fazer constar a solenidade espirita no convite oficial de formatura, e por isso tiveram que fazer um convite à parte. Seja com for, os poucos espiritas da turma ganharam a partida. A Liga ofereceu a cada um deles, com dedicatória muito expressiva, um exemplar do «Livro dos Espíritos».

Daí por diante a situação começou a modificar-se, tanto no Rio de Janeiro, como nos Estados. É raro, hoje, um convite de formatura, de Escola Superior, que não traga um acto espirita. Antigamente, apenas constava dos convites a tradicional missa de formatura e, às vezes, uma cerimónia protestante, quando havia diplomandos pertencentes a igrejas evangélicas. Actualmente, porém, como demonstração de respeito à liberdade de crença, que é, aliás, princípio claro na Constituição Brasileira, os convites *oficiais* de formatura anunciam logo todos os actos: missa, para os católicos; cerimónias nos templos protestantes; prece ou solenidade espirita; culto israelita nas sinagogas, etc. Tudo isto, hoje, consta dos convites. Isto significa adiantamento, progresso. Ainda há pouco tive ocasião de ver, no convite oficial da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, a relação de diversos actos de formatura: católico, protestante, espirita e israelita. A solenidade espirita realizou-se na sede da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, pois havia espiritas entre os últimos médicos formados por aquela Faculdade. Em quase todas as nossas Escolas Superiores — Faculdades de Direito, de Filosofia, de Medicina, como Escolas de Engenharia, Escolas Técnicas — em quase todas — convém repetir — já se nota muita receptividade para o Espiritismo. Não há mais pressão contra os actos espiritas entre os próprios estudantes. É a compreensão, é a luz do progresso, que se espalha pelas Universidades. Felizmente! Cada grupo — católico, protestante, israelita — assim que chega a época de organizar o programa de formatura, toma as suas providências, procura o seu ambiente, sem animosidade, sem prevenções, dando bela demonstração de tolerância religiosa.

É interessante notar, ainda, que alguns paraninfos comparecem a solenidades espiritas. Embora não sejam espiritas, fazem questão de prestigiar todos os actos de formatura. Há pouco, quando se realizou uma solenidade, no *Abrigo Teresa de Jesus*, por iniciativa de uma turma de bacharéis da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (não é Universidade do Brasil) lá esteve o paraninfo, Prof. Sady de Gusmão, católico ilustre, mas um homem de espírito superior, emancipado de preconceitos. No ano seguinte, no mesmo local e por decisão de uma turma de novos bacharéis da mesma Faculdade, também se realizou um acto espirita, ao qual esteve presente o Prof. Pereira Lura, que fora o paraninfo na colação de grau. Não é espirita, mas, tendo sido paraninfo, quis dar uma prova de distinção e respeito à crença de seus *afilhados* e ex-alunos. Foi orador o nosso confrade Dr. Lauro Sales, antigo Secretário daquela Faculdade.

Se tal acontece no meio universitário civil, também se verifica o mesmo espírito de compreensão nos estabelecimentos de ensino militar. Um dos exemplos mais significativos são as solenidades espiritas, que se realizam no fim do ano, na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, pois diversos oficiais, adeptos do Espiritismo, passam anualmente por aquela Escola, que é a expressão mais alta da cultura militar. Igualmente no Colégio Militar do Rio de Janeiro, como em diversas Escolas de S. Pau-

ENTRE ROSAS VERMELHAS

Por MARIA INÊS SENA

Sempre tive preferência pelas rosas vermelhas.

As cores pálidas são delicadas e predispõem ao sonho, mas a gama do vermelho é o expoente máximo das vibrações que arrebatam em impulsos fortes.

Como em canteiros perfumados, tenho hoje rosas vermelhas no meu cenário ...

E a luz frouxa do poente eleva-se a um mundo ignorado!

Nesta languidez que se ajusta ao meu estado de alma sinto-me repassar de enternecimento que me atrai ao templo da saudade.

E medito na vida — neste vaivém da vida!

Quando uma vida começa retine pelo ar uma alegria de Boa-Nova! Houve ressurreição na Terra, como no Além haverá um dia...

Lá desabrocham os primores do espírito; cá a natureza desperta para outra oportunidade de imprimir maior impulso à evolução, tornando-a mais justa e boa para o semelhante e por esse caminho chegar ao aperfeiçoamento moral e psíquico que permitirá o avanço liberto de ilusões terrenas.

A morte é repouso e assimilação de estágios realizados. Eles é que elaboram o destino de harmonia com a Divina Lei.

Todos os pensamentos e acções actuam ao longo de nossas múltiplas existências. Portanto, devemos esforçar-nos para que as ideias sejam elevadas e os actos altruístas.

Quem dera que todos se convencessem de que necessitam de inúmeras transformações que se iniciam em cada nascimento e terminam no momento a que chamamos MORTE!

E quanto mais atrasados na evolução, maior necessidade de renascer!

Meditai nesta verdade cheia de ensinamentos para o desenvolvimento harmonioso da vossa alma!

Nutro por todos os credos uma grande admiração, pois reputo-os favoráveis à evolução dos povos.

Apenas difundo a linha do meu Ideal, tentando abrir roteiros de luz ... desejosa de avivar a bondade e a justiça.

Os néscios embasbacam-se perante jóias rutilantes ... indumentárias vistosas ... com o faiscar de ouropéis ... Endoidecem com essas frioleiras ... Não pensam, não escolhem, não sabem destrinçar o trigo do joio ...

Os que exercem acção no trabalho meritório e se sacrificam pelo próximo sabem compreender a fugacidade da vida.

Mocidade estuante ou enfermiça ou velhice corcovada, todos se apegam ao transitório, como se fora perene...

Se uma brisa de raciocínio vos arejasse a dúvida e o receio, bem desprendidos andaríeis dos tesouros mundanos ...

A Vida é um ciclo iniciado noutras vidas e continuado noutras esferas ...

Despertem e não partam em desordem espiritual!

E eu, ávida de esplendor e de ascensão, quedo-me entre rosas vermelhas ...

lo, Curitiba, etc. se promovem actos espiritas, sempre que chega a época da conclusão do curso.

O que se verifica, portanto, quer no meio civil, quer no militar, é que a doutrina espirita reúne bons contingentes de adeptos na maioria dos círculos universitários do Brasil. Faz pouco tempo, uma turma de bacharelandos e licenciados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, (20 espiritas) fez a sua solenidade na *Liga Espirita,* e lá esteve o próprio Director da Faculdade, Prof. Ney Pinheiro, embora não seja espirita.

Sempre achei que o Espiritismo devia e deve propagar-se no meio universitário. Justamente por isso eu fico muito satisfeito, quando vejo tais exemplos de firmeza e tolerância entre os estudantes e professores de nossas Escolas Superiores. Sempre disse que o Espiritismo não pode ficar fechado entre as «quatro paredes» de nossas sociedades, pois é preciso fazer penetrar a doutrina nos meios cultos. Há quem não pense assim, e por isso há quem não aprove as solenidades de formatura no meio espirita. Certo ou errado, eu entendo que tudo isto é muito necessário, pois já é tempo de se fazer sentir, lá fora, no meio profano, que o Espiritismo é assunto muito mais sério do que certa gente ainda supõe. Muita gente pensa que o Espiritismo é uma crença de analfabetos, como também há quem pense que Espiritismo é *feitiçaria,* é fetichismo, etc. É precisamente no meio universitário, onde há ambiente cultural mais amplo, que se deve procurar elevar cada vez mais o conceito do Espiritismo. Se realmente os tempos estão chegando, ou se já chegaram, como se diz constantemente, é preciso pôr a luz em ponto bem alto, porque o Espiritismo é luz. Acho que é muito necessário estimular o movimento de penetração do Espiritismo nas Universidades. De ano para ano, pelo que se vê nas Universidades do Brasil, o campo está ficando mais aberto para as ideias espiritas, apesar de todas as resistências das mentalidades antiquadas ou fora da época.

O ESPIRITISMO METAFISICO

Por RENÉ ROLAND

DO TEMPO E DO ESPAÇO

Esta metafísica parte da teoria da relatividade de Einstein, que concebe e prova um universo sem limite, assinalando um fim ilimitado.

Até aqui a infinidade do tempo e do espaço, assim como a própria essência da sua síntese indissolúvel, ultrapassava a nossa inteligência. Hoje há factos, que têm existido desde sempre; mas que não podíamos interpretar por falta de chave, os quais põem o tempo e o espaço ao nosso alcance, subtraindo-lhes a sua qualidade infinita e tornando-os acessíveis aos nossos sentidos.

DA MATÉRIA

A metafísica espirita define claramente a matéria, provando que é um meio para servir o espírito ou a alma e realizar o seu fim. Serve de veículo ao espírito e, como tal, ele encontra nela a sua razão de ser encarnado. A matéria não é, portanto, mais do que uma expressão geométrica, tal como o provou Descartes e Berkeley, sem saberem que a sua descoberta continha uma das chaves mestras do espiritualismo moderno.

DA VIDA

À semelhança da matéria, a vida é um meio. Segue a curva duma ideia directriz, cuja prova é fornecida pelo evolucionismo. Não é criação de matéria para a vida, mas é uma continuação, porque é meio igual à matéria e torna-se, como ela, uma expressão geométrica.

DA ALMA

O Espiritismo Metafísico adopta o célebre «Cogito» de Descartes para provar a existência da alma ou espírito, mas reúne factos de tal valor, que destróem a teoria materialista contemporânea de Lewes, Haeckel, Le Dantec e de muitos outros, cujos principais argumentos são os seguintes:

1.º) — Não há alma distinta do corpo. O pensamento reduz-se ao movimento, segundo a lei da conservação da energia.

2.º) — A ligação estreita do pensamento e do cérebro nega a existência da alma.

3.º) — O transformismo observado é apenas a resultante do desenvolvimento do sistema nervoso.

Além da argumentação a favor da existência da alma, tão bem definida por Maine de Biran, a metafísica espirita destrói sistemàticamente toda a argumentação materialista, opondo-lhe os seguintes factos:

1.º — Se está provado que o pensamento exterior a todo o ser vivo, tal como o entende o materialismo, é capaz de agir sobre a matéria inerte, de a transformar, de a mover, não poderá mais dizer-se que esta acção, esta transformação ou este movimento sejam resultado da lei da conservação da energia, mas, pelo contrário ter-se-á de reconhecer que há poder bem distinto entre a alma e o corpo.

2.º — Se está provado que o pensamento é capaz de se manifestar fora de toda a contingência cervical, provar-se-á que o cérebro e as suas circunvoluções são, de facto, o intermediário entre a energia e os efeitos a produzir.

3.º — Se está provado também que o pensamento não evolui e só se transforma em razão da sua união com a matéria; se está provado que o sistema nervoso é a rede distribuidora da energia recebida, como um distribuidor ou transformador de corrente eléctrica, demonstra-se-á que a alma é a única fonte desta energia.

Ora o Espiritismo prova estas três hipóteses, assim como nós as demonstraremos adiante.

DE DEUS

Se a alma existe, Deus é, porque o espírito é energia e, como tal, descendente duma fonte única e espiritual a que chamamos Deus.

O Espiritismo prova pelos factos que a alma é energia e os factos mostram-nos que há uma força única, fonte de todas as outras, como o Sol é a fonte energética que faz viver e mover todo o sistema planetário.

Posta assim esta intuição metafísica, chegamos às seguintes conclusões:

1) — A alma existe.

2) — O espírito é capaz de se manifestar fora de todas as contingências normais de manifestação.

3) — O espírito é imortal e segue uma evolução ascendente.

4) — Serve-se da matéria e da vida como cadinho e por esta razão deve reencarnar sempre até que possa transpor a matéria e a vida orgânica, a fim de completar a sua evolução.

5) O espírito é o seu próprio dono e criador da sua própria atmosfera, ficando, contudo, ligado por afinidade aos outros espíritos de que se serve e de que tem necessidade para evoluir.

A ALMA OU ESPÍRITO EXISTE

Até ao presente os homens contentaram-se com testes metafísicos para provar a existência da alma e isto constituíu a parte mais bela da teoria materialista.

Para outras provas sensíveis da

existência da alma, que o Espiritismo experimental pode fornecer a quem desejar um estudo objectivo, basta procurar na imensa documentação da Igreja com milhares de casos comprovados e passados ao crivo da crítica mais severa, apoiados no testemunho formal de pessoas idóneas. Para não nos alongarmos num assunto que não admite dúvida, até mesmo para os materialistas que acreditam num elemento espiritual imponderável que desaparece com a morte física, citaremos apenas numerosos casos de desdobramento, de êxtase e dupla vista observados nos santos duma época relativamente moderna. Tal é o caso de um Cura d'Ars, duma Bernadette Soubirous, duma Thérèse de Lisieux e de muitos outros.

A ALMA OU ESPÍRITO PODE COMUNICAR-SE FORA DAS CONTINGÊNCIAS NORMAIS DE MANIFESTAÇÃO

Por contingências normais de manifestação entendemos os meios ordinários, graças aos quais a alma ou o espírito pode exteriorizar-se normalmente. Penso, logo existo, disse Descartes.

Os meios ordinários de manifestação do espírito encarnado é que lhe demonstram que pensa e o levam daí a deduzir a sua existência.

A filosofia espirita diz e prova que o espírito pode manifestar-se fora destes meios.

Se um curador receber impulso mecânico, inteligente e independente poder-se-á dizer que um espírito se serve deste meio exterior a toda a contingência normal de manifestação, no caso de o curador não poder receber o impulso dum agente que agisse nele por meios cientìficamente conhecidos.

Se numa parede ou num móvel qualquer se ouvirem pancadas que levem ao convencimento de manifestações inteligentes independentes dos experimentadores e que só possam ser produzidas através dum agente utilizando meios científicos conhecidos, poder-se-á dizer que se trata de uma intervenção espiritual exterior a todas as contingências normais.

Ora, no Espiritismo abundam casos semelhantes devidamente verificados. Não só o Espiritismo, mas todas as religiões têm boa parte nestes factos. Tomaremos, por exemplo, os factos relatados na biografia do Cura d'Ars, assim como os ruídos provocados pelo Além e ouvidos por milhares de testemunhas que assistiram a cada uma das aparições de Lurdes.

O facto existe e é necessário aceitá-lo, tal como ele é, com todas as consequências.

Como diz Maurice Maeterlinck, na introdução do seu livro «O Hóspede Desconhecido», caminha-se fora das lendas, dos contos de fadas, das ilusões e dos exageros, em terreno estreito, mas seguro. Há bastantes factos incontestáveis para que se possa examiná-los ùtilmente, reconhecer as suas tendências, entrever o seu carácter geral e remontar à sua fonte única, fastando pouco a pouco os impecilhos e as ruínas que após tantos milénios nos impençam de a contemplar.

As consequências dos factos verificados são múltiplos e abrem os horizontes dos outros postulados de filosofia espirita para de todas as mexeriquices, de todas as charlatanices dos adivinhos e pseudo-médiuns, cujo único fim é lançar poeira nos olhos do público.

O espírito segue uma evolução ascendente. Com efeito, no decurso da sua vida os homens são levados a estudar o porquê da existência correspondente ao seu temperamento ou à sua ideologia.

Assim o idealista tende à realização dum sonho inicial que ele próprio não pode definir. O criminoso só se fartará, quando a justiça o puser a bom recato.

Um termo popular estigmatiza perfeitamente esta ideia: o homem nunca está contente com o que possui.

A matéria serve de cadinho ao espírito, que deve lutar contra ela e vencê-la e submetê-la até, a partir do próprio corpo de carne que escolheu para se libertar dela. E como poderia ele libertar-se? Como poderia conquistar esta liberdade que procura com todas as suas fibras, em menos de cem anos de existência normal?

Só o Espiritismo dá explicação racional a tais perguntas. Apoiados nesta tese apelaremos para as experiências pessoais e para os factos, que só poderão ser explicados pela reencarnação, como os meninos-prodígios, que, sem experiência do mundo em que vivem, não deixam de nos descrever as belezas e as ignomínias e que, apesar da sua juventude, aprendem toda a complexidade da arte musical e dirigem orquestras na plena posse das suas faculdades artísticas e com virtuosismo que causa admiração.

Destes diferentes critérios devidamente provados pelo Espiritismo, surge, fatalmente, uma grande lição humanitária que nos faz reflectir.

Estamos solidàriamente ligados uns aos outros, conservando a própria individualidade. E os actos que praticamos criam à nossa volta uma atmosfera de felicidade ou infelicidade. Dos nossos actos depende a libertação completa do pensamento, que só pode encontrar satisfação no amor universal. Qualquer que seja a nossa situação na sociedade temos de fazer qualquer coisa pelos outros que deverá, necessàriamente e fatalmente, encontrar a sua repercussão em nós mesmos.

Em resumo, a filosofia espirita dá solução a todos os problemas, quer sociais, quer individuais, permitindo a cada um emancipar-se, emancipando os outros.

Eis, sucintamente exposto, um dos aspectos do Espiritismo ou do Espiritualismo Moderno.

Esta doutrina merece ser tomada em consideração, porque se baseia, inegàvelmente, em factos autênticos.

Também é cometer um erro pretender ignorá-lo ou depreciar a sua importância.

(Tradução de C. A.)

Os Fenómenos Espiritas
Ficção ou Realidade?

por EUGÈNE BERTRAND

III

Um recente número da nossa revista publicou uma experiência do coronel Cowper, do antigo *Corpo do Exército Feminino*, inserta no jornal inglês *Psichic News*, de 25 de Maio de 1957. Diz a Sr.ª Cowper:

«O meu coração desfaleceu, quando o meu marido foi enviado a Salisbury durante a primeira guera mundial. O lugar estava cheio de soldados e era quase impossível encontrar ali um alojamento. Imaginem a nossa alegria, quando fomos apresentados ao sr. Henri Rider Haggard que tinha lá uma casa e desejava residir noutro lado, durante algum tempo. Por isso no-la cedeu amàvelmente e lá nos instalámos com o coração cheio de reconhecimento.

O lugar era muito mais bonito do que nós julgávamos. Uma das características era uma sala de música, com um piano de concerto de grande valor.

«A casa era suficientemente vasta para alojar as personalidades que vinham ver meu marido a título oficial e que traziam as suas ordenanças.

«Meu marido tinha dois hóspedes destes em casa e fui à casa de banho que se encontrava muito perto da sala de música, da qual saíu um indivíduo absolutamente desconhecido e uniformizado. Supus que se tratasse de uma ordenança e dei-lhe os bons dias, a que me respondeu com um sorriso encantador.

«Achei estranho que ele tivesse ido à sala de música; mas, pensando que o tivessem mandado lá, senti necessidade de lhe dizer que não podia admitir que um homem andasse pela casa tão cedo. Falei no assunto ao pequeno almoço e foi então que o incidente tomou importância. Nenhum dos meus hóspedes trouxera ordenanças e nenhuma outra pessoa poderia ter motivo legítimo para se encontrar nesse lugar. Não notei as suas insígnias, nem me lembro do seu posto, mas fora cativada pelo seu sorriso e estava certa de poder identificá-lo.

«Naturalmente afligimo-nos ao pensar que podia tratar-se de um ladrão, embora não encontrássemos sinal de roubo.

«Como o nosso inventário estava incompleto escrevi à sr.ª Rider Haggard e contei-lhe o incidente, pedindo-lhe que verificasse se faltava qualquer coisa. Ela confirmou que a sua propriedade estava intacta e fez perguntas sobre aquele indivíduo, lamentando que ele não tivesse falado, porque, durante a troca de impressões, se convencera de que eu tinha visto o seu primo australiano que poderia ter sido identificado pela sua pronúncia.

«O indivíduo residira com ela o ano passado. Afeiçoado à música, passava longas horas na sala do piano gozando da paz e da beleza que lá encontrava. Ao partir revelou grande simpatia por aquela sala e disse que a gostaria de ver no verão, exprimindo desejo de voltar nas próximas férias. Mas foi morto cinco dias depois de voltar à França.

«Ninguém pensou que eu tivesse poderes mediúnicos. Pela minha parte achava a teoria difícil de admitir, mas outra explicação parecia pouco probatória.

No dia em que a sr.ª Rider Haggard me visitou trazia fotografias de alguns soldados compradas numa pequena loja na estação de Vitória onde milhares de homens matavam o tempo, antes de tomar o comboio para a frente, tirando fotografias para a sua família. Elas eram muito parecidas, porque a sr.ª Rider Haggard as escolhera intencionalmente, tão parecidas, quanto possível com a que o seu primo lhe tinha enviado. Foi, portanto, esta fotografia que eu tirei do monte, imediatamente, como sendo a do indivíduo que eu vira.»

Este acontecimento afasta deliberadamente a hipótese ideoplástica, pois a sr.ª Haggard não conhecia a pessoa citada. O facto de esta ter respondido com um sorriso aos bons dias dados, mostra que estamos em presença de um ser consciente da sua personalidade.

Mas os negativistas não se consideram vencidos. Admitem a sobrevivência indefinida do nosso psiquismo, porque, sob a pressão dos factos, as suas hipóteses evoluem consideràvelmente. Mas os elementos que compõem o nosso psiquismo dissociam-se com a morte do indivíduo que os emitiu. Ora, estes elementos dissociados flutuariam na atmosfera psíquica onde vive o nosso espírito e é nesta espécie de Consciência Cósmica que se aproveitariam os médiuns para nela procurar as inumeráveis recordações que lá existem. Dizemos isto, porque uma hipótese só é válida, quando explica indistintamente *todos* os factos submetidos à sua aplicação.

★

Vamos citar um facto que escapa a esta hipótese negativista conhecida com o nome de «polipsiquismo».

Em 5 de Outubro de 1930 o dirigível inglês R-101 comandado pelo tenente Irwin inflamou-se e caíu no solo francês da Somme.

Dois dias depois, realizou-se uma sessão no Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas de Londres (fundado pelo engenheiro Harry Price em 1925) sujeita ao controlo da Universidade em 1933, com a médium Miss Garrett, cuja faculdade consistia em automatismo vocal no estado de transe. Estava a dar uma mensagem, quando, sùbitamente, a sua voz mudou e uma personalidade se anunciou como sendo o tenente Irwin, comandante do R-101 sinistrado.

O pretenso oficial falecido explicou então, com

numerosos pormenores técnicos, as seguintes circustâncias da catástrofe: perda de velocidade; impossibilidade de endireitar o aparelho que estava a picar e a roçar nos telhados de Achy; explosão da carcaça e, finalmente, o incêndio do aparelho. Depois entrou na análise das causas do acidente, dizendo que, depois de ser introduzido o novo tubo transversal, a massa e o peso já não estavam em proporção com a capacidade motriz.

Uma cópia taquigrafada da acta da sessão foi então enviada ao Ministério do Ar Britânico; este respondeu que a acta do *Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas* o tinha *consideràvelmente* auxiliado no seu inquérito, acrescentando que o resumo nela contido só podia *emanar* de um técnico ao corrente dos problemas da aeronáutica e que tivesse estado a bordo do dirigível.

Sete meses depois da catástrofe, uma personalidade ligada à construção dos dirigíveis falou aos membros do *Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas* demonstrando as concordâncias existentes entre os pormenores técnicos comunicados pelo pretenso tenente Irwin e consignados na acta transmitida ao Ministério, bem como os factos revelados ulteriormente pelo inquérito de que alguns, no dizer do técnico oficial, só podiam ser conhecidos pelo tenente Irwin e por *raros* peritos.

Eis alguns destes factos:

O pretenso Irwin declarou que os motores eram defeituosos, muito pesados, que as experiências tinham sido muito curtas, que ninguém conhecia suficientemente o aparelho, que a carga era muito grande, que o aparelho se tinha inclinado demasiadamente e já não podia retomar altura, que razara quase os telhados de Achy e que a explosão ao pousar foi «devida à fricção numa atmosfera carregada de electricidade». Todos estes pormenores foram corroborados pela personalidade, a qual declarou que, embora Achy não figurasse nos mapas vulgares, era indicada em grandes mapas especiais de navegação aérea, como a que possuía o tenente Irwin e que se encontrava, efectivamente, na rota do dirigível.

Quando Irwin falou da «explosão do motor» o sr. Harry Price, director honorário do *Laboratório Nacional*, observou que «a essência bruta não era inflamável», a que Irwin respondeu: «Esta é inflamável». A tal respeito o representante dos serviços técnicos da Aeronáutica britânica declarou: O sr. Price repetiu uma opinião popular, dizendo que a essência em bruto só é inflamável a altas temperaturas, quer dizer, que podia inflamar-se, após a compressão nos cilindros do R-101 e causar uma explosão.

O pretenso tenente Irwin aludiu também na mensagem a um «plano mirabolante de carbono e hidrogénio» que, na sua opinião, era «idiota, arqui-idiota». O representante oficial declarou que «no momento do voo do R-101, uma série de experiências tinham sido planeadas. Propunha-se inflamar uma mistura de hidrogénio e de carburante (de carbono e de hidrogénio), o que *não podia* ser conhecido fora dos meios oficiais.»

Irwin fizera igualmente alusão ao «S. L.-8», acrescentando: «Diga isto ao Eckner». Verificado o facto viu-se que era o número de um dirigível alemão (S. L. era a abreviatura de Shutte Lanz). «Coisa ignorada, disse ainda o representante da Aeronáutica, *mas que Irwin devia saber.*»

Por outro lado, o sr. Spanner, construtor naval e engenheiro da Marinha, foi enviado como perito para dar a sua opinião sobre as causas do acidente.

Segundo o seu relatório «o dirigível rompeu a carcaça em pleno voo devido à fraqueza da estrutura» e foi apanhado bruscamente pela tempestade, viajando a 60 milhas à hora «no momento em que picava ligeiramente para a frente, acentuando o mergulho. O estabilizador foi progressivamente accionado a fundo para levantar o dirigível e este começou a endireitar-se. Enquanto decorria esta operação cederam as longarinas inferiores situadas no centro do aparelho. Este enfraquecimento produziu-se no novo tubo introduzido a meio do dirigível.

Assim o pretenso Irwin e o sr. Spanner estão de acordo em atribuir a causa inicial do acidente à junção do tubo médio. Mas Irwin fizera conhecer a sua opinião *48 horas* depois da catástrofe ao passo que o sr. Spanner só emitiu a sua, depois dos resultados do inquérito.

★

Como interpretar este facto, pergunta-se André Dumas que o analisou longamente na sua obra citada e que se exprime deste modo:

«A médium Garrett ignorava toda a técnica dos dirigíveis, assim como os outros assistentes ignoravam a existência da pequena aldeia de Achy, em França, que apenas figura nos mapas do Estado Maior e de navegação aérea.

«Certos pormenores eram conhecidos apenas de um círculo muito restricto de peritos oficiais. Poderemos admitir a hipótese de comunicação telepática entre estes peritos e a médium?

O estudo da telepatia experimental mostrou que a transmissão não se efectua literalmente, mas com variantes simbólicas e deformações características. Se tivesse havido telepatia, as deformações que teria sofrido a transmissão de ideias técnicas completamente estranhas à médium tornariam incompreensível a mensagem do tenente Irwin, em vez de redundar, pela sua precisão técnica, num auxílio eficaz ao Ministério do Ar britânico por determinar as circunstâncias e as causas da catástrofe do R-101.

«Mas, se a hipótese telepática não pode explicar a revelação dos factos conhecidos por pouquíssimos peritos, é muito mais impotente para explicar a hipótese de factos desconhecidos de todo o ser vivo e estabelecidos apenas *depois* do inquérito, como, por exemplo, a explosão da carcaça de estibordo devido à falta do ressalto da fuselagem por causa do peso excessivo do tubo adicionado.

«É preciso falar agora da hipótese da clarividência e admitir que as faculadades supranormais da sr.ª Garrett tenham podido revelar as causas técnicas do acidente, independentemente de qualquer ser vivo as conhecer, isto é, admitir que metapsiquistas se enganem, quando pensam que o passivo clarividente percebe, «não as próprias coisas, mas os pensamentos de seres que as perceberam uma vez»; seria necessário também admitir que esta aquisição de conhecimento supranormal se produzisse, dada a incompetência técnica da médium por um relato muito claro, um vocabulário muito especial, o que para a hipótese telepática é contrário à experiência.

«É necessário agora encarar a hipótese da Inconsciência Colectiva ou a da Memória cósmica e supor que «elementos psíquicos dissociados» com

pormenores técnicos relativos às experiências e causas da catástrofe tenham sido emitidos pelo tenente Irwin, antes da sua morte e se introduzissem na personalidade psíquica da sr.ª Garrett.

«Seria necessário admitir que estes elementos psíquicos se reagrupassem de tal maneira, que tivessem reconstituído temporàriamente a aparência intelectual duma personalidade coerente; seria necesário admitir que a coordenação destes elementos psíquicos contribuissem para que a personalidade fictícia assim reconstituída pudesse refutar um erro inerente à inflamabilidade da essência, como se se tratasse duma personalidade real.

«Não é jogar com as palavras? Não é opôr-se àquilo que os espiritistas chamam «o desejo de sobreviver», «de sobreviver totalmente e não em partículas?»

«E se, por «telepatia combinada», uma personalidade polipsíquica se formasse entre os subconscientes do médium, dos assistentes e dos peritos longínquos, a fim de explicar a revelação do que eles próprios ignorassem em ligação com «elementos psíquicos dissociados» do falecido tenente Irwin, seria muito estranho que o resultado final desta «combinação psíquica» não tivesse sido influenciada pelo médium, nem pelos assistentes e que a sua incompetência não fosse manifestada na mensagem por alguns erros ou absurdos. Seria preciso admitir que esta personalidade colectiva fosse inteiramente dominada pelo elemento Irwin!

«De facto e para empregar a linguagem da prudência científica — conclui Dumas — tudo se passou como se a personalidade espiritual do tenente Irwin, comandante falecido do R-101, personalidade espiritual consciente, dotada de iniciativa, de memória e de inteligência, se manifestasse pela voz da sr.ª Garrett no sentido de fornecer, 48 horas depois da catástrofe, o seu relato sobre a perda do dirigível que comandava».

★

Para terminar citarei dois casos pessoais muito menos complexos, mas, em minha opinião, não menos edificantes e que mostram que os factos susceptíveis de ser retidos a favor da sobrevivência consciente do ser humano são sempre actuais. Ambos foram obtidos no Grupo de Estudos José Lhomme, em Marcinelle.

Na reunião de 13 de Fevereiro de 1954, os srs. Lejeune e Marcel tinham as mãos pousadas na pequena mesa, quando o pretenso director espiritual do Grupo disse que uma mensagem nos ia ser transmitida por outra entidade. O ditado era hesitante, cheio de erros e muito lento. Por fim obtivemos correctamente o seguinte trecho: «Boa noite, sr. Bertrand. Eu sou Martougin e acabo de entrar». Perguntámos ao guia da sessão se nos podia dizer há quanto tempo se tinha dado esta desencarnação. Respondeu-nos: «Há poucos dias.»

Martougin é o nome de uma pessoa que os espiritistas belgas conheceram muito bem. Outro componente do Grupo—o sr. Florimond Piérart—antigo presidente da União Espirita Belga, tinha conhecido a pessoa que pretendia manifestar-se e que o perdera de vista, havia mais de 10 anos. Por mim havia perto de 3 anos que não tinha encontrado o sr. Martougin, nem me correspondia com ele ou com os seus. Ora, na manhã seguinte telefonei a um amigo de Bruxelas — o sr. Chaslain — que me confirmou que a desencarnação desta pessoa se dera 15 dias antes!

Ninguém nos prova que o manifestante fosse o sr. Martougin, mas é lícito pensar que «alguém» se encontrava do outro lado do véu ao corrente da sua libertação espiritual.

Em fins de Março de 1954, começámos a obter curtas mensagens pela prancheta, assinadas por José Lhomme. Um dia obtivemos uma comunicação relativa a uma das minhas preocupações dominantes, mas ele disse-nos que esta mensagem ser-nos-ia confirmada no domingo seguinte em Farciennes, dia escolhido pela Federação de Charleroi para comemorar o aniversário da desencarnação do Mestre Allan Kardec.

Havíamos convidado a sr.ª Halleux, de Liège, para a parte experimental desta reunião a que assistiram todos os sócios do Grupo de Estudos, os quais guardariam sigilo do que se passasse. Tivemos, então, o prazer de ouvir o facto anunciado pela prancheta através da clarividência da sr.ª Halleux, que viu a entidade e confirmou totalmente o sentido da mensagem recebida na quarta-feira precedente.

Teríamos nós provocado o fenómeno, em virtude de um desejo intenso?

Não podemos dizer que seja impossível, mas sabemos por experiência que quanto mais se deseja produzir um fenómeno, menos probabilidades há de se obter.

Este resultado foi inesperado. Desde então conseguimos boas provas da clarividência e da sagacidade do espírito que supúnhamos manifestar-se. Mas sempre nos admirámos de que o guia do Grupo não tivesse dado qualquer prova de identidade.

★

Na reunião de 2 de Janeiro de 1957, sempre pela prancheta, com o sr. Lejeune, assistido pelo sr. Marcel, encarregado de seguir o ditado, por vezes muito rápido, a prancheta ditou a frase seguinte:

«Sr. Bertrand, eu sou José Lhomme. Pediu há pouco um facto probante; pois bem, saiba que em Liège há uma única pessoa que eu chamava pelo seu nome próprio. Era Victor Peters. Não sabia?»

Este pormenor era completamente ignorado do médium, dos assistentes e de mim próprio. Eu e o sr. Piérard somos os únicos do Grupo que conhecemos o sr. Lhomme em vida e nem o sr. Peters nem qualquer outra pessoa me haviam falado nisto. Nunca me tinha correspondido com o sr. Peters e, embora eu já tivesse ido muitas vezes a Liège, nunca entrei na sua intimidade; além disso, raramente o encontrei, devido às suas ocupações profissionais.

No dia seguinte à reunião escrevi ao sr. Péters que, pela sua carta de 7 de Janeiro de 1957, me respondeu assim:

«Recebi a sua carta relatando a comuncação recebida a meu respeito no Grupo de Estudos Psíquicos de Charleroi.

«Estejam contentes! — dizia ela —. A informação é exacta!

«Eu era, afinal o único componente do grupo a quem o sr. Lhomme chamava pelo nome próprio; porque ele era o chefe do meu grupo e também um amigo.

«A respeito da comunicação poderia talvez

apresentar algumas reservas sobre o termo «em Liège há uma só *personagem.*»

«Estava bem empregado este termo? Mas não sejamos demasiado rigorosos. Basta sermos justos.

«Estejam satisfeitos! E continuem.»

Aqui está uma presunção das mais perturbantes que milita a favor de uma manifestação objectiva da individualidade que nós conhecemos na sua última encarnação terrestre na pessoa de José Lhomme. A meu ver a nota feita pelo sr. Péters é secundária e o emprego da palavra «personagem» pode justificar-se pelo facto de que a entidade talvez quisesse sublinhar particularmente os sentimentos que o uniram sempre ao seu amigo. Nesse caso, isto não seria o lado menos reconfortante da comunicação mediúnica.

Os factos espiritas serão ficção ou realidade? Deixarei a cada um a liberdade de discernir sobre este assunto palpitante.

Estão acaso admirados de termos falado mais dos factos anímicos — ou tomados como tais — do que dos factos essencialmente espiritas, como o deixa supor o título deste estudo?

Ao fornecer-vos, por factos, a prova experimental absoluta da existência da alma humana nós quisemos mostrar que o edifício em construção repousava em terreno firme e sólido, completamente inabalável. Os muros do edifício levantaram-se pouco a pouco os factos que reforçam sèriamente a tese da sobrevivência consciente da alma e apoiam a probabilidade das manifestações espontâneas do Além e das comunicações mediúnicas, pois estes factos são os verdadeiros materiais desta grande construção.

Uma cúpula provisória é colocada sobre esta magnífica e paciente construção, sendo constituída pelos testemunhos formais de homens eminentes de numerosos países; mas eu limito-me a citar apenas um suficientemente eloquente.

É a opinião de *sir* Oliver Lodge, físico inglês, reitor da Universidade de Birmingham e sócio da Academia Real, cujos trabalhos, no domínio da electricidade, especialmente a teoria dos iões, são ensinados em todo o mundo:

«Sou espiritista, porque aceitei os fenómenos como realidades.

«A ideia de prestar algum serviço faz-me encolher os ombros às críticas a que me exponho e espero *consolar algumas almas aflitas, dando-lhes a certeza de que é possível comunicar com aqueles que estão do outro lado do abismo.*»

A cúpula definitiva do edifício em construção será o reconhecimento pela ciência oficial das verdades professadas pelo Espiritismo. Infelizmente tudo leva a crer que este reconhecimento não seja breve. O exemplo corajoso dos William Crookes, dos Geley, dos Myers, dos Lombroso, não foi seguido pela maioria dos seus colegas, o que é, evidentemente, lamentável.

Entretanto fala-se hoje muito de uma ciência nova chamada parapsicologia. Ela reúne pessoas que admitem a realidade dos fenómenos espiritas, mas que querem estudá-los sem ideia preconcebida, na mesma disposição de espírito com que estudariam fenómenos astronómicos, químicos ou biológicos. Esta ciência recebeu consagração oficial na criação de muitas cadeiras universitárias.

★

Os espiritistas devem seguir a marcha e a progressão destes trabalhos com a máxima atenção e interesse e regosijar-se de não se rirem já das ideias que professam e que devem agora dar-se ao trabalho de as estudar.

Não há dúvida de que um futuro mais ou menos longínquo consagrará oficialmente e na totalidade as grandes verdades ensinadas pelo Espiritismo, cujo grande mérito será provar a supremacia do espírito sobre a matéria e forçar os homens de ciência a curvar-se sobre este grande problema do destino humano.

O Espiritismo torna felizes os que o compreendem, esperando que a sua influência se estenda às multidões.

Ora bem: vocês, que duvidam ainda da explicação espirita de certos factos paranormais, reconhecei ao menos a sua utilidade prática, porque já auxiliou milhões de homens a melhor viver e a melhor morrer; de resto, o Espiritismo merece também, a vossa consideração e respeito.

FIM

(De Spiritualisme Moderne» traduziu C. A.)

NO CURSO DA VIDA

— *Exemplifique o bem desinteressado.*
Os nossos actos demonstram a proximidade ou a distância em que vivemos da Lei Divina.

— *Viva com alegria.*
O presente já faz parte de nossa vida imortal.

— *Pondere cada atitude.*
Tanto é difícil saber fazer, quanto saber não fazer.

— *Evite o isolamento sistemático.*
Somos peças integrantes do ambiente em que existimos.

— *Entenda a função da posse efémera.*
Nem a riqueza nem a privação expressam virtude.

— *Não fuja ao recomeço.*
A caridade corrige qualquer erro.

— *Estude incansàvelmente.*
Alcançar novos conhecimentos é formular novas indagações.

— *Cultive confiança.*
Com temor não há progresso.

— *Seja paciente na dor.*
Crise, muitas vezes, é o nome que aplicamos à transformação do mal em bem.

— *Amolde-se aos padrões do Evangelho.*
Na essência, o mundo actual é o mesmo da época de Jesus.

ANDRÉ LUIZ

(Página recebida pelo médium Waldo Vieira, na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais).

O caso das aparições Morton

A DAMA DE NEGRO

O caso que vamos aqui tratar, pelas características de que se reveste levou o grande psicologista William James a escrever: — «Se eu tivesse que objectivamente rebater um erro em toda a sua inútil profundidade, sem dúvida recorreria às «Actas da Sociedade de Investigações Psíquicas» (Society for Psychal Research).»

E é justamente uma daquelas actas que hoje extraímos este evento de tão excitante como concludente realidade no campo da presença das aparições do Além perante os vivos. A propósito, o Prof. R. H. Thoules, antigo presidente da mesma associação, declarou pùblicamente: «O relato da aparição de Morton continua a ser o melhor estudo no campo das manifestações evidentes da visão metafísica. E o falecido e ilustre Tyrrell não hesitou em chamar a este estranho acontecimento «um dos casos mais autênticos e melhor observados no domínio das manifestações fantasmáticas». Igualmente Myers, conhecido pelo filósofo daquela Sociedade e autor da palavra «telepatia», classificou esta prova como «das mais notáveis e incontroversas manifestações da realidade metapsíquica».

★

O Capitão Morton, sua esposa, seus filhos e criados constituíam uma família normal e feliz, completamente isenta de superstições mórbidas — o que é confirmado por Myers, que durante dez anos trabalhou neste caso. Pelas circunstâncias da sua vida particular decidiram instalar-se num típico e vasto edifício vitoriano, uma construção quadrada e anódina repartida em inúmeros compartimentos espalhados pelos três andares que formavam o conjunto. Tudo corria bem na monotonia quotidiana, quando, três meses após a instalação da família na vivenda, em certa noite estival de Junho de 1882, algo ocorreu capaz de perturbar a serenidade daquele lar tìpicamente inglês. A filha do casal, Rosa, estudante de Medicina, espírito livre e determinado, subira ao seu quarto, quando, pouco antes de se deitar, ouviu pancadas na porta. Julgando tratar-se de sua mãe, abriu, mas ficou espantada por não distinguir vulto algum à fraca luz da vela. Perplexa, avançou uns passos, para, com grande espanto, deparar com uma estranha figura, imóvel no patamar: uma mulher alta, envolta em negras roupagens, com um lenço apoiado na face meia oculta pela escuridão. Atónita, a rapariga contemplou a figura, mas esta, após alguns segundos de imobilidade, começou a descer a escadaria. Rosa, mais curiosa que aterrorizada, seguiu, até que a vela se apagou e a escuridão repentinamente se fez sobre o estranho vulto. Mas a jovem escolar continuou a ouvir, com a respiração suspensa, o sussurro das vestes do fantasma, que lentamente se afastava na escuridão.

A partir dessa noite, Rosa, decidida, como racionalista que era, a descobrir o estranho fenómeno, continuou a ouvir os mesmos ruídos e a entrever a figura que se movia na obscuridade em direcção à escada. Em breve descobriu que o caminho seguido era sempre o mesmo: desde o corredor até ao jardim e descendo as escadas, para logo desaparecer. Com o decorrer do tempo Rosa perdeu completamente o medo e tentou tocar o fantasma, mas o vulto ràpidamente desapareceu. Sua irmã Katy também afirmou, quando estava em férias, que vira um vulto com as mesmas características, mas que lhe parecera uma irmã de caridade em carne e osso. Foi o início para ela.

Depois desta data as passadas aumentaram de volume, até se ouvirem em todos os compartimentos, tanto que um dia as três filhas da casa e a cozinheira não puderam dormir com o barulho e o receio. Quatro dias depois, um rapaz da vizinhança veio perguntar pela filha casada do casal, porque seu pai a vira de negro e velada, com um lenço na mão, chorando na horta dos Morton, julgando ele que o marido morrera. Nessa mesma noite, cerca das duas horas da madrugada, os passos voltaram a ouvir-se, subindo e descendo as escadas. Mas outros sons se juntaram às passadas, como o ruído de botas de homem, andando devagar, para logo assumirem o tom de pancadas e de luta, de corpos caídos e arrastados.

Mas o mais terrível era o ruído dos fechos das portas a abrirem-se e os criados mergulhados em terror, nunca sabendo se se tratava de ladrões. Neste clima de horror viviam os Morton, até que certa noite a esposa viu uma luz brilhante no vestíbulo, mas ao descer com as filhas um vulto frio varreu a casa e a chama desapareceu.

Toda esta série de aparições, luzes que se apagavam, fechos que se abriam, vultos, etc., tinham como figura central a Dama de Negro que desapareceu da cena em 1880, ainda que as passadas persistissem algum tempo depois.

O caso apaixonou a opinião pública e os círculos espiritas. Nunca foi possível identificar claramente a dama de negro; mas, após certas investigações, *Miss* Morton concluíu que devia ser a viúva do antigo proprietário da casa, um anglo-indiano que ali vivera 16 anos e que após a morte de sua primeira mulher, a quem devotava grande paixão, se entregara ao alcoolismo. Mais tarde casou pela segunda vez e surgiu uma vida de discussões e desavenças, o que levou a consorte a enveredar também pelo caminho da embriaguez. Finalmente as suas relações eram tão envenenadas, que o marido escondeu as jóias da primeira mulher, no que foi auxiliado por um carpinteiro (que o revelou aos Morton, sem resultado, porque o esconderijo estava vazio) e a mulher acabou

JESUS E A SUA DOUTRINA

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Jesus e a sua doutrina são expressões de sua vida e da sabedoria e amor do Pai, causa primeira de todos os seres e coisas. A doutrina de Jesus não tem fronteiras, tanto no mundo material como espiritual, porque o seu autor não vive para glorificar-se a si mesmo nem defender interesses materiais, senão para dar testemunho da verdade daquele que o enviou e por quem age e vive.

Por este motivo os discípulos de Jesus se distinguem por sua fé no ideal que professam. Não discutem; dão testemunho da verdade, porque sabem que a verdade, se não puder ser sentida, não adianta a discussão para impô-la a quem quer que seja. Aqueles que discutem para impô-la, ainda não a sentiram verdadeiramente. Porque só depois de senti-la, se pode compreendê-la verdadeiramente à luz da consciência. Os discípulos de Jesus pregam mais por sua vida e obras do que por palavras; porque sabem que o exemplo é o mais eloquente ensino, capaz de, silenciosamente, doutrinar os corações mais endurecidos. O exemplo é um facto que não se discute, porque irradia de si mesmo a verdade que nele se contém.

Muitos discípulos do Cristo se informaram de sua vida e de sua obra e a admiram. Mas, porque não vivem conforme Ele nos ensinou, falam de coisas que não sentem em si mesmos, razão porque suas palavras aos necessitados de tais esclarecimentos são falhas daquele espírito e vida que tanto ilumina e conforta o paciente em provação. É este o motivo por que a doutrina espirita é acolhida por toda a parte, pois ela, numa linguagem simples, se dirige à razão e ao coração, demonstrando o porquê de todas as coisas. Ela é bem o consolador prometido pelo Mestre, quando ensina no seu evangelho que «em devido tempo nos enviará o espírito consolador, que é o espírito de verdade, que nos fará outras revelações que Ele não pôde fazer, porque não era chegado o tempo».

A doutrina espirita vem cumprindo esta missão em seus vários aspectos. Muitos espíritos a combatem, porque ela contraria os seus interesses. Mas, em consciência, todos sabem que ela é uma expressão do espírito de verdade, com a missão de nos libertar da escravidão do erro e da ignorância, procurando transportar-nos das trevas para a luz. E, mais hoje mais amanhã, esses que agora a combatem passarão a confessá-la, porque, em consciência, ela se evidencia como um facto.

por desaparecer. Poucos meses depois o homem morria e dois anos mais tarde a segunda esposa terminava também os seus dias, sendo o corpo sepultado no adro da igreja próxima.

Vendida a casa a um novo casal, o marido em breve morreu e a viúva foi para longe dela, quando começaram as aparições, afugentando os compradores pela fama sinistra que a rodeava, — até que os Morton, em sua ignorância do fenómeno, a compraram.

O aparecimento comprovado da segunda esposa do antigo possuidor, o seu vestuário, o lenço que lhe tapava a cara como a denotar vergonha e arrependimento e o caminho que seguia apresentam-nos o clima metapsíquico da aparição, arrependida da maneira como tratara o marido e os filhos do seu primeiro matrimónio e a penitência que do além vinha cumprir à terra «já que o marido morrera antes dela».

O relato, testemunhado por dezenas de pessoas, desta verídica história, é uma peça notável da interferência dos espíritos malfazejos na Terra e da necessidade que têm de voltar ao local onde se desenrolou a sua acção. Como caso comprovado por passos, por respiração, pelo roçar do vestuário e pela semimaterialização que quase confundia a aparecida com uma vivente, foi um documento que mereceu a investigação de Myers, dada a unanimidade das testemunhas, pelo que o fenómeno — um caso de remorso extraterreno — não pode ser atribuído a alucinação nem tão-pouco a psicose.

Tão real é o facto que, meio século após o drama da casa assombrada, o povo continua a falar na penitência daquela que ficou na lenda como a «Dama de Negro».

(Do «Fate», Outubro de 1959)

ARISTARCO E ZOILO NA CRÍTICA

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente de «Estudos Psíquicos» em Rosário)

Aristarco, célebre gramático e crítico, nascido na ilha Samotrácia, foi preceptor dos filhos de Ptolomeu Filométor (século II A. C.) e cita-se hoje o seu nome como sinónimo de crítico severo, mas justo.

Zoilo crítico invejoso de Homero (século IV A. C.) que tornou o seu nome ridìculamente célebre pela diatribes contra o cantor de Aquiles. O seu nome tornou-se famoso e é sinónimo de crítico invejoso e parcial.

——

A evolução do género humano em todas as suas manifestações experimentou sempre os acicates do juízo crítico. Poder-se-ia dizer com toda a propriedade que a crítica, nos nossos dias, constitui o fermento do progresso geral. O espírito aristárquico registou, incessantemente, acento dinâmico, em vez de criador. Puliu as fraquezas humanas, corrigiu-as, induziu à meditação e ao aperfeiçoamento. Sob as suas severas observações, o indivíduo e as comunidades humanas sentiram-se alentadas e cheias de meditação, evitando as precipitações mentais que trazem sempre inconvenientes.

Os que se dedicam à difícil arte de corrigir erros alheios, desempenham-se como críticos nobremente inspirados — se forem construtivos — o que significa que se propõem gravitar na balança do progresso geral. Por isso cremos que os Aristarcos são essencialmente criadores, alentadores, sempre que dispõem de cultura integral, para que a sua contribuição seja transcendente.

Com efeito, os discípulos de Aristarco, além da severidade, têm de ser justos. A sua severidade não ultrapassa os limites da lógica e do bom senso. A sua permanente norma de não se engrandecerem, nem serem parciais nas apreciações, representa, èticamente, uma espécie de autodisciplina e iniludível responsabilidade. As faltas, a indiferença nociva, as deformações conscientes ou inconscientes, os impulsos próximos do arrebatamento, os ódios ou a desconfiança reclamam, indubitàvelmente, a sua calma censura sujeita ao temperamento dos orientadores.

O juízo crítico requer seriedade e, repetimos, serenidade em todas as circunstâncias. Uma opinião apressada causa desorientações e prejuízos de graves consequências, eleva ou desprestigia, encoraja ou desanima, forma optimistas ou pessimistas. O dever do crítico aristárquico é forjar espíritos construtivos, raciocinadores, bons e de elevados objectivos; constitui um delito moral destruir valores sistemàticamente. É mister proceder de forma construtiva, sem que as paixões inferiores intervenham.

Um autêntico Aristarco é factor real e pedagogo social de valor. Observa, escreve e fala com objectivos de ponderável quilate, induzindo a que o trabalho analisado com critério — seja ele literário, artístico, científico, filosófico, pedagógico, ético ou estético, político ou sociológico, franqueie a órbita da mediocricidade, da rotina e transcenda sempre o superior. Nenhum Aristarco humilha, nem fere, mas procura ser coartífice na tarefa submetida à sua revisão, que ele encara objectiva e subjectivamente.

O crítico imparcial é, sobretudo, etiológico, quer dizer, baseia as suas observações sobre a causa das causas. Longe de ser unilateral, é multifário. Persuade, raciocinando com estilo ecuménico. É também psicólogo introspectivo. Mergulha nas profundidades da psique e das coisas. Ali escuta minuciosamente. Não emite juízos antes de prévio exame.

Quando em meio das grandes crises a vida se agita, quando as paixões turbulentas se exaltam, depois de se perder a paciência, vê que a sua pena se deve converter em almenara orientadora e animadora, para salvar os náufragos. Em tais circunstâncias põe à prova o seu talento e qualidades, ministrando com certeza clínica o bálsamo saudável.

Longe de abrir mais feridas ou aumentar maiores dores, restam os que reclamam a sua medicação urgente. Além de ser bem-feitor é também uma sentinela que desperta o espírito. Distribui harmonia no meio da desordem, essa harmonia que caracteriza o seu mundo interior, são e forte na concepção, na observação. Está certo que o crítico desarmónico, apaixonado, mesquinho ou invejoso, não reúne condições orientadoras. Além disso, a erudição constitui uma necessidade vital do crítico, mas também deve ser um grande psicólogo, disposto a abarcar as manifestações anímicas; nisto se baseeia o grande segredo da escola de Aristarco, que tanto enobrece o espírito.

Esta categoria de censores falta à humanidade contemporânea, por serem criadores de novas forças positivas, susceptíveis de compreender que os seres humanos representam valores na grandiosa sinfonia universal. E como as notas discordantes perturbam, desarmonizam e desconcertam os indivíduos, não estranharemos se os povos, como as pessoas, vegetarem nas mortificações recíprocas, descendo progressivamente às franjas vibra-

tórias convulsivas e caóticas, cujo epílogo será sempre o abismo em que o ódio fratricida encontra a funesta válvula de segurança. Corolário doloroso que emerge do processo biopsicológico e social dos homens que se deleitam em fomentar climas asfixiantes, como o que respiramos actualmente.

★

Estamos a mortificar-nos uns aos outros com verdadeira sanha, abrindo-nos inumeráveis cicatrizes. Os dardos dos Zoilos, alimentados pela inveja, laceram e provocam suplícios. Porque a psicologia de Zoilo é o polo oposto à de Aristarco. O primeiro censura acremente. Nunca fomenta mentes sãs na funesta sementeira que realiza. A mediocridade manifesta-se sempre, através da sua actividade negativa. A sua ingénita paixão é doentia. Lança as setas sem medir a pontaria nem as feridas que abrirá na alma das vítimas. Pelo contrário, deleita-se com o sofrimentto alheio. É que ele, na sua ínfima estatura moral e intelectual não concebe que neste mundo possa haver talentos, génios, nem homens ilustres, capazes de obras maravilhosas. Ignora também a razão por que os condores não baixam das grandes alturas para se entregar à caça de mosquitos...

Os Zoilos são igualmente incapazes de superar-se por esforço próprio, porque o lastro da inveja não lhes permite voar. Preferem ambular à face da terra. Por isso opõem-se a tudo o que representa valimento. A sua inferioridade é de tal género e tão reduzida a sua erudição, que até as obras primas mais famosas merecem a sua crítica malévola, ao passo que a arte, as belas letras, a justiça e a sabedoria fazem lembrar Aristarcos insignes, em recordações indeléveis:

— Passou aqui o génio enobrecedor, lançando os fundamentos do super-homem do futuro.

Zoilo é imprecado e relegado ao esquecimento. A sua amargura é inibitória. Sofre pelo ambiente apático que o rodeia, sem notar que é o seu próprio artífice. À sua amargura junta-se também a soberba de omnisciente através da qual transluz o complexo de superioridade ridicularizante. E sofre, qual Tântalo ... Desconhece o prazer da alegria e da felicidade alheia. Ensombra e aborrece os que se esforçam por atingir crescentes alturas. No triunfo alheio finca a sua tremenda desgraça.

Queria que a terra fosse povoada por seres inferiores a si. Duvida de que o talento e o génio sejam elementos criadores. Não estimula ninguém. Ser justo parece-lhe um embuste.

A sua inútil censura, produto da vulgaridade que o caracteriza, rebaixa a pessoa humana, produz desalento, de que se regozija triunfalmente. É um sádico que destrói reputações. As suas medidas éticas, em tais casos, agigantam-se e por isso se erige em preceptor de nulidades. Quando a sua amargura germina nas almas débeis, sente-se coberto de glória.

É doloroso contemplar a impressão de Zoilo, quando é intolerante com a superioridade alheia que reconhece e detesta. A sua pequenez é tão instigadora, que amesquinha sem razão, ao passo que a sua nulidade corrói lentamente a sua escassa estrutura espiritual. Também não costuma ser sofista, porque, para isso, é preciso ter verbosidade. É um errante em marcha. A sua vontade é escassa. Convence-se de que é mais sensato imitar a toupeira que o condor.

Esboçada a psicologia dos dois críticos, como manifestações bipolares, vemos que Aristarco representa os impulsos renovadores tendentes ao sublime e Zoilo encarna um passado arcaico. Um é dinâmico e outro estático. É a engrenagem do desequilíbrio em que se encontra a espécie humana. O protótipo do nosso paralelo pensa, medita, produz, cria, ama, projecta o seu pensamento no micro e no macrocosmo, em busca da harmonia e da felicidade do mundo, procurando limar as rudezas e consolidar a convivência humana. Este é Aristarco. Zoilo só lhe interessa neutralizar as centelhas intelectivas. Aferra-se à resistência passiva; contempla, extasiado, os reflexos do passado que lhe toldam a vista.

Por isso Zoilo encontra-se atrasado. Ou abandona a sua órbita rotineira ou desaparece, porque o mundo reclama imperiosamente o equilíbrio. Não é recomendável cavalgar sobre a dor. A Lei dos contrastes também tem os seus limites. É necessário o auxílio da compreensão, do entendimento mútuo — únicos factores susceptíveis de nos oferecer a proporção e a harmonia alimentada com a crítica sempre louvável de todos os Aristarcos do mundo.

(Tradução de C. A.)

NATAL DOS NECESSITADOS

Por lapso tipográfico que deveras lamentamos deixámos de mencionar o valioso donativo de 500$00 que nos foi enviado por Alberto e António, em memória de seu avô.

Bons amiguinhos, há muitos anos que nos mandam esta lembrança anual, por saberem que a melhor maneira de sufragar uma alma é auxiliar os necessitados.

Não os conhecemos pessoalmente, mas estamos ligados a eles por este laço de solidariedade. O portador do donativo, chega, entrega a carta e volve ao seu destino, ciente de haver cumprido uma tarefa nobre.

Amigo anónimo! Os homens bons não se conhecem pelas palavras. Conhecem-se pelas acções. Que Deus te proteja. E até ao Natal do ano corrente.

O BEM POR AMOR DO BEM

Deve, praticar-se o bem por amor do bem, não em benefício próprio, mas em benefício dos outros

Todo o ser, que trabalha exclusivamente para si, ainda que não prejudique a ninguém, alimenta sempre a ideia de anular os demais em seu próprio proveito. Isto não é o progresso.

Para que os actos sejam tidos como úteis, deve a sua acção estender-se em benefício dos outros, sem nunca olhar à situação, nem aos fins, fazer sòmente o bem pelo próprio bem, porque assim se ama a Deus e se realiza a sua obra.

Desejar praticar o bem e fazer o bem, mas por exclusiva conta, envolve também algo de egoísmo. Isto não quer dizer que deva abandonar-se um pensamento louvável, quando se oferece a ocasião de realizá-lo, senão que deve sempre procurar-se o acerto, porque, de outro modo, sobrevêm pesares e desgostos, que teriam podido evitar-se.

Por mais que se diga que o justo não deve ter nada oculto e, sim, manifestar o seu pensamento, deve, para isto, que em absoluto é verdade e assim há-de ser, ter-se em conta o que tal modo de proceder pode influir nas relações com os demais. Daqui se conclui que devemos sempre estudar o melhor meio de praticar o bem, porque todos estamos obrigados a empregar a nossa actividade e o nosso tempo, encaminhando-os a um mesmo fim, ao bem ideal, que constantemente procuramos alcançar, posto que nunca o atinjamos por completo.

Todos sabemos distinguir o bom do mau, e, ainda, os seres menos inteligentes o reconhecem por instinto, que se manifesta nos animais; nos homens, ainda, vem o juizo a confirmá-lo e diz-nos que o que a nós nos repugna, não devemos desejá-lo para os outros. O que não nos convém pode também não convir aos demais e nem sempre o que é útil para um é útil para os outros. As consequências que podemos colher com a satisfação própria e o mérito, que são tanto mais puros quanto maior desprendimento tenhamos por nós mesmos, e temos mais desprendimento, quanto maior sinceridade e desinteresse ponhamos nos actos, que tivermos de executar. Isto também não quer dizer que devamos sempre sacrificar-nos em benefício dos demais, porque há que ter em conta se o sacrifício, em favor de um, é desagradável para outros.

É necessário saber escolher os meios, as circunstâncias e ocasiões para não ferir nem ofender os sentimentos alheios. Poderá suceder que o bem, que façamos, prejudique a alguma pessoa; porém, se tiver sido inevitável, a nossa consciência fica tranquila, porque, quando existe equilíbrio entre a inteligência e a consciência, dentro da rectidão da consciência devemos proceder.

Reconhecida a justiça de que o bem não se deve fazer em benefício próprio, vem a consequência de que se não recebe o benefício aliquotamente, mas que cada qual o recebe na totalidade dos actos que praticou. Há certas coisas que se realizam ao contrário dos nossos desejos; por isso devemos procurar ter serenidade e inteireza e não devemos conduzir o acto mais insignificante por nossa exclusiva conta, mas sim, pôr a nossa boa intenção para evitar dolorosas consequências, porque os factos são resultantes de nossos actos e vontades.

Procedendo rectamente na plenitude da nossa inteligência para dirigir o sentimento moral e formar uma elevada e justa consciência, cingimo-nos quanto possível, à verdade na prática do bem; e esta verdade consiste em fazer bem por amor, sem mistura alguma de egoísmo nem interesse particular de meios de utilidade nem conveniência.

Nada há mais útil, satisfatório e conveniente que desenvolver nossa actividade a impulso de nosso amor, para que este se confunda e se identifique com o infinito amor que brota da suma verdade e cuja pureza só é comparada aos actos débeis e mal dirigidos dos seres inteligentes, que participam essencialmente dessa verdade.

Só procedendo assim conseguiremos penetrar e livremente participar desse espaço imenso que contemplamos e cujas íntimas harmonias apenas concebemos; e ao entrar no concerto, onde os espíritos perfeitos se agitam, impulsionamos também o movimento, a actividade universal, causa do progresso, e arrastamos atrás de nós, diante de nós e ao derredor de nós seres mais desgraçados, porém dignos de consideração e carinho.

Procedendo deste modo, por amor ao bem geral, procedemos com a mais sublime abnegação; e que egoísmo poderia proporcionar tantas satisfações? Que cálculo de utilidade e de conveniência haveria de satisfazer tão extensamente nossos desejos?

Se fora possível empregar a palavra egoísmo, por sublime egoísmo deveríamos obrar sempre sem ele, porque obrando por amor e em justiça, cumprimos todos os deveres para connosco próprios, para com nossos irmãos e para com Deus; e, procedendo assim correlativamente, todos os espíritos praticam seus deveres, e, como estes deveres não são para si, mas para os outros, como o bem que cada um pratica é em benefício de todos, cada um cumpre recìprocamente seus deveres e todos entre si; então não há direitos essenciais, porque todos, ao cumprir seus deveres, participam dos próprios deveres e da soma dos de todos na resultante da reciprocidade.

Fazer o bem pelo bem, exclamavam em outros tempos os catecúmenos e os iluminados, é sofrer pelo triunfo da verdade, é sacrificar-se por uma doutrina e pela exaltação da fé, que a verdade revelada nos impõe. Fazer o bem pelo bem, dizem os positivistas (materialistas ou espiritualistas), é realizar o bem pela utilidade imediata, que nos interessa e os ulteriores benefícios para esta vida, e, para a outra, os que nela esperam. Fazer o bem pelo bem, para os filósofos céptico e os espiritualistas que prescindem da finalidade do espírito, que é a realidade progressiva e o bem ilimitado, infinito a que aspiramos é realizar a nossa

essência, porque o bem, acrescentam, é essencial ao espírito e o mal uma imperfeição parcial.

Aqui se prescinde do verdadeiro carácter do progresso, do desenvolvimento essencial, que não é o aumento, mas a ampliação das propriedades e faculdades que o espírito possui mediante a identificação, porque, sem ela, não há aplicação, não há sequer manifestação de propriedades e faculdades, e, se as há, ou de algum modo se manifestam, ou aplicam, é para satisfazer o nosso progresso, não o progresso universal, que é o bem, porque no Universo é que se objectiva a beleza, a perfeição e o bem que perseguimos ou procuramos atingir e esta manifestação do bem existente, que é a imanência do Bem absoluto no Universo, reflete-se em nós, compenetra, acalenta e anima as propriedades e faculdades latentes em nosso ser, porque o nosso ser participa da essência absoluta e do bem infinito como uma propriedade, que se manifesta mediante faculdades que, para sê-lo, necessitam de manifestar-se e obrar.

De maneira que, procedendo do bem, participamos do amor absoluto; pelo amor tendemos ao bem infinito, e todo o amor e o bem que, em absoluto, está em Deus, realiza-se infinitamente no Universo e absolutamente no infinito universal. Por isso dizemos que a causa e a razão do Universo é o bem absoluto em Deus, e a manifestação do bem absoluto parte de Deus, que, sendo essencialmente activo, só pelo bem e pelo amor se manifesta. Participando a criatura do absoluto bem, só pelo bem e para o amor há-de manifestar-se. Assim vemos comprovada e confirmada a existência do bem absoluto pelo bem real e imanente em nosso ser e transcendentalmente no Universo, porque o nosso ser efeito é de natureza da causa, e, assim, como Deus é transcendente como causa e imanente pela manifestação essencialmente activa do seu Ser absoluto, assim também o nosso ser sente e compreende a imanência do bem e a transcendência de sua manifestação tendendo à união, à identificação universal com todos os seres co-partícipes do bem e amor absolutos. Estão comprovados estes princípios por leis regulares, que fatalmente nos impelem a sentirmo-nos, a conhecermo-nos e amarmo-nos recìprocamente, manifestando-se em nossos elementos constituídos pela atracção e afinidade nos átomos, a simpatia e a solidariedade nos órgãos e a unidade intrínseca, que constitui a entidade pessoal.

Estas leis, que engendram outras particulares pela natureza carnal e extracarnal, submetem o espírito a provas laboriosas e difíceis em todos os estados da matéria e em todas as ordens do espírito. Poderá o nosso espírito resistir a constituir família para identificar-se pela união e transmissão dos átomos, pela dor e esforço, pelo trato e educação do espírito, pela assimilação recíproca de ideias e a comunhão de sentimento, que são meios indispensáveis para a vida em sociedade; porém uma e mil vezes o espírito começará do ponto em que parou ou chegou forçosamente e se unirá e identificará átomo por átomo, ideia por ideia, e sentimento por sentimento, primeiro a um espírito, logo a dois e depois indefinidamente com séries e séries de espíritos e, amando-os, os conhecerá e conhecendo-os compreenderá a sua natureza; sentirá e conhecerá a atmosfera, a matéria, os seres e os mundos, que unidos e unìssonamente marcham e o amor infinito contido no espírito, que anima e vivifica seres e mundos inferiores.

Fazer o bem pelo mesmo bem é satisfazer a nossa natureza essencial, alimentar a nossa tendência para o bem, cumprir as nossas aspirações constantes de amor e conhecer, porque tudo isto nos satisfaz, nos move e alenta para progredir; sem embargo, existindo o bem em nós como propriedade essencial, como germe que há-de desenvolver-se indefinidamente em bens infinitos, o bem realizável em cada momento é uma parte do bem contido e por realizar.

Neste sentido, o espírito não pode realizar nunca todo o bem pelo mesmo bem, porque nem ele possui a totalidade do bem, nem jamais realizará este absoluto bem, a que aspira; porém, dentro do bem possível pode satisfazer-se a nossa natureza essencial e realizar as nossas aspirações dentro da esfera de actividade em que actuamos, conhecemos e sentimos. Satisfaz-se a nossa natureza, com primeiro fim, amando primordialmente aquilo, que connosco mais estrictamente se unir e identificar, porém, jamais conseguiremos os nossos propósitos com a expressão de todo o nosso amor a um ser determinado; isto não é a natureza do bem e as propriedades da nossa essência; isto é resistir-se à lei do amor que nos manda amar para acumular mais amor aumentar o bem adquirido, nossas forças e actividades para amar e conhecer cada vez mais e melhor. Amar o filho, identificarmo-nos com ele é e deve ser aumento proporcional de satisfações e gozos, dores e sofrimentos, porque uns aos outros nos depuramos e elevamos. O amor paternal e o filial, o amor de esposo e de amigo, o de preceptor e discípulo, todos estes amores têm um matiz definido, porém todos irradiam do ardente foco dos nossos sentimentos depurados pelo estudo, do trabalho e identificação moral com os objectos estudados, conhecidos e amados.

O amor em nosso ser é como a luz nos corpos, e como todos os corpos e os mundos projectam luz, porque têm vida e movimento influenciam e são influenciados pela acção imediata e universal; todos os corpos e os mundos tendem a aumentar a luz e o reflexo pelo movimento e actividade própria e pela luz recebida e acumulada. Quanto mais amor reflectirmos de nós próprios, tendendo a sobrepujar, se for possível, o dos outros seres, mais actividade, vida, influência e acção produziremos nos demais seres afins, e, deste modo, de satélites seremos planetas e mais adiante radiantes sóis para compenetrar, envolver e animar mundos e sistemas; porém, pela maneira como os planetas estão agrupados em unidade colectiva, é preciso que pela identificação moral constituamos falanges poderosas de espíritos unidos e associados pelo amor, a fim de que a acção de cada um e a totalidade de actividades constituam um centro de vida para seres inferiores e um centro de atracções para as almas que sofrem.

Assim temos de compreender «fazer o bem pelo bem»; amando o que nos rodeia por identificação com ele, assimilando ideias e sentimentos para nos associarmos colectivamente e unindo nossos esforços e aspirações para o bem; assim, produzindo o bem e assimilando bens despojamo-nos pouco a pouco das impurezas e defeitos naturais e adquiridos. E cada vez com menos trabalho, com mais rapidez escalaremos a glória dos fortes e dos justos, e essa será a serena região, em que o nosso espírito se associe à obra de Deus.

(Traduziu o Coronel J. A. Costa do livro «Nosce te Ipsum»)

UM GRANDE ARTISTA PSÍQUICO

FRANK LEAH, O PINTOR DO ALÉM

Por FRED ARCHER

1

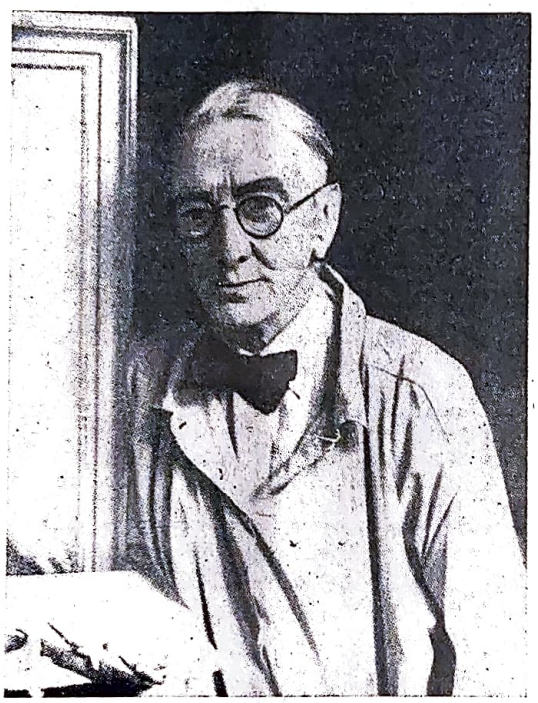
Reconheci imediatamente o retrato suspenso no cavalete ao entrar no estúdio acolhedor e discreto de Frank Leah. E, contudo, nunca encontrara o homem a quem ele se referia. O que é muito mais estranho é que o próprio artista que eu enfrentava jamais o vira igualmente em toda a sua vida! No entanto eu podia reconhecer a figura desenhada, porque trazia comigo fotografias suas. Mas Leah nem sequer possuía quaisquer imagens do seu modelo e, sem embargo, ali me patenteava um retrato fiel do homem morto — na mais extraordinária demonstração de arte psíquica que eu testemunhara.

A história começou, quando *Miss* Frances M. Wallis, de Llannerch Road, Colwyn Bay, me escreveu a pedir-me se eu não me importava de assistir por ela a uma entrevista com Frank Leah, dada a impossibilidade de nessa altura se deslocar a Londres e o grande desejo que nutria de possuir um retrato de seu falecido pai desenhado por ele.

De bom grado acedi ao pedido de *Miss* Wallis, que me enviou quatro fotografias do seu progenitor para eu avaliar pessoalmente dos métodos da experiência — o que, aliás, era exigido pelo próprio Leah, que insistia pela presença de alguém que possuísse fotos do sujeito a desenhar e de forma que, com o compasso, se pudessem medir rigorosamente os traços fisionómicos expressos no trabalho do artista.

QUATRO IDADES

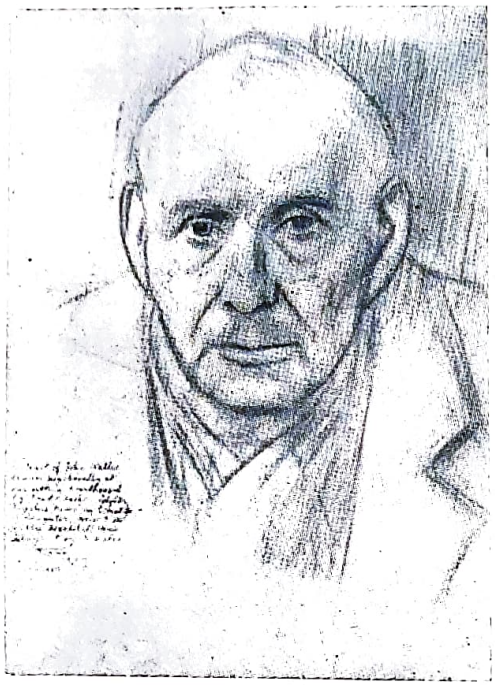
John Wallis faleceu uma semana antes do seu aniversário natalício ao atingir os 84 anos e das fotografias que sua filha me enviou uma referia-se à época em que ele contava 40 anos e consistia num retrato em bilhete postal tirado pouco antes do acidente que lhe paralizara a perna esquerda, sendo as outras duas fotos de família tiradas em 1949 e 1950. Todas estas imagens desempenharam o seu papel nos resultados. Mas a fotografia que nos mostra Wallis aos 40 anos é de somenos importância, atendendo à idade do fotografado; e as outras são tão pouco nítidas, que não podem ser reproduzidas satisfatòriamente. No entanto é a aparece hoje nas páginas deste periódico.



FRANK LEAH NO SEU ESTÚDIO

Alguns dias depois de me enviar as fotografias, *Miss* Wallis telefonou a Frank Leah, fazendo-lhe este imediatamente uma descrição pormenorizada de seu pai, tal qual como se apresenta numa das últimas fotografias de 1950, dizendo-lhe que contava cerca de 84 anos, quando morreu, *muito alto, curvado, quase inteiramente calvo, com raros cabelos brancos em redor da cabeça, sobrancelhas espessas, fino bigode esbranquiçado e quase invisível, longo nariz, testa quadrada e alta, acrescentando que as faces lhe pendiam cavadas por linhas profundas caídas em redor da boca encovada por falta de dentes, com uma camisa simples e um «cachecol» branco.* Em todas as fotografias Wallis usa gravata e colarinho, mas só mais tarde *Miss* Wallis me disse que alguns meses antes da morte o pai abandonara a gravata por incómoda e adoptara um cachecol macio e quente.

Era este o homem que Frank Leah desenhara com tanta facilidade e de tal modo, que o reconheci imediatamente ao penetrar nos estúdios do artista, visto que, embora não tivesse estudado as fotografias detidamente, sempre lhes lançara um relance de olhos. E ainda que Leah, durante a nossa



«Impressionou-me este retrato por ser exactamente como ele era antes de falecer, sobretudo os olhos, muito suaves e amáveis».

(De uma carta de *Miss* France Wallis a Fred Archer)

entrevista, avivasse linhas e completasse pormenores, não fez, contudo, quaisquer correcções sobre a face depois da minha chegada. Durante a nossa entrevista foi comentando: «O falecido, ao atingir a extrema velhice, tinha rosto comprido e testa proeminente, com rugas à volta do nariz, além de segunda linha ao longo das faces» (traços estes bem visíveis nas últimas fotografias).

No desenho de Leah a posição da cabeça é típica, como podemos afirmar, cotejando-a com as imagens em meu poder: pendida para a frente, escondendo com o cachecol a laringe e o enrugado pescoço — «laringe tão saliente e pronunciada, como a de um peru no Natal» segundo a difinição de Leah:

—Wallis era muito velho e magro e eu apaguei no desenho parte do sofrimento espelhado no seu rosto antes de morrer.

Se ele tinha suavizado a face do falecido, mais difícil lhe seria endurecer a sua própria sensibilidade, visto que, enquanto conversava e retocava, sofria os mesmos transes por que aquele homem passara durante a sua doença final. Visìvelmente o seu esforço acentuava-se para o fim e ele lutava numa intensa concentração, de transe, acrescentando pormenores ao retrato, ao passo que ia alargando a descrição do modelo, dizendo-me que à data do falecimento o seu bigode era ralo, quase inexistente, ao passo que a primeira fotografia no-lo mostra com bigode forte e abundante e quase apagado nas últimas.

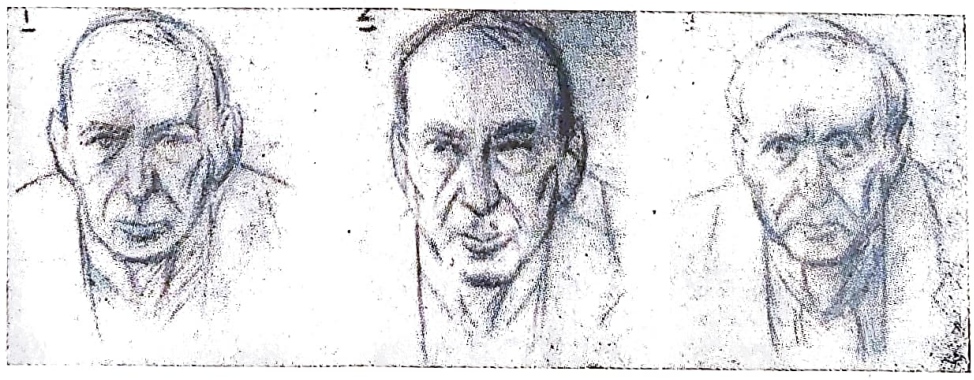
— Os olhos normalmente fundos e arredondados começaram a diminuir e a ganhar uma maior profundidade com a doença e a velhice — ia dizendo Leah, enquanto afinava sem cessar as linhas daquela velha cabeça. Mas eu, ao vê-lo juntar traços sobre traços, começava a sentir-me apreensivo sobre a semelhança que existiria em relação ao modelo, tão difícil era a tarefa real.

Os meus receios eram, contudo, infundados, porque o que resultou daquele espantoso trabalho não foi exactamente a réplica de qualquer das fotografias de que eu era portador, ainda que as feições correspondessem ao mesmo indivíduo. Não, não era o retrato de um morto o que eu ali via. Era, sim, o original de um homem vivo!

(A seguir: «A Visão Reveladora de Frank Leah).

(Do Psychic News)

Nota da redacção — *Na verdade, Frank Leah é um notável pintor do Além, como já tivemos ocasião de acentuar em várias emergências, quer descrevendo muitos factos em que o seu lápis se notabilizou como revelador de imagens, quer publicando retratos psíquicos, ou antes, espíritos de pessoas falecidas a que ele fora alheio. Basta-lhe um telefonema de qualquer indivíduo relativo à perda de um ente querido, para que a sua estranha faculdade entre em acção e nos dê fenómenos deste género.*



Três fases do retrato de JOHN WALLIS desenhado por FRANK LEAH

A 1.ª denota o sofrimento do homem. O bigode mais se divisa.

A 2.ª fornece mais pormenores. O nariz e os olhos estão sombreados.

A 3.ª vinca profundamente as linhas do rosto e apresenta maior parecença com John Wallis, vivo.

UM PROBLEMA APAIXONANTE

QUANDO A CURA É PSÍQUICA

Pelo Doutor R. G. Mac Robert

De certo modo a cura psicológica é aceite até na medicina ortodoxa, mas tudo aquilo que implique forças metafísicas, interferências dum mundo que fique para além dos meios imediatos da ciência será olhado com cepticismo pela dogmática objectividade dos que precisam de ver para crer como São Tomé. Os casos que vamos focar interessam tanto aos leitores simplesmente curiosos deste aspecto do mundo psíquico, como principalmente aos que acreditam e recorrem à cura por intermédio de forças espirituais manifestadas através do médium. Milhares de indivíduos, sofrendo de doenças físicas, de doenças mentais, de intervenções de espíritos actuantes e maléficos, procuram, pela comunicação com o mundo invisível, identificar o surto do mal, coartar a acção dessas entidades espirituais negativas e enfim encontrar ou a paz física ou o fim da sua frustração pelo conhecimento dos interferentes que os atormentam. Não menos interessante é o aspecto formal das curas realizadas no campo espirita. Vejamos tais exemplos que justificam, neste plano, a diferença entre cura neuro-psicológica e cura espirita.

Uma mulher ainda jovem vinha sofrendo há muitos meses de terríveis dores de cabeça, perdeu a vista do olho esquerdo e, após esta primeira catástrofe, a do direito. Assim, no curto espaço de duas semanas, a pobre vítima dum destino sombrio estava completamente cega! Internaram-na então no *New York Neurogical Institute* e os oftalmologistas de serviço limitaram-se a confirmar a invisualidade, acompanhando o diagnóstico com inúmeras opiniões que em nada aliviaram o drama da pobre moça cega e desamparada. Mas os psiquiatras chamados a intervir no aspecto psíquico do caso tentaram o método indutivo e disseram-lhe que podia ver outra vez, visto que podia afirmar a vista e divisar, de frente, a luz eléctrica. Colocaram-lhe na mão o interruptor da lâmpada e disseram-lhe que não o podia rodar sem que estivesse segura de que ia ver a luz, com íntima certeza de que a veria. A mulher, sob o influxo dos complexos que sobre ela incidiam para a livrar da influência dos negativos tendentes a mantê-la na escuridão, fez uma pausa e acabou por dar volta ao comutador. Depois, num grito, exclamou com indizível espanto:

— Vejo as minhas mãos! Vejo tudo, meu Deus!

Livrara-se dos complexos.

Quase na mesma altura, outra mulher, igualmente jovem, foi internada no mesmo hospital com convulsões crónicas, que se manifestavam quase diàriamente. Uma delas deu-lhe no hospital e durou 30 horas consecutivas. As dores nos braços e pernas eram tão grandes que, por vezes, a faziam cair do leito. No entanto havia sido assistida pela medicação e tratamento anti-epiléptico e durante as conferências clínicas os especialistas foram de opinião que se tratava duma doença cerebral congénita. Mas depois do emprego dos métodos psicológicos a doente viu-se completamente curada sem mais voltar a sentir os ataques convulsivos. Eis dois exemplos de indução psicológica.

Para muita gente tais curas apresentam o aspecto milagroso, de prova de cura psíquica. No entanto não o é. A verdadeira cura psíquica só pode operar-se através do fenómeno parapsicológico. Para documentar o afirmado escolhi dois casos que em minha opinião se podem qualificar de curas psíquicas, curas espiritas formais e inegáveis.

O primeiro caso, é do sr. C. E. e foi extraído do relatório original do falecido Dr. Titus Bull e duma referência afim publicada no livro de Helen C. Lambert «A General Survey of Psychical Phenonema», edição da editora da «American Society for Psychical Research». O Prof. James H. Hyslop, antes do seu falecimento em 1920, chegara à conclusão de que muitos psicopáticos e neuróticos eram altamente sensitivos do ponto de vista psíquico e por tal se poderiam tornar vítimas das influências espirituais e das observações de igual origem. Essa convicção levou o Dr. Bull a continuar o trabalho que ambos haviam empreendido juntos e a começar em comum o tratamento dos casos abandonados pelos médicos ortodoxos e pelos psiquiatras.

O sr. C. E. tinha 45 anos, ainda que aparentasse muito mais e agisse duma maneira dementada, sem possibilidades de concentração para responder sensatamente a qualquer pessoa, gastando o tempo e as palavras a falar incoerentemente sobre pintura e invenções. Era incapaz de fornecer quaisquer elementos para o seu «curriculum vitae» — que teve que ser reconstituído através dos factos revelados pela sr.ª Duke, a clarividente e médium que assistia ao Dr. Bull, factos só muito mais tarde confirmados pelo doente, incluindo o nome de muitos dos seus parentes nomeados pela sr.ª Duke.

Aos 18 anos começaram os ataques epilépticos, com intervalos periódicos e que se mantiveram durante muito tempo. Quando, por fim, terminaram, o enfermo continuou atordoado e solitário através de toda a adolescência, com a mente povoada de mórbidas reacções sexuais. Foi então que alguém viu nele um médium — um ser destinado a receber forças extra-terrestres que vivem no Além. E começou a escrita automática com grotescos desenhos de seres informes e horríveis, numa alucinação dantesca.

Hoje parece ser controlado por entidades desencarnadas — personagens que se manifestam de

maneira indiscutível. Uma delas, que deu o nome de Joseph Selleny, chegou mesmo a fornecer um apontamento sucinto da sua vida. E Joseph Selleny — um grande artista de Viena — morreu louco. Mas tudo o que ele disse, através de C. E., foi verificado bibliogràficamente. Foi então que, após a revelação de sucessivas personalidades, o Dr. Bull, com o auxílio da médium, conseguiu pela persuasão e pela ordem afastar uma a uma as oito individualidades diferentes que incidiam sobre o pobre homem. E C. E., livre por fim da terrível pressão que tantas almas exerciam nele, acabou por se libertar de forças que transcendem qualquer humano poder de tratamento. Hoje é um homem normal (menos egoísta), sensato e bom que, depois da terrível batalha espirita de que foi campo involuntário, segue o regime médico indicado para a sua boa saúde física.

Um outro exemplo de cura espirita é-nos dado pelo Dr. Elwood Worcester que nela patenteia o seu método de libertar a vítima duma aparente observação psíquica. O caso é extraído dum artigo publicado por H. Addington Bruce no «Journal», vol. 25 (1941) pág. 25:

A senhora A. fora durante muitos anos uma morfinómana inveterada que acabou por ver o espectro do fim ante seus olhos e que por último se resolveu a pedir o auxílio do Dr. Worcester, que começou pelo método clássico de reduzir a injecção da droga gradualmente. Ao fim dum mês a dose havia descido de 20 para duas gramas diárias e no termo do segundo eliminara-se completamente o estupefaciente. A senhora ganhou peso e recuperou a actividade mental ordinária, apresentando o aspecto de 15 anos mais nova. Aparentemente a cura era completa e a doente podia contar ao médico a série de fantásticas alucinações que experimentara com a droga maldita.

Mas a senhora voltou ao fim de 12 dias e o clínico ficou inteiramente chocado ao vê-la com pior aparência, muito pior do que quando iniciara o tratamento. E o que era mais extraordinário é que o seu braço direito paralisara completamente. Gemendo de dores, a pobre enferma disse ao médico que, não obstante ter cessado a injecção da droga, as alucinações tinham voltado e que a atormentavam dia e noite. E no dia em que terminara de escrever o apanhado que ele, médico, lhe pedira, o braço direito caíu, sem forças, para não mais se levantar.

Agora a sua principal alucinação, a mais terrível, era a dum homem que em sua frente a intimava, de seringa em punho, a que voltasse às injecções do tóxico.

O Dr. Worcester concluiu que a senhora era um bom terreno hipnótico, mas a sua ordem, dada em hipnose profunda para que ela levantasse o braço resultou inútil. Foi assim que se revelou a força invisível que dominava aquele pobre ente: no decorrer do tratamento o Dr. Worcester percebeu distintamente um ruído na sua secretária (que se encontrava a uns 3 metros do local onde procedia ao tratamento) e a senhora, excitada, disse-lhe que ouvira muitas vezes essas pancadas em sua casa.

O Dr. Worcester decidiu intentar a cura espirita e para tal convocou um médium excepcionalmente dotado. Ao fim duma sessão onde os dois homens — um personificando a ciência, o outro a metafísica — buscaram ansiosamente a chave das interferências psíquicas, o médium conseguiu identificar uma certa entidade — o Dr. Harris — que era o responsável pelas alucinações e paralisia do braço da sr.ª A.

Por fim a doente caiu em transe — era uma médium nata — e foi controlada por um espírito que deu o nome de Dr. Parker e que disse ao Dr. Worcester que a enferma era altamente mediúnica, ainda que o ignorasse, e que o Dr. Harris aproveitava os seus efémeros transes involuntários para a dominar.

A doente melhorou pelo aniquilamento da força adversa. E não foi curada nem pela medicina ortodoxa, pela psicanálise ou outros métodos da técnica moderna, mas sim pelo poder do espírito.

Os dois fenómenos apontados são casos correntes de obsessão por identidades póstumas, que encontram na vítima o agente ideal, ainda que inconsciente, para se manifestarem do Além.

★

Então, perguntará o leitor, quando é que a cura é «psíquica» ou «sobrenatural»? Podemos dizer que sempre, dado que cura alguma se realiza sem a intervenção das forças naturais invisíveis. Mas, para ser mais preciso, quando é que a cura é feita pelos espíritos ou quando é consequência do emprego dos efeitos parapsicológicos e dos seus fenómenos não reconhecidos ou utilizados pela medicina ortodoxa?

Damos a seguir um exemplo de quando a cura efectuada pode ser considerada inteiramente «psíquica» ou «espirita»:

1.º — Quando se procedeu ao diagnóstico de qualquer caso e

2.º — Fracassaram os métodos ortodoxos ou psicométricos, entrando na

3.º — Aplicação dos métodos estrictos da cura espirita, incluíndo os fenómenos psíquicos, tais como clarividência, transe mediúnico, controlo espiritual e

4.º — Cura do doente com inteira satisfação dos médicos no exame clínico.

5.º — Identificação formal dos agentes espiritas envolvidos no caso pela confirmação dos nomes, direcções, factos e informações fornecidas pelas entidades espirituais em acção e rigoroso inquérito às razões dessa interferência.

Neste quadro objectivo se lê como age a cura espirita, transcendendo os métodos simplesmente biológicos ou psicológicos do tratamento — indo buscar ao vasto mundo dos espíritos imortais as causas, como a libertação dos males que afligem tanta gente que ignora que no universo nada morre e que tudo continua.

AMIGOS!

A imprensa espirita luta com dificuldades e vai-se extinguindo pouco a pouco em várias regiões. Se sois espiritas e algo beneficiastes com a Doutrina auxiliai esta revista, angariando-lhe assinantes.

Não a deixeis morrer de inanição. Seria voltar costas à luta e entregar o campo aos adversários!

COMO CHEGUEI AO ESPIRITISMO

Por ADOLF ANTONIUS HEIDHUES THORN

Contratado desde 1937, pelo *Rádio Clube de Moçambique*, onde me encontro ainda, passei e viver os três meses do Estio num «bungalow» da praia, como fazem muitos habitantes de Lourenço Marques.

Foi em 1949, por alturas do Natal. Estava na iminência de seguir de automóvel para a Suazilândia, Bremersdorp, onde iria trabalhar com alguns colegas. Levantara-me cedo, a fim de me preparar, e entrei na casa-de-banho para a ablução matinal.

Até aqui, tudo correu bem; mas quando saí do compartimento sofri violenta comoção, que me deixou lívido e quase afónico.

— Que tens? — perguntou minha mulher —. Sentes-te mal? Que te sucedeu?

Pouco a pouco e em calma disse-lhe que ao abrir a porta da casa-de-banho vi nìtidamente meu falecido pai. Vi-o, como o tinha visto a última vez, quando saíu da minha terra em 1921, como se vê um ente querido no uso das funções mentais. Vinha com o mesmo fato, o mesmo bigode e com os óculos que usava. Tal e qual, sem tirar nem pôr. O meu receio não foi pequeno. Embora a visão não me assustasse, assustou-me o presságio que me viria trazer.

Fiquei indeciso. Não sabia se devia seguir na viagem. Todavia, a visita dos meus colegas e a lembrança do que iria realizar, pois sem mim nada poderiam fazer, cedi a um impulso que ainda não sei classificar. Despedi-me então dos meus e abalei.

★

A viagem para lá foi maravilhosa. Cheguei a esquecer o acontecimento. Tudo correu com facilidade e a alegria estampava-se no rosto dos viajantes.

Descansámos um pouco durante a noite, pois de manhã cedo teríamos de fazer a viagem de retorno.

Acordámos bem dispostos, tomámos o pequeno almoço e pusémo-nos a caminho de Lourenço Marques. A viagem foi óptima até próximo da Vila de Stegi, onde encontrámos um automóvel sinistrado, cujos ocupantes nos pediram que avisássemos os socorros automobilísticos de Stegi, conforme fizemos e seguimos até à fronteira da Suazilândia, onde o motorista reconheceu que estávamos em caminho errado que ia dar ás montanhas. Andámos então cerca de 90 quilómetros por caminhos de cabras, quando, numa volta, o nosso potente *Super-Buick* começou a desequilibrar-se para a direita e para a esquerda, dando três voltas e tombando à direita do caminho, junto a um precipício de 400 metros de profundidade.

Eu, que estava ao lado do motorista, vi tudo serenamente e não consigo explicar semelhante tranquilidade num momento de suprema aflição.

O carro ficou deitado à beira do abismo e eu consegui saltar por uma janela da porta esquerda, através da qual icei os restantes a grande custo, incluíndo uma senhora, esposa de um colega e que pesava cerca de 90 quilos.

Nenhum vidro se partiu. Nenhuma beliscadura sofremos. Só a água do radiador se entornou, por se ter aberto a tampa...

★

Estávamos na selva, sem possibilidade alguma, a não ser os calcantes. Nem comida, nem água, sob o sol ardente de um Dezembro do hemisfério sul. Revistei a viatura e notei que uma pedra do tamanho de um punho evitara a nossa queda no abismo, que seria, inevitàvelmente, a morte e cheguei à conclusão de que teria que marchar até à fronteira em busca de indígenas que nos ajudassem a endireitar o carro, pois se tratava do tal *Super-Buick* de duas toneladas que exigia maior número de braços para a empresa.

Eram oito horas da manhã, quando iniciei a jornada em companhia do motorista, rapaz de 21 anos de idade. Ao cabo de muitas horas de esforço ingente chegámos a uma sanzala, onde os indígenas estavam em pleno batuque de Natal, encharcados de bebida fermentada de arroz, especialidade dos suazis. Fomos mal recebidos; todavia conseguimos trazer seis corpulentos homens, aos quais demos cigarros e alguns *shillings* em dinheiro, prometendo-lhes mais, depois do trabalho feito.

Começou então o mais penoso da caminhada, montanha acima, quilómetros e quilómetros debaixo de sol infernal, numa região escalvada, sem sombra de qualquer espécie.

Eram cinco horas da tarde, quando chegámos ao sítio do desastre. Eu mal podia falar, mas consegui os recursos para nos livrarmos de ser acossados pelas feras, durante uma possível noite na selva.

Consegui endireitar o carro. Os pretos traziam garrafões de água chilra, que eu não pude beber, apesar de me encontrar sequioso e que serviu para substituir a que se perdera no radiador. Pagámos generosamente aos pretos e seguimos para o Stegi, onde chegámos depois de penosa viagem por trazermos a barra da direcção fendida em dois sítios.

No Stegi fomos mal recebidos e nem comida nos queriam dar. Por isso abalámos para a fronteira, a fim de passarmos para o nosso território em Goba Fronteira, onde chegámos de noite. Como passassem cinco minutos da hora e era festa de Natal, os ingleses obrigaram-nos a ficar toda a noite no carro, até que amanhecesse.

Enfim, estávamos salvos!

Neste episódio concluí que o espírito de meu pai velava por mim, avisando-me de que se iria passar coisa funesta. Estou convencido de que aquela pedra que impediu a nossa morte não lhe foi estranha, pois que, apesar de desencarnado, teve a maior vontade de nos salvar.

O mais interessante é que, nas redondezas daquela via não se avistava pedra alguma deslocável. Por isso mais me convenço de que lhe devo o salvamento.

Os que iam comigo estão vivos. São eles: Amadeu Nogueiro e esposa, José Almeida, José Morte (oficial de diligências) e o motorista Silva. Todos vivos em Lourenço Marques. O motorista pertencia à firma Pendry e Sousa e o carro era o *Super-Buick* deste milionário.

Foi este acontecimento que me levou a ingressar no Espiritismo.

Lourenço Marques, 14-12-1959.

E. Psiq. Março/60

As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

O Caso Sinclair

Upton Sinclair, o grande escritor americano galardoado com o Prémio Pulitzer, depois dum período de intenso trabalho resolveu ir instalar-se na Califórnia com sua esposa, também mentalmente muito cansada e deprimida, a fim de, no remanso e no esplendor do bom sol do litoral, recuperar forças e serenidade para o seu labor.

Mas alguns dias depois a senhora Sinclair começou a dar mostras de grande nervosismo, afirmando que Jack London, o grande plumitivo da ficção, se encontrava sob uma terrível pressão mental. Em vão Sinclair a quis dissuadir dos seus negros pressentimentos, acabando por se oferecer para a conduzir ao rancho de London para que ela relaxasse a tensão sensorial a que estava submetida. Mas a esposa recusou com a razão de que sendo o novelista um homem casado, só a pedido da mulher ela poderia interferir nos seus assuntos particulares.

Dois dias depois ambos liam nos jornais a morte de Jack London, sabendo mais tarde que se suicidara. A influência deste episódio foi enorme sobre a mente do escritor que conta o ocorrido no seu livro «Rádio Mental» um dos mais notáveis trabalhos publicados no domínio da telepatia, sendo a heroína sua esposa, cuja hiper-sensibilidade às angústias e males alheios a faziam atingir a sufocação e o desespero. É ela que nos diz que as agruras e complexos de angústia dos outros lhe chegavam por intuição psíquica.

Já na sua infância Mary Craig Sinclair dava mostras deste alto sentido psíquico. Um dia sonhou que se esquecera duma agulha na cama, sem ter, contudo, encontrado qualquer objecto desses no leito, quando despertou. Mas, ao contar o caso a sua mãe, esta, fundamente admirada, disse-lhe que tivera o mesmo sonho, mas que, de facto, encontrara espetada nos lençois uma agulha de que se esquecera, quando cosia. No entanto Craig, imbuída de convicções materialistas, pouca importância dava aos assuntos espiritas, até que pelas alturas dos 40 anos um colapso da sua saúde a levou a estudar livros afins de psicologia, psicanálise e da influência, acção, efeito que o espírito pode ter sobre a matéria.

Esta curiosidade acabou por interessá-la nos fenómenos psíquicos e em breve concludentes experiências foram efectivadas por ela e por seu cunhado Rober Irwin, casado com sua irmã mais nova. Assim, a uma hora certa em cada dia, Irwin, na sua casa de Pesadena, pegava no papel e no lápis e sentava-se com a mente concentrada. À mesma hora Mary Sinclair, sentada no seu lar de Long Beach e em estado de concentração, tentava adivinhar o que Bob escrevia, pensava ou desenhava. O primeiro desenho do cunhado foi uma cadeira e é a própria senhora Sinclair que nos conta o sucedido:

«Às 10 horas da noite ou um pouco antes enquanto cosia foi-me dado ver Bob pegar no que julgo ser o candelabro. Às 11,15 (agora já plenamente concentrada) voltei a ver meu cunhado (desta vez sentado na sala de estar com um prato ou qualquer outro pequeno objecto defronte dele). Tentei então divisar bem o utensílio, sem o conseguir. Concentrei-me a seguir sobre o desenho que Bob gizava no papel e por fim vi claramente uma cadeira.

Mary Sinclair soube mais tarde que Irwin se sentara, hesitando no que iria desenhar, até que escolheu a cadeira, exactamente igual à que Mary esquissou para comparar com o original do cunhado.

Noutra ocasião Mary Sinclair procedia ao seu desenho habitual, quando algo se passou que a deixou num estado de ansiedade indescritível. Chamando seu marido disse-lhe que vira uma pena, depois uma flor vermelha e logo ouvira um grito. Voltou a concentrar-se e desenhou vários círculos concêntricos com um ponto preto ao centro, que foi aumentando, aumentando, até cobrir a folha de papel. Sem poder continuar deixou-se cair na cadeira, possuída dum sentimento de grande angústia, porque para ela o ponto preto era sangue e significava que Bob tinha tido uma hemorragia.

Alguns dias depois a esposa de Bob veio de automóvel a casa dos Sinclair, trazendo consigo o marido doente. Então Bob mostrou-lhes o desenho que fizera naquela noite por meio dum compasso: um círculo com um buraco ao centro. Não continuara, porque acabava de saber que tinha hemorróidas, a juntar a tantos padecimentos: «Meus rins, meus pulmões e agora isto!», foram os seus pensamentos obsidentes que nessa noite senti — afirmou ele.

Observou Upton Sinclair: «Uma hemorróida tende, na verdade, a ser acompanhada duma hemorragia e parece, portanto, claro que minha mulher não só aprendeu o desenho de meu cunhado, como os seus pensamentos derrotistas e a sua ideia de sangue. O comentário da esposa fora: «Tudo está negro como a noite; sinto o cheiro do sangue. Bob está mais doente que de costume.»

Foi assim, através das experiências comprovadas de sua esposa, que o grande escritor afirmou:

— A telepatia é real, verifica-se, pode cultivar-se e utilizar-se deliberamente.

Tal é a opinião do homem que ganhou o Prémio Pulitzer. A telepatia pertence hoje ao domínio da parapsicologia e demonstra que o espírito é ubíquo e intemporal, duma forma axiomática. Dela fazem parte a retrovisão e a profecia das fascinantes possibilidades que no domínio do metapsiquismo servem de certeza à realidade da sobrevivência eterna do Espírito e do seu poder para além da matéria aparente e do efémero da vida.

(Do «Two Worlds»)

Mão misteriosa protege a minha vida

— Diz o campeão CAMPBELL

Donald Campbell, o prestigioso campeão do mundo de velocidade na água, acaba de contar em Londres, num serão dado por um general do ar britânico, a maneira extraordinária como escapou várias vezes à morte.

Eis o essencial do seu relato:

No Lago Coniston, em Inglaterra, a bordo da canoa automóvel «Pássaro Azul», Donald Campbell procurava vencer o máximo mundial de velocidade. O motor ia a pleno rendimento e o barco dava saltos fantásticos à superfície da água. De repente o piloto desfaleceu, perdeu o domínio do barco e notou que o pé abandonava o acelerador. Ora, em tais circunstâncias, a quebra brusca de velocidade dá lugar, fatalmente, a uma catástrofe. Donald Campbell sentiu que o acidente se ia produzir e que não escaparia. Além disso era impossível que o caso não fosse mortal; mas, quando, impotente, se abandonava à sorte, mão invisível agarrou o leme com enorme força e um pé completamente misterioso carregou a fundo no acelerador. A canoa retomou a corrida louca. Donald Campbell estava salvo.

UM PUNHO GIGANTE

Isto durou apenas uma fracção de segundo e Campbell deve ter-se persuadido de que seu pai, falecido em 31 de Dezembro de 1948, acabara uma vez mais de lhe salvar a vida.

Em condições quase análogas, já o grande piloto falecido — o corredor aquático mais rápido do mundo — tinha feito sentir assim a sua presença ao filho. Naquele dia também Donald Campbell tentara o máximo e aproximou-se disso, quando, de repente, uma válvula do motor se abriu e vapores de óleo fervente invadiram a cabina de pilotagem. Sufocado, cego, num gesto instintivo de protecção, o piloto levou as mãos à cara e num movimento de recuo o pé deixou o acelerador. Da margem os espectadores viram a canoa tomar uma direcção inquietante, e, abandonando a sua primeira direcção, precipitar-se para um molhe contra o qual se despedaçaria.

Mas viram-na imediatamente endireitar-se, como se fosse accionado por um punho gigante, retomar a sua velocidade e afastar-se da zona perigosa. Donald Campbell não pôde explicar como efectuara estas manobras extremamente difíceis, nem como se fechara a válvula.

— Senti na cara o sopro da morte — diz ele —. Depois, sem que eu tivesse agido, uma força desconhecida comandou o «Pássaro Azul».

UMA FENDA IMPERCEPTÍVEL

Lembrou-se então dum incidente que lhe acontecera meses antes. Durante muitas semanas os mecânicos estiveram a afinar o barco, vistoriando tudo com cuidado e declarando, por fim, que o condutor podia fazer uma experiência a toda a velocidade. Donald Campbell tomou o seu lugar na cabina de pilotagem, tentou pôr o motor a funcionar sem resultado algum, insistindo igualmente em vão, pois todo o mecanismo do engenho aquático parecia ter sido imobilizado. Os mecânicos nada compreendiam. Tudo parecia em ordem e nada de andar ...

Ao cabo de muitas horas de experiências infrutíferas, Donald Campbell mandou retirar o barco da água e submetê-lo a exame extremamente minucioso, por especialistas qualificados e um deles, com *auxílio duma lupa*, descobriu no comando do leme uma fenda imperceptível. A enorme velocidade do engenho obrigava esta peça a um trabalho considerável e aquele minúsculo defeito acarretaria a sua ruptura e, por conseguinte, a catástrofe.

À hora da morte *Sir* Malcolm Campbell disse a seu filho Donald:

— Sei que a morte não é o fim de tudo. Velarei por ti.

Estas foram as suas últimas palavras, minutos antes de desencarnar tranquilamente.

O que o pai lhe tinha confiado ao morrer, Donald Campbell não revelara a ninguém. Mas, depois de sentir três vezes a presença vigilante de seu pai em momentos particularmente críticos, decidiu-se a consultar parapsicologistas de Londres.

Alguns disseram que a força que imobilizou a canoa automóvel, tomando o governo do barco e subtraindo o «Pássaro Azul» ao acidente fatal só podia ser a de *Sir* Malcolm Campbell que, do Além, cumpria a sua promessa e protegia o filho bem-amado.

O AMOR MAIS FORTE QUE A MORTE

A respeito deste assunto lembraram-se da extraordinária aventura doutro inglês — Peter Willis —.

Peter Willis estava noivo duma jovem chamada Vivienne Houghton, que tinha 19 anos.

Em 1947, na estrada de Preston em Lancashire, foram vítimas dum acidente de automóvel. O próprio Peter, mesmo ferido, retirou Vivienne, mortalmente atingida, dos restos do seu carro. Tomou-a nos braços e disse-lhe:

— Esperar-te-ei. Não temas. O meu amor é mais forte do que a morte.

Peter Willis permaneceu fiel àquelas palavras. Não teve outro amor.

Em 1949 encontrava-se na África do Sul. No final duma recepção em casa amiga, dois jovens e alguns companheiros ofereceram-se para levá-lo a casa de automóvel. Ia aceitar, quando uma jovem entrou na sala.

— Peter — disse ela —, não vás com eles. Há perigo para ti.

Depois desapareceu, deixando todos confundidos, porque ninguém a conhecia.

— Que deliciosa pessoa!—disse alguém —. Quem será?...

Peter Willis ficou silencioso. Não ousou confessar que, na desconhecida, tinha reconhecido Vivienne Houghton, que morrera dois anos antes nos seus braços.

Desculpou-se perante os amigos de não poder aceitar o con-

O Vigésimo Quarto Túmulo

Por HARVEY BERMAN

Foi sempre almejo e afã de Fílipe II, que reinou na Espanha do século XVI, que monumentos e memórias fossem erectos por todo o império cristianíssimo para perpetuar seu nome através das idades e dos homens. E com o decorrer dos anos este ardente e megalómano desejo volveu-se em obsessão no espírito do soberano que, aliás, não era homem feliz. Uma grande angústia o acompanhava, dia-a-dia, desde a primeira campanha que empreendeu contra os mouros. Na batalha, certa manhã um adivinho turco, cujos poderes eram tidos como perigosos e infalíveis, caíu nas mãos das tropas castelhanas e Filipe, esperando ouvir louvores e vaticínios venturosos para o seu reinado, mandou trazer o profeta à sua câmara e disparou-lhe sem mais preâmbulos a pergunta que lhe interessava:

— Será o meu reino feliz e frutuoso?

O turco, com um sorriso indefinível, abanou a cabeça para ripostar com uma reverência:

— Assim será, Majestade, para o vosso reino. Mas também as areias do tempo começarão a minar a monarquia espanhola. Lembrai-vos do número 24.

Fílipe ouviu estas palavras com espanto e incompreensão. Depois caíu em cólera e ordenou a morte do oráculo.

Mas as palavras do homem, como marteladas, acompanharam o monarca durante toda a vida e os séculos provaram que o aviso era verdadeiro, que o vaticínio era real.

Sempre imerso nos seus pensamentos de grandeza e aproveitando um ligeiro período de paz e estabilidade lembrou-se de construir o seu maior monumento. Foi num sonho que lhe surgiu o plano magnífico e ao romper do dia ordenou que o Escorial fosse erecto no alto da montanha, a dominar o mundo. Queria dele fazer um majestoso mausoléu para os seus sucessores. A ingente construção foi avançando lentamente e o próprio rei, de chicote na mão, aparecia no local e sem piedade flagelava os obreiros para os obrigar a maiores esforços. Centenas deles morreram de excesso físico, mas o panteão foi crescendo para se tornar uma das mais belas construções de todo o mundo.

Quando os reais arquitectos pediram audiência para lhe perguntar quantas sepulturas ele desejava ver erectas, o soberano respondeu, como que obedecendo a um estranho impulso, que desejava fossem 24.

Assim — ainda que ninguém estivesse presente na conversação entre o monarca e o profeta — tão cedo o palácio foi dado como concluído e os espanhóis souberam que continha 24 túmulos — um rumor geral se espalhou por toda a Ibéria de que, quando as 24 tumbas fossem ocupadas, a monarquia hispânica morreria ou os seus representantes seriam expulsos da península.

Mas os reis que sucederam a Filipe zombaram do vaticínio e as gerações vindouras de espanhóis jamais tomaram a sério a trágica profecia do decapitado turco.

Quando a rainha Maria Cristina, de Espanha, morreu, em 1930, os seus restos mortais foram sepultados no túmulo n.º 23 do Escorial. Assim, repentinamente, com a acuidade de uma predição que o tempo afirmava, o caso reviveu, exagerado pela paixão latina e o anátema de novo se ouviu de boca em boca... «quando o 24 túmulo for ocupado...». E o povo murmurava e o boato surgia e o clima era: «preparem-se para o fim da monarquia».

Afonso XIII, o último monarca, abandonou a Espanha a seguir à revolução republicana. Estabelecida a república, depois de alguns anos de discórdias políticas, Franco implantou o regime actual e Afonso XII fixou-se no exílio, tal como o áugure predissera.

Em 1941, no seu leito de morte, pediu, como última vontade, para ser transportado e sepultado em Espanha após o seu trespasse. Franco acedeu ao retorno do último monarca à terra dos seus maiores e à sua deposição no panteão do Escorial.

E assim, quando Afonso XIII de Espanha foi conduzido à magnífica necrópole, a monarquia dos seus maiores terminara. Ele foi o seu último rei — e 24 era o número do seu túmulo!

vite e foi a pé para casa. No dia seguinte soube que o carro em que deveria ter ido chocara com outro veículo: três dos ocupantes morreram no desastre e o quarto estava gravemente ferido.

Em 1954 Peter Willis estava numa estação de Londres para embarcar num comboio nocturno. No momento de passar no cais sentiu-se enregelar e viu caminhar para ele Vivienne Houghton:

— Peter — disse ela —, não sigas neste comboio.

E desapareceu, acto contínuo, sem que Peter Willis soubesse como. E não seguiu no comboio.

Uma hora depois o veículo chocava com outro que estava parado, tendo havido vários mortos na carruagem onde Peter Willis tinha o lugar marcado...

(De «La Presse» de 30 de Junho e 6 de Julho de 1959, traduziu C. A.)

Maier/60

O SOFRIMENTO

SUAS CAUSAS E REMÉDIOS

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

A vida neste mundo formado pelo planeta Terra, se para uns é risonha e feliz, para a grande maioria dos terrícolas é de amargos transes e de dolorosas provações.

O sofrimento submerge, pois, quase todos os viventes terrenos.

Aqueles felizes e de vida risonha não desfrutam de tal privilégio duma forma ininterrupta, porque também suportam, por vezes, bocados bem angustiosos. São efeitos do ambiente de provações do nosso planeta, a que podemos atribuir as doenças microbianas a que todos estamos sujeitos, mas a que melhor resistem os organismos adaptados ao regime das leis da vida sã.

Verifica-se, assim, que todos nesta vida, repetição de tantas outras vidas terrenas já vividas, têm sempre de que se depurar, têm sempre contas a saldar ou consequências a sofrer de erros passados ou de erros da vida presente.

Porque é inevitável: quem desrespeitar as leis da vida sã ou as leis da Fraternidade contidas nos dez mandamentos das tábuas de Moisés, ou nas lições de Amor que Jesus pregou, não pode deixar de sentir os efeitos resultantes das infracções àquelas leis.

E como uma vida terrena raras vezes chega para termos consciência plena dos erros praticados e coragem e tempo necessários para os emendar e desfazer os malefícios de tais erros, eis porque só em vidas terrenas seguintes poderemos conseguí-lo, suportando, ao mesmo tempo, as reacções sofredoras que tais erros provocaram em nosso perispírito ou corpo espiritual, ou seja o corpo fluídico que reveste o espírito quando desencarnado, e interpenetra o corpo físico quando o espírito se encontra encarnado.

Por isso todos nós sofremos o que já fizemos sofrer a outrem, ou o que resulta do nosso desregramento de vida, servindo este sofrimento sofrimento para nos deixar bem vincada na nossa memória a fim de que nos regeneremos por forma a não repetirmos a prática de maldades que motivaram aquelas tristes reacções. A regeneração consiste em adquirir hábitos e sentimentos contrários aos que deram lugar ao cometimento de acções desrespeitadoras das leis citadas.

As infracções às leis da vida sã provocam doenças nos órgãos do corpo físico e hábitos condenáveis que constituem o que poderemos chamar desgraçadas doenças da alma, e que afectam o perespírito.

São infracções às leis da vida sã os excessos no comer e no beber, que são o pecado da gula, e os excessos a que o sexo pode arrastar.

Aqueles excessos ou exageros podem tarnsformar-se em hábitos ou vícios que animalizam, até à condição mais indigna, o ser humano.

É bem conhecida a triste figura que faz um homem que se embriaga, e mais triste ainda a da mulher que se arrasta por tal vício; e é bem condenada a atitude de quem vive para comer e que só se satisfaz com as mais avolumadas iguarias, quando, afinal, a regra sã diz que devemos comer sòmente o essencial para viver.

As leis da vida sã ainda preceituam mais: que devemos pôr de parte, como alimentos, carnes sejam de que origem forem, porque, embora tenham alguns elementos nutritivos, os seus resíduos tóxicos são absolutamente inconvenientes para garantirem uma saúde boa e perdurável.

E aconselham um regime alimentar à base inteiramente de vegetais, de frutos, de ovos e de leite e seus derivados, e um permanente contacto com as forças vitalizantes da Natureza contidas no Sol, no ar e na água de pureza incontestada (e escrevemos aqueles focos de vida com maiúsculas como sinal de referência a tão sublimes bens que Deus nos dá a todos). E recomendam, igualmente, abstenção completa de bebidas alcoólicas.

Portanto, com um pouco de boa vontade podemos ir, por etapas suaves, adaptando-nos àquele regime alimentar natural e puro consoante nos permitam as possibilidades de cada um.

E ainda quanto aos hábitos ou vícios provenientes dos excessos atrás referidos, o pior é que tais hábitos radicam-se ou gravam-se de tal maneira no perespírito, que levam a um sofrimento prolongado o espírito depois de desencarnar.

É o que sucede aos gastrólatras, isto é, as pessoas que tudo sacrificam aos prazeres do estômago, aos alcoólicos e aos sensualistas, pois todos eles são tristes aberrações humanas portadores de doenças ou sofrimentos os mais atrozes, que por algum tempo se prolongam, como dissemos, na vida do Além ao deixarem este mundo. Mas ainda na terra também podem ser vítimas de espíritos que procuram alimentar as recordações dos seus vícios ou hábitos impuros e das suas orgias induzindo os humanos terrenos a alimentar tais vícios para, junto deles, se saciarem, como o faziam com o seu corpo carnal.

A cura para estes sofredores está inteiramente nas suas mãos. Consiste em serem moderados e em libertarem-se daqueles hábitos para que não se arruinem de todo, física e moralmente.

O não cumprimento das leis da Fraternidade ou dos ensinamentos de Jesus leva aos pecados do orgulho, da ambição, do egoísmo, da maledicência, da vingança, da inveja, os quais provocam desavenças ou desarmonias entre os indivíduos e ódios que são a perdição das almas pela negridão trevosa que as envolve ou que as interpreta.

Aquelas desavenças e aqueles ódios criam inimizades, sentimentos inteiramente opostos à fraternidade, e privam os que em tais condições vivem, da Paz de Jesus, que é toda dedicação, que é toda tranquilidade de consciência.

E daquelas inimizades e daqueles ódios resultam atitudes vingativas postas na prática em actos ou simplesmente por venenosos pensamentos transformados em desejos desenfreados de fazer o mal, que dão os sofrimentos por motivos de influências espirituais ou obsessões, de que tantas criaturas se afligem, principalmente os que possuem faculdades sensitivas.

Porque a acção vingativa dos que vivem no mundo espiritual não cessa de se fazer sentir nos que se encontram encarnados neste mundo, enquanto não se reconciliarem, enquanto não transformarem o ódio em amor. E também há os espíritos que servem de instrumentos de vingança actuando nos viventes terrenos impulsionados por aqueles pensamentos malfazejos.

Por isso, os sofrimentos desta natureza se amenizam encarando-os com resignação e com a prece

UMA POETISA DE SETE ANOS

Os meninos-prodígios não são de ontem nem de hoje. São sempre. Em todas as épocas apareceram para expectação do mundo, que os admira, mas não compreende. Poucos estudam o panorama mental destes seres peregrinos. Na família, na escola, na sociedade são relâmpagos de génio que iluminam e marcam períodos literários, artísticos, científicos ou históricos.

De onde vieram eles? E porque vieram?

Integraram-se e caminharam, quase sempre deslocados do seu meio. O homem vulgar não entende o que eles vislumbram.

Maria Madalena Badillo Gerlero, poetisa de sete anos de idade, é filha de outra poetisa e aos quatro escreveu uma obra poética intitulada «Aquello Pensativo».

El Iris, de Montevideu, que nos traz a notícia, diz que todos os seus poemas são coisas celestiais, como ela própria confessa numa de suas criações. E acrescenta:

— Na verdade, é um mensageiro celeste que vem trazer um ensino branco ao homem, para que ele medite na alma e na sua sobrevivência. Pode dizer-se que ela cai em transe e logo nos oferece maravilhosos panoramas.

Vejamos algumas imagens:

«Um degrau doirado leva ao caminho de pedra. As cores do arco-iris pensam na vida do mundo e as chamas descem por grandes corações esquecidos».

Outra:

«O mundo é um sonho de Deus. Na terra há coisas que ninguém sabe».

Outra ainda:

«Não posso apreender imagens. Quando durmo caio na profundeza. Ao abrir os olhos a minha profundidade já não existe. Quando adormeço de novo, os meus olhos enchem-se. Todo o compartimento permanece activo, lembrando os corredores abandonados. Até que um dia os torno a ver em vida plena...»

O articulista diz que se trata de um grande espírito e que esta criança de sete anos, que escreveu versos tão profundos aos quatro, nos dará futuramente páginas formosíssimas que serão luz para o mundo. O génio precoce dos meninos-prodígios é um protesto contra a teoria da vida única e um triunfo a favor da reencarnação.

pelas almas que precisam da luz de Deus e com pensamentos de perdão para os que nos fazem assim sofrer, e evitam-se, que é o melhor, não mantendo desarmonias ou desavenças seja por que motivo for, pois é preferível perdoar e esquecer todas as ofensas e viver assim sempre em paz com todos.

Estes sofrimentos denominam-se kármicos e bem assim os de origem hereditária, as anomalias e deformações congénitas, isto é, que acompanham o indivíduo ao nascer, e muitas vezes, ou mesmo tudo o que resulta de acidentes (mortes, traumatismos, mutilações), e tudo isto por serem consequências de atitudes tomadas e de desregramentos praticados em vidas passadas.

É preciso, pois, que ninguém se desespere com os sofrimentos que padece, porque fazem parte da cruz que escolheu para a sua regeneração, ou são sinal de erros de que tem de se emendar.

Bem entendido que nos temos referido quase exclusivamente aos sofrimentos de natureza física, aos sofrimentos que mordem na carne e nos ossos do corpo em que nos sentimos algemados.

Mas há também os sofrimentos morais que nos afligem a alma, e que se repercutem, se os não dominarmos, em todo o sistema nervoso e, mais profundamente, no coração.

E esses sofrimentos são, em regra, de ordem emocional, e caracterizam-se pela angústia em face do suposto aspecto trágico da morte (é o caso de desencarnação de familiares muito queridos), pela desilusão sofrida em face de ingratidões ou de maledicências vindas de quem estava na categoria de amigo e pelo desânimo originado em situações inesperadas da vida.

As angústias que a morte provoca cura-as o tempo e o raciocínio simplista de que da morte resulta sòmente uma transitória separação, e é este o grande lenitivo dos espiritistas. E para os desânimos basta uma fé perfeita em melhores dias e uma crença profunda de que Deus vela sempre por todos os seus filhos, cumprindo aos desanimados pôr em acção um firme autodomínio.

Para as ingratidões e para as maledicências só encontramos a sua cura no Evangelho ao aconselhar-nos que devemos perdoar, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes — que quer dizer perdoarmos sempre.

ENLEVO DE ALMA

UM ARTIGO DE F. NORONHA

(Colaboração póstuma)

Antemanhã de hoje, sábado, 7 de Dezembro de 1946, estou adormecido no leito e com a consciência de acordado.

Vejo, nìtidamente, o ente mais querido que projectei na vida e reflectiu em sua fisionomia as linhas características do seu progenitor.

Assomava, de rosto, na janela próxima, lado nascente, de prédio antigo a que não fora estranha de presença.

Senti-me encantado, de ânimo sereno e de consciência tranquila.

Percebia-me deitado e aconchegado de roupa, no meu quarto de cama e, simultâneamente, na ignorância do como, olhando para a janela de tanta ternura para mim, naqueles instantes ditosos.

Éramos mudos, e eu recordei-me dum caso de teimosia, por minha parte, que a mim próprio censurei nesse momento.

Despertei, então, pleno de contentamento, vendo ainda na mesma posição o dilecto ser, a estremecida filha que sonhara um dia mimoso arrimo e suave companhia, até quando me desprendesse do cárcere material de que sou hóspede e volvesse ao laboratório da mãe comum — a Terra — que de direito lhe pertence.

Na minha presença, na banca de trabalho, patenteia-se-me, de molduras, nascítura e aos 18 anos incompletos, aurora e ocaso. Ocorreu este em 6 de Julho de 1908.

E a visão, de adormecido-acordado, num só tempo prevalece, apesar das duas molduras que me sorriem!

Quando despertei, há um bocado, no aconchego que me envolve, acudiu-me à mente a ideia risonha dos meus livros e, logo que me vesti ultimei as minhas abluções quotidianas, subi à instalação dos meus amores, que eles são no pavimento superior, em que ora me encontro, com a caneta e o aparo, no presente exercício de desabafo, a que obedeço, propelido por forte impulso de espontaneidade, que não sei definir.

Registo outro pormenor, deveras interessante. Ao sair do quarto e ao iniciar a ascensão pelos degraus da respectiva escada, conservo, de memória fresca, uma circunstância de relevo curioso para o caso de que fora passivo, mas não inconsciente.

Ao transpor a porta de que me sirvo para entrar na biblioteca, varrera-se-me completamente da retentiva e, assim, é incompleto este relato de cenário íntimo nocturno, que me proporcionou tais miragens dulcificantes.

Com frequência aparece-me o rosto estremecido da gentil consanguínia idolatrada, ouço-lhe a voz, afago-a embevecido; mas, tal, como pela forma de que dou fé, jamais, desde a hora em que o seu espírito se evolou, desencarnado.

Trago-a sempre no pensamento, é certo, mas na mística de hoje reflectiu-se e imperou no meu ânimo, intensiva e indelèvelmente.

Gravou-se-me nalma, qual essência inebriante do empíreo ou qual incenso mui suave, exalando-se de turíbulo que fosse fabricado com diamantes de pureza rara por mãos ideais, alheias ao terráqueo globo!

Mas, interrogo-me, por que motivo me sentei à mesa do labor literário, no meio do silêncio augusto dos meus mestres impagáveis, que nada exigem e tudo oferecem, sem segundo sentido, à sede de saber que, aliás, nunca sacio? Porquê, este quadro, nesta sala de eloquência muda, portentosa, que me deleita, sem outiva, e me fascina, sem gesticulação?

Neste instante, verifico-me agitado por anelo irresiltível: quero folhear três livros que foram seus, preenchidos por seu punho, um, *Livro de Anos de Parentes e Pessoas Amigas;* os dois outros, contendo poesias que a emocionaram e desejou arquivar por cópia.

Levanto-me e vou buscá-los a uma gaveta de móvel, que me fala dela, afectivamente.

Coloco-os sobre a mesa, folheio um por um, percorrendo-lhes as páginas. E, fenómeno tìpicamente singular: tendo realizado esta agradável e enternecedora operação, dezenas de vezes, pela primeira vez, agora mesmo, acaba de revelar-se-me na evidência dominadora e decisiva a psique, de que eu, sem embargo de havê-la iniciado no campo cultural, com algum desenvolvimento, não lograria contudo aperceber-me.

Nem um único dos versos copiados nos dois livros, que destinara para este fim, destoa de sentimento delicado, de expresesão bela sem maneirismo prosapioso ou ridículo, de elevação de conceito, em suma, daquela modalidade específica de arte, que não é só apanágio da Poesia, mas fundo ou tesouro comum de todas as belas-artes.

Este facto demonstrou-me o quilate e o senso moral que a orientava.

Viria a ser talvez poetisa, sentindo e reproduzindo em carmes perfeitos a ideologia do belo, aspirando ao Infinito.

Seria para colher, a propósito da minha Luz, a luz saudável de semelhante demonstração que, ao despertar, me acudiu à mente a ideia risonha dos meus livros e a sua visita imediata?

Foste tu, lá do inefável da Beleza incriada, na mansão etérea que nenhuns véus ocultam e nenhuma sombra mancha, onde apenas branda atmosfera repercute écos de glória eterna, que de ti a emanaste ao imo do teu velho genitor?

Eflúvio de pensamento alado, no Além deste mundo imperfeito, pélago contingente de provações ininterruptas, transmitido em sua própria asa translúcida, na rapidez do relâmpago, ao meu «cérebro»?

A verdade rigorosa, o inteiro acerto do que assevero, o gozo anímico de que participo, a tua imagem de radiação magnética, fulgurando e atraíndo-me no minuto que passa, não é ilusão dos meus sentidos, estou realmente acordado, com a consciência inequívoca de que traço estas linhas por meu querer, mediante a pena que sustenho e conduzo entre os dedos da mão direita. Não. Nada disto é ilusão dos meus sentidos ou fantasia embelecedora.

Penso, vejo deveras, sinto e sinto-me ao mesmo tempo. Volto a percorrer os livros em que a meiga pomba idolatrada copiou versos de sua estima.

Ferem-me não poucos, de natureza filosófica e de espírito pene-

A DELINQUÊNCIA INFANTIL

Pode ser que muita gente restrinja a cura espirita à sua primacial função no campo das doenças físicas e mentais e acreditem que só deve ser solicitada, quando o indivíduo está clìnicamente doente. Mas nós temos provas abundantes e evidentes de que o campo de tratamento espirita é muito mais largo do que esse. Um exemplo: porque vemos esses chamados estados incuráveis completamente sanados, quando a ciência médica nada mais pode fazer? A resposta a esta afirmação verdadeira é que antes de qualquer cura se efectivar é preciso remover a causa.

A causa básica da maior percentagem das doenças humanas reside na desarmonia mental ou espiritual. Nisto concordam todas as autoridades da matéria.

Assim, porque o tratamento espirita é capaz de mitigar frustações, ciúmes, ódios e perversões, nós vemos a causa primacial da doença por este meio dominada, permitindo que o corpo físico reaja prontamente às influências curadoras ... e jugular o estado incurável.

Porque é que um doente submetido a experiências curadoras sente imediatamente uma sensação de íntima felicidade, de alívio intenso? A única resposta é que a força interior e a tranquilidade advêm como fase essencial e primacial da cura.

Os cépticos podem dizer: «É uma balela», «fogo de vista», mas, com pesar seu, têm que contar com dois factores.

O primeiro é que o tratamento espirita está comprovado como bom para a cura das desordens nervosas e físicas, e segundo é que, quando a nossa ajuda é especìficamente solicitada para influenciar e mudar a causa da miséria e infelicidade duma família, muitas vezes somos agradecidos pela mudança que sucede a essa intervenção. O alcoólico torna-se moderado, o toxícómano perde o seu acicate, o sódico torna-se bom e quando há uma questão doméstica a harmonia e o contentamento voltam à vida da família. É essa a razão por que os jovens impressionáveis, que perderam o equilíbrio moral e as perspectivas na vida, podem também ser ajudados. O despertar da consciência, a fim de reconhecer o que é bom, afasta o que é mau e isso consegue-se por um contacto directo no sentido de dominar a fraqueza egocêntrica.

Algumas vezes recebemos cartas acerca dum filho pródigo (as filhas sãs mais raras) em que se diz que o rapaz é irresponsável, difícil de aturar, fala uma linguagem baixa, que é levado a tribunal por roubo ou outras faltas e alguns dos que já ajudámos cumpriram mesmo sentenças na prisão, consideramos esses jovens uns doentes e tão necessitados de ajuda, como outros enfermos de doenças físicas.

O tratamento espirita nunca pode ser uma coisa casual e é necessário primeiro frisar a urgência dele para começar o processo de cura e conhecer os requisitos individuais do interessado para formar as directrizes da intercessão. Após esta premissa os invisíveis conselheiros do Espírito observam estreitamente o conjunto espiritual e mental do doente, vendo os seus lados bons e fracos e depois de apelar para a boa vontade correctiva e sãs influências, são dirigidos para o íntimo do padecente na expectativa de que a mente física e a consciência responderão, produzindo um estado de nutrição no seu panorama mental.

A regeneração dos deliquentes juvenis é por isso um processo natural de cura paralelo ao tratamento doutros estados de doença que surgem da falta da apreciação espiritual dos caminhos e intenções da vida. Procedendo assim, passadas semanas temos a alegria de saber que o moço em questão segue novo rumo, vai agora regularmente ao trabalho, não busca mais companhias indesejáveis, toma parte na vida do lar e nalguns casos recomeça os estudos nas classes nocturnas.

Então algumas pessoas pensam que se não houvesse intervenção do tratamento espirita, um jovem, de mal a pior, iria possìvelmente terminar os dias como criminoso — e compreendem o êxito positivo dos propósitos espiritas.

Depois de tudo, a cura acompanha a missão do Espírito, que faz parte do plano divino para assistir todas as almas na senda do progresso e da nobreza de alma e para a suprema perfeição. *Podemos ver hoje, através da história,* a evolução da raça humana desde as tendências troglodíticas até à alta compreensão da vida. O conselho das maiores inteligências está ao nosso dispor, se apelarmos para a sua assistência, e nisso, nesta acção espiritual e esclarecedora, está o procedimento da Cura Espirita que na sua extensão prática procura vencer os meios de mudança de hábitos humanos, guiando-os para alturas mais iluminadas e puras.

Hoje muitos vêem simplesmente na cura um agente para as aflições do corpo. Mas tempo virá, esperamo-lo, em que a humanidade poderá saber que o reino do espírito é verdadeiramente real e dele recebemos a força e a visão, a fim de guiar os povos para caminhos mais felizes e fraternos.

(De SPIRITUAL HEALER)

---

trante, não raro envoltos num estilo característico de tristeza e de «*soidade*».

Aqui me surgem, «*O Marinheiro*», «*As duas Fragatas*», «*O Crepúsculo*», «*Margarida Velhinha*», «*Tristeza*», acolá «*A Judia*», um nome: Soares de Passos, etc.

Faço alto, paro aqui. Invade-me impertinente e descabida comoção, e não quero descer a catalepsia estulta.

Pego num livrinho, de recente publicidade, da autoria de Isidoro Duarte Santos, e releio duas peremptórias exclamações de Léon Denis, insusceptíveis de refutação triunfante:

«A morte não existe!

«Os mortos são ou vivos do céu!

Torna, filha, torna, quanto antes, ao meu enlevo da noite precedente!

Em 7 de Dezembro de 1956.

OS CURADORES ESPIRITUAIS

BRAILLE E A SUA OBRA A FAVOR DOS CEGOS

Por DORIS M. HODGES

Para aqueles que possuem o bendito sentido da vista, a vida sem ele deve assemelhar-se a uma terrível prova. E, no entanto, os invisuais possuem, talvez por misericordiosa compensação, muitos dotes espirituais, uma fonte plena de resignada subjectividade, uma independência e uma extraordinária alegria de viver.

Assim podemos admirar cegos — homens e mulheres — que se tornaram famosos na ciência, na medicina, na música e nas artes, a par de muitos outros milhares de anónimos que vivem uma vida feliz e útil, enfileirando na sociedade inteiramente despidos de autopiedade.

Ao seu lado, no mais belo e jocundo gesto de solidariedade humana, outros seres procuram, desde os mais recuados tempos, ajudá-los, curá-los e empregá-los ùtilmente, «iluminando a sua escuridão», porque compreenderam que era necessidade vital na existência dos cegos não se sentirem excluídos da comunidade e camaradagem dos outros seres.

No entanto, quem mais os ajudou, sem dúvida, foram aqueles que conseguiram a ligação, a ponte, por assim dizer, que une os invisuais aos visuais, proporcionando-lhes os meios que, intercomunicando, os levam ao mundo exterior. Mormente nos séculos recuados a maioria dos cegos nada sabia dos benefícios da escrita e da leitura e não era suficiente a paciência dos professores e amigos para obviar, pela palavra oral, essa cruciante limitação. E nem todos, em última análise, possuíam amigos que lhes lessem aquilo que significava o mundo ambicionado e interdito da visão. Todavia, homens de talento e coração decidiram atacar este problema, procurando, através de várias tentativas, atingir uma finalidade: a de os invisuais poderem ler pelos dedos — pelo tacto. Os primeiros didactas destes métodos empregaram nos seus ensaios letras gravadas em blocos de madeira, alfinetes encimando os caracteres, tipo móvel de chumbo e grandes letras de madeira.

Muitas das invenções eram grosseiras e ineficazes e os que trabalharam neste sentido de abrir as portas do mundo aos cegos e mais sucesso obtiveram foram, precisamente, os invisuais. E um deles foi Luís Braille, hoje famoso pela descoberta do sistema que tem o seu nome e que é utilizado em todo o mundo pelos cegos e pelos que os auxiliam. Nasceu em Coupuray, próximo de Paris, em 1809 e havia perdido a vista aos três anos de idade. Ao atingir os 10 anos enviaram-no para o Instituto de Cegos em Paris, onde se tornou aluno notável, com um cérebro pleno de inteligência, e prestes se distingiu em ciências, especialmente na música, em que, de facto, ao atingir a maioridade, se tornou um dos mais distintos organistas de Paris, tocando o violoncelo com grande proficiência.

Nessa data o mais popular e eficiente sistema de ensino de leitura aos invisuais era o inventado pelo capitão Charles Barbier, oficial de cavalaria do exército francês, que se baseava na impressão de pontos sobre uma superfície, a fim de figurar períodos e combinações de letras que podiam *ser lidos* através dos dedos dos cegos.

Braille estudou cuidadosamente o sistema e em 1829 aperfeiçoou-o pessoalmente. No seu método emprega-se um tabuleiro especial com a superfície coberta de linhas estriadas, rodeado de moldura e com o papel colocado sobre ele. Depois com um instrumento perfurante de aço, fazem-se os pontos Braille através dum molde desenhado sobre uma folha de flandres.

Depois de Luís Braille ter tornado público o seu sistema esboçou-se um movimento de criticismo, de céptica e rotineira dúvida e muitos amigos dos cegos continuaram a preferir os métodos mais tradicionais em voga. Mas o aparentemente complicado conjunto de pontos sobreviveu a esta primeira hostilidade e foi sendo progressivamente adoptado pelos peritos da Instituição onde ensinava e pelos seus colegas e amigos, visuais e invisuais. Cedo se demonstrou que o método Braille, usado com perseverança, oferecia melhor e mais completo estilo de leitura e escrita para os cegos, uma vez que se vencessem as complicações do início. No entanto invisuais mais velhos continuaram a encontrar dificuldades no seu manejo, como ainda acontece hoje com alguns, que cegaram já entrados na vida. Mas na época actual o método Braille é de suprema valia, conforto e auxílio para os privados da vista que, com a sua ajuda, podem disfrutar da camaradagem, da educação e do prazer que deriva da palavra impressa.

Para as crianças e adultos, jovens a quem o destino destituiu da visão, é inapreciável como meio educativo. No que diz respeito à música é interessante frisar que o sistema Braille, para a leitura e escrita da música, facilita tanto o cego, que ele pode aprender melhor a partitura, que os visuais a notação normal. A casa editora, a maior do mundo, que publica Brailles está anexa ao *Instituto Nacional dos Cegos,* na cidade de Londres e nela escritores cegos e auxiliares voluntários produzem livros escritos em caracteres Braille, como jornais e revistas. Os relevos Braille podem ser feitos à mão e por máquinas eléctricas transcritoras e oferece um conjunto tão homogéneo quando completa que, de longe, os torna o mais eficiente meio de leitura e escrita até hoje inventado para cegos.

Luís Braille morreu na idade de 46 anos e o seu nome conta-se, indubitàvelmente, entre aqueles que curaram pelo espírito muitos seres mergulhados na dolorosa treva da cegueira, trazendo-lhes — como para si também necessitava — «luz na escuridão» e aliviando os sofrimentos dos que com ele partilhavam do mesmo mal e aflições. Em todo o mundo homens e mulheres cegos podem «ler» e «ver» pelo seu método e lembram o seu nome com gratidão, respeito e amor.

A VOZ DO TÚMULO

Segundo lemos em Two Worlds, *muitas pessoas de Durham afirmam ter ouvido a voz de um clérigo católico romano que desencarnou em 1920. A voz, «clara como cristal», dizem que vem do túmulo de Monsenhor James McShane, no cemitério de Redhills.*

No Newcastle-on-Tyne Journal, *um articulista de Durham diz que acompanhou um enterro ao cemitério e que foi o último a sair do recinto.*

Quando se dispunha a abandonar a sepultura, uma senhora perguntou-lhe que horas eram.

— São três e meia — respondeu ele.

Foi neste momento que a voz cristalina exclamou:

— Exactamente!

Vinha do túmulo. A senhora em questão desmaiou e o articulista ficou imóvel.

— Olhei em redor — diz ele — e não vi qualquer pessoa.

Parece que Monsenhor McShane costumava usar a palavra «exactamente» na sua conversação.

Às vezes os fenómenos simples são os mais convincentes.

COMUNISMO E ESPIRITISMO

Há muitos confrades que se iludem acerca das perspectivas do Espiritismo ante uma vitória comunista. A estes oferecemos a opinião do Reformador, *órgão da Federação Espirita Brasileira:*

— Um dos maiores dirigentes do Partido Comunista Brasileiro declarou a um dos nossos directores que, no dia em que o comunismo triunfasse no Brasil, a primeira coisa a fazer seria exterminar o Espiritismo, por ser considerado o maior obstáculo à vitória do materialismo ateísta.

Esta afirmação extraímo-la de um jornal inglês e estamos convencidos de que algo de verdade nela existe, embora uma doutrina deste género não possa exterminar-se como alguns julgam. Há ideias transitórias e ideias imortais. O comunismo é um fenómeno histórico de reacção a oligarquias discricionárias, semelhante às ditaduras, sempre de efémera duração. Destruir ideias arreigadas no espírito é trabalho irrealizável, porque as convicções fundamentam a personalidade e dão carácter ao indivíduo.

O Espiritismo não combate ideologias, mas afirma-se por si próprio como doutrina positiva. Quer-nos parecer que é, de facto, a maior barreira oposta ao materialismo ateísta, como afirmou o comunista citado, barreira lógica, de essência racional, susceptível de neutralizar qualquer ideia negativa. Os seus postulados abrangem toda a vida do homem, a quem oferecem caminhos largos, à margem de preconceitos. O seu lema é a salvação pelo conhecimento e pelo amor, incompatível com a restrição da liberdade, que produz autómatos. Ora os autómatos não amam, nem aprendem. São regressões que o progresso extinguirá. Assim, não receia ataques e encara os motejos com a calma de quem se convenceu da verdade e se colocou ao seu serviço.

O FANTASMA DE SINGAPURA

Le Journal d'Extrême-Orient *publicou uma notícia acerca da manifestação fantasmática do espírito de um soldado japonês sem cabeça que espalha terror pânico nas casernas do quartel general das forças armadas de Singapura.*

Portador de uma espingarda de baioneta carregada, este «soldado japonês» vem todas as noites atormentar as suas vítimas, puxando-lhes as pernas, lançando as cobertas sobre o soalho das camaratas, martirizando-as de muitas formas diferentes, para desaparecer ao nascer-do-sol.

Os soldados dizem que ouvem todas as noites ruídos de cadeias contra as portas, pancadas de botas nos corredores e campainhadas de telefone, mas não conseguiram ainda «capturar» o fantasma ...

«KARDEQUINHO»

A imprensa infantil espirita vai rareando cada vez mais. Houve tempo em que algumas publicações mantinham secções interessantes, que muito distraíam a petizada. Mas tudo desapareceu, em virtude da falta de elementos idóneos. Estudos Psíquicos *manteve uma secção deste género durante cerca de quatro anos, que foi objecto dos maiores louvores. Eram as quatro páginas centrais, que podiam coleccionar-se, sem alterar a paginação e que talvez ainda venhamos a reunir em volume. Era uma bela selecção de temas doutrinários.*

Pois agora surgiu uma revista intitulada Kardequinho, *com texto variado, sob a direcção proficiente do escritor espirita Jorge Rizzini, de São Paulo, coadjuvado por Alfredo Cruso. É uma revista vasada em novos moldes, cheia de vivacidade, distraíndo e ensinando a gurizada e convertendo os próprios adultos em leitores predilectos.*

Jorge Rizzini é digno sucessor de Monteiro Lobato e através desta risonha tribuna vai espalhando boa semente. Poucos como ele sabem falar às criancinhas. Para tudo encontra sempre a conversa adequada.

Esta revista surgiu na hora própria, juntando o seu esforço ao jornal A Infância Espirita, *também de São Paulo, que há muitos anos derrama luz infantil, através de contos, poesia, lições espiritas, em que os leitores se vão exercitando...*

Jorge Rizzini enviou-nos há pouco o seu novo livro «A Arte de Escrever para as Crianças» e não pudemos ainda expressar a nossa opinião. Mas já o apreciámos e podemos dizer que o Prémio Fábio Prado de 1957, que lhe foi concedido pela União Brasileira dos Escritores, muito o prestigiou aos olhos da crítica sensata, corroborando assim o alto conceito em que era tido pelos seus admiradores.

Kardequinho *é editado pelo Clube dos Jornalistas Espiritas de São Paulo e a redacção é na rua Baroneza de Porto Carreiro, 235, da mesma capital.*

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A EXPANSÃO DO ESPIRITISMO

Demos há pouco uma notícia acerca do movimento espirita em Israel, onde o povo se interessa verdadeiramente pela nossa doutrina.

Hoje damos outra relativa a um grupo de confrades londrinos que estão dispostos a abandonar os seus empregos, a fim de partir para a *Terra Santa,* logo que o seu Guia Espiritual indique o momento aportuno.

O chefe, ou antes o dinamizador desta ideia é John Morris, que trabalha numa tipografia e disse ao repórter do *People* que o seu guia era José de Arimateia.

Morris tem 35 anos, ganha oito libras semanais e o seu grupo, intitulado «Os Amigos da Fraternidade Galileana», tenciona fundar um centro na Palestina, no sentido de auxiliar as crianças abandonadas e órfãs, bem como os animais doentes.

Para o efeito necessitam de 15.000 libras e até agora recolheram 300.

A maioria desta gente ganha menos de 10 libras por semana, mas assim mesmo economizam o que podem para a viagem.

Irão vestidos como os peregrinos ttradicionais, com túnicas largas e cinturões, à semelhança dos sócios da *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal,* que abandonaram o Rio de Janeiro em demanda do Planalto de Goiás e ali fundaram a Cidade Eclética.

Alguns dos confrades ingleses já foram em peregrinação à Palestina com Morris, em 1956.

— Eu poderia ganhar uma boa riqueza pessoal — disse ele — se desse sessões pagas. Mas isso é contra os meus princípios.

Esta notícia é auspiciosa, pois revela espírito de aventura a serviço do ideal que deve ser estimulado. E quando tal espírito é baseado em convicções inabaláveis o resultado será profícuo.

É preciso agitar a doutrina e levá-la a todos os pontos do globo. A sua luz poderosa espancará as trevas do mal e da ignorância e dará conforto moral aos sequiosos de conhecimento.

CONGRESSO INTERNACIONAL ESPIRITA DE LONDRES

Segundo lemos em *Yours Fraternally,* órgão da Federação Espirita Internacional, estão em marcha os preparativos destinados ao Congresso de Londres a realizar no próximo mês de Setembro.

A recepção será feita pelo *Lord* Maior de Westminster. Na primeira noite haverá um banquete destinado aos congressistas. Nos dias seguintes, manter-se-ão sessões diárias, leitura de jornais, discussões e debates, serviços religiosos no domingo com reunião de propaganda, à noite, num dos melhores salões londrinos. A semana terminará com um jantar seguido de baile num restaurante do West End.

Durante a semana haverá demonstrações de cura pelo famoso Harry Edwards, de que nos temos ocupado muitas vezes nestas colunas, e seus auxiliares. Para isso deslocar-se-ão os interessados ao belo Santuário de Surrey, nos arredores da grande capital.

Todas as matérias relativas ao Congresso devem estar nas mãos do Secretário Geral até 10 de Abril inclusive.

Eis os membros da Comissão Executiva que terminam o mandato em 1960: Mabel Hibbs (Inglaterra), Rolf Carleson (Suécia), Harry Dawson (Inglaterra), K. H. G. Spee (Holanda) e Georges Gonzálès (França). Todos estes confrades poderão ser reeleitos.

Os votos para a eleição devem ser enviados à Secretaria até 10 de Junho e todas as sociedades filiadas serão informadas a respeito no dia 1 de Agosto, de modo que possam considerar os nomes indicados.

A Secretaria deseja apresentar ao Congresso um resumo de importantes acontecimentos relativos às sociedades filiadas e por isso pedem que lhe forneçam os necessários elementos até ao mês de Junho.

Outra particularidade interessante: o Congresso de Londres estudará a posição legal do Espiritismo em todas as regiões e por isso aceitará com prazer a informação inerente a restrições legais em qualquer país.

O organizador do futuro Congresso é o sr. Harry Dawson, «The Hawthorns», Alvingham, Lauth, Lincs, Inglaterra, a quem estão adstritas todas as perguntas, excepto notícias do movimento, votos para a Comissão Executiva, informações a respeito da posição legal, que devem ser enviados ao Secretário Geral Rolf Carleson, Wennerbergsgatan, 5, Estocolmo, K, Suécia.

A IMPRENSA ESPIRITA E SUAS DIFICULDADES

Já aqui temos falado no problema, que se mantém inalterável, não obstante os desejos de alguns que se esforçam na sua resolução. A imprensa espirita continua a lutar com dificuldades. A dispersão enfraquece. Pode haver muitas publicações pequeninas, dando a impressão de força, de expansão doutrinária, mas o que se requer é ritmo acelerado. Seria melhor haver menos jornais e substituí-los por semanários ou por diários. Quem não aparece, esquece, e às vezes é preciso defender, em seguida ao ataque. Um mensário não o pode fazer. O seu ritmo não deixa. E quando se responde, já não há oportunidade.

No Brasil, por exemplo, é assim. Há dezenas e dezenas de publicações espiritas de ritmo lento. Em épocas passadas circulavam semanários e quinzenários. Até um diário espirita se fundou no Rio de Janeiro. Tal façanha deve-se ao comendador Matos. Mas pouco durou também. O que sucede é ver um ou outro diário com colunas espiritas, como o *Estado de São Paulo,* um dos maiores diários da América do

Sul, onde Herculano Pires mantém uma acção eficiente, sob o pseudónimo de *Saulo*.

Agora, *Yours Fraternally* informa que o *Psychic Science News Magazine*, de Perth, Western Austrália, pede socorro aos confrades que lho queiram prestar.

É uma revista muito antiga que circulou com o título de *Harbinger of the Light* e que há poucos anos começou a circular de novo, sob o impulso de Paul Austen, que se trasladou à Austrália, a conselho do médico. Foi então que mudou de nome.

Cá e lá ...

O director é explícito nas suas palavras: «Só publicaremos futuros números, quando recebermos dinheiro para os pagar. Não queremos correr em pura perda. Dou o meu tempo, mas não posso pagar as edições. Se o auxílio monetário for suficiente sairá todos os meses; se não for, sairá ao trimestre ou semestre. Têm a palavra os leitores».

Isto demonstra grande desinteresse pela doutrina no solo australiano. Noutros lados, porém, o desinteresse é quase o mesmo. Na França, pátria de Allan Kardec, pode-se dizer que não existe imprensa espirita. O utilitarismo varreu a terra e levou tudo. Alguns que ficaram são marcos que se enxergam ao longe. São os grandes combatentes. Dão testemunho do Ideal nos gestos e nas atitudes e reivindicarão o seu lugar em todas as trincheiras.

Nós pertencemos a essa falange. Dia-a-dia aumentam os obstáculos e não sabemos o que virá. Ninguém sabe. As primeiras necessidades do homem são de origem material. O resto é devoção, que poucos cultuam. E vão-se engolfando cada vez mais no lodo, esquecidos da sua missão verdadeira.

Há uma doutrina que lhes arrebatou as dúvidas e o medo? Adiante. É preciso gozar a vida, apesar de tudo.

Por isso é que a imprensa espirita estiola.

Quando surgirá o vento da redenção ...

O ESPIRITISMO NA ARGENTINA

As sociedades espiritas argentinas são quase todas entidades civis dependentes de assembleias anuais que designam as funções dos membros, dentro da maior liberdade de expressão, como em qualquer organização civil.

O Ministério de Relações Exteriores e de Cultura criou uma dependência intitulada Direcção de Cultos Não-Católicos, na qual todas as entidades espiritas se devem inscrever.

A Confederação Espirita Argentina baseia a sua autoridade num órgão administrativo e noutro executivo, sendo o primeiro composto por um Conselho Federal de Delegados das sociedades adesas.

A sua directoria é órgão executor e compõe-se de um presidente, dois vice-presidentes, um secretário-geral, um primeiro-secretário, 1.º e 2.º tesoureiro, secretário de relações, secretário de defesa e propaganda, director e subdirector de *La Idea*, um bibliotecário e um secretário-editor.

Todos estes funcionários desempenham os cargos de acordo com os órgãos centrais, embora com grande autonomia.

O presidente é eleito por dois anos e pode ser reeleito se obtiver dois terços de votos. Depois já não lhe é permitido continuar. Só dois anos depois. Com isto pretende-se evitar uma direcção cerrada e autocrática.

AS IDEIAS DE STAITON MOSES

Staiton Moses era um pastor inglês que lutou muitos anos com a própria mediunidade, a fim de manter as suas crenças religiosas. Mas não teve outro remédio, senão render-se à evidência.

Iisto afirmou a conferencista Constance Stiwell no *College of Psychic Science* de Londres, segundo relato feito oportunamente pela revista *Light*.

Staiton Moses dizia que conhecia a verdadeira identidade dos espíritos que se comunicavam, embora os nomeasse de *Imperador, Mestre, Prudente, Rector, etc.*

Alguns pensavam que todas as manifestações recebidas em transe eram produto da personalidade subconsciente do médium, mas era impossível produzir tantos fenómenos físicos sem auxílio exterior, como materializações de mãos e braços, luzes de vários tipos e cores, movimentos variados, mensagens escritas a distância, em letra tão diminuta que era preciso uma lupa para a ler, escrita ao contrário para ler ao espelho, desenhos rapidíssimos feitos com lápis vermelhos ou azuis, que não se encontravam no compartimento, etc.

Além disso, obteve escritos em vários alfabetos, sons de harpa, sinos, violinos e pianos; móveis que se moveram fàcilmente, transportes de flores, jóias e anéis, perfumes conhecidos e desconhecidos. Também se recebiam transcrições de obras gregas e latinas e se davam pormenores acerca de problemas musicais, embora Staiton Moses não tivesse conhecimentos musicais.

De facto, este médium tinha facetas verdadeiramente extraordinárias. Muitas vezes escreveu na obscuridade, reproduzindo assinaturas de homens notáveis condizentes com as que estavam no Museu Britânico. Também reproduziu escritos de alquimistas, na própria grafia e ortografia que eles usavam, comprovando-se a exactidão pelo mesmo processo.

As ideias deste famoso médium foram, depois, substituídas, ao cabo de grande luta, tornando-se então um dos maiores propagandistas do Espiritismo ou Moderno Espiritualismo, como se diz na Grã-Bretanha.

MARGARIDA ...

O Século, de Lisboa, publicou há dias um telegrama de Melbourne, Austrália, acerca de um fantasma que frequenta a casa de um sacerdote e apagou velas, desligou a corrente eléctrica e desfolhou rosas a pedido de alguém. É o que se pode chamar um fantasma benigno, ao contrário de outros que alarmam prédios e tratam mal a polícia.

Mas vamos ao telegrama, que vem assinado pela Agência Reuter.

«O reverendo Rottick, desta cidade (Melbourne) diz que «Margarida» é «amiga da família», mas «não amiga normal». Na verdade — acrescentou — é o «fantasma da família» que traz o vicariado assombrado.

«A filha do pastor, a cantora de ópera Justine Rettick, resolveu fazer uma experiência com o fantasma: ligou um aquecedor, acendeu duas velas em cima do aparador e colocou num jarro algumas rosas apanhadas de fresco. Depois disse em voz alta:

« — Se estás aqui, Margarida, dá-nos um sinal.

«As velas apagaram-se, o aquecedor desligou-se e as pétalas das rosas cairam todas.

«O reverendo Rettick comentou:

« — Tenho esperança de que, eventualmente, Justine possa vencer o medo e perguntar ao fantasma se tem comunicação a fazer».

É possível que tenha. Geralmente os fantasmas não perdem tempo a divertir os homens. Quando assombram uma casa é no intuito de chamar a atenção de alguém para assunto de importância.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como foi anunciado, o nosso companheiro António Cardoso realizou duas conferências no Centro E. Luz e Amor sobre a sua viagem ao Brasil. Na primeira, em 24 de Janeiro, contou vários episódios acerca da forma como é praticado o Espiritismo na pátria do Cruzeiro, entre eles a da médium cega, leprosa e analfabeta que discorreu sobre história universal durante mais de duas horas. Mais tarde repete os discursos proferidos.

Falou de Hercílio Maes, médium de «Ramatis»,com quem falou demoradamente e achou bondoso e fraternal. Falou de Francisco Cândido Xavier, que encontrou em Uberaba, quase cego. Um homem excepcional, um coração de oiro. Lá aparece muitas vezes Lia, satisfeita com os trabalhos do *Luz e Amor*, mas dizendo que está triste com o afastamento de alguns confrades que nomeou. Uma coisa que impressionou o conferencista foi o Chico Xavier beijar as mãos dos que o procuram e pedir-lhes que orem por ele. Falou de sessões de materialização a que assistiu em São Paulo e do médium José Arigô, um homem inculto utilizado pelo espírito de um médico alemão. Opera os doentes sem dor e os instrumentos cirúrgicos não necessitam de desinfecção. Canivetes, tesouras, etc. coloca-os numa lata de goiabada. E o orador exclama:

— Vi operações. Num enfermo de olhos cortou ... cortou ... saltou sangue ... e tirou alguns tecidos. Falei com um operado que já via muito bem. Há doentes que vêm do Japão e da Alemanha para se tratarem com Arigô.

Na 2.ª conferência, em 14 de Fevereiro, falou das obras sociais do Espiritismo. Referiu-se com grandes encómios ao *Lar Infantil Icléa*, de Curitiba, onde as internadas vivem em plena liberdade; ao *Sanatório Espirita de Curitiba* e ao *Grupo de Protecção às Crianças*, onde velhinhas de 80 anos trabalham de costura.

No Rio de Janeiro visitou, entre outros, a *Casa da Mãe Pobre*, com Correia de Sá e Henrique Magalhães, um verdadeiro monumento de caridade; o *Albergue Francisco de Paula*, onde a fruta é a alimentação predominante; o *Centro André Luís*, cuja obra o impressionou. Lá encontrou Deolindo Amorim, redactor-correspondente da nossa revista.

Em São Paulo visitou a obra social do *Centro Espirita Zabeu*. Aludiu a muitas outras obras, como o *Sanatório Espirita de Uberaba*, *Instituto Dias da Cruz*, *Lar do Amigo Germano* e *Hospital Espirita*, de Porto Alegre, mostrando-se maravilhado com o esforço ingente dos confrades brasileiros.

A assistência seguiu com grande interesse a exposição de António Cardoso.

TRABALHOS DO CENTRO
MARÇO E ABRIL DS 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 2, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 11, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 14, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 15, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 16, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 18, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Naturismo no Brasil».

Dia 22, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 25, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 29, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 30, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 1 de Abril, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3 de Abril, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Fevereiro — Eugénio da Costa Morgado, de Aveiro, 30$00; E. P., de Lisboa, 100$00; António Pedro Rebelo, da Beira, Moçambique, 20$00; Maria Corália Pimenta, de Leopoldville, Congo Belga, 60$00; José Morais Dias, de Braga, 10$00; A. L, de Lisboa, 10$00; «Fé», de Lourenço Marques, 40$00; M. A., de Lisboa, 60$00; Felizbela de Jesus da Cruz, de Lisboa, 100$00. *Total — 340$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estado da Doutrina Espirita	15$00
A Prece	10$00
Espiritismo	15$00
O principiante Espirita	15$00
O que é o Espiritismo	20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	25$00
Depois da Morte (nova edição)	45$00
O Porquê da Vida	20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	40$00
No Invisível (nova edição)	45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência	45$00
A Evolução Anímica	45$00
O Fenómeno Espirita	40$00
A Alma é Imortal	45$00
A Reencarnação	45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um	50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte	20$00
Enigmas da Psicometria	25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte	32$50
Metapsíquica Humana — encadernado	40$00
Pensamento e Vontade	20$00
Xenoglossia	25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo	30$00
Casas Mal-assombradas	40$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte	125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	60$00
Narrações do Infinito	25$00
Urânia	35$00

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)

	br.
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel*	45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo	45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00	25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00	25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares	20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido	45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00.	30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado	25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís*	35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís*	30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros	60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel*	60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel*	35$00
Pérolas do Além	28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel*	
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00	30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob*	20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos**. A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco**. Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu—enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Sacrifício, da **Redacção;** Tibério, pelo **Dr. Carlos Imbassahy;** Aborto Delituoso, por **Emmanuel;** O Direito Natural e o Espiritismo, por **Joaquim Fernandes de Albuquerque;** Os Enigmas e a Teoria do Mérito, por **Jort;** A Vida de Além-Túmulo (Conferência improvisada e captada em Magnetofone), por **Isidoro Duarte Santos;** O Espiritismo no Brasil, por **António Cardoso;** Mau Prenúncio; Cosme Marino, o Espiritista Prático, por **Tito L. Bancéscu;** Chessman e o Veredito do Outro, por **Ruy Ribamar;** Allan Kardec; Erros de Interpretação, por **José Francisco Cabrita;** A Visão Reveladora de Frank Leah, por **Fred Archer;** O Espiritismo tem Fracos Adversários, por **Tito L. Bancéscu;** Unidade e Omnipresença da Vida, por **Cyrilo Aleixo;** Dois Casos Interessantes; As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por **W. F. Neech;** O Espritismo, seus Opositores e Defensores; Abril nos Jardins ... Primavera nas Almas! ..., por **Maria Inês Sena;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

ALLAN KARDEC

(Ver pag. 113)

21.º ANO ABRIL DE 1960 N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, ABRIL DE 1960 | N.º 4

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

SACRIFÍCIO

Os ideais são clareiras sobre a lama do mundo. Quem os vive e sente expõe-se ao sacrifício. Existência inquieta em luta com o meio social, mente absorta em problemas que o vulgo desconhece, chagas abertas que os familiares alargam, motejos, censuras, tranquibérnias, veniagas, tudo surge para entorpecer o adepto e impedir-lhe a marcha em frente. A maior parte desistem do esforço requerido, acomodam-se ao ambiente material, temem o sacrifício, ignorando que sem ele não há obras que valham.

Os grandes empreendimentos estão alicerçados em sacrifício. São pedras de renúncia e dor que o cimento caldeou e que os vindouros não compreendem. Alguns tentam ainda reconstruir a história do que se perde no tempo e avaliar de longe a força que estabelece muralhas entre o passado e o presente e vence oposições, renitências, preconceitos e o mais que se ergue contra a renovação dos momentos que se processam. Nisso buscam orientação e ciência os verdadeiros idealistas, construtores de gerações com raiz no espírito e que impulsionam a civilização em rumos diferentes. E o sacrifício pertence à base do monumento. Morrem alguns que não chegaram a ver o resultado da imolação. Avaliam-no os que ficam a colher os louros, a caminhar nas estradas abertas, nas charnecas desbravadas e nos pântanos transformados em mananciais de fruta e pão.

É assim. O remo foi substituído pela vela e a vela pelo vapor. A substituição levou anos de sofrimento e dúvida. Depois, outras aspirações conduziram a humanidade na peugada do mais além. E novos sacrifícios deu o homem ao homem, novas barreiras foram destruídas e o passado distanciou-se na curva, em holocausto ao progresso.

Quando o sacrifício é redentor, não há sofrimento. A dor é heróica, porque se dirige à libertação de alguém ou de alguma coisa. E serve de estímulo aos homens de carácter.

O Espiritismo é um cilindro volante na estrada da vida. Rola sempre, aplanando, harmonizando, em busca de felicidade lógica. O trabalho, a solidariedade e a tolerância são o seu lema e nada mais é preciso no rumo que soltamos do berço à cova. É o melhor apetrechamento.

Os ideais são clareiras sobre a lama do mundo. Ai de quem os não vive e sente! Limitar-se à vegetação do estômago, quando surtos mais altos oferecem plainos ao espírito ansioso de liberdade é morte voluntária. Ainda que a subida implicasse sacrifício ingente, ainda que houvesse risco de sossobrar, não haveria direito à estagnação inibitória. O sacrifício é gota no oceano compensador. Deram-no alegremente personagens célebres que hoje se apontam como exemplo. Gandi e o Lord Maior de Cork honraram o ideal de independência, sacrificaram-se pelos seus irmãos de raça e conseguiram atingir o alvo. Venceram uma batalha tremebunda, desproporcionada, de um fraco contra cem fortes, mas onde a razão sobrelevava o músculo e o espírito era santelmo.

Outros batalhadores se podiam citar na ilustração do quadro, porque em todas as raças e países apareceram no momento próprio. Mas não é necessário. Queremos apenas frisar o valor do sacrifício e apontá-lo àqueles que no Espírito encontraram rumos de calma e de alegria. Esses devem testemunhar a vitória obtida com a sua presença incondicional e disporem-se ao sacrifício para que o ideal se fortifique em presença de forças antagónicas. Sem ele não se firmam baluartes que possam responder com firmeza a quantos atiram pedras no intuito puro e simples de destruir as obras humanitárias.

Os caminhos que trilhamos são iluminados pelo sol da razão e não há potências temporais que os obstruam. Por isso avançaremos serenamente e prudentemente, apoiados na fé imensa que leva a todos os sacrifícios, para que o mundo se alteie em dignidade e honestidade e o homem se não curve em subserviência. Este é o programa dos discípulos do Mestre.

TIBÉRIO

pelo DR. CARLOS IMBASSAHY

(Correspondente em Niteroi, Brasil)

Por que Tibério? Que é que tem Tibério com os Estudos Psíquicos de que trata esta folha?

Esta é uma interrogação necessária, porque há muita gente que se encantona em determinado ângulo daqueles estudos e a ele limita as nossas indagações. Surguem daí as ideias pessoais e temos o Espiritismo transformado em pílulas, de que cada um toma a que lhe agrada. Até aí, ainda se podia admitir questão de gosto. Mas o pior é que eles pensam que o Espiritismo todo é aquela pílula e que a ela deve ser reduzido.

Ora, não há actividade mais complexa, mais ampla e que requeira mais vasto conhecimento que o Espiritismo. Ele, como se sabe, abrange os três grandes ramos de Religião, Ciência e Filosofia, e por isto se estende a quase todas, senão a todas as frondes do saber humano.

A História tem grande projecção nesses estudos e interessa, ao mesmo tempo, às suas três grandes ramificações. Assim, vemos que os fenómenos, registados na parte científica, se verificaram de todos os tempos e em várias regiões; quase não há relato em que se não verifique um facto metafísico; da vida dos povos, do seu comportamento, das suas ideias, tiram-se as provas dos acertos de nossa Filosofia; a parte religiosa nos traz, em História, grandes subsídios; nela encontramos a gênese das religiões, de como se desenvolveram; nela verificamos um factor comum, capaz de levar a humanidade a melhores dias; temos o vasto estudo das guerras religiosas, com suas funestas consequências, entre as quais a inutilidade da intolerância, atentado ao direito sagrado da consciência, como o prejuízo para a humanidade da exaltação religiosa sem o conhecimento ou com o desprezo do ensino primordial trazido pelos Mensageiros, o do amor entre as criaturas.

Entre as religiões estudadas no Espiritismo há uma que de perto nos toca, que é o Cristianismo. E Tibério merece especial atenção, visto que, sob o seu governo, é que foi condenado e supliciado Jesus, o Cristo.

Ora, Tibério tem muita culpa no cartório, mas, ao que parece, na morte do Cristo não tem nenhuma. O próprio Pilatos foi contrário àquela iníqua execução e procurou eximir-se da responsabilidade daquele crime lavando as mãos: — Inter innocentes lavabo manus meas.

Pensamos que não as lavou, mas vamos ao Tibério.

★

Augusto dominou em Roma durante 40 anos. Fizera-se estimado pelos soldados, com dádivas e estipêndios, e pelo povo com a distribuição de cereais. Isto sem falar na superabundância de diversões, o que entusiasmava os romanos.

Crê-se que o Imperador apontara Tibério para seu sucessor. Obrigara-o a repudiar Nipsânia, sua mulher, para casar com a filha dele, Júlia. E ele casou. Não sabemos quem tinha menos escrúpulos, se o sogro, se o genro.

Mas, depois, inclinava-se Augusto para os filhos de Agripa. E Tibério, generoso, para não criar dificuldades ao sogro, retira-se para Rodes. Nem queria ficar à beira-mar, para que os navegantes não o vissem. E ali quedava tranquilo, consultando astros e adivinhos. Já não era igual a tranquilidade dos pitões, pois quando lhes não inspirava confiança, viam-se precipitados de um rochedo.

Não obstante o seu desprendimento, morrem os filhos de Agripa, e logo perceberam nessa morte o dedo de Tibério. Afastado dos rivais, apresenta-se em Roma. O trono estava livre para ele.

★

Tibério Cláudio Nero nasceu antes do advento do Mestre. Fora a princípio nomeado questor em Roma e daí subiu ràpidamente.

Afastado Agripa pelo veneno, como se supõe, ele assume o poder romano; tinha 36 anos.

Ao tempo de Augusto é o que se podia chamar bom moço, apesar de já maduro. Repudiara a mulher, mas por ordem de Augusto; combatera corajosamente no Illyrícum e na Panónia. Depois que lhe morreu o irmão Druso, venceu os germanos. Augusto conferira-lhe o poder por 5 anos e mais tarde por dez, até que morre, e no ano 14 é proclamado Imperador.

Continuou a ser o bom moço. Era o tipo da prudência, da clemência, da generosidade. Chegava uma pessoa a espantar-se de ver tão belas qualidades num soberano.

No Senado, recusava humildemente a honra e o encargo que lhe conferiram, por haver tantos homens ilustres no país, capazes de arcar com um fardo digno do génio de Augusto.

Nas solenidades dava a direita aos Cônsules e quando eles se apresentavam em qualquer solenidade era o primeiro a levantar-se.

Procurou reformar os costumes; fechou tavernas, proibiu bebedeiras, abusos, tropelias, iniquidades; era dever do soberano — dizia ele — manter a paz, a ordem e a justiça. Ordenou que se aproveitasse tudo: nada de desperdícios; queria plena liberdade de palavra e de pensamento; podiam criticá-lo, censurá-lo, corrigi-lo, que os bons governos se faziam sondando a opinião.

E Will Durant nos diz na História da Civilização:

«A lua de mel de Tibério durou 9 anos, durante os quais Roma, a Itália e as províncias gozaram um dos melhores governos de sua história... Tibério encontrou no Tesouro 100 milhões de sestércios e deixou-o com 2 biliões e 700 milhões. Procurava corrigir a prodigalidade com o exemplo. E aos governadores mandava dizer: — o bom pastor tosa a lã do carneiro, e não lhe arranca a pele. Depois do terceiro ano do seu longo rei-

nado soube manter inalterável a paz do Império».

Isto foi a lua de mel. Este velhaco, conforme Tacito, logo deixou cair a máscara.

Augusto estabelecera uns legados que ele não pagou, e alguém, por graça, disse a um morto: — olha, vai avisar a Augusto que as suas últimas vontades não estão sendo cumpridas.

Tibério soube disto, pagou ao sujeito e depois mandou matá-lo, recomendando-lhe: — Vai levar a Augusto novidades mais recentes e mais verdadeiras.

Suprimiu as homenagens a sua mãe Lívia. Retirou a pensão que Augusto dera à sua mulher Júlia e mandou-a para o exílio onde ela morreu de fome; ordenou a morte de Sempronius, que a protegia vendo-a desquitada, e porque era seu sedutor.

Germânicus, seu parente, vencedor de várias tribos revoltadas é indigitado na Alemanha para dirigir o Império. Mas, sem ambições, acalmou as tropas e desistiu de investidura. Isto trouxe maior poularidade ao digno general.

Tibério, em vez de se encher de gratidão, encheu-se de susto e a cada vitória do valente cabo de guerra punha-se de mau humor. Afinal, resolveu afastá-lo da frente de suas legiões, vendo nele sempre perigo.

Clemens provoca uma insurreição e ele manda matá-lo secretamente num aposento do palácio. Essa revolta o põe mais temeroso e convida então Germânicus a vir a Roma receber homenagens.

Ao encontro de Germânicus dirige-se enorme massa popular, que o aclama como a um deus. E Tibério, cauteloso, remete-o à Síria, para onde ele vai com mulher e filhos, e põe-no sob as vistas de Cneius Piso e sua mulher Plancina. Esta, pior que o marido, era criatura de maus bofes.

Voltando de uma viagem ao Egipto, Germânicus sente-se mal, e declara aos amigos que é vítima do casal Piso. — Como soldado — diz ele — consegui escapar ao furor do inimigo para vir ser agora vencido pela insídia de uma mulher.

Houve grande consternação no Império, quando Agripina chegou a Roma com as cinzas do marido. Foi recebida pelo Senado e pelo povo.

Dizia Tácito: — «Quando suas cinzas foram depostas no túmulo de Augusto, ora o lúgubre silêncio assemelhava Roma a uma caverna, ora o ressoar dos gemidos a tornava um inferno».

E o culto a Agripina impressionava Tibério.

Piso é acusado e trazido ao Senado. O remorso, a vergonha ou o medo levam-no ao suicídio; sua mulher salvou-se graças à protecção de Lívia.

Tibério já não tem disfarces. Muito contribuiu para isso um cavalheiro romano, Sejanus, bajulador, hipócrita e mau, sob cuja influência caíu.

Aconselhou ele a Tibério fosse viver fora de Roma, para poder agir à vontade. Só se ia a Tibério por ele.

Enquanto em Roma os súbditos sofriam opressão e passavam miséria, Tibério se entregava aos prazeres de Capréia.

Havia espiões por toda a parte, os quais, para apresentarem uma boa folha de serviços, descobriam em toda a parte ofensas ao Imperador. Foram logo presos os filhos de Germânicus. Sabinus, Asinius Gallus e Syriacus são para logo executados. Druso é envenenado. Aumentavam as confidências do ministro com o Imperador e a cada confidência se seguia uma execução. Crescia o poder de Sejanus e já sobreexcedia o do soberano.

A esse tempo as maiores futilidades passaram a construir crime de lesa-majestade. E segundo César Cantu *(História Universal)*, houve cidadãos incriminados sem se saber de que condenados, ignorando-se o motivo.

Os suicídios realizavam-se em massa. Reunia ele a voluptuosidade à perversidade. Entregava-se aos prazeres físicos e gozava com a tortura que mandava infligir.

Em Capréia o clima era admirável como admirável o panorama, mas os esplendores da natureza, em vez de lhe mostrarem na arte divina o que é a realização do Bem, parece que lhe empederniam o coração.

Ele, o Regenerador, tinha agora predilecção pelos viciados. E havia indivíduos incumbidos de lhe descobrirem mulheres, tal como os encarregados de fariscarem objectos de arte.

Ficavam em má situação os pais que lhe não ofereciam as filhas, e ele então mandava apanhá-los, filhas e pais, aquelas para ele e estes para o devido castigo.

Os que o contrariavam ou ainda pareciam contrariá-lo, depois de martirizados, eram lançados ao mar. Às vezes punha o sujeito a tratos, por divertimento.

Por conselho de Sejanus, foi perseguida Agripina e assassinados os que lhe eram caros.

Depois que aquele ministro passou a chefe dos Pretorianos, seduziu Livilla, nora de Tibério, induzindo-a a envenenar o marido, e depois pediu-a em casamento.

Era mais temido que qualquer tirano, e se ràpidamente subiu, mais depressa caíu.

Satirus Secundus e a viuva de Germânicus acusaram-no de traição, e o Senado nem esperou a decisão de Tibério: condenou-o à morte.

Segundo, porém, a versão de Cantu, Tibério ressentia-se do seu poderio e conhecia sua ambição, que era a de substituí-lo no trono. Começou então a minar-lhe o prestígio e a denunciá-lo ao Senado. Lançou contra ele um filho de Germânicus, Caius César Calígula. Depois mandou executar dois senadores amigos seus e acabou pondo-o a ferros. O Senado fez o resto.

Seguiram-se muitas mortes. Foram sacrificados seus parentes e amigos. Por fim, iam ao cadafalso amigos dele ou não. Enviava indistintamente *ad patres*. Parecia ébrio de sangue. Iam ao patíbulo crianças, mulheres e velhos. Qualquer demonstração de pena pelos mortos, equivalia a uma condenação prévia.

Um dia alguém perguntou:

— Por que viverá Pacónius? E ao dia seguinte Pacónius morria sem que houvesse contra ele qualquer acusação.

Era quase um fenómeno morrer normalmente alguém de certa categoria. A cidade estava mergulhada em luto. Carmélius para evitar a tortura suicida-se e Tibério exclama pesaroso:

— Eis um que me escapa!

Quando posto a tratos, um infeliz lhe pedia que o matasse para abreviar-lhe o sofrimento, respondia-lhe ele:

— Eu não sou asim tão teu amigo para encurtar-te os tormentos.

Todos os presos foram mortos e seus corpos jogados na rua, para exemplo.

Como entrasse a perder o apetite, retirou-se em férias. Constou a Calígula que ele tinha mor-

ABORTO DELITUOSO

Por EMMANUEL

Comovemo-nos habitualmente diante das grandes tragédias que agitam a opinião.

Homicídios que convulsionam a imprensa e mobilizam largas turmas policiais...

Furtos espectaculares que inspiram vastas medidas de vigilância...

Assassínios, conflitos, ludibrios e assaltos de todo jaez criam a guerra de nervos, em toda a parte, e para coibir semelhantes fecundações de ignorância e delinquência erguem-se cárceres e fundem-se algemas, organiza-se o trabalho forçado e em algumas nações a própria lapidação de infelizes é praticada na rua, sem qualquer laivo de compaixão.

Todavia, um crime existe mais doloroso, pela volúpia de crueldade em que se efectua no silêncio do santuário doméstico ou no regaço da natureza...

Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade, nem braços robustos com que se confie aos movimentos da reacção.

Referimo-nos ao aborto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte dos próprios filhos, asfixiando-lhes a existência, antes que possam sorrir para a benção da luz.

Homens da Terra e sobretudo, vós, corações maternos chamados à exaltação do amor e da vida, abstende-vos de semelhante acção que vos desequilibra a alma e entenebrece o caminho!

Fugi do satânico propósito de sufocar os rebentos do próprio seio, porque os anjos tenros que repelis são mensageiros da Providência assomantes no lar, em vosso próprio socorro, e se não há legislação humana que vos assinale a torpitude do genocídio, nos recintos familiares ou na sombra da noite os olhos divinos de Nosso Pai vos contemplam, chamando-vos, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se vos expurgue da consciência a falta indesculpável que perpetrais à frente da Eterna Luz.

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

rido e então se fez aclamar pelos Pretorianos. Mas quando se soube que o Imperador ainda estava vivo, foi um verdadeiro corre-corre; espalhou-se o terror; qual se apresentava mais solícito, qual se mostrava mais fiél. Calígula sentia-se fulminado: quando esperava um trono via surgir-lhe a forca.

Havia, porém, um homem chamado Marco, matador emérito, o qual resolveu aplainar as dificuldades e mandou que sufocassem o homem com os travesseiros. Outros, porém, opinaram pelo veneno e assim foi feito.

Cantu não se refere a essa morte violenta. Diz apenas que o Imperador, receando o Senado, quis recolher-se a Capréia, e a caminho desse paraíso de sensualidade foi surpreendido pela morte. Estava-se a 16 de Março de 37.

Will Durant é pela travesseirada:

«*Em 37 deixou Capri, depois de 9 anos de reclusão e visitou algumas cidades da Campânia. Numa parada em Museno, na vila de Luculo, caíu com um ataque, desacordado. Imediatamente os cortesãos rodearam Gaio, o futuro Imperador, mas foram decepcionados com a volta a si do velho príncipe. Um travesseiro manejado a tempo resolveu o embaraço*».

O tirano morreu aos 78 anos, cansado pela idade e pelos crimes; o povo aturou-o durante 22 anos.

Dele diz Goldsmith em *History of Rome:*

«*In this manner he lived, odious to the world and troublesome to himself; an enemy to the lives of others, a tormentor of his own*».

«*E assim viveu ele, odioso para o mundo, penoso para si, um inimigo da vida dos outros, um atormentador de si próprio*».

O principal escopo deste artigo é apresentar o que nos diz o citado Goldsmith:

«*Aos 18 anos do reinado de Tibério, foi o Cristo crucificado. Pilatos mandou-lhe e ao Senado minucioso relatório contando a paixão, a ressurreição e os milagres do Cristo. Pilatos mostrava-se ainda favorável a que os romanos o considerassem deus, mas o Senado recusa a proposta, visto que ao Senado é que competia a superintendência em matéria religiosa. E ordenou que os cristãos deixassem a cidade. Mas Tibério não só fez surpreender a ordem como proibiu que os molestassem*».

★

Tibério foi um bom administrador; Roma viveu em paz; respeitou as atribuições do Senado, deixou o Tesouro em óptimas condições, fez justiça às províncias e impediu as exacções. Ao que parece, teria sido durante 5 anos o príncipe cruel como no-lo descreve Tácito, mas a sua benevolência para com os cristãos deve pesar na balança do seu julgamento.

★

Há quem julgue exageradas as acusações ao velho epicurista. Mommsen, por exemplo, nos diz:

«*Foi Tibério o mais hábil governante que Roma teve. Não houve infortúnio que em vida não lhe caísse sobre a cabeça. E depois de morto caíu-lhe em cima a pena de Tácito*».

Como cremos, seus primeiros anos de reinado reflectiram sincero desejo de governar com justiça. Vieram depois as crueldades. A Psiquiatria não teria dúvida em inscrevê-lo nalgum quadro nosológico. Nós o temos como vítima de terrível obsessão.

O DIREITO NATURAL E O ESPIRITISMO

Por JOAQUIM FERNANDES DE ALBUQUERQUE

Uma grande parte de pensadores e juristas sustenta que a concepção do «Direito Natural» perdeu toda a actualidade, por, segundo afirmam, não corresponder à realidade.

Essa concepção, que esteve realmente em voga no século XVIII, traduz-se no seguinte enunciado: *há um determinado número de princípios racionais, inerentes à natureza humana que, por isso mesmo, são imutáveis e permanentes, com os quais as regras de direito se têm de conformar.* Os jusnaturalistas vão até mais longe, pois fundamentam o direito objectivo no Direito Natural, não obstante a forte oposição que encontraram em alguns sectores, sobretudo nos meios afectos à «Escola Histórica» à frente da qual se encontrava Savigny. *Esta corrente oposta definia a sua posição dizendo que, sendo o direito um produto histórico e por conseguinte variável com a cultura, a raça, as tradições, e os costumes dos povos, não se podia conceber como imutável e permanente.*

Se colocarmos o problema no domínio da moral é-nos lícito perguntar se há princípios éticos imutáveis, e, portanto, com validade universal. Este é, como se vê, um assunto correlativo ao que é atinente ao Direito Natural.

Pese embora aos detractores do Jusnaturalismo, este é um facto, como o é também a existência de princípios éticos de carácter universal, quando de ordem Divina.

O Direito Natural é uma realidade perene. Os seus postulados permanecem idênticos a si mesmos no tempo e no espaço. É esta uma afirmação inplícita na moral cristã e foi ela precisamente que havia de operar a revolução que era inevitável nos conceitos ideológicos do paganismo.

Quem ousa impugnar o direito à vida? Ninguém, porque o seu fundamento se encontra na própria natureza do homem; é um Direito Natural, e as leis vigentes estatuem no sentido de o salvaguardar, advindo para cada um de nós o dever de o respeitar.

Quem ousa impugnar o direito de liberdade? Ninguém, porque ele se funda da mesma maneira na natureza do homem; é um Direito Natural e a Constituição da República assegura a sua intangibilidade, tal como faz em relação ao direito à vida, tal como em relação aos outros Direitos Naturais e que, na expressão civilista, são: o direito de associação, o direito de apropriação e o direito de defesa.

Tais direitos e os consequentes deveres têm «ab initio» carácter ético e depois natureza jurídica, embora, como não pode deixar de ser, de conteúdo moral.

A moral pagã, por excelência exclusivista, era, por essa razão, de privilégio. No mundo romano, «ab urbe condita», foi isso que, fundamentalmente, determinou a luta entre patrícios e plebeus, considerando-se, como é óbvio, que desse facto essencial promanassem outras causas mais chegadas: económicas, sociais, políticas, religiosas, etc.

Nem todos, portanto, eram iguais em direitos. A maioria, a plebe, não os tinha. *O excesso desta moral ia ao ponto de considerar os escravos, não como pessoas mas como coisas.*

Há, contudo, ainda outros aspectos: pela lei romana, a mulher que casava com um plebeu tornava-se plebeia, por muito elevada que fosse a sua condição social pelo nascimento; o casamento com um liberto não era considerado matrimónio, mas concubinato; a união com um escravo era simples concubinato. Assim, as mulheres cristãs das classes mais elevadas, que difícilmente encontravam esposo cristão da mesma categoria, ou não casavam, ou tinham que desposar nobres pagãos, ou cristãos de categoria inferior, com as respectivas consequências legais. *Porém os decretos matrimoniais do Papa Calisto, já no terceiro século da era cristã resolveram o problema: as diferenças de classes sociais não devem produzir esses efeitos gravosos entre fiéis, cuja igualdade religiosa é perfeita; devem, pois, os fiéis considerar honestas e lícitas as ligações entre as pessoas de categorias sociais diversas, embora a lei civil as não respeite de «justas nuptias».* Quer dizer: o casamento, instituição de Direito Natural, porque se legitima no direito de associação, só encontra plena relevância jurídica no Cristianismo, pois que, até então, sendo considerado pràticamente um privilégio de uma classe, a patrícia, como classe mais elevada, não tinha a consagração que devia ter e que só encontrou com verdadeira e luminosa projecção nos ensinamentos do Mestre Divino.

O Cristianismo tem, pois, duplo significado.

Em primeiro lugar, a redenção do oprimido, do humilde; vem dizer-lhe que todos sem excepção são iguais em direitos e deveres, porque, da mesma forma, todos são filhos de Deus.

Em segundo lugar, a dignificação da Pessoa Humana, estabelecendo, como consequência, que esta é irredutível.

Desta maneira, através da Revelação Cristã, ganham consistência direitos e deveres morais que antes existiam, apenas potencialmente, em relação a uma grande maioria (a plebe, como já foi dito), mas de facto e de direito em relação a uma minoria egoísta, a dos patrícios, como resultante de uma moral igualmente egoísta, a pagã. Esses direitos e deveres morais são de origem divina, enquadrando-os o Espiritismo na designação de «Leis Naturais», bem como às leis científicas.

O Cristianismo define integralmente, como se depreende do exposto, a concepção do Direito Natural que, só muito, mas muito mais tarde, encontra expressão na «Declaração do Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789», base de todas as reformas legislativas motivadas pelo movimento constitucionalista, que deu origem a que as leis fundamentais das nações, sobretudo as civilizadas, consagrassem os princípios que estruturam a referida concepção, que se mantêm e hão-de manter bem definidos através dos séculos.

Não é lícito, portanto, que, em nome das leis de Deus, se negue o carácter permanente ao Direito Natural e consequentes princípios éticos, donde é legítimo concluir-se, à luz do Espiritualismo, e particularmente do Espiritismo, que ele teve, tem e terá sempre actualidade, pois que transcende o domínio das concepções humanas.

Os Enigmas e a Teoria do Mérito

por JORT

Todos os enigmas examinados pela Teoria do Mérito reintegraram-se e tomaram os seus lugares como meios indispensáveis à grandiosa aventura involução — evolução, *permitindo assim ao ser formar a sua identidade, a sua personalidade em completa autonomia e chegar à perfeição aureolada pelo seu* mérito.

É a mais bela e magnífica empresa que se pode imaginar. É a única que justifica a vida miserável do homem no mundo sem macular a Perfeição do Criador.

Vamos examinar alguns enigmas:

A não presença tangível do Criador na Vida Terrestre dos seus Filhos

A Teoria do Mérito encerra uma condição sine qua non.

Sendo a Perfeição um fim a atingir, só se pode situar no fim da prova e não no seu decurso.

Para conseguir pleno mérito, transformando em virtudes os vícios, os contrastes e os instintos ancestrais que nele permanecem colhidos através das vidas inferiores, o ser deve lutar e vencer e é nisto que reside o seu mérito.

Assim a teoria do mérito justifica racionalmente a ausência tangível *do Pai entre os seus filhos. Deus é imaterial em sua essência; só os seres perfeitos podem compreender e traduzir o seu pensamento. Quanto aos outros, captam apenas a parcela de verdade correspondente ao seu estado evolutivo. Portanto, o Além é perceptível pelos seres cuja chama imortal brilha e vibra, como dissemos, em estados diferentes que variam segundo o Mérito e o esforço de cada um. É por isso que a terra parece uma galé munida de escola e enfermaria. Qual é o pai, tendo mesmo consciência média, que deixaria o seu filho sofrer e morrer, quando poderia fàcilmente salvá-lo e dar-lhe a felicidade?*

A dificuldade da prova da Imortalidade da Alma

Esta dificuldade, embora aparente, é mais conforme à Teoria do Mérito.

Todas as almas, ainda as mais simples e ignorantes, recebem esta prova... segundo o seu Mérito. Recebem este maravilhoso viático que se transforma em certeza, *na medida do seu esforço para o* bem. *É esperança recusada aos que não fizeram esforço algum e dão livre curso aos seus baixos instintos.*

Por outro lado, se o homem não se inquietasse com o que o espera deixaria de lutar e a evolução deter-se-ia.

A aproximação da vitória é que lhe dá a revelação da sua esmagadora superioridade e a grandeza da recompensa.

Os espiritistas têm factos cientìficamente comprovados, mas certos fracassos sofridos neste particular deveriam compreender o axioma: Nada se dá, tudo se adquire... *(evidentemente pelo* Mérito).

Deus é exemplo de toda a força e nenhum constrangimento obrigará a criatura a seguir a estrada que tenha escolhido livremente. Bem e mal, verdade e mentira ser-lhe-ão outorgadas em profusão, mas em doses iguais, respeitando a Lei do Amor, portanto de justiça e de liberdade individual.

O porquê das erupções vulcânicas e os cataclismos

As erupções vulcânicas, sismos, etc., são acontecimentos que se repercutem há milénios e resultam da revolução e evolução terrestre.

É preciso não esquecer que tudo é vivo na natureza e tem consciência relativa ao seu grau evolutivo, pois tudo procura atingir a desejada perfeição.

Os seres humanos que habitam nas regiões onde se produzem estes acontecimentos são livres, assim como os habitantes das regiões pacíficas; e apesar da frequência destes cataclismos verificamos que espécies de tendência humana habitam essas paragens e persistem nelas de geração em geração.

Pensou alguma vez o homem no seu peso, quando esmaga um formigueiro e destrói milhares destes pequenos seres que só pedem que os deixem trabalhar para viver?

As epidemias, as guerras e as catástrofes

Porque é que há sempre novidades, à medida que a ciência encontra o remédio para uma doença?

Porque é que em cada dia, em cada instante e em cada sector da vida social humana há ódio, maldade *e* inveja?

Todos reclamam os seus direitos, mas poucos reclamam os seus deveres e este desequilíbrio provoca e traz os gérmes nocivos correspondentes, traz doenças novas, epidemias que aparecem no fim de cada guerra (gripes espanholas, italianas ou asiáticas, etc.).

Não esqueçamos que o pensamento é criador; e segundo a orientação que o homem lhe der receberá inevitàvelmente o choque de retorno da sua própria emissão.

As guerras são a liquidação dos erros passados, as colheitas das más sementeiras. Elas não provêm de Deus, mas são o resultado de

sentimentos perversos e egoistas do homem.

A mesma força gregária criada por uma multidão que semeou a morte e a destruição na sua passagem reuni-los-á para suportar aquele choque de retorno, porque toda a vibração está sempre ligada ao seu foco emissor e assim nenhuma insjustiça poderá ser consumada.

O porquê das mortes prematuras

Para falar de morte prematura é preciso primeiro ter conhecimento do compromisso tomado pela alma ao reencarnar na terra. Qual foi a sua missão? E se a missão terminou, porque a obrigam a permanecer nesta galé?

A morte física é um simples nascimento espiritual.

Na natureza só há transformação. Todo o começo é fim de qualquer coisa e todo o fim é começo.

É o mesmo que reside em nós: vida-morte, vigília-sono, juventude-velhice.

Os últimos tornam-se os primeiros e vice-versa...

A evolução prossegue na lei da alternativa visível-invisível e a morte é apenas paragem para que a alma examine a sua colheita ou tome nova orientação para melhor aperfeiçoamento.

Porque sofrem provas terríveis os homens de génio votados ao bem da humanidade?

Eis uma prova convergente da teoria do mérito.

As almas de eleição que compreenderam o dever do homem votado ao bem da humanidade escolhem missões difíceis e provas múltiplas antes da sua encarnação, para adquirirem o maior mérito possível. Para a teoria do mérito, os Senhores do Karma não são mais do que executores testamentários.

O fim da alma ao encarnar não é motivado por desejo de passar um momento agradável na matéria (à excepção das almas atrasadas), mas para evolucionar o mais possível, aumentando a sua força espiritual através das provas e dificuldades materiais.

O alvo da nossa passagem pela terra não é felicidade. O principal objectivo da alma é romper as cadeias reencarnacionistas.

A humanidade apresenta grande variedade de sofrimento para todos, no sentido de mostrar como é pouco fundada a esperança, tão obstinadamente acariciada, de se ser feliz neste mundo. Mas, graças a estas provas e estas lutas é que a alma forja, pelo próprio mérito, a sua grandeza e felicidade final.

Portanto, só o seu desenvolvimento, o seu ascenço na escala da perfeição a poderá conduzir à felicidade.

Simples, claras e definitivas foram as explicações dadas para todos os enigmas da teoria do Mérito. Os outros enigmas da vida estudados por esta teoria serão igualmente solucionados.

Chegamos ao termo do nosso exame.

Os enigmas rejeitados pelos construtores das outras teorias, na impossibilidade de as adoptarem aos seus desígnios, são pedras angulares na teoria do Mérito. E entre hipóteses bem longe de ser demonstradas e um facto experimental que contradiz a hipótese, nenhum investigador sincero hesitará: é preciso escolher a hipótese confirmada pelo facto e pela experiência.

No fim de contas é nova luz *para a humanidade e cujas raízes entroncam em Deus, entidade suprema, Perfeição Absoluta.*

A nosso ver é a revelação mais importante feita ao homem e susceptível de contribuir para o seu desenvolvimento espiritual.

Ela responde maravilhosamente às três perguntas que resumem toda a filosofia relativa ao homem.

Donde vem?
Porque veio?
Para onde vai?

E designa também de maneira muito particular o Mestre Jesus — Ecce Homo — *o Homem Perfeito que, além disso, o confirma ao proclamar:*

«Venho do Reino de meu Pai que está nos Céus».

«Depois de ter cumprido a missão que escolhi em completa liberdade e conhecimentno... (O Pai ama-me porque eu dou a minha vida... a fim de a retomar... tenho o poder de a dar e de a retomar». (João, 10, v. 17-18).

«Morrerei e voltarei ao nosso Pai ao terceiro dia». (Involução — Evolução — Perfeição).

«A minha missão é um acto de Amor dedicado a meu Pai que é todo Amor...»

Quais as conclusões a tirar deste ensinamento de elevação moral jamais atingida por qualquer doutrina, religião ou filosofia?

Outros mais qualificados deveriam lançar mãos a esta faina para servir de orientação a todos os espiritualistas e materialistas da terra e concluir a obra do Mestre Allan Kardec.

A primeira conclusão a tirar é que tudo contribui para a elevação do ser, para o seu aperfeiçoamento.

Portanto, só a teoria do Mérito teria levado Leibniz a afirmar racionalmente e definitivamente que «tudo é pelo melhor no melhor dos mundos», *sem recorrer à palavra «possível», para desculpar Deus de ter incluído o Mal no seu programa.*

E para terminar queremos citar Paul Brunton:

«O aspirante a filósofo deve seguir a verdade em toda a parte. Se trair a sua penetração racional, se se mostrar infiel ao seu ideal e sucumbir às ideias preconcebidas *e sedutoras que lhe exigem um* vil conformismo, *condena-se a permanecer sempre na ignorância».*

(De «Forces Spirituelles»)

A VIDA DE ALÉM-TUMULO

(Conferencia Improvisada e captada em magnetofone)

por ISIDORO DUARTE SANTOS

2

A rapidez e a lentidão são meras noções de tempo ligadas ao movimento do nosso planeta. Se não pudéssemos aferi-las seriam vazias de sentido.

A radiação da matéria orgânica dá-nos, por exemplo, a aparência de imobilidade. Uma porta, uma cadeira, uma casa, uma montanha, parecem imóveis, mas radiam vertiginosamente. Ora as vibrações astrais são muito mais rápidas que as vibrações físicas, mais altas que as altas frequências electromagnéticas, embora de extremos desiguais. Esquematizando esta ideia verifica-se que na terra a alta e baixa frequênica se confinam em pontos limitados, ao passo que no Além estas frequências abrangem enormes amplitudes. Entre a alta frequência terrena e a baixa frequência astral, a diferença ou a distância, digamos assim, é muito menor do que a distância que vai de um extremo ao outro da região em que se confina o mundo espiritual.

Estes elementos podem levar-nos à compreensão do invisível e suas relaçções com os humanos.

Para estudar qualquer região ou povo temos de atender a determinados elementos geográficos e climatológicos, não esquecendo a etnografia e as relações com outros povos e regiões.

Mas o Além não é lugar, não é país, não é região que se possa localizar. As suas dimensões não são espaciais. São vibratórias e, perànte a concepção física, as formas energéticas podem determinar-se em função temporal, única maneira de as concebermos sem grande dificuldade.

As ondas electromagnéticas, geralmente utilizadas na T. S. F. e na radiodifusão, estão ao alcance de qualquer estudioso. Todos ouviram falar em ciclos, quilociclos e megaciclos-segundo, em função de tempo; e para além deste mundo que muitas pessoas consideram imaginário, está o mundo psíquico com radiações próprias e semelhantes. A linguagem humana está ligada a premissas, sem as quais tudo seria incompreensível.

★

A distância quilométrica mede-se em intervalos de espaço-tempo e não podemos abstraí-la, quando nos referimos à geografia astral, embora aqui equivalha a graus de frequência.

Em qualquer viagem há serras e planícies que oferecem mais ou menos resistência à marcha do viandante. Há rios e lagos, florestas e oceanos e chegamos ao destino ao cabo de certo tempo.

No astral há graus de vibração, desde o baixo ao alto e vice-versa. Quem souber passar de uns a outros viaja com grande facilidade.

A água — combinação química de hidrogénio e oxigénio, na proporçção de 2 para 1 em volume e de 1 para 8 em peso atinge a maior densidade a 4° positivos, e congela-se a 0 graus; mas a 100° passa à forma gasosa. São três estados conhecidos, mas não podemos afirmar que não haja muitos outros que escapam à Física actual. Portanto, a mesma substância partilha dos elementos inerentes a cada estado.

Quando abandonarmos o invólucro material partilharemos também de um mundo adequado aos nossos meios, onde muitos seres vivem e se reproduzem, obedientes à lei de atracção universal.

A linha evolucionista abrange todos os mundos possíveis e imagináveis e cada ser é atraído para a situação que lhe é peculiar. Não basta desejar isto ou aquilo; é necessário merecê-lo. A lei regula todas as circunstâncias e limita pequenas e grandes aspirações.

Na terra há posições sociais que fixam os indivíduos em ambientes que lhes são impróprios. O mesmo não sucede com as posições mentais. Depois de se aperfeiçoar o intelecto, o homem sente-se atraído para o seu mundo próprio. Quantos não trocaram a rudeza dos campos pelas belezas da meditação e do estudo?

Assim, o pensamento emitido atrai pensamentos similares, independentemente de esforço e tempo. Segue a sua rota, é por vezes interferido, mas acaba por atingir o alvo ou ligar-se a outros de igual frequência.

Pode agora compreender-se o valor da prece e a sua eficácia num momento crítico da existência. Embora não dê o que se impetra de entidades espirituais evolucionadas, harmoniza e produz choques estimulantes.

Esta particularidade é talvez a sua maior vir-

desejar isto ou aquilo; é preciso que o mereçam. tude, movida sempre em campo relativo. De outro modo não se conceberiam biliões de pedidos feitos, cuja satisfação forçaria a imutabilidade das leis e reduziria a caos o mundo moral.

Cada alma limita-e, pois, ao seu campo de acção, relativamente ao grau de desenvolvimento. Não pode haver absorção nem atropelo. A lei inexorável circunscreve uns e outros, cingindo-os a estádios próprios, embora lhes permita movimentos variados. Assim, o que está em cima interpenetra o que está em baixo, mas a recíproca não se verifica. O ser evolucionado pode visitar os seus inferiores e confraternizar com eles; os inferiores é que não podem ascender à frequência imediatamente superior.

Como se vê, a própria lei evita a intromissão de espíritos atrasados em mundos superiores, a fim de manter o equilíbrio moral.

Este problema deve olhar-se positivamente, afastando misticismos que nos levariam a incompreensões e eu estou a raciocinar sobre estudos vários, no desejo de iluminar um esconso que tanto preocupa a humanidade. Há espíritos que viveram juntos na terra e que seguiram linhas diferentes. O mais denso em vibração está sujeito à vontade do outro. Por isso algumas entidades se lamentam em suas mensagens de não encontrar alguns entes queridos.

Um ocultista apresentou o exemplo de grande crivo ou muitos crivos de tamanho variado para classificar o carvão. «O carvão grande é detido pelo primeiro crivo; o de tamanho imediato, pelo segundo, etc., etc. O carvão maior não penetra nos crivos menores, mas os menores penetram fàcilmente e reunem-se aos grandes, se forem impulsionados». Aplicando o caso aos espíritos, vemos que os de maior densidade são detidos em certos mundos, ao passo que os outros, uma vez escoimados das impurezas que os impedem de ascender, adquirem frequências extraordinárias que lhes permitem entrar no «alto» e no «baixo», dando alegria aos amigos mais atrasados.

Há, porém, uma situação vedada à maioria dos espíritos. Refiro-me à situação dos que entraram no sono reparador e em cuja zona só podem entrar seres elevadíssimos.

Como se vê, a questão não é de lugar, porque os estados vibratórios interpretam-se mùtuamente sem ocupar espaço algum.

*

Já me referi à situação dos dormentes que, antes da morte, entram em coma e, depois da morte, experimentam verdadeiro sono reparador. Disse também que os seres que tiveram morte violenta, suicidas, assassinados, electrocutados ou decapitados raras vezes carecem de sono, em virtude de permanecerem conscientes, julgando-se na terra, e daí as casas «assombradas» por antigos moradores que ignoram o trespasse, tal a semelhança da sua «região» com as que abandonaram.

Mas na *zona dos dormentes* faz-se sentir a presença de seres abalizados, cuja missão tem o fim de proteger essas almas e orientá-las para o mundo ou situação que lhes é favorável.

As várias zonas terrenas mais ou menos salubres têm correspondência no mundo astral. Quantos há que permanecem densificados e cujas vibrações afastam as almas puras! Pode-se dizer que vivem num autêntico inferno a que só descem as brigadas de socorro de que fala «André Luís», espíritos elevados que abandonaram seus interesses para se dedicarem à salvação dos outros.

Tenho dito muitas vezes que o Astral é imagem do Material, que se reflecte em todas as coisas. Cada objecto tem o seu duplo. E assim como alma e corpo reagem, a ponto de os considerarmos unidade perfeitíssima, da mesma maneira o baixo da terra e o alto do astral ou de outros mundos reagem entre si, porque a vida espiritual depende das nossas ideias e desejos, tendentes à manifestação real.

Os primitivos bárbaros, uma vez fora da matéria, reflectem ideias ou desejos da sua vida passada, segundo as suas crenças ou tradições e para eles a ideia de céu ou inferno é pouco mais ou menos igual à que tinham na vida terrena. O mesmo sucederá com os homens civilizados e com os investigadores psíquicos. O que for bom para o espírito culto pode ser mau para o atrasado. É que os espíritos primitivos vivem entre noções de bem e mal sem as compreender totalmente.

Nos ambientes físicos cada ser se adapta ao clima e nele vive sem dificuldade, exercendo a acção de harmonia com o temperamento. Se mudarmos de ambiente notaremos o choque na proporção da sensibilidade.

A PROJECÇÃO MENTAL

No Astral não há ambientes deste género. As almas constroem os seus cenários através de projecções mentais. Todas trazem o seu. Basta imaginá-lo. Basta fixarem-se nele com força de vontade para que seja plasmado.

Começa aqui o grande problema. Na terra também temos projecções deste género. Podemos plasmar o pensamento, como demonstrou o Comandante Darget, que obteve fotografias transcendentes sem auxílio de máquina. Colocou a mão sobre uma chapa sensível em plena escuridão e plasmou o pensamento traduzido num objecto qualquer: um livro ou uma garrafa.

Com efeito, há muitos espíritos com ideias e

gostos semelhantes. Possuem o mesmo cenário e foram atraídos para mundo semelhante e transmitem-no telepàticamente e psicogràficamente ao médium local. Temos conhecimento desses fenómenos em nossas sessões experimentais.

Na terra o ambiente influi no indivíduo, chegando, às vezes, a modificar o carácter. No Além o espírito é que plasma o seu ambiente, de harmonia com o temperamento, as crençaçs e as aspirações. Logo que desperta do sono reparador, cada qual é atraído para o meio que lhe é peculiar. Os índios, os negros, os hotentotes encontram quadros de vida harmoniosa que fazem lembrar florestas, animais de caça, rios e montanhas que plasmaram mentalmente e neles vivem, em perfeita continuidade, e neles encontram uma flora variadíssima que se fixa na memória de uma raça atrasada.

E nós também temos as nossas plasmações. Lançando uma vista rectrospectiva pelos nossos sonhos, vislumbramos cenários de vida estuante e fechamos os olhos para vê-los melhor. Quantas e quantas vezes essas impressões nos acompanham pela vida fora! E as da infância ainda são mais incisivas. Cingem-se mais à memória.

Nos sonhos, por exemplo, convivemos com seres como se fossem reais; e há quem afirme que os sonhos que não terminam são sonhos verdadeiros, embora seja difícil prová-lo.

Meditando na essência da vida temporal somos levados a crer que o mundo fenoménico é semelhante ao dos nossos sonhos e não temos possibilidade de os destrinçar totalmente. É que há sonhos de grande realismo que nos fazem gozar ou sofrer. Alguns deles são tão incisivos, que deixam vestígios indeléveis.

★

Estou convencido de que os espíritos encarnados buscam no sonho elementos indispensáveis à vida. Da mesma forma os espíritos libertos adquirem novos sentimentos, confraternizando, estudando e confabulando com os seres terrenos. É um comércio providencial que esbate o orgulho e estimula a dignidade.

Ganhamos sempre alguma coisa no esforço realizado para o bem. De resto, ligando-nos aos que desejam ascender, alijamos alguma coisa da natureza inferior que nos densifica e mais nos prende à crosta.

O progresso impele as almas, não as deixa estratificar. Em todas as esferas se manifesta, sujeito à imponderabilidade suprema.

Os espíritos atrasados reencarnam mais depressa. A lei de atracção não os deixa muito tempo em sonolência e são levados para os corpos que os aguardam, a fim de continuarem a jornada dos séculos. Nova lição de harmonia com o seu carácter e o seu avanço moral e espiritual. Mas tudo isto é lógico e justo. A cada um segundo as suas obras.

O que vemos e tocamos com os sentidos materiais é sonho do absoluto, como lhe chamam alguns filósofos. E talvez tenham razão. Afinal, que é a terra? Que são estes objectos aparentemente imóveis a que chamamos coisas materiais, senão o pensamento divino transcrito na mente, mas que pode metamorfosear-se ou transformar-se, como a água se transforma em gelo ou em vapor? São tudo estados vibratórios. O *lugar* não deve existir e as vibrações terrenas devem ser função dos sentidos.

Os espíritos pouco evolucionados de que falei adquirem hábitos de camaradagem e sentem-se felizes ao verem irmãos à sua volta. É a ligação perene de que o homem e o espírito necessitam. Aqueles têm o que desejam e ainda podem comunicar com os entes que deixaram, porque nessas tribos atrasadas a parte material suplanta a moral e o ódio evidencia-se nas lutas da matéria. E cada estágio nessa situação vai extinguindo as escórias que impedem a ascensão.

AS CRENÇAS RELIGIOSAS

As crenças religiosas exercem grande influência no mundo astral. Podemos dizer que em todos os tempos houve um liame a unir entre si as diferentes religiões, pelo menos na crença em Deus. Todas o afirmam peremptòriamente, assim como a verdade da sobrevivência da alma.

E a crença de que a vida futura depende das acções individuais na vida terrestre. Tudo isto são axiomas. Não podemos impugnar estas verdades; mas da sua verificação três verdades mais fortes se evidenciam:

1.ª — A alma, que é imortal, é também infinita em relação ao seu fim grandioso.

2.ª — O princípio vital está oculto em tudo e pode ser desocultado, mediante aparelhos adequados. Refiro-me aos médiuns que servem a pesquisa científica.

3.ª — Cada um é artífice do seu futuro.

Entramos asim numa faceta diferente. Já não há o castigo de Deus, porque Deus não castiga, nem perdoa. Deus é a Lei imutável. Portanto, não há súplicas, não há choros, nem ranger de dentes, que a possa alterar.

E novamente a prece entra em foco, com o seu valor relativo. A melhor prece é o amor e o trabalho, a renúncia às frioleiras nos envolvem e crucificam. Esta é a prece melhor.

O trabalho constante de aperfeiçoamento moral e espiritual está na sua base, avançando sempre, pesquisando e superando os próprios passos.

Esta é que é a verdadeira prece que o espiritista ou não espiritista devem fazer a cada instante, desdobrando-se em trabalho útil. Assim, sim; assim poderemos subir ràpidamente.

Dir-se-á que estas concepções são humanas, mas há nelas muita lógica e não é preciso grande esforço para a sua demonstração.

O homem tem intuição de um poder mais alto. Pode não ter conhecimentos biológicos ou filosóficos; pode ser até analfabeto; todavia esta circunstância não colide com o bom senso. O alfabeto é um meio de adquirir conhecimentos, mas há outro alfabeto muito mais belo, vasto e luminoso, que nos leva à compreensão de mistérios que a ciência ainda não descortinou, apesar da sua grande autoridade.

O homem fez imagens, manipulou-as e esculpiu-as, atribuíndo-lhes depois certo valor, de harmonia com a sua crença. Esta ideia tem ressaibos de idolatria e veio de tempos remotos sem porção de realidade implícita; mas à força de pensar e meditar o homem transmitiu-lhe «qualquer coisa» do ponto de vista mental. E ao cabo de alguns anos as gerações sucederam-se e, ligadas àquela ideia, formaram-se correntes vibratórias e já não era só a ideia que ali estava. Algo a envolvia que partira do espírito dos adoradores para se aproximarem de uma divindade ou de princípios mais altos e mais fortes.

E assim vemos que a imagem não é mais que a personificação de uma força intangível.

A fé religiosa baseia-se, pois, em certos postulados durante alguns períodos de evolução, mas as crenças modificam-se e trocam-se por outras mais lógicas. Quantos não há que foram católicos e protestantes e hoje são verdadeiros espiritistas! Incoerência? Talvez produto do raciocínio que na história dos ídolos derrubados encontra bases sólidas. Deuses nasceram e cresceram, deitando abaixo os ídolos primitivos.

A ciência está cheia desses ídolos, mas nem por isso durante séculos deixámos de acreditar nos seus postulados. Depois o tempo foi corroendo a base desses monumentos fictícios e os passaram a pseudo-sábios. Estas crenças têm igualmente o seu lugar no Além.

Alguns espíritos falam delas em nossos trabalhos mediúnicos; e quando lhes apresentam certas verdades superiores ficam chocados, não têm preparação suficiente para compreendê-las. E dizem que não pode ser e que é mentira, porque não podem asimilar essas coisas transcendentes.

★

Os desencarnados não se modificam de um momento para outro. Digo isto, porque há pessoas bem intencionadas crentes de que a morte física dá ao espírito elevaçção e conhecimento. A evolução é demasiado lenta, principalmente acerca de sentimentos e de emoções. Desde que se saiba querer poder-se-á ser talvez um bom físico-químico, um bom médico, um bom engenheiro. Mas se lhe disserem: «Reforma o carácter e o temperamento», ele não o consegue reformar ràpidamente, embora tenha boa vontade.

Por isso as vidas sucessivas são fases de vida longa, porque a vida é eterna. É evidente que tudo isto está em relação com o nosso sistema planetário. Encarnaçção e desencarnaçção são fases de vida. O sono do dia e da noite é uma espécie de ilusão da morte. Entramos em coma e não podemos precisar o momento exacto do nosso e só adquirimos consciência ao despertar. Com a morte dá-se coisa semelhante. Ninguém sabe que vai morrer. Pode ter a presciência, pode ter a intuição, mas não dizer «eu morro» ou «estou a morrer». Não pode. Entrou em coma, entrou em confusão mental. O coma devia bendizer-se, porque é analgésico que surge na hora própria. É o analgésico da morte. O que custa é a doença dolorosa. A morte é indolor. Assim, no Além, as almas encontram ambiente religioso — dizia eu —, têm o seu céu ou o seu inferno em forma de miragem, sem relação alguma com a verdadeira realidade.

Não sei se já observaram este fenómeno. Em pleno deserto surge um lago, uma fonte a correr, mas não passam de miragem. Não foi projecção, que é de género diferente. Mas no Além as almas de sentimento religioso têm céu e inferno. É uma forma-pensamento de mais ou menos duração que persiste nos devotos; e assim como alguns pedem velas para seu descanso, demonstrando que morreram imbuídos de ideias desse quilate, também outros levam a projecção mental do que pensaram na terra.

O astral é um mundo de ideais. O cristão ou o materialista encontram nele o que lhes sugere a sua crença. E o maometano e o budista e o brâmane. Mas não há lutas religiosas. Cada um se confina no seu campo ou no seu sistema e esquece o resto. Quer dizer: na terra vive-se um ideal e projecta-se não sabemos onde, mas faz-se dele um viático. E pode haver outro e outro e outro ... Mas, quando se entra no astral, o lema mais belo e o ideal mais alto é a legenda desse momento.

Portanto, as almas desenvolvem grandes projecções religiosas e quando reencarnam aperfeiçoam os credos que escolheram.

(conclui no próximo número)

O ESPIRITISMO NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

I

BRASIL — Centro do Espiritismo Mundial

Ao tentarmos estudar o movimento espirita nos diversos países, logo de início um facto chamará a nossa atenção: ser o Brasil o que apresenta, em relação ao número de habitantes, maior número de discípulos de Kardec, número que cresce dia-a-dia, sem parar!

Tendo o Espiritismo codificado nascido em França, seria lógico que fosse na pátria de Molière que ele estabelecesse seu *Quartel-General*. Mas não: precisamente foi longe dos *boulevards* trepidantes de Montmarte, das margens sonhadoras do Sena, quase do outro lado do planeta, em vasta região da América do Sul, que essa doutrina encontrou sua segunda pátria, afinal sua verdadeira pátria!

Porquê? Sim, por que motivo foi aí que se estabeleceu um verdadeiro foco de espiritualidade, onde operários e engenheiros, escritores e deputados se encontram irmanados na defesa do mesmo Ideal?

No livro «Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho» procura-se dar resposta a tais inquirições. Na referida obra, psicografada por Francisco Cândido Xavier, afirma-se que o Cristo, nos fins do século 14, decidiu descer à Terra, embora desmaterializado, para ver com seus próprios olhos o grau de avanço espiritual do nosso planeta. Percorreu assim dezenas de nações, mas à medida que ia avançando na sua estranha viagem mais seu coração se enchia de luto ao verificar que os homens continuavam guerreando-se, e o «amai-vos uns aos outros» continuava apagado em seus corações! Transmitiu a Helil — um dos seus mensageiros — suas dolorosas impressões do que acabava de ver na Terra. Helil aconselha então o Cristo a visitar outros continentes mais jovens, onde a ambição dos bens materiais não tenha subjugado o coração dos homens. Helil e o Cristo dirigiram-se ao continente americano e depois de percorrerem todo o Norte, a sua atenção concentrou-se em vasta região do Sul.

— É aqui, nesta terra bendita e maravilhosa, que meu Evangelho irá reviver — disse Jesus. É ali que os povos aprenderão a fraternidade universal.

Alguns anos após estes factos, Helil, o fiel mensageiro, encarnou com a nobre missão de preparar o terreno para que os desígnios do seu Senhor se concretizassem! Estava-se em 1394 e Helil encarnou como filho de Filipa de Lencastre e João I. Foi o Infante de Sagres, que impulsionando uma das épocas mais brilhantes da história pátria — a dos Descobrimentos — iria contribuir para a formação desse foco de espiritualidade. Não vamos descrever o livro citado— «*Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho*» — pois, além de extenso, pouco viria adiantar. Embora considere interessante e digno de nota a explicação referida, acho que ela não está livre de sérias objecções. Com efeito, mesmo admitindo que no século 14 se deram no Além os factos atrás referidos (e eu tenho escrúpulos em os admitir), pergunto:

1.º — Por que motivo o Cristo e Helil, ao percorrerem o continente americano, não se quedaram no Norte, e, pelo contrário, só no Sul foram capazes de encontrar essas terras, onde *espíritos jovens e simples aguardavam a semente de uma vida nova?* Se começassem pelo Sul, compreenderia tal atitude, mas iniciando a viagem pelo Norte, qual a razão por que o povo deste lado do Equador os não interessou? Não eram também *espíritos jovens e simples?* Eram! Não *aguardavam* eles também a *semente de uma vida nova?* Aguardavam! Então, por que estranho capricho Helil e o Cristo fecharam simultâneamente os olhos a tais factos? O autor do livro responde com o silêncio a todas estas interrogações.

2.º — Se o Cristo e Helil estavam fartos da incompreensão dos homens, da sua manifesta inferioridade espiritual, dos homens que preferem as grandezas do mundo às riquezas do espírito, por que motivo não se voltaram para a milenária Índia, onde a cultura do Ocultismo faz parte quase da vida quotidiana? Não estaria esse povo, melhor do que outro qualquer, preparado para receber a luz de um Novo Espiritualismo que iria ser implantado? Por que motivo este lamentável esquecimento? O autor do livro também não responde a estas inquirições.

Nota-se desde a primeira à última página uma tentativa, ainda que inglória, de explicar (?!) por que o Brasil é hoje a verdadeira pátria do Espiritismo! Quer-se ver nisso uma obra do Cristo; como, geralmente, quando nele se fala, todos aprovam, o livro tem tido aceitação geral, sem maiores discussões.

No entanto, ao tentar procurar a causa de ser o Brasil o foco do Espiritismo Mundial, segui caminhos diversos, baseados em Leis Psicológicas e verdades históricas e geográficas, e não *exclusivamente* comunicações, sempre de difícil ou impossível verificação!

Como os leitores sabem, a Dor tem sido a mola real do Progresso, e sem ela — já pensaram nisso? — bem diferente seria o mundo que nos rodeia. Sem a dor, os homens teriam feridas, hemorragias, lesões internas e não poderiam ter o aviso de que um órgão estava infectado, de que uma ferida danificava sua pele. Vejam, por exemplo, o martírio de uma menina inglesa, de que os jornais contam a história, num telegrama de Londres datado de 28 de Fevereiro de 1960. Logo de pequenina fracturou um tornozelo, mas como não sentia dor, quase nem deu por isso! Continuava brincando despreocupada, e se não fossem seus pais notarem que ela coxeava, certamente andaria por muito tempo com uma lesão oculta. Quero ainda acrescentar que os médicos encarregados de estudar tão estranho caso, têm-na sujeitado a uma série de experiências que obrigaria qualquer dos leitores mais corajosos a soltar gritos capazes de alarmar toda a vizinhança! No entanto, a referida menina *sofre* as ditas tortu-

ras com a melhor disposição possível! Os médicos chegaram-lhe a injectar substâncias consideradas infalíveis para provocar horríveis dores de cabeça; a menina, no entanto, nada sentiu!

Se a ausência de alimento não provocasse dor, dor de estômago, dor de cabeça, estado de abatimento físico e moral, o homem que não pudesse comprar um naco de pão para satisfação de suas necessidades, pouco se importaria com isso! Não sentia sofrimento!

Indo agora mais longe, se o homem não sentisse a dor moral, olharia com indiferença para sua família passando fome e frio, vestindo uns trapos sujos e velhos, olharia para um indivíduo esmagado por um automóvel, com a mesma indiferença com que após o jantar palita os dentes! Como seria o mundo diferente!

Mas a Dor existe e ela faz o homem cuidar um pouco do seu corpo, não colocar o braço sobre uma vela acesa expondo-o a dolorosas queimaduras, trabalhar para que possa almoçar e jantar o melhor possível, para que a fome com suas perturbações o não apoquente!

É a Dor que faz os homens unirem-se para construir uma sociedade melhor, onde o Pão, o Trabalho e a Alegria existam em cada lar, é a Dor que faz os homens darem um pouco do que é seu a outros ainda mais necessitados, e é ainda e sempre a Dor, a dor moral tão aguda como a física, que obriga seres de latitudes diferentes e de todas as raças a trabalhar para que no mundo não mais o fantasma da guerra apavore futuras gerações!

Se não fosse a Dor, não sentiríamos a fome, o cansaço e o sofrimento! Mas também a palavra FRATERNIDADE não existiria nos dicionários.

A fome é uma das maiores formas de sofrimento físico que tem existido! As vítimas da fome, conforme assegura o próprio Waldorf Cornelius *(The Famines of de World)* são em maior número do que as das guerras e das pestes juntas! E foi preciso duas terríveis guerras mundiais e uma revolução social, onde milhões de homens, mulheres e crianças pereceram pela fome, para que o problema fosse encarado em Assembleias Mundiais, e não mais escondido como até ali.

No mundo duas grandes áreas de fome se desenham: Índia e Brasil. Aí, já no século passado, a fome era de tal forma atroz, que só nos últimos 30 anos desse século desencarnaram, pela fome, mais de vinte milhões de habitantes! Francisco Laissue contou-me numa agradável conversa que tivemos no Rio de Janeiro, da miséria indescritível que viu na União Indiana, quando lá esteve!

— No entanto, facto interessantíssimo,— acrescentou — não se revoltam contra tanta pobreza! E vi homens, que vivem na valeta, demorarem meia hora fazendo a sua *toilette* como se vivessem no mais luxuoso dos palácios!

E o Brasil? A sua autópsia já foi feita por Josué de Castro na sua magistral obra *A Geografia da Fome*. É preciso ler as suas duzenta e tal páginas para compreendermos como angustiante tem sido o problema da fome e como é *mais lenda que realidade a abundância frutífera da floresta equatorial*. Nessa zona, enorme, de uma imensidão chocante, apenas vivem seis milhões de seres, como que salpicos por aqui e ali. O clima é húmido por excelência, predispondo o gado à acção maléfica dos insectos transmissores de numerosas enfermidades, e o próprio excesso de água nos terrenos dificulta a concentração do suco das frutas e o seu amadurecimento, sendo por isso pouco saborosas e escassas. Como se tudo fosse pouco, a penetração da luz solar na espessura da floresta faz com que o teor vitamínico dessas frutas seja mais baixo do que noutras regiões. O solo é ainda pobre em cálcio; no entanto o raquitismo é pràticamente inexistente nesta região, mas tal deve-se à riqueza da insolação da região, que, como se sabe, é fonte de vitamina D.

O alimento básico é a farinha de mandioca; comem-na de várias formas, quer em mingaus (adoçada com rapadura), quer em farofas (que nada têm com as nossas farófias com clara de ovo), quer em bebidas fermentadas (caleím). Sendo uma alimentação deficientíssima, com carências de toda a espécie, (a fome de sódio, por exemplo), e mesmo assim o que se ingere muitas vezes em quantidade mínima, torna o panorama extremamente sombrio.

O Nordeste Açucareiro é uma área de fome, de fome aguda também, embora de características diferentes. Seu solo apresenta condições excepcionais de produção, e as experiências realizadas — infelizmente em escala reduzida — mostram que ali tanto se dão bem as Frutas da Ásia, como as da Oceânia! Pero Vaz de Caminha escreveu mesmo: «A terra é de tal forma dadivosa que, em se querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo». Infelizmente, porém, hoje a terra encontra-se *cansada, esgotada*, como se plantações sucessivas ali se tivessem feito! Porquê? Porque os colonizadores portugueses que tiveram uma visão genial ao construirem no local casas adaptadas à latitude e *habitat* da população, erraram estrondosamente no aspecto da exploração territorial, com visão de lucros fáceis e rendosos. Em vez de porem os olhos no futuro (e o solo dava-lhes tudo: era só semear ...) preferiram enchê-lo de cana. Muito lucrativo, sem dúvida, mas de efeitos desastrosos! A sua acção erosiva é sobejamente conhecida, e essa acção não só influencia todo o terreno, mas ainda alguns focos que os nativos, às escondidas, tentavam manter, com suas plantações características. Claro que, com o andar dos anos, tem-se tentado melhorar esta situação desesperada, mas o que está por fazer é algo impressionante.

Há ainda uma terceira zona de fome — Área do Sertão do Nordeste — onde a fome é produzida por períodos de seca terríveis! Esta fome é diferente da das outras áreas, porque nesta pequenos e grandes são afectados! Quando não chove, todos aqui são iguais na miséria, pois os potentados, com todo o seu dinheiro, não podem fabricar nuvens que façam chover sobre suas fazendas!

Ora, se toda a miséria (dor) provoca fraternidade, ajuda, em maior ou menor escala, povos como o brasileiro devem ser fraternais ao máximo! E são-no, de facto! Os pobres, os próprios pobres, dão um poucochinho do pão que possuem a outros mais pobres que eles! E é ver os espiritas fazerem a *Campanha do Quilo;* é ver homens, com um sentimento de fraternidade que dificilmente se encontra noutra parte do mundo, andarem pelas ruas, de saco ao ombro, de porta em porta, pedindo um quilo de Arroz, de Manteiga ou de Feijão para os mais necessitados! É ver esses homens, alguns dos quais — pasmai, leitores! — são professores universitários!

O nosso grande poeta Guerra Junqueiro disse que quem confraterniza com a Dor entra no reino

MAU PRENÚNCIO

Creio que há no mundo mais gente que nunca. Os progressos da higiene e a facilidade de transportes têm evitado grande parte de mortandades, epidemias e fomes, que constituiram sempre a nossa pobre história humana. Somos cada vez mais numerosos na superfície do nosso planeta e isto é inquietador, pois que os alimentos não se multiplicam com a mesma rapidez. Podia fazer um resumo brutal, dizendo que mais de metade dos homens vivem sub-alimentados. Nós, os brancos, até agora temos levado a melhor, mas se algum dia as centenas de milhões de asiáticos encontrarem um chefe e um ideal comum? ... Esta viagem serviu para me fazer ver que ainda está longe de morrer o demónio da guerra.

Vi futuros campos de batalha, o Pacífico, a China, a Índia, quem sabe se o Egipto e os seus antigos territórios equatoriais! Esses choques futuros possível é que ainda nós os vejamos, e, se nos livramos dessa desgraça, vê-los-ão com certeza as gerações próximas ... Os homens poderiam evitar tantas coisas, se empenhassem para isso a sua boa vontade!

Todos os homens são os mesmos e os nossos progressos puramente exteriores, mecânicos e materiais. Não chegou ainda a grande revolução, a interna, aquela que o cristianismo iniciou sem resultado, pois que nenhum cristão pratica as suas doutrinas. O que aprendi foi que devemos criar uma alma nova e então tudo será fácil.

Precisamos de matar o egoísmo, e, assim, a abnegação e a tolerância, que só alguns espíritos privilegiados agora conhecem, chegarão a ser virtudes comuns a todos os homens.

(De «A VOLTA AO MUNDO», de Blasco Ibanêz)

de Deus! E todos os estudantes de História e Religião sabem bem que são os povos mais desgraçados, os mais religiosos, ou porque encontram na Religião um bordão para os seus sofrimentos, ou porque esta explora bem conscientemente a sua triste condição! O povo brasileiro não fugiu à regra! Antes da colonização europeia e da influência africana, as práticas dos índios eram seguidas no Brasil! Com a influência exterior, o Catolicismo, o Protestantismo e os ritos africanos encontraram em terras de Santa Cruz terreno mais que propício ...

Estamos agora nos fins do século 19. A corrente de Kardec, espalhada pela Europa, chega ao outro lado do Atlântico e, tal como as outras correntes, encontra terreno propício ao seu desenvolvimento! Mas, se se desenvolveu mais rápida e profusamente que elas, isso deve-se simplesmente a que o Espiritismo é muito mais racional que qualquer religião, muito mais simples do que outra doutrina e muito mais social que as outras que ali tinham surgido! O miserável que sofria física e espiritualmente, cedo entendeu, intuitivamente ou não, que o Espiritismo era a chave de suas dúvidas e o caminho de sua vida presente e futura!

Claro que a influência centenária dos ritos dos índios não podia desaparecer, como por encanto. Mas esses ritos recebem hoje nítida influência kardeciana (é o caso de Umbanda), a tal ponto que muitos confundem hoje Espiritismo com Umbanda, o que, evidentemente, não é a mesma coisa.

Falei há pouco em duas grandes zonas de fome do Globo: a Índia e o Brasil. Há um Princípio que diz que as mesmas causas hão-de produzir os mesmos efeitos! Ora nós vemos que ambos os países são centros de espiritualidade. Os hindus, com os seus jejuns, com seus exercícios respiratórios, com seus conhecimentos extraordinários desta e de outra Vida, são o fulcro do Espiritualismo Oriental! Os brasileiros com as suas obras sociais, com os seus médiuns extraordinários, com os seus oradores distintíssimos representam o Espiritualismo Ocidental. Mesmas causas — mesmos efeitos!

Eis aqui, como interpreto o facto de ser actualmente o Brasil a pátria do Espiritismo! Interpretação errada? Certa? Os leitores que a julguem!

(Continua)

COSME MARIÑO
O ESPIRITISTA PRÁTICO

Por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente de Estudos Psíquicos em Rosário)

À medida que analisamos a obra teórico-prática do Dr. Cosme Mariño, necessàriamente teremos de exclamar: eis o espiritista coerente! Foi realmente um Mestre no mais amplo sentido do termo e um infatigável lutador.

Estas qualidades relevantes de Mariño são, pois, dignas de ser evocadas todos os dias e não só em datas especiais. Através da sua pena fluente e da tribuna estruturou trabalho forte e perdurável.

É que Mariño ocupava a tribuna pública com louvável finalidade de lançar a semente fecunda, os princípios espiritas que têm a virtude de transformar a vida intrínseca do homem. Não é em vão que se lhe chama o «Kardec Argentino». É que esse qualificativo ajusta-se ao seu dinamismo.

Soube multiplicar-se, trabalhar com desinteresse e abnegação absoluta. Nisso se baseia o valor imenso da sua obra. Quando era preciso refutar os adversários do Espiritismo, fazia-o sem perda de tempo. Não foi rico. Foi desprendido.

E quando havia necessidade de refutar desacertos ou campanhas insidiosas recorria aos seus escassos pecúlios, alugava teatros e ali refutava valentemente e cultamente, argumentando como jornalista e escritor de grandes predicados e às vezes como conferencista da largos horizontes.

E quando julgava necessário fazer experiências mediúnicas valia-se de instrumentos psíquicos do país e do estrangeiro, custeando as despesas. Contava então com amigos espiritistas que, embora em escasso número, eram fiéis à sua trajectória. Aconselhava mais com o exemplo do que com a verbosidade; ou melhor: levava a teoria à prática.

Assim honrava e difundia o Espiritismo esse nobre espírito. É que Mariño tinha da nossa doutrina um conceito preciso, cabal, inquestionável. Entregou-se ao labor espirita com carinho, amava verdadeiramente a doutrina. Sentia-a e vibrava em uníssono com os princípios cósmicos.

Foi um admirável exemplo humanista no campo que cultivou durante anos e deu sempre ao Espiritismo carta de cidadania argentina. De resto, soube cumprir com o seu dever e com o voluntário compromiso contraído com o ideal. Sabia neutralizar com eficácia os impulsos doentios dos adversários doutrinários e saía-lhes ao encontro em circunstâncias propícias.

Por isso era respeitado por eles e querido por quem procurava imitá-lo na rota ascendente. Longe de usar linguagem dúbia falava e escrevia com clareza, sem eufemismos.

O que não quadrava dentro das nossas éticas do Espiritismo, combatia-o com argumentos incontestáveis. Tinha uma noção inquestionável da responsabilidade individual e colectiva. Nunca se curvou aos que buscavam objectivos inferiores em nossas fileiras.

Se o Espiritismo argentino tivesse meia dúzia de homens da estatura moral do Dr. Cosme Mariño, podemos afirmar que a estas horas representaria no terreno dos factos uma acção dinâmica e construtiva de relevadas directrizes. Na «História do Espiritismo Argentino», Mariño corrobora o que acabamos de enunciar, além da sua acção noutras obras não menos significativas.

O seu trabalho positivo e transcendente atingiu grande altura. Foi quando as almas mesquinhas procuraram eliminá-lo por meio da violência. Apesar disso, Mariño não se intimidou nem retrocedeu um passo; pelo contrário, realizou tarefa de maior envergadura.

O Espiritismo espúrio infiltrou-se depois, ao lado das práticas incompatíveis com as normas dos espíritos superiores que ajudaram o Mestre Kardec. Não se tem sabido ou não se tem querido fazer a propaganda e a organização no sentido de evitar confusões públicas acerca do que é o Espiritismo científico-filosófico.

Afinal, encararam-se com indiferença as dissídias que Mariño não tolerara. Era homem de larga visão e comprensão para não se iludir com as lisonjas, nem com as ambições individuais e deixava-as passar, como coisas sem importância. Falava ou escrevia com aprumo, apontando os erros. Assim marcava o seu rumo.

O Dr. Cosme Mariño faz muita falta ao país e ao Espiritismo argentino.

Se houvese meia dúzia de Mariños tão coerentes como ele, então o nosso ideal seria dinamizado, fortalecido, consolidado e orientado na verdadeira senda natural.

O seu espírito há-de contemplar-nos do invisível com grande tristeza e desalento e verá como a inércia e o comodismo fizeram crescer no Espiritismo ervas daninhas que indicam despreocupação e dissidia, que acusam a ausência de dinamismo que tanto caracterizou o Mestre argentino.

Chessman e o Veredicto do Outro

Por RUY RIBAMAR

Seja qual seja o destino deste homem que sem agonia e sem sentimentalismo espera a morte na cela dum presídio modelo *dos Estados Unidos da América, o seu caso psíquico ficará na história da tábua humana como a mais formal condenação dos desafios a Deus e à luz do Seu Espírito. Homem indesejável no sentido gregário duma comunidade justa ou injustamente organizada, alma onde a psicopatia tem signo relevante em relação ao equilíbrio somático da existência, ele corresponde, contudo, a uma linha de destino que em muito transcende o seu próprio fado na hora efémera da existência encarnada dos humanos e dos precitos.*

Chessman é o símbolo do mal duma época, mas é também o mito dessa época, o trágico mito da sua própria lei perante a cumplicidade do dinheiro, do vício, das facilidades, da amoralidade mascarada de existencialismo. Se os seus complexos são para os psiquiatras, o seu génio em embrião é um génio revelado, uma das mais subtis provas da inteligência e da hipervisão que os parapsicólogos um dia hão-de estudar. Para os que acreditam no preconceituado, ele é apenas um que cumpre com destino anormal perante a rotina da equação humana, tão díspar, contudo, na ética, na essência e na geografia. Será pouco dizer que ele é sòmente uma linha preconcebida das paixões que se entrecruzam no campo relativo da pragmática social. Há mais alguma coisa neste jogo de xadrês de que ele será o efémero peão a decidir o lance — desta ou daquela maneira — alguma coisa mais que não depende da encarnação duma alma que afirma as suas células de vida duma forma peremptória e trágica que a lei convencional não pode abranger no estreito cárcere onde se acoita.

Talvez para as vítimas do sádico não haja piedade e por isso o facto as ultrapassou. Ele agiu sob o instinto à sombra duma época que lhe deu as possibilidades para isso, numa vesânia que o embriagava. E sejam quais sejam as interferências que incidam sobre este homem, ao mesmo tempo cínico e iluminado, ele tem uma missão a cumprir e que ultrapassa em muito os casos conhecidos e horríveis de revelação «post mortem anima — ele tem a sua alma morta na terra — para uma lição intemporária da presença espiritual dum ente cuja malevolência preside às realidades inverosímeis do processo humano a que está sujeito.

Chessman encarna o dualismo do que falseou um caminho e encontrou outro caminho pela força da força que o impele. A revelação requer um ambiente, uma razão. Ele cortou com a audácia, a impunidade para o disfrute duma aventura clandestina e sádica, gozando a tortura das vítimas com o silêncio cúmplice da noite e a euforia dum vampiro, encarnando assim todos os perdidos do grande mundo dos mortos. Quando nas malhas da máquina policial e da sua limitação se viu coacto, lutou «a priori» pela simples razão de correr, de enfrentar o conhecido pelo terror do desconhecido. Mas outro meio lhe chegou até aí para ele ignorado. Viu-se então ante o seu vero destino, lutou como um energúmeno por ele — e conseguiu-o.

★

Chessman é hoje um homem revelado para o mundo dos intelectuais. Misto de repórter e de biógrafo, nas suas páginas há, acima de tudo, a ânsia da justificação pela confissão, mas há, para além dele, um caso de graça que o simples cruzar das grades longe está de justificar. Ele já não representa em si um caso espantoso de inspiração — pois nunca foi um literato, nunca foi um autodidacta, nunca foi um menino-prodígio. Não é o caso de Óscar Wilde, escrevendo com o sangue de tudo aquilo que desdenhara a titania dum afecto que, proibido, lhe enchera de razão a sua existência de snobe. Nem o dessa Ana Plácido, deixando cair da pena as sonoras palavras do romantismo para defender um amor por um génio feio e louco na «luz coada por ferros». Nem um Dostoiewski estudando friamente o seu processo de visionário ante os homens indiferentes que o encurralaram. Há outra razão mais profunda que, justamente porque o é, despertou a revolta daqueles que acreditam na expiação, mas mais acreditam nas forças metafísicas que latentes seguem o destino humano. Para além do homem há tudo aquilo que representa Deus e o Seu Espírito, a verdadeira piedade, a verdadeira verdade, *uma razão e um fim e uma presença que se chama consciência perante Ele. Um déspota pode matar em nome duma razão política e por razões do seu egocentrismo — e perante si próprio o caso está perfeitamente justificado pela força do seu poder. Mas não perante Deus. A própria justificação de Chessman perante Deus é que ele, incontestàvelmente, está embuído duma missão da qual este cenário trágico dum suplício infligido é o viático mais ou menos sensacionalista duma*

ALLAN KARDEC

Em 31 de Março último passou mais um aniversário da desencarnação de Allan Kardec, que abandonou as plagas terrenas em 1869, precisamente há 81 anos.

Evocar este grande pioneiro é fazer a história do Espiritismo, relembrando as efemérides de um movimento vitorioso iniciado em Hydesville e ramificado em todo o mundo, graças à Codificação Kardequiana, que nem o tempo, nem o assédio de inimigos encarniçados conseguiram empanar ou deter.

Ainda há pouco, em 1957, foi celebrado o centenário de «O Livro dos Espíritos», obra-mestra que se impõe pela coerência e lógica dos postulados e cujas edições se multiplicam num impulso constantemente renovado. Faz um ano que o semanário londrino *Two Worlds* iniciou em suas colunas a tradução desse código extraordinário, rendendo ao seu autor as maiores homenagens e alvitrando uma edição em Inglês.

O esforço, a luta, a tenacidade desenvolvida por Allan Kardec ao longo da sua propaganda fazem dele um verdadeiro herói, que lançou na batalha todos os trunfos para

sobreviver, erguendo bem alto a bandeira da doutrina.

Mas venceu e sobreviveu. E hoje o Espiritismo é árvore gigante que abriga milhões de seres em comunhão fraternal. O Além e a Sobrevivência abriram clareiras ao Espirito humano; as dúvidas deixaram de corroer a base filosófica de um credo que se instalou nas almas; a morte já não amedronta como espantalho de cinedrama. Tudo se integrou num sublime conceito de vida incessante, mercê dessa figura histórica cuja auréola aumenta dia-a-dia, enquanto os seus detractores mergulharam na lama do esquecimento.

Allan Kardec pertence a dois mundos. Homem progressivo, soube apontar caminho a um século que se debatia entre polos incongruentes. Hoje o seu espírito acompanha do Alto uma obra universal que vai caminhando e envolvendo os homens, como luz ofuscante.

Agora podemos estar tranquilos. A semente lançada à terra germinou e cresceu e alimenta multidões de famintos que darão testemunho de uma ressurreição jamais operada por qualquer religião ou filosofia, graças ao génio de um homem que soube interpretar, como nenhum outro, o pensamento do Invisível.

sociedade em que o indivíduo conta mais do que a comunidade e os seus fins profilácticos apregoados pela suposta solidariedade dos programas sociais longe do Cristo.

Com uma terrível violência este homem sem fé e sem lei é hoje o símbolo dessa própria Lei. Majestosas através dos séculos, erguem-se as figuras dos teólogos e dos filósofos ao lado do processo humanamente falso do ideal bebido directamente na fonte magnífica do cristianismo. Os espíritos dos mortos estão aqui como um anátema, porque da lenta caminhada só ficou a vanglória da negação da marcha heróica que o homem deve — e tem que empreender — em direcção a Deus e à Sua imutável realidade.

O julgamento do outro está feito. Chessman é um ser impuro, liberto da carne pela inteligência, mas, sobretudo, é um áugure com missão preconceituada pela matemática do seu destino — uma realização palpável das forças do Além que, passo a passo, influem na linha da conduta humana e nelas se manifestam pelas inverosímeis vias deste caso ou doutro caso afim, o processo humano está julgado. Mas a história registará estes factos como aquilo que na pura idiomática do povo se chama, compreensivamente, o «feitiço contra o feiticeiro». Ele é hoje a lei, porque nega o direito de matar sobre o que já matou e toda a ética cristã se baseia justamente nesta premissa em que se apoia — ninguém matará.

Os processos por que as forças espirituais o conduziram a este desfecho, desde o que pragmàticamente ou literàriamente pouco valia, sabe-o ele — que jamais negará Deus. Ele será um purificado no mundo inalterável da imortalidade, mas entre os homens encerrados ele é bem a síntese e o símbolo da equação humana no que ela tem de fictício, de relativo, de convencional — e de unilateral — até ao ponto em que severamente o dedo de Deus, através das vias espirituais de que dispõe, coloca o homem no irónico e paradoxal dilema em que se encontra Chessman — o precito — para escrever com as mesmas linhas das reacções humanas — o seu Castigo e a sua Redenção.

Erros de Interpretação

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

I

Fundamentam os membros de certas correntes religiosas toda a religiosidade e toda a sua crença de cristãos nos livros denominados sagrados, designação que abrange, como é sabido, os livros do Velho e do Novo Testamento, tudo, aliás, sintetizado na palavra *Bíblia*, mas para eles só valendo a parte despida das inovações e interpretações decretadas pelos Concílios Romanos. São os seguidores das diferentes organizações denominadas protestantes.

E do estudo interpretativo e doutrinal de todos esses livros fazem por cumprir a exaustiva missão de dar a conhecer aos profanos o valor espiritual dos ensinamentos, ali contidos, dando a cada livro o mérito celestial que no seu conceito lhes atribuem.

São assim os seus apregoados estudos bíblicos.

Não pretendemos contrariar nem censurar, por certas interpretações menos racionais e menos lógicas que os denominados evangélicos empregam nas actividades de catequese que desenvolvem em tais estudos, visto que estão dentro duma missão consoante o grau de compreensão que têm sobre a transcendência que eles comportam, mas simplesmente queremos provar-lhes como o Espiritismo está inteiramente dentro dos ensinamentos bíblicos, e queremos expor, no que segue, o que são, em síntese, segundo um novo critério, os livros do Velho Testamento que, vistos pelo prisma com que os vemos, têm um valor puramente relativo, mais pròpriamente para os judeus (israelitas na designação mais frequente) do que para os cristãos, pois para aqueles tais livros têm um subido valor como bases da sua religião.

Os livros do Novo Testamento é que são os livros fundamentais do Cristianismo, os livros verdadeiramente sagrados de todos os cristãos. Em suma: vamos fazer um esboço de toda a Bíblia interpretada à luz do Espiritismo.

O primeiro dos livros do Velho Testamento é o *Génesis*, que tem sido interpretado como exprimindo a história da criação do mundo, história fantasiosa e sem o mais insignificante fundamento científico, como no-lo dão a geologia, a paleontologia ou a antropologia. Há, efectivamente, no princípio do *Génesis* uma grande dose de fantasia sobre aquela criação, bem como sobre o aparecimento do primeiro homem e da primeira mulher, que nem foi Adão nem foi Eva, porque, com a referência à história de Adão e Eva, que começa no versículo 19 do cap. 2, principia, pròpriamente, a história geneológica do povo hebreu, ou antes da raça adâmica ou semítica, uma das que povoaram a Terra depois de longos períodos ou ciclos em que seres animais, já de acentuadas características humanas, começaram a dominar, pela sua inteligência, os outros animais, e não principia, como erradamente se tem interpretado, a história da humanidade.

O próprio Paraíso ou Éden, como o *Génesis* o descreve, tem uma explicação e interpretação muito terrena, muito geográfica: corresponde precisamente á região onde se originou a referida raça adâmica, e que existiu, segundo relato do cap. 2, vv. 10 a 14 do citado *Génesis*, na Ásia Menor, na parte correspondente à Arménia, que é donde partem os quatro rios a que o mesmo se refere: O rio Kizil Ismark, que rodeava a Frígia e desagua no Mar Negro, o Aras, afluente do Kura que desagua no Mar Cáspio, o Tigre e o Eufrates que banham a Mesopotâmia.

O Kizil é, certamente, o que figura no *Génesis* com o nome de Geon, que o narrador bíblico, por ignorância geográfica, ou o tradutor, pela mesma razão, diz rodear a Etiópia, quando a Etiópia é rodeada pelo Nilo, que nasce muito longe das origens do Tigre e do Eufrates, e o rio Aras é, sem dúvida, o que o mesmo *Génesis* chama Fison.

Ora a humanidade não começou em Adão e Eva. Se não vejamos, à face do que nos diz o próprio *Génesis*.

Adão e Eva, depois de expulsos do Paraíso, ou seja, depois de sairem da região que, pela descrição feita, corresponde à Arménia, como dissemos, tiveram dois filhos — Abel e Caim, e só mais tarde, depois da morte de Abel, tiveram outro filho chamado Seth e depois deste algumas filhas.

Caim matou Abel por se ver menos beneficiado pelo Senhor, que interpretamos como o Guia espiritual familiar.

Repreendido pelo Senhor, e condenado a andar fugitivo e vagabundo, retirou-se para o país a nascente do Éden (cap. 4 v. 16), e ali conheceu mulher de quem teve um filho a quem deu o nome de Henoch.

Ora, não tendo, até então, tido Adão filhos com que se pudesse levantar a hipótese incestuosa, que já vimos admitida no n.º 13 do jornal evangélico «A Espada do Senhor», de se originar a humanidade na coabitação de Caim com uma das suas irmãs, é evidente que o género humano não começou em Adão.

A corroborar esta asserção há mais a circunstância, também mencionada no *Génesis*, de ter Abrahão ido habitar no Egipto para ficar lá como estrangeiro, no dizer do v. 10 do cap. 12.

Ora Abrão (depois Abrahão) descendeu directamente de Noé, e Noé de Adão.

Tendo desaparecido a geração de Adão por efeito do dilúvio, conclui-se, pois, igualmente que as populações que Abrahão foi encontrar no Egipto, para onde se retirara por motivo da fome que sobreveio na terra que ocupava, não descendiam de Adão, e tanto que considerava os egípcios estrangeiros.

E comprovando ainda a asserção de que não começou em Adão a genealogia humana, temos mais as seguintes passagens do próprio *Génesis* no cap. 4, quando Caim diz ao Senhor: «Eis aí me lanças tu hoje da face da terra, e eu me irei es-

conder da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra: todo o que, pois, me achar matar-me-á».

E o Senhor lhe respondeu: «Não será assim, antes o que matar a Caim, será castigado sete vezes mais. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse quem quer que o encontrasse».

Portanto, se Caim tinha de encontrar quem o matasse nas regiões para onde era expulso, é porque, além de Adão e Eva, que, segundo a interpretação errónea, deviam ser então os únicos seres humanos além de Caim, havia outras gentes de quem este se receava, pelo que o Senhor (que devemos entender, como já indicámos, por o guia espiritual de Caim) lhe pôs um sinal para que o não matassem.

E com isto julgamos suficientemente demonstrado que Adão e Eva não foram os progenitores do género humano, e que o *Génesis*, ao descrever a criação do mundo, não apresenta mais que o produto da imaginação ou mesmo da intuição imperfeita de quem tal se dispôs a fazê-lo, e que aquele primeiro livro do Velho Testamento é mais uma obra literária israelita que interessa, ùnicamente, pelas elucidações históricas que presta sobre as origens do povo hebreu, ou como descrição simbólica de estados de evolução da vida que se manifesta no nosso planeta desde a sua formação.

O Paraíso tem ainda outro aspecto segundo a revelação espirita quando se refere à vinda, para o planeta Terra, de espíritos compelidos a encarnarem neste Mundo em que presentemente nos encontramos. Deixaram aqueles espíritos um mundo de maravilhas e de progresso espiritual, e eles, pelo seu atraso rebelde em acompanhar aquele progresso, perderam o direito, ou seja as condições, de nele permanecer, e vieram recomeçar, no mundo terráqueo atrasado mas em evolução, uma nova vida de aprendizado. E a recordação subconsciente do mundo admirável em que viveram, fazia-lhes vir ao pensamento lembranças d u m Éden que verdadeiramente não sabiam localizar. É esta a tradição da queda dos espíritos rebeldes. Mas não deve ser este o Éden de que o *Génesis* fala, embora no que ele diz possa haver muitas ideias confusamente ligadas àquela a que a revelação espirita se refere.

Seja como for, o que é verdade é que são, como aquelas, muitas outras passagens dos chamados livros sagrados em que espiritas e demais interpretadores evangélicos estão em desacordo.

E este desacordo tem sido demasiado pernicioso para a boa harmonia entre cristãos, o qual, por falta daquela boa harmonia, tem dado ao mundo o triste espectáculo de se combaterem, por palavras e obras, inteiramente ao contrário de cultivarem a fraternidade que Jesus a todos recomendou.

Mas o pior é que, de interpretações tão erradas, tão sem lógica e tão irracionais, tem resultado um fanatismo doentio por parte dos crentes que, não querendo meditar nem raciocinar, aceitam tudo o que lhes ministram como doutrinas dos livros sagrados, de antemão impostas, como mistérios para despistar as razões mais atrevidas, mas tem resultado o descrédito do cristianismo, explorado ao belprazer das diferentes seitas que se dizem cristãs, e tem resultado, consequentemente, a expansão da descrença na espiritualidade com o engrossamento das legiões de materialistas que só encaram a vida pelo lado egoísta, ambicioso, odiento, vingativo e desumano.

O materialismo, dominando hoje em vastíssimas regiões da Terra por imposição de ideologias sociais e políticas, tem as acentuadas características do AntiCristo a que o Apocalipse alude.

E assim, alguns milhões de homens apenas dão valor ao que é material, ao que é visível e palpável e encaram a vida ùnicamente pelo lado sensível das necessidades físicas, pelo bem-estar e satisfação do corpo, repelindo e negando tudo o que é de ordem espiritual.

Tal conceito da vida leva a descrer da existência de forças divinas e dum Poder Supremo ordenador e criador de tudo o que existe. Isto representa o caos nas consciências e o fechar propositadamente os olhos a tantas esclarecedoras circunstâncias de natureza social e humana em que se fundamenta a vida em sociedade, desde os nascimentos rodeados dos mais diversíssimos ambientes em que as gerações vão aparecendo neste mundo e das características psíquicas as mais opostas reveladas em cada novo ente humano que nasce, até às anomalias físicas e morais as mais variadas e à morte operada sob múltiplos aspectos, sem que tais descrentes queiram saber das finalidades do nascer e do morrer, nem das razões remotas daquelas anomalias congénitas.

E tudo porque a razão exigente daqueles milhões de humanos não aceitou as interpretações erradas dos mentores religiosos dos diferentes credos predominantes.

Por isso afirmamos que as religiões da Terra de maior predomínio nas consciências teriam uma missão nobilíssima a desempenhar, enquanto as animase o espírito de tolerância e o anseio desinteressado de promover a espiritualização da humanidade.

Mas desde que tais religiões deixaram de se esforçar por acompanhar os progressos da ciência e nada fizeram para acompanhar, por transformações e adaptações apropriadas, a evolução do pensamento e da razão das novas gerações, estagnaram, e hoje, que se mostram evidentes, a todas as inteligências, os seus conceitos obsoletos, as almas libertas de preconceitos exigem outros rumos espirituais e novos ensinamentos de harmonia com as modernas intuições do espírito.

Por consequência as religiões devem despir-se de praxes e rituais que as desacreditam perante os conhecimentos que a ciência impõe, e perante a simplicidade cristalina dos ensinamentos do Cristo.

E os chamados livros sagrados devem ser interpretados segundo o que aquela ciência nos diz, e inteiramente libertos de mistérios sobrenaturais, que envolvem um segundo sentido que certos interpretadores lhes querem dar, em completo desacordo com as razões esclarecidas.

Se as religiões que predominam não adoptarem as directrizes acima apontadas, só contribuirão para o atraso da evolução espiritual da humanidade, e sepultar-se-ão no caos para que a dita humanidade caminha.

Muitas outras interpretações erradas como a que mencionámos no princípio apontaremos ao longo desta série de Comentários *feitos à luz do Espiritismo*.

Não pretendemos melindrar nem ofender conceitos: queremos simplesmente mostrar modos de ver diferentes com o propósito de fazer luz nas mentes que, possìvelmente, ainda não meditaram nem reflectiram bem em tais assuntos.

UM GRANDE ARTISTA PSÍQUICO

A VISÃO REVELADORA DE FRANK LEAH

Por FRED ARCHER

II

O telefone soa no estúdio de Frank Leah. A chamada é atendida e assinala um momento de verdade entre o artista e o interlocutor que pode encontrar-se na próxima rua ou a centenas de quilómetros, mesmo para além do oceano. E nos escassos minutos que se seguem de conversação o artista diz se pode aceder ao desejo do cliente e desenhar-lhe o retrato que pretende ou nem sequer tentá-lo. A decisão não está em Leah, porque, ao contrário dos outros pintores de retratos, muitos dos seus modelos não pousam para ele em carne e osso. São retratos de mortos, dos que o mundo considera mortos, que lhe pedem. E é a eles que compete decidir duma cooperação que dê resultado.

PRECONCEITOS

Certa vez a viúva dum abastado industrial ofereceu-lhe 600 libras pelo retrato de seu falecido esposo, que, por preconceito mantido durante a vida, nunca se deixara fotografar e que demonstrou a Leah que não queria ser retratado. Dezassete anos mais tarde a viúva entrou em coma e, nessa altura, quando já ninguém lhe desejava o retrato, o marido apareceu a Leah na pujança da sua fase. Tinha levado a sua avante.

Mas outras vezes a atitude dos espíritos situa-se no extremo oposto. Ele ou ela aparecem ao grande pintor sem que este conheça qualquer dos seus familiares. E assim, ao ser procurado mais tarde por algum dos interessados, Leah sabe antecipadamente que a pessoa a ser retratada já teve contacto com ele.

PROCESSOS

Há, contudo, recepções. O primeiro passo na rotina habitual começa por alguém que lhe escreve, pedindo-lhe uma entrevista. Em resposta o pintor não lhe diz que o venha ver, mas sim a hora a que lhe pode telefonar.

Se durante o tempo em que atende a chamada nenhum espírito entra em contacto com ele, Leah diz ao seu interlocutor que uma visita ao seu estúdio é pura perda de tempo. Se, ao invés, o encontro espírita se dá, o pintor sabe que pode desenhar e marca a entrevista.

Se os comunicantes são já experimentados em se manifestarem e projectarem, então a prova pode chegar ao ponto de se divisarem as faces amarelas com sardas, cor do cabelo — incluíndo as sobrancelhas brancas dos albinos — olhos cegos ou defeituosos e a enorme variedade de tamanhos e posições de olhos e narizes. As manchas faciais, naturais ou incidentais desempenham a sua parte e até os artifícios vaidosos — como, por exemplo, o daquele homem que usava duas riscas no cabelo e o da velha senhora que cobria a cabeça completamente calva por doença com perucas caríssimas — são notados e visíveis.

E como se manifesta o espírito? Ao ensinar-se o desenho de memória nas escolas de arte, o modelo é colocado numa sala e noutra ficam os estudantes com os seus cavaletes. O aluno pode examinar o modelo mas não tomar notas, devendo reter na mente os pormenores que deseja desenhar. Quando Leah vê clarividentemente um espírito fá-lo durante uma breve fracção de tempo e na sua memória fica o impacto visiual que guia o seu lápis, sendo sempre os olhos as feições mais importantes.

INDIVIDUALDADE

É o próprio Leah que no-lo afirma:

— Logo que me apodero dos olhos, não me importo do resto. A face cola-se à minha memória, até que termino o retrato ou mesmo até muito depois.

Mas isto não quer dizer que o modelo morto perca o interesse pelo trabalho, logo após a manifestação inicial. Algumas vezes entra tanto em contacto com Leah, que qualquer pessoa presente pode ver o seu rosto sobreposto ao do artista. O estabelecimento da identidade pessoal é o mais importante da tarefa de Leah. Os retratos póstumos, cópias de fotografias, são formas correntes de arte, com as quais muitos artistas, alguns célebres, ganham a vida. Mas os olhos são individuais, especialmente na cor, e a tal ponto, que fotografia alguma os pode, exactamente, fixar. E é positivo que a luz própria dos olhos — quase tão pessoal como as impressões digitais — não se consegue transmitir, a não ser que o artista tenha visto o sujeito.

CONDIÇÕES

Os dons extraordinários de Leah —a que ele chama geralmente tira-

nia — sintetizam-se na possibilidade e habilidade que possui para ver os seus retratados partidos deste mundo e que, sendo para ele essencial, o habilitam também a ajudar os seus colegas artistas que se dedicam a pintar retratos póstumos, com simples fotografias para se guiarem.

É muitas vezes notado — e já mo perguntaram várias vezes desde que publiquei o último artigo sobre Leah — o facto do artista sentir as dores que os seus modelos sofreram antes de morrer e por isso os espíritos trazem consigo o estado e os padecimentos com que se afastaram da terra.

As respostas de Leah são as mesmas dadas por muitos médiuns. Um espírito em regresso aproxima-se lentamente da frequência da terra e reveste-se das condições imediatas da agonia. E a par do auxílio para o reconhecimento, o facto pode comparar-se ao acto daquele que, recordando uma cena pessoal de alegria ou de tragédia, revive mais tarde as emoções desse momento.

INQUIETO

Não é só pelos retratados mortos, mas também pelos seus familiares vivos que Leah sente respeito e simpatia. Alguns chegam a ameaçar com o suicídio, se o retrato não é possível.

Quanto aos tipos, variam tanto como o rosto humano — ainda que o grande pintor psíquico tivesse encontrado nas suas comunicações alguns gémeos tão semelhantes, que não poderiam ser reconhecidos, se não tivessem qualquer sinal particular.

Leah aponta muitas excepções, chamando-lhes exploração dos mortos da parte daqueles que julgam poder chamar determinadas pessoas. Isto acontece muitas vezes com casais que passaram a vida inteira a malquistar-se e que, em sua opinião, se deveriam ter separado no início. O que fica para trás experimenta grande perturbação com o sentimento de culpa de que poderia ter feito algo de melhor pelo que partiu. Mas isto depende, em princípio, do que o espírito sente para com eles, no caso de ele ou ela regressarem.

PROVAS

E quanto tempo leva Leah a executatar um desenho? Isso varia muitíssimo. O mais longo e o mais curto foi o do comunicante que ele desenhou em perfil, mas que só conseguiu ver de frente ao fim de 9 anos e meio. Quando tal se verificou, o retrato ficou completo em minutos!

Muitas vezes as provas incidentais fornecidas pelo artista são divertidas, como no caso da mulher a quem o marido, após uma noite passada fora de casa, trouxera uma escova de limpar chaminés e que, no outro dia, encontrou, atónita, um saco de fuligem no vestíbulo, uma vassoura no bengaleiro e a cobertura do seu sofá enegrecida de pó de carvão! Outras vezes as provas são fantásticas, como naquele indivíduo de Bigglaswade que não fumava nem bebia, mas que em todos os aniversários e Natais comparava uns óculos. Mas ainda mais surpreendente foi a prova dada a uma médica, que usava monóculo. O seu segundo marido também usava monóculo e se a mãe da médica vivesse até ao mês de Fevereiro seguinte contaria 103 anos. O médico aparentava ter 50 anos e a mãe de sua esposa devia contar essa idade, quando a filha nasceu. E tão orgulhosa era a velha senhora que, mesmo depois da sua morte, aparecia a Leah para ser retratada, insistindo em que a reproduzisse como se contasse 70 anos bem conservados!

Todos estes minuciosos tipos de observação são conhecidos dos indivíduos interessados, mas a maioria carece do olho precioso do artista e a sua incapacidade de análise pode ser um factor de peso no estabelecimento da evidência pura advinda dum comunicante apetrechado. E isto, neste caso de Leah, patenteia-se especialmente ao desenho do homem da orelha aleijada, que o artista delineou com um lóbulo muito longo num ouvido e sem nenhum no outro. A mulher do indivíduo em questão — com quem estivera casada durante 28 anos — negou que seu esposo tivesse qualquer defeito nas orelhas, sem ter, porém, fotografia alguma para provar a negativa. Acabou pedindo por telegrama algumas fotos do falecido e não foi sem surpresa que deu razão a Leah, dizendo:

— Nunca dei por isso!

RESULTADOS

Noutra emergência Leah desenhou um rapaz novo com determinado defeito num dos olhos, mas a família recusou-se a admitir que os seus olhos fossem normais.

Tempos depois o artista foi ao Brighton Palace fazer uma conferência durante uma reunião presidida pelo Rev. Macdonald Hobley, pai duma «estrela» de televisão.

No fim da sessão um homem idoso aproximou-se dele e disse-lhe:

— As minhas felicitações! O rapaz era meu sobrinho e o senhor apanhou-lhe exactamente a marca de sangue que lhe manchava o olho.

A filosofia de Leah é que só contam os resultados rigorosos da verdade e afirma:

— Nenhum retrato será completo, se não reproduzir toda a realidade da personagem, com os seus defeitos físicos inclusive.

E mesmo depois dos seus notáveis feitos em matéria de retratos, ainda comenta como num anseio:

— Continuo a admirar-me de como a comunicação com os espíritos me chega tão fàcilmente — dando-nos muitas vezes grande choque e, na maioria, grande dor.

Uma das suas histórias mais estranhas é aquela que nos demonstra que as pessoas não podem apelar para todos aqueles que desejam. E neste caso o desenho de Leah

O Espiritismo tem fracos adversários

Evidentemente, o Espiritismo ainda não teve adversários de valor. A maior parte deles são incompetentes na ciência do Espírito. Para combater o ideal espirita necessita-se, em primeiro lugar, de conhecimentos gerais sobre psíquismo; senão cai-se em ridículos deslizes.

Flammarion teve os materialistas alemães como oponentes. E foram derrotados. Os do sector materialista, até mesmo o professor Ferri, não saíram airosos da prova, ao passo que os dogmáticos religiosos, afirmando que o «demónio» se comunica nos centros espiritas, constituem um disco muito riscado.

Esta espécie de adversários fogem, geralmente, à polémica séria. Alguns deles escreveram livros, pretendendo desfigurar a verdadeira essência do Espiritismo e sem experiências reais. Para isso valeram-se de truques grosseiros.

Esta espécie de inimigos foram elementos favoráveis ao ideal espirita, porque assim contribuiram para que as obras (mais de doze mil volumes) sobre a ciência espirita e metapsíquica fossem lidas e estudadas.

Por isso o Espiritismo marcha impàvidamente, desenvolvendo a sua tarefa redentora, preparando o ambiente e o homem de amanhã. Claro está, que certas igrejas, como a anglicana, depois de haver comprovado a realidade dos fenómenos espiritas, pretenderam levá-los aos templos desta seita, o que constitui um contra-senso.

Nós entendemos que o Espiritismo nos templos ou como religião teria a mesma sorte de todas as religiões. existentes.

Por isso é preciso seguir as pegadas de Kardec, para reafirmar a sua essência filosófica e científica. Porque o que reclamam as novas gerações é conhecer as leis que caracterizam o Espiritismo e não crer cegamente. A fé cega e a crença sem base, engendram fanáticos; e estes estão a mais em nossas fileiras, embora não representem contribuição valiosa para a doutrina.

Ao lado dos elementos espiritas idóneos que existem nas Américas é necessário formar uma Escola destinada a criar juventudes apetrechadas e sadias.

Assistimos a um período histórico de renovação total. Longe de atender às lamentações de adversários desconhecedores do nosso ideal, procuremos pôr em ordem as fileiras, criando Escolas onde se preparem homens em condições de empunhar a bandeira branca do Espiritismo para erguê-la na trajectória que vimos delineando há tantos anos.

É esta a melhor maneira de servir o Espiritismo.

TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário, Argentina)

não foi reconhecido pela pessoa que desejava possuir o retrato.

UM CONSELHO

E decerto que não era de esperar a identificação, porque, segundo Leah, se tratava dum rapaz, recém-nascido. E o artista limitou-se a dizer:

— Pendure-o na parede e deixe-o falar por si mesmo. O conselho foi seguido, até que uma tia, de visita a casa, exclamou ao ver o desenho:

— Mas é um retrato de teu pai, quando era muito novo!

A semelhança tornou-se tão falada na família, que o pai — então de 80 anos de idade e residindo na costa azul — decidiu-se a fazer uma visita especial a Londres para ver «esse retrato de que tanto se falava». Após a visita, o ancião tornou-se espirita ferveroso.

Acontece muitas vezes, na vida do grande artista, o caso dum retrato examinado por uma família vincar esta ausência do conhecimento de mediunidade e o pintor observa tranquilamente nestas dúvidas momentâneas:

— Pendure-o na parede e deixe-o falar por si próprio.

Este é o invariável conselho que o extraordinário artista dá aos que mantêm dúvidas sobre as reacções familiares, ante o seu trabalho.

... Porque os seus retratos *falam* — testemunhando eloquentemente a verdade da sobrevivência do espírito depois da morte.

(Do «Psychic News»)

UNIDADE E OMNIPRESENÇA DA VIDA

por CYRILO ALEIXO

I

PARA ALÉM DOS SENTIDOS

A creditou-se durante muito tempo, que a parte material do globo era destituída de vida e que esta sòmente existia nos animais e nos vegetais.

A matéria, com seu aspecto imóvel, dava-nos a impressão de uma coisa absolutamente morta, destinada, pois, a ficar eternamente naquele estado. Certos investigadores chegaram, porém, a conclusões diametralmente opostas, verificando que no universo tudo é vida e movimento, nada existindo em repouso absoluto.

Muitos são os erros a que os nossos cinco sentidos nos têm conduzido, pelo que, pretender obter todos os conhecimentos do meio circundante apenas com o seu concurso, querer perscrutar o âmago da natureza sòmente com esses limitados meios de comunicação com o exterior, é tirarmos ilações erróneas, é ficarmos muito aquém da realidade.

Tudo que nos rodeia é, no geral, em sua essência, muito diferente do verificado pelos sentidos, pelo que nem sempre se devem considerar definitivas as conclusões tiradas mediante aqueles órgãos de sensação.

Em presença dos minerais, desses amontoados de matéria, onde a inacção é manifesta, a conclusão a que imediatamente chegamos, baseados no que a retina nos transmite, é serem destituídos da menor parcela de vida.

Mas daí a afirmar-se categóricamente a não existência de qualquer princípio vital no seio dessas massas aparentemente imóveis, é considerar os órgãos visuais como meios de observação absolutamente infalíveis, suficientemente perfeitos para darem conta de tudo que de facto existe.

Foi a certeza da existência de novos campos de observação, imperceptíveis aos sentidos humanos, que levaram à descoberta do telescópio e do microscópio; mas estes instrumentos são, por sua vez, impotentes para nos facultarem o exame de muitas outros facetas da natureza.

Torna-se, portanto, irrisório acreditar-se apenas no testemunhado pelos órgãos dos sentidos e relegar para o plano da fantasia, tudo que por eles não seja captado.

Dir-nos-ão talvez, muitos dos que crêem na existência de outros planos além dos revelados pelos instrumentos de análise, que a presença da vida em toda a parte não passa de mera hipótese, pela impossibilidade de uma prova directa, ignorando-se, assim, que muitos conhecimentos são apreendidos por outras vias além das normais e daí afirmações transcendentes e categóricas, rejeitadas por quem não está ainda apetrechado dessa maneira.

É a intuição, esse canal poderoso que nos coloca, com uma certeza matemática, face a face com verdades completamente desconhecidas dos que dela são destituídos, a próxima e poderosa faculdade humana, pela qual a natureza se desdobrará em novas e mais belas perspectivas.

E por que razão havia de ser completa a falta de quaisquer rudimentos de vida na matéria- Acaso o nosso adiantamento é tal, que tenhamos desfeito todos os mistérios da natureza?

Estulta pretensão essa, pois que o conhecimento humano actual não passa ainda de minúsculo grão de areia, nas dunas do desconhecido.

É imensuràvelmente mais vasta a parte oculta e ignorada da criação, do que a visível e só parcialmente explorada ainda.

II

O MUNDO VIRGEM DAS CAUSAS

O homem tem-se apercebido apenas dos efeitos, do aspecto exterior das coisas, ignorando o lado invisível da natureza, onde residem as causas, os porquês daquilo que os sentidos testemunham.

De um lado as aparências, a parte mutável do mundo dos fenómenos; do outro, as realidades, o sustentáculo de todas as formas da criação.

A marcha da ciência tem sido lenta e, como não podia deixar de ser, o estudo da natureza teve início na sua parte exterior, dirigindo-se depois, insensìvelmente, para o interior, uma vez que no encalço do fundamento das coisas, este se lhe vem constantemente escapando, obrigando-a, deste modo, a penetrar em novos âmbitos, no seu afã de deitar-lhe a mão.

Farta de esquadrinhar no mundo das aparências, onde nada encontrou, chegou assim às fronteiras do mundo invisível, que ante a perspectiva de um exuberante campo de investigações, se resolverá finalmente a franquear.

Não vem longe o dia em que, transporta essa

barreira, deparará, maravilhada e reverente, com a essência de tudo o que existe, com a chave dos porquês há tanto procurada, nada encontrando aí de sobrenatural, mas uma face ignorada da natureza, um novo aspecto da vida que, estuante, enche o infinito.

Tudo vem na devida altura e é necessário primeiramente que a razão amadureça, é indispensável que o género humano se apetreche convenientemente, para poder compreender e admirar essa nova face, onde, sem tal preparo, tudo lhe pareceria obscuro e incoerente.

Assim se chegará à compreensão de questões transcendentes, há muito na posse de certos sistemas e, segundo as quais, os universos não são mais do que imagens mentais de Deus, em sua mente infinita.

III

A PRESENÇA DIVINA UNIVERSAL

Segundo aquele alto conceito, a essência da criação é pura emanação do Absoluto, manifestada na vida de todas as suas partes.

Assim sendo, não pode existir a mínima coisa sem qualquer parcela de vida, porque, de contrário, a essência do Absoluto não estaria lá e neste caso Deus já não poderia ser absoluto, pela razão de que haveria algo de estranho fora d'Ele.

Ora isto é inadmissível, porque o infinito tem de ser totalmente preenchido por emanação sua, nada podendo existir que lhe seja alheio, pelo que a vida tem de se encontrar fatalmente em toda a criação, ostensiva ou veladamente.

Desde o átomo aos gigantes do espaço, tanto nos animais como nos vegetais, tudo se agrupa em combinações de forças, submetidas a forças maiores, num conjunto homogéneo, onde a seiva da vida circula constantemente, até aos últimos recônditos.

A omnipresença da vida é, assim, uma bela realidade, atestando a sabedoria e justiça do Criador, em cuja obra as distinções são apenas aparentes, porque a finalidade suprema é comum a todas as partes e se resume em evolução.

O universo é íntima criação de Deus, porque o material que o constitui está em si, uma vez que fora d'Ele nada mais pode existir e, consequentemente, a vida se encontra presente, nas máximas, como nas mínimas partes.

Aliás a ciência tem notado a existência de vida em todos os sectores até hoje explorados e, no seu inevitável avanço, certificar-se-á também da sua presença nas futuras descobertas, acabando por concluir que não existe para ela qualquer barreira.

IV

O DRAMA DA PRISIONEIRA DIVINA

Considerado como uma criação mental do Absoluto, o universo teve então início numa Imagem Mental, formada em sua Mente Infinita, constituíndo-se desta forma o elemento mental universal, o qual, seguindo a trajectória que lhe foi imposta, deu lugar ao elemento da energia universal e este ao elemento material universal, no processo inicial da involução.

Envolvida assim nestes três elementos (mente, energia e matéria), a essência divina, em sua irresistível tendência, que é o seu fado, de se desembaraçar de todas as limitações e reintegrar-se na Fonte Original, deu começo à fase evolucionária, na viagem de retorno à casa materna.

E assim, em todos os confins do universo se encontram constantemente lutando por ser emancipar das peias limitativas da sua expansão, o que só conseguirá após incomensuráveis períodos de tempo e à custa de porfiados esforços.

Por isso, imenso labor se encontra patente na criação, fomentado pela prisioneira divina, em seu afã de atingir a libertação completa, desde o reino mineral ao hominal, em graus de manifestação progressivamente mais dilatados.

A vida encontra-se com evidência nos vegetais, desde o germinar das sementes, ao crescimento, floração, frutificação e morte, apresentando assim uma certa analogia com os animais.

No limite entre o considerado orgânico e inorgânico vamos encontrar uns minúsculos seres — as moneras — destituídos de quaisquer órgãos, situados no ponto onde das formas vivas se passa às consideradas sem vida.

Dotadas de sensação, executam rudimentares processos fisiológicos, buscando sua presa, que é convenientemente digerida e assimilada pelo organismo, improvisando, para se deslocarem, uma espécie de pés, constituídos por pequenas partes do seu corpo, alongadas no momento para esse fim.

A manifestação vital desses pequeninos seres, no fundo dos oceanos, é, de facto, curiosa. Destituídos de boca, enrolam-se em volta do que pretendem devorar, absorvendo o alimento com auxílio de todo o corpo. Além disso, virando-os de dentro para fora, suas funções não sofrem alteração, comportando-se como se nada houvesse sucedido e, cortando-os em pequenos pedaços, cada uma dessas partes assume o aspecto de um ser distinto, com as funções que lhe são inerentes.

As moneras crescem ràpidamente, dividindo-se mais tarde em duas, o mesmo sucedendo a cada uma dessas partes e assim sucessivamente, em obediência à lei da reprodução.

A ciência tem deslocado de tal maneira o limite

DOIS CASOS INTERESSANTES

O MEU PRIMEIRO VOO ASTRAL

Conseguir ver a nossa parte metafísica liberta do corpo durante o sono é sentir o lado mais doce da vida depois da morte física. E há pessoas que voluntàriamente conseguem projectar a mente a distâncias longínquas, com a consciência de tudo o que se passa durante a efémera viagem.

Sou daqueles que podem utilizar esta possibilidade psíquica após exercícios e jejum e disponho dessa manifestação astral. O mais difícil para o iniciado neste voo etéreo é a reacção da consciência e a sensação do medo.

Na primeira noite ao experimentar qualquer dos dois entraves abdiquei de qualquer resistência física ou mental e observei o que se ia passar. A primeira sensação foi a leveza do corpo, ao mesmo tempo que o «outro» se elevava do leito para o tecto.

Num breve instante vi-me no pátio suspenso no ar e, meio desperto, olhei as estrelas e aspirei a brisa da noite, divisando na escuridão os objectos que entravam no cenário. A velocidade do voo aumentava sucessivamente e fui impelido para cima de árvores verdejantes ao longo de uma corrente de água murmurante.

Divisava inúmeros objectos a moverem-se sobre mim, mas eu estava longe das coisas físicas e depois, em velocidade crescente, pareceu-me que o meu espírito procurava evadir-se. Mas antes de se realizar voltei com a mesma rapidez, atravessando as sólidas paredes do meu quarto para despertar, deitado na cama e respirando a custo.

A. M. Kojo, de Abogye, Shana

A ÁRVORE SECA

A sr.ª Ascención Ramírez de Zamora del Hidalgo é uma anomalia da cidade de Michoacan, no México. Descendente dos reis índios de Torascán e criada no seio de família profundamente católica desistiu da posição social, do luxo e até da família para casar com um missionário baptista. Sofreu por isso duras provas e até as perspectivas da fome, da perseguição e da ameaça de violência física para levar a sua mensagem de amor aos índios das altas e longínquas montanhas. Mas Deus recompensou-a bem, concedendo-lhe um poder espiritual que deixa os cristãos comodistas admirados e atónitos, porque «fala ao Altíssimo e Ele lhe responde».

No Verão de 1952, quando vivia em Patzcuaro, um dos seus irmãos de raça, índio analfabeto, perdeu-se na cidade, vencido pela miséria. Como não tinha onde acoitar-se, a caridosa senhora levou-o para sua casa, onde fez tudo para lhe restituir o auto-respeito, já que era um ébrio e um vagabundo e logo que entrou em si ensinou-lhe o amor a Deus — uma tarefa lenta e duvidosa.

Mas quando ela o julgava salvo anavalharam-no de morte e roubaram-no. A pobre senhora censurou-se a si própria por ter agido lentamente, acusando-se de ter perdido aquela alma. Pediu então a Deus que a salvasse e como sinal fizesse secar a figueira do seu quintal que não dava figos. E a árvore foi amarelecendo e secou, como prova de que o espírito do assassinado estava salvo.

O que narramos é o relato do pastor J. Ascención Ramírez de Zamora del Hidalgo, de Michoacán, México, que o verificou com testemunhas, na sua igreja de Patzcuaro.

(Do Fate)

entre as formas vivas e as tidas por não vivas, que é pràticamente impossível estabelecer com precisão uma divisória entre ambas.

Reconhecer-se-á brevemente que, na realidade, tal limite não existe, mas sim uma infinidade de gradações na manifestação da vida universal.

Nas mais ínfimas formas de vida há uns seres microscópicos, conhecidos por «cristais vivos», de feição geométrica, muito semelhantes aos cristais químicos, com os quais fàcilmente se confundem, mas que deles diferem, por serem portadores de funções vitais.

Entrando em seguida no reino mineral, vamos encontrar nos cristais rudimentares princípios de vida, com o nascimento, crescimento e ainda a morte por processos químicos ou por descargas eléctricas.

A cristalização deixa assim de ser considerada uma simples reunião mecânica de átomos sem vida. Os cristais formam-se em obediência a um determinado molde, tal como sucede com as plantas e os animais, adquirindo as formas geométricas que lhes são peculiares e reproduzindo-se depois por separação.

A principal diferença entre estes cristais e as baixas formas de vida — as moneras —, consiste no facto de nos cristais o crescimento ser exclusivamento exterior, com a sucessiva sobreposição da substância construtiva, enquanto nas moneras se opera de dentro para fora, com a absorção interna do alimento.

Para onde quer que nossa atenção se dirija, não encontraremos falta de vida seja onde for, embora em muitos casos ela se apresente tão velada, que nos dê a impressão de não existir.

(Conclui no próximo número)

As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

O monge que guiou o arqueólogo

Quando Frederick Bligh Bonde era director das escavações em redor de Glastonbury, o berço tradicional do cristianismo na Grã-Bretanha, teve o ensejo, para ele fascinante, de receber uma série de dramáticas mensagens espiritas em escrita automática que lhe foram transmitidas por um colega médium. As mensagens chegaram, em redacção arcaica, provindas de um monge, há muitos anos falecido, que tivera no reinado de Henrique VII e nelas eram indicadas as exactas localizações de duas capelas dadas como desaparecidas, com todos os pormenores arquitectónicos, etc., cuja exactidão foi confirmada pelas escavações que, posteriormente, se fizera.

Quando alguns anos mais tarde Bligh Bond revelou a origem espirita da informação, dando publicidade ao facto, uma tempestade se desencadeou na vida pública inglesa. O caso foi levado à Câmara dos Comuns e Bond, nessa altura, escreveu no *Times* o seguinte:

«No interesse de todos os visitantes desse famoso escrínio que é Glastonbury seja-me lícito trazer ao conhecimento público os factos que se seguem, respeitantes à recuperação actual iniciada em 1908 e ao período em que fui director dos trabalhos (1908-21) para esse fim.

INÚTIL VANDALISMO

«Durante o tempo da minha supervisão como técnico descobri e identifiquei as fundações da Capela do Rei Edgar, ao termo oriental da Abadia; as capelas de Nossa Senhora do Loreto, São Dunotan e S. Michel in the Graveyard; uma Forrela normanda, única relíquia da igreja de Turstin; uma parede igualmente normanda e desconhecida, atribuída a Herlevern; as duas fundações das torres de oeste da grande igreja do século XII e muitas outras peças arquitectónicas da abadia e do seu mosteiro.

«Quando mais tarde voltei da América e visitei o local fiquei profundamente desapontado ao ver que, à excepção das fundações da capela do Loreto, o resto tinha sido remodelado e alterado ao ponto de eu o não reconhecer.

UM LOGRO PARA OS CURIOSOS

«Assim muitas particularidades históricas antigamente acessíveis aos estudiosos foram transformadas numa coisa desconcertante e obscura, como, por exemplo, a ala oriental da Capela de Edgar com suas paredes atribuídas a Abbot Whyting que foi coberta com terra e pedras. Estes muros eram importantes do ponto de vista arqueológico e eu nem sequer sei quem foi o responsável pelo barbarismo. Parece assim que a entidade responsável pela abadia procedeu neste campo propositadamente para embelezar os terrenos, sacrificando os velhos e históricos muros».

«A capela de Edgar, erecta em memória do rei satínico do mesmo nome, estava pronta pouco antes da dissolução da Abadia em 1539. Durante séculos foi desconhecida, a não ser pelas pequenas referências em documentos coevos, e pessoa alguma conhecia a sua localização. As escavações empreendidas pela *Somerset Archeological Society*, de que Blegh Bond era membro, empreendeu as primeiras escavações e ele foi convidado para as dirigir».

O AMIGO PSÍQUICO

Bond não era espirita, mas sentia grande interesse pelos assuntos psíquicos, frequentando as sessões de Hester Dowden e admirando a sua escrita automática. Um dia, depois de ter estudado bem o assunto, chegou à conclusão que o seu amigo John Alleyne possuia um dom igual. Imediatamente se procedeu a sessões e numa delas (Novembro de 1907) Bond perguntou ao médium: — Pode dizer-me alguma coisa acerca de Glastenbury?

Nessa época as escavações ainda não tinham começado. Então a mão de Alleyne traçou um plano da Abadia, com uma seta apontando a área da capela de Edgar e assinando: «Guilherme, o monge».

RESPOSTAS EM LATIM

As dimensões e a posição da capela suscitaram dúvidas consideráveis na mente dos investigadores. Outras perguntas foram respondidas em latim, afirmando que, de facto, era ali a capela de Edgar.

Na sessão seguinte uma nova personagem entrou em cena, dizendo chamar-se Joannes Bryant. Não era monge e parecia estar em constante conflito com o seu irmão frade, e afirmava ter morrido em 1553, conhecendo bem a abadia por ter sido seu procurador. Lenta, mas seguramente, posição, dimensões, profundidade sob a terra e outros pormenores foram revelados sobre a histórica capela de Edgar, bem como o número dos pilares, das janelas, etc. Referindo-se aos caracteres arcaicos da mensagem, Bond escreveu:

— Uma das primeiras coisas que nos foram ditas foi que encontraríamos uma capela com cerca de 30 metros de comprimento. Isto foi-me comunicado em 1907 e princípios de 1908, com a predição de que teria a permissão de escavar o local do aterro.

O Espiritismo, seus Opositores e Defensores

«Entre as pessoas que se dizem cultas há milhares de fiéis que se deixam enganar pela prestidigitações dos espiritistas e de seus médiuns e crêem em coisas incríveis: espíritos batedores, mesas giratórias, escritos psicográficos, materializações de espíritos de pessoas mortas e até fotografias de espíritos. Tais são as fantasias grosseiras que acham crédito, não só em indivíduos ignorantes, como em pessoas instruídas e certos naturalistas de imaginação exaltada. É em vão que numerosas observações mostraram que todas estas operações falaciosas repousam num propositado embuste, numa verdadeira trapaça ou uma ilusão. Tem sempre cabimento o velho provérbio: «Mundus vult decipi» (o mundo quer ser enganado).

«Estes esforços desesperados espiritas tornam-se particularmente perigosos, quando fingem ciências naturais, quando utilizam os fenómenos fisiológicos do hipnotismo ou adoptam a capa do monismo. Por isso o famoso ocultista Karl du Prel escreveu a «Filosofia da Mística» e a Psicologia Monista», ambas absolutamente místicas e dualistas, cheias de fantasia e falhas de crítica».

HAEKEL
(As maravilhas da Vida)

«Os fisiologistas são obrigados a pensar que, por mais incrível que seja um fenómeno, há-de forçosamente basear-se numa lei da natureza, porque têm o dever de ser francos inimigos do milagre. Por isso, se os fisiologistas tomassem a sério a sua missão, seriam os mais assíduos frequentadores das sessões espiritas, porque, justamente por não serem milagres, os factos, que lá se observam devem ser produto de uma física desconhecida.

«Estas sessões deveriam interessá-los no mais elevado grau, pois nelas poderiam estudar numerosíssimos fenómenos que enriqueceriam os seus conhecimentos, ampliando-lhes os desígnios científicos.

«O fisiologista que deixa de frequentar estas sessões fecha o caminho no seu próprio campo.

«Os factos são tanto mais instrutivos, quanto menos quadram às nossas teorias. O Espiritismo, é que não cabe nelas e por isso se deve estudar. É um erro temê-lo. Não é o sobrenatural que ele contém, mas o transcendente. Não encontraremos nele milagre algum, mas uma causalidade conhecida. Nada de misticismo, mas sòmente o inexplorado; nada de metafísico, mas simplesmente metafísica».

KARL DU PREL

Quando em Maio de 1908 a profecia se realizou com a descoberta dos primeiros vestígios, foi-lhe entregue a licença para os trabalhos de desobstrução e indicado medùnicamente o sítio em que ela deveria começar. Depois de muitos meses de labor a capela surgiu com as exactas características espiritualmente descritas. Nessa altura Bond evitou mencionar as escritas automáticas nos seus relatórios, a conselho dos seus colegas arqueólogos. E escreve a propósito:

«Além disso eu tinha conhecimento da forte corrente eclesiástica antagónica do Espiritismo».

Em 1918 publicou o seu livro «Gate of Remembrance» (Porta das Memórias) e nela nos oferece a história da sua única aventura arqueológica, revelando ao público todos os pormenores do caso da Capela Edgar e juntando a esse relato outro caso ocorrido em 1916 acerca doutra capela, a de Nossa Senhora do Loreto, com as suas medidas exactas e planos fornecidos em escrita automática.

O TRIBUTO DA CIÊNCIA

Sir William Barrett, professor de física no *Real Colégio de Ciências de Dublin*, enfileirou então ao lado de Bond, com a sua autoridade de sábio famoso. Escreve ele a propósito do livro já citado:

— Alguns leitores podem ter duvidado da autenticidade dos factos narrados neste livro, mas eu julgo útil juntar o meu testemunho para afirmar a sua inteira veracidade... Algumas afirmações dos escritos eram absolutamente desconhecidos para qualquer vivente e não mencionados nos arquivos históricos, antes da sua verificação pelas escavações. Devemos, em qualquer caso, estar em guarda contra o uso demasiado fácil de palavras, tais como «telepatia» e «subconsciência», como manto da nossa ignorância. A história da Física elucida-nos sobejamente sobre quanto o seu progresso foi retardado pelo abuso de frases e palavras como «flogiston» «catálise», etc., as quais nada explicavam e hoje são ridículas, embora no seu tempo fossem consideradas verdadeiros axiomas».

Mais tarde Bond pôde voltar às suas escavações e, pessoalmente, pormenor por pormenor, verificar com exactidão as medidas, a traça e o estilo do monumento. Além disso a arquitectura da capela tinha sido descrita pelos espíritos comunicantes como sendo do estilo italiano e único do seu género na Inglaterra e na época da sua construção. E efectivamente, quando o solo foi escavado, fragmentos de pedra e de estuque forneceram uma completa chancela dos pormenores vindos a lume na escrita antomática.

A publicidade desta descoberta despertou enorme sensação e depois do achado posterior duma parede normanda que não estava nos relatórios — mas sim exactamente onde tinha sido indicada nos escritos — as escavações foram abruptamente suspensas e Bond demitido do posto de director.

Foi, pois, devido a uma comunicação espirita, que possuímos hoje um plano quase completo da original Abadia de Glastonbury — o histórico local da primeira igreja cristã da Grã-Bretanha.

(Do Two Worlds» de 9-5-59)

Abril nos Jardins... Primavera nas Almas!...

por Maria Inês Sena

Como sabem, Abril deriva do latim «Aprilis», que significa abrir. Em tempos recuados o ano começava em Abril. Era muito mais compreensível que assim fosse ainda.

Seria agradável ver despontar o ano numa profusão de claridade, em vez de surgir duma terra empapada pelo pranto do céu, como geralmente sucede em Janeiro. Não chego a atingir a razão dessa mudança, sendo Abril um mês essencialmente belo.

Nele renascem sorrisos de esperança.

Segundo uma lenda, Vénus, que preside a este mês, nasceu da espuma do mar e preside à Beleza, à Graça e aos Amores.

Abril é a grande festa da Natureza.

Rebentam ramos, desabrocham plantas, abrem suas corolas as primeiras flores. Tudo nasce nos campos exultado pelos frescos da Primavera!

O céu veste cerúleo manto... e a terra é veludo verde pintalgado de margaridas...

As manhãs são musicais, parecendo brotar de Apolo essa sinfonia de luz ... de música e de cor.

Os campos são alcatifas bordadas por diferentes flores, de onde surge a madre-silva no seu toucado róseo, os lírios em safiras perfumadas, tudo num pitoresco harmonioso como balada suave repercutindo em nossas almas!

É um deslumbramento hipnótico!

Todos os anos a feiticeira chega adornada de novas galas num cortejo de Boas-Vindas!

É ela que mais contribui para a nossa alegria, é ela que irradia o encanto que nos alheia e nos faz sentir a sua veemente sedução!

Mal o sol a anuncia, despontam botões sedentos de luz e vida e mais se erguem palpitantes, túmidos de seiva, frementes de ansiedade... ... e a brisa caricíosa espalha e leva para longe poalhas desse oiro para deleitosas emanações ...

É uma festa animada pelo estrídulo gorgeio da passarada em coro com o gorgolhar das águas em sussurros consoladores.

Primavera, Primavera! És a quadra propícia à meditação e à poesia sonhadora!

Não escrevo poesia, mas sou poetisa por sentimento e por isso sinto entusiasmo sem limites ante toda a Beleza.

Que belo escutar as notas cantadas pelo rouxinol balouçado em roseira brava que mergulha as raízes no húmus do regato!

Somos peregrinos. Descansemos na berma do caminho e comtemplemos mais esta Primavera. Advieram do acaso todas as maravilhas que nos cercam? «O Acaso é o deus dos loucos», disse algures um filósofo...

Almas queridas! Duas palavras bastam para a introdução duma tese: Deus existe!

Feliz daquele que dos seus dias fizer degraus que o conduzam ao Criador! Receberá as bênçãos prometidas!

A linguagem não exprime saber, mas sim o meu sonho e a minha crença. E é difícil tratar da natureza sem sermos atraídos para Deus.

É assim... Quando uma ideia nos eleva o espírito, a inspiração vem do Alto!

Por essa razão é que Voltaire nada produzia sem pronunciar a palavra Deus!

E os Mestres da Idade Média, inspirados na mesma Fé, escreveram páginas emotivas e os Músicos partituras melodiosas.

Infelizmente, a Aurora das emoções belas foi-se qual melodia que o vento leva de mansinho, ungida de inspiração ...

Surgiu a época deplorável da demolição espiritual, a desvirtualidade do espírito, um reduzido horizonte moral e intelectual.

No tablado da vida pululam os divertimentos malsãos e o Povo tem o rude exemplo do caos que o estrangeiro lhe trouxe através da tela no dilúvio imoral e vazio...

Vejamos, também, a brutalidade do futebol, onde rapazes correm bestializados atrás de uma bola, açulados por multidão ululante!

Que triste espectáculo esse cancro, corroendo a humanidade! Bem disse Baudelaire: «O vosso castigo nascerá dos vossos prazeres».

Os nossos dias terão de sofrer mudança radical. Um sopro moral apagará o fogo atiçado pela loucura e a Verdade luminosa romperá nas Almas! Depois, num voo feérico, há-de emergir o esplendor da Perfeição! E haverá Abril nos jardins e Primavera nas Almas!

A PARAPSICOLOGIA E A REALIDADE DO ESPÍRITO

La Razón, *grande diário argentino, fez elogiosas referências ao trabalho que o Dr. Ricardo Musso, presidente do* Instituto Argentino de Parapsicologia, *expôs no salão daquele jornal, explicando em que consistem os chamados fenómenos de percepção extra-sensorial e psicocinesia, historiando o caminho que do ocultismo se dirige a um novo ramo da psicologia com técnicas especiais.*

— Com suas novas técnicas — afirmou o conferencista — a Parapsicologia demonstrou a realidade da percepção extra-sensorial e, com técnicas especiais, se regista a clarividência, a premonição, a telepatia, a psicocinesia, mas sem tornar perceptível a causa. A nova ciência capta fenómenos psíquicos de alcance prático extraordinário, embora esteja ainda na fase de laboratório. Mediante cálculos estatísticos provam-se os factos ocultistas, eliminando toda a possível fraude.

E o matutino portenho comenta:

«Que vantagens práticas traz a experimentação parapsicológica? Captar fenómenos de alcance imprevisto, disse o Dr. Musso, mas que ainda não saíram da fase de laboratório. Além disso facilitam a compreensão da natureza profunda do homem, de um fundo que não é físico e que recebe o nome de alma ou coisa parecida. Assim mesmo corrige uma concepção mecanicista que apresenta a pessoa humana qual máquina, como alguns julgam, em função cibernética. A Parapsicologia afirma a realidade do espírito, como algo de não físico nem intencional. Revela qualquer coisa que ainda ignoramos.»

O Espiritismo tem o maior interesse pelos estudos científicos do psiquismo, mesmo que os investigadores pareçam colocar a Doutrina em campo resvaladio. Até hoje ainda ninguém conseguiu destruir as bases do edifício kardequiano. Pelo contrário, à medida que a ciência procura esclarecer-se a respeito dos fenómenos chamados metapsíquicos, o Espiritismo dá mais um passo em frente.

Os factos metodizados há um século pelo Codificador e depois pelos seus continuadores, principalmente o eminente crítico e professor Ernesto Bozzano, continuam a verificar-se em todas as regiões, com ou sem parapsicologistas ou metapsiquistas, que vêm quase a ser a mesma coisa. O que é preciso é um rótulo, um «selo de garantia». E esse, pelos vistos, só a Ciência o pode dar. Mas se o não der, pouco importa às forças ocultas, cujo trabalho continuará a servir de alicerce a novos estudos, onde quer que surjam os pesquisadores da verdade.

O ESPIRITISMO EM ÁFRICA

Yours Fraternally *referiu-se há pouco à difusão do Espiritismo na África do Sul, relatando que o sr. Noel M. Griffin, eleito presidente da* União Espirita da África do Sul *em 1956, encontrou 14 centros e sociedades constituídas, verificando-se agora mais de vinte, que constituem 90 % do espiritismo organizado na África Meridional, desde o ponto mais setentrional da Rodésia do Norte até à Cidade do Cabo, no extremo sul.*

Quem conhece as enormes dimensões daquele território notará que vinte sociedades serão uma gota de água no oceano. Mas, segundo aquele confrade, nota-se grande entusiasmo até nas mais pequenas comunidades, onde funcionam grupos perticulares, em virtude de não haver número suficiente para formar um centro ou uma sociedade.

Não é difícil acreditar nestas informações, porquanto a doutrina espírita contém germes de atracção que levam céptícos e renitentes a estudá-la, que mais não seja, por simples curiosidade ou para o destruir inteiramente. Depois sucede o contrário. O Espiritismo, como já temos dito, é como a árvore do sândalo, que perfuma o machado que a corta. Harmoniza e consola amigos e inimigos, que acabam por se converter em seus momentos psicológicos.

HÁ QUATROCENTOS ANOS...

Em Dezembro do ano passado lemos o seguinte no Diário de Notícias:

«O Conde de Saint-Germain, famoso astrólogo do século dezoito, dizia que era imortal. Certa noite, perante o cardeal de Rução, afirmou que tinha jantado com Pôncio Pilatos e descreveu minuciosamente a casa do governador romano. Passados dias, o cardeal dirigiu-se muito furioso ao criado de quarto de Saint-Germain, exclamando:

— Que o teu patrão fabrique ouro e prediga o futuro, admito; agora que me venha dizer que jantou com Pôncio Pilatos há dois mil anos é demais! Também lá estavas?

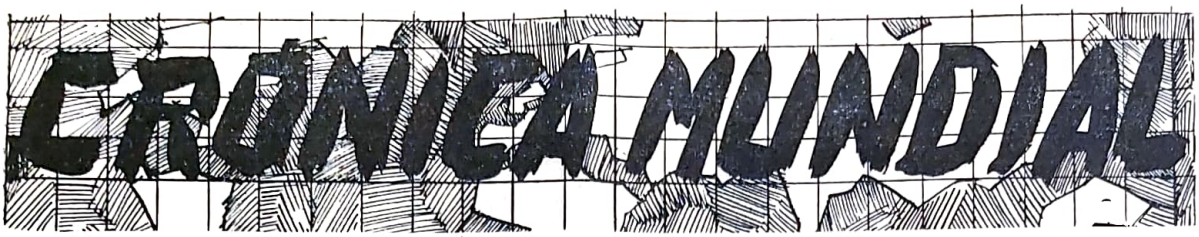
O interlocutor abanou a cabeça e respondeu plàcidamente:

— Não, monsenhor. Isso passou-se há muito tempo e eu só estou ao serviço do sr. conde há quatrocentos anos!

OS CURANDEIROS ESPIRITUAIS

Em Outubro de 1959 a France Presse *difundiu uma notícia em que se afirmava que poderiam exercer «clínica» num hospital londrino de Hackney os curandeiros que curassem as doenças por meio de orações. Embora sujeitos a estatuto menos liberal que os sacerdotes e ministros religiosos, seriam admitidos à cabeceira de qualquer enfermo, se estes o pedissem. No entanto, teriam de pertencer à* Federação Nacional dos Curandeiros Espirituais.

Na velha Inglaterra as coisas mais inverosímeis verificam-se à sombra de direitos inalienáveis consignados na lei que se legislou no sentido de honrar o cidadão e defendê-lo contra o que lhe cerceie a liberdade. Nos países latinos a mentalidade é outra e os costumes diferentes. Nem sempre os curadores «podem» curar. O preconceito tolhe o passo às melhores iniciativas em detrimento das prerrogativas individuais.



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A HISTÓRIA DE UM CLARIVIDENTE

Agora, que tanto se tem discutido o casamento da Princesa Margarida de Inglaterra, é oportuno citar um artigo publicado no *Two Worlds* de 9 de Janeiro último acerca do clarividente italiano Francisco Waldner, de Roma, que predisse o casamento da Princesa Margarida para 1960. A profecia foi publicada há pouco no *Woman's Mirror*, cujo jornal, numa série de artigos do género, vaticinou alguns acontecimentos, entre os quais que Peter Towsend seria banido da vida da Princesa em 1959.

Além desta, outras previsões matemáticas publica este jornal, como as que se referiam a Hitler e Mussolini, em que não acreditaram.

Francisco Waldner nasceu perto de Merano, aldeia austríaca, que se tornou italiana na primeira guerra mundial e diz pertencer a uma família de clarividentes. A sua faculdade manifestou-se aos oito anos de idade e um dia ficou surpreso ao ver na sala de aula da sua escola um caixão coberto de flores e rodeado de tocheiros. Os seus condiscípulos e o professor riram-se da visão, mas na semana seguinte um dos professores foi a Bolzano e no regresso os fascistas abateram-no a tiro, durante uma rusga. Como visionara um caixão coberto de flores e rodeado de círios, colocaram-no na aula na posição em que o vira e que ninguém acreditara.

Depois vieram premonições, clarividências, telepatias, previsões espontâneas, até que a mãe lhe disse que guardasse os prenúncios para si, a fim de evitar complicações. Mas ele previa tudo: Gente que se hospitalizava, que morria ou que era vítima de acidentes.

Aos catorze anos morreu-lhe o pai e contrataram-no para exibições de clarividência num centro de Munique, tendo sido considerado menino-prodígio semelhante a Pierino Gamba ou a Kreutzer, em virtude dos dons que possuía. Sentado no palco e de olhos vendados expunha-se a perguntas escritas dos assistentes e sem ler as palavras ocultas nos papéis soletrava-as lentamente e respondia. O trabalho, porém, era demasiado e exigia-lhe muito esforço nervoso. Nesta conformidade foi a Viena estudar Astrologia e Grafologia numa academia de Estudos Metafísicos e encontrou Freud, o criador da psicanálise, espírito de argúcia quase mórbida, o qual se apaixonou pelo estranho caso, apresentando Waldner a alguns doentes. O próprio mestre ficava atónito, quando o vidente lhe revelava coisas íntimas e verdadeiras a seu respeito e que o professor levaria meses a descobrir.

Depois o vidente abandonou a Áustria por não simpatizar com o regime nazista e fixou-se em Roma. A sua previsão sobre o destino desta cidade foi exacto, quando todos os italianos julgavam o contrário: não houve bombardeamentos de maior.

Mussolini visitou-o algumas vezes antes do conflito atingir o auge no solo italiano; mas nem ele nem Hitler quiseram aceitar a sua profecia de que perderiam a guerra que haviam provocado.

Two Worlds finaliza o artigo com estas palavras.

— Eis um homem que, nos domínios da parapsicologia, patenteia a força magnífica do Espírito e a sua realidade.

DOIS SONHOS VERÍDICOS

O *Fate* de Janeiro último insere na secção «Experiências Estranhas e Verdadeiras» um caso narrado pela sr.ª Goldstone, de Bristol, Inglaterra, sob o título «O Mistério do Roupeiro» e que trasladamos para estas colunas:

«Recentemente — diz ela — sonhei que o meu fio de estender roupa tinha caído, arrastando toda a roupa estendida e a linha caiu no meu pescoço. Comuniquei o facto ao meu vizinho e fomos inspeccionar a suspensão. Tudo estava bem, mas na semana seguinte o facto repetiu-se e ao inspeccionar uma árvore próxima da parede um ramo caiu próximo do meu pescoço. Se tivessemos examinado o fio junto à parede, não teria caído com toda a roupa do meu vizinho, tal qual como em sonho.

«Cinco anos antes da última guerra tive outro sonho. Vi um homem de pé e à retaguarda do meu leito, mas a particularidade mais horrível é que não tinha cabeça, embora o resto do corpo estivesse intacto e segurasse na mão uma espécie de boné redondo.

«Relatei o facto a meu marido, comentando: «Espero que não haja guerra com qualquer dos nossos amigos metidos na tragédia». Do uniforme exibido pela aparição não me lembro, porque tomei a visão por um sonho; mas quando rebentou a guerra tudo se esclareceu devidamente. Meu marido trabalhava para um patrão muito jovem que eu já vira e que usava o uniforme dos bombardeiros com o boné do meu sonho; e certa noite o pobre rapaz entrou em combate e a cabeça voou-lhe, decepada do tronco».

Os sonhos verídicos da sr.ª Goldstone foram semelhantes a muitos outros que a Parapsicologia estuda no sentido de profundar as causas, embora o alvo se afaste na medida daqueles passos claudicantes...

A ENFERMEIRA E A MORTE

Em *Two Worlds* de 30 de Janeiro E. B. publica um artigo intitulado «Como a Enfermeira vê a Morte», baseado no livro «Fim do Dia», de Palmela Bright, que durante 18 anos exerceu a sua profissão e como intelectual anotava em seu diário a tarefa penosa e amorável de assistir e amparar os sofredores que nela viam uma razão de confiança.

Os seus doentes eram cancerosos e a autora mostra-se bem ciente de que a morte não é um fim, mas um princípio.

— Depois de tudo — diz ela —

é mais do que nada essa espécie de partida, de aventura em novo mundo. E nós devemos vê-la integrada numa longa, bela ou vil cadeia de acontecimentos.

Conhecedora do espectáculo quotidiano da morte, afirma que o conhecimento do fim e a sua aceitação é essencial à dedicação do indivíduo ao estudo da ciência, da arte, etc., e tudo o mais entra em perspectiva e a personalidade humana pode tornar-se mais importante no sentido metafísico.

Depois de afirmar que a morte ataca cada ser de diferente modo, Palmela Bright escreve:

— Das minhas memórias se conclui que a morte é sempre pacífica, que raramente se conhece a sua chegada e que na maioria dos casos não há medo. Às vezes o doente compreende o seu fim e vê o mundo diferente que vai conhecer numa aceitação total do trânsito inexorável. Então as palavras são escassamente audíveis e articuladas impressionantemente e de compreensão difícil. É quando já se encontra próximo do outro lado.»

A seguir apresenta uma curiosa teoria:

«No cérebro humano existe em latência uma espécie de inexplicável mecanismo que compensa muitíssimos seres que vão morrer sem noção perfeita do acontecimento. Quanto tempo ouvi uma mãe moribunda a falar-me da mágoa que tinha por deixar a família!»

Quando esteve na Palestina testemunhou um uso intrigante de preconhecimento a juntar a muitos outros do seu arquivo passado com um doente a seu cargo, ferido com uma bala no peito e que apesar dos extremos cuidados de que era alvo estava certo de que brevemente morreria. Ante os sintomas verificados, a sr.ª Bright pergunta:

— Sob o esforço mental da sua doença ou pelas reacções físicas ante a morte teria a sua mente evolucionado naquele curto espaço de tempo (que não conta no efémero da vida e na eternidade do espírito) para receptividade psíquica que ultrapassava a vida?

E a propósito do célebre actor Henry Irwing, diz que se lhe atribuía o dom de haver adivinhado e experimentado a aproximação da morte. Afirmou-o pùblicamente no seu último espectáculo.

— Normalmente — pondera E. B. — nunca alterava os gestos, a maneira de falar ou de andar e declamar no palco. Mas nesta altura mudou de posição, alterou várias palavras e deu ao público maravilhosa e vívida actuação, representando com maestria e talento como jamais fizera através de uma carreira brilhante e cheia de êxitos. E na mesma noite morria no hotel.

Palmela Bright escreve ainda:

«Em nossa profissão parece-me que as experiências sempre nos deixam outro segredo para decifrar, um lado secreto, humano e metafísico sujeito á meditação, um outro enigma...

— Esses segredos — volta a dizer E B. — teve-os Miss Bright que desvendar, talvez porque o seu espírito acompanhava o grande momento da desencarnação com a sua curiosidade e o seu afã compreensivo. Mas ela possui uma firme convicção na ordem divina do espírito, quando diz:

— A Terra e o Tempo não podem ser tudo. E seguramente a única esperança de melhoria, a nossa única probabilidade de vida reside na imortalidade e nada nos pode dar como ela o que, de facto, desejamos e nos faz sentir como realmente somos. Sem esta certeza, os nossos corações sangrariam de agonia.

Sem dúvida que o espectáculo da morte não deixa impassível o homem de sentimento. É demasiado chocante para que se veja extinguir uma centelha vital sem um minuto de meditação.

O ESPIRITISMO EM LONDRES

A nossa correspondente em Londres, Miss Singleton, enviou-nos algumas informações acerca do movimento espirita na grande metrópole inglesa. Refere-se a uma sessão memorável com o conhecido médium Joseph Benjamin, em que os dois mundos estiveram face-a-face, provando-se que do outro lado há seres inteligentes que recordam casos da vida passada e até da vida actual, como se estivessem em casa dos interessados e a conviver com eles. E conta que o espírito de um rapaz desejava comunicar com os pais. O médium pediu uma foto à mãe do rapaz e falou na sua morte em coma repentino, narrando peripécias relativas ao desencarnado, as quais foram confirmadas inteiramente pelos pais à nossa correspondente, afirmando que Joseph Benjamin não tinha nem podia ter conhecimento algum de semelhantes pormenores.

O médium falou também do terrível tráfico de cavalos e na campanha contra ele levada a efeito pelo *Daily Mirror* e acentuou que todos os problemas seriam resolvidos com *delicadeza*. Em seguida referiu-se a um médico que lhe dera seis meses de vida, quando há seis anos fora acometido de trombose. Afinal, o médium continua a trabalhar e o médico é que desencarnou.

A sessão foi organizada pela *Stamford Hill Psychic Research Society* na Catedral de Good Shepherd, Stamford Hill (antigos católicos que difundem os ensinos da recente igreja de Cura Espiritual).

«O TÚNEL DE SÃO GODARD...»

Sulyac analisa na *Revue Spirit* a campanha lançada pelo semanário *Paris-Varietés*, sob o título «Vivemos após a Morte?» e no qual há afirmações exageradas. No n.º 75 do jornal citado relata-se a história de dois viajantes contada por Cícero e o caso da cantora inglesa Dorothy Squires que fora vítima das facécias de um pretenso fantasma durante certo programa de televisão. No final do relato o autor anónimo pergunta:

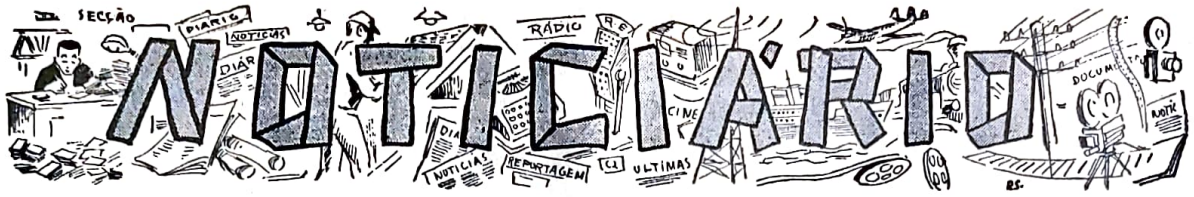
— Houve espectros que provaram a sua identidade?

E responde logo afirmativamente, pelo menos do ponto de vista pessoal. A reguir cita estas linhas de Alphonse Sèche: «Todo o mistério infunde receio e atracção. A morte é o grande mistério». Os seres pouco imaginativos, cujo espírito não se elevou acima das contingências terrenas, apavoram-se ante a morte. Nos imaginativos a curiosidade suplanta o medo. O desconhecido da morte fascina-os».

O cronista da *Revue Spirite* pergunta aos leitores:

— Já atravessaram São Godard para entrar em Itália? Toma-se o comboio em Lucerna ou em Fluelen, no fim do lago dos Quatro Cantões e depois de mil voltas numa natureza grandiosa pára-se em Gentchenen. Num instante entra-se no túnel negro e misterioso que surge a poucos metros da locomotiva. Porque nos emocionamos? A nossa vida estará em perigo? Não; mas preparamo-nos para qualquer coisa de extraordinário. Faz frio, a neve cobre a montanha, o comboio apita ... Parte... Partiu... E vinte minutos depois é o céu azul, a Primavera, a fascinante alegria do sol! Não será a morte um túnel de São Godard? Que haverá no outro lado do túnel? A paisagem será alegre como a que espera o viajante em Airolo? Creio que sim. Concordo com a opinião do *Paris-Varietés*. Desta vez mereceu-o bem.

Na verdade, o túnel de São Godard é imagem flagrante da transição da morte. Não pode haver melhor argumento.



AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso companheiro Jorge Augusto Raimundo, membro da Comissão de Contas do *Centro E. Luz e Amor* e animador das nossas festas culturais, realizou no dia 28 de Fevereiro a sua conferência, intitulada «O Meu Depoimento», a que assistiram numerosos ouvintes.

Constituiu um verdadeiro acontecimento a estreia deste confrade e amigo e pena foi que o não ouvissem milhares de incrédulos para meditarem a sério no problema exposto com sólida convicção e alto poder sugestivo.

Sendo impossível dar uma súmula aproximada do seu trabalho, reservamo-nos para o número de Maio, no qual fixaremos alguns quadros que apresentou. De hoje em diante contamos com mais um orador na tribuna deste Centro.

UM FENÓMENO

Estava marcada para 29 de Fevereiro a apresentação no Grupo Ernesto Bozzano do faquir Manuel Marialva. No entanto, por motivos alheios à nossa vontade, Manuel Marialva não pôde comparecer na nossa sede, que se encontrava repleta de confrades que desejavam apreciar o *fenómeno* anunciado! A assistência, porém, não ficou a perder, pois viu outro *fenómeno* não menos surpreendente: o de Isidoro Duarte Santos, convidado naquele momento por António Cardoso para, em substituição do faquir, realizar uma conferência sobre Faquirismo e desempenhar-se admiràvelmente da missão, como se há muitos meses andasse a estudar o tema! Dizer duas palavras de improviso é fácil. Mas realizar uma conferência com um tema proposto de chofre e algo raro, só é possível quando o orador possui, além de uma cultura enciclopédica, o verdadeiro dom da palavra... E Isidoro Duarte Santos deu-nos, mais uma vez, nessa noite, uma prova das suas múltiplas possibilidades. Começando por se referir ao livro de Paul Gibier «O Espiritismo ou Faquirismo Ocidental», tratou sucessivamente com grande soma de pormenores dos diversos fenómenos que os ióguis e faquires apresentam, salientando os grandes e morosos treinos a que se têm de sujeitar até conseguirem o domínio quase completo do corpo físico. Referiu-se à importância da respiração completa nesse campo e concluiu a sua magnífica exposição afirmando que todos os estudantes da Metapsíquica e do Espiritismo deviam dedicar a sua atenção ao Faquirismo, ao Ilusionismo e assuntos correlativos, para melhor interpretação da fenomonologia supranormal.

Uma hora e um quarto durou a magnífica lição, coisa que o conferencista não queria acreditar. E dizem que entre nós não há *fenómenos* ...

TRABALHOS DO CENTRO EM ABRIL E MAIO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras às 21,50, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Abril, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 12, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 13, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação.

Dia 15, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Conferência de Joaquim Fernandes de Albuquerque, intitulada «Religião e Espiritismo».

Dia 19, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 22, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 24, domingo, às 15,30 — *Festa da Primavera, organizada por António Cardoso e Jorge Raimundo, com a colaboração de músicos, cantores e declamadores.*

Dia 25, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 27, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação.

Dia 29, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Maio, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Naturismo em São Paulo».

Fundo de Beneficência

Mês de Março — A. L., de Lisboa, 10$00; Maria de Lurdes Namorado, de Lourenço Marques, 47$50; Anónimo, 20$00; Adriana Baptista, de Lourenço Marques, 10$00; João da Silva Gomes, de Moimenta da Beira, 50$00; Cristiano Henriques, de Nelas, 20$00; Sócia 1645, 15$00; Augusto Castanheira, de Midões, 17$50; Rosa Guerreiro, de Lourenço Marques, 100$00. *Total* — **290$00**.

E. Psíq. - Abril/60

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.º vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.º vol. — **Senda de Espinhos**. A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.º vol. — **Estrada de Damasco**. Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espíritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Amor, da **Redacção;** Palingenesia em José Régio, por **Vasco de Lemos Mourisca;** Carta para o Infinito, por **Vasco de Lemos Mourisca;** Certos Elementos Psíquicos, por **Carlos Imbassahy;** Um Sermão Original; Os Factos Provam, por **Aleixo Vítor Magaldi;** Vidências Xenográficas, por **José Martín;** Elisabeth Fry — Uma Reformadora, por **Doris M. Hodges;** Congresso Espirita Panamericano; Preconceitos Religiosos em Conflito com a Ciência, e o Espiritismo nos Livros do Velho Testamento, por **José Francisco Cabrita;** A Vida de Além Túmulo, por **Isidoro Duarte Santos;** Maternidade «Casa da Mãe Pobre; Balada de Maio, por **Maria Inês Sena;** A Mãe, por **Pedro Alvarez y Gasca;** O Meu Depoimento — Conferência de **Jorge Augusto Raimundo;** A Primavera, por **Celeste Aurora;** O que vi no Brasil, por **António Cardoso;** Os Experimentadores e suas Vibrações, por **Tito L. Bancéscu;** Unidade e Omnipresença da Vida, por **Cyrillo Aleixo;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

A Médium Adela Albertelli

(Ver pág. 135)

21.º ANO MAIO DE 1960 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, MAIO DE 1960 | N.º 5

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
L I S B O A — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

AMOR

Ouve-se falar muito de amor, palavra que demonstra benevolência pelos outros seres, na expressão dos lexicólogos, e que pode contribuir para a felicidade e harmonia geral. Mas há quem o confunda com amizade, apego que une as almas entre si, num laço forte e duradouro.

Ambos têm a mesma origem, embora um seja mais intenso e, por isso mesmo, menos estável. A vida é rectificadora e consolidadora de amizades que se vão radicando vagarosamente, à semelhança das plantas no crescimento.

No mundo em que vivemos há exemplos de amor que zombam do tempo. Há, mesmo, alguns que se afirmam com exuberância e entram nas raias do sacrifício. Isto levou o Padre Vieira a exclamar:

— O amor perfeito e que só merece o nome de amor vive imortal sobre a esfera da mudança e não chegam lá as jurisdições do tempo, nem os anos o diminuem, nem os séculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam.

Deve haver confusão nas palavras do grande pregador. O que ele traduziu foi a amizade, que é inclinação perene e se espreguiça, como onda espumosa na praia do sentimento.

Os amorosos da história foram seres inconstantes, sempre inquietos em suas aspirações, até que se deixaram matar pela satisfação. O que outros transmitiram chamemos-lhe holocausto e andaremos próximos da realidade. Trabalharam, construiram obras e quantos não ficaram nos escombros das que não puderam vingar, mercê das intempéries! E quantos não sucumbiram, depois delas realizadas! Esses criaram amizades verdadeiramente sólidas, que se confundem com o amor platónico, na sua faceta mais serena.

— Une a tua alma com vínculos de aço aos amigos que adoptaste depois de examinado o seu procedimento — dizia Shakespeare —; não acaricies, porém, com mão pródiga os que acabam de sair da casca, estando ainda implumes.

A sensibilidade humana percorre toda a escala, desde o afecto mais simples à paixão desenfreada, impetuosa, violenta, que tanto se manifesta entre sexos diferentes, como no campo das ideias. Quando este estado de alma se apodera de alguém, toda a razão se obscurece e o resvaladouro surge aos pés, com suas fauces hiantes.

A paixão e o afecto são dois extremos do amor, procedem da mesma fonte incognoscível. O ímpeto é que os define. E quanto mais violentos, repetimos, menos duradouros.

Por isso a amizade se vai plasmando e avolumando, como gotas de água que formam o riacho e alimentam as raízes. Quando o coração vibra intensamente e parece enfraquecer o seu ritmo, como certas cascatas que produzem vortilhões por atingirem grandes alturas, há necessidade de calmaria, que a amizade traz em seu âmago.

Todas as lutas ideológicas produzem amizades que servem de estímulo no esforço e de bálsamo na queda. E à medida que os anos passam as amizades rareiam em todos os sentidos.

O amor é viril na mocidade, mas amortece com as desilusões. Um dia há-de chegar à verdadeira altura e então galgará a fronteira dos lares, onde se mantém, apesar de algumas fugas que lhe dão aspecto de viajante ou peregrino em busca de almas tristes e deserdadas, para as escudar contra as intemperanças, cada vez mais notórias, mais refinadas, mais inconcebíveis.

Amar o próximo é fazer escritura de uma entrega a longo prazo, cujo benefício começamos a usufruir imediatamente. E quanto mais se der, mais renderá.

Na transcendência do afecto ou nas clareiras ofuscantes do amor não deve haver condicionalismo. Deve haver superação dos valores espirituais.

Todos lhe devem tributo, seja qual for o tempo e a idade e a latitude. Por isso Saintine tinha razão ao dizer que o amor era um mar semeado de escolhos de que os velhos tentavam livrar a mocidade, embora os adolescentes quisesssem arrostá-lo e reclamar o seu direito ao naufrágio.

Grande coisa é abrir o espírito às injunções fraternas que de vez em quando nos visitam para que o homem seja menos cruel com o próprio homem!

Palingenesia em José Régio

UM ARTIGO DE VASCO DE LEMOS MOURISCA

É sempre com o mais vivo interesse que me debruço sobre uma obra de José Régio — o maior poeta de Portugal.

Isto não vale dizer que só gosto do Régio como Poeta, se é que ele não é Poeta sempre.

Os meus escritores preferidos eu os leio e releio constantemente. E, sempre que sai uma nova edição, mesmo que seja precisamente igual à anterior, compro-a logo, até para me iludir com a ideia de que estou lendo obra nova ...

Foi assim que adquiri a última edição, a 5.ª, dos «POEMAS DE DEUS E DO DIABO», valorizada com oito desenhos do Autor e com uma Introdução.

Felicitei-me, porque tinha novidades para mim — os desenhos do Régio e o estudo introdutivo, excelente autocrítica em que o duplo escalpeliza o outro ...

Claro, que não vou fazer, aqui, a crítica, por ligeira que fosse, desse magistral estudo do Mestre Régio — Mestre, não por ser professor do Liceu, mas por ser o maior Poeta vivo da lusitanidade —, nem, de resto, tal estudo caberia na alçada desta Revista.

O que provocou este artigo foi um passo desse estudo. Bem, mas vou transcrevê-lo antes do mais:

— «Independente da vida que levou um Dostoievski, um Tolstoi, um Camões, um Camilo, um Proust —, não teria já nascido Dostoievski com uma espécie de pré-experiência íntima, ou intuição particular, das extremas tentações do bem e do mal nas obscuridades da subconsciência? Tolstoi com uma espécie de pré-experiência íntima, ou intuição particular, de todos os conflitos de ordem social, moral, mística? o nosso Camões com uma espécie de pré-experiência íntima, ou intuição particular, do enriquecimento da alma pelo amor insatisfeito? Camilo com uma espécie de pré-experiência íntima, ou intuição particular, da sedução das grandes catástrofes sentimentais, da necessidade de expiação, do nosso oscilar de balança entre o grotesco e o patético? Proust com uma pré-experiência íntima, ou intuição particular, dos aparentes caprichos da memória, da tortura como alimento do amor, da volubilidade dos caracteres e dos sentimentos? Bem se me afigura que sim (E claro está que não citei senão alguns traços relevantes do multíplice génio destes artistas). Ora bem se me afigura ainda ter a vida arrastado um Dostoievski, um Tolstoi, um Camões, um Camilo, um Proust, a viverem casos e lances que, despedaçando-lhes, embora, a felicidade terrena, lhes permitiram completar em experiências vividas as suas pré-experiências íntimas; em *conhecimento de facto* as suas intuições particulares.

«Fujamos das generalizações precipitadas e dogmatizantes! Muitos outros exemplos de artistas geniais poderia aqui dar em abono do que deixei, pelo menos, insinuado. Mas reconheço que em vários outros casos não são visíveis tais fenómenos; ainda que o não serem *exteriormente visíveis*, ou *tão visíveis*, não prova que se não dêm: muito mistério envolve os próprios acontecimentos reais da vida dos homens. Quanto não envolverá os da sua vida *que não chegou a atingir patente realidade externa!* Assim postas, no entanto, as convenientes reservas, não se diria — repito — que uma certa providência preside à vida dos homens-artistas, nem sempre favorável ao artista?» (Ob. cit. págs. 52, 53).

Ora uma pré-experiência exige uma preexistência. Quer dizer: sem se admitir a preexistência não se poderia admitir a pré-experiência, como é óbvio. E admitir a preexistência é aderir à teoria — científica, de resto — da sucessão das vidas ou reencarnações ou palingenesia (do grego: Palig=repetição+genesis=renascimento).

Nada me surpreende que José Régio aceite a palingenesia. Só poderia espantar-me que a repelisse, já que seria de estranhar que um homem da sua altíssima cultura a não conhecesse.

Quem lê a obra poética do Régio — sobretudo estes POEMAS DE DEUS E DO DIABO — capta, através da teorética católica, a onda ateísta do Poeta, embora sempre em

composições do mais alto nível. Sirva de exemplo o primoroso soneto

CRISTO

Quando eu nasci, Senhor! já tu lá estavas,
Crucificado, lívido, esquecido.
Não respondeste, pois, ao meu gemido,
Que há muito tempo já que não falavas ...

Redemoinhavam, longe, as turbas bravas,
Alevantando ao ar fumo e alarido.
E a tua benta Cruz de Deus vencido,
Quis eu erguê-la em minhas mãos escravas!

A turba veio então, seguiu-me os rastros;
E riu-se, e eu nem sequer fui açoitado,
E dos braços da Cruz fizeram mastros ...

Senhor! Eis-me vencido e tolerado:
Resta-me abrir os braços a teu lado,
E apodrecer contigo à luz dos astros!

Por tudo isto, foi com indizível satisfação que encontrei, naquele passo transcrito da autocrítica do Régio, o reconhecimento, ainda que, apenas, insinuado, (para empregar o seu termo) da palingenesia.

Claro, aquela meia página daria motivo a largo comentário. Mas eu não vim, para aqui, fazer obra de apologética ..., nem a querer colher frutos da árvore, antes dela florir! ...

Contento-me com ter assinalado o facto. E Régio dirá, se quiser — a sua interpretação será a autêntica — se eu errei ou não a exegese das suas prosas. Especificando, como os meretíssimos Juízes — ponho em evidência, apenas, este ponto: se Régio admite a preexistência íntima, lògicamente admite a pré-existência. E a preexistência é a cadeia do Karman ou Lei da Casualidade Psíquica ou Palingenesia, que se designa por «sabedoria dos resnascimentos», já desde os tempos de KRISHNA, muito anteriores a Platão, quando o filho de Dévaki anunciava esta doutrina, no diálogo com Ardjuna, como se contém no Livro primeiro do Bhagavâdgitâ, o poema religioso dos Védas.

Idos de Março de 1960

CARTA PARA O INFINITO

Por VASCO DE LEMOS MOURISCA

MINHA MÃE:

Foi há dez dias que partiu do mundo
e o meu sentir é mais e mais profundo,
maior a solidão, mais denso o tédio!
Ao fechar-lhe os olhos, nesse instante,
senti que a minha dor, daí avante,
seria sem remédio.
Sei que vive em fluido nesta casa.
A sua imagem passa, como asa
invisível, sobre a cruz da minha dor!
Mas, se anda em luz, aqui, ao pé de mim
rogue ao SENHOR — talvez diga que sim —
que eu possa ver a luz do meu amor!

Se não puder ... no mundo em que gravito,
eu orarei, p'la mãe, cada momento,
até que suba, em alma ao Infinito,
onde já a acompanho em pensamento.

Eu já lá andava com meu Pai, visando
o dia, que virá longe talvez ...
em que a vida responde ao «até quando?»
que à morte perguntámos nós os três.

Catorze anos e pouco mais ... depois
de meu Pai, minha Mãe volta a seu lado.
Agora em plena luz, viveis os dois
e eu, na sombra da Terra, abandonado.

Vós podeis ver-me e eu não posso a vós,
preso na carne que hoje me contém.
Mas hão-de um dia desatar-se os nós
e eu rever o meu Pai e a minha Mãe.

Então iremos pelo espaço fora,
espíritos, afins, irmãos em Cristo,
e muito mais contentes do que outrora,
em longo, puro e venturoso oaristo!

Eu já ando a sonhar, alviçareiro,
esse voo de amor puro e sereno,
pra quando se quebrar o cativeiro
deste meu ciclo de avatar terreno.

Mas até lá rezemos, Mãe querida,
juntemos nossa fé em vibração:
— A minha Mãe, pra que eu suporte a vida;
eu, para dar-lhe a luz de uma Oração!

Do «LIVRO DE ORAÇÕES»

CERTOS ELEMENTOS PSÍQUICOS

Por CARLOS IMBASSAHY
(correspondente em Niterói)

Até bem pouco só se conhecia o Psiquismo, ou ciência muito restrita, pois que se limitava aos fenómenos comuns, normais, que diríamos quotidianos. Vultos mais atilados perceberam que existiam outros fenómenos, além dos normalmente conhecidos, e Richet lhes deu o nome de Metapsíquica (além do Psiquismo).

Para tornar-se imparcial, fora do alcance dos debates filosóficos ou religiosos, ela tem por escopo, apenas, a indagação do fenómeno, a prova de sua existência, sem cogitar de suas causas.

Muitos matepsiquistas, porém, não se detiveram aí, e arrastados pelas revelações que os fenómenos traziam, descobriram que a origem das manifestações psíquicas e metapsíquicas estava na alma, quer a dos vivos, e que se ficou chamando Animismo, quer a dos mortos, o que será então o Espiritismo.

Mas dá-se com esta Ciência um caso que chamaríamos extraordinário, se não soubéssemos que os grandes passos para o progresso da humanidade só se processam diante das maiores dificuldades, com empeços de toda a ordem e os estorvos da ignorância geral.

O Espiritismo é o mais importante problema de todos os tempos, porque nos desvenda o futuro extraterreno do ser, porque é a demonstração da sobrevivência, porque vem mostrar ao homem a sua responsabilidade e os efeitos dolorosos de sua má conduta; que a infracção à lei nunca fica impune.

Entretanto, vemos se adunarem contra o facto metapsíquico e sobretudo contra os seus ensinos os filósofos de todos os matizes e os cientistas de todas as disciplinas. Não é muito de admirar a oposição religiosa, desde que os mortos revelam princípios que vão de encontro aos seus pontos de fé. O que é de espantar é que a Ciência recuse o subsídio que o Espiritismo oferece a todos os seus ramos e se constitua adversária irreconciliável, a apelar contìnuamente para todos os poderes de repressão, com o fim de impedir que se propague, a usar de todos os meios para mostrar sua falta de fundamento. Quando o fenómeno se impõe, quando se torna patente, insofismável, indiscutível, temos doutos e literatos procurando amparar-se aos mais risíveis subterfúgios, a fim de que se creia, por forma alguma, que são os falecidos que se manifestam. Aqui já não há horror à morte, senão o horror ao morto.

Temos uma prova recente na opinião que ilustre homem de letras apresenta para afastar a hipótese espirita, num caso de escrita medianímica. Foi o caso de que enviaram ao escritor Henrique Pongetti o episódio de Grace Rosher. A moça, pintora, era noiva, mas o noivo morre. Ela, que jamais cuidara de Espiritismo, ao escrever uma carta, quinze dias depois do desenlace, vê a caneta mover-se e, em vez da sua, aparece uma carta do noivo a ela dirigida. Daí em diante começou a comunicar-se psicogràficamente com o falecido. Peritos examinaram a escrita e verificaram que não podia ter havido qualquer truque.

Até aqui o caso. Quanto ao escritor, diz-se ele manter na linha divisória entre nosso mundo e a sobrenaturalidade, embora com reservas. Acha que Conan Doyle morreu com o compromisso de comunicar-se, mandando notícias e limitar-se a dizer que havia um cheque perdido no gaveta de certo móvel. Logo — assegura o escritor — continua chumbado à terra, dando razão aos que atribuem os fenómenos ditos espiritas a certos elementos psíquicos, talvez mentais, como os fantasmas que ficam na televisão. Gordon, o noivo, apenas dissera:

«— Eu estou aqui com vocês; nosso trabalho é de suma importância... Há uma vida eterna e não há morte». «— Grande descoberta!» — comenta o Autor.

E o caso Gordon que alguém lhe enviou cheio de esperanças, ficou assim liquidado. O Gordon não podia ser o Gordon.

Como se vê, de princípio fala em sobrenaturalidade, como se houvesse algo fora ou além da natureza. Conan Doyle nada teria dito sobre o Além e Gordon reporta-se apenas à vida eterna. Logo, é tudo sobrevivência de certos elementos psíquicos, à maneira da televisão.

Poderíamos ir longe, no que toca a Conan Doyle; preferimos ficar na única referência do Autor: «Conan Doyle desvenda o esconderijo de um cheque por todos ignorado. Isto, porém, para a crítica, torna-se uma ninharia, quando muito encaixável na sobrevivência de certos elementos psíquicos».

Quanto a Gordon, apresenta-se, prova sua identidade, para declarar que está vivo. Não sei se teria dito isto apenas; mas fiemo-nos na exposição. O caso é que, em vez de revelar sua verdadeira natureza, isto é a de certo elemento psíquico, teima em declarar-se Gordon, o noivo, isto contra as ideias da moça, provàvelmente as da família, e contra a realidade, que era o tal elemento, que não se sabe como é.

É preciso notar, pois, como características de certos elementos, segundo o beletrista, a mania de mentir, a de fazer-se passar obstinadamente por um morto. É um caso interessante a anotável, embora em certa discordância com os fantasmas televisionados, que nunca se dizem defuntos. São fantasmas de outra espécie.

Como quer que seja, o elemento ali se achava, a chamar a moça de noiva, a dizer-se o Gordon, a afirmar que ali estava, não morto, mas vivo como dantes, a escrever, a comunicar-se, a trazer a demonstração da sobrevivência.

Mas aquilo para o escritor Pongetti não é nada. Isto de pôr-se a escrever uma jovem, e em vez da sua, aparecer a carta do morto, é descobrimento que faz de pasmo o literato patrício, pasmo, não pela prodigiosa revelação, mas pela futilidade do caso. Com os fantasmas televisionados é assim.

O facto, ainda, de não darem os dois citados defuntos pormenores da existência de além-túmulo, leva-o a descer dos ditos. Já outros têm

Um Sermão Original

A revista «Eclesia» dirigida por Daniel Rops da Academia Francesa publicou um sermão muito original do doutor Schweitzer aos seus ouvintes negros sobre o perdão das injúrias. Aqui vai o resumo:

Se um dia, ao levantares-te, quando saires da choupana e um malvado começar a provocar-te, não faças caso. Lembra-te de que Jesus manda perdoar, cala a boca e não discutas com ele. Depois vês que a cabra do vizinho comeu as bananas que tinhas colhido para o almoço. Com muita calma diz ao dono da cabra que seria justo providenciasse a substituição das bananas e se ele se negar a isso inventa que não foi a cabra que causou o malefício, não discutas com ele e pensa que Deus faz nascer tantas bananas no teu campo, que não vale a pena questionar por causa disso.

Depois pergunta ao teu vizinho se já vendeu os 10 cachos de bananas que lhe entregaste para vender no mercado. Se ele só te pagar 9, afirmando que não eram 10, não respondas, nem lhe chames mentiroso. Lembra-te das mentiras da vida passada, pede perdão por ele e volta sossegado à tua casinha. Ao acender o lume e notares que te roubaram parte da lenha que tinhas arranjado na véspera, em vez de te queixares ao regedor da aldeia e de imaginares que foi o vizinho que te roubou, faz outra vitória sobre ti mesmo por amor a Jesus.

À tarde diriges-te ao trabalho e notas que alguém trocou a tua faca nova por uma velha. Pensa que já perdoaste quatro vezes e te sentes muito alegre com isso. Realiza mais um acto de perdão. A tua alegria tornar-se-á maior. À tardinha queres ir pescar e descobres que o archote não está na tua choupana. Sentes um violento movimento de cólera. Já tinhas perdoado bastante nesse dia e exclamas: «É demasiado. Vou proceder contra o presumido larápio!». Jesus fala ao teu coração, tu sossegas e vais pescar com um archote emprestado. E agora vem outro contratempo mais grave. A tua canoa não está no seu lugar. Alguém se serviu dela para ir à pesca. Ficas oculto, atrás de uma árvore, esperando por quem se apoderou do barco. Resolves apoderar-te dos peixes que pescou e queixar-te ao juiz de direito para conseguir boa remuneração. Mas, enquanto esperas, pensas melhor e Jesus te inspira uma vez mais a perdoar a ofensa. E o mais certo será que o teu companheiro ao ver a tua paciência e o generoso perdão te ofereça uma parte da sua pesca. E se Jesus não vem felicitar-te de viva voz, manifestará a sua presença em ti e te animará a perdoar não apenas sete vezes, mas muitas vezes sete vezes, isto é, sempre, imitando a Deus, que te perdoa todas as vezes que tu quiseres.

dito o mesmo. Mas, para a plausibilidade da descrença era preciso que eles conhecessem o mecanismo das comunicações, a liberdade dos comunicantes, a técnica empregada, a facilidade que teriam eles de pôr-se a falar com a gente... Aquilo não é só abrir a boca e dizer-se o que se quer. Como no caso da Sr.ª Piper, os mensageiros confessavam a dificuldade e, por vezes, a impossibilidade de falar como desejavam.

Não obstante, no opulento arquivo da fenomelogia psíquica, vêem-se Espíritos que prestam as declarações que o Autor não encontrou nos dois únicos casos de que, ao que parece, teve conhecimento. Há Espíritos que provam a sua presença in loco: *a escrita, o estilo, os pendores, as ideias particulares, a língua natal, as revelações, que só ele poderia fazer, os segredos, o modo de falar, as expressões e até as tinetas deixam a convicção segura de que o mensageiro é iniludìvelmente aquele que ali se diz presente. Por vezes, materializam-se e temo-los em corpo e alma. Existem ainda os diálogos em que o Espírito responde com precisão ao interlocutor, tal como se duas pessoas vivas estivessem a conversar. Há as respostas inesperadas, as objecções, as réplicas, donde se vê que ali está um ser pensante, raciocinante, discordante, com vontade própria e personalidade inconfundível.*

E quando a Ciência ou a Literatura se manifesta, o seu achado é incompreensível, mas simples: «Certos elementos... fantasmas televisionados...»

Há mais uma série de factos que se entrosam, tendentes à mesma finalidade, a de mostrar a sobrevivência e comunicação dos mortos e teremos, então, o que se chama a prova crucial.

O caso que apresento é apenas um exemplo entre muitos, e se me refiro especialmente ao escritor Pongetti, não é por uma preferência particular ou a menor parcela de animosidade, senão porque se trata de um facto recente e que me acabam de enviar.

No mais, a mesma admiração pelo escritor, a quem tomaria a liberdade de aconselhar que se aprofundasse mais no assunto. Creio que reformaria a sua opinião, caso não estivesse já enfeudado em algum princípio irremovível. Aí seria impossível qualquer esperança de modificação.

OS FACTOS PROVAM

ALEIXO VÍTOR MAGALDI

(correspondente em Volta Redonda)

O intercâmbio do mundo visível e do mundo invisível vem das eras pré-históricas.

As comunicações dos espíritos eram habituais nos tempos de Moisés. E tão frequentes se tornaram, nesses tempos, que Moisés foi obrigado a proibir que seu povo invocasse os espíritos, porque geralmente os invoca a todos os momentos, a propósito de tudo e mesmo sem propósito nenhum, abusivamente.

A realidade das comunicações dos espíritos com os homens é um facto, histórico e incontestável. Negar que os espíritos se comunicam connosco é cometer uma heresia, é mentir desavergonhadamente ou atestar uma ignorância absoluta da história universal e da história religiosa.

Depois de termos feito, em vários artigos, ligeiras referências a fenómenos observados no seio da Igreja Romana, constantes dos seus próprios arquivos e relatos, apurados por bispos, cardeais e papas, vamos nos referir a alguns dos mais berrantes fenómenos inscritos nas páginas da História dos povos.

Desde o paganismo os homens usavam consultar os espíritos a respeito dos problemas que os afligiam. Sócrates e Rufino (Sócrates I, cap. 8, e Rufino I, cap. 5) contam que um tal Espiridião, pai de uma virgem chamada Irene, invocou o espírito desta à beira do seu sepulcro, para dele saber onde estava um precioso depósito que o mesmo Espiridião lhe ordenou que guardasse. O espírito de Irene atendeu ao chamado de seu pai, que gritava à beira do túmulo o nome de sua filha (Lá está escrito no original: «eam ex-nomine clamitat»). A voz de Irene foi ouvida por seu pai, a responder-lhe: — «O que quereis, meu pai?». O pai retrucou-lhe: «O depósito ...». E a voz de Irene replicou-lhe: «Sepultei-o em tal parte, citando com minudência o lugar. Voltando Espiridião a casa, encontrou o depósito no lugar indicado.

Factos históricos constam da História Romana (Subtil, XI) relatados por Dion e outros historiadores do mundo antigo.

Conta Dion que as erupções vulcânicas eram anunciadas nesse tempo, por meio de espectros e fantasmas; e que uma multidão de espíritos gigantes, soltando dolorosos gemidos, vagava pelas montanhas, pelo litoral, pelas cidades e povoados vizinhos das crateras dos vulcões, vindo pelos ares.

Quando sucedeu uma erupção do Vesúvio, no reinado de Tito Vespasiano, tão numerosos foram os fantasmas e tão violento foi o ruído de trombetas, por eles provocado, que o povo, espavorido com esse medonho espectáculo, julgou que era o fim do mundo. Foi um desses fantasmas que revelou a Retórico Aristides que a cidade de Esmirna seria destruída por um terramoto, tendo esse filósofo acreditado no aviso e se retirado da cidade para o monte Athos, onde permaneceu até que se realizou a predição (Arist. Orat. Sacra.).

A mudança de nome de um dos fundadores de Roma deu-se em consequência de um fenómeno espirita. Próculos, um dos mais célebres homens desse tempo, contemporâneo dos gémeos Remo e Rómulo (filhos da leôa) jurou ao povo romano que o espírito de Rómulo lhe havia aparecido, ordenando que não mais o chamassem de Rómulo e, sim, de Quirino. Verificada a realidade do facto, o povo passou a chamá-lo de Quirino e não de Rómulo (Antiquites, II, pág. 152).

Aulus Posthumius invocou os espíritos de Castor e Pollux, na batalha do Lago Regillo; e estes se postaram à frente do exército romano, montados em cavalos brancos, conduzindo-o à vitória. Neste caso, sucedeu ainda que os espíritos de Castor e Pollux, mal acabavam de comandar essa batalha vitoriosa, apresentaram-se em Roma, montados e armados como estavam, e anunciaram ao povo romano a vitória alcançada pelo seu exército (Isso consta dos tratados seguintes: Dyonisio d'Halicarnasso; Antiquites, t. 1 pág. 152; Le Bas, t. I, pág. 141 e Tito Livio, t. VII, pág. 180).

O general Pausanias, livro I, pág. 78, diz que a Batalha de Marathon foi ganha porque os fantasmas de Theseo e Ecleteo marcharam na vanguarda dos gregos. Platão fala da manifestação do espírito de Euthymo; Pausanias, que mais tarde também se manifestou, fala da manifestação do de Milciades; Aristóteles, do de um herói de Lipara; Philostrato, do de Achiles; Titus Livius, do de Artemidoro; Plutarcho, do de Pausanias; Tácito, do de Rufus.

Romanos, etruscos e gregos celebravam festas de finados em 2 de Fevereiro, 1 de Maio e 9 de Dezembro. Nesses 3 dias do ano, esses povos reuniam-se em determinados lugares e aí gritavam: — «Abra-se o abismo!» («Pateat mundus subterraneus!» como reza o original). E os espíritos logo se apresentavam à vista de todos. Davam-se a conhecer uns aos outros. Vivos e mortos entravam em palestra. E seguiam juntos, filhos com pais, parentes com parentes, amigos com amigos, para os respectivos domicílios, onde festejavam os belos dias vividos em comum, recordando-se do passado. Ao redor das lareiras, os mortos ocupavam os lugares que lhes pertenciam, quando viviam na terra, há tanto tempo vagos; e comiam e se alegravam com os circunstantes, como se fossem vivos de carne e osso.

Nos tempos actuais, a manifestação dos espíritos tornou-se um fenómeno banal, repetido por toda a parte, de mil modos, pela actuação, pela materialização, pela psicografia, pela voz directa, pela escrita automática, pela telapatia, pela audição, etc., etc.

A mão de ferro da intolerância não pode mais sufocar o formoso entendimento entre os habitantes da Terra e do Espaço e o nosso mundo caminha mais ligeiro para sua espiritualização. O Espiritismo é a maior força propulsora dessa espiritualização. Negá-lo é o mesmo que desejar tapar o Sol com uma peneira.

VIDÊNCIAS XENOGRÁFICAS

(Experiência com a sensitiva Adela Albertelli)

Por JOSÉ MARTÍN

Nas sessões realizadas há tempos com a sr.ª Adela Albertelli, produziram-se vários casos de vidência xenográfica, quer dizer, vidências de coisas escritas em idiomas estrangeiros.

Foram precedidos do seguinte facto, ocorrido em Janeiro de 1954: Estava a médium tranquilamente sentada, quando ouviu (por clarividência) que lhe diziam que pegasse em lápis e papel, pois lhe iam ditar uma oração em latim. Quando terminou de escrevê-la, disseram-lhe que devia empregá-la numa nova classe de experiências, cujas instruções lhe deram também nessa altura.

A Médium Adela Albertelli

Como lhe disseram que não divulgasse a oração, pois era exclusivamente para ser empregada por ela, depressa a decorou e destruiu o escrito. Segundo as indicações recebidas, antes de cada uma destas sessões especiais, devia descalçar-se. Depois, de pé, devia fazer o seguinte, três vezes consecutivas: abrir os braem cruz, pôr as mãos em posição de quem reza e dizer mentalmente a oração.

A médium não gostava que a sessão se afastasse muito dos moldes habituais, tanto assim que eram sempre realizadas em plena luz, de acordo com os seus desejos. Estas instruções contrariavam a sua maneira de ser e por isso perguntou ao guia a razão de tal cerimónia prévia. «Para enviar o pensamento», foi a única resposta.

Depois de dizer três vezes a oração na forma indicada, sentava-se no escritório, fechava os olhos, e, passados segundos, mediante o exercício da vidência, sentia que se encontrava em frente de uma grande porta fechada. Advertiram-na de que, se alguma vez essa porta astral não se abrisse, é porque, em tal circunstância, nada poderia fazer e que, portanto, deveria regressar ao seu lugar. Se, pelo contrário, se abrisse, queria dizer que poderia entrar e continuar a actuação.

Uma vez actuada, não tardava em encontrar-se perante grande quantidade de pedras em forma de lápidas, com inscrições em diferentes línguas (Hebreu, Inglês, Latim, Francês, etc.). Quando se detinha para ler o que dizia uma lápida, observava que o relato não terminava nela, mas continuava noutras que apareciam sucessivamente com rapidez variável. Via-as desfilar, como se contemplasse a passagem de um combóio.

Frente a esses textos, afirmava, sem poder explicar a razão, que poderia lê-los e traduzi-los, ao passo que em estado normal, tais idiomas lhe eram totalmente desconhecidos.

As mensagens eram ditadas a outras pessoas, pois, se tentava copiá-las, imediatamente cessava a vidência. Pelo contrário, nas experiências clariaudientes, podiam ser escritas por ela sem impedimento algum.

Ao perguntar-lhe por que tinha a certeza de estar vendo determinado idioma e porque sabia que as palavras usadas não eram semelhantes às dos vocábulos reais, disse que, embora nessas ocasiões permanecesse em estado consciente, operava-se nela uma mudança, durante a qual lhe parecia adquirir uma compreensão quase ilimitada das coisas. Por isso, em face de uma língua que normalmente não era capaz de distinguir de outras, sabia de qual se tratava e, além disso, nesses instantes não tinha dúvida alguma sobre a sua natureza.

Atribuía tal segurança e bem assim a existência das suas faculdades paranormais ao profundo amor que sente por Jesus e que aumentava, quando se dispunha a realizar qualquer trabalho mediúnico.

A seguir vão alguns exemplos destas vidências.

Quando se produziram estavam presentes só três pessoas: a médium, seu filho e o autor deste artigo.

O leitor não deve esquecer que a sensitiva só tem exame de instrução primária e que nestas traduções muito há da sua linguagem habitual, pelo que se deve prescindir de exigências gramaticais ou literárias. Também não se deve interpretar o seu conteúdo de acordo com o que se conhece, pois é possível que haja erros ou falta de concordância com a realidade.

O facto importante é que até este momento a *médium, no seu estado consciente, ignorava o texto das comunicações.* Além disso, depois da captação, não podia reter integralmente na memória normal o que havia ditado, principalmente nomes e datas.

O que a sensitiva tem visto pode ter sido publicado anteriomente, como sucedeu noutros casos, sem que a médium, nem o autor, saibam a causa de tais reproduções. Em caso afirmativo seria interessante obter cópias dos textos originais, para se poderem observar as transformações sofridas ao serem captadas ou ao passarem pelo psiquismo da médium. Portanto, se algum leitor conhecer o que se segue, agradecemos que nos informe a respeito.

O CARÁCTER DE XANTIPA

(Vidência de um texto hebreu)

Depois do procedimento inicial empregado para estas sessões disse a médium:

Já se abre a porta. Já passei. Há uma lápida gravada em hebreu. Contém o seguinte:

«Diz-se na Palestina (sic) que a mulher de Sócrates, de nome Xantipa, era tão má, tão perversa, que até batia no marido.

Um dia, porém, esta mulher mordeu-se de raiva. O pobre marido queria sair de casa para ir visitar uns amigos, mas ela opôs-se a que ele saísse nesse dia.

Começou a atirar-lhe com tudo o que encontrava à mão (cadeiras, mesas, pratos, etc.) e pegou numa jarra com água e deu um bom duche ao marido.

Então o pobre Sócrates disse:

— Ah! Já sabia que hoje se passaria alguma coisa. Pobres daqueles que estão casados com uma perversa que se chame Xantipa!

Rosário, 20 de Janeiro de 1954

SÃO LUÍS DE TOLOSA

(Vidência de um texto inglês)

Iniciada a sessão, disse a médium:

Já tenho diante de mim uma lápida. Assenta sobre outra pedra. As incrições são em inglês e estão assinadas por Bacon. Lê-se no princípio:

Maria — *Princesa da Hungria, filha do rei da Hungria.*

Carlos — *Rei de Nápoles e Sicília, conde de Provença.*

Depois lê-se: Um dia Carlos II, no ano de 1270, conheceu a princesa Maria da Hungria numa festa realizada em França.

Os dois jovens enamoraram-se e casaram no mesmo ano.

Maria era de religião ortodoxa e para casar com Carlos II teve de baptizar-se na religião católico-apostólico-romana.

Festejou-se a boda em Paris, no ano de 1274. Deste casamento real nasceu um príncipe chamado Luís. Era formosíssimo. Foi educado num convento chamado ... de São Francisco e depois de São Domingos.

(*Nota* — A sensitiva não pôde transmitir o nome. Possìvelmente referia-se ao convento de Aracoeli).

Quanto mais crescia, maior era o seu saber e em muitos casos superior ao dos livros. Era como se lho transmitissem do Céu.

Este humilde frade tomou hábito e foi enviado a Roma, onde teve a ordem de subdiácono. Em seguida dirigiu-se a Nápoles. Foi diácono e sacerdote.

O ilustre príncipe dava de comer a todos os pobres que iam a sua casa. Até dava leite a quem não o tivesse.

Quanto aos doentes, mesmo contagiosos, curava-os e ajudava-os.

O papa Bonifácio VIII chamou-o e mandou-o como bispo a Tolosa.

O nobre príncipe Luís, bispo de Tolosa, abandonou os hábitos de bispo e vestiu-se de frade, durante uma grande epidemia de febre amarela.

Andava de casa em casa, ajudando os doentes, até que se deixou contagiar e faleceu aos 23 anos em 1297.

Eis a história verídica de São Luís, príncipe, bispo de Brignoles, Provença, perto de Marselha.

Que em paz descanse, ao lado do Senhor.

Rosário, 18 de Setembro de 1954

CATARINA DE MÉDICIS

(Vidência de um texto francês)

Disse a sensitiva:

Estou em frente de uma grande porta. Abre-se. Passo. Agora estou em frente de um bloco de pedra com um livro em cima. Tem capa de marfim. Abre-se sòzinho. As letras estão como que ... repuxadas — dizem-me. São douradas.

O livro intitula-se Itália. *Está escrito em Francês. Volta-se uma folha. Está escrita à pena e em Francês. Diz assim:*

Itália — *Península, jardim da Europa.*

Florença — *Formosa cidade da música, do canto, do sonho e do amor. Cidade latina.*

13 de Abril de 1519. *Nasce uma estrela, princesa. Esta estrela não brilha como as outras, que têm brilho celeste, de cor branca; pelo contrário, tem a cor da tragédia, do sangue. Esta princesa, nascida nesse dia, chama-se Catarina e era filha de Lourenço de Médicis, duque de Urbino e da princesa de Tour...*

(*Nota* — Aqui a médium não pôde traduzir a palavra francesa que via e soletrava assim: A-U-V-R--G-N-E, quer dizer *Auvérnia*, em Castelhano).

Esta menina nasceu com um selo de tragédia. Com 24 horas de vida faleceu-lhe a mãe em 14 de Abril e em 4 de Maio faleceu o duque Lourenço de Médicis. Contava ela apenas 21 dias.

A menina foi criada por duas tias.

(*Nota* — A médium viu interrompida a sua leitura, por ter soado a campainha da porta da rua. Seu filho foi atender e, ao voltar, a médium tentou recomeçar a experiência. Tornou a dizer mentalmente a oração em latim, seguindo todas as instruções, como se fosse a principiar. Abriu-se a porta. Viu o livro e a seguir a página. Foi percorrendo com a vista o que tinha traduzido. Perguntou-nos onde tinha ficado. Quando chegou à linha onde terminara, continuou o ditado. Fazemos notar este pomenor, visto que, ao serem interrompidos, os sensitivos em semitranse ficam desligados).

Depois a médium continuou:

Aos dois anos de idade, era muito viva e muito varonil. Era muito inquieta. Queria saber tudo e as tias resolveram vesti-la com roupa de homem, com receio de algum atentado.

O tio de Catarina, que era o papa Clemente VII, levou-a ao Vaticano para lhe dar uma educação esmerada.

Teve-a algum tempo a seu lado, secretamente, e aos 14 anos casou com o duque de Orléans, filho de Francisco I de França falecido em 1547. O duque de Orléans e Catarina foram então solenemente coroados.

Catarina era dada aos mais fortes mistérios. Queria saber tudo. Estudava ...

Faleceu-lhe o marido. Depois o primeiro filho, Francisco II. Subiu ao trono o segundo filho, Carlos IX. Tinha apenas 10 anos. E Catarina era rainha absoluta.

Sempre com ideias misteriosas. De proceder tortuoso, a sua política levou-a até ao extremo horroroso da matança na noite de São Bartolomeu, em 24 de Agosto de 1572.

Todos os habitantes de Paris estão na rua. Revolução. Sangue.

Tudo isto pertence à tragédia desta rainha. Muito sofreu a França! Calamidades, desordens, fome, revolução ...

Catarina morreu em 1589.

— Rainha misteriosa. Rainha de tragédia. Satanás de França. —

Rosário, 28 de Outubro de 1954

(Tradução de C. A.)

Obras do Espírito Ramatís

(Psicografadas pelo médium Dr. Hercílio Maes)

A Vida no planeta Marte e os Discos Voadores

Obra sensacional de revelações decalcadas na Ciência objectiva sobre noivado, casamento, família, religião, cinema a quatro dimensões, formas de governo, energia-motriz.

400 páginas de grande formato — 100$00

A Vida Além da Sepultura

Um livro que todos devem ler pelas informações que nos dá a respeito da desencarnação, colónias astrais, relações entre vivos e mortos, obsessão e suas causas, limitação dos filhos e suas consequências.

432 páginas de grande formato — 120$00

OBRAS A CHEGAR

A Sobrevivência do Espírito

É o prolongamento da obra anterior e trata do fenómeno da visão espiritual dos sonhos, da música astral, dos estigmas do perispírito, efeitos dolorosos do suicídio, recordações da vida anterior, etc., etc.

(Está requisitada e prestes a chegar ao nosso depósito).

A Fisiologia da Alma

Revelações sobre os efeitos causados aos espíritos que se viciaram no fumo, no álcool e na alimentação carnívora, sobre o vegetarianismo, homeopatia, iniciação ioga, passes magnéticos, diagnose kármica do cancro desde a sua origem na Atlântida.

(Está requisitada e prestes a chegar ao nosso depósito).

Mensagens do Astral

Obra notável, cujos relatos proféticos estão a comprovar-se diàriamente. Ali se encontram todos os acontecimentos que deverão ocorrer até ao ano 2000.

Desta obra já se esgotaram mais de 200 volumes nesta redacção.

ELISABETH FRY — Uma Reformadora

Por DORIS M. HODGES

O século dezoito ia terminar dentro de 20 anos, quando em 21 de Maio uma rapariga nascia no lar feliz do *Quaker* Joseph Gurney, em Eartham Hall, Norfolk. Uma rapariga delicada, profundamente sensível, gostando de brincar com os seus onze irmãos no risonho cenário das campinas que a cercavam, uma rapariga destinada, quando atingisse a maturidade e depois de já ter passado pelos dias felizes de esposa e mãe, a ser uma das maiores obreiras no campo da Reforma Prisional.

As prisões desse tempo eram completamente diferentes das prisões de hoje: homens, mulheres e muitas vezes crianças viam-se encerrados juntos e as prisões, pròpriamente ditas, eram lugares infectos e húmidos, mal iluminados e deficientemente arejados. A vigilância superior era escassa, não havia facilidades médicas para os prisioneiros e os guardas eram, na maior parte, incapazes de tratar com esta classe segregada da sociedade. Claro que antes de Elisabeth já existiam reformadores e entre eles o grande Howard. Mas em toda a história do problema das prisões poucos falaram com tão gentil doçura; e ainda que paradoxalmente pedindo compaixão pelos que viviam atrás das grades, poucos souberam como ela vencer os corações e os espíritos do mundo oficial e do público na generalidade. Elisabeth Fry tinha o dom de se fazer ouvir e à sua causa.

Os Gurney eram uma família *Quaker* abastada. Bety, como por todos era conhecida e que a amavam, cresceu numa atmosfera de segurança e de carinho. Em Eartham Hall realizavam-se noites musicais, reuniões de sociedade, festas e também as mais sombrias sessões afins da ética da família.

Mesmo em criança Elisabeth ansiava por fazer qualquer coisa de útil, um desejo que ela bem expressou no seu *Journal* e que a chamava mais junto de Deus para depois prosseguir numa vida significativa de interesse ao serviço dos outros. Quando apenas contava 19 anos abriu uma escola para crianças analfabetas numa lavandaria pobre, visitando o seus parentes enfermos e necessitados e ministrando-lhes a sua assistência física e espiritual.

Com sua capa branca, seu lenço de pescoço e seu simples mas elegante vestido de seda — os atavios comuns de uma simples *Quaker* — a jovem Betsy abria caminho para os lares mais necessitados dos seus vizinhos pobres. Em 19 de Agosto de 1800 casou com um rapaz *Quaker*, José, filho de William Storrs Fry e foi viver para Mildred's Court, em Londres, onde os deveres do lar prenderam quase totalmente a sua atenção durante anos — deu a seu marido 11 filhos — como também a parte activa que tomou no movimento *Quaker*, assistindo seu marido no trabalho

Joseph Fry era um negociante e um banqueiro a quem a mulher muito ajudava. Em 1811 foi nomeado «ministro» da *Sociedade dos Animais* e para a sua casa de Londres acorreram, desde então, muitos filantropos *Quakers*, abastados e pobres, influentes e desconhecidos.

Durante todo este tempo o destino impelia-a para o papel que se propunha representar, aquele que a colocaria entre outros famosos homens e mulheres que curaram e ajudaram pelo poder compadecido do espírito. Em 1813 um *Quaker* francês, Stephen Grellet, veio visitar alguns prisioneiros franceses em Londres e foi um dia à prisão de Newgate. Ali viu as condições das mulheres prisioneiras e ficou tão emocionado pelo espectáculo que ofereciam, que foi em termos apaixonados e comovidos que dele falou aos seus camaradas *Quakers* em Mildred's Court, quando visitou os Fry. Contou que vira mulheres na enfermaria estendidas em tábuas nuas, sem palha ou coisa alguma entre elas e o soalho, crianças nascidas na prisão a brincar na promiscuidade do local. O pátio da prisão era um cenário de depravação: mulheres embriagadas questionando ou brigando com os guardas, etc. Um horror, enfim!

Uma Elizabeth Fry chocada e impressionada dirigiu-se no dia seguinte à prisão de Newgate. Com a ajuda doutra senhora, ela própria espalhou palha sobre as tábuas nuas da enfermaria, vestiu as crianças, mas com fatinhos de flanela feitos por ela mesma e falou a todos os prisioneiros com igual gentileza e afã. E sem dúvida a chama do seu desejo de melhorar as condições prisionais foi atiçada por esta primeira visita a Newgate, num dia agreste de Janeiro de 1813. Mas a família e as crianças prenderam-na até 1817. Foi então que realmente a grande tarefa começou, em plena actividade.

Ia só visitar os prisioneiros do pátio da prisão, que os carcereiros diziam encontrar-se em estado miserável.

Se olharmos para o passado, do ponto infinitamente mais humano onde nos encontramos hoje, é bom lembrarmo-nos de que estas pobres ruínas se encontravam presas por delitos que hoje consideramos leves — o ladrão do bocado de pão talvez para si e para os filhos esfomeados ou então por qualquer falta cometida sob o acicate de grande necessidade ou desventura. Não havia tribunais correcionais, como hoje existem, nem sistema eficiente de separação das classes dos reclusos — e todos os géneros de criminosos de ambos os sexos eram amontoados sob o mesmo tecto. E quando estas pobres mulheres vagabundeavam pelo pátio da prisão ou se sentavam na sua silenciosa miséria, uma senhora elegante, vestida com o sóbrio trajo dos *Quakers* vinha até elas, sòzinha, completamente sòzinha! Os guardas olhavam e esperavam receosos, pois que as

Congresso Espirita Panamericano

Segundo nos informa o nosso correspondente Pedro Alvares y Gasca, os espiritistas mexicanos trabalham na realização do *V Congresso Espirita Panamericano*, que se efectivará de 2 a 9 de Outubro do ano corrente e constituirá um forte laço de união entre os organismos que integram a *Confederação Espirita Panamericana* (CEPA) para que a sua vida se oriente para horizontes de mútua colaboração e trabalho, reconhecendo que o Espiritismo tem ideais tão elevados, que significam, por si próprios, a meta unificadora do pensamento colectivo e não podem subordinar-se a pequenas divergências de escola, acerca de algumas ideias e conceitos.

Por isso o México deseja que a Argentina e o Brasil assistam ao Congresso, ombro a ombro com os seus irmãos da América, visto que só a união fará triunfar os ideais do Espiritismo.

A *Central Espirita Mexicana* e os espiritistas do México têm o firme propósito de que no Congresso impere um espírito de liberdade e fraternidade em que se reconheça o direito à livre expressão, acompanhado do mais profundo respeito pelas pessoas e pelas ideias.

Fazemos votos para que assim seja e que as dissídias inferiorizantes dessa instituição sejam destruídas integralmente, no sentido de melhor coesão tão indispensável aos empreendimentos deste género. E que nunca a CEPA de boa memória experimente o vendaval que a fez arripiar caminho e derivar para rumos diferentes. Que a lição sirva aos construtores que a idealizaram.

reclusas muitas vezes atacavam os visitantes. Mas Elisabeth Fry, olhando calmamente em redor, pegou num sujo fedelho e levantou-o nos braços. Tendo capturado a sua assistência por este gesto de displomacia feminina (que aliás saira do seu afã de ajudar), conseguiu expôr às que eram mães o plano que concebera para abrir em Newgate uma escola para as infelizes crianças da prisão.

E foi este o princípio. Depressa Elisabeth Fry organizou uma escola de costura para as mulheres e fundou a *Associação Feminina de Protecção às Prisioneiras de Newgate*. As reuniões com os dirigentes da prisão, a seu pedido, realizaram-se em sua casa e Elisabeth Fry conseguiu, por fim, que concordassem em certas bases futuras, quanto ao tratamento das presas, incluíndo uma parteira, na necessidade de empregar ùtilmente as mulheres e de monitores para as agrupar em pequenos sectores. Destes primeiros enunciados nasceram os princípios reais da Reforma Prisional — a separação dos sexos, a classificação dos criminosos, guardas femininos para as mulheres, a realidade da assistência espiritual e educacional para todos os prisioneiros.

E assim se tornou famosa Elisabeth Fry. Em Fevereiro de 1818 prestou declarações perante a *Comissão de Prisões Metropolitanas* da Câmara dos Comuns. Visitou sempre os navios de condenados surtos no Tamisa, levando a sua presença e o seu conforto aos tristes reclusos. Depois viajou, foi à Europa observar as prisões e expôr às entidades oficiais a sua própria experiência e ideais humanitários concernentes às reformas prisionais. E gradualmente os propósitos e os fins que ela advogava passaram à prática, quase em todo este país e no continente. Além disto — que é tanto — interessou-se muito pelo sistema dos hospitais britânicos, sugerindo ideias para o aumento de enfermeiras, etc.

Elisabeth Fry morreu em 12 de Outubro de 1845 chorada pela família e amigos e pelos milhares de homens e mulheres de todo o mundo a quem ela tinha arrebatado com os seus ideais apaixonados pela Reforma Prisional. Possìvelmente, ainda existem em Newgate os que se recordarão de quando ela ali veio, naquele agreste dia de Janeiro de 1813, a espalhar palha nas tábuas razas da enfermaria, para embrulhar as crianças nuas em vistidinhos de flanela e para os tratar com a compaixão e o zelo criador de uma mulher verdadeiramente santa.

(De «The Spiritual Healer»)

Mars, 60

Comentários à luz do Espiritismo

Preconceitos Religiosos em Conflito com a Ciência, e o Espiritismo nos Livros do Velho Testamento

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

II

Existe no conceito de muitos interpretadores do *Génesis*, primeiro livro do Velho Testamento, que o mundo terráqueo e a humanidade que o habita têm sòmente os 5 mil e tal anos que lhe dão de existência as contas, feitas por alto, contidas nas páginas daquele livro.

Mas não: a Terra tem alguns biliões de anos e o animal humano, animado de um espírito caracterizadamente inteligente e com faculdades criadoras poderosas, não se sabe, verdadeiramente, há quantas dezenas de milhares de anos fez o seu aparecimento sobre ela.

Contudo, quanto aos conhecimentos das ciências antropológicas os homens que a elas se dedicam avançaram o correspondente ao conteúdo da seguinte notícia datada de Washington, e constante dos periódicos de 3 de Janeiro de 1957, reportando-nos, por nosso lado, ao «Diário de Notícias» lisboeta, donde a reproduzimos com o respectivo título: «*Descoberta sensacional no domínio da antropologia*»: Washington, 3-1-1957 — Os cientistas informaram que tinham, finalmente, encontrado o elo que lhes faltava na cadeia do desenvolvimento do homem, entre o homem moderno e o seu ascendente mais longínquo.

«Este ser foi identificado no relatório anual do Instituto Smithoniano como o «australopithecus», que viveu na África do Sul há um milhão de anos.

«O Dr. Raymond da Universidade de Witwatersrand, de Joanesburgo, no seu relatório, diz que o «australopithecus», em conjunto com os já conhecidos homens de Java e de Neanderthal, completa a dita cadeia.

«Foram descobertos restos de esqueletos do homem «australopithecus» na África do Sul, há dez anos, e desde então, em várias escavações, já se encontraram mais de cem espécimes.

«A lacuna que existia entre o ser pré-histórico e o «homo sapiens» foi assim completamente banida, pela sobreposição das fases australopithética, pithecanthrópica (homem de Java) e neanderthálica.

«F. Clark Howel, antropologista da Universidade de Chicago, informou ter descoberto outro ponto de ligação entre o homem moderno e os seus antecessores pré-históricos, baseando-se em recentes estudos feitos nos esqueletos encontrados há 25 anos, na Palestina, concluíndo daí que este ser teria vivido no Próximo-Oriente há 75.000 anos. Estes elementos são muito importantes para o estudo do desenvolvimento do homem moderno a partir do homem anterior ainda à época das cavernas.

«A descoberta relatada pelo Instituto Smithoniano baseia-se na teoria científica de que o homem evoluíu de uma inferior forma de animal.

«Dart, que contribuíu grandemente para o progresso da «australopithecologia», diz que o «australopithecus» tinha «um cérebro e um corpo quase humanos», caminhava erecto e improvisava ferramentas e armas que usava com as mãos, mas provàvelmente não possuía linguagem humana. O volume do seu cérebro serve de prova à teoria apresentada.

«O volume do cérebro dos macacos varia entre 87 a 685 centímetros cúbicos, enquanto o do homem varia entre 790 a 2350 cc.

«O cérebro do «pithecanthropus» varia de 750 a 1250 centímetros cúbicos e o do homem de Neanderthal de 1250 a 1600 cc. O do «australopithecus» chega aos 1000 cc.».

Termina aqui a reprodução da notícia referida. E com isto se demonstra a razão do conflito entre a ciência e as religiões preconceituosas.

*

Fizemos no artigo anterior largos comentários ao primeiro livro do Velho Testamento — o *Génesis*, que, com mais quatro, forma as cinco obras literárias atribuídas a Moisés, ou seja, o *Pentateuco*.

Todos eles foram escritos com dados colhidos na tradição, particularmente os que tratam de acontecimentos anteriores a Moisés. Mas os que falam de Moisés devem ter tido por ponto de origem as intuições e as comunicações de Espíritos Superiores, que lhes foram transmitidas como grande médium vidente e auditivo que era.

Mas há, envolvendo os relatos contidos naqueles livros, por um lado muita fantasia, por outro lado detalhados registos de muitas lendas tradicionais, e algumas repetidas. Mas em todas ressalta esta grande confirmação: o assunto palpitante, que é a síntese de todo o Velho Testamento, consiste na constante comunicação entre o mundo invisível e este mundo em que vivemos, nas pormenorizadas instruções transmitidas pelos Espíritos ao povo hebreu.

Porque os hebreus foram, religiosamente, fervorosos monoteistas, e, porventura, o primeiro dos povos da antiguidade que teve mais claras e verdadeiras noções sobre Deus como Criador Supremo, sendo, contudo, certo que não teve compreensão exacta da Misericórdia, Amor, Clemência e Bondade como principais atributos de Deus.

Por isso, verificamos a Constante referência à ira e vingança divinas, e à ideia predominante, nos mencionados livros, de cerimónias rituais e de holocaustos como manifestações de obediência e de medo.

Todavia os hebreus tinham profunda crença nas comunicações com os espíritos, como se observa em várias passagens da Bíblia, sendo certo que esse recurso às comunicações com o mundo espiritual tornou-se tão exagerado, e descambou, certamente, tanto para a exploração,

que Moisés teve de introduzir na legislação israelita a proibição terminante de tal abuso.

Ora, neste estado de espírito quanto à crença na acção do Invisível, não admira que, dos planos divinos, as entidades superiores tivessem seguras possibilidades de se fazer compreender e obedecer.

Aquelas entidades eram consideradas por eles deuses ou anjos.

Pois bem: os livros do *Pentateuco* são, pois, cinco: *Génesis, Êxodo, Levítico, Números* e o *Deuteronómio*.

O primeiro já vimos o que é e quão erradamente ele tem sido interpretado no que respeita à formação do mundo planetário em que vivemos e ao aparecimento dos primeiros seres humanos que o habitaram.

Êxodo relata a vida dos hebreus no Egipto desde que ali Jacob se estabeleceu com seus filhos que o acompanharam em visita a José, outro seu filho que ali gozava de grande prestígio entre os egípcios. Contém a biografia de Moisés, descreve a saída dos hebreus do Egipto capitaneados pelo dito Moisés e apresenta as primeiras instruções sociais para os israelitas.

Levítico e *Números* são os livros que contêm o relato de todas as instruções, por vezes repetidas, que o Senhor (o Espírito Protector de Israel) deu a Moisés, com a descriminação de como essas instruções foram obtidas com datas, lugares e circunstâncias várias em que essas comunicações do *Senhor* com Moisés se deram.

É pròpriamente o Código religioso, jurídico e moral do povo israelita.

Deuteronómio é a compilação de todos os preceitos sociais e religiosos que o *Senhor* transmitiu a Moisés, segundo descrição dos livros *Levítico* e *Números*.

Mas há ainda outros livros do Velho Testamento, como *Josué* que descreve a vida e feitos deste sucessor de Moisés. É como que o primeiro da História de Israel continuada nos livros *Juizes, Ruth* e nos quatro de *Reis*.

Segue-se depois o *Paralipómenos*, dois livros que fazem também parte da história dos judeus como povo polìticamente organizado, e reunem o que consta dos livros atrás citados. O primeiro é a história pròpriamente de David e o segundo a de Salomão e seus sucessores, sendo o *Livro primeiro de Paralipómenos* como que uma compilação dos livros anteriores, como dissemos, pois «as primeiras e últimas acções do rei David estão escritas no livro de Samuel, o vidente, e no livro do profeta Natan, e no volume de Gad, o vidente» (c. 29 v. 29).

Esdras escreveu a continuação da história dos judeus a seguir ao cativeiro de Babilónia e quando os persas mandavam em todo o Levante, sendo os livros de Nehemias e de Ester relatos da vida religiosa dos judeus durante o poderio pérsico. Cada uma das obras destes três autores são outros tantos livros do Velho Testamento.

Job ou antes *O livro de Job* já é, claramente, mais um livro de conceitos religiosos, alguns bastante elevados, como por exemplo os de todo o cap. 36, do que uma súmula de acontecimentos passados entre os judeus, então tidos como seita espalhada por diferentes pontos da Ásia Ocidental.

O *Livro dos Salmos* atribuído à autoria de David, o *Livro dos Provérbios* obra de excelente filosofia moral do grande rei Salomão, e o livro de Eclesiastes, filho de David, são livros de pura literatura, tratando temas religiosos, morais e filosóficos, mas uma literatura aliás bela e por vezes tocando o sublime.

O *Cântico dos Cânticos*, outra obra de Salomão, é pura literatura amorosa, de um acentuado lirismo que bem pode ser considerado um poema em prosa e que é bem a cúpula literária de toda a literatura israelita condensada nos livros, chamados sagrados pela predominância mística que há em todos eles, e que se sintetizam, teològicamente, nestas duas palavras: Velho Testamento.

Mas além dos livros já mencionados, há ainda nesta parte bíblica os livros dos profetas, como Ezequiel, Daniel, Isaías, Jeremias, Miquéas e outros.

*

Ora, que ensinamentos há a aproveitar de todos aqueles livros do Velho Testamento que sobrelevem os dos Evangelhos, para certas correntes cristãs lhes darem tão elevado valor? Achamos que sòmente podemos aproveitar o que se contém na grandiosa lição de Job revelada na fé com que suportou os seus sofrimentos, as invocações e preces dos *Provérbios* e os conceitos de Eclesiastes.

Dos profetas aproveitamos as suas visões de mediunidade vidente premonitória no que se refere à vinda missionária de Jesus — o Messias — descrita a centenas de anos de antecedência, com tantos pormenores, que assim serviram de certificado e comprovação do que a tal respeito se passou.

Contudo, para os Israelitas são os seus livros favoritos, os seus livros sagrados, e está muito bem. Mas para os cristãos não podem eles ter valor por aí além, pois já entre os Apóstolos foram objecto de discordância alguns dos seus preceitos, como, por exemplo, o da circuncisão, disposição absurda para estabelecer entre os crentes e a divindade um elo permanente, o do descanso ao sábado, inteiramente impraticável em todos os pormenores estabelecidos e o dos holocaustos, cruel e sanguinário.

Que os israelitas tenham os ensinamentos de todos aqueles livros em grande conta, admite-se, porquanto, não reconhecendo eles a Jesus como o Messias anunciado pelos profetas, não aceitam nem seguem a *Boa Nova* que são as doutrinas que o Evangelho encerra e que os primeiros Apóstolos pregaram, bem como os que se lhes seguiram na missão evangelizadora, com desinteresse completo pelas normas e doutrinas estabelecidas por Moisés.

Já Jesus mostrara desprezo por muitas delas como no caso da mulher adúltera (João c. 8 v. v. 5 a 11), na questão dos jejuns (Marcos c. 2 v. v. 18 a 20), no caso de lavar as mãos às refeições (Marcos c. 7 v. v. 5 a 9) e, quanto ao preceito de guardar o sábado, desrespeitou-o várias vezes.

Também nunca defendeu a circuncisão. Posto isto, porquê tanto apego aos livros de Moisés que os estudantes bíblicos mostram, especialmente os que se fundamentam naqueles livros para combater o Espiritismo?

É do que falaremos a seguir.

CORRIGENDA:

À linha 25 da 3.ª coluna do artigo anterior destes Comentários *leu-se:* «*Ora, não tendo, até então, tido Adão filhas, com quem se pudesse levantar a hipótese incestuosa*», ...

À linha 12 da 4.ª coluna leia-se: «*Portanto, se Caím tinha receio de encontrar* .....»

A VIDA DE ALÉM TÚMULO

(Conferência improvisada e captada em magnetofone)

por ISIDORO DUARTE SANTOS

3

OS IDEAIS DE JUSTIÇA

Como tenho dito, o céu e o inferno estão na mente do indivíduo. Deles resultam prémios e castigos outorgados pela consciência e que influenciam sobremaneira o espírito desencarnado. Não é Deus que lhe aparece e diz: «Põe a nu tuas mazelas. Deixa ver o activo e o passivo», tendo ao lado a balança e a espada de Dámocles. Nada disso. As almas é que são juízes de si próprias, lavrando a sentença de acordo com o seu conhecimento do bem e do mal, porque o delito tem valor relativo. Um civilizado é mais responsável que um primário. Portanto, a punição é gradativa. Também neste ponto as almas se fixam no mais alto ideal de justiça. Julgam-se, não com o fim de se castigarem, mas com o fim de reprimir ou de impedir a repetição do delito:

A consciência é reflexo da divindade em nós. Quando o homem é delinquente, quando se afasta do verdadeiro caminho vai errado. E diz-lhe:

— É por aqui!

E ele segue, embora esse «por aqui» seja diferente de outros que os homens apontam através dos códigos aceites pela sociedade e possam não ter a sanção divina.

A organização do Além é mais perfeita do que a nossa. A penalidade legal tem objectivo transcendente, mas ainda limitado. É um travão lógico até certo ponto e segrega o criminoso, com o fim de o reabilitar e devolver à família. Mas há regiões onde a pena irreparável tem foros de cidade, reflexo do atraso espiritual dos povos.

Das três criações ideológicas — céu, inferno e purgatório — a última é mais consentânea com a justiça divina e por isso a aceito sem relutância. Substitui o inferno com vantagem lógica, sem carácter de eternidade e deve ser extensiva a todos os espíritos e a todos os mundos. A sua duração é relativa à evolução de cada um. O sofrimento está na medida da imperfeição. Logo, devemos fazer os maiores esforços para nos libertarmos dele.

Quanto à reparação das faltas, é feita no ambiente próprio, junto de quem ofendemos. Aliás, não haveria reparação, porque o pai não pode pagar pelo filho, nem o filho pelo pai.

No além, o algoz encontra-se muitas vezes em frente das vítimas. Este facto, de per si, é uma espécie de inferno transitório que o arrependimento, ou antes, a reparação extingue.

No entanto, há quem dê ao chamado inferno uma forma bizarra: chumbo derretido e caldeirões de azeite fervente. Outros plasmam os sonhos mais belos, que nos revelam em lágrimas e que a nossa linguagem não sabe definir. Criam céus e infernos próprios e gozam e sofrem de harmonia com eles. Todos, afinal, encontram o que esperavam, porque a consciência não lhes dá prémio ou condenação.

E aqueles que não crêem no Além? Esses encontram outros incrédulos como eles e julgam-se na terra, mergulhados na carne.

A experiência é toda mental. No fundo, a maior felicidade de um espírito é conhecer o efeito das boas acções.

Assim e como observa muito bem Fernando Ortiz, a desencarnação leva ao sofrimento espiritual, segundo o grau de pureza e habilita o ser liberto a compreender que as imperfeições implicam dor inevitável.

JUSTIÇA DIVINA

Há coisas incompreensíveis que o bom senso não reconhece. O castigo dos homens está exarado em códigos falíveis que de vez em quando são reformados no sentido de melhor justiça. Como poderia, pois, Deus castigar eternamente por uma falta temporal? Raciocinar sobre este problema levaria a duas conclusões lógicas: ou não admiti-lo, por absurdo, ou, também por absurdo, admitir a imperfeição divina.

Há uma série de postulados que lançam poderosa luz neste quadro. «O Livro dos Espíritos» os reúne e por eles é fácil conhecer o que nos aguarda. Podemos até sintetizar alguns:

— Onde quer que se encontre, a alma está no céu ou no inferno, com prémio ou castigo.

— O bem e o mal são inerentes ao espírito

que sofre pelo mal que faz e pelo bem que deixou de fazer. Deve, por tanto, corrigir-se, no seu interesse próprio.

— Todos os pensamentos e acções são considerados totalmente em sua relatividade. Não é fatalismo; é causa e efeito.

— Todas as faltas se pagarão numa vida ou noutra. As existências são solidárias.

— Sofre-se a consequência das imprefeições. As misérias, os vexames e as injustiças são expiações de faltas cometidas.

— As expiações variam segundo a falta, que pode originar expiações diversas, conforme a circunstância e o lugar onde foi cometida.

— Não há condenações por tempo indeterminado. O espírito é árbitro do seu destino. Prolonga ou encurta a pena. O contrário é injustiça.

— Se o culpado nunca melhorasse, a pena seria eterna. Quando este não lobriga o termo, considera-a eterna.

— O arrependimento não basta, embora se dê em qualquer parte. O sofrimento permanece até ao último vestígio da falta.

— A reparação é a lei de reabilitação moral do espírito. Nenhuma religião o proclamou, porque é mais cómodo o arrependimento com auxílio de algumas fórmulas. De resto, a lei divina seria inferior à lei humana.

— Os espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes. Ficam nos purgatórios.

— O espírito é livre de progredir ou não. Quando começa a arrepender-se começa a evolucionar. Não há espíritos eternamente inferiores.

— Deus não abandona os maus. Cada um tem o seu espírito protector, que lhe intui orientação, dentro do livre arbítrio.

— A responsabilidade das faltas é pessoal. Ninguém sofre pelos erros alheios, a não ser que os tenha provocado ou os não tenha impedido.

— Há penas inerentes à responsabilidade do espírito. Veja-se o desprendimento difícil da alma, as angústias da morte e o despertar no Além.

— Há espíritos que se julgam vivos e não satisfazem o que desejam, devido ao seu atraso.

— Há espíritos trevosos e isolados. A própria situação os atormenta. Quando surge neles a necessidade da reparação, tudo se modifica.

— O mundo espiritual prepara-se na vida terrena. Quem muito sofre, muito tinha a expiar.

— O caminho da redenção está sempre aberto e o culpado só é exonerado, quando tiver saldado a sua divida.

— As penas são doenças impostas ao espírito culpado. Quanto mais enérgico for o remédio, mais cedo virá a convalescença.

— Não há seres privilegiados. A evolução depende da vontade.

Tudo isto se pode resumir nestes princípios. kardequianos:

1.º — O sofrimento é devido à imperfeição.

2.º — A imperfeição traz o castigo. Por isso a doença pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem necessidade de condenação especial.

3.º — Se o homem pode libertar-se das imperfeições, por efeito de vontade, pode anular os males consecutivos e assegurar a felicidade futura.

Pode-se fugir à justiça dos homens; não se pode fugir à justiça divina.

O ABSTRACTO

Há enorme dificuldade de compreender o abstracto da alma superior, mesmo dispondo de inteligência e bom discernimento, porque os conceitos errados acerca do irreal são tantos e tão variados, que é sempre arriscado falar daquilo que não podemos conceber, por ultrapassar os limites da nossa percepção.

Os terrícolas chamam fantasmagoria a um mundo que transcende a substância. Habituados a medir e pesar as coisas a três dimensões, custa-lhes avaliar o abstracto que se restrinja ao domínio das ideias. Por outro lado verificamos que na matéria não há permanência. Há mutação contínua. A cadeira onde estou sentado não é a mesma de há dez anos.

No além — mundo astral ou mundo dos espíritos, como queiram chamar-lhe — a matéria é inconstante e ilusória. Podemos dizer que é não permanente ou fenoménica. O que pensamos com relação aos seres desencarnados é para nós irreal, abstracto; mas aquilo que havemos de pensar, quando nos libertarmos será igualmente abstracto e irreal, com relação às coisas físicas.

As experiências da alma no Além são autênticas realidades. Aqui traduzimos as criações da mente em pura matéria. Uma ponte, um palácio, uma barragem, uma estátua, seja o que for, são tudo criações mentais. A alma busca os seus modelos nessas manifestações. Uns lhes chamam sonho e outros realidade. O vulgo exclama:

— Sonhos de poeta!

Sim, talvez haja verdade nisto. E quanto mais altos são os sonhos do Espírito, mais altas são as suas experiências.

Isto é duro de roer, usando uma expressão popular. É necessário concentrar bem a ideia para assimilar este conceito. Mas como vou falar de um mundo para o qual havemos de gravitar um dia, o que aprendermos hoje servir-nos-á de orientação futura.

COMPANHEIROS

Tenho para mim que os usos actuais são extensivos a outras vidas que vivemos. Se o pro-

gresso alcançado se reflecte no Espírito e se cada qual tem sua índole que mergulha na preexistência, é porque antes de chegar à terra já o ser humano era animal de hábitos.

A ideia de companhia é inerente a todas as almas. Família, amigos, camaradas, são, pois, realidades no mundo astral. A lei de atracção exerce nele a sua influência.

A amizade é mais firme do que no globo que habitamos e os sonhos e aspirações actuais passam a ser acontecimentos comuns na outra vida. É intuitivo. E os mais altos ideais da alma transformam-se no astral em realidades palpitantes, visto que as relações a que poderíamos chamar sociais se baseiam na vida espiritual. Aqui é diferente. Lá as vibrações são mais harmoniosas, porque a matéria é menos densa.

Para abarcar de certo modo o problema é necessário mergulhar no mundo interior, onde encontraremos a chave dos «nefelibatismos» ou «verdadeiras ilusões».

Quando pretendemos explicar a vida de relação no mundo astral esbarramos com inúmeras dificuldades, por causa da ideia de lugar, a que já fiz referência. Numa vida quintessenciada o contacto dos seres é muito mais perfeito do que se imagina, pois se trata de ligações mentais e espirituais. A convivência transforma-se em amizade sólida e o isolamento quase não existe.

Disse que as almas menos elevadas não podem visitar as que se encontram em frequências superiores, ao contrário destas últimas. E às vezes os *de baixo* sentem-se rodeados de almas que não vêem. São as que influenciam benèficamente os pobres seres errantes em demanda de luz espiritual. Tudo isto se processa na natureza que alarga a vida às almas desencarnadas.

A COMUNICAÇÃO

Este assunto é vastíssimo e transcendente. Em regra, os primeiros que se comunicam são os que estão presos à terra. O seu fim principal — nalguns chega a ser ideia fixa — é manifestar a continuidade da vida aos inconsoláveis que levam os dias, os meses e os anos carregados de luto, aumentando ainda mais a depressão em que caíram. Isto é do domínio geral. Todos os estudiosos o compreendem. O espírito quer alegria e o luto é regressão temporal. Há outros que animam os «cascões» astrais em que falam os teósofos e outros ainda, de vibração elevadíssima, em ligação com os entes que deixaram, mas desprendidos das coisas terrenas.

Claro que esta ligação é inteiramente psíquica, de carácter telepático. Como estão desprovidos de sentidos físicos ou adaptados ao físico, não apreendem as nossas acções materiais.

Quando pensam em nós é natural que sintamos a sua proximidade, mormente se as nossas faculdades psíquicas estiverem desenvolvidas e sintonizadas. À relação mental e espiritual deve-se a este fenómeno estranho. E quando somos nós a pensar neles dá-se um caso semelhante.

Eu sinto a aproximação de almas, cuja frequência vibratória é semelhante à minha. É uma relação que me dá prazer e fortalece a missão que exerço, às vezes com grande sacrifício. Faz lembrar a visita de um velho amigo que há muito não víamos, mas que estava presente em nós.

Todavia, a relação entre os habitantes do astral é muito mais forte. Basta raciocinar. Quando penso emito a minha radiação imediatamente. A relação é projecção. Na terra temos transportes, somos obrigados a levar o invólucro corporal aos outros. A nossa presença é tangível. Medimo-nos e pesamo-nos, sabemos que estamos junto de seres da mesma espécie. No além, quando pensamos projectamo-nos, ficamos em presença telepática.

Mas há uma objecção considerável.

AS EVOCAÇÕES

Quero falar nas evocações dos espíritos, cujo negativismo já tive ensejo de mostrar. Além de nocivas aos desencarnados, por lhes desviarem a atenção de problemas graves, também lhes podem atrasar a evolução.

Há quem evoque por curiosidade ou utilitarismo puro. Alguns até descambam na infantilidade, pedindo a intervenção de entidades em negócios de família, assuntos de casamento e divórcio, previsão do tempo, número de lotaria, etc. Sabe-se lá onde chega a ignorância com o seu atrevimento! Esta miscelânea é muito perniciosa. E mais perniciosa, quando se utiliza para danificar, como na magia negra.

Tratando-se de espíritos dormintes recebem o choque de duas ideias: a ideia passada, com seus flagelos, e a ideia futura, com suas aspirações.

É desnecessário ir mais além. O quadro espiritual está suficientemente esclarecido. Não se deve chamar o espírito para satisfazer curiosidades. O resultado — como disse um notável ocultista — é igual ao do camponês que desenterrasse diàriamente a mesma planta para ver o estado da raiz. Seria absurdo.

Mas há também quem evoque as almas para informar ou consolar parentes e amigos. Despertadas do sono reparador, suas respostas são obscuras, incoerentes e lançam a dúvida no ânimo dos interessados. Por isso a natureza condena estas práticas. E não só a natureza. Condena-as o senso prático. Os que investigam sabem que é assim, pois ninguém deve ser obrigado a fazer o

que não quer. Neste caso é vir à face de curiosos para lhes dizer o que não valia a pena.

Melhor será enviar então pensamentos de amor aos desencarnados, com desejo de progresso espiritual, a fim de que atinjam mais depressa os chamados planos superiores. Não devemos atraí-los à materialidade, só para que nos digam se são felizes ou se estão vivos. O problema deve ser olhado judiciosamente.

OS QUE ESTÃO PRESOS À TERRA

O caso dos espíritos que se encontram presos à terra merece consideração e estudo mais profundo. Alguns, refractários à vida mental, afazem-se aos prazeres degradantes, onde satisfazem ou julgam satisfazer as paixões. Outros apegam-se à terra fortemente. São os que despertam do sono reparador ou sono astral, negando-se a participar da vida do seu mundo, à semelhança dos suicidas. Reagem às solicitações do ambiente, mercê de causas anteriores. Às vezes são deveres que se não cumpriram e os quadros avolumam-se na consciência das vítimas, porque são verdadeiras vítimas da ignorância que os distingue. E, não raro, o temor pelos que deixaram, que muito os perturba e faz sofrer.

Estas almas gravitam em torno das cenas terrestres em que foram protagonistas e tornam-se visíveis e tangíveis aos que ficaram, causando-lhes pavor e inquietação. Se a humanidade conhecesse o assunto haveria menos dor e o intercâmbio espiritual seria maior. Tantos problemas que se resolveriam fàcilmente para bem de todos!

Na inquitação destes espíritos há muitos remorsos e actos irremediáveis que só a expiação compensará a seu tempo. Por isso vagueiam aflitos e desesperados, usando de todos os meios para demonstrar a sua presença. Coitados! Estão na posição dos evocados e atraídos às sessões. Poderemos até dizer que são autênticos sonâmbulos que desejam resolver os seus problemas. Por isso se aproximam deste e daquele com desejo insano, embora não possam realizar os objectivos. Vivem em dois mundos, não compreendem o material nem o espiritual.

Outra classe de espíritos é a dos que se aferram aos entes queridos, num excesso de zelo, fazendo tentativas inúteis para os auxiliar, até na labuta quotidiana. Que espécie de ajuda poderão dar? É ajuda que se transforma em confusão.

Conheço muitos casos deste género. Assisti e contribuí para o reequilíbrio de uma senhora obsidiada por um tio que desencarnara num desastre de viação. A primeira coisa que fez ao libertar-se do corpo foi ligar-se à sobrinha, transmitindo-lhe sensações e inibições que lhe produziriam a morte, se não agíssemos a tempo. A úlcera que o carcomia com seu cortejo de sintomas instalou-se na doente. Quanto comia, quanto devolvia. Perdera dezoito quilos de peso e os médicos davam-lhe duas semanas de vida. No fundo era um caso de simpatia. A entidade sentia-se bem no seu nicho. Quem sofria era a sobrinha e seus familiares.

O Dr. Inácio Fererira conta um caso de tuberculose psíquica no seu livro «Novos Rumos à Medicina», cuja origem era o espírito de uma noiva que morrera e transmitiu a doença ao jovem namorado. Como este lhe prometera que não se casaria e então estava noivo, o espírito entremeteu-se no caso, julgando prestar-lhe auxílio. A princípio estava renitente, mas quando lhe mostraram as consequências que poderia ter a sua atitude, resolveu abandonar a empresa. O pobre rapaz foi internado no *Sanatório Espirita de Uberaba* dirigido por aquele médico e onde entrou em tal estado de consumpção, que as vértebras pareciam nozes. Ao cabo de alguns meses o espírito foi esclarecido e seguiu a sua rota. O doente restabeleceu-se.

Quer dizer: o espírito da noiva exercia acção depressiva na sua vítima, tirava-lhe o apetite, perturbava-lhe os órgãos respiratórios, transmitia-lhe por indução todos os sintomas da terrível doença. E ele definhava progressivamente, embora as análises não acusassem bacilos. Felizmente, tudo se normalizou, graças aos benefícios do Espiritismo, que só cuida do bem da humanidade, procurando elevar o homem.

O nosso dever é avisar mentalmente estas entidades de que já não pertencem à terra e que o seu destino é ascender ininterruptamente, de harmonia com as suas aspirações naturais.

Alguns espíritos choram como crianças e é preciso ordenar-lhes que sigam o seu destino. Contemporizar com eles ou concitá-los a permanecer no seu estado, seria inútil, seria o mesmo que obrigar uma criança a não passar da meninice.

Como se vê, o panorama é cheio de cambiantes e digno de fundas cogitações. Grande número de espiritistas ignoram estes problemas de consequências morais extraordinárias. Foi por isso que me abalancei a esta conversa.

(Conclui no próximo número)

Corrigenda

No último artigo houve vários lapsos tipográficos. Na 1.ª coluna da página 105, onde lê «interpretam-se», deve ler-se «interpenetram-se»; e na 2.ª coluna, onde se lê «o baixo da terra e o alto do astral» deve ler-se «o alto da terra e o baixo do astral». Os restantes lapsos são fàcilmente corrigíveis.

Maternidade «Casa da Mãe Pobre»

Nunca é demais falar nesta instituição de caridade que nasceu de um grito humano contra a aridez do século que decorre, quando mãe preta não tinha albergue que a protegesse, no momento de dar à luz um filho.

Mais um ano, mais um relatório que traduz anseios de progresso e de renovação.

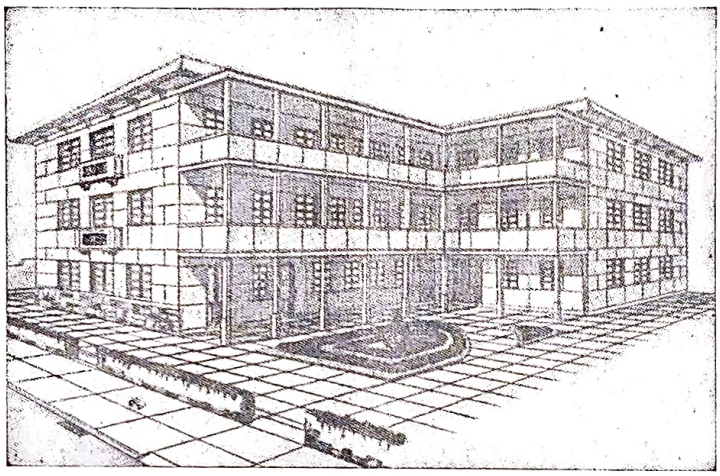
Escusado é dizer que nos referimos à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, de que somos órgão na imprensa espirita e em cujos trabalhadores há elementos estreitamente ligados a esta revista, como o seu presidente Henrique Magalhães e o seu tesoureiro António Joaquim Monteiro.

Antes de mais nada queremos frisar que as suas contas estão equilibradas, com um saldo positivo de mais de quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros, não obstante a parte financeira haver causado apreensões aos seus dirigentes, em virtude das responsabilidades criadas pelo salário mínimo imposto pelas chamadas Leis Trabalhistas de Getúlio Vargas. Este contratempo representou um grande choque para a Maternidade, pois a única renda estável são as quotizações dos sócios que não podem ser aumentadas.

A propósito, informamos que as indemnizações de 1956 a 1958 atingiram a soma de dois milhões e quinhentos mil cruzeiros e no ano que terminou em 30 de Junho de 1959 ultrapassaram 840 mil. Por isso mesmo, a Directoria trabalha com denodo no sentido de aumentar a população associativa que, durante o ano económico, atingiu a cifra de 35 466, graças ao esforço do confrade José Cabral, que tem sido incansável. Para 7475 sócios que sairam entraram 14 404, conseguindo-se uma arrecadação de 3 milhões, setecentos e quarenta mil cruzeiros, que auxiliaram grandemente a instituição, cujos serviços hospitalares renderam a bonita soma de 29 milhões e 283 mil cruzeiros, ao lado de mais 4 milhões e 400 mil cruzeiros de renda de subvenções e auxílios, renda patrimonial e dos serviços de alimentação.

As despesas foram enormes: as administrativas atingiram 6 milhões, 226 mil; as dos serviços hospitalares, 14 milhões, 324 mil e as restantes (serviços auxiliares, alimentação, despesas gerais e depreciação, mais de 11 milhões.

Isto dá ideia do volume da obra. Os melhores louvores que se lhe podem tecer é relatar o seu histórico. Os serviços técnicos chefiados pelo Dr. Carlos Augusto Pires de Sá, auxiliado pelo Dr. Gil Câmara e pela Dr.ª Eliete de Castro, tem prestado relevantes serviços. Veja-se o movimento geral deste sector:



MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

Internações e para darem à luz —7915; consultas nos serviços de pré-natal — 2565; partos — 6828; nascimentos — 6891; gemelares — 63.

A média mensal de nascimentos totais foi de 574 e a de crianças pobres 223.

Para se avaliar o aumento constante de nascimentos nas enfermarias, temos: 1956 — 1390; 1957 — 1719; 1958 — 1786; 1959 — 2862. Portanto, um aumento de 50 % entre este e o anterior exercício.

Quanto à mortalidade, não chegou a 2 % o que muito honra esta equipe de abalizados médicos.

No Banco de Sangue colheram-se 109,490 kg e aplicaram-se 166,900 kg.

No Laboratório houve 3370 exames de urina, 6914 exames de sangue, 27 exames de fezes e 4 de escarros, num total de 10 322.

A Pediatria está a cargo do Dr. Amaury Gondin, que muito contribuíu para a baixa percentagem da mortalidade. Neste sector houve 697 consultas.

No Raio X houve também 578 radiografias.

A Creche teve a frequência de 42 crianças num total de 8138 dias de 12 horas cada um.

A Lavandaria trabalha das 7 às 21, para lavar 6891 crianças, roupa das mães, milhares de lençóis, fronhas, traçados, roupa de médicos, etc.

D. Matilde de Meneses continua, como sempre, a dirigir a administração da Casa, merecendo a confiança da Directoria pelo inexcedível zelo e belíssimo carácter.

A secretaria foi dirigida pelos generais João Luís da Costa Lima e Fábio de Castro, coadjuvados pelo chefe do Escritório, sr. Póvoa, todos funcionários zelosos e dignos de louvor.

O nosso representante geral no Brasil, António Joaquim Monteiro, secundado por Humberto Correia de Sá, está à frente da tesouraria.

A *Legião Protectora da Mãe Pobre* continua em sua faina, confeiçoando roupa, fazendo campanhas financeiras, campanhas de natal, festas da rosa, etc. Ao todo, entre aventais, babadouros, braceiras, calcinhas, casaquinhos, capotes, camisolas, campos operatórios, lençóis, fronhas, etc., prepararam 18 583 peças! Eloquente número este, que revela o trabalho magnífico das incansáveis obreiras!

A Farmácia também cumpriu o seu dever, dirigida pela senhorita Hildete de Jesus Miranda e supervisionado por D. Matilde. Com-

BALADA DE MAIO

Estamos em Maio — mês florido e perfumado! Do céu colorido a pastel o sol doura os malmequeres que esmaltam os campos, realçados aqui e além pelo creme das prímulas e pelo escarlate das papoilas, semelhando bocas rubras abrindo em beijos cálidos!

Em nota de candura surge o branco dos junquilhos, cujo aroma intenso dá vago torpor de sonolência... O astro-rei orla de oiro a prata dos rios, onde os limos faíscam como estames de labaredas. A brisa cicia tão imperceptìvelmente, que estranho poder envolve as flores que campeiam em policromia festiva.

Nas rendas dos arvoredos trila a passarada! E toda esta extraordinária orquestração revolve em mim uma sinfonia de emoções que se agarram poderosamente à alma, librando-a acima das cruezas da realidade para adejar mansamente nas Alturas. Precioso painel de Poesia, Beleza e Arte cinzelado pela magia do sonho!

Maio de cor e de luz — de ti se suspendem silenciosos nostálgicos... interrogações indefinidas... sons repercutindo ecos de mistério... ressonâncias de saudades...

Vestido pelo mais belo cetim de verdura e mimoseado de uma beleza gárrula, Maio é o mês esplendoroso, onde a vida pulsa em ritmo que nos abraça e enleva. E lânguidamente o mês cai. Sob o acinzentar do crepúsculo as sombras submergem o realengo cenário. O hálito fresco mescla-se com o perfume das flores num incenso de poder letárgico embriagante.

Encontro-me, então, perante um germinar de ideias, um desabrochar de sonhos recolhendo enlevos de alma.

Há um feitiço no ar, qualquer coisa que paira e se enovela sobre a hora fugidia... E dentro de mim, como doidas borboletas brancas, fica vibrando a saudade por mais um Maio escoado na peneira do tempo!

Saudade deste Maio que há-de voltar, enquanto eu partirei — saudade da terra onde tenho vivido uma vida cheia, intensa, vibrando ao sabor de emoções sempre fundas, sempre ricas de contraste.

Saudades duma missão, levada a cabo por vezes com sacrifício. Saudades das amizades, do amor e das afeições, pérolas requintadas em primores de sentimento.

Mas, partirei, realmente?! O meu espírito levará junto às imagens que colheu os sentimentos que em mim floriram. Eu partirei, sim, mas tudo isso irá comigo, num rasto de beleza. Serão recordações faiscantes como pedras de joalharia, perpassando sempre...

A Terra é torvelinho de seduções intensas que prendem e cativam! Tenho sentida pena das pessoas que passam pelo mundo sem contemplar a própria terra, sem atentar no irisado das túlipas; na hera que nasce em sítios sombrios e se enlaça em cachos; as borboletas de veludo variegado sorvendo as florinhas que bordam o caminho, os pardais em seus queixumes amorosos alando o espaço — e outros mais pequenos encantos a manter a surpresa, a embalar a alma!

Em tudo sinto um frémito de poesia que me deixa imarcessível impressão de encanto que jamais se apagará! Mas há em mim a mágoa pelo materialismo em que a maioria estagna em dolorosa pasmaceira. Uma espécie de loucura galvanizada para a inocência.

No meu «Eu» existe a ânsia da perfeição que eleva a alma sem mancha junto a Deus em emoção grandiosa! Por isso me apresso sempre na subida, quero chegar, abrindo os olhos do corpo, para reter na alma a grandeza do Bem e o deslumbramento do Belo!

Uma ténue aragem refresca e traz o olor suave das flores que me cercam. E lá fora há flores desfolhadas pelo chão...

Pontilhando o céu, as estrelas são centelhas de topázios; e nesta serenidade que a Natureza exala debruço-me no peitoril dos meus anelos e guardo bem a visão de encantamento desta Balada de Maio!

MARIA INÊS SENA

praram-se remédios no valor de 7 milhões de cruzeiros e venderam-se no valor de 6 milhões! Além disso forneceram-se medicamentos às parturientes no valor de 2 milhões!

As obras do novo Hospital à rua Ibituruna, 81, prosseguem sob a direcção do Dr. Rego Monteiro, desde Julho de 1958.

Já está construída a primeira caixa de água de 360.000 litros, em oito compartimentos, e no pavimento térreo ficará o necrotério, a sala de espera, a sala de anatomia e banheiros para os dois sexos.

Está pronta a 2.ª laje e prepara-se o madeiramento para a terceira. O primeiro destina-se a Escola de Enfermagem e os cinco restantes pavimentos terão 10 quartos cada um com banheiro próprio,

Logo que este bloco esteja estruturado dar-se-á começo à estrutura do bloco destinado às pobrezinhas, onde ficarão 376 leitos, além de cozinha, refeitórios, copa, lavandaria e alguns consultórios. Então poder-se-ão transferir para aqui os serviços de assistência, centralizando todos os serviços neste hospital. Até Julho de 1959 gastaram-se na construção cerca de 5 milhões de cruzeiros.

D. Nena, continua o seu trabalho de angariamento de subvenções junto aos poderes públicos, tendo já angariado perto de 8 milhões de cruzeiros.

Não é possível acelerar mais o trabalho de construção por faltarem os meios necessários, como dissemos, em virtude do aumento do salário mínimo; mas todos os obreiros desta empresa confiam na Providência, para que as mãezinhas pobres tenham um refúgio acolhedor, para que seus filhos possam vir ao mundo com melhores possibilidades de sobreviver.

Depois de concluída, esta Maternidade ficará sendo uma das maiores da América do Sul.

A MÃE

Por PEDRO ALVAREZ Y GASCA
(correspondente na cidade de México)

Os clarins do Cosmos entoam com suas vozes de trovão uma marcha triunfal.

No pórtico do Infinito abrem-se as eternas portas da Vida para deixar passar o mais sublime ser da Criação.

Rosas de luz ornam sua fronte; luz de imaculada brancura nimba o seu olhar e de luz iridescente é toda a sua veste em maravilhoso e ofuscante deslumbramento.

É Ela!

É a Mãe!

Deixai passar a Mãe!

Deixai passar a Vida!

Deixai passar a Abnegação e o Amor!

★

À semelhança de Deus povoa os mundos de humanidades.

À semelhança de Deus guia e educa as humanidades.

À semelhança de Deus conduz as humanidades ao progresso e à luz!

Por isso Ela é o representante de Deus na Humanidade.

★

A missão da mãe é imensa. Abarca tudo, contém tudo, realiza tudo.

No som do beijo maternal florescem germes de sóis e de mundos. Nos acentos da canção materna vibram promessas de vida, de realizações, de grandezas, de glórias e de martírios...

Todo o porvir, tudo o que o homem for, tudo o que deixar de ser, tudo o que buscar e tudo o que encontrar; o que alcançarem seus olhos e o que lhes é oculto; tudo o que desejam, tudo o que realizar ou deixar de realizar; tudo isso, por longínquo que seja, recebeu-o de antemão, bebeu-o, aspirou-o nessa rosa imensa da Vida que é o coração da mãe!

★

Onde aprendeu ela a ser mãe? Na Sabedoria Eterna.

Por isso, na terra só há um ser verdadeiramente sábio:

A Mãe.

Ela possui a ciência mais alta e difícil: O conhecimento da alma humana.

Por isso as almas de seus filhos são para ela livros abertos em que pode ler, sem a menor dúvida, todas as suas alegrias, todas as suas tristezas, seus problemas e suas esperanças.

Por isso os filhos, seja qual for a idade, são sempre crianças para ela. Não será esta uma das mais belas verdades descobertas pela sabedoria maternal?

★

Sabeis como plasma os filhos? Amalgamando na alma, em mescla sublime, o germe de todas as virtudes, que é o germe de todas as grandezas. Não os prepara para obras determinadas, nem lhes dá um modo de ser, nem os orienta para um só caminho. A sua sabedoria abre-lhes todos os caminhos, prepara-os para todos os trabalhos, impele-os a todas as grandezas.

E vós outros, intelectuais e homens importantes, não sorriais com irónica benevolência, quando a vossa mãe vos aconselha. Escutai os seus conselhos e levai-os à prática. Por muito alto que os eleveis em alas intelectivas, não alcançareis um pouco da sublime grandeza da mãe. E não sequeis, com vossa desdenhosa atitude, essa fonte inspiradora que a todo o momento vos ilumina.

A vossa sabedoria provém da terra.

A sabedoria da mãe provém de Deus.

★

Como o sol de manhã radiante é o amor da mãe. Não podeis ocultar-vos dele, porque em toda a parte vos alcançará. As nuvens que lhe interceptam a luz não podem ofuscá-lo. E se chegais a sentir que vos falta essa luz e que a noite se faz em vosso espírito, não é porque esse sol se tenha apagado, mas porque lhe voltais as costas.

O amor de mãe é o verdadeiro amor da terra, porque é o único que se mistura com as coisas terrestres. Ama, porque é amor. Ama, porque não pode fazer mais do que amar, sem esperar recompensa alguma, nem sequer correspondência. O amor da mãe é o único que responde ao amor que o Criador espalha sobre a criação.

★

O sacrifício da mãe é sacrifício de amor. Por isso é pleno e jubiloso.

Que são para ela as longas noites de angústia passadas junto ao berço do menino doente? Horas lembradas com amor.

Que são para ela as mais duras provações, quando se trata da felicidade da carne de sua carne? Privações, sublimes renúncias evocadas com amor.

O sacrifício da mãe é completo. Não pede nada e nada exige. Só busca a redenção.

Por isso o sacrifício da mãe tem muito do sacrifício do messias. Estende os braços sobre a cruz, sorrindo de amor aos filhos que o crucificam.

Não afasteis esse amor, porque a luz que ilumina os vossos passos na Terra e no Céu brotou de uma cruz e de um calvário.

(Tradução de I. D. S.)

O MEU DEPOIMENTO

Conferência de Jorge Augusto Raimundo no Centro E. Luz e Amor, em 28-2-960

Dizem que todos os seres humanos possuem três personalidades: uma é a que julgam ser; outra é a que os outros julgam que somos; a terceira é a que verdadeiramente somos. A que eu julgo ser julga imerecida as palavras que lhe foram dedicadas. A outra, que o sr. Presidente da Direcção julga que sou, agradece-lhe as boas intenções. E a terceira, nem eu nem os outros sabemos o que é, porque só Deus o sabe.

O que vou dizer será um simples depoimento, rude e franco, de um irmão que nas fileiras do Espiritismo deseja que o aceitem como simples homem da rua atento a quaisquer manifestações vitais que à sua volta ocorrem para delas colher lições no propósito de desenvolver e aperfeiçoar o seu conceito de verdade, de justiça e fraternidade.

Qualquer ser humano, por mais insignificante que seja, não é só autor do seu destino, mas também o agente encarregado, embora inconscientemente, de alterar o rumo do seu próximo.

A minha iniciação no Espiritismo devo-a a uma dessas manifestações e bendigo os seus agentes, a quem desejo alegria e felicidade.

Antes de abandonar a cidade onde nasci e vivi durante 23 anos relacionei-me com uma família em que havia duas jovens irmãs. A mais velha tinha 17 anos e a mais nova 15. A primeira tinha palpitações cardíacas que às vezes lhe provocavam desmaios. Mas o diagnóstico fixava-se no sistema nervoso. Perguntando-lhe eu como se encontrava, respondeu-me que não estava melhor. E dizia, com ar incrédulo:

— Sistema nervoso... A origem está noutra coisa. Eu assusto-me. Eu vejo...

Nesse momento interrompeu-se; e notando em mim qualquer expressão irónica, exclamou:

— Certamente não acreditarias no que eu te contasse. Mas um dia saberás.

— Porque não contas? Tenho-te na conta de pessoa sensata...

— Não, não! Tem paciência. Não acreditarias e o melhor é não insistir.

Na verdade não insisti, em face da sua atitude peremptória. Mais tarde tive que mudar de residência. Vim para Lisboa, onde tenho vivido e durante cinco anos nunca mais vi qualquer elemento daquela família. Mas um dia, na instituição em que presto serviço recebi a visita de uma senhora ligada às duas irmãs. Vinha pedir-me que a ajudasse numa pretensão e eu perguntei-lhe pelas jovens.

— Não vão muito bem — disse ela.

— Estão doentes?

— Sim. Deve saber que a mais velha tinha palpitações no coração...

— Tenho lembrança disso...

— Mas a outra também começou a sentir...

— É muito curioso — objectei —. Que diz o médico?

— Que é do sistema nervoso. Que tudo passará com o tempo. Mas a verdade é que não passou e alguém (esta sr.ª é irmã da madrasta das jovens) aconselhou o pai a trazê-las para Lisboa, a fim de se tratarem por intermédio dos espíritos. O sr. já ouviu falar nisto?

— Eu... Sim... já tenho ouvido falar no Espiritismo (Nessa época ligava esta palavra a coisas de bruxaria).

— Sabe? — acrescentou a senhora—; a princípio houve certa relutância. Depois, como último recurso...

No primeiro dia de tratamento manifestou-se na mais velha um espírito que dizia ser tio delas, ou seja irmão da mãe e que as perseguia por não poder atingir a mãe delas. Como tinha grande aversão à irmã, em virtude de uma questão de partilhas, queria prejudicar as sobrinhas indirectamente. E afirmava:

— O meu maior prazer é prejudicar a mais nova.

Mais tarde soube que esta jovem sofria de obsessão.

Tempos depois assisti a muitas sessões e presenciei factos curiosos. Dois deles abalaram-me profundamente.

Num, a médium tinha 19 anos, queixava-se de fortes dores de cabeça que a não deixavam sossegar de dia ou de noite. Consultara numerosos médicos, tinham-lhe radiografado a cabeça, tudo sem resultado. Manifestou-se nela um espírito que lhe deixou o corpo inteiramente lasso: os olhos muito abertos de pupilas reviradas para o cérebro e com dificuldade de falar. Em certa altura começou a articular palavras. A dificuldade foi-se atenuando, até que falou claro, dizendo que era um jovem suicida levado a esse extremo devido a um amor não compreendido. Em seguida explicou o desenlace com pormenores. Colocou uma espingarda caçadeira nas pernas, encostou a boca do cano à cabeça, deu ao gatilho e esfacelou o crânio.

As pessoas daquela casa explicavam assim o caso:

«Este espírito aproximou-se da jovem por encontrar nela qualidades propícias à sua manifestação e ter necessidade de desabafar, não só por haver cometido aquele acto, como também por saber que a mãe tinha cometido um acto igual. Esta ideia causava-lhe grande desgosto e pavor. Este espírito é que provocava as dores de cabeça à jovem».

Este caso impressionou-me muito. O outro passou-se com uma rapariga de 12 anos. Manifestava-se uma entidade que dizia ser o avô, guarda de uma quinta e que fora assassinado a tiro por dois irmãos, como vingança por ele ter morto um irmão deles, quando o surpreendeu a roubar qualquer coisa na herdade. E descrevia o assassínio com tantos pormenores, que todos os assistentes ficaram impressionados. Ora isto é extraordinário, se o aceitarmos no sentido de manifestação anímica. Explicava como fora atingido, como se arrastara para junto do

E. Psiq. - Mar 60

um ribeiro, como via o sangue a sair-lhe da cabeça, em mancha enorme...

As duas sessões deixaram-me verdadeiramente abalado; e um dia, antes de outra sessão, deparou-se-me uma revista. Peguei nela e li o título: Estudos Psíquicos. Folheei-a, li alguns artigos e logo notei a forma ponderada e sensata como eram tratados os fenómenos psíquicos. Mostrei grande interesse pela revista às pessoas da casa e o meu desejo de conhecer mais do que já vira. Queria saber os prós e os contras daquelas manifestações. E logo me emprestaram «O Espiritismo Contemporâneo», do Dr. Martins Velho, que li com atenção e através do seu conteúdo fiquei sabendo que o Espiritismo era uma doutrina científica, filosófica e moral. E mais: que ao estudo da sua fenomenologia se tinham dedicado homens e mulheres de real valor em diferentes ramos de saber, como físicos, químicos, médicos, engenheiros, astrónomos, jornalistas, enfim, e uma parte deles haviam iniciado esse estudo com o intuito de provar que os fenómenos sobre os quais incidia a sua atenção eram simples truques de prestidigitação, verdadeiros embustes induzindo em erro pessoas de boa fé e aceites pela credulidade dos ignorantes, mas que após investigações aturadas, observações cuidadosas, experiências devidamente controladas e prolongadas por muitos anos, concluiram por confirmar a veracidade dos factos estudados, dando então testemunho deles em publicações célebres e enfrentando honesta e corajosamente, como prova da sua envergadura mental, a crítica feroz dos seus pares, que persistia em preconceituosa e sistemática negativa das conclusões apresentadas, sem se disporem a estudá-las, conforme julgo que determina o são critério científico.

Terminada a leitura deste livro senti que a partir desse instante estava alterado o meu rumo. Ia agora enveredar por um caminho que nunca pensei vir a trilhar. E então, embora cônscio da aridez dos meus conhecimentos, mas possuído de enorme vontade de compreender, dei-me ao estudo dessa doutrina que, segundo declararam uns, era pior que a peste, era obra nefasta, diabólica, crendice geradora de loucos e outras coisas mais, comentários estes iniciados com riso sarcástico, comentários simples, expressões imbecis dignas de lástima, por virem de quem, tendo olhos e ouvidos, não quer, não pode ou não sabe ver e ouvir, mas que, segundo afirmavam outros, era um glorioso ideal que fizera com que muitos a si próprios se encontrassem, quando se julgavam perdidos na selva de um errado modo de viver, ficando depois a beneficiar da paz de espírito, vibrando de redenção e esperança por terem ficado a saber que a existência não consiste apenas em viver no tempo curto ou longo que vai do nascimento à morte, mas em já ter sido antes e continuar a ser depois. Dizendo mais estes outros: que a doutrina espírita tinha dado, estava dando e continuaria a dar a milhões de criaturas de todas as categorias sociais o maior conhecimento da vida com a sua ciência e melhor maneira de viver a vida com a sua moral.

Para avaliá-la devidamente adquiri livros, que li aplicadamente, assinei a revista Estudos Psíquicos, órgão deste Centro, e a Revista de Espiritismo e depois a Revista de Metapsicologia, da Federação Espírita Portuguesa, que me informavam do movimento espírita mundial. Ouvi conferências, palestras, dispus-me a escutar relatos de acontecimentos e de surpreendentes manifestações vividas por familiares, amigos e conhecidos que, não sendo espiritistas, as contavam com natural simplicidade, não sabendo muitas vezes que explicação lhes dar, o que para mim dava maior realce à verdade neles contida. Depois, com consciência já formada sobre o que tinha lido e ouvido, decidi-me a entrar nesta casa e a solicitar a minha admissão como sócio do Centro e o meu ingresso nas fileiras do Espiritismo, embora como simples prosélito.

Tive então ensejo de assistir a inúmeras sessões de diferentes géneros e confesso que foram mais os fenómenos anímicos do que os mediúnicos que radicaram a minha convicção espírita, o que não causará grande admiração, pois todos sabem que por qualquer das vias (sendo às vezes difícil separar umas das outras, de tal modo se entrelaçam) se pode chegar à mesma conclusão — a existência e sobrevivência do espírito. E também, porque nunca tive, com imensa pena minha, a felicidade de assistir à produção de fenómenos genuinamente espíritas dignos de registo especial, talvez porque estas manifestações requerem grande controlo. Mas estava firmada a minha convicção na doutrina dos espíritos, feita cuidadosa e racionalmente, poderia até dizer que sentimentalmente; porque, se aquela revista e o livro a que me referi deram origem ao bordão a que me arrimei para iniciar a jornada pelos caminhos da observação e da comparação, eu já transportava no precioso bornal da memória a primeira narrativa de manifestação que eu creio ter sido genuinamente espírita ouvida quando menino e algumas vezes jovem a uma irmã que foi esposa e mãe afectuosa, possuidora de apreciável bom senso e grande espírito de sacrifício, que procurou educar os filhos no cumprimento dos deveres e no respeito por si próprios e pelos semelhante e que neste mundo foi a minha saudosa mãe.

Contava ela que uma senhora sua madrinha teve um dia necessidade de se internar num hospital da cidade, a fim de ser operada a um dos olhos. Minha mãe visitava-a diàriamente e ao lado da cama havia outra com uma jovem campesina que, andando descalça no amanho das terras, bateu com a enxada nos pés, dando origem a uma ferida de que não cuidou, resultando uma gangrena. A rapariguita estava muito mal; e por ser dos arredores mais distantes não tinha visitas dos familiares. Minha mãe dedicou-se-lhe então, incutia-lhe esperança e fé, acarinhando-a e criou-se entre elas um elo de fraternidade.

Um dia minha mãe não visitou a madrinha; e à noite, depois das suas orações, notou que ao canto do quarto havia qualquer coisa nebulosa a querer tomar forma humana. Ficou tão amedrontada, que acordou meu pai.

— Que tens? — disse ele.

— Tenho a impressão de que há aqui alguém... Sinto uma coisa esquisita.

— São visões. Deixa-me dormir. Tenho que me levantar cedo. Mas, para te certificares, vou acender o candeeiro.

Não havia ninguém no quarto. Minha mãe começou a ver outra vez aquela formà a precisar-se gradativamente, a tornar-se mais nítida. Dizia-me ela:

— Olhei para o lado da cama, onde tu estavas, no berço, e — coisa maravilhosa! — todo o berço estava envolvido de diferentes cores, mas de tons que eu não sabia nem sei explicar. Parecia um daqueles valverdes que

A Primavera

A primavera é a mais bela quadra do ano. Lembra o começo de uma vida, com ardente desejo de vencer.

Tudo cresce e se transforma.

É primavera! É o tempo das flores e da esperança.

As árvores como que renascem, cobrindo-se de folhagem. Os seres perseguem novos anseios; apetece recomeçar para viver melhor, para corrigir os erros, para ser feliz e dar felicidade.

É assim a Primavera! Temperatura amena em que tudo desperta para a vida!

Os campos são jardins floridos, há seiva em toda a parte, crescem verduras, as árvores aformoseiam-se.

Dizem que é o tempo da poesia... o tempo do amor.

É a música da criação.

Se pudéssemos viver sempre em primavera seria bom, mas temos de contar com as tempestades da vida que escurecem os dias promissores. Nesses momentos, porém, temos a maravilha da natureza para contemplar, onde encontramos todo o poder do Criador. E os nossos corações alegram-se, entoando um hino a Deus por tudo que a terra nos dá.

Depois da primavera... o Verão, que vivemos intensamente. E depois... o Outono... Folhas que se desprendem... ilusões que se extinguem... à mercê do tempo, que não espera...

Assim é a vida em todos os seres...

Mas é preciso saber viver, mesmo até no Inverno, com suas tristezas e melancolias. Depois dele, outras primaveras virão, com todo o seu encanto e esplendor.

Para quê invejas e maldades, se tudo o que fizermos aos outros se reflectirá em nós?...

Sejamos bons, sejamos indulgentes para quem nos moleste e perdoemos as faltas alheias. Se assim fizermos trabalharemos a nosso favor na linha do aperfeiçoamento. Mais tarde ou mais cedo colheremos os frutos da nossa sementeira.

Complicações, para quê?! Tudo seria mais simples, esquecendo a nossa posição individual em benefício do semelhante. Mais simples e mais proveitoso.

Preocupações e faltas, quem as não tem?

Quantos ricos não serão infelizes e quantos pobres não disfrutarão verdadeira felicidade!

Deus, como Bom Pai que é, só nos dá o que merecemos pelo nosso esforço.

Aproveitemos o ensejo para avançar um pouco, aceitando com resignação tudo que a vida nos dá, na certeza de que faremos boa colheita.

CELESTE AURORA

se queimam nas noites dos santos populares. Não era luz que incidia sobre o berço; era luz do próprio berço. Fiquei de tal forma apavorada, que só tive tempo de cobrir a cabeça. Momentos depois senti alguém roçar a cama com vestes de seda. Ouvia, mesmo, o frufru desse tecido. O medo era tanto, que só destapei a cabeça, quando a luz do dia começou a invadir o quarto.

No dia seguinte, quando minha mãe visitou a madrinha, notou que a cama ao lado estava vaga. E perguntou:

— Então... a rapariguinha?... Vieram-na buscar? Foi-se embora tão mal?...

— Foi mal... foi... — disse a madrinha —. Vieram-na buscar, para a levarem para o outro mundo. Morreu ontem de manhã.

Precisamente, quando minha mãe teve aquela manifestação.

Como explicar este facto, senão como manifestação espírita? Minha mãe, até ao instante do fenómeno, não tinha conhecimento da desencarnação da jovem e por isso não podia estar sugestionada pela impressão que esse acontecimento lhe causaria. Por isso eu digo: até à produção do fenómeno, minha mãe não sabia do passamento da jovem e não podia estar sugestionada pelo acontecimento. Só relacionou o facto no momento de receber a notícia. Se aceitarmos o fenómeno observado como tentativa de comunicação ou por o espírito querer mostrar a sua gratidão pelas atenções recebidas ficaremos maravilhados com a possibilidade dos desencarnados, mesmo que neste mundo tivessem sido humildes e simples, darem origem a manifestações como esta, que eu considero de grande e extraordinária beleza. Portanto, eu não poderia mais continuar a ser prosélito da doutrina, mas sim um fervoroso adepto, embora insignificante. No tempo que levei a passar de espiritista prosélito a espírita adepto verifiquei uma verdade muito velhinha e muito conhecida: dizer-se alguém possuidor de um ideal ou seguidor de uma doutrina é uma coisa; vivê-lo e exemplificá-lo é outra.

(Conclui no próximo número)

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

PELO MUNDO DA METAPSÍQUICA

Sendo o Brasil o grande foco do Espiritualismo Ocidental, e ocupando uma área mais ao menos equivalente ao do Velho Continente, lógico é supor-se que os Institutos Metapsíquicos lá prolíferem em todas as cidades, ou, pelo menos, nas principais. Nas minhas conferências tenho perguntado inúmeras vezes à assistência quantos Centros Metapsíquicos julgam existir no país irmão, uns respondem-me 50, outros 20, outros, considerando-se mais pessimistas, 10 ou 5 ... No entanto, todos eles falham, e se a pergunta fosse a prémio, como nos concursos radiofónicos, esses assistentes não receberiam mais do que prémios de consolação.

Por mais inverosímel que isso nos pareça, por mais estranho que o leitor ache, a verdade é esta: não há no Brasil, actualmente, centro algum de Parapsicologia. Se é certo que até determinado ponto podemos compreender esta anomalia (não esqueçamos que o Espiritismo Brasileiro surgiu não por necessidade científica, mas como apoio moral e social à miséria do povo), também não é menos verdade que não obsta a que uma *élite intelectual* se dedique ao estudo sério e criterioso da fenomonologia supranormal.

Vários confrades brasileiros me falaram na existência em S. Paulo, em tempos, de um centro de investigação, mas pouco me adiantaram sobre a sua orgânica e os resultados postivos que obtiveram. Isidoro Duarte Santos contou-me que, quando lá esteve, também ouviu falar no referido Centro, mas tampouco sabe algo de positivo a respeito. Pedi informações a inúmeros amigos de S. Paulo, mas as respostas eram sempre as mesmas, como que orientadas por batuta invisível: «*existiu*», «*fez trabalhos*»... e nada mais!

Manda a verdade que se diga que no Rio de Janeiro se fundou há anos a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, com o fim da investigação. Não era uma sociedade metapsíquica — frise-se desde já — mas, no meio do ambiente espirita, distinguia-se pela orientação criteriosa que pretendia dar aos seus trabalhos. Como podemos ver pelos Estatutos, lá funcionou um departamento de investigações experimentais, dividido em 3 secções: 1.ª — «Física e Electrónica»; 2.ª — «Química e Fotografia»; 3.ª — «Laboratório de Investigação Psíquica». Tal laboratório estava montado com grande e sensível máquina fotográfica, para registo dos fenómenos físicos.

O próprio redactor do Estatuto afirmou numa entrevista concedida ao *Diário da Noite*, a 16 de Julho de 1941: «*A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* será um Instituto Científico, tendo no mastro do seu departamento experimental a bandeira fincada no terreno da Ciência pelo maior fisiologista vivo — Alexis Carrel». As experiências que então se fizeram eram prometedoras, pois iam desde a materialização até à cura psíquica, esta, graças a uma médium sul-americana de invulgar potencial magnético. Pena é que actualmente a referida Sociedade não continue com essa orientação!

Milton de Andrade — seu ilustre Presidente — recebeu-me de braços abertos, tendo palavras muito elogiosas para *Estudos Psíquicos* e o seu director. Convidou-me a assistir a uma sessão, que se realizou numa pequena sala em anfiteatro, como as dos nossos Institutos.

Mas, se não há institutos metapsíquicos em terras de Santa Cruz, há, como não podia deixar de ser, núcleos de intelectuais que divorciados ou não do meio, dedicam o melhor dos seus esforços, da sua intiligência e cultura em prol do Espiritismo Científico. Encontrei, por exemplo, na USE *(União das Sociedades Espiritas)*, que abrange o Estado de S. Paulo, um núcleo de confrades, de alma e coração dedicados ao estudo científico. Entre eles quero salientar um professor universitário de Botânica que me afirmou que com os seus colegas (todos indivíduos de cultura universitária) continuará dedicando-se à Parapsicologia e prometeu até, o que muito nos sensibiliza, entrar em contacto connosco no decorrer das suas investigações.

Todos os países têm uma figura central no campo da Parapsicologia: os E. U. A., Rhine; a França, Warcollier; a Inglaterra, Mackenzie; a URSS, o Prof. Bikov, etc. Da mesma forma a figura número um do Brasil, neste sector, é o Engenheiro Hernâni Guimarães Andrade. Posso mesmo afirmar — e digo-o sem receio de desmentido — que é um dos maiores metapsiquistas contemporâneos! Não há no Brasil institutos de investigação psíquica, o que é lamentável! Mas, em contrapartida, há vultos como este, capazes de levar a Metapsíquica aos mais altos cumes! Mais uma vez, a eterna lei das compensações...

Engenheiro distintíssimo, conhecedor profundo de Electrónica e outras especialidades, ao enveredar pela Metapsíquica resolveu seguir caminhos diferentes dos seus colegas americanos e europeus! E o primeiro resultado positivo das suas investigações, está à vista. É o livro *A Teoria Corpuscular do Espírito*, uma das obras modernas mais valiosas neste sector! Todos os intelectuais espiritas brasileiros a elogiaram e o êxito em Lisboa foi tal, que após regressar do Brasil e falar nas minhas conferências da sua importância, os volumes que existiam no Centro foram imediatamente vendidos.

O Prof. Aleixo Magaldi — catedrático na Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de Juiz de Fora — escreve, acerca desta obra: «... um engenheiro acaba de pôr todas as suas horas extras, de serviço rotineiro, a prol de uma teoria nova, verdadeira revolução no Neo-Espiritualismo. Esse companheiro surgiu na cidade de S. Paulo. Seu nome: Hernâni Guimarães Andrade».

Ir ao Brasil e não conhecer o ilustre confrade,

é como, para os católicos, ir a Roma e não ver o Papa... E assim representou para mim um dos momentos mais felizes da minha estadia ali aquele em que pude abraçá-lo, e durante 2 horas, que passaram infelizmente bem velozes, ter uma conversa agradabilíssima sobre os seus trabalhos. Espírito dinâmico e alegre, deliciou-me com as suas palavras, com os seus projectos, com o que contou das suas investigações.

— Quando começou a interessar-se pelo Espiritismo? — inquiri.

— Há 30 anos. (Concluí que pràticamente desde criança, pois Hernâni Guimarães Andrade não aparenta ter sequer 40 anos).

— E por que motivo, dedicando-se à Metapsíquica, quis dar orientação diferente às investigações?

— Desde novo, uma pergunta não me saía da mente: Que é o Espírito? Qual a sua constituição? Quais as suas propriedades? Que leis o regem? Como sabe, sou engenheiro electrotécnico, o que bastante facilitou as investigações que pretendi fazer. Em 1952 começo a esboçar a actual Teoria Corpuscular. A 28 de Março de 1954 começo a escrever as primeiras palavras deste livro. Três anos depois concluí o trabalho, que viu a luz do dia em Fevereiro de 1959.

— Esta obra monumental é, sem dúvida, o somatório de todas as suas investigações, não é verdade?

— Mas, de forma alguma! Isto é apenas o início.

— !!!!!

— Sim, o início! Em breve sairá outro volume... Olhe, tenho aqui o original. (E abrindo uma gaveta, mostrou-me um montão de folhas dactilografadas)... Mas este será uma espécie de Guia de Trabalhos Práticos de Metapsíquica...

— Muito interessante.

— Mas, como vai ter ocasião de ver, a orientação das experiências será totalmente diferente da dos meus colegas. Assenta na teoria corpuscular, que formulei no primeiro volume.

— Esses dois volumes constituirão uma obra gigantesca!

— Mas não ficarei por aqui. Publicarei depois um terceiro volume denominado «Mecânica dos Arquétipos». Tratará das bases matemáticas da teoria corpuscular.

— Interessantíssimo! Deve-se recordar que há anos o nosso ilustre confrade português Dr. Ramos Pereira tentou equacionar matemàticamente muitas questões metapsíquicas e metafísicas.

— Recordo-me muito bem. Gostei muito dos seus artigos. Simplesmente esse ilustre confrade não tinha a *ferramenta* matemática que há hoje, e não podia deduzir todos os postulados matemáticos de uma teoria já elaborada, como sucede comigo.

— E é tudo?

— Não! Haverá ainda uma quarta obra, que será a cúpula de tudo quanto publiquei.

— Que versará ela?

— Tratará das consequências filosóficas da Teoria Corpuscular. Sem este livro, a minha obra ficaria incompleta.

— Trabalha sòzinho?

— Sim, na elaboração da Teoria e em tudo o mais, trabalho isolado. Mas agora há um núcleo de professores universitários que se ofereceram para trabalhar laboratorialmente, sob minha direcção. Vamos fazer muitas experiências...

— E diga-me: pensa construir alguns aparelhos que facilitem as investigações?

— Estamos planeando a construção de dois.

— Gostaria de saber em que consistem.

— Da melhor vontade. O primeiro chama-se *Tensionador Espacial Electromagnético*, baseado, claro, na minha teoria corpuscular destinado a demonstrar a existência do campo biomagnético e, portanto, a existência de um campo biológico organizado, ou seja, do espírito.

— E o segundo?...

— O segundo é uma *Câmara Espiritoscópica*, que combina o primeiro aparelho com o ectoplasma artificial (psicoplasma). Esta câmara tem um funcionamento baseado na possibilidade de, no espaço, provocar condensações materiais em torno dos fulcros biomágneticos do Espírito.

— O prezado amigo acaba de falar no ectoplasma artificial e há dias disseram que tenta construir tecido ectoplásmico. É verdade?...

— É verdade! Desde que saiba a sua composição, o problema não é impossível!

— Já agora gostaria que me dissesse quais os metapsiquistas modernos que mais admira...

— Rhine e Robert Amadou!

— E que pensa dos italianos?

— Excelentes, meu amigo, excelentes!

— Cazzamalli...

— Bem! Aqui, para nós, embora o admire muito, acho que tem feito um barulho demasiado com a sua *Câmara de Faradoy* que, aliás, tem um defeito de palmatória...

— Gostaria que...

— Oiça! Aquela de ter posto a porta lá no alto para que os médiuns e investigadores entrem mediante o emprego de uma escada, pode ser muito teatral, mas, francamente, francamente, não tem mesmo utilidade prática nem sequer justificação científica!

— Realmente...

— Veja a cena: para entrarem para a câmara, todos a trepar a referida escada!

— Gostaria de saber, e os leitores de *Estudos Psíquicos* também, qual o metapsiquista brasileiro que mais admira.

— Eurico de Gois. Tem um livro interessantíssimo, intitulado «Prodígios da Biopsíquica». Não o deixe de ler! É óptimo! Mas duvido muito que o encontre... Está esgotadíssimo!

— Não acha lamentável que, dispondo o Brasil de médiuns de largas possibilidades, alguns dos quais de materialização, como os que existem em S. Paulo, não sejam aproveitados em experiências científicas, de pura investigação?

— Que lhe hei-de dizer? Que me entristece vê-los durante anos e anos trabalhando devotadamente aqui e ali, sem que as suas faculdades sejam aproveitadas numa experimentação rigorosa! Veja o caso dos médiuns de materialização! Há tanto a investigar, tanto... e, todavia, os confrades que têm essa matéria prima ao seu dispôr (os médiuns) não saem da sessão rotineira, sem avançar um passo sequer na investigação.

A conversa continuava animada! Hernâni Guimarães Andrade lê-me alguns passos da sua próxima obra, na qual a análise cromatográfica usual vai ter papel preponderante no método de investigação! Mas o tempo corria veloz e quando dei por mim, verifiquei, espantado, que se tinham passado duas horas desde que entrara no seu gabinete! Eram 18 horas! Saí! Hernâni Guimarães Andrade saíu também! E, já na rua,

Os Experimentadores e suas Vibrações

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente do «Estudos Psíquicos» em Rosário)

Recentemente a revista *La Conciencia*, de Buenos Aires, publicou um artigo de Ernesto Bozzano, em que o ilustre investigador italiano anota um incidente experimental, determinado pela presença na reunião de uma pessoa de maus antecedentes, que atraíram um espírito que em vida havia sucumbido às mãos de alguém que estava presente, com a intenção de se vingar.

Este artigo reveste extraordinária importância pelos efeitos morais que se desprendem do episódio.

O facto constitui, evidentemente, uma séria voz de alerta para todos os experimentadores do psíquismo, a fim de que não se arrisquem, nem ponham em perigo os médiuns e os assistentes. Há quem tenha a convicção de que é suficiente a reunião de 3 ou 4 pessoas para fazer sessões mediúnicas, apesar das advertências do mestre Kardec, Geley e outros investigadores.

Os ousados que procuram comunicar com os invisíveis desacreditam o Espiritismo, ao passo que os homens de ciência que se entregam a semelhantes actividades com a mesma displiscência e a mesma irresponsabilidade, são igualmente censuráveis, porque, em ambos os casos, uns e outros ignoram ou querem ignorar que se expõem a graves perigos, por atraírem vibrações de potências desconhecidas, que os poderão vitimar.

As vibrações psíquicas requerem exame prévio, estudo amplo para conhecer a sua etiologia e as consequências que dela derivam. As pessoas de baixa moral possuem um caudal vibratório igualmente baixo. Neste caso atraem vibrações, ou seja, espíritos da mesma categoria. As improvisações nesta espécie de trabalhos são sempre perigosas.

Para ilustrar estas linhas com um antecedente, citaremos um caso passado no ano de 1916, quando o autor destas linhas se iniciava na prática do Espiritismo.

Numa dessas audaciosas improvizações apossou-se do médium um espírito, dizendo-nos que havia actuado numa época sombria da Espanha e deu-nos o seu nome. Depois disse que viera, a fim de perturbar a sessão e partir a cabeça do intermediário psíquico; a seguir levantou-se e, inclinando a cabeça até à mesa, tentou «decapitá-lo». Uma enérgica concentração mental — o espírito vinha com as mãos atadas — evitou um acidente que podia provocar uma desgraça capaz de nos comprometer a todos. O médium sentou-se bruscamente, sinal de que estávamos bem protegidos; e, rangendo os dentes, ameaçava-nos terrìvelmente. Tentámos então convencê-lo de que tudo o que fazia era em seu prejuízo. Foi em vão. Antes de se retirar disse que nos deixaria uma recordação e mordeu tão fortemente no braço esquerdo do médium, que lhe arrancou um bocado de carne. Este estranho acontecimento foi uma surpresa para todos, além do susto que tivemos, como inexperientes. Vendámos o médium e notámos que o ambiente nos era totalmente desfavorável. A investigação posterior acerca da vida da maioria dos assistentes foi pouco recomendável e resolvemos prescindir dessa colaboração.

Surpreende-nos ver como alguns experimentadores universitários, confundindo os médiuns com cobaias, não hesitam em entregar-se a investigações, sem medir as consequências. A este respeito recordamos o Dr. Paul Gibier, que fez experiências mediúnicas no necrotério de uma Faculdade de Medicina, onde se apresentou um espírito que tinha falecido numa intervenção cirúrgica realizada pelo próprio Gibier; o espírito pegou numa cadeira e alvejou o médico, que ficaria com a cabeça partida, se não se protevesse com a mesa da experimentação.

Com efeito, a alta ou baixa quantivalência vibratória constitui um problema de extraordinária importância. Da qualidade vibratória depende a qualidade das sessões; por isso é necessário contar com o factor moral dos assistentes, pois que, de outra forma, haverá possibilidade de sofrer percalços graves e irreparáveis, de que o Espiritismo não pode ser responsável.

Tradução de C. A.

---

no meio de todo aquele bulício de S. Paulo, ainda acrescentou:

— Quando regressar a Portugal não se esqueça de dar um grande abraço meu ao Isidoro!! Admiro-o muito! Tive imensa pena de não o ter conhecido, quando cá esteve! Mas dê-lhe um grande abraço! Não se esqueça!...

E foi assim, no meio de abraços e calorosas saudações, que me despedi do ilustre engenheiro, daquele que, como disse atrás, é hoje um dos grandes metapsiquistas mundiais. A sua obra, atravessando fronteiras, indo a todos os lugares onde há centos ou núcleos de Parapsicologia, há-de mostrar a todos que ali, no Brasil — *o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho* — a Metapsíquica tem um dos mais ilustres representantes.

(Continua)

UNIDADE E OMNIPRESENÇA DA VIDA

por CYRILO ALEIXO

(Conclusão do número anterior)

V

A VIDA NA MATÉRIA

UMA das melhores provas da presença da vida na matéria, consiste no facto de esta reagir a certas excitações externas.

Foram descobertas já, com o auxílio de aparelhos muito sensíveis, várias características da vida dos metais.

Assim, verificou-se que estão sujeitos ao cansaço e a uma espécie de sono, podendo ser despertados, fortificados ou enfraquecidos e ainda intoxicados com drogas, que lhes podem provocar a «morte».

É bem conhecida nos metais a «fadiga da elasticidade», pela qual os instrumentos deles constituídos se cansam, reclamando repouso para poderem continuar seu trabalho com eficiência.

Os artistas que lidam com ferramentas, reconhecem nelas algo que não podem precisar, vendo-se obrigados a utilizá-las de acordo com suas características, a fim de obterem o melhor rendimento possível.

Alguns investigadores, servindo-se de um galvanómetro, verificaram que a reacção dos metais, quando dobrados ou sob a acção de uma pancada, era semelhante à acusada pelos músculos dos animais, quando submetidos às mesmas experiências.

E assim como, através de um dinamómetro, os músculos dos animais acusavam um certo cansaço, sempre que a experiência se prolongava por algum tempo, também a curva fornecida por aquele aparelho se ia enfraquecendo cada vez mais, quando a experiência incidia sobre os metais e tinha uma certa duração.

Submetidos a um veneno químico, os metais enfraquecem e «morrem»; mas se, oportunamente, lhes for aplicado um antídoto, readquirem gradualmente as suas características anteriores.

A morte, neste caso, significa apenas a perda de suas qualidades intrínsecas, porque os átomos de que são constituídos mantêm-se, como não podia deixar de ser, bem vivos, uma vez que a morte jamais poderá significar carência total de vida.

Até nos próprios cadáveres ela se encontra exuberante, onde os elementos constitutivos do corpo, em vez de unidos, como até aí, em perfeita coesão, se encontram, qual exército sem comandante, em franca debandada, provocando a desagregação de todas as suas partes.

Oculto nas pesadas formas materiais, o princípio divino se esforça por sair do torpor em que se encontra, procurando dominar cada vez mais os elementos que o subjugam, na ânsia de voltar à Grande Fonte Original.

E assim, por toda a parte, em obediência a leis cósmicas, contínuas e invariáveis, o impulso divino está constantemente em acção, fazendo emergir das formas inorgânicas para novas modalidades de existência, o princípio da vida universal, num longo processo evolucionário, que o levará àquele objectivo supremo.

Evolução espiritual não significa crescimento do espírito, porque este é já senhor de toda a perfeição, mas sim o desenvolvimento de cada ser, até nele brilhar com todo o esplendor a chama espiritual, sem nada a empanar-lhe o brilho e a consequente identificação com todos os restantes seres e com o Absoluto.

A ciência se tem esforçado por criar vida da matéria inorgânica como se vida fosse algo, cuja origem tivesse lugar nos seus laboratórios, ignorando que, seja qual for a sua modalidade, faz sempre parte da vida una, que é a base da criação. Aliás, se assim não fosse, seria impossível obter-se duma coisa realmente morta, isto é, destituída da essência do Criador, o menor sinal de vida.

Por outro lado, como já vimos, essa essência tem de se encontrar forçosamente em toda a parte, porque se algo houvesse sem ela, o Absoluto já não poderia ser absoluto, pelo facto de tal algo lhe ser inteiramente estranho.

VI

ARQUÉTIPOS INVISÍVEIS

Quer nas montanhas como nos oceanos, nos vales e nos rios, em toda a natureza, enfim, vida e sempre vida, expandindo-se gradativamente, na medida em que vai dominando seu veículo de expressão.

Não há vida superior e vida inferior, porque a vida é a mesma, una, com as raízes no Absoluto, variando apenas sua manifestação, de acordo com o material que, segundo o grau evolutivo, lhe é dado dispor.

É interessante ver-se o princípio activo da vida universal, num labor imenso e ininterrupto em toda a criação.

Há como que um impulso ordenador, presente em toda a natureza, promovendo a obtenção de formas cada vez mais perfeitas, para servir a essência divina, em obediência ao grande Plano da Evolução.

Este impulso, que no reino mineral se expressa por coesão, electricidade, atracção química, gravitação, etc., encontra-se cada vez mais amplamente, à medida que as formas se vão aperfeiçoando.

Foi esse impulso criador que dotou as girafas com pescoço suficientemente comprido, para poderem chegar aos ramos elevados das árvores e com patas altas as cegonhas, os grous e outras aves pescadoras.

Encontramos ainda esse mesmo impulso bem patente no reino vegetal, trabalhando igualmente para o mesmo fim. E assim plantas há cujas sementes

são cobertas por filamentos viscosos, prendendo-se fàcilmente deste modo à roupa e à lã dos animais, a fim de, com vistas à sua propagação, serem transportadas a outros locais, muitas sendo as que, por este sistema, se têm espalhado pelas diferentes partes do Globo.

Sementes há com possibilidades de se deslocarem a grandes distâncias, como as dos bordos, munidas, para esse efeito, de um dispositivo semelhante a um parafuso propulsor e que, impelidas pelo vento, vão, animadas de um movimento giratório, cair a mais de cem metros de distância da árvore de onde são destacadas.

Outras, dotadas de flutuadores, conseguem percorrer dezenas de quilómetros nos cursos de água e outras ainda, além de flutuarem, nadam também, para o que são providas de filamentos próprios, agindo como minúsculos membros, que as levam assim a novas paragens.

Ao vê-las nadar, tem-se a impressão de estarmos antes na presença de quaisquer insectos e não de simples sementes.

São conhecidas as folhas da planta chamada «apanha-moscas», curvando-se e fechando-se sobre os insectos, atraídos ali pelo seu sumo açucarado.

Existe também uma outra planta curiosa, munida de uma comprida haste, em cuja extremidade se encontra uma abertura.

Quando esta planta, que geralmente se cria no tronco das árvores, necessita de água, serve-se da referida haste, fazendo-a baixar até tocar aquele líquido e uma vez cheio um tubo que para o efeito possui, esparge-o sobre as raízes e folhas, repetindo esta operação tantas vezes quantas as necessárias.

Todos sabem que as batatas, colocadas em locais sombrios, lançam filamentos de muitos centímetros de comprimento, em busca da luz e que as plantas trepadeiras, «sabem» onde estão as respectivas estacas, para elas dirigindo suas hastes e que, se aquelas forem mudadas, as hastes se dirigirão na nova direcção.

Ao nascerem, as plantas, sob a acção do impulso vital, são capazes de fender pedras e de levantar obstáculos, por vezes bastante pesados, que se oponham ao seu desabrochamento.

Há ainda o caso das plantas insectívoras, capazes de fazerem distinção entre os alimentos azotados e os não azotados, recebendo os primeiros e recusando os segundos, por serem justamente aqueles os que necessitam.

Assim, aceitam tanto os insectos, como, por exemplo, um pedaço de queixo, por ambos serem alimentos azotados, embora muito diferentes em suas características.

O sabor e a aparência agradável com que os frutos são dotados, têm por fim não só levar-nos a consumi-los — como óptimos alimentos que são — mas ainda a assegurar a difusão das sementes que contêm.

E que dizer do admirável fenómeno, em que de um minúsculo embrião se vai formando progressivamente um novo ser?

Quem seguir o interessante trabalho da geração, não pode deixar de ficar surpreendido com a impressão de que um hábil e invisível modelador se encontra empenhado na construção do futuro ser, delineando sàbiamente todas as partes do seu organismo.

Se cortarmos certas partes do corpo de alguns animais, de novo elas se refazem, com o mesmo aspecto e particularidades anteriores, por serem moldadas no mesmo arquétipo base.

E no corpo humano, nessa máquina tão perfeita, que coisas espantosas se não passam a todo o momento, sem qualquer interferencia da nossa parte!

Só quando o equilíbrio vital é perturbado, com a violação das leis que o regem, é que os órgãos dão sinal de si, advertindo-nos de que não estamos procedendo bem, fora disso, o laboratório humano funciona com uma precisão assombrosa. Se as doenças se vêm espalhando actualmente cada vez mais, isso se deve à criminosa violação daquelas leis e ao abuso de drogas, que, na maioria dos casos, apenas servem para deslocar os males que nos afligem.

Em todos estes casos e em muitos mais, que se podem observar no imenso laboratório da natureza, se torna bem evidente o poder e sabedoria do Criador, em seu princípio activo da vida universal, expresso nas leis e forças da natureza, ao serviço do impulso criador.

VII

PARENTESCO UNIVERSAL

Os seres não passam de outras tantas manifestações da vida una, em progressivos estados de dilatação, pequenas frestas abertas no mesmo oceano vital, nessa emanação do Absoluto, que constitui a medula dos universos, embora, no mundo das formas, uma profunda divisão dos seres pareça contradizer aquele conceito.

Esses pequeninos centros tendem a fundir-se, com sua gradual expansão, numa grandiosa consciência cósmica, onde as barreiras, que presentemente parecem dividi-los, se desfarão para sempre, juntamente com a falsa ideia de uma completa separação.

Não se creia porém, que, atingido aquele estado superior, haja qualquer perda de individualidade, porque esta adquire antes uma extensão jamais antevista, sentindo-se que o universo está fora e dentro de nós, para novas e mais sublimadas formas de poder e conhecimento.

Em vez de imergirmos num estado de extinção de consciência, esta se alargará extraordinàriamente, sentindo-nos identificados com o universo e unos com o todo.

Passaremos então a ver todos os seres em nós e nós em todos os seres, sentindo que somos todos eles, num profundo e jubiloso sentimento de unidade, que nos levará a estados de um bem-estar superlativo.

Por enquanto, somos quais folhas da mesma planta, ou quais dedos dos nossos membros, vivendo como estranhos, na ilusão de uma separação absoluta. Mas, quando ultrapassarmos a fase egoística que nos caracteriza, passaremos a reconhecer nosso parentesco com todos os seres do Universo.

Um vivo sentimento de unidade virá transformar a face da Terra, sob a égide de uma paz inalterável, firmada que será, na poderosa força da fraternidade universal.

E o mundo, na gigantesca agitação actual, mais não é do que a retorta, de onde há-de sair a essência da Nova-Era.

Bibliografia: «Gnani Yoga»

FANTASMAS ALEGRES

Os jornais brasileiros publicaram uma notícia de Lodi, segundo a qual uma multidão de curiosos permaneceu algumas horas na oficina de um ferreiro da localidade chamado José Dalochi, à qual o povo chama a «oficina dos fantasmas».

Durante semanas os instrumentos de trabalho pendurados na parede eram lançados ao chão, junto aos pés do operário. Os próprios metais ou pinças que estavam na mesa de trabalho erguiam-se e caíam com grande estrondo.

Tudo isto causava enorme perturbação ao pobre homem, que é pessoa religiosa e por isso não gostou que lhe dissessem que se tratava de espíritos brincalhões. Lembrou-se então de pedir a bênção de um sacerdote, mas a igreja prevê a «bênção deprecatória» contra manifestações atribuídas a origem sobrenatural e maligna, com a necessária autorização da diocese.

O que é certo é que Dalochi, verdadeiramente aborrecido, resolveu fechar a oficina por alguns dias, até que os brincalhões se resolvessem a mudar de atitude.

FANTASMAS MELANCÓLICOS

O Comércio, *de Luanda, narrou também um caso estranho passado numa casa antiga e danificada, sita na ilha do mesmo nome.*

«Todos os inquilinos que têm morado no velho edifício — diz a notícia telegráfica — acabam por sair, «porque a casa lhes dá pouca sorte». De noite ouvem-se ali ruídos, passam sombras pelos quartos e as portas fechadas à chave aparecem abertas e pessoas que dormem sossegadamente acordam deitadas no chão de outro compartimento, sem saberem como.

«Além disso, alguns inquilinos do prédio foram visitados pelo «homem de fato cinzento» que chega em silêncio, com o rosto meio encoberto e se senta na cama de um dos moradores, limitando-se a ficar ali melancòlicamente durante algumas horas da noite. Depois sai e ouvem-se bem os seus passos.

«Os actuais inquilinos continuam a ouvir os passos do «homem cinzento», mas nunca mais o viram sentado na cama. Todas as pessoas que declaram ter assistido aos perturbantes acontecimentos e visto o incorpóreo visitante se encontram em perfeito estado mental».

Finalmente, a agência informa que há muitos anos apareceu morto naquele prédio um alto funcionário da fazenda pública. Mas não faz o mínimo comentário.

Como se vê, há fantasmas alegres a fantasmas melancólicos. Uns e outros chamam a atenção do público para um assunto que a ciência teima em não conhecer; ou, quando fala nele, é para desvirtuar o sentido fenoménico que está na base dos factos e vai aliciando gregos e troianos que, para acreditar, não pedem licença ao pseudo-sábio.

MAIS UM PASSO...

La Nación, *de Buenos Aires, diz que a hipnose foi autorizada na província do mesmo nome, como terapêutica aplicada pelas ciências médicas. E acrescenta que só poderá ser aplicada por médicos e odontólogos e que as infracções serão reprimidas pelas penas cominadas na lei. Esta disposição emananou do ministro da Saúde Pública, baseada em razões de ordem geral.*

Lemos esta notícia em La Conciencia, *revista moderna que traz os leitores ao corrente de tudo quanto interesse a doutrina. Supomos que é um passo em frente no caminho da Medicina.*

Sabe-se que a hipnose mergulha o espírito em estado de credulidade, durante o qual se lhe podem dar sugestões que perduram após a volta à normalidade. Assim, parece-nos que será de grande alcance no tabagismo, no alcoolismo, na gaguez e certas doenças de carácter psíquico.

Alguns médicos já adoptam os processos magnéticos na cura de moléstias infensas à droga intoxicante e deletéria; e outros há que fazem psicoterapia em seus consultórios, aproximando-se da medicina espirita, que não atende apenas aos sintomas de ordem somática. Corpo e espírito são duas coisas que se interpenetram e ninguém pode agir sobre um, sem que o outro reaja em concordância.

Isto temos dito milhares de vezes e bom seria que os médicos abandonassem de vez o absolutismo e exclusivismo do seu mester e aproveitassem todos os elementos de cura ou reequilíbrio, no sentido de uma verdadeira saúde pública. O Espiritismo tem meios psicoterápicos que põe à disposição de quem os queira utilizar. Temos a certeza de que os manicómios restringiriam a sua clientela, visto que o maior número são obsidiados, a quem o electrochoque e a insulina são prejudiciais.

O FANTASMA DO CORO

O sr. A. Wright conta no Fate, *de Londres, o seguinte fenómeno:*

«No passado mês de Outubro estava eu no serviço religioso das 10 horas, que em breve seria iniciado, pois o coro dirigia-se para os seus lugares e o organista ensaiava docemente as suas escalas. Lá fora o sol brilhava e penetrava através dos vitrais policromos e eu pensava na bela manhã que iria disfrutar.

«De súbito, ergui-me cheio de espanto ao ver, sem mais aquelas, uma procissão de forma nevoenta que se aproximava de mim, vinda da porta oriental. A primeira figura parecia de homem alto e forte com manto negro e capuz a cobrir-lhe o rosto e que ao passar por mim me saudou, dizendo:

— Deus o abençoe.

«Atónito, contei mais catorze formas com intervalos de meio metro e que me saudavam igualmente, tendo-me dito o último qualquer coisa que não entendi, talvez em latim. Como era dia acalmei o meu receio, que, aliás, duraria pouco, visto que os vultos começaram a desaparecer no ar.

«Meditando bem, concluí que fora uma bela experiência que é melhor não explicar. Acredito que as almas que partiram voltam à terra, quando entendem. Este facto não foi visão ou sugestão, mas algo de verídico».

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM FENÓMENO ESTRANHO

A revista belga *Spiritualisme Moderne* publicou um relato extraído do livro de P. H. Faucet, «Mistérios da Selva Virgem Brasileira», com o o seu quê de emocionante. Diz assim o autor:

«Já notaram esse alpendre solitário, à borda do caminho, antes de chegar a Pelechuce? Foi habitado há muitos anos por um funcionário aduaneiro que ali vivia na companhia de um criado índio, a quem maltratava. Certo dia o funcionário surpreendeu o serviçal em flagrante delito de roubo. Passou-lhe uma corda com laço corredio debaixo dos braços e suspendeu-o da ponte de pedra situada em frente da casa, justamente sobre a queda de água. A corda rompeu-se, o índio caíu na torrente da cascata e morreu.

«Três noites depois, o funcionário estava sentado na cabana, com as portas e janelas trancadas, quando atrás dele uma pedra bateu na parede e caíu no solo. Espantado, julgou momentâneamente que alguém do exterior tivesse atirado a pedra contra a casa. E, contudo, a pedra estava ali, no interior. Como se teria produzido o fenómeno? Depois nova pedra veio bater ruidosamente na mesa, enquanto um grande estrondo de rotura se ouvia proveniente de uma pedra que caíu na louça. O funcionário pegou na espingarda e abriu a porta de par-em-par, disposto a disparar ao menor movimento. O seu campo visual era reduzido. Mal teve tempo de voltar a cabeça, quando uma pedra o alcançou na testa, tendo que bater em retirada, por causa do sangue que lhe escorria da ferida. E fechou a porta.

«No dia seguinte veio a minha casa em busca de auxílio. Descemos à cabana e mostrou-me as pedras, seixos do rio, do tamanho de um punho. Fiquei em casa dele até à tardinha e logo que anoiteceu começaram a cair pedras. Os seixos pareciam vir directamente do vão da janela ou da fachada no intuito de visar o funcionário, que exclamou horrorizado:

«— Isto vem do diabo!

«E logo as pedras se dirigiram para mim. Eu não podia explicar este mistério. É inacreditável! Eu, pelo menos, não acreditaria, se não tivesse assistido a ele. O funcionário teve que sair da casa.

«Tempo depois um *Calahuaya* visitou Pelechuse e tentou apaziguar o espírito. Queimou ervas na porta e entoou dois «mantras» incompreensíveis. Desde então nunca mais cairam pedras na cabana e o funcionário continuou lá a morar».

A maneira lógica de fazer cessar alguns fenómenos de *poltergeiste* é procurar saber a sua verdadeira origem e entrar em comunicação com os agentes directos, como fez o *Calahuaya*. Não é com exorcismos ou esconjuros, mas com pensamentos persuasivos e sobretudo com lógica, tocando a corda sensível das entidades desencarnadas e mostrando-lhes as consequências morais de um malefício ou vingança, que produzem efeitos contraproducentes. Isto vale mais do que orações mecânicamente formuladas.

APARELHOS DE INVESTIGAÇÃO METAPSÍQUICA

Voz Informativa, do México, transcreveu os seguintes parágrafos da revista *Metapsichica*, de Milão, acerca de várias experiências realizadas pelo engenheiro Armand Givelet com aparelhos de sua autoria para demonstrar a existência do chamado «fluido humano».

«Assim como o Dr. Osty — escreve o articulista — verificou repetidas vezes nas suas experiências realizadas no *Instituto Metapsíquico de Paris* que os raios infravermelhos eram interrompidos por algo de invisível, demonstrou-se agora que a camada de ar situada entre duas chapas metálicas carregadas se ioniza e torna condutora com a presença de um médium.

«Estas últimas experiências foram feitas pelo engenheiro Armand Givelet, de Paris, o qual construíu vários aparelhos para demonstrar a existência do «fluido humano». O mais importante deles parece ser um feito em combinação com o sr. Müller, de Zurique, que consiste numa placa isolada (de vidro, por exemplo) ligada a duas chapas condutoras separadas por 1 milímetro de distância. Esta placa «indicadora» está num circuito formado por uma bataria de 100 vóltios e um galvanómetro muito sensível. Não indica em que posição se coloca o passivo com relação ao indicador, nem dá pormenores sobre o galvanómetro, mas afirma ter feito várias provas com diversos resultados, conforme a força vital dos passivos. Esperam fazer ainda muitas provas, tendo em conta as variações de tensão do vapor, quando diversas pessoas aproximam a mão da placa indicadora, não esquecendo a variação da capacidade electrostática dos indivíduos.»

Depois acrescenta que o Dr. Cerioti apresentou um aparelho para medir a «força cinética» que existe em todos nós. Consiste num ligeiro moinho de alumínio semelhante ao radiómetro de Crookes, montado no extremo de um eixo concêntrico com uma série de funis, tudo isto protegido por um balão e uma campânula de vidro. Aguardemos as experiências que vão ser feitas com este aparelho.

UM INQUÉRITO DO «SUNDAY EXPRESS»

Este semanário londrino abriu um inquérito em suas colunas, intitulado: «Há Vida após a Morte?»

A nossa redactora-correspondente na grande capital inglesa enviou-nos também alguns depoimentos, que ainda não publicámos, de outro inquérito aberto em *The People*, um diário de cinco milhões de exemplares de tiragem, no qual têm deposto individualidades de grande relevo intelectual. Isto demonstra notável interesse pelos assuntos espiritas.

Quanto ao inquérito do *Sunday Express* diz Jean Barbier em *La*

Revue Spirite que não traz nada de novo, pois, entre sete pessoas interrogadas, três são padres protestantes e um bispo católico: «Claro que as respostas afirmam a realidade da vida após a morte, mas segundo o conceito dos que respondem».

«Um professor de matemática — diz o articulista —, de crença perfeitamente ortodoxa, afirma sem argumentar que depois da morte há uma vida em Cristo. Resposta vaga, muito vaga. Um notável cirurgião declara que, ponderando bem, uma certa forma de imortalidade é verdadeira, se é verdade que existe um criador imortal. E pergunta se será este o caso sujeito. Um jornalista, antigo deputado, pergunta o que será o corpo incorruptível de que fala a Igreja, dizendo que não faz ideia alguma disso.

«Para terminar, o Arcebispo de Cantuária, a mais alta personalidade da Igreja anglicana, crê, sem o afirmar explìcitamente, que há vida após a morte e que, nessa esperança, devemos viver a vida actual segundo a lei de Deus.

«O divertido desta história é que nenhuma entidade espirita foi consultada, embora o semanário *Two Worlds* diga que Lord Dowding chegou a redigir uma resposta. O jornal pagou-lhe a redacção, mas não foi publicada. Teriam medo da prova pessoal que lhes iria fornecer?»

São sempre os mesmos em toda a parte. Quando o interesse temporal sobreleva o espiritual, todas as atitudes se justificam, ainda que a Verdade seja apeada do seu trono.

O ESPIRITISMO NA ALEMANHA

Mundo Espirita, de Curitiba, inseriu o resumo de uma carta que o Presidente da *Sociedade de Investigações para o Limiar da Ciência,* de Munique, enviou ao *Instituto de Cultura Espirita do Brasil,* em que dá informações acerca do movimento espirita alemão.

Diz que se fala em Espiritismo, mas nada está organizado, apesar da prática mediúnica. Há três grandes instituições, a saber: a *Sociedade de Investigações Psíquicas para o Limiar da Ciência* e a *Sociedade para a Renovação Religiosa e Espiritual,* ambas de Munique, e a *Sociedade de Pesquisas Metapsíquicas,* no Hanover.

E o articulista comenta:

As informações referem-se apenas a Munique, mas sabemos de outras sociedades existentes em Berlim e no interior da Alemanha. A orientação é mais de carácter científico. Em Munique, porém, as sociedades espiritualistas procuram fazer «boa política» com os elementos católicos e luteranos, para evitar hostilidades. Justamente por isso estas sociedades têm procurado atrair bispos e pastores luteranos, mas sòmente por causa das experiências mediúnicas, como assunto neutro, sem cogitar de religião, para não ferir pontos de fé».

O informador daquele Instituto afirmou que «por duas vezes os bispos nacionais prometeram comparecer e, ao todo, vieram quarenta pessoas, entre padres e pastores, os quais ouviram e anotaram com seriedade e atenção os conhecimentos de materialização e outras coisas semelhantes».

Mas ficaram por aqui, porque o Espiritismo é considerado ainda «ciência oculta», embora se publique na Baviera uma revista -orientadora intitulada *O Outro Mundo,* com 3000 exemplares de tiragem.

Quer-nos parecer que o Espiritismo teria experimentado maior expansão na Alemanha, se não fosse o regime nazi, cuja truculência asfixiou muitas aspirações liberais, entre elas o direito de propagar o ideal espirita.

UM MENINO PRODÍGIO

Os jornais brasileiros publicaram uma correspondência de Roma relativa ao menino Gigino Solano, de 8 anos, um prodígio que conhece muito bem a «Eneida», a «Ódisseia» e a «Ilíada», que enuncia as fórmulas químicas com grande segurança e conhece a mitologia grega e romana, como um professor do liceu, que reza o latim e se despede das pessoas em sete línguas, inclusive um dialecto da África do Sul. Além disso decorou trezentos poesias e estudou o alfabeto Morse.

O garoto, que ainda não se pode matricular no liceu, levará estes dois anos a estudar música, línguas, danças e recitação, porque deseja falar sem o sotaque próprio dos Romanos.

— Gostaria de uma coisa — diz ele —. Gostaria de emprestar a minha voz na dobragem das fitas cinematográficas. Seria um belo trabalho. Não é preciso ser actor, ter um rosto assim ou assim, mas fazer a dobragem por outro, com todos os matizes e inflecções... Acho que seria interessante emprestar a minha voz a um americano ou a um francês. É um trabalho que se pode fazer em qualquer idade.

Sendo gentil com os jornalistas, gosta imenso de brincar e divertir-se com máquinas, guindastes, etc. Por isso respondeu que queria ser engenheiro, quando lhe perguntaram o que desejava fazer em adulto.

Aos 16 meses repetia os motivos das canções que ouvia no gramofone e aos 2 anos dizia o título e o nome dos autores. À sua irmã Mariolina chama «redonda e cor de rosa, como um anjo de Botticelli». Ela também é *prodígio,* embora em menor grau.

O programa de Gigino é um livro de muitas páginas que o pai escreveu à máquina, com obras de grandes autores, como «As Guerras Púnicas», de Tito Lívio; «Saúl», de Alfieri; «Dido Abandonada», de Metastásio; «Peer Gynt», de Ibsen, «Hamlet», de Shakespeare, etc.

No programa «invenções» há muitas descobertas, desde o anel magnético ao soro anti-rábico. No da Mitologia há perguntas como estas: Quem foi a primeira esposa de Páris? Como se chamavam os cantores gregos? Quais eram os deuses egípcios? Quem eram as amazonas?

O de Química compreendia os símbolos do hélio, do fluor, do fósforo, do enxofre, do tungsténio e do urânio.

Aos dois anos estreou-se na televisão e deixou os entrevistadores e o público atordoados. Aos quatro foi recebido pelo presidente da Câmara Municipal de Roma num encontro memorável. Falaram da batalha da Ponte Milvio e Gigino não concordou muito com o seu interlocutor sobre alguns pormenores importantes. Nunca se soube quem tinha razão, mas o ponto de vista dele não mudou.

Depois visitou o presidente da República Enaudi e finalmente o papa.

Não lê jornais, mas conhece a fundo a constituição italiana, embora diga que a política não lhe interessa.

Quando lhe negaram entrada no programa «Lascia o raddoppia», da televisão, devido a ser criança, ficou aborrecido e exclamou:

— Acham que as crianças são burros? Demonstrar-lhes-ei que estão errados.

Gigino Solano não pode admitir que o tratem por fenómeno.

Mas é, com certeza. Estamos na época dos meninos-prodígios ou génios precoces, que só o Espiritismo pode explicar através da Lei da Reencarnação.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 20 de Março o nosso companheiro António Cardoso realizou no Centro uma conferência intitulada «O Naturismo no Brasil». Como sempre, deu-nos preciosos ensinamentos. Há muitos espiritistas que seguem os preceitos naturistas para melhor cumprir a sua missão de adeptos e alguns deles, que se encontravam na sala, tiveram ensejo de ouvir uma interessante exposição acerca dos frutos brasileiros, dos parques de campismo e de alguns médicos notáveis, como, por exemplo, o Dr. Alberto Lira, naturista-espiritista de grande projecção em terras de Santa Cruz e noutras repúblicas sul-americanas.

Como sempre, soube polvilhar o seu trabalho de variadíssimos episódios, deixando nos ouvintes impressão indelével.

O problema «Será o Espiritismo Ciência ou Religião» tem sido estudado inúmeras vezes em Portugal e no estrangeiro. Em congressos internacionais, em conferências e artigos, muitos se têm debruçado sobre esta aliciante questão e emitido opiniões, por vezes bem frágeis e contraditórias. Em contrapartida não nos lembramos de ter ouvido alguém tratar no *Centro Luz e Amor* o referido tema, sobretudo em forma tão profunda e erudita, como o orador da tarde de 17 de Abril, o nosso confrade Joaquim Fernandes de Albuquerque.

Conhecedor de Direito, todos os seus argumentos surgiam com lógica e dialéctica invulgares.

Depois de enumerar as provas apresentadas pelo Dr. Carlos Imbassahy no seu livro «Religião», analisou-as uma-a-uma e terminou, afirmando:

— O Espiritismo é uma ciência, tão positiva como a Biologia, tão concreta como a Física e a Química.

António Cardoso, que presidiu, secretariado por Jorge Raimundo, Manuel Canaveira e Raúl Ribeiro, congratulou-se com o estudo apresentado e felicitou o orador. Manuel Canaveira pediu a palavra e sugeriu que a conferência fosse publicada em *Estudos Psíquicos*, para que tão valioso trabalho pudesse chegar ao conhecimento de todos os leitores.

TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO E JULHO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

—

Dia 1 de Maio, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação e captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Naturismo em São Paulo».

Dia 10, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 11, 4.ª feira, às 21,30— Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 13, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 17, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 18, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 20, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 24, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 25 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 27, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médum D. Conceição Dias.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 31, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 1 de Junho, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação e Captação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 5 domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Membros Fantasmas».

Fundo de Beneficência

Mês de Abril — Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados a este Fundo:

M. A., 100$00; Fé e Inquieta, de Lourenço Marques, 80$00; Gonçalves, 50$00; Maria Aida Alves, de Lisboa, 15$00; Maria Lopes Guilherme, de Ovar, 10$00; Anónima, 50$00; Manuel Pinho, do Congo Belga, 25$00; Manuel Vicente Rodrigues, de Bissau, 100$00. *Total — 430$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.° e 2.° volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.° vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.° vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.° vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda.* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados. com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espirita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu — enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

Na Festa da Primavera do Centro Espiritualista Luz e Amor, Mário Canaveira, ao piano, delicia o auditório

(Ver pág. 171)

CONTÉM: Pena Irreparável, da **Redacção;** O que vi no Brasil, por **António Cardoso;** Conselho Sublime, por **Vasco de Lemos Mourisca;** O Meu Depoimento — II — Conferência de **Jorge Raimundo** no Centro Espiritualista Luz e Amor; Cantar Outonal, por **Maria Inês Sena;** Ajuda-me a Ser Livre!, por **Alice Brade;** A Amizade, por **Celeste Aurora;** A Festa da Primavera no Centro Luz e Amor; Pesadelo que Prendeu o Ladrão, por **Vaugh Shelton;** Religião e Espiritismo, por **Joaquim Fernandes de Albuquerque;** O Búzio, por **Rocha de Sousa;** Jesus, Eterna Incógnita, por **Delfino Ferreira;** Os Curadores Espirituais Segundo o Espiritismo, por **José Lhome;** Fotografia Espirita (Materialização do sábio checo **Dr. Purkinje**); Mais Manifestações Espiritas Através do Velho Testamento, por **José Francisco Cabrita;** Afinidade entre os Estudos Psíquicos e a Poesia, pelo **Prof. Dr. G. Wilson Knight;** Livros de Todo o Mundo; Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

21.º ANO JUNHO DE 1960 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.; *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.; *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, JUNHO DE 1960 | N.º 6

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

PENA IRREPARÁVEL

Sempre nos confundiu o descalabro dos que procuram sanear, estimulando focos infecciosos. Previnem coisas simples e desprezam elementos de grande valor no comércio social e moral. Mais se aferram ao corte de uma árvore doente, do que a tratá-la.

Este preâmbulo é alusivo à pena de morte, que alguns países ainda mantêm nos seus códigos, como se ela resolvesse o problema do crime. E não resolve, porque nessas regiões a delinquência é maior do que noutras que aboliram a pena irreparável.

Não basta suprimir o criminoso — dizia Coelho Neto. — O que é preciso extinguir é a miséria que mantém o crime. E acrescentava, lògicamente:

— Esmagar uma lagarta, não é salvar a sementeira.

A justiça humana é falaz, para não dizer obtusa. Baseia-se em leis muitas vezes ultrapassadas, aceita o falso testemunho, enquanto lhe não descobre a face precária, e encarcera inocentes, deixando à solta verdadeiros culpados. Os erros judiciários são a prova da insuficiência de certos julgamentos, em que testemunhas dolosas levaram réus à condenação. Porque a verdade espanca as trevas da mentira e os fraudulentos são apanhados nas malhas da lei.

Mas o problema assume aspecto mais grave, quando o ministério público elimina, pura e simplesmente, o inculpado, no intuito de salvar a grei. Então já não pode haver revisão de julgamento. Fecharam-se as portas, desapareceu a esperança e os homens bons ficam a meditar, a dialogar com a consciência.

Carlos Malheiro Dias chamava ao crime abstracção convencional. Afirmava até que não havia crimes, mas conveniências, necessidades, interesses vários e uma fatalidade a governar o mundo. E concluía que os piores crimes não eram os que se cometiam num minuto ou num segundo, como os homicídios, mas os que se preparam durante anos, sem derramar uma gota de sangue.

Talvez tenha razão o insigne pensador.

Um dia Alexandre da Macedónia visitou Diógenes. Ao aproximar-se da cuba que servia de residência ao filósofo, perguntou-lhe o que desejava.

— Que não me tires o que não podes dar-me.

Era inverno e o monarca fazia sombra ao cínico, tirando-lhe o sol, que não estava na sua alçada. Bem dizia Sólon:

— Não destruas o que não fizeste.

A jurisdição legal exorbita ao destruir o indivíduo, em vez de recuperá-lo. A sociedade necessita de braços e de cérebros e principalmente de exemplos em que nos possamos reflectir. Matar friamente, como pena de Talião, é abdicar do bom senso, é regressar aos tempos primitivos, é materializar o que de mais nobre existe no coração humano.

Só o Criador marca a hora da morte física, porque só ele nos traz à vida planetária. A justiça humana não deve fazê-lo. É monstruoso condenar um crime com outro crime. E quantas vezes nos arvoramos em juízes sem conhecer o processo! E quantas vezes falseamos a verdade ao sabor das conveniências!

A pena irreparável é degradante e vexatória, porque a justiça — no dizer de Mantegazza — não é sòmente prevenção. É também vingança social, uma forma centrípeta de ódio, de resultados funestos incalculáveis.

Se a vida é lição de amor, se o homem sofre para aperfeiçoar os instrumentos evolutivos, deve abolir a pena última, por inconsequente e brutal, assim como a prisão perpétua. Emparedar um elemento de progresso é matá-lo e a moderna jurisprudência visiona caminhos salvadores e recuperadores. São dois cancros a extirpar, quanto antes, para honra da humanidade. Enquanto o não fizermos daremos provas de atraso moral e não sairemos de cálculo vicioso.

A justiça vale mais que a generosidade, dirão alguns, cingidos a seus princípios. Mas antes de ser justos devemos ser humanos.

A pena irreparável é a suprema nódoa dos códigos terrenos, porque «Deus não quer a morte do ímpio, mas a sua reabilitação.»

Que grande força há nesta passagem dos «Salmos»!

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

III

BRASIL — PAÍS DE MAGIA

No Brasil as associações espiritas, em flagrante contraste com os Institutos Metapsíquicos, contam-se por milhares. Não há cidade, vila ou simples lugarejo, onde não se encontrem vários centros em franca actividade.

Nos três meses que lá estive assisti a dezenas e dezenas de sessões. Mentiria se dissesse que todas me satisfizeram; mentiria ainda se acrescentasse que na maioria delas existe critério analítico. Mas é também verdade que vi fenómenos interessantíssimos, dignos de estudo e divulgação, grande parte deles surgindo até em meios onde a metodologia científica era pràticamente ignorada.

Tal facto é só aparentemente contraditório, pois é preciso sempre não esquecer que o fenómeno supranormal não é função exclusiva do meio; ele surge no local A ou B, fora de *correntes*, prévia e cuidadosamente estabelecidas.

Por toda a parte se ouve falar de aparições, de *envoutements* e muitos outros fenómenos curiosos. Em Uberaba, por exemplo, tive ocasião de visitar uma casa assombrada. Quem lá vivia nem sequer era espirita antes dos factos surgirem; tratava-se dum *espírito forte*, que não podia acreditar na existência dessas *superstições*... Sua casa era rodeada de um jardim, num canto do qual existia um monte de tijolos. Ora, a partir de certa data, tais tijolos começaram a surgir dentro de casa, atirados por mão invisível.

— Brincadeiras de garotos — pensou como os seus botões.

E pôs-se à espreita, pronto a descobrir e castigar os *engraçadinhos!* Mas os tijolos continuavam a cair em casa, mau grado sua vontade e vigilância. Um dia um tijolo atravessou a bandeira da porta da cozinha que dá para o quintal, percorreu o compartimento e foi partir o espelho da parede da casa de banho. O dono da casa subiu então para os telhados vizinhos. Andou vendo tudo e chegou a esta conclusão que muito o espantou: era impossível alguém atirar de fora um tijolo que descrevesse aquela trajectória, em virtude do ângulo formado!

— A partir desse dia — confessou-me ele — comecei a acreditar que algo de extraordinário se passava em minha casa! Como tinha um amigo meu que era espirita fui ter com ele e disse-lhe o que se passava. Ele explicou-me então tudo, tudo o que meses antes talvez me fizesse rir...

No dia em que lá estive deu-se outro fenómeno curioso. Sua esposa havia feito uma magnífica compota de abacaxi! Colocou-a numa compoteira para arrefecer! Horas depois, quando lhe ia pegar, ela fugiu-lhe como que arrastada por mão invisível e foi parar ao chão, desfeita em cacos. Tive ainda ocasião de ver alguns pedaços.

Os espiritas que tomaram conta da casa chegaram à conclusão que a criada da casa, uma moça franzina de uns 12 ou 13 anos, era a médium responsável por tais fenómenos.

Em Curitiba fui protagonista dum fenómeno curiosíssimo. Enquanto estive na capital do Paraná, residi em casa de confrades amigos, na avenida Visconde de Guarapuava, uma das maiores da cidade. Essa casa era uma atraente moradia só com rés-do-chão, com um quintal à volta. Nessa casa já se haviam passado diversos fenómenos; uma vez um quadro pregado na parede caíu, sem ninguém saber explicar como, visto o cordel que o sustinha continuar intacto. Tiveram também um criado zeloso e simpático, que de noite fugia de casa e andava pelo quintal e outras paragens, emitindo sons análogos aos de um lobo. A princípio os meus amigos ouviam tais sons junto das janelas de seus quartos, mas julgando tratar-se de algum cão uivando, não ligaram importância ao caso. Só mais tarde, quando o criado se foi embora para outro lado, e souberam que ali à noite tais factos se repetiram, compreenderam então tudo o que se passava em sua casa.

— Víamos surgir de manhã o criado cheio de olheiras e de rosto macilento — disseram-me — mas nunca relacionámos isso com os ruídos nocturnos.

Várias vezes enquanto jantava ouvi barulho nas gelosias do meu quarto.

— Está a ouvir?

— Estou sim — retorquia —, mas não será o vento batendo nelas?

— Mas elas estão fechadas por dentro.

Realmente era verdade! Mas como estava um pouco afastado do meu quarto e nunca pude observar *in loco* tais ruídos, nunca emiti nem emito sobre eles quaisquer juízos precipitados. Relato-os apenas.

Mas um dia passou-se algo interessante. Haviam oferecido à filha mais nova da dona da casa — a pequenina Flávia — um gatinho. O animal passou a ser a mascote do lar e o *brinquedo* favorito da Flávia. Ia para o jardim? Levava o gato! Ia para a sala? Tinha que ter o gato ali! Ia comer? Não era capaz de dar uma garfada em termos, se o bichano não estivesse a seu lado. As outras duas irmãs — Joseline e Lucília — embora muito mais crescidas, tinham já também pelo animal grande amizade, prodigalizando-lhe todos os carinhos.

Mas D. Meúma, a mãe das três moças, é que não via com muito bons olhos o aparecimento de mais um ser, pois o gato, mostrando completo desconhecimento das mais elementares regras de higiéne, deixava tudo sujo por onde passava...

Uma tarde apareceu lá em casa a irmã de D. Meúma, senhora muito simpática e faladora.

Convidou-me a assistir a uma sessão no Centro Anita Zippin, onde trabalhava nessa noite um

Grupo dirigido por Fernando Alves, que pertencera ao Centro Espirita de Leiria. Entre as médiuns encontrava-se D. Maria Carreira. Ambos fizeram há anos uma sessão na Nazaré, com a presença de Isidoro Duarte Santos.

— Que saudades tenho dos belos momentos que passei com o Isidoro! — disse Fernando Alves.

As médiuns nesse Grupo eram quase todas portuguesas, e as entidades, para não destoar, só falavam a língua de Camões ...

Mas voltemos ao gato. D. Meúma, sabendo que sua irmã e uma amiga que a acompanhava gostavam imenso de animais, depois de ter elogiado muito o bichano, convenceu-as a ficar com ele.

A amiga da irmã disse logo:

— Eu fico com ele! Gosto tanto de gatos!

No momento em que íamos os três a sair — eu, a irmã de D. Meúma e a amiga — D. Meúma, num *passe* de prestidigitação, escamoteou o gato, sem que suas três filhas dessem por isso! Respirou fundo! Tudo correra bem!

Pelo caminho os três rimos muito do facto!

Chegámos assim ao Centro! As senhoras foram-se embora, pois tinham que fazer em casa, e eu fiquei para a sessão atrás referida. Claro que nunca mais pensei no gato.

Quando regressei à Avenida Visconde de Guarapuava não eram ainda 23 horas! Em Curitiba todos gostam muito de fazer ginástica aos maxilares, e assim reunimo-nos todos à mesa. D. Meúma e filhas estavam ansiosas por saber impressões da sessão a que assistira.

Quando estava contando o que se passara, ouvimos distintamente junto à porta da casa de jantar, que dá para o quintal, o miar de um gato.

D. Meúma e eu entreolhámo-nos espantados!

Joseline, Lucília e Flávia disseram-me:

— Coitadinho do nosso gatinho que está lá fora! Quer vir cá para dentro!

Mas eu que sabia que o gato estava já muito longe dali, levantei-me ràpidamente e precipitei-me para a porta! Abri-a num jacto! Não havia ali gato algum! E no entanto todos o ouvimos miar!

Claro que fui dar uma vista de olhos pelo quintal, tentando descobrir ... o gato! O resultado foi nulo!

Entretanto D. Meúma explicava às filhas que havia dado o gato e que portanto ali não existia animal algum! Todas ficaram ao mesmo tempo tristes com o desaparecimento do bichano e espantadas com o facto que se acabava de dar!

D. Meúma garantiu-me que não aparecem gatos no jardim! Mas mesmo que se tratasse de um outro gato surgindo acidentalmente nessa noite, várias questões ficariam por esclarecer.

1.ª — Como justificar o pronto desaparecimento de um gato que à porta miava aflitivamente, como se estivesse cheio de fome ou frio? Se ele miava é porque via luz e ouvia vozes e pretendia entrar; logo, como justificar que se fosse embora ràpidamente?

2.ª — O gato que a irmã de D. Meúma levou costumava à noite miar junto da porta. Não é coincidência demasiado que:

a) outro gato (que desaparecesse depois repentinamente) fizesse o mesmo?

b) tal facto se tivesse dado precisamente na noite que levaram o animal?

Trata-se dum fenómeno paranormal? Tal hipótese é favorável, embora eu não possa fazer uma afirmação categórica nesse sentido. Só o poderia fazer, se na altura em que se deu o facto tivesse possibilidade de controlar eficientemente os arredores da casa, tentando descobrir a existência de um gato. Não o fiz! Logo, não quero emitir juízos precipitados! Mais uma vez saliento que tudo leva a crer que assisti a um fenómeno transcendente.

Quero ainda acrescentar que a única pessoa que não acreditou no facto, nem na sua possibilidade, foi a própria irmã de D. Meúma. Quando no dia seguinte veio visitar-nos e lhe contámos o sucedido emitiu um significativo sorriso de dúvida. Apesar de se afirmar espirita e de ter assistido a dezenas e dezenas de sessões, disse não acreditar no sucedido, acrescentando:

— Tudo isto foi uma encenação preparada pelo Cardoso.

— Por mim? Mas como? — perguntei supreendido.

— Sim! Sim! O Sr. é ilusionista e quis fazer ontem mais um dos seus truques ...

— Mas ...

— O Sr. é até capaz de ser ventríloquo ...

E apesar de lhe afirmar que não se tratara de ilusionismo, apesar de todos da casa repetirem o mesmo, ninguém a convenceu! Para ela o ilusionismo do Cardoso tinha costas largas e *explicava* tudo ...

A Umbanda oferece-nos nas suas variadíssimas modalidades um extenso campo de estudo e observação. Claro que umbanda não é espiritismo; mas certos ritos selvagens não o são igualmente e isso não obsta que encontremos em ambos curiosas manifestações psíquicas. O Espiritismo é uma doutrina científica, filosófica e ética. Mas a mediunidade, não é seu exclusivo.

Se é certo que em grande parte das sessões espiritas o critério analítico é diminuto, nos trabalhos de umbanda ele é pràticamente nulo, e só um espírito vivo e inquiridor pode distinguir o trigo do joio. Mas vale a pena, pelas surpresas que se nos deparam.

Em Tarinnã — um dos bairros afastados do centro de Curitiba — tive ocasião de falar com um indivíduo de meia idade, alto e forte, que me contou que numa sessão de *terreiro* havia sido levantado por uma médium franzina, que no estado normal mal poderia com ele.

— No entanto, nesse estado, pegou-me como se eu fosse uma pena e deu comigo no ar várias voltas ao terreiro.

Assisti a inúmeras sessões de umbanda, cada uma com uma característica especial. Numas evocava-se a todo o instante a Rainha dos Mares, noutras não. Particularmente interessante o que observei no Centro Anita Zippin, numa sessão de umbanda que um Grupo aí organizava, não porque constatasse algum fenómeno transcendente, mas porque me foi dado verificar um fenómeno de animismo colectivo. António Matos — director dos trabalhos — depois de algumas palavras de abertura, ordenava aos *índios* presentes no plano astral para actuarem. Gritava:

— Índios, levantem-se!

Então, como que movidas por molas invisíveis, todas as médiuns, aliás bastante novas, se levantavam a um tempo e começavam a baloiçar seus corpos, como em ritos selvagens! O que espantará o observador cuidadoso não é pròpriamente o baloiçar espectaculoso dos corpos de tantas moças, mas o facto de todas elas começarem a ser actua-

CONSELHO SUBLIME

«ESTE MUNDO É UMA PONTE. ATRAVESSA A PONTE. MAS NÃO ESTABELEÇAS, NELA, A TUA MORADA».

Esta legenda foi encontrada, há anos, em árabe, sobre o frontespício de uma ruinosa mesquita construída em 1600, em honra do Grão Mogol Akbak, na Índia, e é atribuída ao CRISTO.

Não vem na Bíblia, nem é de surpreender que não venha, pois João, no fim do seu Evangelho, diz que «muitas outras coisas há ainda que fez Jesus, as quais, se se escrevessem, uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que, delas, se houvessem de escrever».

Muitas outras maravilhas fez e disse, com certeza!

A Terra é, em verdade, um lugar de passagem, em regra expiatória. E digo em regra, porque a passagem pode ser missionária. O Mundo é o polidor das rugosidades da alma, que, na sucessão das vidas humanas, longo avatar de milénios, se desenvolve, para outros mundos mais luminosos.

ATRAVESSA A PONTE ... — porque a necessidade da perfeição exige a travessia da ponte, que é o hífen de ligação entre a ignorância e o conhecimento, entre o atraso e o progresso, entre a rudeza e a bondade, entre a sombra e a luz.

MAS NÃO ESTABELEÇAS, NELA, A TUA MORADA ... — porque a nossa vida não é deste mundo. Viemos à Terra em trânsito de melhoramento e viremos as vezes necessárias, até que estejamos aptos a subir a mundos espirituais superiores. Atentem nesta prevenção lapidar os materialistas e os orgulhosos das grandezas terrenas, senhores da fortuna e do mando, que a vaidade desvaira e o poder perverte.

Pobres dos construtores de muros, que o primeiro sopro da tempestade os derruba!...

Pobres dos imperadores da força, que a primeira revolução os abate!...

Só valem as criações do espírito, porque são a poesia da vida, bálsamo de infinito que DEUS concedeu aos humanos, para suavizar-lhes a travessia da ponte.

Grandeza, só a de coração. Beleza, só a de alma. Bem-aventurados os que as cultivam e supremaciam, porque sublimam a dor e, por ela, merecem as moradas de luz que os esperam no Espaço, até à reintegração nas Forças Criadoras.

Vasco de Lemos Mourisca

das *ao mesmo tempo*. Só quem não conheça a idiossincrasia dos fenómenos espiritas, sua extraordinária complexidade e dificuldades muitas vezes insuperáveis na detecção de comunicações pode acreditar que ali todos os indivíduos eram capazes de reagir ao mesmo tempo a contactos invisíveis. Só a influência sugestiva do meio e do doutrinador, aliada a uma acção puramente anímica de exteriorização de sensações pode, a meu ver, explicar o facto referido.

As práticas de umbanda quase fazem parte da vida da grande maioria do povo brasileiro. Mesmo os que seguem determinada religião (e os católicos estão neste caso) vão à noite ao terreiro assistir a trabalhos! Só no Rio Grande do Sul disseram-me que há 12.000 Centros! Não será exagero? Quer dizer, para visitar todos os centros de Umbanda de um só Estado brasileiro, supondo que visitava um por dia, demoraria perto de 36 anos! Para conhecer os de todo o Brasil, não chegaria uma vida!

Um dia no Rio, no 11.º andar do prédio onde mora o professor Daniel de Brito, fiz-lhe notar que um seu vizinho tinha num vaso umas plantas muito ornamentais junto à porta.

— Mas não sabe o que isso significa? — perguntou-me.

— Não — respondi admirado.

— Significa que esse meu vizinho deve ser umbandista.

— Mas, porquê?

— Porque quem tem estas plantas à porta costuma pertencer à Umbanda.

Um outro confrade — já não me recordo quem — contou-me ainda que os brasileiros praticam na sua vida diária muitos actos de pura umbanda, a maior parte das vezes inconscientemente.

— É vulgar vermos dois indivíduos tomarem uma bebida qualquer e um deles deitar um pouco de líquido para o chão dizendo: *é para o Santo!* Ora isto é umbanda.

Embora nunca tivesse ocasião de assistir a tal acto, assinálo-o aqui por achá-lo curioso.

(continua)

O MEU DEPOIMENTO

Conferência de Jorge Augusto Raimundo no Centro E. Luz e Amor, em 28-2-960

(Continuação do núm. anterior)

Durante o período em que tomei contacto com o movimento espírita melhor atentei no que diziam ou faziam e confesso que sofri amargas desilusões por ver que uma verdade de tanta luz e beleza era aqui e ali tão mal compreendida e deficientemente praticada. Com que mágoa eu vi exprimir e manifestar insensatez, malevolência, aversão, presunção, tanta coisa arruinadora! A confusão que isto me causava levou-me a intervir. Foi quando a consciência me interrogou:

— E tu? Consideras-te um ser perfeito?

— Bem... eu...

— Não, homem! Não! Só há duas formas de responder: «sim» e «não»!

Ai, como é difícil responder a essa potência que se não deixa iludir, usando palavras fáceis de pronunciar, mas às vezes tão difíceis de dizer! Sim ou não!

Mas ela insistia:

— Será que nunca te sentiste dominado por esses danosos sentimentos que nos outros observaste? Nunca manifestaste má vontade a alguém, esquecendo que os outros não são como desejamos e que devemos aceitá-los como eles são? Jamais criticaste palavras e acções dos teus semelhantes, sem dados concretos para julgar com equanimidade? No decorrer da vida, quer pensando, quer agindo, terás sido sempre justo, verdadeiro e fraterno no convívio com os teus irmãos?

Que responderia eu a esse juiz infalível que existe em nós? Então, misericordiosamente, para suavizar a minha perturbação, a consciência contou-me a seguinte história que aprendera não sei onde:

Certo homem, velho e cansado por ter percorrido os longos e duros caminhos da vida, mas cheio de experiência pelo muito que errou e opulento de sabedoria pelo muito que aprendeu, ouvia um jovem afirmar presunçosamente:

— Não pertenço a sociedades nem tenciono pertencer às muitas que conheço, porque até hoje ainda não encontrei nenhuma perfeita.

O velho retorquiu, compreensivo e amável:

— Por mais que procures nas cinco partes do mundo, não encontrarás uma sociedade verdadeiramente perfeita.

Como se conhecesse as deficiências do jovem interlocutor, acrescentou:

— Se acaso fores mais feliz do que eu e a encontrares, olha amigo, bom será que não faças parte dela para a não conspurcares com as tuas inferioridades.

Percebi o conceito moral da história; e porque não me considerava nem considero um ser perfeito virtuoso reconheci a necessidade de manter-me na sociedade a que pertencia. E hoje a minha alma rejubila por me haver integrado nesta sociedade, que possui um ideal nobre. Nada lhe tenho dado, mas dela muito tenho recebido, pois é composta de adeptos que, embora às vezes, por desconhecimento ou debilidade, patenteiem imperfeição, também sabem concretizar as mais altas virtudes, como dourados pomos perfeitamente sazonados de esclarecimento, de compreensão, de fraternidade, humildade e espírito de sacrifício. Irmanados no mesmo anseio de progresso moral e desejosos de ser prestáveis aos irmãos aflitos, imploram lenitivos para as mágoas da alma e para as dores do corpo.

Das manifestações que conheci através de relatos de familiares e amigos, duas há que desejo divulgar. A primeira creio que define as consequências dolorosas de um espírito que julgava poder libertar-se dos sofrimentos terrenos, resultantes de erros e fraquezas, com outro erro lamentável e verdadeiramente trágico, que é o suicídio. Contou-mo certo amigo de infância, quando soube que eu me interessava pelo Espiritismo. Um dia, estando ele a almoçar na companhia da mãe e de um irmão, oficial do exército, veio a propósito o problema religioso. A mãe tinha um oratório com uma lamparina, que mantinha sempre acesa pelas almas. E travou-se conversa sobre o assunto. Aquele meu amigo, que era o mais novo dos irmãos e com o qual eu mais convivera, dizia à mãe:

— Anda sempre com estes santinhos... uma coisa que já não se usa...

— Deixa lá os santinhos, que não te incomodam. Além disso, deves respeitar a minha crença e a dos outros.

— Deixe-se disso, mãe!

— Olha, vosso tio também era descrente e libertou-se da vida de maneira pavorosa. Bem sei que tinha grandes incompatibilidades com os filhos. Por fim tornou-se alcoólico e tudo isso o levou ao suicídio. Coisa muito má. Pois tenho orado muito por ele.

— Tem orado por ele! Por ele, quem?...

— Pelo vosso tio.

— Mas se ele já não existe... Se ele morreu... Quando se morre acaba tudo. Para que há-de orar por ele?!

E dizia-me este amigo:

— Mal acabava de proferir aquelas palavras, levei a mão a um copo de vinho que tinha na mesa e senti uma força enorme no braço que me obrigou a poisar o copo. E pensei: «Querem ver que me estou a sugestionar por aquilo que ouvi a minha mãe?» Tornei a pegar no copo para o levar à boca e tive que o poisar novamente. Não! Não! Já sentia camarinhas de suor na testa. Peguei outra vez no copo com grande impulso e tive que o poisar. Pois tombou, entornou-se o vinho e perdi a consciência. Quando acordei estava a chorar como uma Madalena. Mas chorava porquê? Porque chorei eu?... O que minha mãe disse não me impressionou. Porque me aconteceria isto? Porque chorava convulsivamente?... Como explicas tu isto?...

Eu estava no princípio da minha iniciação... Que lhe havia de dizer?... E exclamei, sorrindo:

— Talvez tua mãe tenha razão.

E Psiq. - jun./60

Talvez fosse o espírito de teu tio que actuasse em ti para te mostrar que estavas errado nas afirmações...

— Não era isso, com certeza!

— Então, não sei. Não tenho explicação para o caso.

Passaram-se os anos. A mãe do meu amigo vem visitar uma irmã dela, que é hoje minha vizinha. E sabendo que eu morava próximo visitou-me também e passou um serão em minha casa. Lembrei-me então do que acontecera e perguntei-lhe se se lembrava do fenómeno.

— Lembro-me muito bem — disse ela. Isso é o que ele conta. Mas há uma parte que ele desconhece. Só eu e o irmão dele conhecemos. Quando disse que perdeu a consciência e acordou a chorar é que se manifestou nele o tio...

— Manifestou-se o tio?... Explique lá isso...

— Manifestou-se desgostoso por ter cometido aquela acção e lamentando-se do estado trágico em que vivia. Tinha falta de compreensão e atribuia tudo à incompatibilidade com os filhos e sobretudo ao álcool. Esta parte é que falta ao relato. Eu e o irmão não lho contámos, quando despertou, porque não quisemos impressioná-lo.

Esta manifestação foi espontânea e é convincente. Ele não se converteu ao Espiritismo, mas o facto radicou a minha convicção.

A segunda aceito-a como prova da força que uma convicção esclarecida dá ao indivíduo para enfrentar corajosamente uma funesta paixão criada por laços estabelecidos em vidas passadas.

Durante algum tempo frequentei uma barbearia. Estava na cadeira a ler a revista Estudos Psíquicos *e notei que o barbeiro mostrava certo interesse por ela, pois de vez em quando lançava-lhe um relance de olhos. E perguntou-me:*

— Essa revista é espirita, não é?...

— É.

— Logo vi que era. O sr. é espiritista?

— Sou — disse eu, pois nunca tive receio de o proclamar, fosse onde fosse.

— Sabe... eu acredito nisso...

— Porquê?

— Dão-se factos muito curiosos comigo... Já me disseram que tinha faculdades mediúnicas. E tenho. Tenho um espírito-guia. E quando se manifesta é sempre por um cheiro muito característico que nunca tinha notado. Estou aqui, estou ali e zás! Cá está o cheiro! Quer saber uma coisa? Um dia, antes de entrar na loja, fui à leitaria tomar o pequeno almoço e entrei na casa de banho para lavar as mãos. Quando já as tinha ensaboadas olhei para as paredes e vi delinearem-se duas fachas: uma vermelha e outra verde. Olhei para trás a ver se era alguma luz que incidia naquele sítio e não vi nada. Assustei-me de tal maneira, que saí imediatamente. Ora, havia em minha casa uma jovem médium e às vezes, por brincadeira, fazíamos sessões. Quando lá cheguei disse-me ela:

— Gostavas de fazer uma sessão? — E fizemos. Sentou-se numa cadeira, começou a estrebuchar, o pescoço a dilatar-se... e a certa altura exclamou: «Então hoje preguei-te uma partida!» — «A mim? Não me lembro de partida alguma...» — «Não te assustaste? Não fugiste com as mãos cheias de sabão?» — «Ah! É verdade! Como foi isso arranjado?» — «Como foi? Fui eu para te incutir os princípios republicanos. Sei que és um bom democrata. Estava-te a incutir... É preciso que essa chama se não perca...»

— O sr. não imagina! Foi para ali um discurso político e eu a ouvir aquilo tudo! Era uma coisa curiosa.

— Na verdade — disse eu — é muito curioso. Mas o sr. não se interessa por esses assuntos?

— Eu frequentei a Federação Espirita Portuguesa e deixei de lá ir, porque me aconteceu um caso... Alguém me disse que podia fazer passes, que talvez tivesse força magnética. Tentei fazer a experiência numa garota que lá apareceu com perturbações esquisitas, farta de correr médicos sem resultado. Tempos depois a mãe encontrou-me e disse-me que a filha estava muito melhor, que dormia sossegada e andava tranquila. — «Com certeza que é dos passes» — acrescentou. E com a mão fechada poisou-a na minha, deixando nela uma nota de 20 escudos. Fiquei aborrecido e devolvi-lha imediatamente. Disse-me que não era pagamento, mas uma forma de reconhecer o bem que lhe tinha feito. Retorqui-lhe que não queria coisa alguma, pois sentia-me satisfeito sabendo que tinha havido melhoras. Uma senhora presente, médium da FEP, tomou-me de parte e disse-me: — «O sr. não faça isso! Quando lhe derem alguma coisa, aceite». — «Não! — disse eu —. O Allan Kardec diz que se dá de graça o que de graça se recebe». Não gostei nada daquilo. Não acha que fiz bem?... Se a sr.ª recebe, é lá com ela. Eu não recebi. Vivo da minha profissão e chega-me. Depois deixei de lá ir...

Mais tarde, já mais confiante, disse-me o barbeiro:

— Sabe? Tenho um grande problema na vida. Uma vez assisti a uma sessão e uma entidade dirigiu-se a mim, dizendo: — «Tens um problema levado da breca!» — «Eu?» — «Tu, sim. Em tua casa vive tua mãe, teu irmão e tua cunhada? Vocês vieram à terra por necessidade para remir uma falta cometida». — «Mau!» — disse eu —. Aqui, a coisa tornou-se mais grave. — «Olha — continuou o espírito —, noutra vida vocês foram ciganos. Por causa da tua cunhada mataste o que é hoje teu irmão. Eram rivais. Ambos a pretendiam...»

O meu interlocutor animou-se:

— Ó meu amigo! Fui criado em Vila Franca de Xira, sou descendente de judeus e todo o meu desejo desde menino é viver entre os ciganos! E até chegar a Lisboa só vivi com eles! De tal modo, que tenho entre eles verdadeiros amigos! E conheço toda a sua maneira de viver. Olhe para mim! Já me viu, quando não trago esta bata?...

Na verdade, o homem tem aspecto de cigano. De Inverno usa samarra e de verão um casaco com gola de pêlo abotoado até acima. Usava patilhas finas até meio das faces e chapéu mole de aba direita. E depois acrescentou:

— Se o sr. visse a minha mãe! Anda sempre de lenço. Na rua trá-lo na cabeça; em casa trá-lo à volta do pescoço. E nas orelhas usa argolas. Se o sr. a visse, dizia logo: «É uma cigana». Não é. Já disse que somos descendentes de judeus.

Seguiu-se uma pequena pausa. Depois continuou:

— Mas quer ver onde está o problema, a tragédia da minha vida? É que a minha cunhada não gosta do meu irmão. De mim é que ela gosta. A tal ponto, que meu irmão já me pediu satisfações e eu tive de lhe dizer: «Em memória do nosso pai te afirmo que não houve, não há nem haverá nada entre mim e tua mulher! Se notas nela alguma coisa,

CANTAR OUTONAL

A Natureza tem coloridos de madre-pérola com cintilações feéricas! O sol ilumina-a em lampejos doirados e as flores com os arbustos casam-se na mais adamantina cor, espalhando beijos à sua volta...

Mas o tempo escoa-se pelo tear confuso da vida... e o espírito voga em ondas de dolente melopeia... divagando... sonhando e lembrando coisas adormecidas que a memória desenlaça, como pedras de um colar sem fim...

Júpiter, o Pai dos Deuses, vingou-se de Prometeu, dando-lhe a Eva da Motologia Grega — Pandora — que, dotada de boas virtudes, possuía uma caixa em que todos os males se acumulavam.

Epimiteu, irmão de Prometeu, acicatado pela curiosidade, não resistiu à tentação de abrir a boceta. E todos os males sairam, espalhando-se pelo mundo.

Assim nasceu Fénix, a deusa da Esperança!

A esperança é uma das grandes forças que Deus deu ao homem.

Sejamos fortes e vivamos sempre embalados pela esperança, pois nela palpita a própria Vida!

Não nos resignemos cobardemente à derrota dos nossos anseios, nem nos deixemos sucumbir pelo desânimo. Lembremo-nos que a desdita eleva e aguça o entendimento!

Somos o «Todo» de uma mensagem do Cristo a libertar-nos da asfixia que nos tolhe. Somos um símbolo, razão forte e poderosa num destino imortal!

Permaneçamos impassíveis ao insulto. Deixemos que se desgastem afectos em que nos apoiávamos e que a inclemência da maldade e o rigor da ingratidão nos fustiguem a alma!

No fundo verde da Esperança seremos estrelas baloiçadas em oiro de ternura, de bondade e de perdão.

Que a nossa Vida seja a placidez repousante de uma Consciência Tranquila!

Porque a vida é sempre uma passagem, uma transição...

É como flor que desabrocha em perfumada corola sob a calidez solar e que murcha e se desfolha. Depois transmuda-se e lá vai sorvida pelo torvelinho vital em obediência ao determinismo de Morrer e Renascer!

Na Terra somos forasteiros — viajantes insasiáveis de sonhos que nos aconchegam amorosamente. Os olhos se extasiam ante telas maravilhosas que a Natureza nos oferece, para mitigar a nossa ansiedade do Belo e a alma deixa-se repassar por natural quebrando, aplacando assim os tormentos, a dor e os desenganos.

Tudo a vida nos oferece num painel de cores realengas que se condensam numa oferta de risos e de lágrimas!

As provações trazidas no pólen da vida são por nossos dias revolvidas em sensações de apelo imutável que desfiaremos em holocausto. Não podemos fugir. Tentar fugir à Lei é prender-nos inexoràvelmente, porque o Destino delicioso ou triste tem de se cumprir.

Se analisarmos o nosso destino, se auscultarmos os nossos sentimentos, se aprofundarmos o nosso «Eu» escutaremos sons que reboam em ecos que «nem sempre se repercutem em mananciais de bondade e de justiça».

Das vidas passadas esgueiram-se pecados cometidos que têm de se tornar em acordes divinos numa harmonia evolucionista.

Sim, o passado perssegue-nos numa visão glacial, apontando-nos o caminho luminoso da Verdade!

Meditemos, que atrás de nós fica uma amálgama de vidas caldeadas no selo da Eternidade!

E sob a carícia rubra da Vida adejam preces por uma Redentora Esperança.

MARIA INÊS SENA

não o notas em mim. Não tenho culpa do seu procedimento».

E com lágrimas nos olhos:

— É aqui que está a minha tragédia, pois já vi minha cunhada ajoelhada a meus pés, a pedir-me que a trouxesse para a minha companhia por não querer viver com meu irmão!

Ora, como se há-de explicar este acontecimento, senão através da palingenesia, ou vidas sucessivas?

Como epílogo do meu pobre depoimento resta-me dizer que o Espiritismo é um grande conforto para quem o compreender e aceitar, de harmonia com a sua capacidade receptiva. Além disso, todos os que o exemplificam sentem apreciável equilíbrio entre a razão e o sentimento, razão que não adormece à sombra da vaidade pelo que já sabe, pelo que já pode e pelo que já tem. E o sentimento às vezes tem razões que a razão desconhece.

Sim, aquele sentimento que tem razões para querer ao filho que mais mal faz, para fazer bem sem olhar a quem, para orar por quem nos persegue, ofende e calunia. O Espiritismo, para mim, é também a revelação de outras coisas grandiosas que antevejo, mas não sei explicar.

Ah! Como te bendigo, maravilhoso Espiritismo! Como a minha alma canta as puras alegrias que me tens dado! Como agradeço a sabedoria que, por ser tanta, o meu entendimento nem sempre pode suportar! Como te agradeço a dádiva da compreensão para as dores que tenho sofrido! Como te abençoo pela coragem que em mim despertaste para moderar e transformar o temperamento impulsivo que me exorna! Como te estou grato pelo estímulo que me deste para que seja hoje melhor do que ontem, embora, por fraqueza e ignorância, não consiga o que desejo! Oh, excelso amigo, como eu aguardo que a felicidade de conhecer-te me proporcione tranquilidade na partida para esse Além de que me falas e onde eu já tenho alguns entes queridos!

AJUDA-ME A SER LIVRE!

Por ALICE BRADE

Quando Sobrina me deixou pelas 7 horas da manhã daquele radioso dia de verão no pequeno e insignificante povoado da América do Sul, onde me encontrava, mal sabia eu que jamais tornaria a vê-la na sua inconfundível presença física. E, na verdade, quando voltei a falar-lhe fi-lo através do seu espírito desprendido da terra: seu corpo jazia sob um montão de flores variegadas no vero sítio donde eu partira com ela bem pouco tempo antes, ambas plenas de oportunismo, ambas tecendo grandes e ambiciosos planos. Iríamos viajar, ver o mundo inteiro, descobrir todos os mistérios da natureza, realizar um sonho que a ambas enchia de alvoroço e expectativa... Mas estes sonhos Deus os fizera cair por terra, pois Sabrina morrera, vítima dum acidente cruel e absurdo, assassinada pela faca dum foragido da prisão que encontrara escondido no seu caminho. Foi esta a versão que seus amigos e sua própria família deram à sua morte. Mas eu sei mais — pois com ela falei após o fim e para além da vida em que me foi dado ajudá-la.

★

Conheci Sobrina, quando ela frequentava a minha classe de inglês. Era igualmente professora e o seu desejo seria conhecer as nossas escolas para que, ao regressar ao seu ambiente, pudesse ajudar os seus na melhoria das escolas do seu país, em belo afã de bem servir. De uma simpatia irradiante, desde logo a ela me dediquei e me prontifiquei a auxiliá-la e a apresentá-la aos mentores e pedagogos que podiam interessá-la no seu trabalho. Nasceu assim entre nós uma camaradagem e, por isso, no momento da partida, convidou-me a acompanhá-la no seu regresso. Aceitei, não só pela amizade que já nos ligava, como também porque, sendo livre, queria, de qualquer modo, ser útil ao seu nobre intento.

E durante cinco anos trabalhámos juntas, a título privado, sendo ela que planeava e organizava e eu que a aconselhava e a amparava espiritualmente. No entanto, nunca atingimos uma verdadeira identidade de pontos de vida mental ou espiritual, enquanto viveu. Mais tarde soube que assim não era, mas só após a sua morte. Na realidade Sobrina não aparentava tendências ou preocupações religiosas e eu julgava-a incapaz de acreditar num ente supremo, fim e princípio de tudo, como, também, nunca a vi ter um gesto sentimental de amor para qualquer ente racional ou irracional.

Assim poder-se-á imaginar o choque que experimentei, quando assisti aos preparativos para o seu funeral de volta do hospital onde acorrera demasiado tarde para a encontrar viva. Agora, no seu apartamento, contemplava o caixão erecto sobre o largo plinto, as luzes cobertas de véus, os longos círios ardendo serenamente no ambiente silencioso, olhando fascinada o cenário pesado da morte que se despedia e pensando no que diria Sobrina desse clássico ritual. Todavia senti-me confortada com a ideia de que Sobrina nunca o saberia, visto que poucos passos andaria antes de baixar ao túmulo.

Como eu me enganava!

Durante toda a noite de vela fui animando amigos e familiares. De manhã começou a debandada dos assistentes que, segundo o uso, voltariam a comparecer no dia seguinte à noite, deslizando pelas sombras dos grandes e frios corredores. Pobre de ânimo dirigi-me ao meu quarto para uns momentos de repouso. Um grande vazio se fez em mim em augúrio de estranhos pressentimentos. Deixei-me cair com desalento sobre uma cadeira, exausta, aturdida, sem forças. Foi então que ouvi a sua voz, da mesma maneira que a ouvia todas as noites, quando voltava do trabalho:

— A comida está servida. Vem depressa, Meesus Bee!

Dei um pulo na cadeira, voei para as escadas que ligavam à casa de jantar e à atónita criada (que era a única que falava inglês) disparei a ansiosa pergunta:

— Foi você que me chamou?

A rapariga, um pouco intrigada, limitou-se a dizer que não, mas que, se eu quisesse comer, o jantar estava pronto. Portanto fora Sobrina que, do mundo etéreo onde subira, me falou. Desde sempre eu entendia a alma imortal e agora com o coração pleno de alegria ouvia a voz da minha amiga!

★

Na manhã seguinte, ainda cansada das emoções do dia anterior, sentei-me na antecâmara, pensando acerca dos estranhos acontecimentos de que fora imprevista testemunha. Através da porta olhava o ataúde, onde montões de flores e de coroas se casavam num polianto de mil cores, cujo perfume agridoce me chegava através do ar pesado. Uma espécie de quebranto se apossava lentamente de mim, quando, de repente, ouvi de novo a inconfundível voz de Sobrina:

— Meesus Bel, vem! Ajuda-me!

A voz tão minha conhecida parecia vir do mesmo quarto de dormir, agora transformado em câmara ardente. Corajosamente aproximei-me do caixão e contemplei-a.

Só agora a via depois de morta; mas, apesar de em vida o ter feito milhares de vezes, não pude deixar de surpreender-me com o seu ar tão natural, tão adormecido e belo, que me encheu de funda comoção. Mas, de repente, fiquei sem respirar, completamente paralizada pelo que via: a forma espiritual de Sobrina pairando sobre o seu corpo terreno, lutando com qualquer coisa invisível. Refeita da minha surpresa perguntei a tremer:

— Que se passa Sobrina? Diga, diga!

— «Não sei» — respondeu com desespero —. Quero abrir os olhos e não posso!

A Amizade

Há tantas e tão diversas amizades! Umas nascem do reconhecimento por serviços prestados; outras nascem da convivência e duram para além da separação; outras, finalmente, mergulham no mar largo da infância, ligadas para sempre a felizes recordações.

As amizades verdadeiras são flores perfumadas do jardim do sentimento. O seu aroma é suave, duradouro, confortante e necessário na luta da vida, onde os desenganos e os desânimos nos espreitam a cada passo.

Ai de quem não criou amizades! Nas horas amargas, quando mais se faz sentir um coração devotado, terá o silêncio e a solidão. Mas quem as souber criar encontrará conforto e amparo e os desgostos ser-lhe-ão menos penosos.

É grande ventura ter amizades; mas poucos lhes sentirão a verdadeira influência.

É preciso dar para receber e por isso me parece que as amizades devem ser criadas através da dedicação, do sacrifício, das boas palavras e dos bons exemplos.

Quem assim proceder ganhará boas amizades e com elas melhor se apetrechará na escalada da vida.

Que inefável prazer nos dá o encontro de um amigo que há muito não víamos! E quantos não veremos mais! E se em qualquer oportunidade os encontrarmos sentiremos a atracção da velha amizade que criámos e um novo mundo surgirá ao nosso alcance.

Dai afecto, esse afecto carinhoso que existe na amizade e não é labareda que se extingue ao primeiro sopro.

O amor passa com o tempo; a amizade perdura e renasce das próprias cinzas. Por isso não erramos, dizendo que há muito mais beleza na amizade, que no amor . . .

CELESTE AURORA

Compreendi que ela pensava estar ainda deitada no seu leito e que, tendo chegado a hora habitual de levantar-se, fazia grande esforço para incorporar-se. Portanto, ainda que presa dum vago temor, disse-lhe como pude:

— Não necessitas de levantar-te, Sobrina. Deixa-te ficar deitada e não tentes abrir os olhos.

Entretanto eu não tirava os olhos do caixão, onde o seu corpo jazia na serena paz da morte, e ergui-os depois para a forma etérea de Sobrina que, nesse momento, tinha os olhos mansamente cerrados.

Sobrina não sabia que tinha morrido! E eu, testemunha de toda esta experiência sobrenatural, mas concludente, tornei ao vestíbulo, quando já vários amigos iam chegando e que eu sondava. Embora já tivesse comunicado muitas vezes com o Além fazia-o com a convicção de ajudar uma alma a libertar-se.

Dentro em pouco, Sobrina voltou a chamar-me no momento em que pouca gente se encontrava no compartimento. A sua voz soava a indignação e desespero:

— Não posso abrir os olhos! Não posso abrir os olhos! E porquê, porquê?

— Ouve, Sobrina — disse-lhe eu num tom brusco e forte — tu foste ferida e já não precisas dos teus olhos, porque tens agora outros mais belos. Querias viajar: agora poderás fazê-lo livremente e ir onde quiseres!

Pouco a pouco todo o seu semblante se tornou mais calmo e foi numa voz muito baixa que se me queixou:

— Porque está aqui esta gente? Manda-os embora! Fazem muito barulho!

— Sobrina — disse eu —, eles não estão aqui por mal. Não lutes mais — dorme, dorme!

Foi então que eu compreendi totalmente quanto o seu fim de mim dependia. Ràpidamente, como se um anestésico sideral dela se apossasse, quedou-se inerte, numa bela e calma posição de renúncia e abandono e eu deixei o quarto tremendo, mas grata ao Senhor.

Depois de haver descansado durante algum tempo, voltei a ser chamada, mas não por Sobrina. Ao acorrer junto do caixão vi os espíritos cuidando da minha amiga, colocando-a no seu novo nimbo todo feito de branca seda, desprendido do seu corpo físico, apesar de Sobrina ainda lutar contra o alvinitente abraço com que seus irmãos a aconchegavam. Em baixo, simbòlicamente, ardiam, invisíveis, os olhos mortais, os restos do caixão e eu compreendi que as coisas mortais eram, na verdade, cinza, pó e nada e que tudo o que o homem faz no ritual do enterro é feito para o efémero do tempo que o destruirá. Só a alma permanece noutro mundo, não dependente do tempo. Sobrina já não tinha que lutar pelo apego à terra e eu via-a desaparecer para o mundo que todos havemos de conhecer um dia.

Em baixo ficava, sob o luzeiro dos círios que mansamente ardiam entre o perfume denso e capitoso das flores, o caixão onde Sobrina era agora o vulto imóvel, cuja face reflectia a majestade serena e hirta da morte oficial.

(Do «Fate», de Fevereiro de 1960)

A FESTA DA PRIMAVERA NO CENTRO LUZ E AMOR

— Senhoras e senhores, muito boas tardes. Vai começar a Festa da Primavera.

Foi assim que pouco antes das 16 horas daquele domingo 17 de Abril António Cardoso anunciou a abertura de mais uma das nossas tradicionais festas. Esta bem se poderia também chamar *Festa das Estreias* pelo grande número de estreantes que teve.

Infelizmente o programa não abriu desta vez com Maria de Lurdes Lima, aquela viva e talentosa moça de 14 anos que era a autêntica *mascote* destas realizações. Maria de Lurdes Lima está actualmente no Teatro Nacional D. Maria II, interpretando *A Visita da Velha Senhora*, e como não possui a faculdade da bilocação não pôde, evidentemente, comparecer. Também notámos com pezar a ausência de Irene Marques (da insinuante Irene Marques, como lhe chamava António Vivas), que está actualmente trabalhando no programa rádio-publicitário *Vozes de Portugal*.

A Festa abriu assim com António Vivas — uma das nossas vozes de oiro — interpretando *Ave-Maria*, de Schubert. Ao piano, como sempre, a nossa dedicada amiga professora D. Ema Cordeiro.

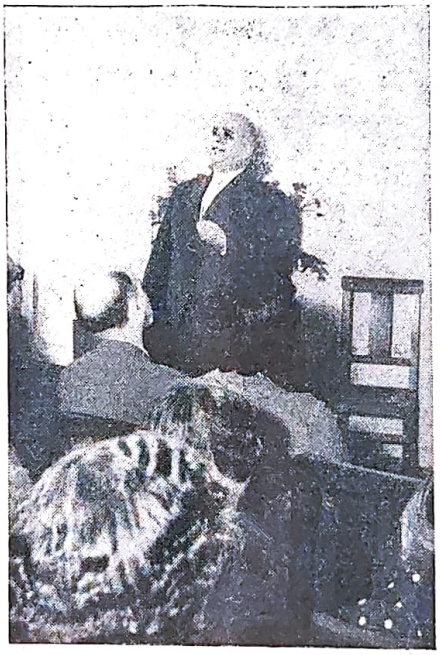
Isidoro Duarte Santos, entre vibrantes salvas de palmas, subiu em seguida ao estrado, para dirigir uma *Saudação da Primavera*. Graças ao seu verbo fluente e espírito comunicativo, conseguiu, em menos de 5 minutos, fazer vibrar toda a assistência, fazendo-a compreender todo o significado esotérico da *Primavera*, primavera no corpo e primavera no espírito.

Rudolfo Miranda foi a primeira estreia do programa. Escolheu uma bonita canção: *Tu*. Pelas palmas ouvidas, podemos acrescentar que agradou completamente.

Jorge Raimundo, o incansável e dedicado companheiro Jorge Raimundo, deliciou-nos em seguida com *Ode à Beleza*, de Miguel Torga. Poesia de grande espiritualidade, que o público muito apreciou.

Conhecem a história de uma certa *Marinela?* Nós também não conhecíamos — nem a história nem a Marinela — mas Santos Duval contou e cantou a referida história.

O Professor Coelho de Sousa é já um elemento indispensável.



Isidoro Duarte Santos na sua Saudação da Primavera

Quer fazendo ilusionismo ou contando anedotas, tudo o que faz traz sempre o cunho do seu talento. Nesta primeira actuação ofereceu-nos dois números de Micromagia e contou algumas anedotas.

Surgiu depois a 2.ª estreia: Jorge Lima. Ouvimo-lo em *El Truste de los Tenórios*, uma bonita canção.

Seguiu-se um curto episódio humorístico: *Conversa de Compadres*, numa feliz interpretação de Jorge Raimundo e Manuel Canaveira. A assistência riu muito com as saídas dos dois *compadres*, que só diziam e faziam tolices!

Mais uma estreia, a terceira: Renato Marques. Número escolhido: *Fado Trocista*. Resultado final: agrado completo.

Isidoro Duarte Santos voltou ao estrado, desta vez para nos deliciar com mais uma das suas magistrais poesias, que tanto êxito têm obtido em festas anteriores. Isidoro Santos tem alma de poeta, sentimentos de poeta e espiritualidade de poeta. Sua poesia não é moderna, nem antiga. É poesia com P maiúsculo, poesia de ontem, de hoje e de sempre. Poesia que não se confina a uma época, poesia que vence o espaço e o tempo! Desta vez deliciou-nos com a *Lágrima*, que a assistência premiou com vibrantes e intermináveis aplausos.

— Mais uma estreia, a quarta — anunciou António Cardoso — e para não destoar das anteriores, trata-se de mais uma estreia masculina: César Cabrita.

A assistência riu! Riu, e gostou de ouvir César Cabrita, pois sua voz é daquelas que não se esquecem fàcilmente.

Ivone de Sousa é um elemento da primeira hora. Sempre pronta a colaborar, seu espírito está em constante primavera. Gostámos de a ouvir na *Pintura*, uma poesia de Herculano Levy.

A 5.ª estreia (masculina, é claro) pertenceu a Rui Cunha, que escolheu um número alegre, próprio da estação festiva que atravessamos: *Estúpido Cupido*.

António Cardoso anunciou a 6.ª estreia do programa.

— Mas agora — disse ele — é uma estreia feminina.

A assistência julgou não ter ouvido bem! Podia lá ser! Mas era! Tratava-se da pequenina Aida Maria Cabral. Gostámos de a ouvir nas *Pombinhas!* Foi muito aplaudida e a sua ati-

tude deve ter-se fixado na memória de quantos a ouviram.

Jorge Lima trouxe-nos depois uma *Granada*, não de mão, mas de música. Era, como os leitores já compreenderam, a conhecida canção com esse nome.

António Cardoso num aplaudido número de ilusionismo

Plácido Pina constituiu a 7.ª estreia masculina. Declamou *Deus no Operário*. Não conhecíamos Plácido Pina. Nunca o ouvimos recitar. Mas ao escutá-lo pela primeira vez, ficámos agradàvelmente. surpreendidos pela maneira brilhante como interpretou o seu número! Parabéns a Plácido Pina!

Manuel Canaveira voltou a deliciar-nos, agora já sem o disfarce de *compadre*, mas apresentando-se tal como é. E como sempre deliciou-nos ao piano com uma selecção de músicas de sua autoria.

A 8.ª estreia — masculina, já se vê — foi feita por Camilo Matos que com *Torna a Sorriento*, arrancou fartos aplausos. E Jorge Raimundo, de novo no estrado, deliciou-nos com um soneto.

Quase no início da Festa escutámos Santos Duval que nos contou a história de uma certa *Marinela!* Pois Alberto Alves — um incansável e dedicado companheiro que nos acompanha quase desde a primeira hora — para não ficar atrás, veio-nos contar a história de uma *Maria de Lurdes!* Os elementos femininos faltaram nesta Festa: mas, como se vê, os artistas fizeram-nos avivar a sua presença...

Fernando Figueira falou-nos depois numa *Terra Strangiera* onde devem existir muitas Marias de Lurdes e Marinelas...

Festa sem Helder Padesca e Ziza Dional não é Festa! Estes amigos dedicados, intérpretes fiéis do belo canto, têm-nos acompanhado sempre e é com viva simpatia que vêm ao *Centro Luz e Amor*.

— Para este Centro escolhemos sempre os números mais difíceis, que maior responsabilidade exigem — dizia-nos há dias Helder Padesca — e isto porque encontramos ali um público selecto, apreciador do belo canto, o que muitas vezes não sucede noutros sítios onde actuamos.

Infelizmente, desta vez Ziza Dional encontrava-se doente e por isso não pôde comparecer, com grande pezar seu. Mas seu marido Helder Padesca, nem assim quis faltar, e deu-nos uma interpretação magnífica da *Romanza* do 1.º acto da ópera «Elixir de Amor.

— Senhoras e Senhores, muita atenção — disse António Cardoso—.Vou ter o prazer de vos anunciar para agora um tratamento natural para o fígado. Vêm aí os reis da boa-disposição: Fernando & Humberto.

E ainda os dois inseparáveis companheiros não tinham subido ao estrado, já a assistência ria a bom rir, antegozando os bons momentos que ia passar. De facto, assim sucedeu! Durante alguns minutos Fernando & Humberto entretiveram o público com engraçadas anedotas e canções cómicas, que provocaram francas gargalhadas! No final até os fígados mais renitentes se sentiam melhor.

Para os leitores apreciarem a popularidade destes nossos companheiros basta relatar o seguinte: como se recordam, na última festa do *Luz e Amor*, Humberto Marques não pôde comparecer, em virtude de se encontrar intoxicado com gases do emprego (Sacor). Como desta vez Fernando Santos foi o primeiro a chegar já alguns confrades, mais impacientes, perguntavam:

— O Sr. Humberto também não vem hoje?

Mais uma estreia, a 9.ª, e como é óbvio, mais uma estreia masculina: Manuel Pinhal da Encarnação, um dedicado amigo, distinto sócio da Academia Portuguesa de Ilusionismo, que deliciou a assistência com interessantíssimos truques. Foi no final muito aplaudido, tendo sido abraçado pelos seus dois colegas da referida Academia, professor Coelho de Sousa e António Cardoso.

Rudolfo Miranda veio interpretar mais um número de canto: *De Degrau em Degrau*.

Eduardo Matos é um companheiro de há muitos anos, mas só agora se estreou nas nossas festas. Deliciou-nos — é este o termo exacto — com dois sonetos, *Louvor* e *Fé*.

Santos Duval esqueceu a sua Marinela, e fala-nos num *automóvel* que não ficámos sabendo bem se é dela, se dele! E o professor Coelho de Sousa, num número inédito nos nossos programas, lê 33 definições de sua autoria, inteligentemente idealizadas, que levantaram fortes

... Como sempre, Manuel Canaveira deliciou-nos ao piano com músicas da sua autoria ...

aplausos! Ao escutá-lo lembrámo-nos desse extraordinário escritor italiano que é Pitigrilli, de que o professor Coelho de Sousa é grande admirador, e vimos que o *discípulo* de cá só honra o Mestre! Parabéns a Coelho de Sousa!

Renato Marques cantou *É Maluco e é Barato*, e António Cardoso apresentou em seguida o seu habitual concurso *Ganhe um Livro*. Desta vez o concurso foi feito em moldes diferentes. António Cardoso perguntava o autor de um livro e a primeira pessoa a responder era a contemplada. Os livros eram tentadores. Um deles tratava de experiências recentes feitas em França, e as outras eram a *Metapsíquica*, de Ivonne Castellan, *A Magia do Amor*, do Dr. Martins de Oliveira, *Psicoses da Morte e da Vida*, do mesmo autor, etc., etc. O Professor Coelho de Sousa foi o grande contemplado da tarde, ganhando três livros. D. Maria Raquel Duarte Santos ganhou também um livro, pois foi a primeira pessoa da assistência que respondeu à pergunta: quem escreveu o livro «Espiritismo», da colecção «Que sais-je?». Um confrade assíduo ganhou também um livro sobre a linguagem do pensamento, pois foi o primeiro que disse quem escreveu o livro *Os Meus Amores*.

Depois da história duma Maria de Lurdes e de uma Marinela, César Cabrita falou-nos (cantando) de um *Cuore Ingrato*, de um dos muitos «cuores ingratos» que existem a cada passo...

Isidoro Duarte Santos deu-nos mais um momento de prazer espiritual declamando *O Médico das Crianças*. Tal como na *Lágrima* mais uma vez o apreciámos.

De novo César Cabrita. Depois de nos ter falado dum *Cuore Ingrato*, talvez para esquecer suas mágoas, decidiu ir para a *Beira-Mar*.

António Cardoso apresentou em seguida dois números de ilusionismo: *Previsão pelo Telefone* e *Concurso de Beneza*. No primeiro número, apresentou dois baralhos de cartas, um de costas azuis e o outro de costas vermelhas, e pediu a um assistente que telefonasse a uma pessoa amiga pedindo para se concentrar (?!) e lhe dizer o nome de uma carta. O nosso dedicado companheiro e artista Alberto Alves prontificou-se a telefonar. Foi ao gabinete da direcção, telefonou e, ao regressar, disse que a carta escolhida pela pessoa amiga tinha sido o az de paus.

— Muito bem — disse António Cardoso — é precisamente esta a carta que falta no baralho azul, e, em contrapartida, há duas no baralho vermelho.

A assistência ficou boquiaberta! E mais boquiaberta ficou, quando Joaquim Fernandes Albuquerque, examinando os baralhos, confirmou as palavras de António Cardoso: no baralho azul nenhum ás de paus; no vermelho, dois!

Coelho de Sousa lendo as 33 definições tão aplaudidas

Rui Cunha convidou a assistência para uma longa viagem, cantando *Lourenço Marques*, e Aida Maria Cabral parece que não acreditando muito no tempo magnífico que fazia, declamou *Chuva de Maio*.

Helder Podesca, de novo entre nós, desta vez para cantar *Marechiare!* Como sempre, foi muito aplaudido!

Fernando & Humberto fizeram um segundo tratamento ao fígado dos assistentes. E Alberto Alves, ainda pensando como é que o seu amigo adivinhara a carta que faltava no baralho, voltou com *Santa Maria*.

E depois de mais um soneto por Jorge Raimundo (e de novos aplausos), Santos Duval apresentou a *Canção da Beira*.

Mais uma estreia: a 11.ª, mas esta, como não há regra sem excepção, feminina! Foi Maria de Lurdes Pina que, acompanhada à viola por Humberto Marques, cantou (e encantou) a assistência com *Lisboa à Noite* e *Saudade, vai-te Embora*. Nota curiosa: Humberto Marques é espirita e contou-nos ter assistido já a dezenas e dezenas de trabalhos, acrescentando que tem pessoas na família que são médiuns.

Com *Música Proibida*, por António Vivas, a festa ia terminar com chave de oiro. Mas não terminou, pois acabava de chegar mais uma artista, convidada por António Cardoso: Ilda Isolina. E mais uma vez se verificou que os últimos são os primeiros, pois Ilda Isolina foi, sem dúvida, a grande estreia da *Festa da Primavera*. Muito nova ainda (14 anos, se tanto), Ilda Isolina tem alma de grande artista, e certamente vai ter um futuro cheio de triunfos. Dissemos aqui o mesmo há anos da gentil Maria de Lurdes Lima, e hoje, com a sua actuação no Teatro Nacional, as nossas palavras estão-se confirmando. Declamou *Portugal de Sempre* e *Sei Recitar*, esta última poesia de Maria Helena de Carvalho. Foi muito aplaudida, sendo obrigada a voltar ao estrado para agradecer os ininterruptos aplausos.

António Cardoso agradeceu no final à professora D. Ema Cordeiro a colaboração sempre gentil que desde a primeira hora tem dado a todas as nossas realizações.

— Sem ela e seus talentosos alunos — acrescentou — as nossas Festas jamais poderiam atingir o brilho presente, por maior que fosse o nosso esforço.

Pediu à ilustre professora que subisse ao estrado para a assistência lhe tributar, numa vibrante e prolongada salva de palmas, todo o seu reconhecimento. No meio de grandes aplausos, António Cardoso abraçou D. Ema Cordeiro.

E assim, num ambiente de sã alegria, terminou mais uma Festa do *Centro Luz e Amor*, festa de prazer espiritual e de fraternidade, festa de riso e juventude, numa palavra, festa de autêntica PRIMAVERA!

PESADELO QUE PRENDEU O LADRÃO

Por VAUGH SHELTON

Em 1870 o Senhor William Bates residia sòzinho nos seus aposentos de solteirão situados no número 26 de Cottage Grove Avenue, em Chicago. Bates era o que se chama um homem circunspecto, rodando os 30 anos, cauteloso e ponderado por temperamento e desde muito novo habituado a uma estricta rotina na vida de relação e até na vida privada. Geralmente deitava-se cronomètricamente às 10 horas e costumava esconder o relógio e a carteira debaixo do travesseiro. Em certa noite de verão o até ali jamais incomodado sr. Bates teve um sonho muito estranho e tão vivo, que ao despertar quase teve dúvidas, não fosse real, tal a impressão que lhe deixara. O sonho desenrolara-se numa atmosfera de realismo impressionante e durante ele o sr. Bates despertara (em sonhos, é claro) e notou que a porta do seu quarto fora aberta muito devagar e que uma figura sombria na semi-obscuridade do aposento avançava para o seu leito. Um raio de luar fez resplandecer a navalha que o intruso empunhava e o horrorizado sonhador, pensando que ia ser friamente assassinado, lutou desesperadamente para se levantar, sem conseguir mover-se ou sequer gritar. Sem hesitações, o assaltante debruçou-se sobre o sr. Bates, para ver se realmente dormia. Este, com os olhos semicerrados não deixou de analisar e anotar todas as suas feições — olhos salientes, magro, boca estreita, barba cerrada. Para o indefeso dorminte essa cara era o fácies mais cruel que jamais vira em toda a sua vida.

A mão experimentada, deslizante do intruso buscou suavemente sob o pano do travesseiro e num segundo retirou o relógio e a carteira de Bates, fazendo-a desaparecer nas suas próprias algibeiras. Depois da silenciosa operação o homem retirou-se apressadamente para a porta, fechando-a sem ruído — deixando Bates suspirando de alívio por não ter perdido a vida. A seguir, em grande ansiedade, lembrou-se dos seus haveres, saltou da cama para chamar a vizinhança, mas a angustia e o movimento despertaram-no do pesadelo. Seria realmente um sonho? Febrilmente levantou o travesseiro: o relógio e a carteira lá estavam no sítio habitual...

Ao levantar-se, na manhã seguinte, Bates fez rir o dono da casa com a história do sonho. Mas três dias depois a anedota volveu-se em drama, pois no domingo seguinte Bates verificou, estupefacto, que tinha sido roubado enquanto dormia!

*

O ladrão não deixara rasto e poucas esperanças havia de recuperar o seu querido relógio e a sua bolsa. Apresentou queixa à polícia, desesperado, mas não mencionou o sonho com medo de ser ridicularizado. E o caso caiu na rotina policial.

Contudo, três semanas mais tarde, um assalto igual era anunciado na imprensa. A vítima deste último roubo tinha despertado, lutado com o ladrão e conseguira afujentá-lo. No dia seguinte a polícia encontrou no local da cena uma pistola, cujo gatilho exibia um pedaço de unha no disparo. Mas por infelicidade a vítima não conseguiu divisar bem o assaltante e por isso não o pôde descrever. E os dois casos cairam no olvido.

*

Dois meses após o presago sonho de Bates — que, por clarividência anterior, previra o que lhe aconteceria — o herói desta história verdadeira, agora um amador ávido de assuntos policiais e criminais, foi assistir a um julgamento sensacional a fim de apreciar o desenrolar da audiência. Sentado entre o numeroso grupo de curiosos que enchia a sala fez o possível para se concentrar nas declarações das testemunhas, mas qualquer coisa de inexplicável no ambiente o obrigava a voltar à cena do seu sonho. E desde esse momento jamais esteve tranquilo no assento que dificilmente arranjara entre a multidão que invadira o recinto.

Intranquilo acabou por mudar de posição e ao fazê-lo foi de encontro ao banco fronteiro, cujo ocupante, num movimento irado, se voltou para trás o Bates ficou com a respiração suspensa. Até mesmo de perfil acabava de reconhecer no rosto do homem a face inesquecível do ladrão do seu pesadelo!

Que iria fazer agora? Vários oficiais e comissários da polícia se encontravam na sala. Mas que diriam eles se lhe pedissem para prender um homem que roubara outro em sonhos? Era um absurdo.

Depois de muitos minutos de hesitação ante o dilema, levantou-se e decidiu-se. O suspeito compôs o colarinho e a gravata e Bates pôde ver distintamente o seu polegar direito com a unha semicortada — o que poderia ter sido feito por um gatilho ao disparar... Era demais!

Sem mais hesitações, levantou-se e dirigiu-se a um agente em serviço no átrio, o qual, depois de ouvir a história, se lembrou do pormenor da unha arrancada e que, embora com cepticismo, se resolveu a intimar o homem a explicar-se, logo que o julgamento terminasse.

*

Quando, finalmente, a multidão pouco a pouco se afastou, Bates ficou de atalaia junto do agente da polícia e logo que o homem se aproximou mandaram-no parar. A princípio o «quidam» mostrou-se indignado, e de repente, ao parecer identificar Bates, lançou-se em louca correria em direcção à rua, mas após tenaz perseguição da polícia e dos populares o ladrão acabou por ser preso e julgado. Bates recuperou o seu relógio e parte do seu pecúlio. E com esta restituição a imprensa também o galardoou com o título de «o homem que via o futuro em sonho».

Eis um caso verídico de clarividência a juntar a tantos outros.

(Do FATE, de Junho de 1956)

RELIGIÃO E ESPIRITISMO

Por Joaquim Fernandes de Albuquerque

Há muito tempo já, que eu alimentava a ideia de expor o que penso sobre Religião e Espiritismo. O assunto não é novo; mas sem dúvida alguma que é sempre palpitante, até mesmo porque as controvérsias a seu respeito não chegaram a qualquer conclusão definitiva.

Os pontos de vista expendidos entrechocam-se, visto que a matéria é deveras complexa, prestando-se de certo modo ao subjectivismo, devido à sua própria natureza.

Não escondo por isso as dificuldades que encontrei, ao forjar mais esta simples e despretenciosa tese espirita, que certamente ficará na penumbra em confronto com outras teses apresentadas.

Está aliás fora de mim o espírito de competição. De resto, seria demasiada audácia de minha parte querer ou pretender medir-me com essa enorme plêiade de figuras ilustres que tão brilhantemente exornam o Espiritismo. Isso, porém, não significa que eu não possa discordar de algumas opiniões, o que, se não lhes vai diminuir o mérito, me acrescenta o prazer de as ter analisado mediante um estudo voluntário e todo feito na ânsia de me esclarecer.

Não há Espiritismo dogmático, e é essa uma das mais belas e sugestivas legendas que se exibem à entrada do grande edifício espirita. Aqui dentro é tudo disciplina de inteligência, mercê da ginástica mental que a todos é aconselhada, para uma boa compreensão, não só dos fenómenos, mas também dos conceitos espiritas. O que se pretende é a formação de convicções fortes, à custa, não da aceitação de princípios impostos, mas de operações racionais livremente feitas por cada um sobre a matéria a estudar e que respeita essencialmente ao Espiritismo. É por isso que nele encontramos um vasto campo de acção para satisfazermos as nossas necessidades intelectuais, mantendo em constante movimento o pensamento e a razão.

Para isso, é preciso vontade de colaborar activamente. Tem sido essa a minha ideia e a minha intenção. De maneira geral, encontrei da parte daqueles com quem o quero fazer a melhor boa vontade, mas muito especialmente da parte do nosso Director, a quem agradeço a sábia orientação que me tem dado e que tenho seguido com todo o escrúpulo e rigor.

Agradeço-lhe também todos os esclarecimentos que me tem prestado, bem como o estímulo que sempre nele encontrei, manifestando-se no sentido de eu dar expressão a este trabalho, sobre o qual fixarei agora a minha atenção.

★

Aristóteles dizia que «o homem é um animal religioso».

Esta verificação é um dado objectivo da experiência.

Quatrefages, um dos mais célebres antropologistas contemporâneos, confessa que, nos seus porfiados estudos sobre as diferentes raças humanas, não encontrou nenhuma que pudesse classificar de ateia. O ateísmo puro é uma doutrina precária, alheia ao senso comum e indefensável filosòficamente.

Há na verdade em nós uma tendência para a vida contemplativa, uma necessidade de alimentação espiritual, consequência da posição que ocupamos no mundo ontológico. Essa tendência e essa necessidade ao mesmo tempo que nos aproximam de Deus levam a aproximar-nos uns dos outros, e surgem assim as relações místicas ou religiosas, que implicam uma disciplina normativa, como resultado de uma potencialidade inata. Os preceitos disciplinadores destas relações são de origem divina, são aquilo que Santo Isidro de Sevilha definia como o «Fas, lex Divina», «Preceitos prescritos por inspiração Divina, e que são a própria lei de Deus».

O homem, intuitivamente, vê que há horizontes que transcendem a sua razão, mas que existem; que são realidades abstractas; que, por isso mesmo, não se podem cientificar. É a voz do sobrenatural, voz que se não ouve mas que se sente. É a comunicação do Espírito do Criador ao espírito da criatura, no dizer de Sir William Barrett. *Nesta actuação o indivíduo é impelido ao cumprimento desses preceitos, os quais estruturam toda a teoria religiosa que, rigorosamente, está consubstanciada na «Teologia».*

Portanto, a «Religião» tem o seu domínio próprio; é uma disciplina do conhecimento humano, tal como outras disciplinas; e é autónoma, como qualquer ramo do saber. *Afigura-se-me que, no campo especulativo, o postulado agora enunciado é incontroverso, e por isso, para se chegar a conclusões práticas, não o podemos desprezar.*

Se não fosse assim, se não limitássemos devidamente as fronteiras de cada disciplina didáctica, então poderíamos, por exemplo, sustentar sem receio de desmentido que todo o conhecimento humano é filosófico, porque o «problema do conhecimento» é «Filosofia».

Em rigor, porém, não é assim. Temos que demarcar o âmbito de cada uma das matérias desse conhecimento, e desta maneira se formam as mais diversas disciplinas didácticas, independentes, quando consideradas em si mesmas; interdependentes, quando na sua vida de relação.

Contudo, há quem veja de forma diferente, e daí o aparecimento de uma corrente que afirma, por exemplo, que o Espiritismo é simultâneamente uma Ciência e uma Religião.

No livro «Têm Razão?» do notável publicista brasileiro Dr. Inácio Ferreira podem-se ler diversos depoimentos, nesse sentido.

Fora desse livro há um outro depoimento que chamou particularmente a minha atenção: é o do erudito e brilhante escritor Senhor Dr. Carlos Imbassahy, na sua obra «Religião». *Este formidável cultor da lógica formal espraia-se em luminosas considerações de ordem dialéctica para demonstrar que o Espiritismo é uma Religião, e que se podem sintetizar nos seguintes e principais argumentos:*

1.º) Excepcionalmente pode-se conceber uma Religião sem carácter sobrenatural, como acontece por exemplo com o budismo.

Portanto, excepcionalmente, o Espíritismo, pelo mesmo motivo, pode ser considerado uma Religião.

2.º) Considerando, porém, o carácter sobrenatural que as Religiões em geral possuem, ainda mesmo assim o Espiritismo é Religião, porque é a segunda parte do Cristianismo, o segundo tomo das lições do Cristo, vem dizer o que o Cristo deixou em suspenso.

3.º) Se os templos caracterizam uma Religião, o Espiritismo tam-

bém os tem: são os Centros; como, na falta destes, poderá ser a própria natureza;

4.º) Se as Religiões têm sacerdotes, o Espiritismo também os tem: são todos aqueles que, com ou sem indumentária própria, propagam e pregam o bem, a caridade e o amor;

5.º) Se as Religiões têm ritos, o Espiritismo também os tem: a colocação de um presidente à testa dos trabalhos de uma sessão doutrinária; os médiuns ou quaisquer outras pessoas que ladeiam o referido presidente, conforme as conveniências do momento; o recolhimento de todos para a prece; a designação de um médium para o recebimento da comunicação inicial; a observância de religioso silêncio durante o recebimento da mensagem inicial;

6.º) Se as Religiões têm culto, o Espiritismo também o tem: a adoração a Deus; o respeito aos Espíritos superiores; a sua invocação como Espíritos protectores nos actos espirituais, ou mesmo nas situações aflitivas da vida;

7.º) Se as Religiões têm dogmas, o Espiritismo, porventura, também tem um: admite a existência de Deus como ponto fundamental e indiscutível.

★

Analisemos o primeiro argumento: o ilustre autor do livro «Religião», começando por referir-se à declaração que Buda fez, de que vai realizar o seu empreendimento sem nenhum socorro sobrenatural, acaba, após outras considerações acessórias, por concluir que a Religião Budista, excepcionalmente, não tem carácter sobrenatural, e que, se isto se dá em relação ao Budismo, pela mesma razão se deve dar com o Espiritismo que, assim, anàlogamente, pode ser considerado como uma Religião.

Parece-me contudo indiscutível que o Budismo começa a ser uma Religião, não no momento em que Buda faz essa declaração, mas sim na ocasião em que o divinizam e em que passam a prestar-lhe culto.

A Religião Budista, conforme nota o insigne polemista, tem, como se vê, como todas as Religiões, apesar de ser excepção, um Deus e um culto próprios: Buda e o culto de Buda, por isso que, continuando a parafrasear as palavras da mesma individualidade, «os chineses se prosternam diante de Buda, como os ocidentais diante do Cristo».

Agora pergunto eu: onde é que o Espiritismo tem um Deus e um culto próprio, à semelhança da Religião budista? Se Sua Excelência me responder convincentemente a esta pergunta, dou a mão à palmatória.

Quanto à inexistência do sobrenatural, que Sua Excelência afirma ser característica da Religião budista, como aliás das outras Religiões orientais, isso não dá, como é óbvio, qualquer consistência à demonstração que o notável erudito se propõe fazer.

Por outro lado, a afirmação de que o Espiritismo é o Budismo ampliado, só porque contém alguns

Joaquim Fernandes de Albuquerque

dos seus postulados, tais como, o princípio da reencarnação dos espíritos; o karma, ou a lei de causa e efeito, ou seja a remissão da dívida pelo seu pagamento integral, o sofrimento como causa da libertação, não colhe, porque, quando muito, esses postulados, inerentes à filosofia budista, são confirmados cientìficamente *pelo Espiritismo, são, por conseguinte, enunciados com base no método experimental, como diz e com razão Allan Kardec na sua obra «A Génese».*

Desta forma, os mesmos conceitos, em relação ao Espiritismo considerado em si mesmo, participam de características idênticas às de uma verdadeira lei científica, de harmonia com o que justamente considerou também Allan Kardec.

Portanto, o que se passa é o seguinte: o Budismo afirma apriorìsticamente aqueles postulados.

O Espiritismo, experimentalmente, confirma-os e eleva-os à categoria de leis científicas, leis que, por sua própria natureza, não se podem confundir com preceitos religiosos.

A partir, pois, do momento em que o Espiritismo comprova tais princípios, eles deixam de ter carácter religioso, perdendo desde então o significado que anteriormente tinham, e só são princípios budistas, apenas no sentido de que foi Buda a primeira pessoa que, «a priori», os enunciou. E nada mais para além desse sentido.

★

Vejamos o segundo argumento: o ilustre autor do livro «Religião», admitindo o «sobrenatural» como característica geral das Religiões, afirma que o Espiritismo é a segunda parte do Cristianismo, o segundo tomo das lições do Cristo.

Partindo daquelas premissas, podemos formular o seguinte enunciado:

Se o Espiritismo é a segunda parte do Cristianismo, se é o segundo tomo das lições do Cristo, «ipso facto» ele é Cristianismo.

Se é Cristianismo, é segunda revelação, e não terceira, como sustenta Kardec, e todos nós estamos de acordo, incluíndo o notável erudito.

Logo, não há revelação.

Logo, não há Espiritismo, porque o Espiritismo é a terceira revelação.

Ocorre agora perguntar: Quantas revelações há? Duas, isto é: a Mosaica e a Cristã? Ou três: a Mosaica, Cristã e a Espirita?

Se há três revelações, conforme creio, é evidente que o Espiritismo não é Cristianismo, e é por isso que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, o considera como uma Ciência, como uma Filosofia e como uma Moral, mas nunca como uma Religião.

O Espiritismo não é Cristianismo, porque é a terceira revelação.

Allan Kardec, com as responsabilidades que contraíu, não se podia pronunciar em termos vagos e imprecisos, nem contradizer.

Há que notar ainda que, quando os espíritos iluminados falam, em suas comunicações, dos evangelhos, confirmando-os, interpretando-os ou desenvolvendo-os, isso constitui o que Kardec denomina, e muito bem, de consequências morais de uma ciência de observação, que são a

conformação e a prova dos grandes princípios da religião.

Ora, é evidente, que a conformação de uma ciência com a religião no que respeita às suas consequências, não tira àquela o carácter de ciência ou lhe acrescenta o atributo de religião, mas tão sòmente a faz entrar na sua vida de relação com esta, porque uma coisa é a ciência em si mesma, e outra, a ciência na sua vida de relação.

Poder-se-á, contudo, objectar que, por isso, o princípio da reencarnação é também uma consequência moral da Ciência Espirita.

Porém eu replicarei, utilizando, em relação a esse princípio, a seguinte síntese de Kardec: «O Espiritismo não estabelece teoria alguma preconcebida e assim não dá como hipótese, nem a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípio da doutrina».

Cá está: o Espiritismo, quanto ao princípio da reencarnação, além de outros que para este caso pouco interessam, actua sem qualquer ideia preconcebida, o que pode não acontecer, quando os espíritos iluminados falam, em suas comunicações, dos Evangelhos, e é por essa razão que aquele princípio reveste o carácter de uma autêntica lei científica, como já referi, e não de uma consequência moral da aludida Ciência Espirita.

É evidente, da mesma forma, que, quando o Espiritismo, no que respeita também às consequências, prova os grandes princípios da Religião, não é por isso uma Religião, como se infere do exposto, pois que está vivendo a sua vida de relação com ela.

Portanto, o Cristianismo relativamente ao Espiritismo é extrínseco; relativamente ao Catolicismo e Protestantismo é intrínseco. E deste modo se explica que o Espiritismo não é Cristianismo e, por conseguinte, Religião. *Não é Religião, nem em relação ao Cristianismo, nem em relação a qualquer outra Religião.*

★

Passemos agora ao terceiro argumento: o ilustre polemista sustenta que o Espiritismo tem templos: os Centros, porque, segundo ele, o templo pode ser qualquer local, até mesmo a natureza, visto que Deus está em toda a parte e em todo o lugar.

Ora, se é certo que Deus está em toda a parte e em todo o lugar; se é certo que em qualquer parte e em qualquer lugar nos podemos pôr em comunicação com ele, mediante a oração, não é menos certo que, se esta for feita num local qualquer, por exemplo, num Centro Espirita, ou mesmo na nossa casa, não está sendo proferida de um templo.

O conceito de templo é de certo modo objectivo: lugar destinado ao culto, exercido pelos crentes, sob a orientação de sacerdotes, mediante um formalismo simbólico, denominado ritual. *Este conceito é tradicional, e penso que não merece a pena proceder-se a uma revisão da História, para verificar que ele se ajusta àquele enunciado.*

A casa de Deus, foi, é e será sempre um templo, e não qualquer lugar; se bem que, na verdade, em qualquer lugar nos podemos pôr em contacto com Deus. O facto de ele ter casa própria, isso não significa que o não possamos procurar fora dela, da mesma maneira que no dia-a-dia da nossa vida podemos procurar um amigo em sua casa ou fora dela.

De resto, quando Jesus-Cristo faz qualquer alusão ao templo — *chama-lhe sempre a «casa de meu Pai», isto é, a casa de Deus.*

Suponho, pois, não ser preciso mais para se concluir que um templo não é um lugar qualquer, mas um local próprio para a oração, nos termos acima postos, e que, por esse motivo, os Centros Espiritas não são templos. Pode-se neles fazer uma prece a Deus, como na rua, como na casa onde habitamos, mas, como se infere do que ficou dito, isso não quer dizer que sejam templos.

★

E verifiquemos o quarto argumento: admite o autor do livro «Religião» que o Espiritismo, tal como outras Religiões, tem sacerdotes, que são todos aqueles que, com ou sem indumentária própria, pregam e propagam o bem, a caridade e o amor.

Isto não basta. O Sr. Dr. Carlos Imbassahy continua a argumentar formidàvelmente dentro dos princípios lógico-formais, é certo, mas sem o rigor exigido pela técnica especulativa. Sim, porque tudo tem uma técnica de que não podemos abdicar, sob pena de entrarmos no domínio da conveniência dialéctica. Sendo assim, todas e quaisquer manifestações do conhecimento humano, não se podem pautar no subjectivismo, quando há elementos objectivos para as justificar.

É por isso que ilustre autor do livro «Religião» não consegue, da mesma forma, demonstrar que o Espiritismo tem sacerdotes, demonstração que, aliás, em referência a este assunto, ele, mesmo com um critério rigoroso, jamais o conseguiria fazer. É que o sacerdócio é um magistério próprio e privativo de cada Religião, magistério em que a finalidade essencial é a orientação e direcção do que a ela respeita.

Sacerdotes, há-os em todas as Religiões; que exercem um magistério bem determinado, como o médico, o advogado, o engenheiro, etc. O sacerdote é o técnico de uma Religião, como o advogado o será do Direito, o médico da Medicina, e o engenheiro da Engenharia, o que não quer dizer que não possa haver simples estudiosos que dissertem sobre Religião, sobre Direito, sobre Medicina e sobre Engenharia. Mas o que é indiscutível é que o estudioso que disserte sobre Religião, ou que pregue ou propague o bem, a caridade e o amor, não é sacerdote. Da mesma forma, o que disserte sobre Direito não é advogado, e assim sucessivamente.

Daqui se infere, como não pode deixar de ser, que o Espiritismo não tem sacerdotes, exercendo o seu magistério próprio.

★

Agora, o quinto argumento: o Senhor Dr. Carlos Imbassahy sustenta que o Espiritismo tem ritos, porquanto, para ele, são-no a colocação de um presidente à testa dos trabalhos de uma sessão doutrinária; a posição que este toma quando se faz ladear de médiuns ou quaisquer outras pessoas, conforme as conveniências do momento; o recolhimento de todos ou quando todos se levantam para a prece; a designação de um médium para o recebimento da comunicação inicial; a observância de religioso silêncio durante o recebimento da mensagem.

Se, à constituição da mesa que orienta e dirige uma sessão espirita, bem como ao respeito e compostura que todos, nessa sessão, devem manter, chamarmos rito, então podemos dar a mesma designação à constituição, por exemplo, da mesa de uma assembleia geral, ou à constituição da mesa de certa sessão, embora não espirita, que se está efectuando em determinada associação e bem assim ao respeito e compostura que os assistentes mostram observar durante o curso dos trabalhos, o que seria um absurdo.

(Conclui no próximo número)

O BUZIO

O homem chorou sobre as algas do seu naufrágio.
Estendido em dois sobre a terra e a espuma, chorou.
Mas este cântico da terra, medido pelas ondas e pela noite,
não nasceu do sentimento da morte. Foi só cântico.
E então voou sobre a Lua uma ave negra,
e grasnou com o vento por cima do silêncio da beira-espuma,
e fez longas voltas em torno do homem e das algas,
e fugiu depois, aberta e terrível, para o fundo do espaço fundo.

E o homem chorou sobre as algas do seu naufrágio.
Sentia nas palmas das suas mãos o corpo de uma mulher nua.
O céu, sobre a sua cabeça, abria-se numa flor de sussurros.
Estavam ali, de novo, as esperanças e as ansiedades,
mil verdades remotas, desejos e lembranças da cidade
nas tardes lilazes em que fora contente.
E então voou sobre a Lua uma ave negra,
e grasnou com o vento por cima do silêncio da beira-espuma,
e fez longas voltas em torno do homem e das algas,
e fugiu depois, aberta e terrível, para o fundo do espaço fundo.
E o homem chorou sobre as algas do seu naufrágio.
E disse:

Vem, ave negra. Quero que venhas e que tragas o fim
de tudo. E se não posso deixar de verter estas lágrimas,
é porque uma grande flor, feita da saudade dos desejos,
ficou a murchar perpètuamente no meu peito. Não tragas
mais nada, ave negra; só o silêncio da noite, sem algas
e sem mistério, para que seja capaz de esquecer quanto
foi inútil o meu Cântico de honestidade e de amor.

E então voou sobre a Lua uma ave negra,
e grasnou com o vento por cima do silêncio da beira-espuma,
e fez longas voltas em torno do homem e das algas.
E quando o homem se entregava à ilusão desta morte,
o grande pássaro voou mais perto dele
e deixou cair um búzio sobre a beira-espuma.
E depois o homem pôs-se a escutar no búzio.
E alucinado de novas esperanças renascentes
pensou na forma longa do seu corpo estendido
e ouviu e viu a grande massa do mar.
E só então, e por fim, percebeu que o búzio contém o mar.

ROCHA DE SOUSA

DELFINO FERREIRA escreveu...

De quantos grandes nomes que têm marcado em em toda a história da Humanidade, vultos invulgares, por qualquer aspecto, nenhum verdadeiramente ímpar como o de Jesus de Nazaré. E isto de tal modo, que mesmo fora do âmbito da cristandade, o só nome Jesus identifica, de pronto, excluídos todos os homónimos, aquele que há cerca de dois milénios a Palestina, o Israel de hoje, deu ao nosso mundo. Nenhum outro nome, de celebridade nenhuma, de qualquer fase da vida humana, de qualquer época adquiriu, na memória dos povos, esse cunho de eternidade. Mesmo quaisquer daqueles que mais de perto, por qualquer forma, do amor ao ódio, se envolveram em sua vida, ou vieram a participar das consequências dela oriundas, não têm seus nomes tão vivamente marcados de tal perenidade, ainda mesmo no círculo religioso. E os que neste como no da história repontam, com maior ou menor presença, devem tal acontecimento à imortalidade do nome de Jesus.

Todavia, nenhuma personalidade há sido tão discutida; nenhuma de biografias tão díspares; nenhuma de leementos realmente históricos tão incertos, discutidos, afirmados e negados. Tudo na vida de Jesus é causa de controvérsias e de suas variadas consequências. Sentindo, já em seus dias, o fragor das dissenções, foi, por certo, que o seu poder de análise e de previsão o levou, quiçá com tristeza, a afirmar não ter vindo trazer paz ao mundo, mas a espada.

Assim é que todos o discutem: uns, impulsionados por sagrado amor à verdade; outros, movidos pelo despeito; ainda pela vaidade de erudição ou da descrença, da irreligiosidade, que é a pior das vaidades, negam-lhe, desde a existência (e isto até em obras mediúnicas!) as virtudes, os feitos, não raro tudo destorcendo, quando não denegrindo-lhe a personalidade, a vida, a obra e seus propósitos; e, por fim, muitos o exaltam, divinizam-no, fazem dele um deus, um taumaturgo, quando não pròpriamente Deus, movidos pelo fanatismo, por exaltação religiosa, ou, o que é pior, por cegueira sectária, por interesses de organizações religiosas, exploração da fé por intuitos diversos, etc., etc. Não com plena autoridade; e com segurança da verdade, ninguém.

Incertas são as datas e os lugares de seu nascimento e de sua morte. Incerta sua genealogia. Incertos os motivos de ordem moral, religiosa e política que o levaram ao suplício da cruz. Discutida ainda hoje sua *causa mortis*. Até sua corporeidade, como mesmo a natureza de sua missão, continuam discutidas e motivo de dissensão. Em consequência, por ângulos diversos, por prismas até antagónicos, vem sendo apreciada a personalidade de Jesus; e as razões que sustentam seus respectivos defensores, como os argumentos contrapostos pelos contrários, por excederem os limites de artigos de jornal, formam notável bibliografia, que vem dos primeiros tempos do cristianismo. E mau grado tudo, o problema continua insolúvel. Nos próprios evangelhos não encontramos norteação segura, indubitável. Tanto que, apoiados neles se degladiam apologistas de teorias opostas.

No seio mesmo do Espiritismo, onde não devera ter guarida, em vez de Jesus e dos evangelhos o codificador haver tomado para a doutrina — filosófico-científica — apenas o Ensino Moral, donde o seu aspecto religioso, consequente, e isto por não ter encontrado outra mais alta nem mais pura, o problema da personalidade de Jesus não se apresenta definido, nem pacífico. Em resultância esta falta de unidade de ponto de vistas invadiu, como natural e perfeitamente compreensível aos conhecedores da doutrina e da fenomenologia espiríticas, o campo fenoménico e, daí, manifestações mediúnicas contraditórias, o que, todavia, não infirma a verdade do Espiritismo. Para os que o estudam a fundo, repitamos, isto não surpreende. Nem decepciona. E para tal estudo, nesse particular, basta recorrer, a sério, ao «Livro dos Médiuns», após leitura atenta de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec.

E uma vez que citámos estas duas obras básicas do Espiritismo, ocorre-nos lembrar que na primeira um espírito superior definiu Jesus como Médium de Deus.

De nossa parte entendemos que, salvo sentido figurado, tal não seja possível, face à concepção que o Espiritismo nos dá de Deus e do que nos ensina relativamente ao processamento do fenómeno mediúnico. Quanto a este sabemos que dois elementos indispensáveis se conjugam para sua realização: o médium, criatura humana, instrumento de mediação, espírito encarnado, e o comunicante, o agente, espírito desencarnado. No caso afirmado temos o primeiro elemento, Jesus, o homem. O Espiritismo, mau grado proclamar divina a missão e de natureza excepcional o espírito de Jesus, o tinha como homem, dotado de corpo carnal, tendo nascido e morrido como qualquer outra criatura. (Ev. Cap. I n. 4 e Gen. Cap. X, ns. 64 e 65, seg. o Espiritismo).

Vejamos, agora, o segundo elemento: o espírito comunicante. No caso, Deus. Qual, porém, a ideia que dEle fazemos? Como o Espiritismo nos ensina a concebê-Lo? Daquela mesma forma apresentada pelo Cristo à samaritana, junto ao poço de Jacob, isto é, que Deus é Espírito. Não disse o mestre «Um» nem «O» espírito. Com apenas três palavras, sem, todavia, por impossível, dar uma definição, nos legou a mais perfeita ideia de Deus, a «Suprema Inteligência», consoante resposta dos Espíritos a Kardec. (Livro dos Esp. Parte I, Cap. I n. 1). Ao demais todo o ensino da filosofia espírítica e o das grandes religiões, em concordância apreciável, estabelecem uma fieira de atributos que a nossa inteligência, ou a nossa razão, ou talvez melhor, a nossa intuição, elege indispensáveis à plenitude, digamos funcional, de Deus. E é assim que os homens (quando não O negam) universalmente O afirmam «Eterno», ou seja sem começo nem fim, quer no tempo, quer no espaço, donde, pois, «Incriado, Infinito». E insatisfeitos vamos à redundância e alinhamos uma série de sinónimos como atributos divinos, entre eles o de «Omnipresença», pelo qual Ele está em toda a parte, assim, pois, interpenetrando e transcendendo os mundos e os espaços entre eles de todo o Universo, que por sua vez é infinito, não se constituindo apenas dos mundos do nosso modesto sistema solar.

Disto decorre que sendo Deus Espírito, não há como não ser igualmente infinito. Daí, como poderá,

dado não ser como qualquer de nós, o Cristo inclusive, «Uma» individualidade, «Um» espírito, limitado, finito, utilizar-se de um aparelho mediúnico? Na terra ou planeta outro qualquer, por mais espiritualizado, «moradas» que são todas na «casa» (infinita) do Pai?

Estará em erro, então, «O Livro dos Médiuns», com a afirmativa em apreciação? De modo algum.

Que nos ensina a doutrina codificada quanto à posição, às condições dos espíritos após a desencarnação? Não nos diz que conservam seus pontos de vista, suas opiniões, não se transformando seus conhecimentos por isto? Que além do mais o pensamento do comunicante não se filtra cem por cento, face às razões que a doutrina explica? E, ainda, que os ensinos vão sendo dados oportuna e progressivamente? Kardec mesmo não recebeu alguns com a recomendação de guardá-los, estudá-los até segunda ordem?

De certo modo, aliás, esta ideia de Jesus-médium já era discutida muito anteriormente ao advento do Espiritismo. Cerinto, por exemplo, um gnóstico, pregava, e criou prosélitos, que o Cristo se ligará ao homem-Jesus no momento do baptismo, vindo a separar-se dele no momento da paixão, de sorte que a Jesus coube sofrê-la. (Isto faz lembrar o que ocorre por vezes com os nossos médiuns curadores, receitistas, passistas...)

Segundo a doutrina de Cerinto, pois, temos Jesus-médium, não de Deus, mas do Cristo, o que lembra o admitido no induísmo, em que Krishna é *avatar* de Vishnú, entidade nessa religião mais ou menos como Cristo entre nós. E Krishna costumava dizer que Vishnú falava por sua boca...

Desta maneira há que distinguir, portanto, Jesus do Cristo. Todavia cumpre não confundir-se, neste passo, a questão do Cristo histórico e do Cristo cósmico, segundo a qual a vida de Jesus, ou melhor, sua acção sobre a Terra, se limita, no primeiro caso, ao que dele se sabe de Belém ao Calvário; e no segundo, aos tempos de «antes da Terra ser» ao longínquo «depois», invislumbrável ainda nas linhas indecisas do horizonte de um futuro sem tempo... A tese é outra, como é fácil de verificar. Continuemo-la, citando, para concluir, que há poucos anos, semelhantemente a Cerinto, mas apoiado no filósofo alemão Rudolf Steiner, o escritor francês Edourad Shuré, defendeu a tese em foco, argumentando em seu livro «A Evolução Divina» que, sendo o Cristo «o próprio verbo solar» não poderia encarnar no corpo de uma criança: «não poderia seguir, como vulgar às demais criaturas, por mais elevadas, a estreita fieira da evolução animal que reproduz a gestação da criança; não poderia submeter-se a sofrer o temporário eclipse da consciência divina como é lei inevitável a toda a encarnação». Precisaria de um corpo já adulto, evoluído a justo grau de perfeição e pureza, diz o autor, e acrescenta: «Este corpo o forneceu o povo judeu na pessoa do Mestre Jesus, filho de Maria». Além disto, continua, «era preciso que do nascimento ao instante do Cristo tomar posse do seu habitáculo humano, o corpo do Mestre Jesus fosse apurado e posto em condições de, homem quase divino, poder oferecer seu organismo em holocausto, como um vaso sagrado, ao deus feito homem, e recebê-lo». Prosseguindo, o A. nos apresenta o quadro do baptismo no Jordão. É aí que o Cristo se incorpora em Jesus, cujo espírito lhe abandona o corpo definitivamente, não vindo pois a sofrer o suplício da cruz, contràriamente ao exposto por Cerinto, ao nosso ver mais lògicamente.

Os quatro evangelhos canónicos afirmam o facto da «descida do Espírito» sobre Jesus no instante de sua emersão das águas do rio. E Lucas, mais preciso neste passo, diz: «E Jesus «cheio» do Espírito Santo voltou do Jordão e «foi levado» pelo Espírito para o deserto».

Ensinou o dr. Canuto Abreu, em aula na Federação Espirita do Est. de S. Paulo, num Curso ali ministrado, que, em teologia, um espírito descer sobre alguém significa encarnar-se nesse alguém, embora, passageiramente (incorporar-se). Outra coisa, pensamos, não se pode compreender da expressão «Cheio do Espírito», empregada por Lucas, que não a condição de mediunizado.

Concluíndo queremos esclarecer que abordando esta tese final, o fizemos apenas por nos parecer de relevante interesse, tanto para o Espiritismo como para o estudo crítico e comparativo, no campo religioso, tudo quanto se relacione com a personalidade de Jesus. E sobretudo por sobrelevar o cunho iniludìvelmente cultural do Espiritismo, que, por isto mesmo, não se apresenta, por nenhum de seus três aspectos, hermético nem sectário.

Outrossim cabe destacar que, conquanto haja adoptado como sua a «Moral Cristã», não importa directamente ao Espiritismo tudo o mais concernente com o Cristianismo como religião «constituída» em torno, já hoje, mais do nome de Jesus do que dos seus ensinamentos. Desta maneira, repitamos, como o que de Jesus nos interessa é o ensino da sua moral — que, aliás, ele dizia não ser dele, mas do Pai, que o enviara — o que a respeito da sua personalidade hajam pensado ou pensem os homens é problema das igrejas, das organizações religiosas, não pròpriamente nosso, do Espiritismo. Daí virmo-nos de muito pleiteando a denominação de «Cristianismo Espirita» (claro que para os cristãos...) em substituição à, realmente imprópria, de «Espiritismo Cristão», abrindo desta maneira na religião cristã mais uma compartimentação no seu numeroso quadro de «denominações», mantendo o Espiritismo em seu carácter de «Unidade», universalista, denominador comum de todas as religiões, a que ele está capacitado de iluminar.

JESUS, ETERNA INCÓGNITA

Os Curadores Espirituais Segundo o Espiritismo

Por
José Lhomme

Ao preparar o Congresso Nacional, lembrei-me das horas agradáveis em que, mais aluno do que colaborador de José Lhomme, fui seu assistente com o fim de publicar, durante os anos sombrios da última guerra, a primeira edição dactilografada e multicopiada do livro «O Médium Curador» que a Union Spirite Belge recomenda a todos os que queiram devotar-se aos seus semelhantes.

Ao coligir as respectivas notas encontrei a cópia de um estudo que aquele confrade me dera e que nunca tinha sido editado.

O Congresso de 1958 deu-me ocasião de a publicar, o que não deixará de regozijar todos os amigos deste trabalhador infatigável.

A. Donnay

Um dos maiores benefícios que o Espiritismo nos dá é a acção caridosa que exerce através de médiuns curadores.

Numerosos são aqueles que, no último extremo, solicitam o auxílio dos curadores que a ciência oficial não quer reconhecer.

De duas uma: ou o facto de impor as mãos sobre um doente, invocando os espíritos, produz curas verdadeiras, atestadas por testemunhas dignas de fé e então esta prática merece ser comprovada, estudada e até aplicada sistemàticamente pela Medicina oficial, quando a terapêutica clássica é impotente, ou a imposição das mãos sobre a fronte constitui apenas um simulacro, uma comédia ridícula que não se deve tomar a sério, senão como jogo pueril!

Que se passa, então?

Longe de estudar o problema, as universidades repelem do seu ensino tudo *o que se relaciona com os fenómenos psíquicos.*

Há coisa de um século, o Barão Du Potet já se dirigia aos médicos nestes termos:

«A ciência está à vossa porta e vós não a quereis abrir; suplica-vos e vós insultai-la; muitos de vós ultrajaram-na; até lhe bateram e esta filha divina não cessa de vos implorar».

Tais palavras poderiam ser repetidas hoje, sem que a maioria dos sábios beneficiassem de circunstâncias atenuantes.

Felizmente a ciência, *a verdadeira ciência que não conhece* os interesses mesquinhos de uma casta de intelectuais, nem os seus dogmas, nem a sua capacidade; *que teme* a atracção das ideias, a colisão das opiniões, a ascensão das verdades novas; *que examina, olha, consulta, adopta, evoluciona, aquela ciência produz ardentes pioneiros* que trabalham na sombra das escolas oficiais, trazendo incessantemente os materiais do novo edifício, a maioria dos quais se imporão *amanhã* aos mestres da hora presente.

No entanto repete sempre aos conservadores do nosso património intelectual a seguinte regra ditada outrora pelo grande *William Crookes,* ilustre físico de que se orgulha a Grã-Bretanha:

«Parar de repente nas investigações que prometem alargar os conhecimentos; hesitar com medo das críticas hostis seria expor a ciência à crítica, porque o investigador deve caminhar em frente, *explorar* em todos os sentidos, polegada-a-polegada, com a razão por lema, seguindo a *luz* por toda a parte, onde nos possa conduzir, mesmo quando pareça um fogo-fátuo!»

Este quadro iluminado por um pensamento de esperança e fé desperta energias nos que se inclinam servilmente perante o dogma científico.

Por outro lado, embora nós olhemos de mais alto a evolução das ideias que iluminam a humanidade; embora nos elevemos a cima das contingências terrestres; embora consideremos através dos tempos a queda dos ídolos com cabeça de bronze e pés de barro que, sucessivamente e laboriosamente, as gerações humanas ergueram, vemos que Deus tem vias imponderáveis para fazer triunfar a verdade.

É por isto que a *Sabedoria Permanente* conduz o imperfeito a destino superior, sem se importar com as *fórmulas humanas* e com os *obstáculos* que a nossa ignorância lhe quer opor.

Mas, se nela podemos confiar, Ela exige, pelo contrário, que a criatura colabore na obra divina, conforme a sua capacidade, a fim de que mais tarde, considerando as fases percorridas e as dificuldades vencidas, a Lembrança das trevas lhe faça apreciar a felicidade inefável da luz.

A minha tarefa está lançada; portanto mãos à obra; traga cada um a sua pedra para juntá-la à dos outros trabalhadores e investiguemos unidos, se a medunidade curadora tiver títulos de crédito, se possuir as virtudes que os seus ardentes partidários lhe conferem generosamente.

Títulos de crédito! Mas não existem eles, desde que o altruísmo chegou ao nosso planeta?

A cura espiritual é um facto que se deu em todos os tempos e em todos os meios; *há milhares de anos,* como nos nossos dias; *entre os selvagens* e os civilizados, nas igrejas ortodoxas e sismáticas. Sempre houve milagres e «miraculados» a favor de todas as crenças: cristãs, islâmicas, budistas, tauístas, feiticistas ou pagãs.

No seio da floresta ou no *abrigo dos templos,* muitos doentes encontram alívio e saúde.

A história religiosa cita os nomes empíricos que possuem um dom maravilhoso, como o imperador Vespassiano Apolónio de Tiana, Luís XIII, Arnaldo de Villeneuve, Van Helmont, o pai da Anatomia, Mesmer, Puységur, que atrairam numerosos sofredores e muitas vezes também a cólera da Igreja.

E hoje não possui cada país os seus taumaturgos?

E entre nós não há modestos instrumentos da bondade divina, humildes perante os homens e grandes diante de Deus, que asseguram

a difícil e delicada missão de curar os corpos e as almas?

E por toda a terra o estudo das manifestações psíquicas e espiritas juntam novos raios à auréola dos médiuns sobre os quais paira a *venerável e sublime figura do Cristo.*

Ao justo, por excelência, quisemos reservar o lugar de honra, porque ele *conseguiu mostrar a estrada a todos*, associando o brilho da sua missão de apóstolo e de guia da humanidade ao facto psíquico que disputa a atenção dos homens.

Seja nos caminhos do templo, seja entre a multidão ignorante ávida de encontrar nele o libertador, vemo-lo, ensinando a mansidão e o perdão e curando toda a espécie de doenças.

Numa modesta túnica de lã vai de Corazin a Betsaída, a Cafarnaúm, a Jerusalém, *pregando* aqui nas sinagogas e nas margens do mar da Galileia, *cimentando a sua missão* de reformador religioso, livrando os obsidiados, os lunáticos, os paralíticos e os cegos.

Jesus, na verdade, foi o tipo perfeito do *curador.*

Querem a prova? Vamos abrir os Evangelhos:

«Depois, de descer da montanha uma grande multidão o seguiu.

«E eis que um pobre farrapo humano, um leproso coberto de chagas, se deita o seus pés e lhe diz:

«— Senhor, se quiseres, podes curar-me.

«Jesus, cheio de compaixão estendendo a mão lhe diz:

«— Eu quero; serás curado.

«E logo o infeliz leproso se curou».

Assim, a força radiante de Jesus o libertou de um mal terrível, de um mal fisiológico.

Em Cafarnaúm, um centurião vem à sua presença, implorando:

— Senhor! o meu servo está de cama, paralítico e atormentado.

E Jesus lhe responde:

— Irei curá-lo.

O centurião, não contente com isto, objectou:

— Senhor! Eu não sou digno de que entres na minha casa, mas diz uma palavra e o meu servo será curado, porque eu, que estou sob o poder de outrem, tenho subordinados e digo a um: «Vai», e ele vai; e a outro: «Vem», e ele vem, e ao meu servo: «Faz isto», e ele faz.

Jesus ouviu-o, ficou admirado e disse aos que o seguiam:

— Em verdade, nunca encontrei tão grande fé, nem mesmo em Israel.

Então disse ao centurião:

— Vai e que seja feito segundo a tua fé.

O Evangelho afirma que nessa mesma hora o servo foi curado. (Mateus XIII, 5 e seguintes).

Depois deste prodígio, iluminando a radiação *da força psíquica,* Jesus seguiu o seu caminho, dirigindo a todos as *verdades espirituais ocultas sob o véu da parábola,* quando um infeliz se lhe apresentou, exclamando:

— Mestre, põe os olhos no meu filho único. Um espírito dominou-o, obriga-o a gritar, agita-o violentamente, fá-lo escumar e só o deixa depois de quebrar tudo. Eu pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas não puderam.

Jesus chamou a criança, repreendeu severamente o espírito, que saíu dela, e a criança ficou curada.

Então os discípulos, profundamente maravilhados, falaram em particular a Jesus e perguntaram-Lhe porque não tinham eles afastado aquele espírito imundo.

E Jesus respondeu-lhes:

— Por causa da vossa incredulidade; se tivesseis fé, como um grão de mostarda, dirieis àquela montanha: Transporta-te daqui para ali. Ela se transportaria e nada vos seria impossível. Mas esta espécie de espírito só sairá pela prece e pelo jejum.

Quem não reconheceu ali o triste quadro, não da doença nervosa, nem da doença orgânica, mas o da psicose espiritóide chamado obsessão?

Aqui, a causa do mal é exterior: Jesus reconheceu-a terminantemente.

Sem fórmula cabalística, sem sábio exorcismo, mas apoiando-se na fé em Deus, na força espiritual que lhe confere o seu desapego terrestre e na prece, fê-la cessar, tendo *moralizado prèviamente o espírito obsessor com grande autoridade.*

Não haverá aqui uma profunda lição para os temerários que julgam afrontar os espíritos inferiores, apenas com a sua vontade e a sua razão?

«E os coxos — diz o Evangelho — voltaram curados; os cegos viram; os surdos ouviram; os paralíticos levantaram-se do leito e os obsidiados foram libertados, enquanto a *multidão reconhecida louvava e glorificava a Deus.*

Tudo isto confunde os que apenas se baseiam na ciência material.

— Ainda acreditam em *semelhantes lendas,* que dão ao homem o poder maravilhoso da matéria radiante? — perguntarão eles —.

Não sabem que a alma é uma substância *etérea* que o desejo confiante torna permeável aos fluidos da mesma natureza.

Ignoram que no espaço geramos ondas capazes de influenciar à distância um sujeito receptivo; *que a dúvida* cerceia o entusiasmo do nosso espírito receoso de aventura muito arriscada no vasto desconhecido e *quebra* os liames que o unem ao invisível.

Havia também sábios e pessoas sensatas em Nazaré, *onde Jesus fez poucos milagres* devido à incredulidade dos seus habitantes, como diz o Evangelho.

Esta confissão confirma a lei divina que faz depender a cura do estado espiritual do doente e utiliza o sofrimento como fim do progresso da alma.

Sofremos apenas pelas nossas imperfeições morais.

Por ter dito isto, morreu Jesus infamado há dois mil anos.

Os séculos passaram e o mundo permanece dividido em dois campos: os crentes e os cépticos.

No século vinte novas vítimas do dever pagam ainda, *com a sua liberdade* ou *com os seus bens,* o direito de aliviar e curar.

Mas a *verdade está em marcha* e a hora vai soar.

Esperemo-la. A voz do povo subirá muito alto, para avisar os responsáveis de que é um crime recusar a cura das doenças.

(a concluir)

(De «Spiritualisme Moderne» traduziu C. A.)

A FELICIDADE FUTURA

Para se poder apreciar um estado superior é preciso saber elevar-se para ele, porque não se poderia gozar um bem que se não compreendesse.

Não vemos nós, mesmo sem sair da vida ordinária, multidões incapazes de fruir os prazeres estéticos, de apreciar a beleza, de sentir emoções elevadas? . . .

Não busquemos, pois, o porquê e em que consistirá a felicidade futura.

O nosso prévio desenvolvimento é a condição necessária não só para obter, mas também para compreender essa felicidade. Baste-nos saber que resultará, necessàriamente, **dos progressos evolutivos.**

Dr. GUSTAVE GELEY

FOTOGRAFIA ESPIRITA

Materialização do eminente sábio checo DR. PURKINJE

A reverenda Josette Thomas pertence a um centro espirita, situado em São Francisco, Estados Unidos, chamado acertadamente «O Espiritista Allan Kardec», pois seus propósitos são difundir a doutrina kardequista nesse país.

No referido centro, em 20 de Março de 1950, a Rev. Thomas e mais três médiuns tentaram obter fotografias espiritas e para isso se muniram de películas sensíveis aos raios infravermelhos e de uma máquina Leica, que se colocou em frente de uma cadeira de braços, na qual se foram sentando os médiuns (um por cada exposição).

Desejavam-se captar dessa maneira imagens espiritas, em plena obscuridade, mesmo sem o magnésio que se costuma usar em casos semelhantes.

Também não se usou gabinete nem cortinas. Ninguém caiu em transe, nem houve traços de ectoplasma no decorrer da sessão. As paredes da sala estavam desnudadas, o mesmo acontecendo com a parte superior de um piano, cujo teclado ficou oculto. Além disso, para que se não produzisse resplendor inesperado tiraram-se os relógios, pulseiras e alfinetes, que foram levados para um quarto contíguo.

Fotografia psíquica obtida pela médium Rev. Josette Thomas, em S. Francisco (20-3-958). Diz tratar-se do sábio Purkinje

Tiraram-se quatro fotografias nos momentos indicados pelo guia e cada exposição durou uns quinze segundos, sem magnésio, pois, segundo disse a Rev. Thomas, «o que interessava captar era a imagem dos espíritos e não a dos médiuns». As quatro exposições deram resultados positivos, mas por pouco se não perderam alguns negativos, pois o fotógrafo que revelou a película assustou-se, temendo que «esses espíritos lhe perturbassem o sono ou lhe causassem pesadelos. Como as películas não estavam marcadas, não se pôde saber que médium estava sentado no cadeirão, quando se tirou a fotografia de que nos ocupamos e que foi a melhor das quatro. Disse a Rev. Thomas que «isto não significaria que ela tivesse provocado o fenómeno, o qual poderia atribuir-se a qualquer dos outros três presentes. Não é necessário que o médium de faculdades psíquicas poliglandulares esteja sentado em frente da máquina para obter uma fotografia na obscuridade com películas infravermelhas. Contudo é indispensável que esse intermediário esteja presente na sala, e bem perto do vértice de forças psíquicas que se forma no centro do aposento, entre a objectiva e o médium que está sentado em frente dela». A isto acrescenta que «é impróprio dizer que fotografamos espíritos. Eles é que imprimem as imagens sobre a emulsão fotográfica».

O negativo não ficou igual aos negativos vulgares, pois oferecia a peculiaridade de possuir uma imagem positiva, quer dizer, que ao ser fixada no papel, não deu uma imagem positiva, como sucede normalmente. Mediante um procedimento fotográfico inverso do que se fez pouco depois, conseguiu-se, finalmente, a imagem positiva. Viu-se então um rosto de homem, extremamente magro, quase cadavérico, com os olhos semicerrados e com um gorro «de pele de marta», disse Thomas, e um vestuário de outra época. Todavia a Rev. admira-se da grande luminosidade que teve de produzir-se para que a película captasse esse «auto-retrato» e produzisse as sombras escuras que se vêem projectadas pela figura e que, apesar disso, não foram vistas por qualquer dos presentes.

Diz que o retrato pertence ao professor Juan Evangelista Purkinje, o famoso fisiologista checo, autor de numerosos descobrimentos e que nasceu em 1787, morrendo em 1869 e cuja biografia extraordinária damos a seguir.

A Rev. Thomas conseguiu algumas fotografias de Purkinje tal como era em vida e acha-o bastante parecido. Mas o que a convenceu mais de que se tratava dele foi a cicatriz ou ruga que se nota na face direita, pois também aparece nas fotos normais, como uma publicada no livro de Medicina de Robinson, que teve a gentileza de nos remeter. Por baixo dela (em que se vê a irregularidade do lado direito da cara de Purkinje), lê-se o seguinte: «Fotografia do homem que, depois de lutar com as autoridades educativas para conseguir um microscópio, criou a palavra protoplasma (1840). Este boémio, que ensinou fisiologia na Universidade de Breslau, foi forçado a montar o primeiro laboratório fisiológico na sua própria casa, pois as universidades alemães dessa época não lhe davam guarida».

A Rev. Thomas escreveu a vários descendentes do professor, de quem espera poder obter mais informações sobre o assunto. Até agora todas as fotos que viu apresentam um rosto mais jovem

e sempre com a cabeça descoberta. Através da vidência, a Rev. «viu» Purkinje na sua frente e acrescentou: «Trazia o gorro de marta e não me lembro da cor do casaco. O próprio espírito me disse que era o professor Juan Evangelista Purkinje». Diz também que o trouxe dessa forma ao centro, não tendo motivo algum para proceder doutra maneira, «à semelhança de Sócrates, que dizia que o seu guia nunca o levara por mau caminho e que, portanto, não o atraiçoaria».

A Rev. Thomas tenciona publicar um livro intitulado «Starring from Screatch», quando tiver uma boa colecção de fotografias obtidas através da sua mediunidade e com o seu método próprio.

DADOS BIOGRÁFICOS DE JUAN EVANGELISTA PURKINJE

O filósofo e fisiologista checo Juan Evangelista Purkinje nasceu em Libochowitz em Dezembro de 1787 e morreu em Praga em 28 de Julho de 1869.

Estudou música na sua infância e foi corista em Mikolov, na Morávia.

Entrou na ordem dos esculápios para se entregar a investigações científicas e cultivou o Francês e o Italiano. Depois de ter lido as obras de Fitch abandonou a carreira eclesiástica e matriculou-se em Filosofia na Universidade de Praga.

Doutorou-se com a tese sobre o sentido da vista, que chamou a atenção de Goethe e regeu a cadeira de fisiologia na Universidade de Breslau. Esteve com Goethe em Weimar e trabalhou com vários cientistas em Yena. Em 1823 chegou a Breslau, onde leccionou durante vinte e cinco anos e esforçou-se por transformar a Fisiologia até então dogmática e teórica numa doutrina experimental.

Dr. João Evangelista Purkinje

Em 1844 foi nomeado Doutor *honoris causa* da Faculdade de Fisiologia de Praga e no ano seguinte catedrático de Fisiologia naquela Universidade. Em 1861 foi eleito deputado da Dieta de Boémia. Em 1866 foi nomeado Doutor *honoris causa* na Universidade de Viena e pouco depois era sócio de mais de cinquenta agremiações científicas europeias.

O seu primeiro nome é Ritter Knight de Purkinje e foi protegido do Barão de Hildebrand.

Expôs as suas teorias e descobrimentos em muitos livros e publicações. Fez muitos descobrimentos, foi o iniciador da Fisiologia Experimental, criou a Anatomia Microscópica na Alemanha e foi o primeiro que usou a microfotografia.

Descobriu os condutos excretores das glândulas sudoríparas da pele, o cilindro-eixo dos nervos, a estrutura dos tendões, dos ossos e dos dentes e o seu desenvolvimento embrionário, a composição dos vasos sanguíneos, etc.

As suas investigações acerca da retina do olho deram origem ao axioma da energia específica dos nervos sensuais de J. Müller.

Descobriu também a fosforescência do olho humano.

Na sua tese de doutoramento expôs as ideias fundamentais da oftalmometria. Nesta obra descobriu ele a fosforescência do olho humano e o princípio lumínico do espelho ocular de Helmholtz, baseado nos trabalhos de Brucke e Erlach, que descobriram a mesma fosforescência, independentemente de Purkinje.

Descobriu a existência das glândulas estomacais e escreveu um tratado sobre as relações anatómicas do ovário e do oviduto, sobre a composição do ovo e, antes disso, da vesícula germinativa.

Descobriu a circulação espiral sudorífica, a estrutura dos dentes, a histologia das veias e das artérias, e dois anos antes de Schwan estabeleceu os fundamentos da teoria celular. Além disso foi o primeiro a empregar o micrótomo, o bálsamo do Canadá, para preparados microscópicos, e as figuras microscópicas para a lanterna mágica.

O seu nome costuma aparecer em frases como: «a imagem de Purkinje», «fenómenos de Purkinje», «célula de Purkinje», que fazem lembrar as suas investigações e descobrimentos.

Este homem genial não só se revelou na Medicina, como em muitas outras actividades.

Em filosofia os seus trabalhos objectivaram, sobretudo, a psicologia dos sentidos.

Em 1853 fundou a revista «Ziva», que dirigiu com Krejci até 1864, na qual publicou uma série de trabalhos científicos em língua checa, como «O Homem e a Natureza» e o «Espírito Humano», etc.

Traduziu também o poema «Jerusalém Libertada», de Tasso, e musicou alguns cantos boémios.

(Colaboração da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

Aos Assinantes Brasileiros

Como dizemos noutro local deste número, somos obrigados a aumentar as anuidades da revista para Cr$ 250,00, em virtude da queda do cruzeiro, que nos está lançando num resvaladouro irremediável. Esperamos que todos concordem com esta resolução necessária.

jun/60

Mais Manifestações Espiritas Através do Velho Testamento

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

III

Fizemos salientar no artigo anterior que muitos preceitos dos livros de Moisés tinham sido postos de parte pelos Apóstolos e mesmo por Jesus, pois que eles estavam ultrapassados pela Boa Nova ou ensinamentos do Mestre.

Todavia, em alguns daqueles livros se firmam os chamados estudantes bíblicos para combater o Espiritismo.

Assim apontam-nos o *Deuteronómio* na parte que diz «Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem consulte aos pitões *(médiuns)* nem quem indague dos mortos a verdade» (c. 18, v.v. 10 e 11).

Ora o Senhor (o Guia de Israel) que assim determinara, e muito bem, para evitar abusos de contacto com mistificadores visíveis e invisíveis, promete a Moisés, no v. 18 do mesmo capítulo, suscitar do meio dos seus irmãos um profeta semelhante a ele, dizendo: «e porei na sua boca as minhas palavras, e ele dirá tudo o que eu lhe mandar».

Este profeta prometido era um médium de confiança da mesma categoria de Moisés. Portanto, as comunicações com os Guias espirituais eram permitidos e no mesmo c. 18, v.v. 19 a 22 vêm as instruções para evitar os intrusos.

Que há, pois, naquelas passagens do *Deuteronómio* contra o Espiritismo, contra as relações terrenas com o mundo espiritual?

Não o vemos, porque os espiritas também são contra os feiticeiros, os adivinhos, os médiuns mistificadores e os que invocam os espíritos com intuitos interesseiros de ordem material.

Mas, saber dos mortos a verdade, quando eles têm permissão superior para a revelarem, não é de impedir nem de desprezar.

Também outros nos combatem, escudando-se em *Eclesiastes* (c. 9, v.v. 5 e 6), quando diz: «Porque os que estão vivos sabem que hão-de morrer, porém os mortos não sabem mais nada, nem dali por diante eles têm alguma recompensa; porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento.

«Também o amor, o ódio e as invejas pereceram juntamente com os mesmos, nem eles têm parte neste século, nem tão pouco em obra alguma que se faz debaixo do sol».

E ao mesmo tempo os que nos atacam com aquelas passagens de *Eclesiastes* reforçam aqueles conceitos com o que se lê em Job (c. 14, v.v. 7 a 14) que é como segue:

«Uma árvore tem esperança, pois se for cortada torna a reverdecer, e brotam os seus ramos.

«Se envelhecer na terra a sua raiz, e morrer o seu tronco no pó, ao cheiro da água reverdecerá e fará copa, como no princípio quando foi plantada.

«Mas o homem, quando morrer, despojado que seja e consumido, diz-me: que é dele?

«Como se do mar se retirassem as águas e um rio ficasse seco se se esgotasse, assim o homem, quando dormir não ressuscitará; não despertará, nem se levantará do seu sono, enquanto o céu não seja consumido. Crês, porventura, que, morto um homem, tornará a viver?»

E basta o que aí fica referido para trazer os estudantes bíblicos amarrados àquela extraordinária doutrina, que nunca Jesus apregoou em toda a sua pregação.

Ora, que sabiam Job e Eclesiastes da vida de além-túmulo em tempos em que a existência da alma tinha tantos contraditores? Para que estar, pois, a fazer fé pelos preconceitos de certos personagens, ainda que ilustres, do Velho Testamento, sobre as transcendências da vida dos espíritos, se eles a desconheciam inteiramente?

Porém, será bom frisar, mais uma vez, que era costume antigo estabelecerem os judeus comunicação frequente com as entidades do mundo dos espíritos, que a propósito de tudo e de nada eram consultados.

E, por se prestar a abusos com intuitos puramente materiais e mesquinhos e ter graves inconvenientes o consultar os espíritos sem conhecer bem os processos de os conduzir nos seus exageros e de avaliar bem o grau da sua boa fé, é que Moisés estabeleceu preceitos proibitivos daqueles abusos. Só médiuns de categoria moral, denominados profetas, podiam ser consultados. Os médiuns interesseiros denominados *adivinhos* e *mágicos* eram perseguidos, e muito bem, desde Moisés.

Sobre aquele costume podemos apontar em o *Livro Primeiro* (c. 9, v. 9) esta passagem: «Antigamente em Israel todo o que ia consultar a Deus (entenda-se: um Espírito Superior) dizia assim: Vinde, e vamos ao vidente. Porque aquele que hoje se chama profeta, se chamava então vidente».

Ora os profetas e videntes daqueles tempos são os médiuns de hoje, que também os há com faculdades de vidente, podendo mesmo dizer-se que todos têm tais faculdades.

Pois o referido cap. 9 do citado livro de *Reis* descreve uma passagem da vida de Saúl, antes da sua proclamação como rei de Israel.

Aquela passagem refere-se à incumbência que lhe foi imposta por seu pai de ir procurar umas jumentas que se tinham perdido. Depois de percorrer, com um criado, larga área sem as encontrar, foi-lhe sugerido pelo dito criado que fossem consultar um vidente de muita fama que sabia

existir na localidade em que se encontravam, a ver se lhe dava alguma indicação sobre o paradeiro das jumentas perdidas.

Ora o vidente que eles procuraram chamava-se Samuel, célebre depois pelo predomínio que teve em Israel ao impor-lhe o mencionado Saúl como seu rei.

Este Saúl, em certa altura do seu reinado, transviou-se e sentiu-se abandonado dos seus guias espirituais (que eram para ele o Senhor Deus), e sentiu-se abandonado — dizíamos nós — em virtude de não ter seguido as suas indicações e de se lançar numa criminosa perseguição contra David, com o fim de o matar, e também por ter feito imolações contrárias aos preceitos de Moisés. Foi então atormentado por uma grande obsessão, pois «O espírito do Senhor se retirou de Saúl, e atormentava-o um espírito maligno que o Senhor lhe enviou» (*Reis* I, c. 16, v. 14).

Depois da morte de Samuel as coisas complicaram-se para Saúl. E no referido livro I de *Reis* (c. 28, v.v. 5 a 19) pode ser lido o seguinte episódio, que desmente a doutrina do sono permanente dos mortos que alguns estudantes bíblicos muito apregoam e desmente inteiramente Eclesiastes e Job nas passagens acima reproduzidas: «E vendo Saúl o exército dos filisteus, penetrou-se de medo, e seu coração se intimidou sobremaneira.

«E consultou ao Senhor, que não lhe respondeu nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas.

«E disse Saúl para os seus servos: buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Píton (referência a médium da categoria dos que não eram permitidos e se denominavam pitonizas) e eu irei ter com ela e a consultarei. E os seus servos lhe disseram: em Endor há uma mulher que tem o espírito de Píton (referência a espíritos não considerados de categoria elevada).

«Mudou, pois, Saúl seus hábitos (vestimentas), tomou outros vestidos, e partiu com dois homens que o acompanharam, e chegaram de noite a casa da mulher, dizendo-lhe Saúl: adivinha-me pelo espírito de Píton, e faz-me aparecer quem eu te disser.

«A mulher lhe respondeu: tu bem sabes tudo o que fez Saúl e como ele exterminou da terra os mágicos e os adivinhos. Porque me armas tu um laço à minha vida para me matar?

«E Saúl lhe jurou pelo Senhor dizendo: Viva o Senhor, que disso não te virá mal algum.

«Disse-lhe então a mulher: quem queres tu que te apareça? Respondeu-lhe Saúl: faze-me aparecer Samuel.

«E a mulhar, tendo visto aparecer a Samuel deu um grito dizendo a Saúl: — porque me enganaste tu, se tu mesmo és Saúl?

«E este lhe disse: não temas e dize o que viste. E a mulher então lhe relata: Vi deuses (espíritos) que subiam da terra.

«E Saúl lhe perguntou: Como é a sua figura? Ao que ela respondeu: subiu um homem ancião coberto com uma capa. Compreendeu Saúl que era Samuel, fez-lhe uma profunda reverência e prostrou-se por terra.

«Disse então Samuel a Saúl: porque me inquietaste fazendo-me vir aqui?

«Saúl lhe respondeu: eu acho-me no último aperto, porque os filisteus me fazem guerra e Deus (o seu Guia) se retirou de mim, e não me quis ouvir, nem por profeta, nem por sonhos, e por essa razão te chamei para que me declares o que devo fazer.

«E Samuel lhe disse: para que me perguntas, quando o Senhor te tem desamparado, e se passou para o teu rival? Porque o Senhor te tratará como eu te o disse da sua parte, e dividirá o teu reino da tua mão e o dará a David, teu parente mais próximo, visto que não obedeceste à lei do Senhor, nem executaste o decreto da sua ira contra os amalecitas. Por isso te fez hoje o Senhor isso que padeces.

«E o Senhor até entregará contigo Israel nas mãos dos filisteus: amanhã, pois, tu e teus filhos sereis comigo (morrereis)».

O que fica relatado (com esclarecimentos entre parêntesis para melhor compreensão segundo a interpretação espirita) é uma autêntica sessão de espiritismo, com o aparecimento do Espírito de Samuel, falecido tempos antes.

Pretenderão os descrentes destas comunicações negar que fosse o Espírito de Samuel que falou com Saúl?

Contudo há quatro circunstâncias que indicam, evidentemente, que foi ele:

1.ª — A relutância com que a médium (pitonisa) atendeu o consulente, considerando que estava proibida de o fazer.

2.ª — A indicação que o espírito deu à médium de que era Saúl quem a consultava e por isso ela ficar muito amedrontada.

3.ª — O agastamento com que Samuel se dispôs a comunicar com Saúl.

4.ª — O ter o espírito comunicante predito, com exactidão, o que a seguir se passou, e ter falado, com clareza, sobre factos passados entre ambos.

Efectivamente, em dura batalha, pouco tempo depois travada com os filisteus, morreram os três filhos de Saúl, e este ficando gravemente ferido, para não ficar nas mãos dos inimigos, deixou-se cair sobre a sua própria espada e assim morreu também

Pois bem: por todas as razões expostas, tiradas dos próprios textos bíblicos, não podemos aceitar o que disse Eclesiastes nem o que disse Job, e o próprio Jesus desfez aqueles errados conceitos em várias passagens da sua pregação, como referiremos no artigo seguinte.

AOS ASSINANTES DO BRASIL

Dirigimo-nos, por este meio, aos prezados amigos do Brasil que se encontram em atraso de pagamento das assinaturas vencidas há mais de um ano, solicitando-lhes a fineza de enviarem aquele numerário ao nosso representante geral ANTÓNIO J. MONTEIRO, Rua Miguel Frias, 20, 2.º loja, Ponte dos Marinheiros, Rio de Janeiro, caso não tenham possibilidade de fazê-lo aos representantes locais, conforme consta dos endereços da revista.

Desde já agradecemos a compreensão e atenção que merecer o nosso pedido.

Informamos também que a assinatura anual de «Estudos Psíquicos» passa a Cr$ 250,00, durante o ano corrente.

Afinidade entre os Estudos Psíquicos e a Poesia

Pelo Prof. Dr. G. Wilson Knight

Atingimos um ponto na cultura e no pensamento que nos impõe recapitular o papel do Espiritismo no quadro das nossas actividades intelectuais. A evidência das realidades para além do preconceituado das nossas escolas é esmagadora, mas nota-se pouca discrepância e acção para impô-la ao conhecimento geral no mundo.

Há cadeiras de parapsicologia e são conhecidas as investigações do Prof. Rhine. Mas, de facto, o verdadeiro fim da parapsicologia é desvirtuado e a tão decantada prova científica está condenada ao fracasso.

VALOR POSITIVO

No entanto instituições como a *Associação Espiritualista de Marylebone*, o *Colégio de Ciências Psíquicas* e os Centros pequenos ou grandes nas grandes ou pequenas cidades da Inglaterra, Europa, África e América, empenham-se numa acção profícua e persistente a fim de lograr o alvo da sua fé. E na verdade são pequenas universidades em miniatura.

Todavia, o elo de ligação com as nossas universidades não existe. Haverá fundadas esperanças para isso? Não o cremos, porque o lado científico das universidades é moderno — um século — e a sua parte humanística liga-se à teologia e à literatura, que são a base e as raízes da nossa cultura como a tradição é uma massa de imponderáveis da qual a ciência do século vinte nada conhece.

RELIGIÃO RÍGIDA

A religião no nosso tempo é demasiado rígida para mostrar tendências para se abrir ao influxo de qualquer inovação. E o meu propósito é frisar que nas grandes raízes da cultura ocidental, na poesia e na literatura é que residem as nossas melhores esperanças. Se tentarmos alinhar as revelações do Espiritismo com a chamada grande literatura encontraremos, não sòmente uma possibilidade de contacto, mas uma notável afinidade nos objectivos comuns.

Hoje a literatura é elemento respeitado e relevante no nosso sistema de educação. Nunca foi igual o interesse pelos trabalhos de Shakespeare nem se discutiram e leram tanto como hoje — ainda que longe esteja a mor parte da verdadeira interpretação do grande autor.

É uma batalha que temos de travar na literatura e nos círculos académicos.

Desde o nobre mundo antigo, desde Homero até Byron e Hardy, o processo de evolução da grande literatura é todo ele um mundo espirita de aparições, evocação da alma dos mortos, ressurreições, visitas do Além e se não tão objectivamente, em símbolos afins. De facto a literatura revela um mundo espiritual em que o psico-somático é subordinado às razões maiores da sobrevivência e o seu estudo léva-nos ao moderno Espiritismo.

PSICOMETRIA ANTIGA

Uma das mais electrizantes cenas do «Agemmemon» de Êsquilo é aquela em que a profetiza Cassandra revive passo-a-passo o odioso histórico do palácio em que se encontra e prevê uma catástrofe iminente. Isto é o que em Espiritismo se chama psicometria, tal como na cena dos fantasmas do «Hamlet».

POR DETRÁS DA CLARIVIDÊNCIA

O Espiritualismo leva-nos a um mundo poético, mas os seus fenómenos são bem claros; não são só questões de aparições e clarividência. Tem maior sentido latente. John Cowper Powyn, em «Um romance de Glestonbury», talvez o livro mais imaginativo no campo da ficção dos nossos dias, bem nos demonstra, página-a-página, que o seu extraordinário poder descritivo lhe veio dar profundas e misteriosas forças emanadas da natureza, dos lugares lendários e cheios de passado e daquilo que lhe vem donde a humana compreensão não chega. E, no entanto, neste livro é mais realista do que nunca, porque é apoiado pelos grandes poderes que determinam os homens a gizar o drama humano. Na verdade nós encontramos estas forças extra-terrenas agindo em todo o lado, desde os místicos aos psicólogos, desde os românticos aos surrealistas, desde a era elisabetiana e jacobeana, em Milton, em Pope (sobretudo nos «Ensaios sobre o Homem»), em Sylplos, nos dramas de Byron, em Tennyson e em Browning, nos «Dinastos», de Hardy, em Ieats e no grande Elliot.

A literatura, embora constitua uma arte temporal, é igualmente uma fusão das artes no tempo e no espaço. A pintura, a escultura e a arquitectura existem no espaço; a poesia e a música, no tempo. Mas todas as artes aspiram outras.

As artes no espaço sugerem sempre a narrativa ou estão impregnadas do espírito de moção (movimento, acção, data, facto), ao passo que a arte temporal aspira a forma ou estrutura para a eternidade.

Mas a poesia, ainda que sujeita ao tempo, é no seu último anseio a fusão ideal das outras artes, o visual com o aural, o espaço com o tempo, numa simbiose magnífica do Espírito.

UM MUNDO DE PENSAMENTO

Quando deparamos com a poesia de Rilke ou de Elliot, qualquer forma maior de poesia, somos levados a um mundo de análise e subjectivismo onde as forças intemporais do homem exprimem a sua angústia. Não há, de facto, poesia sem angústia (essa angústia é sempre metafísica) e por isso o Espiritismo nos introduz num mundo poético. De facto, qualquer poeta sobrepõe, à sua, a personalidade do espírito que quereria ser. Por isso existe a parte especulativa da grande poesia, onde, universalmente, se fala no mistério, no desconhecido, nas grandes forças que impendem sobre o mundo e que o intelectual não pode esquecer.

No activo do Espiritismo o simbolismo poético é um facto actual. Vêmo-lo através do livro de António Borgia «A Vida no Mundo Invisual», que ele afirma ser ditado pela alma de monsenhor Benson. E não será a imaginação — que Shelley, na «Defesa da Poesia», classifica de «faculdade imperial, cujo trono é velado pela natureza invisível do homem, condição necessária para o ingresso no âm-

bito deste grande e magnífico mistério?

A IMAGINAÇÃO DIVINA

Devemos recordar o céptico Robert de Baudricourt da peça de Shaw ao desmentir a voz de Joana e afirmando que eles vinham, não de Deus, mas da sua própria imaginação, ao que ela respondia:

— Sim, senhor, é por ela que as mensagens de Deus vêm até nós.

Mas será toda a evidência, assim, inútil? De modo algum. Ela é, de facto, um valor positivo. Só ela pode abater a fronteira entre a religião, a fé e a ciência, porque a todos pode focar — desde o homem da rua ao jornalista. E será a prova convincente para o cepticismo do século 20, sem ser, contudo, um guia final.

CEGOS À EVIDÊNCIA

Onde quer que o desejo da prova acicate o espírito dos desapaixonados e um aberto inquérito se procura, a investigação real e responsável de certas entidades parou por preconceituada ou má vontade. E isso é um paradoxo, pois se nós devemos ignorar tudo o que não é científico e provado para a investigação académica, não nos fica nada para estudar e cegos nos teremos que resignar ante factos palpáveis.

O Espiritismo moderno, à parte o lado teórico, tem produzido resultados excelentes e continua diàriamente a produzi-los. Mas esses resultados, em vez de serem analisados, documentados e examinados por peritos, são rudemente postergados, porque ofendem a inteligência científica oficial do nosso tempo.

A *Sociedade de Investigações Psíquicas* que, em tempos, estudou com afinco os fenómenos verificados no Espiritismo, parece correr o perigo de estudar pouco ou nada de psiquismo.

Esta tendência para a paragem é, aliás, bem conhecida em todos os ramos do estudo. Devemos nós estar de sobreaviso contra a natureza provisória dos conceitos usados pelos investigadores científicos, porque na maior parte nada explicam. Nem mesmo os termos paradoxais de «mente inconsciente» nem a incipiente questão da «telepatia» explicam qualquer coisa, sendo como os termos provisórios usados para designar certos aspectos do grande mistério. Nenhum fenómeno concreto pode ser cabalmente explicado pelo uso de um termo abstracto.

A PESQUISA REAL

Quando a soberania da imaginação for reconhecida haverá lugar para todos os nossos criticismos dentro da vassalagem a esta soberania. Mas enquanto a inércia do cepticismo deste século não for quebrada não se empreenderão investigações livres, capazes e honestas.

A verdade não pode ser revelada mas a obstrução dos falsos nacionalistas pode ser dispersa. Então, sejam quais forem os elementos de falsidade ou de verdade nos nossos fenómenos, ela se revelará por si própria. E essas verdades necessitarão de ser estudadas mais do que nunca; mas dada a sua oportunidade, novos poderes se aguardam, como grande maré refrescante da nossa cultura.

É este o desejo do Espiritualismo e da poesia no conjunto e na assistência do nosso avanço; juntos poderão remover as obstruções da presente barreira das escolas tradicionais para tantos e tão fascinantes mistérios que impendem e penetram a vida, que tão mal conhecemos.

Quanto a mim, é difícil divisar qual seria a outra linha capaz, no inquérito e na acção, e bastante eficiente, prática e lógica como esta, de provar e esclarecer tudo o que o homem quer saber para além da vida, para além da morte — o entre morte e vida...

(Do «Two Worlds»)

Romances do Conde de Rochester

(Recebidos pela médium russa KRIJANOWSKY)

A Abadia dos Beneditinos

Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo

Encadernado, 70$00. Brochado, 54$00

O Chanceler de Ferro

Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, que o *Génesis* sintetizou nalguns capítulos.

Encadernado, 70$00. Brochado, 54$00

Herculanum

Páginas descritivas da castástrofe do Vesùvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades há 18 séculos.

Encadernado, 56$00. Brochado, 38$00

Romance de uma rainha

Romance histórico, cujos acontecimentos se desenrolaram há 3500 anos na alta sociedade de então.

Dois volumes brochados, 100$00

Sinal da Vitória

Contém factos ocorridos em Roma no começo do IV século com as perseguições aos cristãos até Constantino.

Brochado, 50$00

A Vingança do Judeu

Romance sobre os preconceitos de raça, classe ou riqueza à luz da fé revigoradora pelo cristianismo.

Brochado, 55$00

EM DEPÓSITO NESTA REDACÇÃO

Livros de todo o mundo

A BÍBLIA DOS ESPIRITAS — de Osvaldo Polidoro — *Editorial «Cristica» de Rudolfo dos Santos Ferreira.* S. Paulo — 281 pags.

Sendo a Bíblia uma obra onde pupulam as frases sibilinas e as descrições nebulosas, não nos devemos admirar que a maior parte das correntes filosóficas e religiosas se sirvam dela como seu *vade-mecum,* escolhendo as frases e passagens que mais pareçam confirmar seus pontos de vista. Cada seita protestante encontra aí seu ponto de justificação; e os próprios adventistas, afirmando que a alma fica a dormir após a morte do corpo até ao fim do mundo, encontram no Antigo e Novo Testamento passagens justificando a sua doutrina.

O Espiritismo, ou melhor, certo sector espirita, tem procurado àvidamente na Bíblia justificação para seus postulados. Tal tarefa, apesar de trabalhosa, não tem levantado grandes dificuldades, pois, como já disse, esse livro serve para todos. Tudo depende do maior ou menor engenho do indivíduo.

Osvaldo Polidoro é um estudioso das coisas espirituais. Conheci-o em S. Paulo, e logo nele vislumbrei um autêntico místico. Ele sente a ética dos evangelhos, vibra com o perfume de cada versículo. A sua interpretação de algumas paragens bíblicas está cheia desse misticismo que o acompanha a cada passo. Livro extremamente consolador para os que vibram com ele, para os que aceitam o Espiritismo como religião e o Evangelho como seu Alcorão! — A. C.

VERSOS À MOCIDADE, de Amadeu Santos e Sebastião Lasneau — Edição LAKE, de S. Paulo — 123 pags.

Amando imenso a Poesia e sentindo indescritível prazer espiritual na leitura das obras dos melhores poetas novos e estrangeiros, é sempre com estremecimento de receio que abro um livro de autor moderno, porque raramente encontro nos seus versos verdadeira Poesia, daquela que Junqueiro tão bem sabia exteriorizar!

Felizmente, Amadeu Santos e Sebastião Lasneau escreveram um livro de poesia com P maiúsculo. Cada poema contém uma ideia, um conceito, uma directriz para uma vida melhor. Quer nas *Tuas mãos,* na *Matemática Negativa* e em tantos outros, encontramos ritmo, beleza e sobretudo espiritualidade! Sendo poetas de hoje escreveram poesia de sempre! Sendo poetas do presente, escreveram poesia que não desonra o passado e ilustra o futuro! Parabéns aos ilustres autores. — A. C.

COMO OS TEÓLOGOS REFUTAM — de Mário Cavalcanti de Melo — Edição da *Livraria da Federação Espirita do Paraná* — 330 pags.

Quando há poucos meses li *Da Bíblia aos Nossos Dias,* do autor, fiquei imediatamente convicto de que estava em presença de alguém que queria caminhar no Espiritismo, não de olhos fechados, mas vendo bem que chão ia pisando. Agora de novo nos surge Mário Cavalcanti de Melo num trabalho de pura crítica ao livro *Reencarnação, Exposição e Crítica* de Frei Boaventura Kloppenburg, que pretendeu destruir num abrir e fechar de olhos a ideia reencarnacionista. Frei Boaventura, porém, meteu-se num trabalho ingrato, que lhe vai tirar, por certo, muitas horas de sono. Julgou que os espiritas iam converter-se todos à sua *inspirada* doutrina, mas eis que lhe surge pela frente, acompanhado de uma lógica de ferro, o autor deste livro que destroi, serena, mas inflexìvelmente, todos os seus argumentos. Boa obra de estudo para quem acompanhou o debate! Obra aconselhável a todos os estudiosos! Obra herética para Frei Boaventura!

O livro é ainda valorizado por um magnífico prefácio de Carlos Imbassahy.

ESTUDOS DE ESPIRITISMO — de João Teixeira de Paula — *Editorial «Cristica», de Rudolfo dos Santos Ferreira,* de S. Paulo — 189 pags.

Temos entre mãos uma obra de João Teixeira de Paula, conhecido obreiro em terras de Santa Cruz, que durante muitos anos foi redactor da *Unificação,* órgão da *USE* (União das Sociedades Espiritas, de S. Paulo). O livro apresentado, escrito numa linguagem fluente, lê-se com bastante interesse.

Pena é que o autor, quase com exclusão dos capítulos V a VII, se limite a repetir o que todos já sabem: que Kardec disse, que Crookes fez, que Lombroso escreveu! Um ou outro caso mais interessante, metido no meio de citações demasiado conhecidas.

Nos capítulos referidos relata-nos a vida do Além na Colónia Espiritual *Nosso Lar.* Lemos que os espíritos têm carros aéreos para se deslocarem, iguais aos nossos funiculares, recebem uma espécie de moeda pelos seus trabalhos quotidianos e até se alimentam. Verdade? Mentira? Os conhecimentos metapsíquicos actuais não permitem responder a estas inquirições! E embora tais dados possam ser obtidos dum André Luís, o nosso silêncio continua neste campo.

No capítulo XV, que ocupa sòmente 4 páginas, dedicado à Metapsíquica, classifica os fenómenos supranormais em criptestésicos, telecinésicos e ectoplásmicos, esquecendo-se de todos os outros que a Parapsicologia tem estudado. — A. C.

O ACENDEDOR OSCILANTE

A sr.ª Anne Moy, 70 Drayton Road, Harlesden, Londres, fez o seguinte relato no Fate Magazine:

«Em Janeiro último, quando me preparava para lavar a loiça do pequeno almoço, notei que o acendedor do gás, que eu pendurara junto ao fogão, oscilava violentamente para trás e para diante. A princípio fiquei alarmada, mas depois serenei, lembrando-me que lera nesta revista a possibilidade de comunicar com os entes queridos através de um pêndulo feito com um botão preso a um cordel, embora nunca o tivesse tentado.

«Seria minha mãe que por este meio me dizia que estava ali? Morrera havia exactamente um ano e eu estava ansiosa pelas suas notícias do Além. Portanto, disse eu, fixando o isqueiro:

«— Se és tu, mãe, não te importas de voltar mais tarde?

«E quase imediatamente pararam as oscilações, que se repetiram, quando meu marido almoçava.

«Os factos parecem concludentes, mas eu gostaria de ouvir a opinião pessoal de alguém a respeito do acontecimento. Ficaria muito grata pelas informações».

Não nos repugna acreditar que o fenómeno tivesse sido provocado pelo espírito da mãe da sr.ª Moy. E o facto de o acendedor ter cessado os movimentos após aquela pergunta e retomá-los, quando o marido estava à mesa, mais contribui para crer na intervenção daquele espírito familiar.

A GÍRIA E O SOLECCISMO

Maurice Barbanell subscreve no Two Worlds *uma secção intitulada «Todos os Mundos são um só» e nela se insurgiu, porque a língua inglesa, «tão nobremente expressa por Milton e Shakespeare, fora assassinada por um jornalista da* Brentwood Review, *de Essex, que principiara uma narrativa com estas palavras: «Um homem de mensagens espiritas, Albert Wood».*

Barbanell, que é purista do seu idioma, escreve:

— Esta mutilação, destinada talvez a poupar espaço, exprime a forma de se referir a quem recebe mensagens espiritas, mas creio que nenhum dos seus leitores o compreendeu. Em compensação devem ter delirado ao ler que a médium «era loira e de olhos azuis», coisa que não influi no valor da pessoa visada e que era, afinal, o objectivo da história».

Gíria e soleccismo temos visto e vemos a cada passo na imprensa, onde abundam os «assassinos» da boa linguagem. Alguns misturam neologismos e estrangeirismos em confusão diabólica e sai «qualquer coisa» que a custo se entende.

E andam os filólogos a gritar, a aconselhar, a orientar in deserto! *Há jornais espiritas que necessitavam de gramàticazinha. Não fazia mal e talvez lhes desse um ar de graça, já que*

Falar bem,
não fica mal a ninguém.

Rima e é verdade, como se prova, folheando a Sintaxe do Epifâneo ou Júlio Ribeiro. Experimentem os que andam à matroca em questões de semântica e procurem actualizar-se ou reformar-se. Tudo lucrará com isso . . .

CINEMA ESPIRITA

Há cerca de um ano que estreou em Nova Iorque a fita cinematográfica «Mistérios do Além», na qual o actor cubano Rafael Bertrand contracena com a jovem Mapita Cortés.

O Diário de Nova Iorque *referiu-se ao caso, que se trata de uma película notável, das melhores que têm saído dos estúdios mexicanos. E pergunta:*

—Podem os mortos voltar ao mundo e cometer vinganças implacáveis contra os que foram aqui seus inimigos? E os seus espíritos poder-se-ão comunicar connosco através dos médiuns? E poderão, encarnar outra vez?

Os factos relatados em «Mistérios do Além» aconteceram há muitos anos. Numerosas pessoas viram reunir-se muitas vezes um médico falecido e a sua filha (Mapita) que o não conhecia, mas a quem fez revelações que lhe proporcionaram certas riquezas.

O cinema de feição psíquica é altamente apreciado em todo o mundo. Pena é que em Portugal se exibam escassamente estas fitas, que tão grandes ensinamentos poderiam ministrar ao grande público.

O FANTASMA DA NASCENTE

Frances B. Smith contou no Fate Magazine *que em certa manhã andava a lavrar a terra numa quinta de seu pai, quando sentiu uma sede fulminante, sem que por ali houvesse sombra de nascente. Prendeu as mulas a uma árvore e encostou-se com o chapeu de palha sobre os olhos, para evitar as moscas. Quando ia a cair no sono ouviu um ruído, despertou e viu diante dele um velho de longas barbas brancas a fixá-lo. O mais curioso é que podia ver através dele e pediu-lhe que o seguisse, mantendo-se a flutuar e deslizar à sua frente.*

— Até ali — diz o sr. Smith — nunca acreditei em fantasmas, mas desta vez segui-o através do bosque; e, ao chegar a certo ponto, aquela aparição esboçou um gesto de bondade e apontou-me um sítio em que água corria, fresca e deliciosa. Bebi como um animal, bebi até me saciar completamente. Depois, ofegante e satisfeito, senteí-me, limpando a boca para agradecer ao bom samaritano. Com espanto meu, tinha desaparecido. Corri então para casa e contei a meu pai a história da fonte, cuja existência desconhecia. Contudo, ao descrever-lhe o ancião, disse-me que era a fiura de Warren, a quem tinha comprado a quinta trinta anos antes e que fora sepultado no casal da família, próximo da propriedade.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A OPERAÇÃO DA PARTURIENTE

O *Diário de Natal* de 23 de Setembro de 1959 publica uma reportagem relativa a uma estranha operação cirúrgica relizada na *Maternidade Januário Cicco*, da cidade brasileira de Natal.

Uma parturiente ali internada aguardava a sua hora, sob vigilância da enfermeira de serviço que, passando pelo quarto a certa hora da noite, previu o acontecimento para cinco horas depois e retirou-se. Entretanto, a mulher começou a sentir as dores características e preparava-se para chamar alguém, quando entrou um médico e fez a operação, limitando-se a dizer:

— O seu parto está concluído. Só falta o asseio. Quando a enfermeira voltar, peça-lhe que o faça.

Cinco horas decorridas, surgiu a enfermeira e ficou admiradíssima, vendo que tinham feito uma operação, sem haver qualquer médico de plantão na Maternidade.

Como se depreende, grande azáfama se levantou à procura do operador. Todos os médicos consultados negaram a sua participação no facto. Alguém teve então a ideia de mostrar à doente alguns retratos de médicos falecidos e quando viu o do Dr. Januário Cicco afirmou categòricamente:

— Foi este!

Esta, a história que correu de boca em boca e transcendeu para a cidade. Mas o *Diário de Natal* não ficou satisfeito com a versão e resolveu investigar para informar os seus leitores. E notou logo um grande retraimento no pessoal da Maternidade. Mesmo assim, conseguiu reunir alguns factos que podem conduzir ao esclarecimento do caso.

O parto deveria ter sido assistido pelo Dr. Joaquim Luz, que não pôde comparecer no nosocómio, em virtude de ter ido ao Rio de Janeiro no dia seguinte à data da operação. Partiu de madrugada, no momento em que a parturiente teria sido assistida pelo espírito que, no seu dizer, fora um médico gentil e eficiente que entrara com máscara, luvas e uma pequena mala que colocou na mesa-de-cabeceira.

Depois disto, a parturiente foi isolada das demais, passando a merecer atenção especial até lhe darem alta.

É lamentável que interesses mesquinhos se levantem, impedindo que a verdade venha à tona. É o que se depreende dos próprios comentários do jornal, quando escreve:

«Mais uma vez frisamos que o nosso desejo é apenas esclarecer a verdade, seja conveniente ou inconveniente a quem quer que seja, não nos interessando ferir ou abalizar quaisquer linhas religiosas ligadas aos factos.»

EXPERIÊNCIAS HIPNÓTICAS

O *Jornal da Bahia* de 15 de Janero de 1959 narrou um caso de regressão de memória conseguido pelo médico Osvaldo José Leal na pessoa de uma jovem que dá pelas iniciais de Z. F. S. Eis o que declarou o facultativo em questão, no seu consultório, à Avenida Barão de Cotegipe, da cidade de Salvador:

«Estou fazendo algumas pesquisas hipnóticas. Tenho tido casos de pessoas nervosas e, quando o doente oferece possibilidade de ser tratado através do hipnotismo, assim tenho agido. Com alguns pacientes fiz perguntas sobre o passado deles e obtive respostas surpreendentes. Daí o meu interesse em me aprofundar na matéria, procurando verificar, se, de facto, se confirmam as declarações dos hipnotizados sobre possíveis vidas anteriores. O certo é que já gravei estas respostas; e submetendo novamente os pacientes à acção hipnótica, obtive as mesmas informações, sem qualquer diferença das anteriores gravações».

Nesse momento — informa a reportagem — o médico mandou entrar no consultório a jovem Z. F. S. e hipnotizou-a. A cabeça da moça caíu sobre o encosto da cadeira e entrou logo em hipnose, olhos fechados e respiração arfante. E travou-se o seguinte diálogo entre o médico e a hipnotizada:

— Antes de você nascer como Z. foi alguém?

— Fui.

— Então teve outra vida ...

— Tive. Fui José, um menino que só viveu 12 anos. Nessa idade morri.

— Como se chamava sua mãe?

— Maria Santos. Viveu em Cachoeira.

— Depois da sua morte, quanto tempo decorreu até que viesse a ser Z. F. S.?

— Levei 20 anos no espaço.

— Tem alguém que possa informar alguma coisa a respeito da personalidade de José?

— Tenho o meu padrinho, que ainda mora em Cachoeira e é empregado aposentado da Danemann. Mora na rua da Feira, n.º 20, chama-se Francisco, é moreno escuro e viúvo.

— Como foi que você morreu, José?

— Morri aos 12 anos de uma febre e senti grandes dores de cabeça.

— Antes de ser José foi alguém?

— Não sei ...

Terminaram aqui as perguntas do médico, que avisou o repórter de que a doente despertaria com sede e notaria que metade da água teria o sabor de guaraná e a outra metade de limonada.

Realmente assim sucedeu. Depois chamou outra cliente e repetiu a experiência, com respostas muito curiosas, relativas a numerosas vidas anteriores. Foi um menino russo, um preto africano, bailarina e um africano chamado António Fernandes da Silva, que viveu e morreu na Baía. Antes de ser a jovem de hoje foi um rapaz morto à faca em Santo Amaro.

As experiências do coronel de Rochas, foram levadas a efeito através da acção magnética, mas o hipnotismo consegue magníficos fenómenos de regressão de memória, tendentes a comprovar a teoria pa-

lingenésica, como há pouco se verificou com «O Caso de Bridey Murphy», de Morey Bernstein, um *best-seller* dos Estados Unidos da América.

CASA TRANSITÓRIA

Já nos referimos oportunamente a esta obra que a *Federação Espirita do Estado de São Paulo* tinha idealizado e que em Janeiro findo iniciou com o lançamento da primeira pedra que servirá de levedura a oito pavilhões com diversas e úteis finalidades, segundo lemos no *Semeador*, órgão daquela colectividade, em artigo subscrito pelo nosso amigo José Gonçalves Pereira, director do *Departamento de Assistência Social* da Federação.

Eis alguns objectivos:

Pavilhão de Distribuição com despensa para 15 a 20 mil quilos de mantimentos, sala de costura, sala de roupas, sala de empacotamento, sala de distribuição e sala «Auta de Sousa» para a campanha de angariamento de donativos.

Pavilhão Evangélico de orientação moral com palco para festividades.

Pavilhão Meimei (Pró-mater), de assistência pré-natal à gestante pobre, com sala de puericultura, berçário e facilidades para orientação geral das mães.

Pavilhão para Crianças maiores de 4 anos, com aulas de orientação moral cristã.

Pavilhão Ambulatório de assistência médico-farmacêutico-dentária e enfermagem ligeira.

Pavilhão Restaurante, com capacidade para 80 a 100 refeições simultâneas.

Pavilhão para Velhinhos e Pavilhão de Poiso Transitório, com dormitórios para abrigar 48 a 50 pessoas.

Cada pavilhão mede $12^m \times 24^m$, e terá instalações sanitárias adequadas e seis pérgolas cobertas, servindo de salas-de-estar.

Além disso construir-se-ão oficinas onde se ministrarão cursos profissionais, como carpintaria, sapataria, alfaiataria, desenho técnico, etc.

Além destas informações preciosas, o confrade Gonçalves Pereira diz que o fim daquela Federação é *preservar a unidade familiar* e que o processo de internar crianças e velhos desmembra a família. Nesta conformidade encaram a criação de escolas e cursos profissionais, oferecendo uma profissão digna aos assistidos e permitindo-lhes o reajuste financeiro num bom emprego.

Particularidade curiosa: todos os cooperadores trabalham gratuitamente, empregando as horas livres no serviço do próximo. Deste modo estão certos de atingir o alvo, juntando mais um departamento valioso à *Federação Espirita do Estado de São Paulo*, sociedade benemérita que tantos serviços tem prestado.

Neste momento (Março de 1960) a *Casa Transitória* está fazendo uma campanha para aquisição de 600.000 tijolos, 60.000 tijolos de 8 furos, 5.000 sacos de cimento, 530^{m3} de pedra britada, 650^{m3} de areia, 28.000 kg de ferro, 550 kg de pregos, 100 dúzias de tábuas de 3 polegadas para andaime, 100 dúzias de escoras, 3.000 dúzias de caibros, 1.200^{m3} de calha, 80.000 metros de telhas, 650 metros de cumieiras, 600^{m2} de *eucatex*, 400 metros de condutores, além de 2840 vigas de peroba para cobertura.

Obras deste género impõem as colectividades, sejam quais forem seus objectivos. A *Federação Espirita do Estado de São Paulo* é uma instituição benemérita e tem prestigiado sempre em elevado grau a doutrina que defende. É mais uma obra relevante que em breve se erguerá na metrópole paulista, berço de empresas imorredoiras, porque levam consigo o selo de humanidade.

FERDINAND CAZZAMALLI

Acabámos de ler no último número da *Revue Métaphychique* a notícia de que o célebre metapsiquico italiano Ferdinand Cazzamalli desencarnou. Nasceu em Crema em 1887, fazendo em Pavia os seus estudos de Medicina e Cirurgia. É autor de uma teoria sobre as ondas electromagnéticas que se exteriorizam do cérebro humano em estado de intensa actividade psico-sensorial. Em 1937, com três outros investigadores, fundou a Sociedade Italiana de Metapsíquica, reconhecida pelo Estado.

Realizou experiências com a médium escocesa Patrícia Webster, que há 2 anos trabalhou em Lisboa, numa sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», do *Centro Espiritualista Luz e Amor*.

MÉDIUM QUE DESCOBRE O LADRÃO

A mesma revista *Metapsichica* publica um caso estranho de mediunidade que lhe foi relatado pelo Dr. Ângelo Tanagras, presidente da *Sociedade Helénica de Investigações Psíquicas*.

Uma senhora ateniense foi roubada e a acusação recaiu numa enfermeira de um hospital que, apesar de terem aparecido as suas impressões digitais na caixa das jóias, negava que as tivesse subtraído. Dizia que as tiinha, simplesmente admirado.

A referida senhora, muito impressionada com as negativas da enfermeira, recorreu a certa médium ateniense, a qual confirmou a inocência da enfermeira, acrescentando que o verdadeiro culpado era o massagista do hospital, que calçara luvas para não deixar impressões digitais.

Em seguida a médium disse que as jóias ainda se encontravam em casa do massagista. Foi então que a senhora roubada procurou um polícia e se dirigiu a casa do suposto ladrão. Não foi preciso mais. A mulher, quando viu o polícia, entregou logo as jóias, que estavam na mesma caixa que a médium indicara.

O Dr. Tanagra referiu também um caso análogo em que o ladrão entregou o roubo que levava no bolso, quando a polícia o interrogou. Na véspera a médium afirmara que o corpo de delito tinha sido enterrado ao pé de uma amoreira e, de facto, o ladrão confessou depois que o dinheiro fora enterrado naquela manhã no sítio indicado.

Esta notícia foi transcrita igualmente por *Voz Informativa*, do México.

«DESOBSESSÃO»

No passado mês de Março entrou *Desobsessão*, de Porto Alegre, no 13.º ano de existência, ao serviço do Hospital Espirita desta cidade, sob a direcção segura de Conrado Ferrari, secretariado pela sólida organização mental de José Jorge da Silva.

Desobsessão é uma das melhores publicações brasileiras no seu género e pena é que não saia em formato de revista, para mais fácil colecção, atendendo à matéria seleccionada, que se impõe a todos os leitores.

Insere de tudo um pouco. Arrumação metódica, aspecto gráfico excelente, papel escolhido, o órgão do Hospital Espirita de Porto Alegre está destinado a futuro promissor.

Que estes treze anos se dilatem e novos triunfos esmaltem a sua carreira, são o nosso desejo maior, no abraço fraterno que daqui lhe enviamos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Em 8 de Maio realizou o nosso companheiro António Cardoso uma conferência intitulada «O Naturismo em São Paulo», muito esclarecedora e pormenorizada sobre aquele movimento na grande metrópole brasileira, quer em referência ao *Centro Naturista de Cultura Social*, que preconiza o Naturismo como ciência, filosofia e doutrina e não apenas como teoria de alimentação vegetariana, conceito que faz do referido Centro uma verdadeira instituição cultural, quer prendendo a atenção dos ouvintes com a projecção enorme dessa doutrina no domínio da assistência social, cuja magnífica realidade é o Hospital Naturista, onde podem ser tratados gratuitamente naturistas e não naturistas pobres, quer ainda falando da *Clínica do Dr. Octávio Lopes*, também naturista e em que o processo terapêutico é magnético e muito mais eficiente do que o usado pela *Federação Espirita do Estado de São Paulo*.

O belo trabalho, caracterizado por marcante poder descritivo, deixou agradabilíssima impressão. Foi, sem dúvida, mais uma tarde cultural em que António Cardoso se impôs como notável conferencista.

Joaquim Fernades de Albuquerque, que presidiu, secretariado por Jorge Raimundo, Raúl Ribeiro e Luís Henriques Ramalhal, pôs em relevo os pontos essenciais da conferência e felicitou o orador, manifestando a esperança de o ouvir de novo naquele estrado.

«LUZ, AMOR E PAZ»

A revista espirita *Luz, Amor y Paz*, de Caracas, Venezuela, editou um número especial dedicado ao iluminado espírito de Amália Domingo Soler, comemorando o quinquagésimo aniversário da sua desencarnação.

O exemplar que temos presente contém 32 páginas òptimamente impressas em papel *couché* e refere-se a Março-Abril de 1959.

É seu director o confrade Ramón Ocando Pérez. A revista é órgão da Sociedade Cultural «Moral y Luces» e da Misión Cristiana «La Brigada del Bien», a primeira das quais custeia a edição. Cheia de artigos de grande utilidade esperamos que em breve se torne mensal, a fim de melhor preencher a sua missão doutrinária.

COMUNICAÇÕES

O *Instituto Espirita «Dias da Cruz»*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, o *Grupo Espirita Sebastião*, do Rio de Janeiro, e a *Alianza de Centros Espiritas Kardecianos del Estado de Veracruz*, México, tiveram a amabilidade de nos comunicar a eleição dos seus novos corpos gerentes.

A estas florescentes organizações enviamos os cumprimentos de *Estudos Psíquicos*, com votos de muita prosperidade.

TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO E JULHO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo .Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Membros Fantasmas».

Dia 14, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 17, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo. «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 19, domingo, às 21,30 — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 21, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 22, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 24, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Conferência de Adelaide Ivone de Sousa, intitulada «Considerações sobre o Karma».

Dia 28, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 1 de Julho, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Mistério da Corda Indiana».

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Maio — Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

M. A., de Lisboa, 20$00; Sócio 1645, 5$00; Lília F. da Conceição, de Lourenço Marques, 45$00; João da Silva Gomes, de Moimenta da Beira, 17$50; Anónimo, de Lisboa, 70$00; J. de Sousa, do Porto, 100$00; R. B. V., de Luanda, 80$00. — *Total — 337$50.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.° vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.° vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.° vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu—enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Compra, da **Redacção;** O Que Vi no Brasil, por **António Cardoso;** Religião e Espiritismo, por **Joaquim Fernandes de Albuquerque;** Como Encaras a Vida?, por **Vicente A. Salaverri;** Fernando Pessoa — Homem Psíquico, por **Horácio Rubim Gorjão (Ruy Ribamar);** Helen Keller, Mulher Maravilhosa, por **Doris M. Hodges;** A Idade Traz Grandes Mudanças, por **Constâncio C. Vigil;** A Verdade Libertadora, por **Delfino Ferreira;** Instituto de Cultura Espirita do Brasil; Os Curadores Espirituais Segundo o Espiritismo, por **José Lhomme;** Palavras de Gratidão, por **Maria Inês Sena;** Os Que Nos Deixam: Maria Cecília Gorina — Virgílio Maia; A Vida de Além Túmulo, por **Isidoro Duarte Santos;** As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo; Um Depoimento Sobre a Expressão Fisionómica de Jesus, por **Vasco de Lemos Mourisca;** O Conhecimento Supranormal, por **Adelaide Ivone de Sousa;** Orai e Vigiai, por **José Simões de Matos;** Notícias da Bahia; Um Calculador Prodígio no Centro Luz e Amor; A Morte na Máquina Fotográfica, por **Oleta Martin;** Livros de Todo o Mundo, por **A. C.;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

Maria Cecília Gorina

(Ver pág. 207)

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, JULHO DE 1960 | N.º 7

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

COMPRA

Henzey dizia que os ricos consideram o mundo como bazar imenso cheio de coisas que se compram. Sendo assim, o dinheiro resolveria todos os problemas, abriria todas as portas. Bastava um desejo emitido e logo a engrenagem rangeria em seus fundamentos. Honra, justiça, liberdade; o pudor dos simples e dos humildes; o orgulho dos que se consideram fortes; a altivez dos que se julgam dignos, tudo estaria ao alcance dessa mó giganteca, a rodar sobre a tentação e o privilégio.

* * *

A verdade é que nem tudo se pode comprar. Um raio de luz, um sorriso, um arrebol, o olor da terra são argumentos no mundo sensorial que a moeda não alterou em seu giro cubiçoso.

Vende-se a palavra, vende-se o silêncio, vende-se a posição; outras vezes trocam-se por lentilhas e outros cereais. Mas este comércio arrasta prerrogativas comuns a ricos e pobres, abre desfiladeiros infranqueáveis, cava resvaladouros, dificulta caminhos. Não é tão poderoso, como se julgava.

«O cabedal do rico é a cidade da sua fortaleza, uma espécie de muralha que o envolve». Esta legenda de Salomão exprime a estreiteza do numerário, incapaz, por si só, de resolver o problema do mundo.

Há nações em que as ideias se deformam em obediência ao deus-milhão e os homens criam místicas estranhas que os seus antípodas não compreendem. Ao cabo de algum tempo erguem-se alfândegas ao longo das fronteiras: alfândega do carácter, alfândega do egoísmo, alfândega do sentimento, harpagões que se opõem ao instinto sociável que existe em todos nós.

Realmente, nem tudo se pode comprar. Em certos departamentos a moeda circulante não está sujeita à ferrugem dos elementos, tudo levando a crer que os ricos verdadeiros são, afinal, os que desprezam as opulências e vivem segundo a lei natural.

O desejo é móbil de grandes e pequenas coisas e conduz a situações que só depois de as sentirmos pensamos nelas; e concluímos — com Augier — que não há ricos nem pobres, mas dependentes e independentes.

O dinheiro escraviza, em vez de libertar. Cria problemas de que somos mandatários, obriga a esforços desmarcados, a noites de insónia em que estremece a dignidade e o compromisso exerce poderes inexoráveis; e quando, em calma e silêncio, fazemos o balanço dos passos andados, das lutas, dos espinhos, das canseiras, raros são os que apresentam saldo positivo.

Ansiedades, dúvidas, enganos, eis a senda do efêmero que se entrevê ao longe, iluminado ou sombrio, segundo as aparências. Isto significa que devemos ambicionar o que pudermos adquirir. Como disse um pensador, a riqueza excessiva cria asas e voa para o céu. Depois é o reverso da medalha, os olhos nublados, a alma deprimida. O universo cai sobre o mundo que formámos. A riqueza desaparece. Fica a desolação e o medo.

Esta, a lição da incerteza que se impõe ao bom senso e à lógica. Quem julga comprar o mundo com moeda transitória é estulto. O seu tesouro está sujeito a oscilações de câmbio que, num momento, podem alterar o seu poderio.

Mais se consegue sem ostentação. O olhar dos simples é manancial de virtude que vale milhões. Nele circula moeda que eterniza o amor e acompanhará o espírito na viagem palingenésica. É capital que aumenta sempre, produzindo riqueza de outra espécie.

* * *

E terminamos com um pensamento de Afonso Karr: «Há duas maneiras de ser rico: elevar os rendimentos ao nível dos desejos ou baixar os desejos ao nível dos rendimentos». Assim, não haveria perigo. Tudo se harmonizaria.

E o mundo não seria mais bazar imenso cheio de coisas que se compram...

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

IV

OS FENÓMENOS PSICOGRÁFICOS

Assim como em França a clarividência constitui a maioria das sessões públicas, e assim como entre nós a chamada incorporação(?!) é quase prato obrigatório, da mesma forma no Brasil a psicografia é característica de grande parte dos trabalhos. Seja por uma sensibilidade de carácter fisiológico, seja por uma influência do meio ou seja até por uma combinação destes dois factores, a verdade é que este género de fenomenologia é vulgaríssimo aí. Vi dezenas e dezenas de médiuns escreventes receberem mensagens! Assisti a inúmeras sessões que, não sendo de psicografia, tinham os seus médiuns da especialidade! E até realizei conferências onde psicógrafos actuaram, durante cinco a dez minutos, no início dos trabalhos.

No Centro Ildefonso Correia, da capital do Paraná, funciona um grupo para o desenvolvimento dos médiuns deste género. Assisti uma noite a seus trabalhos! Reunem-se à volta de uma mesa bastante comprida umas dez ou mais pessoas de ambos os sexos que se presume terem esta faculdade; depois da prece inicial, feita pelo director do Grupo, cada indivíduo, estando concentrado, tenta captar qualquer estímulo que lhe accione os movimentos do braço. Alguns nada produzem! Outros limitam-se à riscar o papel sem qualquer significado, e outros ainda escrevem mensagens atribuídas a entidades já desencarnadas! Claro que é difícil, numa simples visita, como me aconteceu, referir-me à causalidade de cada uma das mensagens. Só um estudo profundo e minucioso de cada uma delas e do sensitivo correspondente — o que lamentàvelmente não vi fazer — nos podem com segurança esclarecer o assunto!

É curioso observar que até nos centros onde o Espiritismo e a umbanda andam de mãos dadas a psicografia se pratica. Estive uma noite no Centro Taba Itapú, onde os *índios* e os *pretos-velhos* astralmente *dirigem* a sessão, numa miscelânea autêntica de Kardecismo e outras correntes! Um dos tais *índios* passa a sessão a bater com os nós dos dedos numa espécie de tambor e no chão, num ritmo mais ou menos cadenciado, que convida ao sono... Mas o mais curioso de tudo isto é que, no final, vários psicógrafos sentam-se a uma mesa e recebem dezenas e dezenas de mensagens. Cada assistente escreve numa grande folha de papel, maior que uma página desta revista, o seu nome, e coloca-o, em monte, sobre a mesa. Uma das médiuns, pelo menos, está encarregada de receber as *comunicações* para as referidas pessoas, geralmente receitas fisioterápicas e homeopáticas. Mas o que chamou a minha atenção não foi isto! O que realmente me surpreendeu foi ver as mensagens *escritas* de uma forma que é tudo, menos... escrita! Com efeito, todas aquelas dezenas e dezenas de folhas de papel achavam-se cheias de riscos em zigue-zague, como fazem as crianças, quando apanham a jeito um papel e um lápis.

— Mas estes riscos não dizem coisa alguma! Como se pode chamar a isto uma comunicação? — perguntava a mim próprio.

Explicaram-me então que havia outra médium que tinha a faculdade (?!) de interpretar todos aqueles riscos e traduzir o significado daquela escrita esotérica!

Realmente vi uma senhora pegar em cada uma das comunicações e, ràpidamente, num jacto, escrever na própria folha o que traduzia... Mediunidade? Animismo? Não sei! Tudo isto é tão estranho, tão invulgar, que uma simples sessão não me permite tirar conclusões apressadas.

O Dr. Hercílio Maes é um dos psicógrafos contemporâneos que mais se popularizou no Brasil e além-fronteiras. Sua obra *A Vida no Planeta Marte* corre mundo! Na Europa está sendo traduzida em várias línguas! Em Lisboa estão à venda nas livrarias da Baixa! E até Jânio Quadros, candidato a Presidente da República do Brasil, afirmou há tempos numa entrevista, que o livro do ano que mais o impressionara tinha sido *A Vida no Planeta Marte*.

Encontrar o Dr. Hercílio Maes não é tarefa muito fácil! Tanto a casa, como o escritório, não têm telefone, de forma que a procura de uma dessas direcções é quase um problema! Depois inquiri-las em certos meios espíritas locais também pouco resulta, pois alegam que aquilo não é Espiritismo, simplesmente porque Kardec não tocou em certos pontos versados por Ramatís...

Mas, mesmo sem ser médium, lá consegui quebrar esta *cortina de ferro* e dar com a morada do ilustre advogado. Como todas as grandes almas, como todas as grandes inteligências, o médium de Ramatís é uma pessoa simples, afável, de extraordinária comunicabilidade, com quem se sente bem conversar. Sua esposa e filhos receberam-me alegremente, não como um estranho, mas como um amigo que não viam há muito!

A cultura do Dr. Hercílio Maes é extraordinária! Leu mais de 2000 livros até hoje, e como tive ocasião de verificar, a propósito de qualquer assunto fala e discute! As duas horas que estive em sua casa passaram-se ràpidamente, tão agradável era a sua conversação.

Em matéria de Espiritismo é partidário entusiasta da parte científica. A propósito da maioria dos trabalhos disse:

— Acho que todos os espiritas deviam ler obras de Psicanálise e Psiquiatria. A maioria do que para aí se apresenta com o rótulo de espirita, não é mais do que o produto de manifestações histéricas e outros distúrbios psíquicos. E sem um

conhecimento claro dessas matérias é impossível uma análise perfeita das manifestações.

A propósito da sua obra atrás citada disse-me em certa altura:

— Como se deve recordar, Ramatís diz no meu livro que a vegetação em Marte apresenta uma determinada fluorescência. Ora, sabe as conclusões a que os sábios chegaram sobre o assunto?

— Confesso que não.

— Escute, então. Os americanos e russos tiraram fotografias das florestas virgens e daquelas em que a mão humana teve preponderância. Os espectros desses dois tipos de vegetação, são diferentes, por mais estranho que isto lhe pareça!

— Com efeito ...

— Ora os espectros obtidos posteriormente das extensas regiões de Marte são do tipo correspondente à vegetação cultivada.

— Por aquilo que me conta a existência de habitantes fica assim cientificamente provada ...

— Espere que não é tudo ainda. Imagine que, pelo exame minucioso do espectro de Marte, alguns sábios chegaram à conclusão de que a sua vegetação possui fluorescência, tal como se diz o *meu* livro *A Vida no Planeta Marte.*

— Mas isto é interessantíssimo!

— Há pouco tempo um jornal referiu-se ao caso e citou até a minha obra. Quer ver?

E antes mesmo que pudesse fazer um gesto de aprovação, o Dr. Hercílio Maes levanta-se, vai à secretária e tira-me um recorte com um artigo sobre o assunto.

— E já que lhe falei de Marte quero-lhe contar um caso curioso também. Há tempos recebi uma mensagem que no dia tal às tantas horas iria surgir no Céu mais um disco voador.

— E esse caso de premonição saíu exacto?

— Exactíssimo! Precisamente no momento indicado surgiu no horizonte um desses objectos.

— Ouvi falar no caso — confirmou uma das senhoras que me acompanhavam.

Fala-se de novo em mediunidade e o ilustre confrade perguntou-me:

— Já conhece as experiências recentes feitas acerca da sensibilidade dos médiuns?

— Não sei a que experiências se refere.

— Eu li até um relato muito sujestivo a esse respeito.

— Mas onde é que elas se efectuaram?

— Os sábios de certo país verificaram, por meio de aparelhos colocados na cabeça dos pacientes, que os médiuns possuem mais 28 a 35 % de sensibilidade do que as outras pessoas.

— Confesso que desconhecia o que acaba de contar. Apenas conhecia, além das investigações do professor Bikov, que haviam criado uns *robots*, que demonstravam a existência da electricidade biológica.

O Dr. Hercílio Maes é vegetariano há 14 anos, e contou que seu filho, apenas com a idade de sete anos, disse um dia:

— A partir de hoje nunca mais quero comer carne!

E assim sucedeu! Desde essa altura jamais entrou carne no seu estômago.

— Note como o facto é interessante. Foi meu filho que espontâneamente renunciou a essa alimentação. E no entanto minha esposa e filhas, que podiam estar influenciadas por mim ou por meu filho, que fazemos propaganda do Naturismo em toda a parte, não são ainda vegetarianas.

— Muito curioso!

O médium de Ramatís afirma lembrar-se de suas vidas passadas. Contou-me algumas passagens interessantes. Mas a minha curiosidade atingiu o auge, quando decidiu fazer algumas premonições para os anos próximos.

— Vamos começar pelo Brasil. Ora, aqui, sabe quem vai subir ao poder?

— Naturalmente Jânio Quadros! Pelo menos é o candidato que vejo ter maior apoio popular.

— Será, realmente, Jânio Quadros o escolhido. Mas o seu governo vai durar pouco tempo.

— Porquê?...

— Porque ao fim de dois anos terá um colapso ... E não chegará ao fim.

— E depois?

— Depois uma ditadura!

— E o que pode dizer sobre o Velho Continente? Haverá guerra nos próximos anos?

— Não, não haverá.

— Em contrapartida rebentará em 1972, com seu foco no Médio ou no Extremo Oriente.

— E qual o país que exercerá acção preponderante nessa conflagração?

— Tenho impressão de que a China!

Durante a animada conversação várias vezes o Dr. Hercílio Maes manifestou pezar por não ter podido abraçar Isidoro Duarte Santos, quando esteve em Curitiba. E acrescenta:

— Admiro tanto *Estudos Psíquicos* e o seu director, que conhecê-lo pessoalmente seria para mim um autêntico prazer espiritual.

Eram quase onze e meia da noite, quando saímos. E quando pelo caminho comentávamos — eu, D. Meúma e Dr.ª Lucília — o magnífico serão que havíamos passado, D. Meúma perguntou-me:

— Sentiu o perfume?

— Qual perfume? — perguntei, admirado.

— O perfume que em dada altura surgiu misteriosamente na sala.

— Perfume? Mas não senti coisa alguma! Como foi isso?

— Quando o Cardoso estava falando com o Dr. Hercílio Maes senti um forte cheiro de perfume. Olhei para todos os lados, admirada, pois não havia ali pessoas perfumadas, nem se havia aberto qualquer frasco de essência. Olhei nessa altura para minha filha, que também sentira o referido cheiro e me olhou de maneira significativa.

— Sim, é verdade — confirmou ela —. Havia momentos já, que um agradável perfume me envolvia, sem eu compreender a sua origem.

— O que me acabam de contar é extremamente interessante — disse eu — e mais interessante até, porque não senti coisa alguma!

Semanas depois, quando o Dr. Hercílio me visitou na Avenida Visconde de Guarapuava, contámos-lhe o sucedido. Mas ele não se admirou, ao contrário do que esperávamos. Limitou-se a dizer:

— Já não é a primeira vez! É uma entidade amiga que gosta de espargir perfume nas pessoas! Já estamos habituados!

Nessa altura, as únicas pessoas admiradas éramos nós...

(Continua)

RELIGIÃO E ESPIRITISMO

Por Joaquim Fernandes de Albuquerque

2

Analisemos o sexto argumento: o ilustre escritor afirma que o Espiritismo tem culto; que, por isso, a adoração a Deus, o respeito pelos Espíritos superiores, a sua invocação como Espíritos protectores nos actos espirituais, ou mesmo nas situações aflitivas da vida, não podem deixar de ser formas de culto.

Quanto à adoração a Deus, estou de acordo em aceitar que é uma manifestação de culto religioso, mas não culto próprio ou privativo do Espiritismo.

Se se trata da adoração de Deus, Jeová, estamos em presença de uma manifestação do culto judaico.

Se se trata da adoração do Cristo, isso será uma manifestação do culto Cristão numa das suas formas: catolicismo ou protestantismo.

E se, por hipótese, se tratar da adoração de Buda, encontramo-nos em face de uma manifestação do culto budista.

Em qualquer dos casos, não é o Espiritismo considerado em si mesmo, mas sim na sua vida de relação. Será o problema das relações da Ciência com a Religião, que muitos julgam incompatíveis. *Isto resulta do facto de se pensar erradamente que o homem de ciência é necessáriamente um materialista, porque a ciência tem que ser objectiva.*

Mesmo dentro dos sectores Espiritas, há quem se recuse a aceitar o Espiritismo como uma Ciência, porque, dizem esses, isso é um perigo.

Confesso que não vejo esse perigo. Então o Espiritualista não pode, da mesma maneira que o materialista, dedicar-se á investigação científica? Qual é o óbice? Nenhum.

As posições é que são diferentes. Enquanto os materialistas se limitam apenas às leis naturais ou científicas, os espiritualistas fazem-nas derivar das leis divinas. Quanto ao mais, ambos, ao fazerem ciência, procedem de harmonia com as regras do método estrictamente científico, e sem qualquer ideia preconcebida.

De forma que, quando o homem de ciência, espiritualista, adora Deus, mesmo que seja espirita, sai do âmbito da ciência que cultiva e entra na sua vida de relação com a Religião que, como é evidente, é extrínseca à referida ciência.

Quanto ao respeito pelos Espíritos superiores, não significa isso culto religioso, mas tão sòmente o cumprimento de um dever moral, que não se deve confundir com o culto.

Em referência à invocação de Espíritos para que seja concedida protecção, até mesmo nas situações mais aflitivas, da mesma forma não quer dizer culto religioso, mas uma confiança inabalável no poder supranormal desses mesmos Espíritos.

É certo que em certas religiões da antiguidade, por exemplo na dos gregos, havia o chamado culto dos mortos em que cada morto se tornava uma divindade bélica, excepto aqueles mortos que eram esquecidos, e que deambulavam tristemente pelo mundo, perturbando a paz dos vivos. Mas aqui há todas as características de religião: divindades, os Espíritos; e o culto a essas divindades, o que não acontece no Espiritismo.

E agora, o último argumento: o Senhor Dr. Carlos Imbassahy, pretende que, á semelhança da Religião, o Espiritismo tem um dogma: o da existência de Deus, como ponto fundamental e indiscutível.

É evidente que, como resulta de tudo o que se expôs, tal dogma, embora aceite pelo Espiritismo, não lhe é intrínseco mas extrínseco, pelo que, quando o Espiritismo assim procede, está no domínio da sua vida de relação com a Religião.

Não me repugna pois concluir que o Espiritismo não é Religião e que defino esta, não como sendo tudo o que trata de Deus, mas sim aquela matéria que diz respeito a Deus, aos seus atributos e às suas relações com o Universo. *Defino assim Religião, porque este é o seu conceito técnico, o seu conceito teológico.*

Escolhi a obra do Senhor Dr. Carlos Imbassahy intitulada «Religião», para procurar demonstrar que o Espiritismo não tem carácter religioso, não porque outras obras que tratam do mesmo assunto me merecessem somenos importância, mas por ser aquela a que mais me chocou, talvez pelo seu carácter dialéctico.

Não pretendi, com os meus pontos de vista opostos, ofuscar o brilho que aquele erudito polemista dá aos seus argumentos, mas tão sòmente iluminar a minha tese com um pouco da sua luz irradiante.

E é esta a mais sincera homenagem que lhe posso prestar, apesar da minha discordância.

★

Posto isto, falarei agora um pouco de Espiritismo.

O que é Espiritismo? Sir William Barrett sustenta que é a crença na sobrevivência da alma, obtida experimentalmente.

O Dr. Gustave Geley define-o como uma ciência positiva, baseada no estudo experimental dos fenómenos psíquicos e nos ensinamentos dos espíritos elevados.

Para o Dr. Martins Velho ele é uma ciência positiva e experimental, a base fundamental da Biologia, por isso que estuda precisamente a origem da vida.

Mais definições poderiam ser citadas. Porém estas bastam, para o fim em vista. Das três referidas, para mim a que é mais expressiva é sem dúvida a do Dr. Martins Velho. Na verdade, de harmonia com ela, o Espiritismo, propondo-se demonstrar pelo método estrictamente científico a sobrevivência da alma, vai-nos conduzir necessáriamente ao princípio vital que anima o corpo; diz-nos que o espírito é a origem da vida; e diz-nos mais: que não se pode estudar a Biologia sem se estudar o Espiritismo. Estamos, portanto, em face da dualidade espírito-matéria, numa síntese perfeita e ajustada ás realidades.

Dualidade espírito-matéria, com uma ideia base: o espírito como origem da vida. Mas, é evidente, que desta dualidade não se deve nem se pode separar um princípio intermediário, a força, como pretende o Dr. Gustave Geley.

A ideia «força» é sempre necessária. Eu quase que estava tentado a localizá-la no próprio espírito; porém analisando melhor o problema compreendi que, na verdade,

se, como quer e com razão aquele escritor, imaginarmos a Criação figurada por abstracção, e no seu conjunto, como um ciclo que a potência criadora, seja ela qual for, percorre eternamente, e se ao mesmo tempo imaginarmos o espírito ou o «maximum» do espírito num ponto qualquer da trajectória, teremos que no ponto diametralmente oposto está a matéria ou o «maximum» da matéria, pelo que a força ficará no espaço intermediário, necessàriamente, como condição «sine qua non» de realização do «processus» de involução e de evolução, tanto nas partes como no todo, tanto no microcosmo como no macrocosmo. Compreendi que isto era assim, depois de, por operação racional, ter verificado que o espírito, enquanto sujeito ao Karma e ao princípio da reencarnação, quanto a mim princípio consequente daquela lei, não pode conter em si mesmo essa ideia-força porque então isso equivaleria a desligá-lo da acção inflexível desses dois princípios, o que será o mesmo que contrariá-los, e tal era, pois, um absurdo. O Karma e o princípio de reencarnação têm que actuar sempre, como determinantes da evolução espiritual. São princípios que existem, porque existe a lei de evolução. A tal ideia-força é a consequência necessária dos mesmos princípios, e por isso não podia fazer parte da essência espiritual, porque então o espírito deixava de ser determinado para se determinar, isto com referência, é claro, à generalidade evolutiva para que tende, imperativa e categòricamente, o espírito humano.

Esta ideia-força só deixa de fazer sentir a sua acção, quando for atingido o grau máximo da evolução espiritual, quando o espírito se desvincular das leis naturais, para se vincular às leis sobrenaturais.

A desencarnação, como é lógico, actua como motivo determinante da involução, de onde resulta que, nesta hipótese, a mesma ideia-força é a consequência necessária da finalidade involutiva. Quer dizer: essa ideia, concebida abstractamente, anda associada, como elemento intermediário, à dualidade espírito-matéria, e tanto é a consequência necessária do Karma e do princípio de reencarnação como do princípio da desencarnação.

★

O Espiritismo tem uma grande amplitude. É universal. E é-o porque os seus conceitos intrínsecos são científicos. Por isso ele é acessível a todos os povos, sem distinção de raças e de classes sociais, de credos políticos ou religiosos, pelo que é válido no tempo e no espaço. Nem podia deixar de ser assim, como Ciência que é.

Se fosse religião, perderia «ipso facto» essa universalidade, porque não há uma mística religiosa para todos os povos, mas várias místicas religiosas.

Há quem diga, como faz Leopoldo Machado no seu livro «Cientismo e Espiritismo», que há a possibilidade de se construir uma religião científica, bem como uma ciência religiosa. Neste ponto, como em alguns outros, aliás, estou inteiramente de acordo com Sir William Barrett, que afirma e muito bem que os fenómenos religiosos não se podem cientificar, não são exteriorizáveis, não se comunicam por fora mas por dentro, visto que representam o contacto do Espírito Criador com o espírito da criatura, contacto que se estabelece através da fé.

Os fenómenos espiritas comunicam-se por fora, são cientificáveis e, portanto, não são, não podem ser fenómenos religiosos. *Estes, como diz o Dr. Martins Velho, não se estribam nessa fé, mas sim na convicção; não pressupõem culto, nem dogmas, nem mistérios nem o sobrenatural, pois tudo neles se explica por leis fenoménicas, naturais ou científicas, embora desconhecidas do vulgo. E é por isso que, quer queiram, quer não queiram, o Espiritismo é universal.*

O cientista, ao fazer ciência, abstrai de qualquer convicção, de qualquer ideia preconcebida, para se deter apenas na observação desses fenómenos e por isso é erro supor que todo este trabalho de investigação científica só pode ser feito pelos materialistas. Não. Esse trabalho é igualmente acessível aos espiritualistas.

Quando a ciência fala em Deus, ou para o afirmar, ou para o negar, ou ainda para definir uma atitude de neutralidade, não deixa de ser ciência, ou passa a ser simultâneamente ciência e religião. Quando ela assim procede, afirma-nos em que medida se deve tomar a sua vida de relação com a religião, não podendo nós por isso afirmar que é ciência e religião. Precisamente o mesmo se passa com o Espiritismo, que é uma Ciência.

A ciência não se pode contradizer sob pena de o deixar de ser, e se o Espiritismo fosse também, intrìnsecamente, uma religião, deixaria de ser ciência.

As leis fenoménicas não podem ser científicas e religiosas; universais e particulares.

Ou são científicas, e por isso universais, ou não são científicas, e portanto são particulares.

Serem científicas e religiosas, e, consequentemente, universais e particulares ao mesmo tempo, é um absurdo.

Não têm razão, portanto, aqueles que afirmam que o Espiritismo é uma religião.

★

Há que considerar o Espiritismo em si mesmo, e o Espiritismo na sua vida de relação.

Considerado em si mesmo é uma Ciência, porque assenta no método positivo; só admite factos experimentais, com as deduções que deles se desprendem, como diz o Dr. Gustave Geley. Mas, neste aspecto, ele é ainda de conteúdo filosófico, porque metafísico. Mas, metafísico, apenas no sentido de que respeita à alma. Quanto ao mais, de harmonia com o mesmo autor, distingue-se da metafísica, ao repelir todo o raciocínio «a priori» e toda a solução puramente imaginativa.

Considerado na sua vida de relação, o Espiritismo vive a paredes meias com outras Ciências.

Com a Biologia, pois, como vimos na definição dada pelo Dr. Martins Velho, ela não se pode estudar sem o estudo do Espiritismo, porque este diz-nos que o espírito é a origem da vida.

Porque não se pode separar a evolução psíquica da evolução orgânica, a doutrina da evolução anímica suprime, como afirma o mesmo Dr. Gustave Geley, todas as objecções aparentes feitas ao Espiritismo pelas grandes descobertas das Ciências Naturais:

— Objecção baseada na semelhança orgânica e fisiológica dos animais e na descendência animal do homem.

— Objecção baseada na correlação estreita entre o desenvolvimento dos centros nervosos e a extensão da consciência.

— Objecção baseada na impossibilidade de conceber o espírito e a matéria, como coisas isoladas e distintas.

Por outro lado, a noção de evolução psíquica explica muito bem a conservação dos progressos orgânicos, que a selecção natural não nos explica suficientemente.

O Espiritismo relaciona-se com a

Astronomia, pois que nos ensina que a evolução não se faz exclusivamente na terra, mas também numa série de mundos abertos à nossa actividade.

Foi servindo-se da Astronomia que o Engenheiro Hernâni Guimarães Andrade concebeu a sua «composição do átomo espiritual», um dos princípios que estruturam a também sua «Teoria Corpuscular do Espírito», do qual ele parte para escolher o seu átomo modelo: um núcleo central em torno do qual gravitam corpúsculos planetários com órbitas bem definidas.

O mesmo publicista serve-se do raciocínio matemático em alguns passos da referida «Teoria Corpuscular do Espírito».

Com esse raciocínio ele dá-vos a noção da quarta dimensão irradiante, *num dos capítulos dessa sua obra.*

Relaciona-se ainda o Espiritismo com a Física e a Química, porque, de acordo com estas Ciências, faz-nos entrever a unidade de matéria e a unidade de força.

A descoberta da matéria radiante permite, aliás, a compreensão fácil da constituição do corpo astral.

Os nossos conhecimentos acerca da constituição molecular dos corpos, permitem-nos considerar como realidade os fenómenos de materialização e desmaterialização.

Poderia alongar-me mais neste assunto. Porém o que fica, julgo que já é suficiente, sobretudo para formular as seguintes perguntas:

Pelo facto de o Espiritismo ter relações com a Biologia, podemos afirmar que ele é Biologia?

Pelo facto de o Espiritismo ter relações com as Ciências Naturais podemos considerá-lo, também, como fazendo parte destas Ciências?

Pelo facto de o Espiritismo ter relações com a Astronomia, podemos considerá-lo como Astronomia?

Pelo facto de o Espiritismo ter relações com a Matemática, devemos considerá-lo como Matemática?

Pelo facto de o Espiritismo ter relações com a Física e a Química, devemos considerá-lo como pertencente ao domínio destas Ciências?

A resposta a todas estas perguntas só pode ser uma: Não! Apesar da sua vida de relação, mantém a sua autonomia, e ao mesmo tempo não se identifica com as Ciências com quem se relaciona.

Anàlogamente, quando o Espiritismo nos fala em Deus, também, da mesma forma, mantém a sua autonomia e não passa a ser simultâneamente uma Religião.

★

Para o Espiritismo, o que conta essencialmente é a Evolução, uma das suas Leis. Dela derivam duas outras: o Karma e o Princípio da Reencarnação.

Quanto a mim, a ideia-força de que já falei, dá eficácia àqueles Princípios, que são a determinante necessária da finalidade evolutiva do Espírito Humano.

O Espírito vive, pois, determinado, sem embargo de podermos alterar essa determinação, em consequência do livre arbítrio que possuímos e que não é absoluto.

Temos a faculdade de optar pelo bem ou pelo mal. Se optarmos pelo bem, não nos libertamos imediatamente da determinação kármica, embora a possamos alterar. Se optarmos pelo mal, mais intensificamos essa determinação. De maneira que o referido livre-arbítrio é relativo, porque não nos exime da vinculação, imposta pelas leis naturais ou científicas.

Na verdade, só relativamente somos livres. A liberdade que possuímos não pode ir ao ponto de violar a plenitude dessas leis, sob pena de sofrermos as consequências, pois que estamos determinados por elas.

★

Mais alguma coisa poderia eu dizer ainda sobre Espiritismo. Porém, não me propus ir mais além. Em relação ao tema que escolhi, fica-me a convicção de ter sido sincero, e a certeza de que não há também qualquer perigo em afirmar-se que o Espiritismo não é uma religião.

Se Carlos Imbassahy afirma que «as religiões são galhos de um mesmo tronco, e que o Espiritismo é o maior desses galhos», *eu direi que* «as religiões são galhos de um mesmo tronco, que vivem ìntimamente da Essência Divina; o Espiritismo é uma árvore frondosa e copada, que não participa dessa essência, mas que aspira o aroma do seu perfume».

Qual de nós tem razão?

A resposta, não sou eu que a dou. Nem ela, nem vós. Dá-a o próprio Espiritismo, que é uma Ciência. E a Ciência, em nenhuma circunstância pode ser Religião.

★

Observação: *Albert Einstein, na sua «Teoria da Relatividade Restrita e Geral — A Relatividade e o Problema do Espaço», fala-nos já em um «continuum espaço-tempo» a quatro dimensões.*

O matemático Melo e Sousa, no seu artigo «Geometria do Sobrenatural», também se preocupa em demonstrar a existência de um hiper-espaço, sem dimensão alguma, mas com uma ajustada trans-altura, hiper-espaço onde existem seres especiais dotados de quatro dimensões: os hiper-tipos, de Espíritos, que vão onde querem com a sua quarta dimensão, através das três que não respeitam às suas actividades.

Como Encaras a Vida?

Como encaras a vida? De cume luminoso ou de um charco pestilento? De uma forma ou de outra vê-la-ás mui diferente.

Se teu espírito tiver luz, não precisarás de ouro para dar brilho à tua mente; se estiver perto do sol, calor terás em teu coração e serás bom; se puderes estender a vista sem limites tiranos a tua alma voará, inquieta será a tua imaginação criadora e verás a vida sempre em aurora.

Se houver miséria em teu ânimo e em sombra estiverem teus sentimentos, precisarás do ouro do avaro para alumiar a noite do teu coração; e se encarares a vida através de águas turvas e estagnadas, só verás os germes do mal que te empeçonham; finalmente, se prisioneiro estiveres de teus rancores, escravo serás do pessimismo e verás a vida sempre no declínio.

VICENTE A. SALAVERRI

FERNANDO PESSOA—HOMEM PSÍQUICO

Por Horácio Rubim Gorjão (Ruy Ribamar)

Mal estudadas estão as influências, interferências e constantes dos homens altamente psíquicos da literatura portuguesa, ainda que uma autêntica devassa haja sido feita sobre tudo o que compõe o seu *curriculum vitae* biológico, sexual, sentimental e psico-somático. Tal anomalia despertou ao ilustre colaborador desta revista Vasco de Lemos Mourisca um interessantíssimo artigo acerca da Palingenesia em José Régio. José Régio, inimitável poeta formal da língua e que ao lado desse grande escritor (um verdadeiro Prémio Nobel) que se chama Miguel Torga, constituem os dois maiores valores saídos da «Presença», não é homem para acreditar nas linhas elementares da vida. Como muito bem disse o ilustre autor do articulado, tal talento não cabe na pragmática. Nós, escritores, gostamos vulgarmente de pragmática, o que não implica convencionalismo. Mas para ter a veleidade de se afirmar escritor é preciso trazer algo de novo — e eu não me atreveria a abusar da gentil hospitalidade desta Revista, se não soubesse, psíquicamente, que assim é.

As fontes legítimas da arte são telúricas: tudo na terra é belo mas brutal, criador mas sexual, grandioso mas microscópico. Dizer que o homem aprendeu com a Natureza é um lugar comum. Sem embargo, é com ela que sabemos que tudo tem um princípio, um meio, um fim, um fim metafísico. Num curioso estudo sobre Pierino Gamba, Isidoro Duarte Santos quase exgota o assunto — porque completa o fim com o Espírito.

José Régio é em pricípio um homem saído de uma escola literária, mais afim da interpretação do que da metafísica. Entanto, tudo nele se evade desta premissa. Mas ao contrário de Miguel Torga, não é um agnóstico, um homem que cerra os dentes e olha os céus com a impotência de que não se pode evadir. Diz Torga:

Senhor, deito-me na cama
Coberto de sofrimento
E a todo o comprimento
São sete palmos de lama,
Sete palmos de excremento
Da terra mãe que me chama.

Tal dualismo exulta-nos. Ao passo que um é um poeta (é primoroso o soneto de José Régio transcrito no citado artigo), o outro encarna a fatalidade biológica da vida. Ambos se comungam jocundamente, no entanto, para nos oferecer o panorama ecuménico da fatalidade universal e dos seus dramas. O quotidiano é um estudo pesado, exaustivo que exige a garra e o talento dos génios.

Sem embargo, taciturno, misógino, isolado, solitário, Fernando Pessoa passa, dúbio, apagado, por detrás das suas lunetas, pálido de cansaço (talvez de fome) e dramàticamente obseca a neo-poesia portuguesa. O estudo do crítico Gaspar Simões foi inútil. Nada ou pouco sobre as origens metafísicas do poeta disse o crítico. Fernando Pessoa começou prudentemente por não ter personalidade definida e acabou por ter muitas. Também gosto de heterónimos — e cultivo-os. Mas o caso pessoal do Poeta é ridículo e vexatório. Gostaria que o Dr. Azeredo Perdigão nos dissesse quando inaugura o decantado *Lar dos Intelectuais*. O seu caso sexual também não interessa, porque Fernando Pessoa — disse-mo ele — opinava que só é sincero o que sexualmente é sincero.

Mas o caso psíquico de Fernando — que o primitivismo do sr. Simões desdenha — é um caso à parte no seu todo somático. Reduzir o poeta da «Mensagem» a um simples habilidoso para ganhar um prémio é o mesmo que dizer que o devia ganhar qualquer clássico. O primeiro prémio não lhe foi atribuído — *et pour cause* — mas a mensagem ficou sendo a mais vidente das produções que se filiam no preconceituado. Preconceituado?... Certamente: profecia, áugure.

Fernando Pessoa nunca acreditou nos amigos, nem na vida temporal. Ele e o Infante D. Henrique nisso se pareciam, ambos imbuídos da certeza que o presente é uma realidade do passado e o futuro uma sua consequência. Os inúmeros exegetas do Poeta atribuem ao Rosacruz e ao Paulismo a formação psíquica dos Poetas. Naturalmente que o sr. Simões explica as coisas com as suas infindáveis explicações. Mas a realidade dos mortos vive mais na obra do Poeta, que todas as múmias que o crítico engendrou numa suposta originalidade:

O tempo que eu hei sonhado,
Quanto tempo foi de vida?
Ah! quanto do meu passado
Foi só a vida mentida
Dum futuro imaginado!

Tal confissão é uma derrota ante o convencional. Fernando Pessoa, contudo, refugiou-se em algo de mais poderoso. Ele não se limitou a dizer:

«Eu sou um rei que voluntàriamente abandonei meu trono de sonhos e cansaços», mas encontrou um rumo maior e mais belo.

Reservo-me um estudo mais profundo sobre este aspecto da complexa personalidade de Fernando Pessoa. Mas aqui presto homenagem, além daquela devida ao ilustre Director desta revista, ao sr. Dr. Vasco de Lemos Mourisca, que foi quem, psìquicamente, me despertou o interesse pelo assunto.

Helen Keller, Mulher Maravilhosa

por Doris M. Hodges

Em 1887, num dia de primavera, uma jovem professora americana, acompanhada de uma menina de 7 anos, instalou-se no conforto acolhedor duma casa de Tuscumbia, Alabama. A professora era diplomada pela Instituição Perkins dos Cegos, de Boston, Massachusetts, onde ensinara cegos ou semicegos, sofrendo igualmente duma vista deficitária.

A criança era surda, muda e cega e só através do tacto podia ter quaisquer relações com o mundo exterior. E desde a sua chegada à mansão, um mês antes, tentara, aliás sem êxito, ler na mente da ceguinha utilizando o alfabeto digital dos surdos-mudos sobre a mãezinha da criança. Fazia-a segurar um copo de água e propositadamente derramava alguma sobre a epiderme da doente. Depois imprimia sobre a mão da cega, pelo alfabeto dos dedos, a palavra: *água*. Até que um dia, após um momento de ansiedade, entre mestra e aluna, sùbitamnte o espírito da criança abriu-se para compreender e aceitar este primeiro passo no caminho da comunicação e contacto com o mundo exterior, apercebendo-se intuitivamente de que os movimentos dos dedos impressos sobre a sua mão diziam respeito à água derramada sobre a outra. Apontou então para a invisível, mas vitalmente importante presença a seu lado, cujos dedos apressados procuravam diligentemente comunicar conhecimentos através da sua mão. «Professora» — soletravam estes dedos que tentavam abrir um espírito mergulhado nas trevas para o mundo que nunca conhecera. E assim, para esse mundo, uma alma era restituída, a qual, por sua vez, tomaria contacto, numa admirável cruzada, com os cegos, os surdos e os mudos, para lhes levar a cura e a assistência do espírito e da alma.

Helen Adams Keller nasceu em Tuscumbia, Alabama, em 27 de Junho de 1880, sendo criança normal até aos dois anos de idade, época em que, por doença, perdeu a vista, o ouvido e a fala. Os médicos concluiram que as primeiras duas faculdades jamais poderiam ser recuperadas mas que era muda, porque não podia ouvir-se a si própria falar. E assim, mais tarde, sob a tutela paciente da professora e a estadia na *Horace Man School for the Deaf* e na *Wright — Humason Oral School*, de Nova Iorque, Helena Keller pôde voltar a falar. Desde esse momento, lutando contra tantas e extraordinárias dificuldades, tem vivido uma existência plena de felicidade, devotada à piedade e a uma radiosa obra de amor humano e tornou-se querida e venerada de milhões de pessoas, dezenas de países, de todo o mundo, enfim, justamente porque conjuga em si grandeza de alma e humanidade de espírito. Sobre tantos continentes a sua alma atingiu o sublime pelas suas conferências, pelos seus livros e pela influência do seu nome a favor de tantos que nasceram sob o signo das suas próprias afecções, se assim, lhe poderemos chamar.

Trouxe para a sua missão a fama duma inteligência apurada, as directrizes dum coração compadecido e generoso e nessa missão de curar, de ajudar, de encorajar, continua, ainda que já não seja nova. Mas não se pode, por um preito de justiça, escrever do que ela fez de dedicado trabalho em favor dos cegos-mudos e dos surdos-cegos, sem nos lembrarmos e homenagearmos a mulher que tanto concorreu para o desenvolvimento da sua personalidade e com a qual compartilhou a maior parte da sua vida — Anne Mansfield Sulivan, pelo seu casamento e, Anne Sulivan Maey. É esta a «Professora» da qual Hellen Keller escreve com tanto amor nos seus belos livros.

Anne Sulivan Maey morreu em 1936, confiando em que deixara a sua alma couraçada da independência e determinação, porque lutara durante toda a vida. Era sua opinião e também a de Helena Keller, quando atingiu a maioridade, que existe muito errado sentimentalismo e empanada gentileza na atitude de certa gente em relação aos cegos e aos desprotegidos.

Muitos, muitíssimos, não querem ser confortados, isolados em lares e instituições, e, quando é possível, só almejam ver-se livres, activos e independentes, sendo dever dos educadores proporcioná-lo no mais alto grau possível.

Sob a vigilância inspirada de Anne Sulivan, Helena Keller educou-se nos seus primeiros tempos em casa, mais tarde com amigos e por fim numa escola preparatória de raparigas. Nas aulas, Anne Sulivan sentava-se a seu lado, repetindo as lições orais pelo alfabeto dos dedos e Helena Keller utilizava o método Braille para ler os seus livros e uma máquina de escrever especial para os seus escritos. Desta maneira graduou-se no Radclife College em 1900 e quatro anos mais tarde diplomava-se com menção honrosa! Podemos admitir, em princípio, que fosse uma mentalidade acima da média estabelecida, que jamais havia perdido os seus vitais sentidos exteriores; mesmo assim teria sido sempre uma voz clamando no mundo inteiro pela educação e pelas ideias, uma suplicante pelos carecidos e abandonados. Na frase inspirada de Anne Sulivan, ela tornou-se uma «alma falante» um dos seres mais compadecidos e humanitários do nosso tempo, um espírito armado de enorme coragem e de ingente fé.

Além do seu trabalho percorrendo a América e o globo pelos desprotegidos, recolhendo fundos para a sua reabilitação, educação e treino, o ín-

A Idade traz grandes mudanças

por CONSTÂNCIO C. VIGIL

A idade implica o refinamento do paladar. Aos vinte anos o significado de comer é engolir, encher o estômago. O mais importante é a quantidade.

Nas distracções, nos prazeres, nas predilecções, também não há selecção. Aceita-se tudo o que realça os valores desejados.

Aos trinta anos inicia-se o discernimento sobre as afeições, os gostos, os anelos e as ideias.

Na maturidade, este processo chega ao seu termo. Já não se trata de satisfazer de qualquer modo os apetites do corpo e as necessidades do espírito.

Já não se dorme da mesma forma no solo e no fofo colchão; diferencia-se a própria cama. Não se notam as particularidades da almofada habitual; prejudica-nos a luz, o ruído e outros pormenores em que não reparamos na mocidade.

O desejo de comer é acompanhado da predisposição para aceitar certos manjares e repelir outros.

Não se lê um livro, não se contempla um quadro, não se ouve música. Há preferências e repulsões que se acentuam, no curso da existência.

O vestuário e a alimentação, os adornos, os pequenos prazeres, os costumes, etc., tudo reflecte mais esmerada escolha, de harmonia com o processo íntimo que significa viver.

O amor altera-se profundamente. Não se manifesta com a prodigalidade antiga. É sentimento delicado e bom que se parece com o amor da mulher.

O moço encontra atractivos em oitenta de cada cem mulheres; o ancião, entre mil mulheres, talvez não encontre uma que seja do seu agrado.

Sucede o mesmo com a amizade. Aos dez anos todos os seres humanos são amigos. Aos vinte, quase todos. Aos trinta, aos quarenta, aos cinquenta, o número de amigos diminui, a selecção torna-nos mais rigorosos e exigentes.

A filantropia, o humanitarismo, o amor ao próximo e a caridade evolucionam como as outras inclinações e sentimentos.

O amor à pátria, que sentimos primeiro sem análise, que amorteceu talvez devido a outras preocupações, volta e apodera-se do coração. Seria preferível que o mundo fosse uma só pátria: ser cidadão do planeta, servir a humanidade inteira! Mas, assim como se limitam alguns deveres ao ofício, às atitudes, ao meio e à família, também se devem limitar outros deveres à pátria, sob pena de dissipar estèrilmente os esforços de uma esfera demasiado ampla e heterogénea.

Para o ancião o patriotismo não é sentimento confuso, ardente e infecundo; é uma aspiração definida, raciocinada e serena.

Os verdes anos, como o pouco saber, arremetem briosamente contra a religiosidade; mas o muito viver e o muito saber reintegram no espírito do homem a suprema verdade, o mais sublime bem, a única luz possível nas trevas que o envolvem.

A aparência diz que as mudanças notadas na velhice provêm da falta de vigor, da fraqueza de ânimo, da míngua de vontade, de menoscabo de qualidades: afrouxamento, decadência e ruína. Mas a verdade oculta é outra: envelhecer é aprender.

A idade supõe a análise das teorias «ingeridas» sem mastigar.

Os velhos ruminam as ideias, como os camelos e os bois ruminam os alimentos.

Tudo lhes volta à imaginação e o esmiuçam, o revêem e o aceitam ou põem de lado.

E à medida que avançam, vêem mais do invisível.

A velhice é irmã da sabedoria. Dirigem-se à conformidade com as divinas leis, que tudo prevêem e tudo justificam.

dice da sua rara mentalidade foi dado ao mundo pelos seus livros, ricos em filosofia e penetrante amor por tudo o que era humano e belo: — «The Story of my Life», «The World I Live in», «Midstream» «Helen Keller Journal». O seu trabalho acerca de Anne Sulivan chama-se simplesmente: «Professora».

A história da vida de Helena Keller é em si uma fonte de cura e de conforto. As honras e distinções cumularam Helena Keller em muitos países mas sempre seguiu, deliberadamente, cheia de fé, as suas próprias ideias. Um pouco antes de morrer Anne Sulivan disse, em resposta a alguém que lhe observava ser necessário ela melhorar com vista à sua aluna desemparada:

— Se eu lhe sou imprescindível, é porque falhei.

A vida de Helena Keller, os seus serviços prestados aos cegos e aos desprotegidos, os seus livros e conferências, a sua mentalidade comunicante, que é ouvida onde quer que haja homens ou mulheres de boa vontade — são a resposta dum destino individual e ao mesmo tempo uma fonte de poderosa e salutar inspiração para todos aqueles que, como ela, começaram sua vida sob o signo da tragédia.

(De «The Spiritual Healer»)

A Verdade Libertadora

Escreveu Delfino Ferreira

«*Busca a Verdade e a Verdade te libertará*»... Quantas e quantas vezes hemos ouvido e lido esta frase! E sempre atribuída a Jesus. Todavia, como tantas outras, Jesus não a proferiu em tais termos. Ao demais, sobre não se levar em conta os antecedentes da frase, raro se busca alcançar o sentido, quer do vocábulo «verdade», quer, sobretudo no caso, e, talvez melhor, no pensamento de Jesus, o do verbo «libertar».

Vejamos, porém, antes de tudo, os termos exactos da frase segundo o texto evangélico: «... *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*» (João, 8, 32).

Embora, mesmo soltas assim, tais palavras digam muito *aos que têm ouvidos de ouvir*, entretanto, muitíssimo mais se elevará o seu conceito se as enquadrarmos no momento, nas circunstâncias em que o Senhor e Mestre as proferiu.

Vejamos:

Transcorre a segunda parte do terceiro ano do ministério de Jesus; estamos, pois, a pouco menos de seis meses do grande drama do seu sangrento sacrifício. O Nazareno fora assistir à festa de Tabernáculos. Encontramo-lo, pois, ainda em Jerusalém e era já passado o edificante episódio da mulher adúltera, que mãos inspiradas interpolaram no Evangelho joanino, retirando-o de um apócrifo, parece-nos que do Evangelho dos hebreus. A palavra do Mestre se fazia ouvir de forma incomum, vibrante, candente por vezes, esclarecedora sempre, por quase toda a cidade, até mesmo, se não principalmente, no grande Templo. Dissensões se estabelecem no seio da multidão; uns, ante a estranha linguagem de Jesus, se espantam; outros o admiram e exalçam. Fariseus e agentes dos altos sacerdotes se infiltram entre o povo. Interpelam o Mestre, quase sempre capciosamente. Muitos judeus, todavia, beberam-lhe as palavras e, certo, interiormente preparados, compreenderam-nas e creram nele. É face a esse panorama repassado na memória do evangelista, do chamado «discípulo amado», que este, em seu relato, escreveu:

«*Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; E (assim) conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*» (João, 8, 31 e 32).

Agora, tudo está claro. Nem mister se faz indagar, como Pilatos, «*Que é a verdade?*».

Todavia, examinemos:

Que necessário para que a verdade nos liberte? Quando nos libertará ela? Jesus mesmo condicionou: Quando a «*conhecermos*».

Como, porém, a conheceremos? É ainda o iluminado Mestre quem nos responde, condicionando esse «como» a uma condição outra, qual a de sermos, *verdadeiramente*, seus discípulos... Para gozo dos efeitos de tal título se impõe, entretanto, *permanecermos na sua palavra*. Ora, como dizia isto aos judeus *que criam nele*, evidente não bastar o crer «nele», pois a tais crentes falava no momento.

Consequentemente, imprescindível é, para *conhecermos a verdade*, não apenas o facto de ouvirmos a palavra do Mestre, ou seja os seus ensinamentos, tão elevados, tão puros, que afirmou exaltadamente:

— *As palavras que vos digo não são minhas, mas do Pai, que me enviou.*

Ouvi-las e não permanecer nelas, ou seja, não lhes guardar fidelidade, não lhes dar realidade, não as concretizar em todos os actos da vida prática, não forrar com elas os próprios pensamentos, não faz de ninguém, *verdadeiramente, discípulo de Jesus*. Importa isto, por certo, afirmar não ser suficiente saber o que se deve fazer. Indispensável *fazer*... Fazer como se deve fazer dentro do espírito dos ensinos de Jesus. E isto constitui um vasto programa de acção total, que Ele resumiu na derradeira lição:

— *Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.*

A Verdade, pois, só nos libertartará, quando assim procedermos, porquanto sòmente assim, realmente, a *conheceremos*. E por isto Jesus disse pouco adiante:

«— Se alguém guardar a minha palavra (os meus ensinamentos) nunca verá a morte» (João, 8, 51).

Ora, parece-nos que só não veremos a morte, quando não mais *morrermos*... Assim, pois, o conhecimento da verdade, ou seja a assimilação absoluta dos ensinamentos de Jesus e a sua realização na vida, nos dará a *libertação*. De quê? De algo a que estejamos presos... E estamos presos à carne. A libertação da carne é a isenção das reencarnações compulsórias... Por isto Jesus nos ensina a pedir, na Oração Dominical: «... e livrai-nos do mal».

E a libertação está no *conhecimento* da Verdade, não apenas *intelectualmente*, mas, como vimos, expressa na realização prática e total da Palavra do Mestre: os seus ensinamentos. E porque tais

ensinos são *Luz*, é que, no «Sermão da Montanha», o Divino Pregador, traçando a responsabilidade do «discípulo», e de sua influência no mundo de relação, apostrofou:

«*Vós sois o sal da Terra; vós sois a Luz do Mundo*».

Não nos assemelhemos, conseguintemente, aos judeus daqueles tempos, que, não atingindo a altura do pensamento do pregador, fechados ao espírito de vida cintilante de suas palavras, nelas vendo, tão só, a expressão formal, ofendem-se, rebelam-se, tentam contra ele, protestando: «Somos descendência de Abraão e nunca servimos a ninguém; como, pois, nos dizes tu: *Sereis livres?*»

Compadecido e complacente, esclarece-os o Mestre:

— Em verdade, em verdade vos digo, que todo aquele que comete pecado é *Servo do Pecado* (João 8, 33 e 34).

Ora, o pecado, ou seja a ofensa da lei, o seu falseamento ou mesmo a sua omissão, é simples efeito, consequência da ignorância. O plano físico da vida é uma escola, caminho mais rápido para a conquista da sabedoria, que é conhecimento da Lei. Este conhecimento vibrou, viveu na palavra de Jesus, palavra, todavia, *exemplificada*. Todos quantos a hajam ouvido, nela crido, e a posto em prática, sem sombra, leve, levíssima que seja, de qualquer restrição, terão alcançado os mais altos níveis da evolução espiritual, por isso mesmo que tais terão *permanecido* nos ensinamentos de Jesus, serão, por isto e com isto, *verdadeiramente* seus discípulos, e, então, conhecerão plenamente a verdade, serão dela senhores, possuidores, realizadores, e, como consequência lógica, a verdade os libertará. De quê? Da *Ignorância*. Livres da ignorância, que leva ao pecado, que é o próprio pecado, dele não mais são servos. A perfeição suprema, objectivo final do espírito estará atingido, dentro de determinado plano espiritual. A vida no plano físico não mais lhes é indispensável. A Verdade, o Conhecimento, guia do caminho do Amor, é Luz. E as isenta das reencarnações compulsórias.

Assim, sòmente assim, conservando e vivendo os ensinamentos de Jesus, *permanecendo* em suas palavras, seremos verdadeiramente seus discípulos. E só quando o formos, *assim*, é que *conheceremos* a Verdade...

INSTITUTO DE CULTURA ESPIRITA DO BRASIL

PROGRAMA DE 1960

O Instituto de Cultura Espirita do Brasil recomeçou as suas actividades no dia 2 de Abril, dando execução, assim, ao programa de aulas aprovado para o corrente ano. Tem a sede no Rio de Janeiro, e o seu objectivo principal é *ministrar cursos de Espiritismo para o público*. Não há pagamento nem taxa de inscrição, pois tudo é gratuito. Tem o Instituto um *Corpo de Professores* sem remuneração e composto de espiritas de notória significação no movimento espirita do Rio de Janeiro.

★

Além das aulas normais, que são dadas aos sábados, das 16 às 18 horas, com entrada franca, o programa do Instituto ainda prevê *seminários*, especialmente preparados para o debate de assuntos doutrinários. Embora diversas matérias de cultura geral figurem no programa, como elementos auxiliares, a matéria básica, em todo o *curriculum*, é o ESPIRITISMO.

Do programa de 1960 constam as seguintes matérias:

Consequências do Espiritismo — (Na ordem científica, filosofia e religiosa).

Literatura Espirita—(Fontes da literatura espirita — Autores considerados clássicos, como Gabriel Delanne, Léon Denis e outros — Fontes especiais — Fontes mediúnicas).

História da Filosofia — (Continuação do ano passado. Ideias básicas do Espiritismo na História da Filosofia — Filosofia Moderna e Contemporânea).

História da Religiões — (Continuação do ano passado. Cristianismo — Suas relações com o Espiritismo — Ideias básicas do Espiritismo na História das Religiões).

Elementos de Fisiologia Nervosa — (Sistema nervoso. Glândulas endócrinas, sua influência na vida psíquica. Perispírito).

Psicologia — (Continuação do ano passado. Psicopatologia — Causas das psicoses — Obsessão — Higiene mental).

Noções Gerais de Astronomia — (Conceitos iniciais — Planetas — Ideias antigas: Ptolomeu e outros — Revolução de Copérnico, Galileu e outros. A astronomia na «Génese», de Allan Kardec. Interesse para o Espiritismo: pluralidade dos mundos, reencarnação).

★

As aulas são ministradas pelos seguintes confrades: Cel. Delfino Ferreira, Dr. Túlio Chaves, Prof. Newton de Barros, Prof. José Jorge, Dr. Lauro S. Tiago, Engenheiro Renato Giraux Pinheiro e Deolindo Amorim.

★

Aula Inaugural — A aula de abertura do 3.º ano foi dada em sessão solene, como de costume, no dia 26 de Março, às 17 horas, no *auditório* do Ministério da Educação e Cultura. As aulas normais começaram no dia 2 de Abril. O Instituto tem a sua sede provisória na sede da *Liga Espirita do Distrito Federal*, cuja sala de conferências é cedida por gentileza da directoria da Liga: Rua dos Andradas, 96-12.º andar, Rio de Janeiro.

Fazemos votos pelo progresso desta instituição, à qual se encontram ligadas personalidades de grande envergadura moral e mental. O seu passado honroso é garantia de um futuro cheio de brilhantes promessas.

Os Curadores Espirituais Segundo o Espiritismo

Por JOSÉ LHOMME

II

O estudo dos fenómenos psíquicos e espiritas já fez reflectir certos professores universitários. Um dos maiores, o professor Hans Driesch, da Universidade de Leipzig, dizia na Sorbonne, durante o Congresso metapsíquico de 1927:

«O nosso conhecimento da vida orgânica enriqueceu muitíssimo, devido ao lado físico da metapsíquica. Agora só aprendemos a conhecer o que é verdadeiramente a vida orgânica, cujas últimas raízes mergulham na alma».

Esta intuição de um homem de ciência com preocupações superiores foi há muito definida pelo mestre Allan Kardec e desenvolvida por Gabriel Delanne e pelo professor Bozzano.

Entretanto os estudos mais sérios impõem-se pela acumulação de provas novas, que destruirão as últimas resistências sinceras.

Nesse dia haverá no templo de Esculápio um lugar reservado ao estudo teórico e experimental dos poderes superiores do homem e a «Ciência e a Fé» poderão, enfim, trocar o beijo da paz.

Estudemos agora a questão da cura e vejamos o *diagnóstico* da doenca.

— Que é o diagnóstico?

— Em *medicina* é a determinação de uma doença por meio dos sintomas que a caracterizam.

Do ponto de vista puramente psíquico o diagnóstico é a determinação de uma afecção por meio das reacções que provoca num sensitivo.

Segundo o Espiritismo o diagnóstico psíquico é proveniente de clarividência dirigida por um guia espiritual.

Esta clarividência não necessita de qualquer objectivo e exerce-se independentemente do espaço e do tempo.

A realidade desta faculdade supranormal é para nós indubitável, porque a nossa convicção se apoia nos factos que pudemos verificar em trabalhos de psiquistas e de espiritistas competentes.

Entre estes, citemos a monografia do *Doutor Osty*, intitulada «O Diagnóstico das Doenças por Sensitivos Dotados de Conhecimento Paranormal».

Devemos assinalar que o Doutor Osty é o primeiro médico não espiritista que tem discutido este importante assunto com documentação que força as convicções do leitor e de que citamos o caso seguinte:

«Em Agosto de 1920 fui chamado urgentemente pela senhora A. C., de 38 anos, que estava fraquíssima e encontrei-a em estado de colapso (o colapso é uma fraqueza causada por diminuição rápida das forças): pulsação, 120; temperatura, 36°; tendências para síncope e incapacidade de levantar a cabeça do travesseiro.

«A doente falava a custo; a família não podia dar informações úteis. O exame metódico do corpo não acusava nada de anormal.

«Uma enérgica medicação tónica fez melhorar a doente, cujo estado se manteve no dia seguinte.

«A 17 de Agosto, pelas cinco horas, fui chamado outra vez, mas o seu estado era muito mais grave.

«A família julgava a morte próxima.

«Quando cheguei não lhe senti o pulso e os latidos do coracão eram raros e precipitados. A doente não podia falar, nem fazer o menor gesto.

«Voltei inquieto ao meu carro, onde a menina de Berley me esperava. Eu tinha-a conduzido para que ela repousasse ao ar livre de uma sessão anterior muito fatigante.

«Quando me sentei, disse-me:

«— Esta doente inquieta-o. É uma afecção no sangue. O sr. encontrará depressa a causa e poderá curá-la de repente. Arranje um escrito dela e faremos uma sessão a seu respeito.

«Em 18 de Agosto a senhora A. C. estava melhor, embora fatigada, e pedi aos seus familiares que lhe tirassem a temperatura a todas as horas, até à minha próxima visita.

«Na mesma tarde, por volta das nove horas, entreguei à menina de Berley a folha de papel com três linhas escritas pela senhora A. C.

«Quando eu esperava uma longa descrição do estado da doente, disse-me apenas estas frases confirmadas pelas suas palavras espontâneas da véspera:

«— Que fraqueza a desta pessoa! Será fraca até morrer... É um corpo frágil, que não reage à doença... Todo o sistema nervoso está em completa lassidão. É um corpo infectado... Saberá depressa do que se trata... Hão-de julgá-la quase morta, mas descobrirá a causa da doença e de repente ficará curada».

«Na manhã de 19 de Agosto estava ao pé da doente. Sob a influência dos tónicos, o seu estado geral melhorou um pouco. A temperatura permanecia normal, desde a véspera. Um novo e mais fácil exame descobriu apenas abatimento esplénico (relativo ao baço), um pouco mais extenso que o normal.

«Deixei uma família e uma doente animadas. (Era o contrário do que havia dito a clarividente).

«No mesmo dia, pelas seis horas da tarde, nova chamada de urgência, mas desesperada.

«Encontrei uma doente mais fraca do que nunca, pulsação imperceptível, muitos suores, nem uma palavra, um farrapo humano, um corpo de onde a vida se esvaía.

«Fiz apressadamente o necessário para tirá-la deste grande abatimento, interroguei a família e tomei conhecimento da temperatura: ao meio-dia, 36°,6; ás treze horas, 40°,5; depois, temperaturas oscilantes, à volta de 40°, até às dezassete horas.

«Foi mais ou menos neste momento que se deu o colapso. A partir de então, tudo se tornou claro para mim.

«Ministrei-lhe imediatamente um tratamento adequado e não houve outro acesso. A sr.ª A. C. passou bem de saúde durante muitos anos, até que a perdi de vista».

Este é o primeiro caso de diagnóstico por clarividência escolhido entre vinte e seis outros, cuja importância é decisiva, mas que não mencionamos em virtude de não nos alongarmos.

Depois de revelações tão extraordinárias é preciso ter coragem de reconhecer que sensitivos muito abalizados tiveram fracassos, tanto mais lamentáveis, quanto é certo que o doente representa na cir-

cunstância *o grande público que não conhece nada ou muito pouco* das leis espirituais de que ele faz parte, como ser pensante.

Geralmente julga-se que o médium é sempre assistido por influências espirituais ou omniscientes ou que o passivo grangeia num vasto reservatório de pensamentos. Estas duas alternativas são *infalíveis*.

Ora, *a experiência espirita demonstra* que, em virtude das leis da afinidade, os espíritos da mesma elevação espiritual se atraem reciprocamente e dão uma vez mais razão ao provérbio muito conhecido que diz: «Os semelhantes se atraem».

Por isto podemos afirmar que a infalibilidade exige uma perfeição moral que possa garantir ao curador o auxílio dos espíritos elevados.

É necessário que a maior parte dos homens mais dedicados cheguem a tal estado de evolução supraterrestre!

Neste assunto devemos firmar com prudência a nossa posição, visto que numerosas experiências de clarividência demonstraram que as suas revelações dependem, primeiramente, *da ligação psíquica e simpática*, que se estabelece entre o doente e o passivo.

Entretanto, não sejamos apressados na conclusão de que é o doente que comunica inconscientemente os seus pensamentos ao clarividente.

No primeiro século da nossa era já Plutarco dizia que as almas encarnadas eram obscurecidas pelo seu corpo e que agem como o sol obscurecido pelo nevoeiro. Na realidade, é assim mesmo, porque todo o sujeito psíquico ou espirita sente a imperiosa necessidade de recorrer à colaboração do invisível, quer lhe chame *intuição, inspiração, influência espiritual, espírito ou Deus*.

Segundo a pitoresca expressão do Pastor Wietrich, são realmente «os detectores do mundo invisível».

Geralmente a assistência das inteligências supraterrestres é adquirida relativamente *à sua sinceridade, à sua fé, às suas aspirações*, numa palavra, *à sua elevação moral e aptidão fisiológica*, permitindo uma exteriorização psíquica suficiente.

Resumindo, o *dom da clarividência é ao mesmo tempo psíquico e espirita*, em proporções desiguais para cada *passivo*.

O que acabamos de expor é relativo ao diagnóstico estabelecido na presença do doente.

Poderá fazer-se à distância?

A resposta não é duvidosa para aqueles que recorreram á mediunidade curadora a favor de um parente ou de um amigo.

Reconheceu-se que algumas substâncias, tais como, água, algodão, lã, papel e alguns metais retêm o fluido vital e constituem verdadeiramente uma ligação entre o doente e o curador.

Entretanto, isto pode dar-se com todo o intermediário, como o prova o caso citado pelo Doutor Osty.

Isto, para o diagnóstico. Examinemos agora quais as forças que colaboram na cura.

Dizíamos acima que, pela sua alma, o ser encarnado pertence ao mundo espiritual; mas, frequentemente, esquece-se esta qualidade do ser humano e bem assim *a função que o espírito do doente desempenha nas curas espirituais*.

Com ele colabora o espírito do curador e o da entidade do espaço, três forças primordiais, que devem apoiar-se mùtuamente.

Deste modo esclarece-se o problema que permite determinar *as energias que exercem acção na cura*.

O hipnotismo mostrou-nos o papel preponderante da imaginação na economia geral do corpo humano. Efectivamente, vemos passivos que se entregam insensíveis à dor.

As experiências de Charcot, do professor Liégeois, de Nancy, as curas por vezes instantâneas de Coué e de seus émulos demonstram que o pensamento consciente ou inconsciente do doente age fortemente nos órgãos e contribui para a cura.

Portanto, *o pensamento, ou seja o espírito do doente produz no seu corpo verdadeiros milagres*.

Entretanto, quando o pensamento se apoia numa crença ou protecção sobrenatural, a alma já não pode recorrer à auto-sugestão, mas a fé religiosa muito mais potente, visto que põe em movimento o mecanismo secreto da ideoplastia e *dá origem à intervenção dos espíritos elevados*.

Não se deve, pois, confundir a fé religiosa com a superstição, que não tem base séria.

Todavia os místicos são favorecidos, *por estarem mais sujeitos às influências psíquicas*, interiores ou exteriores.

Estudemos agora o papel do curador, que é o segundo factor da cura.

Colocado em face do doente, o curador vibra sobre o impulso de um pensamento sereno e caridoso e espalha radiações curadoras, isto é, um fluido subtil, *cuja existência está provada* pelo seu efeito nos animais, nos vegetais, na chapa fotográfica, coisas estas que não se podem auto-sugestionar.

Vê-se que o *espírito do doente* concorre, em primeiro lugar, para a sua cura; depois o seu organismo pode ser vitalizado pela magnetização mediúnica.

O terceiro factor é o auxílio prestado ao curador e ao doente pelos espíritos que acodem ao apelo sincero feito a Deus e às entidades protectoras e a sua acção beneficente junta-se à fé do doente e aos fluidos benéficos do curador.

O efeito da sua intervenção justifica-se pelas experiências físicas de materialização e desmaterialização, demonstrativas de que os espíritos podem dar ao fluido universal propriedades especiais por um simples acto de vontade.

Imitando Jesus, só nos resta demonstrar que *pela moralização e pela prece podemos libertar-nos dos sofrimentos desconcertantes*, cuja origem deve ser procurada no ambiente espiritual do doente e na sua moralidade.

A medicina chama paranóia a estas perturbações psíquicas, que ela não consegue debelar.

O Doutor Walton Prince, de Nova Iorque, recorreu à moralização de espíritos obsessores, como lhes chamam os espiritistas, ou personalidades secundárias, como lhes chamam os psiquiatras, ou sejam forças obscuras que tiranizavam dois dos seus clientes para evitar a cura.

Na realidade o Doutor Walton Prince foi obrigado a aplicar a estes dois obsidiados o *conselho moral e a persuasão*.

Quantas curas semelhantes e melhoras notáveis se não obtêm pela mesma razão e pelo mesmo método nas suas sessões de moralização, assim como através dos nossos curadores!

Resumindo, *a auto-sugestão ou a fé religiosa, o fluido vital ou a radiação magnética, a acção espiritual da prece e a moralização*, são os factores anímicos e espíritas que concorrem em proporções várias para a cura dos doentes.

Assim, não se poderá dizer que o público carece de razão ao acreditar na realidade de uma cura espiritual, quando afirma que tal cura é apenas fruto de auto-sugestão.

Ofuscado pela descoberta psíquica de Coué e atribuíndo tudo

PALAVRAS DE GRATIDÃO

Leitores de Estudos Psíquicos, *irmãos que eu envolvo no mesmo pensamento de ternura fraternal!*

Há uns anos que sou modesta colaboradora desta publicação a par de doutos colaboradores — pobre pedrinha enriquecida pelo esplendor de pedras valiosas!

Enfim, nem tudo pode ser Limoges ou Sévres...

A pucarinha de barro vidrado terá o seu encanto se lhe puserem uma flor...

Uma alma sensível sente a chama sagrada que a anima com o seu próprio sopro e pode compor poemas de sonho enternecedor. As ideias são puras inspirações a que a pena dá plasticidade.

Os românticos, em geral, não têm talento, mas são presos de mística celeste que lhes concede uma ânfora trasbordante de lirismo. E dão páginas impregnadas de poesia, em que prendem pedaços da própria alma, pretendendo dar figura e cor a quanto sentem, vivem e escrevem!

É o sonho que desvaira... o sentimento que dispersa!...

Há, por vezes, insuficiência, mas que não destrói expansões de espírito algo revelador.

O simples prosador procura dar realce às mínimas frases da sua criação e deste modo satisfaz o leitor.

Por isso vós reconhecestes e adivinhastes o relicário onde eu me refugio e inspiro e onde o meu sonho floresce, aspirando à Beleza Espiritual!

Ao escrever estas pobres linhas, que imerecidamente elogiastes, procurei libertar almas dúbias e levá-las para uma existência de Ideal num conjunto harmonioso e romanesco.

Todas essas divagações de humilde prosa brotaram de minha alma, que me coagiu à reflexão. Nada do que escrevi ficou sublimado de encanto, mas do bálsamo consolador que penetra e envolve.

Então um rumor de compreensão chegou até mim. Foram acordes ungidos de sinceridade (assim os reputo, por entre graças que não mereço). Minha alma palpita na radiosa visão do vosso respeito e vibra de gratidão perene.

Em resposta ao pedido de um leitor feito em seu nome e no de outros, confrangida lhes digo não ser possível republicar os meus artigos, respectivamente, «Paradoxos», «Apelo» e «Ascendamos ao Alto», de Junho, Julho e Outubro de 1958, por ser contra a ética desta revista. No entanto, os interessados podem adquirir esses números na redacção.

Neste momento tenho uma sensação de melancolia indefinível por não lhes poder ser agradável, pedindo-lhes que se submetam à realidade imposta.

Para sempre, muito grata, guardarei a lembrança destes leitores amigos de Estudos Psíquicos, *na esperança de que se prolongará a fusão unissona de nossas almas.*

MARIA INÊS SENA

ao poder dinâmico do pensamento, o espírito moderno *não vê* que reconhece o domínio espiritual.

Não há dúvida que a verdade é mais vasta, muitíssimo mais vasta e que, *no campo destas forças,* a fé religiosa é um desenvolvimento de auto-sugestão, à qual assegura a colaboração de todo o mundo espiritual.

Ignora também que a moral, apoiando-se na lei da harmonia, restabelece o equilíbrio vital, momentâneamente destruído pelos pensamentos materiais e assegura a permanência da cura.

Finalmente, não concebe que o poder magnético do curador se subtilize e se amplifique ao contacto dos seres do mundo superior.

Dever-nos-emos lamentar desta atitude, por vezes intransigente, quando amanhã o negador for um dos nossos, convencido de que a mediunidade curadora pode, não só refrear as doenças, mas também suprimir a causa profunda das perturbações fisiológicas e psíquicas, que acabrunham a pobre humanidade.

Por isso devemos sofrer as consequências dos nossos erros passados e um dia as nossas células se destruirão para nos conduzir irremediàvelmente à morte.

Mas, nesse momento, se tivermos feito tudo para conservar a vida indispensável à missão que Deus nos assinalou, deveremos resignar-nos perante os seus decretos impenetráveis. *E então, na verdadeira pátria, saberemos as razões ocultas das nossas atribulações e dos nossos sofrimentos,* compreenderemos a sabedoria de Deus e diremos, como um apóstolo espirita brasileiro:

— Compreendi que o verme orgulhoso que eu era só saía da crisálida para se elevar depois das provas milenárias e que a dor devia ser cristãmente suportada.

Sim, o sofrimento é o caminho directo que leva à perfeição, à verdadeira felicidade.

Apesar de tudo, *a dor é a nossa melhor* amiga:

abranda a natureza rebelde;

aguça e multiplica as nossas faculdades; dá às nossas aspirações esta directriz que conduz a alma ao seu ambiente natural.

Através de um caminho de abrolhos, a humanidade sobe penosamente o seu Calvário, mas no alto encontrará a árvore de vida e de liberdade.

(Continua)

(De «Spiritualisme Moderne» traduziu C. A.)

MARIA CECÍLIA GORINA

O Espiritismo tem os seus adeptos e os seus mártires. Nos últimos incluímos os médiuns que se votaram integralmente à Doutrina, sofrendo vexames e perseguições, arrostando animosidades de uns e malquerenças de outros, sem uma quebra de carácter, sem um desvio de procedimento.

O Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de perder uma grande obreira — Maria Cecília Gorina, que abandonou as plagas terrenas, em demanda da pátria espiritual. Desde que aqui entrou, nunca mais deixou de nos dar a sua colaboração. Mesmo doente, mesmo alquebrada, cá vinha sempre, um sorriso de resignação nos lábios ressequidos, mas decidida a continuar a sua tarefa até à consumação final.

— Nunca faltarei — dizia ela —. Só quando não puder sair da cama.

E cumpriu a promessa. A última vez que trabalhou recebêmo-la no patamar da escada, sentada numa cadeira de braços. Tivemos que a transportar de automóvel até ao Centro. Sentimos que pouco mais trabalharia. Nos seus olhos pairava qualquer coisa de espiritual que não enganava.

Maria Cecília Gorina

Foi a melhor sessão que realizou nesta casa. Os assistentes estavam maravilhados, porque a **médium** apresentava um verdadeiro contraste com a *mulher doente*, a definhar-se dia-a-dia, não obstante a sua luta com a morte, que já se instalara naquele organismo achacado. O *processus* ia adiantado. Ela própria tinha consciência do seu estado e dizia-nos, em voz trémula:

— Isto está no fim...

Seus restos mortais foram a enterrar ao Cemitério da Ajuda, sobranceiro ao belo estuário do Tejo. E nós ficámos a pensar no problema da vida e da morte, à espera da nossa vez, mas obedientes ao instinto da conservação que exige esforço de permanência, ainda quando haja desejo de libertação.

Foi no dia 15 de Junho. No regresso de uma viagem, recebemos a má nova e ficámos emocionados.

Adeus, Maria Cecília. Agora sabes, pràticamente, que a vida continua. Que o sono reparador te leve a planos mais altos, de onde possas enviar-nos as tuas vibrações.

VIRGÍLIO MAIA

Não é com lágrimas nos olhos, como fazem os que julgam que tudo acaba num caixão, nem com as vestes negras dos que, embora dizendo-se religiosos, estão no íntimo pouco convencidos de suas crenças, que escrevemos estas linhas! É apenas com a saudade, com aquela saudade com que vemos partir qualquer amigo para uma viagem demorada. Saudade de um dedicado companheiro de Ideal, de um confrade que há muitos anos presidia aos destinos de uma agremiação congénere, onde sempre fomos fraternalmente recebidos! Saudade de alguém que, mercê da sua inteligência, cultura e larga visão, conseguiu que o *Instituto Espiritualista Português* resistisse a todas as intempéries e transpusesse todos os obstáculos. Saudade de um confrade que, sempre que usava a palavra, incitava os presentes à tolerância, ao amor pelo semelhante.

O seu desaparecimento da Terra causou profunda consternação em todos que com ele conviveram. Ao enterro acorreram mais de uma centena de confrades, não só do I. E. P., mas de outras agremiações. António Cardoso representou o *Centro Luz e Amor* e Isidoro Duarte Santos. Ivone de Sousa foi também representada por aquele confrade. O capitão Losa representava a *Ordem Esotérica Iniciática*. Do *Instituto* compareceu Manuel dos Santos, Francisco Graça, D. Gertrudes Marramaque Silva, H. Simões, Hugo Ferreira e outros amigos.

Virgílio Maia era chefe da Secretaria-Geral do Ministério do Interior e possuia o oficialato da Ordem Militar de Cristo e a Cruz Vermelha de Mérito, com que foi galardoado pelos serviços prestados no referido ministério. Era casado com D. Adelaide Caetano Maia.

Porque somos espiritas não apresentamos pêsames à família.

Nesta hora de saudade, erguemos pensamentos ao Alto, dirigidos a esse confrade, para que ele, no mundo onde agora se encontra, possa recomeçar a sua ascese em direcção a planos cada vez mais subtis.

E. Esp.-julho/60

A VIDA DE ALÉM TÚMULO

(Conferência improvisada e captada em magnetofone)

por ISIDORO DUARTE SANTOS

4

Há também almas que se emocionam com a animalidade mais grosseira. Sentem atracção relativamente material e isto afasta-as do seu verdadeiro mundo. Sentem muitas cenas da vida terrestre e sofrem, pensando que nunca mais poderão voltar à existência antiga.

Já falei nesta categoria. São os que morrem de morte violenta e que não passam tão ràpidamente pelo sono reparador. Sentem os quadros, sentem tudo como se estivessem vivos na terra e sofrem por não poderem satisfazer os seus desejos ou aspirações. Não podem beber, se tiverem sido beberricões, não podem comer um petisco, etc., e sofrem. Mas esses espíritos influenciam os amigos que ficaram, incitando-os à infâmia e a certos crimes. Chegam a utilizar os tais *cascões* para se tornarem visíveis, como se fossem fantasmas.

Em regra, estes espíritos infestam certos lugares, deslocando e danificando objectos, atirando pedradas, quebrando loiça, e quando são descobertos retiram-se envergonhados. Mas, enquanto não os descobrem, fazem malefícios de respeito, a ponto de não consentirem novos inquilinos em prédios que habitaram. A maior parte das casas assombradas são teatro de ruídos insólitos que os moradores não podem suportar.

Tenho conhecimento de muitos casos desta espécie e alguns ajudei a debelar. Nisto, como em tudo, cessada a causa, cessado o efeito. O pior é quando a causa persiste. O fenómeno das casas assombradas, por exemplo, tem muitas vezes origem no mau procedimento dos moradores que, em vez de emitir pensamentos sãos, se comprazem em atitudes contraproducentes, praguejando e blasfemando.

Estas almas reencarnam mais depressa em ambientes próprios. Tudo as atrai ao físico, de harmonia com a sua elevação e temperamento. Raras vezes aparece numa família qualquer elemento desnivelado. Quando isso sucede é motivo de desgosto para todos. Nota-se logo o fenómeno. Não há ligação, por carência de afinidade. Estes últimos reencanaram em provação ou expiação, ou ainda para auxiliar amigos menos evolucionados.

Todavia, a maior parte dos espíritos a que me refiro permanecem séculos e milénios em sofrimento.

Na terra há regiões inóspitas, onde a existência consiste em verdadeira tortura moral. O clima, a situação geográfica, o isolamento, a falta de comunicações, etc., levam o homem a afastar-se. Vivem assim criaturas atrasadas, cuja aspiração é restrita. Basta-lhes o alimento e a satisfação de algumas necessidades fisiológicas.

No astral dá-se o mesmo em regiões baixas e degeneradas, que não se podem descrever. São semelhantes às grandes profundidades oceânicas, onde não entra uma réstea de luz meridiana. Os investigadores psíquicos sentem horror, quando lá penetram.

Como se vê, é preciso cuidado com as formas inferiores dos fenómenos físicos, a começar na mesa de pé-de-galo...

CASCÕES ASTRAIS

Ocultistas e teósofos afirmam que o espírito, ao despertar do sono reparador, abandona o corpo astral ou duplo etérico, que é uma duplicata do corpo físico e segue na linha evolucionista que lhe foi traçada. Esse corpo chega a ser visível a muitos clarividentes e sensitivos e acaba por se desintegrar totalmente.

Este fenómeno verifica-se às vezes na atmosfera dos cemitérios e nos campos de batalha, dando a impressão de fantasmas, quando, afinal, não passam de reflexos dos cadáveres que ficaram na Terra. Os médiuns conseguem animá-los ou vitalizá-los, transitòriamente, mas tais *cascões*, como lhes chamam os investigadores citados, agem à maneira de autómatos.

O que é certo é que são confundidos por espíritos desencarnados. Estes, sim, actuam como inteligências normais, ao passo que os *cascões*

têm força vital que lhes transmitiram e que cessa, quando cessa a causa que lhes deu origem.

Entendo, porém, não dever alongar-me neste sentido; se me referi ao assunto foi apenas no intuito de chamar a atenção dos espiritistas que se dedicam a investigações. Todo o cuidado é pouco quando são muitas e diversas as armadilhas a espreitar o neófito que se entrega desarmado à pesquisa do fenómeno.

O SONO DAS ALMAS LIBERTAS

Ocultista conhecido apresentou um exemplo acessível para justificar aquilo a que chamou o segundo sono da alma. É o período de repouso que a Natureza põe sempre entre duas actividades, no movimento pendular do relógio, quando inspiramos e expiramos, etc.

Na verdade, todo o ritmo tem um período de repouso. A seguir ao dia vem a noite. A seguir à vida vem a morte, que é também paragem relativa. Na existência terrena a própria natureza se encarrega de preparar o ambiente ao espírito, que traça uma linha específica em actividade e consciência. Avança até o ponto culminante, entra em repouso e declina gradualmente. Às vezes o indivíduo mergulha em vida vegetativa, esquecendo quase por completo as maravilhas da volição.

Extinguiram-se desejos, morreram aspirações e surge um anseio renovador. É o desprendimento sucessivo em busca de outra vida.

No mundo astral o fenómeno é semelhante ao do mundo terreno. A vitalidade normal entra em declínio e tudo se dispõe ao descanso, à paisagem momentânea. Não há dor, não há aflição; há sonolência. O ser vai recuperar qualquer coisa que se extinguiu no seu meio. Deve ser outra fase de vida de que não tem consciência, mas intuição. E deixa-se embalar nessas vibrações radiosas e prestes volta ao mundo físico, sobretudo quando há grande simpatia por almas que se encontram nas esferas inferiores. Sempre a lei de atracção e repulsão a regular a vida universal!

No regresso à matéria o sono continua, porque o primeiro vagido da criança não é despertar. É indício, é antecâmara de nova linha a percorrer. O coma ainda não chegou ao seu fim natural e gradual. Mas este sono é diferente do que antecedeu a «morte» do espírito e prolonga-se pela meninice e pela juventude, à medida que a inteligência emerge do caos que a rodeia.

Há quem acorde cedo e quem acorde tarde. Os primeiros evidenciam conhecimentos precoces à margem de aprendizados; os segundos parecem cretinos ou atrasados mentais. No fundo é uma questão de despertar.

Creio que já falei na experiência que as almas adquirem durante o sono astral que precede a reencarnação. São conhecimentos em estado latente que basearão outra fase da caminhada.

Onde vão as almas buscar a bagagem, essa energia que modelará o futuro organismo, num lar onde se possam manifestar as suas qualidades em plena exuberância? Ninguém sabe, nem saberá. A lei de atracção regula o *processus* na sua totalidade e subordina os seres ao mesmo influxo implacável. Mais uma vez se evidencia a relatividade da oração, a que muitos crentes atribuem valor incomportável. Se tudo está ligado, não pode haver parcialismos, nem injustiças, no tocante ao destino espiritual. A lei é una e seus princípios imutáveis.

Nos códigos humanos a ignorância do seu conteúdo não constitui atenuante delituosa; nos códigos divinos a ignorância ou atraso das almas não impede a marcha para a frente. Todos chegarão à meta, todos serão deuses, no sentido figurado da palavra. Nesse momento terá findado para eles o ciclo reencarnacionista no mundo que habitamos, ao qual poderão voltar deliberadamente, como instrumentos de progresso.

As almas que despertam deste segundo sono em estádios altamente evolutivos rumam a posições que estamos muito longe de imaginar.

A VOLTA À CARNE

O destino exerce acção importante na vida humana e leva o ser a reencarnar, de harmonia com o adiantamento, as aspirações e o carácter. Todavia, pode-se alterar profundamente essa linha geral, cultivando em maior ou menor grau as qualidades que exornam as almas.

O destino não é taxativo; aliás cairíamos no puro fatalismo e não haveria mérito ou demérito nos pensamentos ou acções individuais. O «olho por olho» mosaico foi substituído há muito tempo e o desejo é o alicerce do Karma (lei de Causa e Efeito). Os pensamentos e as acções integram-se no indivíduo e modificam-no em concordância. Se o desejo é móbil de vontade, podemos afirmar que dele depende o renascimento.

Os que foram artistas ou cultivaram as ciências encaminharam o destino nessa corrente mental e o seu desejo maior será trabalhar no mesmo campo, quando voltarem à carne. Essa posição espiritual coloca-os imediatamente no caminho que lhes é próprio e, sem saberem como,

são atraidos para lugares onde poderão realizar as suas aspirações essenciais, que não deixarão de existir, enquanto não forem satisfeitas. A não ser que sejam desviados por aspirações que suplantem as primeiras e então o rumo é arbitrário.

Este poder causal exerce-se em todos os mundos, é a grande alavanca do espírito nas lutas kármicas, mas desenvolve-se gradativamente e suavemente e só ao cabo de muitos renascimentos ele pode ascender a situações marcantes que o distingam de companheiros que negligenciaram suas tarefas e seus avanços nos surtos evolucionistas.

As posições sociais do mundo são muitas e variadas e a nossa aspiração de vida seria susceptível de pleno desenvolvimento, se o indivíduo pudesse exercer profìcuamente o seu desejo em todos os sectores de actividade, em vez de fazer a sua experiência numa única direcção. Por isso a frase «ninguém está contente com a sua sorte» demonstra que certos desejos não foram extintos por completo. Daí o renascimento, que se impõe à guisa de corolário.

Ouve-se dizer: «Se eu voltasse aos quinze anos...», «se eu voltasse aos trinta...». Tais indivíduos gostariam de reviver esse tempo numa nova experiência, porque a primeira não foi vivida proficuamente. As desilusões e os fracassos afastaram-no da plenitude que haviam idealizado, mas tal circunstância não deve ter-se em conta para se condenar a vida terrestre.

Não há criaturas que erraram a profissão e só mais tarde a encontram verdadeiramente? Durante anos lutaram e sofreram a remar contra a maré. Uns amaldiçoaram a humanidade e tornaram-se criminosos por ódio ou revolta; outros fugiram cobardemente pela porta do suicídio. Em compensação, muitos se resignaram e venceram obstáculos, que pareciam insuperáveis.

Portanto, no mundo astral as almas repousam e adquirem forças apropriadas com novos desejos e novas ambições que serão aplicados em vidas futuras.

O desejo nunca se extingue no reservatório do espírito; escuda as obras, grandes e pequenas, as reformas, simples e complexas, que reflectem o engenho do homem e se desdobrarão sempre, ininterruptamente, no curso dos séculos.

O repouso não é igual para todos os obreiros. Uns descansam o corpo e o espírito, praticam relaxação muscular, no intuito de restaurar energias; outros, como eu, procuram trabalho diferente. É uma espécie de pausa, ou antes, diversão, que acalma os nervos tensos e afasta a monotonia. A variação estimula e renova, como se verifica na mudança de ares ou de ambiente.

O segundo sono das almas avigora-se; depois voltam à terra esperançosas e cheias de planos. Ao despertarem, entram na sua corrente própria e dispõem-se ao trabalho instintivo, de harmonia com as tendências inatas.

Mas há seres que não escolhem a reencarnação. Pouco evolvidos, andam ao sabor dos acontecimentos, em obediência ao Karma, mas nem por isso deixam de cumprir o seu destino. O repouso, no entanto, é igual para todos. Temos necesidade de dormir e de sonhar, vibrando ao sabor de impressões que nos conduzam a novas actividades. É que em nós há qualquer coisa a impelir-nos e a circundar-nos. Quando a conhecermos poderemos orientar as forças e tomar parte mais activa na evolução universal.

A grande lei nos conduz à terra, em provação, missão ou expiação, nos conduz às regiões astrais e nos conduzirá a outras mais elevadas.

Não importa que os séculos decorram; o que é preciso é trabalhar incessantemente para que atinjamos a verdadeira realização e nos libertemos um dia do ciclo palingenésico.

CONCLUSÃO

A vida cósmica encerra segredos invioláveis, mas o progresso, o maior progresso do espírito, exerce-se fora da matéria e em condições que escapam à nossa curiosidade.

O conhecimento da natureza humana é o degrau, através do qual escaparemos à vida terrestre, cheia de alçapões e abrolhos inerentes ao nosso atraso espiritual. E à medida que se abandonam as limitações da matéria e se enfraquecem os liames que a sujeitam, a inteligência ilumina-se e o desenvolvimento das nossas faculdades atinge maior altura. O desejo extingue-se e a libertação culmina o ciclo planetário, em demanda de regiões mais belas e mais puras.

O alvo do espírito superior é dominar-se, em absoluto, isto é, neutralizar as atracções físicas, geralmente ilusórias. Quanto mais depressa realizar esta emancipação, mais se abrirá aos influxos intuitivos, mais se afastará das regiões densas que lhe cerceiam a vontade.

Terminando, direi que a Morte é uma grande renovadora e que o princípio vital participa da eternidade munificente. E se o homem, em sua dualidade de corpo-espírito, é artífice do seu futuro, deve semear hoje e sempre, para que venha a colher o fruto do seu trabalho. Não pode haver outro caminho.

FIM

As maiores histórias psíquicas do mundo

Ao cair no sono Edgar Cayce tornava-se um médium extraordinário

Joseph Millard, ao publicar a sua biografia (de extraordinária venda), assim classificou Edgar Cayce no livro «O Homem Misterioso dos Milagres». Nessa reportagem sensacional o escritor descreve-nos como o médium curou milhares de doentes... falando do fundo do seu transe.

Porque Cayce, ao que parece, podia encontrar o que desejava (ou que outro alguém desejava) pelo simples facto de deitar-se e dormir — e isto duas vezes por dia e durante mais de 40 anos!

Nascido no Kentucky em Março de 1877, Cayce (pronuncie-se Caise) era neto de uma viúva que, ao fitar longamente uma vassoura, a podia pôr de pé e fazer dançar ao redor do quarto durante o tempo que quisesse. Eddie descobriu a Bíblia e o seu fervor por ela tornou-se incessante. Tinha então 13 anos e já a lera 13 vezes, rezando todos os dias pelo poder pessoal de curar, nunca duvidando de que as suas preces seriam correspondidas.

«Pede e serás atendido; procura e encontrarás», não era o que rezava o *Livro Maior?*

E assim, depois de uma noite passada na igreja, foi para a cama, com desejo de servir a Deus. Adormeceu e sentiu que o quarto se enchia de claridade mais brilhante do que a da Lua e entreviu uma figura de mulher rodeada de vultos que pareciam anjos. Num sorriso imaterial a aparição disse-lhe: «Não tenhas medo, porque as tuas orações foram ouvidas e o teu desejo ser-te-á satisfeito, se continuares a ter fé. Sê verdadeiro para ti próprio, ajuda os doentes e os aflitos e o resto virá». Depois a luz amorteceu e a visão dissipou-se.

O IGNORANTE DEDICADO

Mas, infelizmente, para o devotado Eddie ele era uma espantosa negação na escola e de todos os mais negros mistérios da vida o maior era o de soletrar a sua cartilha escolar. Certa vez, depois de passar uma lição inteira com um mestre-escola desesperado e três horas com um pai furioso, encarniçado para o fazer soletrar uma palavra de cinco letras, Eddie recostou-se, exausto, na cadeira e cerrou os olhos por frustração. Mas, nesse momento de desespero, uma voz soou clara aos seus ouvidos:

— Porque te atormentas tanto? Dorme uns minutos e dar-nos-ás possibilidade de te ajudar.

Como se obedecesse a uma ordem mergulhou no sono e, nele imerso, soletrou palavra por palavra o texto da lição do dia e das lições seguintes, ante um pai mudo de espanto que só pôde exclamar, furioso, atirando com o livro pelo ar:

— Tu sempre soubeste as lições!

Depois das lições era o recreio e Eddie tornou-se a oitava maravilha destes intervalos. Repreendido antes pela sua inércia e fervor religioso, transformou-se em breve no centro invejado e admirado de numerosos rapazes que queriam saber «o segredo do que ele fazia». Num dos exercícios violentos de *base-ball* sofreu um choque na espinha e levaram-no para a cama em estado de coma. Mas pouco depois falou com uma voz clara e autoritária, ordenando:

— O choque atingiu-me a espinha e o meio de me salvar desta situação é fazer uma cataplasma especial e aplicá-la sobre a base do crânio.

E nomeou a seguir as ervas afins que, misturadas com cebola crua cortada, comporiam a aplicação. Como os pais, atónitos, permaneciam imóveis, o filho insistiu:

— Apressem-se, se não querem ver-me com uma lesão permanente no cérebro.

Depois da cataplasma aplicada, o prodígio caiu num sono profundo e na manhã seguinte estava completamente restabelecido!

Assim cresceu Eddie com o seu dom especial e logo experiências de hipnose, a que o submeteram, demonstraram que possuia estranho talento curador.

Em transe falava como se fosse médico experimentado, empregando termos técnicos que jamais ouvira e obtendo curas notabilíssimas que pouco a pouco lhe conquistaram fama e notoriedade.

SUFOCAÇÃO DE MORTE

Um dia uma mulher entrou a correr no seu escritório. Atrás dela um homem surgiu, com uma criança nos braços, respirando angustiosamente, a face vermelha de paroxismo.

— Vai morrer por sufocação! — gritou a mulher. — O médico diz que é uma obstrução na traqueia, mas os raios X não acusaram nada.

Edgar caiu em transe, mas, quando despertou, a família tinha desaparecido. O seu colega disse-lhe então:

— Correram ao hospital, quando lhe disseste o que a criança tinha.

— E que disse eu? — perguntou Cayce.

Mas a resposta foi-lhe dada pelo pai da doente que, entrando apressado, abraçou Cayce com as lágrimas a correr pela face, exclamando:

— O senhor salvou a minha filha que tinha engulido um botão!

Mas o caso que tornaria Edgar Cayce realmente famoso como curador foi o de Aine Dietrich, de 5 anos de idade, filho de um inspector escolar e que aos dois anos sofrera um ataque de gripe.

Os melhores especialistas nada puderam fa-

zer, dizendo que o cérebro fora irreparàvelmente afectado e não evolucionaria do nível mental dos dois anos. Mas Dietrich não acreditou nessa versão e telefonou a Cayce para lhe dizer que a menina entrara em convulsões crescentes, sem que os médicos fizesem qualquer coisa para as acalmar, e lhe pedia um dos seus «milagres». Cayce respondeu em transe «que o mal era da espinha devido a um choque que a pequenita sofrera. Ali os germes da gripe tinham encontrado guarida e davam origem aos ataques. Portanto, era ali que o mal devia ser atacado. Efectivamente, alguns meses depois Aime Dietrich estava restabelecida e normal e o caso produziu sensação enorme, chamando as atenções dos jornais, trazendo para primeiro plano a figura de Edgar Cayce — «o homem que fazia milagres a dormir»...

Depois surgiu um caso de assassinato, um caso misterioso de novela policial. Um professor canadiano contou-lhe a história de um assassinato que «sucedera na sua cidade natal e que vitimara uma velha solteirona alquebrada que vivia miseràvelmente só com sua irmã na vetusta casa de família e com o dinheiro escondido. A sua fama de ricas avarentas decerto atraira a cobiça de qualquer salteador que conseguiu penetrar na casa. No entanto, uma das mulheres ouvira-o e saltara da cama, perguntando quem andava ali; mas o homem não lhe deu tempo para mais e matou-a com um tiro, no patamar da escada, onde a irmã a foi encontrar. As autoridades prenderam todos os suspeitos e vagabundos do distrito, mas sem resultados ou pistas. E o professor lamentava que um assassino tão hediondo andasse à solta entre os seus amigos, talvez preparando-se para nova façanha.

— Aposto que Edgar adormece e lhe diz o nome do culpado — afirmou o pai do jovem vidente.

A ideia foi aprovada e convenceram Edgar a tentar o sucesso que, de facto, chegou.

Adormecido, o rapaz ofereceu todos os pormenores do crime, concluindo por dizer que não houvera assaltante algum, mas que o assassino fora a irmã, por rivalidades em torno de um pretendente. Deu a seguir todas as elucidações do tenebroso acto: como ela matara a irmã, como atirara fora a pistola indicando o sítio onde se encontrava: na lama, junto ao algeroz. Nomeou até o número da pistola, como identificá-la, etc.

Tudo isto impresionara tanto o professor amigo de seu pai, que telegrafou à polícia canadiana, daí resultando que os Cayce receberam a visita do regedor local, no dia seguinte. O homem assustou o vidente, pois as autoridades canadianas tinham encontrado a arma, obtido a confissão completa da assassina e afirmava que só um cúmplice poderia conhecer tão exactamente os pormenores do hediondo crime. Por tal lhe pediam a ele que prendesse Edgar imediatamente. Mas, descansassem, que ele ia compor as coisas. E assim se descobriu um crime!

Pouco depois pediram a Edgar que ajudasse um *detective* privado nas investigações sobre o roubo de numerosas acções. O vidente em transe descreveu o ladrão, mas acrescentou que este fora auxiliado por uma mulher que se encontrava no interior. Ambos se instalaram num hotel da região de Pensalvânia e eram portadores das acções.

O *detective* telefonou para casa do dono do roubo e este, furioso, acabou por identificar a mulher, como sendo a esposa que lhe dissera que fosse passar uns dias com a irmã em Chicago! Mas depois destas intervenções do seu magnífico poder, Cayce declarou a sua esposa que jamais voltaria a intervir em casos deste género, não querendo usar os seus dotes psíquicos para tal fim.

Desde então dedicou as suas possibilidades extraordinárias à cura dos doentes.

Um dia foi consultado por um membro da família real de Itália. Chamou um italiano como tradutor e pediu-lhe que assistisse ao transe, o que o homem fez, ficando atónito, quando o ouviu falar italiano fluentemente, durante o sono e de todas as conclusões a que o viu chegar.

Uma notável demonstração do rigor dos diagnósticos e remédios recomendados por Cayce teve como objecto a própria cunhada do vidente, cujo esposo era médico e que, segundo a opinião dos especialistas, tinha um tumor no abdome. A opinião de Cayce era, contudo, que se encontrava grávida e que tinha o intestino obstruído, o que se verificou ser verdade. A criança nasceu muito fraca, com convulsões, mas, em transe, Cayce indicou o tratamento: beladona e uma cataplasma de folhas de pesegueiro. Os médicos opuseram-se a tal método, mas a mãe insistiu nele e quase ordenou ao clínico, seu marido, que aplicasse a receita. E a criança salvou-se!

Seguiram-se consultas de todos os lados, de magnates, de produtores de filmes, de estrelas de cinema e de grandes directores de indústrias.

Duas vezes durante a guerra foi misteriosamente chamado a Washington. Justamente no terrível período da grande conflagração, Edgar Cayce teve um sonho, enquanto mergulhado no sono hipnótico: viu um campo da Flandres, onde cruzes brancas contrastavam com o rubro das papoulas e, passeando ao longo dele, três rapazes da sua cidade natal, que lhe mostraram os seus próprios túmulos, lhe contaram como tinham sido mortos e lhe pediram saudações para amigos e familiares — enquanto a mente de Edgar indagava:

— É isto, de facto, o Espiritismo? É então verdade que os nossos mortos continuam vivos noutro plano de existência?

Depois encontrou-se junto ao túmulo de uma velha vendedora de flores, a quem costumava comprar ramos para os seus doentes e com ela teve a sua experiência mais concludente. Durante o transe a anciã disse-lhe que um cliente deixara duas libras e meia no seu escritório para que ele, Edgar, lhas entregasse e que as confiara ao caixa. Pedia-lhe agora que as desse à filha, que delas muito necessitava. Desperto, dirigiu-se à secretária e, de facto, ali encontrou um sobrescrito com as duas libras e meia!

Na tarde de 26 de Abril de 1934, ao despertar de mais um transe, olhou em volta e exclamou:

— Vejo qualquer coisa de belo: bosques e águas, como se aqui se encontrassem junto a mim.

A este propósito Millard escreve:

«Desde esse dia os seus poderes de conhecimento se expandiram, até que entrou num des-

Um depoimento sobre

A Expressão Fisionómica de Jesus

O Meretíssimo Juiz de Direito Dr. José Ventura de Pinho — uma das mais altas e mais belas expressões da bondade humana que tenho conhecido, neste serviço diário de ouvir fazer Justiça com saber e equilíbrio — deu-me, há dias, um n.º do semanário O Conselho de Estarreja, *que se publica em Pardilhó, com um artigo intitulado «JESUS ERA ASSIM», cujo conteúdo é uma carta de Públio Lentulo, a Tibério César.*

Começo por transcrever a carta:

«Soube, ó César, que desejavas ter conhecimento do que passo a dizer-te. Há aqui um homem, chamado Jesus-Cristo, a quem o povo chama profeta e os seus discípulos afirmam ser o Filho de Deus. Realmente, ó César, todos os dias chegam notícias das maravilhas deste Cristo: ressuscita mortos, cura doentes e surpreende toda a Jerusalém! Belo e de aspecto insinuante, é uma figura tão majestosa, que todos o amam irresistìvelmente! O rosto moreno, com uma barba espessa, dividida ao meio, é de uma beleza incomparável! O olhar é profundo e grave; as pupilas são dois raios de sol. Ninguém pode fitar-lhe o rosto deslumbrante! Ele é o mais belo Homem que imaginar se pode e muito semelhante a sua Mãe, a mais bela figura de mulher que jamais por aqui se viu.

«Diz-se que ninguém O viu rir. Algumas vezes O têm visto chorar. Faz-se amigo de todos e mostra-se alegre. Quando repreende, apavora. Quando adverte, chora. Na conversação, é amável com todos.

«Se a Tua Majestade, ó César, deseja vê-lo, avisa-me, que eu logo To enviarei. Nunca estuda e sabe todas as Ciências. E, no dizer dos hebreus, nunca se ouviram conselhos semelhantes, nem tão sublime doutrina, como a que ensina este Cristo. Muitos judeus O têm por divino e crêem nele. Também muitos O acusam, a mim, dizendo, ó César, que ele é contra a Tua Majestade, porque afirma que reis e vassalos são todos iguais, diante de Deus.

«Ando apoquentado com estes hebreus que pretendem convencer-me de que Ele nos é prejudicial. Mas os que O conhecem e a Ele têm recorrido, afirmam que só têm recebido benefícios e saúde.

«Estou pronto, ó César, a obedecer-te e a cumprir o que me ordenares. Vale.»

Não sei que Públio Lentulo escreveu esta Carta.

Lentulus era o nome de uma família romana, que teve dois Públios: — O Sura, cônsul em 71 A. C., que conspirou com Catilina e foi estrangulado em 63; e Publius Lentulus, o Spinther, que foi cônsul em 57 e amigo de Cícero e de Pompeu.

Pode ter sido qualquer deles.

Quanto a Tibério César, não há dúvida de que se trata de Tibério I, filho de Lívia e adoptivo de Augusto, nascido em Roma em 42 A. C. e falecido em 37. Foi Imperador dos Romanos, a partir do ano 14.

Não me ocorre o nome do livro, nem do Autor, em que li um largo relato sobre a beleza sublime do olhar de Jesus. Suponho, todavia, se a memória me não engana, que era página obtida por via mediúnica, o que, sem dúvida, lhe confere maior poder de verdade.

Entretanto, a Carta transcrita revela, na sua simplicidade, talvez, até, prejudicada pela tradução, a extraordinária beleza de Jesus. Pudera! Se Ele havia nascido para receber um avatar divino!

VASCO DE LEMOS MOURISCA

dobramento de personalidade: uma física, outra metafísica. Para ele, nessa época, as barreiras entre os dois mundos tornaram-se tão frágeis, que Edgar só difìcilmente as separava».

No Outono de 1944 Edgar Cayce sofreu um esgotamento; o seu estado foi piorando e no dia 3 de Janeiro de 1945 caiu em transe. Mas desta vez não anunciou qualquer diagnóstico: os seus olhos tinham-se fechado pela última vez para o mundo que ele amara e onde fora um bom e aberto para outro, também seu conhecido e seu amado...

(De «Two Worlds»)

O CONHECIMENTO SUPRANORMAL

por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

I

O tema é vastíssimo e tão profundo que basta dizer que não é ainda da hora presente. Todos os neoespiritualistas sabem que o psiquismo é a demonstração, por várias formas do conhecimento supranormal. E que é o conhecimento supranormal?

Segundo o Dr. Osty, professor na Sorbona, o psiquismo pode ser definido como a propriedade de conhecer a realidade referente a pessoas, seres e coisas, sem auxílio dos sentidos físicos geralmente usados e em que entram os processos lógicos da razão, isto é, nas condições em que o exercício normal da inteligência nada pode saber.

E o que é o conhecimento supranormal de homem para homem?

Também se pode definir pela propriedade que possuem certas pessoas de tomar conhecimento imediato de assuntos, sem usarem dos sentidos físicos. O psiquismo — ou *sexto sentido* — é ainda um ramo de ciência que apresenta muitos caminhos desconhecidos. O Dr. Pierron, director do *Laboratório de Psicologia Experimental da Sorbonna,* afirma que as recordações podem ser revividas por uma excitação eléctrica artificial, se nós pudéssemos limitar esta reacção apenas aos elementos úteis do invólucro cerebral.

Todos os psicólogos estão de acordo em que *o cérebro é um registador* de modalidades dinâmicas de infinita diversidade.

Que papel representa o psiquismo no inconsciente do indivíduo?

Diz ainda o sábio Dr. Osty e com razão: «No dia em que uma resposta a estas perguntas seja cientìficamente possível, a ciência psicológica aparecer-nos-á como prólogo duma ciência imensa».

Todos nós, neoespiritualistas, admiramos os fenómenos psiquícos, em especial quando eles se referem a esse misterioso e grande desconhecido que se chama *Futuro.*

Enquanto a Humanidade não conhecer devidamente o potencial energético do cérebro e a fenomenologia que lhe permite estar constantemente em colaboração com esse outro factor não menos importante que é o espírito humano, enquanto a relação íntima destes dois factores não for conhecida, a ciência psicológica só às apalpadelas poderá caminhar.

O trabalho, tanto do *cérebro,* como do espírito encarnado e desencarnado, é ainda uma autêntica incógnita.

Quando estas incógnitas forem conhecidas, ter-se-á vencido o abismo da ignorância que tanto nos faz sofrer e então a Biologia e a Física poderão proclamar-se autênticos ramos da Grande Ciência Universal.

★

São tão variadas como numerosas as facetas do conhecimento supranormal. Há sensitivos com faculdades auditivas de clarividência, quer em estado de hipnose, quer durante a vigília, ou em sono sonambúlico; há médiuns psicógrafos, poliglotas, de fenómenos telepáticos, de materializações, de curas, etc. etc.

Há quem designe essas faculdades como o sexto sentido do homem e que o Dr. Osty classificou de *conhecimento supranormal,* que dará matéria para se constituir de futuro um dos mais complicados ramos da ciência psicológica.

Quase *a priori,* podemos dividir assim o conhecimento supranormal:

1.º — Conhecimento supranormal da própria pessoa, ou autoscopia.

2.º — O conhecimento do futuro pela própria pessoa, podendo determinar acontecimentos, não só do ambiente em que se encontra, como também determiná-los à distância, no espaço e no tempo.

3.º — O conhecimento supranormal que objectiva as várias facetas da personalidade humana, — carácter, doenças, vícios e tendências.

O que neste momento mais parece interessar os experimentadores *é o papel inconsciente* do psiquismo revelador de factos inconsciente do trabalho que desempenha.

Essa «inconsciência», como lhe chamam os cientistas, não será a nossa própria ignorância acerca da matéria psicológica?

Os grandes experimentadores confessam que a mecânica do psiquismo é ainda um fenómeno inteiramente desconhecido. A meu ver, enquanto esses sábios teimarem em procurar essa incógnita nas regras estabelecidas pela Ciência Materialistas, jamais encontrarão os dados para a solução desse tão importante como subtil problema.

Vejamos uma experiência feita por Boirac em Paris com a sr.ª V, que em estado sonambúlico podia ler colocando as pontas dos dedos sobre as letras, mesmo as mais pequeninas.

Da mesma maneira ela *via* e *descrevia* as fotografias que lhe apresentavam.

Se lhe colocavam entre os dedos um relógio, ela dizia logo as horas, passando os dedos sobre o mostrador. Se o relógio era de ouro envolvia-o num lenço, porque ao contacto com o ouro sentia a sensação de queimadura.

Um garoto português que há anos apareceu em Lisboa demonstrou com mais facilidade a leitura das horas, pois não necessitava tocar no relógio. É verdadeiramente prodigiosa a exactidão com que ele lia o que o mostrador indicava. Interrogado sobre o que sentia, isto é, como via, nada soube explicar, talvez devido aos seus inexperientes 10 anos de idade.

Este caso é dos mais curiosos e interessantes que se podem registar nos anais psíquicos.

Outro sensitivo, o Sr. S., francês, tendo entre os dedos um jornal logo declarou que era o *Progresso de Lion,* o que levou o experimentador a exclamar: «Bravo! Você lê muito bem!» O Sr. S. protestou dizendo: — Não, senhor. *Eu não leio.* Eu não sinto nada debaixo dos meus dedos; eu não vejo nada diante dos meus olhos. Não sei como isto é; mas, de repente, *tenho a ideia* de que é isto ou aquilo».

Atribuímos à tenra idade do nosso compatriota há pouco citado o não saber explicar as suas sensações durante a manifestação do fenómeno que o tornou tão conhecido, mas o que acabo de mencionar noutro sensitivo já adulto, também nada pode esclarecer acerca de idêntica fenomenologia.

No mesmo sentido fizeram experiências com o médium Reese. Escreveram várias perguntas em diversos pedacitos de papel que

ORAI E VIGIAI

Em qualquer parte em que nos encontremos, jamais olvidemos as palavras do Cristo: «Orai e Vigiai»! Nenhuma sentença do Mestre falhou, porque nenhuma de suas recomendações é supérflua.

Significa essa expressão, tão sábia quanto mais respeitoso silêncio, fazer um exame de consciência, sondando e reconhecendo as verdadeiras condições em que se encontra a nossa alma, a qual terá de sair vitoriosa nessa luta em que nos achamos empenhados, pelo nosso aperfeiçoamento moral.

Observando o conselho mencionado, seguimos a Jesus e servimos ao Pai, pois quem ora e vigia não se apega aos ouropéis do Mundo, brilhantes e sedutores, mas fugazes; fortalece, contudo, o coração, adornando-o de perenes virtudes e tornando-o inacessível às invasões sufocantes e deletérias dos vícios.

O verdadeiro discípulo sente necessidade de recordar os exemplos e ensinos do seu Mestre, para melhor poder viver sua doutrina. Desse modo, o Mestre passa a viver novamente na vida do discípulo, como complemento de sua obra.

Foi por esta razão que Jesus disse:

— Eu sou a cepa e vós sois as varas que emanam da mesma cepa. E para terdes vida eterna precisais de permanecer nesta ligação, como eu estou ligado àquele que me enviou. Porque, o que eu digo e faço não o digo nem faço por mim e sim em obediência àquele que me enviou.

O filho obediente que mora com seu pai, sente-se feliz na sua presença e toda a sua glória ele refere à autoridade de seu pai. São para ele todas as suas atenções e respeito, porque dele tudo recebe. E o pai sente-se feliz em dar ao filho todo o seu amor e poder.

Jesus é uma expressão de amor e sabedoria de nosso Pai. Ele nos ensinou a amá-lo, tornando-nos mais participantes desse amor. JESUS vive tão integrado na sabedoria e amor e nosso Pai, que nos afirma:

— Eu e meu Pai, somos um.

O dia em que a Humanidade se integrar na Lei de nosso Pai, tornando-se obediente aos ditames de sua consciência, também poderá ser una com ele, como Jesus o «foi». Então o filho não precisará mais de procurar o Pai fora de si, porque o sentirá verdadeiramente no seu coração. Nem precisará de orar para fazer valer o seu direito nem sua vontade. A sua vida, em tal circunstância, é uma prece permanente e na sua vontade se cumpre a vontade do Pai. Jesus disse:

— Não vos afadigueis tanto pelas coisas deste mundo. Vêde que os pássaros nada disso fazem e vivem felizes nos seus ninhos em perfeita harmonia entre si.

Significa dizer que o Pai não deu mais protecção nem auxílio a eles do que ao homem.

Apenas eles vivem mais em obediência às suas leis através de seu instinto do que o homem através de sua consciência. Porque o dia em que o homem for obediente à sua consciência como os animais ao seu instinto, sentirá o amor de nosso Pai e a sua Protecção, como se faz notar na vida daqueles nossos irmãos menores, em suas várias modalidades. Porque a sua Lei e o seu Amor são manifestações de uma lei perfeita e imutável.

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

fecharam em diferentes gavetas. O sensitivo dirigiu-se a cada uma das gavetas, respondendo à pergunta do papelito que ela encerrava. Este sensitivo era um vedor notável e descobriu os poços de petróleo que deram a riqueza ao célebre milionário Rockefeller.

Quer lhe chamem conhecimento supranormal, clarividência ou sexto sentido, tudo demonstra faculdades excepcionais do espírito do indivíduo assim dotado. Desde a origem do homem, que em todos os tempos e em todos os lugares do mundo essas manifestações têm despertado o maior interesse. Contudo, apesar dos inúmeros séculos decorridos, os cientistas modernos apenas se limitam a registar essas manifestações, incluíndo-as na categoria de fenómenos. Cientistas e experimentadores chegaram à conclusão de que as *ondas psíquicas* são mais vibrantes que os raios X e mais penetrantes que as altas frequências.

Algumas radiações psíquicas são tão subtis que se tornam invisíveis, o que tem levado muitos experimentadores a afirmarem que elas não existem e quando os factos por elas provocados se produzem, esses cientistas não encontram forma de as explicar. Contudo já se completa a confirmação da aura humana, ponto de partida para estudos mais profundos. Os clarividentes conseguem determinar e classificar as auras e seus pontos fracos relativos às doenças físicas e até ao Karma.

A clarividência ou visão supranormal usa o mesmo processo de todas as outras faculdades que ultrapassam os nossos sentidos usuais. As pessoas dotadas de faculdades supranormais, têm vibrações mais extensas que permitem registar factos dentro ou fora do espaço e do tempo, além de formas e cores situadas para além do plano físico, e que os nossos órgãos dos sentidos não podem aperceber.

(Continua)

NOTÍCIAS DA BAHIA

NATAL — Não podendo ficar indiferente ao estado de pobreza em que se encontram milhares dos nossos irmãos, vários foram os centros espiritas, além de outras instituições, que promoveram a distribuição de presentes para os pobres e entre os centros podemos citar o «Posto de Socorro Bezerra de Menezes», à Rua Jogo do Carneiro, n.º 33, que atendeu com cartões numerados a cerca de 800 pessoas, tendo, no entanto, atendido mais do duplo desta quantidade, fornecendo pequeno farnel, como consolação, uma vez que não seria posível atender a quantos apareceram em sua sede (cerca de 3.000) e para os primeiros, que eram portadores de cartões, foi ofertado um corte de vestido, a outros, vestidos ou roupas prontas, etc. A sua distribuição foi realizada às 13 horas, na melhor ordem, tendo, portanto, colaborado eficientemente a Polícia Feminina, composta de 3 distintas senhorinhas. Antes e posteriormente à distribuição foi feita a prece pelo dirigente do referido Centro, o Sr. José Santiago, que orientou e dirigiu, sob as bençõs do Alto, o trabalho de distribuição de listas e outras previdências.

*

No Centro Espirita «Fé e Luz» da cidade de Alagoinhas foi inaugurado o Ambulatório Médico «André Luís», o qual atenderá as pessoas da zona pobre daquela cidade, sendo a iniciativa do seu Presidente, Sr. Lauro Roque Santil, realçada pelas autoridades locais, tendo na oportunidade o Sr. Francisco Bispo de Santos, Conselheiro da União Social Espirita da Bahia (USEB) usado da palavra e enaltecido a obra que mostra como se vive a trabalhar pràticamente em espiritismo cristão, não só pelo esclarecimento doutrinário, como nas realizações práticas de assistência social.

*

Ginásio Paulo de Tarso — Está em vias de conclusão o prédio onde funcionará o referido Ginásio, criado sob a inspiração do *Centro Espirita Caminho da Redenção* dirigido pelo Professor Divaldo Franco, já tendo sido concedida pela Inspectoria de Ensino, em nosso Estado, e devida autorização para o seu funcionamento em 1960. O Ginásio será dirigido pelo Prof. Ruyberg Valença, licenciado pela Universidade da Bahia. É o primeiro Ginásio espirita, fundado no norte do país.

*

Gráfica Espirita — Está nas cogitações da União Social Espirita da Bahia (USEB) a fundação de uma oficina gráfica, para melhor atender as necessidades do progresso da doutrina em nossa terra.

*

Casa de Emmanuel — Prossegue com ingente trabalho para aquisição de numerário a campanha promovida pela «Casa de Emmanuel», para abrigo dos velhos, os quais podem desde já contar diàriamente com frugal refeição, como resultado da campanha que se tem feito para atender os nossos irmãos desafortunados.

*

«Evangelho no Lar» e «A Voz da Fraternidade» — Dois magníficos programas radiofónicos realizados aos domingos, o primeiro sob a direcção de Aurelino Mota de Carvalho, Presidente da União Espirita Bahiana e secundado por outros confrades, e o 2.º, de igual modo, pelo confrade Prof. Divaldo Franco, funcionando o primeiro às 8 horas na *Rádio Cultura* em onda larga e o outro na *Rádio Sociedade da Bahia,* às 18 horas, em onda curta e longa, programas estes que vêm sendo retransmitidos por uma cadeia de emissoras e de altifalantes da capital e do Interior do Estado.

*

O Espiritismo em Nazaré, ou melhor, na cidade de Nazaré, das Farinhas, como é comumente conhecida, prossegue com entusiasmo, o movimento espirita, sendo a referida cidade do interior do Estado onde maior número de Centros Espiritas existem. O confrade Pedro Santana, com outros elementos, vai levando a bandeira do Evangelho a todos os corações.

*

União Espirita Bahiana — Enquanto se realizam pelo «Património Histórico», as obras que se tornam necessárias no prédio daquela instituição espirita, a primeira do Norte do País, os trabalhos doutrinários prosseguem normalmente no Edifício onde funcionará, possìvelmente ainda este ano, o SANATÓRIO ESPIRITA DA BAHIA, que será também o primeiro do Norte do País.

*

Durante os três dias comemorativos do Carnaval, os jovens espitas estarão reunidos em conclave na cidade de Irará para um encontro fraterno com os jovens daquela cidade, onde encontrarão outros jovens ou representantes de juventudes das cidades de Feira de Sant'Ana, Alagoinhas, Cachoeira, Muritiba, São Félix, Ilhéus, Serrinha, Conquista, Bonfim e outras cidades.

*

A Directoria da União Social Espirita (USEB), Secção da Bahia, resolveu considerar o dia 29 de Março, quando a «USEB completar 10 anos de fundação, o marco para a unificação do Espiritismo no Brasil, considerando o ano corrente (1960) «O ANO DA USEB», e nesta Capital como em outras cidades do interior realizar-se-ão festividades, comemorando o dia 29, data da fundação, cujas festividades, em cadeia, se estenderão durante o ano em todos os centros espiritas do interior do Estado.

*

Estão sendo preparados os programas de festividades para comemorar o dia 18 de Abril, data do aniversário do aparecimento do «Livro dos Espíritos». Com a colaboração do confrade Prof. Divaldo Franco e a «USEB», serão levadas no dia 18 de Abril próximo vindouro grandes festividades que terão lugar no Conjunto Teatral Orlando Moscovo, de propriedade do SESC-SENAC, comparecendo re-

presentantes de Juventudes Espiritas da Capital e Representantes de Centros Espiritas do nosso Estado. O dia 18 de Abril, corresponde ao lançamento na França, em 1857, do «Livro dos Espiritos», codificado por Allan Kardec.

★

Continua na sua tarefa incansável o «Lar Bezerra de Menezes», na cidade de Muritiba, o qual tem à frente o nosso dedicado irmão Rafael Veiga que, em companhia de sua consorte, Manuel Borges dos Santos e Lourival Andrade e Sousa, vem trabando incansàvelmente para levar avante a sua obra, não sòmente na disseminação da nossa doutrina, marchando paralelamente com a obra social e distribuindo donativos e alimentos, sendo de notar pelo seu relatório o dispêndio de Cruzeiros $116.291,00 no ano de 1959.

O *Centro Espirita «Obreiros do Bem»*, na Cidade de Cachoeira, vem trabalhando activamente pela concretização do *Abrigo* para os mendigos, embora lutando com grandes obstáculos, inclusive a enchente do Rio Paraguassu que prejudicou grandemente aquela cidade. A obra, porém, era levada a efeito, graças aos ingentes esforços dos seus dirigentes.

★

No dia 18 de Abril, passagem do 10.º aniversário da *Biblioteca Infantil «Monteiro Lobato»*, no Parque de Nazaré, não passou indiferente à sua idealizadora, a Prof. Denize Tavares que, auxiliada pelo Governo do Estado, tem realizado uma obra meritória, enfrentando várias dificuldades pela incompreensão de muitos. Naquele dia houve grande festa a que assistiu o Secretário da Viação, Sr. Wilson Lins, e outras autoridades, com distribuição da biografia do querido escritor Monteiro Lobato, que em vida prefaciou o livro «Afinal, quem Somos?», de Pedro Granja. O ilustre escritor refere-se assim à obra: «Pede-me você um prefácio para este livro e eu tremo! Não sei como abordar o antigo «undiscovered country», já tão penetrado hoje, mas cada vez mais dilatado e compreensível. Afinal quem somos? Este é o título da obra e aí sofro um esbarro. Eu poria «Afinal que somos (O *quem* da primeira pergunta, que somos gente). Mas seremos gente, Pedro Granja?...» Além de doces e refrigerantes para a gurizada, foi a referida festa noticiada por todos os jornais, inclusive filmada pela «Iglu», empresa cinematográfica baiana que está presente em todos os acontecimentos desta terra.

★

O Departamente de Saúde, a cuja frente está o Dr. António Simões, promoveu o recolhimento de vários mendigos que andavam pela cidade e foram recolhidos ao Albergue, recentemente reformado por iniciativa da Prefeitura, cujo titular, Professor Heitor Dias, não poupa esforços à frente da comuna do Salvador. Com espírito cristão, resolveu o problema, recolhendo em dois dias cerca de 52, e tivemos oportunidade de visitar o albergue e verificámos as suas óptimas condições, com serviço assistencial por senhorinhas, com posto médico e instalações higiénicas, havendo separação dos pavilhões de homens e mulheres, além do fornecimento, conforme nos informaram, de alimentação, ao sairem de manhã, pois, se não têm tecto, pelo menos não dormem ao relento.

★

No dia 8 de Maio, o «Dia das Mães» foi comemorado por todos os centros espiritas da capital e alguns centros do interior. No *Centro Espirita Posto de Socorro «Bezerra de Menezes»*, teve a iniciativa a *Juventude «Carneiro Ribeiro»*, falando vários confrades, entre os quais os jovens Jaime Kraichete e Raimundo Matos e o Sr. José Santiago, Presidente do Centro em apreço, os srs. Octávio Conrado e outros, sendo depois inaugurada a *Biblioteca «Manuel Bonfim»*, em homenagem ao confrade desencarnado há pouco tempo, notando-se algumas obras espiritas que foram oferecidas por vários confrades.

Coincidindo o «Dia das Mães», com o 1.º aniversário da fundação da *Ala Feminina Espirita da Bahia*, foi realizada uma festa confraternativa com grande brilho, nos salões da *Associação dos Empregados do Comércio da Bahia*, tendo sido distribuídos enxovais para os recém-nascidos nas Maternidades *Climério de Oliveira* e *Tisila Balbino*, na parte da manhã.

★

Cobertores para a pobreza, eis a iniciativa que no 3.º ano consecutivo vai fazer o *Centro Espirita «Bezerra de Menezes»*, estando uma comissão arrecadando no comércio alguns meios para este fim, além de várias listas que foram entregues aos confrades. A distribuição será ofectuada no dia 12 de Junho.

★

O *«Lar dos Pobres»* da *Casa de Emmanuel* continua com a campanha da construção do edifício para abrigo de velhos, continuando, contudo, a distribuição de alimentos aos mesmos, todos os dias.

★

Editada pela «Juventude Espirita Manuel Miranda», já se encontra em circulação o primeiro número de *A Voz de Manuel Miranda*, trazendo na sobre-capa uma biografia do seu patrono, bem como algumas mensagens de nossos irmãos espirituais.

(De nosso Correspondente em Salvador, Bahia)

Aos Assinantes do Brasil

Acaba de sair o livro de Alfredo Miguel, intitulado A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS (Síntese reencarnacionista da Ciência, da Filosofia, da História e dos Evangelhos), com prefácio de Isidoro Duarte Santos, em papel Buffon de 2.ª, numa edição da LAKE (Livraria Allan Kardec Editora).

PREÇO UNITÁRIO — 120 CRUZEIROS

UM CALCULADOR PRODÍGIO

NO CENTRO LUZ E AMOR

Todos nós efectuamos as diversas operações aritméticas e algébricas com maior ou menor facilidade, consoante a prática que tenhamos. Há, no entanto, indivíduos que, desde crianças, efectuam essas operações com uma rapidez, com uma ligeireza que assombra os profanos. São os chamados calculadores prodígios. A literatura metapsíquica conta inúmeros casos destes. Há anos ainda o Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, efectuou uma série de experiências com um desses calculadores, M. Paul Aumont-Lidoreau. Ràpidamente extraiu as raízes cúbicas de 37, 246, 609, 599, 930, etc. Numa sessão, com a presença de matemáticos e jornalistas, extraiu em 20 segundos a raiz cúbica dum número de 15 algarismos. Recordemos que Inaudi — o grande e imortal Inaudi — demorava 2 minutos e 5 segundos a efectuar idêntica operação. Ainda nessa sessão conseguiu extrair em menos de 46 segundos a raiz cúbica de um número de 18 algarismos. Como os demais calculadores, M. Paul Aumont não manifesta qualquer fadiga cerebral durante ou após estas experiências. E até a nossa *Gazeta de Física,* num dos seus primeiros números, insere uma entrevista do falecido Dr. Xavier de Brito com um desses indivíduos funcionários da C. P.

O entrevistado, que esperamos apresentar um dia na Sede, pediu ao Dr. Xavier de Brito para lhe indicar uma idade qualquer. Ouvindo dizer 25 anos, imediatamente conclui: 300 meses, 9000 dias, 216 000 horas, 12 960 000 minutos e 777 600 000 segundos.

O *Grupo Experimental Ernesto Bozzano* trouxe na passada terça-feira, 24 de Maio, pela segunda vez, ao Centro Luz e Amor, um desses extraordinários calculadores, o Sr. Eduardo Camacho Palma. Como António Cardoso se encontrava fora de Lisboa e não podia presidir à sessão, esta foi dirigida pelo nosso confrade Túlio Rosa, que, prontamente, se prontificou a substituí-lo.

Eduardo Camacho Palma, na primeira parte dos trabalhos contou alguns episódios interessantes, que testemunhavam as suas extraordinárias faculdades. Uma vez, na escola, a professora ditou uma série de problemas para os alunos irem resolvendo. Pois Camacho Palma, em vez de escrever os enunciados, mais ou menos extensos, punha logo os resultados ... Veja-se agora a admiração da professora e dos colegas em face de tal prodígio! ... Quando vai na rua, para se *entreter,* ao ver as matrículas dos carros, faz multiplicações e eleva o resultado ao quadrado ou ao cubo, etc. À vezes, quando entra num estabelecimento para fazer compras, ao ver estas pesadas em grossos papéis ... *para não sujarem a balança,* Eduardo Camacho Palma, ainda para *se entreter,* calcula quanto custaria um quilo de papel adquirido a esse preço ...

Eduardo Camacho Palma

Na segunda parte da sessão, efectuou diversas operações ditadas pela assistência. Isidoro Duarte Santos, o professor Coelho de Sousa, António Rodrigues e esposa e outros assistentes apresentaram-lhe operações mais ou menos complicadas, que ele efectuou com a mesma velocidade com que lhe eram ditadas. Um confrade, por exemplo, ditou: 3851 vezes 5 vezes 412, e o resultado dividido por 36 500. Pois Eduardo Palma em poucos segundos *fez* as contas e deu o resultado. Uma senhora da assistência apresenta-lhe agora uma outra operação. O calculador diz o resultado.

— Está errado — diz a senhora — pois tenho aqui outro resultado.

Camacho Palma *revê* em segundos as operações e insiste:

— Perdão; minha senhora, mas o meu resultado está certo.

A senhora decide, por sua vez, rever as operações! E verifica, surpresa, que Camacho Palma é que tinha razão, pois ela enganara-se nas contas ...

Outra coisa que surpreendeu muito o público foi o referido calculador dizer imediatamente o número de letras de um nome qualquer, pequeno ou grande.

Túlio Rosa ditou:

— Carlos Alberto de Oliveira Rosa.

— Vinte e sete letras.

A esposa do confrade António Rodrigues dita um nome enorme, com 43 letras. Pois instantâneamente Camacho Palma dá o número exacto.

Já na primeira sessão, ao efectuar-se esta experiência, António Cardoso deu um nome completo e ele prontamente exclamou:

— Vinte e seis letras.

No final Túlio Rosa agradeceu mais uma vez a Eduardo Camacho Palma a sua comparência àquela sessão, que resultou interessantíssima e deixou na assistência as melhores impresões.

A Morte na Máquina Fotográfica

por Oleta Martin

As flores frescas, pulcras e carminadas da macieira caíram lentamente sobre a terra recém-revolvida em que me ajoelhara para a remover e cobrir o minúsculo coval que eu agora regava com lágrimas há muito represadas. E julgo que as minhas lágrimas sinceras e as imaculadas flores que as minhas mãos haviam lançado num último preito de dó constituíam tributo sincero ao nobre animal que ali dormia. Mas o pensamento que despedaçava o meu coração era que eu, por qualquer misterioso poder, havia morto aquele cão que eu tanto amava. E este era a sexta e espero que última duma série de mortes que haviam começado oito anos antes, em 1948.

A minha família devotava uma estima especial aos animais e sempre tivemos em casa cães de muitas raças que igualmente sempre tratámos com todo o carinho. Justamente em 1948 posuíamos um lindo Samoyed, *branco de neve, inteligente e vivo, o qual, em mil cabriolas, costumava brincar com outro cão da mesma raça pertencente a uns vizinhos nossos e tão engraçados eram, que decidimos fotografá-los. Duas semanas depois tirámos a fotografia ao cão que visitava o nosso. Poucos dias volvidos o pobre animal morria, sem que qualquer razão aparente o justificasse, e os donos viram na fotografia uma compensação ao seu desaparecimento e contentes ficaram por essa recordação.*

Cinco meses após o nosso adorável e branco Tippy *foi atropelado e nós ficámos com o coração a sangrar. Mas em breve nos vimos em parte compensados com a vinda para nossa casa dum* Setter *corpulento e elegante que veio trazer nova animação à quinta. Era um cão perdido que buscava abrigo e apesar das diligências que fizemos ninguém o reclamou, pelo que resolvemos ficar com ele e chamar-lhe* Buddy.

Buddy *era um cão notàvelmente afectivo, alegre e folgazão e em breve nos afeiçoámos a ele. E naturalmente quis tirar-lhe a fotografia, o que fiz em 1952. Mas antes que o negativo fosse revelado a morte atacou mais uma vez e o nobre animal morreu da mesma maneira que* Tippy.

Agora já não tínhamos cães; mas, em compensação, possuíamos dois lindos gatos. E sem dúvida é natural querer guardar uma lembrança de dois seres tão encantadores, espertos e animados. Naturalmente que o meio mais indicado para o conseguir era fotogrfá-los, pensei. Como poderia eu saber que, pouco tempo depois de os fixar na minha câmara fotográfica, os pobres animaizinhos seriam mortos, um atropelado na estrada e outro abatido a tiro? Ambos morreram em 1953.

Desde então o nosso lar assemelhava-se a um deserto, sem a alegria dos animais. Já não tínhamos cães e penso que todos nos alegrámos, quando a nossa filha Sharon encontrou meio morta de fome uma gatinha amarela e a trouxe para casa, onde logo se alimentou. Em breve lhe trouxemos para companhia um gatito negro e os dois começaram uma vida de comodidade e carinho da nossa parte. Um dia Sharon pediu-me que lhes tirasse a fotografia para que, no caso de acidente, como acontecera aos outros animais, tivéssemos deles uma recordação.

Desta vez um medo gelado invadiu-me o coração! «Serei eu supersticiosa?» — perguntei a mim própria. E pensei que a melhor maneira de me ver livre do terror estúpido que de mim se apossara era desafiá-lo.

Decidida, peguei na máquina, foquei os animais e disparei deliberadamente.

Isto passava-se em Agosto de 1954 e em Setembro o gatinho preto morria, vítima de doença, e ainda nesse mês o amarelo foi colhido numa ratoeira, sofrendo esmagamento duma perna. Desapareceu e depois destas emoções a minha mente sentiu-se em paz, até que minha cunhada, uma noiva alemã da guerra que ia à Europa de visita a sua mãe, me pediu para guardar os seus três lindos gatos, até que regressasse, no que consenti.

Uma delas era uma gata persa azulada, a que chamavam Mimi, *um belo animal de pêlos sedosos e olhos cor de cobre, que muito admirávamos. Poucos tempos depois dos felinos terem vindo para nossa casa, Isabel, a minha cunhada, pediu-nos da Alemanha que lhe enviássemos uma fotografia da gata preferida.*

A minha família nada disse. E a sedutora Mimi, *no alto poiso anichada, só me lançou um olhar indiferente com seus olhos cor de cobre.*

Como num sonho, busquei a minha máquina fotográfica e, tremendo, a disparei. Depois, num acesso de nervos, deixei cair o aparelho, que se partiu com um ruído que me pareceu de cataclismo.

Pouco tempo depois o corpo de Mimi, *era encontrado morto, irreconhecível, por esmagamento. Assim, eu, ao fotografá-la, tinha promovido a sua morte. Como posso acreditar noutra versão? Que estranho mistério e que estranho poder se encerra nisto? . . .*

(Do «Fate», de Dezembro de 1956)

LIVROS DE TODO O MUNDO

A **Teoria Corpuscular do Espírito**, do engenheiro *Hernâni Guimarães Andrade* — S. Paulo, 1958. 218 páginas.

Saturado por uma bibliografia onde infelizmente a qualidade não acompanha a quantidade, farto de ver em sucessivas obras apenas lugares comuns, cansado de ler livros novos com experiências velhas, quase desiludido por passarem a todo o instante por minhas mãos volumes e volumes que não adiantam um palmo à Metapsíquica e ao Espiritismo, eis que finalmente a monotonia se quebra, o ambiente se renova, as nuvens se dissipam, com o aparecimento de um livro fora de série: *A Teoria Corpuscular do Espírito*. Seu autor, um distinto engenheiro de S. Paulo, não pretendeu, ao escrever esta obra, satisfazer as tendências mórbidas da maior parte do sector espirita que se delicia com descrições folhetinescas do Além, nem tampouco repetir, em extensas descrições, experiências há mais de 100 anos realizadas; ele preferiu ter menos leitores, mas escrever uma obra séria, sem sentimentalismos doentios, e pseudo-ciência; uma obra, onde todos os estudantes do Psiquismo, todos os investigadores de Metapsíquica, encontrassem um auxiliar precioso, um amigo sempre pronto a remover dificuldades. Sem o misticismo de Ubaldi, o autor não sai da Ciência, e é servindo-se dela, à luz dos modernos conhecimentos da estrutura da matéria, que tenta explicar, numa linguagem rigorosa e clara ao mesmo tempo, os múltiplos fenómenos parapsicológicos. Sua obra está dividida em dez capítulos, qual deles o mais importante e sugestivo. No terceiro, chamado *A quarta dimensão e o hiperspaço*, o autor apresenta um estudo interessantíssimo sobre a natureza hiperespacial do espírito e a polarização dos átomos espirituais.

A *Teoria Corpuscular do Espírito* é uma das obras mais valiosas que nos últimos anos se escreveu neste campo. E o seu autor, há poucos anos ainda desconhecido, é um dos grandes metapsiquistas contemporâneos.

Cumprindo-se Profecias (materializações de espíritos, em S. Paulo), de *Mário Ferreira* — Edições Populares, Lda., S. Paulo, 1955. 256 páginas.

Mário Ferreira decidiu escrever um livro aliciante, daqueles que se lêem de um fôlego, destinado ao grande público. Descrevendo as sessões de materializações, efeitos físicos e voz directa efectuadas no *Grupo Espirita Padre Zabeu*, vamos encontrar, nessa obra, ao lado de descrições puramente doutrinárias, de discutível interesse, experiências curiosas feitas em condições de controlo bastante satisfatórias. Particularmente interessantes os fenómenos observados pelo deputado Francisco Neves, que deu uma reportagem para *O Dia;* ele pôde observar, por exemplo, a evasão de um frasco de perfume de uma caixa fechada a cadeado e cujas chaves foram entregues num sobrescrito ao presidente da *Associação Paulista de Imprensa.*

O livro é ilustrado com algumas fotografias. Curiosas as que nos mostram uma forma materializada junto do médium José Correia Neves.

O Homem — Esse nosso conhecido, do *Professor Luís Fernandes* — Sertãozinho, Estado de S. Paulo, 1959. 252 páginas.

Quando Ubaldi publicou a «Grande Síntese», inspirada — segundo ele — «pelas altas esferas espirituais e contendo os últimos segredos da Ciência», os espiritas regozijaram com o facto e aguardaram os tempos para demorada leitura. Aquilo parecia confuso, porque se tratava de algo transcendente. Alguns estudiosos, porém, duvidaram, pois, lendo-o sem ideias preconcebidas, nele encontraram absurdos, que não se podiam atribuir ao tradutor, como a princípio se pretendeu.

Entretanto J. Crowther, correspondente científico do *Manchester Guardian* e que a convite do presidente da Universidade de Harvard deu algumas lições sobre História da Ciência, publica um livro curiosíssimo, do género da «Grande Síntese», intitulado «O Universo», muito mais completo, sem erros científicos, e escrito numa linguagem clara, sem os nevoeiros ubaldinos...

Chegamos a 1959 e eis que um confrade brasileiro, o ilustre professor Luís Fernandes, nos oferece um livro similar: «O Homem, Esse Nosso Conhecido». Também escrito numa linguagem precisa, o autor dá através das suas 252 páginas uma síntese perfeita do Universo e do Homem! Mais do que Crowther, é principalmente o estudo deste que lhe interessa! Ele próprio afirma: «A divulgação deste livro é o produto de um trabalho de especulação que teve por objectivo alcançar a explicação e a interpretação dos fenómenos psico-orgânicos reconhecendo de uma vez toda a complexidade intrínseca e imponderável que caracterizava a unidade humana, no clássico binómio espírito-corpo».

Quer se trate da natureza da luz ou do fenómeno da visão, do conceito de Deus ou das actividades psicológicas, o autor mostra profundo conhecimento do assunto, apresentando aqui e acolá, sugestões, hipóteses e directrizes. Livro profundamente científico, está, pela sua linguagem clara, ao alcance de toda a gente. Todos os estudiosos do Psiquismo estão agora de parabens, com a sua publicação.

A. C.

COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS» E DE «MEDICINA NATURAL»

Temos lindas colecções de «Estudos Psíquicos» encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:

1.º ano	120$00	10.º ano	90$00
2.º »	90$00	11.º »	90$00
3.º »	90$00	12.º »	90$00
4.º »	90$00	13.º »	90$00
5.º »	90$00	14.º »	90$00
6.º »	120$00	15.º »	90$00
7.º »	90$00	16.º »	90$00
8.º »	90$00	17.º »	90$00
9.º »	90$00	18.º »	90$00

Da «Medicina Natural» temos dos anos 1955, 1956, 1957 e 1958 e 1959, ao preço unitário de 55$00.

«VOZES DO CORAÇÃO»

A Instituição Legionárias de Maria, *Rua Rio Grande do Sul, 94 (Meier), Rio de Janeiro, em que superintende o confrade José Carvalho Lucena, lançou mais um número do seu órgão* Vozes do Coração, *dirigido pelo nosso amigo Olívio Novais. É uma revista muito interessante, dedicada inteiramente a todas as mães e na qual perpassam verdadeiras jóias de escrínio em prosa e verso. Circula duas vezes por ano: no 2.º domingo de Maio em homenagem ao «Dia das Mães» e em Dezembro, na época do Natal.*

São benditas as vozes que se ergam de aplauso à maternidade gloriosa. Por isso não poderíamos silenciar perante mais um número de Vozes do Coração, *onde há muito sentimento do casal Lucena, que na obra tem posto dedicação e sacrifício, que nos cumpre exaltar.*

As Legionárias de Maria, *a quem oferecemos a 2.ª edição do nosso livro «Luz no Caminho», desdobram-se em esforço meritório para que nada falte às suas protegidas, desde o pão do estômago ao pão do espírito. É uma agremiação simpática que se distingue entre muitas outras, pelo carinho e amparo que distribui a todos, revestida de humildade e simplicidade.*

O FANTASMA EXISTE

A United Press *divulgou a seguinte notícia:*

«Plymouth, 26 de Março —. O marinheiro William Hampson, a quem o Almirantado concedeu licença de duas semanas para que «desse um jeito» no fantasma que martiriza sua esposa, recebeu promessa do deputado que na Câmara dos Comuns representa o seu distrito eleitoral de que fará o possível por resolver o seu problema.

«A esposa do marinheiro diz que não pode dormir, pois todas as noites lhe aparece um fantasma sem cabeça, que diz, angustiado:

«— Betty! Betty! Betty!...

«A deputada Joan Vickers, que representa o distrito de Plymouth, visitou hoje a esposa do marinheiro, sr.ª Doroty Hampson, mãe de quatro filhos, e prometeu-lhe dirigir-se às autoridades competentes para que providenciem a mudança da família para outra casa, onde não tenha que viver em tão horripilante situação.

«— Estou convencida da veracidade da história — disse a deputada — pois a sr.ª Hampson é mulher equilibrada e tenho a certeza de que o que disse não é imaginário.

«O marinheiro, cuja licença está prestes a expirar, disse o seguinte, ao ser entrevistado:

«— O fantasma existe. Não o vi ainda, mas tive ocasião de experimentar uma sensação pavorosa, como o frio da morte.

«Uma filha menor do casal disse que certa vez ouviu uma voz estranha que lhe dizia: «Olá Olá» e a sr.ª Hampton explicou que em várias ocasiões, à noite, tem ouvido perto dela uma voz queixosa que a chama pelo nome, sente que lhe tiram os cobertores e já mão estranha lhe tocou no ombro».

INDULTOS DE ABSTINÊNCIA E JEJUM

Em Janeiro de 1960 terminaram os indultos pontifícios concedidos à Nação Portuguesa por ocasião do Ano Santo, segundo um impresso proveniente da União Gráfica e que reza assim:

«SUMÁRIO ESPECIAL de indultos de abstinência e jejum concedidos aos fiéis da Nação Portuguesa, que concorreram com as suas esmolas para a construção, sustentação e melhoramento dos Seminários Diocesanos, e para as necessidades das Igrejas e Paróquias pobres e outros encargos pios. Estas graças foram concedidas por dez anos *que principiaram no dia 1 de Janeiro de 1950 (Ano Santo), por Sua Santidade Pio XII.*

«Todo o fiel que, além do Sumário Geral, tomar este Sumário Especial, dando a competente esmola durante o ano da sua validade, fica dispensado da lei do jejum em todos os dias excepto Quatra-feira de Cinzas, Sexta-feira Santa e nas Vigílias do Natal e da Assunção; e, além disso, pode durante o mesmo tempo lucrar as seguintes graças e privilégios:

«1.º — Fazer uso de tempêros de qualquer espécie de gorduras e de ovos e lacticínios em qualquer dia ou refeição, sem excepção alguma.

«2.º — Fazer uso de carnes e caldos de carne em todos os dias, excepto sextas-feiras da Quaresma, Advento, Quarta-Têmporas e Vigílias acima referidas, podendo ser para o efeito da abstinência e do jejum a Vigília do Natal antecipada para o sábado imediatamente anterior das Quatro-Têmporas.

«3.º — Obter do seu confessor dispensa das leis do jejum e da abstinência, havendo motivo razoável e justo, nos dias em que este indulto não dispensa.

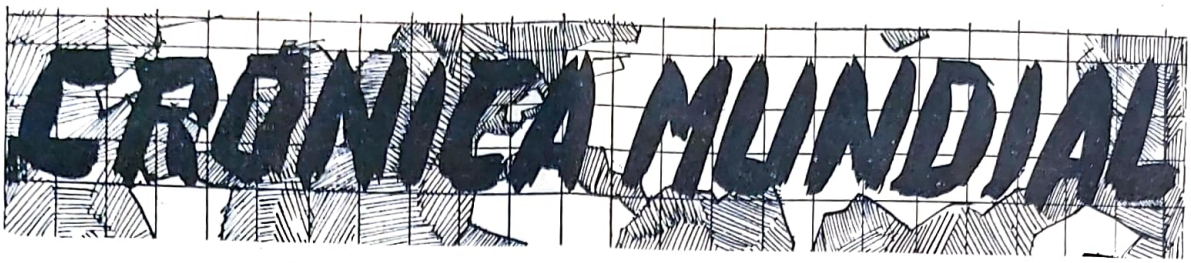
«4.º — Fazer uso dos privilégios acima enumerados, mesmo fora do país e seus domínios, não havendo escândalo.

«Os Regulares que, por voto especial, estejam obrigados a usar só comidas de magro, não gozando privilégios relativos à abstinência.

«Este Sumário é colectivo, abrangendo toda a família, e também os seus comensais ou pessoas que comerem a expensas do dono da casa; e tanto pode ser tomado pelo chefe como pela mãe de família. É válido de 1 de Janeiro até 31 de Dezembro de cada ano e ainda pelo mês de Janeiro seguinte.

«As famílias ou indivíduos cujas receitas totais não excedam cinco mil escudos, tomarão um Sumário de 1$00; os que tiverem receita de cinco a dez mil escudos, um Sumário de 2$50; os que tiverem receita de dez a vinte mil escudos, um Sumário de 5$00; os que tiverem receita superior a vinte mil escudos, um Sumário de 10$00, aceitando-se sempre por verdadeiras as declarações em consciência feitas pelos indultados.

«Os pobres podem gozar dos privilégios deste Indulto sem tomarem este Sumário Especial».



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

CENTRO «JUDAS ISCARIOTES»

Juando, em 1955, passámos em Franca, linda cidade paulista, tivemos ensejo de visitar o *Centro Espirita Judas Iscariotes*, na companhia amável de José Russo, um dos maiores obreiros do Espiritismo que se encontra à frente da *Casa de Saúde Allan Kardec*, que tantas curas tem realizado, nos domínios da psicoterapia.

Não fora e exiguidade de espaço e dedicaríamos algumas páginas à obra de José Russo. Todavia, mesmo resumidamente, queremos fixar nesta nótula alguns pormenores interessantes.

O *Albergue Nocturno* foi a sua primeira realização, inaugurada em Julho de 1950, e já atendeu numerosos necessitados, fornecendo-lhes guarida com o máximo asseio e conforto e lanche de manhã e à noite, num total de 17 087 pernoitas. Além disso, tem oferecido dinheiro para aquisição de passagens e despesas de percursos.

A *Escola Evangélica «José Marques Garcia»* funciona com grande frequência de alunos dos dois sexos: mais de 250, orientados por educadores idóneos.

Há também uma *Escola de Corte e Costura, Bordados e Tricô*, com funcionamento regular e gratuito desde 20 de Abril de 1957. As roupas da *Casa de Saúde «Allan Kardec»* são ali confeccionadas.

A *Biblioteca* do Centro proporciona leitura e recreio aos associados e frequentadores, através de mais de 500 volumes seleccionados. Qualquer pessoa que necessite de ler ou consultar alguma obra pode fazê-lo livremente.

Em Abril de 1955 foi inaugurada a *Escola de Médiuns* e tem funcionado com enorme interesse. O desenvolvimento abrange *médiuns vocais* e *psicógrafos*. Actualmente frequentam a escola 24 médiuns em período experimental de três meses. Todas as quartas-feiras há uma sessão mediúnica com leitura evangélica, pregações doutrinárias e comunicações de entidades espirituais, sempre com boa frequência e resultados satisfatórios.

Também, desde 1950, que a *Farmácia Homeopática* distribui gratuitamente remédios destinados aos pobres, sob a direcção de Francisco Lourenço.

O *Lar da Velhice Desamparada* é um dos grandes objectivos do *Centro Judas Iscariotes*, que espera vê-lo concluído em 1960. Este Lar abrigará velhinhos sem família ou sem proventos, para que nele passem o resto de seus dias, com alguém que os oriente e lhes proporcione conforto material e espiritual.

A *Tribuna Livre* é um estrado aberto a quem dele necessite. Qualquar agremiação religiosa a pode utilizar para conferências ou pregações, sendo igualmente, extensiva às pessoas livres, contanto que os assuntos versados sejam religiosos, literários, artísticos ou estudantis e jamais de natureza política.

Para a mocidade há uma *Escola de Oradores* aos domingos, sob a direcção de Agenor Santiago, à qual tem acorrido a juventude em grande número.

A Municipalidade de Franca doou ao Centro 137 250 metros quadrados de terreno, nos quais se pretende instalar a *Chácara «Judas Iscariotes»*, para custeio e possível ampliação do *Albergue Nocturno*.

Este resumo esclarece a grandeza de um empreendimento que josé Russo impulsionou, rodeado de colaboradores, entre os quais Leonel Nalini, Vicente Richinho, Dijalvo Braba, etc.

A CURA PSÍQUICA NUMA IGREJA METODISTA

O semanário inglês *Two Worlds*, de Londres, insere um artigo bem curioso, no qual se verifica notável passo na cura psíquica, em que cinco sócios da Federação Nacional dos Curadores Espirituais escreveram novo capítulo da história do psiquismo, com 30 minutos de demonstração.

Don Walker foi o principal organizador do acontecimento, pois várias vezes falou nesta igreja metodista sobre rediestesia aliada à mediunidade. Até que uma tarde sugeriu a ideia da demonstração de cura ao reverendo Arthur Tuley, que a aceitou de boa vontade, baseado em certas decisões da Conferência Metodista de 1952.

«A Conferência — disse ele — aprovou a cura espiritual, sobretudo a cura do corpo, da mente e da alma, que é uma parte essencial do sacerdócio divino. Há indivíduos que possuem o dom de curar e será melhor exercido na Igreja».

Nesta base é que o grupo de curadores espirituais realizou a sua demonstração.

A Federação estava engalanada, com estandartes pendentes do púlpito, e a cura foi, realmente, impressionante. Uma calma absoluta pairava na atmosfera.

Havia três cadeiras especiais para doentes. Os curadores casados trabalhavam em conjunto e Don Walker trabalhava sòzinho; mas, de vez em quando, auxiliavam-se mùtuamente.

A primeira experiência causou forte reacção nos assistentes. Alguns queriam ver mais demonstrações; outros aproximavam-se dos curadores para observar melhor. E nenhuma palavra de crítica se ouviu durante os trabalhos.

Foram tratadas 16 pessoas, as quais pediram que as incluissem na cura a distância.

Tuley achou impressionante a inovação e disse que a receberia de novo com agrado.

Na verdade, o caso constituiu um verdadeiro passo em frente no caminho espiritual.

LIGA ESPIRITA DO ESTADO DE GUANABARA

Como é sabido, com a mudança da capital brasileira para Brasília, o Rio de Janeiro deixou de ser o Distrito Federal, transformando-se em Estado da Guanabara. Deste modo, a Assembleia Geral da antiga *Liga do Distrito Federal*, reunida em Maio último, resolveu alterar o seu nome e passou a denominar-se *Liga do Estado da Guanabara*.

Convém lembrar que a Liga se chamou primeiramente *Liga Espirita do Brasil* (de 1926 a 1949), quando se firmou o acordo entre ela e a Federação Espirita Brasileira. Agora, porém, mudou de nome, com orientação e âmbito federativo de outrora.

Na mesma Assembleia foi reeleito, por aclamação, para 1960-63, o Conselho da Liga, com a Comissão Fiscal e seus suplentes: Dr. José Augusto de Miranda, *presidente;* Aurino Barbosa Souto, *1.º vice-presidente;* Álvaro Brandão da Rocha, *2.º vice-presidente;* Deolindo Amorim, *secretário-geral.*

Foram eleitos: Nelson Passos de Araújo, *2.º secretário;* Capitão Lauro Demoro, que passou de 2.º para *1.º secretário;* Brigadeiro Dr. Telémaco Gonçalves Maia, *Director do Departamento de Assistência;* Dr. Sílvio Freire, *Procurador;* Dr. António Paiva Melo, *Bibliotecário;* César Augusto, *Director do Departamento da Juventude;* General Amaury Pereira, *Director do Departamento de Educação.* Sede da Liga: Rua dos Andradas, 96, 12.º andar, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara.

INSTITUTO DE CULTURA ESPIRITA DO BRASIL

Realizou-se mais um seminário no *Instituto de Cultura Espirita do Brasil,* aliás muito movimentado, no debate de assuntos préviamente escolhidos. Desta vez coube a vez a um católico, o Prof. Manuel Maurício de Albuquerque, o ensejo de proferir uma conferência em forma de aula, com explicações no quadro sobre o Cristianismo Histórico.

Abstendo-se de pontos de fé ou problemas teológicos, o ilustre professor tratou exclusivamente do aspecto histórico do Cristianismo, ministrando uma aula instrutiva e rica de elementos subsidiários.

O Prof. Manuel Maurício é da nova geração de professores. Pertence ao *Conselho Nacional de Geografia* e é professor da *Faculdade Nacional de Filosofia* e do *Instituto Rio Branco,* onde se formam diplomatas e lecciona actualmente na *Universidade Católica do Rio de Janeiro.* Apesar desta circunstância, deu belo exemplo de educação e tolerância religiosa, comparecendo neste *Instituto* para falar sobre a parte histórica do Cristianismo, assunto em que é muito versado.

De acordo com a praxe observada nos *seminários,* que são reuniões de debates, houve diversos comentários, após a aula do Prof. Manuel Maurício. Falou então o coronel Alfredo Molinaro, que mostrou a sua discordância com o orador, seguindo-se os confrades Pereira Guedes, Alfredo d'Alcântara, Dr. Carlos Imbassahy e outros assistentes, alguns dos quais ali se encontravam a primeira vez.

O Prof. Maurício respondeu a todos com serenidade e cordialidade, provocando aplausos gerais. Foi uma tarde vibrante e proveitosa, pois todos ficaram satisfeitos com a cultura religiosa do conferencista, sua elegância e finura de trato.

Coube ao coronel Delfino Ferreira a apreciação final, como professor de *História das Religiões* no Instituto, tendo sido igualmente muito aplaudido, quer pela segurança do comentário, quer pela forma delicada com que se houve. De tudo isto ficou mais um exemplo de compreensão: um católico e um espiritualista frente a frente, numa casa espirita, discutindo problemas cristãos, com absoluto respeito mútuo e espírito fraterno.

Que outros exemplos se repitam. Foi tal o interesse desta aula e as aclamações da assistência, que muitas pessoas ficaram de pé. O Dr. Lauro Sales propôs que o Prof. Manuel Maurício voltasse ao *Instituto* para nova aula, ficando assente outra conferência para o dia 11 de Junho.

Eis o programa de 1960:

1.º sábado — *Consequências do Espiritismo,* por Deolindo Amorim; *Noções Gerais de Astronomia,* pelo Eng.º Renato Pinheiro.

2.º sábado — *História da Filosofia,* pelo prof. Newton de Barros; *História das Religiões,* pelo coronel Delfino Ferreira.

3.º sábado — *Elementos de Filosofia Nervosa,* pelo Dr. Túlio Chaves; *Literatura Espirita,* pelo Prof. José Jorge.

4.º sábado — *História das Religiões,* pelo coronel Delfino Ferreira; *Psicologia,* pelo Dr. Lauro S. Tiago.

Seminários — 30 de Abril, 30 de Junho e 29 de Outubro.

Curso especial de Português, pelo Prof. Leodegário Azevedo.

Nomenclatura gramatical, 2.º sábado, das 18 às 19.

AS CHÁVENAS ESMAGADAS

Os sonhos premonitórios constituem um grande capítulo do psiquismo e o sábio investigador Ernesto Bozzano estudou-os numa excelente monografia. De vez em quando relatamos um ou outro, porque a função desta revista é divulgar e doutrinar.

Hoje vamos referir o sonho de R. E. Wood, exposto no *Fate,* em que o fenómeno atinge a sua fase proeminente.

«Certa manhã — diz o articulista — despertei, enquanto minha mulher se levantava para fazer o pequeno almoço; mas logo me voltei para o lado, e, mergulhando em sono profundo, um sonho vivo e surpreendente se desenrolou em minha alma. Senti-me transportado ao escritório da Companhia onde estava empregado e no qual havia um vigia da noite para uma chávena de chá e um pouco de conversa.

«Tudo no meu sonho era normal. Só o vigilante estava de mau humor, barafustando e queixando-se do contramestre, com quem discutira azedamente. Nervoso, remexia em várias coisas e, de repente, pegou em três chávenas, atirando-as ao sobrado, onde se partiram ruidosamente.

«Acordei nesta altura e quando me ia levantar ouvi um barulho na cozinha — uma chávena que minha mulher deixara cair. Coincidência estranha, mas, no vaivém da manhã, esqueci-a completamente.

«À noite, quando cheguei ao escritório para a minha habitual chávena de chá, encontrei o vigia furioso, insultando o contramestre. Mudo de espanto, vi o homem, enraivecido, pegar em três chávenas e esmagá-las no chão».

A propósito de sonhos, na mesma revista vem um relato da sr.ª Joan E. Bonsher referente a um sonho que tivera em 1927. Seu marido era gerente de um posto da Companhia de Peles da Baía de Hudson, na Costa Árctica, e um dos barcos tinha sempre um farol aceso para guiar os caçadores em direcção ao posto, quando viajavam de noite.

Certo dia adormeceu cansada e teve um sonho em que o farol estava apagado e um homem procurava orientar-se. Por fim acordou com o pressentimento de que se tratava de sonho verídico e acordou o marido para lho contar.

O mais interessante é que o marido da sr.ª Joan ficou impressionadissímo ao verificar que o farol se extinguira. Mas como fazia muito frio, resolveu expor o caso ao capitão, quando amanhecesse.

Dias depois um caçador chamado Thurston chegou ao posto e contou que na noite do sonho se perdera na neve por falta de luz no farol, ficando com os pés gelados.

E a senhora termina, dizendo:

— Tivesse eu, segundo o meu impulso, participado logo o caso ao capitão e o pobre caçador de peles teria encontrado o caminho, evitando uma doença...

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Em 12 de Junho passado, o nosso companheiro António Cardoso realizou a sua anunciada conferência sobre «Os Membros Fantasmas», em que, durante 90 minutos, manteve a assistência num estado de verdadeiro interesse.

Desenvolvendo o tema, apreciou as teses de Descartes, de Head-Schilder-Conrad acerca do aerossoma (perispírito) e do Poder Regenerador, passando pela evolução dos seres e pela teoria de Darwin, tentando demonstrar a fragilidade das três primeiras, para aceitar a do Poder Regenerador à luz da Metapsíquica.

Entrando pròpriamente no assunto falou nas possíveis razões por que se criam os membros fantasmas nos amputados por acção violenta e na ausência desses membros nos amputados, em virtude de uma longa doença ou por degenerescência.

No primeiro caso o fenómeno existe, porque o mutilado mantém no subconsciente a recordação do membro ausente, a ponto de sentir as dores, como se ainda o tivesse; no segundo, a própria natureza da doença, por ser prolongada, leva o doente ao desinteresse e à saturação.

No final, Túlio Rosa, que se encontrava na mesa, acompanhado pelos confrades Ivone de Sousa, Jorge Raimundo e Raul Ribeiro, fez uma certa apreciação do tema versado e agradeceu ao conferencista mais este contributo em prol do Espiritismo. Pena é que a massa associativa tão pouco se interesse em estudar os *porquês*.

MICRO-JARDIM

O Grupo Experimental «Ernesto Bozzano» visitou novamente o *Micro-Jardim* do nosso dedicado amigo Sr. Fernando de Figueiredo. O público acorreu em massa ao número 104 da Avenida da República e apesar da falta de propaganda a notícia correu de boca em boca e à hora marcada o *Micro-Jardim* encontrava-se repleto. Eram 21,30, quando António Cardoso anunciou a abertura da visita, agradecendo a Fernando de Figueiredo todas as facilidades concedidas.

Aquele confrade representava Isidoro Duarte Santos que, por motivo de força maior, não pudera comparecer. Entre o imenso público estavam Jorge Raimundo, António Rodrigues, Manuel Canaveira, Campos de Avelar e muitos outros.

Durante mais de duas horas a assistência viveu num mundo de sonho, admirando as centenas de plantas que vivem, crescem e florescem em vasos minúsculos, como cascas de ovo, graínhas de uva e fundos de agulha. Todos ficaram boquiabertos com tanta maravilha e com a tenacidade de Fernando de Figueiredo que, sem qualquer ajuda oficial, tem dado o melhor do seu esforço para a manutenção daquele singular museu.

O «Grupo Ernesto Bozzano» entregou ao director do *Micro-Jardim* um pequeno arquivo de impressões de vários visitantes. Raul Ribeiro escreveu: «Ao observar o *Micro-Jardim* concluí estar presente no todo Universal pelo genial trabalho de Fernando de Figueiredo». E Jorge Raimundo, com a sua alma de poeta, disse: «Há milagres? Se há, o *Micro-Jardim* de Fernando de Figueiredo é um milagre de amor».

TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Mistério da Corda Indiana».

Dia 12, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Rosa.

Dia 15, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 17, domingo — Passeio de Confraternização à Venda Seca. Partida da Rua Jardim do Regedor, n.º 35 às 8 horas e 30 minutos. Regresso às 18 horas e 50 minutos. Esperamos a comparência de todos os confrades e amigos que deverão marcar os bilhetes na secretaria do Centro até ao dia 15, inclusive. Cada um deverá levar o seu almoço.

Haverá uma Tarde Cultural de recitativos, ilusionismo, anedotas, etc., com a colaboração de vários elementos.

PARTICIPAÇÃO

O Departamento de Juventude da União Espirita do Ceará, Brasil, realiza no corrente mês a 4.ª Confraternização de Mocidades Espiritas. Lavra grande entusiasmo, por que esta festa registará a vitória do Espiritismo naquele Estado brasileiro. As nossas saudações aos ardorosos confrades cearenses.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos demais anos, o Centro Espiritualista Luz e Amor encerrará os seus trabalhos em 17 de Julho, com um passeio ao campo, a fim de reabrir em Outubro.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Mês de Junho — Anónimo, 50$00; Piedade Gomes, de Lisboa, 50$00; Conceição Dias, de Lisboa, pelo espírito de Maria Cecília Gorina, 20$00; C. M., de Ovar, 100$00; Margarida Cardoso Dias, de Timor, 50$00; Sócio 1645, de Lisboa, 5$00; A. Luís Pereira, de Lisboa, 20$00. *Total — 295$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação — 45$00

Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes — 38$00

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00 — 30$00

Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado — 130$00

Balada do Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus — 50$00

Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal — 36$00

Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» — 30$00

Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas — 30$00

Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.

1.° vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572 — 30$00

2.° vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta — 30$00

3.° vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira — 30$00

O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado — 40$00

Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos — 54$00

Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire* — 25$00

Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise — 25$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança — 60$00

Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas — 120$00

O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00 — 50$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00 — 35$00

Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel — 20$00

Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos — 50$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos — 35$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida — 40$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor — 35$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu—enc. 35$00 — 20$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica — 40$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00 — 20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

António José Trindade, falando com o Director desta revista

(Ver pág. 240)

CONTÉM: Abrolhos, da **Redacção**; Permanência da Filosofia, por **Deolindo Amorim**; A Fé e o Dever, por **Maria Inez Sena**; Uma Avaliação, por **Carlos Imbassahy**; A Justiça, por **Paulo Alberto**; Factos, não Palavras, por **Aleixo Victor Magaldi**; O que Vi no Brasil, por **António Cardoso**; O Reino de Deus Está em Nós mesmos, por **José Simões de Matos**; O Conhecimento Supranormal, por **Adelaide Ivone de Sousa**; III Semana do Livro Espirita em Braille; Não há Morte, por **Florence Marryat**; António J. Trindade, Presidente da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, de São Paulo, fala ao Director de Estudos Psíquicos; Uma Carta da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro; Envelheçamos Rindo, por **José Jorge da Silva**; Os Nossos Representantes — Octávio Conrado; O Diabo — Diálogo Metapsíquico, por **Vasco de Lemos Mourisca**; Comentários à Luz do Espiritismo — IV —, por **José Francisco Cabrita**; O Teu Aniversário, por **Manuel de Sousa**; A Tristeza de Um Sábio, por **Tito L. Bancéscu**; Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Noticiário.

21.º ANO AGOSTO DE 1960 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.
Juiz de Fora — *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.
Porto Alegre — *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, AGOSTO DE 1960 | N.º 8

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ABROLHOS

Grandes dificuldades se levantam no caminho dos pregadores e reformadores! Barreiras íngremes, quase intransponíveis, através das quais o homem avança, afadigado e esperançado; charnecas onde o tojo vegeta; charcos infectos debruados de lama viscosa; abrolhos que se não fixaram na berma e irrompem, triunfantes, sob os pés em chaga do viajar ensolarado! Tantas dificuldades para quem procura no sacrifício um meio de aliviar o semelhante!

A maioria dos homens quer um lugar ao sol, a expensas do direito alheio. E ao cabo de algum tempo abandonam velhos programas de resgate, lançando-se no mar largo da satisfação imperfeita, em demanda de um ponto que pouco a pouco se desvanece. Fogem dos abrolhos, da mata virgem que é preciso desbravar a golpes de montante, mas não atingem o alvo. Não atingem, não, porque está fora do seu rumo, das suas aspirações, dos seus conceitos.

A felicidade conquista-se através da renúncia e do amor. Está nos abrolhos, nos acúleos acerados que rasgam a carne exangue, no que se dá sem ser pedido e que faz tremer os impérios, quando a mão que se estende se transforma em luz e benção divina.

Os abrolhos causam sofrimento que vai purificando o espírito reencarnado. São degraus invisíveis de uma escada sem fim. Custam a subir, é certo, mas o cume da montanha resplandece e aguarda os pacientes que buscam água viva. Sabem que alcançarão a fonte.

A palavra dos bons é perfume que envolve e orienta. Domina os antros infernais e bafeja de sol as mansardas, onde estiolam os simples de coração.

É necessário libertar o mundo, anestesiar-lhe as dores, adaptá-lo à nova era. E como prepará-lo, senão à custa de trabalho efectivo, que se deve desdobrar indefinidamente? Como prepará-lo, senão fazendo-lhe sentir a miséria sem nome que o desgraça e apavora? Os abrolhos estão no alicerce do edifício moral. Quem não sofre não evoluciona. Em todo o sofrimento há libertação.

Custa a sofrer... Sim, custa. A dor é o protesto divino contra os desmandos da natureza humana entregue ao livre arbítrio. Deus está sempre a protestar, sempre a protestar em nós. E quantos escutam a voz, não raro tonitroante, que reprova ou aplaude, em satisfação ou remorso? Quantos lhe seguem os ditames?... Só os da porta estreita, de quem se riem os opulentos da matéria e que um dia sentirão os abrolhos a espicaçá-los.

Os pregadores e reformadores avançam a corta-mato nos brejos e nos pântanos, conhecendo de antemão o resultado que os espera, mas fazem como o velho da fábula que aos oitenta anos ensinou o califa:

— Para que estás a plantar essa árvore, se poucos anos te restam para viver?

— Planto para a terra que me deu os pomos, quando nasci.

Sim, plantam, plantam sempre e não destróem totalmente os abrolhos que proliferam, ao lado de árvores frutíferas. O viandante não pode adormecer. Tem de concluir a tarefa, com lágrimas, se tanto for preciso, não esquecendo nunca o preceito sagrado: «ganharás o pão com o suor do teu rosto», que se estende a toda a criação.

Extinguir os abrolhos seria fechar caminhos redentores e confinar as almas em calabouços. Felizes, pois, daqueles que confiam na justiça imanente e suporta vitupérios com a serenidade do homem virtuoso. Feliz deles, que chegarão à meta.

O Espiritismo ensina a tolerar e a sofrer com resignação as amarguras que não provocámos. Mostra o direito de defesa inerente ao oprimido ou ao vexado, mas deixa ao livre exame individual a revidação ou o ataque.

Em tudo isto há grandes abrolhos, que temos de atravessar. E não é aos outros que cabe a tarefa que nos incumbe. Quanto mais sofremos, mais intensamente viveremos.

PERMANÊNCIA DA FILOSOFIA

Por Deolindo Amorim

Tendo sido convidado para falar no dia do aniversário da Sociedade Brasileira de Filosofia *(Rio de Janeiro) o nosso confrade Deolindo Amorim, que é membro daquela Instituição cultural, onde ocupa a cadeira simbólica, n.º 8, patrocinada por Léon Denis, proferiu o presente trabalho, no qual expende conceitos que condizem com a sua orientação espirita. A* Sociedade Brasileira de Filosofia *reune pessoas de todas as correntes filosóficas em seu quadro social. Embora não seja, em rigor, uma conferência espirita, no sentido estrictamente doutrinário, este trabalho parece-nos interessante e, por isso, resolvemos publicá-lo.*

Agradeço, inicialmente, a honra, com que me distinguiu a Directoria da *Sociedade Brasileira de Filosofia,* escolhendo-me para falar na solenidade inaugural de suas actividades, justamente quando se comemora o aniversário desta Casa. Tendo sido fundada no dia 24 de Abril de 1927, a nossa Sociedade está completando apenas 33 anos. Digo *apenas,* e o faço de propósito, porque a existência das instituições culturais não está sujeita à fatalidade biológica nem obedece aos ciclos inevitáveis da vida orgânica. Os homens passam, no mundo terreno, e as instituições permanecem.

Todos nós já sabemos, em linhas gerais, a história desta Sociedade, como nos recordamos dos varões eminentes que passaram pela sua direcção e pelo seu quadro social. Por diversas vezes, já nos foi dito, aqui mesmo, pela palavra de companheiros nossos e principalmente pelos trabalhos de nosso infatigável e saudoso consócio Manuel Carlos de Sousa Ferreira, o que foi a vida da nossa agremiação, desde os seus primeiros momentos, sob o idealismo do grupo fundador, aquele grupo que planejou e concretizou a Sociedade, dando-lhe organização estatutária e, mais do que isto, criando as necessárias condições associativas para o seu funcionamento, no mais sadio ambiente de fraternidade e liberdade de consciência. Prefiro não fazer um trabalho pròpriamente histórico, para não repetir aquilo que todos já conhecem e não correr o risco de omitir nomes e datas. Penso, no entanto, que podemos recuar um pouco e situar a *Sociedade Brasileira de Filosofia,* històricamente, no quadro do pensamento brasileiro, antes de 1930.

Ninguém ignora o que se passou no Brasil em 1930: uma revolução vitoriosa, a substituição dos dirigentes e a implantação de «nova ordem de coisas», como se dizia na época. A revolução trouxe modificações sociais muito acentuadas. Toda a nossa organização política e económica sofreu as consequências desse acontecimento, cujo mérito não me cabe apreciar nesta oportunidade, porque não é este o lugar apropriado, como não é esta a ocasião indicada. Todavia, o que se não pode negar é o facto histórica em si, e esse facto não deixa de ter influência no ambiente cultural da época, porque alterou muito os nossos estilos políticos e também repercutiu nas concepções filosóficas, pelo menos em relação às funções do Estado e aos valores que informavam os nossos padrões sociais. O pensamento filosófico não pode ficar inteiramente fora da zona de influência das revoluções ou dos fenómenos sócio-políticos, a não ser que se pretenda fazer filosofia fora do mundo ou nos retiros de pura meditação.

Antes da revolução de 30 vigorava entre nós uma ordem política e social muito influenciada pela tradição do liberalismo. Essa filosofia política entrou em choque, forçosamente, com os acontecimentos que se seguiram à crise económica de 1928, com a falada e rumorosa *debacle* do café. Em 1927, quando se fundou a Sociedade de Filosofia, a vida brasileira já estava sentindo a inquietação e a incerteza causadas pelos prenúncios da revolução. Havia, sem dúvida, um estado psicológico muito favorável à descrença nos velhos padrões, como também nas ideias que deram conteúdo à ordem vigente, mas que já não resistiam às explosões dos grupos descontentes. A *Sociedade Brasileira de Filosofia* nasceu, portanto, dentro de uma sociedade cuja estrutura já estava, de certo modo, ameaçada pela preparação, aliás ostensiva, do ambiente adequado à revolução. É aí, precisamente, neste gravíssimo e decisivo momento histórico da vida brasileira, que se vai encontrar uma plêiade, um grupo de homens que, não se deixando contagiar pelo pessimismo nem pelo, optimismo exagerado, continuou acreditando na perenidade do pensamento filosófico, apesar de todas as transformações operadas na ordem política, económica e social.

Se pensarmos bem, sem considerarmos o meio e as circunstnâcias em que se formou esta Sociedade, podemos dizer que ela teve um sentido muito mais profundo ou mais consistente do que a simples constituição material, porque veio ocupar uma posição especial na sociedade brasileira, preservando a cultura filosófica e procurando manter a continuidade

do espírito de inquirição, precisamente quando já se tentava desprezar o culto dos valores espirituais para exaltar demasiadamente a concepção imediatista da viad. Notemos que em 1927 ainda nem se falava na criação das Fcualdades de Filosofia, como também ainda nem se haviam criado os actuais Institutos de Filosofia. Esta Sociedade teve, legìtimamente, o papel de uma instituição precursora dos estudos de filosofia no Brasil, embora saibamos da existência de algumas tentativas brilhantes, desde o século passado. Seja como for, a *Sociedade Brasileira de Filosofia* conseguiu reunir estudiosos da Filosofia, oriundos de todas as correntes de pensamento e despertar o gosto pela especulação e pela discussão filosófica. Realizou e continua realizando, portanto, um trabalho sério e persistente, sobrepondo-se até à indiferença daqueles que, quase fascinados pela ideia de reduzir aos esquemas do interesse prático, como se a vida não necessitasse, também, de um ideal superior, entendem que a nossa época não é mais para a Filosofia. Ontem, como hoje, sempre houve e há indiferentes e negativistas sistemáticos. Apesar disto, os fundadores desta Sociedade acreditaram na Filosofia, irmanaram-se no mesmo Ideal e deram corpo à instituição. É justo que lhes rendamos, agora, o nosso preito de reconhecimento e homenagem!

COMO SE APRECIAM AS REALIZAÇÕES DE ORDEM ESPIRITUAL

Ao chegarmos, agora, a esta altura de sua existência, seria o caso de perguntar: que fez a *Sociedade Brasileira de Filosofia* no decorrer de 33 anos de actividade? Ocorrem ao nosso espírito, forçosamente, dois critérios de julgamento para responder a esta pergunta. Em primeiro lugar, é preciso considerar que as realizações de natureza cultural não se medem nem podem ser estimadas pelas obras que nos ferem os sentidos materiais; em segundo lugar, os trabalhos que se elaboram no plano alto das indagações filosóficas não podem *aparecer* aos nossos olhos, como se fossem objectos reais ou como se tivessem a forma das coisas concretas. Então, o que esta Sociedade fez, até hoje, e fez muito, não se vê a olho nu, não se mede, não se afere pelas noções habituais de grandeza, porque as afirmações do espírito não podem ser postas em termos de verificação instrumental, porque são transcendências que não podem ser reduzidas às limitações de nosso conhecimento sensível.

Do ponto de vista material, a nossa Sociedade continua a ser pobre, mantendo, por assim dizer, uma tradição de «pobreza franciscana», porque ainda não tem uma sede própria, como não tem instalações nem possui bens imóveis. Se quiséssemos julgá-la por este prisma, poderíamos dizer que ela nada fez durante um ciclo de 33 anos; mas este critério de apreciação seria incompatível com a própria natureza de uma Sociedade de Filosofia. Se, entretanto, quisermos levar em consideração os seus esforços, as luzes que já espalhou através de suas conferências e tertúlias, como pelas páginas de seus Anais, poderemos afirmar que já tem, seguramente, um acervo bem grande e bem significativo de trabalhos, em benefício da cultura brasileira. Notemos, ainda mais, que muitas sociedades de fins culturais já se organizaram, alguns Institutos chegaram a dar os seus primeiros passos e logo desapareceram, tiveram vida muito passageira, e, no entanto, a *Sociedade Brasileira de Filosofia,* apesar de sua modéstia, ainda não teve crepúsculo, jamais apagou a lâmpada do ideal que lhe tem dado vida até hoje. Isto não deixa de ser um exemplo de perseverança, muito raro numa época em que se nota, ali ou algures, e cada vez mais a tendência para uma violenta subversão de posições, estimulando a mediocridade oportunista e desprezando as «legítimas capacidades», exaltando a vulgaridade em detrimento das competências honestas, improvizando inovações fúteis e desrespeitando tradições das mais nobres e necessárias.

CIÊNCIA E FILOSOFIA

Uma das mais acentuadas propensões da civilização actual, muito presa às influências da tecnologia, cuja realidade é uma das evidências mais frisantes do mundo de hoje, é precisamente a de levar o homem a empregar todos os meios para encontrar a verdade no mundo puramente objectivo. Se é certo, porém, que o instrumental das ciências de laboratório nos revela muitas formas de verdade no mundo exterior, também é certo que existe um domínio, no mundo subjectivo, que está dentro de cada um de nós, no qual despontam verdades outras, ainda indevassáveis, porque escapam às experiências comuns. Entre o mundo interior e o mundo exterior não existem verdades antagónicas, porque a Verdade, no conceito absoluto, é uma só, mas existem aspectos diferentes. Uma das ilusões de nosso tempo é a de se pretender fazer da Ciência uma espécie de estado soberano, capaz de apreender e explicar todas as manifestações da Verdade sem depender de nenhuma outra instância do conhecimento. Realmente, para compreender ou alcançar as verdades do mundo exterior, que é o mundo da técnica e da cultura humana, os nossos recursos, os nossos meios de investigação se ampliam cada vez mais, enriquecendo o cabedal de nossas aquisições quotidianas. Até mesmo as particularidades do corpo humano, que eram indevassáveis, como o segredo dos mundos interplanetários, que pareciam inatingíveis, já estão sendo trabalhados pelo poder da Ciência. Parodiando Salomão, poderíamos dizer que « não há mais segredo sob o sol». Apesar disto, com todo o seu material de penetração na matéria ou nas realidades cósmicas, a nossa inteligência ainda se defronta com algumas incógnitas no campo da percepção interna. Nem tudo foi

revelado, portanto. Continua a ser actual, como se fosse de hoje, o *conhece-te a ti mesmo*, apesar dos séculos que se sucederam. Para conhecer as coisas visíveis ou descobrir leis no mundo sensível, o homem dispõe de instrumentos que o colocam diante de um conjunto de factos e conexões através dos quais lhe é possível conhecer uma porção da Verdade, não a verdade integral e definitiva. Para conhecer verdades mais subtis e mais profundas, carece de iluminação interior. Não pense o homem, com a sua vaidade, com as suas presunções de sapiência, que já é o verdadeiro sábio ou auto-suficiente, pois o campo da Ciência tem os seus limites. Existe outro domínio do conhecimento, onde as generalidades e as grandes construções do espírito são capazes de formar a síntese de todos os aspectos da verdade, para nos dar, assim, uma noção mais firme do que somos e do que é o Universo que nos rodeia. Este domínio é a Filosofia. É uma preocupação inútil querer fazer da Ciência e da Filosofia dois compartimentos rivais, dois campos inteiramente separados, quando a experiência demonstra, a cada passo, que são duas esferas bem próximas, dois planos que se completam na ordem natural do conhecimento. A Ciência observa, perquire, revela e descreve os factos da natureza exterior, enquanto a Filosofia vai buscar as grandes causas na rede geral de encadeamento, mostrando que não existem verdades isoladas, como não existe ciência capaz de se bastar a si mesma. Se a ciência é descritiva, claro é que se atém aos juízos de realidade, ao passo que a Filosofia, sendo especulativa e apreciativa, se preocupa com os juízos de valor. Os dois juízos, entretanto, não se repelem, porque correspondem a duas necessidades lógicas. Conhecer, antes de tudo, provar o que se conhece, saber como se conhece, eis o juízo de realidade, sem o qual o nosso conhecimento é duvidoso; compreender o que se conhece, estimar os labores da ciência, apreciá-los em função do bem que possam ou devam proporcionar à Humanidade, eis o juízo de valor. O instrumental da ciência e o raciocínio da Filosofia são meios apropriados aos tipos de verdade que vamos descobrindo. O que é inconveniente é inverter os lugares, pretendendo fazer a Filosofia substituir a ciência ou querer que a Ciência enverede pelo caminho da Filosofia. O conhecimento tem as suas etapas e os seus momentos. O momento da Ciência é o da verificação, é o momento dos fenómenos e das causas imediatas; o momento da Filosofia é o das generalizações e das causas que nos levam à razão íntima das coisas. Sem a Filosofia, as contribuições da Ciência ficariam reduzidas à condição de simples objecto de observação ou de bem-estar material, sem um fim superior; sem a Ciência, a Filosofia ficaria sem a base de dados positivos para construir as suas sínteses e guiar o homem na pesquisa da verdade. A ciência prova, a Filosofia esclarece, a Religião conforta. O Homem não é sòmente cérebro, como não é sòmente raciocínio, porque é também sentimento. Temos necessidades de ordem experimental, quando recorremos à Ciência; temos necessidades racionais, quando fazemos apelo à Filosofia; temos necessidades emocionais, quando nos refugiamos na fé. O espírito humano participa, ao mesmo tempo, das três ordens de necessidades, cada qual em seu momento e em seu lugar. É nisto que está a harmonia e é para isto que e por isto mesmo que nos voltamos para a Filosofia, justamente porque é nela ou através dela que compreendemos a coexistência natural de todas as formas de conhecimento, procurando sempre a Verdade, de acordo com o estado evolutivo de cada um de nós, porque nem todos podem compreender as coisas do mesmo modo, pois as possibilidades espirituais variam de indivíduo para indivíduo, em função do progresso ou do atraso.

VERDADES OBJECTIVAS E VERDADES SUBJECTIVAS

Dentro desta ordem de ideias, finalmente, é que compreendemos, cada vez mais, a obra de uma instituição como a *Sociedade Brasileira de Filosofia*, porque aqui se estuda, discute e aprende, com o desejo de chegar à compreensão de um ponto de equilíbrio entre o mundo interior e o mundo exterior, não como duas verdades incompatíveis, mas, realmente, como expressões específicas da Verdade universal, que se apresenta, ora desta, ora daquela maneira, mas é sempre a Verdade por si mesma. Neste mundo e nesta época em que se chega ao exagero de dizer que não existe mais ideal, é confortador, para todos nós, o facto de sabermos que a Filosofia continua a ser um motivo de inspiração nesta Casa, onde nos reunimos por ideal e sòmente por ideal, procurando o bem e o belo, acima de todas as divergências doutrinárias e religiosas. Se esta Sociedade já não tivesse um património cultural, se ela não tivesse, como tem, um acervo inapreciável de bons serviços ao progresso mental e à educação intelectual no Brasil, ainda que o seu trabalho não seja bem notado, podemos dizer que a sua obra seria, apesar disto, uma obra fecunda e duradoura, simplesmente pelo alto espírito de compreensão que ela conseguiu formar através de seus bens vividos trinta e três anos de existência. Embora discutindo e divergindo, em razão de nossas filiações filosóficas e religiosas, estamos todos empenhados na luta pela cultura sadia, porque é a cultura do espírito, sobrepondo-se às paixões e às conveniências vulgares. Continuemos, pois, a nossa luta, porque sem luta e sem trabalho, sem discussão e sem divergência, não há condições para o nosso progresso espiritual, que é e deve ser o mais legítimo, mais nobre e alto ideal da vida humana.

A FÉ E O DEVER

Enquanto contemplo a magia deslumbrante do Astro-Rei que num rosicler polvilhado de oiro expulsa os últimos arripios eu sorvo àvidamente o ar tépido que me acaricia num amplexo envolvente...

Desperto a pouco e pouco e um estremecimento de angústia me percorre, porque a vida, na realidade, é agressiva, cruel, esmagando-nos na confluência do seu domínio antagónico. Esse domínio afasta-nos ou aproxima-nos num tão inesperado misto, que nunca poderemos compreendê-lo!

— A vida tem um poder de fascinação que nos embriaga, lançando-nos na indiferença da sorte; e só depois de a conquistarmos nos é conferido o poder de análise que desperta a alma cauterizada que apresentou uma ingénua parcela de candura.

Embora não pareça, a luta suaviza os sofrimentos e sem ela cairíamos no marasmo.

No meu espírito conserva-se, nítida, a recordação de alguns quadros que o destino colocou diante dos meus olhos. Estão na galeria da minha memória, ostentando expressões e uma muda linguagem encerra emoções violentas, mágoas profundas ou prazeres de vários cambiantes.

Não queiramos impedir o destino, fazendo do raciocínio um dique para o represar. Tudo é ínfimo quanto o nosso critério produz perante as Leis imutáveis que nos regem.

É intuição minha que nos forteleçamos no apoio mútuo, unificados na abnegação de aceitarmos dores e alegrias.

As alegrias são efémeras e as dores debilitam-se, à medida que o tempo as consome.

Já um pensador disse algures: «Ou morremos dos grandes desgostos ou a nossa vitalidade as mata!».

Há coisas predestinadas... são a nossa expiação...

Suportemos corajosamente a cruz e submissos confessemos que sofrer é um bem. A nossa evolução precisa do sofrimento e da luta, que deve ser a finalidade da vida, preparada com entusiasmo.

Dois espíritos devem enfunar as velas do navio da nossa viagem: — a Fé e o Dever!

Vesti de faustosas maiúsculas as palavras — FÉ e DEVER —, porque uma iluminará e outra, iluminará sempre o homem.

Releiam estes conceitos para se convencerem da sua utilidade e para reflectirem sobre a absurda obstinação das Ilusões.

Evitemos o que se embasbaca perante o homem que subiu depressa (subiria pelos degraus da honra?) por todos aqueles que supomos felizes por viverem na riqueza e na opulência (serão felizes?).

Por vezes não passam de desgraçados ou fanfarrões produzidos por dúbios factores...

É uma utopia maravilharmo-nos com reposteiros de veludo pontilhados de incrustações doiradas...

Quantas misérias, desenganos e podridões poderá ocultar?

Se tal te entontece, a causa do teu defeito assenta em grande necessidade de acção e enorme preguiça de reflexão.

É infinitamente melhor darmo-nos de corpo e alma a uma existência banhada de tranquilidade. Porque a tranquilidade é uma jóia que todos podemos possuir, engastando-a na Fé, lapidando-a no Trabalho. Então nos reveremos nela alegremente e teremos a Felicidade por companhia.

A ambição é insolente e corruptora e dá exemplos contagiosos. E muitos incham e rebentam, como a rã da fábula.

Rodeemo-nos de ambiente altruista e sentiremos palpitar à volta um mundo de elevação espiritual!

Ao falar, desprendo-me de mim própria e uma partícula de essência me perfuma e me faz sentir o que transmito. Regozijo-me com este imperativo de sentimento, murmurando em cada rendilhado os seus desígnios e denotando boas intenções.

De Deus somos e para Ele voltaremos, quando nos chamar; até lá, trabalhemos contritamente. Sejamos bons sem fanatismo, justos sem pieguice e cumpridores em todos os instantes da vida!

Irá nascendo em nós a Luz da Aurora num venturoso futuro, robustecendo-nos para um progresso perpétuo.

Depois, outra existência raiará; o aconchego adejante de espíritos amigos; remígeos de amor; a luz diáfana de mistérios subtis; toda essa suavidade que nos encherá como um cântico de intensa sinfonia o mais oculto anelo da nossa alma!

Esperemos essa divina felicidade sem tropeçar nas imundícies, abrindo os olhos à centelha vivificante do Amor e os ouvidos à voz do Bem. E numa cadeia iremos de mãos dadas semeando a Flor da Perfeição!

Eu visiono a Paz das Alturas, neste dia em que leve brisa sopra num céu de opala e o sol rebrilha em festim de cor!

MARIA INEZ SENA

UMA AVALIAÇÃO

Por CARLOS IMBASSAHY
(Correspondente em Niteroi)

Abrimos, ao acaso, uma página do livro do Pastor Júlio Andrade Ferreira; é a de n.º 69, e lemos:

> «Note-se o círculo vicioso. O sistema espirita está, dizem, baseado em factos; os factos, porém, são considerados espiritas quando há fé num sistema espirita».

Ora, não pode haver nada menos exacto. E o período só se poderia explicar sendo o Autor inteligente e reconhecidamente honesto, pela perturbação do raciocínio, quando intervém a paixão sectária.

Sabe-se, e o digno Pastor Andrade deveria saber, que quase todos, senão todos os psiquistas que aceitaram o facto espirita, não eram espiritas, não tinham «fé num sistema espirita». Muito pelo contrário, intervieram no assunto e procederam às suas meticulosas pesquisas, precisamente para demonstrar a inexistência do facto espirita, o erro de «um sistema espirita», e acabaram rendendo-se à evidência do facto.

É impossível que não saiba o Pastor que esse facto se apresenta com as características da manifestação do morto, desde várias épocas e em várias regiões, quando o Espiritismo é do século passado.

Não podia desconhecer o Pastor que católicos e protestantes, a quem o «sistema» repugnava, sem nenhuma fé, portanto, no dito sistema têm percebido o fenómeno, e este se lhes apresenta como claras manifestações do Além.

Finalmente, não é por ser espirita nem ter fé em qualquer sistema que o indivíduo se convence de que é o morto que se manifesta. A convicção provém da própria manifestação; o fenómeno já traz consigo a teoria, porque a aparição é que se diz espírito de um defunto. Não é o espirita que crê no morto, é o morto que se declara tal.

Vejamos um exemplo:

O Pastor A apresenta-se ao pastor B e diz que há uma importância em tal lugar, em que ele a escondera.

O pastor B verifica que quem lhe fala é o pastor A. Não pode haver nenhum «sistema espirita» que faça o vidente considerar-se espirita, pela simples razão de tratar-se de um Pastor. Todas as teorias apresentadas pelos Aires, pelos Sudres, as da personificação, as de que o indivíduo foi colher os informes em tais ou quais pontos, a de que ele soube não se sabe por que processo, todas elas são insustentáveis, porque só o morto sabia do esconderijo e só ele o poderia saber, visto que teria todo o empenho de não transmiti-lo a ninguém.

Continua o Pastor:

> «Notamos ainda que a hipótese espirita sendo às vezes a mais cómoda não é a mais completa. Há factos ainda inexplicáveis, mesmo admitindo-se a hipótese de intervenções e as metagnomias (descoberta de algo novo). Note-se que não usamos como Sudre o termo metagnomia como sinónimo da clarividência».

Antes do mais, devemos usar um termo com a significação que ele possui. Que autoridade temos nós para alterar, a nosso bel-prazer, a etimologia de um vocábulo?

E que serão metagnomias? Aquele plural é inadmissível. Imagine-se nós a nos referirmos às metapsíquicas, às parapsicologias... Metapsíquica, Parapsicologia, Metagnomia é uma Ciência. Quem inventou o vocábulo Metagnomia foi Boirac, de meta (além) e gnome (conhecimento) isto é, além daquilo que conhecemos. Pode tratar-se de coisa velha ou nova. Cremos até que se trata de velhos fenómenos e que apenas agora estão entrando no conhecimento da Ciência.

A razão apresentada pelo nosso ilustre conterrâneo, a de que a hipótese espirita não é a mais completa, é também inteiramente insustentável. E isto pela razão de que ele a sustenta com fenómenos que não são espiritas, apesar de fazerem parte dos estudos espiritas.

Devia saber o nosso bom amigo que há no Psiquismo duas grandes divisões. O Animismo e o Espiritismo; o primeiro estuda os fenómenos proveniente da alma dos vivos, e o segundo da alma dos mortos.

A premonição ainda está em parte no âmbito dos vivos, o que não exclui a intervenção do

morto, e os fenómenos de clarividência, segundo Sudre, ou das metagnomias, segundo Andrade, podem ser espiritas ou anímicas.

Muitas vezes a premonição é o Espírito quem a dá; outras vezes é o sensitivo que lê na aura do indivíduo o que se vai passar, e ele pode lê-la, porque já trazemos, diante da lei do karma, as provas que nos esperam, os trâmites por que devemos passar. Está tudo, portanto, dentro do domínio da teoria espirita; está tudo enquadrado na lição dos Espíritos.

Na escrita directa, por exemplo, que é um fenómeno metagnómico, o Espírito escreve com sua letra, com seu estilo, com suas ideias; refere-se a factos pessoais, escreve, enfim, o que só ele poderia escrever, e acaba afirmando, contra quaisquer opiniões, que ele é o morto Fulano.

Que é preciso para ser esta a hipótese mais completa? Que outra poderia substituí-la? Quem é que, com algum raciocínio, poderá afastar a crença de que se trata do morto Fulano, como ele o prova e diz, para aceitar a personificação, como se esta palavra tivesse um poder mágico explicativo?...

Não diremos que com suas apalpadelas o bom amigo queria enganar-nos ou enganar-se, porque a psicologia das crenças justifica o seu arrazoado.

Diz-nos mais o Pastor:

> «A hipótese espirita no tempo de Allan Kardec poderia parecer luminosa porque a Metapsíquica era quase nada».

O que nos parece pouco luminosa é a conclusão, apesar do muito que nos merece o Autor. Ora, é impossível que ele não saiba que a Metapsíquica é a parte científica do Espiritismo, a de que trataram os Espíritos no ensino trazido a Allan Kardec. A Metapsíquica são os factos do Espiritismo, que existiram antes, durante e depois da Codificação.

No capítulo abaixo, «O Inexplicável», nos diz que não há explicação para as metagnomias e premonições. E explica:

> «Se o futuro não existe ainda e o vivo não o pode conhecer, tão pouco o morto; se o futuro já existe, Deus pode dá-lo a conhecer. Assim, o inexplicável nos factos metapsíquicos não obriga a trocar as explicações naturais pelas espiritas. Os fiascos espiritas fazem o fiel da balança pender para o outro lado».

A confusão entra aqui por todos os poros. Que novidade que Deus pode dar a conhecer o futuro! O que não podemos perceber, por maiores que sejam as marteladas que dermos na inteligência, é que, afirmando a existência da premonição, «que Deus dá a conhecer», estejamos a trocar explicações naturais pelas espiritas; que estas estejam complicando; que se trate de um fiasco espirita; que a balança fique pendendo para o outro lado...

Nós, uma vez, de uma esquina de rua, vimos que dois ónibus iam colidir e começámos a fazer sinais desesperados para que eles parassem. Previmos o choque, felizmente pequeno, pela situação em que estávamos. Os Espíritos, pela posição em que se acham, pelos conhecimentos que têm, podem ver e prever o que não nos é possível, na lhanura em que nos achamos. Isto é de uma simplicidade comovedora, sem que se faça mister a intervenção directa de Deus, sem que vejamos aí o inexplicável, sem que se troquem explicações, sem que se complique nada, sem que a balança tenha que intervir...

É pena que o nosso caro Pastor não atinasse com um facto tão banal.

A JUSTIÇA

Justiça! Bem poucos homens
Te compreendem. Bem poucos,
Que os habitantes da Terra
Inda são cegos e loucos!

Benditos os que te votam
Sincera veneração,
Os que te cercam de flores
No templo do coração!

Tempo, de certo, há de vir
Em que toda a humanidade
Saberá render-te culto,
Ó sublime divindade!

Então, cada homem verá
Noutro homem um irmão
E não fará coisa alguma
Sem consultar a Razão.

O mundo será tão belo,
Tão venturoso, no dia
Em que toda a criatura
Viver em boa harmonia!

Baía

PAULO ALBERTO

Factos, Não Palavras

Por ALEIXO VÍCTOR MAGALDI
(correspondente em Volta Redondo, Brasil)

Haverá em nós um elemento, um princípio que persista, depois da morte do corpo?

Esta foi a frase inicial que Léon Denis deixou tipografada no seu primoroso livrinho de menos de cem páginas luminosas — «O Além e a Sobrevivência do Ser».

Em torno desse assunto temos escrito alguns artigos, no desejo de refutar opiniões contrárias.

Pode-se crer que nada restará da nossa consciência, da nossa personalidade, de tudo que temos sido espiritual e moralmente, depois de reverter à terra o corpo físico, após a decomposição do cadáver?

Já passámos em revista alguns fenómenos registados na história da Igreja Romana e na história da civilização, que depõem seguramente a favor da sobrevivência do ser. Pondo de parte a documentação religiosa e as teorias filosóficas, cuidemos apenas das provas positivas, das experiências verificadas e dos factos concretos e verificados científica e experimentalmente, capazes de esclarecer sem sombra de dúvida a nossa convicção. Não invocamos outra coisa, a favor do nosso esclarecimento, senão a verdade nua, a evidência insofismável desses factos.

Observemos o problema à luz da ciência experimental. Eminentes cientistas, sábios de fama universal, padrões humanos de honestidade e de inabalável carácter, homens anteriormente cépticos, positivistas ou incrédulos, ao cabo de experiências absolutamente exactas, provaram que o ser é imortal. Depois de experiências desse género por ele publicadas no livro «Factos Espiritas», William Crookes, a mais notável figura de cientista do seu tempo, escreveu a célebre declaração: «Não digo isto é possível; digo isto é verdade». Nem foi outra a base de Russel Wallace, membro da Academia Real de Londres, para afirmar na sua admirável obra — *O Milagre e o Moderno Espiritualismo*, o seguinte: «Eu era um materialista tão completo e experimentado que não podia, nesse tempo, achar lugar no meu pensamento para a concepção de uma existência espiritual... Os factos, entretanto, são obstinados; os factos me convenceram». O professor Hyslop, da Universidade de Colombia, Nova Iorque, encarregado de opinar sobre a mediunidade de Mrs. Piper, lançou este período incisivo, no seu relatório: «A julgar pelo que eu próprio vi, não sei como poderia furtar-me à conclusão de que a existência de uma vida futura está absolutamente demonstrada». F. Myers, professor ilustre da Universidade de Cambridge, no seu livro — *A Personalidade Humana*, afirmou: «Vozes e mensagens nos vêm de além túmulo. Creio que a maioria dessas mensagens parte de espíritos que se servem temporàriamente do organismo dos médiuns para no-las transmitir». O presidente da Sociedade Americana de pesquisas Psíquicas, após estafantes experiências, disse num dos processos dessa sociedade: «Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os espíritos que se comunicam são, de facto, as personalidades que dizem ser; que sobreviveram à mutação conhecida por morte e que se comunicaram directamente connosco, pretensos vivos, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida». Consta de um dos processos mencionados, que o próprio Richard Hodgson, falecido em Dezembro de 1906, se comunicou depois com seu amigo James Hyslop, entrando em minudências acerca das experiências e dos trabalhos da referida Sociedade de Pesquisas Psíquicas. O reitor da Universidade de Birminghan, Oliver Lodge, pelo *The Hilbert Journal*, fez as seguintes afirmativas, que a revista *Light*, de 8 de Julho de 1911, transcreveu: «Falando por conta própria e com pleno sentimento de minha responsabilidade, dou testemunho de que, como justo resultado das investigações que fiz no terreno do psiquismo, adquiri por fim, mas de modo inteiramente gradual, a convicção em que me mantenho *após vinte anos de estudos*, não só de que a continuação pode ocasionalmente, embora com dificuldade e em condições especiais, chegar-nos através do espaço». Esse mesmo sábio assim concluiu o seu livro *Sobrevivência Humana*: «Não vimos anunciar uma verdade extraordinária; nenhum novo meio de comunicação trazemos, mas apenas uma colecção de provas de identidade cuidadosamente colhidas, por métodos desenvolvidos, ainda que antigos, mais vizinhos da perfeição talvez dos que empregados até hoje. Digo provas cuidadosamente colhidas, pois que os estratagemas empregados para a sua obtenção foram postos em prática de um e de outro lado da barreira que separa o mundo invisível do mundo visível; houve distintamente cooperação dos que vivem na matéria e dos que se libertaram dela».

Diante disso, que valem as negativas dos que nunca fizeram uma única experiência séria? Que papel representam esses parlapatões bisonhos que negam apenas com palavras ocas aquilo que se afirma com factos?

Ante o que afirmam celebridades da ciência, citadas, que valem as palhaçadas de magnetizadores e escribas religiosos sem base científica?

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

V

Estamos a 2 de Janeiro! São cinco e quarenta e o Sol não tarda a surgir no horizonte.

— Chame-me um taxi, por favor — digo ao empregado do hotel.

Sempre solícito, fez ràpidamente um telefonema, mas ninguém atendeu! Os minutos iam-se passando... A hora de partida do avião aproximava-se...

— Mas será possível que a estas horas da manhã não haja táxis nas praças de S. Paulo?

— Hoje é possível.

— É possível? Mas que tem o dia de hoje de extraordinário?

— O dia de hoje nada tem de extraordinário, mas não se esqueça de que ontem foi o primeiro de Janeiro, em que os motoristas trabalharam sem parar quase toda a noite. A estas horas estão a dormir.

Realmente, na véspera precisei de um táxi e depois de duas horas de procura, tive que desistir.

— Mas não se apoquente — torna o empregado — Vou ver se na rua passa algum.

Em boa hora o fez, pois, passados dez minutos, já eu ia a toda a velocidade a caminho do aeroporto. Cheguei lá quase na hora do avião partir, convencido de que já não conseguiria embarcar; mas, por ironia do destino, tive de esperar cerca de uma hora pela chegada do piloto...

Naquela manhã fazia bastante frio em S. Paulo, em contraste com o dia quente da véspera! Mas S. Paulo é assim — frio, calor, chuva, sol, quase ao mesmo tempo — e não temos de que nos queixar!

Finalmente o piloto chegou! Teria ele tido muito trabalho na véspera, como os motoristas dos táxis? Não sei! A única coisa que posso dizer é que o avião só partiu às sete horas e meia. Pelas vigias, dei um último adeus a S. Paulo, a cidade do mundo — segundo dizem — que mais ràpidamente cresce!

Dentro de três horas estaria em Uberaba, a *Meca* dos espiritas brasileiros, a cidade onde vive Francisco Cândido Xavier, considerado o mais extraordinário psicógrafo das Terras de Santa Cruz.

No avião ia um professor da Faculdade de Medicina de Uberaba; ao saber que eu ia a essa cidade para conhecer o Xico Xavier e o Valdo Vieira — outro médium psicógrafo que trabalha em colaboração com o Xico — disse-me:

— Sabe que sou professor de Valdo Vieira?

— Não sabia.

— Como tem, decerto, conhecimento, ele anda a tirar o curso de Medicina! É um moço muito inteligente. Vai gostar imenso de o ver.

— O Senhor doutor é também espirita?

— Não, não sou! Sou católico! Mas admiro muito Valdo Vieira e Xico Xavier e é sempre com vivo interesse que leio um novo livro psicografado por eles.

Eram dez e trinta, aproximadamente, quando cheguei. Ao sair do avião, em flagrante contraste com S. Paulo, o calor era insuportável. Um táxi levou-me a um dos melhores hotéis da cidade, situado junto dum ribeiro atravessado por inúmeras pontes. Parecia o Sena... em escala reduzida!

Depois de deixar as malas no quarto, dirigi-me à Praça Rui Barbosa onde o Presidente do Centro Batuira, o dedicado confrade José Pedro Ribeiro, me recebeu o mais cordialmente possível! Aliás a cordialidade, a gentileza e a fraternidade são características de todos os espiritas brasileiros!

José Pedro Ribeiro imediatamente me pôs em ligação com os vultos mais salientes do Espiritismo local. Convidaram-me logo para, no dia seguinte, fazer à noite uma conferência no Centro Batuira.

Ao perguntar pelo Xico — é assim que ele é chamado no meio espirita — soube, contristado, que só dias depois chegaria a Uberaba! Estava naquela altura fora, com o Valdo Vieira. Fui entretanto apresentado a D.ª Dalva, secretária do Xico, a simpatia em pessoa. Repetiu-me o que José Pedro Ribeiro me dissera: que ele só viria dentro de alguns dias! Ora eu tinha o tempo contado, não podia demorar-me mais dias em Uberaba; mas, por outro lado, sair do Brasil sem conhecer psicógrafo tão falado era quase *heresia*. Confesso que cocei a cabeça, sem saber como resolver o problema! Para qualquer lado que me virasse não via solução.

Mas o acaso — existirá ele? — veio em meu auxílio. Estava eu pensando no assunto, quando entra casa dentro, sorridente, sabem quem? O Valdo Vieira! Abraços, muitos abraços receberam aquela visita inesperada! Valdo Vieira contou então que ele e o Xico tinham resolvido regressar mais cedo a Uberaba. Assim, já haveria sessão com eles!

Minha satisfação foi grande, como os leitores devem calcular! Em menos de um minuto, tudo se resolvera satisfatòriamente.

Valdo Vieira é um jovem simpático, culto e dinâmico! Suas palavras irradiam confiança e a sua figura traz uma aura de esperança. Bem me dizia na véspera o seu professor que iria ter grande alegria em conhecê-lo!

O dia seguinte chegou quente, como os anteriores! Às cinco e meia da tarde encontrei-me na paragem dos autocarros com D.ª Dalva. Tomámos um táxi direitos ao Centro onde trabalha o Francisco Xavier. Fica muito afastado do centro da cidade, quase num ermo. Nesse dia a Praça Rui Barbosa encontrava-se profusamente iluminada, em desusada animação, porque às vinte horas falaria ali, num monumental comício, o candidato à presidência da República do Brasil, Jânio Quadros.

Quando nos metemos no táxi, o motorista diz à D.ª Dalva:

— Sabe que o Valdo Vieira chegou? Já o vi hoje.

Como os leitores estão vendo, a popularidade de Valdo Vieira e Francisco Xavier, é tão grande na cidade, que até indivíduos não espiritas falam deles com admiração e apreço. Contaram-me que quando Xico Xavier aparece na rua, imensos populares o rodeiam, tal a aura de simpatia que o envolve.

O Centro onde o Xico trabalha fica, como já disse, bastante afastado do centro da cidade. Mas os espiritas pouco se interessam com isso, e esquecendo distâncias, acorrem em massa para vê-lo e assistir aos seus trabalhos. A sala é grande, mas torna-se pequena para acolher tanta gente! À mesa comprida sentam-se os principais dirigentes do centro. Tiveram a gentileza de me convidar para a mesa, onde se viam obras espiritas, principalmente «O Livro dos Médiuns» e um montão de folhas em branco, onde muitos assistentes punham seus nomes ou de pessoas amigas. Tirei uma folha, escrevi o meu nome e coloquei-a naquele *morro*.

Enquanto muito público ia entrando e tomando os seus lugares, inúmeras pessoas formavam bicha que começava junto à mesa, atravessava, a sala e se estendia até ao quintal.

— Para que é esta bicha enorme? — perguntei, admirado.

D.ª Dalva, sempre sorridente, respondeu-me:

— São pessoas que querem cumprimentar o Xico logo que ele chegue.

Poucos minutos depois das dezanove horas chega Valdo Vieira, acompanhado do Xico. A sala anima-se, parecendo que, em cada peito, o coração bate mais depressa.

É que, para o Brasil inteiro, Xico Xavier não é sòmente um dos seus mais extraordinários médiuns psicógrafos. Ele é a personificação viva da Humildade e da Bondade.

— O Xico, sim, esse é que é um verdadeiro espirita — exclamam todos, desde o Recife ao Rio Grande do Sul.

Qual dos espiritas é capaz de dar o fato que tem para socorrer um desgraçado? Qual dos espiritas é capaz de dar o seu relógio de pulso, para que um seu irmão o possa usar? Xico Xavier faz tudo isso e muito mais! Ele é um autêntico exemplo, um verdadeiro padrão de conduta espiritualista.

Senti grande satisfação, quando o pude abraçar. Perguntou-me pelo Isidoro, que tivera o prazer de conhecer há cinco anos.

Assisto em seguida a um espectáculo verdadeiramente maravilhoso, de ternura e de humildade. Todas aquelas pessoas que na bicha vêm cumprimentar o Xico, este recebe-as com palavras de carinho, incitando-as à fraternidade, ao amor ao próximo. Uma queixa-se de qualquer coisa e o Xico dá um conselho amigo, uma indicação preciosa, quer sua, quer por inspiração do Alto. Outro sente-se desesperado com aborrecimentos familiares e o Xico incute-lhe esperança em dias melhores, em ventos mais propícios. A todos o Xico recebe com ternura! A quase todos beija as mãos, num sentimento de verdadeiro amor espiritual. Mas, se algum lhe tenta retribuir da mesma forma, ele ajoelha-se e diz:

— Não, meu irmão; só eu, só eu!

Quando alguém lhe diz:

— Que prazer em conhecê-lo! Que grande alegria eu sinto em o ver hoje! — logo o Xico responde:

— Mas quem sou eu, irmão meu? Reza por mim, irmão meu, reza por mim!

Em dada altura o Xico volta-se para mim e diz-me:

— Sabe que Lia tem aparecido aqui várias vezes?

— Desconhecia ...

— Mas mostra-se triste, por vezes.

— Porquê?

— Pelo afastamento do Ramos Pereira.

— E que diz ela?

— Afirma: «no Centro vejo todos a trabalhar: o Isidoro, o Cardoso, a D. Cecília. Só um se afastou».

— E só essa entidade lhe tem aparecido a falar de nós?

— Não, irmão Cardoso. Por vezes aparece aqui o Dr. Montenegro.

— O Dr. Montenegro? Mas quem é esse Dr. Montenegro? Nunca ouvi falar dele.

— Diz-me que é grande amigo da D. Cecília! Quando voltar a Lisboa não se esqueça de lhe falar no assunto.

— Mas, com certeza. Aliás sou o primeiro interessado em esclarecer tudo isto.

Logo que cheguei a Lisboa telefonei à D. Cecília, perguntando-lhe se conhecera tal personagem, quer na terra, quer no mundo espiritual.

— Não! Não sei quem é — respondeu-me D. Cecília do outro lado do fio.

— Mas nunca ouviu falar do Dr. Montenegro?

— Para lhe ser franca, já alguém me falou dele. Não me lembro quem foi. Mas nunca o conheci na Terra, nem o vi no Além.

Mas voltemos à sessão. Depois desta carinhosa recepção ao Xico, todos se sentaram. Fez-se silêncio e Xico Xavier concentrou-se e começou a responder automàticamente a todos aqueles que haviam posto na mesa as folhas de papel. Durante mais de quatro horas — sem interrupção — Xico esteve sempre, sempre escrevendo. Utilizou mais de uma dúzia de lápis, que se encontravam afiados sobre a mesa.

Enquanto o psicógrafo das obras de *André Luís* escrevia, diversos confrades iam falando sobre alguns pontos da doutrina. Eu falei durante uma hora, aproximadamente. E Xico sempre trabalhando, sem necessidade de silêncio, de correntes e da famosa concentração. As comunicações — com raras excepções — são receitas homeopáticas.

— O Xico não conhece a maior parte das persoas — disseram-me — e no entanto as receitas adaptam-se perfeitamente às enfermidades.

Registo aqui esta observação, por ser interessante. Mas devo esclarecer que em virtude da rapidez dos trabalhos (se não fosse assim, ainda a esta hora iríamos em meio) não me foi possível fazer qualquer verificação.

A reunião terminou depois da meia noite, mas o médium apresentava-se tão fresco, como se nada tivesse escrito.

— Hoje tivemos uma sessão pequena — disse-me D.ª Dalva.

— Pequena?

— Sim! Às vezes acabamos às três da madrugada ...

Xico palestrou comigo, ainda, durante algum tempo. Vaticinou, de acordo com o que as entida-

O REINO DE DEUS ESTÁ EM NÓS MESMOS

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

O momento actual, por muitos motivos, denuncia uma acção decisória do alto, para que o reinado da verdade seja restabelecido na vida dos homens. Para que eles se amem e entendam e não sejam, por mais tempo, infelizes; pela sua rebeldia em aceitar os ensinos que Jesus nos pregou e exemplificou para o nosso bem. O homem precisa voltar-se para a verdade e ser sincero consigo mesmo; porque a verdade está com todos os seres humanos e o homem, como ser pensante, que é, não pode negá-la, sem se prejudicar muito, porque importa negar a si mesmo. Significa, também, negar o Mestre, porque Ele é a verdade sempre presente em todos os nossos actos. Negar a verdade é renunciar à luz e à paz, para entregar-se à mentira e à treva e ao sofrimento. Precisamos da verdade para tranquilizar os nossos corações e sair do inferno, que a mentira nos criou por ignorância e fraqueza moral. Precisamos que a verdade impere nas nossas vidas e restabeleça a Paz nos nossos lares, nas sociedades e nas nações.

A alma do mundo sofre por falta deste amor e esta verdade, por que é indispensável ao equilíbrio de sua vida. Jesus nos disse que era o Caminho, a Verdade e a Vida e que ninguém chegaria ao Pai sem trilhar este caminho. Quem é o Pai? Quem é Jesus? O que é o Caminho? O Pai é o bem que todos procuram, porque dele necessitamos para sermos felizes na nossa vida. Este bem tem-nos levado a várias missões no desempenho de vários papéis, procurando-o, ora numa, ora noutra, sem o encontrar, porque este bem, realmente, não é coisa alguma, porque as coisas são transitórias e ele é eterno. Porém, através delas é que havemos de sentí-lo um dia e achá-lo a palpitar no íntimo de nossos corações. Então, como que surpresos de feliz achado, dirá cada qual de si para si: «tanto tempo a procurar nas coisas e nos outros um bem que só em mim se continha como eu desejava! Finalmente encontrei a casa paterna que procurava. Como o Pai foi bom em não me haver esquecido e perdoado. Por meio do estudo e da meditação, haveis de achar este bem na vossa vida e sereis felizes então, convosco mesmos.

Jesus é o exemplo vivo que nos conduz ao caminho do bem. Seguir os seus ensinos e exemplos é entrar no caminho e aproximar-se deste bem que todos almejamos, embora sob várias modalidades. Os mensageiros do Senhor estão por toda a parte pregando esta verdade. Escutai-os e meditai, porque se conhecem por suas obras. Entretanto não vos mova por isso o interesse de reforma de vossos semelhantes antes que a vossa seja feita. Trabalhai no vosso aperfeiçoamento, porque, assim procedendo, tereis colaborado na reforma, melhorando o mundo em que vos achais. Deixai os fanáticos com suas ilusões de tudo querer fazer e salvar, sem que ainda se tenham bem esclarecido e salvo a si mesmos. Deixai os descrentes e pessimistas com suas ideias. Deixai cada qual consigo mesmo, porque com todos está o Pai e seus mensageiros reveladores de sua justiça e de seu amor para com todas as criaturas. Ele dispõe de mil modos e meios para convencer, quando chegar o momento, a qualquer desses que, apesar do vosso muito querer e saber, não pudeste ainda convencer.

Segui para diante com fé, sempre atentos no cumprimento de vossos deveres, resignados nas provações, dando graças ao Pai por vos haver proporcionado ensejo de melhor vos conhecerdes em face de tais provações e, consequentemente, mais vos esclarecer na Lei do Amor.

des lhe têm dito, que os espiritas brasileiros e portugueses irão numa próxima reencarnação nascer em África, para que essa parte do Globo possa receber a luz da doutrina de Kardec. Seremos assim transformados em *missionários* do século XX ou XXI ...

Valdo Vieira e Xico fizeram o seu último livro de maneira curiosa: os capítulos foram escritos alternadamente por Xico e Valdo Vieira, em terras diferentes. Interessante? Sem dúvida! Mas em correspondência cruzada se-lo-ia ainda mais.

Há animismo nas obras do Xico? Ou provém tudo de entidades desencarnadas? Que o Xico tem faculdades mediúnicas é um facto (médium aqui tem o sentido metapsíquico)! De pé para a mão ninguém escreve mais de meio cento de obras! Mas, qual o mecanismo e quais as fontes dessa mediunidade? Trabalho complexo, que só um estudo demorado do Xico nos poderia esclarecer. Se não se fez ainda é pena, porque nos anais da Psicologia Supranormal subjectiva casos como este não são muito frequentes.

(continua)

O CONHECIMENTO SUPRANORMAL

por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

II

Vejamos o que nos conta o conde Hugo Bazilieri, conhecido principalmente pelas suas faculdades de grande sensitivo.

Uma noite realizava ele uma sessão em Paris, em casa da escritora M.me J. M., e depois de vários vaticínios feitos às pessoas presentes exclamou:

— Esta noite ou amanhã uma pessoa muito importante será assassinada.

Logo a seguir disse, tomado de grande agitação:

— Esta noite tanto sangue! Vejam que horas são agora!

— A sala estava quase mergulhada na obscuridade. Acenderam um fósforo e verificaram que eram nove horas e quarenta minutos. Continuando muito agitado, o médium acrescentou:

— Neste momento passa-se qualquer coisa no *boulevard* dos Italianos.

Foi precisamente nessa noite, cerca das 9,35, que Jean Jaurés foi assassinado.

Tardieu, ministro francês durante a guerra de 1914, fez ao professor Charles Richet o seguinte relato:

«O meu amigo e jovem sábio Léon Sorel caía muitas vezes em estado de hipnose, quando conversava.

«No dia 23 de Julho de 1869, passeávamos juntos no Jardim do Luxemburgo, quando, de repente, fez a seguinte profecia:

«— Oh! Mas que é isto? É a guerra? Tu estás nos *boulevards* e és chefe de uma patrulha! Que emoção! Contas dinheiro na Estação do Norte. Depois segues um combóio, com muita gente. Oh! Mas tu páras em Aulnay. Agora estás em Hirson; depois em Mezières. Mas, onde vais? Sedan! Ah! Meu Deus!... Meu Deus!... Que grande batalha! Tantos perigos que te rodeiam! Ai o meu país! Oh! meu Deus!...

«Nesta altura o meu amigo interrompe-se e chora; depois caminha de novo e eu sigo-o, silencioso. Levanta a cabeça e o seu olhar perde-se no espaço. Depois ergue os braços e diz:

«— Oh! que derrota! Que desgraça! Vejo-te no cerco de Paris. Olha; eu serei nomeado oficial superior. O quê? Morro três dias depois?! Eu morro; morro; mas com quê?».

«Querendo afastar o meu amigo das suas tristes profecias, disse-lhe:

«— Essa é boa! Entrarás em Paris e depois serás oficial superior?...

«Léon Sorel cai novamente em hipnose e exclama:

— Morro no cerco de Paris, ao cabo de três dias. Oh! meu Deus! E a minha querida mulher que espera um bebé que eu não conhecerei (o meu amigo chora). Mas tu estás ao lado dela e ocupas-te deles. Tu és bom.

«O meu amigo deu-me numerosos informes acerca das desgraças que haviam de afligir Paris e de muitos e grandes perigos por que eu tinha de passar:

— Tu — diz ele — julgas que ficas em Paris, na Escola Médica, mas vais para a província. Ali dedicas-te à política, mas não esqueces a minha mulher e os meus filhos. Tu sofres; choras por causa de uma mulher amada que agoniza. Coragem! Porque tu vencerás os teus desgostos. Como eu te lamento, meu caro amigo!

«Durante duas horas o meu amigo falou, descrevendo minuciosamente estes e outros factos da minha vida. E novamente exclamou:

«— Que desgraça para a França! A minha pátria está perdida. A França está morta! Chora novamente e depois ergue os olhos ao céu, dizendo com acento de inspiração:

— Ei-la de novo salva! Vai até ao Reno. Oh! França! Oh! pátria, minha amada! Triunfarás. És a rainha das nações. O teu génio resplandecerá sobre o Universo!

O Dr. Tardieu, no seu relatório, confirmou todas as profecias do seu amigo. Este morreu no cerco de Paris, logo após ter sido promovido a oficial superior, e o Dr. Tardieu dedicou-se à política e enviuvou.

Verificou-se assim que nenhum pormenor dessa grande profecia deixou de se cumprir, quanto às pessoas e aos factos relativos à nação. Extraordinário sensitivo!

Fenómenos desta categoria adquirem extraordinário valor, quando, baseados em provas irrefutáveis. É certo que diàriamente se passam inúmeros fenómenos de idêntico valor, os quais são produzidos por sensitivos ignorantes ou incrédulos ou absolutamente desconhecedores das realidades do Mundo Invisível e do potencial energético do ser humano.

Disse a conhecida médium francesa Marcelle Gendet: «Quem chega fàcilmente a mover-se no domínio da clarividência sabe que recorre às faculdades superiores do espírito humano, que remontam às fontes profundas do *ego*, a fim de ser novamente *conduzido ao conhecimento directo*. As manifestações apresentam-se de forma tão variada e inesperada, que fazem lembrar um explorador perdido e rodeado de perigos, em busca da sua rota».

Permitido me seja agora também citar dois casos curiosos passados com um conhecido compatriota nosso, o escritor Sampaio Bruno. Era sujeito a «alucinações» auditivas, como ele próprio classificava os fenómenos do seu conhecimento supranormal, neste caso muito diferentes, na sua origem fenoménica, dos que acabei de mencionar.

Uma noite jogava ele à roleta e estava indeciso acerca do número que devia marcar. De repente sentiu mão subtil poisar-lhe no ombro, «como que uma sombra morna e suave que lhe acariciava o rosto e o inefável perfume duns cabelos inebriantes, ao mesmo tempo que uma voz recôndita e meiga lhe dizia: «Vamos, agora! Garanto-te que ganhas. Joga no número *tal* — que indicou».

Sampaio Bruno sentiu-se atordoado. Quando recuperou a serenidade o banqueiro já tinha anunciado o prémio do número por ele marcado.

Outra vez, estando zangado com o João Chagas, quando ambos, por motivos políticos, se encontravam exilados em Paris, resolveu partir para uma aldeia de Espanha, convencido que João Chagas continuava na capital francesa.

Sampaio Bruno nada disse a João Chagas e seguiu, via Bordéus, para Salamanca. Na pensão onde pernoitou preveniu que o chamas-

III Semana do Livro Espirita em Braille

Realizou-se, de 1 a 7 de Julho p. p. no Rio de Janeiro, sob os auspícios da Sociedade Pró-livro Espirita em Braille — a já muito conhecida SPLEB — a III Semana do Livro Espirita em Braille.

Como já se tornou tradição, afora as sessões de abertura e encerramento do certame, as demais sessões foram destinadas a Pelestras-Demonstração sobre as realizações da SPLEB e os métodos de aprendizagem e processos de transcrição do Braille.

No corrente ano, a Semana do Livro Espirita em Braille *apresentou dois aspectos de alta relevância. A sessão de abertura realizou-se no auditório do Instituto Benjamim Constant — Educandário para crianças e jovens cegos — em conexão com o* Grémio Espirita Estrela de Belém, *integrado por alunos daquele Instituto e instalado em uma de suas dependências. A sessão de encerramento, que teve lugar na própria sede provisória da SPLEB, constou da leitura dos relatórios das Comissões que tiveram a seu cargo o estudo de temas relacionados com o desenvolvimento da Sociedade, de cujos debates resultaram promissoras conclusões.*

O crescente interesse que o certame vem despertando nos meios espiritas, não só no Brasil como no estrangeiro, traduz bem o acerto dos que tomaram sob sua responsabilidade a tarefa de transcrever obras espiritas para o Braille, o que representa, sem nenhuma dúvida, movimento pioneiro de grande envergadura, como assinalou em seu número de 3 de Outubro último a revista «Two Worlds», *de Londres.*

De Allan Kardec já foram transcritas e distribuidas a primeira Edição em Braille de «O que é o Espiritismo», «O Principiante Espirita» e «O Eevangelho Segundo o Espiritismo». Está programada para o próximo ano o lançamento da primeira edição de «O Livro dos Espíritos» em Braille, devendo ser iniciada sua distribuição a 18 de Abril, data oficial dos grandes lançamentos editoriais da «Gráfica Editora SPLEB».

Além das edições de livros de Allan Kardec têm sido transcritos trabalhos mediúnicos de Francisco Cândido Xavier (exemplar único) para a Biblioteca «Casimiro Cunha» da Sociedade, como sejam: Voltei *(2 Vol.),* Paginas de Emmanuel *(3 Vol.),* Pensamento e Vida *(2 Vol.),* Contos e Apólogos *(2 Vol.), etc. Foram realizadas pequenas edições (15 a 30 exemplares); como é o caso das* «Súmulas de Aulas do Instituto de Cultura Espirita» *e* Agenda Cristã. *Está em preparo (edição de 100 exemplares) «Biografias de Vultos Espiritas Nacionais e Estrangeiros», cujo número de volumes ainda não foi calculado.*

Quantos trabalham pela realização plena da SPLEB sentem o amparo do Alto em todas as circunstâncias e das mais diversas maneiras. Possa essa grande obra merecer sempre a inspiração e protecção da Espiritualidade Superior, são os votos de todos aqueles que compreendem a grandeza do empreendimento que permitirá aos cegos espiritas do Brasil e de Portugal aprenderem a Doutrina em suas próprias fontes.

Durante a «III Semana do Livro Espirita em Braille» foi largamente distribuida a Revista Kardebraile *em Multilite e em Braille, em que vem de se transformar o Boletim Informativo, como órgão da SPLEB.*

sem às 4 horas da manhã para tomar o combóio de Barca de Alva. A certa altura sentiu a mesma mão pousar-lhe no ombro e a mesma voz meiga e recôndita dizer-lhe:

«Ouve. Tu estás mais ou menos mal com o Chagas; há-de ser-te desagradável encontrares-te agora inesperadamente com ele. Por isso toma o meu conselho: não sigas neste combóio». Sampaio Bruno, nesse momento, sentiu eriçarem-se os cabelos. Continuou o seu caminho, pensando na *impossibilidade* material de se encontrar com João Chagas. Depois deste raciocínio, Sampaio Bruno lançou mentalmente um repto à desconhecida, pensando: «Vou desobedecer-te e espero que não me desmintas; senão, vamos a ver se me encontro com o Chagas!»

Ao chegar a Fuente de Santo Esteban, ouviu a carinhosa voz dizer-lhe com branda inflexão:

«— Agora vais ver o Chagas».

Sampaio sorriu desdenhoso, pensando: «Tinha a sua graça!» Mas logo a seguir sentiu gelar-se-lhe o sangue nas veias ao ouvir uma voz muito conhecida, a do João Chagas, dizer: «Minha senhora, queira ter a bondade de mandar acomodar as minhas malas naquela carruagem de primeira».

Mais tarde João Chagas explicou-lhe que não tencionava regressar a Portugal por Badajoz, mas que o encontro dos dois fora devido a um engano, quando lhe compraram o bilhete para Boadilha, e, depois, a novo equívoco doutro moço, que lhe tirou bilhete para Barca de Alva e não para Vilar Formoso.

(A concluir)

NÃO HÁ MORTE

Por FLORENCE MARRYAT

A narração que relatamos é um caso típico de incredulidade manifesta, que comporta muitos ensinamentos com vista aos que se dedicam a convencer o próximo e os amigos da realidade dos fenófenos espiritas. Foi escrita por Florence Marryat, uma inglesa com alma de globe-trotter, *mas senhora de uma delicada sensibilidade, alegrando-se ao contacto da beleza, rompendo com o fanatismo estreito dos fariseus modernos, abandonando «as pessoas que não possuem curiosidade, nem imaginação, nem desejo de provar por si próprias o que não podem aceitar do testemunho alheio».*

Noutros termos: Florence Marryat é uma pensadora, mulher de acção e sentimento.

Filha de um capitão de fragata possuía o dom da clarividência que lhe permitia comunicar fàcilmente com o mundo espiritual.

Aceitaria ela, sem investigações sérias, tudo o que viesse do invisível?

Seria um erro profundo, porque ela, além do corpo, tinha o cérebro enérgico e a coragem moral do marinheiro. Assim, nada tinha de sentimentalismo doentio, nervoso e excitável.

Antes do Espiritualismo Moderno desapontar, já ela tinha feito algumas experiências sobre o assunto, porque já na juventude ela fora «alarmada» por certas formas vaporosas que lhe apareciam à noite.

«Uma dessas formas — dizia ela — era uma velhinha disforme que se dirigia constantemente para mim, em bico de pés, para me ver na cama. Minha mãe e meus irmãos a quem eu comunicava estas visões riam-se tanto de mim, que eu comecei a pensar que estas «aparições» seriam ilusão dos meus olhos».

Mais tarde, casou com um oficial do Estado-Maior do exército britânico e viveu durante algum tempo na Índia, onde assistiu à manifestação telepática de um moribundo ou recém-desencarnado, fenómeno que se verificou dois meses depois.

Ao voltar à Inglaterra, a atenção de Florence Marryat foi atraída pelo Espiritismo. Seria uma coisa má, como alguns a apresentavam, a fim de impedir o novo movimento ideológico que surgiu, ou era simples passa tempo para entreter o serão?

Este assunto já lhe fizera perder muitos amigos e por isso não se importava com a opinião dos outros a respeito da sobrevivência.

Depois de vinte anos de experiências contínuas manteve intacta a sua primeira opinião: «O Espiritualismo Moderno não é uma trapaça». *Existe; é um facto inegável. Os homens de ciência reconheceram-no; as igrejas não o podem negar. A única pergunta que se põe é esta. Qual é a sua origem? Será produto de faculdades problemáticas do cérebro?*

Conterá o corpo forças magnéticas suficientes para suscitar «formas substanciais», de aparência viva, de verdadeiras materializações de desaparecidos, podendo ler nos nossos pensamentos, ver o que se passa à distância e saber o que acontecerá no futuro?

Resumindo, perguntamos:

— Serão as faculdades humanas maiores do que se imagina?

Eis a pergunta que temos o direito de fazer, se quisermos afastar-nos das conclusões espiritas, reconhecendo a intervenção espiritual no exercício das nossas faculdades transcendentais.

E por dedução é lícito perguntar se o mundo espiritual não intervém no nosso mundo e porque é que os sábios negligenciam uma descoberta semelhante, procurando o meio de tirar proveito destes maravilhosos poderes. Inconsequência do Espírito humano!

E se perguntarmos a esta omnisciência, a esta omnipotência que eleva o médium à categoria de divindade, o que esta é e donde vem, ela responderá invariàvelmente que é uma alma desencarnada, um parente, um amigo ou um desconhecido que para o Além partiu e donde nos faz sinais desesperados para provar a sua existência.

Todos os cristãos sabem que têm espírito independente do corpo carnal; que quando o corpo morre o seu espírito continua a viver.

Qual a causa do seu terror perante a ideia de que este espírito liberto tem o previlégio de percorrer o universo à sua vontade e de comunicar com os seus entes queridos?

Não saberão que os anjos apareceram na tenda de Abraão e que o profeta Ezequiel escreveu que os cabelos da sua cabeça arrepiaram, quando viu passar um «espírito» diante dele? Não conhecerão eles a reaparição de Moisés, de Elias, a ressurreição do próprio Jesus, as suas palavras e a sua ceia com os discípulos?

Os protestantes sabem que os túmulos se abriram durante a crucificação do Cristo e que os defuntos apareceram e foram reconhecidos.

O Espiritismo ou Espiritualismo Moderno acaba de provar que tudo isto pode ser demonstrado e verificado.

Florence Marryat, no princípio da sua actividade espiritualista, disse que só se aventuraria ao estudo do assunto com a condição de «ver» com os próprios olhos o que se lhe apresentasse. Finalmente chegou o tempo de ela fazer investigações sobre o espiritualismo.

Colocada pela literatura, pelo teatro e pela imprensa num meio favorável, abriram-se-lhe então de par-em-par, as portas dos cenáculos, onde comunicava com o invisível. Assim, numerosas foram as suas verificações e as suas experiências em Inglaterra e na América.

Mulher de larga visão, pensava exactamente ao contrário dos cépticos ridículos que afirmam isto:

«Se um médium frauda, todos *devem fraudar. Se um fracassa,* nenhum *pode satisfazer. Se não se obtém qualquer prova satisfatória da presença dos espíritos defuntos,* ninguém *pode ter esta prova».*

A respeito de provas, Florence Marryat relata

uma particularmente interessante, porque lhe permitiu confundir um médico obstinado.

Eis o que ela escreve:

Uma mulher convencida contra a sua vontade é sempre da mesma opinião. Ora, estas linhas poderiam ter sido escritas com tanta verdade a respeito dos cépticos... Os homens cépticos são tão cegos quanto ao seu poder de julgamento e de decisão, que não podem admitir um engano; negarão até a prova dos sentidos, antes de confessar o seu erro.

Um homem destes pode ser um sábio em ciência ou um bom negociante; mas nunca será um «génio», porque o génio é invariàvelmente modesto nas suas faculdades e aberto à convicção, ao passo que espíritos médios, sòmente capazes de assimilar certos pormenores martelados à força de estudo, parecem não ter capacidade de desenvolvimento além de certo limite. Eles estão confinados e chumbados à opinião dos seus educadores ou às ipiniões que construiram a sua substância cerebral que perdeu toda a elasticidade. «Tu irás só até ali», parece ser o «fiate» de muitos homens. Em vez de julgar que o poder de Deus e as fontes da Natureza são ilimitadas, eles têm necessidade de se fecharem na estreita prisão do seu cérebro demasiado lento e dizer: «Não posso vê-lo, portanto não pode existir».

Houve tempo em que tentei convencer os incrédulos; mas já o deixei de fazer à muito. Creiam ou não creiam, é-me completamente indiferente.

Mesmo que acreditassem na sua possibilidade, é provável que não tirassem proveito algum da comunicação espiritual, porque ela pode ser tão benéfica como prejudicial.

Há alguns anos falava eu em termos amigáveis com um homem deste género. Era médico, reconhecido sábio na sua profissão e um argumentador abalizado. Por isso julguei que tivesse o senso comum necessário para não se envaidecer com as suas próprias palavras, mas enganei-me.

Falámos muitas vezes sobre espiritualismo; o Dr. H... era um incrédulo inveterado e por isso não me admirei de que não aumentasse a sua fé com pormenores que lhe forneciam as minhas experiências espiritualistas. Muitos médicos levam estas experiências à conta de um estado doentio do corpo e do espírito.

Quando perguntei ao Dr. H... o que pensaria ele, se «os» visse com os próprios olhos, pensei ao mesmo tempo que diria que «os seus olhos o enganavam».

— E se você os ouvisse falar?

— Duvidaria dos meus ouvidos.

— E se você os «tocasse», se os segurasse nas mãos?

— Desconfiaria dos meus sentidos.

— Então por que meios sabe que sou Florence Marryat? Você só pode ver-me, ouvir-me e tocar-me! Que é que impede os seus sentidos de o enganarem neste momento?

O Dr. H... limitou-se a sorrir-me com piedade, dizendo que eu era muito fraca de espírito para merecer resposta. Na realidade ele não encontraria resposta.

Ele voltava frequentemente a este assunto; muitas vezes me disse que agradeceria se eu tivesse a posibilidade de produzir um fenómeno que me sugerisse, para que ficasse convencido. Isto aconteceu numa altura em que um jovem médium chamado William Haxby, que faleceu pouco depois, veio morar para casa do Sr. e da Sr.ª Olive, em Ainger Terrace. Convidou-nos a assistir a uma sessão que iria dar e a Sr.ª Olive informou-me que W. Haxby queria particularmente obter «escrita directa» (dos espíritos) em ardósias seladas, pedindo-me — se eu desejasse experimentar — que trouxesse à sessão uma caixa adrede preparada, contendo os materiais necessários para escrever, no intuito de ver o que aconteceria.

Pareceu-me uma excelente ocasião para a experiência do Dr. H... Procurei-o e transmiti-lhe o que me tinham proposto; incitei-o a preparar tudo por ele próprio e a acompanhar-me à sessão para ver o resultado, com o que ele concordou logo, mostrando-se naturalmente muito excitado com este assunto. Depois, certo de que haveria fiasco, fez os seguintes preparativos na minha presença:

1 — Metade de uma folha de papel «cream-laid» para notas e metade de um lápis «crayon» com ponta de chumbo, foram colocados numa caixa de cartão de joalheiro.

2 — A tampa da caixa foi cuidadosamente colada com papel à parte inferior.

3 — A caixa foi envolvida com papel branco de escrever, colado por cima deste.

4 — Tudo isto foi atado oito vezes com fio de seda especial, fabricado para ligação das artérias.

Os oito nós eram conhecidos só dos médicos (disse-me o Dr. H...) .

5 — Cada nó estava selado com lacre e com o seu sinete pessoal, que trazia sempre suspenso da corrente do relógio.

6 — O pacote foi ainda envolvido num papel castanho atado e selado, a fim de o preservar.

Quando o Dr. H... acabou, disse-me:

— Se os espíritos (ou outros seres quaisquer) puderem escrever neste papel sem cortar a seda, acreditarei em tudo o que quiser!

E perguntei-lhe:

— Tem a certeza de que este pacote não poderá ser danificado, sem que você o saiba?

E o doutor respondeu:

— Esta seda só pode ser obtida por um médico; é exclusivamente fabricada para a ligação das artérias e os nós que fiz no pacote são apenas conhecidos do corpo médico; são os nós de que nos servimos para as referidas ligações. O sinete é meu e trago-o sempre na corrente do relógio! Desafio quem quer que seja a desfazer os nós sem cortá-los ou a tornar a fazê-los, depois de cortados. Repito: «Se os seus amigos puderem fazer ou obter a mais pequena marca neste papel e me devolverem a caixa no mesmo estado em que se encontra, acreditarei em tudo o que... quiser».

Eu própria estava ansiosíssima pelo resultado, quase aborrecida de ter sugerido ao doutor incrédulo uma experiência tão rigorosa.

(Continua)

(De «Spiritualisme Moderne» traduziu C. A.)

António J. Trindade, Presidente Jerusalém, de São Paulo, fala ao

António Trindade é uma figura típica do Espiritismo brasileiro. Desassombrado, empreendedor, voluntarioso, espírito de aventura estampado nas atitudes fortes de lusíada a quem meio século de estadia na terra de Vera Cruz não chegou para lhe alterar a pronúncia nem os princípios básicos, tem realizado obras notáveis em São Paulo, impondo-se pela independência, critério, inteireza moral e aprumo com que analisa e estuda as questões doutrinárias.

As afirmações que nos fez no decorrer da conversa são de sua inteira responsabilidade, coisa que nunca enjeitou no decurso da vida. Pode-se discordar de um ponto ou outro; o que não se deve é duvidar da sinceridade de suas palavras.

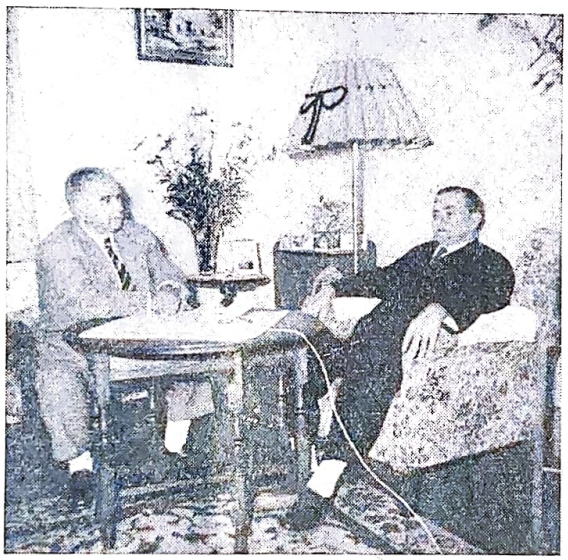
— Como chegou ao Espiritismo? — inquirimos, em abertura de conversa.

— É um ponto muito interessante. Filho de pais católicos, destinavam-me a padre e quiseram internar-me no Grande Educandário da Senhora da Lapa, perto de Lamego. Não aceitei. Cresci, estive no Porto e em Lisboa, observei o que se passava à minha volta, meti-me na política, sofri, e um belo dia, desiludido, fui para o Brasil, onde deveria empregar a minha actividade. Não sabia o que era Espiritismo. Comecei a viajar, visitei a maior parte dos Estados, até que cheguei a São Paulo, onde ia fazer uma conferência e lá encontrei um confrade que tinha sobre a mesa «O Livro dos Espíritos». Emprestou-me a obra, falou-me do seu conteúdo e convidou-me a assistir à primeira sessão espírita. Quando cheguei ao meio levantei-me para sair. — «Porque se retira?» — perguntou.—«Porque isto não é Espitismo». — «Já viu coisa melhor?» — «Mas há uma coisa em mim a dizer-me que saia daqui. É um antro. Isto não representa a Verdade.

«Depois chamou-me de parte e confessou que aquilo estava muito anarquizado. Era grande o número de espíritos maus que estavam presentes e eu tinha razão. Levar-me-ia a uma sessão real, cujos frutos vêm relatados no meu livro «Factos». Ali me tornei espírita. Abracei a Causa, da qual nunca mais saí. Abandonei a vida literária e de homem ultramundano. A abandonei tudo, concretamente, o prazer e os ócios, para me tornar espírita.

— Ficou em São Paulo ...

— Não foi bem assim. Ao tornar-me espírita dirigi-me ao Rio de Janeiro, onde tinha a promessa de reingressar no Jornal do Comércio, *o mais antigo jornal do Brasil. Só depois da promessa assisti a trabalho sério e comecei a ver onde estava a Verdade. Na própria casa onde me iniciara — o Centro Redentor — havia muita mistificação. E não fui eu, mas o Senhor, que do Alto deu as provas máximas perante os médiuns a meu respeito, do que resultou abandonar este Centro e formar em minha casa um pequeno grupo que se tornou muito popular, de modo que tive de arranjar uma casa grande, onde pudesse reunir o povo que vinha a mim. Começaram a vir doentes em quantidade e eu necessitava de trabalhar. Tinha montado uma fábrica de roupa branca de senhora para ajudar um patrício que perdera quanto possuia e fui obrigado a chamá-lo a contas e a assumir a responsabilidade da fábrica, a ponto de ficar esgotado. Vendi-lhe tudo e fui descansar uns meses a Petrópolis, onde surgiu uma comissão de confrades do Rio a pedir-me que fosse a São Paulo, pois aparecera lá um taumaturgo a quem chamavam Mirabelli, o qual operava tais milagres, que só eu — diziam eles — poderia ir lá ver o que haveria de verdade em tudo aquilo. Então é que eu parti para São Paulo.*



António José Trindade, falando com o Director desta revista

A SINAGOGA ESPIRITA

— Inaugurei a Sinagoga Espirita São Pedro e São Paulo em 30 de Agosto de 1916. Perguntará: Por que motivo se lembrou deste nome? Não é muito fácil aprender o verdadeiro sentido. Tinha-me aprofundado na Doutrina, investiguei e cheguei à conclusão, pelos espíritos que recebia, de que em São Paulo se reunia então a maioria dos que tinham sido discípulos do Cristo. E lá se encontrava Saulo de Tarso. Nessa ocasião, reunidos na Sinagoga, um como Presidente e outro como Vice-Presidente, veio este nome, porque quem estava na directoria era Pedro e Paulo.

— E porque lhe chamou Sinagoga?

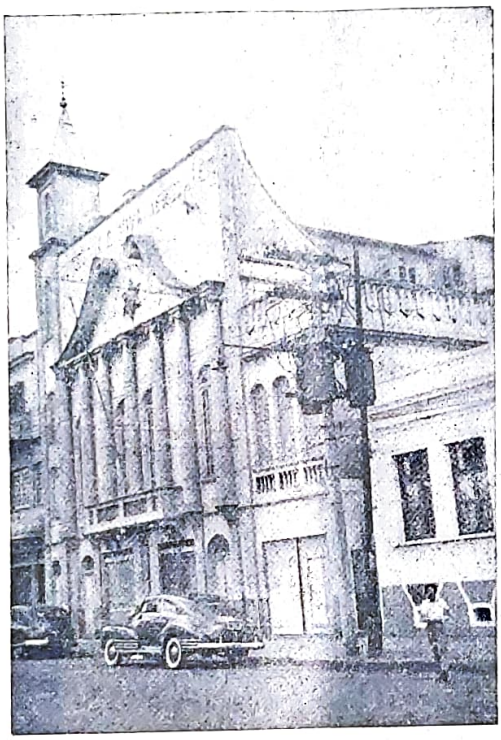
— Em 1919 houve qualquer coisa desagradável. A igreja não podia admitir que um estrangeiro como eu se arrojasse a tal empreendimento, porque eram numerosos os que se afastavam dela atraídos pela minha obra: médiuns, professores, engenheiros, farmacêuticos, e nessa altura a campanha era grande contra mim. Além

nte da Sinagoga Espirita Nova
ao Director de Estudos Psíquicos

disso os meus companheiros, enciumados por verem que só se falava em Trindade, em Trindade e em Trindade, que não era doutor, professor sequer, e eles homens formados e ninguém falava neles, começou o espírito do mal a introduzir-se em seus corações e tentaram provocar a minha queda. Nesse momento houve uma cisão. Havia duas casas em São Paulo: a Sinagoga, na rua do Gasómetro, 166, e a filial, na rua José Bonifácio, 141. Ficaram com esta última casa e eu fiquei com a outra, a que dei o nome de Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, *porque «o meu filho bem-amado — diz o profeta — não falará em parte alguma, nem nas praças públicas, mas sòmente na Sinagoga».*

— Qual a faceta espirita que mais lhe interessa?

— Eu compreendo o Espiritismo como a Ciência das Ciências. É a 3.ª Revelação. Se Moisés trouxe a primeira, e o Cristo a segunda, o Espiritismo deveria considerar-se a manifestação tangível do Parácleto prometido por Jesus. Entendo, pois, que o Espiritismo que se afastar dos Evangelhos de Moisés e dos Profetas não pode ser Espiritismo, porque deve acompanhar a ciência, em que buscamos a prova real dos factos. Temos, pois, que provar que o espírito é eterno, e não pode ficar à disposição de A, B, C ou D, mas tão sòmente orientar-nos naquilo que há de mais puro, mais santo e mais sagrado.



A Sinagoga Espirita «NOVA JERUSALÉM»

A OBJECTIVIDADE DO ESPIRITISMO

—Sendo assim, acha que é susceptível de modificar o homem?

— Bem... O Espiritismo tem que modificar o homem. Na Índia, por exemplo, há o Budismo e o Bramanismo, com suas leis de causa e efeito. No entanto, aquele povo, conservando-se no marasmo, tem preceitos e regras desconhecidas no ocidente. O grande profeta Zoroastro dizia: «Vinga-se melhor quem sabe perdoar»; portanto, havia ali 60 milhões de párias que, para não se rebelarem contra os senhores, preferiam ser escravos e não levantar o calcanhar contra seus amos. Não deviam vingar-se, nem impor doutrinas sem elementos de vida. O Espiritismo, seguindo outro caminho, escudado no ensino dos Evangelhos, naquela doutrina sublime à qual nada se pode equiparar, fala ao coração dos homens, como já falara ao coração de Gandhi que, ao ler este livro, lançou mão dele na Índia para continuar a sua obra de propaganda naquele imensurável território, onde há obras meritórias relatando os seus actos. A primeira coisa que fez foi traduzir o Sermão da Montanha, *em que o Cristo mostra ao povo como se pode ser feliz. «Bem-aventurados sereis vós, estes, aqueles e outros». E ensinou às multidões que, sendo manso e pacífico, estará sempre com o Senhor.*

— Foi o paladino da não-violência e conquistou a independência da sua terra.

— E venceu os próprios inimigos — exclamou o nosso interlocutor.

— Os espiritas também os têm. E como deverão eles responder aos ataques à doutrina?

— Compreende... Há um filósofo, cujo nome me não ocorre, que disse: «O grito é a arma dos sem razão». Ao verem que o terreno lhes foge dos pés, ao ver que o Espiritismo avança por toda a parte, não se conformam. O Espiritismo avança numa parte da América do Sul, raça latina, portanto, ao passo que na América do Norte e Central é uma realidade. Aqui na velha Europa, a começar na França, que foi berço do kardecismo, limitaram-se à prática teórica. Parece um paradoxo, mas não é. Integraram-se na teoria e nada conseguiram. Quer ver um exemplo? Quando estive na Argentina pela primeira vez, em 1931, não se fazia uma só prece espirita, quando se abria a sessão, nem se falava em Deus, e só numa casa ou noutra se pronunciava o nome do Cristo. Com as muitas conferências, porém, e com a propaganda que lá fiz, hoje segue-se o critério do Brasil. Compreendem que Deus existe e que, em momentos tão solenes, não podemos deixar de lhe pedir auxílio e protecção.

— A Argentina é um grande rincão espirita. Propagam a doutrina de forma racional.

— Há pouco esteve no Brasil um confrade argentino que, junto com outros, lançou as bases de um hospital espirita e eu forneci elementos para essa grande obra. Esperam que lá vá no fim do ano para fazer algo nesse sentido.

COMO FAZER A PROPAGANDA

— Tenho seguido com atenção o que dele se tem dito na impren-

sa espírita de Buenos Aires. E, agora, mais uma pergunta: qual será a melhor maneira de fazer propaganda? Falando, escrevendo ou agindo socialmente?

António Trindade franze o sobrolho, pensa um momento e exclama:

— Temos que admitir o concurso de outras camadas sociais. Para se construir um edifício, seja casebre de aldeia ou monumento como os Jerónimos ou a Batalha, necessitamos do cavouqueiro, do homem que corta a rocha da montanha e do que vai cinzelá-la, do simples pedreiro e do que fornece os materiais de construção. E ainda temos de procurar os técnicos competentes. Compreende: temos que propagar a ideia pelo livro e pelo jornal e, sobretudo, pela tribuna. Não há dúvida de que perdura através do livro. Se a palavra se ouve, o vento a pode levar, ao passo que o livro e a revista... Infelizmente a maior parte da literatura espírita deixa muito a desejar. Há muita parra e pouca uva. Os ramalhetes são admiráveis; mas, depois que se desfizeram, viu-se que deles nada se aproveitou. É o que sucede no Brasil, no campo das manifestações espíritas, através do livro ou do jornal.

— Mas há outros processos de difundir, como a rádio e a televisão. O tempo avança e nós, espiritualistas, temos de acompanhá-lo...

— Isso não pode evitar-se. Deve, mesmo, ampliar-se. É propósito meu, ao regressar ao Brasil, conseguir permissão para uma estação emissora de grande alcance, a fim de levar a toda a parte a palavra do Evangelho do Reino, a palavra da verdade espírita.

— Creio que em São Paulo há uma bela emissora — a Rádio Piratininga...

— Não adianta; a Piratininga existiu, mas hoje está com os católicos. A que a substituiu foi a Rádio Progresso, mas em limitada acção, porque só pode emitir na chamada onda tropical. Nos grandes aglomerados, como Santos e Campinas, só um ou outro receptor consegue captar esta onda. Quem monta uma estação dessas emprega dezenas de milhar de contos e é preciso manter o pessoal e conservar o material. Quer dizer, é necessário muito dinheiro e para isso requerem-se anúncios. Ora, ninguém os dá a uma emissora que é ouvida por meia dúzia de pessoas.

— E não podem conseguir outra onda?

— Dizem que estão todos os canais preenchidos. Não há dúvida de que esse canal seria conseguido e eu mesmo o conseguiria; mas essa estação está nas mãos de um confrade e de um grupinho de tacanhos e ultramontanos. Não compreendem que aquilo não é deles e que deveriam pôr a obra a serviço da Causa. querem que a obra fale só de seus nomes.

CORRENTES NEO-ESPIRITUALISTAS

A conversa derivou para outro sector. No Brasil há várias correntes neo-espiritualistas: kardecista, redentorista e umbandista. Por isso apresentámos a questão ao nosso entrevistado, perguntando-lhe se achava indispensável a sua unificação para que o esforço colectivo fosse bem aproveitado.

— Há modos de ver — responde António Trindade —. Em minha opinião, o que impera no Brasil é ignorância e, consequentemente, maldade humana. Um indivíduo que assiste a uma sessão espírita e recebe uma prova, vê que um boçal qualquer está a dirigir os trabalhos. Se este tem quem lhe obedeça, visto que todo o mundo o procura, por que razão eu, que sou inteligente, não hei-de pegar na mulher e no filho e num amigo e fundar um centro? Prestes a vaidade vai crescendo. Começa a ser exaltado por este e aquele e funda o centrozinho, já que a sua preocupação é ter elementos que lhe garantam a subsistência. Há centros no Rio de Janeiro que dispõem de dez, vinte, trinta mil sócios e há outros em São Paulo situados em pequenos recintos, onde não cabem mais de 40 ou 50 pessoas, e têm 200, 500, 600 e até 1000 sócios. Portanto, o que há em mira, salvo honrosas excepções, é a caça ao dinheiro. Não a propaganda da Causa, mas a satisfação da vaidade. No tocante aos outros elementos, a começar na Umbanda, são derivações de africanismo em que fala a mentalidade do povo, que se deixa levar pelo sentimento e não pela consciência. O Sr. encontra no Rio e em São Paulo homens formados vítimas deste mal. Anos atrás houve no Rio um escândalo num candomblé (centro de baixo espiritismo), com médicos, advogados, generais, almirantes e até magistrados. Estavam descalços, dançando, tomando pinga e fumando charuto. Ainda hoje o principal esteio de todos esses grandes centros são os vultos do comércio e da indústria, etc. Isto faz com que muitos se afastem do Espiritismo, por se confundir este com aquelas práticas. E, afinal, o Espiritismo é coisa mais pura. Devemos encará-lo sempre pelo lado filosófico e baseá-lo na pregação do Cristo, de Moisés e dos Profetas.

O AMBIENTE BRASILEIRO

— Dizem alguns que o ambiente brasileiro é mais propício à propaganda do que outro qualquer...

— Como sabe, o Brasil tomou o corpo actual com os elementos que Portugal lhe enviou e que eram a escória do nosso povo que mais tarde foi substituída por indivíduos categorizados. Deixaram de mandar criminosos do Aljube e começaram a ir famílias. A seguir apareceram os negros de África, que levaram consigo os seus costumes. Todas as tribos têm seus ritos, mas na África têm regras de magia, conhecimentos profundos de que nos dão boas provas. O povo começou a gostar, a entusiasmar-se e, quando surgiu Kardec e se reuniram na Bahia e depois no Rio se fundou a Federação Espírita Brasileira, falou a mentalidade do povo, que era cristão, como o Português, e entrou a investigar e viu que não lhe podia convir a reforma que o Protestantismo introduzira, porque havia nela muitas falhas e não se entendiam, enquanto o catolicismo se apresentava cheio de força, justamente pela sua coesão e se praticava na Ásia, na América Central, na Europa, no Rio, etc. Era nisso que estava a sua força. Entregavam-se à Causa, foram-na difundindo, entrando no coração dos pequeninos e, mais tarde, para se cumprir a profecia de Joel: «os velhos e os moços terão visões». Hoje a maioria dos católicos do Brasil dizem-se católicos, mas, de noite, quando não vão, mandam seus criados à sessão espírita...

— É a pílula doirada.

— Sim. Fala-lhes ao coração. Um indivíduo vai à nossa Sinagoga. O Sr. conhece aquilo e é

"O Espiritismo no Brasil"

(1.º Volume)

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

Acaba de sair do prelo o 1.º volume deste livro. É um verdadeiro arquivo de impressões vivas, onde perpassa, em judiciosa observação, a paisagem humana e campesina, a bondade de homens e mulheres e sobretudo a alma brasileira em pinceladas fortes que aguçam a curiosidade e fazem vibrar o coração.

Eis os capítulos em que se divide a obra editada no Rio de Janeiro:

Duas Palavras; 1 — Primeiras Impressões; 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas Sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trem... ou talvez não; 9 — Uma Visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionários de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Viajante; 20 — Na Cidade de Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis.

Este volume, único no género, é ilustrado com 55 gravuras «hors texte» em papel «couché», num volume de grande formato que interessará todas as agremiações visitadas pelo Autor.

Os brasileiros ficarão surpreendidos com tantos monumentos espiritas existentes no seu país e sentir-se-ão animados com o depoimento desassombrado de quem soube fixar para a história o que há de grande e belo numa terra de liberdade e progresso.

Preço do volume em papel Buffon de 1.ª — Cr$ 300,00, com 20 % de desconto às agremiações, que adquiram mais de 20 exemplares.

Os pedidos podem ser dirigidos ao

GENERAL FÁBIO DE CASTRO

Rua Marã, 100 — Maracanã — RIO DE JANEIRO

UMA OBRA DE ESTUDOS PSíQUICOS EDITORA

um fenómeno interessante. Da parte debaixo está a rua Silva Teles e ao lado a rua do Oriente. Nunca se pode saber que manifestações haverá. Hoje um criminoso, amanhã um filósofo, depois um sofredor ou quem passou por transes aflitivos; e a assistência escuta a narração do espírito. Foi ali pela primeira vez impulsionado por força estranha e diz: «Esta carapuça era para mim». Outro exclama: «Coisa fantástica esta narração! Eu vinha desesperado, disposto ao suicídio. Depois do que ouvi, notei que tudo era para mim. O espírito que falava era um amigo que me esclarecia. Metade da névoa caiu e sou outro homem. Vou viver!»

— Palavras dirigidas. Então, no Brasil, não deve haver clima especial que, por si só, favoreça a propaganda...

— O Espiritismo é praticado ali por brancos e pretos, ricos e pobres. Cada um o pratica a seu modo, mas nem sempre é na camada superior que se encontra fundo mais cristão.

— E há fraternidade no meio espirita?

— Não. O que há é isto: a igreja, ao ver diminuir o seu crédito, descurou a colocação de padres em localidades com 3, 4 e 5 centros espiritas, que, pelo simples facto de difundir a doutrina, deram origem a campanhas tendentes a dificultar a propaganda e a levantar contra nós o calcanhar, como disse o profeta, tentando e inventando tudo o que podiam. E a verdade começou a surgir. Houve campanhas tremendas, confrades processados e injustamente condenados. Mas, ao chegar aos tribunais superiores, fizeram valer seus direitos e só havia condenação, quando o médium, o curador ou o director dos trabalhos tinham em mira auferir proventos.

(Conclui no próximo número)

Uma Carta da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

Prezado SR. ISIDORO DUARTE SANTOS,
ilustre Director de ESTUDOS PSIQUICOS

Saudações atentas

Sua excelente revista, no número de Maio último, publicou interessante relato do distinto Engenheiro António Cardoso, sobre o que viu no Brasil, em matéria de investigação psíquica. A propósito da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, que tenho a honra de presidir, deu a entender que, originàriamente, pelo que se inferia da entrevista concedida pelo redactor do Estatuto ao *Diário da Noite* do Rio de Janeiro, tinha finalidade científica, havendo chegado, dentro dessa orientação, a investigar o fenómeno de cura de doenças, através de imposição da mão, ou de aplicação de passes magnéticos, que obtinha distinta dama, não-espirita, da melhor sociedade argentina. Desejo esclarecer o assunto, porque a impressão que colheu o relator está em desacordo com a realidade. O redactor do Estatuto da Sociedade, em 1941, é o mesmo investigador psíquico que a preside, em 1960; isto é, o signatário desta carta. Se preconizara a investigação científica, há cerca de 20 anos passados, constituiria retrocesso, injustificável, sob qualquer ponto de vista, abandoná-la, tanto tempo depois. A verdade é que a orientação científica inicial continua a mesma. Toda investigação psíquica procedida na Sociedade assenta em bases científicas. A realizada por médicos, ou, no mínimo, sob o «contrôle» dum médico; e, às vezes, de Professor de Psicologia da Universidade do Brasil, de Membro da Academia Nacional de Medicina, de engenheiro, de alta patente do Exército e da Força Aérea Brasileira, ou de experiente investigador psíquico, em suma, de pessoa, pela especialização, ou pelo tirocínio, à altura do encargo. A Sociedade não é metapsiquista, nem parapsicológica, porque não é materialista, mas espiritualista. As sociedades metapsíquicas ou parapsicológicas promovem a investigação da fenomenologia psíquica ou espirita sob os cânones da ciência materialista. São, por isso, materialistas, conquanto, em seu seio, haja um ou outro espiritualista. Não deixam, é verdade, de ter seu mérito, de vez que investigam e atestam a realidade da fenomenologia, não obstante discordem da causa, que para elas está exclusivamente nos médiuns, jamais em espíritos. Sendo espiritualista, nem por isso deixa a Sociedade de ser um instituto de investigação científica. Parte do princípio, adoptado à luz da experiência, de que o fenómeno espirita, em tese, é verdadeiro; exige, porém, que o próprio fenómeno, em cada caso, forneça os elementos que convençam de sua genuinidade. Por essa razão é que a Sociedade adoptou e adopta a dúvida como ponto de partida, para verificação de qualquer fenómeno. O relator assistiu, durante duas horas, apenas a uma das sessões semanais da Sociedade, em seu plenário, em que habitualmente se estudam os fenómenos de incorporação, de xenoglossia, de inspiração, do transporte psíquico, da clarividência e outros; apesar desse contacto diminuto, supôs-se na posse de dados completos, certos, seguros, para julgar seus 19 anos de actividade científica. Não é possível, numa simples carta, relatar toda essa actividade. Os resultados dessa longa actividade serão relatados oportunamente, através do «Tratado de Ciência Espiritualista», que elaboro e será editado sob a égide da Sociedade. Pode-se dar ligeira impressão do que tem sido essa actividade, todavia, apenas relacionando os principais fenómenos que foram objecto de investigação ou estudo, citando os nomes dos componentes das comissões de investigação, com respectivas profissões, bem como de alguns dos médiuns que se têm prestado para os testes (isolados, ou sucessivos), e relatando uma das investigações procedidas. Eis a relação:

FENÓMENOS

Psicografia — Comissão de Investigação: Dr. António Gomes Pena, psicólogo, Professor de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; Dr. Levindo Melo, médico, antigo Preparador de Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte) e Milton de Andrade, jornalista, investigador psíquico há 25 anos, Presidente da Sociedade.

MÉDIUNS, OU PACIENTES, PRINCIPAIS

Sr. Alarico José da Cunha, poeta e Membro das Academias de Letras do Maranhão e do Piauí.

Incorporação—Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, que foi Presidente da Sociedade durante 17 anos e hoje é seu Director do Departamento de Investigações Experimentais; Dr. Torres Bandeira, médico, antigo Director do Departamento de Investigações Experimentais da Sociedade e Milton de Andrade, investigador psíquico e Presidente da Sociedade.

Dr. Alexandre Dias Filho (Médico).
Sr. Virtualino José da Silva (Proletário).
Sr. Dante Costenaro (Comerciário).
Sr. Armando da Silva Melo (Comerciário).
Sr.ª Regina Edler (Dama da sociedade carioca).

Inspiração — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, Director do Departamento de Investigações Experimentais e Milton de Andrade, Presidente da Sociedade.

Prof. A. de São Tiago (Escritor, Membro da Sociedade de Filosofia e ex-deputado).

Rregressão no Tempo, ou Regressão da Memória, até reencarnações anteriores — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, então

Presidente da Sociedade e Milton de Andrade, investigador psíquico — Experiências demonstrativas da reencarnação, de que participou o hipnólogo alemão Prof. Júlio Brand, assistido por sua esposa, que é de nacionalidade sueca.

Sr.ª Odila Machado.
Sr.ª Arlina Costa.
Sr.ª Odete Peixoto.
(Damas da sociedade carioca).

Levitação de Mesa — Comissão de Investigação: Dr. Levindo de Melo, médico, então Presidente da Sociedade; Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, engenheiro, antigo Secretário da Sociedade, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

«Poltergeist» — Investigador oficial: Dr. Levindo Melo, médico, então Presidente da Sociedade.

Menor residente na casa onde ocorriam os fenómenos, inclusive movimentação de pesados móveis, independentemente de qualquer acção humana.

Materialização e Telecinesia — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Dr. Albino de Mesquita (Advogado).
Sr. José de Morais Sarmento (Comerciário).
Sr. José de Menezes (Proprietário, não-espirita).

Triptologia — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Melo, médico; Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, engenheiro, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

Xenoglossia — Investigador oficial: Dr. Levindo Melo, médico, então Presidente da Sociedade. Investigadores convidados: o então Secretário da Embaixada da China no Brasil, um Professor de Japonês do Instituto Brasil-Japão e dois industriais chineses. Idiomas sob teste: Mongol, Chinês antigo, Japonês e Sânscrito. E Espanhol, no caso da dama.

Sr. Saúl de Medeiros (Jornalista).
Sr.ª Isaura de Carvalho (Dama da sociedade carioca).

Clarividência — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Sr. Virtulino José da Silva (Proletário).
Sr.ª Odete Peixoto (Dama da sociedade carioca).

Exteriorização, com Transporte Psíquico — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Melo, médico, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Dr. A. Lins (Médico, radiologista).

Endocinesia (Rapes, no interior de tampo de mesa) — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Melo, médico; Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, engenheiro, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

Paracinesia (Fixação de mesa ao solo, redução de seu peso e movimentação de mesa, paranormais) — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Melo, médico; Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, engenheiro, e Milton de Andrade, investigador psíquico.

Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

Passes Magnéticos — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Melo, médico; Dr. Pereira da Silva, médico, então Director do Departamento de Investigações Experimentais da Sociedade, e Dr. Pimenta Mourão, médico, então Director do Departamento Médico-hospitalar da Sociedade. Investigador convidado: Prof. Américo Valério, médico (Cancerologista), Membro da Academia Nacional de Medicina, então Orador Oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Membro da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Assistente da Comissão de Investigação: Milton de Andrade, investigador psíquico, então Director do Departamento de Difusão Cultural da Sociedade.

Sr.ª Martha Bushnae (Dama da sociedade argentina, não-espirita).

Operação fluídica — Comissão de Investigação: Dr. Flávio Ribeiro, médico, Director do Departamento Médico-hospitalar da Sociedade; Dr. L. Marques, médico, e Milton de Andrade, investigador psíquico e Presidente da Sociedade. A investigação começou agora.

Sr.ª Abigail Parecís (Cantora lírica, que já cantou no Teatro Scala, de Milão, na Itália).

Temos submetido a experiências diversos médiuns de materialização e de telecinesia, porém nenhum ainda com êxito. Por se tratar de instituição científica, sabedora de que a luz vermelha não exerce acção que iniba a produção do ectoplasma, é princípio seu não investigar fenómeno em plena escuridão. A orientação, em matéria de investigação psíquica ou espirítica, desde a fundação da Sociedade até à presente data, não variou. A escuridão completa impede o «contrôle», razão pela qual a Sociedade só investiga à plena luz, ou, no máximo, sob luz vermelha ou azul, que possibilite razoável grau de visibilidade, apesar de possuir a Sociedade máquina aperfeiçoadíssima, capaz de fotografar em plena escuridão, e de surpreender a fraude, portanto, caso esteja havendo, por parte do médium, ou de comparsa. A Sociedade ainda possui máquinas gravadoras, em fita e em fio. São muito raros os médiuns de materialização, genuínos — eis o maior obstáculo, para investigação.

Na investigação da regressão da memória, com as pacientes em estado hipnótico, postas pelo hipnólogo alemão Prof. Júlio Brand, pretendeu este parar na vida intra-uterina, porque é protestante e não admitia a reencarnação. Pedi-lhe que continuasse o retrocesso. Todas as três pacientes revelaram suas últimas reencarnações anteriores (uma delas, a última como homem). Estando o Professor diante de um corpo de mulher, hipnotizado, e não sendo reencarnacionista, dirigiu-se a ela assim: «A senhora...». Imediatamente respondeu: «A senhora, não; sou homem». Revivia nela, no instante, a sua última reencar-

nação como homem. O inopinado, a segurança e a energia da resposta causaram impressão nos espectadores. Terminados os testes, falei ao Professor: «Que diz a isso?» Retrucou que era sugestão. «Sugestão como, se quem sugeria era o Professor, protestante, anti-reencarnacionista? Na mente de quem sugeria não havia ideias reencarnacionistas, porém anti-reencarnacionistas; logo, não podiam as pacientes reassumir personalidades que tiveram em vidas anteriores. Pode o Professor alegar que as pacientes são espiritas, e portanto estão com o inconsciente saturado de ideias reencarnacionistas. Prossigamos então na investigação. Solicito ao Professor que realize os mesmos testes de reencarnação em seu meio habitual, onde só há protestantes. Experimente com homens, senhoras e crianças. Sendo protestantes, não podem estar com o inconsciente saturado de ideias reencarnacionistas». O Prof. Júlio Brand concordou. Experimentou com protestantes — homens, senhoras e crianças —. Após os testes, telefonou para o Dr. Levindo Melo, então Presidente da Sociedade, informando que havia experimentado com vários protestantes, de diferentes idades, e que todos eles, quando ultrapassavam a vida intra-uterina, punham-se a descrever a vida no espaço inter-planetário e, depois disso, suas últimas reencarnações. Comunicou ao Dr. Melo que, em vista disso, isto é, de experiências realizadas por ele próprio, com pessoas de sua absoluta confiança, passava a ser reencarnacionista, a partir de então, embora continuasse protestante. O Dr. Levindo Melo, procurado por um redactor do *Diário da Noite* do Rio de Janeiro, relatou, em entrevista, o que acabo de escrever. Não é um exemplo interessante de investigação científica, sob os cânones espiritualísticos?

Na investigação do fenómeno conhecido por «operação fluídica», serão feitos, em cada caso, exames pré e pós-operatório, por dois médicos, com instrumental clínico apropriado; se necessário, também exames radiológicos e de laboratório.

Por aí se podem avaliar a finalidade e o «contrôle» científicos com que se realizam experiências ou testes na *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*. É uma injustiça, pois, ainda que de boa-fé, como é o caso, fazer afirmações em contrário. Seria aliás para não se compreender que médicos, cuja formação é científica, desde os bancos escolares superiores, agissem de outra forma, quando se tratasse de investigação científica.

O programa científico da Sociedade vai muito longe. Fez ela incluir em seu Estatuto a criação duma «nova escola psiquiátrica», baseada no espiritualismo, em contraposição à actual, que se alicerça no materialismo, razão por que é tão atrasada: só estuda 1/3 da verdadeira psiquiatria, limitando a causa da alienação mental ao *cérebro*, quando pode estar no *espírito do alienado*, ou resultar de *obsessão por espírito*. E no espaço inter-planetário ainda pode haver o caso de *espírito em estado de alienação mental*, em decorrência de distúrbio na dinâmica psíquica da vítima.

A *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* tem por lema «A Ciência, por base; a Religião, por meio; a Moral, por fim»; e, simbòlicamente, considera-se a Ciência Espiritualista em acção. Sendo assim, adoptou estatutàriamente a seguinte prece, com que abre e encerra seus trabalhos, inclusive de investigação científica:

PAI NOSSO

Pai Nosso, que dirigís os universos, glorificado seja vosso nome. Venha a nós a vossa luz. Seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Infinito. Orientai-nos, para que evoluamos. Guiai-nos para a verdade. Encaminhai-nos para a moral pura. Saibamos ser justos: perdoar nosso devedores, como perdoais nossas dívidas; tolerar nossos ofensores, como tolerais nossas ofensas; ser indulgentes para os defeitos do próximo, como sois para nossos defeitos; e amar uns aos outros, como amais a todos nós. Não nos deixeis cair em tentação, nem afastar da honestidade. Livrai-nos do mal, principalmente da cólera, do ódio, da avareza, do egoísmo, da inveja, do orgulho, do ciume e da vaidade. Induzi-nos a ser bons, a desejara para os outros o que desejarmos para nós, e a resgatar nossas faltas com todo o bem que possamos fazer. Inspirai-nos, Senhor, para que pratiquemos a caridade, tal como a desejais, e para que jamais nos esqueçamos, em relação a nossos inimigos, de que devemos ser como o sândalo, que perfuma o machado que o fere. Assim seja.

A adopção dessa prece, que é uma síntese da moral espirita e foi por mim elaborada há mais de vinte anos, não implica modificação de critério, ou método de investigação, uma vez que um dos objectivos fundamentais da Sociedade é, precisamente, promover a aliança da Ciência com a Religião, sem fusão, nem confusão, apenas afastando de uma o *Preconceito*, de outra o *Fanatismo*, para se poder, afinal, chegar ao estudo da Moral Pura. E é princípio basilar da Sociedade o de que «Fora da moral não há salvação». A Ciência oficial é incompleta, porque só cuida do materialismo; a Ciência Espiritualista abrange o Infinito — estuda as ciências de todos os planetas habitados, o «habitat» dos Espíritos (que constituem o «Reino Espiritual» no espaço inter-planetário), a evolução intelectual e a evolução moral dos Espíritos, motivo por que não pode dissociar os aspectos científico, moral e religioso desses temas, bastando dizer que Deus é a inteligência que governa o Infinito.

Se acaso se supõe que a existência de prece significa inexistência de ciência, equivoca-se: a Ciência Materialista condena-a; a Ciência Espitualista exalça-a. O Futuro, no entanto, é da Ciência Espiritualista. A Ciência Materialista não desaparecerá; evangelizando-se, evoluirá para vir a ser a Ciência Espiritualista da Nova Era, a começar no ano 2000.

Gratíssimo pela publicação dos presentes esclarecimentos, com minhas excusas pela extensão da carta, e com testemunho de minha admiração pela esplêndida revista *Estudos Psíquicos*, pela figura de incansável batalhador pró-causa comum que é seu lúcido e digno Director, e com minha simpatia pela pessoa de nosso distinto confrade Dr. António Cardoso, subscrevo-me com expressão de afeição fraternal.

MILTON DE ANDRADE

Presidente da

Sociedade de Medicina e Espiristismo do Rio de Janeiro

ENVELHEÇAMOS RINDO

Por José Jorge da Silva

Numa das suas inspiradas poesias, Olavo Bilac situa a velhice em alcandorado plano, alijando de uma vez por todas o sentimento de tristeza que geralmente se incorpora aos que caminham para o ocaso da vida. E com uma feliz imagem, aponta o grande poeta a necessidade que temos de alegrar-nos quando nos aproximamos da senilidade.

Mas, quantos realmente se sentem alegres ao envelhecer? Alguns, dizemos nós. Sòmente aqueles que na esteira da vida deram um pouco de si em benefício do seu semelhante.

O velho ditado «quem gosta de mim sou eu mesmo» sempre teve larguíssima aplicação entre os homens; e quem afina por esse diapasão, não propicia ajuda a quem quer que seja, é claro. Trata, sim, é de gozar a vida, antes que ela se vá. Por que meios? Bem, eles sempre aparecem e servirão todos, principalmente os que atingem com celeridade o objecto visado.

Para quem navega em águas de tal profundidade, difícil, muito difícil mesmo, é convencer-se da necessidade de mudar de rota. Um caudal de forças negativas reduz o homem menos avisado à simples condição de escravo. Escravo do dinheiro, do poder, do sexo e de tudo quanto diz respeito à satisfação de apetites inferiores.

Como se pode induzir, por exemplo, um ser conscientemente usurário a despender um pouco do seu oiro em benefício de alguém? Não é nada fácil, sabem todos muito bem disso. Enquanto o amealhador não se capacitar de reduzir a sua veracidade pelo dinheiro, ninguém conseguirá dele coisa alguma. Essa é a verdade, dolorosa, mas é.

Nem todos, felizmente, vivem em função de sua própria pessoa. Homens há e mulheres igualmente, que se debruçam sobre os interesses de seus semelhantes, fazendo de suas vidas um rosário imenso de amarguras. O sarcasmo, a injúria, a calúnia, nada os demove de praticarem o bem. São cientistas, missionários, homens do povo — muitos anónimos —, que se agrupando numa vida de sacrifícios procuram semear a paz e a concórdia em meios hostis, onde voluteia uma humanidade empanturrada de egoísmo e vaidade.

Estes, amigos, quando envelhecem, envelhecem rindo, sem jamais chorarem a mocidade. Tomemos o seu exemplo, não nos esquecendo de que eles são «como as árvores fortes que envelhecem na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem».

(De «Desobsessão», de Porto Alegre)

OS NOSSOS REPRESENTANTES

Octávio CONRADO

Por motivos particulares declinou o cargo de representante da nossa revista em Salvador, Baía, o incansável batalhador da seara espírita e nosso velho amigo Alfredo Miguel que, durante muito tempo, nos deu a sua preciosa colaboração e, temos a certeza, continuará a dar, logo que lhe seja possível.

No desejo, porém, de nos auxiliar, transferiu a representação naquela cidade ao Sr. Octávio Lidger Conrado.

O novo representante é descendente de católicos e frequentou a igreja, de que foi sincero adepto. Um dia, porém, teve de atender certa moça obsidiada e a convite do Dr. Abílio da Silva Lima frequentou uma sessão por este dirigida na União Espirita Bahiana *e a moça ficou curada.*

Este fenómeno levou-o ao estudo, tendo encontrado no «Evangelho Segundo o Espiritismo» as razões da vida e tornou-se leitor das obras espíritas e frequentador das sessões.

Além de corretor de publicidade, actuando nos jornais e emissoras desta capital, actua também noutros sectores publicitários, inclusive a cinematografia Iglú, *faz parte da* Liga de Amadores Brasileiros de Rádio *Emissão (LABRE) como rádio-amador Py 6 AH, sendo igualmente sócio da* União Espirita Bahiana, *onde exerce o cargo de bibliotecário, e do* Centro Espirita Posto de Socorros «Bezerra de Meneses», *onde foi 1.º secretário.*

Octávio Conrado encontra-se ligado a Estudos Psíquicos, *no desejo veemente de continuar a obra de Alfredo Miguel. Da Baía distante envia o seu abraço efusivo aos espiritistas de Portugal, que nós retribuímos, certos de que o teremos ao lado nas pugnas doutrinárias.*

O DIABO

Dialogo Metapsíquico

O ESPIRITA — Quem és tu, forma negra, silhueta de fantasma, que surges frente à minha retina?

A APARIÇÃO — Eu sou o Diabo.

O ESPIRITA — (sorrindo) O diabo?! Essa é boa? ... És uma coisa que não existe. Sim, o Diabo não existe. O Diabo é um mito, um produto da imaginação dos poetas, como símbolo de tentação, ou ..., para certas correntes, um rego muito irregular de conduzir algumas águas a determinados moinhos ..., umas águas muito turvas! ...

A APARIÇÃO — Eu sou o eterno espírito do mal, o soberano do inferno.

O ESPIRITA — Tu és um chorrilho de frases feitas e absurdas, produto de atrasos milenários, entusiasmo de ignorantes, uma espécie de espanta-lorpas! ... O mal nunca é eterno, porque a eternidade do mal seria a negação de DEUS, que é o supremo e eterno bem. Responde-me: — Quem te disse que tu eras o Diabo?

A APARIÇÃO — Eu vivo no inferno e lá domino.

O ESPIRITA — Fazes, realmente, uma coisa divertida! ... Vives num sítio que não existe. Ou que só existe na tua imaginação. Um homem que não fosse eu, rir-se-ia com o caricato da tua ignorância, que faz que tu digas esses e outros dislates. Mas eu tenho pena de ti, porque tu és, apenas, um espírito atrasado na sua evolução, com a memória cheia das falsas noções, que, por ignorância ou por calculismo, te ministraram durante a tua última vida terrena. E eu sei com que fins ... Repara, porém, que não foste sempre assim. Viveste, na terra, várias vidas. Não é verdade?

A APARIÇÃO — Certo. Mas fui sempre mau.

O ESPIRITA — E, todavia, se fores capaz de uma análise retrospectiva, hás-de recordar-te de que, na última vida que viveste na Terra, foste menos mau, do que na penúltima.

A APARIÇÃO — Isso é certo.

O ESPIRITA — Vês? Portanto, evoluiste. E, na evolução, melhoraste. Certo que ainda agiste negativamente. Mas já melhoraste e até já reconheces que melhoraste. Ora isso dá-te uma ideia da evolução. Já é progresso. Por que dizes que dominas no meio em que vives e a que chamas inferno? Não respondes?! Então, eu

O poder da vidência

Lemos em Voz Informativa *que, segundo T. G. W., a capacidade dos clarividentes de perceber os espíritos dos recentemente falecidos depende do desenvolvimento do médium e de suas atitudes para ser utilizado pelos guias. Geralmente, «vê» uma figura mental por vezes muito clara e com certa animação e colorido. Mas estas figuras podem ser de diversos tamanhos, de corpo inteiro ou simplesmente de busto ou de cabeça, o necessário, enfim, para fornecer a identificação.*

A melhor maneira de identificar as entidades consiste em provocar com o pensamento uma figura delas próprias. Isto explica também as desilusões que se produzem, quando um indivíduo se não pode recordar com exactidão como era fìsicamente. Esta figura mental é que os falecidos conseguem formar por si mesmos ou com o auxílio de entidades mais experientes.

Um vaticínio realizado

Na «Great Metropolitan Spiritualist Association» de Londres realizou-se em 1940 uma sessão, na qual se fez um vaticínio a respeito do engenho russo que anda em torno da Terra. A Guerra Mundial estava no seu início, as paixões mantinham-se exacerbadas e o facto não caiu bem nos circunstantes. O médium H. S. Hambling proferiu então as seguintes palavras:

— A Rússia terá que provar que está no caminho do progresso humano. As suas razões serão suspeitas, mas os seus êxitos desmentirão os que desacreditarem as suas intenções. A ciência astronómica parece ser o campo em que despertará a admiração mundial. Os seus esforços levá-la-ão ao espaço exterior do mundo, bom sinal do espírito humano em suas aspirações.

Há pouco ainda, a mesma entidade, conhecida nos centros espiritas ingleses com o nome de «Moon Trail», referiu-se outra vez ao satélite e ao temor universal, indicando como único remédio um pensamento de paz em todos os homens livres.

Elevemos, pois, a mente no sentido desejado. Que o progresso se exerça em grande escala, mas que nunca sirva para desencadear guerras entre os homens.

responderei por ti: Porque, no agregado negativo em que actuas, tu não és o menos mau, mas o mais autoritário. O inferno é o nome que tu dás à tua angústia. E a eternidade que lhe atribuis é a consequência da longa duração que ela tem. Sofres há tanto tempo, que até julgas eterno o teu sofrimento! Não é assim, meu pobre irmão! Não há sofrimento eterno. Eterno só é o Amor, porque é uma radiação de DEUS. E, agora, dize-me cá: Porque me procuraste?

A APARIÇÃO — Porque o teu espírito me atrai.

O ESPIRITA — E ainda bem. Talvez eu seja o instrumento do teu Guia de Luz. E é com muito gosto que te auxiliarei. O inferno, todo o teu inferno é um pesadelo temporário do teu espírito atrasado e cheio das falsas noções que te impingiram. Sairam-te os vigaristas ao caminho e vitimaram a tua ingenuidade. Os burladores são os responsáveis pela tua infelicidade cíclica. Sabes que DEUS existe?

A APARIÇÃO — Claro que sei. A Sua força é patente no Universo. Mas Ele condenou-me às penas eternas.

O ESPIRITA — DEUS não te condenou, até porque nem condena ninguém. Tu próprio és quem se condena. O teu sofrimento é o remorso do mal que fizeste. E o teu progresso há-de ser a resultante da tua vontade. Se tu quiseres ser melhor, serás melhor. Mas o esforço de regeneração há-de partir de ti. Ninguém te pode absolver das tuas culpas. Se assim não fosse, o mérito seria uma palavra vã. Como teu irmão, devo auxiliar-te. Mas DEUS, como Pai, não deve privilegiar-te. Não podes quebrar a natural evolução das almas, nem infringir a Lei do Equilíbrio Universal. Vejo que as minhas palavras estão a fazer-te bem.

A APARIÇÃO — Por que o dizes?

O ESPIRITA — Porque estás a clarear... A cor da tua aparição, que se me apresentou negra retinta, já é menos escura. Cultiva a esperança, purifica os teus pensamentos, leva o teu auxílio a quem dele precisar, mesmo que seja ao teu maior inimigo e, até, de preferência, a esse mesmo. E, quando te sentires melhor, pede que te facultem outra vida na Terra, para, nela, procurares ser bom, compreensivo, justo, prestimoso ao teu semelhante, ainda que te vejas caluniado, perseguido, mesmo que te prejudiquem e que te punam inocentemente. E volta a aparecer-me sempre que queiras ou possas. Estou pronto a ajudar-te.

A Aparição apagou-se na retina do homem, mas ficou, no espaço, um perfume a flores... — ainda brando, mas já perceptível...

Por VASCO DE LEMOS MOURISCA

A Força Psíquica

Na natureza há um quê infinitamente subtil que os sensitivos percebem e cuja essência não é conhecida. É qualquer coisa que se parece com uma chama e que se escapa dos corpos. As propriedades desse agente demonstram que difere dos agentes dinâmicos conhecidos, como a electricidade, o magnetismo terrestre, o calor e a luz. E essa coisa, que apresenta no exame propriedades variadas, com relação à sua maneira de ser ou ao conjunto dos fenómenos que a ela se ligam foi designada por Od. *O* od, *essa incógnita que os sentidos podem perceber, é de essência material, mas extremamente rarefeita, visto que atravessa o vidro e penetra na água, onde se incorpora e condensa. Ignorado até agora em física e em fisiologia, inerente a todos os corpos, o* od, *permite que estes actuem à distância, uns sobre os outros, através do espaço e dos corpos opacos e é um dos principais factores no complexo das chamadas forças vitais: domina-as, determina as formas, governa a matéria, toma parte no desenvolvimento de todas as funções e acompanha a vida animal e espiritual no estado de saúde e de doença, até que ela se extinga.*

Coronel de Rochas

Que mundo é este? ...

Que mundo é este onde se levantou o bípede humano como coroamento da evolução planetário? Que mundo é este em que o homem se mantém com aquilo que mata e a vida animal com as vidas que devora, sem falar nas catástrofes físicas e sociais — erupções, terramotos, furacões, incêndios, explosões, naufrágios, revoluções?

Que mundo é este onde os representantes mais eminentes da nossa espécie só indicam como lei de aperfeiçoamento de progresso a luta pela vida, a concorrência vital e mal se apercebem da cooperação, da união, da fraternidade, do sacrifício e do amor?

Não será um mundo atrasado, um mundo de expiação ou de provas? Ou será, porventura, a obra prima do pensamento divino, como pretende a ortodoxia religiosa, incapaz de se elevar à altura dos ensinamentos do Mestre? ...

Alberto Seabra

Desfazendo o Errado Conceito da Existência de Espiritos Satânicos

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

IV

Focámos no artigo anterior o ponto basilar em que se apoiam os estudantes bíblicos no combate ao Espiritismo: a crença que alimentam de que as almas ou espíritos dos que morrem permanecem num sono imobilizante até ao dia do chamado Juízo Final, em que despertarão ressuscitados, ou para a glória celestial, ou para a condenação do inferno, tudo isto conforme foram bons ou maus.

Para muitos daqueles interpretadores da Bíblia não há o meio termo — o purgatório, que os nossos irmãos católicos admitem.

E as manifestações do mundo invisível junto de nós — espiritas, as atribuem eles inteiramente a artimanhas dos espíritos satânicos.

Mas há um erro de ordem fisiológica e de ordem psíquica naquela crença, absolutamente oposta à misericórdia e bondade de Deus, porque o espírito só dorme durante certo tempo a seguir à morte ou libertação do corpo, sono que é antes como que um sonho; mas os espíritos evoluidos tomam imediatamente consciência do seu estado espiritual.

O sono é repouso do corpo e nalguns também do espírito, repouso aquele particularmente do sistema nervoso.

O espírito é energia em vibração eterna, condicionada, contudo, ao repouso que o perespírito precisar.

E a prova disto está em que, muitas vezes, ao acordarmos, nos lembramos de certas actividades do nosso espírito efectuadas enquanto dormimos, e que, quando não as destrinçamos devidamente, nos parecem incongruentes. Dizemos então que estivemos a sonhar. Mas a maior parte das vezes sucede não nos lembrarmos de nada ao acordarmos, o que significa, simplesmente, que a imobilidade ou prostração cerebral era tal durante o sono, que as células da memória nada registaram.

Pois nos escritos dos Apóstolos apenas damos notícia de S. Paulo empregar, na sua 1.ª epístola aos tessalonicenses (c. 4 v. v. 12 a 15), a palavra *dormem* com a significação de jazem sepultados ou morreram.

Aquele versículo 5 diz assim:

«Porque o mesmo Senhor, com mandato e com voz de arcanjo, e com trombeta de Deus, descerá do céu, e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro.»

Vemos, claramente, que este versículo quer dizer que os crentes nas doutrinas do Cristo compreendem melhor a sua situação no mundo espiritual, quando desencarnam, ao ouvirem a voz dos espíritos amigos e bons que Deus envia a orientar as almas perturbadas nos momentos a seguir à morte.

Não há razão, portanto, para aceitar aquela doutrina do dormir perpétuo que, se estabelece um abismo enorme entre protestantes e católicos, maior é o seu antagonismo com os espiritas que a desmentem com os seus trabalhos experimentais, pois são aos milhares os espíritos que todos os dias comunicam, em todo o mundo, não só por intermédio dos centros espiritas, como por intervenção de pessoas que têm faculdades mediúnicas, e que nunca ouviram falar em Espiritismo.

Pois aqueles espíritos, com as suas irrefutáveis provas de identificação, esclarecem bem que pertenceram a indivíduos que viveram na Terra, que foram crentes uns e descrentes outros, uns bons e outros maus, uns que ficaram longo tempo como que atordoados a seguir à libertação do corpo, pensando e sentindo sem nada compreenderem, outros que imediatamente compreenderam a sua situação pelo auxílio de espíritos amigos que desde logo os rodearam, ou porque o seu adiantamento moral assim o permitia.

Por conseguinte, é absurda a doutrina que diz que os espíritos dormem num estado inconsciente, sem pensarem e sem amor, sem ódio nem invejas, como diz *Eclesiastes* no capítulo citado anteriormente, pois temos observado que os espíritos se apresentam com os mesmos sentimentos e atitudes que tinham na terra, e os ódios que ainda alimentam, pelos que deixaram neste mundo, provocam as terríveis obsessões bem difíceis de dominar.

E não nos digam que são artes dos demónios para nos iludirem, porque os espíritos que se apresentam aflitivamente arrependidos das irregularidades cometidas na vida terrena, que nas nossas sessões confessam, angustiosamente, os pecados que praticaram e ansiosamente invocam o perdão de Deus, que nos aconselham ao espírito de sacrifício, se for preciso, no cumprimento dos ensinamentos de Jesus em todos os seus pormenores, enfim, que nos apontam as bem-aventuranças da vida espiritual dos justos, incitando-nos a alcançá-la firmados na luz do Evangelho, espíritos desta categoria que comovem auditórios (nas sessões de médiuns falantes) e que fortalecem crenças e fé, não podem ser, e não são, espíritos satânicos. Os espíritos satânicos, que, todavia, pertenceram a viventes terrenos, apresentam-se como blasfemadores empedernidos, como obsessores cruéis, como usurpadores de nomes pomposos ou procuram iludir com cinismos fàcilmente desmascaráveis, porque, como o Evangelho ensina, pelo fruto se conhece a árvore.

Mas voltando à doutrina errada dos que dizem que os espíritos dos que morrem dormem profundamente até ao dia do Juízo Final, que é também um dia simbólico e não como o descrevem certos interpretadores bíblicos, temos também a refutá-la o que consta do *Primeiro Livro de Samuel ou de Reis* (c. 2 v. 6) que diz: «O Senhor é o que tira a vida e a dá, leva à sepultura e faz sair dela».

Há mais a passagem daquela parábola que Jesus contou (Lucas c. 16 v. v. 22 a 23) e que é assim: «Ora sucedeu morrer este mendigo, que foi levado pelos anjos ao seio

de Abrahão. E morreu também o rico que foi sepultado no inferno e, quando estava nos tormentos, levantando seus olhos viu ao longe Abraão e Lázaro no seu seio». Este Lázaro era o mendigo a quem o rico nem dava as migalhas da sua mesa. As almas destes dois personagens estavam em situações diferentes, que eles muito bem apreciavam. Porque não estavam dormindo. Se assim não fora, Jesus não o apresentaria como um exemplo.

O inferno aqui mencionado, como em muitas outras passagens bíblicas, é aquele aspecto do mundo espiritual que nos dão a angústia do espírito sob o acicate dos remorsos e o prolongamento dos sofrimentos físicos mantidos por reflexo ou gravação no perespírito, por imposição dos pensamentos ligados a tais sofrimentos.

Mas fica para outra vez este assunto do inferno.

E na referência à transfiguração de Jesus (Marcos c. 9 v. v. 1 a 4 e Mateus c. 17 v. v. 1 a 3) se lê que Jesus, envolvido em refugente luz, se pôs a falar com Elias e com Moisés, que, por conseguinte, não estavam dormindo, inconscientes, nos seus sepúlcros. Mas reportemo-nos ainda ao que Jesus disse e que o Evangelho de João reproduz no c. 5 v. v. 25, 28 e 29 que contêm o seguinte: «Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus: e os que a ouvirem viverão. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepúlcros, ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que obraram bem sairão para a ressurreição da vida, mas os que obraram mal sairão ressuscitados para a condenação.»

Ora, dizer que «os que se acham nos sepúlcros» ou sejam os mortos, os desencarnados, *ouvirão a voz do Filho de Deus,* então é porque não estavam nem estão dormindo nem em estado inconsciente, e tanto os bons como os maus sairão naturalmente dos sepúlcros, que quer dizer de junto dos corpos encerrados nos sepúlcros a que os espíritos pouco evoluidos têm, por algum tempo, a impressão de estar ligados. Esta impressão resulta de não compreenderem a situação em que se encontram depois de se operar a separação do corpo por efeito da morte. É um estado muito frequente de perturbação espiritual de que fàcilmente saem os que se deixam amparar pela voz dos mensageiros de Jesus.

Mas outros espíritos abandonam tão ràpidamente os corpos, especialmente quando são corpos doridos e cheios de achaques, que ficam com a sensação agradável de quem sai de sob um pesadíssimo fardo, desde que tenham tido sempre o amparo da fé e da resignação no sofrimento.

E, como Cristo disse, os bons serão ressuscitados para a vida, ou seja para a bem-aventurança da vida espiritual, da vida de permanente acção de bem fazer em louvor de Deus Omnipotente, e os maus serão ressuscitados igualmente, mas para sentirem o remorso das suas maldades avivadas, permanentemente, na sua lembrança, e para sentirem o desprezo e a maldição das suas vítimas. Isto é bem evidentemente a ressurreição para a condenação, de que só são libertos os que se arrependem, se, depois de arrependidos, forem perdoados pelos ofendidos ou sentirem na consciência o perdão de Deus pelo alívio da angústia que os oprimia, e se, a seguir, de boa vontade aceitarem a penitência ou provação, pela qual, à custa do seu próprio esforço e sacrifício indemnizarem a quem prejudicaram, ou passem pelos tormentos que fizeram passar os outros, escolhendo para si mesmos a pena de Talião: olho por olho, dente por dente; e, no caso da indemnização, é o pagamento até ao último ceitil.

Ora, aquela penitência ou provação dos ressuscitados para a condenação só a podem cumprir os espíritos que tornem à vida terrena, que reencarnarem, o que é mais uma etapa no tormentoso caminho da evolução espiritual.

É assim, pela aplicação da sublime lei das vidas sucessivas, que as almas conseguem alcançar a sua salvação, porque só assim é dado cumprimento a uma outra lei — a da Evolução, que impele as almas para o seu natural e constante aperfeiçoamento.

O TEU ANIVERSÁRIO

(25 de Fevereiro)

Àquela moça alegre, inteligente, minha sobrinha Dr.ª Olga Rocha Pargana.

(Acróstico)

Olga, já vinte e um anos! Como o tempo avança!
Lágrimas de teus Pais, sem esperança,

Guardavam-te ... e a doença galopava ...
Ainda me recordo quem por ti chamava,

Rezando sempre d'olhos fitos nos espaços:
— O Amor que te gerou! — E alguém de fortes laços,

Como quem vê brilhar um Sol que nos conforta,
Houve por bem lançar-se p'la criança «morta ...»

Aos pés do cristalino Amor que te deu vida!
Por isso tu sorris agora, Flor erguida,

Anjo da Terra, Sonho, Sonho d'outras eras! ...
Reverdeceram tuas lindas primaveras,

Germinaram teus lírios, tuas brancas rosas!
Abre teu coração agora à Luz, às prosas,

Nesse teu Ideal d'Orfeu, Missão, Nobreza,
A glória dos simples! — plenos de certeza! ...

Silves *MANUEL DE SOUSA*

A TRISTEZA DE UM SÁBIO

Por Tito L. Bancéscu

(Correspondente em Rosário)

A tristeza dos autênticos homens de ciência, dos génios que constituem valores propulsores da vida, embelezando-a em todas as suas formas, só pode entristecer os que se encontram em condições morais de os compreender e de interpretar os seus nobres e elevados sentimentos.

Quanta alegria experimentou Albert Einstein, depois de haver suportado sacrifícios, incertezas, dessassossegos durante longas noites, ao descobrir a Teoria Geral da Relatividade! Sentiu-se então satisfeito, porque nessa teoria encontrou a felicidade humana e notou, seguramente, que ela determinaria uma profunda revolução na convivência social, na fase económica, tecnológica, sociológica e ética.

Uma vez de posse do urânio, o homem poderia, com reduzida quantidade deste mineral, fazer accionar durante longos meses ou anos as indústrias múltiplas ou iluminar as cidades e os domicílios mediante uns centavos diários. Era tão elevada, pura e nobre a moral de Einstein, que jamais poderia ter concebido a aplicação da energia nuclear para destruições bélicas, para o terrível genocídio. Não obstante, alguns anos depois viu que tinha dado aos físicos uma arma perigosa, que iria ser utilizada para o mal e o fratricídio.

Sensível como era, experimentou tremenda sensação de desgosto e indignação, tanto contra o mau emprego dessa energia, como contra si mesmo, julgando-se responsável directo desse famoso descobrimento. Por isso, antes de falecer declarou dolorosamente:

— Se pudesse recomeçar a minha vida, negociaria em chumbo, mas sem intuito científico.

Estava plenamente convencido de que destruíam os seus próprios sacrifícios e também a sua obra.

Vemos como se têm desprezado os princípios éticos do grande físico e matemático para submergir a humanidade num estado apocalíptico e caótico. Em certos momentos advertiu os ensaístas dos engenhos teleguiados que, a continuarem com essas experiências, o planeta estava em risco de estalar, se as explosões atmosféricas se produzissem em cadeia.

Einstein queria transformar o mundo, oferecendo aos habitantes melhores perspectivas, uma existência agradável, sem misérias nem sobressaltos.

Odiava a guerra por ser manifestação de barbariedade e demência. Era bom, insensível às honras e gostava da simplicidade e da humildade, leccionando às vezes em camiseta e pantufas. Era caracterizado pelo amor ao próximo e, portanto, à humanidade, mas os homens não o quiseram compreender, antepondo os mesquinhos interesses aos mais elevados sentimentos.

Fez apelos frequentes aos estadistas, aos sábios, mas a sua voz perdeu-se no deserto.

E por isso dizia:

— É mais fácil destruir o átomo do que a indiferença humana!

Dir-se-ia que as consciências haviam renunciado a tudo e se entregavam ao suicídio.

— Não façais nada contra a consciência — clamava ele —, mesmo quando alguém vô-lo peça!

Decorreram alguns anos desde o desaparecimento do sábio eminente, saturado do mais puro sentido cristão. As experiências nucleares continuam, infelizmente, o seu curso diabólico. Realizam-se conferências internacionais em Genebra, sem qualquer resultado positivo acerca do emprego das energias atómicas e prevê-se o seu fracasso.

Estas deliberações em volta do problema do desarmamento e do controlo atómico fazem-nos recordar a extinta Liga das Nações, *em cujo seio se levantou a tese de que «a Paz era indivisível» e que «o desarmamento era uma necessidade vital». Muitos delegados sorriram com cèpticismo. A guerra de 1939 e suas consequências ulteriores demonstraram os resultados dessa incompreensão.*

Repetir-se-á mais uma vez a história da estultícia humana?

Tem-se dito muitas vezes que a irradiação das explosões atómicas e de hidrogénio não são perigosas para a saúde pública. Mas a própria Comissão Científica da O.N.U. *afirmou em 19 de Agosto do ano passado que «a contaminação radiactiva do ambiente, devida às explosões de armas nucleares contribui para aumentar cada vez mais a intensidade das relações no mundo,* o que traz novos *perigos, em grande parte desconhecidos das* populações presentes e futuras. Por sua própria natureza, estes perigos escapam ao controlo dos indivíduos.

A ciência médica verifica diàriamente o aumento de cancerosos que, pela sua extrema sensibilidade, são vítimas da radiactividade. Pode-se calcular a situação da humanidade, se uma nova guerra surgir.

As experiências nucleares implicam enormes investimentos de capital. E a UNESCO (Organização Cultural, Científica e Docente das Nações Unidas) publicou no seu órgão oficial um flagrante contraste dos nossos dias: metade do género humano é subalimentado e além disso analfabeto.

Tudo isto só pode entristecer o espírito do ilustre sábio desaparecido.

AOS ASSINANTES BRASILEIROS

Novamente informamos os prezados assinantes brasileiros que fomos obrigados a aumentar as anuidades da revista para Cr $ 250,00, devido à queda do cruzeiro, que nos prejudicou extraordinàriamente. Só o grande desejo de intercâmbio espirita nos leva a manter este preço durante o ano corrente, se não surgir outro obstáculo.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

O Psychic News *de 4 de Junho último presta homenagem ao grande médium Francisco Cândido Xavier, na sua habitual secção de* Comentários, *a propósito da municipalidade de Pedro Leopoldo ter dado o seu nome a uma biblioteca.*

Acrescenta que é um dos mais conhecidos médiuns da região, ao qual se têm referido muitas vezes.

Finalmente, parafraseando um jornal brasileiro, diz que a honra é merecidíssima, não só como exemplo cívico e capacidade afectiva pelos semelhantes, mas, acima de tudo, pela mediunidade, pois tem recebido inúmeros livros de ciência, filosofia e moral. Tendo recusado todas as honras, uma biblioteca era, de facto, a maior homenagem que lhe podiam prestar.

HONROSA VISITA

Em 10 de Julho tivemos a honrosa visita do Dr. Alcides López Esponda, advogado em Montevideu, e sua esposa Hortênsia A. de López Esponda, que se interessam grandemente pelos nossos estudos. Vieram recomendados por Guilhermo B. Pascal, catedrático do «Instituto de Estudos Superiores», daquela capital, e prof. do «Institut International des Recherches Scientifiques», de Paris.

«A sr.ª de López Esponda — diz este ilustre confrade — é uma das minhas mais diletas alunas do Instituto de Estudos Superiores de Montevideu».

Estes amigos fizeram-nos perguntas acerca da evolução do Espiritismo em Portugal e seguiriam para Espanha no dia 11.

Falaram com grande entusiasmo do movimento espirita uruguaiano e concitaram-nos ao trabalho constante. Sendo leitores de Estudos Psíquicos *naquela região americana, oferecemos-lhe alguns números que ainda não tinham lido e despedimo-nos, desejando-lhes boa viagem na sua digressão pela Europa.*

UM CASO ESTRANHO

O Diário de Notícias *de 7 de Julho publicou a seguinte notícia de Sameide:*

«No lugar do Cavaleiro, caiu a um poço uma criança de cinco anos, Júlio Pais Ferreira, filho de João Ferreira, ausente em Lisboa, e de Prazeres dos Anjos Pais, que vive nesta freguesia.

Ao dar pelo desaparecimento do filho, a mãe correu ao poço e atirou-se à água para o salvar, mas como não sabe nadar, agarrou-se ao petiz e com ele submergiu.

«Uma irmã dela, Teresa dos Anjos Pais, que perto se encontrava, correu ao poço e descendo com muita dificuldade e perigo os degraus nele existentes, chegou à tona de água e deitou a mão à irmã.

«Esta, na ânsia de se salvar e à criança, com tanto desespero segurou a mão da Teresa, que acabou por a arrastar para a água. E as duas mulheres e a criança teriam morrido afogadas, se neste momento não tivesse chegado ao local um irmão das mulheres, Cipriano dos Anjos Pais, que conseguiu salvá-las e ao Júlio, a quem foram logo dispensados cuidados médicos.

«O caso suscitou viva emoção na freguesia, realçada pela circunstância de o Cipriano ter surgido no local por onde raro passava e a uma hora em que habitualmente estava entregue às suas ocupações.

«Conta ele que, sem saber como, abandonou os seus afazeres e se encaminhou para o poço».

Os materialistas chamarão acaso ao facto de o Cipriano aparecer no local, justamente na altura em que a sua presença era mais necessária. O que é certo, porém, é que o facto excede em muito o cálculo das probabilidades e somos levados a crer num poder espiritual que agiu na hora própria e salvou as mulheres e a criança da morte que as aguardava. Deve ter sido «teleguiado», como se diz agora, a propósito dos engenhos bélicos tão férteis em surpresas e que podem basear, lògicamente, muitos fenómenos psíquicos.

OS SANTOS DA ESCRITURA

No Jornal de Estarreja *e sob o título desta nota, escreve o nosso colaborador e distinto poeta Vasco de Lemos Mourisca:*

«I Santi dalla Scrittura *é o título do livro que o Vaticano publicou, em 1959, com o «nihil obstat» e o «imprimatur» da regra.*

«O Vaticano encarregou o padre Girolamo Moretti, grande autoridade em grafologia, de estudar, pela letra de cartas escritas, a personalidade de grandes figuras da Igreja Católica, sem conhecer a autoria dos escritos analisados.

«Desse longo estudo, entre muitos outros nomes, há este resultado:

«São José Cupertino — *Indícios de fraqueza de carácter e desejos de vingança.*

«São Francisco de Assis — *Possuído pela ambição de se impôr e de fazer boa figura. Vontade de agir sempre, segundo os próprios interesses, com pouco espírito de humildade e de respeito às autoridades constituídas, predominando a necessidade de inculcar nos outros os seus próprios pontos de vista.*

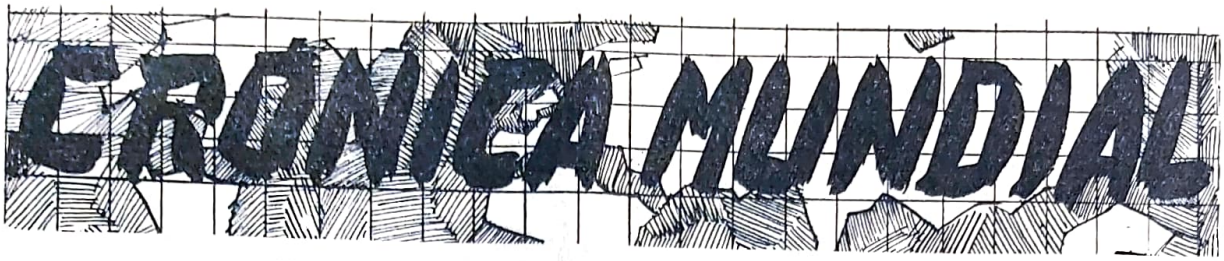
«Santo Inácio de Loiola — *Desejo de vingança, preocupação de se colocar em evidência, arrogância, susceptibilidade e intolerância, diante de qualquer crítica que lhe fosse feita; avareza e facilidade para atrair as simpatias femininas.*

«São Vicente de Paulo — *Inclinação para a filosofia de que «os fins justificam os meios» e tendência para o enternecimento sexual.*

«São Tomás de Aquino — *Ambicioso e sexual, conseguindo dominar os seus instintos.*

«O padre Moretti fala, ainda, do sadismo psíquico de São Filipe de Nery, refere o cepticismo de São João da Cruz e acentua a extraordinária sensualidade de Santa Teresa de Ávila.

«Sobre estes exames científicos do padre Moretti, diz a Igreja que dominaram as suas más tendências, razão por que obtiveram o Céu, sem necessidade de purgatório».



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

PREMONIÇÃO DE ASSASSÍNIO

Two Worlds de 30 de Janeiro último transcreve do *Winnipeg Free Press*, do Canadá, um artigo referente a um caso baseado na seguinte pergunta:

— Que faríamos, se víssemos cometer um crime, antes dele ser realmente consumado?

Talvez porque o dilema seja muito ousado, o jornal não diz o nome do moço que narrou a visão, para que lhe não chamem louco. Eis o que ele descreve, com aparência de sinceridade, ao jornalista Edan Wright:

Após o seu trabalho no turno das 16 às 24 horas empreendeu, como de costume, o regresso a casa. Contudo, ao passar por uma cervejaria, viu luz na cozinha, o que lhe pareceu muito estranho por conhecer bem o proprietário e saber que àquela hora saía. Sentando-se como que tomado por estranho pressentimento deu volta à casa para observar o interior da cozinha, onde, atónito e horrorizado, observou dois homens a bater com uma espingarda no dono da casa, que se encontrava caído e muito ensanguentado.

Num impulso, voltou o carro e correu para a porta. Estava fechada!

A única casa próxima, do outro lado da rua, pertencia também ao dono da locanda e o rapaz decidiu ir a toda a velocidade avisar a polícia. Nesta altura, porém, abriu-se a porta e o proprietário surgiu à luz baça do lampião que pendia da parede. Emudecido pelo choque, o rapaz fitou-o como quem vê um fantasma, para lhe explicar, envergonhado, a visão que tivera, ao que o cervejeiro ripostou, a rir, que devia estar doido.

No entanto, este resolveu lançar uma vista de olhos pela casa e ambos pesquisaram sem resultado, quer o estabelecimento, quer os anexos, encontrando tudo em ordem e a caixa registadora intacta. O rapaz sentiu-se então envergonhado até à medula e não houve desculpas que não apresentasse ao divertido homem da locanda. E tudo ficou por aqui, com dois bons copos de cerveja gelada e efervescente.

Três dias depois destas ocorrências o dono da casa era assassinado por ladrões e a caixa registadora esvasiada.

Foi então que o jornalista confessou a um colega que, se o rapaz contasse o ocorrido à polícia, dizendo que tinha visto os assassinos e os poderia identificar, os agentes lhe atribuiriam, decerto, um caso mental.

Mas Edan Wright aconselhou-lhe o contrário, porque o caso fora uma experiência psíquica de merecida divulgação. Um caso de clarividência.

O MÉDIUM EINER NIELSEN

Conciencia, a bela revista argentina dirigida pelo insigne jornalista Genaro Pucci, refere-se da seguinte forma ao médium Einer Nielsen num relato feito em 1956 pelo Dr. Hans Gerloff:

«É um dos maiores médiuns vivos, senão o maior, com relação aos fenómenos parafísicos.

«Durante 40 anos produziu milhares de fenómenos diante de outros tantos assistentes, nos quais se incluíam professores, e em laboratórios, sob a mais estricta vigilância.

«O seu desenvolvimento para chegar a médium científico foi interrompido em 1922 por uma suposta fraude, motivada por um erro de investigadores incompetentes.

«Depois fiz experiências com ele, desde 1950, quando fui professor de Alemão na Universidade de Lund, na Suécia, e cujo resultado vem descrito no meu livro.

«Em Fevereiro de 1956 tive outras sessões com o seu concurso. Eis os fenómenos mais importantes obtidos:

«A minha tarefa, como parapsicólogo prático experimental, é investigar o físico, ou seja, o anatómico-fisiológico e as condições mentais-espirituais dos espíritos materializados que se formam com o ectoplasma desprendido do médium.

«Pedia-se-lhes que deixassem as impressões digitais em pequenas caixas cheias de substâncias plásticas. O propósito era obter impressões planas que se pudessem comparar com as linhas obtidas por impressões digitais das mesmas pessoas, quando vivas.

«Também se pedia aos espíritos que expirassem em água de cal para se obter precipitação de carbonatos probatórios da respiração natural.

«Primeiro usou-se um fonedóscopo ultra-sensível para medir as pulsações do coração do médium, as quais eram tão fracas, que o aparelho não pôde registá-las e então usou-se para avaliar as pulsações do espírito materializado, que se tornaram normais e claras.

«Vários espíritos deram o seu nome por escrito. Uma jovem de 14 anos permitiu-me cortar-lhe uma pequena madeixa dos seus cabelos ruivos e um jovem permitiu-me que lhe furasse o lóbulo da orelha, de acordo com o meu pedido, para poder colocar uma gota de sangue num porta-objectos. Contudo, parece que os espíritos materializados não têm sangue, mas uma espécie de soro, que não corre.

«O espírito de um clérigo sueco, que era meu amigo na vida terrena, arrancou a meu pedido uma porção de ectoplasma que formava a manga do seu vestuário e colocou-o num frasco que pusemos diante dele. Está a fazer-se o seu exame químico, físico, microscópico e espectral.

«Muitos espíritos não apresentam a parte inferior do corpo e por isso flutuam, não podendo ser cuidadosamente observados.

«Não obstante, a pedido, podem materializar-se até aos pés e colocar um deles sobre uma placa luminosa e movê-lo. Podem também desmaterializar-se à vista dos assistentes, desvanecendo-se com as nuvens, ou desaparecendo no soalho.

«Eu observei o caso de uma jovem de cor amarela brilhante afundar-se gradualmente no solo, até

ficar só a cabeça, que depois se escondeu atrás da cortina.

«Os espíritos falam em voz alta aos assistentes e beijam ou abraçam os seus parentes que, por esse motivo, ficam muito satisfeitos.

«A sua condição mental e a sua inteligência são semelhantes às nossas.

«Entre os 20 espíritos que apareceram numa sessão estava John King, pseudónimo de Sir Henry Morgan, governador da Jamaica, que morreu em 1688.

«A meu pedido trouxe sua filha Katie, o famoso espírito observado por William Crookes, por intermédio de Florência Cook. Katie revelou o segredo do seu nascimento ilegítimo. Apareceu também o espírito da famosa médium de materializações Madame D'Esperance.

«As sessões realizaram-se à luz vermelha, que permitia ver, às vezes, a cara dos espíritos muito claramente.

«Recebemos 40 miosótis e observámos a levitação do médium».

O MISTÉRIO DA REENCARNAÇÃO

O *Boletín Espiritista*, de Avelaneda, Argentina, transcreveu a seguinte notícia que a revista *Prismas* transcreveu, por sua vez, de outra revista de Paris:

«— Acredita na reencarnação?

«— Não — responde quem escreve estas linhas.

«— Eu acredito. Vou apresentar-lhe a pessoa em que encarnou o espírito de Bellini.

«Minutos depois estávamos no imenso palco do Teatro Colón de Buenos Aires. Corremos uma porta e surgiu Nibya Mariño, a exímia pianista uruguaia considerada uma das concertistas mais extraordinárias da actualidade.

«Inteirada da minha condição de cronista, Nibya disse-me que também acreditava nas vidas sucessivas, isto é, morto o homem, o corpo se desintegra e a alma se reencarna em novo ser, como afirmam os propagandistas desta doutrina.

«— Contudo — diz Nibya Mariño — em França disseram-me um dia que eu era, indubitàvelmente, a reencarnação do compositor Vicente Bellini. E muitas vezes penso que é verdade. Então, como se explica que aos 10 meses, quando ainda não falava, já titubeava canções que ouvia pela primeira vez? Como se explica que aos três anos me sentasse ao piano e tocasse peças inteiras bem difíceis, sem que me ensinassem uma nota? Como se explica que aos 6 anos, quando preparava o primeiro concerto, o meu professor me apresentasse uma difícil composição de Beethoven, exclamando: — «Tens que estudar isto na perfeição; levará tempo, talvez semanas, mas é imprescindível?» Efectivamente, olhei a música, sentei-me ao piano e toquei-a sem a menor dificuldade, na perfeição, *como se a tivesse ensaiado centenas de vezes*. Como se explica isto?...»

Há casos que deixam o homem perplexo. Tudo o que pode aventar fica muito aquém das verdades que permanecerão ocultas durante séculos, talvez milénios, pois fazem parte do grande mistério da vida. Isto não impede, todavia, de apresentar a teoria da reencarnação como auxiliar, na perquirição da incógnita.

Há coisas que não se explicam por A+B, mas que os próprios sábios consideram axiomáticas.

O PODER DA ORAÇÃO NAS PLANTAS

A propósito de um livro americano intitulado «The Power of Prayer on Plants», escrito pelo reverendo Franklin Loehr, que afirma ter demonstrado que as orações positivas podem fazer crescer as plantas mais depressa, o sr. R de Biase dá-nos uma página bibliográfica em *La Conciencia*, de Buenos Aires, alusiva a certas afirmativas do padre.

Diz este que as orações negativas podem retardar e até impedir o crescimento.

«— Já fez milhares de experiências — escreve o articulista — e no livro aparecem fotografadas muitas plantas que receberam o influxo das orações. As experiências são sérias e o autor solicitou sugestões e auxílio para a planificação e condução do seu trabalho ao Dr. J. B. Rhine, a quem agradece a sua ajuda».

«Estas experiências — continua o comentarista — fazem lembrar as do doutor Paul Vasse com sementes lançadas na terra ao mesmo tempo. Em cada metade de uma tina colocava igual número da mesma espécie e, durante 15 minutos, diàriamente, um sensitivo, colocado a metro e meio de distância das sementes, procurava acelerar o crescimento das que se encontravam na metade direita, imaginando vê-las crescer fortes e robustas. O resultado era satisfatório.

«Sobre o crescimento das plantas, lembramos que certa vez um radiestesista nos mostrou no seu jardim várias plantas com flores, cujos talos eram mais longos do que os das plantas vizinhas, porque — dizia ele — as fixava todos os dias carinhosamente, afirmando que as fazia crescer «com os olhos».

«Outro investigador usava a música para o efeito. Na revista *Fate*, dos Estados Unidos, dizia ele em Abril de 1959 que as experiências foram realizadas pelo Dr. Singh, o qual, durante oito anos, se baseou nos trabalhos de sir J. C. Bose, investigador falecido, a quem se deve a descoberta de que as plantas são sensíveis e reagem a estímulos externos. O Dr. Singh crê que os bons resultados obtidos eram devidos às vibrações sonoras que bombardearam as paredes celulares das plantas, agitando os protoplasmas e o núcleo contidos nas células. Segundo ele, essa agitação faz acelerar o crescimento».

Finalmente, R. de Biase cita as experiências do Dr. Miyamoto que, partindo do descobrimento feito por um sábio espanhol que observou o crescimento acelerado das plantas durante as chuvas, conseguiu em 1926 obter a hormona *auxesina* (do crecimento em questão) em forma líquida. Em 1943, vivendo em Rosário, obteve-a em pó, e, dez anos depois, conseguiu-a em pedra ou torrão. Pôde assim obtê-la em forma ilimitada. Com ela consegue acelerar dez vezes o crescimento normal das árvores e num ano cria bosques que, normalmente, levaria oito ou nove anos a formar.

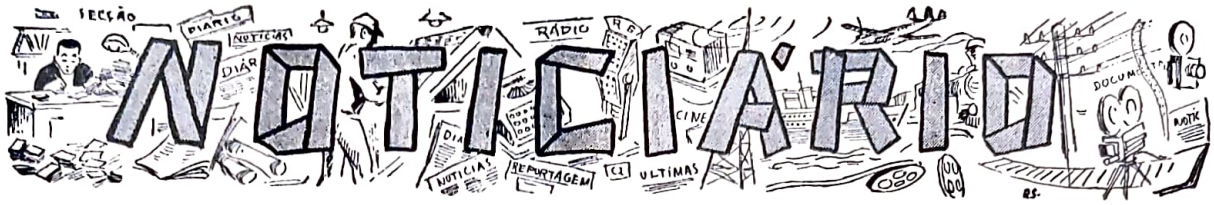
«KARDEBRAILLE»

Recebemos e agradecemos a remessa da publicação *Kardebraille*, órgão da Sociedade Pró-livro-espirita em Braille (SPLEB), do Rio de Janeiro.

Esta pequena, mas bem cuidada revista trimestral acaba de distribuir o seu n.º 4, comemorativo do sétimo aniversário da SPLEB.

Além de abundante noticiário, principalmente sobre as actividades desta prestimosa agremiação, publica em sua parte editorial os seguintes tópicos: «Importância do Livro Espirita em Braille», «As Pioneiras Finalidades da SPLEB», «Kardec e Braille» e «Realização da SPLEB».

Fazemos votos para que esta jovem irmã se projecte nos meios espiritas com a mesma rapidez e segurança da instituição que representa e a lançou — a Sociedade Pró-livro Espirita em Braille (SPLEB), visto que sai a lume em Braille e em caracteres comuns.



AS NOSSAS SESSÕES

O *Grupo «Ernesto Bozzano»* apresentou no dia 19 de Julho, no *Centro E. Luz e Amor*, o sr. Sebastião Ramalho, espirita convicto e nosso dedicado consócio, cuja estreia em público constituiu mais uma feliz *descoberta* deste Grupo.

Com efeito o sr. Sebastião Ramalho, dotado de verdadeiro espírito criador, começou por enumerar alguns dos seus inventos já patenteados, entre eles, um bebedouro para pombos, que não deixa entornar a água, mesmo virado, um dispositivo para automóveis, no sentido de impedir o encadeamento, uma ponte de concepção especial para a travessia do Tejo, etc.

No campo espirita pròpriamente dito, construiu um aparelho de concepção simples, mas engenhoso, capaz de canalizar na mesma direcção e sentido o *antropoflux* e os raios infravermelhos.

Referiu-se às tentativas que realizou para encontrar uma lâmpada de intensidade ideal. Com o referido instrumento — disse ele — tem obtido resultados importantes no campo terapêutico.

Falou em seguida das experiências que realizou, com soro fisiológico magnetizado, em cobaias preparadas com diferentes doenças.

— Os resultados parecem muito satisfatórios — afirmou —. Numa delas, portadora de tuberculose, a cura manifestou-se ràpidamente.

Por fim realizou algumas experiências em dois assistentes, com resultados positivos.

António Cardoso congratulou-se com a magnífica sessão que Sebastião Ramalho havia proporcionado; e a assistência, que enchia por completo a sala, testemunhou o seu apreço e agradecimento ao ilustre confrade, com uma grande e espontânea salva de palmas.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 26 de Junho, a nossa consócia e colaboradora Adelaide Ivone de Sousa realizou no *Centro E. Luz e Amor* a sua anunciada conferência, sob o título «Considerações sobre o Karma». Com grande à vontade expôs durante uma hora o tema escolhido, ora lendo, ora falando e mantendo sempre a assistência presa da sua palavra fluente.

Ivone de Sousa, que é excelente improvisadora, já tem exposto problemas de alta transcendência no estrado do nosso Centro e a assistência habituou-se ao seu verbo fácil e convincente, razão por que todos a aplaudimos sem reserva.

No dia 10 de Julho, o nosso companheiro António Cardoso realizou também uma conferência no Centro E. Luz e Amor, intitulada «O Mistério da Corda Indiana», ou seja um fenómeno curioso que se pode resumir assim: um faquir ou iogui tira uma corda enrolada de um cesto, levanta-a e a corda fica suspensa, desafiando as leis da gravidade. Um ajudante do faquir sobe pela corda e desaparece. O faquir segue o ajudante e desaparece também. Ouvem-se gritos, ninguém compreende e vêem-se cair os membros e a cabeça do que subiu primeiro. O faquir desce em seguida, dá um pontapé nos restos do corpo do ajudante e este surge completo.

Este caso, que foi relatado por Jean Boulé numa revista francesa, apresenta três questões.

1.ª — Porque motivo o fenómeno só foi visto na Índia?

2.ª — É possível produzir o fenómeno, partindo dos conhecimentos metapsíquicos?

3.ª — Resultado do que se tem feito no assunto.

O conferencista desdobrou o seu trabalho para responder a estas perguntas e concluir pela impossibilidade do fenómeno, afirmando que o actual Duque de Windsor andou pela Índia a oferecer grandes quantias a quem o produzisse, mas ninguém apareceu a habilitar-se ao «prémio».

O presidente da Direcção que presidiu à conferência, comentou o trabalho de António Cardoso, exaltando o seu espírito observador.

O ESPIRITISMO EM SÃO PAULO

De 4 a 10 de Julho passado realizou-se em São Paulo a *2.ª Semana Espirita da cidade de São Paulo*. Todos os dias, à tarde e à noite, houve conferências e mesas redondas sobre a influência do Espiritismo nos diversos sectores da vida, lavrando sempre grande entusiasmo.

São Paulo é um alfobre de realizações que dignificam o nosso movimento; por isso estas *Semanas* são de alto proveito, não só para a Doutrina, como também para o intercâmbio ideológico e melhor conhecimento dos propagandistas. Não há nada mais útil do que a troca de impressões directas. Já tivemos ocasião de assistir a certames desta natureza e ficámos deveras emocionado com a sinceridade e o entusiasmo dos assistentes.

UM LEGADO

O nosso saudoso consócio Eduardo Barbosa da Fonseca, desencarnado há tempos, contemplou os necessitados protegidos pelo *Centro Espiritualista Luz e Amor* com 2.000$00. Pena foi que o fisco exigisse 26 % sobre esta importânportância, motivo por que só recebemos 1.480$00.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

FÉRIAS DO CENTRO

Em 17 de Julho encerrou os trabalhos o *Centro Espiritualista Luz e Amor*. No entanto, os nossos consócios poderão ser atendidos todos os dias úteis, para efeitos de compra de livros e recepção de quotas.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Mês de Julho — Anónimo, de Moura, 20$00; Outro anónimo, 20$00; Sócia 1310, 30$00; Aurélio Augusto Sampaio, 20$00; Manuel Gago, 5$00; A. M. Silva, de Lisboa 120$00; J. Passos, 40$00; B. C. M., 56$00. *Total* — 311$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação 45$00

Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes ..... 38$00

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00 ..... 30$00

Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado ..... 130$00

Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus ..... 50$00

Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal ..... 36$00

Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» ..... 30$00

Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas ..... 30$00

Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.

1.° vol. — **A Caminho do Abismo**, passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572 ..... 30$00

2.° vol. — **Senda de Espinhos**. A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta ..... 30$00

3.° vol. — **Estrada de Damasco**. Quadros da vida humana numa fazenda brasileira ..... 30$00

O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espíritas — encadernado ..... 40$00

Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos ..... 54$00

br.

Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire* ..... 25$00

Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise ..... 25$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança 60$00

Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 120$00

O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00 ..... 50$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00 ..... 35$00

Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel ..... 20$00

Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos ..... 50$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos ..... 35$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódio da sua vida ..... 40$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor 35$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz da Nova Psicologia, por *Isidoro Duar Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu—enc. 35$00 20$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 40$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00 ..... 20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: O Transitório, da **Redacção;** Terminologia Espirita, Um Problema, pelo **Coronel Delfino Ferreira;** Uma Revelação do Astral, por **Vasco de Lemos Mourisca;** Um Pesadelo da Humanidade, por **Cyrilo Alleixo;** Orar de Pé, pelo **General Levino Cornélio Wischral;** As Maiores Histórias Psíquicas do Mundo, por **W. F. Neck;** Passeio de Confraternização a Venda Seca; As Provas e a Morte, por **Léon Denis;** Convite para a Morte, por **Margaret Witmore;** António J. Trindade, Presidente da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, de S. Paulo, Continua o Seu Depoimento; Não Conhece a Língua Em Que Fala; O Que Vi no Brasil por **António Cardoso;** O Conhecimento Supranormal, por **Adelaide Ivone de Sousa;** A Senhora Gilliard, por **Pierre Neuville;** Espiritualidade - A Lição da Fé, Mensagens de **Lia;** Não Há Morte, por **Florence Marryat;** Filosofia, por **Carlos Imbassahy;** O Meu A B C do Espiritismo, por **Maria Inês Sena;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

A SENHORA GILLIARD

(Ver pág. 280)

21.º ANO SETEMBRO DE 1960 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, SETEMBRO DE 1960 | N.º 9

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
L I S B O A — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

O TRANSITÓRIO

O que vai pelo mundo ultrapassa a compreensão dos políticos, sociólogos e filósofos mais abalizados. Um vento de insânia varre a humanidade, arrebatando às almas o que possuem de mais belo e lançando-as na voragem das paixões. O transitório sacode o falso permanente, varre poeira secular, crucifica, ergue barracos entre homens e nações. A confiança desapareceu do convívio de quem trabalhou pela paz do mundo e tudo parece voltar à barbárie, ao «homem lobo do homem», à lei brutal do mais forte.

A terra e o mar conjugam-se na concorrência do mal dominado pelo transitório, que não tem mãos, nem pés, nem dentes, mas que age à semelhança de monstro invencível, surdo ao clamor dos justos que se acocoram ante a filáucia de réus guindados a senhores ou a juízes.

O direito, que era privilégio de povos e cidadãos, entrou no ferro-velho da história, com a truculência a vigiar os actos magnânimos e o impudor mascarado de inocência.

Vergados sobre arquivos poeirentos, os génios endoidecem em busca de elementos que não vêem, porque, em termos de lógica, é impossível relacionar os efeitos às causas.

O transitório não tem lei e por isso não lhe obedece. Avança, recua, estaciona, explode, grita ou emudece, sem motivo aparente. É como a onda que se ergue da superfície plana e rola incoercível, espadanando e enrolando o que encontra. Perguntem-lhe o segredo do seu acto e não responderá. A onda não sabe porque avançou na superfície plana. O transitório também não sabe porque destrói ou constrói. Ora é cilindro que amachuca, ora semente que rompe a crosta, em demanda de liberdade que o nepotismo cerceou. Levanta-se como águia das alturas e acende labaredas nas multidões ignaras.

Mas às vezes arrasta o lodo na fundura e trá-lo à superfície, turvando as águas claras.

Quando surge, algo está para acontecer. Nos povos ou nos indivíduos. E o facto instala-se. Primeiro, nos espíritos, depois, na sociedade. É imponderável e insuperável. É meio que um poder mais alto estabelece no sentido da eterna harmonia.

Por muito que pensemos, não assimilamos a sua vantagem. Estamos habituados a teorias simples e sobre elas assentamos alicerces de edifícios complexos. É necessário aprender novas técnicas correspondentes a novos tempos.

No fim de uma era há desordem nas gerações. Uns e outros se entrechocam em ideias e sentimentos e prevalece o mais perfeito, o mais racional, o mais lógico. Discordância nem sempre é conflito. É indício de progresso, que pode escapar à cogitação do sábio e perdurar na alma do ignorante.

E o transitório atinge o que parece duradoiro.

As paixões suavizarão seus ímpetos. Os tempos sofrerão mudanças essenciais e o homem deixará de ser lobo do homem.

É para isso que trabalha o Espiritismo. A sua propaganda é base de harmonia futura, em que o homem seja, realmente, homem, dominador de vícios e construtor de felicidade. A moral que propaga é consequência da sua filosofia. Assim, o transitório não afectará jamais a perenidade deste ideal vivo, que do espírito passa ao coração, onde é sentido e radicado.

Há inconformismos que não se abarcam. Estão fora da época. O transitório se encarregará, também, do seu extermínio. Aquele inconformismo sistemático de cor ou de som, sem evolução coerente, que emperra a máquina.

Será isto pôr nos eixos o que anda fora deles? O fósforo que alguém acende pode causar enormes labaredas. Mas também serve à boa refeição. Queima, quando a mazela o reclama, e acalenta, quando o acordo reúne as almas em míngua de harmonia.

O que vai pelo mundo ultrapassa a compreensão dos homens, que parecem autómatos num mar de fogo e lama. Há mistérios que os circundam. Neles, o transitório avança, recua estaciona. É como a onda que se ergue da superfície plana. Ainda bem, que é transitório ...

Terminologia Espirita, um Problema

Escreveu o Coronel Delfino Ferreira

Já nos meus primeiros passos na divulgação do Espiritismo, lá para a segunda metade de 1940, na então *Liga Espirita do Brasil*, hoje do *Estado da Guanabara*, me apercebi desse problema, e, daí, proferi na respeitável entidade, aos 15 de Janeiro de 1942, uma palestra que subordinei ao título «Conflito de Palavras» ... O problema, porém, continua problema; e eu a me angustiar.

Uma das faces da questão se encontra nas adjectivações: A isto não tem escapado nem mesmo o vocábulo criado especialmente para a nossa Doutrina, ou seja para o *Espiritismo*.

O Codificador justificou plenamente a impropriedade da denominação *Kardecismo*, dado que a doutrina lhe deve tão só a codificação, a que pertence também o trabalho e a inteligência no buscar, nas comunicações do além, o material justo e necessário aos fins do grande movimento de ideias a que, afinal, denominou *Espiritismo*, por pertencerem aos Espíritos os termos e fundamentos da Doutrina. Daí caber-lhe exclusivamente o termo *Espiritismo, sem mais nada*. Entretanto ouve-se por todos os cantos falar de Espiritismo Kardecista, Espiritismo Kardeciano, Espiritismo Cristão, Espiritismo de mesa (?) e até o absurdo de Espiritismo de Umbanda ...

O pior de tudo é que o erro vai ganhando fora de cidade ... tornando-se coisa irremediável.

Em certos casos um espírito de boa vontade, de compreensão, de tolerância pode ladear o problema por simples transposição de palavras. Está no caso a denominação de *Espiritismo Cristão*, de vez que a Doutrina Codificada se apoia na promessa do *Novo Consolador* feita por Cristo Jesus, e daí pretender restaurar o Cristianismo em sua verdadeira finalidade, tanto mais, quanto Allan Kardec, buscando dar à filosofia científica que o Espiritismo é, uma feição sentimental que falasse um tanto mais directamente ao coração, compreendendo mesmo a acção de uma lei natural, qual a do sentimento da eterna presença de Deus, a que o «Livro dos Espíritos» denomina *Lei de Adoração*, mas não querendo estabelecer com o Espiritismo uma nova religião, e entendendo também, muito sàbiamente por sinal, que qualquer religião se esboroa, se não a fizer elevada um alto sentido moral, donde, a rigor, Religião e Moral se confundirem num indisfarçável entrozamento, tomou para estrutura moral do Espiritismo, no Evangelho Cristão, não o seu todo, mas exclusivamente uma única de suas partes: o *Ensino Moral*. Atendamos bem: o *Ensino Moral*. Recorrendo, portanto, ao Evangelho Cristão, dele separou o joio do trigo, e garimpando nas águas daquela fonte de luz, escolheu, apurou o fundamental. Observou exactamente o conselho de Paulo de Tarso, isto é, examinou tudo e ficou com o melhor. Vale, destarte, reproduzir suas palavras, abrindo a *Introdução* de «O Evangelho, segundo o Espiritismo»:

> «Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos evangelhos: Os actos comuns da vida do Cristo; os milagres; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o *Ensino Moral*. As quatro primeiras têm sido objecto de controvérsias; a última, porém, se conservou constantemente inatacável. Diante desse código divino a própria incredulidade se curva. É terreno onde *todos os cultos* podem reunir-se; estandarte sob o qual podem todos colocar-se, *quaisquer que sejam suas crenças*, porquanto jamais se constituiu matéria das disputas religiosas».

Já por aqui se observa a compreensão de um sentido também universalista do Cristianismo doutrina moral, não *religião constituída*.

E, continuando a *Introdução*, esclarece o Codificador, um pouco adiante: «*Essa parte* (o ensino moral) *é que fará objecto exclusivo desta obra*», ou seja, dizemos nós, do «Evangelho Segundo o Espritismo».

E qual foi a Moral do Cristo? Algo particular, criação sua? Uma «nova» moral? Lembremo-nos de que a certa altura de seu Ministério, afirmou: «A moral que vos prego não é minha, mas sim do Pai que me enviou...» Moral divina, portanto, Moral natural, de todos os grandes Iniciados, precursores espirituais do Cristo. Moral fundamental de todas as religiões. Essa moral, entre nós denominada cristã, porque apresentada pelo Cristo, através de Jesus, é, portanto *única*. Por isto mesmo ouvimos no *Sermão da Montanha*, após o belíssimo e consolador prólogo, que esplende nas Beatitudes ou Bem-aventuranças, a

firme advertência: «Eu não vir destruir a Lei, mas sim esclarecê-la».

É, por conseguinte, sob certo aspecto, limitadora; sob outro, redundante, a expressão *Espírito Cristão.*

Dado, entretanto, que se entenda imperativo o declinar da condição de cristão, diga-se, então: *Cristianismo Espiritual,* cristãos espiritas, etc. Com isto manteremos o ideal de *Espiritismo Universalista,* sem escondermos a fé cristã, uma vez não sabermos bem o que dizemos, ao que parece, quando afirmamos ser o Espiritismo o Cristianismo redivivo...

A propósito, confirmando o adágio: «conversa puxa conversa», vem-me à lembrança uma ocorrência na *Cruzada dos Militares Espiritas.* Entre suas actividades realiza-se ali, aos domingos, pela manhã, uma reunião, em realidade de estudo e prece, sob a denominação de *Culto Cristão Espirita.*

Não obstante seu associado desde 1946, sòmente a partir de Junho de 1953 passei, a princípio mais espaçadamente, depois mensalmente, a actuar naquelas reuniões. Então denominavam-se *Culto Espirita Cristão.*

Aos poucos fui demonstrando estranheza pelo «*Espirita Cristão*», até que, por fim, em 1957, determinou-me o irmão Presidente, Sr. General Duque-Estrada, propuzesse por escrito, justificando devidamente, a adopção da fórmula *Culto Cristão Espirita,* com a qual, aliás, se confessou de acordo.

Após indispensáveis preliminares julguei preciso recordar algo de pacífico no nosso Movimento, relacionado com o caso em pauta, como, por exemplo, afirmar-se:

A) no Espiritismo não há culto.

B) O Espiritismo é a *Terceira Revelação.*

Resolvendo por partes, assim nos manifestámos:

«I) Quanto ao inciso A:

«Não nos parece certo afirmar-se não existir *Culto* na prática do Espiritismo, de vez ser ele Ciência, Filosofia e Religião. Ora, religião é o sentimento íntimo de convicção da existência de Deus; e *Culto* a homenagem, a veneração, adoração que lhe tributamos. O que se impõe é não ritualizarmos esse culto, que não deve ultrapassar a feição de acto de veneração, louvor e gratidão a Deus — *sòmente a Deus* — e da forma mais simples e espiritual possível.

«A propósito parece-nos comportável considerar-se o culto sob vários ângulos:

a) interior

b) exterior

em relação ao homem.

c) interno

d) externo

em relação ao ambiente.

«O culto será *interior,* quando rendido, pessoal e intimamente, no silêncio da meditação, da prece muda; sê-lo-á *exterior,* quando colectivamente, em estado de recolhimento espiritual ou concentração e prece no silêncio de recintos fechados e, sempre que possível, para tal exclusivamente destinados, isto, porém, não por motivo «religioso», antes, científico, de vez que a prece é, então, proferida em voz alta por alguém e acampanhada mentalmente pelos demais concorrentes ao culto, nada impedindo se faça, no momento, música espiritualmente elevada, executada por instrumentos nobres. «Desnecessário esclarecer que entendemos por culto *externo* e *interno* o realizado, respectivamente, fora ou dentro de casa.

«Nos termos dessa compreensão, em sua natural pureza de linguagem e sentimento, temos que os espiritistas podem realizar seu culto *interior, íntimo,* em qualquer parte, desde que saibam «*entrar em sua alcova*», na expressão esotérica de Jesus; e o *externo,* (aquele que toda a gente percebe que está sendo executado) sòmente com muita prudência se deverá realizar a céu aberto, em público, nenhum prejuízo, entanto, ocorrendo, se o local público estiver, no acto, ocupado apenas por crentes. Jesus o fazia nas praias, nos montes... Há razões de ordem psíquica para isto.

«*Concluindo,* pois, parece-nos *nada se opõe se continuem a denominar* «*Culto*» *as nossas reuniões domingueiras* e outras do mesmo género.

«Quanto ao inciso B:

«Examinaremos agora o nosso problema, face à afirmação de ser o Espiritismo «*a terceira revelação*», sem, todavia, discutirmos o mérito da afirmativa.

«Via de regra, uma ordem numérica indica sempre uma sucessão; e, inequìvocamente, a posição das três revelações, dentro de sua sucessão de estudo, além de uma ordenação no tempo e até mesmo no espaço, oferece ainda uma sucessão de hierarquia, porquanto não é de esquecer que em primeiro lugar veio a de Moisés, para um povo em formação, em busca de se constituir nação; em segundo, a de Jesus, aparentemente para uma nação constituída, embora escravizada, mas em verdade para toda a humanidade terrena. Após as duas, cerca de dois milénios sobre a segunda, surgiu o Espiritismo para toda a superfície da Terra, aparentemente para a sua humanidade, mas em verdade para a de todos os mundos habitados. Da revelação de Moisés nasceu — e assim se fez preciso — uma religião, o Mosaísmo, que com o tempo se modificou e se passou a denominar *Judaísmo.* Moisés, no desempenho da sua missão, afirmou que, mais tarde, Deus suscitaria «ao seu povo» um *outro Profeta.* Este veio e nele muitos viram o Messias esperado, Jesus, instrumento da segunda revelação. Da conduta do Cristo, segura linha de conduta moral, código de fraternidade, compreensão e amor, os homens — *não Ele* — fizeram outra religião, a que denominaram, anos após a sua morte, *Cristianismo.*

«Essa nova religião chocou-se fundamentalmente

com o Judaísmo, que ainda hoje o repele. Mais tarde choca-se com o Paganismo greco-romano. Por fim cinde-se em duas «igrejas»: a Romana e a Grega (Do Ocidente e do Oriente). As cisões continuaram e aí temos um cristianismo multiforme, donde o nome *Cristão* nada mais significar de positivo; tal se dá com o de *espiritualista*. E o mais triste é que nenhuma das igrejas ditas cristãs observa a pureza da doutrina do Cristo, cujo ideal: um só rebanho, — a *Igreja Universal* — sob um só Pastor, ficou para futura realização. A filantropia tomou o lugar da caridade, filha do amor. E quando tudo parece descambar para o caos, cumpre-se a promessa do Cristo, tal como Jesus fora a de Moisés. Vem, então, o Espiritismo, proclamado *terceira* revelação. Vem, porém, com que missão? Com que fim? *Restaurar o Cristianismo*, isto é, melhor dizendo, a doutrina do Cristo para realização dos seus altos destinos. Destarte, pois, que cumpre, de imediato, ao Espiritismo?

«Ao Espiritismo, dado ser o *Novo Consolador* prometido para restaurar a doutrina do Cristo e criar a sua igreja — A *Igreja Universal* — («igreja» no sentido de assembleia dos crentes, não de religião constituída desta ou daquela forma) cabe o dever imprescindível de começar por estabelecer esse *espírito de universalidade* daí não *constituir-se* em nenhuma religião, não *particularizar-se* em nenhuma forma de culto, de rito, de crença, mas *agir, para, com o tempo, tornar-se a religião (Igreja) Universal do Cristo*, do Cristo Espírito, assim, pois, còsmicamente considerado; não de Jesus, seu instrumento, por qualquer modo que se admita o haja sido, sem que com isto se desprimorem as sublimes virtudes do grandiloquente instrumento.

«Por isto, dentro do conceito kardequiano, o Espiritismo *não é uma Religião Constituída*, sim uma *filosofia científica de consequências religiosas*, visto que toca nas bases de todas as religiões, de todas as filosofias espiritualistas: Deus, a alma e a vida futura. Sua alta moral se fixa na *Lei Áurea* e na de *Causalidade*, bebidas na *Moral Cristã*, do Evangelho. Assim é que se apresenta, como o ideou o Cristo: uma doutrina universalista, que prega a existência de Deus, a da alma imortal e independente do corpo, a ele preexistente e sobrevivendo-lhe activamente após a morte. Com tais elementos de crença o adepto de qualquer religião poderá ser espiritista sem deixar sua igreja, até o momento em que será *apenas espiritista*. Por isto os cristãos, como os crentes de outra qualquer religião, repitamos, poderão adjudicar ao qualificativo de sua fé a qualidade de espiritista. Serão cristãos espiritistas ou espiritas, como o são católicos, ortodoxos, anglicanos, baptistas, etc., etc., mas nunca espiritistas ou espiritas católicos, espiritas budistas, ou espiritas maometanos ...

«O Espiritismo, sendo, como é, e não convém deixar de o ser, *universalista*, não pode receber qualquer designação particularista, dado que isto limitaria os seus horizontes, anulando-lhe, consequentemente, o sentido de universalidade e restringindo-lhe o campo da aceitabilidade. Qualquer designação, pois, mesmo a *cristã*, seria quebrar, demolir no edifício do Espiritismo o que ele oferece de melhor à humanidade: o espírito de fraternidade universal, sem cor religiosa (de seita, tal como não a possui) racial nem política».

E concluimos, opinando:

«Daí podermos realizar, nós, que continuamos cristãos, dentro de uma fé iluminada pela doutrina, mais adiantada, do Espiritismo, o nosso *Culto Cristão Espirita*, ou, melhor, *Espiritista*.

«Proponho, pois, apenas, uma transposição de termos, que, no entanto, significa elevada compreensão dos altos objectivos e ideais do Espiritismo, em nada ferindo a fé cristã, e que, mantendo intocada a universalidade da nossa doutrina, cria apenas uma outra divisão na já tão dividida grei cristã».

Esta proposta foi aprovada; mas, como o hábito do cachimbo faz a boca torta...

"O ESPIRITISMO NO BRASIL"

Eis como Almenara, **do Rio de Janeiro, se refere a este livro do nosso director, pela pena de Amadeu Santos:**

«Está no prelo um novo livro do conhecido e festejado escritor espirita português Isidoro Duarte Santos, director de Estudos Psíquicos, **revista de propaganda espirita que se edita em Lisboa. A obra em apreço está sendo editada no Brasil, por Ozon-editor e se acha em vias de conclusão. Trata-se de um livro curioso, de impressões da viagem que realizou no país a convite dos espiritas brasileiros, repleto de lances de real interesse doutrinário, de vivacidade e colorido ímpares, mostrando, por meio de reportagens atraentes, aspectos vividos da actividade brilhante dos espiritas brasileiros das várias unidades da Federação Brasileira. De pronto serão colocados ao alcance do público amante da sadia e proveitosa leitura, dois volumes com mais de 600 páginas.**

Num futuro próximo será publicado o terceiro e último volume.

«A obra está vasada em elevada e atraente linguagem, envolta em estilo cintilante, límpido e terso. Estamos certos de que o novo livro do amigo e querido Isidoro será mutíssimo bem acolhido, alcançando retumbante sucesso de livraria.

«É com entusiasmo que o recomendamos a quantos tiverem ensejo de nos ler. Quem adquirir «O Espiritismo no Brasil» só terá motivos de se felicitar».

UMA REVELAÇÃO DO ASTRAL

por Vasco de Lemos Mourisca

Pelos meados da terceira dezena do século, frequentava eu a Faculade de Direito da dionísica Universidade de Lisboa, quando ocorreu o caso que vou contar, de que dou testemunho presencial e, até, interveniente e que aconteceu com pessoas felizmente vivas.

Um amigo meu, companheiro de todos os dias, ao tempo estudante semi-interno de um Colégio de Lisboa, tinha um sobretudo de pêlo de camelo, que um parente lhe havia trazido de Paris.

Como disfrutava de uma consideração especial, por parte dos Directores do Colégio, comia com eles à mesa e punha o seu sobretudo no bengaleiro privativo da Direcção.

Era restrito o número de pessoas que cruzavam aqueles aposentos.

Um dia, o sobretudo não estava no local em que havia sido pendurado, pelo meu amigo, meia hora antes.

Investigações internas, primeiro, Polícia Judiciária, depois, mas todas as diligências resultaram infrutíferas.

Por essa época, vivia eu no Altinho da Junqueira e frequentava, em Belém, a ilustre casa de umas senhoras, onde, de quando em vez, se faziam umas sessões de espiritismo, em que eu intervinha como médium psicográfico.

Levei lá o meu amigo, algumas vezes. E, numa delas, a minha mão, sem a mínima consciência minha, fez repetidas vezes a assinatura exacta do já ao tempo malogrado filósofo Dr. Leonardo Coimbra, que havia sido professor daquele meu amigo, no Porto, mas que eu não tinha conhecido nem de vista.

O meu amigo ficou muito impressionado com a assinatura, que logo reconheceu, porque o Dr. Leonardo Coimbra havia sido seu amigo e, a quando da sua morte, tivera um grande desgosto.

Ocorreu-nos perguntar pelo sobretudo.

Claro, hoje, noto que a pergunta não deveria ser feita. Mas, ao tempo, a ignorância da adolescência autorizava a ousadia.

Entretanto, a resposta veio pronta, nestes termos rápidos: — «O sobretudo aparecerá». Assinado: Leonardo Coimbra.

O meu amigo aceitou a afirmação como um axioma e fez parar imediatamente toda a investigação, como se o assunto tivesse deixado de lhe interessar. E nem queria que lhe falassem no caso!

Mais ou menos uma semana volvida, um condiscípulo do meu amigo chamou-o de parte e, pedindo-lhe muito segredo, confessou-lhe haver sido o autor do furto. Empenhara o sobretudo, para obter um dinheiro de urgência, que não tinha podido pedir ao seu avô, que se encontrava muito doente. Agora que o seu avô estava melhor, esperava o meu amigo, que lhe restituiria o sobretudo.

E, uns dias volvidos, o sobretudo voltou a estar pendurado no bengaleiro privativo dos Directores do Colégio.

Este episódio aconteceu com a minha fraca intervenção mediúnica, vão lá uns vinte e tal anos, nos meus saudosos tempos de estudante da velha Universidade de Lisboa.

Por mim, repito, não conhecia a assinatura do Dr. Leonardo Coimbra, que nunca tinha, sequer, visto. Mas o meu amigo reconheceu-a logo. E várias pessoas, que a conheciam, não tiveram dúvidas em afirmar que era a do ilustre filósofo.

Quanto à revelação, saiu certíssima, numa altura em que a hipótese nem, mesmo, havia sido posta, antes se admitia a entrada de qualquer pessoa alheia ao Colégio, que não tivesse tido tempo de fazer dano maior.

Note-se que a revelação astral não denunciou ninguém. Limitou-se a anunciar que a coisa perdida voltaria à posse do seu dono. Quer dizer: actuou como um tranquilizante.

E, a terminar, faço minhas as palavras de Jesus Nazareno, tantas vezes repetidas nos Evangelhos: — «Entenda quem souber . . .»

UM PESADELO DA HUMANIDADE

Por Cyrilo Alleixo

I

OS DESASTRES

Através da imprensa e da rádio, chega-nos diàriamente de todo o mundo um avultado número de notícias sobre variadíssimos desastres, desde os vulgares atropelamentos às mais horríveis tragédias, em que inúmeras vidas são sacrificadas, em holocausto a esse pesadelo da humanidade.

A leitura do noticiário relativo a essas ocorrências, desperta nas almas sensíveis um vivo sentimento de angústia, sintonizando-as com as dolorosas vibrações desses momentos horríveis, gravadas indelevelmente nos arquivos acásicos, repositórios de todos os acontecimentos do universo.

Lastimam-se as pessoas atingidas, consideradas no geral vítimas inocentes do destino, que nestes casos se nos afigura implacável, associando-se quase sempre o sucedido à ideia de Deus, ou para radicar ainda mais a descrença na sua existência, ou para nos colocar ante a velha incógnita de que existindo Deus e sendo a sua bondade infinita, porque razão permite tais desgraças.

Há, na verdade, tragédias tão duras, que se não houver a necessária preparação, com base nas verdades eternas, não é possível conciliá-las com a existência de um ser soberanamente bom e justo.

É por falta desses conhecimentos, que a maioria da humanidade se debate entre o fanatismo e a descrença, sendo incapaz de dar solução aos principais problemas da vida.

De um lado a fé cega, produto de mentalidades cristalizadas na rotina e na ignorância, de outro a negação de qualquer princípio superior presidindo aos destinos da criação, entregues, segundo tal forma de pensar, a um bem estranho acaso.

E os desastres se vão dando em todas as latitudes do globo, como que a convidarem-nos à meditação e ao estudo de sua razão de ser, envoltos que se apresentam em denso véu de mistério.

Bem se esforçam os terrícolas por lhes pôr termo, mediante providências de toda a ordem, mas, num impulso irresistível, eles se deslocam e se multiplicam em ritmo desconcertante, mau grado as medidas adoptadas, num hercúleo desafio aos pobres recursos humanos.

Aperfeiçoam-se veículos e maquinarias, dotando-os de novos aperfeiçoamentos com vistas à sua eficiência, suprimem-se passagens de nível; criam-se novos sistemas de segurança e, não obstante, em vez de diminuirem, os desastres se vão espalhando cada vez mais, como se as medidas adoptadas produzissem resultados contraproducentes.

Desnorteados, os homens procuram por todos os meios solucionar tão magno problema, mas, a despeito de todas as providências possíveis e imaginárias, os acidentes continuam a espalhar o luto neste planeta sofredor.

Aqui, o descarrilamento de um comboio, numa amálgama de ferros retorcidos e corpos decepados; além o braseiro de um avião, despenhado em hora trágica, ou o sinistro marulhar das águas tragando o luxuoso transatlântico abarrotado de passageiros, ou ainda o choque ou a queda no precipício de veículos, manobrados, segundo se crê, por mãos imprevidentes, enfim, um sudário de amarguras, estendendo seu manto de crepe em todas as regiões do globo.

Ao verificarem-se as circunstâncias em que os desastres se dão, conclui-se no geral, que teria sido bem fácil evitá-los. Bastava isto ou aquilo, atender a este ou àquele preceito, coisas ínfimas, por vezes autênticas bagatelas, mas a que se não atendeu o porquê?

E o que se torna estranho e desconcertante, é o facto de os acidentes tanto atingirem as pessoas pouco cuidadosas, como aquelas cujo excesso de zelo mais parece um defeito do que uma virtude e porquê também? Por que razão pessoas particularmente previdentes são tantas vezes atingidas?

Foi num momento de distracção, diz-se; mas se habitualmente são tão precavidas, qual o motivo dessa distracção e por que ocorreu precisamente no instante em que sem ela o acidente não teria tido lugar?

Pura coincidência, mero acaso, dir-se-ia; contudo a explicação é bem diferente.

II

SUAS CAUSAS

A humanidade, eivada de erros e superstições, que a cegueira de uns e a indiferença e conveniência de outros vêm mantendo através dos séculos, quando se vê na necessidade de solucionar seus problemas, geralmente o faz no sentido material, onde julga residir acausa de todos os males que a afligem.

Ignora, pois, a existência de outros âmbitos, onde a causa real dos sofrimentos mergulha suas raízes e, enquanto assim se mantiver, jamais conseguirá bani-los da face do planeta.

Tudo o que se fizer a esse respeito, não passará de simples paliativo, destinado, não a resolver a questão, mas a fazer com que ela tome novo aspecto.

Se uma passagem de nível é suprimida, por exemplo, evidentemente que nesse local não poderão voltar a ocorrer acidentes como os anteriores, mas estes que, por uma lei ainda pouco conhecida, têm de ser levados a efeito, dar-se-ão noutros locais, atraindo aí as pessoas visadas, seja onde for que as mesmas se encontrem.

Suprimem-se mesmo todas as passagens de nível do globo, acabando-se assim de vez com os seus inconvenientes. Certo que não mais voltarão a ter lugar os desastres que lhes são peculiares, mas a força que os comandava passará a agir noutro sentido, apresentando-os sob novas facetas, em obediên-

cia a desígnios, cujo cumprimento é imposto por leis extraterrenas.

Contra isso é que a humanidade tem lutado em vão, perdendo tempo e energias na solução de um problema que se lhe afigura inteiramente material, mas que o não é.

Dominados ainda pelas influências primitivas que caracterizaram o ciclo anterior, desesperadamente nos agarramos a todas as suas sensações, como se para lá desse pequenino mundo nada mais houvesse digno da nossa atenção, assemelhando-nos assim às criancinhas, que nda admitem além dos seus brinquedos e folganças.

Assim como em certas idades menineiras se torna intolerável a ideia de pormos de parte os objectos de nossos lazeres e muito menos trocá-los por ocupações sérias, dada a sua incompatibilidade com nossos pontos de vista infantis, assim também, subjugados por velha rotina que não temos procurado dominar, nos encontramos actualmente em bem crítica situação.

Com efeito: chegados a uma curva da evolução, em que nos compete vencer mais uma subida e desembaraçarmo-nos de muito lastro já inútil, seremos forçados a fazê-lo sob o aguilhão da dor, recurso infalível com que a grande Lei nos impele para a frente.

Preconceitos de raça e de religião, velhos hábitos adquiridos através dos tempos, reflexos dos erros de uma época que está prestes e exaurir-se, terão de ceder lugar a uma nítida compreensão do que somos e da nossa posição no universo, para, firmados na certeza da nossa finalidade, encaminharmos os passos noutra direcção, modificando assim uma rota que nos conduziria infalìvelmente a doloroso vácuo.

Voga-se na vida, por assim dizer, inconscientemente, ao sabor de ventos precursores de tempestade, atraidos para alvos efémeros, erguidos em poeira de ilusões —, que um baquearão fragorosamente ante o sopro purificador da brisa espiritual —, relegando para plano secundário, ou para o reino das quimeras, nossos legítimos deveres perante a vida e o universo.

Componentes que somos da grande sinfonia universal, nossos instrumentos desafinados são uma nota falsa na harmonia do cosmos, desacertados que estamos com a batuta sideral.

Que esperamos nós de tanto erro e incúria, senão uma dolorosa correcção, a fim de abrimos os olhos à luz da verdade?

Do berço à tumba, entre o primeiro vagido e o último alento, a vida se dissipa contìnuamente no louco afã de servir o animalzinho, que teima em conservar-se na toca milenária, resistindo a tudo que, deligenciando quebrar tal encanto, procura levar-nos lá para fora, para o sol meridiano, dissolvente dos miasmas que estiolam a alma.

E como o universo é um conjunto de leis harmónicas, em obediência a um princípio ordenador visando a suprema perfeição, leis que tudo regem, desde o infinitamente pequeno ao infinitamente grande, nada existindo, portanto, que se lhe possa subtrair, o homem se encontra em falsa posição, dada a sua ignorância a esse respeito.

Vive-se, pois, por assim dizer, a priori, sem cuidarmos de ver se estamos ou não acertados pela legislação suprema, que para muitos não passa de simples produto da fantasia e o resultado de tudo isso é acertarmos só por acaso, o que nos coloca perante tremenda responsabilidade.

Não há castigos na criação, mas simples correcções, aliás indispensáveis, de contrário tudo tenderia para o caos universal.

Nem desforras, nem vinganças, mas colheita obrigatória de nossas sementeiras, para aprendermos assim a preferir a boa à má semente, ou, por outras palavras, para aprendermos a harmonizar nosso livre arbítrio com as leis divinas.

A cada desilusão colhida, a cada sofrimento rematando nossas leviandades, uma lufada de ar puro e vivificante nos penetra a alma, aniquilando uns tantos germes negativos, responsáveis pelo nosso apego ao lado temporal da vida.

Se numa existência colhemos o que nas anteriores semeámos e se os habitantes deste mundo são, em grande maioria, espíritos infantes, desconhecedores das grandes leis que nos regem, não é de estranhar que a dor impere soberana, acorrendo solícita ao chamamento dos mortais, através de seus erros e imprudências.

Não admira, então, que as maiores calamidades tenham desabado e continuem a desabar sobre nós e que só cessem, quando, conscientes de nosso papel, soubermos acatar os preceitos divinos.

E assim, os mais variados e graves acidentes surgem em toda a superfície do globo, não como resultado exclusivo de deficiências materiais, ou de simples incúria humana, mas como rectificadores de nossos erros passados, para o reajustamento com o majestoso ritmo universal.

III

COMO ELIMINÁ-LOS

Por isso, por mais que o homem se esforce em acabar com os desastres, enquanto não sair do campo objectivo, onde erradamente situa suas causas, jamais conseguirá atingir o que pretende.

E assim, não obstante as medidas adoptadas, continuarão a ter lugar onde e quando as leis imponderáveis o entenderem, reclamando para suas vítimas, não criaturas inocentes, mas todos, quantos, pela natureza dos débitos contraídos, hajam caído sob a sua alçada, para a necessária reabilitação.

Em vez de pragas e maldições, acusando de má e injusta essa intervenção oculta, antes a exacta compreensão do seu significado e a certeza de que está em nossas mãos acabar com tal estado de coisas.

O homem cuja vida decorre no meio das ilusões dos sentidos, revolta-se com a maior facilidade, quando as coisas não correm ao sabor da sua fantasia.

Não cuida de saber se há ou não um poder superior ao qual está subordinado. Em seu entender, ele se julga o centro de um universo em torno do qual tudo deve gravitar e, quando assim não sucede, sofre e revolta-se, não hesitando, muitas vezes, em lançar mão seja do que for, para que todos sejam seus vassalos e lhe rendam o culto a que se julga com direito.

E assim se perpetram as maiores violências e injustiças, num tolo à vontade, como se não existisse um outro poder velando pela harmonia do cosmos, com sua inexorável intervenção, onde e quando for necessário.

Na obra da criação, tudo foi delineado de forma a assegurar-lhe uma perfeição absoluta e ao homem, minúscula partícula do todo, não lhe é dado conspirar contra essa augusta finalidade e assim, sempre que se desviar das normas celestes, encontrará pela frente a dor, impedindo-o de continuar nessa direc-

"RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA"

pelo Doutor GUSTAVE GELEY

Tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Chegou a 2.ª edição deste grande livro. É uma obra magnífica, englobando o resumo do Espiritismo filosófico, um estudo sobre a Reencarnação e os fenómenos físicos do Espiritismo, além de um vocabulário de palavras usadas em Espiritismo, Metapsíquica e Ciências Ocultas.

É uma obra subscrita por um dos maiores metapsiquistas mundiais e que é sempre oportuna.

Impressa em óptimo papel, constitui um dos melhores brindes que se podem fazer a um amigo.

Os assinantes de «Estudos Psíquicos» e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm um desconto de 15 %.

Preço — 30$00

COLECÇÕES DE "ESTUDOS PSÍQUICOS"

Temos em depósito lindas colecções de «Estudos Psíquicos», encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:

Ano 2.º	90$00	Ano 10.º	90$00
» 3.º	90$00	» 11.º	90$00
» 4.º	90$00	» 12.º	90$00
» 5.º	90$00	» 13.º	90$00
» 6.º	120$00	» 14.º	90$00
» 7.º	90$00	» 15.º	90$00
» 8.º	90$00	» 16.º	90$00
» 9.º	90$00	» 17.º	90$00
		» 18.º	90$00

DE ALGUNS ANOS RESTAM SÓ 2 OU 3 EXEMPLARES

ção proibida, admirável recurso esse que nos obriga a respeitar os sábios desígnios do Criador.

Em vão se tem procurado, através dos tempos, um remédio que tudo curasse, verdadeira panaceia para as misérias humanas; mas como as buscas têm sido feitas em direcção errada, ainda ninguém descobriu essa fórmula mágica da felicidade, da qual, infelizmente, a humanidade se vem distanciando cada vez mais.

Contudo, essa fórmula existe, é bem simples e está ao alcance de todos: a bondade.

É na bondade, nesse aprimoramento anímico, que ela se encontra, com suas promessas fagueiras de um porvir pleno de ventura.

Eis aí, pois, nessa fórmula a todos acessível, o remédio para as nossas misérias físicas e morais, a única panaceia que há-de transformar o mundo com a supressão do longo cortejo de males que nos afligem.

Com a bondade, a coluna «Deve» do nosso «Diário» se cancela para sempre, e, uma vez pagos os débitos de outrora, ficaremos quites para com a justiça divina, passando à colheita dos magníficos frutos que a bondade nos concede.

E então os desastres, símbolos de erradas sementeiras pretéritas, que definitivamente pomos de parte, não mais voltarão a ocorrer neste Planeta redimido.

Quando o homem se integrar no amor desinteressado a tudo o que existe, quando tiver esse amor no coração e não nos lábios, como geralmente tem sucedido até hoje, uma nova era se abrirá à humanidade, a qual, consciente da sua finalidade na terra, viverá de acordo com o código divino, com legítimo direito àquela paz e concórdia tão ambicionadas.

E o nosso insigne Mestre Jesus o afirma nestas palavras: «Só pelo amor será salvo o homem».

ORAR DE PÉ

Pelo General Levino Cornélio Wischral

Interessante pergunta foi-nos formulada por um confrade:

— Porque certas pessoas se levantam para orar?

Afastando a ideia de que o facto de uma passoa ficar de pé para orar possa constituir apenas um hábito sem importância, poderíamos traduzir tal atitude como um impulso instintivo e espontâneo de respeito, gratidão e amor de quem se dirige em prece à Divindade. Aliás, não temos dúvida em declarar ser essa a melhor e mais nobre posição daquele que pede ou daquele que agradece.

A posição tomada pela criatura, para orar, está na razão directa do respeito que lhe merece a Divindade. Jesus orava ajoelhado, tal a consideração que lhe inspirava seu Pai, e só condenava a oração de pé, quando feita por ostentação, como acontecia com os fariseus que oravam de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas «para serem vistos pelos homens».

O hábito de orar de pé indica a consequência natural de um ímpeto emocional em que a criatura procura apresentar-se respeitosamente a Deus, embora não o veja, mas na certeza de estar sendo visto por Ele.

Alguns chefes religiosos, quando oram, levantam contritos as mãos postas e apontam aos seus fiéis o meio do céu, ou seja o zenite cósmico, como que localizando lá a morada do Pai. Enquanto assim procedem erguem-se e equilibram-se sobre as pontas dos pés, como que procurando ansiosamente alcançar alguém que está no Alto.

Até aqui, este tem sido o sistema mais vulgar de se orar a Deus, estando mais à altura da compreensão do homem comum, desconhecedor, ainda, do extraordinário poder do pensamento. Há, entretanto, outro método mais eficaz de se orar, ensinado aliás, pelo Cristo. É o de estabelecermos uma ligação espiritual entre nós e o nosso Pai ou as potências encarregadas de anotar as nossas preces. Este sistema de oração dispensa a procura de posições por parte de quem ora, pois consiste em uma estreita ligação de nossa mente com a MENTE SUPERIOR, através do pensamento, quer estejamos em um recinto religioso, em um bonde, em um automóvel e, principalmente, quando estivermos em nosso quarto de dormir. Disse Jesus: — «Tu, quando quiseres orar, entra em teu quarto e, fechada a porta, ora em secreto a teu Pai Celestial, que te dará a paga». Esta oração pode ser feita quando estivermos de pé ou sentados, deitados ou caminhando, pois não é a posição que damos ao corpo o que leva a oração, porém a força de nossas vibrações ardentes ou de nosso pensamento em comunhão com Ele. Além disso, quando quisermos orar a Jesus não tenhamos a infantil ilusão de certos religiosos que pensam que Jesus está muito longe, colocado num reluzente nicho de ouro, a milhões e milhões de quilómetros, lá... «bem em cima». Não, prezados irmãos, Jesus está onde está a dor, a lágrima e a aflição. O bondoso Cristo-Médico está sempre tão pertinho de nós, que chega a estar mesmo onde «apenas duas pessoas estejam reunidas em seu nome». Quantas e quantas vezes a aura resplandecente de Jesus não toca nossas cabeças!...

Enfim — orar ajoelhado, deitado, de pé, junto aos muros das lamentações, no interior de austeras sinagogas ou de portentosas Igrejas, nada significa aos olhos de Deus, se não houver debaixo disso tudo a sinceridade do filho que deseja estar em comunhão com seu Pai. Aliás o que Deus mais aprecia em seus filhos amados, como verdadeira prece, é o trabalho activo, dignificante e evangélico no sentido de nos tornarmos melhores cristãos.

As maiores histórias psíquicas do mundo

Andrew Jackson Davis — um precursor do Espiritismo

por W. F. Neck

A figura de que hoje vamos falar bem pode ser considerada a de um precursor do Espíritismo Moderno, pois que Andrew Jackson Davis, o homem que fundou o sistema liceal para ensino juventude, foi um ente predestinado pela vidência, não só para uma vida extraordinária, como também para a antevisão de muitas descobertas de que hoje nos orgulhamos: o aeroplano, o automóvel, a máquina de escrever, etc.

Foi ele que preparou o terreno para a grande revelação das comunicações espiritas, escrevendo:

— É verdade que os espíritos comunicam: um no corpo, outro nas esferas metafísicas. E esta verdade ser-nos-á em breve presente sob a forma de uma demonstração viva e palpável.

E quando, no ano seguinte, a revelação que profetizara se tornou um facto, foi disso avisado por um espírito invisível que dele se tinha abeirado. Nas suas notas do dia 31 de Março de 1848 comenta o caso desta forma: «Hoje, ao romper do dia, roçou-me a face um sopro suave e quente e ouvi uma voz carinhosa, mas forte, que dizia: «Irmão — a grande tarefa começou e contempla a demonstração viva que acaba de nascer».

Nessa data nascia também o Espiritismo Moderno na Vila Fox, em Hydesville, Estado de Nova Iorque.

ESCASSA ILUSTRAÇÃO

Até aos 16 anos Andrew Jackson Davis, um aprendiz de sapateiro, só havia lido uma livro além da cartilha da escola primária. Filho de mãe inculta e pai ébrio, era fraco de corpo e pouco desenvolvido de espírito, até o momento em que, pelos poderes espirituais, se transformou em professor e escreveu, no limiar dos 20 anos, um livro profundo e original sobre filosofia, livro que continua a ser clássico no Espiritismo.

Os seus poderes mentais tinham-se primeiro manifestado através do hipnotismo, já com antecedentes de clariaudiência e de clarividência. Um exibicionista ambulante que visitou a terra onde ele vivia deu, nesta data, uma sessão pública sobre mesmerismo e os poderes clarividentes de Davis desabrocharam em potência, quando entrou em transe numa sessão.

De início, Davis só utilizou o seu poder para se divertir, lendo jornais com os olhos vendados, mas, depois, foi desenvolvendo as suas faculdades e actividades, descrevendo, no transe, os minerais subjacentes da terra, sua cor, radiação especial, etc..

ENCONTROU DOIS MORTOS

Em 1844 uma experiência decisiva concorreu para esclarecer o seu destino.

Em estado de semitranse viu-se longe de casa, a 60 km de distância de Catskill Mountains, e encontrou-se com dois homens que depois identificou como sendo Galeno, o famoso médico grego, e Swedenborg, o ilustre filósofo e místico sueco.

Contava então 18 anos e este encontro com dois mortos influenciou profundamente a sua vida. E dessa viagem pelo espaço regressou para se tornar advogado eloquente duma nova filosofia.

Um ano mais tarde, num transe magnético suscitado pelo Dr. Lyon, que abandonara a clínica para se tornar o mesmerista do jovem predestinado, Davis começou a ditar o seu monumental trabalho filosófico «Os Princípios da Natureza, a Sua Revelação Divina e Voz enviada à Humanidade», tendo como anotador o reverendo William Fishbough.

O Dr. George Bush, professor de hebreu na Universidade de Nova Iorque, que ocasionalmente assistiu aos factos, declarou então:

— Posso afirmar solenemente que ouvi Davis exprimir-se em hebreu correcto e demonstrar tais conhecimentos de geologia, que teriam sido extraordinários numa pessoa que tivesse devotado muitos anos a esse estudo.

Além disso discutia com a maior proficiência as mais profundas questões da história, da bíblia, da arqueologia e da mitologia e todos os progressos da civilização entre os povos, com um saber e clareza que honraria qualquer catedrático. Na verdade seria impossível ter adquirido todos estes conhecimentos nos dois anos a partir da data em que abandonou a oficina de sapateiro e mesmo o seria se tivesse para isso despendido uma vida inteira. No conjunto, o seu trabalho, pela grandeza da concepção profunda, pela síntese filosófica e pela clareza enciclopédica transcende qualquer trabalho conhecido.

A MELHOR VENDA

Devido ao testemunho entusiástico do Professor Bush o livro foi recebido com enorme interesse e teve 34 edições sucessivas. Mas o livro seguinte que Davis publicou, «A Grande Harmonia» atingiu as 40. Neste volume o jovem autor descreve as suas viagens astrais que o convenceram de que, após a morte, a sensação de con-

tinuidade se torna «interessantíssima e deliciosa», como também que os sinais aparentes de dor no momento do trespasse não são mais que reflexos inconscientes do corpo, sem qualquer significado.

Devido a esta extraordinária educação recebida do Além atingiu um alto grau de observação clínica. O diagnóstico era-lhe fácil: através do raio X dos seus olhos ele podia ver no interior do corpo do doente e localizar imediatamente a enfermidade. Em determinado passo descreve-nos o fim de uma moribunda nestas impressionantes palavras:

— A sua cabeça tornou-se intensamente brilhante e notei que, ao mesmo tempo que as extremidades do corpo se tornavam negras e frias, o cérebro ficava mais brilhante e ardente. E com inexprimível anseio e reverência contemplei o sagrado e harmonioso processo de transfiguração que ante mim se passava. A seguir observei que ao desprendimento cerebral se sucedia, numa ordem progressiva, o do resto do corpo. O espírito elevou-se em ângulos rectos a partir da cabeça e abandonou o corpo. Mas, antecedendo a dissolução final entre corpo físico e alma, divisei uma corrente viva e brilhante de electricidade vital, ligando o espírito metafísico e o corpo físico prostrado. Isto ensinou-me que aquilo a que vulgarmente chamamos «morte» não é mais que o «nascimento» do espírito em estado mais elevado. E uma vez que a mulher entrou em novo mundo vi que um corpo a acompanhava, mais belo ainda, sem qualquer sinal de doença (morrera de cancro) e que, imaterialmente, passou através da porta, juntando-se a dois espiritas que a esperavam. Logo os três ascenderam na etérea atmosfera que rodeia a terra.

Como Swedenborg, Davis acreditava que o universo exterior é uma manifestação visível da divindade intrínseca, afirmando:

— A natureza é o corpo e Deus a alma. A natureza é o repositório de tudo que é revelado no grande mundo sensorial. Deus é a Causa que produz o efeito, actuando sobre tudo que anatòmicamente constitui o universo: na estrutura das plantas, o espírito é uma substância superior à matéria... o princípio formativo que permanece para aquém e para além de todas as manifestações visíveis».

LEIS MECÂNICAS

«Deus actua mecânicamente sobre o universo e por isso, em determinado sentido, a natureza é um vasto mecanismo e nesta sublime criação é que o mecânico da terra se pode aperceber de Deus».

A sua doutrina da responsabilidade — filosofia espirita — é perfeitamente definida nestas memoráveis palavras:

— «É legítimo concluir que o indivíduo só é responsável na medida da sua capacidade. O homem é ao mesmo tempo um actor e uma circunstância, uma causa e um efeito e devia ser tratado, não como o possuidor da vontade e do poder de realizar que deseja e onde lhe agrada, mas como um ente que nasceu para ser educado, situado, premiado ou punido como uma árvore que é capaz de criar bons frutos, quando plantada em boas condições e em bom terreno.

«A doutrina do livre arbítrio absoluto, é contraditada por tudo quanto existe na Natureza e no homem. E cada pensamento, motivo e morte surge das leis interiores e das combinações da economia física e mental que em si são inevitáveis e imutáveis. A liberdade comparativa que o homem aparentemente disfruta é aquela que lhe advém do movimento dentro do círculo pela sua capacidade e grau de desenvolvimento. Para além dela não existe mais liberdade do que a de um golfinho na água dum aquário».

Nos seus conselhos aos médiuns escreve:

— Os espíritos ajudaram-me muito e durante longo tempo, mas nunca dominaram a minha personalidade ou a minha razão. Eles podem ajudar-nos mas a ajuda verdadeira vai para aqueles que consideram os espíritos como professores mas não como mestres, como camaradas e não como deuses.

PROFECIAS

Andrew Davis possuía um poder profético que lhe permitiu prever o advento do automóvel e da máquina de escrever. E um dia, interrogado acerca das suas descobertas no campo da locomoção, declarou:

— Sim... vejo no futuro carruagens e veículos movendo-se sem cavalos, sem vapor, sem qualquer força visível com muito maior rapidez e segurança do que hoje. Os veículos serão movidos por misturas de gases, com uma facilidade extraordinária de manejo nas rodas e evitarão muitos embaraços, facilitando a existência e deslizando em boas estradas.

Sobre a máquina de escrever explicou:

— Sim, estou quase decidido a inventar um psicógrafo, isto é, um aparelho — escritor da alma — que deve ser construído nos moldes dum piano, com combinações de sons; assim, pelo toque das teclas, em vez de tocar música, poderemos pronunciar um sermão ou um poema.

Este médium extraordinário até previu a era da aviação, respondendo com estas palavras às interrogações afins: «para a navegação atmosférica necessário era o mecanismo que vencesse as correntes de ar adversas, de maneira que pudéssemos singrar tão fácil e seguramente, como os pássaros. Mas isso depende duma nova força propulsora. Ela chegará e não só moverá a locomotiva sobre os carris e a carruagem na estrada, mas também os veículos aéreos que transporão os espaços entre os continentes do mundo.

Tudo isto, nesta impressionante linguagem de clarividência, foi prevista por Andrew Jackson Davis, pioneiro do Espiritismo, autodidata pela alma, que de aprendiz de sapateiro transpôs dum salto o vácuo da incultura para o largo campo da filosofia, do pensamento e da comunicação entre o mundo palpável e visível e o mundo eterno dos espíritos.

(De «Two Worlds» de 27-12-958)

Passeio de confraternização à Venda Seca

Todos os anos costumamos encerrar os trabalhos do *Centro Luz e Amor* com uma das nossas Festas, tão do agrado dos amigos. Este ano, porém, por sujestão de vários companheiros, decidimos organizar um passeio à risonha aldeia de Venda Seca, repleta de pinheiros, de água fresquinha e de... *Prana*, como diriam os nossos irmãos teósofos.

Às dez e vinte da manhã a camioneta partiu da rua Jardim do Regedor. Lá estavam Isidoro Santos e Esposa, Manuel Canaveira, Túlio Rosa, António Cardoso, etc. O passeio não tinha ainda, por assim dizer, começado e já todos riam e falavam alegremente. Manuel Canaveira — autêntica fábrica de anedotas — não fechava a boca um só instante, provocando gargalhadas sobre gargalhadas.

Na Amadora entra a esposa do Capitão Pires e em Belas somos saudados por Jorge Raimundo que, depois do almoço, se juntou ao Grupo, para a sua indispensável colaboração na *Tarde Recreativa*.

Mal chegámos a Venda Seca, fomos recebidos por um incansável confrade que nos conduziu ao Pinhal do senhor Cambournac, onde já se encontravam outros amigos que vieram mais cedo ou na véspera. Encontravam-se ali inúmeros consócios da *Sociedade Portuguesa de Naturalogia*, que nesse dia realizaram uma concentração no mesmo local.

O tempo estava magnífico e todos trataram de aproveitar o melhor possível o resto da manhã. Isidoro Santos repousava... e conversava animadamente, ao mesmo tempo; Manuel Canaveira, para não perder o treino, continuava a contar anedotas; Mário Cruz, como sempre, contava as *últimas;* António Cardoso apanhava o seu habitual banho de luz, como aconselha o Dr. Castro; Túlio Rosa ria sem parar com o Manuel Canaveira e Costa Cabral mostrava a todos a sua inseparável macaca.

Eram treze horas, quando Isidoro Santos *tocou para o rancho*. Não tocou qualquer sineta, porque não havia, mas bastou dizer «vamos almoçar», para que todos, como que movidos por um ser polipsíquico, se lançassem *ao ataque*. Manuel Canaveira não quis mais saber de anedotas e acariciou o seu prato de comida, como um *fiel amigo*. António Cardoso — com o seu fastio habitual — começou por comer uns 10 pêssegos... e Costa Cabral arrumou a macaca e fez trabalhar as mandíbulas. E Túlio Rosa deixou de rir e achou que comer sempre era mais proveitoso...

Durante muitos minutos pouco se ouviu falar. O ar dos pinheiros abriu o apetite e ninguém o queria perder. Depois, pouco a pouco, a conversação voltou e as gargalhadas ecoaram naquelas paragens. Muitos confrades comeram vegetarianamente, num exemplo digno de assinalar.

Depois das 14 horas começaram a chegar mais confrades: Jorge Raimundo, o nosso dedicado tesoureiro Gonçalves Campos, António Rodrigues, D. Isabel Ricardo, etc. A alegria era cada vez maior e o som de dois rádios portáteis tornava o ambiente ainda mais acolhedor.

Às 16 horas começou a *Tarde Recreativa*. Jorge Raimundo, sempre dedicado, arranjou, como fundo do palco, ramagem de pinheiros espalhada pelo chão. Palco mais bucólico não se poderia arranjar.

Evidentemente que, por muito grande que fosse a boa vontade de Jorge Raimundo e António Cardoso, não se pôde transportar para ali o nosso piano e, portanto, o programa teve que ser organizado a *seco*. Mesmo assim, durou duas horas e agradou totalmente.

A *Tarde Recreativa* abriu pre-

À sombra nostálgica do arvoredo, os passeantes confraternizam ...

cisamente com Jorge Raimundo, que, com a sua vibração habitual, nos deliciou com o magnífico poema *O Homem Nu*, de Isidoro Duarte Santos.

Tivemos em seguida a primeira estreia da tarde: Maria Teresa Rodrigues! Estamos tão habituados a estreias, que nem no campo as dispensamos. Maria Teresa Rodrigues deliciou-nos com o poema *Une petite fille*.

Os dirigentes do passeio em plena euforia

Manuel Canaveira e Jorge Raimundo vieram depois ao *palco* a tratar do fígado aos presentes, como é costume. Suas anedotas, cheias de espírito e oportunidade, deixam sempre na assistência um rasto de simpatia! É que contar anedotas não é fácil e saber escolhê-las ainda menos!

António Cardoso veio em seguida fazer dois números de ilusionismo. Um deles, que deixou todos intrigados, foi o de prever o resultado dum jogo de dominó que o confrade António Rodrigues *jogou* com ele próprio.

Costa Cabral veio em seguida declamar *As mulheres, as rosas e um sorriso*. Antes, porém, afirmou congratular-se com aquela festa de confraternização, em plena Natureza, e teceu os maiores louvores à obra de Isidoro Duarte Santos. Suas palavras foram muito aplaudidas.

A 2.ª estreia do programa foi Manuel Romana Ângelo, que recitou *A Escada da Vida*.

Logo a seguir António Cardoso veio declamar a imortal poesia de Junqueiro *O Melro*. O genial autor de *Aos Simples* consegue nesta poesia fazer com que todos vejam o melro à sua volta e prescutem sua própria alma. E no campo, no meio de acolhedoras árvores, a ilusão é ainda maior.

Um aspecto do almoço. «Comer, primeiro; depois, filosofar»

O declamador arrebatou toda a assistência, com o seu virtuosismo de intérprete. Durante muito tempo vimos perpassar Junqueiro em toda a sua pujança, nos elevados contrastes da sua obra poética, à qual António Cardoso deu realce extraordinário.

E este programa *a seco* continuou com Isidoro Duarte Santos, que declamou *Silêncio*, de sua autoria. É cada vez maior o nosso apreço pela sua obra poética, pois, quer no *Homem Nu*, no *Silêncio* ou em tantas outras poesias, encontramos sempre os mesmos traços, a mesma ânsia de perfeição, a mesma insatisfação íntima, os mesmos reflexos de um Homem que, cônscio da sua posição, do seu papel na Terra, quer rasgar horizontes, vencer barreiras, transpor obstáculos para que o mundo se torne melhor e o Homem se encontre a si próprio.

Do poeta Nilo Pinto, Jorge Raimundo declamou o soneto *O Sol* e Maria Teresa Rodrigues mais um poema em francês *Au printemps*. Ambos bem adequados ao ambiente onde estávamos.

António Cardoso apresentou em seguida o concurso *Ganhe um Livro*. Desta vez Manuel Canaveira ganhou um dos 5 livros, mas, quando lhe íamos a

dar parabéns pelo facto retorquiu:

— Parabens? O livro é em francês ... e ainda me dão parabens?

Jorge Raimundo e Manuel Canaveira — ambos premiados no Concurso — vieram à 2.ª sessão de *tratamento* com as suas anedotas.

António Cardoso apresentou depois mais dois números de ilusionismo. Todos aguçaram a vista, mas ... ficaram na mesma! O filho de Túlio Rosa dizia, olhando para o pai:

— Como será que o diabo do Cardoso faz isto?

Manuel Romana Ângelo, que tanto agradara há pouco, volta de novo ao *palco*, agora para nos deliciar com o *Estudante Alsaciano*. A sua vibração contagiou todos os presentes, sendo no final muito aplaudido.

Jorge Raimundo dá-nos agora alguns momentos de fina ironia, de crítica afiada, através dos seus *Momentos de bom Humor*.

E por último António Cardoso termina a Tarde Recreativa com o *Cântigo Negro* de José Régio.

Aquelas duas horas tinham-se passado sem se dar por isso. Todos haviam gostado! E Luciano Silva, enquanto mastigava uma banana, dizia-nos com a boca meio cheia:

— Excelente! Excelente!

Tiraram-se então algumas fotografias. Os fotógrafos e as máquinas surgiram como cogumelos.

Durante quase meia hora não se pensou noutra coisa. Depois, enquanto uns arrumavam as tendas e os sacos, outros *arrumavam* o resto do almoço no estômago.

Chegara a hora da partida, a hora de voltar à capital, ao bulício, à vida quotidiana. Mas todos levavam daquele dia recordações inolvidáveis, daquele dia de fraternidade em plena Natureza, de confraternização, de verdadeira e sã camaradagem.

E o Espiritismo, o Espiritismo dos Vivos é isto: Fraternidade, Confraternização e Sã Camaradagem!

Os passeantes do «Luz e Amor» pousam, de novo, para o fotógrafo

AS PROVAS E A MORTE

Estabelecido o alvo da existência, mais alto que a fortuna, mais elevado que a felicidade, uma inteira revolução se produz em nosso intuito.

O universo é uma arena em que a alma luta pelo seu engrandecimento a este consegue-se à custa de trabalho, sacrifício e sofrimento. A dor, física ou moral, é meio poderoso de desenvolvimento e de progresso. As provas auxiliam-nos a conhecer a a dominar as paixões e a apetrechar melhor os outros. No curso que fazemos devemos adquirir ciência e amor, alternadamente. Quanto mais soubermos mais amaremos e nos elevaremos. A fim de combater e vencer o sofrimento cumpre estudar as causas que o produzem e, com conhecimento dos seus efeitos e a submissão às suas leis, desperta-se em nós uma simpatia profunda para com aqueles que a suportam. A dor é a purificação suprema, é a escola em que se aprende a paciência, a resignação e os deveres austeros. É a fornalha onde se funde o egoismo e se dissolve o orgulho. Às vezes, nas horas sombrias, a alma submetida à prova revolta-se, renega a Deus e a sua justiça; depois, passada a tormenta, quando se examina a si própria, vê que o mal aparente era um bem, reconhecendo que a dor a tornou melhor, mais acessível à piedade, mais caritativa para com os desgraçados.

A dor física também tem sua utilidade, desata quìmicamente os laços que prendem o espírito à carne, liberta-o dos fluidos grosseiros que o retêm nas regiões inferiores e o envolvem, mesmo depois da morte. Esta acção explica, em certos casos a existência das crianças mortas em tenra idade, que adquiriram na terra o saber e a virtude para subirem mais alto.

LÉON DENIS

Convite para a morte

por Margaret Witmore

Em certa noite de Julho de 1947, escura e abafada, eu, minha irmã Gladys e seu jovem filho de 12 anos, Trevor, esperávamos, fatigados, o combóio que nos conduzia desta pequena estação de Wareham, Dorset, até à nossa casa familiar, depois duma excursão que nos levara por barco desde Poole até Studland e a pé, através das montanhas de Puberck, às rulnas de Corfe Castle e, daí, por auto-acarro, até à estação de Wareham.

Cansados de um dia repleto de surpresas e encantos, mas também de fadigas, esperávamos de pé a chegada do comboio, que aguardávamos com impaciência, sós no cais, àquela hora completamente deserto, sob a frouxa luz dos lampeões.

Por fim o comboio chegou, resfolegando, e num breve instante já o apito da partida havia soado, obrigando-me a subir para uma carruagem, enquanto Gladys e Trevor subiam para outro. Estávamos assim separados, pois o comboio não tinha corredores, e eu, pela força das circunstâncias, me encontrava só num compartimento sem comunicações.

Assim, sózinha e aborrecida, me instalei, enquanto o comboio rodava através da campina deserta, envolta em sombras, num ritmo monótono e regular, cortado pelo silvo do apito a assinalar na noite a sua marcha solitária. A carruagem estava fracamente iluminada por uma única lâmpada e eu, em semi-sonolência, olhava maquinalmente as vidraças da portinhola — quando, de súbito, tive a sensação de que alguém estava ali presente.

Ao princípio senti medo de olhar à minha volta. Depois ganhei coragem para mirar de lado, sem mover a cabeça, para ver, cheia de pânico, uma figura — uma mulher sentada ao canto do compartimento com as costas contra a locomotiva e que me fitava fixamente.

Lutando contra o terror, tentei explicar o que via. Talvez que eu houvesse adormecido, que o comboio tivesse parado em Poole, eu deixasse passar a minha estação e a mulher entrasse na carruagem nessa altura, sem que de tal me aperecebesse.

Mas se eu tivesse ultrapassado Poole na direcção de Bournemouthe, a avenida paralela devia ostentar os seus vistosos e modernos edifícios. E eu, mergulhada em ansiedade, só via, escura e uniforme, a massa dos campos cobertos pela noite.

Na velha carruagem só havia dois longos bancos paralelos e eu sentava-me no meio do que enfrentava a locomotora. Suores frios começavam a inundar-me a fronte, enquanto fitava o misterioso vulto que, ao ver-me cheia de medo, se levantou, passando por mim vagarosamente. Estava envolto, dos pés à cabeça, em vestes flutuantes e negras, como se fosse um monge, e as pregas roçavam no chão da carruagem.

A sua face era de palidez mortal, terrível e repelente, enquanto os seus olhos, que em mim se fixavam, tinham expressão de ardente maldade expressa no sardónico clarão que os animava. Imóvel pelo terror, via-a aproximar-se da portinhola, colocar no fecho uma das mãos, enquanto, com a outra, me fazia um gesto imperativo de convite para eu me aproximar da porta. Compreendi com indizível horror e fascinação que queria que eu a acompanhasse para fora do comboio, que corria a louca velocidade e dele me despenhasse para a morte. Eu fiquei gelada, paralizada, no meu lugar, mas logo senti que algo me atraía, imperativamente, para a porta. Parecia ser um laço negro e magnético vindo da personalidade da mulher e contra a qual tinha que lutar com todas as minhas forças de resistência para não obedecer.

Não sei quanto tempo estive assim sentada, mas hoje acredito que dentro de mais alguns minutos eu teria obedecido ao terrível apelo da desconhecida, contra toda a minha resistência, me teria levantado, ido até ao negro vulto e sem dúvida mergulharia na noite ao lado da fúnebre viajante, cujo pútrido bafo me chegava.

Mas — ó Deus! — nesse momento o comboio abrandou a marcha e eu senti-o, pouco a pouco, travar para uma paragem, sem que pudesse mover-me do meu sítio, paralizada pelo terror, a ponto de nem sequer ver o vulto desaparecer na noite. Mas logo a seguir ouvi e vi junto a mim a minha irmã Gladys, que me dizia, olhando espantada para a minha cara:

— Vem daí. Mas que tens tu? Vem depressa, antes que o comboio parta.

— Onde está a mulher que se encontrava aqui? — perguntei, ainda a tremer, numa voz ansiosa.

Minha irmã era um espírito positivo e disse-me que decerto eu sonhara alto. Já um pouco recomposta olhei em volta da plataforma e só vi Gladys e Trevor. Mas ainda presa da terrível hora que vivera, não me contive que não perguntasse ao factor-revisor se vira uma mulher sair do meu compartimento:

— Não — disse ele —. A senhora ia sòzinha no seu lugar.

O facto é que, ao entrar no comboio, eu ia plenamente calma e satisfeita. Não sofro de complexos de sugestão ou de imaginação e estava desperta, quando a macabra viajante me surgiu e na minha memória ficou gravado o seu olhar malévolo e satânico e o gesto de convite para a morte que a sua mão enluvada me fazia imperativamente, ao qual não cedi devido à brusca paragem do comboio.

Quem será a mulher que aparece, vinda não se sabe donde, numa carruagem do velho Caminho de Ferro do Sul e desaparece sem deixar rasto na noite, tão negra como ela?

Para mim deve ser, na serena e imutável marcha do tempo, um espírito, o fantasma de alguém que saltou para o fim dum comboio sulcando a noite e que volta à terra para aliciar, fria, cínica e maligna, viajantes indefesos para a morte a que se entregou na escuridão.

(Do «FATE», de Março de 1958)

(Continuação do último número)

António J. Trindade, Presiden Jerusalém, de S. Paulo, C

A conversa ia-se animando, porque o nosso entrevistado é senhor de um verbo explosivo e chega a ser difícil dominá-lo. Por isso alterámos o rumo do pensamento:

— Quando a Federação agitou a questão beneficente — dissemos — grande avanço se deu na propaganda...

— A Federação E. Brasileira, a princípio, com grande número de sócios que foi reunindo, entendeu que devia também assistência material e fundou um Ambulatório, fornecendo aos doentes homeopatia e poções de qualquer espécie ali fabricadas. Mais tarde vieram outras associações e veio a Sinagoga Espirita, de cujos estatutos constava a fundação de um hospital, sanatórios, ambulatórios, asilos, berçários, cozinha para os pobres, distribuição de mantimentos e roupas, etc. Foi então que à Sinagoga se reuniram outros centros a distribuir roupas, mantimentos e dinheiro aos necessitados. A Federação Espirita desenvolveu o seu plano e hoje está agindo de forma ultracristã.

— É considerada de utilidade pública...

— Eu recusei mais de uma vez esse título para a Sinagoga Espirita, porque nunca tive subvenção em tempo algum, federal, estadual ou municipal. Nunca, absolutamente. Quando o Governo dava subvenção a qualquer instituição e lhe outorgava o título da benemérita, julgava-se no direito de vasculhar imediatamente a vida do interessado. Em São Paulo houve dessas desumanidades. Davam 10 ou 15.000 cruzeiros anuais e quando entendiam mandavam lá ver se a escrita estava em dia, etc., etc. Nós recusámos sempre isto. Nunca quisemos subvenção. Só depois do plano de acção da Sinagoga e de ter dado mais de três milhões de refeições a quem lhe batia à porta é que tivemos subvenção estadual.

— Afinal, o lado beneficente do Espiritismo era uma das facetas mais úteis à propaganda e por isso começaram a surgir em todos os Estados agremiações espiritas com programas deste género...

— Exactamente. Hoje encontram-se em todo o Brasil obras espiritas de tal valor, que um relatório oficial classificava a Sinagoga e a sua Cozinha dos Pobres em 1.º lugar do ponto de vista assistencial e em 2.º lugar a associação de S. Vicente de Paulo, da igreja católica. O ano passado a Câmara Municipal voltou atrás e disse que a 1.ª era S. Vicente de Paulo e a 2.ª a Sinagoga... Mas isto não enaltece nem rebaixa.

OS DEPUTADOS ESPIRITAS

— E sobre política? É da opinião que o Espiritismo se deve imiscuir na política para conquistar situações relevantes?

— No Brasil temos alguns deputados espiritas, mas primam pela ausência na defesa do Espiritismo. Uma vez que se aboletaram à mesa do orçamento — senadores, deputados federais ou estaduais — cogitam apenas de garantir o seu futuro, como sucedeu nas eleições de 1959, em São Paulo, nas quais confrades reeleitos vereadores foram batidos por cogitarem de tudo, menos da defesa da Causa.

— E quanto aos médiuns curadores que foram levados à barra dos tribunais e sofreram condenações injustas? Qual a situação deles perante as leis constituídas?

— A meu ver não há médiuns curadores. Eles ou o vulgo é que assim os classificam. A questão é esta: conseguiram aliviar quem deles se aproximou e, ao melhorar, estes beneficiam logo da fama do chamado curador. De facto julgam que assim é. E o médium vai-se enraizando e um belo dia considera-se um novo Mirabelli que tudo pode fazer e desfazer com o pensamento. O resultado é que médiuns e adversários começam a persegui-lo e os tribunais chegam à conclusão de que só poderiam ser condenados aqueles que exercessem mercenàriamente a prática do curandeirismo.

— Qual a acção exercida pelos médicos espiritas no sentido da prática do Espiritismo e da dos chamados médiuns curadores se fazer livremente?

— Nesse particular sou mais do que suspeito. No Brasil havia liberdade de qualquer pessoa dar consultas e eu próprio cheguei a dar 150 e 200. Houve, então, uma campanha tremenda contra a Sinagoga, na minha pessoa, para reduzir aquilo a nada. Houve até casos curiosos. Ao fundarmos a Cozinha dos Pobres em 1922, a igreja de Santo António, ao ver as numerosas pessoas que vinham a nossa casa comer e que ainda levavam almoço para casa, chamava-as e pagava-lhes cartão de matrícula a 50 cruzeiros para que não voltassem lá, porque «a comida era diabólica e perdiam a alma». Alguns médicos espiritas eram pregadores exímios e à sombra do Espiritismo conseguiam grande clientela, mas foram-se afastando da tribuna, deixando de receber os pobres nos consultórios e abolindo as consultas gratuitas. Mais tarde, quando lhes pedia que viessem falar à Sinagoga, escusavam-se: — «Não posso, tenho que fazer, tenho muitos doentes». — «Você deve saber que Cristo disse: «Amados, cuidai primeiro das coisas do céu e as da terra virão depois». «— E quem trata da minha família? Preciso defendê-la. Vou tratando das minhas coisas. Amanhã ou quando puder voltarei». Há, inclusivamente, na imprensa e no Congresso alguns confrades que eram ilustres e ocuparam as tribunas da Sinagoga. Hoje, ninguém lhes fale em Espiritismo. Dizem-se espiritistas, mas não os convidem a uma sessão.

— Renegaram a ideia...

— Claro está.

— Consta que a Sinagoga mon-

te da Sinagoga Espirita Nova
ntinua o seu depoimento

tou um Ambulatório Médico... Qual o seu fim e como funciona?

— A Sinagoga Espirita teve sempre Ambulatório, desde 1946. Teve a sua farmácia gratuita, onde se forneciam remédios a toda a gente. Mais tarde senti-me esgotado e, em 1952, ao ver que, sòzinho, não podia dar assistência a todas as pessoas, resolvi montar Ambulatório com médicos, os quais, por sua vez, me aliviaram. Continuou e fui obrigado a encerrá-lo, porque os médicos queriam mercadejar com aquilo. Como não aprendi isso do Cristo nem dos Profetas, fechei-o durante dois anos e reabri-o agora, nos primeiros dias de Junho, e lá funciona sob a direcção mais do que sábia e honesta do Dr. Luís Ferreira de Melo.

— Conseguiu materializar a sua ideia de forma mais objectiva.

— Lá está funcionando. Ainda ontem tive carta, dizendo que o número de doentes cresce dia-a-dia, e ele vai liquidar a sua vida em Campinas para habitar em São Paulo.

— Para se tornar um apóstolo...

A COZINHA DOS POBRES

A Sopa dos Pobres bailava em nossa mente. Queríamos informações mais pormenorizadas, embora soubéssemos que o nosso interlocutor não estava muito à-vontade para falar de uma obra sua. Mas, afinal, engatilhámos a pergunta:

— Quer dizer alguma coisa sobre a Sopa dos Pobres?

Depois de meditar um pouco, António Trindade exclama:

— Segundo os nossos Estatutos deveríamos ter uma cozinha. Por isso ela nunca se fechou, mesmo durante as revoluções, a tal ponto, que eram os próprios governos estaduais que ofereciam o que necessitávamos, amparando-nos e defendendo a nossa casa. Agora, por exemplo, temos a Cozinha, aumentada em seu ambiente, porque tivemos que receber todos os pobres que iam comer ao Palácio do Governo, a pedido do próprio Governador. Quem sustentou aquilo durante muito tempo fui eu, trabalhando como um mouro, como se diz em Portugal. E lá funcionam, com alimentação sã, não um prato de feijão aguado, mas forte, com licença para repetir. Há quem coma três e quatro pratos.

— Já devem ter fornecido alguns milhões de sopas...

— Até hoje estamos em três milhões e tal.

— É uma cifra enorme!

— Hoje — continua o nosso entrevistado — a assistência é relativamente pequena, porque todos os dias fornecemos 120 a 140 refeições. Mesmo assim, quatro mil e tal refeições por mês... É qualquer coisa...

— Sem dúvida. Essas obras são as que mais impõem e dignificam o Espiritismo.

— É isto. «Res non verba».

— Sentem-se directamente, porque o estômago tem necessidades que é premiso satisfazer.

António Trindade animou-se.

— Se me permite — disse ele — vou citar um caso edificante. Quando da revolução de 1932, a Sinagoga exerceu um papel activo nesse sentido. A igreja levantou-se contra mim e tive de esconder-me. Passei dias amargos, procurado por sicários que queriam matar-me e queimar-me na praça pública. Um belo dia reuniram uma tropa de 60 a 80 e marcharam em direcção à Sinagoga para dar cabo da Casa do Diabo, *porque assim lhe chamavam alguns clericais. A turba veio correndo com paus e pedras. Subiram a rua de Casimiro de Abreu e quando chegaram à rua de Silva Teles atravessaram-na e gritaram: «Cá está a Casa do Diabo!» E dois avançaram de varapau na mão, dizendo que era preciso queimá-la. «Não, não! — disseram outros. É uma Casa de Deus! Comemos aqui há dezenas de anos!» A multidão avançou para os energúmenos, que tiveram de se refugiar numa casa próxima, para não serem liquidados. E não puderam matar o Diabo.*

KARDEQUISTAS E ROUSTAINGUISTAS

— Foi a acção directa que esses homens sentiram e puseram-se ao lado da Sinagoga. Há outro assunto sobre o qual desejaria ouvir a sua opinião. Acompanhou as célebres discussões — entre kardequistas e roustainguistas?

— Nesse particular há coisas muito interessantes. Depois de abandonar o «Centro Redentor» frequentei a Federação Espirita Brasileira. Foi muito curioso. Certa noite realizava eu os meus trabalhos, quando, ao encerrá-los, vem um dos amigos e diz-me: «Deves transferir estas sessões para outro dia, porque tens de ir à Federação na próxima semana. Não te dizemos porquê. Precisas de ir». Transferi a sessão para outro dia e na 3.ª feira imediata lá parti eu com um confrade que hoje vive em Belo Horizonte. É o Álvaro Cavalcante. Deve tê-lo conhecido lá. Entrámos atrasados, tivemos de subir três escadas de caracol, sentámo-nos lá ao fundo e com grande surpresa vimos que se falava no corpo de Jesus. Falava-se muito, «porque não tinha corpo, etc.» e o orador concluia: «Meus amigos, Jesus não tinha corpo. O seu corpo era feito de perfume das vinhas da Palestina». «Muito bem! Muito bem!» — exclamaram vozes da assistência. Eu, empolgado e tomado por quem vinha comigo, pedi a palavra e o presidente da mesa declarou haver terminado a hora. Não importa — respondi eu —. Acabo de ouvir tais coisas da tribuna, que é necessário reprová-las. Concedam-me a palavra na próxima sessão e aqui estarei.

Voltei à Federação e provei por A+B que aquela teoria não podia subsistir. Se o Cristo não tinha corpo era um farsante,

quando pedia ao Senhor isto e aquilo; quando, no monte das Oliveiras, poucos dias antes da sua morte implorava: «Senhor, se é possível, afasta de mim este cálice!» Portanto, se não tinha corpo, nada tinha que pedir. Enganava o seu próximo, quando curou este e aquele nas bodas do Caná, quando mostrava que sua mãe e seus irmãos eram aqueles que faziam a vontade de seu Pai que estava nos céus. Não passava, portanto, de um farsante. E no tempo em que era carpinteiro, com que corpo trabalhava? Foi um escândalo e tive que fazer segunda conferência. Hoje, o número de roustainguistas no Brasil é insignificante.

— Passemos agora a São Paulo. Como se pratica lá o Espiritismo?

— Lá, como cá... No Brasil é praticado de todas as maneiras. Em toda a parte há umbandismo e em São Paulo há centros com centenas de médiuns, sócios e assistentes. Os que ali se inscrevem passam a ser médiuns, porque, ao tomar parte na dança do terreiro, com a fumaça e a cachaça, vão-se pouco a pouco empolgando e dentre em breve não se pertencem mais. Disto não beneficia o Espiritismo. No entanto leva a igreja a ver que os seus arraiais se vão despovoando com destino à Umbanda, onde há procissões e coisas semelhantes. Passam por lá e ficam com um pouco de esperança. Ao pedir esta e aquela graça ao espírito ou ao mentor esquecem-se de que é Deus que a faz e ficam satisfeitos. Um dia, porém, reconhecem o erro e ingressam no verdadeiro campo espirita.

— Então acha que umbanda não é espiritismo...

— Não, não é.

SE FOSSE EDITOR...

— E se fosse editor, que orientação seguiria?

— Nesse particular sou ultramontano. Entendo que deve estudar-se sempre a verdade. Como disse Kardec, é preferível repelir 99 comunicações boas, a aceitar uma mentira. Portanto, publicaria coisas substanciosas. Para publicar um livro é necessário dar provas. Um editor deve publicar obras racionais. Estudos Psíquicos está constantemente a apresentar provas disto e daquilo, como alicerce doutrinário. O dever do espiritista é, pois, difundir os factos e indicar quem os testemunhou, para que os leitores possam investigar e entrar nas fileiras.

— Mas há certos espiritistas, cuja propaganda se confunde com o tal catolicismo de que falou. Isso não causará certa confusão nos adeptos?

— Por isso não se deviam publicar comunicações espiritas, excepto as que viessem comprovar o que se passou aqui e ali. Fora disso, não. No Brasil publicam-se centenas de livros psicografados; mas pega-se em quase todos, espremem-se e diga-me lá se neles se encontra alguma coisa que se pareça com o que nos dizem Kardec, Léon Denis e quejandos. Logo, é preferível reeditar essas obras para chamar a atenção do mundo e que os interessados possam abeberar-se no seu conteúdo e tornar-se verdadeiramente cristãos. Resumindo: a maior parte das obras mediúnicas que se editam no Brasil não merecem fé.

— E como justifica a existência de tantas organizações autónomas na urbe paulista?

— Já expliquei o motivo. Reunem-se apenas duas ou três, não para seguir o preceito crístico: «onde estiverem, em meu nome, reunidos dois ou três, estarei com eles», mas sim para poderem — alguns com boa intenção — macular fermentos estranhos e engodar. Parece cumprido o que disse o Cristo: «Vai e engoda o coração deste povo, para que veja e não atente, para que oiça o profeta e não o possa compreender». Vão, pois, fundando pequeninos centros e crescem. É o caso da Cozinha dos Pobres em Santos, que foi obra da emulação. No entanto, caiu tão bem no conceito público pelo nome que tinha a Sinagoga, que depressa atraiu elementos — como um deles que sr. conhece e que deu para este centro mais de quinze milhões de cruzeiros. Sabe disso?...

AS MOCIDADES ESPIRITAS

Agora passamos a ouvir António Trindade sobre o movimento das Mocidades Espiritas.

— Poderão os novos substituir os que vão caindo? Terão entusiasmo e fé e conhecimento?

— É muito interessante este problema, que muito se fez sentir em São Paulo, a começar na União das Mocidades, que teve incremento extraordinário nos primeiros tempos. Foi um entusiasmo único. Dentro em breve, porém, tudo estalou. Valores que saíssem de lá, não conheço nenhum. Os que ainda hoje a dirigem, pregam, alguns deles, na Sinagoga; mas ao perguntar a este e àquele por elementos novos, dizem: «Não há! Não há». Vêm ali apenas atraídos pela Mocidade. Se há moças, atraem homens; se há homens, atraem moças. Fazem campanhas, piqueniques, pequenos festivais, mas no fundo ainda não vi resultado algum. O mesmo, quanto à Escola de Médiuns. Os médiuns não se fazem; nascem feitos. São os antigos profetas e os pregadores devem ter no coração a semente que vão lançar. Irão colhendo algo pelo caminho afora, a fim de substituir os que ficaram atrás. Mas daí até substituir os grandes, há muita distância. Vai Jesus Cristo ao poço de Jacob: «Orai ao Senhor. A seara é muito grande e os obreiros são poucos. Pedi-lhe, portanto, obreiros». O resultado é que, de quando em vez, lá surge uma pessoa que jamais pensou em pregar e ei-la que começa a difundir o Evangelho, substituindo assim alguns que faltam na seara. Daí, a ideia da fundação da nossa Academia, que se vai tornar realidade, logo que eu regresse ao Brasil. Já tenho o corpo docente organizado, para que daí saiam os pregadores que, à semelhança do Padre, repitam as palavras onde quer que cheguem.

O ESPIRITISMO NO FUTURO DO MUNDO

— Poderemos, então, depositar esperança no Espiritismo? Poderá ele, realmente, desempenhar óptimo papel no futuro da humanidade?

— Certamente. Chamo a sua atenção para o Centro Ocidental, que é como quem diz aqui na Europa. Sabe que a Alemanha foi um grande centro espirita. Sabe que na Inglaterra, a própria igreja anglicana perfilha, em parte, o Espiritismo, embora não aceite a reencarnação. De que lhe

Não conhece a Língua em que fala

FUI eu o escolhido pelo destino para investigar e documentar o meu jornal acerca do caso, ao mesmo tempo dramático e sensacional de certa médium inglesa que recebeu uma mensagem e uma revelação de cura numa língua que nunca falara.

A primeira pessoa interessada é a jovem estudante indiana R. C. Patel, residente em Londres no n.º 238 de Fenchley Road e que tinha nesse dia visitado o «Centro de Curas Esfera Azul», onde, com espanto e ansiedade, o guia de Lilian Baines a deixou como que aturdida ao revelar-lhe que seu tio fora vítima dum acidente de automóvel. Mas o mais surpreendente é que esta mensagem lhe foi transmitida na sua língua nativa (o *Guzarate),* tendo o guia chegado ao ponto de lhe revelar o nome do parente — Nageji. Miss Patel disse-me que sua família era duma aldeia do Estado de Bombaim e que o seu dialecto não é falado em países estrangeiros.

«FIQUEI ATÓNITA»

Foram estas as palavras da jovem escolar, quando mais tarde a verdade da mensagem foi confirmada no seu país natal. São muitas as homenagens que Lilian Baines recebe. É o caso, por exemplo, da sr.ª A. R. Palmer, residente no

A médium Lilian Baines

n.º 25 da Howland House, Gracefield Gardens, Londres, com quem eu próprio falei e que me disse que a sua primeira cura fora uma revelação e que as dores que sentira durante muitos meses desapareceram completamente; dores que sofreu desde Abril e que aumentaram constantemente por todo o corpo. O tratamento no hospital não havia dado o menor resultado. É que a vida — disse-me com lágrimas nos olhos — tinha-se-me tornado insuportável e meu marido e filhos, mergulhados em desespero, não sabiam que fazer e ela temia ter que enfrentar a morte.

ABENÇOO A VIDENTE!

Por fim alguém lhe indicou a médium. E a pobre senhora diz-me quanto abençoa o dia em que a procurou. Foi uma revelação, um alívio. Todas as dores desapareceram para não mais voltar. Agora está em convalescença.

A sr.ª Palmes tem duas encantadoras filhas e uma que já «partiu», mas que está *viva.* A médium trouxe-lhe o espírito da filha durante uma sessão de tratamento. Seu marido, que estava ao nosso lado, confirmou o facto, dizendo que também ali se encontrava e que era impossível Lilian Baines saber da sua existência.

Quem disse que a época dos milagres tinha passado?

(De «Two World» de 26-12-959)

---

valeria, portanto, converterem-se ao Espiritismo? De que valeria porem os seus templos à disposição dos pregadores, como o sr. e outros, se, no fundo, não acreditam na reencarnação? Se não acreditam, não podem pregar, não se cumpre o que disse Moisés: «Onde houver cegos, paralíticos, coxos ou aleijados, é porque ali há faltas do passado». É a prova provada da reencarnação, segundo a palavra de Cristo.

— Mas há uma grande corrente na Inglaterra e nos Estados Unidos que propaga essa teoria...

— Eu escrevi muito nesse sentido. Preguei muito. Chegámos a telegrafar para esses dois países, mas não deu resultado. O fruto só se colhe quando está maduro. O sofrimento e as incongruências que se encontram no caminho do homem chamá-lo-ão à realidade da vida para obrigá-lo a cumprir os seus deveres.

Estava terminada a conversa entre um pioneiro do Espiritismo do Brasil e o director desta revista. Pode-se discordar de certas afirmações do entrevistado, repetimos, e alguns poderão até achá-los demasiado pessoais. O que é certo é que António Trindade tem opiniões que vêm de longe, desde os primeiros tempos da Alvorada de Uma Nova Era, *que dirigiu com proficiência, e agora não podia enjeitá-las. É típico e desassombrado, como talvez não haja outro, no sector espírita de além-Atlântico.*

Estudos Psíquicos, *ao ouvi-lo em conversa amena, não toma partido, não se deixa influenciar por esta ou aquela palavra. Fiel aos seus princípios, obediente aos imperativos da Doutrina, limita-se a reflectir o pensamento de um homem de acção, cujo nome se encontra ligado a uma obra notável. O que aí fica é António Trindade, em toda a extensão psicológica...*

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

VI

UMA TARDE EM GUARULHOS

Naquele domingo cheguei ao hotel à uma e meia da tarde. Subi apressadamente para o quarto, pois poucos minutos tinha para almoçar. Já de manhã efectuara uma palestra na Rádio, uma conferência de hora e meia na Federação Espirita de S. Paulo e fora ainda recebido na USE (União das Sociedades Espiritas). Tinham sido horas inolvidáveis, graças à gentileza e fraternidade de tantos confrades.

Mas naquele momento não tinha tempo sequer para recordar tudo isso. O que precisava era comer o mais ràpidamente possível as laranjas, o pão integral e o melaço que tinha em depósito no quarto, pois às duas horas aproximadamente outros gentis confrades viriam procurar-me, para me levar de automóvel à cidade de Guarulhos, a fim de assistir a determinada sessão mediúnica.

Não havia ainda acabado a última laranja e já a telefonista me anunciava a chegada dos meus amigos. Desci ràpidamente de elevador e eis-me em dois minutos a caminho de Guarulhos.

Tinham-me dito que ia assistir a uma sessão assombrosa de incorporação, mas por estar habituado infelizmente a estas *maravilhas* que são outros tantos fracassos, não acreditei por aí além nas palavras dos meus companheiros.

Poderá parecer aos leitores que sou demasiado pessimista. Mas não! Os outros, que confundem o trigo com o joio, é que me parecem demasiado optimistas... Dias depois de chegar ao Brasil, uma médium responsável incorpora e logo me pergunta ela (ou o *guia*, como querem os outros) o preço do azeite por cá, acrescentando 3 ou 4 pormenores a meu respeito de que antecipadamente tivera conhecimento. E como este caso muitos outros poderia aqui acrescentar!

★

Cheguei assim a Guarulhos, o mais céptico possível, e quando me disseram que a sessão costumava demorar umas três horas, apenas tive forças para dizer ao meu «ego»:

— Meu pobre Cardoso! Vais ter de aguentar três horas de sono!

O movimento à volta do Centro Espirita era enorme. Muitas pessoas vinham de outras localidades para assistir aos trabalhos, principalmente muitas moças e crianças. Todos se abraçavam e saudavam, com aquele espírito de camaradagem característico dos espiritas. E os moços e moças riam alegres, felizes da Doutrina que abraçavam, numa constante demonstração de que o Espiritismo é uma doutrina de vivos, é não de mortos.

Passavam poucos minutos das dezassete horas, quando entrámos, finalmente, no Centro Espirita. Mas aí esperava-me uma surpresa. Esperava encontrar um Centro mais ou menos igual aos outros, mas vi-me dentro de uma casa que mais parecia um templo protestante.

— Isso parece uma igreja protestante — disse eu para o meu companheiro.

— Não parece. É.

— Mas afinal estou numa igreja protestante ou num Centro Espirita?

— Está nas duas coisas ao mesmo tempo.

— !!!!!

— Esta casa chama-se: «Igreja Espirita Evangélica».

— É a primeira vez que vejo uma coisa destas. Já ouvira falar da sua existência, mas nunca poderia adivinhar que seria aqui em Guarulhos que a iria conhecer.

— Mas não conhece a de Lisboa?

— A de Lisboa? Em Lisboa não há templos destes.

— Desculpe o meu irmão, mas há.

— Onde? Onde?...

— O nosso Guia disse-nos há pouco que em Lisboa, num dos seus bairros, havia um Centro com estas características. Se o meu amigo procurar bem, encontrará.

Evidentemente, que, com a expansão da Igreja Espirita Evangélica de Guarulhos, não existe nada de semelhante em Lisboa. Mas não posso garantir a não existência em qualquer casa particular de algo semelhante, em escala reduzida. Sempre se tem afirmado que em Portugal não há Centros de Umbanda, e ainda há bem pouco tempo descobri um, em pleno bairro de Alvalade.

Aliás o meu companheiro dissera-me que a tal Igreja Espirita Evangélica de Lisboa estava bem escondida num dos bairros da capital! Mas disse-me também que hei-de dar com ela!

★

Depois de todas estas explicações decidi examinar com mais atenção o templo onde me encontrava. Ao fundo, junto do púlpito ou do estrado, como lhe queiram chamar (já nem sei se devo falar em termos religiosos, se em termos espiritas), podia ler na parede, em letras garrafais: *Jesus é o Pão da Vida*. Por toda a parte porém, gravadas na parede, se encontravam conceitos bíblicos, como sucede nas Igrejas Evangélicas vulgares. No entanto, nem um pensamento espirita, nem sequer uma frase de Kardec.

A sala nesa altura encontrava-se já repleta de gente. Sobretudo muitas crianças que faziam uma algazarra capaz de perturbar um surdo. Ao ouvi-las falar, gesticular, rir ou chorar, tudo ao mesmo tempo, como uma orquestra bem pouco harmónica, ia pensando:

— Que diriam disto tudo os que defendem a concentração?

★

A médium chega finalmente. Disseram-me chamar-se D. Isabel Laureano Lopes e todas a tratavam por Irmã Ninita. Mas era realmente um ser humano que entrava na sala? Ao longe dava ideia que sim, mas de perto quase tínhamos dúvida. As faces da médium eram de tal maneira disformes, e os seus dedos uma tão fraca imagem daquilo a chamamos dedos, que, por momentos, não sabia o que dizer daquilo que se apresentava ante meus olhos.

Meu companheiro compreendeu este meu natural espanto e tratou de me dizer que D. Isabel era uma leprosa.

— Há muitos anos que sofre — acrescentou — e só o seu grande amor à Causa lhe tem permitido receber com um sorriso toda a doença e continuar trabalhando connosco como criatura sã.

D. Isabel sentara-se já numa cadeira situada no estrado. A sessão começava e o meu interesse pelo que ia ver era nesse momento grande, não por esperar qualquer fenómeno surpreendente, mas pela novidade do ambiente.

A sessão começou com uma espécie de baptismo das crianças que apresentavam características para vir a ser médiuns no futuro.

As crianças aproximavam-se da médium, que não estando — julgo eu — no estado consciente, lhes fazia uns breves passes e lhes deitava umas gotas de líquido na cabeça (água?) com um algodão, segundo me pareceu.

Como os estimados leitores estão vendo há aqui uma simbiose perfeita de duas práticas: o baptismo religioso e a mediunidade espirita.

★

Do ponto de vista científico parece-me prematuro afirmar que uma criança de poucos anos possa amanhã vir a ser um médium razoável. Mesmo que o pequenino ser apresente hoje prenúncios de mediunidade, tal conclusão continua-se-me a afirmar ousada, pois todos sabemos que em maior ou menor grau grande parte das crianças apresentam esses sintomas até aos 7 anos. Teriam os confrades de Guarulhos médiuns de premonição capazes de apontar um médium futuro? Ou teria mesmo D. Isabel Laureano Lopes essa faculdade? Em caso afirmativo — desde que se tenha comprovado já a veracidade dos seus prognósticos — nada tenho a comentar. Caso contrário, todo o meu juízo anterior fica de pé.

Depois desta primeira parte, a médium incorpora o tal orador que ia fazer um discurso de perto de 3 horas.

Aconcheguei-me melhor no banco, preparando-me para estòicamente suportar o Morfeu que iria tentar incorporar na minha pessoa.

— Quem vai falar? — perguntei ao meu companheiro.

— Frei Inácio de Sousa. É o orador.

Eu já conheço, muito bem, infelizmente, os sempre *famosos* discursos destes oradores incorporados. Metem uma frase bíblica para impressionar bem a assistência, citam Cristo de cinco a cinco minutos para comover as senhoras, floreiam uma passagem dos Evangelhos, falam muito de caridade, de fé, de concentração, mas ao fim e ao cabo não dizem nada! Em Lisboa há um médium especialista neste género de tortura intelectual, e na Suíça encontrei uma senhora que não fica atrás do seu *colega* português ...

Mas aquele domingo tinha de ser para mim até à noite pródigo de emoções fortes. Esperava ir assistir, lutando com o sono, a mais um *discurso* onde o tema não saisse do comum já apontado, com a craveira intelectual dos folhetins radiofónicos.

Desta vez enganei-me redondamente. Durante duas horas e meia assisti a qualquer coisa de espantoso, de inacreditável, de invulgar. Durante duas horas e meia, uma mulher disforme, leprosa, com as faces e as mãos em mísero estado, pronunciou um discurso sobre História, citando datas, documentos, particularidades íntimas, sem uma quebra de raciocínio. Durante duas horas e meia, no meio de constante barulho feito pelas crianças (que me dizem a isto os doutrinadores que só falam de concentração?), eu assisti, pela primeira vez, a um discurso mediúnico que saía fora da craveira habitual.

No final estive algum tempo falando com a médium e o esposo.Ela além de leprosa é cega.

Perguntei-lhe se nunca estudara História.

— Não, não sei História. Quando nova só pude estudar muito pouco, e o que então aprendi nese domínio, era mais do que elementar

— E diga-me, D. Isabel: depois de cega nunca lhe leram a História Universal, ou tiveram conversas junto da Senhora sobre o assunto?

— Não, nunca. Se oiço falar às vezes de História perto de mim são sempre coisas superficiais, como sucede a qualquer pessoa.

Contaram-me que todos os domingos há um discurso diferente. No entanto, quando é convidada a ir a outra Igreja Espirita Evangélica, *Frei Inácio de Sousa* repete o discurso que lhe pedirem.

★

Como se explica tudo isto? Como os leitores devem compreender, a não existência no Brasil de qualquer Instituto de Metapsíquica faz com que casos como este permaneçam na ignorância da maioria das massas espiritas e sobretudo dos investigadores isolados. Estes casos deviam ser estudados cientìficamente, como sucede em França, Itália e outros países.

Uma única sessão não pode permitir a qualquer investigador, por mais arguto e competente que seja, dar uma conclusão definitiva, sobre o fenómeno que observou. Eu, modesto estudioso da Metapsíquica, com muito mais razão, assim terei que proceder.

O que vi permite-me apenas dizer o seguinte: trata-se de um fenómeno interessantíssimo, que pelo menos aparentemente, favorece a hipótese da incorporação. Mas só um estudo minucioso da médium, da riqueza ou pobreza do seu subconsciente, no estudo comparativo dos vários discursos, nos pode permitir uma conclusão mais sólida e consciente.

Que os investigadores brasileiros a façam é o meu sincero desejo.

(continua)

O CONHECIMENTO SUPRANORMAL

por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

III

Citei os casos de Léon Sorel, de Sampaio Bruno, as experiências feitas com os médiuns Mme. V. Reeze e o Conde Barbieri, etc., que nos permitiriam perguntar aos mestres da Ciência materialista se essas manifestações teriam sido manifestações desses sensitivos. Os pais da ciência oficial afirmam que o homem *é cérebro*, mas quedam-se mudos perante a fenomenologia supranormal.

Para os metapsiquistas as mediunidades conscientes de Léon Sorel e do Conde Barbieri são fenómenos telestésicos ou telemnésicos. Quando, como nestes casos, o sensitivo fica consciente durante a manifestação do fenómeno, esses senhores afirmam que é ùnicamente o espírito do sensitivo que actua sem nenhuma intervenção do mundo invisível. É certo e indiscutível, repito, que o potencial energético do espírito encarnado é uma portentosa força desconhecida.

De facto, o espírito das pessoas dotadas do sexto sentido agirá sempre de motuo proprio? Nessas condições porque afirmam esses sensitivos que não sabem como o fenómeno se produz? Numerosas perguntas se poderiam formular acerca da relação que essa técnica fenoménica possa ter com a elaboração do trabalho cerebral desses sensitivos.

A Natureza não criou separatividades; antes pelo contrário, tudo nela nos tem demonstrado uma formidável e maravilhosa cadeia ligando tudo que existe no universo, os infinitamente pequenos aos infinitamente grandes, mercê de escalas sàbiamente organizadas pelo Grande Arquitecto do Universo.

Todos sabemos que estamos nas vésperas duma nova era em que a ciência do espírito terá enfim o lugar que lhe compete neste mundo. Faço minhas as palavras de Hessen, quando disse: «Os tempos do materialismo passaram. Quem hoje se lembrasse de sustentar a velha teoria materialista de que só há *matéria* e de que o homem é apenas *natureza* não poderia esperar ser tomado a sério por ninguém. O Espírito é pois uma realidade no consenso unânime de todos os filósofos do nosso tempo. Mas aquilo em que todos se acham de acordo, é na determinação, não do ser do espírito, mas do seu «modo de ser», ou seja da sua essência metafísica».

*

O conhecimento supranormal obtido através das várias facetas do sexto sentido, pode também revelar-se pelos sonhos premonitórios.

Entre muitos citarei o duma jovem brasileira de vinte anos, Julieta R., que completava essa idade no dia 1 de Janeiro de 1937.

Um ano antes Julieta sonhara que se vira morta, estendida na cama e vestida de branco. Um rapaz chorava segurando-lhe a cabeça. Julieta em breve esqueceu o sonho, mas sua mãe, médium intuitiva, esperava uma fatalidade, assediada por tristes pressentimentos.

Nesse 1.º de Janeiro de 1937 Julieta sentiu-se sùbitamente atingida por uma violenta dor na região ilíaca direita. Uma peritonite grave arrebatou-a nessa noite e tudo se passou como ela vira no seu sonho, incluso a desolação sincera do seu noivo.

O sexto sentido revela-se tanto mais perfeito, quanto mais idosa é a alma. Então o subconsciente é mais activo, está mais aberto; é um verdadeiro vigilante, permitindo ampla acção ao consciente e a intuição encontra bem combinados dois elementos que lhe permitem largo campo de acção. Nestas condições a intuição é um dom precioso. O seu possuidor pode confiar nela, como se possuisse um aparelho com as mais delicadas antenas.

Todas as manifestações fornecidas pelo sexto-sentido permitindo o conhecimento supranormal, são objecto de delicados estudos, infelizmente ainda não oficializados.

Para essas investigações têm concorrido muitos médiuns, cheios de boa vontade, muita vez fornecendo eles próprios aos experimentadores informações preciosas acerca do que sentem e do que percebem, tanto em estado de vigília, de hipnose ou de simples actuação.

Nestas observações o estudioso e o experimentador arriscam-se quase como numa aventura das mais perigosas, a enveredar por caminhos desconhecidos e cheios de labirintos. Estes perigos são ainda inevitáveis, sabido como é, que os melhores médiuns e os melhores sensitivos apresentam fraquezas inerentes à sua condição humana: fraquezas involuntárias que podem despistar o mais hábil experimentador e levá-lo por veredas erradas.

A tecnologia do conhecimento supranormal deve merecer a maior atenção e, sobretudo, a mais estreita colaboração entre os sensitivos e os experimentadores.

É um trabalho preponderante e misterioso que o encéfalo e as células mais subtis do cérebro realizam com o subconsciente e o consciente ou *eu* do indivíduo sensitivo. Observou-se que esse trabalho de conjunto, tanto pode partir do exterior para o interior, como vicé-versa.

O consciente e o inconsciente têm a sua memória espiritual ou fazem parte da memória espiritual do indivíduo. Nestas condições o seu teclado psíquico tem escalas subtilíssimas, ainda incompreendidas, como a música de Wagner. Esse conjunto de células fornece reacções tão completas, que presentemente nós apenas nos podemos contentar em registá-las na categoria dos fenómenos supranormais.

*

O estudo do conhecimento supranormal está ainda por fazer, visto que a ciência oficial nunca lhe concedeu a sua douta atenção!

Pouco se tem avançado nesse domínio desde que em certo concílio se discutiu se a mulher tinha ou não alma! A doutrina de Kardec veio revolucionar o que até então se ensinara, e logo a seguir Ernesto Bozzano, o coronel de Rochas e o barão Aksakof deram os primeiros passos no caminho dessa nova ciência. Mas há ainda muito que desbravar nesse vastíssimo e misterioso campo. Verificar fenómenos não basta; é preciso conhecer-lhes as origens. A Ciência é una. A antiquíssima sabedoria hindu ensina que «Tudo está no todo» e Hamon Rhá, na iniciação de Hermes Tris-

LIVROS NOVOS

ACÇÃO E REACÇÃO, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito de André Luís ..... br. 35$00

AFRICANISMO E ESPIRITISMO, por Deolindo Amorim — 2.ª edição revista e ampliada ..... br. 16$00

AMOR E ÓDIO, por Yvone A. Pereira — Ditado pelo espírito de Charles ..... br. 45$00

ASCENSÕES HUMANAS, de Pietro Ubaldi — 4.º volume da 3.ª trilogia do Autor ..... enc. 130$00

CONTOS E APÓLOGOS, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito do Irmão X ..... br. 25$00

CINZAS DO MEU CINZEIRO, por Manuel Quintão, prefaciado por Carlos Imbassahy — Narração de casos interessantes de fenomenologia espírita ..... br. 30$00

DOR SUPREMA, romance ditado pelo espírito de Vítor Hugo — 6.ª edição ..... br. 75$00

DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, por Mário Cavalcanti de Melo — Suas lendas, erros e contradições ..... br. 38$00

ESTUDANDO A MEDIUNUIDADE, por Martins Peralva, segundo a obra «Nos Domínios da Mediunidade», de André Luís ..... br. 40$00

EVOLUÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS, por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito de André Luís ... br. 35$00

A ERA DO AQUÁRIO, pelo Dr. Aníbal Vaz de Melo — Obra extraordinária sobre as promessas do ano 2000 ..... z br. 50$00

EÇA DE QUEIRÓS PÓSTUMO, por Fernando de Lacerda — Crónicas mediúnicas de Eça de Queirós ..... br. 35$00

O ESPIRITISMO À LUZ DO CRÍTICA, por Deolindo Amorim — Obra notável de defesa do Espiritismo br. 45$00

ESPIRITISMO E CRIMINALIDADE, por Deolindo Amorim — Livro baseado numa conferência do autor promovida pelo Instituto de Criminologia e proferida na Universidade do Rio de Janeiro ..... 25$00

O ESPIRITISMO E AS DOUTRINAS ESPIRITUALISTAS, por Deolindo Amorim — Trabalho prefaciado pelo Dr. Lauro Sales ..... 15$00

A FELICIDADE AO SEU ALCANCE, pelo Dr. Toulouse ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE XICO XAVIER, contados por Ramiro Gama e ilustrados à pena ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE BEZERRA DE MENESES, igualmente contados por Ramiro Gama ..... br. 20$00

LUTA REDENTORA, por José da Silva Sobrinho — Interessante romance ditado pelo Espírito de José de Alencar ..... br. 40$00

MAGNETISMO ESPIRITUAL, por Michaelus — História, evolução, experiências e aplicações. Relações com o Espiritismo, diferenças e concordâncias entre magnetismo e hipnotismo ..... br. 40$00

megisto explicou-lhe que «Uma só alma, a grande alma do Todo, deu nascimento a todas as almas».

Este princípio manifesta-se na moderna filosofia, e os pensadores desempoeirados, libertos das peias fanáticas e dos dogmas absurdos procuram desvendar, conhecer, aprofundar as origens, isto é, os elos ou as origens dos ramos da grande ciência universal. E assim sábios dos nossos dias, como Robert Amadou em França, MacKenzie em Itália, Bikov na Rússia, Rhine nos Estados Unidos e Ernani Guimarães Andrade no Brasil lançaram-se corajosamente na árdua tarefa de estudar o conhecimento supranormal. Espera-se com entusiasmo o resultado das suas análises, que, estou certa, serão de alto valor para a ciência em geral, assim como para a sociologia e a filosofia, e muito especialmente para provar mais uma vez a afirmação de Kardec — que o Espiritismo tem de ser científico.

O conhecimento supranormal demonstrará ao homem se ele vem à terra sob um determinismo taxativo e implacável, ou se ele, como também se afirma, é senhor da sua vontade e pode modificar esse destino.

O estudo das causas supranormais esclarecerá acerca do trabalho do subconsciente e do consciente, de que tanto se tem falado. Em suma, espera-se desses delicados trabalhos muita luz sobre as verdadeiras potencialidades da alma humana. Essa luz fará sem dúvida terminar a cegueira e a surdez daqueles que por conveniência própria não querem ver nem ouvir o que lhes ensinam as forças subtis do universo.

Conhecidas as origens dos fenómenos supranormais, creio que a ética pessoal mudará de rumo e as sociedades também tomarão novos aspectos e o mundo saberá solucionar grandes e intrincadas questões que agora o amarguram.

Ficamos esperando com ansiedade o resultado desses estudos, convencidos do êxito dos citados cientistas.

FIM

A SENHORA GILLIARD

Por PIERRE NEUVILLE

Apesar das descobertas de verdadeiros sábios, o dom de vidência continua a ser dos mais misteriosos e inexplicáveis.

Porque têm alguns seres, em grau muito variável, esta faculdade de penetrar, através do pensamento, num mundo que escapa ao comum dos mortais?

Poderá este excepcional sexto sentido desenvolver-se em todos os indivíduos?

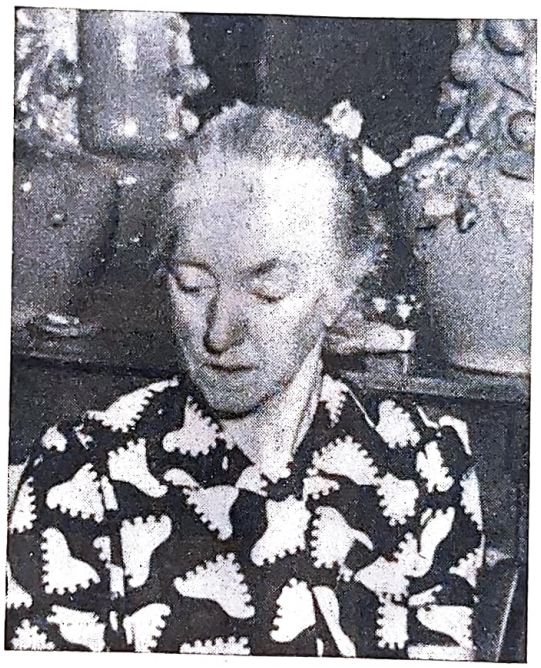
Eis as perguntas que se apresentam ao investigador sincero, para quem a mediunidade não é, forçosamente, sinónimo de charlatanismo.

Neste domínio os charlatães são, na verdade, muito numerosos e nunca é demais alertar o público contra estes profissionais do mistério que se dedicam apenas a explorar a credulidade dos simplórios ou dos aflitos.

Todavia, a selecção torna-se difícil, pois é ao consultante que compete conservar o bom senso crítico e não se deixar influenciar por truques cem vezes repetidos e vidências que podem adaptar-se a todos os casos e situações.

Notemos sòmente que os médiuns melhor dotados não são os que fazem maior publicidade.

Pelo contrário, os autênticos videntes limitam sensatamente as suas consultas, comercializam-nas o menos possível e não forçam o seu talento. Um bom «médium», quando não estiver inspirado, deve ter a franqueza de dizer que nada «vê», porque ninguém pode comandar a vidência a qualquer hora do dia ou da noite.



A Senhora Gilliard

A sr.ª Gilliard é dessas médiuns cuja modéstia se assusta à ideia de se referirem num jornal aos seus dons excepcionais. A sua reputação, a despeito das vidências espantosas que dá todos os dias, não ultrapassou os limites do seu bairro (¹).

A sr.ª Gilliard foge da publicidade. Não há placa espaventosa na porta da sua modesta habitação em Paris. A bem dizer, a sr.ª Gilliard teve sempre mediunidade, pois já em criança as irmãs de caridade, cujas aulas frequentava, a interrogavam acerca do tempo que estaria no dia seguinte. Com tudo, só obrigada pela necessidade se resolveu a exercer a clarividência, mas limitando ao máximo os seus honorários.

Foi assim que passou a usar o nome de Madame Fanny.

As ilustrações deste dom excepcional não faltam. Uma respeitável americana de setenta e cinco anos de idade tinha razões para se admirar, quando a sr.ª Gilliard lhe anunciou «... que ia casar-se debaixo de um lustre, num salão...».

Isto parecia bastante improvável. Contudo, foi exactamente assim que as coisas se passaram! Num salão do paquete que a conduzia à América, debaixo de um lustre, a velha senhora conheceu um passageiro, que é hoje seu marido.

Àquela outra cliente que ia passar as férias à Itália, a sr.ª Gilliard anunciou: «... A senhora voltará quase casada...». Desta vez a predição parecia menos inverosímil, mas tratava-se duma viagem organizada muito ràpidamente, sem estadia prolongada e a interessada não conhecia uma palavra de italiano.

Parecia-lhe muito difícil, nestas condições, tornar-se noiva e em vias de casamento. Semanas depois voltou de Itália oficialmente noiva... do guia que acompanhara os turistas na viagem!

A mulher de um dos nossos parlamentares, de origem judaica, fora deportada durante a ocupação. Nessa altura encontrava-se grávida e nunca mais souberam notícias dela. Contudo a sr.ª Gilliard afirmava que ela não tinha morrido, que dera à luz uma linda menina e que voltaria.

O marido esperou inùtilmente a Libertação, o regresso dos deportados. Ninguém lhe soube dar a menor informação sobre a sorte da desaparecida que a sr.ª Gilliard persistia em declarar viva e da qual anunciara o regresso. Finalmente o parlamentar voltou a casar-se, fundou um novo lar que duas crianças vieram encher de alegria. Contra todas as aparências a sr.ª Gilliard continuava a predizer o regresso da desaparecida, que se deu em 1949. Na atmosfera dramática que se adivinha, a infeliz deportada e a menina que ela tivera depois da deportação, voltaram ao lar perdido, após alguns anos de sofrimento.

Podíamos contar muitos outros factos extraordinários que provam a qualidade excepcional das faculdades da sr.ª Gilliard. Contentar-nos-emos, para terminar, descrevendo como nós próprios a pusemos à prova.

A médium ignorava tudo sobre a personalidade

MENSAGENS DE LIA

ESPIRITUALIDADE

Quando se atinge a entrada da Senda do Serviço Cristão, sente-se que tal está acontecendo. É como quando nos aproximamos da orla de um bosque. Aí começamos a ouvir o canto dos pássaros e a sentir o perfume das flores e resinas silvestres.

O mesmo se dá no limiar da espiritualização. Ocorrem pequenos e frequentes lampejos. São instantes de espiritualidade que nos visitam. Qualquer coisa que não podemos explicar. Dá-nos, porém, a sensação de que começamos a livrar-nos das contingências materiais.

Bendigamos sempre esses momentos, esses instantes. Aproveitemos suas vibrações. Reforcemos com elas nossos intentos de espiritualização. Aumentemos nossa resistência à dor e ao sofrimento. Se lhes chegam vibrações desses sinais de alerta, despertai e segui. São chamamentos do Cristo de Deus.

(Psicografia de Marius, em 14-4-60, às 23 horas, no Rio de Janeiro)

A LIÇÃO DA FÉ

É sempre nova a lição da Fé. É como a linfa que brota do chão, purificada através das camadas da argila. Independente da cultura, porque filtrada pelo sentimento, das fibras do coração.

Por isso é que a lição da Fé nos surpreende sempre. Em verdade, não se repete, sempre renovada pelas circunstâncias. Em essência, porém, é sempre a mesma, como vibração do espírito.

Daí o conteúdo energético da Fé, em suas várias expressões. Daí as diferentes formas por que nos impressiona. A Fé dos que sofrem. A Fé dos que esperam. A Fé dos que alcançam a bem-aventurança.

Para que se aprenda a lição da Fé, em suas diversas modalidades, é preciso que se conheça a sua essência. Fé é simplicidade, é sintonia com as fontes da Vida. Fé é humildade, é sabedoria. Quem não se inspire nos atributos da Fé, não assimila sua lição, que é Paz e Amor.

A lição da Fé não deve ser compreendida, mas sentida. Sentida com o coração, como dos mais directos fulcros do Espírito. Eis, porque os que nos prodigalizam a lição da Fé, sempre o fazem pela humildade de suas atitudes.

(Psicografia de Marius, em 17-5-60, às 23 horas, no Rio de Janeiro)

do visitante e o motivo da visita, porque nos havíamos apresentado como um cliente ordinário, sem anúncio prévio ou recomendação de alguém.

Convém precisar que a sr.ª Gilliard, sem jamais ter estudado o caso, escolheu as manchas de tinta como suporte de vidência. Eis o que ela me declarou, um minuto depois de examinar as manchas que eu vi cair sobre o papel:

«... Há muita gente em seu redor... Tem um emprego em que vê muita gente e muitas caras novas... Vejo-o sempre em viagens. Não é curador e apesar disso vejo curas e curadores... Também não é radiestesista, mas a radiestesia interessa-lhe e ocupa-se dela. Sim, é esquisito, um pouco como se o senhor ajudasse todas aquelas pessoas...»

As pessoas que leram os artigos e os livros que consagrei à defesa dos curadores e os numerosos artigos que tratavam de radiestesia hão-de concordar que as descrições da sr.ª Gilliard são de admirável precisão.

É pelo estudo racional e exame objectivo de tais fenómenos que chegaremos talvez um dia a explicar o mistério da mediunidade e a fixar as possibilidades exactas deste sexto sentido que ignoramos quase totalmente e que Reboux pôs em relevo, dizendo que seria talvez, a par da aviação, uma das descobertas que mais contribuiram para modificar a condição do homem deste século.

---

(1) *A sr.ª Gilliard mora no n.º 4 da rua Bronchant-Paris-17.º.*

NÃO HÁ MORTE

Por Florence Marryat

II

Na noite indicada assistimos à sessão e o Dr. H... levou consigo a caixa que tinha preparado. Disseram-lhe que se sentasse numa cadeira. Depois atou um fio à caixa, pôs-lhe o pé em cima e ficou com a extremidade do fio na mão. A reunião não era favorável para um incrédulo. A sala estava cheia de assistentes, entre os quais havia muitos estranhos!

A meu ver as manifestações vulgares são mais prejudiciais que úteis, a não ser que tenham sido precedidas de outras verdadeiramente extraordinárias; de modo que o doutor saiu mais céptico do que antes e eu arrependi-me de lhe ter feito o convite.

Um facto inesperado: A caixa que ele tivera sempre debaixo do seu pé, desapareceu no fim fim da sessão. Outro senhor trouxera também uma caixa selada com papel e lápis e, quando se abriu, na presença de todos, encontrou-se uma carta particular da sua falecida mulher. Quanto à caixa do doutor, tinha-se evaporado..., não se encontrou em parte alguma! A porta da sala estivera sempre fechada à chave; procurou-se minuciosamente nos cantos da casa, sem o menor resultado. Quanto ao Dr. H., tinha triunfado!...

— Ao ver que não podiam desfazer os nós, nem as marcas do sinete, acharam mais cómodo não me darem a caixa — dizia-me ele, exultando —. As duas caixas deviam ter sido tiradas durante a sessão por qualquer cúmplice do médium. A outra caixa foi fàcilmente escamoteada e trazida novamente. A minha caixa foi reconhecida inacessível e por isso a retiveram. De resto, eu esperava isso.

E piscava-me os olhos, como quem diz: «Tapei-lhe a boca... Doravante não voltará a descrever-me as maravilhas que tem visto».

Apesar desta decepção, não me senti desencorajada, nem abalada na minha crença. Nunca pensei que alguns seres espirituais fossem omnipotentes, omnipresentes ou omniscientes. Antes desta, tive algumas experiências falhadas; mas haveria ainda outras! Se um acrobata falha duas ou três vezes o seu duplo salto, tenta, com certeza, o quarto. Estava aborrecida com esta experiência infrutífera por causa do Dr. H..., esperando sempre encontrar a caixa... Efectivamente, quinze dias depois foi-me ela entregue pelo sr. Olive, com um bilhete, dizendo-me que a tinha encontrado nessa manhã na chaminé do quarto de médium, sr. Hasby, e que não quis demorar a sua remessa. Estava ainda envolvida no papel pardo, atado e selado com aparência idêntica à que tinha, quando a transportámos para a sessão de Ainger Terrace. Imediatamente escrevi ao Dr. H... anunciando o sucedido e pedindo-lhe que viesse abri-la na minha presença. Veio logo, agarrou na caixa, tirou o papel exterior, examinou-o com cuidado e notou quatro sinais na respectiva embalagem.

1.º — A seda para as artérias, que só podia ser obtida por um médico.

2.º — Os nós, que só os médicos empregam.

3.º — O sinete pessoal do Dr. H..., que ele nunca tira da sua corrente.

4.º — A tampa da caixa ligada à parte inferior.

Como o doutor examinasse a seda, os nós e o lacre, eu vigiava-o de perto.

— Tem a certeza de que é o mesmo papel com que embrulhou a caixa?

— Tenho.

— E que é a mesma seda?

— Sim.

— E os nós não foram desfeitos?

— Não.

— Nem o sinete que lhe imprimiu?

— Claro que não! Estão, exactamente, como os imprimi. Podia confirmá-lo em tribunal.

O Dr. H... pegou na tesoura e cortou a seda em cada nó e em cada sinete; depois rasgou o sobrescrito colado de papel branco de escrever (que estava tão novo como quando o tinha colado) e tentou abrir a caixa de cartão; mas, como não pudesse abri-la devido à tampa, que estava selada na parte inferior da caixa, cortou a tampa à volta. Enquanto executava o trabalho olhou para mim, dizendo:

— É impossível que esteja qualquer coisa escrita no papel.

Levantou a tampa e a caixa estava vazia!...

A metade da folha de papel e a metade do lápis de madeira de cedro tinham desaparecido! Nem uma partícula da mina de chumbo nem um fragmento do papel! Nenhum vestígio. O doutor parecia completamente desorientado.

— Então? — perguntei-lhe.

Tergiversou, corou e começou a barafustar.

— Como explica isto? Que pensa disto?

— Da maneira mais simples do mundo — respondeu ele, num desafio —. Nunca vi mistificação mais clara!... Guardaram a caixa durante quinze dias e tiveram tempo de fazer tudo o que quiseram. Uma criança poderia perceber isto; certamente a sua inteligência não tem necessidade de explicações.

— Não sou tão inteligente como pensa! Diga, pois, o que compreende de tudo isto.

— Com muito prazer. «Eles» abriram uma fenda invisível na juntura da tampa e com a ajuda de uma pinça tiraram o papel, pedaço a pedaço... Quanto ao lápis, usaram o mesmo processo e, com uma lâmina, cortaram-no pouco a pouco, até reduzi-lo a poeira e sacudiram os detritos para fora.

— Isso necessitaria de longas e minuciosas manifestações!

— Naturalmente; também necessitaram de duas semanas para concluir o trabalho.

— E como explica o caso da seda?

— Adquiriram-na em qualquer cirurgião.

— E os seus famosos nós?

— Ora, pediram a qualquer médico que os fizesse.

E o seu sinete pessoal?

— Oh! Tiraram um «fac símil» para poder reproduzi-lo; foi hàbilmente feito, embora de maneira inexplicável.

— Antes de abrir a caixa disse-me que juraria em tribunal que «nada tinda sido mudado...?».

— Enganei-me.

— E você acredita que um rapaz sem instrução como Haxby perderia tempo a tirar cópias de sinetes e procurar seda para artérias, assim como os serviços de um cirurgião, a fim de me ser agradável, pensando que a caixa me pertencia, sem intuito de mistificar, nem converter?

— Acredito.

— Mas há pouco dizia o contrário. Porque se fia você nos seus sentidos num momento e noutros não? E se Haxby quisesse pregar-me uma partida, como supõe, porque não descobriu você a fenda, quando examinou a caixa, antes de a abrir?

— Porque os meus olhos me enganaram.

— Então, depois de tudo isto, a melhor coisa que pode dizer de si próprio é que, sendo embora consagrado como homem de ciência, dispondo de habilidade e de senso, e convencido das suas faculdades, é incapaz de apresentar uma prova sem possibilidade de ser enganado por um indivíduo inferior a si, em idade, inteligência e instrução como o jovem Haxby?... Mas quero ainda proporcionar-lhe uma nova oportunidade! Faça outro pacote, como quiser, aplique-lhe a severa fiscalização que o seu engenho invente ou que outros homens de génio lhe possam sugerir e permita-me que o dê a Haxby, para ver se o pode extrair ou selar novamente o conteúdo...

— Seria inútil, diz o Dr. H... Se fossem extraídos através das paredes de ferro de um cofre forte, só o poderiam fazer por meios naturais.

— O sr. não quer acreditar!

— Tem razão. Eu não quero acreditar. Se me convencesse da realidade do Espiritismo, destruiria todas as teorias que mantive durante a maior parte da minha vida. Não creio em Deus, nem na alma, nem na vida futura e não poderia acreditar nelas... Em minha opinião nesta existência temos bastantes preocupações, para que nos preocupemos com outra. Além disso, quando morremos, morremos para sempre!...

Assim terminou a minha tentativa para convencer o Dr. H... Depois disso, cheguei à conclusão que era apenas um céptico.

NOTA — *Através deste admirável relato verifica-se que uma mulher, graças ao seu bom senso, à sua perspicácia e tenacidade, notou a má-fé do interlocutor.*

À semelhança de Florence Marryat diremos que o Espiritualismo Moderno nos dá o privilégio de não temermos a morte e que, atrás da porta que se abre, se encontram os nossos entes queridos.

— Não nego — diz a escritura — que em torno de nós possa haver espíritos maus.

Que admira? Por cada espírito liberto que tenha beneficiado os seus semelhantes, há cem que fizeram mal!

Além disso, não há mais demónios na carne do que fora dela? É a estes que nos dirigimos para fazer reflectir no que os espera, quando passarem alguns anos no nosso planeta.

— Quando olho à minha volta e vejo os jovens de hoje que não acreditam na sobrevivência, que se deitam e morrem como os animais, que não podem compreender o amor de Deus que os criou, embora o sintam — diz ainda a sr.ª Marryat — o melhor que lhes poderá acontecer é a vinda *de um pai, mãe ou amigo que possa convencê-los, materialmente, de que há uma vida futura de felicidade ou de miséria, conforme o tenhamos merecido.*

J. L.

FIM

(De «Spiritualisme Moderne» traduziu C. A.)

FILOSOFIA

Os factos do Espiritismo não são mero passatempo. Não surgiram para que nos divertíssemos com o giro das mesas, com o movimento dos objectos, com a aparição de fantasmas, com a produção de sono, de luzes ou de cheiros, com a revelação dos defuntos; não vieram trazer-nos a prova da sobrevivência ou seja a do maior problema que até então agitou a consciência humana.

Apresentam-nos ainda a solução de outros problemas que nenhuma filosofia pôde até agora desvendar e muito menos provar — o do destino, o do sofrimento, o das vidas pretéritas, o das existências sucessivas, o dos planos habitados do universo, o das reacções, o das causas e efeitos, o da evolução espiritual. Ficamos, então, com a segurança de que viemos de outras plagas e de outros tempos e continuaremos indefinidamente a nosa jornada.

Não é mais o céu de inactividade e ociosidade eterna, nem o inferno com suas penas terríveis e sem esperança de termo. As dores já não são o resultado do arbítrio divino, de uma injustificável e injusta predestinação, ou filhas do acaso, mas a triste sementeira do passado. Elas nos são temperadas com a certeza de que terminarão, com a convicção do progresso futuro, com a persuasão de que não passam de pequeno, de insignificante degrau na escala imensa da nossa ascensão.

CARLOS IMBASSAHY

O MEU ABC DO ESPIRITISMO

POR MARIA INÊS SENA

O Espiritismo é uma filosofia que nos ilumina o Caminho da Verdade, pondo-nos na alma hinos de graça.

Que sublime crença é esta, que nos dá requintes de sentimento e nos aperfeiçoa!

Por seu intermédio é que temos notícias do que partiram.

Os descrentes riem-se e perguntam como podemos receber notícias dos que acabaram. E alguns, sem rebuço de educação, alcunham-nos de enganadores, tarados ou outros nomes semelhantes.

Eis um trabalho fácil, mas que não prova sabedoria...

A Verdade sobre o Espiritismo está cheia de provas irrefutáveis. Porque, então, se agitam dúvidas, dando lugar à ignorância e à injúria?

Esse mundo invisível existe povoado de espíritos. Uns vão para as trevas, onde sofrem tormentos, e outros reencarnam, na ânsia de redimir erros cometidos. E voltam em seres apropriados.

Muitos julgam que o Espírito recebe imediatamente a Luz e que pode ascender a esfera mais elevada ou voltar às plagas terrenas. É um engano. Só depois de certo estágio astral pode ascender ou voltar à terra, segundo o seu próprio merecimento.

Dizem os católicos que a alma vai para o Céu gozar as delícias do Paraíso. Ou para o Inferno, a arder em fogueiras de tormento eterno.

Não venho estabelecer paralelos entre crenças. Sòmente faço as minhas conjecturas. Portanto, para nós, espiritas, a alma segue a sua trajectória, subordinada a leis imanentes.

O Cristo ensinou a praticar o bem e a perdoar. E o espirita deve basear-se nessa legenda e poderá crer que um dia se libertará e cantará vitória.

Infelizmente, nem todos se embrenham nos livros de Kardec e cometem o erro de discutir o que desconhecem, chegando a afirmar que, quando «morrermos», tudo está terminado.

Encontro-me no A B C desta doutrina, mas isso me basta para crer e ter um desejo incontido de a estudar. E já posso afirmar que a matéria, após o sono da chamada Morte, baixa à terra e lá se transforma. Mas a parte fluídica ou espírita vai para o Espeço, não morre e cá voltará quantas vezes necessitar, a fim de evolucionar até à Perfeição. Depois, na sua auréola, auxiliará os necessitados, concedendo-lhe muitos benefícios.

Quem dera ter sempre ao lado as vibrações desses bons espíritos a defender-nos e a proteger-nos!

O espaço que nos rodeia é habitáculo dos Espíritos. Dos bons recebemos protecção e auxílio.

Todos somos médiuns em estado latente, mas nem todos se apercebem desse privilégio. Quantas vezes recebemos avisos do Além e não lhes ligamos importância!

Quem estas linhas escreve poderia citar muitos casos pessoais.

Vários fenómenos me têm acontecido e por isso dou grande valor a muitas intuições recebidas.

A mediunidade sempre existiu. É velha de milénios.
Sócrates era um grande médium. Quanto o não ajudou o seu guia nas belas lições filosóficas que nos legou!

Newton, célebre matemático, físico e astrónomo, que descobriu a lei da gravitação e as regras do binómio, dignificou o Espiritismo, confessando que muito da sua gloriosa ciência lhe adveio de uma série de pressentimentos que o favoreciam em noites de vigília. Esses pressentimentos, que eram, senão, mediunidade?...

Há também espíritos que se tornam visíveis aos médiuns videntes, que já têm sido considerados loucos por aqueles que não procuram averiguar os factos e chegar a uma séria conclusão.

Não compreendem que o círculo da ignorância os rodeia numa onda tenebrosa.

Quantas vezes se vêem sombras, formas contornadas de vultos, e num ápice se desvanecem sem termos tempo de apreciá-los!

O grande atraso da Humanidade e a falta de compreensão das manifestações invisíveis é deveras lamentável.

Os assuntos transcendentes prestam-se a mordentes sarcasmos e hoje rareiam os que apreciam estudos dignos, que trocam por leituras burlescas, ficções irrisórias, por todo esse misto idiota que explora e satisfaz a nossa geração. Uma enorme percentagem alimenta a nervosidade da sua tara com o Jornal da Bola.

Todos os que conhecem Espiritismo, com letra maiúscula, devem combater essa doença, introduzindo, quanto possam, este estudo que movimenta o cérebro para inteligências promissoras. Imprimam no seu âmago a sã doutrina, de maneira a irrigar-lhes o coração.

Calar ou falar pouco é condenar esses homens a trilhar o atalho que separa do caminho do Amor, da Moral e do Bem.

Podemos sintetizar que o Espiritismo, na sua trilogia — ciência, filosofia e moral — concretizará os novos rumos de amanhã.

Urge unir os esforços, a vontade e o pensamento, escudando esses Irmãos desviados da compreensão, da harmonia, de tudo quanto é belo e vibre em uníssono com as leis divinas.

Nada de temer que a luta surpreenda ou revolte. Que os predicadores incutam novo sentido de vida e nova concepção de ideias, é o que se impõe!

Estuguemos o passo, substituindo necessidades características por firmes projecções e colhendo o fruto vivo do Espiritismo! E a transformação surgirá!

Sinto profunda mágoa por estar no início desta bela doutrina ou de não ser médium psicográfica. Ao menos teria palavras suaves e consoladoras de algum Bom Guia. Mas sinto-me bem desabafando e adquiro mais força para me depurar e suplicar protecção para quantos desejam progredir e espalhar o bem.

São ideais que nos cativam, no prazer de encontrar a Luz Redentora.

Acolhi-me a esta crença, que me enche a alma de serenidade. Ela me suaviza o espírito sedento de pureza, ela me envolve de sorriso e alento.

Com devoção na alma e enlevo no coração, comovidamente, dou graças ao Alto e faço preces para que o sopro divino nos espiritualize.

«PROGRESO ESPIRITA»

Treze anos decorreram sobre a fundação da revista «Progreso Espirita», órgão do Círculo de Estudios «Progreso Espirita», *de Buenos Aires, e que, por sua vez, comemorou também o seu trigésimo aniversário.*

«Progreso Espirita» é uma revista mensal dirigida pelo nosso confrade e velho amigo Natálio Ceccarini Filho, que já desempenhou as funções de redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na capital portenha. O seu nome é garantia de boa orientação e por isso este periódico tem caminhado a passo firme, concitando a simpatia de seus numerosos leitores e revelando-se uma tribuna de boa propaganda. De resto, a sua razão vital é «afirmar a realidade do Espiritismo e promover a superação moral do ser», como se diz no artigo comemorativo, onde se lê também:

«Fiel ao seu programa enunciado desde o primeiro número, que é difundir e servir o Espiritismo, as suas páginas têm recebido a colaboração de nomes de valor indiscutível, que contribuiram para o impor ao respeito de todos.»

É verdade. De pequeno formato, como é, nem por isso deixa de publicar óptimos trabalhos merecedores de transcrição. Pela nossa parte já o temos feito, sempre com benefício doutrinário. «Progreso Espirita», por sua vez, já transcreveu vários artigos de «Estudos Psíquicos», num intercâmbio jornalístico que honra o seu ilustre director.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos, com votos de progresso incessante, não fazemos mais do que homenagear uma publicação que tem lutado nobremente pela causa que nos irmana.

O SELO DESAPARECIDO

R. Dorothy Wood escreveu o seguinte no Fate:

«Uma vez estava a escrever uma carta, depois de colocar dois selos na minha caixa de biscoitos que estava no centro da mesa. Quando terminei estendi a mão para apanhar os selos e já os não vi. Levantei-me e procurei por toda a parte, sem resultado, deixando a carta para o dia seguinte. Quando, de manhã, me sentei à mesa para o pequeno almoço e levantei a tampa da manteigueira, qual não foi o meu espanto ao encontrar os selos, sem estarem engordurados! Nem mesmo em sonho eu colocaria os selos em tal recipiente...»

A HIPNOSE NA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL

This Week, *dos Estados Unidos da América do Norte, publicou o seguinte, numa edição de Janeiro de 1959:*

«Uma das maiores dificuldades com que luta a polícia é a informação deficiente das testemunhas oculares. Quem assiste a um crime não sabe dizer o que realmente sucedeu e despreza pormenores significativos que seriam úteis à investigação policial.

«Com a ideia de saber se poderiam conseguir melhor informação utilizando a hipnose, realizaram-se experiências na escola policial de Western Reserve University, *sob a direcção do Dr. Deszo Levendula, presidente da* Sociedade de Hipnose Clínica *de Cleveland e sócio da* Sociedade Americana de Hipnose Clínica, *com resultados positivos. Comprovou-se que a memória das testemunhas oculares era melhorada através da hipnose e que os incidentes de conteúdo emocional, como os crimes violentos, eram recordados mais rigorosamente.*

«Os estudantes policiais assistiram a uma inesperada discussão entre duas estenógrafas, sem saber que era simulada e todos acreditaram que era uma verdadeira discussão, que terminaria em briga. Depois da cena tudo se esclareceu, pedindo-se-lhes que fizessem um relato do sucedido. Em seguida foram submetidas a hipnose, com ordem para que, ao despertar, recordassem a cena mais pormenorizadamente, como, de facto, sucedeu».

«A LUZ DE DAMASCO»

Eis um jornal de magnífica feitura que se publica em Porto Alegre e tem como director técnico o nosso querido amigo Francisco Jaime! A Luz de Damasco, *órgão de difusão doutrinária da* Sociedade Espirita «Allan Kardec», *comemorou, com o seu n.º 96, o sexagésimo sexto aniversário desta agremiação. E fê-lo garbosamente, do ponto de vista gráfico e doutrinário.*

A sua directora responsável — Jenny Silenk Fernandes — é uma alma vibrátil, cujos voos espirituais resplandecem em clarões de harmonia. Muito tem ela feito nestes oito anos de existência. Quer escrevendo, quer recebendo elevadas vibrações do Alto, a sua acção exemplar assume relevo extraordinário, em contraste com o de outros que mais poderiam e deveriam fazer em benefício da Causa.

A Luz de Damasco *é um modelo de jornal espirita, à semelhança de* Desobsessão, *da mesma cidade, que se publica sob as vistas sábias e prudentes de Conrado Ferrari e José Jorge da Silva. E por isso escrevemos estas palavras com a satisfação de quem deseja fazer justiça e só justiça.*

Que A Luz de Damasco *continue a desdobrar-se em serviço dignificante, são os votos da nossa revista, que envolve Francisco Jaime num fraternal amplexo de simpatia.*

«O CRUZADO»

Entrou em nossa redacção mais um número de «O Cruzado», boletim oficial da Cruzada dos Militares Espiritas, com sede no Rio de Janeiro e de cuja direcção fazem parte o General Duque-Estrada e o Marechal Mário Travassos, nosso redactor-correspondente naquela capital.

Entre vários artigos de elevado alcance, insere um «fundo», intitulado «Repisando», da autoria do General Duque-Estrada, focando os tempos actuais e as tarefas ingentes que impendem sobre a Cruzada dos Militares Espiritas.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A MEDIUNIDADE AO SERVIÇO DA POLÍCIA

Este assunto já tem sido estudado nas colunas de *Estudos Psíquicos*, onde se encontram casos espantosos de clarividência e psicometria. Hoje vamos arquivar um bastante curioso publicado na revista *Tomorrow*, de Nova Iorque, no primeiro trimestre de 1953.

Em 28 de Junho de 1950 o secretário do tribunal de Leeuwarden (Holanda) escreveu o seguinte:

«No registo de actas de um tribunal de comarca havia-se extraviado uma pasta de documentos relativos a um caso de bancarrota e o juiz-presidente requereu o auxílio do sr. Gerard Croiset para encontrar os papéis. Em 22 de Junho, estando este senhor no tribunal a tratar de outros assuntos, foi à secretaria e declarou, sem mais preâmbulos, que os documentos estavam ao fundo e à esquerda de um andar superior do edifício, e descreveu, a seguir, o aspecto e a grossura da pasta. Os documentos foram encontrados pelo juiz, que se encontrava na busca realizada.

Desde 1946 que Gerard Croiset é utilizado pela polícia holandesa, em numerosas investigações. Assim, em 27 de Junho de 1950, foi consultado telefònicamente sobre uma criança que desaparecera de casa misteriosamente dois dias antes. Croiset prefere a consulta telefónica, visto que se eliminam as influências estranhas e se reduz a possibilidade de sobreposição de impressões».

No mesmo dia 27 informou os pais que não necessitava trasladar-se ao local do desaparecimento, acrescentando:

— O seu filho está vivo e não devem preocupar-se. Fugiu numa velha bicicleta. Como tem génio aventureiro quer obter um posto e embarcar. Tenho a impressão que tomou o caminho de Valkemburgo para atingir a Bélgica. Deve talvez voltar a casa dentro de dois dias. Se não estiver lá no dia 30 farei nova experiência.

Quando os pais o consultaram no dia seguinte, Croiset respondeu que lhe parecia que o menino estava na Bélgica e que regressaria em 1 de Julho. Como não tivesse regressado, telefonaram-lhe outra vez e Croiset disse que deveriam ter qualquer notícia nesse dia. E convidou-os a ir a Utrecht no dia seguinte. Uma hora depois desta conversação a polícia informou que o menino fora encontrado são e salvo em Dinat, Bélgica.

A polícia consulta muitas vezes Croiset com bons resultados, mas às vezes há inconvenientes devidos às suas faculdades psíquicas. Assim, por exemplo, o presidente da câmara de certo município consultou-o telefònicamente sobre um roubo cometido dias antes e durante a conversa houve a presença de um «homem» na imaginação de Croiset. Este fez uma pormenorizada descrição dele e embora o não indicasse como autor do roubo sugeriu que «devia saber alguma coisa acerca do delito». Tratava-se de um cidadão eminente que nada tinha com o roubo, mas que tivera uma discussão com o presidente da Câmara e este incidente estava no subconsciente deste último, enquanto falava com Croiset.

UM LIVRO INTERESSANTE

Reginal Omez é um teólogo francês especialista em investigações psíquicas que publicou há pouco um livro intitulado «Os Fenómenos Psíquicos», enquadrado na *Enciclopédia Católica do Século Vinte*, dirigida por Henri Daniel Rops, da Academia Francesa. Deste livro já saiu a tradução inglesa, sob o título «Psychical Phenomena».

Newsletter, órgão da Fundação Parapsicológica de Nova Iorque, publicou em Outubro de 1956 um artigo deste sacerdote, em que expunha a posição da teologia católica perante a parapsicologia.

No livro em apreço compara-se a investigação psíquica e a religião e incluem-se opiniões contemporâneas relativas ao possível desenvolvimento da parapsicologia.

Reginal Omez diz que «os fenómenos psíquicos participam da ordem natural, não obstante a aparência supranormal que parecem ter em certos casos» e acrescenta que «as disciplinas, como a parapsicologia, que não cuida de questões de fé ou moralidade, não podem ser consideradas opostas à religião».

A revista citada difunde esta pergunta do teólogo: «A parapsicologia será a ciência do futuro?», o qual diz que «o conhecimento paranormal talvez seja um resíduo, no homem civilizado, de certa função animal muito atrofiada, em consequência do uso de outros métodos de percepção e transmissão de ideias». Depois afirma que «a parapsicologia seguirá o rumo da psicologia normal que explicará claramente os fenómenos reputados paranormais que, afinal, são normalíssimos em sua natureza e sua causa» e crê que «a parapsicologia mantém uma disciplina necessária a outros estudos e que, liberta dos preconceitos que a viciaram no passado, desenvolveria as suas conclusões em bases estrictamente científicas e objectivas».

O ESPIRITISMO NA GRÉCIA

La Revue Spirite, de Paris, publicou a seguinte notícia que lhe foi enviada de Atenas por um assinante, acerca do Espiritismo neste país:

«O seu grande animador é o notável advogado Panos Yotopoulos, que fala inglês, italiano e francês. Doutor em Direito pela Universidade de Atenas, Panos Yotopoulos deu nos últimos quarenta anos todo o seu entusiasmo à causa que abraçou.

«Apesar dos seus 82 anos realizou duas conferências em Tripoli e Kalamata sobre «As Provas Científicas da Sobrevivência». Além disso tem acompanhado os trabalhos do espiritismo mundial, principalmente o francês. Há quarenta anos que revelou o Espiritismo por ocasião de acontecimentos dramáticos que o tornaram um dos apóstolos mais ferventes e entusiásticos, como demonstrou em 1914 numa conferência intitulada «A Psicologia do Criminoso e a Filosofia Espirita». Esta fé traduziu-a ele mensalmente na sua revista de 16 a 20 páginas, que vimos à venda nas tabacarias e quiosques de Atenas.

«Para coroar o majestoso edifício da sua obra prepara dois volumes, o primeiro dos quais sairá em 1961, sob o título «A Metapsíquica como Ciência e como Filosofia».

«A seu lado distingue-se Georges Sakeloropoulos, advogado de 35 anos que fala francês correcto e que há pouco realizou uma brilhante conferência no Salão do Parnaso — o maior de Atenas — perante mais de 600 pessoas que o ouviram com a maior atenção. Secretariado pelas senhoras Markaki, escritora e conferencista, e Lily Louis, tesoureira, que fez os seus estudos em Paris, falou sobre «O que nos Revela o Espiritismo, Filosòficamente e Espiritualmente».

«Ninguém poderia valorizar melhor que ele o assunto escolhido, em virtude do seu conhecimento das obras de Vítor Hugo e de William Shakespeare e da influência incontestável dos fenómenos metapsíquicos na obra destes escritores geniais. O conferencista discreteou depois acerca destes fenómenos no teatro, na poesia, na música, ilustrando com numerosos exemplos, como fez Panos Yotopoulos, o carácter altamente moral, beneficente e pacífico da nossa doutrina.

«Foi tal o efeito desta conferência no auditório, que um bispo ortodoxo que estava na sala lhe apresentou calorosas felicitações».

A SOMBRA DE NAPOLEÃO

O que vamos narrar foi extraído de *Siglo Espiritista* pela *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de São Paulo.

«É sabido na Europa que o Espírito de Napoleão apareceu a sua mãe Letícia, poucos momentos antes de morrer em Santa Helena. O caso é verídico. Há poucos anos que a sr.ª Frazer o recordou.

«A sr.ª Letícia, mais conhecida em França por sr.ª Mare, foi a última pessoa que se despediu de Napoleão, quando este embarcou para Santa Helena. Ao adeus de Napoleão respondeu sua mãe em italiano: «Addio, figlio mio».

«Seis anos depois da sua última partida, a sr.ª Mare estava sentada no Palácio Bonaparte, em Itália, no dia 5 de Maio de 1821, quando a criada anunciou uma visita que desajava falar imediatamente à senhora, visto ser portador de notícias do grande exilado. Esta ordenou que levassem o visitante à sua presença, o qual estava envolto numa grande capa e o chapéu de abas largas descido sobre os olhos. Mas ao entrar na sala, como a criada se retirasse, arranjou o chapéu, que lhe tapava parte do rosto, e tirou a capa. Era o próprio imperador, seu filho amado.

«A sr.ª Mare deu um grito, misto de temor e de prazer e abraçou-o calorosamente, julgando que lhe tinham proporcionado a fuga de Santa Helena e ele viesse saudá-la, antes de seguir para França. Ao contacto, porém, de suas mãos, sentiu a frialdade e o vazio e ficou petrificada. Ele exclamou então, solenemente e gravemente: «4 de Maio de 1821» e desapareceu devagar pela porta, deixando cair bruscamente a pesada cortina. A sr.ª Mare, recobrando a serenidade, seguiu-o até à sala, mas nada mais viu. Depois foi ao salão onde ele costumava sentar-se e perguntou:

«— Onde está o cavalheiro que acaba de sair?

«— Excelentíssima — respondeu a criada — ninguém por aqui passou, desde que o levei à sua presença.

«Seis semanas decorreram, tempo suficiente naquela época para ter notícias de Santa Helena. Chegou então a notícia da morte do Imperador verificada um dia antes do fenómeno. Nessa ocasião foram três os criados que viram Napoleão: o porteiro, que o recebeu na porta da frente, o lacaio, que procurou receber o chapéu e a capa, e a criada, que o levou à sr.ª Mare; mas nenhum deles o viu sair, apesar de todos haverem permanecido em seus postos».

UM CASO DE REENCARNAÇÃO

La Revue Spirite publicou no seu número de Julho-Agosto um caso de reencarnação narrado pela sr.ª Yvone Robert Gaebelé, conservadora da biblioteca pública e dos Arquivos da Índia Francesa, presidente da Comissão dos Monumentos Históricos do Extremo-Oriente e autora de obras apreciáveis, visto ser laureada da Academia Francesa.

«Tenho como conservador adjunto o sr. Mourougassigamany, casado há vinte anos e cheio de tristeza por não ter filhos. A carestia da vida levou-os a alugar o rés-do-chão da sua vivenda ao casal Aroumougam, que chegara da Índia, com a sua filha Mallika, de 4 anos de idade, a qual estabeleceu logo convivência amistosa com os donos da casa que viviam no 1.º andar, subindo as escadas a qualquer hora do dia a «ajudá-los na vida doméstica».

«Num divã e nas poltronas havia almofadas com fronhas bordadas a algodão de cor pela irmã da senhora Nilayadachi, falecida dez anos antes.

«Ora a primeira vez que a pequenina Mallika subiu a escada parou bruscamente na varanda e exclamou, apontando para as almofadas:

«— Eu é que as fiz.

«Quando lhe disseram que tinha sido uma senhora falecida dez anos antes, sacudiu a cabeça e repetiu:

«— Fui eu!

«Um dia em que o casal Mourouzassimany foi a Vellore ver a família, levaram a pequena Mallika. Logo que chegaram à sala de visitas onde estavam fotografias ampliadas do pai e da mãe da sr.ª Nilayadachi, a pequenita mirou tudo à sua volta e aproximou-se das fotos, dizendo:

«— Meu pai e minha mãe!

«Sobre uma foto de um grupo familiar, acrescentou:

«— Aqui está meu irmão!

«E logo a seguir:

«— Mas nunca esteve na casa.

«Era verdade. Como proprietário, está sempre nas suas terras.

«Finalmente, a senhora Nilayadache ficou estupefacta com os gestos da garota que faziam lembrar exactamente os de sua irmã falecida, bem como a maneira de tomar banho e de entrar na cozinha hindu».

La Revue Spirite insere a fotografia de Mallika, a linda criança que se lembra muito bem da sua vida anterior. Trata-se de uma inteligência invulgar e o seu comportamento é muito superior à sua idade.

A SUGESTÃO HIPNÓTICA

Chicago Sun-Times diz que os médicos F. Scott Glover e Ronald F. Norris usaram a sugestão colectiva numa experiência de emagrecimento, à qual se sujeitaram 29 enfermeiras de certo hospital norte-americano.

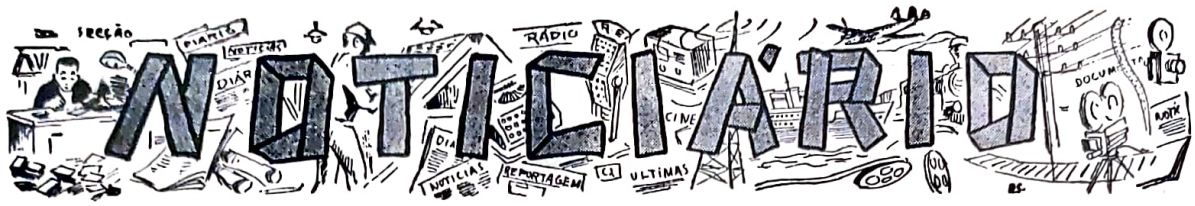
O trabalho durou um mês. Quando estavam em transe hipnótico, os médicos indicavam-lhes a dieta a seguir, especificando os alimentos bons e os maus que deviam comer.

Estas sugestões pós-hipnóticas forneciam às enfermeiras a vontade necessária para evitar alguns alimentos demasiadamente nutritivos.

Uma enfermeira, por exemplo declarou:

— Fui a uma pastelaria onde costumo comprar pastéis de que gosto muito. Mas levei tempo a escolher os que mais me agradassem e acabei por sair sem comprar nenhum, pois nada do que via me parecia bom.

Que grande coisa para os alcoólicos e tabagistas!



AS NOSSAS SESSÕES

Por toda a parte o número de casos supranormais se multiplica para satisfação dos investigadores da alma humana e abalo dos *espíritos fortes* que julgam possuir a verdade absoluta.

O que vamos contar é bastante curioso. Há nove anos, aproximadamente, um casal lisbonense, então residente próximo do Areeiro, manifestava o desejo de ter um filho com tendência para o acordeão. Eles não sabiam tocar qualquer instrumento musical, não conheciam uma nota, mas, sem saber explicar porquê, tinham ambos o mesmo sonho.

Pouco depois nascia o José António. Com três anos de idade e ante o pasmo de seus pais, começou a demonstrar grande tendência para a música. Na rudimentar gaita de beiços tocou um trecho das *Violetas Imperiais*, nessa altura muito em voga.

Havia em casa dos pais pessoa amiga que sabia tocar acordeão. O pequeno José António, ávido de música, pediu que lhe comprasssem um acordeão de papel endurecido, visto aquele instrumento o cativar com grande frequência. O sujeito, porém, disse-lhe que sabia tocar, mas que não sabia ensinar.

O José António não se atrapalhou por tão pouco. Observou como o outro tocava, como colocava os dedos, como conseguia as diversas notas, e, pacientemente, no seu tosco instrumento, ia obtendo os mesmos efeitos, com pasmo natural dos progenitores.

Aos seis anos começou a compor os primeiros trechos; e os pais, vendo no filho a concretização plena dos seus sonhos, arranjaram-lhe um professor para orientá-lo.

Os seus triunfos evidenciaram-se. Foi à televisão, estreou-se na rádio. Onde quer que actuava, as palmas não tinham fim. A admiração do público era crescente.

Tem hoje oito anos, este pequeno ser.

Às vezes perguntam-lhe como escreve as suas composições. Ele responde então:

— Não sei bem explicar. Parece-me que sou envolvido pela música. Parece que ouço a melodia que vou escrever na pauta.

Na vida de José António passou-se outro facto muito curioso. Era pequenino ainda, quando foi atropelado por um automóvel, tendo-lhe as rodas da frente e de trás passado por cima do corpo. Este acidente que, em qualquer indivíduo, provocaria a morte, ou, pelo menos, lesões muito graves, não produziu nele a mais pequena lesão, com enorme pasmo dos médicos e autoridades policiais que tomaram conta do caso.

Pois o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano* trouxe o José António Anselmo de Sousa. E António Cardoso, depois de contar estes factos à assistência, apresentou o acordeonista, que executou vários números do seu já vasto repertório, alguns dos quais da sua autoria.

Ouvimo-lo em «Valência», «Lisboa Antiga» e muitos outros trechos, que entusiasmaram vivamente a assistência. Admirámo-lo, sobretudo, numa valsa harmoniosa que ele compôs há tempos e que podia igualar-se a outras de grande nomeada.

O nosso dedicado amigo Fernando Nunes fez uma pequena palestra sobre o significado metapsíquico destes fenómenos, tendo afirmado no final que só a existência de uma evolução psíquica a par da evolução física de Darwin é capaz de explicar satisfatòriamente este e muitos outros casos de meninos-prodígios.

OS QUE NOS DEIXAM

Abandonou há pouco as plagas terrenas a professora D. Gertrudes Marramaque Silva, que no movimento espirita português exerceu acção altamente salutar, principalmente no Instituto Espiritualista Português, onde dirigia o *Grupo de Beneficência Isabel de Aragão*.

Senhora de fino trato e notável coerência, tomou parte nalgumas festas de confraternização, entre elas as que o Centro Espiritualista realizou nos últimos anos.

Todo o seu afã era dedicado à beneficência. Neste particular subscreveu uma obra notável que lhe originou desgostos, os quais devem ter contribuído para o trespasse.

Que o seu elevado espírito encontre no Além as satisfações que merece e em breve possa enviar-nos a sua Mensagem de amor e auxílio são os nossos sinceros votos.

REABERTURA DO CENTRO

No dia 9 de Outubro (2.º domingo do mês) reabre o Centro Espiritualista Luz e Amor com uma sessão solene em que falarão vários oradores.

TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO DE 1960

Grupo de irradiação mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Sessão solene de abertura dos trabalhos do Centro, em que falarão vários oradores.

Dia 11, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», sob a direcção de António Cardoso.

Dia 12, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 14, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Rosa.

Dia 21, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «A Lemúria: ficção ou realidade?

NOTA — As conferências são públicas, desde que os assistentes sejam acompanhados por sócios. As sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

Elsig - Set/60

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

ALLAN KARDEC

Introdução ao Estado da Doutrina Espirita ..... 15$00
A Prece ..... 10$00
Espiritismo ..... 15$00
O principiante Espirita ..... 15$00
O que é o Espiritismo ..... 20$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00 ..... 30$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00 ..... 30$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00 ..... 30$00
O Céu e o Inferno — enc. 50$00 ..... 35$00
A Génese (nova edição) — enc. 50$00 ..... 35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00 ..... 30$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol. 80$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)
Vade-Mécum Kardequiano ..... 18$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo ..... 45$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc. 25$00
O Grande Enigma ..... 25$00
Depois da Morte (nova edição) ..... 45$00
O Porquê da Vida ..... 20$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00 ..... 50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 57$00 ..... 45$00
El Problema del Ser e del Destino ..... 40$00
No Invisível (nova edição) ..... 45$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência ..... 45$00
A Evolução Anímica ..... 45$00
O Fenómeno Espirita ..... 40$00
A Alma é Imortal ..... 45$00
A Reencarnação ..... 45$00

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 50$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo ..... 40$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 20$00
Enigmas da Psicometria ..... 25$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 40$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 32$50
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 20$00
Xenoglossia ..... 25$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 30$00
Casas Mal-assombradas ..... 40$00
A Morte e o seu Mistério, 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 125$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 60$00
Narrações do Infinito ..... 25$00
Urânia ..... 35$00

br.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 15$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 20$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 45$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 25$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Entre a Terra e o Céu, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — em 38$00 25$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura em quadras populares ..... 20$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 45$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 20$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 25$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Encadernado, 40$00 ..... 30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas ... 40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luís* — enc. 48$00. ..... 30$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 25$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luís* ..... 35$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 30$00
Parnaso de Além-Túmulo, livro originalíssimo em que figuram dezenas de poetas luso-brasileiros ..... 60$00
Paulo e Estêvão, por *Emmanuel* ..... 60$00
Pão nosso, pelo Espírito de *Emmanuel* ..... 35$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 25$00
Renúncia, magnífico romance pelo espírito de *Emamnuel* .....
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 30$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 30$00
Voltei, pelo *Espírito de Jacob* ..... 20$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

	br.
Abadia dos Beneditinos, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Almas Crucificadas, pelo Espírito de *Vítor Hugo* — Uma história empolgante de almas em luta no tempo dos cruzados e dos cavaleiros andantes	38$00
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia* — Cenas da vida real em que se evidencia a acção espiritual sobre a consciência dos criminosos — Romance empolgante que dava um belo argumento cinematográfico enc. 45$00	30$00
Ascese Mística, de *Pietro Ubaldi* — Uma experiência estranha vivida com todas as observações inerentes a um grande intuitivo — encadernado	130$00
Balada de Bernardete, por *Hugo Colarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus	50$00
Baltazar, o Mago, por *A. Van der Naillen* — O problema social e religioso desenvolvido atraentemente com evolução para uma religião universal	36$00
Barrabás, o Engeitado, por *Herculano Pires* — Um drama oculto por trás do drama da Paixão. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões»	30$00
Bagavard Gitâ ou a Sublime Canção da Imortalidade — A Escritura Sagrada dos brâmanes. Encerra a filosofia dos Patangali, Kapilas e dos Vedas	30$00
Cruzada Redentora, por *António Lima* — Compreende três volumes de reencarnacionismo, onde as mesmas personagens aparecem em épocas sucessivas.	
1.° vol. — **A Caminho do Abismo,** passado em França, descreve o morticínio dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 1572	30$00
2.° vol. — **Senda de Espinhos.** A revolução francesa, ou queda de Luís XVI e Maria Antonieta	30$00
3.° vol. — **Estrada de Damasco.** Quadros da vida humana numa fazenda brasileira	30$00
O Céu em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritas — encadernado	40$00
Chanceler (O) de Ferro, pelo Espírito do *Conde de Rochester* — Relata a vida de José, no Antigo Egipto, que a «Génese» sintetizou nalguns capítulos	54$00
Ciência e Espiritismo, pelo *Dr. António J. Freire*	25$00
Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado* — Estudo comparativo de várias doutrinas perante o Espiritismo, incluindo a psicanálise	25$00
Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de *Vitor Hugo* — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança	60$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	120$00
O Espiritismo à Luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* — Cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo — enc. 65$00	50$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* — A doutrina espírita à luz dos Evangelhos num volume de 350 páginas de leitura sugestiva — enc. 50$00	35$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	50$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	35$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódio da sua vida	40$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	35$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duar-Santos* — Estudo profundo sobre os meninos prodígios ou génios precoces numa análise que a crítica enalteceu—enc. 35$00	20$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	40$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — Análise psicológica do homem através das mais exóticas personagens da sociedade, como o trapeiro, o coveiro e o cangalheiro — enc. 37$00	20$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Antagonismos, da **Redacção;** A Influência dos Desencarnados na Vida Humana, por **Armand Donnay;** As Assombrosas Curas de Harry Edwards, por **Roy Stemman;** O Que Vi no Brasil, por **António Cardoso;** A Materialização em Clima Psíquico Demonstrada Pùblicamente em Londres, por **Maurice Barbanell;** Religião e Espiritismo, por **Carlos Imbassahy;** A Ressurreição Segundo a Interpretação Espirita, por **José Francisco Cabrita;** Animismo e Espiritismo, pelo **Doutor Roger Weissenbach;** O Missionário Singular, por **Tito L. Bancéscu;** Erro Sobre a Morte, por **Vasco de Lemos Mourisca;** A Morte Galopa Num Cavalo Branco, por **John Harden;** Vida e Obra de Amália Domingo Soler, por **Osvaldo Salvañá;** Os Esposos Schaefer, por **José Martín;** Enquanto não Amardes, a Vida Será Triste, por **Constâncio Vigil;** Catherine Gris, por **Pierre Neuville;** Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

CATHERINE GRIS

(Ver pág. 315)

21.º ANO OUTUBRO DE 1960 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.; *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.; *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1960 — N.º 10

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ANTAGONISMOS

No cenário do mundo há mutações imprevisíveis. Prevêem-se fenómenos meteorológicos, com maior ou menor antecedência; o que não se pode é prever os fenómenos morais que assumem aspectos inacreditáveis.

O Bem e o Mal, exercem influências recíprocas, numa espécie de fricção, ao sabor de oportunismos evidentes e perigosos. Daí a dificuldade da coexistência do divino e do humano.

Os indivíduos, gregais por natureza, procuram sectores afins subordinados à paixão, que não deixa medir o valor das coisas e amplifica sempre o desígnio próprio. E os antagonismos surgem a complicar a vida, a desumanizá-la, a cavar precípios que afastam os pais dos filhos e dos netos. Neste ponto, os animais estão em nível mais alto. Bernardin de Saint-Pierre pensava que o homem, em franca liberdade, é o único ser que se destrói e o animal, ao invés, despedaça-se para quebrar algemas e destruir prisões.

Atravessamos um ciclo de barbárie em que as escórias abandonam o talvegue e dominam a superfície. As forças do Mal campeiam em toda a parte. O convénio subscrito, a palavra jurada, o laço de família, o sangue da raça, tudo se afoga na vaza turva dos sentimentos e é difícil neutralizar os aliciadores de maus objectivos.

Os lares, como células essenciais, não fogem à confusão. Deixaram de ser refúgio para se oferecerem à luta inglória, ao dolo e à veniaga. Seus componentes escolhem a falange e ei-los a combater, sem contemplação pelos direitos alheios. É o antagonismo a sobrepor-se, a ensimesmar-se, a buscar pedras, a minar a posição de outro antagonismo.

Dantes, a razão qualificava o mais forte; hoje, não tem poder algum. Não distingue, não qualifica, não enobrece, porque o poder efectivo reside na força material, que também é força bruta, senhora de corpos, de ambientes, instiladora de venenos homicidas, contra os quais não há profilaxia eficiente.

Direito, razão e liberdade são legendas ilusórias usadas a bel-prazer dos adversários. Do outro lado, porém, as mesmas legendas aparecem, em sentido igual e contrário, dir-se-ia que um poder oculto e tenebroso envolve as almas.

Bacon escreveu que o homem cifrava a sua felicidade e a sua glória naquilo que o atormentava, acrescentando, numa afirmação sensata:

— Despreza quem lhe alivia o mal e afeiçoa-se aos que lho aumentam.

Esta incongruência baseia grande parte dos males que nos afligem e o caminho salutar é entre os dois campos, refreando extremismos e procurando o termo justo e honesto. Assim, sim. A guerra não é razão defensável, nem pode resolver os problemas sociais que alastram sobre as nações. O entendimento geral é salvaguarda de felicidade, contra a qual esbarram antagonismos, rivalidades e ânsias de mando.

A evolução jurídica dá-nos conta do fenómeno e mostra a enorme ladeira transposta desde os tempos primitivos, com tendência moderadora no sentido suasório, porque o conflito humano nunca deixou de preocupar os sociólogos no rumo dos direitos e deveres, que apresentam sempre iguais contrastes.

Fialho de Almeida viu a questão com inexcedível clareza: «Civilizado ou embrutecido — dizia — o homem é presa de duas forças rivais que se investem e disputam primazias. Uma, que o reporta ao passado e lhe transmite, hereditàriamente, as ideias, hábitos e modos de ser e de ver dos antecessores. Outra, evolutiva, que adapta o indivíduo aos meios novos e cuida apenas de o renovar e transformar ràpidamente. A vida humana é o duelo entre duas forças antagónicas».

É preciso burilar o homem, adaptá-lo aos tempos modernos no que eles têm de bom e afastá-lo de anacronismos que o aproximem dos tempos ominosos. Neste sentido, tudo o que fizermos será pouco, tão grande é o caminho a percorrer.

UM LIVRO DE BOZZANO

A influência dos desencarnados na vida humana

Por ARMAND DONNAY
(Correspondente em Liège)

PREFÁCIO

O autor indica a origem e natureza deste estudo, que lhe foi pedido pela Comissão Organizadora do Congresso Espirita Internacional de Glasgow (1937): «*Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica os factos?*». *É um estudo sintético da maior parte do seu trabalho e no qual tentou eliminar antecipadamente toda a possibilidade de crítica dos nossos opositores.*

Quanto à resposta a esta pergunta feita pelo Congresso, Ernesto Bozzano exprime-se deste modo: nem um nem outro podem por si próprios *explicar o* conjunto *dos fenómenos supranormais. Ambos são indispensáveis a este fim e não podem ser separados, pois são efeitos da mesma causa, que é o espírito humano. Quando se manifesta sob formas passageiras durante a existência encarnada dá origem a fenómenos* animícos; *quando se manifesta na condição de desencarnado, provoca fenómenos* espiritas.

I — A EVOLUÇÃO E A SUBCONSCIÊNCIA
(pág. 1 a 27)

O autor lembra primeiro o seu passado filosófico, como foi levado, em 1891, ao estudo de fenómenos metapsíquicos e como, de positivista-materialista que era, se tornou espiritista. Afirma que os estudou durante quarenta e seis anos (1937); que não escreveu nada durante os nove primeiros anos, porque apreciando a grande complexidade da nova «Ciência da Alma», sentiu a necessidade de «penetrá-la até aos seus próprios fundamentos»; e que o primeiro artigo publicado por ele em Dezembro de 1899 na Rivista de Studi Psichici *(edição de C. de Verme) demonstra precisamente que o Animismo prova o Espiritismo (pág. 3).*

Depois de ter lembrado (pág. 6) que a teoria evolucionista assenta sobre duas leis biológicas indissolùvelmente ligadas: a das variações espontâneas e a da selecção natural refuta as hipóteses, segundo as quais:

1) As faculdades subliminares são resíduos de faculdades atávicas que se atrofiam gradualmente pela selecção natural, porque se mostraram inúteis à evolução biológica ulterior das espécies.

2) As faculdades subliminares são rudimentos abortativos de sentidos que nunca evolucionaram, nem evolucionarão, porque são inúteis às espécies na luta pela vida.

Em toda a parte (pág. 6 e 7) há sempre uma luta desesperada entre os homens, uma luta incessante para conhecer os pensamentos alheios. Segue-se que, se as espécies tivessem em qualquer momento sido providas normalmente de sentidos de telepatia e clarividência, estes teriam aumentado e evoluído ràpidamente nos seus descendentes, de harmonia com a lei de evolução, em vez de se atrofiarem por falta de uso.

3) O facto da manifestação das faculdades supranormais em certos indivíduos não implica que elas existam em estado latente na subconsciência de todos.

O autor cita (pág. 8 e seguintes) alguns exemplos em que o passivo jamais teria imaginado possuir inconscientemente faculdades supranormais, se não se lhe revelassem através de doenças ou acidentes graves. Sendo estes casos numerosos conclui que as faculdades subliminares existem em estado latente na subconsciência de todos e que certos estados (doença, coma, etc.) que determinam nalguns indivíduos um enfraquecimento ou uma paragem temporária na vida de relação com o mundo exterior, criam condições favoráveis à sua emergência temporária.

4) As faculdades subliminares são germes de novos sentidos destinados a evolucionar no curso dos séculos, até que estes surjam e se estabeleçam nas espécies.

Para discutir esta hipótese, Ernesto Bozzano propõe e demonstra (pág. 11 e seguintes) outra tese importante, mesmo fundamental: a que afirma (pág. 11) que as faculdades subliminares não são, nem podem ser, produto da evolução biológica das espécies, porque (pág. 12) as condições requeridas para a emergência e evolução das faculdades sensoriais são diametralmente opostas às que se requerem para a emergência e demonstração das faculdades subliminares.

A acção dos factores evolutivos (pág. 12 e 13) na sua relação com a origem e evolução dos órgãos sensoriais e das faculdades psíquicas normais exerce-se necessàriamente e exclusivamente no plano da vida física sob forma de reacção contínua e complexa aos estímulos exteriores, isto é, que operam no plano da consciência normal, onde se exerce a luta pela vida de todos os seres sensíveis, ao passo que as faculdades subliminares, longe de funcionarem no plano da consciência normal, só se podem manifestar, se as funções da vida física forem temporàriamente abolidas ou diminuídas, e o grau mais ou menos perfeito da

sua manifestação depende do grau mais ou menos profundo do inconsciente do sensitivo.

A única solução racional (pág. 13) consiste em reconhecer que as faculdades subconscientes não estão destinadas a ser exercidas num lugar terrestre, porque são faculdades de sentido espiritual que hão-de emergir e exercer-se num meio espiritual, depois da crise da morte.

Esta conclusão é corroborada (pág. 13) pela forma (percepção inversa ou espiritual) como se exercem as faculdades psico-sensoriais, maneira diamentralmente oposta à percepção directa ou fisiológica, na qual se exercem as faculdades psico-sensoriais normais.

Pelo exposto e visto que este maravilhoso poder de manifestação se exerce independentemente das condições de espaço e tempo, provou-se cientìficamente que tais faculdades pertencem a um plano fundamentalmente diferente e absolutamente independente daquele sobre que os factores da evolução biológica se exercem (pág. 17).

No que respeita à hipótese da emergência na humanidade futura das faculdades supranormais em ligação com os sentidos físicos, o autor sublinha e demonstra o seguinte: quando se analisam as condições em que estas faculdades se manifestam e se manifestaram sempre, somos levados à conclusão de que é um facto extremamente improvável (pág. 18) e que esta hipótese (pág. 22) é contraditada pelos dados biológicos, históricos, paleontológicos e antropológicos e por condições de natureza psicológico-social (antiguidade e universalidade das manifestações supramonrmais; estado absolutamente estacionário das faculdades supranormais através dos séculos, apesar das civilizações e das raças; incompatibidade com o desenvolvimento regular e natural da vida terrestre).

Empregando o método científico da convergência de provas, o autor faz algumas observações acerca de um facto que auxilia a sua demonstração: ordinàriamente o conhecimento supranormal atinge a consciência normal sob a forma de representações simbólicas. O simbolismo das percepções supranormais mostra que estas não são sòmente independentes dos sentidos físicos, mas também dos centros cerebrais correspondentes e prova que as faculdades supranormais são na realidade faculdades de sentido espiritual da personalidade integral subconsciente, as quais existem já formadas, no estado latente, na subconsciência humana (pág. 23) .

Chama também a atenção para este facto de natureza diferente, ligado à presente discussão: (pág. 25): os maiores espíritos que enriqueceram o campo da investigação metapsíquica afirmam que a existência subconsciente de faculdades supranormais nos conduz lògicamente à dedução da sobrevivência do espírito humano.

Do ponto de vista da demonstração científica da existência e da sobrevivência da alma é o fenómeno anímico que conta, enquanto o fenómeno espirita fornece apenas uma prova complementar — embora importante — da demonstração.

II — LIMITES DA SUBCONSCIÊNCIA
(pág. 28 a 38)

Neste capítulo estreitamente ligado ao primeiro, completando e confirmando as suas conclusões, Ernesto Bozzano diz que a hipótese que confere a omnisciência à subconsciência humana é uma pretensão fantasista e absurda e afirma que a lei «da relação psíquica» (analogia com a T. S. F.) demonstra que são completamente definidos os poderes das faculdades supranormais da subconsciência humana.

Pela relação psíquica (pág. 30) os médiuns só obterão informações da subconsciência das pessoas ausentes se as condições experimentais seguintes forem realizadas, ou seja:

- *— se o sensitivo conhecer a pessoa ausente;*
- *— se o assistente conhecer a pessoa ausente;*
- *— se um objecto muito utilizado pela pessoa ausente for entregue ao sensitivo ou médium (psicometria).*

Portanto:

- *— se o fenómeno da comunicação telepática à distância não puder realizar-se sem o estabelecimento prévio da relação psíquica;*
- *— se a relação psíquica só puder ser obtida por meio das três condições experimentais indicadas, a prova científica da sobrevivência será obtida pelos meios relativos à categoria dos casos de identidade de desconhecidos de todas as pessoas presentes, que se manifestam independentemente de qualquer forma de relação psíquica terrestre.*

Também não se pode negar o valor da prova dos casos de falecidos que fornecem informações ignoradas dos assistentes, mas conhecidas de pessoas ausentes que estejam relacionadas com eles.

O autor refuta a hipótese da «telemnesia omnisciente» (pag. 31) e lembra (pág. 32) as seguintes conclusões a que chegou numa longa monografia intitulada «Telepatia, Telemnesia e a Lei da Relação Psíquica»: a hipótese da telemnesia pareceu suficientemente provada nos limites da recepção de informações estrictamente pessoais relativas a um indivíduo ausente em relação psíquica com o médium e no caso de informações muito vincadas no limiar da sua consciência, ao passo que nenhuma prova existe a favor da recepção de informações relativas a terceiras pessoas conhecidas do indivíduo.

Na página 33 e seguintes o autor explica duas notas que contradizem aparentemente esta conclusão.

III — O COMUNICANTE VIVO
(pág. 39 a 100)

Há duas espécies de manifestações: anímicas, quando se produzem pela acção de um vivo; espiritas, quando são devidas à acção de um falecido. Estas duas espécies são a tal ponto complementares uma da outra, que o Espiritismo não teria base, se o Animismo não existisse (pág. 39).

Esta questão de grande importância teórica foi tratada pelo autor na longa monografia «As Comunicações Mediúnicas entre Vivos».

É que as comunicações mediúnicas entre vivos realizadas por um processo idêntico ao das comunicações com os falecidos oferecem a possibilidade de melhor se compreender a origem destas últimas, lançando uma luz nova sobre os erros das interferências e as personificações subconcientes (pág. 39).

Esta monografia divide em sete categorias os fenómenos de comunicações mediúnicas entre vivos (pág. 40 a 43):

1) Casos análogos à transmissão de pensa-

Estes não são dignos de juntar migalhas...

Há jovens que desonram a sua mocidade, preferindo a dádiva à conquista. Em toda a actividade social há homens que chegaram e desejam manter as coisas, opondo-se à renovação e ao progresso. São os inimigos da juventude, os seus corruptores. Oferecem tudo pela adulação e pela renúncia. Juventude que se entrega é força morta, perde o impulso renovado.

A burocracia é uma tesoura que suprime nos indivíduos qualquer assomo de dignidade. Uniforma, emudece, paralisa.

Não pode haver moralidade na nação, enquanto os homens se aliviarem de méritos e se carregarem de recomendações, acumulando-as para subir, com o fim de terminar a vida no jubileu.

Onde os parasitas abundam, olha-se com desconfiança a iniciativa e parece heresia a vibração mental, o vigor do músculo ou o desprender de asas. Não se empreende coisa alguma sem o favor do cotado, convertendo o erário em muleta de aleijados e paralíticos. As muletas são desculpáveis nas crianças e nos enfermos. Adulto que não pode andar só é inválido.

Livres são os que sabem querer e executar o que querem. Nada fazem que lhes repugne, nem se justificam culpando os outros de seus próprios males. Escravos são os que esperam o favor alheio e renunciam à direcção própria, incorrendo em mil vilezas que lhes destróem a consciência.

JOSÉ INGENIEROS

mento, com excepção da circunstância que os originou mediùnicamente pela escrita automática.

2) Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas ausentes, no estado dormente.

3) Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas no estado de vigília aparente.

4) Mensagens obtidas pelo desejo formal do médium que pensa intensamente na pessoa ausente com quem deseja comunicar.

5) Mensagens transmitidas ao médium pela vontade de uma pessoa ausente.

6) Casos — muito raros — em que a pessoa que comunica mediùnicamente está morta ou moribunda e que estabelecem a transição dos fenómenos anímicos para os fenómenos espiritas.

7) Mensagens mediúnicas entre vivos, transmitidas por intermédio de uma entidade espiritual.

Depois de ter concluído que as comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas provenientes de falecidos, o autor expõe (pág. 44 a 58) diferentes casos (W. Stead) de comunicações entre vivos.

Depois cita e explica alguns exemplos de comunicações entre vivos, com erros no meio de numerosas informações exactas (pág. 59 a 65) e conclui (pág. 65) que os «erros espiritas» encontram analogia nos «erros anímicos».

É importante observar — diz ele — (pág. 65) que embora haja muitos erros e numerosas decepções medúnicas devidas à imperfeição do veículo receptor (médium), isto não significa que o problema obscuro da origem da fraude mediúnica seja solucionado. Desejo acentuar que pode haver erros e decepções de todas as espécies dependentes das condições precárias em que as comunicações mediúnicas se realizam.

Depois ilustra esta conclusão (pág. 66 e 67), comentando exemplos de comunicações mediúnicas entre vivos, obtidas por intermédio de entidades falecidas (experiências de Fred James Crawley em 1922) e sublinha o grande valor teórico destes casos especiais.

Para esgotar completamente o assunto (pág. 77 a 80) cita um caso (experiência do professor Ochorowicz, em que o inquiridor insiste na resposta às suas perguntas, observando que há exemplos de erros espiritas, possìvelmente de origem diferente (pág. 77), conhecendo (pág. 80) os erros por vezes determinados pelas personalidades mediúnicas com o objectivo de disciplina espiritual e de salvaguarda da evolução regular da humanidade, prevenindo o perigo de uma reforma muito precipitada das antigas instituições religiosas; casos que implicam a existência de entidades espirituais superiores aos decretos com os quais os espíritos inferiores devem conformar-se.

Depois de ter relatado dois exemplos (pág. 80 a 83), demonstrando a possibilidade de um indivíduo passar do estado de sonambulismo mais ou menos perfeito e sem que as pessoas presentes se apercebam da questão, o autor expõe e explica (pág. 83 a 91) o caso de Gordon Davis, obtido pelo professor Soal com o médium de voz directa Bl. Copper, caso onde o comunicante vivo julga que é desencarnado.

Eis as conclusões deste capítulo:

a) *as comunicações mediúnicas entre vivos constituem a base fundamental da investigação metapsíquica, porque só elas nos permitem compreender a génese da fenomenologia supranormal, pois que, através delas, poderemos considerar simultâneamente a causa e o efeito;*

b) *pelas manifestações mediúnicas entre vivos obtemos a certeza científica da existência de uma personalidade integral subconsciente capaz de entrar em relação com outras personalidades integrais de vivos;*

c) *pela lei da analogia as manifestações mediúnicas entre vivos fornecem uma prova indirecta, mas igualmente convincente, da autenticidade das manifestações mediúnicas dos falecidos; o Animismo e o Espiritismo completam-se mùtuamente; e isto é tão verdadeiro que, se tentarmos excluir um ou outro destes factores do problema, será impossível explicar os factos.*

(Continua)

(Tradução de C. A.)

As Assombrosas Curas de Harry Edwards

Por ROY STEMMAN

NUM sábado de manhã o sr. George Searle, residente na Avenida Alexandra, 20, Gillinghan, Kent, deixou a sua casa com destino que se negou a revelar a sua mulher.

— Vou sair — disse ele — mas não me faças perguntas.

O sr. Searle, que já tem 71 anos, sofria de artritismo na coluna vertebral, tinha a perna direita encolhida e um quadril dorido e por isso deixou o lar apoiando-se a uma bengala. Nessa tarde chegou cedo ao Royal Festival Hall, onde a Federação Nacional de Curas Espirituais realizava a sessão anual de curas. O auditório, composto por mais de 3000 almas, escutou ali a agradável canção de Catarina Dumkerley, quando Gordon Turner recebeu o diploma de Sócio da Federação Nacional de Curas Espirituais, que é concedido ao melhor curador do ano. Todos os lhos se fixaram logo no sr. Searle, quando o ajudavam a subir as escadas que conduzem ao palco. Em seguida Harry Edwards, Olive e George Burton começaram a sua demonstração de curas. Tirram-lhe a bengala, que foi colocada a um canto do palco atrás de Edwards.

Depois de algumas perguntas, este informou os assistentes acerca do caso de George Searle. Tinha uma perna encolhida, doía-lhe muito o quadril e sofria também de artrite na espinha dorsal. Tinha suportado durante cinco anos esta situação e sofrido uma intervenção cirúrgica, tratamento de radioterapia e comprimidos, mas a dor continuava. A operação tinha-lhe diminuido a dor da perna, mas ficou impossibilitado de dobrá-la.

Nesta altura, Harry Edwards convidou a subir ao palco algum médico que se encontrasse na sala para examinar Searle.

Ninguém respondeu e o tratamento começou.

Pouco depois o sr. Searle moveu as costas. Fez uns movimentos para trás e para diante; a seguir fez movimentos mais acentuados, para a esquerda e para a direita. As costas estavam curadas e Edwards começou a trabalhar nos quadris. Disse que não garantia a cura, nem sequer as melhoras, acrescentando com um sorriso:

— Faremos a prova.

A junta do quadril estava anquilosada, sendo-lhe impossível baixar ou levantar a perna. A articulação do joelho da perna afectada estava também rígida. Depois o quadril foi cedendo à cura e depressa se articulou. Em seguida, Edwards disse que tentava fazer-lhe dobrar o joelho.

Harry Edwards e o seu assistente George Burton

— Bom, isso será um milagre, exclamou o sr. Searle, acrescentando que sua mulher tinha que calçá-lo.

O «milagre» realizou-se, pois em menos de um minuto dobrava o joelho direito até à cintura, sem dor alguma. Embargado pela emoção, o sr. Searle só pôde dizer:

— Perdão, vou assoar-me.

E enxugou as lágrimas.

Estridentes aplausos ecoaram na sala, quando o sr. Searle saiu àgilmente do palco. Exagerava os movimentos das pernas, enquanto caminhava, para demonstrar à assistência o que tinha conseguido na cura. Neste momento um dos curadores, sentado atrás de Edwards, viu a bengala que se encontrava a um canto do palco e entregou-a ao sr. Searle, que estava completamente disposto a demonstrar a destreza adquirida. Deste modo, sentou-se numa cadeira, dobrou os joelhos e disse:

— Vejam isto! Não podia fazê-lo antes!

E elevando a perna no ar, acrescentou:

— Antes disto não podia dobrá-la.

Apresentava saúde e parecia ter muito menos de 71 anos. Pôs-se de pé e voltou a sentar-se, para demonstrar que estes movimentos não lhe causavam dor.

Depois referiu-se a sua mulher. Durante muito tempo ela tinha-o tratado solìcitamente, fazendo-lhe massagens nas costas, calçando-lhe as meias e os sapatos. Tinha recebido tratamentos à distância de Harry Edwards, mas nunca se encontrara com ele, nem tinha estado em nenhuma reunião pública anterior. Aparentemente, sua mulher não tinha muita esperança na cura. Por isso ele resolvera ir ao festival, dizendo simplesmente:

— Vou sair; confia em mim; não me faças perguntas.

Depois subiu ao palco o sr. Dodle. Sofria de artrite em quase todas as articulações. Tinha as mãos deformadas, os tornozelos rígidos mal podia mover os braços e o pescoço estava retesado. Começou a mover o pescoço. Edwards movia-o de um lado para o outro. Não se manifestavam sinais de dor no rosto do sr. Dodle; pelo contrário, estava iluminado por um sorriso. Edwards pegou-lhe nos dedos, dizendo:

— A sua mão doi-lhe tanto, que você não admitia que alguém lhe tocasse ou a torcesse, como eu faço agora.

E ligou a palavra ao acto, sem que o sr. Doble protestasse, admitindo que sempre tivera receio que lhe apertassem as mãos. Agora abria-as e fechava-as sem dor alguma, o mesmo lhe sucedendo com os tornozelos e os joelhos, os quais reagiram à cura.

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

VII

UMA MANHÃ COM JOSÉ ARIGÔ

QUANDO cheguei a Belo Horizonte, António Augusto dos Santos e outros amigos esperavam-me no aeroporto. Aqueles confrades haviam-se munido de uma fotografia minha publicada em *Estudos Psíquicos* para melhor poderem reconhecer-me. Porém, em virtude provàvelmente do grande e constante movimento do aeroporto, não foram capazes de me descobrir... Eu bem olhava para um lado e para o outro, mas como não tinha sequer uma ideia da fisionomia de António dos Santos, pouco podia adiantar...

Meti-me então num táxi, direito ao centro da cidade, instalando-me num esplêndido hotel. Não me recordo o nome; lembro-me apenas que tinha uma orquestra privativa, que de noite deliciava os hóspedes com as suas interpretações; e como se estava no Brasil tocava muita música europeia... e pouca brasileira!

Depois de arrumar a bagagem dirigi-me à rua Rio Grande do Sul, a casa desse dedicado confrade, para saber ao certo o que se passava. Bati à porta, sendo atendido por um moço simpático:

— Que deseja?

— O Sr. António Augusto dos Santos está em casa?

— Não está. Saiu. Foi para o aeroporto.

— ! ! ! ! ! !

— Teve que lá ir para esperar com outros amigos um confrade português.

Sorri e expliquei-lhe que o *confrade português* era eu... Abriu os olhos de espanto e logo um fraternal abraço coroou aquele nosso primeiro encontro.

O pai chegou meia hora depois e também ficou bastante admirado de me ver ali a conversar animadamente com toda a família.

Sua alegria não tinha limites. E todos nós, compartilhando da mesma satisfação, sentíamos os efeitos salutares daquele ambiente de sã e fraternal convívio.

Depois dum belo almoço (Augusto dos Santos é também vegetariano) passámos o resto do dia em visitas aos meios espiritas locais. E mais uma vez tive ocasião de verificar o entusiasmo e dedicação à Causa que reina por toda a parte de Minas Gerais.

Minha estadia em Belo Horizonte tinha, porém, como objectivo principal conhecer José Arigô, que vive na cidade vizinha de Congonhas.

José Arigô é conhecido no Brasil como extraordinário médium curador, efectuando, no estado de transe, complexas intervenções cirúrgicas, com material rudimentar, sem a menor esterilização e sem que por isso ocorra qualquer infecção nos enfermos.

António dos Santos, sempre amável, levou-me no dia seguinte, de automóvel, até Congonhas.

Acompanhou-nos seu filho, o distinto médico Dr. Oliveira Santos, sua noiva e o irmão desta.

Durante o percurso tive ocasião de admirar extensas regiões de pirite, uma autêntica *mina* para quem as explorar convenientemente.

Congonhas, apesar de ser uma cidade pequena, é muito visitada pelos turistas que ali acorrem para conhecer as obras do *Aleijadinho*. O *Aleijadinho* — é assim que lhe chamam — era um homem que ali viveu há muitos anos. Seus braços estavam reduzidos a dois cotos, mas como tinha enorme vocação para a Escultura e Pintura, como dentro de si próprio crepitava a chama da Arte, esqueceu-se de que não tinha membros superiores e, mercê de força de vontade quase infinita, de persistência rara, conseguiu dar Vida e Cor a blocos informes. Atando os instrumentos de trabalho aos cotos, burilou estátuas magníficas, plenas de realismo e beleza, representando, numa sequência admirável, a *História Sagrada*.

Como disse, os turistas acorrem, diàriamente, a Congonhas para admirar tanta maravilha! O comércio local deve assim grande parte do seu lucro a essa população flutuante.

Pois o aparecimento de José Arigô veio dar ainda maior incremento ao comércio. Num pequeno botequim onde entrei para me refrescar com um limonada, a servente disse-me:

— Não imagina o acréscimo de clientes que temos, desde que José Arigô iniciou as suas operações. Vem aqui gente de todo o Brasil e até do estrangeiro.

O meio de Congonhas é essencialmente católico. Mas o mais interessante é que enquanto um dos padres faz campanha contra o médium operador, o outro é um ferveroso defensor dele.

José Arigô era, mesmo, até há bem pouco tempo, um católico fervoroso. E só agora, depois de ter compreendido toda a fenomelogia de que é objecto, se tornou um defensor da codificação kardeciana.

Quando chegámas a Congonhas, encaminhámo-nos para a casa do médium. Um confrade introduziu-nos numa casa defronte da sua e perguntou os nossos nomes. Declinei a minha identidade e procedência.

Enquanto esperámos José Arigô, comentávamos o que se iria passar. O meu interesse científico pelo fenómeno era grande. O ilustre médico, como estudioso da parapsicologia, mostrava grande curiosidade também. Sua noiva e irmão pouco acreditavam na possibilidade destes fenómenos e estavam ali convencidos de que não

seriam sugestionados e acabariam por descobrir todos os *truques*...

— Ele finge que faz operações, mas é tudo sugestão — diziam.

Momentos depois o mesmo solícito confrade convida-nos a entrar na casa do médium. Atravessamos a sala de entrada e vamos para uma pequena divisão onde só havia cadeiras à volta e uma cadeira ao centro. Várias pessoas ocupavam as cadeiras.

Soube depois que nesse dia a afluência era diminuta por ser dia de Reis! Nos outros dias a acumulação de doentes é, por vezes, um problema...

Entra, finalmente, José Arigô. Pessoa extremamente simpática, aparentando uns 40 anos.

Identifico-me e José Arigô mostra a sua alegria em me conhecer, e eu igualmente manifesto satisfação por assistir a trabalhos tão raros e interessantes. Diz-me a seguir:

— Em *dias santos* raramente trabalho! Mas basta o meu amigo estar aqui para lhe fazer algumas demonstrações.

Agradeço-lhe reconhecido.

José Arigô sai da sala. Quando volta traz uma caixa de goiabada cheia de canivetes e tesouras. Tudo aquilo tem o aspecto de sujo.

Mas agora já não estamos — pelo menos na aparência — em frente de José Arigô. O corpo é o mesmo, isso é verdade, mas a sua personalidade parece ter sofrido completa mutação. Exprime-se em mau português, com acentuado sotaque estrangeiro.

Dizem-me que é o *Dr. Fritz*, operador alemão desencarnado.

— Fala o Alemão correctamente, segundo dizem as pessoas que compreendem essa língua — diz-me depois um confrade —. E fala ainda Polaco e Russo, sem que o médium, no estado normal, conheça qualquer destas línguas.

O *Dr. Fritz* pergunta quem necessita de ser operado. Um indivíduo, com lesão numa das vistas, levanta-se e ocupa a cadeira do meio da sala. O *Dr. Fritz* pede a todos que se aproximem. Pega numa tesoura, que tirou da caixa de goiabada, e, ràpidamente, sem a menor hesitação, começa a cortar diversos tecidos do globo ocular. Este enche-se de sangue, mas a operação continua.

O *Dr. Fritz* retira a tesoura com algum tecido e *limpa-a* na mão suja de um dos presentes!

A noiva do Dr. Almeida Santos e seu irmão, que *explicavam* há momentos tudo pela sujestão e pela fraude, saem porta fora, boquiabertos com o que viam. O ilustre médico, continua, porém, a examinar tudo com o maior cuidado.

A operação continua, durante mais uns dois minutos. No fim entrega-lhe algodão para tapar a vista.

Assisti ainda a outra operação do mesmo género. A mesma rapidez, o mesmo pulso de há pouco.

O *Dr. Fritz* perguntou se havia algum doente mais grave, mas naquele dia, nos poucos indivíduos presentes mais ninguém se sentia doente.

Tive ocasião de falar com um moço entusiasta que lá encontrei.

— O *Dr. Fritz* curou-me.

— Mas o que tinha?

— Tinha uma vista perdida. Fui consultar diversos oftalmologistas e a resposta era sempre a mesma: «não há nada a fazer».

— Então...

— Então recorri ao *Dr. Fritz*. Operou-me e... estou completamente curado.

— Vê tão bem de um vista como da outra, ou não?

— Vejo das duas igualmente.

Falei com um outro confrade, cuja esposa fora operada de um câncer no útero.

— Hoje está viva, cheia de saúde e satisfação. Se não fosse o *Dr. Fritz*, não sei o que seria...

Quis ouvir o filho de António dos Santos. Embora estudioso da parapsicologia, não é espirita, e portanto o seu depoimento mais interessante se apresenta.

— Claro que o que vi não me tornou espirita. Não há dúvida que o *Dr. Fritz* ou o José Arigô opera REALMENTE. Ali não há sugestão, nem fraude.

— E que me diz da técnica operatória?

— Achei-a antiga. Hoje já é bastante diferente.

— Quanto às operações do útero e outras...

— Simplesmente espantoso! Não sei explicar! Mas o que me espanta é as referidas operações realizarem-se sem qualquer anestésico. Trata-se de operações tão complexas que, se o doente sentisse dores, seriam tão insuportáveis, que desdesmaiaria.

Repito que o Dr. Almeida Santos continuou a não ser espirita. Continuou a olhar com desconfiança tudo quanto existe nesse sector. Continuou o não aceitar plenamente a mediunidade de Arigô. Mas, como observador imparcial, disse-me o que atrás transcrevi.

Quanto à sua noiva e irmão desta, quase não falavam... *Aquilo* era mesmo a sério!

Não tive ocasião de assistir a uma operação ao útero, aos pulmões ou ao estômago e foi pena. Mas sei, pelas diversas pessoas com quem falei, que José Arigô, ou melhor o *Dr. Fritz*, manda deitar os enfermos no chão e é ali que as operações se efectuam. O chão parece pouco limpo, os canivetes e as tesouras idem, mas a verdade é que no meio de tanta *sujidade*, tudo corre maravilhosamente!

Contou-me José Arigô um facto curioso: certo confrade, que se deslocou à Alemanha, levando os dados que o *Dr. Fritz* forneceu sobre a sua pessoa, depois de inúmeras investigações verificou que tudo correspondia à verdade.

*
* *

Disse eu, no capítulo anterior, a propósito da médium de Guarulhos, que *a não existência no Brasil de qualquer Instituto de Metapsíquica faz com que casos como este permaneçam na ignorância da maioria das massas espiritas e sobretudo dos investigadores isolados. Estes casos deviam ser estudados cientìficamente, como sucede em França, Itália e outros países.*

Estas palavras devem aplicar-se também ao caso de José Arigô.

(continua)

A materialização em clima psíquico demonstrada pùblicamente em Londres

por Maurice Barbanell
Director de "Two Worlds"

A materialização, o mais raro de todos os fenómenos visíveis do Espiritismo, só de longe em longe se consegue. Mas foi agora novamente demonstrada em Londres de maneira insofismável a pessoas que jamais a poderão negar. Um dos assistentes — Albert Nockels — claramente reconheceu as feições de sua mãe, que morreu há seis meses. Ele é o vice-presidente da *União dos Médiuns*, em cuja sede se realizou a sessão e sua mãe manteve alguns segundos a face alta contra a luz, para ser bem indentificada, ainda que não fosse esta a primeira vez que aparecia a seu filho, pois já o fizera noutra sessão no *Lor do Médium*, em Lancashire.

A médium, não profissional, foi Lilian Ridgway, de Urmston, que pela primeira vez demonstrou as suas possibilidades de corporizar os espíritos que se manifestam numa experiência realizada há uns seis anos no seu círculo familiar em Urmston, nos arredores de Manchester. Após essa estreia deu mais três sessões em Londres. É uma figura que realiza a concepção popular de um médium grácil, delicado e de bom porte.

Òbviamente, a habilidade para emitir ectoplasma em volumosas quantidades não tem nada que ver com as proporções completas, como aconteceu com Helena Duncan. E no entanto havia uma ligação entre estes dois médiuns da materialização. O mesmo guia, Albert Stewart, dissera três anos antes a Lilian que trabalharia com ela, quando esta ainda nada sabia do seu destino mediúnico.

O fenómeno não atingiu os resultados obtidos por Helena nos primeiros tempos. A luz vermelha não era muito forte para fornecer o imediato reconhecimento e muitos dos materializados não sairam do gabinete, onde a médium se sentou, consistindo apenas num par de reposteiros suspensos num canto da sala e eu próprio, jornalista, fui convidado a inspeccionar o recinto sem nada notar de extraordinário. Além disso, Cyril, o marido da médium, pediu a duas senhoras quaisquer da assistência que inspeccionassem sua mulher, antes e depois da sessão, procedimento que era adoptado quando havia visitas e assim não deixar aos cépticos lacunas para críticas adversas. Na 2.ª feira as senhoras que procederam à busca nada encontraram de anormal.

Durante a sessão houve cerca de 20 materializações, todas variando em forma, dimensão e cor e nenhuma, enquanto falava, reproduziu a pronúncia marcada do Lancashire, da senhora Ridgway.

Eu estava sentado na fila da frente e só uma escassa diferença me separava das cortinas. Mas a melhor vista tinham-na os que estavam a meu lado nos extremos esquerdo e direito, porque assim podiam ver os perfis das figuras, quando levantavam o rosto para a luz vermelha.

Helena Duncan que, disseram-me, frequentemente surge nas materializações, apareceu na 2.ª feira. Quando a isso fui convidado, avancei, mas não pude reconhecer o seu rosto, que não divisei inteiramente, mas a sua voz era a mesma, com o inequívoco acento escossês.

Convidou-me então a apanhar parte do ectoplasma branco de neve, meio luminoso como de costume, mas não reflectindo a luz vermelha. Notei que era diferente na textura.

ROSTOS COMO VIVOS

Enquanto, imersos em êxtase, víamos Helena Duncan manipular o ectoplasma, moldando-o em diversas formas, como se fosse feito de fitas. Cada figura estava vestida de matéria ectoplásmica e muitas puseram um véu sobre o rosto, para os não tornar visíveis totalmente, embora cheios de vida.

Quando Helena se materializou, Russel Herwood, sentada ao pé do gabinete, disse que podia ver perfeitamente o seu forte braço através do ectoplasma.

PÊLO MACIO

Fiquei bastante intrigado quando fui convidado a chegar à entrada do gabinete, onde se divisava uma materialização, que ela me disse ser um gato, pedindo-me que o acariciasse, o que fiz, bem como Harwood, sentindo o calor do animal ao tacto.

A certa altura fomos informados que testemunhariamos a aparição de uma figura e ao mesmo tempo da médium e as cortinas foram abertas, dando-nos a visão de uma vaga silhueta onde a sr.ª Ridgway se sentava e não a podíamos divisar bem, rodeada de uma massa de ectoplasma. Depois, uma voz nos anunciou que o meu velho amigo Evan Powell, famoso médium de efeitos físicos, tentaria

mostrar-se. O seu esforço não foi suficientemente distinto para identificação.

Apereciam também duas ou três figuras com rostos de cor. Uma assistente foi até ao gabinete para inspeccionar aquele rosto que ela dizia conhecer, o que era certo.

E quando a Irmã Teresa se materializou, o seu hábito era de duas cores. Depois falou com o seu pronunciado acento francês.

A voz de Alberto, no tom e no modismo, eram bem evocativos dos dias em que o ouvia falar nas sessões de Duncan. E como nota encantadora houve a intervenção de uma criança alegre e divertida, que admiràvelmente representou o seu papel de quebrar a tensão e «o suspenso» desta extraordinária sessão, num intervalo cheio de graça, onde levantou do chão uma pasta ali colocada, na esperança de que Helena Duncan escrevesse a sua assinatura para os membros da União dos Médiuns, o que, infelizmente, não fez.

Houve, no final, outra materialização de uma mulher que orgulhosamente desgrenhou a longa e negra cabeleira, muito diferente da da médium, num gesto de justificada vaidade.

Considerando no seu conjunto a actuação da médium e que se encontrava num local estranho, a sessão foi um sucesso e homenagem aos poderes extraordinários que havia desenvolvido. A tal ponto foi real a transmutação, que alguns minutos depois dos trabalhos ainda havia no gabinete o odor particular do ectoplasma que eu tinha aspirado em tantas sessões de materialização.

Para feliz complemento de um transe desta natureza não levou muito tempo a fazer voltar a sr.ª Ridgway ao estado normal, sem efeitos mórbidos. Um quarto de hora mais tarde, ela chamou-me, cheia de vigor e vivacidade. Ao pedir-lhe algumas declarações para o meu jornal limitou-se a dizer com um sorriso:

— Peço-lhe o favor de dizer aos seus leitores que me não façam convites para sessões. Isto continua a ser um grupo familiar e não tenho a mínima intenção de me tornar médium profissional e dar sessões públicas.

E quem a pode censurar? Ela bem se lembra do que aconteceu a Helena Duncan, que foi presa ao abrigo da lei contra a feitiçaria (Witchcraf Act) e que morreu poucas semanas depois da polícia ter invadido o recinto da sua última sessão.

"O Espiritismo no Brasil"

por ISIDORO DUARTE SANTOS

Como dissemos em o número de Agosto, saíu dos prelos o 1.º volume do livro «O Espiritismo no Brasil», da outoria do director desta revista e que vai constituir uma revelação para milhares de leitores portugueses e brasileiros. A impressão da obra deve-se à Gráfica «O Mês», do Rio de Janeiro, que se esmerou no trabalho.

Compõe-se este volume de 23 longos capítulos vasados em estilo terso e repletos de observações e anotações acerca do Espiritismo nas terras do Cruzeiro. Quando a obra estiver totalmente impressa, então se avaliará o arrojo do empreendimento. Quem adquira este volume e o leia ponderadamente ficará ansioso pelo segundo e pelo terceiro.

Os capítulos são os seguintes:

Duas Palavras; 1 — Primeiras Impressões; 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas Sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trem ... ou talvez não; 9 — Uma Visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionários de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Vajante; 20 — Na Cidade de Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis.

As suas 55 gravuras em papel «couché» são friso magnífico a ilustrar a obra, que é, ao mesmo tempo, um cântico à formosa terra que acolheu o nosso Director, como peregrino da Amizade.

Novamente se declara que este depoimento singular, pela extensão e pela forma, corresponde à realidade e jamais poderá ser tomado à guisa de louvaminha.

Os primeiros exemplares serão rateados pelas agremiações brasileiras visitadas pelo Autor e só depois o volume será entregue a uma grande distribuidora do Rio de Janeiro e a outra de Lisboa para venda ao público.

Preço do volume, em papel Buffon de 1.ª Cr$ 300,00, com 20 % de desconto às agremiações espiritas.

Os pedidos podem ser dirigidos ao

GENERAL FÁBIO DE CASTRO

Rua Marã, 100 — Maracanã — RIO DE JANEIRO

RELIGIÃO E ESPIRITISMO

por Carlos Imbassahy

(Correspondente em Niterói)

DIZIA Camilo Castelo Branco, numa polémica com o meu patrício Carlos de Laet, que apreciava muito os artigos em que havia delicadeza e latim. Parodiando-o, digo eu que me seduzem aqueles onde vejo delicadeza e conhecimentos.

É o caso do trabalho publicado nesta revista sob o título acima da autoria de Joaquim Fernandes de Albuquerque. Mas o que falta nele em latim sobra nas duas outras partes.

O mais interessante é que apresenta umas discordâncias, quando eu estou de acordo com ele. Vejo apenas no seu bem lançado artigo ligeiros equívocos quanto à minha opinião. Assim é que diz o meu distinto correligionário:

> «Este formidável cultor da lógica formal espraia-se em luminosas considerações de ordem dialética para demonstrar que o Espiritismo é uma Religião...»

Não é bem esta a minha tese, mas a de que em Espiritismo há uma *parte religiosa.*

Sempre fui contrário àquela definição de que o *Espiritismo é uma religião,* ou ainda mais restritamente, como usam aqui, o *Espiritismo é o Cristianismo,* porque isto seria excluir os outros dois terços que o compõem e que são indispensáveis para validar a sua parte moral. Esta é que é a principal, que diz com a conduta humana e sem a qual o Espiritismo seria quase uma inutilidade. Tirassem, porém, a Ciência que prova e a Filosofia que esclarece, e cairíamos no dogma e no puro ritualismo, preciosos ao homem enquanto tivesse fé, mas um caminho seguro para o materialismo, quando a lâmpada religiosa fosse sendo substituída pelo candelabro científico.

Ora, no Espiritismo não há apenas o facto que convence, nem as luzes da Filosofia, há ainda a ideia de Deus, dos seus atributos, da sua acção, das suas leis, do respeito que lhe devemos; há a prece, há as sanções. Tudo isto é do domínio da Religião, ou pelo menos assim temos entendido. Eu não fiz mais do que seguir os léxicos e os compêndios de Geografia.

A não introduzir no tripé o terceiro pé, teríamos o móvel sem equilíbrio, e, ou desmentiríamos o dicionário, ou desmentiríamos a doutrina.

Aliás, não faço mais que seguir a definição de Allan Kardec, para quem o Espiritismo era uma filosofia religiosa ou uma doutrina de consequências religiosas. Essas «consequências» são a *parte religiosa* a que me refiro.

A controvérsia é coisa natural em pugnas literárias, nas quais a discussão abre caminhos tortuosos que ninguém sabe ao certo onde conduzem. No caso presente há dois articulistas que esgrimem argumentos e sabem fazê-lo com equilíbrio e elegância, sem descer à ironia e muito menos ao juízo tendencioso que se oculta, às vezes, nas entrelinhas.

Joaquim de Albuquerque mostrou dignidade mental ao apreciar o livro «Religião», de Carlos Imbassahy. Este, por seu turno, respondeu com aprumo e lealdade.

«Estudos Psíquicos» abre as suas colunas à controvérsia, sempre que dela saia mais forte a verdade que propugnamos.

O meu suposto antagonista passa a analisar as razões em que me estribo:

> 1 — *O Budismo não tem carácter sobrenatural, o que se dá com o Espiritismo, e é uma religião.*

E declara o amigo que o Budismo começou a ser religião, quando o divinizaram; pergunta onde tem um Deus e um culto próprio; que não colhe a apresentação de simples postulados budistas, porque são eles confirmados cientìficamente pelo Espiritismo.

Antes do mais, o culto búdico apareceu com a hierarquia eclesiástica; e o deus búdico, como omnipotente, não sei que diferença terá do nosso. Neses ponto da Divindade parece que nos aproximamos mais do Budismo do que de qualquer outro princípio religioso, porque Buda percebia que era difícil compreender Deus, e nós à proporção que avançamos vamos notando a impossibilidade de defini-lo, colocado como está em religiões inacessíveis ao nosso entendimento.

Mas Fernandes de Albuquerque está inteiramente de meu lado, quando afirma que os postulados búdicos são confirmados cientìficamente pelo Espiritismo. Logo são os mesmos do Espiritismo, e ainda por cima com uma confirmação científica.

Porque divergiam dos postulados búdicos os ensinos espiritas confirmados cientìficamente?... Se esses postulados são a base da nossa doutrina, se formam a doutrina pregada por Buda, que é a pregada pelos Espíritos, não há que estranhar darmos a *uma parte* da nossa doutrina o nome de religião, que se confere àqueles postulados.

Isso é o que eu queria dizer.

> 2 — *Acha ainda o erudito amigo que o «Espiritismo será Cristianismo, se, como eu digo, aquele é o segundo tomo deste.*

Ora, sempre me opus a essa definição, aceita aqui pelos meus correligionários muito evangélicos.

Afirma o articulista que o Espiritismo não é Cristianismo, porque esta é a 2.ª revelação e ele a 3.ª.

Nunca estivemos tão de acordo. E o que eu queria demonstrar, e que talvez a língua não me ajudasse, é que, na *parte religiosa* se estudava o Cristianismo, que seguíamos as suas leis morais, que interpretávamos os seus txtos; tal influência teve na lição dos Espíritos, que um dos livros de Kardec toma o título de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Encarar a pregação messiânica como ponto de relevância e incluí-la na Codificação, é discriminá-la como parte e não como todo, assim como seria absurdo dizer que a Tabuada é a Matemática ou que a Matemática é a Tabuada, porque esta está incluída naquela. E o que eu queria salientar é a parte religiosa do Cristianismo que tínhamos em grande consideração. Mas sempre *parte*.

No mais toda a demonstração do meu amável contraditor, a que Espiritismo não é Cristianismo *(tout court)*, alcocheta-se inteiramente ao meu parecer.

3 — *Dizia eu que o Espiritismo tem templos, ao que o meu amigo adverte que se Deus está em toda a parte, e se em qualquer parte nos comunicamos com ele, pela oração, sendo esta feita num Centro Espirita ou em nossa casa, não está sendo proferida de um templo.*

Mas isto não exclui o templo.

Por que o católico, o protestante, o maometano ou o budista ou o judeu podem fazer preces em qualquer lugar, seguir-se-á que não existe a Igreja, a Mesquita, o Pagode ou a Sinagoga?

Apenas equiparei o Centro a um templo, como poderia equipará-lo a uma Igreja, ou seja o local onde se reunem pessoas da mesma crença, ou da mesma ideia, com a mesma finalidade, isto é, para fins elevados — o de propugnar pelo bem da humanidade.

4 — *Quando digo que temos sacerdotes uso de uma expressão simbólica.*

Certo, não há em Espiritismo paramentos nem hierarquia; mas, segundo a própria definição do dicionário, refiro-me àqueles que «*cumprem missão elevada*». Quando aludimos aos «sacerdotes da Medicina» temos em vista os que não medem sacrifícios para levar ao doente o conforto, o remédio e a vida.

Diz o amigo que o estudioso que pregue e propague o bem, a caridade e o amor não é sacerdote. Mas se a missão do propagandista é superior, se ele deixa os prazeres da vida pelo amor do próximo, se muitos vão ao sacrifício de afrontar as diatribes de adversários, ou coisa mais contundente, porque não serão os sacerdotes de uma Causa?

5 — «*Agora o Sr. Dr. Carlos Imbassahy sustenta que o Espiritismo tem ritos...*»

Não me lembro se teria sustentado isso. Como quer que o tivesse dito, não me sentia adstrito ao rito eclesiástico, senão que tomava o vocábulo na sua expressão lata de cerimónia, de formalidade necessária.

E argumenta o caríssimo confrade:

«*Se à constituição da mesa que orienta e dirige uma sessão espirita, bem como ao respeito e compostura que todos devem manter, chamarmos rito, então podemos dar a mesma designação à constituição da mesa de uma assembleia geral ou à constituição da mesa de certa sessão...*»

Não sei como seria essa constituição a que se refere Albuquerque. Mas, se ali houvesse formalidades, como acontece em certas sessões solenes, como vemos nas sessões do juri, onde há um estrado, onde um se assenta mais acima, outros mais abaixo; outros tomam determinadas posições ao lado; a este incumbe uma função, àquele outra, não deixaria de haver um ritual, que seria ritual profano, que não se pareceria com o ritual eclesiástico, mas que nem por isso perderia a sua característica de *fórmulas indispensáveis para a realização do acto*. Rito é isso e era a isto que eu queria chegar.

Cumpre acrescentar ainda que há, pelo menos entre nós, aqui, alguns cultos e ritos muito semelhantes aos religiosos e a que não me referi, porque os julgo desnecessários e não se acham generalizados, felizmente.

6 — *A mesma argumentação para o rito, aplicá-la-ei ao culto, isto é: seria a ampliação do termo, o da aplicação a factos que se assemelham; ao seu emprego na mais lata acepção.*

7 — *Referi-me ao dogma que existe em Espiritismo, o da existência de Deus.*

Aqui não se trata de princípio que não se deva discutir, mas que não se sabe discutir.

No dogma religioso a fé impõe que o aceitemos sem provas. No espirita, a imposição é formada pela razão.

Com provas ou sem provas, a existência de Deus impõe-se: é como a eternidade, o infinito... Sabemos que existem, não podem deixar de existir: são dogmas filosóficos.

Assim é com Deus: Sabemos que existe, porque deve haver um Autor para o Universo. E a mais não vamos.

Aqui deixo esta ligeira e talvez mal amanhada resposta ao muito digno colaborador desta Revista, o Sr. Joaquim Fernandes de Albuquerque, pela muita atenção que me merece e me confesso cativo pela gentileza de suas expressões. Parece-me até que no fundo caminhamos ombro a ombro; e se divergências há são apenas de étimo.

E com muita admiração e gratidão pelas boas palavras do amigo,

Carlos Imbassahy

Rato/60

A Ressurreição Segundo a Interpretação Espirita

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

V

Falemos hoje da ressurreição, tantas vezes repetida nos textos bíblicos, e que vamos apresentar sob o aspecto que o Espiritismo ensina.

A ressurreição é a separação do espírito do corpo prostrado pela paralização do funcionamento de todos os órgãos, que é a morte. Esta reparação dá-se com a imobilização e arrefecimento do corpo, embora, como já dissemos, alguns espíritos fiquem, por tempo mais ou menos longo, com a impressão de continuarem ligados a ele; outros, iludidos com o corpo etérico de que são revestidos e semelhante ao corpo terreno que tinham — o perispírito — julgam-se assim vivendo a sua vida habitual ou na vida angustiosa de sofrimento por que estavam passando quando se operou o fenómeno da morte. E isto porque os espíritos criam a eles mesmos as situações que o pensamento arquitecta, sendo designada por imaginação esta faculdade criadora. Por isso os preconceitos absurdos preparam às almas que os alimentam, nos primeiros tempos depois da morte, situações dolorosas e perturbadoras da paz a que aspiram, e não só os preconceitos como também os vícios, e, enfim, todos os hábitos impróprios.

A ressurreição de que o Cristo tanto falou é, portanto, tal como a deixamos descrita, e não o que os irmãos católicos supõem e menos ainda o que os irmãos protestantes ou evangélicos apregoam com a doutrina do sono da morte ou do longo dormir dos espíritos, bons e maus de que acordam no dia do Juízo Final, que é então a ressurreição em que eles — católicos e evangélicos, acreditam, os bons para irem para o reino de Deus, e os maus para os tormentos eternos do inferno. Esta ressurreição dá-se, no entender dos que seguem aquelas duas correntes religiosas cristãs, ligando-se os espíritos novamente aos corpos que tinham na vida terrena, como se isto não fosse o maior atropelo às leis da transformação da matéria.

É notório que o catolicismo ensina a crença na «ressurreição da carne» de uma forma bem expressiva nos seus preceitos dogmáticos.

Ora Jesus Cristo, com o seu aparecimento aos apóstolos, três dias depois de sepultado e durante quarenta dias até ao da sua Ascensão, bem como o seu aparecimento a Paulo de Tarso na estrada de Damasco, confirma bem que a ressurreição é como o Espiritismo a ensina, e que a presença de espíritos em certas sessões experimentais em que se mostram tão visíveis, que dão a impressão perfeita de pessoas reais, fenómeno este conhecido por materialização, explica, perfeitamente, aquele aparecimento do Cristo, por mais de uma vez, aos apóstolos, e explica outros aparecimentos de quem, existindo no mundo das almas, sabemos que não existe num corpo de carne.

É altura de falarmos mais concretamente sobre o erro de interpretação que todas as correntes cristãs, fundamentadas nos textos bíblicos, dão ao facto da ressurreição, erro que resulta do desconhecimento do fenómeno de materialização a que atrás nos referimos, e por motivo de não ser encontrado o corpo de Jesus, onde o sepultaram, na ocasião em que Maria Madalena e outras mulheres ali foram, no primeiro dia da semana a seguir à tragédia do Calvário, facto que elas verificaram minuciosamente.

Pedro e outros apóstolos verificaram igualmente o desaparecimento do corpo de Jesus, que não podia ter sido roubado, porque soldados romanos o guardavam cuidadosamente. Daqui julgarem aqueles interpretadores bíblicos a ressurreição de Jesus como sendo a saída do sepulcro em corpo e espírito.

Mas tendo Maria Madalena permanecido junto do sepúlcro depois dos outros se retirarem, segundo conta o evangelista João (cap. 20) Jesus se lhe manifestou, não sendo por ela reconhecido imediatamente, mas só depois de uma troca de palavras.

E não o reconheceu porque o corpo com que Jesus se lhe mostrou, e depois a dois discípulos na estrada de Emaús, que também o não reconheceram por longo tempo, não era o que tiraram da cruz ensanguentado e amarfanhado, mas sim um corpo glorioso e etérico e não enrolado em lençóis como o puseram no sepúlcro, porque mesmo tais lençóis lá ficaram, mas apresentando vestimentas que o confudiam perfeitamente com os transeuntes a caminho da citada aldeia de Emaús.

Todavia, quando Tomé se mostrou descrente de que o Mestre aparecera tão real como era antes da crucificação, Jesus, pelo seu poder de pensamento, apresentou-lhe as imagens das feridas recebidas para o convencer.

O corpo de Jesus, constituído de substância pura, fora, certamente, pelos poderes ocultos dos dominadores da matéria, ou pelo próprio poder de Jesus, desintegrado ràpidamente, talvez no momento do «grande terramoto» a que Mateus se refere (cap. 28 v. 2), tal como os nossos corpos o serão com o rodar dos anos.

Esta desintegração prova-a o vulgaríssimo fenómeno dos «apports», em que os corpos são desintegrados para aparecerem num lugar distante, devidamente recompostos, ou não aparecerem mesmo em lugar algum.

E voltando a falar de aparições, afirmamos que elas não são produto de imaginação das pessoas que as têm observado, como o provam as máquinas fotográficas com as fotografias que registam de tais aparições.

Portanto, todos os espíritos têm um corpo especial constituído de substância etérica a qual, pelo poder do pensamento, toma a forma em que o espírito se imagina que está, mas, em regra, pela força do hábito ou pelas formas pensamentos que o rodeiam, toma o aspecto da

última encarnação, quando na presença de quem o conheceu nessa última passagem pela Terra. Aquele corpo especial, que é designado por corpo astral ou perespírito, e que S. Paulo denomina corpo espiritual (primeira Epístola aos Coríntios c. 15 v. 44), é o que os espíritos apresentam aos médiuns videntes, que são, enfim, todas as pessoas que os podem ver naquele estado.

Aquele corpo perispiritual, juntamente com o espírito, é o que pròpriamente forma a alma.

Quando os fluidos do corpo astral se adensam bastante, tornam a alma visível a toda e qualquer pessoa. É o que designamos por materialização, como já foi dito, a qual se produz em condições muito especiais e nada frequentes, ou pelo alto poder do espírito que deseja materializar-se. É o que sucedeu com Jesus e com outras inúmeras aparições, umas do domínio da História, como a da Senhora de Lurdes, a da Senhora de Fátima, as aparições que anunciaram aos pastores o nascimento de Jesus, etc., e um relevo especial a materialização da entidade espiritual que deu o nome de Katie King, com que o grande sábio inglês William Crookes fez, de fins de 1873 a Maio de 1874, as mais concludentes, rigorosas e maravilhosas experiências, entidade que, durante três anos decorridos até então, tinha provado a outros sábios como Alexandre Aksakof, lente da Academia de Leipzig, e M. Varley, distinto físico inglês e membro da Sociedade Real de Londres, que o transcendente fenómeno das materializações é um facto. E é o que sucede hoje em muitos centros de investigação espirita, onde aquelas materializações se produzem para o devido estudo e confirmação autenticada das doutrinas espiritas.

Sabemos que muitos dos nossos irmãos protestantes ou evangélicos continuarão a atribuir todas as manifestações observadas em Espiritismo a artes do demónio, e continuarão presos à nefasta crença de que os mortos não voltam a dar-nos sinais da sua existência.

Efectivamente a um grande número de espíritos não lhes interessa, mormente, as coisas da Terra e delas se desligaram inteiramente. Mas muitos outros, que deixaram a Terra sentindo no íntimo da alma remorsos pungentíssimos que os levam a procurar, no plano físico terreno, alívio para a sua perturbação e a harmonização das desarmonias que por cá deixaram, vêm até nós.

Mas vêm também até nós os Mensageiros divinos para nos doutrinar, auxiliar e defender.

Há os mortos sob o ponto de vista físico, isto é, os mortos resultantes do aniquilamento do corpo carnal, dando-se a morte quando o espírito se liberta do dito corpo, e há os mortos sob o ponto de vista espiritual que é o caso da fraca evolução dos espíritos que, não assimilando nem cumprindo as doutrinas eliminadoras de pensamentos e actos pecaminosos, permanecem afastados das bem-aventuranças espirituais e sujeitos às reencarnações, que são a sepultura dos espíritos no corpo físico, ou seja a morte para o mundo espiritual, para percorrerem um novo cíclo de provavções depuradoras.

Quando todos compreenderem isto assim, será imensamente facilitada a unanimidade das interpretações bíblicas.

Poderão os estudantes bíblicos não aceitar estas doutrinas que falam à consciência e à razão, mas o que eles têm que aceitar, por evidentes, são as diversíssimas interpretações sobre os mesmos assunto dos chamados livros sagrados, que tanto dividem e irritam os cristãos das diferentes seitas.

Que todos eles meditem no que deixamos dito e estabeleçam a harmonia e a paz entre todos, são os votos sinceros que fazemos.

Porque, sem dúvida, já todos meditaram também e bastantes vezes, certamente, sobre o facto extravagante de serem tão divergentes as interpretações dos textos bíblicos entre as diferentes correntes religiosas cristãs, e mais ainda entre aquelas correntes e os espiritas.

Que os espiritas também são cristãos em grande número, porque também muitos são maometanos, budistas, etc., segundo a ideologia da sua formação religiosa.

Talvez, no que vamos expor sobre a Bíblia, todos possam compreender a razão de tão diversos pontos de vista.

Oiçamos Allan Kardec na seguinte passagem do seu livro «O Evangelho Segundo o Espiritismo»:

«Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos livros sagrados em geral, parecem ininteligíveis e até irracionais, por faltar a chave para a sua compreensão verdadeira. Essa chave está inteiramente no Espiritismo, conforme já estão convencidos os que o estudaram sèriamente, e conforme melhor o reconhecerão mais tarde. O Espiritismo acha-se por toda a parte na antiguidade, como em todas as épocas da humanidade. Nos escritos, nas crenças e nos monumentos encontram-se seus traços, e é por isso que, se ele abre horizontes novos ao futuro, projecta grande luz sobre os mistérios do passado».

E é assim mesmo, pois é, efectivamente, à base da revelação espirita que temos aqui exposto os nossos pontos de vista sobre interpretações bíblicas.

Mas o que é a Bíblia?

A Bíblia — segundo a expressão de Emílio Castelar, o grande pensador espanhol, «é a revelação mais pura que de Deus existe».

A Bíblia, conforme verificação que fizemos em face de um exemplar traduzido, segundo a vulgata latina, pelo padre António Pereira de Figueiredo, e, segundo confirmação que encontrámos num folheto da Igreja Adventista, «é um livro antiquíssimo, ou antes um conjunto harmonioso de 66 livros escritos entre os anos 1490 antes de Cristo e o ano 96 da nossa era. Cerca de 50 autores de entre as diferentes classes sociais, como sejam reis, chefes militares, sacerdotes, escribas, historiadores, doutores, pastores e pescadores, submetidos a uma vontade suprema e divina — Deus —, escreveram em perfeita concordância entre si, embora em épocas muito distantes e em circunstâncias diversas».

Contudo, segundo o catálogo mandado publicar pelo Concílio de Trento, em 1546, os livros da Bíblia considerados sagrados eram em número de 72.

Mas a Bíblia tem muitíssimas passagens esotéricas, passagens cujo sentido oculto chega a ser impossível de encontrar com a mesma interpretação quando sondadas por vários investigadores, e passagens que chegam a ser fàcilmente interpretadas com sentido diverso, conforme os sentimentos dos interpretadores.

Os teólogos dizem que nas Sagradas Escrituras «se distinguem dois sentidos quanto à sua significação: o *literal* e o *místico*. O *literal* ou *histórico* é aquele em que as palavras têm a sua significação própria. O *místico* divide-se em *próprio* e *metafórico*, segundo as palavras têm o mesmo sentido do que dizem, ou são empregadas num sentido figurado».

Ora, nestes termos, para que nos admirarmos de diferentes interpretações, algumas bem confusas, sobre os mesmos textos?

Só uma razão e um bom senso esclarecidos e libertos de preconceitos, poderão encontrar, nos tempos de hoje, perante as erróneas concepções dos tempos antigos, o verdadeiro sentido daquelas interpretações.

Animismo e Espiritismo

Pelo Doutor ROGER WEISSENBACH

No número 15 da revista italiana «Oggi» que se publica em Milão, há uma crónica de Guilhaume Mairani intitulada «Os Fantasmas do Cervino», com o seguinte subtítulo: «As Sombras dos Alpinistas Mortos Vagueiam na Montanha. Eis a história alucinante de dois trepadores salvos por um guia falecido».

Como nesta crónica se misturam factos que, do ponto de vista metapsíquico, são totalmente diferentes, pois num dos casos se trata de manifestação de telecinesia provada por um vivo, instantes antes da sua morte, ao passo que, nos dois outros, se trata de diversas manifestações «post-mortem», resumo aqui esse artigo, utilizando pontos essenciais e deixando certos pormenores inúteis e sem importância para este estudo. Após esta exposição seguir-se-á um pequeno comentário para revelar o meu pensamento a respeito da sua interpretação metapsíquica.

Ao pé do Cervino, do lado de Zermatt, a 3200 metros de altitude, o Clube Alpino Suíço construiu a cabana de Hörnli, que se encontra sobre o glaciar de Furgg e perto do lado nordeste da grande e majestosa pirâmide que forma o Cervino visto da vertente suíça, ponto de partida da ascensão clássica deste monte. Nas proximidades desta cabana morreram também numerosos alpinistas, enquanto subiam as falésias desta montanha para atingir o cume. Durante muitos anos, Mathieu Kronig foi o guarda da cabana e testemunha de numerosas manifestações de fantasmas, tanto mais que estes estranhos factos são conhecidos na região e raros são os alpinistas que se resignam a passar ali a noite, a não ser em casos de extrema necessidade.

Entre as vítimas citadas, as mais numerosas encontram-se nos inexperientes da montanha que exageram a sua própria força, tentando a ascensão sem serem acompanhados de um guia.

CHAMAMENTO ESTRANHO E DESESPERADO

Das diversas manifestações a que assistiu, Mathieu Kronig narrou a de um apelo estranho e desesperado que, durante a noite e enquanto ele dormia, lhe fez um jovem alpinista berlinense que morreu na ascensão do Cervino e cujo corpo nunca foi encontrado.

Uma vez o alpinista foi à cabana para lá passar a noite e empreendeu sòzinho a difícil ascensão, antes de amanhecer. Falou nisso ao guarda, mas este apressou-se a fazer-lhe compreender os graves perigos a que se iria expor, tendo em conta as dificuldades a vencer. Aconselhou-o o melhor possível e ofereceu-se para o acompanhar em troca de uma pequena gratificação. Mas o jovem teimoso não modificou a sua intenção e fê-lo acordar às duas horas. Kronig preparou-lhe chá e quando ele saiu o guarda deitou-se e adormeceu novamente. Eis agora a sua narrativa:

«Eu estava sòzinho na cabana e não era a primeira vez que o fazia durante os trinta anos que nela vivi! Uma hora depois da partida do alpinista acordei bruscamente com fortes pancadas na porta. Levantei-me e abri-a. Não vi ninguém e fechei-a, voltando para a cama. Pouco depois ouvi novas pancadas e olhei através da janela. Não vi ninguém! Estendi-me na cama, de olhos abertos, quando o cobertor de lã me foi arrebatado! Bebi uma golada de conhaque e pus o cobertor no seu lugar. Este foi de novo arrancado! Então segurei-o com as duas mãos e com toda a minha força levei-o perto do meu pescoço, mas nada pude fazer, porque me foi arrebatado, por força sobre-humana! Nesse momento levantei-me e saí da cabana. Olhei para a famosa lousa «Moseley» e, segundos depois, vi qualquer coisa a precipitar-se. Era o jovem berlinense que tinha caído».

O guarda continua:

«Pode ser que o alpinista, antes de cair, se visse em perigo de morte e me pedisse que o socorresse, visto ter sido eu a última pessoa com quem falara e eu ter-lhe oferecido o meu auxílio. Por isso talvez o seu pensamento se dirigisse intensamente para mim! Mas que lhe poderia eu fazer?»

Trata-se de um caso duplo de telecinesia repetida muitas vezes, quer dizer, de pancadas na porta e arrebatamento de um cobertor que se deu nos últimos e ansiosos momentos de um alpinista, que sentiu não poder resistir mais tempo agarrado ao nicho da montanha, tendo então projectado o seu pensamento para o guarda da cabana, em forma de socorro urgente, antes de cair no abismo de algumas centenas de metros de profundidade.

Como possuia certa mediunidade latente e desconhecida, conseguiu produzir este duplo fenómeno de telecinesia. Foi simplesmente um verdadeiro fenómeno anímico!

«NÃO POSSO DEIXÁ-LO LÁ FORA»

Passemos agora ao segundo caso que aconteceu também na cabana

de Hörli na presença do mesmo guarda e que foi comunicado ao cronista Mairani por Bernard Biner, um dos mais reputados guias de Zermatt:

«Em Janeiro de 1928 (o dia não é indicado), dois alpinistas, um Suíço e outro Grego, caíram mortalmente, durante uma tentativa muito difícil de ascensão invernal desta rocha abrupta que domina a cabana, onde tinham dormido a noite anterior. Dez guias procuraram os seus despojos mortais e nessa tarde, depois de os terem encontrado, levaram-nos para a cabana de Hörnli.

«Chegando muito tarde a Zermatt, os guias decidiram passar a noite na cabana, em companhia do guarda Kronig. Por esta razão depositaram os cadáveres fora da cabana, porque, em sua opinião, estes não sentiriam o frio intenso que reinava lá fora. Entretanto, o jovem guia Alexandre Perren, que fazia parte do grupo dos guias que haviam transportado os corpos, não estava tranquilo, porque lhe desagradava ter de deixar fora da cabana um dos dois alpinistas com quem tinha feito diversas ascensões do Cervino, estabelecendo-se entre os dois uma sincera amizade.

— Bem — disse ele aos companheiros —, desculpem-me, mas não posso deixá-lo lá fora! Vou trazê-lo para aqui!

Perren trouxe o corpo inanimado para a cabana e depois de fechar a porta cearam tranquilamente.

«De repente — conta Biner, que se tornou o chefe dos guias de Zermatt — a porta abriu-se bruscamente e com violência, indo bater na parede, como se tivesse sido empurrada de fora vigorosamente! Olhámo-nos espantados. Fosse o que fosse, um de nós levantou-se e fechou a porta cuidadosamente. Minutos depois abriu-se outra vez com a mesma violência, sem que lá fora soprasse uma brisa e nenhum de nós tivesse saído da cabana».

Além disso, durante uma rigorosa noite de Janeiro, não era provável que um alpinista subisse à cabana Hörnli para se divertir, sobretudo na presença de dois alpinistas mortos. Então, Edmond Perren, que tinha nessa altura vinte e cinco anos, levantou-se, olhou-nos pestanejando um pouco e disse, simplesmente:

«Sei porque a porta se abre. É o alpinista que deixámos lá fora que quer entrar também. Agora sou eu que penso assim». Perren aproximou-se da porta aberta, cerrou-a cuidadosamente e deu volta à chave. Depois pegou numa mesa de jantar e encostou-a à porta, formando uma espécie de barricada».

Biner continua:

«Ainda Perren mal tinha dado um passo em nossa direcção, quando a mesa se deslocou, foi levitada e caíu-lhe nas costas, deitando-o ao chão. Depois a porta abriu-se com grande ruído, embora estivesse fechada à chave! Ninguém fez comentários e levantámo-nos para ir buscar o corpo do outro alpinista, que estava lá fora ao frio e depusemo-lo na cabana ao lado do companheiro. Tudo voltou à normalidade e pudemos todos dormir». Finalmente, Biner contou que nesta região há várias histórias de aparecidos e compreende-se, se pensarmos no grande número de alpinistas (mais de duas centenas) que, atraídos pela beleza deste majestoso pico, encontraram a morte na sua ascensão ou na descida, depois de terem atingido o alvo».

A IGNORÂNCIA DAS FORÇAS NATURAIS

Como, neste caso, se trata de manifestação telecinética provocada por um alpinista falecido, a sua natureza espírita é incontestável! Embora, para muitos leitores, e, sobretudo para alguns sábios positivistas e materialistas, esta manifestação pareça inconcebível, visto eles não chegarem a compreender a causa que levava o defunto a não querer ficar fora da cabana numa noite glacial de Janeiro, a mais de 3000 metros de altitude. Por um lado, eles ignoram tudo o que nos diz o ocultismo e, por outro, o que nos ensina a filosofia hindu a respeito dos diversos corpos que formam o ser humano na vida terrestre.

Não sabem que um corpo subtil chamado duplo etérico liga o corpo físico aos outros corpos subtis (astral, mental, etc.) a que os espiritistas chamam perispírito. Ignoram que durante a morte brusca e violenta de um homem vigoroso, mesmo em plena maturidade, o duplo etérico não morre ao mesmo tempo que os outros corpos e que nem sempre se separa imediatamente do corpo físico, podendo permanecer relacionado com ele por meio de um cordão etérico chamado também «cordão de prata» até à dissolução do duplo etérico no éter cósmico!

Portanto pode transmitir ao perispírito ou corpo astral, sede das sensações, dos desejos e das paixões humanas, a sensação de frio, de gelo residente no cadáver que se encontrava fora da cabana. Em seguida o corpo astral pode transmitir ao corpo mental o desejo de evitar o frio e este manifestar aos vivos o desejo de ser levado para dentro da cabana, provocando o fenómeno de telecinesia de que falámos e as manifestações cessarem, logo que o desejo de calor fosse satisfeito e que o cadáver fosse levado para a cabana.

Do discurso do jovem guia Perren, nota-se que tinha intuitivamente compreeendido o desejo do morto que ficara na rua e que quando pensou que era suficiente fechar a porta à chave e colocar diante desta uma pesada mesa, a fim de pôr termo à manifestação, não tivesse ainda noção alguma a respeito das forças supranormais de que se podem servir,

neste caso, os espíritos que se manifestam.

Passemos agora ao terceiro fenómeno:

AVISO DO ALÉM

Bernard Biner continua a sua narração, dizendo que o seu amigo e colega Isidoro Perren, um dos mais vigorosos e hábeis guias do vale de Zermatt que encontrou a morte em 1936 numa ascensão ao Cervino em companhia de um freguês, devido a uma queda de pedras provocada por uma corda que se encontrava por cima deles, afirmara dois dias antes que tinha o pressentimento de morte próxima.

Encontraram-se num café de Zermatt e quando Biner perguntou ao seu amigo como estava, este, embora de perfeita saúde e cheio de vigor, respondeu-lhe com ar triste e melancólico, comunicando-lhe os seus pressentimentos, mas as boas palavras de Biner que procurava reconfortá-lo, levando as coisas a rir, não tiveram nenhum efeito sobre ele.

No ano seguinte, em 1937, Biner e um alpinista italiano vindo de Trieste decidiram subir ao Taeschhorn, montanha de 4.400 metros passando pela aresta chamada Crista do Diabo. *Esta montanha encontra-se no vale de Zermatt, 20 km. a nordeste do Cervino. Por isso foram dormir à cabana de Kien e depois da meia-noite Biner acordou o seu companheiro, a fim de se porem a caminho. Mas este, que se chamava Georges, olhou-o com ar sério e com pezar lhe disse que não tinha a intenção de subir a montanha pela* Crista do Diabo.

Biner tinha então 34 anos, um robusto montanhês que ainda hoje, com 54, tem ombros de Hércules e mãos de gigante! Era íntimo amigo de Georges, mas não admitia que se mudasse de ideias, que se tivessem arrependimentos ou fraquezas.

— Já não queres subir pela Crista do Diabo? — perguntou Biner.

— É que o teu amigo Isidoro Perren visitou-nos esta noite e disse-me que não subíssemos. Sabes que não creio em fantasmas ou em qualquer manifestação deste género...

— Aconteceu que há coisa de uma hora; enquanto dormias, fui surpreendido ao ouvir bater na janela e ver através do vidro o teu amigo Isidoro que de fora me acenava que saísse. Eu estava bem acordado, quando perguntei ao Isidoro o que ele queria. Disse-me simplesmente que não fizesse a ascensão pela Crista do Diabo. *Institivamente tentei agarrá-lo por um braço para lhe perguntar como estava ele ali, tendo morrido há um ano. Mas a visão desapareceu! Entrei na cabana sem te acordar e deitei-me. E enquanto dormia sonhei que te opunhas à minha decisão de renunciar ao nosso projecto e que te dirigias comigo para a* Crista do Diabo. *Marchámos durante quatro horas e quando chegámos ao Vale Estreito, que era passagem obrigatória para a escalada, Isidoro apareceu-me de novo, disse-te que não continuasses e apagou a vela que tinhas na mão e te deixou às escuras».*

Mas Biner insistiu, dizendo a Georges que não desse atenção a contos da carochinha que lhe não fariam mudar de ideias e modificar o programa acrescentando:

— Como não acredito nessa história que me contas, levarei a lâmpada eléctrica, porque no Vale Estreito há sempre muito vento.

«Partimos — continuou Biner — e durante quatro horas caminhámos na noite silenciosa. Uma vez no Vale Estreito, quase no lugar onde começa a ascensão, a grande lâmpada eléctrica que levava no peito apagou-se de repente! O tempo estava magnífico e as estrelas resplandeciam num céu negro sem nuvens. Verdadeiramente pareceu-me que não podia ignorar por mais tempo as advertências do nosso amigo Isidoro e, de comum acordo, resolvemos fazer a ascensão do Taeschorn pela via normal. Chegados à aresta, a um quarto de hora do cume, o sol resplandecia num céu de anil. Mas, ao longe, sobre o cume Dufour, o mais alto do Monte Rosa Biver, viu aparecer uma pequena nuvem rosada. Um quarto de hora depois, o céu estava totalmente coberto de negro e rebentou imediatamente uma furiosa tempestade que pôs em sério perigo a nossa vida. Entretanto, graças a Deus, conseguimos descer pela via normal e encontrar o refúgio. A tempestade durou três dias e três noites, consecutivamente».

«No momento em que a tempestade se desencadeou — acrescentou Biner — encontrar-nos-íamos no ponto mais exposto e mais difícil da Crista do Diabo. *Ninguém poderia descer durante a tempestade nem subir para nos auxiliar. Sem dúvida que morreríamos os dois. Depois de ter caído mortalmente no Cervino, o meu amigo Perren salvou-me a vida. Se hoje estou aqui é, ùnicamente, graças aos seus conselhos!»*

UMA PROTECÇÃO TUTELAR

Esta terceira manifestação é também muito interessante, porque se trata de um fenómeno espirita de protecção tutelar. Mas é muito complexo, pois que se divide em aparição do fantasma e em telecinesia, quer no momento das pancadas na vidraça da cabana, quer no momento em que a lâmpada eléctrica foi apagada, em sonho, no lugar exacto indicado anteriormente a Georges. Além disso há também a conversa do defunto em estado de fantasma para dissuadir o alpinista acordado a não fazer a ascensão projectada; por outro lado há também o fenómeno de clarividência no futuro, ou seja do conhecimento da tempestade que aconteceria no dia seguinte, no próprio momento em que os alpinistas se encontrariam na aresta mais difícil de galgar.

Que o alpinista estava bem acordado quando saíu da cabana e ou-

ACABAM DE APARECER

HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE

de César Lombroso

Eis a obra há muito tempo esperada de um grande cientista italiano que encheu um século de luz mental. É um livro que deve ser lido por todos os estudiosos, por todos os amantes da verdade que desejem aumentar os seus conhecimentos psíquicos.

1 volume de 430 páginas — 60$00

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

pelo Espírito de EMMANUEL

Eis outra obra notável de conteúdo moral respigada por EMMANUEL no grande manancial do «Livro dos Espíritos» e oferecida aos homens de boa vontade, aos quais rasga horizontes novos cheios de luminosidade. Foi recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.

1 volume de 216 páginas — 30$00

viu o fantasma falar é um facto, pois tentou agarrá-lo por um braço. A intenção do defunto de dissuadir novamente o alpinista de subir a Crista do Diabo, *aproveitando-lhe o sono para se lhe manifestar em sonho é também uma prova de que este previa antecipadamente objecções do guia Biner para não modificar o seu programa. Da mesma forma, o defunto compreendera que, se não chegasse a apagar a lâmpada eléctrica, não poderia ter convencido o seu amigo Biner a seguir a via normal mais fácil e que, portanto, não poderia salvá-lo, como era o seu maior desejo.*

A clarividência é uma faculdade do Espírito que muito raramente se manifesta nos vivos, ao passo que os desencarnados vivem no estado de eterno em que o presente, o passado e o futuro formam um todo uno. Mesmo que fossem justos os raciocínios dos homens de ciência que falam a seu belprazer de subconsciência ou de inconsciência ou de inconsciente, ou, mais raramente, de superconsciente, apenas confirmariam a existência do Espírito no homem vivo e suas possibilidades de manifestar as faculdades metapsíquicas durante a vida terrestre para continuar a manifestá-las, sem interrupção, no Além.

O primeiro caso é um fenómeno de natureza anímica, ao passo que os segundos são de natureza espirita e, como disse o Mestre Ernesto Bozzano, o animismo serve para provar a veracidade do Espiritismo, porque, se às vezes e sobretudo nas proximidades da morte se libertam e manifestam faculdades espirituais supranormais nos vivos, mais fàcilmente se manifestarão, quando o Espírito abandone a prisão transitória da matéria física ou seja da carne.

NOTA DO AUTOR

Graças à amável intervenção do Doutor P. Ringger, presidente da Sociedade Suíça de Parapsicologia, pude obter do guia Bernard Biner uma declaração escrita e assinada em que confirma todos os factos que exarámos neste artigo. Eis a tradução integral deste documento probatório:

Hotel de la Gare, Zermatt (Suíça)
Proprietária Família Alois Biner
4 de Maio de 1957

À Sociedade Suíça de
Parapsicologia
Sr. Dr. P. Ringger
Rebbergstrasse 21, Oberengstringen — Zurich

Em resposta à sua carta de 26 de Abril, informo que os factos que comuniquei foram reproduzidos exactamente pelo jornalista italiano num artigo da revista Oggi. *Na parte intitulada «L'appel dans la nuit», por atenção à família do defunto ocultei ao jornalista o lugar exacto do facto e deixei-o supor que se tratava da cabana do Cervino.*

Penso que o meu testemunho o satisfará.

a) *Bernard Biner*

ANEXO — O apelo nocturno corresponde ao primeiro caso tratado, ou seja à manifestação anímica. Quanto aos meus comentários pessoais, fruto de estudo e de reflexão, declaro que são hipóteses plausíveis que não se podem provar ainda cientìficamente, porque nesse caso seriam já leis científicas e não hipóteses. Não esqueçamos, todavia, que no decorrer dos séculos muitas leis científicas foram derrogadas como falsas, o que prova que nos conhecimentos humanos nada existe de absoluto e que tudo é relativo.

Dr. P. W

(De «La Revue Spirite»)

O MISSIONÁRIO SINGULAR

Por Tito L. Bencéscu
(Correspondente em Rosário, Argentina)

HÁ dois mil anos que apareceu no mundo o missionário singular, levando em si próprio o Evangelho feito verbo, baseado num axioma sublime, simples, profundo e transcendental: «Amai-vos uns aos outros». Era, e é, todavia, o código mais amplo e profundo na sua essência; o melhor dos códigos penais, os fundamentos filosófico-sociais, ao mesmo tempo que psicológicos e religiosos mais precisos, simples e eficazes de levar à prática.

Além disso, é o preceito sublimemente humanizante e humanitário, com base no coração humano. É a doce voz do *Rabbi*, que repercutiu para além das fronteiras da Galileia. Se essa grandiosa legenda espiritual do Amor fraterno entre todos os homens estivesse arreigada, quantos ódios e rancores não se teriam extinguido, quanta dor, quantas lágrimas e sangue não se teriam evitado às gerações pretéritas e actuais! Porque essa sublime máxima do Messias intercalava também os dez mandamentos do Sinai, complementando-se a norma de vida colectiva mais bela e simples; estes preceitos eliminam e neutralizam a enorme mistura de leis e códigos que tanto desorientam os povos.

Jesus apiedou-se dos seres terrestres, baixou do seu reino sideral e de glória, como o condor que desce das grandes alturas à atmosfera terrestre impura, onde se sente encarcerado e incomodado pelos morcegos.

O pregador Galileu apiedou-se dos seres terrenos e desceu para revigorizar as debilidades do próprio sistema físico — diz um pensador — e fortalecer espiritualmente a Humanidade, a fim de que ela se eleve novamente para uma superação e eterna bem-aventurança.

Dizem que sofreu perseguições e, finalmente, o Calvário da Cruz? O mesmo pensador julga que o seu sofrimento se sublimou, em parte, na piedade que sentia pelos homens divorciados da ventura. Jesus conhecia os padrões evolutivos terrícolas e por isso aceitou a crueldade humana, alimentada naquele tempo, pelo dogma religioso imperante, influenciada pela tradição da época, pelos preconceitos sociais e confessionais e pelo comodismo.

O Messias contemplou da sua imensa altura espiritual os sofrimentos físicos, suportados com a mesma naturalidade, com que os exímios botânicos sofrem as queimaduras provocadas pelas ervas daninhas ou como os zoólogos observam sem se ofenderem, as agressões instintivas das espécies com que lidam.

Sofreu, compadecendo-se pela infelicidade humana.

Se, na sua época, o desequilíbrio terrícola provinha da imaturidade espiritual, em nossos dias regista-se um desequilíbrio mais pronunciado ainda, do qual se verifica que a alma dos povos não tem mudado ao longo dos milénios. Está-se a deslizar por uma perigosa ladeira carregada de contradições e misérias morais surpreendentes; eles não podem ou não querem aceitar as divinas mensagens do Evangelho. Repelem tàcitamente a terapêutica salvadora que se baseia, precisamente, no Evangelho redentor tendente a vibrar no mesmo diapasão para que nos encha do Amor do Cristo. Ele não veio, pois, para salvar-nos, mas para nos ensinar com o exemplo vivo, como podemos preparar a nossa salvação do «amai-vos uns aos outros, como eu vos amei».

O verbo de Deus, que desceu das angélicas regiões, procurou transformar em perfumadas brisas de amor as mais intensas vibrações de ódio. Não conseguiu, todavia, o seu objectivo o Mártir do Gólgota, porque o espírito humano vive ainda dominado pelas más ambições, pela avareza desenfreada, pelo egoísmo e pela ausência de solidariedade. A impiedade exerce a sua preponderância em toda a parte, fazendo-nos esquecer as leis mais elementares da nobre a fraterna convivência.

Dissemos já que a casta sacerdotal da época agitou as massas sociais incultas contra Jesus, reclamando furiosamente a sua crucificação no madeiro. Desde então, até hoje, a sua doutrina tem sido mil vezes crucificada, esquecida ou menosprezada sistemàticamente, porque os povos, que, de quando em quando, rememoram o doloroso drama do Calvário, substituiram o ódio pelo amor, desviando-se sensìvelmente por caminhos existencialistas ou directamente ateístas, sem realizarem esforço algum para se encontrarem a si próprios, mediante a autocrítica que tem a virtude de elevar a personalidade humana. Negam-se a repelir o lastro acumulado através do tempo, segundo a clássica linha do menor esforço...

Uma vista retrospectiva no decurso dos milénios colocar-nos-á, certamente, no justo meio para nos convencermos, uma vez mais, de que nos descristianizámos, pois o divino mensageiro exclamou oportunamente:

— Como estão longe de mim os seres terrenos!

(Tradução de C. A.)

ERRO SOBRE A MORTE

por Vasco de Lemos Mourisca

As religiões a que eu chamo de pavor — e à custa do pavor se locupletam e engordam... — pintam a morte com todas as cores negras, como se o espírito que parte entrasse na mais escura das masmorras! E é confrangedor ver como homens esclarecidos se deixam ludibriar por essas teorias abstrusas, apesar das esmagadoras provas científicas que, há muito, fizeram luz sobre o problema. Realmente, não há pior cegueira, do que aquela que não quer ver!

Há dias, li uma peça de muito interesse e de um autor que eu não supunha vítima de mitos. Refiro-me à peça de teatro O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE, do escritor Olavo d'Eça Leal.

Na crítica, que escrevi para o programa radiofónico de Igrejas Caeiro — onde, com o meu camarada Duarte de Lemos, aprecio as obras, de que forem enviadas, àquele Produtor, 2 exemplares — afirmei que, sobre a Morte, o Autor tinha dito muita tolice.

No 3.º acto da referida peça, o «Narrador», a págs. 89, em resposta à pergunta se é bom morrer, afirma:

— Ninguém sabe. Nenhum defunto voltou para o dizer.

E segue-se uma catadupa de erradas afirmações, do mesmo jaez.

Ora custa-me a aceitar que Olavo d'Eça Leal esteja perfeitamente a leste do problema. Não faço, dele, ideia de tanta ignorância.

Ou Olavo d'Eça Leal tem uma daquelas religiões a que eu chamo de pavor ou... é materialista. Em qualquer dos casos, está, cientìficamente em erro.

Para um futuro esclarecimento, é preferível o segundo caso, se não for infra-estruturado para uma determinante política. Se for, então, além de ser caso de estar a leste, também será caso de estar com o Leste... E isso já não é comigo. Tenho de admitir, por prova directa, que o escritor Olavo d'Eça Leal desconnece as experiencias científicas de Sir William Crookes, de Charles Richet, de Lombroso, de Flammarion, de Ernesto Bozzano — isto para só referir alguns nomes universalmente conhecidos. E, se não conhecer, é, realmente, de uma aflitiva ignorância, incompatível com a projecção que pretende ter na Intelectualidade portuguesa. Mas está a tempo de conhecer. E se preferir um Autor português de excepcional categoria, permito-me aconselhar-lhe as obras do DR. ANTÓNIO LOBO VILELA, um Pensador que honra a Cultura Lusíada.

Se o materialismo de Olavo d'Eça Leal é de boa fé (a expressão vai em sentido técnico-jurídico), vale a pena que leia os Autores supra-referidos, a começar pelo DR. ANTÓNIO LOBO VILELA, cuja seriedade e cuja altura mental, talvez nem o «Malvado» da sua peça se atreveria a pôr em dúvida.

Só se pode ser materialista por uma de 3 razões: — por ignorância, por estupidez e por política, a tal do Leste...

Ora provado por a+b, que Olavo d'Eça Leal é um homem inteligente, ficam, apenas, duas razões — a 1.ª e a 3.ª. A 1.ª, desculpável e remediável; a 3.ª, sem solução, visto que obedece cegamente a um ortodoxismo eterno...

Afirma, pois, o escritor Olavo d'Eça Leal que ninguém sabe se é bom morrer. *Ninguém?! Mas quem lhe passou procuração para universalizar a sua ignorância?!...*

Se o Autor tivesse dito, apenas, «Não sei», eu já não teria que objectar, porque o Autor tem o direito de não saber e até de nem querer saber, como os Agnósticos.

Afirma, ainda: — «Nenhum defunto voltou para o dizer». Deveria ter acrescentado — «que eu saiba». Se tivesse adendado esta restrição explicativa, a coisa ficaria conexada, apenas, com o seu desconhecimento. Seria de lamentar, mas não seria de censurar. Com efeito, milhares de espíritos libertos da ciclicidade humana voltaram e disseram, por vários meios de comunicação, que a Morte é, apenas, um fenómeno da vida eterna. E o Espiritismo não é uma religião, mas, no dizer de Kardec, uma filosofia científica de atinência religiosa.

Não se trata, pois, de uma fé, mas de uma verdade científica, exuberante de provas insofismáveis, obtidas com o máximo rigor e por personalidade de indiscutível probidade.

A Morte é o fenómeno através do qual o espírito abandona definitivamente aquele corpo que lhe serviu de veículo humano, durante uma vida, e regressa ao mundo divino de onde baixou e para que foi criado, nos longes da eternidade. Liberto da carne, retoma a sua vida livre, reconstitui, analìticamente, a sua última existência, depois de recordar todas as outras que viveu, e actua, no plano divino, conforme a força dos seus méritos, o que vale dizer, do seu progresso espiritual. O corpo, que deixou, baixa à terra de que é feito. Cada um destes elementos segue, pois, o seu destino próprio: o espírito, para o Astral de origem; o corpo, sujeito aos fenómenos telúricos em que se integra, segue o princípio de Lavoisier — «Na natureza, nada se cria e nada se perde, tudo se transforma».

Ora, tudo isto e o mais que fica por dizer, mas aqui vai, em apertada sinopse, não é uma questão de fé, não é uma hipótese, mas uma realidade científica, cheia de provas incontestáveis. E tão provada, que não é admissível a um Intelectual, pô-la em dúvida, sem comprometer a sua inteligência e a sua probidade.

A Morte Galopa Num Cavalo Branco

Por JOHN HORDEN

Cliff House fora construída na dura pedra da região e a sua bela perspectiva, erecta nos dias em que certa moradia bem planeada constituía uma aventura nas construções coevas, requerera larga cópia de carpinteiros e pedreiros que, por sua vez, despenderam semanas e até meses na escolha e agrupamento do material a empregar.

Imensos compartimentos de altos tectos e janelas protegidas contra o sol sucediam-se pela nobre mansão, em harmonia onde a pedra e o granito se casavam nas cantarias e no cromatismo que variava do cinzento salpicado de vermelho até à severidade do negro. Os soalhos haviam sido construídos de madeiras nativas, serradas no moinho próximo e ali mesmo aparelhadas, a fim de condizerem com a grandeza e o gosto do grande edifício.

De há muito o solar dos Linwoods — que aliás não a tinham construído — Cliff House era acompanhado de estranho signo: a antecipação visual dum símbolo da morte — um cavalo fantástico, alvo como a neve, de crinas hirsutas, olhos chamejantes e louco galopar.

E Grant Linwood, um dos últimos descendentes da família, conhecia bem a história ao regressar à soturna e vazia possessão, depois de ter vagabundeado pelas costas do Pacífico e pelo Alaska. Foi ali, sentado nos degraus da escadaria, que me contou a história do anátema de Cliff House.

Enquanto ele falava, ante nós o pátio mal tratado era bem a antecâmara do silêncio que campeava nas dependências, nos estábulos vazios, nos palheiros sem palha ou animais a alimentar.

Nos dias em que a civilização se encaminhava para o Ocidente, um general, de regresso da guerra revolucionária, construiu Cliff House, escolhendo aquele local na colina acima do rio para o quieto ninho de sua filha, noiva e jovem. A construção dominava as propriedades da família que se estendiam ao longo das margens, tendo ao fundo uma longa fila de montanhas que se elevavam como degraus para o céu azul. A estrada principal fora aberta ao nível do solar, a 3 km de distância, servindo de perto o domínio e nela se cruzavam as velhas diligências.

Mas os construtores da vetusta casa supunha-se que haviam seguido os aventurosos pioneiros em direcção aos campos auríferos da Califórnia, o reino do oiro e da conquista. E assim o apelo da riqueza fácil deixara Cliff House noutras mãos. Durante algum tempo serviu de escola paroquial a um grupo de crianças que um padre, ardendo em zelo bíblico, juntara ao seu redor. Por fim os Linwoods compraram o domínio para sua residência de Verão. E o primogénito, desiludido do mundo, decidiu repousar ali os seus últimos anos já cansados. Gerações sucessivas de Linwoods foram assim passando por Cliff House e o domínio tornou-se o solar da nobre família que não o construira. Mas durante estes anos uma nuvem negra pairou, mês após mês — sobre a bela moradia — um estranho e arrepiante pesadelo que se repetia com intervalos, sempre que os Linwoods ali se encontravam e que começara assim:

Em certa noite de Verão a família sentara-se para saborear o café na varanda que corria por toda a frontaria do edifício. Em baixo, o caminho interior da propriedade que cercava completamente a casa perdia-se através dos arbustos e pinheiros do vasto parque. E nessa noite as sombras afogavam no seu manto a quietude maravilhosa da natureza. O aveludado crepúsculo pouco a pouco se adensara na escuridão deixando apenas divisar qualquer objecto em movimento.

Em cima, no andar nobre, o velho senhor do domínio, fraco e alquebrado, chefe da família e seu morgado, o homem que descobrira e comprara Cliff House, dormia, com as janelas totalmente abertas para que a brisa das montanhas lhe suavizasse o calor da noite estival.

Tudo era paz e silêncio na quietação do tempo. Mas de repente um galopar de cavalo ecoou estranhamente. As patas do animal em breve se distinguiram na orla do bosque e se aproximaram de Cliff House. Decerto o cavaleiro, para vir naquele galope cerrado, era portador de importantes novas. Dois dos Linwoods eram esperados em casa e talvez àquela hora trouxesse qualquer mensagem deles o inesperado visitante.

O bater das ferraduras chegava, intermitente, e o animal aparecia junto à varanda, onde os membros da família Linwood, incrédulos e aterrorizados, viram que o cavalo branco não trazia cavaleiro! Era um cavalo alvinitente, sem selim, sem freio, sem rédeas, coberto de espuma, um cavalo enfurecido e insano, com as crinas e a cauda chicoteando a noite, galopando numa velocidade cega, só e diabólico como a loucura.

A besta apenas afrouxou um momento a célere corrida ao passar a casa onde a família, de pé, assistia à fantástica aparição. Depois deu a volta ao caminho circular e no mesmo galopar de infernal velocidade perdeu-se no morro arborizado. Dentro em pouco o som das ferraduras desaparecia na serenidade da noite. E neste súbito silêncio os espectadores da cena ficaram imóveis, petrificados. Foi a primeira vez que a morte veio a Cliff House. Foi o fim do morgado, primeiro senhor do domínio na família. Mas não seria a última — porque muitas vezes a satânica corrida ecoou na fatídica moradia. O cavalo branco, fantástico e galopante, era a maldição de Cliff House que trazia a morte aos Linwoods, até que o solar se tornou um local silente, abandonado, bafiento e triste, bom para as sombras e os fantasmas. Mas as ferraduras diabólicas da aparição só se faziam ouvir para os Linwoods. A morte nunca mais cavalgou o seu corcel branco para as outras famílias que viveram em Cliff House, após o dia em que, na sua ronda macabra e final, levou consigo o espírito do último dos Linwoods que se atreveu a viver ali. E ali morreu...

Vida e Obra de Amália Domingo Soler

Por Osvaldo Salvañá

«A felicidade é uma planta que se rega com lágrimas».

Espanha. Fins do século passado. Uma mulher aparece no cenário da vida. O seu berço é humilde, talvez para lhe fazer refulgir mais a grandeza de alma. A sua existência é constantemente acicatada por choques físicos e anímicos. A morte da mãe, a única companheira de infortúnio, deixou-a na maior saudade, na maior tristeza. Contudo, nessa rude prova emerge a sua consciência íntima, vibra a real potência do seu ser e plasma-se um exemplo de integridade. Luta, luta incansàvelmente pela subsistência, e, para ganhar o pão de cada dia, entrega-se a trabalhos de costura. Não sabe fazer outra coisa, segundo crê. E, na verdade, a sua vista perde lentamente o vigor. Apaga-se, e ela, Amália Soler, agiganta-se espiritualmente perante a dor; dor implacável; sofrimento físico e moral; semi-cegueira e solidão. É que Amália Soler nasceu cega e, graças aos providenciais esforços da medicina, conseguiu a precária força visual que teve durante a vida.

Só, quase sem poder valer-se por si mesma, o seu natural amor-próprio recente-se e sangra. E, para saciar o seu apetite, não basta acalmar o grito surdo mas inflexível do estômago. Amália Soler tem de recorrer à cozinha dos pobres e pedir os restos de comida destinados à classe miserável. Estende a mão trémula e recebe o sustento, dádiva de fome que acalma a sua angústia fisiológica.

Quando as forças lho permitem dirige-se ao cemitério para ficar um pouco mais perto de sua mãe. Inclina-se com recolhimento sobre a campa onde repousa o corpo da sua amiga inseparável e deixa que seus olhos opacos e tristes até à morte chorem abundantes lágrimas. Dentro dela não há mais espaço para o sofrimento; e Deus, organizador perfeito que tudo equilibra com as suas leis de amor e de justiça, abre-lhe providencialmente os olhos da alma.

Um dia o acaso, ou antes, a providência ou o destino, engasta na sua vida azarenta a palavra de um amigo. Discute com ele sobre diversos tópicos; não obstante julga-se, modestamente, incapaz de toda a relação com qualquer jerarquia intelectual. Um comentário entre muitos rompe o cristal, o ténue cristal que envolve a alma de Amália Soler e raios de paz entram na sua insipidez indizível.

O amigo fala-lhe de uma obra literária de carácter estranho e novo conteúdo, de um livro que aspira a consolar todos os sofredores, a explicar o porquê de muitas aparentes injustiças e a mostrar um além em justo equilíbrio com o trabalho cumprido na vida terrena. Amália Soler interessa-se e pede ao amigo que lhe proporcione um exemplar. Com os olhos cada vez mais cansados e rebeldes, lê, lê com ardor até render-se à fadiga. A sua crença em Deus torna-se raciocínio, começa a compreendê-lo melhor e esboça-se no seu rosto o sagrado sorriso de um deísmo mais real. Já não sente tanta solidão. Imagina um mundo de soluções fraternas. E volta a chorar, mas com outro pranto; são lágrimas de felicidade e de gratidão. Seu olhos nebulosos olham para cima com ternura, amorosamente. Assim transborda o seu espírito e rompe um valado de agudo e lacerante mutismo. Entende e interpreta até a sua própria desgraça, e mais, já não a considera como tal.

— Deus é justo! — grita, finalmente, lançando-se radiosa na batalha da causa que abraçou.

★

Corre o ano de 1876. Amália tomou conhecimento e consolidou a sua amizade com um casal catalão e alguns conterrâneos. Vive agora em Villa de Garcia (Catalunha). A causalidade leva-a a constituir com eles uma sociedade de estudos supranormais. O seu mestre, o sol que bafeja as suas ânsias é o grande filósofo francês Allan Kardec. O núcleo trabalha intensamente. Da teoria passa-se ao campo experimental com êxito positivo, como o demonstram as muitas comunicações recebidas no referido centro.

Um dia, inundada de felicidade, Amália sente no coração um grande sobressalto. Encontra-se numa importante reunião de assuntos extraterrenos, em Tarrasa, quando, de repente, uma tonalidade de voz completamente familiar proferiu ternamente o seu nome. A nossa escritora escuta, muda de emoção. É sua mãe. Fala-lhe com imenso carinho e dá-lhe conselhos. Amália escuta com profundo recolhimento. A sua palavra embargou-se e a mãe, que

bem compreende o caso, mantém a sua excelsa oração. É a maior das revelações. Embora não tenha dúvidas a respeito da vida superfísica, agora, ao sentir perto de si a sua venerada mãe, a certeza torna-se irrecusável. E Amália Soler sente-se enormemente reconfortada para continuar a terminar a luta árdua e valente. Acrisola-se o seu espírito e enche-se o seu vácuo interior. Já não chora na campa da mãe. Sabe que está muito mais perto de si e que vive.

Imagina uma cadeia de causas e encontra o objectivo da sua existência. Observa que ninguém está a mais no cenário da vida, que todos os seres trabalham e cumprem funções transcendentais, em virtude de uma força inata, suprema, que leva a progressos infinitos.

A sua faina de escritora estava latente. E que faina!

— Bem, amiga — disseram-lhe um dia —. Você vai escrever em defesa do ideal.

— Não, por favor! — respondeu ela, com mal dissimulado espanto.

— Mas tem que escrever — insistiram.

E escreveu um artigo acerca das coisas ultraterrenas, refutando as manifestações de um reverendo espanhol, que originou uma polémica de ordem filosófico-religiosa.

Amália Soler amedronta-se; humilde e honesta, como é, quer abandonar as armas e render-se. O seu rival é uma eminência. Mas o seu bom amigo ideológico, Luís Llach, sabe atear-lhe o fogo do seu verdadeiro destino e consegue reatar a alta discussão escrita. Depois de vários artigos substanciosos que constituem a obra de 460 páginas, intitulada «O Espiritismo. Refutando os Erros do Catolicismo Romano»; e, dado o vigor dos seus raciocínios nascidos de uma verdade incontroversa, consegue dominar os adversários e a sua figura cresce triunfadora. O clérigo não sustenta argumentos consistentes para rebater os de Amália Soler, porquanto os dela levam a potência invencível do exemplo vivo e da crueza da dor sofrida na própria carne.

O sacerdote é Vicente de Manterola y Pérez, orador famoso que manteve notável controvérsia com o insigne Emílio Castelar. Para combater o Espiritismo, Manterola escreveu «O Satanismo), extensa obra feita periòdicamente e que Amália Soler desintegrou com mão de mestre, através dos seus artigos cheios de precisão e sensatez e que, por fim, venceram o distinto cura, pelo menos no consenso geral da época. Hoje e sempre, essa obra de Amália será uma radiosa luz no caminho do ideal espirita e determinará, ao mesmo tempo, o verdadeiro cristianismo.

Nos anais da metapsíquica, esta vitória da modesta e desconhecida poetisa espanhola é um marco digno de menção, se considerarmos o grave momento em que a nossa amiga afrontou tão delicada questão. Nessa época o clero tinha força suficiente para ordenar «autos de fé», à semelhança do que realizou em Barcelona, no qual as obras de Kardec foram queimadas, quando foi descoberta a sua venda.

Àquela polémica devemos juntar, a título ilustrativo, a menção de muitas outras, mantidas com ilustres sacerdotes que, por vezes, tomaram a liberdade de amesquinhar pùblicamente as virtudes da nova doutrina. Em todas elas, a simpática escritora espanhola triunfou brilhantemente.

Amália ama a literatura e nela encontra o grande refúgio da sua sensibilidade, o leito e o estuário do seu rio poético-literário.

As «Memórias do Padre Germano» são relatos amenos e exemplificadores, contados por um ser que, vestindo, por circunstâncias fatais, o hábito de sacerdote, viveu uma existência penosa e sacrificada. Semeou o bem e a verdade, defendendo a causa espiritualista sem desfalecimentos, quando teve uma comunicação positiva do mundo extracorporal. Foi sensitivo e disso dá numerosas provas no seu ditado. É uma novela simples. Tem a simplicidade do verdadeiro. Contudo, não deixa de ser um tanto incoerente, o que talvez lhe conceda maior naturalidade. Rasgo preponderante é o amor de Germano pelos delinquentes, a quem considera doentes de espírito e a quem sabe curar e transformar em seres proveitosos para a sociedade, que os considerava irremissìvelmente perdidos. Assim mesmo é um grito de atenção e de protesto contra o dogmatismo e a intolerância eclesiástica, um grito de angústia, de desconsolo, perante a comprovação de uma realidade que não podia aceitar. Cheia da sua força intrínseca, do seu valor missionário, desmascara a organização inquisidora, lançando-lhe em rosto os desvios que professam e o castigo a que serão submetidos ante a inexorável lei de Deus, que eles próprios desconhecem. Vivendo junto a essa sociedade desapiedada, aprende a sofrer com a dor das vítimas e começa a praticar o seu límpido cristianismo, sarando feridas e confortando almas.

Esta obra é um canto à liberdade, à dignidade do ser humano, às virtudes supremas do bem, da caridade e da tolerância, um canto à fraternidade dos homens sem distinção de classes nem de credos, perante um Deus de suma perfeição.

Amália Soler, dona da sua riqueza intelectual, escreveu também lùdos poemas e valiosos artigos, que constituem os dois tomos «Ramos de Violetas». O seu estro — clara expressão palingenésica — afirma-se ali exuberantemente. A sua felicidade pa-

tenteia-se em cantos de gratidão a Deus, de admiração a Kardec e de ternura pelo Espiritismo. A nova revelação exibe-se nesse livro com notável fluência, como expressão de que quem maneja essa literatura é profundo conhecedor dos temas que apresenta. Há um hábito de oração sem frases rebuscadas, nem fórmulas, nem misticismo, prova de que a sua autora encontrou o caminho da paz e da felicidade na singeleza da nova doutrina.

Eis algumas estrofes da sua fecunda obra poética, num canto dedicado a Allan Kardec e que remata assim:

Glória ao seu nome, às virtudes! [Glória
Ao avanço do infatigável obreiro,
Que alcançou do bem a vitória!
Feliz de quem percorra o seu [caminho!
Honremos do profeta a memória
Com nosso amor profundo e ver- [dadeiro.
Regenerador das ideias benfa- [zejas,
Bendito Allan Kardec! Bendito [sejas!

No seu desejo de despertar o real sentido de Deus, aponta o seguinte na sua poesia «Os Milagres»:

Não é preciso que inventemos [nada
Para provar de Deus a omnipo- [tência!
Onde o mortal poisar sua mirada,
Encontrará a santa Providência!

E quando o seu empenho se limita a destruir os ídolos, exclama fogosamente:

Imagens de cera vestem com [brocado
E chuva de diamantes oferecem [com fervor,
E o infeliz mendigo, sucumbe [abandonado,
Sem leito, sem abrigo, em grande [dor...
A quem fará mais falta o dona- [tivo?
À figura gelada ou ao mortal?
Ao ser que luta no pesar cativo
Ou a um símbolo sem valor [real?...

Mas não é tudo. Amália continua a trabalhar pela sua adorada causa. Após alguns anos de labor ingrato, lutando com a névoa de seus olhos, termina a paginação dos dois tomos de «Perdoo-te», obra mediúnica de considerável extensão, onde se ratificam, mais uma vez, as lutas clericais e o sofrimento dos que deveriam sofrer sob um mando despótico e discricionário.

Embora na longa série de factos relatados pela protagonista da obra haja referências à sua participação nalgumas vidas anteriores, observam-se pontos um tanto nebulosos, em virtude de no advento do cristianismo haver afirmações contraditórias, com relação às autorizadas até agora; contudo, triunfa a sua forma agradável, até mesmo aliciante, e a intenção nobre e digna de quem a ditou.

Amália quer desembaraçar-se dos méritos de autora e atribui todo o valor da obra ao ser invisível que disse tê-la ditado. A verdade é que Amália Soler teve que receber difícilmente o pensamento e trabalhar na sua depuração, para o tornar acessível. É pena que a nossa escritora não tivesse tempo bastante, nem vista suficiente para fazer uma revisão crítica da obra, de modo que se pudessem salvar alguns quadros imaginativos com carácter de veracidade e que, tal como foram recebidos, parecem inaceitáveis.

«Perdoo-te» é também uma confirmação de mediunidade através da história, como disseram vários autores, entre eles, Denis, Bonnemière, etc., que corroboram aquela forma de manifestação, desde os primeiros tempos do mundo.

Mas onde se retrata admiràvelmente a nossa biografada é nas suas «Memórias», breves e magníficas. Só resolveu escrevê-las no fim da sua maravilhosa vida, em virtude dos conselhos insistentes do seu inseparável amigo espiritual o Padre Germano, *que não deixou de inspirá-la a esse respeito, contrariando-lhe amàvelmente o pensamento de que a sua existência era insípida, sem valor algum, e fazendo-lhe ver que, pelo contrário, essas memórias seriam um verdadeiro exemplo. Foi uma realidade a previsão do nobre ser espiritual, porquanto a leitura de tão interessante e preciosa biografia tem a virtude de chocar a sensibilidade. Além disso é uma obra de grande valor moral para a literatura espirita.*

Nessas «Memórias» perpassa toda a infância de Amália. Vêmo-la chorar o seu isolamento e buscar lenitivo em tristes peregrinações. Por fim, vêmo-la reencontrar-se no luminoso caminho da espiritualidade e surgir aureolada no seu carácter missionário — que o é — para vencer a batalha da pena, a bem do ideal, que lhe devolveu a paz e a própria vida.

Outro aspecto saliente dessas «Memórias» é que a segunda parte foi escrita no Além. Enquanto as redigia passou ao mundo dos espíritos donde concluiu a obra começada, como sucedeu a Charles Dickens.

E na Villa de Gracia (Catalunha), mansão de luz para Amália Soler, ergue-se a recordação eternizada na sua doçura e inteireza, dando uma vez mais, a razão da existência e o porquê do sofrimento e das aparentes injustiças que nos ferem.

Eis uma grande poetisa e escritora ausente, mas viva e radiosa nos seus méritos e no seu elevado valor moral.

(Traduziu C. A.)

OS ESPOSOS SCHAEFER

Por José Martín

Em Junho de 1958, um médico nosso amigo, dedicado à parapsicologia, citou-nos um caso de percepção extra-sensorial que recentemente comprovara. Utilizou como «relação» um fragmento de pedra que lhe havia oferecido uma jovem senhora, depois de realizar certa viagem ao Egipto, onde o havia obtido, tirando-o do revestimento de uma das pirâmides. A ocasião de usá-lo apresentou-se, quando uma das suas pacientes revelou faculdades de clarividência, e por isso resolveu submetê-la a um prova psicométrica. Assim, colocou-lhe a pedra na mão e pediu-lhe que indicasse a sua procedência. A princípio a mulher não conseguia estabelecer a sua origem e o médico, por sua parte, não dizia nada que pudesse conduzi-la à resposta.

Então ela disse: «Vou consultar o meu guia». E manteve-se uns segundos concentrada, sem pronunciar palavra.

Depois respondeu: «*Dizem-me que responda* simplesmente: *as pirâmides*».

Este resultado positivo convenceu o profissional de que nessa mulher havia qualquer coisa; por isso pedimos ao meu amigo a direcção da mulher e, dias depois, fomos a sua casa, para colher informações sobre as suas faculdades psíquicas.

Ali nos encontrámos, também, com seu marido, o senhor Júlio Schaefer, um alemão que reside no país há uns doze anos. Trata-se de um homem que, apesar do seu aspecto tranquilo, levou uma vida de acção extraordinária, que seria longo relatar aqui.

Pouco tempo depois de chegar à Argentina, casou-se com Orfélia Villalba, de nacionalidade argentina, de quem teve três filhos, dois rapazes e uma rapariga. O senhor Schaefer dedica-se à reparação de automóveis. Além disso mantém, por desporto, um viveiro de peixes coloridos.

O casal Schaefer é muito agradável e atencioso. Na nossa primeira visita contaram-nos como se tinham convertido ao Espiritismo e mostraram-se satisfeitos, quando lhes propusemos realizar sessões semanais de investigação e estudo.

Depressa vimos que a senhora Ofélia e seu marido tinham faculdades paranormais. O senhor Schaefer começou a interessar-se pelo espiritismo na Alemanha, devido a um amigo que possuía conhecimento de mortes futuras, como várias vezes lhe havia demonstrado.

Estando já em Rosário, acicatado pela lembrança da presciência daquele compatriota, informou-se das actividades espiritas desenvolvidas na cidade e começou a frequentar com sua mulher os centros que lhe foram indicando.

As actividades desses centros não os satisfizeram e por isso deixaram de assistir a eles; contudo tiveram ocasião de verificar as faculdades parapsíquicas que neles existiam em estado latente e, por isso, decidiram praticar a mediunidade no seu próprio lar.

Depois do casal ter aceitado a nossa proposta de realizar sessões semanais, acordámos em reunir-nos um ou dois dias por semana, convidando duas ou três pessoas que nunca tivessem sido vistas pelos médiuns, para dar maior valor probatório às experiências. Dessa forma procuraríamos uma variedade capaz de estimular o interesse e a concentração dos sensitivos e evitar o aborrecimento que muitas veezs se apodera dos que trabalham num reduzido campo de acção. Nesse sentido os resultados obtidos foram satisfatórios.

O senhor Schaefer tem boas condições metagnómicas, mas fala pouco e, geralmente, não diz o que percebe, pelo que, na maioria dos casos, quem actua nas sessões é sua mulher, que pode entrar em transe e fazer demonstrações de «incorporação». Mas ela dedica-se à cristaloscopia ou visão no cristal. Para isso utiliza um copo ou uma esfera cheia de água, embora também tenha usado, com idênticos resultados, outros objectos brilhantes, como um pedaço de papel lustroso azul-escuro, pregado em cartão, sem fazer rugas, pois provou-se que estas deformavam as figuras.

Antes da aparição das imagens referentes à pessoa que as tenta traduzir, a sensitiva «vê» no cristal uma parede, um cenário e uma escada de três degraus, mas cuja simbologia não sabe interpretar. Sobre estas estranhas imagens que, depois de terem aparecido, se mantêm como sinal ou esboço das que chegam depois, nos ocuparemos noutra oportunidade.

Uma das faculdades da senhora Schaefer é descobrir o interior de casas que não conhece, obtendo grande número de resultados certos. Também pode dizer como são as pessoas que estão ou neles estiveram e como são os familiares, vivos ou mortos, das pessoas circunstantes.

Há casos em que estes dois médiuns repetem gestos ou expressões com grande fidelidade. Assim, um senhor disse-nos que seu sogro era quase calvo e passou a mão pela zona da cabeça correspondente à calvicie. Depois, na sessão, Júlio assinalou essa característica, executando o mesmo movimento. Uma senhora que, devido a um acidente, sofria de imobilidade parcial dos braços, dizia-nos que, ùltimamente, não se atrevia a sair à rua, pois julgava que toda a gente olhava para ela. Além disso, tinha um sorriso agradável, num misto de timidez e modéstia. Pois bem, Orfélia descreveu-a assim: «Vejo-a de costas. Agora volta-se e diz-me que tem vergonha de sair. Tem um sorriso simpático».

Também abundam os erros. Os psicólogos reconhecem que nestes casos é impossível evi-

tá-los. O erro ou a omissão podem ter origem nos próprios metagnomos ou em qualquer das pessoas presentes. Basta ler a obra de Osty para se ver com que facilidade se cometem equívocos e quão numerosas são as causas que os motivam: mal-estar fisiológico ou psíquico do sensitivo, presença de pessoas inibidoras, interpretação incorrecta de captações vagas, etc.; por exemplo, em certa ocasião, pediram à cristaloscopista que, antes de mais nada, pormenorizasse o interior da casa de um dos assistentes e depois o domicílio do seu amigo, que também estava na reunião. O que ela disse correspondeu em grande parte à realidade, mas abundaram os erros de direcção, quer dizer, não pôde manter a evidência relativa a uma única pessoa e descreveu os objectos, «saltando» alternadamente de uma casa para outra.

ALGUNS ACERTOS PRODUZIDOS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 1958

UMA DATA

Ao descrever a condecoração de uma pessoa, Júlio disse que «lia» nela a data «1.º de Abril de 1946». A correcção foi «1.º de Abril de 1943».

NOMES DO BAPTISMO

Muitas vezes Orfélia dá nomes de baptismo axactos, como no caso em que o «espírito» de um homem que acabava de falecer deu o nome da sua primeira mulher, ao encontrar-se com ela no «além». Noutra ocasião, disse como se chamava a tia falecida de um dos presentes e do que havia morrido.

A IDADE DE UMA CRIANÇA

Outra vez indicou, sem vacilar, que o filho de uma conhecida espiritista sueca falecera queimado, aos doze anos de idade. Disto tínhamos nós conhecimento prévio, por uma carta, mas a médium não o sabia.

O DIA DE UM NASCIMENTO

Uma senhora esperava dar à luz em 25 de Julho. Todos os familiares eram da mesma opinião. Contudo, nesse dia, a médium «viu» um almanaque em que estava escrito «10 de Agosto». Parecia difícil que esse nascimento esperado de um momento para outro, demorasse tanto. Contudo, foram passando os dias e deu-se o nascimento um dia antes do previsto por Orfélia. Na realidade, a diferença foi apenas de horas. Além disso, devemos notar que o parto teve de ser antecipado um pouco, em consequência de dificuldades respiratórias da criança, devidas, como se comprovou depois, a ter o cordão umbical em volta do pescoço. Felizmente, foi retirado a tempo e salvou-se-lhe a vida.

ANTIGUIDADE NUM EMPREGO

A um empregado bancário indicaram-lhe como eram os desenhos de uns mosaicos que havia no pátio da sua casa. Júlio disse-lhe, também, que tinha quatro filhos, três rapazes e uma rapariga e que esta era a segunda. Além disso, conseguiu captar, com igual exactidão, que era bancário, procurador e que a sua antiguidade no banco era de dezassete anos.

O MARCO POSTAL VERMELHO

O marido de uma visitante estava, a maior parte dos dias, numa loja de bebidas que possuía em Charigüe, uma das ilhas do rio Paraná, situada em frente de Rosário. A descrição do marido foi correcta, mas, em compensação, não parecia concordar com a referência de um «bar», no qual o via beber nesse momento. Contudo, exacta parecia a vidência de um marco postal, pintado de vermelho, situado no lado oposto. Tudo se esclareceu, quando o visitante regressou a casa, onde encontrou o marido, que lhe explicou, perante a sua surpresa, que inesperadamente resolvera ir a Rosário, com umas peles de lontra e, não a tendo encontrado em casa, foi até ao bar da esquina. Em frente do bar havia realmente, um marco postal, como o indicado pela médium.

UM REVÓLVER

Deram a uma mulher vários pormenores acerca de uma caixa de madeira em que guardava o dinheiro, dizendo-lhe que o seu filho tinha um revólver na mesa de cabeceira, facto que este último ignorava, mas cuja realidade verificou, ao chegar a casa.

ONDE ESTÁ A MINHA MULHER?

Disseram a um odontologista que tinha uma mísula com livros sobre a cabeceira da cama, e ele perguntou o que tinha entre os livros. A resposta foi rápida:

— Um rádio pequenino.

O profissional considerou isto exacto e, depois, quando lhe deram informações da casa que habitava, não disse nada a sua mulher e quis saber se podiam localizar o lugar em que ela se encontrava nesse momento.

— No cinema.

Assim era, com efeito, segundo confirmou muito admirado o visitante, que tinha ficado de ir esperá-la, depois da sessão, à porta do cinema, onde a essa hora se encontrava.

UMA PROFISSÃO

A um homem novo, que conhecera pela primeira vez, Orfélia disse que o «via» em casa a atender pessoas com uma bata curta. Era verdade. Então o visitante quis que lhe dissesse a sua profissão.

— Você é dentista — disse a médium.

Também era verdade.

O HOMEM E O APELIDO

Quando se começou a falar do rebocador «Guarani» que, dias depois, se considerou naufragado junto à passagem Drake, comentámos o facto com os cônjuges Schaefer e pedimos-lhes

Enquanto não amardes, a vida será triste

por CONSTÂNCIO VIGIL

Amai o Sol, que vos dá amor na sua luz, e a abóbada estrelada, que vos envolve em paz, enquanto dormis. Amai as árvores, que vos dão tudo o que têm e podem fazer com o seu trabalho e só falam com a sua beleza e na doença de seus frutos.

Amai as aves, que parecem lindos cantores errantes e depois se tornam sérias, formam o ninho, o surpreendente lar e criam seus filhitos com incomparáveis sacrifícios e ternura de avòzinhos.

Amai todos os seres! Até a própria serpente não fere, se não for atacada, e impede que as vossas colheitas sejam devoradas pelos ratos.

Amai todas as coisas, pois o mesmo veneno que em certa dose mata, noutra cura, como toda a virtude se prostitui pelo ódio e todo o vício se atenua pelo amor.

Ali onde está um e faz dez, ponde mais amor do que ele e fareis cem.

E a quem levanta seu furor contra vós, amai-o e seu furor se aplacará; amai-o mais ainda e ele vos amará também.

Enquanto não amardes, a vida será triste, à semelhança da mulher que chora debaixo de um pessegueiro em flor.

Porque o amor é a vida e quando o não sentimos já estamos mortos.

Porque o amor é a luz e se falta anoitece a nossa alma.

Porque o amor é a felicidade e, enquanto não o compreenderdes, a miséria vos molestará e angustiará.

Amai a natureza e ela curará a vossa aflição; amai os homens e compartilharão os vossos anseios; amai a Deus e iluminará o vosso espírito.

que tentassem captar o acontecimento. Ao fazê-lo, o mais importante foi um acerto de Júlio. Primeiro fez assim a descrição de um dos tripulantes: «Sinto aqui a presença de um rapaz forte, rosto redondo e nariz pequeno. Chama-se Ramón... Ramón Palácio». Posteriormente, comprovámos que, na lista das pessoas desaparecidas, havia um segundo cabo, chamado Ramón Héctor Palácio, que vivia na Rua Tucumán, 199, Cimba, San Juan.

A QUEDA DE UM AVIÃO

Um dia pedimos a Orfélia que captasse por hialoscopia um facto qualquer e ela respondeu imediatamente:

— Vejo um avião pequeno. É um Piper. Voa. Há um desarranjo no motor. Vejo duas pessoas: o piloto e uma mulher. Incendeia-se o avião e cai. Morrem as duas pessoas. Perto do local vejo um rio.

No dia seguinte lemos no diário *Rosário* o seguinte: «Ontem caiu um avião no distrito de Matanzas. Quando sobrevoava o aeródromo de São Justo, um avião Piper precipitou-se de 800 metros de altura devido a deficiências mecânicas, tendo ficado com graves lesões o piloto José Smith e uma mulher que o acompanhava, ainda não identificada. A mulher encontra-se em estado de «coma» e está internada no Instituto de Cirurgia de Haedo. Smith encontra-se no hospital de Salaberry».

A ÁRVORE DE NATAL

Devido a uma intervenção cirúrgica, realizada em 24 de Novembro, Orfélia esteve internada no hospital de Rosário, desde o dia 21 desse mês, até à manhã do dia 9 de Dezembro.

Na noite de 8 de Dezembro Júlio resolveu fazer uma «visita mental» a sua mulher. Como nessa altura estávamos presentes, dissemos-lhe que imaginasse levar-lhe um objecto raro da casa e ver no dia seguinte se ela tinha captado a imagem projectada. Ao escolher o objecto pensámos primeiro na bola de cristal e depois na cabeça de um índio, que Júlio tinha talhado em madeira. Mas logo se lembrou de escolher para a experiência uma pequena árvore de Natal que trouxera da Alemanha. No dia seguinte interrogámos Orfélia, que nos disse ter captado a figura da pequena árvore, pouco depois da emissão mental de seu marido. Isto não era tudo, pois sucedera um facto algo desconcertante. Nessa manhã, *doze horas antes da «escolha» de Júlio*, tinha ela «visto» a mesma árvore na capelinha do hospital onde fizera preces pelo seu breve regresso ao lar.

Se a coincidência não se atribuir ao acaso será difícil estabelecer com precisão este facto, visto que os dois sensitivos possuem condições emissoras e receptoras, ao mesmo tempo que antecedentes de precognição e rectrocognição.

(Tradução de C. A.)

CATHERINE GRIS

Por PIERRE NEUVILLE

Já lá vai o tempo em que as feiticeiras se dirigiam ao «sabbat» transformadas em gatos e montadas em cabos de vassoura. Em 1960, as feiticeiras são «pin-up», viajam de avião e encontram Satã nas reuniões elegantes.

Isto não as impede de saber a sua *Cabala* na ponta da língua e de realizar, no século do radar e da televisão, verdadeiros milagres que a ciência difìcilmente explica.

A feiticeira — e além disso confrade, porque também é jornalista — que vou apresentar ao leitor figura no dicionário dos contemporâneos de Goltier-Boissière na letra G: Gris Catherine, ainda que se chame realmente Suzanne Millof. Para os íntimos, é, sobretudo, a «Raposa chinesa» devido aos seus olhos.

Os últimos são pessoas de renome: Carco, René Lefèvre, Dignomont, Michel Simon, Bernard Zimmer, etc.

O diabo com quem ela convive é, por enquanto, um bom tipo de diabo, que se deixa levar pelo sentimento.

Quer isto dizer que Catherine Gris (1), autêntica feiticeira que os Parisienses podem encontrar cinquenta vezes por dia na rua, não apresenta exteriormente quaisquer sinais que a distingam dos outros mortais.

Mas interiormente...

Interiormente é um caso muito diferente.

CATHERINE GRIS

Catherine Gris contempla a fotografia que acabaram de lhe enviar. Um belo jovem de dezanove anos que ela nunca viu. De súbito faz uma careta de dor, pousa a foto e afirma:

— Este jovem morreu, foi fusilado. Eu ouvi as balas.

E era verdade.

A um amigo inquieto pela sorte de uma pessoa de família deportada em Dora e da qual não havia notícias, Catherine Gris declara:

— Voltará na segunda-feira de Pentecostes.

E o facto produziu-se como ela dissera!

A Lucette Dignimon disse em 20 de Agosto de 1944:

— Cuidado com a tua mão direita.

No dia seguinte a mulher do pintor, na sua janela do cais d'Orléans, foi alvo da bala de um alemão, que lhe cortou o dedo.

A Marcelle Maurete, inquieta pela sorte de «Neiges», a peça que acabava de apresentar, disse também:

— Não se preocupe. A sua peça irá muito bem. Não direi o mesmo da seguinte. A morte de um dos intérpretes impedi-la-á de ver a luz do dia.

Quando ia criar a peça, Charles Dullin faleceu em plena actividade.

Estes exemplos bastam para explicar por que motivo os seus amigos nunca tomam uma decisão importante sem lhe pedirem conselho e porque o menor dos seus artigos lhe vale centenas de cartas dos leitores.

Como entrou Catherine na feitiçaria? Ela não faz ideia. Hereditariedade, sem dúvida — conta entre os antepassados alguns velhos médicos de aldeia e alguns «endireitas» — e o seu próprio dom.

Quando representava comédia, pois foi assim que começou na vida, a sua intuição já lhe permitia aconselhar os camaradas. Diziam que ela trazia sorte — e daí o seu pseudónimo Gris, que veio de Grigri, seu apelido de então.

Para mascarar a perturbação que lhe produzia este dom extraordinário, fingia ler nas linhas da mão. De facto, não tinha conhecimentos de quirologia, o que não a impediu de anunciar acontecimentos que vira, muito antes de eles produzirem e com espantosa precisão.

Ainda hoje, quer apele para os espíritos da terra (geomancia) ou se entregue à adivinhação dos planetas (astrologia), quer consulte o chumbo ou as manchas de tinta, Catherine Gris é uma autêntica vidente.

Está em convivência diária — e muito animadora, diz ela — com os desencarnados. Não é raro que estes a visitem alguns intantes depois do trespasse, a centenas de quilómetros dali. Ela pôde conhecer assim, durante a ocupação, o destino de numerosas pessoas, cuja sorte se ignorava absolutamente.

Catherine Gris não se vangloria dos seus dons excepcionais. Pensa que todos nós somos mais ou menos «médiuns», mas que muitos não sabem cultivar o dom nem mesmo descobri-lo.

Os sonhos, por exemplo, são preciosas indicações sobre o nosso passado, o nosso presente e

LIVROS NOVOS

ACÇÃO E REACÇÃO, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito de André Luís ..... br. 35$00

AFRICANISMO E ESPIRITISMO, por Deolindo Amorim — 2.ª edição revista e ampliada ..... br. 16$00

AMOR E ÓDIO, por Yvone A. Pereira — Ditado pelo espírito de Charles ..... br. 45$00

ASCENSÕES HUMANAS, de Pietro Ubaldi — 4.º volume da 3.ª trilogia do Autor ..... enc. 130$00

CONTOS E APÓLOGOS, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito do Irmão X ..... br. 25$00

CINZAS DO MEU CINZEIRO, por Manuel Quintão, prefaciado por Carlos Imbassahy — Narração de casos interessantes de fenomenologia espirita ..... br. 30$00

DOR SUPREMA, romance ditado pelo espírito de Vítor Hugo — 6.ª edição ..... br. 75$00

DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, por Mário Cavalcanti de Melo — Suas lendas, erros e contradições ..... br. 38$00

ESTUDANDO A MEDIUNUIDADE, por Martins Peralva, segundo a obra «Nos Domínios da Mediunidade», de André Luís ..... br. 40$00

EVOLUÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS, por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito de André Luís ... br. 35$00

A ERA DO AQUÁRIO, pelo Dr. Aníbal Vaz de Melo — Obra extraordinária sobre as promessas do ano 2000 ..... z br. 50$00

EÇA DE QUEIRÓS PÓSTUMO, por Fernando de Lacerda — Crónicas mediúnicas de Eça de Queirós ..... br. 35$00

O ESPIRITISMO À LUZ DO CRÍTICA, por Deolindo Amorim — Obra notável de defesa do Espiritismo br. 45$00

ESPIRITISMO E CRIMINALIDADE, por Deolindo Amorim — Livro baseado numa conferência do autor promovida pelo Instituto de Criminologia e proferida na Universidade do Rio de Janeiro ..... 25$00

O ESPIRITISMO E AS DOUTRINAS ESPIRITUALISTAS, por Deolindo Amorim — Trabalho prefaciado pelo Dr. Lauro Sales ..... 15$00

A FELICIDADE AO SEU ALCANCE, pelo Dr. Toulouse ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE XICO XAVIER, contados por Ramiro Gama e ilustrados à pena ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE BEZERRA DE MENESES, igualmente contados por Ramiro Gama ..... br. 20$00

LUTA REDENTORA, por José da Silva Sobrinho — Interessante romance ditado pelo Espírito de José de Alencar ..... br. 40$00

MAGNETISMO ESPIRITUAL, por Michaelus — História, evolução, experiências e aplicações. Relações com o Espiritismo, diferenças e concordâncias entre magnetismo e hipnotismo ..... br. 40$00

nosso futuro e quando Catherine o explica tudo se torna luminoso, claro e preciso.

Era uma boa ocasião para que ela dissesse aos leitores o que Satã reserva ao futuro da nossa pobre esfera.

— Muito mal — afirma Catherine. Neste domínio nada pode, evidentemente, prever-se com precisão. É preciso contar com as grandes correntes que os pobres homens tentam dirigir, conter e dominar, sem nunca o conseguirem inteiramente. Anuncia-se para o mundo terrestre um período difícil, cabo perigoso que teremos possibilidade de dobrar.

Os cépticos, os «fortes», que só conhecem o diabo por lhe haverem de vez em quando puxado a cauda, sorrirão, com certeza. A feiticeira será a última a ofender-se com isso.

Com seus olhos de raposa chinesa, contempla o incrédulo a quem diz:

— Não saia na terça-feira à tarde.

Esta pequena frase só lembrará ao interessado na quarta-feira seguinte, quando estiver pregado à cama por motivo de uma entorse que tenha apanhado na véspera ao sair do teatro...

---

(1) O escritório de Catherine Gris fica no n.º 38 da Avenida dos Campos Elísios, em Paris.

PREDILECÇÃO ESTRANHA

La Conciência, *de Buenos Aires, insere a seguinte notícia em seu n.º de Julho-Agosto de 1960:*

«Há mais de 500 anos, em Essex, na Inglaterra, um ancião agonizava num quarto infestado de ratazanas. Ao ver-se moribundo mandou chamar um gravador de lápidas e encarregou-o de gravar na sua sepultura umas frases sibilinas. E embora se julgasse que tinha perdido o uso da razão fizeram-lhe a vontade. Por isso, no pátio de uma igreja de Sussex, na Inglaterra, se vêem as seguintes palavras sobre a campa desse homem, falecido em 1440, que não parecem ditas por quem sofresse de loucura e antes constituem uma verdadeira predição:

Quando os quadros pareçam vivos e com movimentos livres;
Quando as naves nadem, como os peixes, dentro do mar;
Quando os homens sulquem o céu, deixando atrás as aves;
Então metade do mundo será impregnado de sangue.

O sr. Raymond Ross, que publicou uma nota sobre o assunto no Fate, *dos Estados Unidos, diz:*

— Como é que um ancião moribundo viu há mais de 500 anos o dia em que haveria películas, televisão, submarinos e aviões? Só a eternidade poderá dar a resposta.

DETRACTOR QUE SE CONVERTE

Yours Fraternally, *órgão da Federação Espirita Internacional, publicou há tempos uma notícia muito interessante acerca de Stavely Bulford, notável investigador inglês falecido há dois ou três anos e que durante muito tempo se dedicou ao ilusionismo, tentando imitar os fenómenos espiritas. Um dia, porém, assistiu a sessões de efeitos físicos e convenceu-se da realidade dos factos.*

Esta circunstância alterou por completo os seus desígnios: de opositor passou a verdadeiro adepto. E durante vinte e cinco anos andou a reunir provas, dispendendo enormes somas de dinheiro para transformar a sua velha casa de Brighton em centro de investigações psíquicas, onde realizou experiências com variadíssimos sensitivos.

Como temos dito, os maiores divulgadores do Espiritismo foram, primeiro, acérrimos adversários.

HOMENAGEM AO MÉRITO

Two Worlds, *de Londres, recordou há tempos o Dr. Fukurai, antigo professor da Universidade Imperial de Tóquio, a propósito do falecimento da sr.ª Tomokichi Fukurai. E relembra os obstáculos que seu marido afrontou, a ponto de renunciar à sua cátedra de Psicologia, em virtude de ter escrito uma obra, onde afirmava a realidade da clarividência.*

Apesar disso, Fukurai continuou as investigações. O seu livro «Clarividência e Fotografia do Pensamento», que contém fotografias com «extras» obtidos telepàticamente, é um preito constante à sua memória. Os espiritistas japoneses erigiram-lhe um monumento no parque Shiroyama, em Takayama.

NADA DESAPARECE...

É assim que La Revue Spirite *intitula as seguintes declarações do cientista Werner von Braun.*

«Muita gente julga que a ciência tornou antiquadas ou fora de moda as ideias religiosas, mas eu sou de opinião que a ciência apresenta uma verdadeira surpresa aos cépticos, quando ensina que, na natureza, coisa alguma desaparece sem deixar vestígio. A natureza não conhece a extinção, mas a transformação. Portanto, se Deus aplica este princípio fundamental às partes mais ínfimas e insignificantes do seu Universo, não será lícito supor que o aplica igualmente à alma humana? Penso que sim. E tudo o que a ciência me ensinou e continua a ensinar-me reforça a minha crença na continuidade da nossa existência espiritual depois da morte. Nada desaparece sem deixar vestígio».

As palavras de von Braun farão meditar muitos cientistas metidos em calabouços, de onde não podem vislumbrar as grandes perspectivas do espírito. A ciência só triunfará, quando abandonar o misoneísmo que a deforma. Nesse momento os seus caminhos se alargarão e multiplicarão em benefício da verdade filosófica, mais necessária ao homem que a desagregação atómica e as corridas no espaço interplanetário.

ANIMAIS RESSUSCITADOS?

La Capital, *de Rosário, disse que alguns médicos italianos ressuscitaram cães e bezerros clìnicamente mortos e congelados durante períodos de seis horas.*

As experiências realizaram-se na clínica cirúrgica de Turim, onde se investiga a possibilidade da hibernação humana para operações prolongadas.

La Stampa, *de Turim, disse que as experiências foram feitas sob a direcção do professor Achille Mario Dogliotti, acrescentando que vários animais foram ressuscitados, depois de haverem sido declarados cientìficamente mortos, sem pulsações cardíacas, sem circulação de sangue e sem respiração.*

La Conciência — *de onde extraímos a notícia* — *limita-se à transcrição pura e simples. Nós também não fazemos comentários.*

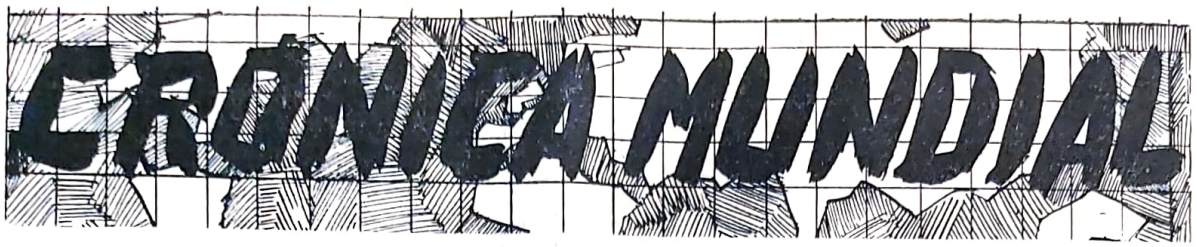
PARA FECHAR

Na filmagem de uma fita sobre Jesus em Hollywood — informa «Two Worlds» — o financiador — homem gordo de grande cigarro na boca — perguntou quem eram as personagens que iam actuar. Depois de lhe apontarem o actor que fazia o papel de Jesus, perguntou:

— Quem são estes tipos?

— São os 12 apóstolos.

— São poucos — disse o «mandarim», sem tirar o cigarro —. Ponham cem.



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO NA VENEZUELA

O nosso confrade Ramón Ocando Pérez, presidente da *Sociedade Cultural Moral y Luces*, de Caracas, fez uma interessante exposição acerca do Espiritismo na Venezuela, que *Yours Fraternally* inseriu no seu número especial dedicado ao próximo Congresso Espirita Internacional. É essa exposição que vamos resumir.

O Espiritismo instalou-se nesta região em 1918, na povoação de Quisiro, Estado de Zulia Pouco depois estendeu-se a Encontrados, ao sul do Lago de Maracaibo, onde um grupo de confrades fundou um Centro, devido à iniciativa de Alberto Hernández, que ainda continua a trabalhar.

Em 1924 fundou-se então em Maracaibo a *Sociedade Espirita Kardeciana*, sob a presidência de Valmore Rodriguez, notável jornalista e fogoso parlamentar que fora presidente do Congresso Nacional (Poder Legislativo da República), falecido há pouco em Santiago de Chile.

Esta sociedade reorganizou-se em 1946, sob o nome de *Centro de Estudos Psíquicos* e cujo director de sessões é o conhecido lutador Alberto Hernandez, grande médium vidente, auditivo e curador.

Em Maracaibo há outras sociedades congéneres, tais como a *Sociedad Kardeciana la Brigada del Bien*, o *Centro Camilo Flammarion*, o *Centro Amália Domingo Soler* e a *Sociedad Venezolana de Investigaciones Psíquicas*.

Em Caracas, capital da República, funciona a *Sociedad Cultural Moral y Luces* e a *Brigada del Bien*. Em Valência trabalha a Sociedade de Estudos Heliosóficos *Kábala Arca de la Alianza*. Além disso, há numerosos grupos familiares espalhados por todo o país.

Na Venezuela há duas publicações espiritas: a revista ilustrada *Luz, Amor y Paz* e o mensário *Prismas*, editado em Maracaibo pelo *Centro de Estudos Psíquicos*.

Os espiritistas venezuelenses interessam-se pelo movimento espirita internacional e assistem a vários congressos. Médicos, advogados, engenheiros, oftalmologistas, odontólogos, farmacêuticos, professores, jornalistas, etc., encontram-se entre os cultores das ciências psíquicas da terra de Bolívar.

Durante o ano de 1960 reunir-se-á a Primeira Convenção Espirita Venezuelense, com o objectivo de fundar a *Federação Espirita Venezuelense*, que agrupará todas as sociedades espiritas do país.

Ramón Ocando Pérez preside à *Sociedade Cultural Moral y Luces* e dirige a revista *Luz, Amor y Paz*. Há pouco realizou uma viagem de aproximação pela América do Sul, visitando as principais associações espiritas argentinas e brasileiras, com as quais a Venezuela mantém relações amigáveis.

A Constituição Nacional da Venezuela garante a Liberdade de Consciência e de Cultos. O povo venezuelense é tolerante. Há separação entre o Estado e a Igreja e as sociedades espiritas têm absoluta liberdade de funcionamento, havendo grandes facilidades para conseguir a personalidade jurídica para estas agremiações, que não são conideradas sociedades religiosas, mas organizações civis de tipo cultural.

O articulista termina assim:

«Na Venezuela há grande simpatia pelos ideais espiritas e as conferências e outras reuniões concentram numerosas pessoas. Os livros espiritas circulam com facilidade no país».

A IDEIA REENCARNACIONISTA

Apesar dos esforços em contrário dos espiritistas anglo-saxónios imbuídos de princípios reformistas ou protestantes, a reencarnação vai progredindo na Inglaterra e na América do Norte, pois é raro o magazine ou jornal da especialidade que não registe um avanço neste sentido.

Agora, por exemplo, *La Revue Spirite* transcreve, em seu número de Julho-Agosto, o «Credo» dado por um Guia em 1949, no qual se demonstra o esforço realizado pelo Invisível no tocante aos ensinos reencarnacionistas e que vamos arquivar nestas colunas para a história do Espiritismo:

Creio em Deus, não creio em dogmas. Creio que o corpo é apenas o ambiente de uma alma imortal. Creio que a terra é uma simples escola da alma. Creio que a personalidade sobrevive à morte do corpo. Creio na reencarnação até que as impurezas materiais sejam eliminadas. Creio que a compreensão das leis divinas é o único fim da vida terrestre. Creio que a senda desta compreensão atravessa a pureza e a humildade ou o sofrimento. Creio que somos guiados nesse rumo por Espíritos amigos. Creio que o fim das encarnações terrestres é a recompensa de uma vida boa.

Quando uma ideia é verdadeira tem cultores em todo o mundo. Eis por que até no seio da Federação Espirita Internacional, composta, em parte, de elementos nórdicos, se erguem vozes concordantes e cheias de prestígio, como a de Carl Müller, seu dinâmico presidente.

A este respeito dá-se um caso singular. «Silver Birch», guia do Grupo Espirita de Hannen Swaffer, tem pregado a doutrina reencarnacionista, ao passo que o seu médium (Maurice Barbanell, director de *Two Worlds*) é anti-reencarnacionista moderado.

A DAMA DE CINZENTO

Num hospital inglês certa dama vestida de cinzento aparece aos moribundos para confortá-los e oferecer-lhes uma chávena de chá. Enverga blusa de enfermeira e, segundo dizem no hospital, deve ser uma enfermeira que morreu ali no princípio do século vinte.

A Sociedade de Investigações Psíquicas encarregou o Dr. Paul Turner de recolher os testemunhos que seguem:

Uma senhora doente incurável disse à enfermeira que uma senhora vestida de cinzento se aproximou

dela durante a noite e lhe ofereceu uma chávena de chá. Mais tarde um homem de 75 a 80 anos, com cancro pulmonar, declarou ter dito à mesma enfermeira que lhe trazia um copo de água: «Não vale a pena; acabo agora mesmo de beber». Quando lhe perguntaram quem lhe tinha oferecido a água, respondeu: «Foi uma senhora vestida de cinzento, que está ao pé da minha cama». Dois dias depois, o canceroso morria.

No ano seguinte, outro canceroso perguntou à sua enfermeira: «Quem é aquela dama de cinzento que aquece as mãos ao fogão?» Ninguém viu a dama; o doente, porém, morreu dias depois.

O Dr. Turner diz que os doentes estavam sob a influência de calmantes no momento das visões e que os medicamentos lhes poderiam ter provocado os fenómenos. Mas como se explica que todos tivessem tido a mesma visão? «De facto — conclui — numerosos enfermos, nas salas reservadas aos moribundos, têm tido visões concernentes a uma senhora de cinzento e vestida de enfermeira, que os vem confortar nos últimos momentos».

MARCHA SOBRE O FOGO

O diário *El Dia*, de La Plata, Argentina, diz que na localidade de Abasto, de 3.250 habitantes e a 62 km de Buenos Aires está sediado o *Clube Abastense Argentino*, onde anualmente ocorrem fenómenos de *pirovasia*, ou seja, marcha sobre o fogo, como sucede na Grécia e noutros países na véspera de São João.

«O ano passado — comenta o jornal — um jornalista nosso foi às 21 horas com um fotógrafo à sede do *Abastense Argentino*, entidade com local amplissimo e campo de jogos anexo. Ao lado do campo havia muita gente em redor de um enorme brazeiro. Dois homens armados de ancinhos fizeram um colchão de brasas acesas com dois metros de comprimento por um de largo e dez centímetros de altura. O público formou um anel compacto a certa distância, enquanto um núcleo de pessoas se colocava no cruzamento do manto colorido, donde saía calor ardentíssimo que impossibilitava a permanência dos curiosos.

«O sr. Osmar Migliaro é a pessoa a quem a gente pede as instruções necessárias para andar imune sobre o fogo, de modo que não se queime o vestuário. Indica também as palavras que devem dizer, antes de iniciar a marcha.

«Um sr. Heitor Quintana descalçou-se, friccionou o pés com uma lona e começou a caminhar. Deu cinco passos e, quando saíu, voltou a esfregar os pés sobre outra coisa colocada no extremo da infernal alfombra e muitos aplausos premiaram a ousadia, renovando-se as exclamações aprobatórias, quando Luís Flores, Hipólito Jara, Ismael Pérez Balade, Irineo Sermesa, Néstor Giosso, Juan Irigaray, Juan Carlos Gerrero, etc., repetiram a façanha, escutando as *palavras mágicas* do mestre-sala Migliaro.

«A expectação cresceu, quando algumas senhoras se aproximaram dos que tinham concluído a prova. Uma menina chegou a tirar os sapatos e as meias, desistindo depois do seu propósito. Mas houve duas arrojadas damas — Délia S. de Lescari e a menina Maria Inês Pereira — que se juntaram ao grupo dos «valentes». Pararam sobre as brasas com toda a coragem e o público ovacionou-as.

«Às 22,30 terminou esta estranha cerimónia que se repete todos os anos, na véspera de São João, na localidade de Abasto».

Este fenómeno tem sido observado muitas vezes, principalmente no Oriente. É semelhante ao dos faquires.

UM VIDENTE CÉLEBRE NO TRIBUNAL DO JURI

Spiritualisme Moderne, de Liége, insere um comunicado particular da Haia, no qual se evidencia a justiça extralúcida da Holanda, perante a declaração de um vidente, segundo a qual o réu devia ser despronunciado. Eis o comunicado:

«Quando os advogados do motorista Laurens Hoedeke, acusado de assassinar a rica e linda viúva Kodde, quiseram introduzir como testemunho de defesa uma declaração do célebre vidente Gérard Croiset, houve sensação no auditório, porque este caso considerava-se arrumado e ninguém tiraria a Hoedeke vinte anos de trabalhos forçados.

«A viúva fora estrangulada com um lençol em 8 de Janeiro de 1957 na sua casa de Niewland, próximo de Middelburgo, e quase todos os seus bens, avaliados em perto de 24 milhões de francos belgas, tinham desaparecido.

«Hoedeke foi logo dado como suspeito, pois tinha sido um dos melhores amigos do sr. Kodde e, após a morte dele, ficou a tratar dos negócios da viúva, a quem visitava com frequência. Até possuía uma chave da casa.

«Pouco tempo antes do crime a viúva anunciara-lhe a intenção de se casar novamente e o motorista encheu-se de cólera. Como era amador de jiu-jitzu, talvez pudesse estrangular uma mulher num momento de furor...

«Por outro lado, o alibi fornecido por ele era insuficiente: A viúva fora estrangulada cerca da uma hora da manhã. Ora, Hoedeke entrara em sua casa às 0.30, ali se demorando até às 2 horas... Além disso, encontraram-lhe 720.000 francos em casa.

«Ante os juizes, o acusado obstinava-se a negar, mas a causa parecia evidente a todos os que seguiam a audiência. Foi quando o advogado do réu pediu ao tribunal que ouvissem Gérard Croiset.

«Quem é Gérard Croiset? É o vidente mais célebre do norte da Europa e cuja reputação se estende até aos Estados Unidos da América.

«Com 48 anos de idade ajudou a resolver problemas inextricáveis em condições sensacionais. O número de desaparecidos que foram encontrados e de crimes que ajudou a esclarecer não tem conto. Em Haarlem indicou à polícia o sítio exacto onde estava o corpo de um rapaz desaparecido alguns dias antes. Apesar do seu cepticismo, a polícia procura o lugar indicado e encontra o cadáver.

«Em Lubeck uns pais desesperados tentam encontrar a sua filha de 14 anos. Croiset relata rigorosamente uma cena, durante a qual um homem de 30 anos assassinou uma rapariga e descreve o lugar onde estava o corpo da vítima. Descobre-se o cadáver, mas o pai da jovem é acusado. Croiset protesta: a sua descrição não corresponde bem à do inculpado. Prosseguem as investigações e afinal encontram o assassino, cujos traços correspondem realmente ao retrato feito pelo vidente».

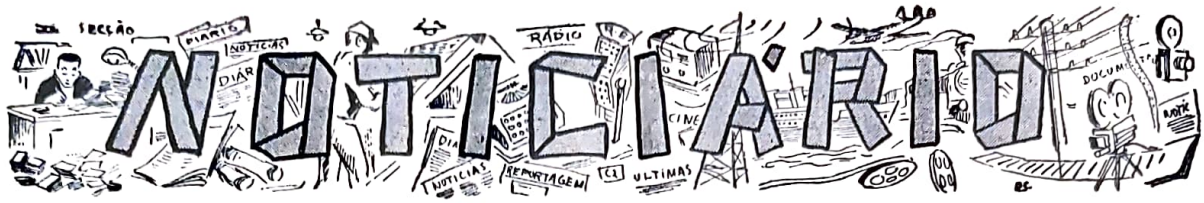
Croiset declarou:

— Hoedeke não é culpado. Não é ele que eu vejo prestes a estrangular a senhora Kodde!

Isto produziu tamanha impressão nos jurados, que libertaram o réu quatro dias depois.

E o comunicado termina com estas palavras:

— Agora resta a Croiset descobrir o culpado. E apesar do cepticismo da polícia, nada demonstra que não possa acontecer...



AS NOSSAS SESSÕES

No dia 13 de Setembro passado o *Grupo Experimental «Ernesto Bozzano»* realizou uma interessante sessão de grafologia, com a colaboração do nosso dedicado confrade Fernando Alves Martins. Estudioso constante dos fenómenos psíquicos, dedica-se há muito tempo a este ramo da Psicologia, consultando as principais obras da especialidade e fazendo centenas de observações

Alves Martins, perante um público atento e numeroso, definiu esta ciência e resumiu a sua evolução histórica, referindo-se, depois, à grande controvérsia que tem havido sobre a existência ou não existência de conhecimentos grafológicos por parte de Aristóteles. Falou em Laváter, o sábio suíço que, instigado por Goethe, deu com suas investigações um extraordinário impulso a este ramo das ciências herméticas.

Finalmente, referiu-se aos vultos contemporâneos, salientando os estudos de Nina Backer, que se tem dedicado ao complexo problema da escrita infantil, muito mais difícil de ser analisada, pela ausência de automatismo.

Entrando na segunda parte da sessão, deu início à árdua tarefa de examinar o *morro* de manuscritos que se aglomeravam na mesa. E durante duas horas e meia, sem manifestar o menor cansaço, Fernando Alves Martins observou cuidadosamente cada um deles e, à medida que a pessoa visada ou relacionada com o manuscrio ia confirmando, o interesse da assistência aumentava, como não podia deixar de ser.

Faltavam poucos minutos para a 1 hora da madrugada, quando Alves Martins chegou ao fim da sua interessante exposição. Mas apesar da hora tardia e do calor dessa noite de verão, ninguém arredava pé.

António Cardoso agradeceu ao dedicado confrade a sua valiosa colaboração, fazendo votos para que ele volte em breve ao *Luz e Amor*.

TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO E NOVEMBRO

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Sessão solene de abertura dos trabalhos do Centro, em que falarão vários oradores.

Dia 11, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», sob a direcção de António Cardoso.

Dia 12, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 14, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Rosa.

Dia 21, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada: «A Lemúria: Ficção ou Realidade?».

Dia 25, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 28, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Novembro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Rosa.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 11, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Histerismo».

Dia 15, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Rosa.

NOTA — As conferências são públicas, desde que os assistentes sejam acompanhados por sócios. As sessões são exclusivas de associados com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez informamos os nossos correspondentes de que devem fazer acompanhar as suas cartas de 2$50 em estampilhas postais, sempre que o assunto versado seja de seu interesse exclusivo. As numerosas cartas e postais que recebemos normalmente obrigam a despesas incomportáveis e por isso não devem admirar-se de ficarem sem resposta, quando não observarem esta cláusula.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Setembro — Diogo José Guerreiro, da Cidade da Beira, 15$00 V. L., de Coimbra, 20$00; A. L., de Setúbal, 25$00; Manuel Eusébio, do Porto, 14$00; Rufino Iglésias, de Lisboa, 20$00; M. F. de Coimbra, 20$00; Anónimo, de Ponta Delgada, 10$00; M. R., de Faro, 20$00; I. V., de Santarém, 15$00. *Total — 159$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Análise das Coisas, por *Paul Gibier* — Considerações científicas, filosóficas e psicológicas, para concluir pela realidade do Espírito e sua comunicação com os homens ..... 22$00

Animismo ou Espiritismo, por *Alexandre Aksakof* — Uma das mais belas obras do Espiritismo ..... 70$00

António de Pádua, por *Almerindo M. de Castro* — Este livro narra os fenómenos de efeitos físicos, os prodígios obtidos com as suas prédicas e com irradiações dos fluidos magnéticos — Enc. 35$00 ... 23$00

Ascese Mística por *Pietro Ubaldi* — O fim desta obra não são as regras da ascensão mística dos espiritualistas, mas documentar uma realidade vivida, com todas as observações que esta experiência sugeriu a quem a experimentou ..... 120$00

Balada de Bernadette, por *Hugo Collarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus ..... 50$00

Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto atrás da paixão do Cristo. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» 30$00

Caminho (O) de Jesus, por *Marta* — Um estudo suave do Evangelho. Um livro que se lê com satisfação ..... 25$00

Caminho (O) do Meio, por *J. Herculano Pires* — Livro denso e profundo, o primeiro e o último a dar-nos a «Biografia ideológica dos jovens brasileiros comprimidos entre duas conflagrações mundiais 40$00

Canções da Imortalidade, pelo espírito de *Rabindraná Tagore* e psicografadas pelo médium *Pedro Machado* ..... 30$00

Cânticos do Além — Poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 40$00

Caravana da Fraternidade, por *Leopoldo* Machado — Ecos e considerações duma viagem pelos Estados do Norte do Brasil 35$00

Caso (Um) de Desmaterialização do corpo de um Médium, por *Alexandre Aksakof* — Um estudo curioso e notabilíssimo digno da atenção dos homens cultos ..... 26$00

Caxias, Eminente Iguassuano, por *Leopoldo Machado* — Vida e obra do Duque de Caxias ..... 20$00

Céu (O) em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritualista ..... 40$00

52 Lições de Catecismo Espirita, por *Eliseu Rigonatti* ..... 20$00

Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus Vigários pelo *Padre Alta* — Demonstra a deformação progressiva da religião do Cristo, através das igrejas e dos dogmas 50$00

Deus e Universo, por *Pietro Ubaldi* — É uma síntese teológica cuidando das causas primárias e finais. Constitui o «elo central» que ligará a «A Grande Síntese» ao ao livro prometido «Cristo» ..... 120$00

Dialéctica e Metapsíquica por *Humberto Mariotti* — Interpretação espiritual da dialéctica através de um estudo profundo de ciência espirita ..... 26$00

Do Calvário ao Apocalipse, por *Bittencourt Sampaio* — Obra vigorosa, banhada pela luz do Cristianismo, estabelece o conhecimento da verdade que o Cristo personifica. Põe em relevo a heróica resignação dos apóstolos ..... 30$00

Do País da Luz — Extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. Obra em 4 volumes, com cerca de 1000 páginas — Enc. 200$00 140$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* — Um trabalho modelar na forma e no aspecto sociológico que impõe o Espiritismo como doutrina moderna — Enc. 40$00 ..... 25$00

Evangelho (O) À Luz da Astrologia, pelo *Dr. Aníbal Vaz de Melo* — Obra-prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atenta a cultura enciclopédica do seu autor — Enc. 50$00 ..... 35$00

Evangelho (O) dos Humildes, por *Eliseu Rigonatti* — O texto de *Mateus* explicado integralmente à luz do Espiritismo — Encadernado, 55$00 ..... 40$00

Exilados (Os) da Capela, por *Edgard Armond* — Esboço sintético da evolução espiritual do mundo ..... 30$00

Espiritismo (Colecção Saber), por *Yvonne Castellân* — Nesta obra a autora expõe o assunto da maneira mas imparcial possível, de modo que o leitor fica a par, não sòmente dos fundamentos da doutrina, como dos argumentos de quem luta contra ela. Visão de conjunto ampla e desinteresada ..... 24$00

Factos, por *A. J. Trindade* — Colectânea de factos espiritas passados na vida do autor e que prendem e empolgam até à última página — Enc. 70$00 ..... 50$00

Filosofia do Sentimento, por *Aldo Torres* — Dentro das sábias lições deste livro encontra-se um mundo infinito de caridade; o que é a vida, o perdão e outros assuntos de suma importância ..... 50$00

Filosofia Penal dos Espiritas, por *Fernando Ortiz* — Obra de raro valor doutrinário, prova ao mundo que os espiritas estão na vanguarda, relativamente aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Fragmentos do Pensamento e da Paixão, por *Pietro Ubaldi* — Sete quadros compõem esta obra: 1.° — Apresentação; 2.° — Evolução espiritual; 3.° — Visões; 4.° — O problema da educação; 5.° — Problemas actuais; 6.° — Problemas espirituais; 7.° — Novelas. Obra onde o autor se pôde externar, enriquecendo e completando as ideias de obras precedentes, anotando vibrações inéditas de grande relevância — Enc. 130$00

Grande (A) Esperança, por *Charles Richet* — Livro que surge numa hora tormentosa da humanidade, será com certeza mais uma contribuição de grande brilho para a divulgação dos factos supranormais ... 50$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

História de Um Homem, por *Pietro Ubaldi* —Trata-se de um trabalho sincero e ardente, realista e forte, sério e profundo, destruidor e ao mesmo tempo reconsrrutor, em que se agitam e se preparam os tempos novos ..... 120$00

Reino (O) de Jesus, por *Fernando da Cruz Ferreira* — Comentários Evangélicos à Luz do Espiritismo, de grande beleza e inspiração — Enc. 38$00 ..... 20$00

Religião (A) Viva do Cristo, por *César A. Campos* — Visa esta obra a difusão do Cristianismo em sua plenitude e tem por fim exaltar o que o homem tem de bom, de belo e verdadeiro ..... 50$00

Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley* — Este livro faz um bosquejo da sobrevivência humana, baseado na revelação das vozes dos espíritos. Uma das obras mais belas da bibliografia espirita — Enc. 70$00 50$00

Silva Melo e os Seus Mistérios por *Sérgio Vale* — Um dos livros mais completos de Espiritismo, em resposta ao catedrático Silva Melo, da Universidade do Rio de Janeiro. Obra valiosíssima ..... 60$00

Trabalho (O) dos Mortos, por *Nogueira de Faria* — Valiosa documentação de extraordinários fenómenos de materialização, com inúmeras gravuras em papel luxo e testemunho de clínicos e homens ilustres ... 80$00

Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial — 1.º volume Enc. ... 80$00

Vida (A) de Jesus Ditada por Ele Mesmo —Recebida mediùnicamente. Esta obra é considerada a maior obra do século pela intensidade da luz que projecta sobre o espírito de quantos tiveram a ventura de estudá-la. Livro traduzido em 6 línguas. 3.ª edição Brasileira ..... 80$00

Mediunidade, por *Edgar Armond* — Estuda e comenta o problema mediúnico em todos os seus pormenores e consequências, explorando-o de forma simples e sintética 35$00

Mediunidade Sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti* — O livro dos médiuns, dos doutrinadores, dos presidentes dos Centros Espiritas e principalmente dos que se iniciam no sacerdócio da mediunidade ..... 28$00

Memórias de Um Suicida, pela médium *Yvone A. Pereira* — Redigida sob a orientação do espírito de Léon Denis, a obra descreve-nos a vida «post-mortem» de um suicida, por ele próprio narrada ..... 60$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália D. Soler* — Narrativas de grande vibração. Obra filosófica e moral onde se retrata a cores vivas a pequenez da alma humana — Encadernado ..... 57$00

br.

Nova (A) Civilização do 3.º Milénio, por *Pietro Ubaldi* — Nesta obra o autor desenvolveu e comentou o seu livro anterior, «A Grande Síntese», focando principalmente a luta humana entre a luz e a sombra, o presente e o passado — Enc. 140$00 120$00

Origem (A) Divina do Espiritismo, por *Orlando Ferreira* — Livro que revela e glorifica o Espiritismo de maneira claríssima, não deixando margem para discussões ... 50$00

Passes e Curas Espirituais, por *Wenefredo de Toledo* — Esta obra indica os meios que conduzem ao fim almejado. Além disso, foi prefaciada por *Emmanuel* na pena de Francisco C. Xavier — Enc. ... 80$00

Passes e Radiações, por *Edgar Armond* — Obra dividida em 14 capítulos, entre os quais se salientam o «Estudo dos fluidos», «O Passe Espiritual», «Água Fluídica», etc. 45$00

Primeiro (O) Livro dos Espíritos, pelo *Dr. Canuto de Abreu* — Edição de luxo comemorativo do 1.º centenário do «Livro dos Espíritos». Texto em «fac-simile» do 1.º Livro dos Espíritos, com Português e Francês a par. — (Uma raridade bibliográfica) ..... 80$00

Problemas do Futuro, por *Pietro Ubaldi* — Volume 8.º da III Trilogia da monumental obra do autor, este livro trata da última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais, místicos e económicos — Enc. ..... 120$00

Quatro (Os) Evangelhos, por *J. B. Roustaing* — É talvez a obra mais completa, porventura a única que já se tenha publicado sobre os Evangelhos de Jesus, por isso que, sem desprezar uma só palavra, sem omitir a menor das suas narrativas, uma a uma, as explica à luz dos novos conhecimentos que o Espiritismo vem trazer acerca do nosso mundo e da sua Humanidade — 4 grossos volumes ..... 240$00

Raymond ou a Vida e a Morte, por *Sir Oliver Lodge* — Interessante estudo que o autor faz, depois da morte de seu filho na primeira guerra mundial ..... 25$00

Região em Litígio entre este Mundo e o Outro, por *Roberto Dale Owen* — Obra cujo aparecimento na América do Norte foi um retumbante sucesso em prol do Espiritismo ..... 45$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

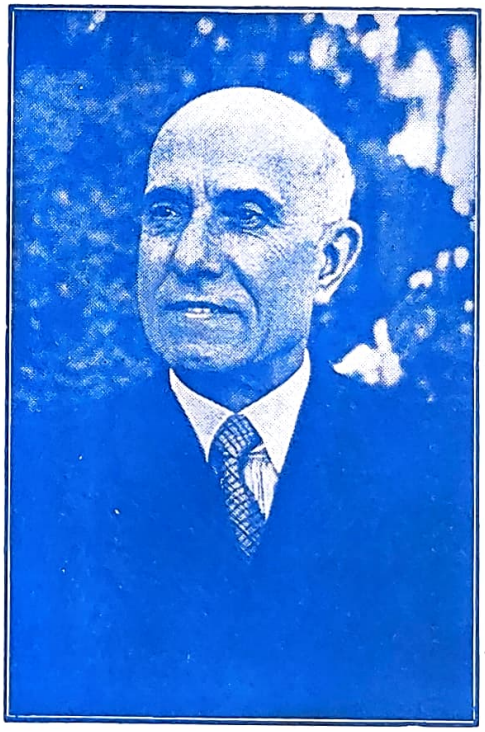
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL



CORONEL FAURE DA ROSA

CONTÉM: O Tempo, da **Redacção;** Objecções à Reencarnação, por **Deolindo Amorim;** Auto-Condenação, por **Vasco de Lemos Mourisca;** A Ciência Perante o Ocultismo, por **M. Marques da Silva;** Os Bórgias, por **Carlos Imbassahy;** A Individualidade, por **Orison S. Marden;** A Morte Não Existe, por **Henri Biquet;** Coronel Faure da Rosa; A Cruzada dos Militares Espiritas e os Cegos Espiritas do Brasil; O Testemunho (Excerto de um Livro Inédito de **Lia**); Pode-se «Provar» a Pluralidade das Existências Humanas, por **Serge Hutin;** A Influência dos Desencarnados na Vida Humana, por **Armand Donnay;** As Reformas Sociais de Jesus de Nazaré, por **Tito L. Bancéscu;** A Voz de Pitágoras; Interpretações Bíblicas que Estão em Completo Desacordo com a Razão e a Lógica, por **José Francisco Cabrita;** Os Tempos que Passam (Mensagem Recebida na Tenda Espirita Vicente de Paulo, em Bagé - Rio Grande do Sul, Brasil; Notas e Comentários; Crónica Mundial por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

(Ver pág. 333)

21.º ANO NOVEMBRO DE 1960 N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286.; *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244.; *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, NOVEMBRO DE 1960 | N.º 11

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

O TEMPO

Há quem examine os factos e os homens, especado no tempo, como observador inviolável, esquecido de uma verdade que deveria estar presente: a história humana é feita de relatividade e os acontecimentos são marcos específicos a caracterizar as épocas. Portanto, o cronista não deve especar-se; deve movimentar-se, sem perder de vista alterações essenciais que justificam os efeitos mais diversos.

O minuto que se vive, prestes desaparece na sucessão do tempo. O minuto seguinte é já diferente, embora o crítico pareça especado ou chumbado.

Assim, o exame circunstancial exige discernimento rápido, para que não se justifique aquela frase camiliana: «O tempo chega sempre, mas há casos em que não chega a tempo». Se não fixarmos o pormenor necessário, a apreciação será insuficiente.

O caso é que, sem tempo, não podemos concretizar aspirações, nem dar realidade a sonhos de oiro. Rivarol chamou-lhe a praia do espírito. «Tudo passa diante dele — exclamava — e nós julgamos que é ele que vai passando». O corpo acusa mutação inexorável e o espírito amadurece ideias e vê seus planos realizados. A panorâmica do mundo é obra sua.

No tempo surgem os grandes realizadores. O vulgo quase nunca os compreende, porque não desce ao exame psicológico. Mas nem por isso o trabalho deles é de menor valor. O cérebro que dirige vale mil braços que executam. Sem ele, o progresso seria vão.

A história traz isto à superfície, para meditação e orientação. Se não fosse ela, com sua cronologia, a vida seria diferente. A cronologia fixa os momentos grandiosos ou precários e através do respectivo estudo vamos dirigindo os passos vacilantes.

Vítor Hugo dizia que o presente era bigorna onde se forjava o futuro. Tinha razão o insigne pensador. É no presente que tudo se destrói ou constrói. O tempo é a pantalha do cosmos. Nela se reflectem grandes e pequenas coisas, sem as quais não haveria história, nem existiríamos, porque a nossa presença é que lhe dá colorido. É um raio de sol na paisagem.

Estas cogitações aplicam-se a todos os departamentos da vida humana. E quanto maior for a aspiração, mais o tempo se modifica em nós, porque ele, em si, não se modifica. O espírito é que lhe imprime o matiz necessário.

Se o desalento nos invade, a pantalha apresenta cambiantes sombrios; se o entusiasmo acende em nós fogueiras de optimismo a pantalha transfigura-se e toda a gama espiritual se revela em cores alacres. Feliz de quem sabe aproveitar o tempo e aplicá-lo em obras úteis, arrancando a si mesmo o que possa ajudar alguém! O homem é construtor de felicidade. O seu afã é um passo contínuo através do tempo. À medida que avança, o horizonte alarga-se ou estreita-se. Depende dos objectivos, da força de vontade e da disposição de espírito. Mas sempre a caminho de vida melhor, alterando o ambiente e dando-lhe mais beleza.

Por isso o observador que examine os factos não pode estar especado. Deve entrar em movimento e apreciá-los em conjunto. O tempo lhe dará elementos de análise e proporcionará obra mais ou menos perfeita.

É preciso, todavia, que seja verdadeiro, cingido ao acontecimento. Crítico parcial é insuficiente. Se o tempo lhe faltar, aguarde mais tempo até concluir o trabalho. Mas seja honesto, seja leal com os factos. Ai do cronista que altera a verdade, supondo que o mundo vai reger-se pela sua mentira! Ai dele, que não sobrevirá; ou então passará no tempo como obra negativa. Não nos esqueçamos destas palavras de Gioberti: «Nunca se conhece o valor precioso do tempo, como na hora da morte; nesse momento é que se distingue e se deplora o tempo perdido e o mal empregado».

Objecções à Reencarnação

Por DEOLINDO AMORIM

(Redactor-correspondente de ESTUDOS PSIQUICOS
no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara)

É fácil escrever contra o Espiritismo ou contra qualquer outra doutrina, mas o que não é fácil, porque exige estudo e conhecimento de causa, é escrever com acerto de ideias, dizendo as coisas como devem ser ditas. Entre os artigos e as prédicas que se têm repetido, ùltimamente, contra o Espiritismo, com um propósito mais acentuado de atacar a base da reencarnação, deparou-se-me há pouco tempo, nas colunas de velho e sisudo órgão da imprensa brasileira, uma série de comentários, inteiramente desconexos, apesar da boa forma em que são vasados. Um artigo pode ser muito bem escrito, gramaticalmente falando ou quanto à pureza do estilo, mas também poder ser, apesar de tudo isso, um amontoado de incongruências, do ponto de vista lógico. Há muitos escritos, que são verdadeiro primor literário, mas pecam frontalmente pela falta de lógica, pela ausência de ideias aproveitáveis. Foi o que se deu, por exemplo, com os comentários de certo jornalista católico, a propósito da reencarnação. Homem inteligente, e que, aliás, escreve bem, lançou um dos maiores disparates dos que até hoje foram publicados em jornais, a respeito do Espiritismo.

Vejamos bem o que foi que ocorreu à brilhante inteligência do jornalista carioca. Depois de uma sequência de sofismas, que já é um meio de fugir à realidade, fez duas afirmações inconsequentes e absurdas:

1.ª — *A reencarnação contraria o prin-*

2.ª — *O Espiritismo NEGA A IMORTALIDADE DA ALMA!*

Esta última, francamente, é de estarrecer!... A reencarnação, como se sabe, é um processo pelo qual, através de diversas existências, o Espírito realiza o seu curso de experiências, sem o que não há progresso. A reencarnação influi, portanto, na evolução biológica e, principalmente, no progresso do Espírito. Sem as oportunidades de novas existências na Terra, adaptando-se a novos organismos, através do perispírito, sofrendo as infuências da matéria nos diversos ciclos biológicos, pois tudo isto está no quadro geral da evolução, o Espírito não teria condições para aprender mais, acumulando experiências, renovando-se intelectual e moralmente, a fim de operar o seu progresso. A ideia de progresso espiritual, que se não confunde com a evolução natural, está necessàriamente associada à ideia das «vidas sucessivas». Dizer, portanto, que a reencarnação é contrária à evolução da alma é revelar desconhecimento do problema em suas linhas mais gerais ou, na pior das hipóteses, é tentar *torcer* o raciocínio claro.

Nossos adversários têm o direito de discordar de nossas ideias ou de criticar os nossos princípios, e é um direito tão respeitável como o nosso, pois nenhum obstáculo se lhes antepõe. Há, todavia, umas tantas afirmações, principalmente quando feitas por homens inteligentes, que nos levam a pôr em dúvida o bom-senso ou a cultura geral de certos homens. Asseverar, por exemplo, em letras redondas, que o Espiritismo NEGA A IMORTALIDADE DA ALMA, quando é este justamente o seu ponto básico, é um contra-senso tão flagrante, é uma incoerência tão palmar, como dizer que o Cristianismo nega o Cristo ou insinuar que a Física não confirma a lei da gravidade. O próprio nome da doutrina, nome escolhido por Allan Kardec, com toda a propriedade — *Espiritismo* (Doutrina dos Espíritos) — já é por si um enunciado imortalista, porque pressupõe claramente a ideia do Espírito sobrevivente à matéria.

Toda a filosofia, toda a estrutura doutrinária, todas as consequências do Espiritismo decorrem, como se sabe, de sua primeira tese fundamental: a *sobrevivência da alma após a morte*. E é por isso

mesmo que o Espiritismo se apresenta como doutrina «essencialmente imortalista». Não o seria jamais, se não tivesse um conteúdo inteiramente informado por esse princípio basilar. Convém notar, contudo, que a assertiva do jornalista católico não é tão ingénua como parece, visto que, em se tratando de um homem lido, e seus artigos bem o demonstram que o seja, o articulista deve saber que o Espiritismo não é aquilo que foi dito, mas a verdade é que lhe convém o raciocínio sofístico, a fim de confundir os seus leitores, levando-os a uma noção propositalmente errónea. Quando se estabelece uma premissa falsa, e se a pessoa com quem se discute ou a quem se fala aceita essa premissa, forçosamente terá que chegar a uma conclusão também falsa. É assim que faz o nosso antagonista.

Acompanhemos as fases de seu raciocínio. Pretende ele *provar*, aliás sem prova alguma, que a reencarnação contraria em cheio a lei da evolução. A lógica do brilhante comentarista católico é realmente curiosa, se é que se pode encontrar, aqui, alguma lógica: *a alma humana é independente do corpo; sua evolução só se realiza fora da matéria. LOGO ... a reencarnação é um erro, porque preconiza a volta do espírito ao corpo, em desacordo com a lei da evolução*. Estamos de acordo, quanto à primeira parte do raciocínio: a alma humana é independente do corpo. Quanto ao resto, não. Escorado na suposição de que o processo evolutivo, caminhando para o progresso espiritual, tenha de se verificar sòmente no plano extra-terreno, o escritor católico tira a seguinte consequência: O Espiritismo é uma doutrina inteiramente negativa, porque se apoia na reencarnação, e esta, por sua vez, colide com a lei de evolução. Isto é o que se pode chamar uma *lógica* desconcertante, justamente pela falta de conteúdo lógico. É um sofisma, simplesmente: se a evolução prova a imortalidade da alma e se a doutrina espirita se opõe à evolução, porque admite o retorno da alma ao corpo, implicitamente *A DOUTRINA ESPIRITA NEGA A IMORTALIDADE DA ALMA* (!...) .Não há quem tome pé neste emaranhado de palavras.

Naturalmente o que o nosso adversário quer dizer, no fundo de toda essa obscuridade, é que não há necessidade da reencarnação, porque o curso evolutivo da alma se faz, todo ele, fora da matéria. É apenas uma opinião, não é uma tese demonstrada, nem histórica, nem experimentalmente. Quem é que prova que a evolução se dá, necessária e exclusivamente, fora da matéria? E onde estaria a lei de justiça, a inexorável lei de «causa e efeito», que também rege o mundo moral? Porque foi, então, que o Cristo disse que a cada um seria dado de acordo com as suas obras? Como poderia haver progresso espiritual sem aprendizado, sem experiência bem vivida, sem o cumprimento da lei, até que cada qual pagasse o *último ceitil?*

Ainda que nos abstenhamos de questões exegéticas, porque são muito flexíveis, pois os textos bíblicos se prestam a muitas adaptações, conforme seja a posição do intérprete, o problema pode ser posto em termos de realidade humana, para que seja, assim, mais bem compeendido. Se, como diz o articulista do *Jornal do Brasil*, a alma humana faz a sua evolução fora do corpo, sem precisar voltar à terra, então seria o caso de perguntar: e a alma de um perverso, um ladrão sanguinário, um assassino, que cometeu uma série de crimes na terra? Vai para o «outro mundo» e, por lá mesmo, resolve o seu problema, sem reencarnar, sem reparar os prejuízos causados aos outros. Neste caso, se tudo se passa como pensa o jornalista católico, podemos concluir que a alma de um homem de bem vai ter a mesma situação da alma de um malfeitor, porque não voltarão jamais à Terra. O que o Espiritismo ensina é o princípio da progressividade do Espírito. A reencarnação é, portanto, uma condição indispensável a este princípio. Não se trata da evolução biológica, pura e simples, pois esta se estende a todos os seres vivos, mas o de que se trata é do progresso espiritual através de fases de experiência, pelo fio da reencarnação, que é um meio de aperfeiçoamento moral. Sem a reencarnação, o Espírito não teria oportunidade nem campo de acção para reparar os males que haja praticado anteriormente, ou, também, para cumprir missões importantes neste mundo. (Questões 174-178, do *Livro dos Espíritos*», nem concordância com o cap. III, n.º 5, do *Evangelho Segundo o Espiritismo)*. É pela reencarnação que se cumpre, em toda a plenitude, a Justiça Divina. Há espíritos que se desenvolvem muito no

"O Espiritismo no Brasil"

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

Como dissemos em o número de Agosto, saíu dos prelos o 1.º volume do livro «O Espiritismo no Brasil», da autoria do director desta revista e que vai construir uma revelação para milhares de leitores portugueses e brasileiros. A impressão da obra deve-se à Gráfica «O Mês», do Rio de Janeiro, que se esmerou no trabalho.

Compõe-se este volume de 23 longos capítulos vasados em estilo terso e repletos de observações e anotações acerca do Espiritismo nas terras do Cruzeiro. Quando a obra estiver totalmente impressa, então se avaliará o arrojo do empreendimento. Quem adquira este volume e o leia ponderadamente ficará ansioso pelo segundo e pelo terceiro.

Os capítulos são os seguintes:

Duas Palavras; 1 — Primeiras Impressões; 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas Sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trem ... ou talvez não; 9 — Uma Visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionárias de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Viajante; 20 — Na Cidade de Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis.

As suas 55 gravuras em papel «couché» são friso magnífico a ilustrar a obra, que é, ao mesmo tempo, um cântico à formosa terra que acolheu o nosso Director, como peregrino da Amizade.

Novamente se declara que este depoimento singular, pela extensão e pela forma, corresponde à realidade e jamais poderá ser tomado à guisa de louvaminha.

Os primeiros exemplares serão rateados pelas agremiações brasileiras visitadas pelo Autor e só depois o volume será entregue a uma grande distribuidora do Rio de Janeiro e a outra de Lisboa para venda ao público.

Os pedidos podem ser dirigidos ao

GENERAL FÁBIO DE CASTRO

Rua Marã, 100 — Maracanã — RIO DE JANEIRO

sentido intelectual, mas não cuidam do lado moral da vida. Resultado: adquirem muita cultura científica, passam uma existência quase toda estudando e brilhando intelectualmente, mas não formam lastro de aquisições morais, porque não procuram melhorar o sentimento. É uma evolução incompleta, ainda não é progresso espiritual. Necessário é, portanto, que esse espírito encontre novas oportunidades de voltar à terra para *COMPLETAR* o seu desenvolvimento, isto é, para desenvolver a parte moral, que ficara relegada na existência anterior. Se uma reencarnação não for suficiente, haverá outras, e assim por diante, até que se dê o encontro dos dois sentidos progressivos: moral e intelectual (Questão 192, do *Livro dos Espíritos*). A reencarnação é, consequentemente, uma lei divina, segundo a qual a Justiça se torna cada vez mais sábia e mais completa, porque nela se cumpre a promessa do Cristo: «Das ovelhas de meu Pai nenhuma se perderá». E não se perderá, porque, um dia, cedo ou tarde, não se sabe quando, o delinquente de hoje será um reabilitado amanhã, através das «vidas sucessivas», aprendendo, sofrendo, caindo, levantando-se e depurando-se para se tornar melhor.

AUTO-CONDENAÇÃO

Onde se fala de uma lamentável CARTA ABERTA A UM ESPIRITA

Por Vasco de Lemos Mourisca

TUDO, no Universo, evolui progressivamente, como o espírito, que é uma radiação da essência divina, dispersa na pluralidade dos espaços e dos mundos.

Não pensamos, hoje, como pensávamos há 10 anos, até porque a nossa cultura se alargou, pelas novas descobertas, pelo desenvolvimento geral, que se reflecte no conhecimento de cada um. O nosso corpo, ele próprio, já não é o que era há 10 anos (por hipótese, há 10 anos), porque as suas células já não são as mesmas e, consequentemente, os tecidos são intrìnsecamente diferentes. Mas, enquanto o corpo evolui sem que nos apercebamos disso (o materialista chamar-lhe-ia uma fatalidade orgânica, expressão que serve toda a ignorância), o progresso intelectual estrutura a nova mentalidade de que nos sentimos possuídos. Por outras palavras: melhoramos gradualmente.

Cabe, aqui, um episódio: — Um dia, vão lá uns largos anos, decepcionado com o meu primeiro livro de versos, quis destruir a edição. Jaime Brasil, o grande Jornalista, que tão incisivamente o havia criticado, impediu-me de o fazer, com este ponderado conselho: «Não destrua um livro, por já não concordar com ele; esse livro marca uma fase da sua vida literária. Melhor ou pior, é uma fase que deve respeitar, mesmo que discorde das suas ideias ou das suas técnicas».

Jaime Brasil tinha razão.

Recordo, agora, este episódio, ao folhear um livrinho que escrevi em 1952 e cuja edição foi totalmente para o Brasil — «Carta Aberta a um Espirita». Jaime Brasil escreveu, para esse livro, um magistral Posfácio. Sem modéstia, posso dizer que o livro só vale pelo que, nele, escreveu o posfaciador. Esse é o único mérito e de grande tomo.

Pela minha parte, o que lá está é um chorrilho de asneiras, da primeira à última linha! A auto-condenação é feita, como é óbvio, «sans rancune», mas com o rigor que uma auto-crítica serena implacàvelmente determina. Não há amortecedores de amor-próprio que possam suavizar-lhe a queda vertical no erro!

Nessa «Carta Aberta», eu defendia, com o pedantismo ostensivo da ignorância, o materialismo e afirmava só aceitar discussão o que pudesse ser provado por A + B!

A propósito desta minha afirmação, Jaime Brasil, no seu lapidar Posfácio, escrevia estes passos: — «Vejo, pela sua «Carta», que o meu caro Vasco Mourisca só aceita quanto é demonstrável por A + B, o que a Razão admite e a Ciência aprova. Não creio na infalibilidade da Ciência. Suponho ser a fórmula A + B vagamente algébrica; mas, para mim, é vazia de sentido. Dá-me vontade de perguntar: A + B quê? Por esse símbolo quererá dizer que só o matemàticamente exacto é verdadeiro? Julga, portanto, que só o rigor matemático conduz ao conhecimento da verdade?»

E mais adiante: — «Assalta-me, contudo, uma dúvida: alguns espiritualistas de vulto, como Pascal, foram grandes matemáticos; outros físicos e, portanto, matemáticos eminentes, como Einstein, são materialistas; haverá, então, duas matemáticas e o A + B variará consoante o clima, a época, a confissão religiosa ou a cor dos olhos do matemático? Ocorre-me, ainda, que Espinosa, considerado um grande filósofo, procurou demonstrar a Ética à maneira dos geómetras. Ele próprio se deu ao cálculo das probabilidades. Ora, a sua «Ethica», como o seu tratado «De intellectus Emendatione» ou o «Tractatus Theologico-Politicus», não passam por ser obras materialistas».

Sempre incisivo, Jaime Brasil abria, inteligentemente, com as suas dúvidas, largas brechas nas minhas presumíveis certezas.

Entretanto, Jaime Brasil foi elegantíssimo nas objecções, tanto mais que a minha «Carta Aberta» permitia, a um crítico impiedoso, uma contestação de derrocada.

Analisando, hoje, o meu trabalho de então, verifico que não há, nele, um argumento sólido, fundamentado, irrespondível, categórico. Verifico que parlapatei... *contra o Espiritismo ou, melhor, contra o espiritual, com o argumento estulto do ignorante que nega, porque nega (o porque-não foi sempre o argumento dos ignorantes), tudo o que desconhece ou, até, o que não atinge... Sobretudo, mesmo, o que não atinge.*

Creio, todavia, que a minha «Carta Aberta» não terá feito mossa a ninguém. O Espirita não deixou, evidentemente, de o ser, porque só por estupidez se poderia perturbar com as minhas razões sem razão. O Agnóstico continuou agnóstico, como o prova exuberantemente a pena poderosa de Jaime Brasil. O dgmático do materialismo ou do pseudo-divino (os dogmáticos são como os caracóis: há-os de várias famílias...) ficou também, onde estava, até porque o dogmático, firmado no fradesco credo quia absurdum, *não é pederneira que se mude...*

Tranquiliza-me, pois, a ideia de que a minha lamentável «Carta Aberta a um Espirita» foi de resultado absolutamente nulo e de nenhum efeito. Eis o que poderá dizer-se uma virtude por omissão...

A Ciência Perante o Ocultismo

Por M. Marques da Silva

Muita gente acredita em coisas maravilhosas e mirabolantes da Ciência, sem, todavia, por meios directos as conhecer, nem as ver, ou, sequer, as verificar experimentalmente.

Mas, como leram referências num livro ou porque receberam benefícios através do efeito deste ou daquele fenómeno, logo dão crédito absoluto à existência da maravilha científica.

Em certos casos apenas de outiva conhecem ou sabem da manifestação de algum fenómeno observado num laboratório ou, quando muito, dela conhecem por notícia dada na imprensa.

No entanto, essa mesma gente crédula das coisas maravilhosas e mirabolantes da ciência duvida sempre dos fenómenos ditos supranormais ou extra-sensoriais e não crê em milagres.

Não obstante e, fundamentalmente, a origem é a mesma: forças da natureza em jogo. A diferença está em que umas já são observáveis pelos sentidos humanos e com o auxílio de aparelhos aperfeiçoados construídos pelo homem e outras não são observadas pelos sentidos nem o podem ser, ainda, mecânicamente, por falta de aparelhos ultra-sensíveis.

Ninguém, por exemplo, duvida da existência dos raios X, dos raios infra-vermelhos, nem dos raios ultravioletas. Igualmente se não põe em dúvida o poder impressionável da emulsão fotográfica. Mas ninguém viu aqueles nem este. Exclusivamente lhes observou os efeitos.

Ora sabe-se muito bem que além destes raios, que são forças naturais, muitos outros fenómenos se dão, invisíveis também, dos quais o homem recolhe os efeitos: a electricidade química é um deles. Na formação de um acumulador entra água destilada, ácido sulfúrico e zinco. Separadamente, nenhum destes elementos dará energia eléctrica; mas, juntando-os em condições apropriadas, a energia flui em quantidade bastante para accionar um motor ou para iluminação.

Quer dizer, a energia jaz latente em toda a matéria, ainda mesmo no momento em que qualquer ser organizado perde o princípio vital que o anima.

A energia manifesta-se, pode manifestar-se ou pode provocar a sua manifestação, desde que se estabeleçam condições favoráveis.

Da mesma maneira com os fenómenos psíquicos ou espiritas.

Evidentemente, o espírito existe. E, porque existe, pode manifestar-se.

A dificuldade está na criação de condições especiais à sua manifestação ao alcance de todos, da mesma maneira que qualquer pessoa munida de receptor capta ondas hertezianas, que nunca viu, provenientes de qualquer parte do globo.

A mesma dificuldade subsiste em relação à verificação de outros fenómenos do psiquismo e ao Espiritismo intimamente ligados: premonição, telepatia, intuição, ubiquidade, mediunidade, etc.

Mas a Ciência, depois de ter investigado profundamente o vasto mundo fenomenal, chegou a ponto crítico acerca da manifestação de fenómenos, cuja verificação lhe escapa por completo ao utilizar os processos ditos científicos. Tal impotência deriva de dois factores: da ausência de qualidades psíquicas de certos cientistas e investigadores; do propósito materialista da investigação científica e da negação sistemática de tudo quanto não seja positivo.

Chegada, pois, ao ponto de não poder avançar mais no domínio do incognoscível, a Ciência só tem um caminho: estudar o chamado «Ocultismo».

Então, o inverosímil acontece: os cientistas das maiores nações iniciam-se no conhecimento do ocultismo e dedicam-se às mais estranhas experiências jámais admitidas em ciência.

Vejamos como as coisas se passam.

Em primeiro lugar vale a pena saber que em muitos países se fundaram laboratórios de Parapsicologia — nome dado pela Ciência ao Espiritismo — laboratórios de Yoga e institutos de fisiologia que estudam os casos tão curiosos da influência das ondas infra-vermelhas como suporte do olfato. Decifram-se as inscrições das Ilhas da Páscoa e os documentos Maias com máquinas electrónicas. Envia-se uma comissão às Índias para estudar sèriamente a legenda dos Senhores de Dzyan vindos à Terra num passado longínquo, para lhes darem o fogo, o arco e o martelo...

Ao mesmo tempo, organizadores enérgicos estabelecem intercomunicação entre todos os laboratórios e multiplicam-se os institutos paralelos, que se ocupam dos mesmos assuntos.

Por outro lado o célebre submarino «Nautilus», americano, faz a viagem sob a calote polar, comandado mentalmente à distância.

Transcrevemos, por tradução, da revista *Science et Vie*:

«Os submarinos atómicos «Nautilus», «Skate», «Bkipjack» são obras primas do génio atómico e naval. Raio de acção quase ilimitado permite-lhes navegar um ano sem recolher à base e algumas semanas submersos. Mas eis que, sob as águas dos oceanos ou dos gelos polares é impossvvel comunicar com eles pela rádio: as ondas não atravessam a água. As ordens executivas da missão nunca os penetram. Estas armas aperfeiçoadas tornam-se inúteis.

«Para ladear esta lacuna fundamental os técnicos militares e civis americanos entregam-se actualmente, em segredo, às mais estranhas experiências...

«As grandes firmas americanas Rand Corporation, General Electric, Westinghouse e Bell Telephone, mais conhecidas pelas suas produções eléctricas e electrónicas do que pelo seu interesse na metafísica, fundaram há pouco tempo, cada uma delas, o seu laboratório de investigação sobre a percepção extra-sensorial, ou seja *telepatia*. Por uma espécie de compreensível pudor dos técnicos o assunto de estudo foi rebaptizado com o palavrão «bioelectrónica» e classificado no domínio da «mecânica humana» (human engineering).

«Os pontos principais em que se fixam os especialistas da Marinha revelaram qual a natureza dos seus objectivos:

O sistema de transmissão humana.

A amplitude e a frequência dos sinais bioelectrónicos.

Os compostos bioeléctricos: eléctrodos e «relais».

«Para demonstrar bem que não se trata de mero divertimento, a própria Armada instalou este es-

tranho laboratório no grande centro de pesquisas sobre mísseis de Redstone, na Alabama, muito próximo do gabinete de von Braun».

Mais adiante a notícia prossegue:

«Em 13 de Julho de 1958, Ansel E. Talbert, observador dos negócios militares muito conhecido nos Estados Unidos, escrevia no *New-York Herald Tribune:* «É indispensável que as forças armadas do nosso país saibam se a energia emitida por um cérebro humano pode influenciar, a milhares de quilómetros, outro cérebro humano... A amplificação deste fenómeno poderia fornecer um novo meio de comunicação entre os submarinos e a terra firme...

«Que foi que inspirou estas reflexões nada ortodoxas a Talbert? Um comunicado da Rand Corporatration, organização particularmente encarregada de procurar ideias sobre a insuficiência dos meios de telecomunicação actuais. Os nossos submarinos —declara-se naquele comunicado submetido a Eisenhower— são inúteis: é impossível comunicar com eles, logo que estejam submersos, porque as ondas electromagnéticas não atravessam a água e, sobretudo, quando navegam sob a crosta polar. É indispensável procurar um novo sistema. E propuseram que se inquirisse sobre telepatia».

«Em 25 d e Julho último, um singular passageiro embarcou no submarino atómico «Nautilus»: nenhum membro da equipagem foi autorizado a vê-lo, a seguir ao momento da sua descida pela escada até ao seu encerramento numa cabina especial, salvo um marinheiro encarregado de lhe levar as refeições e o capitão Anderson.

«Este homem foi, assim, enclausurado durante 16 dias, entre quatro paredes de aço. Nesse tempo não recebeu qualquer nova do exterior. Todas as manhãs o capitão lhe ia fazer uma visita e assinava certo documento.

«Rumores anormais corriam a bordo: uma misteriosa máquina tinha sido embarcada no submarino, accionada por eminente sábio ou controlada secretamente pelas radiações atómicas do motor.

«Na verdade o misterioso passageiro só fazia pequenos desenhos, sempre os mesmos: um quadrado, um círculo, três linhas onduladas, uma cruz e uma estrela, que enviava ao capitão Anderson. Este datava-os, assinava-os e metia-os num sobrescrito que fechava e lacrava.

«Isto poderá parecer absurdo: experimentava-se uma arma secreta.

«O aviso de Ansel E. Talbert e o conselhos de vários sábios célebres tinham sido entendidos: o governo americano procedia oficiosamente a uma experiência de transmissão de pensamento. Que fazia o misterioso passageiro do «Nautilus»? Tentava adivinhar quais eram as cartas tiradas por um correspondente em terra firme, a milhares de quilómetros dele. Com efeito, duas vezes por dia, a horas precisas, durante 16 dias que durou a experiência, um *correspondente* igualmente enclausurado num compartimento do centro de pesquisas Westinghouse da cidade de Friendship, no estado de Maryland, tirava certas cartas.

«Ou melhor dizendo: era uma máquina que as tirava por ele. Accionada por um maquinismo de relojoaria, a máquina ejectava de minuto a minuto certas cartas segundo o acaso, tal e qual como na roleta. Não eram cartas de jogar ordinárias, mas as ditas de Zener, empregadas correntemente nas experiências telepáticas, cujos cinco desenhos foram acima descritos.

«O *correspondente* de terra firme concentrava-se então sobre as cartas saídas, esforçando-se por pensar sòmente nelas. Anotava em seguida num papel as cartas saídas e submetia o resultado ao visto do coronel William Bowers, director de pesquisas das forças aéreas dos Estados Unidos.

«Quando o «Nautilus» acostou em Croyton, no termo da sua viagem, o misterioso passageiro, cujo nome ficará ignorado para sempre, foi imediatamente conduzido ao aeródromo militar, de onde saíu um avião que o conduziu a Friendship. O passageiro foi mandado para junto do coronel Bowers. Este comparou o conteúdo de ambos os sobrescritos: a experiência atingira 70 % de bom êxito. O passageiro do «Nautilus», debaixo de alguns metros de água, adivinhara as cartas transmitidas através do Atlântico pela mente de um correspondente.

«As Armas do Ar e da Marinha americanas acabavam de verificar que um cérebro pode comunicar com outro cérebro através do espaço, sem necessidade de qualquer apoio material».

«E para finalizar este apontamento: «um sábio americano descobre no pombo o operário do futuro, ou melhor, o «Pombo Inspector».

«São precisas 50 a 80 horas para formar o «Pombo Inspector», que examina uma peça electrónica com seu olhar penetrante, indicando por meio de alarme eléctrico se a dita peça tem ou não defeitos».

Evidentemente, os descrentes em matéria de ocultismo, passam, agora, a acreditar nalguns dos seus fenómenos, só porque a Ciência Oficial se apropria dos mesmos para fins puramente materiais, embora os grandes iniciados e os mestres do Ocultismo estejam fartos de revelar alguns dos mais estonteantes segredos do que constitui a denominada «Doutrina Secreta».

Beira, 1960.

"A «VIDA» DEPOIS DA MORTE"

por ALBANI CANTIJO

Acaba de sair este livro da autoria do um confrade português que encarou o problema sob aspecto muito interessante, no qual perpassam considerações a respeito da causa primária, da alma, do suicídio, da pena de morte, da hereditariedade psíquica, da psicanálise de Freud, do sono e do sonho, da arte abstracta, da mediunidade, da reencarnação, etc., etc.

O livro traz um curioso mapa do processo evolutivo do Universo.

Preço — 22$00

ENVIAMOS ESTA OBRA À COBRANÇA

OS BÓRGIAS

Por Carlos Imbassahy
(Correspondente em Niterói)

QUER a Religião, em geral, quer o Cristianismo, em particular, Têm grandes raízes junto ao Espiritismo. No caso vertente, a história dos Bórgias vem acompanhada de fenómenos, dos chamados sobrenaturais; e como é doutrina espirita fazer justiça, e estudiosos posteriores têm reabilitado o Papa Alexandre, justifica-se esta digressão histórica nas colunas de uma revista parapsíquica.

*

Rodrigo Bórgia possuía uma inteligência sólida, o que não negavam os seus próprios inimigos, os quais admitiam e acrescentavam que ela servia por lhe alimentar a velhacaria.

Richardin vê nele grande sagacidade, a par de extraordinária astúcia. Era um tanto ou quanto religioso, e dizia contar entre seus guias espirituais Sant'Ana e Santa Catarina.

Possuia grande inclinação para o outro sexo. Ninguém exigia de um Cardeal, naquela época, muita austeridade de costumes. Havia pouca virtude e os prelados não eram diferentes do comum dos mortais.

Segundo Cambridge *(Modern History)* «o próprio Pio II, antes de produzir alguns filhos na mocidade que antecedera sua carreira sacerdotal, havia advogado o casamento de sacerdotes; Sisto IV tinha tido vários filhos e Inocêncio VIII levou o seu para o Vaticano».

Em Sena, o jovem Cardeal, que era vice-chanceler, parece ter esquecido o recato de sua alta investidura. Basta dizer que tomou parte numa festa em que fora interdita a entrada aos pais, maridos e irmãos das convidadas.

O Papa, então, resolveu admoestá-lo, declarando «que ele se esquecia da dignidade de seu cargo, e mais, que o pudor o impedia repetisse tudo o que se passara; que sua conduta fora motivo para o desprezo que se votava à Igreja».

Em 1461 houve grandes solenidades: chegava a Roma a cabeça de Santo André, salva por um paleólogo. Viu-se uma procissão com trinta velas e um enebriante cheiro de incenso. A decoração do palácio de Rodrigo, como um pouco mais tarde na festa de Viterbo, sobrepujava as demais.

Sisto IV é eleito Papa e recompensa Rodrigo, que fora a seu favor, com a Abadia de Subiaco. Dedica-se o Pontífice a armar uma Cruzada e envia o Bórgia, como seu Legado, à Espanha. O luxo deste, porém, não agradou ao ascetismo espanhol e a missão faliu. Maneiroso, conseguiu a amizade do rei Fernando, marido de Isabel, e tornou-se seu compadre.

Naufragou de volta à Itália. Nesse naufrágio perderam-se bens e vidas, mas ele foi recebido como um herói sobrevivente.

Era rico. Volterra refere-se com admiração à sua formosa baixela de prata, aos tapetes, aos livros raros. Seu palácio era magnífico.

Fora uma época — diz Colisson-Morley — em que os Cardeais tinham vida de príncipes e encaravam seus hábitos eclesiásticos como um ornamento da classe. Caçavam, jogavam, davam festas, tomavam parte em todos os divertimentos e até na licenciosidade do carnaval.

O Cardeal aproxima-se de Giovannoza di Calena e daí nasceram César, Lucrécia, Godofredo e João, mais tarde Duque de Gândia, além de outros. Resolveram arranjar para ela um marido, Doménico d'Arignano, a fim de que os filhos de Rodrigo tivessem um pai legítimo. Casou depois com outro, mas nunca negou os seus favores e a sua consideração ao Cardeal.

César, desde cedo, foi encaminhado para a Igreja, e em verdes anos já era protonotário apostólico, cónego de Valença, reitor de Gândia, arquidiácono de Sisto IV.

Fernando, o *Católico*, legitima-o, naturaliza-o.

Júlia Farnese passou a favorita de Rodrigo, sob o olhar complacente do marido.

Morrendo Sisto, Bórgia candidata-se à tiara, mas é eleito Inocêncio VIII. Por morte de Inocêncio, aspiraram à sua sucessão Ascânio Sforza e Juliano de la Rovera, mas é eleito Rodrigo Bórgia a 10 de Agosto de 1492; tinha 62 anos e tomou o nome do invencível Alexandre, a quem admirava.

Como de costume, a multidão avançou para saquear-lhe o palácio; ele, porém, prévia e prudentemente, dali retirara os bens, mas mandou distribuir alguns com os pobres.

As cerimónias foram esplêndidas. As armas dos Bórgias, em campo de ouro, ostentavam-se por toda a parte.

«A população rejubilou-se — diz o historiador — com o imponente desfile de cavalos brancos, figuras alegóricas, tapetes e pinturas, cavaleiros e fidalgos espanhóis, tropas de archeiros e cavaleiros turcos, setecentos sacerdotes, cardeais com seus belos mantos coloridos, e finalmente o próprio Alexandre, de 62 anos, porém impertigado e alto, cheio de saúde, energia e orgulho, as feições serenas e o porte majestoso.»

O novo Papa abençoava o povo.

Um protonotário apresenta em letras de ouro a inscrição: *Cesare magna fuit nunc Roma est maxima; Sextus Regnat Alexander, ille vir, iste Deus.*

«Roma foi grande sob César e é maior agora; reina Alexandre Sexto; César era um homem, ele é um deus.»

Começou com excelentes providências; visitava os presos, conseguiu extinguir os crimes. Cercavam-no, porém, muitos parentes e muitos espanhóis, e ele era amigo dos espanhóis e muito

amigo dos parentes. Deu a César o bispado de Pampeluna e de Calença e o cardinadato a um sobrinho.

Lucrécia devia casar-se com D. Cherubino, mas as núpcias abortaram e escolheram outro, Gasparo de Procida; este noivado também foi desfeito e o noivo contentou-se com uma indemnização.

Fez-se novo contrato com João Sforza. As festas foram ruidosas, dançavam pelas ruas; no banquete sentaram-se todos à mesma mesa, sendo cada cavalheiro ladeado por uma dama.

João, o Duque de Gândia, foi casar em Espanha com Maria Enríquez e levou jóias que custaram meses a fabricar.

O chapéu cardinalício dado a César desagradou o Sacro Colégio. Mas rumores e agravos foram abafados por um grande acontecimento: Colombo descobre a América; Portugal e Espanha disputam a posse das novas terras e apela-se para o Papa; ele traça então a célebre linha de demarcação: as terras a cem léguas dos Açores, a Oeste, pertenceriam à Espanha, que deveria converter os indígenas. Os direitos destes, porém, não preocuparam ninguém.

Entrementes, Godofredo esposou Sancia de Aragão e Carlos VIII prepara-se para invadir a Itália. Intentava ele restituir Nápoles à França.

Alexandre apela para o rei dos turcos, Bajazet; este em troca insinua que o Papa poderia libertar o incómodo Djem «das misérias desta vida». Djem era um irmão do sultão, aspirante ao trono turco. Além do alvitre, envia 40 mil ducados. Os ducados e o alvitre foram cair em mãos de Juliano de la Rovera, que instigara Carlos à invasão, e que, com vários Cardeais, se pôs ao lado do invasor.

A conselho dos astrólogos, o rei Carlos escolheu o último dia de 1494 para entrar em Roma.

Aproximou-se amistosamente, impondo suaves condições, mas com a invasão houve assassínios e roubos em grande escala. Alexandre teve várias síncopes, deu, por isso, várias cincas no ritual, e enfurnou-se no Castelo de Santo Ângelo.

Mas tudo acabou de bom feitio e de boas avenças, o que desapontou os inimigos do Papa.

César, para não ficar de braços cruzados, ataca e rouba a guarda suíça, que marchava na retaguarda do exército francês em retirada; ao que se dizia, vingava um furto que sofrera a progenitora.

*

Chegando o Duque de Gândia de uma viagem à Espanha, confere-lhe o Papa honras e cargos elevados. Ao dia seguinte é ele, na Missa Grande, colocado nos mais altos degraus do trono papal. E daí em diante ficou com a preeminência.

Como era belo, eloquente, simpático e popular, isto causava inveja ao irmão. Na Páscoa montou um cavalo ricamente ajaezado, e marchava com o Papa à frente, enquanto César cavalgava atrás entre os Cardeais.

O Papa forma uma Legião Sagrada, organiza um exército e distingue-o, colocando-o à frente das forças invasoras. Tinha ele por mira reconquistar as fortalezas de Orsini. Mas João, sem pendores nem conhecimentos militares, é derrotado em Soriano, e César consegue raspar-se graças às pernas do cavalo.

Não parou a ascendência de Gândia. Confirmam-lhe os direitos sobre o Ducado de Benevente, e assim poderia aspirar ao trono de Nápoles.

Exultando com o êxito dos filhos, a Vannoza convida-os a cear com ela. Sentia-se feliz, vendo-os à mesa, perto do seio materno. Nesse instante, um mascarado chega-se a Gândia e diz-lhe algo ao ouvido.

Saem juntos os irmãos, acompanhados de poucos serviçais, e separam-se perto de um palácio do pai. Gândia diz a César, sorrindo, que iria encontrar-se com uma dama. Despediu o único criado que o acompanhava e desapareceu por um caminho escuro. Viam-se por ali uns sujeitos mal encarados, o que não era de estranhar.

O Duque não voltou mais.

Alarma-se o Papa e cai em grande acabrunhamento. A polícia investiga em vão, até que um George Schiavone declara ter visto dois homens saindo daquele local por onde se dirigira o Duque; depois vieram outros dois, e finalmente alguém a cavalo, com um corpo de homem atravessado no animal. Este chega à beira do rio e atira o defunto. O cavaleiro indagou se o cadáver mergulhara, e como lhe dissessem que sim, ordenou que lhe afundassem a capa que ainda flutuava, e retirou-se tranquilo.

Quando perguntaram à testemunha porque nada dissera, respondeu que era costume jogarem no rio centenas de mortos sem que ninguém se inquietasse com isso.

Dragado o rio, encontraram o corpo do Duque com oito feridas na garganta, mas com as luvas e ducados no bolso, donde se inferiu que o assassínio não fora obra de ladrões.

Apesar do grande desgosto que avassalava o Papa, abafa-se o inquérito: ele soubera quem foi o matador.

Ali estava, diz Bracci, a marca de César: pronto, silencioso, impiedoso.

Refere Sanudo que começaram a perceber-se «fenómenos sobrenaturais»: Um sacerdote é acordado em sobressalto, no Vaticano, por ter percebido grandes ruídos, do mesmo passo que tochas acesas se moviam de um ponto a outro sem que ninguém as empunhasse. Mais tarde, uma voz terrível, que se ouviu ao longe, ecoou pelo Palácio. Tudo foi atribuído ao Duque de Gândia; houve quem o visse.

(a concluir)

Aos assinantes de Angola

Em virtude de não podermos fazer cobranças de assinaturas na província de Angola, pedimos aos prezados assinantes o favor de nos remeterem as respectivas importâncias em cheque bancário, visto o Banco Nacional Ultramarino concedê-lo até 100$00, sem obrigatoridade de justificação. Continuamos, porém, a atender todas as encomendas de livros. Desde já agradecemos este obséquio.

A MORTE NÃO EXISTE

Por Henri Biquet

(Presidente da Federação Espirita de Liège)

I

O homem é um ser mortal ou imortal?

Eis uma pergunta muito grave e complexa que se faz com frequência e que parece secundária a alguns indivíduos que se contentam com a sua vida animal.

No fundo a pergunta é essencial a todos os que reflectem e é mais importante ainda para os que amam e que têm medo de ver extinguir-se ràpidamente toda a afeição que nutriram e mantiveram aos entes que lhes são queridos.

A meu ver é porque falta vontade aos homens que dizem erradamente: «Outros que procurem a verdade por nós». *Grave erro...* pois, como dizia muito bem Camille Flammarion: *O homem não deveria ser crédulo, nem incrédulo. A credulidade, sem espírito crítico, produz ilusão e mentira. A incredulidade preconcebida cega a alma e encerra-a numa casca de noz. Num caso ou noutro há uma espécie de anemia mental e pergunta-se como é que o ser humano, cuja essência é pensar, cai num ou noutro extremo. É este, portanto, o caso geral.*

Entretanto, nenhum problema é mais importante que o da nossa natureza espiritual.

Se retomarmos o desenvolvimento histórico verificaremos que os homens têm sido, não só pouco encorajados, mas também refreados na investigação do seu verdadeiro destino. A Ciência emitiu a famosa fórmula: «Nunca encontrei a alma sob o escalpelo; portanto, a alma não existe. Se o corpo morre, o homem morre completamente».

Apesar destas declarações nota-se um certo movimento de reacção, através do qual esta ciência parece espiritualizar-se em teoria, tanto assim que os sábios reduziram tudo ao lado material da questão, recusando-se a reconhecer o lado psíquico. Assim, a sua ciência não evoluirá.

Vejamos agora a religião.

Se lhe perguntarmos se o ser humano é imortal, a resposta será que é, por ser composto de alma imperecível e de um corpo que morrerá temporàriamente, pois que a ressurreição deve reconstituí-lo na sua integridade.

Se lhe pedirmos a prova responde-nos:

— A prova! Não há prova; é um dogma que não admite discussão.

A imortalidade da alma pode compreender-se, mas a ressurreição do corpo material, isto é, da carne, segundo a própria expressão do dogma, não se compreende. *Quem quer provar muito, não prova nada.*

A ressurreição da carne é duma impossibilidade absoluta.

Além disso, a religião admite primeiramente, lògicamente, que a ressurreção seria a do corpo fluídico, deixando voluntàriamente cair esta no esquecimento para inscrever depois no seu credo o artigo da *Ressurreição da Carne.*

*

Já disse que a questão da Imortalidade era muito importante para os que sabem reflectir e que são os que perguntaram se a Igreja não se enganava na sua teoria da Ressurreição da Carne.

Foi neste momento que a loucura do niilismo, que durou pelo menos dois séculos, fez estragos em toda a Europa Ocidental e afastou progressivamente da Igreja esses povos que a Idade Média vira impregnados duma fé ardente nos dogmas católicos.

Mas «o Espírito de *Verdade* sopra *onde quer* e *quando quer*».

Foi no século passado que surgiu o cérebro escolhido para orientar os homens e conduzí-los aos mais altos destinos.

Esse homem foi *Allan Kardec,* um grande benfeitor.

Allan Kardec (Denizard Rivail), natural de Lyon, fez brilhantes estudos. Falava seis línguas. Era formado em ciências e em letras.

Iniciado no magnetismo aos 19 anos, só aos cinquenta (1854) ouviu falar das mesas girantes.

Céptico e prudente em extremo, observou escrupulosamente os factos e tirou deles esta primeira reflexão de valor:

Sob estas futilidades aparentes e uma espécie de jogo que se fez destes fenómenos entrevejo alguma coisa de sério e uma nova lei que prometo aprofundar.

E acrescenta, ainda:

Nestes fenómenos entrevi a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, ou seja a solução de tudo o que procurara durante a minha vida.

Em 1861, Allan Kardec publica o «Livro dos Médiuns». Em 1862, «O Espiritismo na Sua mais Simples Expressão». Em 1864, «O Evangelho Segundo o Espiritismo». Em 1865, «O Céu e o Inferno». Em 1868, «A Génese».

Em 31 de Março de 1869, com 65 anos e em pleno trabalho, Allan Kardec reentrava na vida espiritual e a sua obra completava a do Cristo.

A sua missão era fazer compreender aos homens o que não tinham ainda compreendido: sem a Virtude e sem o Amor, o Espírito não pode conhecer as puras alegrias que Deus reserva a todas as suas criaturas.

No que me respeita — e numerosos são os que pensam como eu — saúdo nele o Homem de Bem que me aconselhou a seguir a minha razão em todas as circunstâncias, a qual me inculcou o

espírito crítico em matéria de Espiritismo, que me esclareceu acerca dos perigos do fanatismo e do sectarismo, que me ensinou a libertar-me do dogmatismo e da autoridade religiosa. Foi nos seus escritos que eu encontrei tudo isto.

Em conclusão da primeira parte desta exposição, vou citar uma página de Léon Denis:

Em certas épocas da História aparecem no mundo correntes de ideias que arrancam a humanidade do seu torpor. Sopros do alto levantam a grande mole humana e, para eles, as verdades esquecidas na noite dos tempos saem da sombra.

Estas verdades surgem das silenciosas profundezas, onde jazem os tesouros das forças ocultas, onde se combinam os elementos renovadores, onde se elabora a obra misteriosa e divina.

Manifestam-se sob formas inesperadas; reaparecem e revivem. Desconhecidas e escarnecidas pela multidão, prosseguem impassíveis e serenas no seu caminho.

Um dia teremos de reconhecer que tais verdades desdenhadas ofereciam o pão da vida, a luz da esperança a todas as almas sofredoras e desgraçadas que nos traziam novos ensinamentos e um meio de elevar a moral.

Esta é a situação do Espiritualismo Moderno, em que renascem tantas verdades veladas há séculos.

Nele se resumem as crenças dos sábios e dos iniciados antigos, a fé dos primeiros cristãos e a dos nossos pais, os Celtas.

O Espiritualismo Moderno reaparece sob formas mais poderosas, para dirigir uma fase nova e ascendente da marcha da Humanidade.

*

Confesso que a pergunta que vou fazer e à qual responderei, deriva duma análise que eu e o meu irmão Achille fizemos durante as nossas conversações espiritas.

Estou satisfeito por ter encontrado nos seus arquivos algumas notas que me permitem dizer o que ele pensava a respeito.

TERÁ O ESPIRITISMO RAZÃO DE SER?

Eis a pergunta que faço.

Sim..., porque prova a existência da alma, a sua preexistência e a sua sobrevivência ao corpo, a evolução do ser e a possibilidade de entrar em relação com os falecidos.

Espero que as considerações filosóficas derivadas da observação de factos ocasionem consequências morais de grande importância.

Simples apreciação pessoal e afirmação gratuita sem qualquer prova evidente, dirão os céptticos, os materialistas e alguns espiritualistas.

Mas enganam-se. Enganam-se, porque não se deram ao trabalho de experimentar para conhecer a realidade dos fenómenos. Eles próprios não puderam apreciar a beleza dos ensinamentos que lhes foram transmitidos.

Mas digo também que, se o Espiritismo se limitasse à evocação dos espíritos, como motivo de divertimento frívolo, seria melhor que não existisse.

Que querem? Tudo na terra tem lado bom e mau. Depende do uso que se lhe der.

Não confundam o Espiritismo com as ledoras da *buena dicha*, os cartomantes e todos os que se servem desta ciência, como trampolim de fins utilitaristas.

O verdadeiro espiritismo, o que nós praticamos e que foi praticado pelos nossos antecessores e por ilustres sábios, consiste na observação dos factos, a fim de deduzir as leis naturais e de retirar deles os ensinamentos filosóficos que contêm.

*

Para justificar a razão de ser do Espiritismo devemos encará-lo sob dois aspectos:

No domínio da ciência, o Espiritismo demonstra que existe outra coisa além da matéria palpável e que alguns seres vivem em condições diferentes das nossas, fora do que nos é revelado pelos nossos sentidos físicos, quer dizer, vivendo num mundo transcendental.

Por conseguinte, o Espiritismo reduz a nada as teorias falaciosas do materialismo, origem de grandes males e o pior flagelo da humanidade.

O materialismo não leva o Homem a prazeres grosseiros e materiais, nunca saciados, que o arrastam a necessidades imoderadas? Por outro lado, desprezando a personalidade humana, assume grande responsabilidade nos conflitos sangrentos.

Como ciência, o Espiritismo tem uma função considerável a desempenhar em todos os homens de bom senso. Tem, pois, a sua razão de ser.

No domínio da filosofia, vejamos os pontos essenciais que o caracterizam.

A doutrina espirita não tem dogmas nem impõe crença alguma. É sempre perfectível e evita as generalizações apressadas, restringindo-se apenas à propagação de pontos bem estabelecidos, entre os quais salientamos os seguintes:

Só a Lei de Amor é lei de *Deus*.

Esta lei de amor chama-se Tolerância, Caridade e Solidariedade. daí resulta que o Espiritismo não é contra religião alguma e que os seus adeptos respeitam as convicções do próximo.

A felicidade, recompensa do ser, que adquiriu todas as virtudes e a sabedoria, não reside na contemplação da Divindade, mas na junção do bem e do belo.

Deus criou o ser simples e ignorante. Este passa pelos reinos mineral, vegetal, animal e humano, em organismos cada vez mais perfeitos, até atingir certo grau de evolução. Os sofrimentos que suporta são consequência de seus erros e as suas lutas contribuem para desenvolver a sua inteligência e o seu conhecimento.

Portanto os trabalhos e os sofrimentos permitem enriquecer a individualidade pensante com os mais belos atributos, aumentando-lhe as faculdades morais, intelectuais, afectivas e sensitivas.

Seria, pois, incompreensível julgar que uma única existência bastasse para adquirir os conhecimentos e as qualidades indispensáveis. É por essas razões que o homem vem muitas vezes à terra.

O universo não é apenas circunscrito ao nosso planeta. É constituído por numerosos sóis e planetas, nos quais o ser evoluciona em meios cada vez mais perfeitos.

Assim, não há penas eternas. Todos chegaremos à felicidade pelos nossos próprios esforços, numa grande série de encarnações e desencarnações.

O Homem compõe-se de alma e corpo.

A morte é apenas a destruição do corpo. A alma (ou espírito) sobrevive e passa certo tempo

A INDIVIDUALIDADE

Poucos são os que advertem a grande força que envolve a afirmação incessante das condições que desejamos estabelecer.

Tudo o que se manifesta no mundo das acções teve existência prévia on mundo das ideias.

É lei da criação.

O que denominamos auto-sugestão é um dos agentes mais eficazes da evolução construtiva da mente e através de sucessivas afirmações individuais podemos vigorizar a mente à semelhança do exercício físico, no rebustecimento da musculatura.

A palavra falada tem um poder misterioso, muito superior à palavra escrita.

A expressão oral de uma ideia influi mais intensamente na memória e, sobretudo, na superconsciência, porque se exerce em nós como activa levedura que movimenta os necessários elementos psíquicos para ligar os nossos anseios à realidade dos factos.

O solilóquio ou exame moral da consciência é um dos mais eficazes meios de aperfeiçoar o carácter, execrando os vícios e exaltando as virtudes, como se exortássemos uma segunda pessoa.

O tímido, por exemplo, deve negar em voz alta a sua cobardia e afirmar o seu valor até à ousadia, sem cair na temeridade. Deve assumir a atitude vitoriosa do herói e afirmar com veemência que é senhor de valentia indomável. Deve negar-se a toda a debilidade, fraqueza ou efeito que possa provocar-lhe obstáculos na sua vida social e insistir na afirmação das qualidades virtuosas. Se o fizer com sinceridade verá como, depois do solilóquio, equivalente a uma autoconfissão acompanhada de elevados propósitos, aumentará a sua força com novos brios, a fim de perseverar eficazmente na sua resolução.

ORISON S. MARDEN

no espaço, antes de reentrar na matéria de que necessita.

Durante a sua permanência na terra pode libertar-se, momentâneamente, da sua prisão de carne, voltar ao mundo espiritual e contar o que lá vê ou sente. Por outro lado, as almas desencarnadas podem às vezes comunicar com os homens; assim, é possível a comunicação entre vivos e mortos.

*

Este resumo muito sucinto da doutrina espirita permite fazer uma ideia das consequências morais que pode ter no futuro do Mundo.

Ora, sendo a responsabilidade individual e as recompensas uma simples função dos méritos adquiridos através de boas acções, o homem deve libertar-se de todos os dogmatismos impostos por crenças irracionais, usar do livre-arbítrio e admitir apenas o que a razão aceita à luz da lei do amor.

Deste modo, a doutrina espirita substitui, pela *convicção raciocinada*, as crenças que lhe são impostas.

O conhecimento das vidas sucessivas em condições diversíssimas conduzirá ao mais profundo desprezo pelas divisões arbitrárias da sociedade e fará desaparecer os preconceitos de castas, religiões, raças e fronteiras.

Consciente do porquê da vida, não é pelo temor ao demónio e aos suplícios eternos, que o homem procede, mas com confiança no seu destino. É para a luz espiritual que ele dirige os seus passos de homem livre. Sabe que forja o seu próprio futuro e que as suas faltas só lhe serão perdoadas depois da reparação e estacionamento em encarnações inferiores e não pela graça de um sacramento.

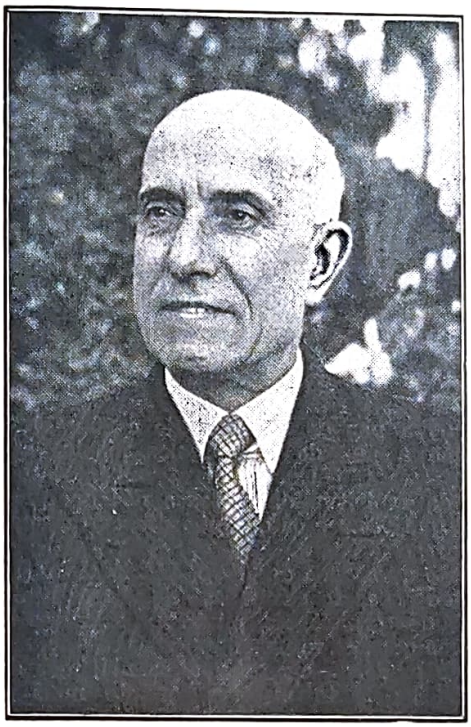
A nossa vida actual é a consequência directa, inevitável, das nossas vidas passadas, como a nossa vida futura será o resultado das nossas acções presentes.

A doutrina espirita explica as desigualdades humanas do ponto de vista da inteligência, da consciência e do coração, desigualdades que nem a hereditariedade, nem a influência do meio, nem as grandes religiões explicam suficientemente.

Explica ainda a necessidade do trabalho pessoal e necessidade de cultivar, sobretudo, as nossas faculdades intelectuais e afectivas, afastando-nos ao máximo das sujeições materiais.

(De «Spiritualisme Moderne», de Liège)

CORONEL FAURE DA ROSA



Foi a 8 de Novembro de 1950, há portanto, dez anos e parece que foi ontem! E desde então fomos privados da companhia de um grande amigo e leal companheiro de lides espiritas que recordamos com muita saudade.

O coronel Faure da Rosa pertenceu à velha-guarda do Espiritismo Português.

Conferencista e publicista distinto, a sua palavra e a sua pena lançaram muita luz, esclarecendo muitas almas. Como presidente da Federação Espirita Portuguesa, director da *Revista de Espiritismo* e da *Revista de Metapsicologia*, grande colaborador de *Estudos Psíquicos*, cumpriu brilhantemente a sua missão, reunindo a família espirita, quase criando nessa época um período áureo no Espiritismo Português.

Incansável lutador, pelejou até que os seus olhos se cerraram para este mundo. Recordamos com saudade a memória deste grande obreiro da Seara Espirita e apontamo-lo às gerações novas, como exemplo de missionário e adepto fervoroso dos princípios de Kardec.

As suas atitudes notabilizaram-se pela tolerância. Congraçar era o seu principal objectivo. Algumas vezes o vimos de lágrimas nos olhos por não poder limar certas arestas que impediam a união entre obreiros da mesma seara. Nesses momentos confragia-se-lhe o coração e sofria a bom sofrer.

Tanto que o animámos, quando o escarcéu rugia à sua volta! Ele, que embranquecera em campanhas de África, onde exerceu acção meritória, era agora joguete dos homens. Nada mais que joguete dos homens.

Nunca o vimos atacar quem quer que fosse. Mas enfrentava com aprumo os adversários da Causa, sobretudo aqueles que esgrimiam armas desleais.

A sua notável conferência no Cinema Condes de resposta a Pierre Goemaère, que levianamente atacara o Espiritismo foi um acontecimento sensacional. *Estudos Psíquicos* orgulha-se de a ter promovido.

Os últimos anos da sua vida terrena dedicou-os a colaborar connosco em camaradagem incessante e a sua palavra amiga foi estímulo em horas amargas. E por isso não o esquecemos, não podemos esquecê-lo.

Nesta hora de saudade, as nossas vibrações de amizade decerto encontrarão o amplexo espiritual do nosso dedicado companheiro de Ideal que, nos planos mais altos e subtis onde agora permanece, continua a sua obra benemérita em prol da evolução espiritual da humanidade para a Paz e a Solidariedade universal.

E. Psiq. - Nov/60

A CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS E OS CEGOS ESPIRITAS DO BRASIL

Conferência realizada pelo Marechal Mário Travassos, redactor-correspondente de Estudos Psíquicos, *no Rio de Janeiro, na segunda concentração de Cruzados da VII SEMANA MAURÍCIA, dedicada pela CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS às instituições espiritas de cegos e considerada pela Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille e pelo Grémio Espirita Estrela de Belém a* «oportunidade justa» *para o lançamento do I CONGRESSO DE CEGOS ESPIRITAS a reunir-se no Rio de Janeiro a 18 de Abril de 1962.*

Que a paz do Senhor sejo connosco!

Que a paz do Mestre nos inspire a todos, nesse instante em que confraternizamos, no plano alto da espiritualidade, todos nós aqui reunidos — os que *vêem* e os que não *vêem* — conclamados pelo mesmo anseio de *ver* com os *olhos do espírito* a verdade da *TERCEIRA REVELAÇÃO*.

Que Jesus se compadeça de nossas limitações, mentais e espirituais, muito mais graves do que aquelas que nos atormentam fisicamente, em cada um de modo ou em grau diferente, mas de consequências tanto maiores, quanto mais imperfeitos sejam os nossos *olhos de ver* — aqueles olhos de que nos fala Jesus em sua pregação.

★

Não é esta a primeira vez que se apresentam fraternalmente, de mãos dadas, a *SPLEB* e o *Grémio Espirita Estrela de Belém*, ou melhor dito, os que *fazem* e os que *lêem* o *LIVRO ESPIRITA EM BRAILLE*, como se poderia dizer para dar ao cometimento uma expressão de universalidade.

Nunca, porém, se encontraram essas duas *instituições espiritas de cegos* convocadas por outra instituição, como o fez a *Cruzada dos Militares Espiritas*, ao incluir, no calendário da *VII SEMANA MAURÍCIA*, esta oportunidade para estreitar, num só amplexo, cegos e videntes kardecistas.

Daí a minha profunda emoção ao receber, como um dos vice-presidentes da CRUZADA, o encargo de ocupar sua tribuna, nesta noite, de si mesma memorável!

★

As investigações que têm sido feitas em torno do *LIVRO ESPIRITA EM BRAILLE* podem revelar o verdadeiro sentido dessa iniciativa da *Cruzada dos Militares Espiritas*, do mesmo modo que já tem demonstrado o acerto estatutário que fez da *SPLEB* — a que procuro humildemente servir, como seu presidente — uma sociedade mista de cegos e videntes.

A conclusão a que se tem chegado, invariàvelmente, é que, do ponto de vista espiritual — os que *vêem* e os que não *vêem* — são, como duas metades, os dois hemisférios de um mesmo sólido esferoidal, de tal modo se ajustam e se completam conforme os postulados da lei da compensação.

★

Realmente, HAÜY — o primeiro que pensou a sério numa escrita para cegos — era vidente e se inspirou num episódio em que um cego reconhecera pelo tacto o valor da moeda que lhe dera. Braille era cego, mas valeu-se de um vidente para identificar textos em tinta, depois de transcritos para o *Braille*, ao serem lidos pór seus próprios dedos.

As primeiras transcrições de textos espiritas para o *Braille*, no Brasil, são devidas a duas cegas: Balbina de Morais, grande trabalhadora da seara do Mestre, e Benedita Melo, inspirada poetiza, cujos versos espiritualizam todas as coisas, e a duas videntes: Júlia Pêgo Amorim e Engrácia Ferreira.

Duas delas — Balbina de Morais (cega) e Engrácia Ferreira (vidente) já desencarnaram, após luminosa trajectória na Terra. O outro par de pioneiras — Benedita Melo, professora do I. B. C., ainda continua a fazer seus belos versos, e Júlia Pêgo Amorim é dedicada transcritora da *SPLEB* e sua sócia benemérita. Sempre as duplas de cegos e videntes. O Instituto Benjamin Constant nasceu das aulas particulares que Álvares de Azevedo, poeta recém-chegado da Europa, ministrava a uma filhinha cega de Xavier Sigaud, médico do Paço Imperial e inspirador de Pedro de Alcântara na fundação do Imperial Instituto de Meninos Cegos.

Quando a *SPLEB* procurou um título para sua Revista, fundiu em um só os nomes de Kardec, o Codificador do Espiritismo — a Doutrina dos Espíritos — e de Braille, o criador da escrita que se lê com os dedos, do que ressalta a intenção de significar o consórcio de ambas as obras desses missionários.

Sòmente tempo depois, e por assim dizer acidentalmente, foi que se evidenciou o facto de que no título *KARDEBRAILE* se fundiram, também, os nomes de um vidente e um cego.

★

Esta sorte de convergência espiritual que hoje se realiza das instituições espiritas de cegos e da *Cruzada dos Militares Espiritas*, torna-se assim como um encontro marcado, um lugar e momento certos, por sem dúvida guiados todos ainda pela luminosidade da Estrela de Belém, aquela mesma que orientou os três Reis Magos e agora orienta os passos do Grémio Espirita

que traz o seu nome e reúne sob seu feixe de luz os alunos espiritas do *Instituto Benjamin Constant;* essa mesma luz que vem de inspirar o fraternal amplexo com que a *Cruzada dos Militares Espiritas* — instituição espirita de âmbito nacional — integra os cegos espiritas do Brasil em suas fileiras como outros tantos Cruzados — quem sabe se dos tempos da *Legião Tebana* — ao mando do Capitão Maurício, ainda uma vez reencarnados e aqui presentes.

★

A essa altura, alguns aspectos da transcendente significação devem ser lembrados. Um deles seria o maravilhoso contraste de num corpo discente de cegos e ambliopes, como é o do *Instituto Benjamin Constant*, ter sido eleito o nome da maior fonte de luz de todos os tempos, para baptismo do Grémio Espirita que fundaram, há quase um lustro, e vêm mantendo em contínua e crescente actividade, os alunos espiritas daquele educandário. O *Dia de Oração* no Instituto Benjamin Constant é a mais recente iniciativa de ordem espiritual de vida ao Grémio Espirita Estrela de Belém, como a expressão de sua força, e de tal ordem elevada, que mereceu o apoio das demais agremiações religiosas do Instituto. No glorioso dia 7 de Setembro, às dezoito horas, todos os religiosos do Instituto, pela primeira vez, ergueram simultâneamente suas preces e seus hinos em louvor do Senhor, pela paz e prosperidade do Instituto e da humanidade inteira.

Outro daqueles aspectos seria haver nascido o *Estrela de Belém* em função da *SPLEB*, como provam os numerosos elementos comuns a essas duas instituições. Na verdade a *SPLEB* precedeu de quase quatro anos o aparecimento no plano físico do *Estrela de Belém*, precisamente o tempo em que se firmava sua força de projecção nos meios espiritas do Brasil e também nos círculos espiritas de Além-Mar, em Portugal com Isidoro Duarte Santos nas páginas de *Estudos Psíquicos* e na Inglaterra por meio do noticiário de *Two Worlds*, de Londres.

★

Ainda há a registar dentre aqueles aspectos, o inconteste interesse que o Braille — como sistema de escrita — vem despertando, depois de veículado pela *SEMANA DO LIVRO ESPIRITA EM BRAILLE*, certame da iniciativa da *SPLEB*, com a cooperação do *Estrela de Belém*, lançada em 1958 e anualmente repetida no mês de Julho. Os Cursos Balbina de Morais (da *SPLEB*) já diplomaram três pequenas turmas de videntes como transcritores de textos em tinta para o *Braille* ou instrutores volantes, movimento espontâneo que se alastra e começa a interessar a produção de textos didácticos em *Braille* para uso de estudantes cegos de institutos comuns de ensino.

★

Nessa ordem de ideias tem relevo especial, porém, o apoio do Alto, várias vezes demonstrado por factos e coincidências, por mensagens psicográficas e psicofónicas e até por «acasos» desses que nós espiritas pomos entre aspas, o apoio do Alto ao cometimento de ordem espiritual que representa a projecção no plano visível, de organizações elaboradas no plano invisível, com as finalidades que irmanam a *SPLEB* e o *Estrela de Belém*.

A mais incisiva das provas desse apoio do Alto, têmo-la hoje aqui, nesta noite memorável em que os cegos espiritas tomam parte em um dos sete banquetes espirituais promovidos pela *Cruzada dos Militares Espiritas* e que integram a *VII SEMANA MAURÍCIA*, com a graça de Deus, nosso Pai e Senhor.

Para bem compreendermos, senão mesmo sentirmos, a significação dessa radiante constelação de factos espirituais, seria bom situássemos no *tempo* sua evolução, através das acções e reacções causadas pelo Humanismo e a Tecnologia, algures e em terras de Santa Cruz.

Como sabemos, o século dezanove tornou-se fabuloso pelo início da chamada Revolução Industrial, com a invenção da máquina a vapor e a quase totalidade das descobertas e invenções básicas às pesquisas científicas e realizações tecnológicas desse não menos fabuloso século vinte, que estamos angustiadamente vivendo, marcado que é pela pluralidade de combustíveis sólidos e líquidos, sem os quais não circulariam as *astronaves* e pela libertação da energia nuclear, capaz de, por sua só aplicação pacífica ao quotidiano, causar decisiva transformação na vida planetária.

Em consequência daquelas suas características germinaram no século dezanove as teorias mecanicistas no terreno filosófico e a doutrina positivista de Augusto Comte, admirável concepção materialista da vida, a um tempo filosófica e política, científica e social e forja de impolutos varões, de imaculada moral.

★

Em compensação, dessas compensações que só se explicam pela infinita misericórdia de Deus, foi também no século dezanove que amadureceram os frutos da Revolução Francesa, ao calor da declaração dos direitos do Homem sob a resplendente trilogia de *LIBERDADE, IGUALDADE*, e *FRATERNIDADE;* que surgiram movimentos, por assim dizer de ordem cósmica, porque de sentido universalista, consubstanciados no *Esperanto* como língua internacional; no Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, em seu tríplice aspecto filosófico, científico e religioso e assim destinado a promover a convergência acelerada da *Ciência* e da *Fé*, até que se integrem na UNIDADE, completa e definitivamente, e na escrita *Braille*, como divino recurso para recuperação da imensa reserva humana representada por centenas e milhares de criaturas privadas da visão material.

★

No quadro dessas compensações é que o século dezanove presenteou à Terra de Santa Cruz com a *Abertura dos Portos* e a *Independência Política*, com a *Abolição da Escravatura* e a *Proclamação da República*, após haver propiciado a trasladação da *Corte Portuguesa* para o Rio de Janeiro, temporàriamente, mas por demais frutuosa, se vista do ângulo cultural, como todos o sabemos e ainda o atestam os monumentos que são a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes, o Museu da Quinta da Boa-Vista e o Liceu de Artes e Ofícios.

Foi assim que se criaram as condições para

que nós, brasileiros, tomássemos consciência dos destinos de nossa terra — o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

★

Sòmente depois dessas conquistas de ordem político-social, sem que desprezássemos suas implicações culturais e espirituais, sòmente depois de nos estruturarmos *humanìsticamente* é que se daria no Brasil a eclosão da Revolução Industrial, com atraso de mais de um século, o que de certo modo explica o *açodamento* com que nos lançámos nos domínios da tecnologia, que vemos em sua fase actual sob o signo *desenvolvimentista*.

Essa tendência preferencial pelo humanismo em relação ao tecnológico, eis o traço fundamental da civilização brasileira.

★

A incompreensão da feição transcendental de tais factos, aliás, é que fez lançássemos contra nós próprios o opróbrio do subdesenvolvimento, porque só referido ao *estalão económico* de povos que seguiram por outros caminhos, palmilhando outras terras, bem mais amenas em razão de factores ecológicos, melhor disciplinados pelas latitudes e, acima e antes de tudo, sem que lhe abrasassem a alma e o coração a missão caldeadora das três raças básicas que constituem o lastro antropológico de nossa gente, em verdade a maior das riquezas de nossa terra.

É que nos esquecíamos dos demais factores que condicionam o *subdesenvolvimento*, em seu mais amplo sentido, e que nos são altamente favoráveis, como sejam a índole cristã de nossa gente, a sua indiscutível vocação espiritualista e sua invulgar aptidão mental e mística para o conhecimento da Doutrina dos Espíritos e a prática do fenómeno espirita, ou melhor, do mediunismo.

Esses factos de ordem imponderável é que impediram a vitória sobre nós de numerosas tentativas colonialistas, pacíficas ou à mão armada; que plasmaram o relevo de nossa cooperação com as chamadas grandes potências, na elaboração dos mais avançados institutos internacionais; que inspiraram nossa *participação desinteressada* e no momento mais perigoso, em duas guerras mundiais; que forjaram os cadinhos educacionais que fizeram o povo brasileiro conhecido por sua hospitalidade, pela generosidade de suas atitudes, por sua irresistível vocação cristã.

★

Hoje, despertados para a Revolução Industrial, começamos a fazer nossos automóveis, caminhões, tractores e navios; a realizar prodígios de beleza e segurança na construção civil, como nos dão conta a nova Capital e suas gigantescas vias de acesso; a executar dos mais elementares aos mais audaciosos modelos de material eléctrico e a nos iniciarmos na construção de reactores atómicos.

Em consequência, começam a surgir, ao lado da mão de obra especializada, cientistas e experimentadores, e com eles a atitude de pesquisa que hoje domina nossas actividades de povo livre e espiritualista.

É quando vem à luz a obra do Engenheiro Hernani Guimarães Andrade, «A Teoria Corpuscular do Espírito», estabelecendo, cientìficamente, sob o signo da Térmodinâmica e da Biologia, as possíveis analogias entre o *átomo da matéria* e o *átomo do espírito*, inspirando-se no dizer dos acessores espirituais de Kardec: «se o espírito foi criado deve ser alguma coisa» e em textos de *André Luís* extraídos dos livros «Missionários da Luz», «Nos Domínios da Mediunidade» e «Entre a Terra e o Céu», psicografados por Chico Xavier.

É quando *André Luiz* dita, alternadamente, a Chico Xavier em Pedro Leopoldo e Valdo Vieira em Uberaba, «Evolução em Dois Mundos», com base na Biologia e na Genética, alargando os horizontes da foto-síntese. É quando já se admitem oficialmente a psico-somática nos currículos médicos e a metapsíquica e a parapsicologia abrem caminho às mentes mais endurecidas para as alentadas perspectivas da espiritualidade. É quando o *Esperanto* e o sistema *Braille* se alastram entre nós confortadoramente e toma vulto o interesse generalizado por sua aprendizagem. É quando, por meio de oportunidades como a dessa noite memorável, todos ficam sabendo que, além de cegos espiritas, já há em nosso país instituições espiritas de cegos.

Louvado seja Deus!

★

Muitas vezes temos nós, da *SPLEB* e do *Estrela de Belém*, meditado sobre o conjunto dos factos até aqui referidos, principalmente sobre as razões de sua generalização, bem como da força de penetração de suas implicações, espirituais e culturais, tão afins com o *processus* da Civilização Brasileira.

Quer parecer-nos se trate da mobilização de centenas e centenas de milhares de espíritos encarnados, sem que disponham do sentido da visão, destinados, por isso mesmo, à grande batalha de fim de ciclo, cujo início já se faz notório, mas cuja evolução, até que atinja seu *climax*, ninguém sabe em que ritmo se dará.

Em verdade, a cegueira física é das limitações materiais, e, muito justamente, das que mais impressionam o homem. Ouvir de uma criatura cega conceitos que exprimam a compreensão espiritual de seu estado, vale, como factor de convicção, mais do que quaisquer recursos dialéticos. No dia em que for apreciável o número de pregadores cegos do Evangelho de Jesus, de muito será beneficiada a seara cristã, principalmente se estes virem os ensinamentos do Mestre através das vidas sucessivas da reencarnação, regida pela lei de casualidade; se a apreciarem do ângulo dos múltiplos mundos habitados e se forem medianeiros entre o mundo visível e o invisível, em poucas palavras, se esses pregadores cegos forem *espiritas*.

Quanto mais mergulhamos nessas conjecturas, mais nítidas se mostram aos nossos espíritos as figuras de Zamenhof, Braille e Kardec — os três grandes missionários cósmicos, cujas obras se entrelaçam no tear maravilhoso da contemporaneidade.

Muitas são as interrogações que assaltam os nossos espíritos, em escala ascendente até se perderem nas regiões ignotas do infinito, diante da generalização dos factos e da penetração de seus efeitos, em particular diante do crescente interesse

TESTEMUNHO

A primeira coisa que se deseja ao desencarnar é o testemunho cabal da sobrevivência. Porque a dúvida persiste sempre nuns e noutros. Persiste nos que partem embalados em sonho e nos que ficam em dor que a separação origina. Os primeiros não têm consciência do transe que vivem. Obnubilam-se os sentidos, amortecem as faculdades e o resto é marasmo que ninguém entende. Ninguém o pode entender. Seria preciso senti-lo e analisá-lo. Como poderemos analisar o incognoscível? Como poderíamos seguir a trajectória de um fenómeno sem instrumentos de observação?

Os segundos sofrem de outro modo. Sofrem conscientemente. Habituados ao convívio criaram raízes afectivas que os ligaram. E sofrem na separação inexorável. Partiu-se um elo da cadeia e julgam que tudo se extinguiu. Não é dor física o que sentem. É misto de ignorância e de pavor. Chegam a crer que o ser acompanha o organismo físico na desagregação ou que asfixiará na sepultura, sofrendo horrores indescritíveis. Mas a maior dor é quando voltam a casa e contemplam o cenário que os envolve. Cada objecto aviva ainda mais a ausência de quem abandonou a carne e que pode estar ali a assistir ao pranto, sem forças para remediá-lo ou evitá-lo.

O testemunho seria bom que pudesse surgir nesse momento para aliviar e tranquilizar, dizendo «estou aqui mais vivo e mais leve, sem doença alguma» ou «não chorem, que o choro perturba as almas». Sim, dizendo qualquer coisa animadora e consoladora, de forma que os entes queridos não aumentassem o negro do cenário. Seria bom que se pudesse erguer o véu e que todos vissem o que há no sector a que nos destinamos.

O testemunho é alívio moral. E um prémio para quem o vive. Eu pude vivê-lo no dia do trespasse. Que alegria se apoderou de mim nesse instante! Soube que me ouviram e entenderam, soube que rejubilaram com a minha presença e eu fiquei mais tranquila. Acompanhei-os, procurando consolá-los, e assisti a muitas coisas que não quero relembrar, porque me perturbaram. Agora só procuro motivos de alegria espiritual. O choque *pertence à história da vida terrena e não quero relembrá-lo.*

O que digo é testemunho, é depoimento. A maior parte das nossas mensagens são lidas curiosamente. Esperam algo de novo que os elucide a respeito do Além, que olham com receio.

O testemunho é breve e nebuloso, como a distância que separa dois estádios vibratórios: o nosso e o vosso. Não se trata de distância geográfica. É coisa diferente. Exerce-se a vontade e a resistência vai desaparecendo. Sentimo-nos aproximar de alguém que distinguimos entre mil, até que se dá o encontro cheio de oscilações, porque a matéria orgânica dificulta a ligação dos psiquismos. A energia liberta tem amplitudes que não existem na energia condensada. Assim, numerosas mensagens são desvirtuadas e os próprios comunicantes ignoram se foram compreendidos...

(Excerto de um livro inédito de LIA)

que o *Braille* desperta entre os que vêem. Será que a ausência da visão virá a ser o trauma físico da mudança de ciclo? Será que o *Braille* deverá ser, então, a escrita de quase todos, como hoje é a de muitos que não podem ver com os olhos do corpo? Será que o *Braille* virá a ser o nexo entre as outras duas grandes forças aglutinantes da espiritualidade — o Espiritismo de Kardec e o Esperanto de Zamenhof?

Essas, tanto quanto outras interrogações de ordem transcendental, ficam sem resposta, pois, sòmente Deus em sua infinita sabedoria e misericórdia, poderá respondê-las. Conforta-nos, no entanto, o conceito que ouvimos de Pedro de Alcântara, na sessão de encerramento da *III Semana do Livro Espirita em Braille*, a 7 de Julho p. p., pela mediunidade do Presidente do *Estrela de Belém*, ao dizer-nos: «De há muito a *SPLEB* está planejada no espaço. Sem a sua projecção no plano físico, em terras de Santa Cruz, a missão espiritual do Brasil não estava completa». *Sursum Corda!*

★

Pensamos haver configurado, mesmo que panorâmicamente, as circunstâncias de ordem espiritual que envolvem o encontro da Cruzada com a *SPLEB* e o *Estrela de Belém*, nesses instantes magníficos que juntos estamos vivendo.

Por várias vezes nos referimos aqui à *noite memorável* deste grande dia, tão bem trabalhada pela espiritualidade superior, *memorável* nem só pelo ensejo de consolidarmos numa peça única fragmentos de textos escritos ou lidos em outros lugares; nem só pela oportunidade de revelar-se ao grande público a acção conjunta da SPLEB e do *Estrela de Belém*, sob o pálio aberto do estandarte emblemático da *Cruzada dos Militares Espiritas;* nem só pela esplêndida comunhão espiritual dos que *vêem* e dos que não *vêem* promovida pelo mesmo anseio de ver, com os olhos do espírito, a verdade da *Terceira Revelação*, com aqueles mesmos olhos de *ver* de que nos fala Jesus em seu Evangelho de Luz e Amor.

Sim, prezados irmãos, confrades e amigos, essa *noite é memorável*, essencialmente, porque oferece à *Sociedade Pró-Livro-Livro-Espirita em Braille* e ao *Grémio Espirita Estrela de Belém*, do Instituto Benjamin Constant, em homenagem à Cruzada dos Militares Espiritas e ao ensejo da *VII Semana Maurícia* — de que participam — *a oportunidade justa* de proclamarem o lançamento do *I Congresso de Cegos Espiritas do Brasil*, a ter início a 18 de Abril de 1962.

Bendita seja a *Cruzada dos Militares Espiritas!* Bendito seja o iluminado Espírito de seu Patrono e Guia — o Capitão Maurício!

Graças a Deus!...

Pode-se "provar" a pluralidade das existências humanas

Por SERGE HUTIN

O livro de Morey Bernstein: «O Caso de Bridey Murphy», (1) pôs este problema: pode-se virificar *cientìficamente* a doutrina da reencarnação?

Como os seus predecessores Albert de Rochas, Cannon, Bjorkhem e outros, Bernstein foi literalmente «executado» pelos sábios «racionalistas», ateus ou católicos.

É que, na verdade, esta tentativa parece muito bizarra: autêntico monstro metodológico, tentou criar uma espécie de «metafísica experimental», ou seja, uma contradição entre estes termos.

Um princípio *metafísico* como o «espírito» ou a «alma», não poderá ser objecto de ciência? Portanto é fácil refutar esta objecção de princípio: certamente os reencarnacionistas têm uma doutrina «antiquada» e fazem «metafísica», mas apoiam a sua teoria em *factos* que pertencem ao mundo dos fenómenos *observáveis*. Nenhum facto pode ser eliminado *a priori* — mesmo quando fere as convicções filosóficas ou religiosas do sábio que as estuda e nós não compreendemos o verdadeiro *ostracismo* científico com o qual esbarram os que querem estudar *objectivamente* certos problemas, como o da reencarnação.

Fazer o balanço das investigações acerca das «vidas sucessivas» levar-nos-ia muito longe e por isso remetemos o leitor para as obras especializadas, principalmente de Papus e do Doutor Bertholet em particular, pois nesta pequena nota queremos sòmente destruir certas confusões lamentáveis que se verificam entre domínios diferentes. O problema das «vidas sucessivas» pode ser encarado de três formas diversas: a das teorias metafísicas, a dos casos espontâneos e a da experimentação. Passemos a estudá-las com a maior objectividade.

1 — As Teorias Metafísicas

A *pluralidade das existências* baseia-se em modalidades muito diferentes que é preciso acentuar: todos os sistemas «reencarnacionistas» negam a unicidade da existência humana, mas *opõem-se* em muitos pontos.

Certas doutrinas admitem a transmigração da alma humana sob formas animais, mesmo nos três reinos (Vítor Hugo tinha concepções muito estranhas a este respeito); outras só concebem a reencarnação sob a forma humana.

Aos sistemas «reencarnacionistas» *stricto sensu*, que professam a transmigração de corpo em corpo de um *princípio pessoal* opõem-se aqueles que negam a existência de um *ego* unificado e consideram as «personalidades» sucessivas como resultado da justa posição mais ou menos mecânica de diversos agregados psíquicos.

Embora isto pareça bizarro à primeira vista, *pode haver transmigração sem «reencarnação» pròpriamente dita,* o que implica a existência de uma alma *individual* que permanece através de todas as vicissitudes corporais.

Mesmo adoptando a concepção reencarnacionista geralmente admitida *stricto sensu*, levantam-se as seguintes perguntas:

— Serão as almas humanas obrigadas irrevogàvelmente a transmigrar em corpos terrestres ou poderão reencarnar noutros planetas?

— Qual será o «mecanismo» que condiciona a existência futura (problema do Karma)?

— O número das almas será constante?

— Uma alma poderá «cindir-se» em duas ou mais personalidades físicas diferentes?

As perguntas serão tantas como as respostas, conforme as diversas religiões, teosofias ou filosofias.

O psicólogo evitará tomar parte neste domínio em que as *convicções* pessoais são soberanas. É perfeitamente inútil esperar que as investigações científicas possam provar a verdade dos sistemas filosóficos: tudo o que se pode provar *cientìficamente é a pluralidade das existências corporais* em forma *humana* (citam-se certos casos perturbantes de «metempsicose» animal; mas a sua «evidência» *científica* é muito incerta).

A sucessão das mortes e renascimentos prosseguirá indefinidamente ou o homem poderá libertar-se delas?

Nenhuma investigação científica consegue responder a esta pergunta, nem dizer jamais se essa «qualquer coisa» que passa de um corpo a outro é «alma» espiritual ou princípio material. Entramos então no domínio das convicções filosóficas ou religiosas.

Vale mais votar ao fracasso toda a tentativa de estudo científico do problema das vidas sucessivas do que procurar a confirmação do ideal religioso ou da metafísica espiritualista. Contràriamente a uma opinião muito espalhada, a *sobrevivência* não está completamente ligada ao espiritualismo. Mesmo se Deus não existisse e se o que existe fosse só matéria, não seria impossível que houvesse no homem «qualquer coisa» de *material* correspondente à alma da metafísica clássica; e esta «qualquer coisa», quer seja uma «luz» extremamente subtil, um campo de forças electromagnéticas ou qualquer outra «realidade», poderia muito bem «transmigrar» de um corpo a outro.

Os «racionalistas» militantes laboram no grande erro de ligar indissolùvelmente ateísmo, materialismo e negação de toda a possibilidade de sobrevivência; pelo contrário, seria extremamente *hábil* mostrar que uma das principais «razões de ser» da religião seria destruída, visto que a sobrevivência pode ser concebida fora de todo o contesto religioso.

2 — O Estudo dos Casos Espontâneos de «Reminiscência»

Nas circunstâncias normais o indivíduo nunca se lembra dos episódios das suas vidas anteriores. Isto basta para que certos psicólogos afirmem o absurdo da crença nas «vidas sucessivas». Portanto, reflectindo nisso, tal «esquecimento» não é mais escandaloso que o «esquecimento» normal. Quantos episódios da vida presente são «esquecidos» e ressurgem no momento em que a consciência menos o espera! E a psicanálise afirma-nos que lembranças aparentemente «esquecidas» desempenham papel essencial no psiquismo profundo.

Além disso parece que as *reminiscências* de episódios relativa-

(1) *Este livro encontra-se à venda nesta redacção.*

mente raros, de uma vida anterior, sejam muito mais numerosas do que se crê. Raras são as pessoas que não tenham tido a impressão repentina e irresistível de *reconhecer* um lugar ou uma personagem e parece que em nossos sonhos surgem às vezes imagens de cenas por nós já vividas... Tudo isto — dirão os psicólogos — é muito vago, muito subtil!

Sim, é verdade. Mas há casos mais raros de «reminiscência» *extremamente precisa*, quer de acontecimentos determinados de uma existência anterior, quer de episódios da mesma existência, ou — o que é mais raro — de uma vida completa. É lamentável que os sábios se limitem a encolher os ombros diante de tais ocorrências: a constituição de arquivos pormenorizados permitiriam, portanto, investigações comparativas muito interessantes.

O estudo destes casos espontâneos seria rico de ensinamentos para o metapsiquista que nele encontraria «velhos conhecimentos», como os casos tão estranhos de xenoglossia (conhecimento de uma língua sem aprendizagem anterior) explicados fàcilmente pela perspectiva «reencarnacionista».

Tais casos constituirão «provas» da pluralidade das existências humanas? Certamente, não; mas tornam *provável* esta hipótese. Só a *experimentação* provará *cientificamente* a doutrina das vidas sucessivas.

3 — A Experimentação

O coronel de Rochas e alguns dos seus sucessores, entre eles Cannon, Bjôrkhen e Bernstein, recorreram à *regressão hipnótica*, método que permitiu a obtenção de resultados espectaculares. Hipnotizando um passivo fê-lo remontar sucessivamente à sua pequena infância e ao *Além*. Um prático exercitado pode fazê-lo remontar assim a muitas existências anteriores, mas na maioria dos casos só episódios da *vida passada* serão suficientemente *precisos*, no sentido de permitir verificações. Mas a hipnose não é o único método aplicável, pois todas as investigações dão bons resultados.

De maneira geral, tudo que «*destrói as barreiras*» *da consciência vigilante favorece a erupção de «reminiscências»*. Têm-se notado diversos casos de doentes mentais submetidos à narcanálise e que relataram sob narcose uma ou muitas existências anteriores. Teríamos um «arquivo» apaixonante, se reuníssemos as «reminiscências» engendradas pelos diversos anestésicos, hipnóticos e estupefacientes.

Notou-se também que certos tumores cerebrais se traduzem no plano psicológico por alucinações particulares: o doente vê cenas, pessoas e lugares relativos a épocas *passadas* (século dezoito, por exemplo).

Há muitas razões para afirmar a existência de um *centro cerebral* distinto que, em condições normais, impede as imagens acumuladas durante as vidas anteriores do passivo de emergirem na consciência.

Temos a teoria de Bergson sobre o papel essencialmente «filtrante» do cérebro. Quando este centro é perturbado há «reminiscência».

Não tendo a competência necessária, não poderemos assinalar estas orientações possíveis da investigação: é preciso que haja médicos que se transformem em «tabus» a condenar o estudo científico da pluralidade das existências humanas.

Se a aproximação científica da reencarnação se transforma em perspectiva *limitada*, nem por isso constitui menor progresso: a ciência pode provar que o homem vive uma só vez, mas não provar mais nada não é já de si *extraordinário?...*

Queiram ou não queiram, a pluralidade das existências é um facto.

(De «La Revue Spirite», traduziu C. A.)

Natal dos Necessitados

Aí vem o Natal da tradição, com suas recordações e intempéries. É o frio, a neve e a falta de agasalho a chicotear o pobre, a fazer-lhe sentir a condição precária. É um sem número de circunstâncias concorrentes na situação miserável que muitos suportam sem um queixume.

Vamos fazer alguma coisa por essa multidão anónima que se acotovela nas ruas ou que permanece em casebres imundos sem roupa para cobrir a nudez?

Vamos dar um pouco do supérfluo, que não custa a despender, e ficaremos mais tranquilos do que amealhando sem necessidade. Contudo, ainda mesmo que arranquemos à árvore económica um ou dois rebentos, nem por isso estiolará, porque a Natureza é pródiga em compensar faltas desta espécie, pois lá diz o rifão: «Quem dá aos pobres empresta a Deus». É como quem diz: o que deres ser-te-á devolvido em benesses inesperadas, quando careceres de auxílio. E com isto fica aberta a subscrição.

Centro Espiritualista Luz e Amor	150$00
Revista «Estudos Psíquicos»	100$00
Isidoro Duarte Santos	50$00
Maria Raquel Duarte Santos	50$00
Hugo José Muñoz Cardoso	30$00
Anónimo de Lourenço Marques	100$00
Anónimo de Lisboa	64$00
Total	544$00

UM LIVRO DE BOZZANO

A influência dos desencarnados na vida humana

Por ARMAND DONNAY
(Correspondente em Liège)

(Continuação do número anterior)

IV — Os Fenómenos de Bilocação
(pág. 101 a 149)

Neste capítulo Ernesto Bozzano resume a sua obra sobre os «Fenómenos de Bilocação», fenómenos que têm (pág. 101) um valor teórico decisivo para a demonstração experimental da sobrevivência do espírito humano e que provocam a existência de um corpo etérico que, em raras circunstâncias de enfraquecimento vital de um indivíduo, pode afastar temporàriamente o corpo somático durante a encarnação, donde se conclui que se o corpo etérico pode separar-se temporàriamente do corpo somático, mantendo a consciência intacta, devemos reconhecer que quando se separa definitivamente, durante a crise da morte, o espírito continua a sua existência no meio apropriado. (pág. 101).

Depois cita as seguintes categorias com os respectivos exemplos:

— fenómenos de sensação da integridade dos amputados (membros fluídicos vistos por sensitivos e fotografias). Impressão de bilocação nova nos hemiplégicos;

— esboço de desdobramento no qual o sujeito percebe o seu fantasma à distância com plena consciência de si próprio (autoscopia);

— casos em que a consciência pessoal se transferiu para o fantasma que percebe à distância o seu próprio corpo inanimado;

— desdobramento durante o sono normal, o sono hipnótico, a síncope, etc.;

— caso em que o fantasma desdobrado de um vivo adormecido é percebido por terceiros;

— desdobramento fluídico no leito da morte percebido por sensitivos;

— fantasma desdobrado no leito da morte visto colectivamente por todos os assistentes;

— descrição dos videntes acerca do processo *da separação, nos moribundos, do corpo etérico e do corpo somático com intervenção de entidades de defuntos, fenómenos estes descritos por todos os videntes com as mesmas minuciosas modalidade de realização.*

Finalmente o autor cita as experiências feitas pelo Coronel de Rochas e dá as opiniões de Gaskell, Edington e Morselli.

V — Uma série de provas
(pág. 150 a 263)

Neste capítulo Ernesto Bozzano encara os fenómenos supranormais que, pela sua natureza, são independentes das faculdades subliminares, nada tendo de comum com o animismo e confirmando também a existência do corpo etérico.

Começa (pág. 151) pelos fenómenos supranormais espontâneos em relação indubitável com casos de morte.

Desta natureza são os fenómenos de telecinesia e de música transcendental que vamos mencionar:

— quando chegam em seguida a um falecimento: estes casos, embora provem a existência de uma força inteligente a manifestar-se à distância, não parecem ainda suficientes para corroborar a tese demonstrada;

— quando chegam dias depois da morte: estes fenómenos confirmam a nossa tese, porque a hipótese telepática combinada com uma emissão presumível de energia vital proveniente do moribundo, deve ser excluída.

Muitas vezes trata-se de pessoas que prometeram manifestar-se após a morte ao percipiente com o fim de lhe comunicar que o espírito sobrevive à morte do corpo físico.

Nas páginas 152 a 157 há um exemplo de telecinesia em relação com um acontecimento de morte (promessa feita por Sirchia ao Dr. Caltagirone).

As manifestações musicais, inteiramente negligenciadas até hoje, compreendem várias categorias (pág. 158), a saber:

— casos em que a música transcendental se apresenta objectivamente (percepção acústica de ondas sonoras) através de um médium:

a) *sem instrumentos musicais;*

b) *com instrumentos musicais;*

— sem contacto directo do médium (Home);

— Por intermédio directo do médium, mas de maneira automática (Aubert);

— *manifestações de origem telepática em que o fenómeno de audição musical coincide com um acontecimento de morte a distância (relativamente raras: é preciso que o agente seja dotado de certa cultura musical);*

— *audição musical com carácter de observação, quer dizer, em localidades assombradas;*

— *música transcendente percebida por um sensitivo em estado sonambúlico ou por um sensitivo em estado de vigília, mas sem coincidência de morte;*

— *audição musical após a morte, em que o fenómeno pode valer como prova de entidade espírita.*

Nas páginas 158 a 161 o autor apresenta um exemplo da última categoria e na página seguinte diz que nos fenómenos independentes da subconsciência é impossível observar uma classificação regular, porque grande parte dos fenómenos pertencem a diferentes categorias.

Cita e comenta casos de aparição de defuntos no leito da morte, entre eles um exemplo nas páginas 162 a 169, que é o caso da filha do Rev. David Anderson Dryden e, principalmente, os casos em que os clarividentes e muitas vezes também os moribundos são crianças com menos de 5 anos (páginas 169 a 172), bem como aqueles em que as crianças dessa idade vêem aparições de defuntos logo após a morte (páginas 172 a 175) e outros em que as aparições de defuntos no leito da morte se observam colectivamente (páginas 175 a 186).

Abriremos aqui um parêntese para mencionar uma categoria de fenómenos, expostos em monografias especiais que, ainda que não constituam provas da presença de falecidos identificáveis, observam-se de tal forma, que é absurdo atribuí-los a personificações sonambúlicas combinadas com os poderes da subconsciência (página 186). Por exemplo, pancadas, quedas de quadros, toques de campainha, espelhos quebrados em ligação com acontecimentos de morte. Do ponto de vista científico os fenómenos em que se nota uma vontade dirigida a fins determinados não adquirem valor teórico, a não ser que se considerem cumulativamente com outros de natureza semelhante e com aqueles que se examinaram (páginas 186 a 188).

Falando a seguir dos fenómenos de transporte (páginas 189 a 198), o autor cita episódios extraídos da sua monografia «Os Fenómenos de Transporte», em que eliminou os fenómenos obtidos na obscuridade completa, à excepção dos que obteve a pedido ou daqueles cuja natureza excepcional do objecto transportado impossibilitava qualquer fraude.

A seguir nota que se trata de fenómenos que estudou durante dez anos com dois médiuns particulares e depois, durante onze mezes, com Eusápia Paladino, sublinhando as duas características seguintes destes fenómenos, revestidos de grande importância teórica:

a) *os objectos transportados nunca têm valor comercial.*

b) *os fenómenos de transporte são regidos por severas restrições morais, como, por exemplo, um comportamento correcto relativo à propriedade alheia.*

Estes métodos são inconciliáveis com a interpretação anímica dos factos e provam a intervenção de entidades espíritas. Se tivéssemos de procurar a explicação destes fenómenos na hipótese anímica, quer dizer, nos poderes inerentes à subconsciência humana, só estaria na escolha dos objectos a restrição das dimensões e do peso e o desejo do médium e dos assistentes seria realizado.

Ernesto Bozzano comenta em seguida três casos (páginas 199 a 215) de premonição de morte acidental, entre os quais o do Dr. Geley (páginas 204 a 210).

A análise comparada dos fenómenos premonitórios concorre para demonstrar (página 211) que se uma «fatalidade» traça antecipadamente os destinos humanos nas linhas fundamentais do seu desenvolvimento, deixa latitude de reacção mais ou menos larga, segundo a maturidade espiritual dos indivíduos para o exercício do livre arbítrio. Portanto é uma «fatalidade» relativa e nunca uma «fatalidade absoluta». Ou melhor: uma liberdade condicional que dirige a existência encarnada do espírito *(página 211).*

Observando (página 212) que o Destino atinge muitas vezes os benefeitores da humanidade e abate-os no apogeu da sua nobre missão (o Dr. Geley foi abatido em pleno vigor no momento mais alto da luta pela sobrevivência cientìficamente demonstrada), Ernesto Bozzano faz esta pergunta embarassante:

— *Como se compreende que o Destino tenha abatido um grande apóstolo da causa espirita, no momento em que tudo fazia prever que, pelo seu génio combinado com estudo vastíssimo, tivesse num curto espaço de tempo conseguido as boas graças do mundo científico ao solucionar o problema do Ser no sentido espirita?*

Diante de tal mistério devemos estar satisfeitos com a explicação contida na mensagem psicográfica seguinte, obtida por um médium inglês:

«É provável que a actividade do grande espirita-cientista fosse bruscamente interrompida pela morte, porque, pelo seu trabalho, a estrada que conduz à demonstração científica da sobrevivência teria sido atravessada muito ràpidamente, provocando assim uma crise grave nas instituições religiosas existentes e perturbação geral na sociedade, sem preparação bastante para aceitar uma verdade de lenta evolução no século XX. Por isso foi chamado a uma existência espiritual que, segundo a vossa opinião circunscrita e errónea, pareceu uma espécie de desgraça infligida a uma vítima inocente, ao passo que, na realidade, foi para ele uma vantagem, por ter cumprido o seu dever na terra. A existência terrestre é um parêntese insignificante comparado com a existência espiritual.»

(A concluir) (Tradução de C. A.)

A OUTRA VIDA

O género humano tende à perfeição e, quando o polo da carne, com seu enorme peso, contrabalança o do espírito, apenas trabalha para a perfeição exigida pela nossa felicidade.

Se os anos e as tentações mundanas não torcessem e correspondessem à sua natureza, o homem não teria necessidade de pensar noutra vida, porque na que tem gozaria da glória.

MONTALVO

As reformas Sociais de Jesus de Nazaré

Por Tito L. Bancéscu

(Correspondente em Rosário, Argentina)

TRANSCORRERAM quase dois mil anos e Jesus de Nazaré ainda não foi compreendido em todos os sectores sociais. À medida que lemos cautelosamente a sua autobiografia «A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo», convencemo-nos de que, nos meios espiritualistas e espiritistas, não se tem estudado a fundo esta sublime personalidade. Há pessoas eivadas de preconceitos e leviandades que qualificam de «apócrifa» aquela autobiografia.

Há também opiniões neste género que não têm senso de realidade, pois admite-se, geralmente, que o Mestre da Galileia não pode comunicar-se com os mortais, devido à sua elevação, admitindo-se, pelo contrário, que seres de categoria inferior à sua podem apresentar-se entre nós. Os factos, contudo, não concordam com este conceito. A presença do Mestre, na opinião do Dr. O. Rebaudi, declarando a este que o queria encarregar da tradução da sua autobiografia, demonstra, precisamente, que ninguém deixa de ser auxiliado por Jesus, quando o invoca com sinceridade e boa fé.

Feito este esclarecimento, devemos dizer que a personalidade de Jesus não tem sido compreendida no aspecto sociológico. O problema social do seu tempo segue o ritmo do nosso. Tem-se considerado Jesus o chefe de uma nova religião, quando Ele mesmo o desmente naquela obra, (página 153).

«Irmãos, quando acusei os depositários da autoridade religiosa, isto é, os depositários da lei, os ricos e poderosos, tinha em vista apenas as reformas sociais. Glorificando a pobreza, exortando os ricos a sacrificar os bens terrenos para conquistar os tesouros divinos, estava convencido de que o espírito se emancipa com sabedoria e resignação, quando sofre o martírio da pobreza; e o meu desprendimento das riquezas tinha a sua razão de ser nas observações que fiz sobre a debilidade humana e pelas vergonhas inerentes aos gozos carnais. Mas, então como hoje, eu sabia que em todas as classes se encontram naturezas fortes, espíritos independentes capazes de fazer germinar os desígnios de Deus e os meus amigos faziam-me a justiça de me tomar por um filósofo religioso e não por um utopista ou sonhador.»

Até aqui manifesta-se o pensamento central do revolucionário que preconizava reformas sociais basilares, quer dizer, materiais e espirituais. Os parágrafos transcritos encerram, não só a justiça sociológica, mas também, pararelamente, a justiça do ponto de vista ético. Jesus queria refrear os gozos sexuais a que, então, como na actualidade, se atribuía e atribui grande importância, o máximo prazer, como se este fosse a sensação mais sublime e transcendente.

Claro está que os discípulos do Mestre o qualificaram de filósofo religioso, temendo, possìvelmente, que ele fosse objecto de novas perseguições. Por defender a justiça social é que Jesus suportou dissabores e prisão, porque a casta sacerdotal do seu tempo viu n'ele o «Agitador Social». Por isso disse o grande sacerdote Hanaan «que, se as autoridades romanas não acabassem com as prédicas do Nazareno, corriam sérios riscos».

Devido à precária evolução intelectual do povo hebreu de então, Jesus teve de empregar parábolas, como a de Lázaro e Geena, que significa lugar frio, sinónimo de inferno.

As experiências mediúnicas demonstram claramente esse estado de calor sufocante, quando se apresentam desencarnados maus ou pouco evolucionados. Prevenia os ricos avaros e os pobres egoistas de que sofreriam os efeitos dessa situação moral de baixa vibração, tal como o compreendemos hoje, no caso de procederem mal com os seus semelhantes.

Mas o Messias deparou com outras dificuldades no desempenho da sua missão, como se vê no seguinte passo da sua obra:

«Na época em que nos encontramos a minha atitude podia manter-se estacionária durante muito tempo, porque me convinha criar uma escola e esperar um novo estado de coisas, entre lutas surdas e pacientes. Os meus amigos assim me aconselhavam. Diziam-se meus discípulos e falavam sem descanso das aspirações liberais do povo e do seu ódio contra a família sacerdotal. Mas eu não queria apoiar-me em probabilidades, ainda que fossem só aparentes, escudar-me na amizade, salvaguardando a vida em detrimento das nossas aspirações espirituais, enquanto era necessário afirmar o meu título de Messias, contra a publicidade dos

MAIS DUAS OBRAS DE "RAMATÍS"

A Sobrevivência do Espírito

Psicografada pelo médium Dr. Ercílio Maes, de Curitiba, Estado brasileiro do Paraná, este livro é um prolongamento de «A Vida Além da Sepultura», que tanto êxito obteve nos meios espiritas. Ramatis deu-nos uma obra modelar onde se estuda a origem e a técnica dos fenómenos da visão espiritual, a recordação das vidas anteriores, os sonhos, muitos aspectos da mediunidade, a música do mundo astral, as forças mentais utilizadas pelos desencarnados, a volição, os estigmas do perespírito e os efeitos dolorosos do suicídio. São 400 páginas de grande formato em papel de linho.

1 volume — 120$00

A Filosofia da Alma

Eis um trabalho importantíssimo que nenhum espiritista deve deixar de ler, pois dá-nos revelações extraordinárias sobre os efeitos nocivos do fumo, do alcóol e da alimentação carnívora naqueles que desencarnaram, além de outros a respeito de saúde e doença, homeopatia, regimes dietéticos, idiotismo, imbecilidade, influência do psiquismo nas doenças digestivas, cancro e sua origem, terapêutica magnética, cirurgia e radioterapia no cancro, motivos de recrudescimento do cancro e sua cura. Além disso estuda a diagnose kármica desta doença, desde a sua origem nos povos da Atlântida.

1 volume — 120$00

ENVIAMOS ESTAS OBRAS À COBRANÇA

meus ensinamentos, assim como o meu título de filho de Deus, com a auréola de martírio».

Momentos críticos foram os que se criaram logo ao Mestre dos Mestres. A dúvida, a má fé e o procedimento detestável de parte de uns e a defesa de alguns homens nobres, da parte de outros, criaram a Jesus uma situação desagradável, enquanto se encontrava em Jerusalém.

Depois destes últimos «me haverem aberto o caminho das honras populares — acrescenta o Nazareno — defenderam-me contra os ódios de casta. Depois de me defenderem contra os devotos e os hipócritas, tentaram defender-me do furor das multidões. Após a minha morte apoderaram-se dos meus restos mortais com a intenção de honrá-los mediante piedosas demonstrações e evitar uma profanação da minha memória, que fazia crer na minha ressurreição corporal, divulgada por fanáticos a quem os acusadores e os negadores de Jesus, filho de Deus, quiseram dar um grosseiro desmentido».

Como se vê, o sociólogo profundo e integral que desejava emancipar as multidões era agredido por elas. Não pode ser mais doloroso o contraste, o triste paradoxo de um estado de coisas que reflectia incipiente evolução social, sinal evidente de que Jesus não fora compreendido. Se o fosse, não atravessaria aqueles instantes de amargura.

As massas populares estavam já aliciadas e desorientadas pela casta sacerdotal. O Messias viera ao mundo para oferecer mais pão, mais bem-estar, mais justiça e amor. E elas, fanatizadas e guiadas pelos interesses criados, eram surdas aos clamores do céu exteriorizados pela boca do Mártir. Foram elas, essas multidões ignorantes e embrutecidas, que exigiram a Pilatos a crucificação de Jesus entre os ladrões.

Infelizmente, ao longo dos milénios, muitos foram os sociólogos que lutaram pelo bem-estar colectivo e sucumbiram ao peso dos poderosos, que baseiam as suas razões na força.

Mas, apesar de tudo, a sociologia preconizada por Jesus vai avançando lentamente e firmemente. O seu sentido materialista está em guerra com o sentimento espiritual do homem contemporâneo, que demanda fins superiores, procurando encontrar-se a si próprio e conhecer-se, para saber o princípio e o fim da sua vida, coisa que a sociologia materialista confessional não explica, devido aos seus limitados e estreitos horizontes.

(Tradução de C. A.)

A Voz de Pitágoras

O desejo de A. P. P. E. E. M. é oferecer à imprensa colaboração valiosa. Considerando que a maior parte das comunicações mediúnicas recebidas e compiladas em dois volumes pela senhora Rufina Noeggerath são de grande actualidade e de interesse didáctico enviaremos as mensagens mais importantes para serem reproduzidas.

Começamos este trabalho com a mensagem do grande filósofo e matemático Pitágoras, cuja voz é sempre autorizada e orientadora. — A redacção de A. P. P. E. E. M. — Buenos Aires.

Em que época tem sido o homem mais notável do ponto de vista das artes, das ciências humanitárias e do desenvolvimento do espírito de solidariedade? Foi na época em que eu vivi? Foi quando as cidades da Grécia eram florescentes?

Tudo o que há de elevado, de formoso, de bom sobre a terra é feito à custa do sofrimento e da abnegação própria e só assim o sacrifício é fecundo.

LAMENNAIS

Foi entre vós, quando a humanidade alcançou o seu mais elevado paríodo?

Quando a Índia despertar salva das ruínas vereis melhor do que hoje o que foi a alta antiguidade, vereis o que foi a filosofia de Buda. Os elementos são sempre os mesmos, mas os homens mudaram e os segredos jazem olvidados, ficam perdidos na noite dos tempos. Oh! A grande obra dos séculos! . . .

Filho de uma dessas mães que se sacrificam pela sua prole, conheci a Índia, li os caracteres hieroglíficos e devorei-os, como aqueles que hoje estudam com ardor as línguas antigas. Muito novo ainda, procurava, tinha o ardente desejo de conhecer, tinha esse sagrado fogo que fazia pressentir os escolhidos destinados a aprender e difundir a ciência.

Oh! Jardins de flores perfumadas dos bosques da Índia! Em que estais convertidos? Onde estão aqueles grupos, cuja união nos fazia compreender as grandes harmonias? Onde estão aquelas escolas, onde se discutiam os grandes ensinamentos?

Vamos até Roma, admiremos a grande República! Ah! a decadência fez ali também a sua obra, sempre que os patrícios puderam comprar certo número de trabalhadores, como bestas de carga. A república romana morreu; a sua decadência baseou-se sobretudo no luxo abusivo dos romanos. Naquela época 300 mil escravos morriam de fome, maldizendo os deuses do Capitólio.

Veneza, que tantos autores célebres têm cantado; Veneza, a florescente, a dos palácios sumptuosos, que resta da sua glória? Nada! A glória de Veneza já não existe; os vícios dos seus arrogantes dignitários já morreram . . .

Sigamos a marcha do espírito humano através dos séculos e cheguemos até vós.

Todavia, que era a humanidade há um século, antes da Revolução Francesa? Submetida ao jugo despótico dos tronos, via-se humilhada, também, pelo domínio daqueles que levam a cruz como ceptro; e, contudo, a cruz deveria ser o símbolo da liberdade. A nossa antiga filosofia está representada por um homem que, com o seu corpo martirizado, consagrou o signo que havia de iluminar a humanidade. Este signo devia despertar sagrado respeito, terna piedade, caridade divina e generosas ideias de perdão! . . . Quão mal tem sido comprendido! Ó sublimes ensinamentos de Jesus, que tem sido de vós outros?... Tudo tem desaparecido! A cruz projectou uma sombra funesta, porque fantasmas interceptavam os seus raios. A cruz sobre placas adornando o peito do fantasma de olhos sanguinários só deixou ver o monstro que o ostentava.

No futuro o progresso eliminará o sofrimento e, depois da fase de sacrifício, virá, finalmente, a fase da harmonia.

CAMILO CHAIGNEAU

Não se tem compreendido o grande ensina-

Pensamentos de Pitágoras

Nunca façais alarde da vossa dita em presença de homens esmagados pela desgraça.

★

O homem é imortal pelos seus temores e imortal pelos seus desejos.

★

As vítimas da injustiça devem consolar-se pensando que a verdadeira desgraça consiste em praticá-la.

★

Quando a pátria for injusta contigo procede como as madrastas: toma o partido do silêncio.

★

De dois homens de força igual, quem tem razão é o mais forte.

mento de Jesus. Seu nome tem-se perdido pelos vales da Palestina; os povos não têm ouvido os seus penetrantes conceitos. Poucos escolhidos têm podido conhecer e compreender o audaz reformador e transfigurar-se ao encanto da sua palavra, que possuia quintessência da virtude produzida pelo ensino a que chamais moral *e, quando os olhos de Jesus caíam sobre os que o escutavam, o coração duro se enternecia, o membro tolhido se tornava flexível e aquele homem despertava a alma, transformava-a, dava-lhe uma força desconhecida e a palavra desse sábio, o maior, o mais divino dos sábios, pela caridade, pelo amor, fazia prodígios. Todos nós o amamos e o seguimos. Ele possui mais amor que nós. O amor é que envolve tudo. Se o amor não estivesse em tudo, não seria Deus.*

Os Messias que tiveram a caridade de trabalhar para nós têm sido raios de luz divina, a recordar-vos que também sois deuses (¹). O insecto é Deus, a mais pequena molécula é Deus como vós, porque é uma harmonia... Deus é o Criador do Universo, sendo Ele próprio o Universo. Vós também criais, sempre que o vosso esforço faça nascer uma virtude; criar uma virtude é como criar um mundo. Deus trabalha sempre; trabalhar é engrandecer-se e o todo — o Deus Todo — engrandece-se pelo progresso. Panteísmo, vida universal, tu dás a seiva à árvore e à flor e o amor ao grão de areia. Filhos da harmonia, contai com ela, progredindo no bem, pois constituís esse movimento ascensional que faz avançar os mundos com Deus. Como as antigas filosofias avivavam o coração!...

O espaço é nada; o tempo nada é; a verdade atravessa as idades; a eternidade existe para que esta verdade jamais se perca. Não volteis os olhos para a morte, que não é destruição, mas fase de existência contínua. Os povos da antiguidade não acreditavam na morte: cantavam a partida dos justos. E vós? Vós chorais! Na antiguidade os grandes mortos *mostravam-se* grandes vivos. *Ensinavam aos terrícolas o que os havia de ilustrar. Mas o homem quis avassalar os seus irmãos, uma onda de sangue tem inundado o seu caminho e a humanidade sofreu a escravidão durante muitos séculos. Para desentorpecer as raças envelhecidas foram precisos os grandes mártires que tiveram de sofrer a tortura para lhes ensinar a verdade.*

Onde estão, pois, esses homens com suas virtudes que produziam tão grandes coisas sem pena, sem esforço, sem safanões?...

Esses grandes Messias que nos vieram salvar do erro eram esses mesmos homens que haviam já trabalhado e a quem a imensa caridade de suas almas levava a praticar essas coisas escritas, *que assombram os povos. No tempo em que os adoradores da cruz eram os discípulos do Nazareno, este permaneceu entre eles, para impedir à perda da inteligência! Oh! bendito sejam as artes que do fundo da ignorância têm permitido estudar estes manuscritos preciosos e esquecidos!*

Amamos esta humanidade e, todavia, viremos, viremos sempre que na terra formos necessários. A caridade imensa fará descer os seus raios de luz, fará progredir a inteligência; ao difundir-se, o raio de luz cria centelhas, a centelha converte-se em facho e o facho converte-se em sol. O sol está cheio de estrelas que parecem formar um cortejo de honra ao astro das noites; a inteligência elevada que, com sua vista, pode abarcar os mundos é, também, o outro lado da vida, um astro, através do qual brilham os esplendores que vos chamam.

Os ensinamentos da vida espirita podem fazer o que se chama obra moral; *mas a moral* não existe: *a ciência é a moral, porque a moral é a ciência do bem. A harmonia não seria harmonia, se os elementos que a compõem não fossem a justiça, a caridade e o amor. A filosofia da vida espirita está baseada nas ciências naturais, únicas que nos aproximam de Deus.*

PITÁGORAS

(¹) Jesus recordava aos hebreus esta palavra da lei: «Sois deuses». (João, cap. X, v. 84) (Do livro «Vida de Ultratumba», de Rufina Noeggerath).

Nov/60

Interpretações bíblicas que estão em completo desacordo com a razão e a lógica

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

VI

Vejamos agora, para confirmação do que temos dito, os três exemplos seguintes, que se destacam, pela sua importância, de entre outros que não podemos estar a mencionar:

É dada à palavra *demónios* por católicos e estudantes bíblicos a significação de *espíritos do mal*, dominados por um chefe — Satanás. Mas na antiguidade, pela palavra *daimon* (donde se formou *demónio)* se designavam todos os espíritos, tanto atrasados como adiantados, e todos os espiritas igualmente designam por espíritos atrasados ou ignorantes, ou espíritos rebeldes os que nos textos bíblicos são mencionados com a palavra demónios, e Satanás é considerado, pelos espiritas, como a essência do que é mau, como Anjo é a essência do que é bom, constituindo a categoria angelical o que o Espiritismo designa por Espíritos de luz.

Outra divergência está na interpretação da palavra *inferno*, que os nossos irmãos católicos dizem ser um lugar de tormentos eterno para onde vão as almas dos perversos, mas que os nossos irmãos protestantes dalgumas seitas dizem significar, num sentido geral *sepultura;* e, realmente, é nessa acepção que a encontramos em muitas passagens bíblicas, como em *Actos dos Apóstolos* c. 2 v. v. 24, 27 e 31, e que vamos dar como exemplo:

«Ao qual (refere-se a Jesus) Deus ressuscitou, soltas as dores do inferno, proquanto era impossível que por este fosse ele retido (v. 24).

«Prevendo isto, falou da ressurreição de Cristo, que nem foi deixado no inferno, nem a sua carne viu a corrupção (v. 31).

Ora, sobre demónios e inferno, vejamos, a grande contradição em que militam os nossos irmãos das duas correntes religiosas citadas:

Se o inferno é, como dizem, um lugar de tormento para os espíritos dos perversos, porque razão os demónios, espíritos satânicos, não se encontram totalmente encerrados no inferno, mas sim andam em plena liberdade a tentar a humanidade para aumentar o número dos perversos?

Então o inferno é só para os apanhados pelas tentações dos assalariados de Satanás e não para os tentadores ou os chamados anjos caídos? Que confusão é esta?

Ora os espiritas aceitam, pela demonstração dos factos, que há os espíritos transviados e caídos nas trevas que os seus pecados criaram, e os espíritos de Deus, como o Evangelho designa, os espíritos da luz, que têm a missão de encaminhar aqueles transviados e de contrabalançar a influência perniciosa deles junto dos terrenos, transmitindo a estes regras de defesa, as quais se encontram inteiramente no Evangelho.

Assim é que actua a Misericórdia de Deus Onnipotente.

Pois é crença dos espíritos que não existe um lugar determinado onde as almas passem tormentos. Inferno é, pròpriamente, o estado de atribulação dos espíritos em face do remorso que os persegue ìntimamente pela recordação das maldades praticadas exacerbada pelo clamor condenatório das suas vítimas, pela angústia de se sentirem vivos depois do transe da morte, pelo pavor das trevas que os envolvem, porque só os pensamentos bons e de elevação espiritual irradiam luz, e, tornando mais carregado aquele quadro, surge a todos eles a atroz ignorância de como sairem de tão torturante sofrimento, como obterem o perdão de tantas culpas, de como compreenderem onde se encontram.

Procuram então acalmá-los, confortá-los e esclarecê-los os guias espirituais de cada um, que o catolicismo designa Anjos da Guarda, ou mesmo os espíritos de familiares que conseguem chegar junto deles. Muitos saem assim de tão grande perturbação, e tentam compreender e seguir as instruções recebidas.

Mas há outros que não aceitam conselhos, que continuam descrentes de tudo e, desesperados pela situação em que se encontram, e presos pelo pensamento às devassidões terrenas, tornam-se rebeldes e perversos, e tanto mais importunos quanto mais sofrem p ela impossibilidade de saciarem, nos locais daquela devassidão, os apetites que os devoram e de esquecerem neles as angústias e os pavores de que não se libertam senão quando compreenderem que só o conseguirão fazendo um sincero acto de penitência, acompanhado dum profundo arrependimento de todas as más acções praticadas. O sofrimento e a insistência dos guias espirituais levam sempre ao bom caminho os perversos, tanto do mundo espiritual como do mundo terreno. É uma questão de muito ou pouco tempo. Aí fica para todos os que acreditam no inferno traduzida à letra, dos textos bíblicos, a exposição do que é o inferno observado pelos espiritas através do comportamento e das elucidações dos espíritos que se manifestam, nas nossas sessões.

Nenhumas almas se perdem, pois todas evoluem no sentido de vibrarem em luz irradiada do Espírito Criador, pela depuração em sucessivas reencarnações, até atingirem aquela vida de pureza e de compreensão perfeitas, que isentam de mais reencarnações por necessidade de purificação. Estes venceram a morte na expressão de S. Paulo.

•

Outro exemplo de desacordo interpretativo está em uns dizerem que Jesus-Cristo é Deus, e outros

terem por crença firme que Jesus não é Deus, mas sim Filho de Deus. Deste modo de ver somos nós também, porque assim o ensinaram os Apóstolos nas suas epístolas e nas públicas pregações, fundamentados na própria confissão de Jesus quando disse: «Ainda vos digo mais: que, se dois de vós se unirem entre si sobre a terra, seja qual for a coisa que pedirem, meu Pai, que está nos Céus, lha fará (Mateus c. 18 v. 19).

E agora esta:

«E, tendo saído Jesus para se pôr a caminho, veio correndo um homem, e, com o joelho em terra diante dele, lhe fez esta súplica: Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?

«E Jesus lhe disse: Porque me chamas tu bom? Ninguém é bom senão só Deus.» (Marcos c. 10 v. v. 17 e 18).

Quanto à opinião dos Apóstolos podemos citar, por exemplo, S. Paulo, que tem nas suas epístolas repetidas passagens como esta: «Graça seja a vós outros, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus-Cristo», que se lê em Epístolas 1.ª e 2.ª aos tessalonicenses.

Os outros Apóstolos nas suas epístolas usam igualmente expressões semelhantes.

Portanto, demonstra-se que os próprios apóstolos consideraram Deus e Jesus-Cristo duas entidades distintas.

Podemos, todavia, aceitar a crença da Santíssima Trindade de católicos e protestantes, pois que, mostrando Jesus um poder tão grande que só um Deus (um Espírito de alta superioridade) podia fazer as maravilhas que Ele fez, daqui resultou ser tomado como tal, embora atribuindo o supremo poder criador ao Pai. E ao mesmo tempo admitindo que tal poder é de natureza espiritual, cuja fonte eterna é o Espírito Santo, que para os espiritas é a essência vital inteligente que anima todos os seres conscientes, temos assim compreendida aquela Trindade na Unidade Divina.

Pai — o criador; *Filho* — a criação; *Espírito Santo* — a essência inteligente da vida contida no Criador e na Criação. Daqui compreendemos fàcilmente a expressão de Jesus quando dizia: «Eu e o Pai somos Um.» Aquela Trindade na Unidade podemos simbolizá-la na árvore: esta, com o seu tronco, os ramos e as folhas partindo dele e a vitalidade circulando na sua seiva, forma um conjunto, uma unidade perfeita.

A interpretação espirita não é panteismo, porque este aceita como sendo Deus o conjunto da essência espiritual dos seres, enquanto que os espiritas aceitam o Espírio Santo (Deus) como fonte ou centro de todo o poder espiritual donde irradiam centelhas que vão animar os seres e lhes dão, assim, a vitalidade psíquica que se manifesta em vibrações mais ou menos intensas.

No mundo das vibrações inteligentes é tudo Espírito, e o Supremo Poder Espiritual, o centro propulsor das irradiações deste poder denominamos Deus. E se Jesus agia sob a acção directa daquele Poder, não admira que o aceitem como sendo o próprio Deus, mas que, verdadeiramente, foi um Seu Mensageiro, vindo à Terra para intensificar a evolução espiritual dos seus habitantes.

A ignorância sobre como aquelas irradiações se operam e sobre a essência do Espírito revela a pobreza da nossa compreensão a respeito de tão transcendente assunto.

E daqui, fàcilmente podermos demonstrar quão errónea é a compreensão sobre o conceito que todos os diferentes interpretadores bíblicos fazem do Deus de Israel, do Senhor Deus de Abrahão, do Deus de Jacob, do Deus de David, do Senhor dos Exércitos, formas de dizer estas tão reptidas vezes empregadas nos livros de Moisés, dos Profetas e de outras personagens do Velho Testamento.

A chave que o Espiritismo nos dá, e a que Allan Kardec se refere na transcrição que fizemos no capítulo anterior, mostra-nos, claramente, uma perfeita interpretação deste assunto: tarta-se, sob aquelas designações, da manifestação duma entidade espiritual que protegia e guiava o povo hebreu e agia junto dele utilizando a mediunidade de Moisés, de Josué, de Samuel e de vários outros incluindo os profetas; era, enfim, o Espírito Guia e Protector do povo hebreu, o que se confirma em *Génesis* c. 15 v. 1, Espírito Protector aquele distinto do verdadeiro Deus «o Deus Altíssimo que criou o céu e a terra» como no mesmo *Génesis* se lê (c. 14 v. v. 18 a 22), e, possìvelmente, os Guias também dos personagens referidos.

E tudo isto porque o povo hebreu considerava Deuses as entidades superiores do mundo espiritual.

A actuação daquele Mensageiro Divino ou «anjo do Senhor» como se vê em Juízes (c. 6 v. 12) tinha por objectivo a preparação dum ambiente social, moral e religioso propício à vinda e evangelização do Messias a que os vários profectas se referem.

Mas, além daquele Espírito Protector, que se manifestou a Moisés por entre vibrações grandiosas de luz no monte Horeb ou Sinai, outras entidades angélicas se manifestaram, como a que agiu por intermédio de Balaão, ou que por intermédio de Samuel falou a Saul (I Reis c. 15 v. v. 1 e 2). E a que falou a Moisés, referida em c. 10 v. v. 1 a 5 de *Deuteronómio*, parece não ser a mesma que se manifestou no monte Sinai, por não se apresentar com o espectáculo luminoso como esta o fez, e igualmente não é a mesma entidade que se manifestou no monte Sinai a que se manifestou a Abrahão, citada em *Génesis* c. 22 v. v. 1 a 12. Em todos aqueles casos e semelhantes admitimos a actuação dos Espíritos Guias individuais.

Portanto, aquele Espírito Guia e Protector designado por o Senhor Deus de Israel, o Deus de Jacob, etc., e designado também por Jehovah em língua hebraica, apesar de elevada categoria não se pode confundir com a Suprema Perfeição e Bondade que é o «Deus Altíssimo» mais duma vez mencionado no *Génesis* como já referimos. O nome de Jehovah é dado como simples fórmula de identificação ao dizer-se «eu sou o Senhor teu Deus».

Esta entidade e todas as outras que enchem as páginas do Velho Testamento com as suas manifestações eram, sim, Mensageiros do Deus Criador, Mensageiros que estão hoje a manifestar-se com muita frequência nas reuniões espiritas como agentes espirituais com possibilidades de contactar connosco, e agindo sempre segundo as necessidades e condições compreensivas do contacto.

E concluiremos no próximo capítulo com as restantes considerações que temos a fazer sobre o assunto palpitante que aí fica exposto.

Amigos, colaborai connosco, trazendo mais um assinante. Esta revista necessita de auxílio de todos para cumprir a missão que se impôs há vinte anos.

OS TEMPOS QUE PASSAM

(Mensagem recebida na Tenda Espirita Vicente de Paulo, em Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil)

Caríssimos, novamente relembro as advertências: — Cada passo é uma mudança, cada mudança é um sofrimento em qualidades diferentes.

Cabe-vos um preparo mútuo; por isso, ouvistes do Evangelho, «HONRAR PAI E MÃE». Ouvistes falar de longos tempos e eu digo-vos: — Honrai uns aos outros para viverem muito tempo unidos, cobertos pelo estandarte «DEUS, CRISTO E CARIDADE».

Estamos na terceira fase da transformação. Cabe-vos o cuidado da oração, a energia da reforma, os valores que vos são dados, o controlo de pensamento, o som da palavra.

Qual de nós sabe sentir a essência da palavra? E que vem a ser a palavra? Será ùnicamente a expressão?

É a voz do «TODO» que se manifesta, é a força que nos movimenta, que nos indica a direcção da sublime directriz.

Mas chegará o momento em que o homem, tonto pela própria confusão, morder-se-á a si mesmo. Chegará o tempo em que o dinheiro não resolverá as dificuldades da vida quotidiana.

Os sofrimentos serão tão fortes (não estou amedrontando), que o homem terá de ser ligeiro abroquelado na fé, na compreensão, para se tornar resignado. Ligeiro, simples, para sentir o efeito do próprio sinal.

E que sinais? Onde? Como?...

Os sinais principiaram em 1953. Agora apresentam-se de outra forma, mais rápidos e mais fortes e a sua força é o agrupamento do sofrimento.

Não precisais de o buscar através de revistas, jornais e rádios. O que estas emissoras fazem é sacudir a advertência em que a Misericórdia se manifesta.

Há outras emissoras que o homem perturbado não sente. A inquieação das ocupações humanas entontece o homem, cega-o, tornando-se indiferente às emissoras da natureza.

Quais são essas emissoras?

Basta analisar os frutos e o movimento da atmosfera. Basta observar os vossos pátios, uma árvore, uma planta, para sentir o resultado das emissoras da natureza. Há modificações em toda a parte.

Em todos os lados onde há o direito, há o incerto, trazendo o desentendimento, criando complicações, distúrbios, aborrecimentos. Por isso deveis orar muito. Escutai o chamamento do Cristo.

O chamamento é tudo isto que vos disse.

Quando chegar a época do escurecimento, que é a viragem da órbita, não vos perturbeis. Sede calmos, pacientes, alicerçai-vos! Honrai-vos uns aos outros.

Quando a mudança das estações se aproximar, não temam. Observem com calma, com serenidade. Tenham fé. Aqueles que vos acompanharam continuarão convosco até ao fim da jornada.

É preciso fé, não fé passageira, bajuladora, fria, inexperiente, enquanto tudo corre bem, enquanto tudo está calmo. É preciso despertar para a verdade, é preciso acordar e ter conformidade no que vos desgosta, ser resignado na dor, na alegria, na tristeza e na felicidade.

Praza a Deus que nenhum de vós chegue atrasado, quando se ouvir a última badalada.

É preciso união, coesão e força.

É preciso compreender a responsabilidade da tarefa.

É preciso sentir o chamamento.

Cada um de vós recebeu o archote. Deve ser erguido com fervor, afecto, mansidão e disciplina.

Que vem a ser responsabilidade? Será cumprir hoje, e, amanhã, abandonar a tarefa ao primeiro gemido?

As inundações... Não falo em dilúvio, mas sim no desmoronamento de muitos poderios. O fracasso dos mandões, das forças não unidas que criaram a divisão e o separativismo.

É preciso honrarem-se para compreender de perto o significado dos trabalhadores da última hora. E os últimos receberão o mesmo salário que os primeiros. Porque são todos iguais perante Deus e a cada um segundo as suas obras.

Vejamos a responsabilidade que nos espera e a grandiosidade daquilo que nos será confiado.

Sede mais alicerçados e assegurados. É preciso crer.

Jesus está connosco. Procurai a seguir as suas pegadas. Ai daqueles que depois de metade do caminho olhem para trás! A nossa vigília dever ser para a frente. A nossa disciplina deve ser o exemplo da moral, da dignidade, da simplicidade, da fidelidade. Lembrai-vos disto: Áquele a quem muito foi confiado, muito se confiará, e a vós outros o Espiritismo muito terá que dar.

Os espiritas são os mais responsáveis, porque muito receberam. São os que têm maior conhecimento. Sabem conduzir-se.

O Espiritismo muito exigirá de todos vós.

Sede, portanto, resignados, disciplinados, esclarecidos.

Que nenhum de vós seja pegado de surpreza.

A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES

pelo Espírito de RAMATIS

Obra sensacional de revelações decalcadas na ciência objectiva, entre elas capítulos sobre a humanidade marciana: noivado, casamento, família, religião, cinema a quatro dimensões, energia motriz, formas de governo, etc., etc.

1 volume de 415 páginas, formato grande — 100$00

ENVIAMOS ESTA OBRA À COBRANÇA

NOTAS E COMENTÁRIOS

OS ACTORES DE CINEMA...

Estudos Psíquicos *tem inserido inúmeras notícias acerca da conversão ao Espiritismo de notáveis actores de cinema. Ainda há pouco recebemos carta amável da actriz Chilli Bouchier, agradecendo o relato que publicámos na edição de Fevereiro do ano corrente.*

Há tempos vimos em Psychic News *que o actor inglês John Mills assistiu em 1957 a uma sessão realizada com o grande clarividente Joseph Benjamin e, durante os trabalhos, o médium, num aparte, referiu-se à sobrevivência da irmã de Mills, falecida recentemente.*

O actor pediu então uma prova e Benjamin respondeu:

— Sua esposa usa um anel da irmã dela falecida.

Era verdade.

Além de Mills — como dizemos acima — muitos outros colegas seus têm confessado a sua crença na sobrevivência da alma humana. Crença, aqui, é sinónimo de convicção, porque alicerçada nos factos, que resistem a sofismas de toda a espécie.

O HIPNOTISMO NA CLASSE MÉDICA

A mesma revista Life, *em Espanhol, inseriu uma nota em 15 de Dezembro de 1958 acerca das contradições manifestadas à volta do hipnotismo médico.*

No Peru, onde está ligalizado — diz ela — não encontra oposição na classe médica. Por isso «o hipnotismo com fins clínicos tem certo ar de curandeirismo», na expressão do correspondente de Time *e* Life *em Lima, pois não se ministra nas faculdades de medicina do país e só meia dúzia de médicos o aplicam. Contudo, um dos maiores entusiastas — o Dr. Frederico León, director de cirurgia e ginecologia do hospital Loayza — declarou:*

— Creio que a hipnose pode, em certos casos, aliviar muito mais do que todas as drogas tranquilizadoras. Há uns anos consultou-me certo colega sobre o caso de uma menina de 20 anos que, após tentativa de violação, ficara inanimada. Pois, graças ao hipnotismo, consegui reanimá-la.

E acrescentou:

— Um dos casos mais interessantes que tratei foi o de uma monja. O seu médico mandou-me chamar e explicou-me os sintomas: acessos de choro e suspiros e estados de transe, que haviam sido confundidos com catalepsia. O hipnotismo também deu resultado, mas a madre superiora indignou-se ao saber que eu diagnosticara histeria. Em sua opinião a história provém do desejo sexual reprimido, coisa que não podia afectar as suas monjas. E afirmou que não permitiria a nenhuma delas o tratamento hipnótico.

SONHO PREMONITÓRIO

A empregada acordou assustada com soluços — conta Manchette, *do Rio de Janeiro, em sua edição de 5 de Outubro de 1957 —. O relógio marcava 1 hora e 15 minutos da madrugada e a chuva caía lá fora. Aproximou-se da velhinha e perguntou:*

— Está sentindo alguma coisa, D. Maria?

Sem responder, a velhinha apertava contra o peito virgem um retrato do neto de 12 anos. A empregada sabia que o doutor não passava bem no hospital, mas não compreendia aquele choro fora de tempo, pois, dias atrás a patroa lhe dissera que o doutor tinha uma fibra extraordinária e poderia ficar bom. A velhinha serenou com um calmante e contou o seu sonho. Vira o seu neto José Lins entrar no quarto, risonho, trazendo pelas mãos a mãe, vestida de branco, com o vestido usado no casamento e para ser enterrada. O neto tinha-lhe dito:

— Vamos, tia Maria. Viemos buscar a senhora.

Depois viu-o afastar-se com a mãe, sorrindo, contente da vida. A empregada telefonou então para o hospital, ouvindo, emocionada, que José Lins do Rego morrera naquele momento...

OS FANTASMAS FUGIRAM...

Segundo lemos em Two Worlds, *o reverendo Mervyn Stokwood, novo bispo de Southwork, disse num hotel de Moscovo a um padre comunista:*

— Você pode abandonar o cristianismo. Mas, como explicará as experiências místicas que tanta gente testemunha?

O padre não pestanejou e respondeu:

— Podem ser explicadas psicològicamente.

— E o Espiritismo? — perguntou o bispo.

— A que é que se refere?

— Às casas assombradas, aos fantasmas, às mesas que se movem sòzinhas...

— Na União Soviética não há «aparecidos». Pelo menos, desde a revolução.

— Ah! Compreendo... Compreendo... — exclamou o bispo —. Os fantasmas fugiram para o Oeste...

NEWTON E A ASTROLOGIA

A revista Life, *dos Estados Unidos, afirma que a situação peculiar da Astrologia nos meados do século vinte é um fantasma que surge dos montes para obsidiar a mente humana. E pergunta:*

— É uma simples quimera, força espiritual, regresso à superstição ou impulso criador?

E diz que os astrólogos gostam de repetir o que Newton declarou a Sir Edmund Halley, quando este zombou da sua «superstição astrológica»:

— Senhor — respondeu o grande matemático —, eu estudei o assunto e V. Ex.ª não.

Contudo — acrescentou o articulista — os astrólogos esquecem que foram os descobrimentos de Newton que infligiram à ciência astronómica os mais duros reveses.

Segundo uma autoridade científica, a Astrologia está em causa, mas não entre os homens de ciência.

CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A PARAPSICOLOGIA NAS UNIVERSIDADES

Psychic News, de Londres, dá-nos em sua edição de 26 de Março último uma notícia alviçareira. Apesar de todos os pesares o esforço dos investigadores psíquicos vai rompendo a muralha da China erguida pelo materialismo histórico contra a invasão cada vez maior dos fenómenos anímicos e espiritas. É isto que se depreende do *Boletim de Parapsicologia da Universidade de Duke*, Carolina do Norte, Estados Unidos da América.

Assim, na Universidade Técnica de Varsóvia começaram as experiências telepáticas, tendo Krhystof Jach observado determinadas condições eléctricas entre o agente e o percipiente. A designação de Krystof foi orientada pelo professor Stefan Manczarski, engenheiro electrotécnico de rádio que dirige a parapsicologia na Polónia.

Na Checoslováquia, o bioquímico Dr. Milan Ryzl desenvolveu um método hipnótico com o qual beneficiou o exercício da clarividência e as tentativas de precognição com passivos seleccionados.

Nos trabalhos sobre o assunto o Dr. Ryzl anuncia que um dos seus passivos aumentou o rendimento de 60 %.

Além destes investigadores, o professor Leopoldo Oblak de Medvode, da Eslovénia, também realizou experiências do género na Jugoslávia.

Como se vê, a parapsicologia entrou nas universidades. Mas não é só nos países orientais que se apreciam estas investigações. Na Holanda, por exemplo, o Ministro da Educação autorizou o inspector escolar de Amesterdão, J. G. Van Busschbach, a continuar a investigação parapsicológica na Universidade de Duke, acima citada. E na Universidade australiana de Camberra acaba de fundar-se um centro de investigações com autorização para continuar o estudo da psicocinesia. Este centro foi oferecido a H. A. J. Keil, que começou a investigar quando era estudante de Biofísica.

Também, na Argentina, o professor Dr. J. Ricardo Musso, de Buenos Aires, foi convidado a reger um curso de parapsicologia na Universidade do Litoral de Rosário, como parte do programa de doutoramento de Psicologia.

Finalmente, a Universidade de Oslo, na Noruega, vai criar também uma cadeira de parapsicologia.

FENÓMENO PSICOMÉTRICO

Voz Informativa, da cidade de México, transcreveu o seguinte do livro «O Conhecimento Supranormal», do Dr. Eugène Osty:

«Diz o Dr. Dufay que um dia, de manhã cedo, o foram buscar por causa de certo suicídio que acabava de ocorrer.

«Um detido acusado de assassinato — continua este médico — tinha-se enforcado com a gravata, que atou a um pé da cama.

«Deitado de boca para baixo sobre o pavimento, teve a coragem de ir escorregando com o esforço das mãos, a ponto de o nó corrediço da gravata o estrangular.

«Quando cheguei com o juiz de instrução já o corpo estava frio.

«O procurador, a quem o juiz de instrução contara a cena de sonambulismo sucedia no dia anterior, manifestou o desejo de ver Maria e eu propus-lhe que aproveitasse a ocasião para falar à jovem sobre o criminoso que a si mesmo fizera justiça.

«Os magistrados aceitaram a minha proposta. Cortei um pedaço de gravata e embrulhei-o em muitas folhas de papel e atei-o fortemente com barbante.

«Chegámos ao departamento das mulheres, que acabavam de baixar do dormitório e pedimos à irmã vigilante que nos deixasse reunir um momento no seu escritório.

«Fiz sinal a Maria para que nos seguisse, sem lhe dizer uma única palavra e adormeci-a, pondo-lhe a mão na testa.

«Tirei então o embrulho do bolso e pu-lo em suas mãos. Nesse momento começou ela a saltar no assento e atirou fora o embrulho, gritando que não queria tocar aquilo. Quer dizer que, nas prisões, os suicídios se mantêm secretos muito tempo, pois nada relativo ao drama que acabava de ocorrer havia transparecido no interior do estabelecimento e até a própria religiosa o ignorava.

«— Que encerra este papel? — perguntei-lhe eu, quando a vi acalmada.

«— É uma coisa que serviu para matar um homem.

«— Um canivete ou um revólver?

«— Não, não... Uma corda... Estou a ver. É uma gravata. Enforcou-se. Mas mande sentar o senhor que está atrás de mim. Tremem-lhe tanto as pernas, que já não pode estar de pé.

«Na verdade, um dos magistrados estava tão emocionado, que todo o corpo lhe tremia.

«— Poderia dizer onde se deu o acontecimento?

«— Foi aqui mesmo. O sr. sabe-o muito bem. É um preso.

«— E porque estava preso?

«— Por ter assasinado um homem que lhe pedira que o levasse na sua carreta.

«— Como foi morto?

«— À machadada.

«— E que fez do machado?

«— Que fez? Espere. Vejo-o na água. No fundo da água.

«E com bastante exactidão indicou o sítio onde estava. No mesmo dia fizeram investigações na presença de uma autoridade rural e descobriram a arma».

O 5.º CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

No dia 9 de Outubro último realizou-se na cidade de México o 5.º Congresso Espirita Pan-americano patrocinado pela Central Espirita Mexicana.

Sem notícias acerca de tão relevante acontecimento, vamos dar a temática do certame, para que os leitores possam avaliar os seus objectivos.

Espiritismo Científico. I — Ciên-

cia da matéria e do espírito. Relações e diferenças. Objecto de estudo. II — Estudo científico dos fenómenos. III — Métodos científicos de observação, uso de aparelhos e controlo dos fenómenos. IV — Fenómenos físicos. Telecinesia, levitações, ectoplasmias, escrita directa, voz directa, desenhos mediúnicos. V — Estudos sobre vidência, clariaudiência, escrita mecânica e psicometria. VI — Problemática científica. *a*) Problemas fenoménicos. *b*) Identificação dos espíritos. *c*) Fraudes inconscientes. *d*) Fraudes conscientes e imitação dos fenómenos espiritas. VII — Aplicações da Ciência do Espírito. *a*) Demonstrações da existência e sobrevivência do espírito e suas relações com os homens por meios científicos. *b*) Magnetismo curador, métodos científicos para a sua aplicação *c*) Factos comprovados e comprobatórios da reencarnação.

Espiritismo Filosófico. I — Teodiceia espirita (estudo raciocinado e adogmático de Deus e seus atributos, segundo o Espiritismo). II — Conceito espirita da Criação. III — O Universo à luz do Espiritismo. IV — A Causalidade, lei organizadora das relações na vida universal. V — Origem e evolução do espírito, segundo o Espiritismo. VI — A Reencarnação. Sua necessidade e seus efeitos na evolução da espécie. VII — O destino do espírito. Acção do espírito na vida cósmica e universal. VIII — A revelação. Características da revelação espirita. IX — Allan Kardec e a sua obra. X — Filosofia espirita aplicada. *a*) Espiritismo social. Os problemas sociais à luz do Espiritismo. *b*) O Espiritismo como factor harmónico nas relações humanas. *c*) Possíveis influências do Espiritismo na criação, interpretação e aplicação das leis humanas. *d*) Assistência social. XI — O Espiritismo e a Economia. Sua influência na distribuição mais justa da riqueza. XII — O Espiritismo e a Educação. Na família. Na escola. Na sociedade.

A moral espirita. I — A moral, segundo o Espiritismo. *a*) Diferença entre a moral humana e a moral espirita. *b*) Lei divina e natural. *c*) As leis morais e seu funcionamento. *d*) Moral verdadeira e moral convencional. II — Aplicação da moral. *a*) A moral nos actos da vida diária. *b*) A moral no lar. *c*) A moral no trabalho. *d*) A moral na vida social. *e*) A moral na vida pública. *f*) A moral nas relações internacionais e inter-humanas. *g*) A moral como educação do espírito.

Organização e propaganda. I — Organização de centros espiritas. II — Organização e fomento de centros de investigação científica. III — Organização de entidades espiritas federativas. *a*) Projectos, estatutos e regulamentos. *b*) Problemas económicos. *c*) Necessidade e fomento das relações entre as sociedades espiritas. IV — Organização de assembleias, convenções e congressos nacionais e internacionais. *a*) Projectos para incrementar a sua realização. *b*) Planos económicos. V — Criação, funcionamento e manutenção de escolas e universidades espiritas. VI — Criação, funcionamento e manutenção de estabelecimentos de assistência social. VII — Propaganda e divulgação. *a*) Meios de propaganda econòmicamente fortes. *b*) Meios de propaganda econòmicamente fracos. *c*) Acção da imprensa espirita e meios de fomentá-la e desenvolvê-la.

Estes foram os assuntos sugeridos aos estudiosos que assistiram ao Congresso. Vê-se que houve ordenação mental e alto critério na selecção dos assuntos. Agora aguardamos notícias pormenorizadas acerca do grande certame para referir, ao mesmo tempo, as conclusões.

Oxalá a Confederação Espirita Pan-americana, com sede em São João de Porto Rico, encontre o seu verdadeiro rumo.

A HIPNOSE NA PSICANÁLISE

A revista *Life,* dos Estados Unidos da América, insere no número de Abril um estudo interessante relativo ao emprego da hipnose na psicanálise.

«A hipnose — escreve o articulista — pode auxiliar a análise mental por vários métodos. Muitas vezes se estimulam os psicóticos a descobrir os seus problemas mediante a livre associação de pensamentos. Se o passivo depara com obstáculos emocionais que detenham o fluxo das recordações, o terapeuta pode ajudá-lo a franqueá-lo, fazendo-o cair em transe.

Na análise dos sonhos o médico pode sugerir ao hipnotizado que «sonhe com certas situações», a fim de estudar as reacções e as suas formas simbólicas. Ou então, sem o obrigar a isto, colocá-lo numa situação imaginária que resulte absolutamente real, em que intervenham elementos susceptíveis de provocar um conflito digno de estudo conducente à sua própria resolução».

Depois diz que uma vez ou outra se lhe fazem repetir actos quotidianos para estudar o seu comportamento normal.

Falando do método da *escrita automática* declara que o médico pede ao passivo que escreva ou desenhe, deixando a mão completamente livre e morta. O resultado evidencia, não raro, um conflito ou desejo reprimido. Também às vezes convém saber de que forma o subconsciente de um doente terá de agir futuramente em certas condições e para isso emprega-se a *progressão* no tempo (método inverso da *regressão),* em que se obriga o passivo a avançar até à idade senil e se lhe apresentam problemas hipotéticos.

Apresenta ainda outro método, que é obrigar o passivo a observar uma cena, descrevê-la e reagir perante ela. Diz-se-lhe, por exemplo, que está no teatro e que verá no cenário qualquer coisa que lhe agradará ou desagradará profundamente. Estas cenas, reais ou imaginárias, vêem-se muitas vezes na bola de cristal.

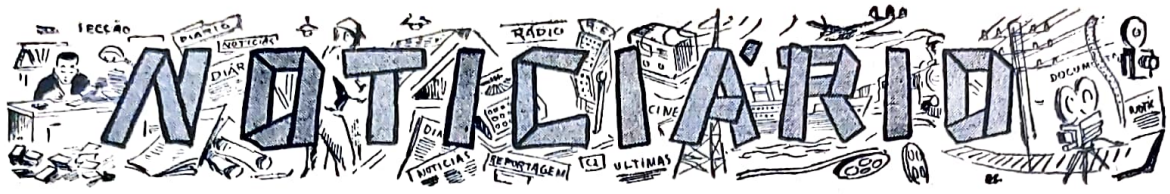
Referindo-se à opinião do Dr. Erickson, segundo a qual a bola se presta muito bem à compreensão do vulgo, termina, dizendo que há tempos este médico usa pantalhas falsas de televisão, tão baratas como as bolas de cristal e se prestam ainda melhor à compreensão.

FRANÇOIS MAURIAC E A MORTE

Este grande escritor francês e prémio Nobel de literatura perdeu há pouco seu irmão Raimundo Mauriac e ficou mergulhado em tristeza. Mas — segundo *La Revue Spirite* — reagiu fortemente e escreveu as seguintes linhas em *L'Express:*

«O dia de nossa morte deveria ser festejado como o do nascimento ou da nossa boda em plena mocidade. O medo e o temor são inseparáveis da afeição. Não receamos de não ser amados, mas de ser indignos. Não se trata do terror que inspira um mestre rigoroso e desumano. Desconhecemos o nosso próprio espírito e não cremos no amor. Não sabemos até onde somos amados. Não temos fé. Kierkegaard dizia que o contrário do pecado é a fé e não a virtude. Eu sinto profundamente o que ele quer dizer, mas não me arrisco nesta perigosa teologia».

A experiência da vida amadurece o pensamento e leva os homens à libertação de muitos preconceitos.



CENTRO LUZ E AMOR

O verão terminou e com ele o período de férias. Durante dois meses Lisboa ficou semideserta, mas os campos e as praias encheram-se de gente sequiosa de ar puro e sol.

O Outono voltou com as primeiras chuvas e o retorno ao bulício da grande capital. Todos se sentem agora mais optimistas, mais corajosos para o trabalho quotidiano e para a luta pelos grandes ideais.

A reabertura do *Centro Luz e Amor* no dia 9 de Outubro reflectiu optimismo e vitalidade nas palavras vibrantes dos oradores. Os velhos amigos voltaram a abraçar-se, trocando impressões sobre o novo período de actividade; e os novos, envolvidos por aquele ambiente de fraternidade, sentiam-se também mais felizes.

Reabrindo os trabalhos, Isidoro Duarte Santos, verdadeiro polo de dinamismo e fé permanente nos destinos do Centro, disse que tudo se faria para que o novo período trouxesse maiores triunfos para a causa. As suas palavras reflectiram o pensamento colectivo e foram recebidas com aplausos.

Jorge Raimundo — velho amigo sempre novo — exortou a assistência a melhor compreensão da moral espirita, que não pode pactuar, mesmo transitòriamente, com atitudes dúbias.

Ivo Torres afirmou que o Centro não devia ter férias, pois o espirita nunca pára de trabalhar pela Causa.

Francisco Cabrita é companheiro da velha-guarda que não falta à chamada. União, Fraternidade, Colaboração Mútua, eis as teclas que bateu, sugerindo um passeio anual com a participação de todos os Centros e da Sociedade Portuguesa de Naturalogia e jantares periódicos, onde se debatessem assuntos interessantes.

Ivone de Sousa congratulou-se com o entusiasmo reinante e exortou o público a um Espiritismo maior e melhor.

Depois de algumas considerações do confrade António de Carvalho Rasteiro sobre o valor da Doutrina, falou António Cardoso. Depois de se referir à figura e obra de Isidoro Duarte Santos, apresentou um novo programa de trabalhos.

Isidoro Duarte Santos, encerrando a sessão, frisou o entusiasmo dos oradores e as múltiplas sugestões apresentadas. E terminou, afirmando:

— Tudo faremos para as realizar. O nosso desejo é ver o Espiritismo Português alargar os horizontes, enchendo de luz o maior número de almas.

Findara a sessão. Todos sairam optimistas e confiantes. Lá fora o vento do Outono enrijava os corpos e dinamizava os espíritos...

TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1960

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Novembro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com Túlio Augusto Rosa.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua, com a médium D. Maria Antónia.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 11, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Histerismo».

Dia 15, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com Túlio Augusto Rosa.

Dia 18, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 22, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 23, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 25, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 29, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com Túlio Augusto Rosa.

DEZEMBRO

Dia 2, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 9, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Autómatos Vivos».

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Outubro — M. S., da Cidade da Beira, 25$00; Anónima de Lobito, 30$00; V. L., de Coimbra, 10$00; Anónimo de Évora, 10$00; M. R., de Faro, 10$00; Rosa de Jesus, da Figueira da Foz, 12$00; V. Santos, da Foz, 8$00; Anónimo, 40$00; Anónimo da Madeira, 20$00; A. Santos, da Covilhã, 18$00; B. Crisóstomo, de Castelo Branco, 25$00; J. B. Raposo, de Lisboa, 50$00. *Total* — 258$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Análise das Coisas, por *Paul Gibier* — Considerações científicas, filosóficas e psicológicas, para concluir pela realidade do Espírito e sua comunicação com os homens ..... 22$00

Animismo ou Espiritismo, por *Alexandre Aksakof* — Uma das mais belas obras do Espiritismo ..... 70$00

António de Pádua, por *Almerindo M. de Castro* — Este livro narra os fenómenos de efeitos físicos, os prodígios obtidos com as suas prédicas e com irradiações dos fluidos magnéticos — Enc. 35$00 ... 23$00

Ascese Mística por *Pietro Ubaldi* — O fim desta obra não são as regras da ascensão mística dos espiritualistas, mas documentar uma realidade vivida, com todas as observações que esta experiência sugeriu a quem a experimentou ..... 120$00

Balada de Bernadette, por *Hugo Collarile* — História do homem que modificou a vontade de Deus ..... 50$00

Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto atrás da paixão do Cristo. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» 30$00

Caminho (O) de Jesus, por *Marta* — Um estudo suave do Evangelho. Um livro que se lê com satisfação ..... 25$00

Caminho (O) do Meio, por *J. Herculano Pires* — Livro denso e profundo, o primeiro e o último a dar-nos a «Biografia ideológica dos jovens brasileiros comprimidos entre duas conflagrações mundiais 40$00

Canções da Imortalidade, pelo espírito de *Rabindraná Tagore* e psicografadas pelo médium *Pedro Machado* ..... 30$00

Cânticos do Além — Poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 40$00

Caravana da Fraternidade, por *Leopoldo* Machado — Ecos e considerações duma viagem pelos Estados do Norte do Brasil 35$00

Caso (Um) de Desmaterialização do corpo de um Médium, por *Alexandre Aksakof* — Um estudo curioso e notabilíssimo digno da atenção dos homens cultos ..... 26$00

Caxias, Eminente Iguassuano, por *Leopoldo Machado* — Vida e obra do Duque de Caxias ..... 20$00

Céu (O) em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritualista ..... 40$00

52 Lições de Catecismo Espirita, por *Eliseu Rigonatti* ..... 20$00

Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus Vigários pelo *Padre Alta* — Demonstra a deformação progressiva da religião do Cristo, através das igrejas e dos dogmas 50$00

Deus e Universo, por *Pietro Ubaldi* — É uma síntese teológica cuidando das causas primárias e finais. Constitui o «elo central» que ligará a «A Grande Síntese» ao ao livro prometido «Cristo» ..... 120$00

Dialéctica e Metapsíquica por *Humberto Mariotti* — Interpretação espiritual da dialéctica através de um estudo profundo de ciência espirita ..... 26$00

Do Calvário ao Apocalipse, por *Bittencourt Sampaio* — Obra vigorosa, banhada pela luz do Cristianismo, estabelece o conhecimento da verdade que o Cristo personifica. Põe em relevo a heróica resignação dos apóstolos ..... 30$00

Do País da Luz — Extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. Obra em 4 volumes, com cerca de 1000 páginas — Enc. 200$00 140$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* — Um trabalho modelar na forma e no aspecto sociológico que impõe o Espiritismo como doutrina moderna — Enc. 40$00 ..... 25$00

Evangelho (O) À Luz da Astrologia, pelo *Dr. Aníbal Vaz de Melo* — Obra-prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atenta a cultura enciclopédica do seu autor — Enc. 50$00 ..... 35$00

Evangelho (O) dos Humildes, por *Eliseu Rigonatti* — O texto de *Mateus* explicado integralmente à luz do Espiritismo — Encadernado, 55$00 ..... 40$00

Exilados (Os) da Capela, por *Edgard Armond* — Esboço sintético da evolução espiritual do mundo ..... 30$00

Espiritismo (Colecção Saber), por *Yvonne Castellân* — Nesta obra a autora expõe o assunto da maneira mas imparcial possível, de modo que o leitor fica a par, não sòmente dos fundamentos da doutrina, como dos argumentos de quem luta contra ela. Visão de conjunto ampla e desinteresada ..... 24$00

Factos, por *A. J. Trindade* — Colectânea de factos espiritas passados na vida do autor e que prendem e empolgam até à última página — Enc. 70$00 ..... 50$00

Filosofia do Sentimento, por *Aldo Torres* — Dentro das sábias lições deste livro encontra-se um mundo infinito de caridade; o que é a vida, o perdão e outros assuntos de suma importância ..... 50$00

Filosofia Penal dos Espiritas, por *Fernando Ortiz* — Obra de raro valor doutrinário, prova ao mundo que os espiritas estão na vanguarda, relativamente aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Fragmentos do Pensamento e da Paixão, por *Pietro Ubaldi* — Sete quadros compõem esta obra: 1.º — Apresentação; 2.º — Evolução espiritual; 3.º — Visões; 4.º — O problema da educação; 5.º — Problemas actuais; 6.º — Problemas espirituais; 7.º — Novelas. Obra onde o autor se pôde externar, enriquecendo e completando as ideias de obras precedentes, anotando vibrações inéditas de grande relevância — Enc. 130$00

Grande (A) Esperança, por *Charles Richet* — Livro que surge numa hora tormentosa da humanidade, será com certeza mais uma contribuição de grande brilho para a divulgação dos factos supranormais ... 50$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
História de Um Homem, por *Pietro Ubaldi* —Trata-se de um trabalho sincero e ardente, realista e forte, sério e profundo, destruidor e ao mesmo tempo reconsrrutor, em que se agitam e se preparam os tempos novos	120$00
Reino (O) de Jesus, por *Fernando da Cruz Ferreira* — Comentários Evangélicos à Luz do Espiritismo, de grande beleza e inspiração — Enc. 38$00	20$00
Religião (A) Viva do Cristo, por *César A. Campos* — Visa esta obra a difusão do Cristianismo em sua plenitude e tem por fim exaltar o que o homem tem de bom, de belo e verdadeiro	50$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley* — Este livro faz um bosquejo da sobrevivência humana, baseado na revelação das vozes dos espíritos. Uma das obras mais belas da bibliografia espirita — Enc. 70$00	50$00
Silva Melo e os Seus Mistérios por *Sérgio Vale* — Um dos livros mais completos de Espiritismo, em resposta ao catedrático Silva Melo, da Universidade do Rio de Janeiro. Obra valiosíssima	60$00
Trabalho (O) dos Mortos, por *Nogueira de Faria* — Valiosa documentação de extraordinários fenómenos de materialização, com inúmeras gravuras em papel luxo e testemunho de clínicos e homens ilustres ...	80$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial — 1.º volume Enc. ...	80$00
Vida (A) de Jesus Ditada por Ele Mesmo —Recebida mediùnicamente. Esta obra é considerada a maior obra do século pela intensidade da luz que projecta sobre o espírito de quantos tiveram a ventura de estudá-la. Livro traduzido em 6 línguas. 3.ª edição Brasileira	80$00
Mediunidade, por *Edgar Armond* — Estuda e comenta o problema mediúnico em todos os seus pormenores e consequências, explorando-o de forma simples e sintética	35$00
Mediunidade Sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti* — O livro dos médiuns, dos doutrinadores, dos presidentes dos Centros Espiritas e principalmente dos que se iniciam no sacerdócio da mediunidade	28$00
Memórias de Um Suicida, pela médium *Yvone A. Pereira* — Redigida sob a orientação do espírito de Léon Denis, a obra descreve-nos a vida «post-mortem» de um suicida, por ele próprio narrada	60$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália D. Soler* — Narrativas de grande vibração. Obra filosófica e moral onde se retrata a cores vivas a pequenez da alma humana — Encadernado	57$00
Nova (A) Civilização do 3.º Milénio, por *Pietro Ubaldi* — Nesta obra o autor desenvolveu e comentou o seu livro anterior, «A Grande Síntese», focando principalmente a luta humana entre a luz e a sombra, o presente e o passado — Enc. 140$00	120$00
Origem (A) Divina do Espiritismo, por *Orlando Ferreira* — Livro que revela e glorifica o Espiritismo de maneira claríssima, não deixando margem para discussões ...	50$00
Passes e Curas Espirituais, por *Wenefredo de Toledo* — Esta obra indica os meios que conduzem ao fim almejado. Além disso, foi prefaciada por *Emmanuel* na pena de Francisco C. Xavier — Enc. ...	80$00
Passes e Radiações, por *Edgar Armond* — Obra dividida em 14 capítulos, entre os quais se salientam o «Estudo dos fluidos», «O Passe Espiritual», «Água Fluídica», etc.	45$00
Primeiro (O) Livro dos Espíritos, pelo *Dr. Canuto de Abreu* — Edição de luxo comemorativo do 1.º centenário do «Livro dos Espíritos». Texto em «fac-simile» do 1.º Livro dos Espíritos, com Português e Francês a par. — (Uma raridade bibliográfica)	80$00
Problemas do Futuro, por *Pietro Ubaldi* — Volume 8.º da III Trilogia da monumental obra do autor, este livro trata da última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais, místicos e económicos — Enc.	120$00
Quatro (Os) Evangelhos, por *J. B. Roustaing* — É talvez a obra mais completa, porventura a única que já se tenha publicado sobre os Evangelhos de Jesus, por isso que, sem desprezar uma só palavra, sem omitir a menor das suas narrativas, uma a uma, as explica à luz dos novos conhecimentos que o Espiritismo vem trazer acerca do nosso mundo e da sua Humanidade — 4 grossos volumes	240$00
Raymond ou a Vida e a Morte, por *Sir Oliver Lodge* — Interessante estudo que o autor faz, depois da morte de seu filho na primeira guerra mundial	25$00
Região em Litígio entre este Mundo e o Outro, por *Roberto Dale Owen* — Obra cujo aparecimento na América do Norte foi um retumbante sucesso em prol do Espiritismo	45$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEMPER ASCENDENS

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

CONTÉM: Antes e Depois, da **Redacção;** O Espiritismo no Pensamento dos Antigos Padres, pelo **Coronel Delfino Ferreira;** Reencarnação e Mitologia, por **Deolindo Amorim;** O Histerismo, por **I. D. S.;** O Futuro, por **Alexis Carrel;** A Influência dos Desencarnados na Vida Humana, por **Armand Donnay;** Os Bórgias - II - por **Carlos Imbassahy;** Marie Mahé, por **Pierre Neuville;** Natal dos Necessitados; O Que Vi no Brasil, por **António Cardoso;** Avatar de Missão, por **Vasco de Lemos Mourisca;** *Duas Mensagens:* Jovens, por **Emmanuel;** Se Você Quiser, por **André Luís;** Médiuns Curadores, por **José Simões de Matos;** O Homem e os Animais Inferiores (Capítulo do Livro Inédito *Causas da Reencarnação,* de **Salvador Gatto);** Ainda Sobre o Deus de Israel e o Deus de Jacob..., por **José Francisco Cabrita;** Instituto de Cultura Espirita do Brasil; A Morte Não Existe, por **Henri Biquet;** O «Snooperscope», Grande Auxiliar no Estudo e Controlo das Sessões; Trombetas do Céu, por **Aleixo Vítor Magaldi;** Notícias da Bahia; Notas e Comentários; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.

MARIE MAHÉ

(Ver pág. 364)

21.º ANO DEZEMBRO DE 1960 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Marechal Mário Travassos* *Deolindo Amorim* *Nelson Baptista de Azevedo*
Nova Iguaçú	*Dr. Newton G. de Barros*
Londres	*Miss A. W. Singleton*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker* *Zalmino Zimmermann*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro* *Martins Peralva*
Volta Redonda	*Aleixo Vítor Magaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez y Gasca*

Os artigos são da responsabilidade dos autores — Não se devolvem originais

ÓRGÃO DO CENTRO ESPIRITUALISTA «LUZ E AMOR», DE LISBOA, DA MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO, DO «LAR DE JESUS», DE NOVA IGUAÇÚ, E DA «CASA DO TIO JUCA», DE SALVADOR, BAHIA

ASSINATURAS

Continente: 6 números, 36$00; 12 números, 70$00. Ultramar, 12 números, 80$00 ou moeda equivalente. Brasil, 12 números, Cr$ 200,00. Estrangeiro, 3 dólares. Número avulso, 6$00. Número atrasado, 7$00. (Estes preço são acrescidos das despesas de cobrança)

REPRESENTANTES NO BRASIL

Representante Geral — *António J. Monteiro* — Rua Miguel de Frias, 20 2.ª loja, frente à Rua Onório de Lemos — Ponte dos Marinheiros — Rio de Janeiro, a quem deve ser enviado todo o numerário

Rio de Janeiro — *Henrique Magalhães* — Rua Jiquitibá, 155 — Ap.to 402 — Praça da Bandeira.
Nova Iguaçú — *Lar de Jesus* — Caixa Postal 6
Curitiba — *João Ghignone* — Rua 15 de Novembro, 423.
Franca — *Dr. Agnelo Morato* — Rua Major Claudino, 1063.
Três Rios — *Acir Faria* — Lar Manuel Pessoa de Campos.
Rio Preto — *Lázaro Camargo Ehmk* — Caixa Postal 260.
Cruzeiro — *José Zácaro Neto* — Caixa Postal 39.
Juiz de Fora — *Orville Derby Dutra* — Caixa Postal 286. / *João Coragem* — Caixa Postal 273.
Belo Horizonte — *António Augusto dos Santos* — Rua do Rio Grande do Sul, 1212.
Ribeirão Preto — *Dr. José Pereira Bastos* — Rua de S. Paulo, 231.
Vitória — *Dr. Airton Loureiro Machado* — Rua Santa Clara, 92.
Salvador — *Alfredo Miguel* — General Argolo, 40.
Aracajú — *José Elson Fontes* — Rua Arauá, 168.
Maceió — *Jaime Xavier Silva* — Parque Rio Branco, 137 — Levada.
João Pessoa — *Jorge Borges de Sousa* — Rua São José, 216.
Florianópolis — *Dr. Osvaldo Melo* — Travessa Urussanga, 6.
Porto Alegre — *José Simões de Matos* — Caixa Postal 1244. / *Zalmino Zimmermann* — Miguel Tostes, 802 — Petrópolis.
Rio Grande — *A. O. Couto Dias* — Caixa Postal 131.
União da Vitória — *Dr. Jaime Teixeira Aben Athar* — Caixa Postal 363.
Pelotas — *Coronel Scipião Lucas de Oliveira* — Rua Dr. José Brusque, 422.
Bagé — *José Ferreira da Mota* — Av. 7 de Setembro, 645.
Passo Fundo — *Ney Vaz da Silva.*
Volta Redonda — *Aleixo Vítor Magaldi* — Rua 44, n.º 54.
Campinas — *Florêncio Tejeda* — Rua C.el Quirino, 1346.
Recife — *Joaquim da Silva Gomes* — Rua Alfredo Medeiros, 89 — Espinheiro.
Fortaleza — *José Borges dos Santos* — Avenida Tristão Gonçalves, 1695.
Baurú — *António Simalha* — Rua Araújo Leite, 19185.

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

21.º ANO | LISBOA, DEZEMBRO DE 1960 | N.º 12

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

ANTES E DEPOIS

Coelho Neto dizia que a vida era como o fluxo do mar. Vai-se um prazer, vem outro, ainda mais outro... E acrescentava que a vida sem amor era mar de gelo.

Sim, a vida é como o fluxo do mar: não se sabe de onde vem. Estamos na onda, no alto ou no baixo, e não lhe conhecemos a origem e a duração. Uns contam a vida por meses e anos; outros, por minutos e segundos, de harmonia com o tempo fisiológico. É relógio de todas as espécies, na expressão de Boileau: «de pesos, pelas dores que arrasta; de areia, pela miudeza e velocidade da corrente; de água, pelas lágrimas em que tudo acaba; e de sol, porque seus luzimentos se transformam em sombras».

Viver é analisá-la, é dissecá-la. Desde o filósofo ao artista, todos concorrem para o seu estudo. E a posição ideológica influi imenso na conclusão. O materialista, o niilista e o espiritualista seguem seus caminhos ligados a ideais próprios, convencidos de uma verdade que os movimenta. Os primeiros reduzem o real à matéria; os segundos aferram-se à negação radical e os terceiros apoiam-se na realidade dos seres espirituais. Cada qual constrói um mundo subjectivo, procura adoptá-lo às aspirações, integrar-se nele totalmente, porque a vida, religiosa ou profana, há-de ter sempre um fim. De outro modo será «navio sem norte e noite sem estrelas».

Quem se aferra ao transitório desconhece as grandezas do eterno. Muitos aproveitam situações favoráveis para gozar o momento propício. Não medem consequências; usufruem, libando e saboreando. O problema alheio não lhes interessa. Formaram círculos e meteram-se neles. Ergueram barreiras para encobrir o sol, mas não puderam ofuscar a luz da consciência. São emparedados que temem a convivência dos humildes, ignorando o erro da sua posição. Talvez sejam vencidos na capa de vencedores. Julgam que a vida é limitada e estendem os braços aos pomos de oiro, em sofreguidão egoísta.

Agora é assim, como se a vida tivesse apenas uma face. O «antes» não é de hoje; é de ontem. Mas vai-se prolongando no estágio do presente. Vai-se prolongando na experiência diária. Ilusões, afectos, inimizades. Aspirações lógicas ou ilógicas, passos incertos, evolução constante e rude, na versão de Ramalho, tudo se amalgama, tudo se caldeia para formar o destino. Afinal somos nós que o arquitectamos. As lágrimas e os sorrisos são nossos, inteiramente nossos. Reflectem palavras e acções. É o «antes» a viver na sua consequência.

Por isso há necessidade de rectificar anseios, impulsos, finalidades. A montanha é enorme. «Ao amor vai-se pela dor e à redenção pelo sofrimento». Assim queria Junqueiro, o genial autor de «Os Simples», assim no-lo impõe a vida, assim no-lo indica a intuição.

O «depois» é relativo ao «antes», parcela a parcela, como nos elos de uma corrente. Assim, na luta cruenta que se vive, um pensamento luminoso deve orientar os passos. Sempre em frente e para o alto, buscando sol, espalhando aroma suave.

Que o «depois» não traga arrependimento, que não amorteça o entusiasmo da subida. Que seja harmónico, renovador, aliciante, para que o futuro se apresente magnífico.

O espiritualista e, com maior razão, o espirilista, possuem elementos neutralizadores do mal e podem avançar a passos largos e frequentes, a fim de que o «depois» seja mais alto do que o «antes».

Realmente, a vida é semelhante ao fluxo do mar, como dizia Coelho Neto, e ensina mais do que os livros, como diz Goethe. Nós é que somos cábulas e maus navegantes e temos de repetir muitas vezes a lição, de maneira que o «depois» seja digno do esforço que fizermos em benefício do eu.

O cuidado que pusermos na tarefa renovadora serão letras de crédito a cimentar o futuro.

Adiar a empresa, relegar o trabalho para amanhã é não chegar a tempo, é ficar a meio da ladeira que é preciso escalar a todo o transe.

Antes e depois são dois extremos que se tocam. Torná-los homogéneos é fortalecer a vida e entrar alegremente no rumo da eternidade.

O ESPIRITISMO NO PENSAMENTO DOS ANTIGOS PADRES

Pelo coronel DELFINO FERREIRA

É surpreendente, ao lermos os primeiros escritos dos Padres da Igreja, verificarmos que possuíam completamente o conhecimento e as práticas psíquicas.

(Conan Doyle: «El Espiritismo. Su História». Pág. 265. Ed. Schapire. — B. Aires).

EM seu aspecto religioso o Espiritismo, não obstante envolver os problemas fundamentais de todas as religiões, delas difere, entretanto: inteiramente, no que lhes é institucional, de vez não possuir dogmas humanos (não naturais, imposições de fé por escalões hierárquicos), nem ritos, templos, sacerdotes; e, em parte, na compreensão do que lhes é essencial, substancial: — Deus, a alma, a vida futura, a justiça divina, realidades e cogitações estas do pensamento humano, que encara menos religiosa do que filosóficamente, buscando causas e, sobretudo, colhendo efeitos e destes deduzindo consequências. Desse labor de investigação, dessa apurada e tenaz observação dos fenómenos da vida é que o Espiritismo tira directrizes morais de conduta, visando tanto o futuro do espírito, do homem, quer em sua vida individual, quer em sociedade, como também o destino da humanidade, o seu bem-estar, a ordem em seu seio. Na apreciação daquelas consequências e observância daquelas directrizes, todavia, o Espiritismo não se deixa envolver por normas e práticas que, afinal, quebrando a unidade da fé em Deus, desvirtuando mesmo este sentimento natural, terminam por darem margem ao estabelecimento de tipos particulares de crenças, e de expressá-las, donde a quase infinita pluralidade de seitas impròpriamente denominadas religiões, dado devermos considerar Religião, qual a Moral: algo singular, ímpar. De assim ser encarada a projecção do Espiritismo, resulta o conceito kardequiano de ser ele religião, sim, mas RELIGIÃO NÃO CONSTITUÍDA, remontada ao tipo religioso vivido por Jesus, seguido pela Igreja primitiva, a dos Apóstolos e seus seguidores imediatos, CONSTITUINDO-SE no que hoje se apresenta como RELIGIÃO CRISTÃ, ou simplesmente Cristianismo, sob várias denominações particularistas.

Vale a esta altura lembrar ser o Espiritismo uma revelação operada através de factos, factos que se repetem pelo instrumento da mediunidade, em cujo campo Allan Kardec a soube colher e no-la transmitir. Vem disto que o Espiritismo, «como tem por objecto o estudo do ELEMENTO ESPIRITUAL em suas relações com o ELEMENTO MATERIAL, descobre na união destes dois princípios a razão de inumeráveis factos até agora inexplicados.» *(Obras Póstumas. A. Kardec, pág. 244, 8.ª Ed. da F.E.B.), dispensando, entretanto, o apelo ao sobrenatural, ao maravilhoso, ao milagre, bem como ao recurso ao impedimento de se devassar os mistérios divinos, conquanto admita a inoportunidade, aliás momentânea, de determinado conhecimento, ressalvada, todavia, a convicção de sua posse mais tarde, dado haver Jesus afirmado:* «NADA HÁ OCULTO QUE NÃO VENHA A SER CONHECIDO». *(Mc. 4:22 e Lc. 8:17) o que por certo levou o Abade Alfonso Luiz Constant (Eliphas Levi) a dizer:* «O homem nada sabe, mas é chamado a tudo conhecer.»

Destarte é que, espancando trevas, quebrando tabus, *anulando razões de dogmas, o Espiritismo tem atraído sobre si, particularmente do mundo religioso, notadamente do cristão, por absurdo que o seja, a mais triste e deplorável campanha de descrédito, ao serviço da qual tudo se subverte, em ponto máximo, inclusive, como natural, a verdade, ainda que para tanto se faça mister* ignorar, *sepultar sob intencional silêncio, o que a respeito da verdade espirítica disseram e creram, no passado, autoridades religiosas veneradas ao seu tempo, ainda hoje reverenciadas e só lembradas, quando em seu renome se podem apoiar os* mestres *de hoje.*

É o testemunho desses respeitáveis vultos que, em síntese, vamos apresentar neste despretensioso trabalho, quanto ao referente a princípios basilares do Espiritismo. É a palavra desses primeiros Padres da Igreja, o seu aceite desses princípios.

Vejamos por partes:

É princípio pacífico entre as crenças cristãs o da existência da alma humana. É ensino da Igreja a sua imortalidade, em função da qual predica determinada situação após a morte do corpo: permanência eterna no inferno; idem no céu, via de regra precedida de trânsito mais ou menos longo pelo purgatório. Não nos propomos apreciar essa orientação, que envolve o velho problema da Justiça Divina, ao mesmo passo, pois, que o do Bem e do Mal, mas tão só estruturar caminho ao nosso plano de estudo, face à situação de actividade ou inactividade da alma nessa vida sem corpo carnal.

A Igreja, negando do Espiritismo e ao Espiritismo tudo quanto possa contrariar seus dogmas, seus pontos de vista, vem afirmando que «OS MORTOS NÃO VOLTAM», *com o que nega a comunicação, o entendimento entre eles e nós*

outros; nega as aparições, nega a reencarnação. O Espiritismo, entretanto, alicerçado em factos, ensina que os chamados mortos voltam; que para em novo corpo renascerem e viverem de novo no plano físico (reencarnação), quer, antes disto, em se comunicando connosco por diversos meios. E principalmente modos.

Verdade é, porém, não ser dos primitivos tempos essa atitude negativista. Vejamos como pensavam notáveis vultos dessa fase, alguns elevados aos altares.

★

Encaremos primeiramente o fenómeno das aparições, não para estudá-lo na sua forma de ser, mas apenas quanto à sua realidade. Os anais da Igreja estão refertos de aparições de anjos, de santos, de demónios... Assim também as páginas do Velho Testamento, como as do Novo. Anjos e demónios, porém, não foram «gente», suas aparições, portanto, não comprovam visita *de mortos; mas, os Santos? Não foram criaturas que viveram neste nosso «vale de lágrimas»? Certo é haver quem se atenha ao recurso da «graça», ou ao princípio de que* «para Deus não há impossíveis», *caso este que em termo de absoluto põe em olvido a OMNISCIÊNCIA de Deus, atributo divino consoante o qual nenhuma de suas ideias é derrogável.*

Vamos, porém, aos factos:

Em sua «Suma Teológica» *S. Tomaz de Aquino* testifica: — «*o espírito pode aparecer aos vivos*»; *e St.º Agostinho:* «os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro cujo conhecimento adquirem, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina.»

ORÍGENES, grande mestre da Igreja na abalizada opinião de S. Jerónimo, afirmou, em sua memorável controvérsia com Celso: «... muitas pessoas têm abraçado o Cristianismo, tocado o seu coração, repentinamente transformado, por algum espírito, quer numa aparição, quer em sonho. Tomo Deus por testemunha da verdade que digo.»

GREGÓRIO, DE CESARÉA, depõe que, antes de encerrado um concílio, dois bispos que o integravam faleceram sem haverem assinado as resoluções tomadas. Então todos os componentes do concílio se reuniram junto ao túmulo de ambos, e, ali, após orarem, um deles evocou a alma dos referidos bispos e pediu que, se estivessem de acordo com a obra realizada, a assinassem. Juntos passaram a noite ali, orando, havendo a decisão do concílio sido lacrada e encerrada no túmulo, tornado inviolável com o selo do concílio. Pela manhã, quebrados os selos, depararam com a declaração de ambos aposta ao manuscrito, nos seguintes termos: — «Nós, Crysantus e Mysonius, que havemos assentido com todos os padres ao primeiro e santo concílio ecumênico, posto que presentemente despojados de nossos corpos, subscrevemos, entretanto, do nosso próprio punho, a sua decisão.» *(Nisto o Espiritismo tão só verifica o fenómeno absolutamente natural, mediúnico, de* escrita directa.)

Cremos suficientes os testemunhos aqui deixados de que «os mortos voltam» *através de comunicações com vivos, não apenas no passado, mas em continuidade sem solução. É dos nossos dias o facto de ter aparecido e falado ao então Cardeal Pacelli, anunciando-lhe a sua elevação ao Pontificado em sucessão a Pio XI, o espírito de Pio X. E, positivamente a notícia, Pacelli veio a ser o Pontífice Pio XII, de marcante actuação e reverenciada memória. Não apenas, porém, àquele então cardeal apareceu o espírito de Pio X: a várias outras pessoas o fez, inclusive junto ao leito de enfermos, curando-os. Se recuarmos agora ao século V, saberemos que o então Chefe da Igreja, S. Leão I, viu e ouviu o Apóstolo Pedro, dele tendo recebido algo escrito. Sob este mesmo Pontífice, os hunos invadiram a Itália arrastados por Átila, o chamado «flagelo de Deus». O Papa saiu-lhe ao encontro. E a respeito, conta-nos o P. Iran Correia, S. D. B. em sua «Biografia dos Papas» (Vol. XVII da «Bíblia Sagrada», Editora das Américas, pág. 103):* «Uma lenda, imortalizada num quadro de Rafael, diz da aparição de S. Pedro e de S. Paulo ameaçando Átila. O certo é que o «terror do mundo» retrocedeu. O papa salvara Roma!» — *Compreendemos porque o A. qualifica de* lenda *o fenómeno. Só não podemos compreender, fora do Espiritismo, é como, tendo Átila sido ameaçado pela visão de S. Pedro e de S. Paulo, o seu vencedor, afinal, haja sido o papa.*

Cumpre-nos agora, face a tais fenómenos, pôr em foco o grande tema da constituição do homem. Ensina a igreja ser este um conjunto de dois elementos: corpo e alma. Morto o primeiro, volve ao pó; quanto ao segundo, a alma, libertada, vai a julgamento, consoante o qual é levada ao céu ou ao inferno, passando, no primeiro caso, por transitória estadia no purgatório. Morto, pois, o corpo, veículo da alma, seu único instrumento de acção, como poderá ela se nos apresentar? Talvez por isto a afirmação de que «os mortos não voltam». Todavia, vimos que voltam e se nos apresentam como os conhecíamos aqui.

Voltando, então, à aparição de Pio X ao Cardeal Pacelli, raciocinemos: Como se poderia ter dado? Dois quadros oficiais da Igreja reproduzindo-a junto do leito de enfermos nos mostram a veneranda figura dos falecido Pontífice tal como conhecido na terra: a mesma fisionomia, idêntica estatura. Ora, como de muito o corpo carnal já não existia, não foi com ele que ela se operou... Com apenas a alma também não, dado não ter forma, ser invisível, impalpável, face à sua imponderabilidade. Não obstante Pio X apareceu. E nós, espiritistas, o admitimos sem nenhuma dúvida, mas sem interferência de qualquer milagre, de algo sobrenatural ou maravilhoso, coisas que o Espiritismo recusa totalmente. Apareceu e a Igreja o reconheceu e, em consequência, o canonizou. Como explicar, porém?

Sabemo-lo nós, espiritistas. E o sabem, igualmente, teósofos, supermentalistas, rosa-cruzes, budistas, etc., etc.: Pio X, como qualquer outro «morto» o pode fazer, apresentou-se, alma ou espírito que é, com seu corpo natural, fazendo-o visível; esse «corpo da alma», que S. Paulo denominava «corpo espiritual, corpo da ressurreição» e a que o Epiritismo designa por «Perispírito».

As aparições são, pois, fenómenos naturais, uma das formas da impròpriamente chamada materialização do espírito, dado que o é do perispírito. Elas vertificam a estruturação dual da alma e trina do homem. Trina na forma sintética, mais simples, do Espiritismo. Certo é, pois, que sem esse corpo etéreo as aparições não seriam possíveis, de vez não poder, então, o

Espírito realizar qualquer forma de manifestação. Nem poderia tomar corpo, ou seja incarnar-se, uma vez ser ele o elo indispensável de ligação do espírito à matéria — como compreendemos geralmente. Daí a constituição ternária do homem no conceito espírítico: Espírito, perispírito e corpo (físico).

A existência desse corpo, todavia, não é uma inovação do Espiritismo: a existência de um elemento plástico mediando entre alma e corpo, tão opostos entre si face às condições extremas de estado *em que se encontram, cedo se fez sentir à inteligência humana. Daí filósofos, cientistas, homens outros de pensamento se sucederam porfiadamente na especulação do problema, concluindo pela necessidade da existência, absolutamente indispensável, do dito mediador plástico, que é, pois, o «Corpo da Alma», a que acabamos de nos referir. O Novo Testamento, aliás, fala nele, como vimos. Igualmente alguns ilustres Padres, desde os primeiros séculos.*

São Paulo, em sua I Epístola aos Coríntios, escreveu: Semeia-se o corpo animal — corruptível — ressuscitará um corpo espiritual *(15:44). E na I aos Tessalonicenses (5:23) reconhece o ternário humo: Espírito, alma e corpo; correspondendo «alma» ao que denomina também Corpo Espiritual, ou da Ressurreição, o perispírito do Espiritismo.*

S. João, de Tessanónica, no Concílio de Niceia, assim se expressou: Sobre os anjos, os arcanjos, as potências e sobre as almas, a igreja «decide» que esses seres são, na verdade, espirituais, «mas não completamente privados de corpo», ao contrário, dotados de um corpo, ténue ou ígneo. «Não há senão Deus, ùnicamente», que seja incorpóreo e sem orma. Quanto às criaturas espirituais não são de modo algum incorpóreas.

Santo Agostinho, em carta a Nebrido, escreveu: Faz-se mister não esquecermos que muitas vezes discutimos exaltadamente esse problema de saber se a alma tem ou não por morada alguma espécie de corpo, ou coisa análoga a um corpo, a que certas pessoas denominam o seu veículo. *Outrossim, respondendo a consulta apresentada, a respeito, pelo Bispo Evódio, de Uzala, escreveu-lhe:* ...Acredito, portanto, que a alma não pode existir sem corpo algum.

S. Cirilo, de Jerusalém, airmou: Tudo o que não possui um corpo denso, pesado, é, de um modo geral, denominado «Espírito». *E atribuiu, quer aos anjos, quer aos demónios, «quer às almas dos mortos», corpos mais subtis que o corpo terrestre.*

Tertuliano, em sua obra «De Carne Christi», cap. VI, diz: Os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que se transfigura em carne humana; eles podem, por um certo tempo, tornar-se perceptíveis aos homens e com eles comunicar-se visìvelmente. *A propósito vale aqui citar, do Velho Testamento, o livro «Tobias», onde se lê ter-se o anjo Rafael apresentado como um rapaz ao jovem filho de Tobias, com ele viajado, ajudando-o em determinado encargo paterno.*

Outros venerandos nomes poderiam aqui alinhar, deles trazendo substancial testemunho: S. Bernardo, S. Basílio, S. Justino, por exemplo.

Demonstrada, pois, a existência do corpo etéreo, ou seja do «Perispírito», cuja função primordial é permitir à alma agir sobre a matéria, e daí possibilitar seguramente a comunicação entre mortos e vivos, «todos os demais» fenómenos espirìticos ficam, por sua vez, comprovados. Igualmente o problema da «Reencarnação», porquanto não haveria explicação lógica para a sobrevivência da alma, certo, como é, não atingirem todas, numa só existência terrena, o mesmo nível de desenvolvimento moral e intelectual, oferecendo ambos incomensurável desigualdade. Sòmente a sucessividade das existências no plano físico poderá permitir atinjam todas o máximo de evolução, tanto mais quanto inúmeras experiências apenas no plano material podem ser adquiridas. Foge, todavia, ao nosso objectivo defender aqui a tese. Propomo-nos tão só a reviver como pensavam vultos imponentes dos primeiros tempos do Cristianismo. Assim, vejamos:

S. Gregório, de Nice: A alma imortal deve deve ser melhorada e purificada; se não o foi na sua existência terrena, o aperfeiçoamento opera-se nas vidas futuras e subsequentes.

Orígenes: Pois não é mais consentâneo com a razão que a alma, por certas causas misteriosas, seja introduzida num corpo, e isto segundo o seu mérito em acções anteriores? *(Isto o escreveu em sua obra, «Contra Celso», baseando-se na opinião de Pitágoras, Platão e Empédocles, sempre citada por aquele seu antagonista). O Abade Bérnault-Bercastel, em sua «História da Igreja», referindo-se a Orígenes, para quem* a justiça de Deus deve-se patentear em todas as coisas, *disse que na opinião desse doutor da igreja,* por mais grave que seja a queda do homem, ao espírito culpado apenas obriga a recomeçar novas existências, quer neste mundo, quer noutros *(temos aqui o seu reconhecimento da pluralidade de mundos habitados),* até que «exausto de sofrer» se submeta à lei do progresso e se modifique *(Consequentemente, sem penas eternas, podendo, pois, configurar nessa forma de redenção, o inferno).*

S. Jerónimo, referentemente ao caso de Esaú e Jacob (Gen. cap. 37) disse em carta a Arios: Se examinarmos o caso de Esaú, acharemos que foi condenado por causa de seus pecados antigos, de pervertida existência anterior. *De igual modo pensava Orígenes, opinando:* Não achamos injusto que até no ventre materno Jacob suplantasse o irmão, se sabemos que era merecidamente amado por Deus, devido aos méritos da sua vida anterior. *Semelhantemente se refere ele a João Baptista,* cheio do Espírito Santo *desde o ventre de Isabel, sua mãe. Realmente, de outra forma, isto é, sem um mérito préjustificado, teríamos Deus fazendo distinção de pessoas, contràriamente ao que da lei compreendeu e ensinou S. Pedro (At. 10:34).*

Finalmente, para não nos alongarmos mais, citemos apenas mais um testemunho, dos mais valiosos, aliás: Tertuliano. São palavras suas: Declare um cristão acreditar possível que um homem renasça noutro homem e o povo reclamará em grandes brados que seja lapidado. Entretanto, se foi possível crer-se na metempsicose grosseira, a qual afirmava que as almas humanas voltam em diversos corpos de animais, não será mais digno admitir-se que um homem possa ter sido anteriormente um homem, conservando sua alma as qualidades e faculdades precedentes?

Ficamos, pois, por aqui, ressalvando que pela restrição do campo de investigações imposta pelo tema que buscámos desenvolver, testemunhos outros, expoentes de outras crenças e ideias, aqui teríamos feito desfilar.

REENCARNAÇÃO E MITOLOGIA

Por Deolindo Amorim

(Redactor-correspondente de Estudos Psíquicos no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara)

A fim de completar as considerações anteriores, permito-me tocar, agora, no ponto em que o ilustrado colaborador do «Jornal do Brasil», demonstrando cada vez mais completo desconhecimento do assunto, não vacila em afirmar que *A REENCARNAÇÃO VEM DA MITOLOGIA* (!...). Ninguém, que haja estudado regularmente a doutrina espirita, seria capaz de imaginar alguma correspondência entre reencarnação e mitologia. Pode haver, dentro de certas concepções mitológicas, uma ou outra coincidência com a ideia reencarnacionista, ainda que velada pelo simbolismo, tanto quanto se sabe que a crença nas vidas sucessivas já era admitida entre certos homens de pensamento, na Grécia antiga. Daí, porém, querer filiar a reencarnação ao longínquo e nebuloso tronco das mitologias grega, romana, assíria etc. é forçar muito a aproximação. Diz, entretanto, o articulista católico que a reencarnação é uma das remanescências da velha mitologia. Como?... A mitologia é um conjunto de símbolos, alegorias, lendas e enredos fantásticos, ao passo que o Espiritismo nada tem de simbólico nem alegórico ou fantasioso, porque é uma doutrina formada sobre factos e deduções lógicas. Nada de fantasias nem de lendas, portanto.

Crê, no entanto, o cronista católico que o Espiritismo reviveu a mitologia. É outra assertiva disparatada. Nenhum ponto de relação ou dependência existe entre a doutrina espirita e a mitologia. Se existe, na realidade, uma doutrina cujo carácter não pode ter afinidade com a mitologia, é justamente o Espiritismo, porque a sua constituição e as suas aplicações repelem tudo quanto esteja envolvido em mistério ou lenda. É verdade que alguns estudiosos, especialistas na interpretação de símbolos mitológicos, entendem que, no fundo de todas as lendas ou atrás de todos os símbolos, existem verdades milenárias. Há outros estudiosos, contudo, que não vêem na mitologia senão fantasia, imaginação e nada mais. Um dos autores, considerado clássico neste assunto, chega a declarar textualmente que «a mitologia é uma série de mentiras»; apesar disto — diz ele — essas mentiras já foram objecto de crenças durante longos anos.

Certamente a mitologia teve a sua razão de ser, em determinada época da humanidade. Não me interessa discutir opiniões a este respeito. É assunto que foge às cogitações do Espiritismo. Todavia, é preciso frisar que o Espiritismo *NÃO BEBEU NA MITOLOGIA*, assim como *NÃO RESTAUROU NENHUMA LENDA NEM FOI BUSCAR A IDEIA REENCARNACIONISTA POR INTERMÉDIO DAS FIGURAS MITOLÓGICAS*. Os ensinos da reencarnação vieram ao Espiritismo — e é facto histórico — através de comunicações concordantes. Foi por isso, e não por influência da mitologia, que Allan Kardec integrou a tese da reencarnação no corpo da doutrina, mas depois de tudo rigorosamente examinado, comparado e seleccionado. A crença na reencarnação já existia, muito antes, no Oriente.

Ora, se o Espiritismo predispõe o estudioso para o desenvolvimento do espírito crítico, justamente porque não admite a fé cega nem se compraz na pura imaginação, claro é que tudo quanto ele afirma ou ensina está apoiado em provas e raciocínios claros. Inegàvelmente, existem obras de ficção na literatura espirita, mas é bom notar que representam apenas os pendores espirituais de seus autores.

Dizer que o Espiritismo encontrou a doutrina da reencarnação no bojo remoto, obscuro e fantasioso da mitologia é revelar-se inteiramente fora da realidade histórica, demonstrando falta de conhecimento das circunstâncias em que se formou a doutrina espirita. Se o Espiritismo incluiu a reencarnação no esquema de sua constituição, é claro que o fez em face de razões irretorquíveis, nunca pela aceitação de qualquer concepção mitológica. Veja-se bem que a reencarnação comporta, antes de tudo, o raciocínio indutivo, porque parte de uns tantos factos, como a regressão da memória, os casos de precocidade, por exemplo, e deles deduz consequências. Não é, portanto, uma teoria estratosférica... Os raciocínios dedutivos da doutrina partem, por sua vez, de uma série de proposições dentro das quais se configuram problemas que ainda não encontraram solução cabal na teologia, como em nenhuma escola filosófica: o destino humano, as desigualdades morais, conhecimentos inatos, etc., etc. A reencarnação é, queiram ou não queiram, a única tese filosófica em condições de enfrentar esses e tantos outros problemas igualmente difíceis. Já se vê que não é mera questão de crença no simbolismo mitológico.

Querer explicar a reencarnação pela mitologia é arriscar-se a uma tentativa impossível. Porventura a mitologia seria capaz de esclarecer o problema dos conhecimentos inatos, das *recordações* do «já visto» ou «já lido»?... Os problemas que o Espiritismo formula, à luz da reencarnação, continuam desafiando a argúcia dos filósofos de todos os tempos. Já teriam os teólogos, filósofos e psicólogos explicado suficientemente o mecanismo das precocidades artísticas, literárias, etc.? Para os crentes, os que se conformam em acreditar na palavra da *autoridade*, o problema já está resolvido pela fé ou, em última instância, pela palavra que resolve tudo: *mistério*. E quem não admite mistério, onde vai encontrar solução? Como poderia a teologia situar o gravíssimo problema da antipatia ou do ódio entre pais e filhos, irmãos e pessoas do mesmo círculo de convivência sem admitir uma *causa* remota ou passada? Como é possível, sob as vistas da justiça divina, que é perfeita e omnisciente, compreender a aversão, o rancor entre dois irmãos, sem a ideia de uma existência anterior? Qual a causa dessa rivalidade aparentemente inexplicável? Onde encontrar o ponto de partida, senão no princípio das «vidas sucessivas»? Nem a teologia, nem a psicologia académica, nem os partidários da hereditariedade conseguiram até hoje dar uma resposta cabal ou convincente. O problema continua a ser um enígma, fora da reencarnação. Ora, uma doutrina que tem uma base filosófica tão profunda, não pode ser comparada com a mitologia, a não ser que se pretenda confundir o sol com as nuvens.

O HISTERISMO

No dia 13 de Novembro último, António Cardoso realizou uma conferência no *Centro Espiritualista Luz e Amor*, intitulada «O Histerismo». Título sugestivo, atraente. Há quem escolha títulos aliciantes, que não correspondem ao conteúdo de suas palestras. Mas este correspondeu. Foi um tema bem apresentado.

O orador começou por estabelecer as diferenças entre os animais e o ser humano, fixando as suas características baseadas na teoria darvinista. O homem é um somatório evolutivo. Depois estabeleceu uma ponte entre o instinto e a inteligência.

O problema escolhido não existe nos animais, porque o histerismo é de ordem sexual. Eles ignoram ideias prefabricadas. Sim, ignoram os preconceitos, ignoram o pudor e o impudor. As formigas, esses «povo» maravilhoso capaz de construir habitações simétricas, as abelhas e as aranhas formam sociedades ordenadas, onde as questões alimentares estão resolvidas. Mas não há problema sexual.

No homem é que existe o problema, embora ainda não chegasse a certas tribos primitivas, sem noções claras das relações macho-fêmea. Esses tabus nasceram com as religiões. O celibato é já uma coisa diferente. Em todos os tempos os messias nasceram das virgens, que são sinónimos de pureza, mais isso não contribuiu para os tabus, que trariam confusão, sobretudo ao psiquismo.

Passando a outras facetas disse que, através da psicanálise e da investigação psíquica, poderíamos analisar alguns desses problemas.

Freud e seus acólitos dizem que grande parte dos nossos actos estão ligados à *líbido*. Tudo está ligado ao sexo. Se analisarmos uma obra poética e o seu autor entrevê-se a existência de música real ou fictícia. As obras dos grandes pintores ou escritores estão ligadas a musas ou mulheres.

O caso assume aspectos transcendentes e psicológicos. As aves, voando, desferem cânticos que nos deliciam. São requebros dos machos chamando a atenção das fêmeas. Isto serve para ilustrar a afirmação de que o sexo está presente em todos os actos da nossa vida.

Os psicanalistas referem que a criança, quando nasce, fica, veladamente, à mercê do sexo, na primeira zona erógena. Cede apenas ao seu instinto. A sua visão desenvolve-se primeiro a duas dimensões. Depois, a três, vem a noção da distância. Uma coisa a influencia: é a visão do que a cerca e do seu próprio organismo.

Gosta de se apresentar nua aos outros. Eis o complexo de Narciso. Debruça-se sobre si mesma.

Estas actividades parecem extinguir-se, mas voltam. Renascem com mais vigor directrizes diferentes. Tendência para fixar e amar os semelhantes do sexo oposto. Os meninos gostam das mães e as meninas dos pais: complexo de Édipo e de Electra. Pretendem substituir o pai e a mãe. (Édipo, herói da mitologia grega, mata o pai, Laio, rei de Tebas, e casa com a mãe, Yocasta). Os psicanalistas estão de acordo com este complexo. Há muitas pessoas que continuam a mantê-lo. Há mães que têm ciúmes dos filhos, com receio de que outras mulheres as substituam.

E citou casos do seu conhecimento.

Os dois complexos esfumam-se ràpidamente na maior parte dos casos. Essa presença do conjunto dos sexos está na tendência das crianças que as leva a olhar curiosamente o sexo oposto. Os educadores do século dezanove resolveram separar os sexos, mas foi contraproducente. As crianças sentiam-se isoladas por não poderem olhar para o outro sexo e voltavam à época do narcisismo. Deu-se então o que os educadores queriam evitar: ligações com as crianças do mesmo sexo.

À manifestação da *libido*, o orador chamou-lhe normal e aludiu ao livro de grande valor «O Poder da Regeneração», que ensina a transformar a força vital em actividade artística, sublimando-a pelo trabalho.

Quanto à evolução da *líbido*... A criança vai evolucionando e às vezes pára, mesmo com reflexos sexuais normais. Deve ter havido corte que provocará alterações psíquicas no indivíduo, ìntimamente ligadas ao problema do histerismo.

A seguir exclama:

— No homem há instinto e inteligência. Isidoro está a escrever um artigo. Vê o tecto cair e foge instintivamente. Não obrigou a funcionar a inteligência. É que o instinto relaciona-se com a conservação, a união, o prazer e a destruição. Por exemplo: um viajante encontra um indivíduo e diz-lhe: «Mãos no ar!» (instinto de ataque); o outro foge (instinto de conservação). Quando estes dois instintos se equilibram, tudo vai bem. O que preocupa os educadores é o desequilíbrio entre o erótico conservação) e o tónico (destruição).

Veja-se num ser em que predomine o erótico. Há desequilíbrio a favor deste e manifestam-se laivos do tónico.

Outro exemplo: o *sadismo*. O marquês de Sade foi mestre neste campo. O seu maior prazer era reunir muitas senhoras no seu castelo e chicoteá-las até as deixar em sangue.

Há também quem sinta prazer na dor (masoquismo). Leva uma tareia e goza com isso.

Estas taras servem para compreender o fenómeno do histerismo. Mesmo aqueles que sentem tais instintos encontram dificuldade nos preconceitos. No seu espírito há duas tendências acentuadas.

Quando não têm solicitações externas, sadistas e masoquistas sublimam as tendências; portanto, só há solicitações externas que chocam a sua alma. Se o ego é menor que o super-ego, o choque dá-se e surge uma neurose. O histerismo é neurose com um pouco de super-ego (destruição)

e um pouco de solicitação sexual (solicitação externa).

Muitos histéricos sofrem de paralisias de certos órgãos. Às vezes apresentam movimentos eróticos; outras vezes têm dores no estômago (característica do super-ego). Os dois contrastes.

A psiconeurose obsessiva e compressiva mereceu-lhe também longa exposição. As neuroses produzem-se mediante solicitações externas e internas e a paragem da *líbido* provoca paragem nas solicitações individuais. Ambas afloram ao campo da consciência e dá-se a neurose.

Os neuróticos mostram tendência para reter qualquer coisa: coleccionar selos ou dedicar-se à arqueologia, supondo que a evolução da *líbido* surgiu no período do narcisismo, cuja característica é a hipocondria (vêem doenças irreais, imaginárias). Neurose provocada.

A mania da perseguição é devida ao choque do super-ego com tendências homossexuais reprimidas (a característica do super-ego é a destruição do próprio indivíduo).

Quando a *líbido* aflora à consciência na fase embrionária o ser fica meses na cama, encolhido, como se fosse um verme. Nem todas as esquizofrenias são deste género. Todos os dias há momomentos em que estamos ligados ao real e ao sonho. A balança equilibra-se. Mas pode suceder que o imaginário prevaleça sobre o real. Os mitómanos (com tendência para inventar histórias em que eles próprios acreditam) não procedem com intenção malévola. A mitomania costuma provocar neuroses extremamente complexas e muito curiosas no aspecto psicanalítico.

Marie Morel apaixonou-se por um tenente de cavalaria, homem folgazão mas delicado, e vivia triste. Tinha desequilíbrio psíquico. O irreal prevaleceu sobre o real. Cartas anónimas assinadas com R (o tenente La Roncière) contra Marie Morel. Expulsaram as criadas desta e as cartas continuaram. Um dia a família sentiu-a de noite a gritar e a dizer que o tenente entrara no seu quarto e a tinha amarrado nua ao leito. Processo contra o oficial, que foi condenado. Depois é que descobriram que ela se podia ter atado, em face da forma como as voltas e os nós se apresentavam. Marie era neurótica, era histérica e deveria estar convencida de que o tenente lá tinha entrado para a violar. O imaginário aflorara ao campo da consciência.

Esta exposição terminou com um caso passado em Lisboa: a menina A e o sr. B. Ela apareceu com neurose atribuída e perturbação espiritual e desde criança sentira o fenómeno. Solicitou a presença de certos investigadores e o sr. B foi estudar a causa e aplicou-lhe tratamento psicanalítico, a fim de lhe substituir o subconciente velho. A certa altura viu que ela sofria de neurose que devia tratar-se. A menina concordou e convidou o sr. B a visitá-la. Ele aceitou amàvelmente. A menina A tinha um mundo imaginário maior que o mundo real, pensou no sr. B e criou um ambiente ligado aos dois. Quando este entrou em casa dela, toda a família estava reunida, porque lhe haviam dito que o sr. B era noivo da menina A!...

Estas perturbações provocam casos histéricos muito interessantes. Finalmente, o orador concluiu:

— Dizem que os médiuns são histéricos. E será preciso que o sejam? O histerismo irá provocar choques no seu eu. A meu ver, nem todos os médiuns são histéricos, mas todos os histéricos podem ser médiuns.

Enfim, foi um belo trabalho. Que bom seria podê-lo trasladar inteiramente para estas colunas!

I. D. S.

O FUTURO

As predições do futuro conduzem-nos aos umbrais de um mundo desconhecido. Parecem indicar a existência de um princípio psíquico capaz de se desprender dos limites do nosso corpo. Os videntes já o têm comprovado. São uma prova da sobrevivência da alma.

Um médium julga-se habitado pelo espírito de um defunto e pode revelar pormenores só conhecidos do falecido, cuja exactidão se comprova depois da morte, não do espírito, *mas de um factor psíquico, capaz de se alojar temporàriamente no organismo do médium, constintuindo uma espécie de dupla consciência, ao mesmo tempo daquele e do defunto.*

Sua existência seria «transitória» até desaparecer pouco a pouco. É como uma estrela que vai deixando o cometa do Espírito no seu giro para Deus.

Conhecemos o «centro» do indivíduo, mas ignoramos onde se encontram os seus limites exteriores. Talvez estes limites não existam.

Todo o homem está ligado aos que o precedem e o guiam.

A vida é uma fita cinematográfica que se desenrola perante a consciência actual e envolve um drama no curso da sua evolução para desenlace infinito e que para cada um de nós, foi, é e será uma simples mudança de vestuário.

ALEXIS CARREL

UM LIVRO DE BOZZANO

A Influência dos Desencarnados na Vida Humana

Por ARMAND DONNAY
(Correspondente em Liège)

(Continuação do número anterior)

Para terminar esta classe de fenómenos, o autor resume as suas conclusões nas proposições seguintes (página 214):

a) *os fenómenos premonitórios podem ser anímicos ou espiritas, segundo as circunstâncias;*

b) *na vida existe uma «fatalidade» combinada com o livre arbítrio, proporcional ao grau atingido por cada indivíduo;*

c) *nos fenómenos de premonição de morte encontra-se em geral um facto altamente significativo: saber que as premonições são transmitidas em forma de oráculo, simbólico ou obscuro, de maneira que as torne incompreensíveis dos interessados até depois do acontecimento;*

d) *uma parte das premonições só podem ser explicadas, se se admitir a existência e a sobrevivência do espírito humano.*

Quanto aos fenómenos de psicometria, Ernesto Bozzano observa (página 215) que podem às vezes ser espiritas, mesmo quando não haja qualquer indicação aparente de intervenção exterior, pois o objecto psicometrado serve para estabelecer a ligação psíquica entre o médium e o desencarnado que utilizou o objecto.

Comenta depois dois exemplos: o caso Lerasle (páginas 216 a 219) de grande valor teórico e que deve integrar-se neste capítulo de síntese geral redigido no intuito de eliminar a afirmação errónea de que a hipótese espirita se funda exclusivamente na base instável de casos de identificação de falecidos, e o caso Browne (páginas 219 a 221).

O autor continua a citar (páginas 222) as manifestações de falecidos algum tempo depois da morte.

Nesta obra de síntese limita-se a dar exemplos sob o forma de «hantise», de obsessão e de aparições identificadas de fantasmas vistos colectivamente ou sucessivamente.

Os fenómenos de «hantise» são geralmente idênticos aos que se obtêm experimentalmente nas sessões mediunicas. Assim, há casos de

— manifestações mediúnicas experimentais que se transformam em fenómenos de «hantise»;

— fenómenos de «hantise» que se transformam em manifestações mediúnicas experimentais;

— fenómenos de «hantise» que cessaram depois de uma sessão mediúnica realizada com este fim no lugar assombrado ou que foram suspensos em seguida ao cumprimento de uma promessa feita à hora da morte, não cumprida;

— fenómeno de «hantise» no local em que houve um suicídio, um crime, ou, menos frequentemente, uma morte natural.

Os factos que convergem para a demonstração dos fenómenos de «hantise» e dos fenómenos mediúnicos são transformáveis, convertíveis e intermudáveis. Exemplos de hantise: páginas 223 a 232.

Na página 232 o autor lembra a sua monografia sobre «Os Fenómenos de Obsessão e de Possessão» e cita:

— a opinião do professor Hyslops, que estudou estes fenómenos durante dez anos;

— o livro do doutor Carl Wickland, «Thirty years with the Dead» (Trinta Anos entre os Mortos), e

— um relato do doutor Magnin, de Genebra, enviado ao Congresso de Investigações Psíquicas de Copenhaga, onde relata e comenta dois casos (páginas 233 a 245).

Depois chama a atenção para a importância do problema considerado, que é de grande valor teórico, não sòmente do ponto de vista metapsíquico, mas também do ponto de vista prático e humanitário.

As aparições de mortos tempos depois do falecimento (página 245), quando são observadas colectivamente ou sucessivamente por muitas pessoas, excluindo as hipóteses de sugestão, auto-sugestão e as objectivações alucinatórias consecutivas, são, de facto, particularmente convincentes no sentido espirita.

Seguem-se alguns exemplos comentados (páginas 245 a 259), provando especialmente que a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano, longe de depender exclusivamente da identificação dos falecidos, por meio de informações pessoais fornecidas, é, ao invés, sòlidamente baseada sobre uma

série grandiosa de manifestações supranormais de todas as espécies (página 249).

O autor termina este capítulo (página 260 a 269) com algumas considerações sobre um efeito psicológico interessante, isto é, porque muitos investigadores dos problemas mediúnicos mantêm as suas convicções materialistas, apesar do grande número de casos de aparições de falecidos depois da sua morte, observados colectivamente ou sucessivamente por numerosas pessoas. Estas razões podem ser resumidas nesta frase bem simples: uma coisa é ler os casos de aparições de fantasmas de mortos e outra muito diferente é observar um acontecimento desta natureza.

Conclusões

(páginas 264 a 274)

O autor cita as conclusões particulares provenientes de todas as espécies de manifestações supranormais, anímicas e espiritas, cujas conclusões convergem para uma importante conclusão geral: a solução espirita do grande problema estudado pela nova ciência metapsíquica.

Depois sublinha as conclusões fundamentais seguintes:

— As faculdades subliminares não podem ser os germes de novos sentidos destinados a evoluir e a estabilizar-se na humanidade futura.

— As faculdades supranormais são os sentidos espirituais da personalidade subconsciente, que existem no estado latente na subconsciência à espera de emergir ou exercer-se num meio espiritual depois da crise da morte, da mesma maneira que os sentidos terrestres existem em estado latente no ambrião à espera de emergir e de se exercer no meio terrestre após a crise do nascimnto.

— É possível restringir em limites precisos os poderes das faculdades subliminares, poderes designados por clarividência no espaço e no tempo, telepatia, telestesia, psicometria, telemnesia (esta última faculdade no sentido de leitura no subconsciente de outrem sem limites de distância).

— A existência e a sobrevivência do espírito humano são provadas cientìficamente pelo conjunto de manifestações supranormais, anímicas e espiritas.

É um grave erro metapsíquico (erro cometido mesmo pelo Dr. Geley — vide o seu trabalho no Congresso de Copenhaga — página 271/2) pretender que a sobrevivência seja baseada exclusivamente em provas de identidade espirita fundadas nas informações pesoais fornecidas pelos comunicantes falecidos.

Para terminar, Ernesto Bozzano diz (páginas 273 a 274):

«Termino sintetizando os resultados obtidos sob forma de resposta ao problema que me foi posto pela Comissão Organizadora do Congresso Espirita Internacional de Glasgow (1937): «Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica os factos?».

A isto respondo:

Nem um nem outro podem, por si próprios, explicar o conjunto dos fenómenos supranormais. Os dois são necessários para este fim e não podem ser separados, pois são efeitos da mesma causa: o espírito humano, manifestando-se sob formas passageiras na existência encarnada, determina os fenómenos anímicos e quando se manifesta mediùnicamente durante a existência desencarnada determina os fenómenos espiritas.

Daí resulta uma conclusão importante: os fenómenos metapsíquicos considerados largamente, desde a modesta tiptologia da mesa mediúnica e suas pancadas, até às aparições dos vivos e às materializações de fantasmas vitalizados e inteligentes podem ser fenómenos anímicos ou espiritas, conforme as circunstâncias.

De facto, o que um espírito desencarnado pode fazer, um espírito encarnado o fará também, embora de maneira menos perfeita, desde que esteja numa fase transitória de depressão vital, que corresponde a um processus de desencarnação do espírito (sono fisológico, sono sonambulico, transe mediúnico, êxtase, desmaio, narcose, coma).

Segue-se que em metapsíquica devemos constantemente analisar os fenómenos supranormais, caso por caso, antes de nos pronunciarmos quanto à sua origem anímica ou espirita, o que equivale a reconhecer que o erro mais grave em que pode laborar um investigador é o de se apressar na generalização, outorgando a um grupo inteiro de fenómenos supranormais as conclusões legìtimamente aplicáveis a um único facto examinado. É um erro em que laboram os defensores do animismo totalitário e os do Espiritismo; mas nos primeiros este erro é uma regra sistemática. Se assim não fosse, não defenderiam um animismo totalitário.

FIM

(De «Spiritualisme Moderne»)

Um livro sensacional

"O CASO DE BRIDEY MURPHY"

Por MOREY BERNSTEIN

O relato surpreendente de uma senhora americana, em hipnose profunda, que reviveu uma existência anterior na Irlanda, há mais de um século.

É um livro fascinante que descreve experiências de hipnose, telepatia, clarividência, regressão de idade, percepção extra-sensorial, reencarnação e outros mistérios do espírito.

Foi o livro de maior venda nos Estados Unidos em 1955. Mais de 3 milhões de exemplares esgotados num ano. Agora em edição portuguesa.

Preço — 50$00

ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA

OS BÓRGIAS

Por Carlos Imbassahy
(Correspondente em Niterói)

(Continuação do número anterior)

PARA evitar suspeitas o Papa nomeara César fideicomissário do irmão falecido, o que muito irritou a viúva. Mas quando voltou a Roma, depois da investidura do Ducado, diz Burchard que o pai não lhe dera uma palavra.

*

Lucrécia divorcia-se e o marido é obrigado a declarar-se incapaz para o consórcio. E por motivos políticos, César trata de casá-la com um irmão de Sância, Alpherese d'Aragão, Duque de Bisceglia.

Depois desta cartada, resolve deixar a carreira eclesiástica para a qual não tinha a mínima vocação. Declarou que a abraçara por imposição. E por fim, que era filho ilegítimo de Alexandre, o que fez que os Cardeais logo o dispensassem.

De Cardeal de Valença passa a Duque. Com grande pompa vai a Paris. Enquanto o povo se insurgia contra os Bórgias, a viagem do Duque ia esvasiando os cofres. Na sua comitiva entravam médicos, hoteleiros, fidalgos, soldados. Levava o consentimento secreto para que o então rei de França, Luís XII, que já tinha esposa, casasse com Ana de Bretanha, viúva de Carlos VIII, e ainda o Cardinalato ao Bispo de Ruão.

Esperava-o João de Rivera, antigo inimigo do Papa, que nenhum mal lhe fez.

O Duque andava mascarado, porque contraira a sífilis, mas entrou esplêndidamente em Chinon; seu cortejo era carnavalesco pelas vestes, pelas cores, pelas fanfarras, pela cavalaria, pelos cânticos, pelo faiscar das jóias. Seu fausto e suas atitudes, em vez de admiração, causaram hilaridade.

Carlota de Aragão, sua indigitada noiva, não quis casar com ele, mas o Papa insistia, pois que ele fora à França para casar. Afinal, ofereceram-lhe Charlotte d'Albret, que aceitou constrangida.

É investido da ordem de S. Miguel, do Ducado de Valentinois e passou a chamar-se o Valentino. Durante dois meses toma parte em numerosas festas. Depois de algumas campanhas, com o auxílio dos franceses, volta a Roma e novos festejos o esperam.

*

As glórias de César, em vez de o tornarem agradecido à Divindade, exacerbaram-lhe os rancores. Manda tocaiar o Duque de Bisceglia, que é asaltado por um bando de facínoras, e só não morreu pela valente defesa dos que o acompanhavam, mas cai gravemente ferido.

César vai visitá-lo e lhe diz irònicamente:
— O que não sucede ao jantar pode acontecer na ceia.

E aconteceu, porque foi sufocado na cama. Com César era inútil teimar. Não se sabe, ao certo, se foram ciúmes da irmã ou algum móvel político a razão do crime.

Não pararam os seus feitos: Ataca Faenza. Manfredo rende-se e passa a servir humildemente no seu estado-maior. Vai a Roma onde é preso. Pouco depois o seu cadáver boiava no Tibre.

Cai o Castelo de Bolonha em mãos de César e quando ele surpreendeu os napolitanos em Capua e Sanseverino houve grandes matanças; as mulheres, para evitarem as desonras atiravam-se das muralhas. Diz-se que a Céser coube quarenta, muitas das quais ele distribuiu generosamente com os amigos, mesmo porque não era inclinado a damas.

Por tais façanhas, recebe felicitações calorosas de Luís de França e Fernando de Espanha, mais o título de Duque de Angria e opulentas adições às suas rendas.

Casam Lucrécia com Alphonse d'Este, e daí se esperavam grandes vantagens. O pai deste, dada a má reputação da noiva, não queria o enlace, mas conformou-se.

Foram deslumbrantes as festas do casamento; não as houve maiores na Renascença. Fizeram-se touradas, onde César foi toureador, e às quais não faltou o brilho da morte de touros e toureiros.

Vê Alexandre a oportunidade de reconquistar os estados papais. César atravessa os Apeninos, alcança vitórias e a ele aderem Paulo Orsini, Baglione, Vitellogo e outros, que se tornaram seus capitães.

Já Duque de Romagna, conquista Cameno e Urbino contra a vontade do Papa.

As vitórias de César arruinaram os territórios e os capitães seus aliados. E estes, os chamados *condottieri*, queixavam-se e conspiravam.

Faltava-lhes porém coesão. Petrucci, Júlio e Paulo Orsini correram logo a avisar César e César sorri. O sorriso era de mau prognóstico.

Paulo Orsini propõe condições e volta radiante, cheio de promessas e presentes. Baglione, desconfiado, avisa os companheiros que a única esperança estava nas armas. Paulo Orsini consegue, porém, que aceitem as propostas, enquanto Maquiavel observava: — o basilisco os engodou com os seus doces silvos.

Vitellogo hesita mas os outros convencem, e ele escreve uma carta bajulatória a César. Os temores de Paulo Orsini foram aquietados pelo Duque.

Dirige-se este a Sinigalia onde estavam reunidos os capitães; convida-os para uma confe-

UM BRINDE DE NATAL

"O EVANGELHO EM CASA"

Pelo Espírito de MEIMEI

Eis um livro que vem na hora própria tonificar a alma das crianças! Dádiva de um elevado Espírito que outras pérolas nos há transmitido pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, «Evangelho em Casa» é uma obra destinada à gente moça que procura orientação.

Se és espiritista necessitas dele no teu lar para teu próprio guia, pois te auxiliará na higiene mental e espiritual.

O culto do Evangelho valoriza a consciência e serve ao entendimento fraterno da família.

Oferece este livro a teu filho e terás contribuído para o seu futuro.

Não deixes passar a quadra do Natal!

1 volume encadernado e ilustrado — 30$00

ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA

rência, chama Vitellogo de irmão, manda buscar Oliverotto e saem em marcha alegre. Quando os ingénuos excursionistas se querem despedir, ele os prende.

Maquiavel observa que ninguém esperava encontrar vivos os capitães no dia seguinte. E tinham razão: Vitellogo e Olivereto foram enforcados à noite por Micheloto. Suas tropas, desarmadas, ficaram dispersas.

Os dois Orsini e alguns outros foram executados mais tarde.

Paulo Giovio chama ao assassínio *bellissimo inganno*, belíssimo ardil.

César estava radiante. Os reis admiravam-se do seu engenho. Luís achou-o digno dos grandes dias de Roma.

Todos muito contentes vinham cumprimentar o Papa, e entre eles o Cardeal Orsini, que foi logo preso; tomam-lhe o que trazia e jogam na rua a sua mãe octogenária.

Continuavam as vitórias de César que se viu senhor de um reino.

*

Grassava a Malária. Alexandre, César, como vários no Palácio, adoecem.

César conseguiu resistir, mas o Papa baqueou. Uma coruja cai-lhe aos pés, à vista do que os criados foram secretamente levando os bens. À tarde o Papa era cadáver. Morria com 73 anos.

César manda logo apreender-lhe os bens pelo célebre Micheloto.

Alguém vê um Espírito que o vem buscar, fenómeno familiar aos «videntes». Mas logo disseram que era um demónio que o abocanhava.

Reune-se o conclave; é eleito o Cardeal Piccolomini, um velho enfermo, e logo depois Júlio II.

A estrela de César começa a empalidecer. Já não é o tipo sereno e firme, porém o desconfiado, o inseguro. Depois ele e os seus amigos são presos, enquanto Júlio II abre uma devassa a respeito das crueldades, roubos, heresias e desmandos cometidos até então.

Escreve Collisson, *(História dos Bórgias)*:

«O Valentino implora humildemente o perdão do passado, acusando sua mocidade, os maus conselhos, o carácter pervertido do Papa».

Não respeitou, na sua miséria moral, nem a memória daquele que tanto o amara.

Apreenderam-lhe os bens furtados. Prenderam-no, recobra a liberdade, prendem-no de novo.

Transportam-no para a Espanha e o metem numa torre. Em determinada ocasião, pediu ao director do presídio que lhe indicasse os edifícios da cidade e quando este chega à janela, salta-lhe em cima. Não era já o hércules e o outro o domina.

Vai a nova prisão. Em 1506, com o auxílio de amigos foge espectacularmente e se põe a serviço do rei João de Navarra, depois de haver solicitado inùtilmente o do rei de França.

Navarra o emprega contra um rebelde. É infeliz num embate, cercam-no, derrubam-no, crivam-no de golpes.

E eis como termina um celerado a quem tanto favorecera a Providência, dando-lhe saúde, vigor, beleza máscula, riquezas, posição, glórias e aquilo que se chama *sorte*, ou seja a fortuna que sempre o acompanhava, que assombrava tanto quanto as suas armas, e que não o deixava ainda nas ocasiões difíceis.

Como, porém, muito se pedirá a quem muito se houver dado, é de crer que suas contas tivessem sido pesadíssimas.

*

O que não foi possível encontrar na História foram os grandes crimes do Papa; antes a sua tolerância, a sua indiferença aos ataques pessoais é o que se nota na pena dos historiadores. O célebre veneno dos Bórgias tem o cunho de lenda. E nunca os judeus foram mais garantidos do que em Roma, quando eram queimados por toda a parte.

Quanto a Lucrécia parece que não passa também de fantasia as acções más e indignas que lhe atribuem. Faleceu num convento, em Ferrara, em consequência de um parto, adorada pela sua dedicação à pobreza, pelo conforto que, com mão diuturna, trazia à miséria e ao sofrimento alheios.

Veritas super omnia.

FIM

MARIE MAHÉ

Por Pierre Neuville

Há em Paris cerca de cinco mil videntes, mas o número de médiuns autênticos não ultrapassa o milhar. Entre estes sobressaem uma dúzia de notáveis passivos, de «fenómenos» que são verdadeiramente os exploradores de um mundo desconhecido, de que relatam testemunhos comoventes.

Marie Mahé é um deles. Sócia influente do *Instituto Metapsíquico Internacional*, nunca hesita em demonstrar a sua faculdade pùblicamente.

Todos nós somos mais ou menos intuitivos, e a maior parte dos médiuns tem a revelação do seu dom depois de um choque emocional, alegre ou muitas vezes doloroso, quase sempre numa idade bastante avançada da vida. Marie Mahé é médium de nascença, como sua mãe, e seu pai era pintor. Pequenina, já tinha crises surpreendentes de sonambulismo. Lembra-se perfeitamente da sua primeira vidência, durante a guerra de 1914. Uma noite, quando ajudava a pôr a mesa em sua casa, declarou inesperadamente: «Ponho mais um talher para o tio que vai chegar». Este familiar estava então no exército e nada fazia supor que pudesse vir de licença. Foi isto que a mãe de Marie Mahé lhe fez notar, repreendendo-a. Entretanto, alguns minutos mais tarde, o tio, já de licença, batia à porta.

MARIE MAHÉ

Outro dia tinham-na levado ao teatro a ver *A Boneca de Nuremberga* e ela, durante uma crise de sonambulismo nocturno, escreveu toda a peça, com os nomes dos actores, as réplicas e os jogos de cena!

Como tantas outras, Marie Mahé desenvolveu-se com o famoso doutor Osty, que formou uma plêiade de médiuns célebres. Primeiro, o doutor Osty entregava aos alunos um sobrescrito com um documento cuja origem ignorava. Esta era a base da experiência.

Para Marie Mahé tratava-se de um pergaminho muito velho, manchado de sangue, e não teve dificuldade em revelar a origem dele e indicou, com datas, que o sangue era de uma pessoa falecida num barco devido a um duelo. Depois da verificação viu-se que os factos eram exactos.

Depois os seus triunfos repetiram-se. Relatarei aqui alguns exemplos típicos.

Um senhor veio consultá-la a respeito da sua mulher gravemente doente (o médico pensava já numa delicada operação no ventre), mas ela respondeu logo:

— Não se deixe operar. É um erro de diagnóstico.

O visitante ficou impressionado e contou esta conversa ao seu médico, que encolheu os ombros.

Passados alguns dias o médico telefonou-lhe a pedir a morada da vidente, para cumprimentá-la, porque, afinal, ela tinha razão.

As suas vidências, ora são longínquas, ora são próximas.

Em sessão pública anunciou a certa pessoa uma grande aflição causada pelo abandono de um ente querido. Os factos deram-se quatro anos mais tarde, exactamente como ela indicara.

A outro consulente que a interrogou avisou-o, com insistência, que tivesse o maior cuidado com as pernas, dizendo-lhe textualmente:

— Veja bem onde põe os pés...

Mal saiu à rua, o homem escorregou numa casca de fruta e partiu uma perna. Os cépticos chamarão a isto coincidência. Mas, que poderão eles opôr às «visitas» que Marie Mahé faz a distância, a lugares onde nunca esteve, chegando até a precisar o número de degraus, o estado de uso da escada de entrada, descrevendo a desordem do interior de uma casa e até o pormenor de um buraco numa camisola de malha que a sua interlocutora só usava em casa?!

A outro indivíduo, que se lamentava de ter perdido um caderno, Marie Mahé perguntou-lhe simplesmente:

— Quem é Madalena?

— É minha mulher — retorquiu o homem, espantado.

— Bem! É sua mulher que o tem.

E era verdade.

Devemos confessar que estamos longe de simples coincidências.

Certamente, como todos os médiuns, Marie Mahé tem os seus desaires. Ela não «vê» tudo o que quer. Seria bom demais, ou então horrível para ela.

Conta, por exemplo, que seu filho, de 24 anos, perdeu um dia a bata no liceu. Perdida ou roubada, tinha desaparecido e a criança foi chamada ao director para explicar o caso.

Natal dos Necessitados

Como sempre, os donativos afluem à nossa redacção. Há desejo de auxiliar, apesar das dificuldades económicas que assoberbam os subscritores. Não se obliterou nas almas o sentido fraterno que leva o homem a auxiliar o homem.

Destinados à nossa subscrição recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número	544$00
Frederico Pereira, de Lisboa	10$00
Família A., de Lisboa	25$00
Antero Rodrigues Gomes, de Lisboa	81$00
Produto da venda de um livro	50$00
Anónimo, de Lisboa	20$00
António Ribeiro da Cruz	50$00
Estêvão Ferreira Alho, de Castelo Branco	20$00
Jorge Costa Gomes Pinto, do Porto	100$00
A. L. D., do Porto	106$50
Manuel Tavares, de Lisboa	40$00
João Vito Pina, de Garvão	20$00
Luísa Pacheco Martins, de Lisboa ...	20$00
Fé, de Lourenço Marques	45$00
Armando Coelho	50$00
Ana Bárbara Brito Colaço	50$00
J. R. P., de Lisboa	20$00
Anónimo, de Ovar	50$00
António Maria dos Santos e Lourenço Santana	100$00
Guilhermina Sá, de Lisboa	20$00
Elvira Margarida Mendes, do Cacém	15$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	20$00
V. L., de Setúbal	50$00
A. L., de Setúbal	50$00
Arlindo Ferreira, do Porto	100$00
João António Rodrigues, de Faro ...	30$00
Amiga dos Pobres, de Lisboa	100$00
Armindo Carvalho, de Alcains	10$00
Serafim Nunes, de Castelo Branco ...	20$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
Manuel Correia Lopes, de Nova Ignação, Brasil	200$00
Maria Serrano Sampaio Casimiro, de Moura	20$00
Albertino Pinto, de Coina	100$00
Maria Josefa Guilherme Gouveia, de Lisboa	10$00
Alcinda Vieira Pinheiro, de Nogueira-Maia	50$00
Alice Gomes Saraiva, de Lisboa	20$00
Grupo das Crianças	20$00
Sócio n.º 542, de Lisboa	7$50
Total	2.293$00

UM DONATIVO ENCANTADOR

Do casal Leite de Faria, de S. Mamede de Infesta, recebemos uma linda série de enxovais para recém-nascidos que mãos de fada confeccionaram com dedicação e carinho para os necessitados do nosso Centro.

Aos bondosos confrades, os nossos agradecimentos.

OUTRO DONATIVO

Também a sr.ª D. Alcinda Vieira Pinheiro, de Nogueira-Maia, enviou lindas peças de malha, destinadas a um recém-nascido. Aqui lhe agradecemos, em nome do futuro contemplado.

— Não vale a pena aborrecer-se — disse o rapaz —. Basta telefonar à mamã. Ela saberá onde está e quem a roubou.

Belo exemplo de confiança filial que não foi recompensada dessa vez, porque Marie Mahé não encontrou a bata nem o ladrão.

Mas estes desaires não são nada ao lado dos êxitos. Marie Mahé, para quem a vidência é uma razão de ser, considera a sua actividade verdadeiramente missionária e não profissional. O desinteresse que ela, geralmente, demonstra por estas coisas é, sem dúvida, a compensação do seu êxito.

Profundamente crente, costuma ser inspirada, razão por que não necessita de auxílio material para fixar a sua vidência.

As mensagens que recebe são às vezes colectivas.

Também teve sonhos premontórios e descreveu-os pormenorizadamente. Assim, em 1937 anunciou a guerra de 1939 e viu o pacto germano-russo quinze dias antes da sua conclusão, apesar dos sarcasmos de que era objecto.

Outras vezes entra em comunicação com os desaparecidos, de quem transmite os conselhos.

A uma mulher que a veio consultar, disse, simplesmente, mostrando o medalhão que a cliente trazia ao pescoço:

— A pessoa que a senhora perdeu era sua mãe e diz-lhe que não se aflija e que vá ver o João.

Os factos são exactos, a pessoa existe e a consulente conta que só teve que abençoar o conselho.

Nenhuma das manifestações, não raro desconcertantes, que nos podem provar a realidade do além, escaparam a Marie Mahé. Foi assim que, há algum tempo, ela, que nunca escreveu um verso na sua vida, compôs, sùbitamente inspirada, espantosos e belos poemas místicos que os especialistas de questões supranormais admiram verdadeiramente.

Marie Mahé não se envaidece pelas suas faculdades excepcionais e continua na sua modesta casa da velha rua Pierre-Lescot a desempenhar uma missão que lhe é muito querida: encorajar os fracos, manter os fortes e dar a todos confiança e alegria de viver.

É um programa que tem a sua utilidade.

O QUE VI NO BRASIL

Por ANTÓNIO CARDOSO

VIII

O MAGNETO-HIPNOTISMO

Os fenómenos magneto-hipnóticos são olhados no Brasil cada vez com maior interesse, não só pelos estudiosos da Parapsicologia, como pelo grande público. Enquanto neurologistas e psiquiatras publicam obras valiosas e se discute em meios universitários as suas múltiplas aplicações, aqui e ali surgem hipnotizadores, trazendo perante um público interessado e boquiaberto algumas atraentes experiências. Alguns deles são cultíssimos. Ainda há poucos anos, um médico alemão fazia, num dos teatros do Rio, sessões durante as quais empregava até um curioso teste de orientação psicológica.

Quando estive no Brasil falava-se muito de um sacerdote que andava por todo o lado — julgo que até na Televisão — fazendo demonstrações desta Ciência. Tal como a Radiestesia, o Magneto-Hipnotismo conta entre os servidores da Igreja grandes entusiastas. Portugal, diga-se de passagem, está bem representado neste capítulo: o abade Faria foi grande no passado e o impagável padre Jorge Martins percorre o país de Norte a Sul, maravilhando nos nossos dias crianças e adultos.

O uso do hipnotismo como anestésico é muito comum entre os dentistas. O seu emprego está de tal forma difundido, que qualquer dia quem empregue a tradicional injecção será alcunhado de medieval... Várias pessoas me perguntaram se em Portugal os dentistas também usavam o hipnotismo; quando lhes respondi negativamente, olharam-me espantados, com ar de incrédulos.

Nos centros espiritas o magnetismo é muito utilizado principalmente para fins terapêuticos. Não há Centro, por mais modesto que seja, onde se não façam passes e imposições magnéticas. Ali recebe tratamento gratuito qualquer pessoa, rico ou pobre, espiritualista ou materialista.

Não há, no entanto, diga-se desde já, uma completa concordância de práticas. Enquanto alguns me afirmaram que basta 1 minuto de tratamento magnético (!!), outros, mais moderados, consideram como tempo médio 30 a 45 minutos. Um determinado sector considerava prático *tabu* magnetizarem-se indivíduos de sexos opostos. Outros, porém, diziam precisamente o contrário, e ainda outros, para baralhar mais ainda as ideias, não consideravam importante esse pormenor. A agravar estas discrepâncias, notei que muitos dirigentes tinham ideias confusas sobre o assunto. Num dos Centros de Porto Alegre, por exemplo, um dos directores entendia como fenómeno da exteriorização da sensibilidade, o que se manifesta à superfície da pele...

Estive uma manhã inteira na clínica do ilustre médico Dr. Octávio Lopes, onde o tratamento magnético ocupa um papel preponderante.

Depois de falarmos durante mais de uma hora sobre o Magnetismo e assuntos correlativos, teve a gentileza de me mostrar todo o seu consultório. Depois de observar diversos aparelhos para tratamentos hidroterápicos, entrei numa sala, onde se faziam as aplicações magnéticas.

— As pessoas sentam-se aqui, nestes bancos — disse o médico.

Os bancos estavam isolados uns dos outros, colocados em compartimentos que mais davam ideia de chuveiros. Para que a semelhança fosse ainda maior cada um dos cubículos tinha uma porta, que terminava a uns 3 ou 4 palmos do chão.

— Por que motivo as portas não vão até ao chão?

— Para se poderem fazer as imposições magnéticas.

— Confesso que não estou a compreender muito bem como as coisas se passam.

— Na minha opinião a mulher tem um determinado tipo de *antropoflux* e o homem outro.

— Assim...

— Assim o *antropoflux* da mulher é constituído por iões positivos e o homem por iões negativos. Ora as doenças, principalmente as de carácter emocional ou nervosas, provocam um desequilíbrio electrónico no indivíduo.

— E qual o remédio?

— O remédio é simples: receber fluxo magnético de um indivíduo de sexo oposto.

Como havia assistido a trabalhos onde só os homens podiam fazer passes a homens e o mesmo para as mulheres, insisti:

— Acha então que o tratamento feito por indivíduos do mesmo sexo é pouco eficiente?

— Sim. Acho que, seguindo o que digo, os resultados serão muito melhores.

— No entanto, não estou ainda a ver muito bem para que serve esta meia-porta à entrada destes cubículos.

— Serve para os tratamentos serem feitos sem distracção do *sujet* e do magnetizador. O doente senta-se no banco. Fecha a porta, e portanto nada vê à sua frente. O magnetizador está também sentado, mas do lado de fora, e também não vê a pessoa que vai magnetizar. Assim pode-se concentrar muito melhor.

— De acordo — disse —; mas, por que motivo é então a porta aberta em baixo?

— Repare que, estando a doente sentada com a porta fechada diante do rosto, apenas fica com as pernas de fora...

— Mas, então, o magnetismo faz-se aqui só às pernas?

— Sim. Mas repare que os efeitos fazem-se sentir em todo o corpo. Os passes fazem-se lentamente por toda a perna, com imposições demoradas e eficientes.

Como já havia assistido a «tratamentos» de 1 minuto, perguntei ao Dr. Octávio Lopes se

"O Espiritismo no Brasil"

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

Como dissemos no número de Novembro, saíu dos prelos o 1.º volume do livro «O Espiritismo no Brasil», da autoria do director desta revista e que vai construir uma revelação para milhares de leitores portugueses e brasileiros. A impressão da obra deve-se à Gráfica «O Mês», do Rio de Janeiro, que se esmerou no trabalho.

Compõe-se este volume de 23 longos capítulos vasados em estilo terso e repletos de observações e anotações acerca do Espiritismo nas terras do Cruzeiro. Quando a obra estiver totalmente impressa, então se avaliará o arrojo do empreendimento. Quem adquira este volume e o leia ponderadamente ficará ansioso pelo segundo e pelo terceiro.

Os capítulos são os seguintes:

Duas Palavras; 1 — Primeiras Impressões; 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas Sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trem ... ou talvez não; 9 — Uma Visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionárias de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Viajante; 20 — Na Cidade de Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis.

As suas 55 gravuras em papel «couché» são friso magnífico a ilustrar a obra, que é, ao mesmo tempo, um cântico à formosa terra que acolheu o nosso Director, como peregrino da Amizade.

Novamente se declara que este depoimento singular, pela extensão e pela forma, corresponde à realidade e jamais poderá ser tomado à guisa de louvaminha.

Os primeiros exemplares serão rateados pelas agremiações brasileiras visitadas pelo Autor e só depois o volume será entregue a uma grande distribuidora do Rio de Janeiro e a outra de Lisboa para venda ao público.

PREÇO DO VOLUME EM PAPEL BUFFON DE 1.ª — Cr$ 300,00

Os pedidos podem ser dirigidos ao

GENERAL FÁBIO DE CASTRO

Rua Marã, 100 — Maracanã — RIO DE JANEIRO

BREVEMENTE TEREMOS A OBRA EM PORTUGAL

demorava com cada paciente 1 minuto, como eu já vira fazer.

— Um minuto, como vi fazer já?

— Não! Que ideia! Menos de meia hora não pode ser! A média vai de 30 a 45 minutos.

— E toda a gente lhe serve para magnetizador?

— Sim, porque o que pretendo é um equilíbrio de cargas.

— Quer dizer então que qualquer pessoa com saúde está nessas condições?

— Claro.

— E não há excepções?

— Sim! As pessoas de vida sexual intensa.

— Porquê?

— Nelas há um desgaste anormal de *antropoflux*, e, como deve compreender, não são as mais indicadas a submeterem-se a novo desgaste.

Não posso garantir, evidentemente, que a inpretação electrónica do Dr. Octávio Lopes seja exacta. Tampouco garantir toda a estrutura do seu método. Posso, no entanto, dizer, numa breve e despretenciosa nota, que há muito mais lógica nas suas concepções do que naqueles que, mais rápidos que um Harry Edwards, *magnetizam* num minuto.

(Continua)

AVATAR DE MISSÃO

Por Vasco de Lemos Mourisca

No pouco que aprendi, do muito que me tem ensinado o Sábio Mestre Doutor Marcello Caetano, Magnífico Reitor da dionisíaca Universidade de Lisboa, ficou-me o bom hábito de precisar conceitos—aqueles com que, expressamente, vou lidar na exposição a que me disponho. E, assim, ao referir avatar, começo pela definição. Este vocábulo veio-nos do sânscrito avatâra *e, no Induísmo, é o nome dado a cada uma das encarnações de Vishnu,* myto *multimilenário que infraestrutura toda a filosofia orientalista.*

O grande poeta suíço Karl Spitteler definia o myto *como «o primogénito dos filhos de Deus». Se o considerarmos como narrativa indocumentada, boas raízes achou o poeta para a formulação do seu conceito.*

Ora o myto *(teimo em escrever com y, contra todas as reformas ortográficas...) mais célebre da filosofia oriental é o dos avatares de Vishnu, tomado como o grande Protector divino, oposto às formas criadoras (Brahmâ) e às destrutivas (Civa).*

Como entidade protectora, Vishnu teria tido intervenções directas na organização universal, quer sob formas irracionais, quer humanas.

A classificação e a quantidade dos avatares de Vishnu não são, de modo algum, pacíficas! Nem obedecem à rigidez fria de um dogma, nem à enumeração precisa de uma estatística. As clasificações variam e têm a aceitação que cada hermeneuta dá aos textos sagrados. Há, assim, tantas, que se chega ao limite de um mesmo versículo poder suportar diversas. Entretanto, há uma que é mais corrente. E esta admite 10 avatares sucessivos. Os 3 primeiros apresentam-se, respectivamente, sob a forma de um peixe (Matsya), de uma tartaruga (Kûrma) e de um javali (Varâha). O primeiro salva, do dilúvio, o grande antepassado da raça humana; a segunda liberta, do caos universal, cada conteúdo do desejo dos homens; o terceiro emancipa a terra, que as forças negativas tinham precipitado nos mares.

Shrî Aurobindo, que Romain Rolland saudou justamente como «o maior pensador da Índia de hoje», vê, nestas 3 intervenções divinas nos planos telúricos, o mental, o vital e o material.

Estabelecidos, pela projecção divina, estes 3 planos da criação inferior, segue-se o 4.º avatar realizado no homem-Lião (Nrisimha), que representa o esforço da pesquisa espiritual, o dealbar da evolução que se segue à involução.

Os 3 avatares seguintes fazem florescer a base moral que vai tornar possível a eficácia do 4.º avatar: Vamana, denominado Bali, faz triunfar a moral na vida pública; Parashurâma faz que ela impere na vida social, de onde afasta as formas cegas da força física (Kshatryas), transferindo-lhe o poder para os apóstolos da ética (brahmanes); Râma promove o seu triunfo na vida familiar, destruindo tudo o que se lhe oponha. Nesta sucessão de encarnações, Vishnu foi consolidando, uma a uma, a força moral, fazendo subir, grau a grau, o seu nível, com todas as aquisições anteriores.

O 8.º avatar é Krishna, cuja vida de extraordinária perfeição ética, conduziu o indivíduo à realização espiritual.

Se me não minguasse o espaço tipográfico, ficaria aqui muito tempo e de bom grado, a falar de Krishna, cuja altura de vida se me impõe tão poderosamente, que sinto genuflectir a minha alma à sua perfeição!

Na panorâmica dos grandes iniciados — para me servir da expressão de Edouard Schuré — não sei de perfeições mais puras, do que as de Krishna e de Jesus Nazareno, em cujo avatar humano se

DUAS MENSAGENS

JOVENS

No estudo das ideias inatas, pensemos nos jovens, que somam às tendências do passado as experiências recémadquiridas.

Com excepção daqueles que renasceram submetidos às observações da patologia mental, todos vieram da estação infantil para o desempenho de nobre destino.

Entretanto, quantas ansiedades e quantas flagelações quase todos padecem, antes de se firmarem no porto seguro do dever a cumprir!

Ao mapa de orientação respeitável que trazem das Esferas Superiores, a transparecer-lhes do sentimento, na forma de entusiasmo e sonhos juvenis, misturam-se as deformações da realidade terrestre que neles espera a redenção do futuro.

Muitos saem da meninice moralmente mutilados pelas mãos mercenárias a que foram confiados no berço e outros tantos acordam no labirinto dos exemplos lamentáveis partidos daqueles mesmos de quem contavam colher as directrizes do aprimoramento interior.

Muitos são arremessados aos problemas da orfandade, quando mais necessitavam de apoio amigo, junto de outros que transitam na Terra, à feição das aves de ninho desfeito, largados, sem rumo, à tempestade das paixões subalternas.

Alguns deles, revoltados contra o lodo que se lhes atira à esperança descem aos mais sombrios volutabros do crime, enquanto outros muitos, fatigados de miséria, se refugiam em prostíbulos dourados para morrerem na condição de náufragos da noite.

Pede-se-lhes o porvir e arruina-se-lhes o presente.

Engrinalda-se-lhes a forma e perverte-se-lhes a consciência.

Ensina-se-lhes o verbo aprimorado em lavor académico e dá-se-lhes na intimidade a palavra degradada em baixo calão.

Ergue-se-lhes o ideal à beleza da virtude e zomba-se, deles, toda vez que não se revelem por tipos acabados de animalidade inferior.

Fala-se-lhes de glorificação do carácter e afoga-se-lhes a alma, no delírio do álcool ou na frustação dos entorpecentes.

Administra-se-lhes abandono e critica-se-lhes a conduta.

hipostasiou, durante o tempo da sua pregação, a radiação divina que dizemos O Cristo. Os dois últimos avatares de Vishnu são muito discutíveis:

Budha, porque uma parte dos seus discípulos o considera como exterior ao Induísmo e até porque os próprios hindus se recusam a admitir que Budha possa exceder a perfeição humana de Krishna. Mais difícil, ainda, de precisar é a 10.ª encarnação personificada em Kalki, já que, pelo texto das próprias Escrituras hindus, Kalki ainda não veio fechar o ciclo dos avatares.

Avatâra *significa, em sânscrito, exactamente,* descida.

Se, na teogonia bramânica, é uma descida da divindade à Terra, em forma visível e palpável, o termo foi, depois, ampliado, até se poder considerar, hoje, como uma reencarnação lato sensu *ou um fenómeno palingenésico.*

O espírito que baixa ou desce à Terra, a tomar a humana forma, pode vir, apenas, regenerar-se através das provas ou, se tem qualidades intrínsecas, conquistadas ou não perdidas na cadeia dos avatares, pode vir cumprir missão de desenvolvimento geral. Todavia, em regra, os dois objectivos cumulam-se. Através do veículo telúrico, que lhe foi facultado para o avatar, o espírito procura progresso nos sectores claudicantes da sua marcha ascencional e, simultâneamente, porque tem, em si, forças essenciais de supremacia, concorre, pela sua acção, para o avanço cultural do meio a que baixou a plasmar-se em humano. É o caso, de um modo geral, de todos os criadores de Beleza na Arte, de conhecimento na Ciência, de progresso social na vida pública.

Missão de progresso é sempre mensagem de luz que provoca alto desenvolvimento na Humanidade, ou porque lhe deixa uma 9.ª Sinfonia, *se o avatar se chama van Beethoven, ou porque descobre o* Penicillium notatum, *se se chama Fleming, ou porque arranca à selva do planalto de Goiás a esplendorosa Brasília, se se chama Juscelino Kubitschek de Oliveira.*

Embora a tipicidade da missão progressiva se polarize na abertura dos grandes caminhos da Humanidade, o certo é que se conexa sempre com o ambiente em que o avatar se realiza. O Infante D. Henrique foi, no seu tempo, um avatar de missão, quer como alma dos Descobrimentos, quer como Protector da Universidade de Lisboa. E avatar de missão foi, coevamente, na Medicina, o Prof. Doutor Egas Moniz.

Na Arte, desde a paleta portentosa de um Nuno Gonçalves, à mensagem literária de um Aquilino, à capacidade interpretativa de um João Villaret, ao cinzel inspirado de um Álvaro De Brée, as sendas da missão de progresso desdobram-se por múltiplos canais e todos vão confluir no grande curso que fertiliza a Humanidade.

Nesta divisão do mundo em nações, o Karman selecciona, dentro de cada uma, os processos cíclicos que, por sua vez, irão instruir o continental, que há-de fundamentar a sentença do Mundo. Portanto, a grande panorâmica geral é feita de localismos.

Um grande Sábio, como um grande Artista, parte do meio geográfico em que se move, a projectar-se no todo global. Não importa o sector do conhecimento em que se manifesta. O que importa é que, na sua esfera, seja o melhor. E desde que falei em sábio e em melhor, salta-me, irresistìvelmente, ao bico da pena, como imperativo categórico de justiça, o grande nome português, que referi ao abrir este artigo, de Marcello Caetano, Homem de um aprumo moral incriticável e cuja Obra, quer no Direito, quer na investigação histórica, quer como Estadista, quer como Escritor que domina um estilo diáfano e de insuperável beleza, como Intelectual de vastíssima, profunda e fascinante cultura, é já um avatar muito evoluído que baixou à humana forma, em cumprimento de alta missão de progresso ético, científico, artístico e social.

E a evolução progressiva do Mundo, permissa maior do silogismo universal, marcha imparàvelmente no caminho de Deus, zénite que todos atingiremos, mais milénio, menos milénio, que o tempo é circunstância telúrica e a perdição eterna um erro da miopia de alguns olhos, quando não da conveniência de certos estômagos...

Não condenes a mocidade sempre que a vejas dementada ou inconsequente.

Cada menino e moço no mundo é um plano da Sabedoria Divina para serviço à Humanidade e todo menino e moço transviado é um plano da Sabedoria Divina que a Humanidade corrompeu ou delustrou.

Recebamos os jovens de qualquer procedência por nossos próprios filhos, estimulando neles o amor ao trabalho e a iniciativa da educação.

Diante de todos os que começam a luta, a senha será sempre — «velar e compreender», a fim de que saibamos semear e construir, porque, em todos os tempos, onde a juventude é desamparada a vida perece.

EMMANUEL

SE VOCÊ QUISER

Diz você que o mundo é amontoado de males infinitos, entretanto se você quiser construir o bem na própria alma, respirará, desde agora, na faixa do mundo melhor que surgirá em si mesmo.

Diz você que a casa onde reside é uma forja de sofrimento pela incompreensão dos familiares que lhe ignoram os ideais, contudo, se você quiser servir com paciência e bondade, ajudando a cada um sem reclamar retribuição, embora, pouco a pouco, passarão todos eles a conhecer-lhe os princípios, através de seus actos, convertendo-se-lhe o lar em ninho de bençãos.

Diz você que a ingratidão mora em seu campo de trabalho, transfigurando-o em lugar de suplício, mas se você quiser consagrar-se ao próprio dever com humildade e tolerância, observará que o seu exemplo grangeará o respeito e o carinho dos outros, transformando-se-lhe a tarefa em alegria.

Diz você haver perdido a fé, ante aqueles que ensinam a virtude sem praticá-la; no entanto, se você quiser, cumprirá com tanto devotamento as próprias obrigações, que a fé lhe brilhará no coração, qual fonte intransferível.

Diz você que não dispõe de recursos para ajudar ao companheiro em luta maior, mas se você quiser repousar menos alguns minutos, em seus lazeres de cada dia, poderá converter algumas horas cada semana em auxílio ou consolação para os semelhantes, conquistando a simpatia e o concurso de muitos.

ANDRÉ LUIZ

MÉDIUNS CURADORES

Por José Simões de Matos

À imitação do Cristo, a acção do «médium curador» deve ser considerada um acto de fé. Porque toda a sua acção terapêutica é espiritual e divina. A terapêutica de Jesus, como médico das almas, é o amor que em nome do Pai dedicou à humanidade sofredora.

Porém a acção terapêutica dos remédios do Mestre não se processa da periferia para o centro, de fora para dentro, como acontece com os remédios materiais.

Pelo contrário; seu efeito se faz sentir de dentro para fora. É necessário sentir a acção do Mestre ou daquele que o represente, para receber dele o efeito terapêutico que há-de proporcionar a cura do enfermo.

Recordem-se de algumas das curas produzidas por efeito da presença do Mestre e sua acção terapêutica. No caso do leproso, como noutros, note-se que ele não diz que curou. Ele afirma: «estás curado. A tua fé te salvou. Vai e não peques mais». Isto significa dizer: «A tua confiança em Deus, que tudo pode e de quem tudo depende e por quem eu vim» o havia curado. Significa mais ainda: que o enfermo, por seu estado de concordância com o Mestre e confiança em seus ensinos, havia atraído suas benéficas irradiações espirituais, com as quais se havia saturado, fortificando e ao mesmo tempo afastando de si, de sua alma, de seu coração, todos os sentimentos malsãos que podiam fazê-lo sofrer. Por este motivo tinha afastado de si todas as ideias, todos os pensamentos menos dignos, capazes de perturbá-lo e fazê-lo infeliz. A cura do enfermo é uma consequência da reforma de toda vida infeliz. A cura do enfermo é uma consequência da reforma de toda vida psíquica e anímica, da presença do Mestre, sua Doutrina e divina irradiação. Mas tudo isto só pode dar-se na vida daqueles que melhor puderam vibrar em uníssono com a alma do Mestre, receber dele tais influências. Quem isto não haja sentido poderá ter admirado o Mestre e mesmo reconhecido a sua sabedoria, mas não poderá ter-se curado de algumas de suas enfermidades, materiais ou morais.

O Cristo, pelos motivos expostos, curava com a sua presença, porque a virtude que dele irradiava não era sòmente dele, mas do Pai, por quem Ele falava e em nome do qual fazia as suas obras. Ele, no caso, prova a sua mediunidade, graças à qual lhe era possível materializar o amor do Pai, de quem era perfeito instrumento. O Cristo tinha o poder de aparecer e desaparecer; de agir na terra e no espaço, com a perfeição de um sábio, de um profeta e de um Mestre na ciência universal.

Entretanto ele nos disse: «O que eu faço vós também o podeis fazer, pela graça de Deus, que é quem diz todas estas coisas». Ele veio para esclarecer-nos a respeito de toda a lei e ensinar-nos a ciência da vida eterna.

Os médiuns de hoje, curadores, que desejam bem cumprir sua missão, não devem esquecer os ensinos e os exemplos do Cristo, nosso Mestre. Lembramos aos médiuns curadores que orem e vigiem, porque sua missão é das mais delicadas, no quadro das práticas espiritas. Orem pelo trabalho honesto e bem orientado, à luz da própria consciência; orem no começo de cada dia, pedindo forças e luz, para que todos os seus actos se processem, conforme a vontade do Pai, dentro da melhor ordem, paz e harmonia possíveis.

E quando se acharem em missão ao serviço da causa espirita, pròpriamente dita, pelo bem da humanidade, devem ter sempre presente que quem cura é o Pai, por intermédio seu, devem agradecer ao Pai.

A missão do médium curador é despertar os princípios superiores em cada ser, de modo que, cada qual, por si mesmo, sinta a verdade e receba a mensagem que o Pai, por meio de Jesus, o Cristo, tem pronta, para cada um de seus filhos, a qual lhe será entregue, no momento em que, por motivos diversos, se interessarem por voltar à casa paterna, qual o filho pródigo, depois de longa peregrinação, através dos mundos de expiação, adquirindo experiências e provas do amor do Pai, conforme Jesus nos pregou e exemplificou.

É conveniente esclarecer-se o médium, sobre a sua missão, como instrumento da lei, oferecendo-se para auxiliar o seu irmão. Nas sociedades espiritas devem trabalhar sempre, de conformidade com a ordem estabelecida, não deixando, jamais, de trabalhar em harmonia com seus guias e protectores, que sempre deverão invocar, inclusive o guia ou patrono da Sociedade, encerrando, no fim, com uma prece de agradecimento, como prova de nossa humildade e obediência, àquele que tudo pode e de quem tudo depende. Qualquer trabalho de ordem espiritual fora da Sociedade deverá ser feito, depois de consultado a quem de direito possa instruir a respeito. Excepto caso imprevisto e a título provisório, poderá ser atendido, antes de consultar; porque, qualquer prática espírita envolve a responsabilidade da Doutrina no mundo em que nos achamos.

Pois nem tudo, com boa vontade, simplesmente, pode ser feito. É preciso ter consciência do mandato que nos foi confiado, para evitar fazer muitas coisas que não são de nossa alçada e deixarmos de fazer o que está ao nosso alcance. Porque o Pai não necessita do nosso sacrifício, mas, sim, de nossa colaboração espontânea, sincera e leal, à altura de nossas possibilidades. Tudo quanto for além é presunção que nada aproveita ao fruto espiritual de nosso trabalho, pois redundará em sofrimento, motivado por nossa ignorância e desobediência espiritual, que poderão ser evitados, se formos mais prudentes e atentos ao Mestre, que internamente nos esclarece e deve ser o verdadeiro Guia do espírito consciente, em todos os actos de sua vida.

O HOMEM E OS ANIMAIS INFERIORES

CAPÍTULO DO LIVRO INÉDITO «CAUSAS DA REENCARNAÇÃO», DE SALVADOR GATTO

Da forma como cuidamos dos animais domésticos dependem, muito especialmente, os laços que nos unirão aos nossos semelhantes, durante o período de futuras reencarnações.

Não há dúvida a este respeito, visto que dessa escala obrigatória elaboramos lentamente a responsabilidade das acções que conquistaremos como património que nos chegará mediante um processo que culminará com a elaboração do próprio espírito e que se verifica superando o ciclo dos animais inferiores, ao passarmos a fazer parte da humanidade como seres racionais. Por isso somos levados a concluir que a alma é o princípio do movimento e das sensações e o espírito uma consciência da alma. Há muita verdade neste conjunto de ASCENSÃO BIOLÓGICA, salientando como parte central o que se chama acumulação de instintos e que fazem parte da formação do ser humano, isto é, o cúmulo de sensações, a infinita angústia, o pavor que às vezes nos rodeia, o ódio acumulado, a apatia, a tristeza de alma que não sabemos explicar. Afinal, todos estes factores têm relação directa com a maneira como o Homem trata os animais domésticos que estão a seu cargo, tratando-os, protegendo-os, etc.

Estes conceitos, que imperam como verdade sobre legiões imensas de seres evoluídos, devem, portanto, amadurecer nas consciências alheias, sobrecarregando a nossa vida de relações em face daqueles que ainda têm as folhas do seu livro em branco, visto que se opera neles o primeiro processo de encarnação, guardando assim, como num cofre exótico, o arcano de todas as recordações e sensações telúricas que suportaram.

Por isso há seres humanos que, iniciados no Mundo de relação, não crêem na sua alma, não têm fé e encerram-se no labirinto de dúvidas e tendências bárbaras e selvagens que *o homem lhes criou prèviamente*.

Por isso a muitos dos semelhantes que nos rodeiam e a quem muito queremos, damos apenas a incompreensão da nossa alma, talvez para imprimir carácter de profecia às seguintes palavras: «toda a acção provoca reacção». Ou aquela frase, mais consistente ainda, que diz: «muitas vezes semeia-se numa vida para se colher noutra». Não há dúvida, portanto, de que a simbólica balança divina das compensações se inclinará a nosso favor na medida em que proporcionarmos o bem-estar aos animais superiores que temos o dever de proteger, porque haverá destinos a saldar, como, por exemplo, se não retribuirmos com carinho a sublime lição de *fidelidade* que nos dá o cão. E maior será o nosso dever, quando os animais domésticos se tornem credores da nossa estima e amizade que vêm de Deus.

Compreendendo estas simples especulações metapsíquicas e cumprindo-as far-nos-emos partícipes da harmonia universal e as novas encarnações futuras oferecer-nos-ão o maravilhoso espectáculo de ver o *cão de ontem* entrar na intimidade do filho, irmão, amigo ou convertido nas mais doces alianças.

Por isso, não é a primeira vez, nem será a última que, ao morrer um cão, digamos com lágrimas de sentimento: «Só lhe faltava falar. Tão inteligente e compreensivo que era!»

E já na fase humana, quem noz diz que não é capaz de nos superar em acções nobres e em progresso que, alcançando maior soma de virtudes devido a existências melhor aproveitadas, não poderá constituir-se em nosso guia e protector?

Se isto for possível — certamente que é através da eternidade — pode ser que encontremos a explicação de muitas almas eleitas que baixam através da *mediunidade* e se apegam a nós com grande carinho para nos darem um conselho, uma advertência ou uma orientação.

Vale a pena recordar a conveniência de sermos consequentes com estes desventurados irmãos menores que ainda sofrem as consequências de uma fase inferior obrigatória. Não há dúvida de que o *cão de hoje* será o homem de amanhã e por isso não é de estranhar que venha a ser o nosso guia do futuro, se demorarmos muito na subida.

(Tradução de M. R.)

"A VIDA ESCREVE"

Pelo ESPÍRITO DE HILÁRIO SILVA

Eis um novo livro recebido por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Cinquenta e seis capítulos recebidos alternadamente por cada médium e vasados em linguagem sugestiva que leva o leitor, sem interrupção, ao fim da obra, na qual os ensinamentos se desdobram em temas da mais elevada espiritualidade.

PREÇO — 25$00

Ainda sobre o Deus de Israel e o Deus de Jacob...

por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

VII

Sobre este tema, a grande questão para nós é esta: nós não podemos aceitar como sendo o verdadeiro Deus a entidade que frequentíssimas vezes falou directamente a Moisés, a Abrahão, a David e a outros personagens, alguns dum atraso intelectual enorme.

E ainda menos podemos aceitar que o Verdadeiro Deus, a Bondade e a Misericórdia quintessenciadas, estivesse naquele tempo a combinar com os homens a forma de derrotar, em combates exterminantes, a outros homens, que estivesse a combinar planos de vingança contra os inimigos dos israelitas, que exigisse aos hebreus, como sinal de pacto com Ele, a obrigação da circuncisão de todos os varões, obrigação abjecta e sem o mais ínfimo sinal de espiritualidade, e que estivesse a incitar ao estabelecimento de cerimónias absurdas, incluindo as de holocaustos sangrentos.

Manifestou-se aquele Espírito Protector duma maneira imponente no monte Horeb como Mensageiro de Deus e concedeu a Moisés as chamadas Tábuas da Lei contendo o Decálogo, precioso código de moral para aqueles tempos e que continua a ter aplicação nos tempos de hoje. E, sempre que os hebreus invocavam aquele divino Mensageiro, os seus pensamentos iam assim para o Deus Altíssimo.

Todavia o Decálogo foi corrigido por Jesus simplificando-o nestes ensinamentos:

«Ama a Deus acima de tudo e ao próximo como a ti mesmo. Não faças aos outros o que não queres que te façam».

E quanto ao adultério completou-o com o seguinte: «Todo o que larga sua mulher e casa com outra, comete adultério; e o que casa com a que foi repudiada de seu marido comete também adultério» (Lucas c. 16 v. 18).

Jesus também não cumpriu a disposição do descanso ao sábado, e o catolicismo também não cumpre o Decálogo no que respeita à adoração de imagens nele condenada. Logo, o Decálogo assim mostrado incompleto ou anacrónico, não nos leva a crer na sua origem directamente divina.

E Jesus, para nos dizer que não é possível a qualquer compreender Deus e viver no Seu Reino sem amparar-se aos ensinamentos crísticos, claramente nos diz: «que não podemos ir ao Pai senão por ele».

Por todas as razões expostas em última análise, menos podemos aceitar que na antiguidade hebráica tantas facilidades houvesse para falar a Deus «face a face» como Moisés disse (Deuteronómio c. 5 v. 4) ou como disse Jacob quando lhe foi mudado o nome para Israel: «Eu vi a Deus face a face, e a minha alma foi salva» e isto depois de longa luta com tal entidade espiritual, designada primeiro como um varão desconhecido, e reconhecido depois, pelo dito Jacob, como o seu Deus (Génesis 32 v.v. 24 a 30).

E por tudo isto razão tinham os comentadores bíblicos dos primeiros tempos do cristianismo, que consideravam ímpio o autor dum livro no qual o Ser bom por excelência estava representado como o autor do mal. Orígines dizia que, se se tomasse ao pé da letra a história da criação, esta era absurda e contraditória.

Santo Agostinho entendia também que não havia forma de conservar o sentido literal dos três primeiros capítulos do *Génesis* sem atribuir a Deus coisas indignas de Ele.

Portanto, porque muitos preconceitos dominam os homens, desde remotos tempos, sobre os pontos básicos do Velho e do Novo Testamento, e porque tem sido defeituosa a chave utilizada para os interpretar, eis aí a razão por que os chamados livros sagrados cairam em descrédito ante os homens dominados pela razão e libertos de fanatismos.

E, considerando os trâmites por que têm passado, através de tantas versões, aqueles livros, escritos uns anteriormente ao Cristo, e outros escritos nos primeiros tempos do cristianismo, considerando que, antigamente, toda a reprodução era feita por copistas que sempre tinham ocasião de estropiar esta ou aquela palavra por ilegibilidade ou distracção, e considerando ainda que o tradutor duma obra dá aos significados dos termos e à formação das frases o sentido e a disposição que melhor se coadunam com o seu modo de ver e de sentir, temos de concluir que a interpretação da Bíblia e o significado de muitos dos seus livros têm de ser alcançados pelo que se possa interpretar do conjunto de cada obra.

Fora disto é a confusão, que procuramos fazer desaparecer com a argumentação que empregamos e com a apresentação de novos pontos de vista, inteiramente racionais.

Pois está na errada interpretação de considerar Jehová como sendo o Espírito da Suprema Inteligência — o Deus Altíssimo, a circunstância mais desastrosa, pela irracionalidade que contém, que mais tem deturpado a verdadeira compreensão dos textos bíblicos.

Pois *o Senhor*, constantemente invocado e apontado como a entidade a quem são atribuídas as instruções e demais revelações mencionadas nos livros do Velho Testamento, não é, pelo que sabemos dos ensinamentos, espiritas, o Deus Altíssimo, o Pai Criador dos Universos, o Espírito de Suprema Inteligência, porque nunca na humanidade houve ou pode haver quem possa sincronizar as suas vibrações espirituais com as altas vibrações divinas, senão o Jesus e outros Mestres fundadores de religiões.

E terminamos aqui esta série de comentários longamente meditados e que verdadeiramente se denominam COMENTÁRIOS BÍBLICOS À LUZ DO ESPIRITISMO, produto de intenso estudo feito em cumprimento dum voto que fizemos, quando nos nasceu o terceiro filho e que, desde logo, pensámos dedicá-lo a todas as mulheres que, aceitando a sua divina missão de mães, cumprem, incontestàvelmente, pelo seu inultrapassável espírito de sacrifício, a superior e altíssima missão de renovadoras da Humanidade e de instrumentos sagrados da natural evolução das almas a caminho do seu aperfeiçoamento, por lhes facultar as necessárias e reabilitadoras reencarnações.

INSTITUTO DE CULTURA ESPIRITA DO BRASIL

Conferência e Debate sobre «A Teoria Corpuscular do Espirito»

Fiel aos seus objectivos precípuos de cuidar da parte cultural do Espiritismo em todos os sentidos, promoveu o *Instituto de Cultura Espirita do Brasil*, ainda há pouco, mais um *seminário* no Rio de Janeiro, a fim de pôr em estudo e debate o livro «A Teoria Corpuscular do Espírito», de autoria do Engenheiro Hernani Guimarães de Andrade, residente em S. Paulo. Especialmente convidado para fazer uma conferência no Instituto, o Dr. Hernani Guimarães Andrade compareceu àquela sociedade, onde fez longa e instrutiva explanação acerca da «Teoria Corpuscular do Espírito», apresentando gráficos e exemplos ilustrativos.

Como de praxe no Instituto, logo após a conferência, que foi, aliás, uma aula de grande significação, diversos assistentes fizeram perguntas e propuseram questões, dando ensejo a que o ilustrado conferencista desenvolvesse considerações explicativas, atendendo à curiosidade intelectual de todos quantos, naquela grande e compacta assembleia, se mostraram interessados no assunto.

Os *seminários* do Instituto são organizados justamente para debater problemas que interessem à cultura espirita em qualquer aspecto. O livro do Dr. Hernani Guimarães Andrade sustenta algumas proposições bem sérias e de indiscutível repercussão científica. É uma contribuição apreciável ao estudo científico do Espiritismo. Todavia, é natural que ainda esteja sujeito a certas dúvidas ou restrições, neste ou naquele ponto, o que, aliás, sempre acontece em todas as obras de tal porte intelectual. Justamente para proporcionar aos seus frequentadores um estudo directo do assunto, a Directoria do Instituto resolveu preparar um *seminário* especialmente para este fim, dando oportunidade para um encontro de ideias em ambiente fraternal e vivamente interessado no estudo. Foi uma das maiores reuniões do Instituto.

Dr. Hernani Guimarães Andrade

Depois de todas as perguntas, com os devidos esclarecimentos, fizeram uso da palavra, em primeiro lugar, o Prof. Dr. Túlio Chaves, que apreciou o livro do Dr. Hernâni Guimarães Andrade apenas sob o ponto de vista biológico; em segundo lugar, o Dr. Henrique Andrade, que fez apreciações especiais, quanto ao aspecto pròpriamente espirita.

Os dois debatentes, que haviam sido prèviamente convidados para fazer comentários sobre «A Teoria Corpuscular do Espírito», enalteceram o trabalho do conferencista, embora fazendo observações especiais, com alguma discordância em determinados aspectos. Tanto o Dr. Túlio Chaves como o Dr. Henrique Andrade, entretanto, acentuaram o valor do estudo feito pelo conferencista, cujo livro é, inegàvelmente, uma contribuição muito valiosa ao estudo da parte científica do Espiritismo.

A MORTE NÃO EXISTE

Por Henri Biquet

(Presidente da Federação Espirita de Liège)

II

DISSE que durante a sua permanência na terra a alma pode libertar-se momentâneamente da prisão de carne, ir ao mundo espiritual e relatar o que vê e ouve. Por outro lado, em certas condições as almas desencarnadas podem comunicar com os homens.

Antes de falar dessas possibilidades e desses resultados, devo confessar que, afinal, nada mais faço do que verificar o que muitos outros verificaram antes de mim.

O mecanismo do ser humano é uma coisa maravilhosa; aqueles que se deram ao trabalho de o estudar foram obrigados a concluir, como William Crookes:

O conhecimento do homem é o mais nobre estudo da humanidade.

Antes de estudar o modo de vida do ser humano depois da morte do corpo material, devemos, primeiramente, ver como ele é constituído.

Se fizermos esta pergunta aos materialistas, responder-nos-ão: *é constituído apenas por um* se compõe *de corpo material, perispírito e espíde uma alma.*

Nós, espiritas, dizemos que o ser humano compõe-se *de corpo material, perispírito e espírito* (ou *alma).*

Penso que é inútil estudar o corpo material; toda a gente sabe que é capa que morre e volta à terra.

O Espírito ou *Alma* é o princípio inteligente, o ser pensante de cada indivíduo.

E a terceira parte, o chamado perispírito?

É apenas o traço de união entre os dois elementos; quer dizer que é o intermédio; que não é puramente material, nem puramente espiritual.

É constituído por substâncias fluídicas. A existência deste perispírito é uma certeza adquirida por todos os experimentadores sérios. E estes experimentadores dirão que todo o estudo lógico deste elemento deriva do estudo aprofundado do ser vivente.

Fizeram-se, certamente, experiências nas criptas sagradas do Himalaia, nos santuários do Egipto, em todos os centros de iniciação da Grécia, da Itália, da Gália, mas ignoramos ainda muito das suas práticas.

Desde o final do século passado, até aos nossos dias, diferentes experimentadores, tais como, o Coronel de Rochas, Charles Lancelin, Hector Durville, para citar apenas os principais, retomaram estas experiências com a ajuda do magnetismo, que constitui, actualmente, um precioso meio de investigação no domínio experimental.

*

Em 1893, o Coronel de Rochas quis saber o resultado que produziria a magnetização intensiva e prolongada de um passivo.

Se seguirmos o seu processo obteremos o seguinte:

Primeiro estado, chamado vigília, que consiste numa sucessão de fases letárgicas com aparência de sono vulgar.

Segundo estado, chamado sonambulismo — Neste estado o passivo parece acordado e absolutamente normal, excepto quando a pele se torna insensível.

Terceiro estado, chamado de relação — Neste estado, o passivo desconhece qualquer pessoa, além do magnetizador. É sugestionável e acusa a formação, à volta dele, de uma camada sensível, paralela ao corpo e a 3,5 cm deste. É a exteriorização da força nêurica que começa.

Quarto estado, denominado simpatia ao contacto — Chegada a esta fase, a sensibilidade corporal desaparece do passivo e neste estado só subsiste a memória da linguagem.

Quinto estado, denominado simpatia à distância. — Neste momento o passivo já não sabe quem é, já não possui memória da sua própria vida e só se conhece a si próprio e ao seu magnetizador.

No estado seguinte, continuando a magnetização do passivo, obtém-se o seu desdobramento e as pessoas sensitivas podem notar uma forma vaporosa que, geralmente, se encontra à esquerda do passivo e que tem, exactamente, a forma deste.

O passivo, no decurso da experiência, indica o que se passa e nota todas as fases do desdobramento.

Sabemos muito bem que os nossos detractores, assim como os assistentes pouco familiarizados com os fenómenos magnéticos, dirão que é o resultado de uma sugestão mental.

Mas animem-se, pois existe uma verificação. Quando o experimentador chega a este estado, convida médiuns videntes que, antes do trabalho realizado, descrevem todas as fases acima indicadas. Como segunda verificação emprega-se a chapa fotográfica, que não é sugestionável...

Foi desta maneira que o Coronel de Rochas chegou a produzir a exteriorização do passivo, a que chamou *fantasma vivo.* Depois deste resultado suspendeu a experiência, mas esta possibi-

lidade da exteriorização do desdobramento do ser humano foi o início de todas as descobertas posteriores.

★

Por volta de 1909, Hector Durville retomou as experiências do Coronel de Rochas e obteve também a exteriorização do fantasma vivo.

Todos os experimentadores sérios obtiveram resultados concludentes.

Estas experiências demonstraram que o estudo do fantasma humano vivo nos ajuda a conhecer e a adquirir a percepção da vida póstuma.

A clariaudidência, a psicometria, a clarividência e a regressão da memória são meios adquiridos para provar a sobrevivência e entrar em comunicação com os desencarnados.

Não posso falar mais acerca destas experiências, pois isso me levaria a um trabalho muito exaustivo. Mas, para nós, que temos experimentado, o *processus* da morte é absolutamente o mesmo que o do sono magnético e caracteriza-se como ele: separação entre os princípios materiais do ser, que permanecem no plano físico, e os seus princípios imateriais e espirituais, que vão evoluir num plano superior.

Infelizmente, certas experiências muito delicadas não podem fazer-se diante de muita gente.

Enquanto uma experiência química se pode executar diante de milhares de pessoas, as nossas exigem condições particulares, e uma das principais é a qualidade e pequeno número de assistentes.

Eis a dificuldade actual que um dia chegaremos a vencer. Entretanto, uma coisa é certa. Segundo as espantosas descobertas da Física sabe-se que um corpo se pode desagregar e perder as formas exteriores, libertando de si mesmo uma força radiactiva.

Se nos apoiarmos no grande princípio da conservação da energia: «*Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma*» concluiremos isto: *Se os elementos que compõem a força física não são destruídos*, a força psíquica não pode ser aniquilada, tanto mais que tem o poder de animar e dirigir com inteligência a matéria que constitui a força física. Numa palavra: sobrevive ao corpo material que comanda e, portanto, é-lhe superior.

A morte não existe.
Não há morte.

Não... a morte não é a dura ceifeira que abate cegamente os seres colocados ao acaso no seu caminho.

Na morte física é a natureza que adormece os seus filhos fatigados pelo trabalho ou pela usura da vida, para lhes dar uma outra vida.

O medo da morte é criado pela ignorância do desconhecido.

É o medo do abismo que apavora os seres humanos.

Para outros é o medo do inferno eterno que castiga o mal.

Este medo *não existe* para os que se deram ao trabalho de estudar o porquê da vida. Esses sabem que o Espiritismo Moderno lhes dá ocasião de adquirir um ideal elevado que fortifica o homem, o ilumina e lhe dá esperança; porque o homem tem necessidade de crer.

Sim, ele tem tanta necessidade de crer, como de constituir família.

O homem aspira a um ideal eterno. Um ideal que pode mantê-lo nas suas lutas, que o consola nas suas provas, que o inspira nas grandes resoluções.

Eis o que o homem necessita. Deve igualmente saber que após a morte do corpo físico continua a viver. Precisa de conhecer então o seu verdadeiro destino. Morre para reviver e revive muitas vezes para atingir a perfeição e gozar uma felicidade perfeita.

É a lei da *Reencarnação* que lho permite.

A Reencarnação é uma palavra que ainda amedronta ou faz rir os nossos difamadores.

Muitas pessoas crêem que a doutrina da reencarnação é muito recente e que é simplesmente uma invenção espirita.

Estas pessoas são bastante ingénuas para imaginar que o mundo foi sempre igual ao de hoje. Rir-se-ão ou ficarão muito admiradas, quando se lhes disser *que a novidade nega a reencarnação* e que a maior religião da Índia e do mundo, pelo número dos seus adeptos — o Budismo — é totalmente reencarnacionista. Nos Egípcios, todos os papiros sagrados ensinam esta doutrina. O Druidismo professado pelos nossos antepassados era reencarcionista. O próprio Cristianismo, nos primeiros séculos da sua época, aceitava a reencarnação como coisa inteiramente natural e lógica e baseava a sua moral nesta teoria.

Se abrirmos o Evangelho, vemos o seguinte passo do apóstolo João: «Em verdade — responde Jesus a Nicodemos — eu te digo: Nenhum ser que não tenha nascido de novo pode ver o reino de Deus». Nicodemos disse-lhe: «Como é que um homem pode nascer, quando é velho? Pode reentrar no ventre materno e renascer?

Jesus respondeu: «Em verdade, em verdade te digo: Sem nascer de novo ninguém pode entrar no reino de Deus; o que nasceu da carne é carne e o que nasceu do espírito é espírito; não te admires, portanto, do que disse: *É preciso nascer de novo*».

Devemos, pois, admitir que todas as grandes religiões deixaram escritos acerca da *Reencarnação*.

Sei que muitos pensam que esses escritos não podem convencer-nos. Faltar-nos-ia... Faltar-nos-ia o quê? *A prova completa!!!*

Muito bem..., o Espiritualismo Moderno dá-nos essa prova.

Durante algumas experiências de magnetização pode-se ordenar ao passivo que diga o que fez na véspera, na antevéspera, uma semana, um mês, um ano antes e, sucessivamente, fazê-lo voltar à sua infância. Sempre sob a mesma vontade do magnetizador, o passivo continua a regresão e conta a sua vida no espaço e a morte na sua última encarnação. Se o estimularem descreverá até muitas encarnações anteriores e sucessivas.

★

A Morte não existe, pois quando o corpo físico cessa de viver, o ser humano encontra-se no mesmo estado que o do passivo magnetizado de

MAIS DUAS OBRAS DE "RAMATÍS"

A Sobrevivência do Espírito

Psicografada pelo médium Dr. Ercílio Maes, de Curitiba, Estado brasileiro do Paraná, este livro é um prolongamento de «A Vida Além da Sepultura», que tanto êxito obteve nos meios espiritas. Ramatis deu-nos uma obra modelar onde se estuda a origem e a técnica dos fenómenos da visão espiritual, a recordação das vidas anteriores, os sonhos, muitos aspectos da mediunidade, a música do mundo astral, as forças mentais utilizadas pelos desencarnados, a volição, os estigmas do perespírito e os efeitos dolorosos do suicídio. São 400 páginas de grande formato em papel de linho.

1 volume — 120$00

A Fisiologia da Alma

Eis um trabalho importantíssimo que nenhum espiritista deve deixar de ler, pois dá-nos revelações extraordinárias sobre os efeitos nocivos do fumo, do alcóol e da alimentação carnívora naqueles que desencarnaram, além de outros a respeito de saúde e doença, homeopatia, regimes dietéticos, idiotismo, imbecilidade, influência do psiquismo nas doenças digestivas, cancro e sua origem, terapêutica magnética, cirurgia e radioterapia no cancro, motivos de recrudescimento do cancro e sua cura. Além disso estuda a diagnose kármica desta doença, desde a sua origem nos povos da Atlântida.

1 volume — 120$00

ENVIAMOS ESTAS OBRAS À COBRANÇA

que falei há pouco. Desdobrou-se e vive ainda melhor do que antes. Falei do quinto estado da magnetização, disse que neste estado o passivo já não conserva a memória da sua própria vida e só conhece o seu magnetizador. Portanto, neste estado, o desencarnado pode perceber certos pensamentos; é porque os espíritos advertidos, numa visita ao leito mortuário, convidam o defunto a deixar estes lugares e a escutar as vozes do além.

Porque, neste momento, em vez de se julgar abandonado, pode esperar que entidades amigas, ou almas protectoras lá estejam para o aconselhar e guiar na nova vida.

Sabe-se que no último momento estas entidades amigas vêm até nós para nos facilitar a tarefa, para nos diminuir a dor moral da separação e a dor física da morte.

Quando a criança nasce é objecto de atenção dos pais, que a esperam com amor e impaciência. É vigiada, cuidada e guiada pelos que a amam.

A desencarnação, que alguns apelidam de morte, é apenas o nascimento num lugar diferente daquela em que se viveu.

A doutrina da sobrevivência e da reencarnação é consoladora e racional. Ela explica o homem e justifica Deus.

Como muito bem disse Léon Chevreuil: «O fim da naturaza é a vida. Porque não se morre; a vida é tudo e a matéria nada. A matéria passa e a vida permanece.

Então a reencarnação é um mistério... um milagre, dirão alguns espiritas inquietos.

Não... já não há milagres, mas uma ciência.

Não há nada de sobrenatural, nem misterioso; tudo obedece a leis.

Afirmar a Reencarnação — disse Charles Lancelin — é explicar o mundo, que nós vemos, por outro mundo que não vemos, mas cujos factos nos mostram a existência e a certeza da sobrevivência.

Terminarei, dirigindo-me aos que duvidam e não adquiriram esta certeza e também aos que só afloraram o lado experimental. A esses direi que investiguem imediatamente, não esquecendo de se apetrecharem *mentalmente e moralmente.*

É preciso procurar a verdade com um coração simples e forte.

Para evitar certos escolhos é bom não esquecer que o cepticismo e a credulidade exagerados, são sério perigo.

Não investigueis os factos antes de vos sentirdes aptos a compreendê-los e a dominá-los.

Podeis adquirir estas aptidões por um lento e paciente estudo das obras fundamentais, pelo desenvolvimento da vontade e o exercício de um julgamento claro e seguro.

Se fizerdes do Espiritismo um jogo, um divertimento frívolo, podereis só encontrar nele incoerências e mistificações e, neste caso, será melhor abster-vos.

Aconselho-vos antes a dirigir-vos a homens sábios e esclarecidos que guiem e orientem a vossa rota.

À medida que avançardes nesta via, reconhecereis que os factos que resumi existem realmente. Eles nos provarão que:

A morte não existe.
Não há morte.

(De **«Spiritualisme Moderne»**, de Liège)

O "SNOOPERSCOPE"

Grande Auxiliar no Estudo e Controle das Sessões

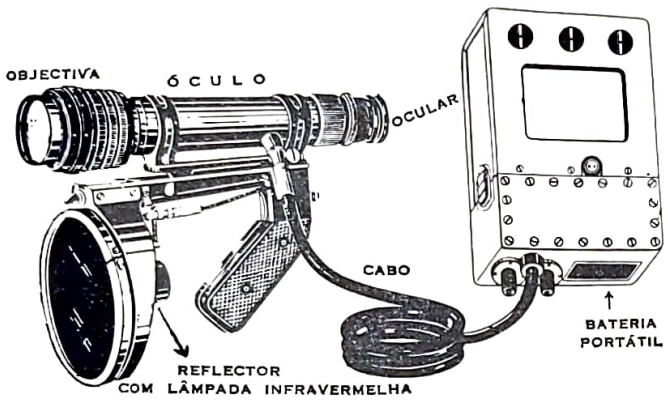
O Dr. Andrija Puharich demonstrou a utilidade prática que pode prestar ao Espiritismo e à Parapsicologia o uso do «Snooperscope», ao descobrir uma fraude grosseira no Acampamento Espirita de Chesterfield, em fins de Maio de 1960.

Os espiritistas foram sempre criticados por fazerem sessões na obscuridade, pois isto leva a pensar que, afinal, o que se pretende é facilidade para enganar os incautos. Eles, por seu lado, são de opinião que a obscuridade favorece a aparição e manutenção dos verdadeiros fenómenos.

Agora, com o uso do «Snooperscope», chega-se a uma conciliação entre os bem intencionados. Assim, sem que o observador ou o investigador exija ao médium ou aos assistentes qualquer coisa que achem prudente não fazer, poder-se-á estudar o processo fenomenológico na obscuridade.

Durante a segunda guerra mundial apareceram os primeiros «snooperscopes» também chamados «aniperscopes», que se montavam para poder disparar projécteis sobre o inimigo, na escuridão da noite.

O aparelho consiste num óculo electrónico, mas de reduzido aumento. Também possui um reflector que lança luz infravermelha à distância de 9000 metros. O objecto para onde foi projectada a luz é invisìvelmente iluminado. O olho humano só chega a ver a cor violeta por um extremo do espectro e o vermelho pelo outro extremo. As radiações ultravioletas ou as infravermelhas são invisíveis, embora consigam impressionar algumas películas fotográficas adequadas. No caso do «Snooperscope» a luz projectada é infravermelha e o olho humano não pode ver os objectos iluminados por ela. Para torná-la visível, dentro do óculo, há um transformador que converte electrònicamente a imagem infravermelha invisível numa cena visível.



O «Snooperscope» quando se vulgarizou teve múltiplas aplicações. Eis algumas delas:

- Para ver na obscuridade requerida.
- Para descobrir certos crimes, fazer trabalhos fotográficos ou estudar a vida dos animais.
- Para investigações médicas, biológicas, psicológicas ou astronómicas.
- Para efectuar exames químicos, téxteis, artísticos ou criminológicos.
- Para cálculos térmicos a distância e observar a distribuição da temperatura em objectos com temperaturas superiores a 250 graus centígrados.
- Para conservação de plantas industriais ou do lar.
- Para estudos microscópicos à luz ultravioleta ou infravermelha.
- Para estudos espectroscópicos.
- Para localização de chamas mas ocultas pelo fumo, etc.

Durante a guerra o aparelho custava ao governo norte-americano mais de 1250 dólares, mas agora o seu preço é muito menor, pois já se compram por menos de 200 dólares. Além disso podem-se adquirir peças separadas.

Temos recebido folhetos de duas casas norte-americanas que os vendem. Uma delas é «Mcneal Electric & Equipment C.º» (4736 Olive St. - St. Louis 8, MO — Estados Unidos).

A outra é «Edmund Scientific C.º» (101 E. Gloucester Pik, Barrigton, N. Y. — Estados Unidos da América).

«SILVA MELO E OS SEUS MISTÉRIOS»

(2.ª Edição)

Pelo Dr. SÉRGIO VALE

Eis um livro extraordinário que deve ser lido por todos os espiritistas! De resposta ao Dr. Silva Melo, catedrático de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, que escreveu um grosso volume contra o Espiritismo, esta obra inaugura um novo caminho de objectividade e análise em que se passam em revista todos os fenómenos espiritas e metapsíquicos.

É um dos melhores livros publicados nos últimos tempos, em edição da LAKE, de São Paulo.

PREÇO — 60$00

ENVIAMOS ESTA OBRA À COBRANÇA

TROMBETAS DO CÉU

Por ALEIXO VÍTOR MAGALDI
(Correspondente em Volta Redonda)

DOS umbrais sidérios das vastíssimas campinas de luz não cessam de clamar as vozes do Além para os vales de dor da Terra sombria, valendo-se dos médiuns.

Por exemplo: Os livros recebidos, mediùnicamente, por Chico Xavier, vieram revelar a vida de além-túmulo com uma realidade espantosa.

«Missionários da Luz», de todos eles, foi o que, surgindo, mais espanto causou no meio espírita. Produziu, até, no seio do Espiritismo culto do Brasil, um efeito surpreendente, como, no seu prefácio, avisava Emmanuel. E não era para menos. Pois, uma obra inteiramente fora do comum, fugia por completo da craveira habitual de todos os livros já escritos com o auxílio da mediunidade, em qualquer parte da Terra.

Coado pelo lápis empunhado por uma criatura humilde e despretenciosa, como o nosso caríssimo confrade Chico Xavier, de ilustração primária, «Missionários da Luz» contém páginas profundamente científicas. Cremos ser impossível a um cientista verdadeiro escrever coisa melhor, a respeito das questões de ciência postas em foco nesse deslumbrante volume. Duvidamos, mesmo, que alguém possa fazer obra mais ou menos igual. E se houvesse quem fosse capaz de tal proeza inacreditável, jamais poderia realizá-la vertiginosamente, como Chico Xavier, sem retirar o lápis do papel, sem a mínima meditação, sem rasuras e sem emendas, com aquela habitual rapidez que todos admiram na psicografia desse médium incomparável.

Parece-nos ter vindo a ser publicado para abafar a gritaria da classe médica, que, em grande parte, caluniava Chico Xavier e o Espiritismo, julgando-os incapazes de produzir obras de fundo científico-médico. Dizia-se, escancaradamente, que o Chico só escrevia baboseiras de fundo evangélico e só projectava «pastiches» literários, literatura barata e balofa. No entanto, aí está «Missionários da Luz» a provar o contrário. É um livro encantador, cuja leitura satisfaz de modo cabal as camadas da mais alta cultura. Não é livro ao alcance de intelecto pouco desenvolvido, ao sabor do intelectualismo superficial, apriorístico, presto a julgar levianamente o que se lê.

Veio à luz da publicidade para ser lido pelos que estejam à altura de o compreender, assimilar e reflectir com segurança sobre os conhecimentos legìtimamente científicos e sobre as revelações suplementares espiritas, de que se acha farto. Apareceu como sequência natural do veio áureo das mais transcendentes revelações que os Espíritos estão fazendo jorrar do Espaço para a Terra, nos últimos tempos.

E André Luís, *transmitindo-nos a sua colecção de livros, nada derrogou do que Kardec deixou firmemente estabelecido nos seus livros, muito especialmente no «Livro dos Espíritos» e «Génese». Basta fazer-se uma leitura comparada, com serenidade e sem preconceito, para chegar-se a essa conclusão.*

Os mais diversos fenómenos revelados pelos livros de Kardec, como sejam a preparação das reencarnações dos Espíritos, a fecundação do óvulo, a gestação, o nascimento, o desenvolvimento físico, intelectual e moral do indivíduo, até à sua desencarnação e volta do seu espírito ao Espaço, bem como a protecção que lhe é dispensada pelos espíritos caridosos ou a perseguição, a obsessão e a possessão dos rancorosos, tudo isso está na colecção de André Luís. *Simplesmente, tais revelações foram feitas por* André Luís *de maneira mais clara, aberrantemente realista, sem o menor subterfúgio. Essa clareza meridiana, essa realidade crua, essa franqueza rude é que escandalizou muita gente que viajava no alto bordo do Espiritismo. Essa gente estranhou a vivacidade dos quadros dos passes, das materializações, da organização social dos Espíritos, etc.*

A verdade, porém, vem sendo revelada, apesar de todos os impecilhos humanos. A vida eterna está, hoje, devassada de modo surpreendente. O Consolador prometido por Jesus anda por toda parte, a gritar pela imprensa, pelo livro, pelo rádio, pela TV.

A princípio as revelações foram feitas no sentido geral. Só abordavam questões de ordem fundamental. Antes de Kardec e mesmo durante Kardec, os Espíritos transmitiam-nos os conhecimentos relativos à génese da Terra, dos seres e das almas e discorriam sobre os problemas da vida e do destino, sem grande minudência.

Kardec, a seu tempo, recebeu e coordenou uma série numerosa de comunicações instrutivas de espíritos iluminados.

Formou com elas uma Doutrina avançada. Com «O Livro dos Espíritos», parte filosófica; «O Livro dos Médiuns», parte experimental; «O Evangelho Segundo o Espiritismo», parte moral; «O Céu e o Inferno», parte doutrinária; «A Génese», parte científica, Kardec, descerrando as cortinas do além-túmulo, entregou à humanidade terrena um código divino, contendo os artigos da vida eterna. Foi um missionário perfeito.

Outros vieram a seguir, como seus satélites; e captaram das vozes dos mortos novas revelações. Surgiu J. B. Roustaing, com «Revelação da Revelação»; Gabriel Delanne com «A Alma é Imortal», «O Espiritismo Perante a Ciência», «A Reencarnação» e «Evolução Anímica»; Léon Denis, com «Depois da Morte», «O Problema do Ser, do Destino e da Dor», «O Porquê da Vida», «No Invisível», «O Além e a Sobrevivência do Ser», «O Grande Enigma», «Cristianismo e Espiritismo»; William Crookes, com «Factos Espiritas», compêndio de provas exuberantes colhidas por esse sábio de renome universal, com a participação de vários luminares da ciência, atestando a realidade dos fenómenos espiritas e, consequentemente, a vida do Espírito depois da morte do corpo físico; Camille Flammarion, outro sábio renomado, com «Deus na Natureza», provando a imortalidade em todos os planos da vida dos seres e das coisas, sob uma directriz única — Deus, «O Desconhecido e os Problemas Psíquicos», «Os Mundos Imaginários e os Mundos Reais», «A Pluralidade dos Mundos Habitados», «As Forças Naturais Desconhecidas»; Conan Doyle, o célebre escritor, com «Nova Revelação», em que narra as experiências e as provas de sua conversão ao Espiritismo;

Pietro Ubaldi, o consagrado prof. italiano, com a «Grande Síntese», obra erudita, intuitiva e luminosa, sobre a génese de tudo que existe, que nos dá uma aceitável concepção de Deus; além de muitos e muitos outros autores, com diferentes obras profundamente reveladoras.

Ninguém, contudo, chegou a revelações tão minudentes a respeito das actividades dos espíritos desencarnados, a pormenores tão edificantes, quanto os que nos foram revelados pela mediunidade de nosso querido Francisco Cândido Xavier. Desceu do Céu à Terra, pelo Chico Xavier, um manancial precioso de luzes espirituais, aos borbotões. «Há Dois Mil Anos», «50 Anos Depois», «Renúncia», «Paulo e Estêvão», «Nosso Lar», «Os Mensageiros», «Reportagens de Além-Túmulo», «Missionários da Luz»... Mais de 60 volumes, inclusive um dos últimos, «Evolução em Dois Mundos», verdadeiramente assombroso.

Apesar de tudo isso, ainda há quem nega que os mortos voltam para contar a História do Outro Mundo...

«Evolução em Dois Mundos», sobretudo, deslumbra-nos pelo cunho verdadeiramente científico das suas revelações, muito além dos modestos elementos primários da cultura de Chico Xavier, seu primoroso psicógrafo.

Emanuel *e* André Luís *ditaram, para o nosso amado confrade Chico Xavier, reais jóias da literatura dos chamados mortos. Conforme as expressões de* Emmanuel, *o esclarecido guia do humilde médium de Pedro Leopoldo:* «André Luís *veio, uma vez mais, com «Evolução em Dois Mundos», esclarecer que o homem é um Espírito Eterno, habitando, temporàriamente, o templo vivo da carne terrestre; que o perispírito não é um corpo de vaga neblina e sim organização viva em que se amoldam as células materiais; que a alma, em qualquer parte, percebe, segundo as suas criações individuais; que os laços do amor e do ódio nos acompanham em qualquer círculo da vida; que outras actividades são desempenhadas pela consciência encarnada, além da luta vulgar; que a reencarnação é orientada por sublimes ascendentes espirituais; e que, além do sepulcro, a alma continua lutando e aprendendo, aperfeiçoando-se e servindo aos desígnios do Senhor, crescendo sempre para a glória imortal a que o Pai nos destinou».*

As trombetas do Céu retumbam na Terra. Felizes dos que têm ouvidos e as ouvem!

LIVROS NOVOS

ACÇÃO E REACÇÃO, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito de André Luís ... br. 35$00

AFRICANISMO E ESPIRITISMO, por Deolindo Amorim — 2.ª edição revista e ampliada ... br. 16$00

AMOR E ÓDIO, por Yvone A. Pereira — Ditado pelo espírito de Charles ..... br. 45$00

ASCENSÕES HUMANAS, de Pietro Ubaldi — 4.º volume da 3.ª trilogia do Autor ..... enc. 130$00

CONTOS E APÓLOGOS, por Francisco Cândido Xavier — Ditado pelo espírito do Irmão X ... br. 25$00

CINZAS DO MEU CINZEIRO, por Manuel Quintão, prefaciado por Carlos Imbassahy — Narração de casos interessantes de fenomenologia espirita ..... br. 30$00

DOR SUPREMA, romance ditado pelo espírito de Vítor Hugo — 6.ª edição ..... br. 75$00

DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, por Mário Cavalcanti de Melo — Suas lendas, erros e contradições ..... br. 38$00

ESTUDANDO A MEDIUNIDADE, por Martins Peralva, segundo a obra «Nos Domínios da Mediunidade», de André Luís ..... br. 40$00

EVOLUÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS, por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito de André Luís ..... br. 35$00

A ERA DO AQUÁRIO, pelo Dr. Aníbal Vaz de Melo — Obra extraordinária sobre as promessas do ano 2000 ..... br. 50$00

EÇA DE QUEIRÓS PÓSTUMO, por Fernando de Lacerda — Crónicas mediúnicas de Eça de Queirós ..... br. 35$00

O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA, por Deolindo Amorim — Obra notável de defesa do Espiritismo ..... br. 45$00

ESPIRITISMO E CRIMINALIDADE, por Deolindo Amorim — Livro baseado numa conferência do autor promovida pelo Instituto de Criminologia e proferida na Universidade do Rio de Janeiro 25$00

O ESPIRITISMO E AS DOUTRINAS ESPIRITUALISTAS, por Deolindo Amorim — Trabalho prefaciado pelo Dr. Lauro Sales ..... 150$00

A FELICIDADE AO SEU ALCANCE, pelo Dr. Toulouse ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE XICO XAVIER, contados por Ramiro Gama e ilustrados à pena ..... br. 35$00

LINDOS CASOS DE BEZERRA DE MENESES, igualmente contados por Ramiro Gama ..... br. 20$00

LUTA REDENTORA, por José da Silva Sobrinho — Interessante romance ditado pelo Espírito de José de Alencar ..... br. 40$00

MAGNETISMO ESPIRITUAL, por Michaelus — História, evolução, experiências e aplicações. Relações com o Espiritismo, diferenças e concordâncias entre magnetismo e hipnotismo ..... br. 40$00

NOTÍCIAS DA BAÍA

Prosseguem bem animadoras as palestras realizadas na nossa Capital (Cidade do Salvador) a que muitos irmãos chamam erradamente Salvador, os trabalhos de evangelização e no sector da infância a «USEB» tem realizado algo de significativo, numa actividade que não se via em anos anteriores. Parabéns aos jovens seareiros da Vinha do Senhor.

Comemorando o 2.º aniversário da fundação do *Grupo Dr. Carneiro Ribeiro,* do *Centro Espirita Posto de Socorro Bezerra de Meneres,* que é o grupo que congrega as crianças que estão sendo evangelizadas realizou-se no dia 23 de Outubro uma reunião festiva, contando com a presença de inúmeros confrades de vários centros da nossa Capital, tendo na oportunidade falado vários oradores sobre o Espiritismo como base fundamental da evangelização do «Homem de Amanhã» e a necessidade de preparar a criança para enfrentar os problemas do futuro. Houve também números de música e canto. Na oportunidade também falou a professora Cecília Rocha que, com sua palavra fácil e elucidativa, atraiu a atenção de quantos ali estiveram presentes. Mais uma fase vencida pelos confrades do «Grupo Dr. Carneiro Ribeiro», adeso ao *C. E. Posto de Socorro Bezerra de Menezes,* que com o Sr. José Santiago e D. Maria Luísa Santiago, corações bem formados na causa do bem, ao lado do confrade Raimundo Matos se desdobrem em esforços para a causa do Espiritismo na Baía, mòrmente no sector da infância.

CENTRO ESPIRITA «CAMINHO DA REDENÇÃO»

Dando um passo avançado nas suas realizações em prol da disseminação do Espiritismo na Cidade do Salvador, o *Centro Espirita «CAMINHO DA REDENÇÃO»* inaugurou a sua nova sede, à rua Barão de Cotegipe, 124, no bairro da Calçada.

Além de grande número de confrades da nossa Capital, estiveram presentes autoridades, como sejam o Professor Heitor Dias, Prefeito da Capital, Deputados e outras pessoas, num total de 2.000.

Com a ampliação do referido Centro, que tem quatro pavimentos em cuja construção foram gastos cerca de quatro milhões de cruzeiros e abrigará os serviços doutrinários e assistencial, ficando a antiga sede, contígua ao novo prédio, exclusivamente para a *MANSÃO DO CAMINHO,* da mesma instituição, que se constituirá para o lar das crianças abrigadas por aquela instituição.

No pavimento térreo fica o salão de conferências doutrinárias com capacidade para 600 cadeiras, onde está um perfeito serviço de ampliação de som, livraria especializada, ficando no 1.º pavimento da Escola de Jesus Cristo, Ambulatório Médico, Gabinete Odontológico, Gabinete Médico, Farmácia e Laboratório de Análises e sala para os trabalhos mediúnicos. No 2.º andar fica a *Escola «Jesus Cristo»* que funciona em dois turnos nas cinco salas existentes; no 3.º pavimento, a Secretaria Geral, Tesouraria, Sala de Corte e Costura, Salão Social da «Caravana Auta de Sousa» e Sala dos Directores; no terraço, a Lavandaria.

Fundada em 7 de Setembro de 1947, por um denodado grupo de Espiritas militantes, tendo à frente o Professor Divaldo Franco, não poupou esforços no sentido de realizar a grande obra que vem realizando pelo Espiritismo na Baía; assim com a ajuda de companheiros igualmente devotados, como Nilson Pereira, Arnaldo Figueiredo, Eudalbo Freitas, Nilton e Celso Sá Roriz e tantos outros, marca um ponto alto no espiritismo prático, pela acção e pelo trabalho que realiza, dando a sua assistência à pobreza e actualmente a cerca de 130 famílias que têm ali encontrado mensalmente o auxílio necessário. Além da grande obra que acaba de realizar, mantém o *«Caminho da Redenção»,* no quilómetro 4 da Estrada de Rodagem e o *Lar dos Meninos,* onde funciona a *Escola Primária «Alvorada Nova»* e onde será a Colónia Agrícola com o plano previsto para 3 anos, que terá início em Dezembro próximo.

Ao acto inaugural que foi presidido pelo Professor Heitor Dias, Prefeito da Capital, a convite do Professor Divaldo Franco, o mesmo pronunciou uma palestra sobre a Fé e a Esperança após o que também o Sr. Divaldo Franco pronunciou uma conferência sobre a *História do Espiritismo,* situando a teoria de Darwin e a codificação da doutrina de Allan Kardec.

Durante as cerimónias inaugurais foram ouvidos coros orfeónicos infantis, sob a orientação da Professora Cecília Rocha, um baluarte da orientação evangélica da criança que entre nós vem trazendo a sua proveitosa colaboração em palestras e ensinamentos básicos sobre a evangelização da criança brasileira, palestras estas que contìnuamente são realizadas em vários centros da Baía, sob o patrocínio da *União Social Espirita da Baía.*

Está de parabéns a Baía Espirita por este passo avançado que deu o *Caminho da Redenção.*

O DIA DO RÁDIO-AMADOR

Tornando bem conhecida as actividades dos rádio-amadores da Baía, da região, realizou-se no dia 23 de Outubro uma demonstração pública do que é o rádio-amadorismo e o serviço que presta à colectividade universal. Os rádio-amadores da Baía, pela sua Delegacia Regional (Labre, da região) fizeram uma demonstração pública na sua rede, levando mensagens de confraternização aos amadores de outros Estados e que, no momento, se empenham na arrecadação de meios para fundar a *Casa do Rádio-Amador.* No domingo foi realizada uma sessão cinematográfica na sua sede social, passando alguns filmes, entre os quais salientamos «A Bola Vermelha» e «Se Todos os Homens Soubessem», que narra a odisseia de um barco pesqueiro, cuja tripulação se achava perdida no oceano, vítima do escorbuto e que foi salva graças a um rádio-amador que viajava a bordo e que entrando em contacto com amadores da África, da França e da Áustria, conseguiram, depois de muitas peripécias, soro para salvar aquelas vidas. Fica este registo como homenagem a estes valorosos amigos que dão tudo para ver o bem do próximo, independentemente de crenças ou credos, unidos pelo ideal comum: o bem do próximo. Foi assim comemorado «O Dia do Rádio-Amador».

Outubro, 1960

(Do nosso correspondente na Bahia)

EDITORA ESPIRITA ALEMÃ

A casa Hermann Bauer, *de Friburgo, tem um programa vasto de publicações esotéricas, dispondo também de pêndulos, bolas de cristal e aparelhos destinados à comunicação espiritual.*

Hilde Dressel publicou um romance intitulado «O Mundo Espiritual», em que um vidente chamado Frieder usa as suas faculdades em benefício do semelhante. É um grande violinista e durante a guerra demonstra que pode ver através dos órgãos e dizer o sítio onde uma bala está alojada.

Conhece as doenças e o pensamento dos indivíduos. Sabe quando morrerão e determina até o dia exacto do falecimento.

Trabalhando na indústria sabe todos os números de cor e soma e multiplica em segundos. Curou uma mulher de obsessão e casou com ela. Após a morte volta à terra e comunica com os encarnados.

A mesma editora publicou também «Os Mortos Falam», de Findlay, em que se contam numerosas histórias verídicas acerca dos fenómenos espiritas. Os médiuns são vinculados e controlados rigorosamente, para evitar fraudes. Há também frequentes materializações e molduras em parafina quente.

Como se vê, os estudos psíquicos proliferam na Alemanha, onde também há «malucos» que se entretêm com estas «burundangas». Por este caminho, ainda vemos o mundo transformado em manicómio . . .

HELENA KELLER E A IMORTALIDADE

Helena Keller, a célebre doutora surda-muda e cega que se notabilizou em todo o mundo pelo seu esforço, exprimiu, deste modo, a sua opinião a respeito da imortalidade da alma:

«O facto de ser cega e surda para o mundo físico ajudou-me a despertar a consciência do mundo invisível e espiritual. Conheço os meus amigos pelo espírito e não pela aparência. Assim, a morte não me separa dos entes queridos. A qualquer momento posso atraí-los para que atenuem a minha solidão. Portanto, não considero a morte no sentido de cessação de vida. Os que possuem vista depositam quase toda a confiança no que vêem.

«Quando morre um ser querido e não podem vê-lo, perdem todo o contacto com ele. É que nunca desenvolveram o sentido do não visto. Mas eu tenho um sentido interior ou místico, *que me permite perceber o que nunca vi. Vogando na obscuridade, em meio de obstáculos, sinto vozes animadas que me falam do mundo espiritual. Sinto o sagrado ardor que mana das fontes do infinito. Aqui, no ambiente quotidiano, descubro a corrente da eterna abundância. Noto o esplendor que une as coisas da terra às coisas do céu. Enclausurada no silêncio e na obscuridade, possuo a luz que iluminará meus passos, quando a morte me libertar . . .»*

COISAS QUE ACONTECEM

«El Sol de Chicago», semanário publicado na grande cidade americana do mesmo nome, publicou há tempos este anúncio:

«Madame Sally — *Especial. Uma consulta de 5 dólares, mas só 1 dólar, se trouxer este anúncio. Curandeira espiritual e conselheira. Sem lhe fazerem perguntas diz tudo o que queiram saber. Dá conselhos que nunca falham sobre todas as questões da vida. Se você está em dificuldades consulte hoje mesmo esta adivinhadora, sobre negócios, coisas de amor, casamento e especulações de toda a espécie. Não se entristeça, se outras não conseguiram ajudá-lo.* Madame Sally *faz o que outros pretendem fazer. Só uma visita o convencerá de que esta médium é superior a qualquer outra que tenha visitado.»*

«Voz Informativa», de México, de onde respigamos a notícia, comenta: «Estes avisos não aparecem em nossos periódicos, pois não tardaria a cair a polícia na casa das anunciantes; mas isso não quer dizer que tais videirinhos não existam por aqui, como em Chicago e no resto do mundo.»

O resto do mundo — já se vê — também inclui Portugal continental e ultramarino. Quando haverá bom senso para neutralizar o «trabalho» destes negociantes e vigaristas? . . .

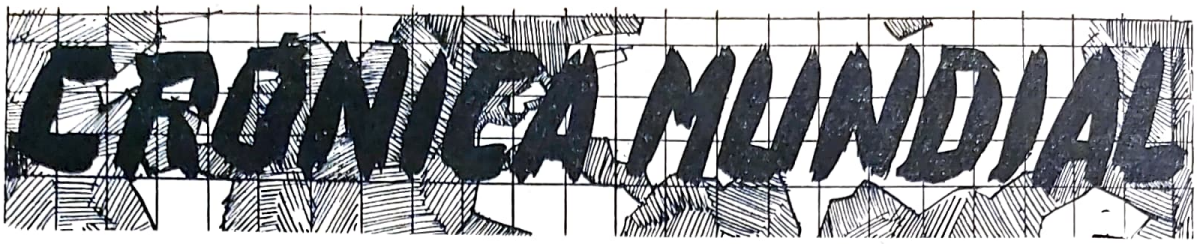
«LA CONCIENCIA»

Esta magnífica revista que se publica em Buenos Aires sob a direcção de Genaro Pucci, grande pioneiro do Espiritismo argentino, acaba de fazer uma sondagem nos assinantes e leitores, no sentido de aumentar o número de páginas. Actualmente publica-se bimestralmente com 56 páginas, formato de livro e sugere o aumento para 100.

Temos a convicção de que atingirá o seu fim, uma vez que a propaganda é cada vez mais necessária, sobretudo quando feita por órgãos honestos e de bom nível mental. É pena que, em vez de aumentar o número de páginas, se não transforme num mensário ou quinzenário. A revista bimestral, mesmo na modalidade de selecções, que ela adopta, publicando os mais interessantes artigos que se encontram disseminados pela imprensa mundial, tem menos dinamismo. Genaro Pucci evidenciou-se um propagandista de grande envergadura, com verdadeiro sentido das oportunidades e por isso transformou a sua revista num arauto que se lê sempre com agrado.

Temos pena de não possuir a sua colecção, desde que iniciou a fase em caracteres de imprensa, pois é uma das raras publicações que merece um lugar à parte na estante de qualquer estudioso da Doutrina.

De uma forma ou de outra, é necessário que «La Conciencia» avance mais um passo na senda que escolheu e que as 100 páginas venham para satisfação dos leitores.



Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A REENCARNAÇÃO NA INGLATERRA

Temos falado muitas vezes neste assunto e apontado a renitência dos espiritistas anglo-saxónicos em aceitar a teoria reencarnacionista, embora uma grande corrente se venha manifestando favorávelmente.

La Revue Spirite de Setembro-Outubro refere-se ao caso, aludindo a três artigos do Rev.º Edwin Butler publicados no *Psychic News*, de Londres, e nos quais o autor, embora ortodoxo da Igreja Protestante, admite a sobrevivência, tal como ensina o Espiritismo. Mais ainda: acredita na reencarnação. Pelo menos numa certa forma de reencarnação.

Vamos transcrever da revista francesa:

Uma única existência terrestre — escreve ele — *não basta para afirmar que os homens nascem iguais e tenham sorte igual na sua existência.* Da mesma forma repele o argumento dos que proclamam a vida única e dizem que, se a reencarnação fosse verdadeira, ao cabo de séculos de progresso incessante todos os homens actuais seriam seres superiores.

«No mesmo jornal relata-se que, um conferencista (Major Leith-Hay-Clark) compara as vidas sucessivas terrestres à aula de um colégio. Se o aluno não tiver aprendido inteiramente o ensino dado, terá que repetir a lição e só depois poderá ingressar na classe superior. É uma comparação — comenta Jean Barbier — que muitas vezes me aflora ao bico da pena e confesso a minha satisfação ao encontrá-la num inglês. Esta imagem é também aceita pelo Rev.º Butler, embora não pareça compreender porque não nos lembramos das vidas passadas. Diz que a palavra *reencarnação* não é exacta, por implicar a volta à carne: *Temos uma só vida na terra. Parece que me contradigo. Mas pergunto: Como poderemos ter muitas existências terrestres sem reencarnar?* Para explicar isto é que inventou a teoria da «clivagem de consciência» que, na sua opinião, é difícil de compreender e ainda mais difícil de expor».

«Eis como ele apresenta a questão: Um homem tem uma laranja na mão, descasca-a e separa uma dúzia de gomos. Põe um gomo na mesa e tira-o, põe outro e outro e outro até o fim, perguntando: *Quantas vezes esteve a laranja na mesa?* Pode haver três respostas: *a)* uma vez; *b)* doze vezes; *c)* nunca. Todas são admissíveis. Se chamarmos *individualidade* à laranja inteira, cada gomo será uma *personalidade.* Ora, o intelecto e a memória da personalidade formam a sua consciência.

«Esta permissa serve-lhe para explicar que a individualidade (eu diria o Ego) sabe, através da desencarnação, porque nasceu na terra, o que devia (minimum) e podia (maximum) fazer desta existência. As diversas personalidades são então reconhecidas como *individualidades limitadas.* Entretanto, a individualidade inicial fica sempre no Além e ela é que escolhe o género de existência para cada personalidade, vigiando-a na vida actual, de onde se infere a explicação dos guias ou anjos da guarda.

«Espero não merecer o epíteto *tradutore, traditore* e ter apresentado a teoria do Rev.º Butler o mais claramente possível».

Depois Jean Barbier comenta:

«A meu ver, é um exemplo daquilo a que o povo francês chama «procurar o meio-dia às duas horas da tarde» e custa-me acreditar que as coisas sejam tão desvirtuadas pela humanidade, quando, afinal, são tão maravilhosamente simples em toda a criação. Nisto estou de acordo com o nosso amigo Henri Azam — «La Tombe Parle» (O Túmulo Fala) — ao dizer: *Temos o defeito de complicar as coisas e desvirtuar os assuntos supranormais, através de exposições insuficientes, erradas e duvidosas.*

«Antes, mesmo, da conclusão dos artigos de Butler, numerosos leitores de *Psychic News* exprimiram a sua opinião. Uma leitora diz que esta teoria lhe parece fantástica e pergunta quantas vezes as *personalidades* existirão antes de ser reintegradas pela individualidade. Outra leitora pergunta porque é que a melhor parte de nós próprios deveria progredir no mundo invisível, enquanto as partes culpadas viriam animar novos corpos: *Isto explicaria* — diz ela — *os jovens delinquentes e os imorais.* Com certa graça diz que esta teoria a faz lembrar o célebre humorista americano Mark Twain, ao contar que na Itália lhe tinham mostrado dois esqueletos, um de Miguel Ângelo criança e outro de Miguel Ângelo adulto...»

BÍBLIAS QUE DANÇAM NO AR

Stephen Malloy relatou na revista «L'Astrosophie» um caso de «poltergeist» (fenómenos objectivos que se manifestam em casas ou lugares assombrados). O *Fate Magazine* tratou dele oportunamente.

Um domingo a pequena cidade de Mon Bleu, no Mississipi, Estados Unidos, precisamente no delta do grande rio, cercada de plantações algodoeiras, amanheceu alarmada com ruídos provocados por forças desconhecidas. Até 19 de Julho de 1959 havia quietação e sossego na localidade.

Eram duas horas da manhã e o rev.º Willis Boot, pastor da Igreja Metodista, encontrava-se no seu gabinete de trabalho a preparar um sermão, quando algumas pedras de saibro lhe cairam aos pés. Relanceou os olhos pelas vigas — o quarto não tinha tecto —, julgando que o ruído fosse devido aos ratos, mas outra pedra de saibro caiu e partiu o caixilho da janela. Compreendeu, então, que não podia tratar-se de um rato.

Momentos depois um espelho partia-se em mil pedaços, sem que o quadro se mexesse.

Ao mesmo tempo a mesa começou a deslizar e duas cadeiras foram derrubadas. O guarda-vestidos começou a inclinar-se, as prateleiras escorregaram e os copos cairam no chão feitos em pedaços. Em seguida, muito lentamente, o guarda-vestidos retomou a posição normal.

Quatro Bíblias que o reverendo

tinha na secretária voaram instantâneamente e a mais usada deu um giro vagaroso à volta do quarto. A segunda voava mais depressa; a terceira dava solavancos e a quarta, grande e colorida, levantou-se apenas alguns centímetros. As três primeiras dançavam no ar.

Na cozinha, o fogão levitou três vezes e despejou as cinzas. O lume estava apagado, porque eram horas da missa. O barulho atraiu os fiéis que passavam para a igreja e dezenas deles viram os destroços. E o reverendo concluí, dizendo:

— Não sei porque é que o diabo ou os seus sequazes me vieram atormentar.

Em geral, estes fenómenos são devidos a espíritos frívolos e zombeteiros, de fraco nível moral. O seu fim imediato é provocar a confusão e o medo nos locatários e quase nunca molestá-los fìsicamente. A sua origem é quase sempre desconhecida; mas, como não há efeito sem causa, é conveniente procurá-la nalgum passivo mediúnico que se encontre no local dos distúrbios e doutrinar as entidades que provoquem tais desmandos. Isto é preferível a exorcismos inúteis.

NO MOMENTO PRECISO ...

Ethret M. West relatou no *Fate* de Outubro de 1959 o seguinte caso:

«O que vou contar passou-se num belo dia de Verão que em parte destinei à natação na represa do rio. As comportas estavam fechadas e as águas eram escuras e fundas. Em dado momento eu estava deitado na margem a tomar um banho de sol, sem a mínima preocupação do mundo. De repente ouvi: «Heitor está em perigo de se afogar!» Foi como se me dessem uma punhalada. Sentei-me em grande tensão, mas tudo parecia normal à minha volta. Ninguém estava na água e procurei Heitor com a vista, sem resultado.

«Sùbitamente vi os seus dedos abertos à superfície, para logo se afundarem de novo, sem que eu, deitado na relva, de braços estendidos pudesse fazer alguma coisa. Chamei então pelos outros e aguardei o aparecimento dos dedos. Logo que os pulsos emergiram lançámos-lhe as mãos e o nosso amigo foi salvo.

«Hoje estou certo de que se essa voz do Além me não falasse, Heitor teria morrido afogado, pois ninguém o vira entrar na represa».

O aviso espiritual chegara no momento preciso, quando se impunha o auxílio ao companheiro. Mais uma vez se prova que os vivos são comandados pelos mortos.

ESPERAVAM QUE VOLTASSE MORTO

Do livro «A Morte é Vida», de W. F. Neech, editado há pouco no México, há um episódio interessante que transcrevemos:

«Lilian Bailey recorda a ocasião em que uma família amiga a recolheu em casa após certa demonstração numa igreja de Midlands. Era casa limpa, embora modesta, e os familiares, sinceramente afectuosos, pareciam ansiosos de que Lilian se deitasse.

«Mal fechou a porta do quarto, inclinou o ouvido sobre ela, à escuta. Depois encolheu os ombros e examinou o aposento, que lhe pareceu muito confortável. E começou a sentir sono.

«— Bem! — exclamou em solilóquio, à medida que tirava o vestuário —. Suponho que é boa gente e que desejam ser atenciosos.

«Dormiu a sono solto e assim o comunicou de manhã, quando se reuniram ao pequeno almoço. Perguntaram-lhe que tal havia dormido e ficou assombrada ante aquelas reacções, pois não podiam dissimular a sua contrariedade.

«Lilian sentiu-se incomodada. Pôs a toalha na mesa e disse-lhes:

«— Peço desculpa de as ter contrariado.

«— Oh, não! — respondeu uma das mulheres —. Não queríamos que passasse mal a noite. É que...

«— É que?...

«— É que há três meses o meu cunhado suicidou-se nesse quarto. Cortei-lhe um pouco de cabelo e coloquei-o debaixo da sua almofada na esperança de que ele se manifestasse por seu intermédio.

«Depois disto e durante alguns meses, sempre que se ia deitar levantava a almofada para certificar-se de que não tinham lá posto recordações de cadáveres recentes».

EXPERIÊNCIAS SOBRE O SONHO

«La Razón», de Buenos Aires, publicou em Julho último um artigo intitulado «Dizem saber quando alguém está sonhando». E refere que os professores Rechtschaffen e Joe Kamiya, de Chicago, fazem experiências com aparelhos electrónicos para revelar a natureza simbólica dos sonhos.

Rechtschaffen diz que o novo método nada oferece de novo para averiguar o signfiicado dos sonhos. E acrescenta:

— Quase todas as pessoas têm três a sete sonhos por noite. Quem diz que não sonha é porque nada recorda ao despertar. Um sonho dura, em média, 15 a 20 minutos e implica actividade física e mental. Portanto, representa qualquer coisa mais do que realizações ou frustrações de desejos. A inteligência não tem relação alguma com a frequência dos sonhos. Alguns animais dão indício de sonhos ou de actividade semelhante ao sonho dos humanos. De resto, é possível que durante o sonho haja outras implicações que ignoramos.

Os grupos experimentais destes dois investigadores submetem voluntários à prova do electroencefalógrafo, que regista a mudança das ondas cerebrais do dormente. Juntando esses dados obtidos à observação dos movimentos oculares — um movimento rápido dos olhos indica quase sempre que se está a sonhar —, os cientistas podem determinar quando o sujeito passa pelo sonho.

Rechtschaffen e Kamiya esperam abrir caminho para verificação de várias teorias, como, por exemplo, que o estômago tem relação com o sonho; que as pessoas novas sonham com mais frequência; que numa criança de menos de um ano se têm observado movimentos oculares que indicam a presença de sonhos e que os animais também sonham, pois se observam alterações nas ondas cerebrais dos macacos; que, quando se fala adormecido, esse facto ocorre fora do período do sonho; que os indivíduos, à noite, começam a sonhar com as actividades do dia e à medida que as horas passam vão retrocedendo para as recordações da infância.

— Finalmente — observou Kamiya —, com estas experiências talvez um dia possamos determinar o que se está sonhando em determinada altura.

PARA FECHAR ...

A grande médium Eileen J. Garrett esperava uma vez a hora de uma sessão, quando se lhe dirigiu uma corpulenta e aterradora mulher que acabara de chegar à *Sociedade de Investigações Psíquicas*. Ao ver Eileen, esperou junto à porta e lançou à médium um olhar de repugnância e num tom desprezível perguntou:

— A senhora é que é a médium?

— Sou; tenho esse gosto.

A recém-chegada olhou-a novamente com desdém, exclamando:

— Eu nunca admitiria que o almirante se comunicasse comigo por seu intermédio!

E mandou-a substituir...

AS NOSSAS SESSÕES

No dia 22 de Novembro, o *Grupo Experimental* «Ernesto Bozzano» apresentou o Dr. Lyon de Castro em interessantes experiências de Fisiognomonia.

Na pequena palestra que realizou inicialmente, afirmou que há quarenta anos se interessou por vários ramos das Ciências Psíquicas, sobretudo Hipnotismo, Magnetismo e Fisiognomonia.

Disse que estivera em Paris com Henri Durville e trabalhara com o magnetómetro, pelo qual demonstrou particular atenção.

Referiu que a Polícia também se interessou pelas suas experiências, especialmente de sonambolismo que contribuiram para a resolução de alguns problemas afectos àquele serviço.

Na 2.ª parte realizou experiências de fisiognomonia, examinando uma senhora e diagnosticando a sua doença, plenamente confirmada.

No final, António Cardoso agradeceu àquele confrade a sua amável exposição, que a assistência sublinhou com imenso agrado.

COMUNICAÇÕES

Tiveram a amabilidade de nos comunicar a eleição de seus corpos gerentes as seguintes agremiações:

Grupo Espirita Sebastião, do Rio de Janeiro: Alberto Machado, Francisco M. Baptista, Domingos Alves Carneiro Júnior, Joaquim Nunes de Figueiredo Júnior, Conceição Pinheiro Carneiro, João Salustiano Mourão, Casimiro Lobo Aguilar, Marius Ramalho, Francisco Lima, Gilda da Conceição Figueiredo, João Labre Júnior, Ernesto Olive Sobrinho, João António Gallo e Gastão Villemor Cardoso.

Também a *Mocidade Espirita de Blumenau,* do Estado de Santa Catarina fez idêntica comunicação, tendo ficado constituído por Valentim Martins Cantoni, presidente, e Lorival Lobe, Nair Dias do Nascimento, Celso Rugiero, Lucinda Custódio, Neda São Tiago de Melo, Neuza Valéria Konig e Edina D Cantoni.

Às duas entidades apresentamos os nossos cumprimentos. À segunda vamos remeter alguns livros destinados à sua biblioteca em formação.

Finalmente, o *Departamento de Juventudes* da *União Espirita do Ceará* comunicou-nos também a realização da IV Confraternização das *Mocidades Espiritas do Ceará,* em Julho passado.

TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1960 E JANEIRO DE 1961

Dia 2 de Dezembro, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Dinis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 6, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 8, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Autómatos Vivos».

Dia 13, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com Túlio Augusto Rosa.

Dia 15, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 18, domingo, às 21,30 — Festa do Natal com o concurso de vários artistas, poetas e cantores.

Dia 20, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Maria Albertina Lopes.

Dia 22, 5.ª feira, às 14 horas — Distribuição de donativos aos necessitados; às 21,30, Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro D. Santos.

Dia 23, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 25, domingo — Não há trabalhos no Centro.

Dia 27, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com Túlio Augusto Rosa.

Dia 29, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental, «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 3 de Janeiro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4 de Janeiro, 4.ª feira, às 14 horas — Distribuição de donativos aos necessitados.

Dia 5, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Fenómenos Rítmicos».

Nota — As conferências são públicas, desde que os visitantes sejam indicados por sócios. As sessões são exclusivas dos associados com a quotização em dia.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Novembro — Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

V. L., de Lisboa, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; Anónimo do Porto, 10$50; M. F., de Beja, 5$00; Rosa de Jesus, da Lousã, 4$50; Zètó, de Loulé, 10$00; M. C. E., de Luanda, 120$00; Fernando Lopes, de Coimbra, 70$00; Maria do Carmo, de Lisboa, 100$00. *Total — 340$00.*

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

OBRAS DIVERSAS

br.

Análise das Coisas, por *Paul Gibier* — Considerações científicas, filosóficas e psicológicas, para concluir pela realidade do Espírito e sua comunicação com os homens ..... 22$00

Animismo ou Espiritismo, por *Alexandre Aksakof* — Uma das mais belas obras do Espiritismo ..... 70$00

António de Pádua, por *Almerindo M. de Castro* — Este livro narra os fenómenos de efeitos físicos, os prodígios obtidos com as suas prédicas e com irradiações dos fluidos magnéticos — Enc. 35$00 ... 23$00

Ascese Mística por *Pietro Ubaldi* — O fim desta obra não são as regras da ascensão mística dos espiritualistas, mas documen- [illegible] realidade vivida, com todas as [illegible]ções que esta experiência sugeriu [illegible] a experimentou ..... 120$00

[illegible]ernadette, por *Hugo Collarile* — [illegible]do homem que modificou a vontade de Deus ..... 50$00

Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto atrás da paixão do Cristo. A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição dos «dois ladrões» 30$00

Caminho (O) de Jesus, por *Marta* — Um estudo suave do Evangelho. Um livro que se lê com satisfação ..... 25$00

Caminho (O) do Meio, por *J. Herculano Pires* — Livro denso e profundo, o primeiro e o último a dar-nos a «Biografia ideológica dos jovens brasileiros comprimidos entre duas conflagrações mundiais 40$00

Canções da Imortalidade, pelo espírito de *Rabindraná Tagore* e psicografadas pelo médium *Pedro Machado* ..... 30$00

Cânticos do Além — Poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 40$00

Caravana da Fraternidade, por *Leopoldo* Machado — Ecos e considerações duma viagem pelos Estados do Norte do Brasil 35$00

Caso (Um) de Desmaterialização do corpo de um Médium, por *Alexandre Aksakof* — Um estudo curioso e notabilíssimo digno da atenção dos homens cultos ..... 26$00

Caxias, Eminente Iguassuano, por *Leopoldo Machado* — Vida e obra do Duque de Caxias ..... 20$00

Céu (O) em Nossas Almas, por *Balzac* — Livro raro em que o célebre romancista expõe as suas crenças espiritualista ..... 40$00

52 Lições de Catecismo Espirita, por *Eliseu Rigonatti* ..... 20$00

Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus Vigários pelo *Padre Alta* — Demonstra a deformação progressiva da religião do Cristo, através das igrejas e dos dogmas 50$00

Deus e Universo, por *Pietro Ubaldi* — É uma síntese teológica cuidando das causas primárias e finais. Constitui o «elo central» que ligará a «A Grande Síntese» ao ao livro prometido «Cristo» ..... 120$00

Dialéctica e Metapsíquica por *Humberto Mariotti* — Interpretação espiritual da dialéctica através de um estudo profundo de ciência espirita ..... 26$00

Do Calvário ao Apocalipse, por *Bittencourt Sampaio* — Obra vigorosa, banhada pela luz do Cristianismo, estabelece o conhecimento da verdade que o Cristo personifica. Põe em relevo a heróica resignação dos apóstolos ..... 30$00

Do País da Luz — Extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. Obra em 4 volumes, com cerca de 1000 páginas — Enc. 200$00 140$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* — Um trabalho modelar na forma e no aspecto sociológico que impõe o Espiritismo como doutrina moderna — Enc. 40$00 ..... 25$00

Evangelho (O) À Luz da Astrologia, pelo *Dr. Aníbal Vaz de Melo* — Obra-prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atenta a cultura enciclopédica do seu autor — Enc. 50$00 ..... 35$00

Evangelho (O) dos Humildes, por *Eliseu Rigonatti* — O texto de *Mateus* explicado integralmente à luz do Espiritismo — Encadernado, 55$00 ..... 40$00

Exilados (Os) da Capela, por *Edgard Armond* — Esboço sintético da evolução espiritual do mundo ..... 30$00

Espiritismo (Colecção Saber), por *Yvonne Castellân* — Nesta obra a autora expõe o assunto da maneira mas imparcial possível, de modo que o leitor fica a par, não sòmente dos fundamentos da doutrina, como dos argumentos de quem luta contra ela. Visão de conjunto ampla e desinteresada ..... 24$00

Factos, por *A. J. Trindade* — Colectânea de factos espiritas passados na vida do autor e que prendem e empolgam até à última página — Enc. 70$00 ..... 50$00

Filosofia do Sentimento, por *Aldo Torres* — Dentro das sábias lições deste livro encontra-se um mundo infinito de caridade; o que é a vida, o perdão e outros assuntos de suma importância ..... 50$00

Filosofia Penal dos Espiritas, por *Fernando Ortiz* — Obra de raro valor doutrinário, prova ao mundo que os espiritas estão na vanguarda, relativamente aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Fragmentos do Pensamento e da Paixão, por *Pietro Ubaldi* — Sete quadros compõem esta obra: 1.º — Apresentação; 2.º — Evolução espiritual; 3.º — Visões; 4.º — O problema da educação; 5.º — Problemas actuais; 6.º — Problemas espirituais; 7.º — Novelas. Obra onde o autor se pôde externar, enriquecendo e completando as ideias de obras precedentes, anotando vibrações inéditas de grande relevância — Enc. 130$00

Grande (A) Esperança, por *Charles Richet* — Livro que surge numa hora tormentosa da humanidade, será com certeza mais uma contribuição de grande brilho para a divulgação dos factos supranormais ... 50$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

br.

História de Um Homem, por *Pietro Ubaldi* —Trata-se de um trabalho sincero e ardente, realista e forte, sério e profundo, destruidor e ao mesmo tempo reconsrrutor, em que se agitam e se preparam os tempos novos ..... 120$00

Reino (O) de Jesus, por *Fernando da Cruz Ferreira* — Comentários Evangélicos à Luz do Espiritismo, de grande beleza e inspiração — Enc. 38$00 ..... 20$00

Religião (A) Viva do Cristo, por *César A. Campos* — Visa esta obra a difusão do Cristianismo em sua plenitude e tem por fim exaltar o que o homem tem de bom, de belo e verdadeiro ..... 50$00

Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley* — Este livro faz um bosquejo da sobrevivência humana, baseado na revelação das vozes dos espíritos. Uma das obras mais belas da bibliografia espirita — Enc. 70$00 50$00

Silva Melo e os Seus Mistérios por *Sérgio Vale* — Um dos livros mais completos de Espiritismo, em resposta ao catedrático Silva Melo, da Universidade do Rio de Janeiro. Obra valiosíssima ..... 60$00

Trabalho (O) dos Mortos, por *Nogueira de Faria* — Valiosa documentação de extraordinários fenómenos de materialização, com inúmeras gravuras em papel luxo e testemunho de clínicos e homens ilustres ... 80$00

Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial — 1.º volume Enc. ... 80$00

Vida (A) de Jesus Ditada por Ele Mesmo —Recebida mediùnicamente. Esta obra é considerada a maior obra do século pela intensidade da luz que projecta sobre o espírito de quantos tiveram a ventura de estudá-la. Livro traduzido em 6 línguas. 3.ª edição Brasileira ..... 80$00

Mediunidade, por *Edgar Armond* — Estuda e comenta o problema mediúnico em todos os seus pormenores e consequências, explorando-o de forma simples e sintética 35$00

Mediunidade Sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti* — O livro dos médiuns, dos doutrinadores, dos presidentes dos Centros Espiritas e principalmente dos que se iniciam no sacerdócio da mediunidade ..... 28$00

Memórias de Um Suicida, pela médium *Yvone A. Pereira* — Redigida sob a orientação do espírito de Léon Denis, a obra descreve-nos a vida «post-mortem» de um suicida, por ele próprio narrada ..... 60$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália D. Soler* — Narrativas de grande vibração. Obra filosófica e moral onde se retrata a cores vivas a pequenez da alma humana — Encadernado ..... 57$00

br.

Nova (A) Civilização do 3.º Milénio, por *Pietro Ubaldi* — Nesta obra o autor desenvolveu e comentou o seu livro anterior, «A Grande Síntese», focando principalmente a luta humana entre a luz e a sombra, o presente e o passado — Enc. 140$00 120$00

Origem (A) Divina do Espiritismo, por *Orlando Ferreira* — Livro que revela e glorifica o Espiritismo de maneira claríssima, não deixando margem para discussões ... 50$00

Passes e Curas Espirituais, por *Wenefredo de Toledo* — Esta obra indica os meios que conduzem ao fim almejado. Além disso, foi prefaciada por *Emmanuel* na pena de Francisco C. Xavier — Enc. a tra-

Passes e Radiações, por *Edgar Armond* Obra dividida em 14 capítulos, entre quais se salientam o «Estudo dos fluidos», «O Passe Espiritual», «Água Fluídica», etc. 21,30 — vidência, 45$00

Primeiro (O) Livro dos Espíritos, pelo *Dr. Canuto de Abreu* — Edição de luxo comemorativo do 1.º centenário do «Livro dos Espíritos». Texto em «fac-simile» do 1.º Livro dos Espíritos, com Português e Francês a par. — (Uma raridade bibliográfica) ..... 80$00

Problemas do Futuro, por *Pietro Ubaldi* — Volume 8.º da III Trilogia da monumental obra do autor, este livro trata da última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais, místicos e económicos — Enc. ..... 120$00

Quatro (Os) Evangelhos, por *J. B. Roustaing* — É talvez a obra mais completa, porventura a única que já se tenha publicado sobre os Evangelhos de Jesus, por isso que, sem desprezar uma só palavra, sem omitir a menor das suas narrativas, uma a uma, as explica à luz dos novos conhecimentos que o Espiritismo vem trazer acerca do nosso mundo e da sua Humanidade — 4 grossos volumes ..... 240$00

Raymond ou a Vida e a Morte, por *Sir Oliver Lodge* — Interessante estudo que o autor faz, depois da morte de seu filho na primeira guerra mundial ..... 25$00

Região em Litígio entre este Mundo e o Outro, por *Roberto Dale Owen* — Obra cujo aparecimento na América do Norte foi um retumbante sucesso em prol do Espiritismo ..... 45$00

Nestes preços está incluído o desconto aos assinantes de *Estudos Psíquicos*

e aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A